

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
*Campus* de Rio Claro

**Bruna Lammoglia**

**O SISTEMA DE AVALIAÇÃO DE RENDIMENTO ESCOLAR  
DO ESTADO DE SÃO PAULO (SARESP) EM ESCOLAS DA  
REDE ESTADUAL DE ENSINO**

Tese apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” *campus* Rio Claro, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação Matemática.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Viggiani Bicudo

Rio Claro, SP  
2013

371.26 Lammoglia, Bruna  
L232s O sistema de avaliação de rendimento escolar do Estado de São Paulo (Saresp) em escolas da Rede Estadual de Ensino / Bruna Lammoglia. - Rio Claro : [s.n.], 2013  
479 f. : il., figs., quadros

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Orientador: Maria Aparecida Viggiani Bicudo

1. Avaliação educacional. 2. Saresp. 3. Realidade escolar.  
4. Fenomenologia. 5. Educação matemática. I. Título.

**Bruna Lammoglia**

**O SISTEMA DE AVALIAÇÃO DE RENDIMENTO ESCOLAR DO ESTADO DE  
SÃO PAULO (SARESP) EM ESCOLAS DA REDE ESTADUAL DE ENSINO**

Tese apresentada ao Instituto de Geociências e  
Ciências Exatas da Universidade Estadual  
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” *campus* Rio  
Claro, como requisito para obtenção do título  
de Doutor em Educação Matemática.

Comissão Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Viggiani Bicudo - orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Queiroga Amoroso Anastacio

---

Prof. Dr. Ocimar Munhoz Alavarse

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Lorenzetti Wodewotzky

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Luzia Corio de Buriasco

Rio Claro, 28 de Janeiro de 2013

Dedico este trabalho à minha mãe,  
Marta Negri Lammoglia, pelo incentivo.

## AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Maria Aparecida Viggiani Bicudo, por ter sido uma maravilhosa orientadora, participando ativamente de todos os passos da construção deste trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo apoio financeiro concedido a esta pesquisa.

À Universidade Estadual Paulista *campus* de Rio Claro e ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, por me proporcionarem condições para a realização deste trabalho.

Aos diretores das escolas *A* e *B*, que permitiram que as entrevistas fossem realizadas e aos professores, alunos e equipe de gestão que gentilmente contribuíram com esta pesquisa.

Ao Grupo de Pesquisa Fenomenologia e Educação Matemática da Unesp de Rio Claro e ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional da Universidade de São Paulo e todos os seus membros, por contribuírem para a minha formação como pesquisadora.

Aos membros da banca do exame de qualificação e da seção de defesa: Profa. Dra. Maria Lúcia Lorenzetti Wodewotzky, Profa. Dra. Regina Luzia Corio de Buriasco, Prof. Dr. Ocimar Munhoz Alavarse, Profa. Dra. Maria Queiroga Amoroso Anastacio, Pofa. Dra. Maria Inês Fini, Pofa. Dra. Rosana Giaretta Sguerra Miskulin, Pofa. Dra. Maria Tereza Carneiro Soares e Pofa. Dra. Cristiane Machado pelas valiosas contribuições.

À Secretaria de Educação de São Paulo, na pessoa da Profa. Dra. Maria Inês Fini, por ceder os relatórios do Saresp até o ano de 2008.

Ao Prof. Dr. João Frederico C. A. Meyer (Joni), à Profa. Dra. Miriam Godoy Penteadó e ao Prof. Dr. Marcelo de Carvalho Borba pelas dicas e contribuições que me levaram a ingressar neste doutorado.

Ao Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, ao Prof. Dr. José Francisco Soares, à Dra. Gláucia Torres Franco Novaes, ao Dr. João Cardoso Palma Filho e ao Prof. Dr. Tufi Machado Soares, por contribuírem com esta pesquisa.

Aos colegas, professores e funcionários do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da Unesp de Rio Claro, por todas as discussões, trocas de ideias e aprendizado que me foram proporcionados.

À minha família pelo apoio incondicional e a todos os meus amigos que fizeram parte desta jornada, com um agradecimento especial a alguns:

À Ana Paula , por dividir comigo quase todos os momentos do doutorado, da casa ao trabalho.

Ao Silvio, pela companhia nos congressos.

À Débora, à Sônia e à Nice por terem me acolhido como parte de suas famílias.

Ao Bruno, pelo apoio e companheirismo sempre que precisei.

À Silvana, por me acompanhar em uma parte importante da pesquisa.

À Luciane, ao Roger, à Fabiane, à Marli, ao Jamur e ao Flávio, pela ótima convivência.

À Pâmela, pela amizade e companheirismo.

À Carolina, ao Adlai, à Marina, ao Marco Aurélio e à Elaine, pela ajuda no Caed e em Juiz de Fora.

À Maria Clara, Maria Jô e Raquel, pelas cuidadosas revisões do texto.

## RESUMO

Com a presente pesquisa, que realizamos com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, buscamos compreender como o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp), com destaque para a edição de 2010, se mostra no cotidiano da realidade escolar. A pergunta orientadora que conduziu esta investigação assim foi exposta: “Como o Saresp se presentifica na realidade escolar?”. A pesquisa é de caráter qualitativo, que efetuamos segundo uma abordagem fenomenológica, lançando mão de recursos hermenêuticos na análise dos depoimentos dos sujeitos considerados significativos para esta pesquisa. Focamos o Saresp como fenômeno, como o que se mostra em seus modos de ser, investigado na expressão da realidade vivida por professores, alunos e demais agentes da instituição escolar. Realizamos entrevistas com alunos, professores, coordenadores pedagógicos e diretores de duas escolas pertencentes à Diretoria de Ensino de Limeira - SP. A pergunta orientadora conduziu, também, estudos sobre: o campo conceitual em avaliação; aspectos da avaliação tomada como política pública; avaliações de sistemas realizadas no Brasil; descrição do Saresp. Apresentamos, como resultado da investigação, cinco convergências ou categorias abertas, articuladas pelo movimento de redução fenomenológica que tomou como dados os depoimentos e textos teóricos estudados. São elas: *realidade escolar*; *visão do Saresp*; *comprometimento com o Saresp*; *encaminhamentos pedagógicos e políticos por meio dos resultados do Saresp*; *visão da Matemática escolar*. Finalizando este trabalho, trazemos o compreendido sobre a presença do Saresp na realidade escolar, que assim explicitamos: a) pouco conhecimento do Saresp por parte da equipe escolar; b) complexidade caótica da realidade escolar; c) identificação do Saresp com o pagamento de bônus; d) professores culpando-se quando a escola não consegue atingir a meta do Idesp e ganhar o bônus; e) os maus resultados nas avaliações são atribuídos à infraestrutura física, administrativa e pedagógica de que (não) dispõem; f) clareza por parte de alunos da realidade escolar e da política educacional de que participam; g) superatribuição de encargos e responsabilidades sobre a escola; h) inexistência de uma política mais abrangente de valorização da educação, envolvendo a familiar, aquela veiculada pela mídia e a dos valores expressos pelas práticas dessa mesma sociedade que mantém a instituição escola. Enfatizamos como aspectos importantes do Saresp: a) disponibilização de conhecimentos sobre a realidade escolar; b) indicação de aspectos da educação escolar que carecem de melhorias; c) viabilização de um ambiente favorável à responsabilização dos professores e equipe gestora; d) viabilização da produção e desenvolvimento de uma cultura avaliativa, que aponta para a exigência de constante análise e reflexão a respeito do processo educacional. Mostramos a urgência de investirem-se esforços na capacitação técnica de todos os profissionais escolares, com a presença de uma equipe de especialistas em avaliação trabalhando periodicamente nas escolas, tendo em vista a abertura de reflexões sobre o trabalho avaliado e buscas de melhorias das atividades de ensino e de aprendizagem dos alunos, cujo significado se faça à luz de um projeto educacional abrangente. Mostramos, ainda, ser importante que o Saresp englobe um processo de meta-avaliação.

**Palavras-chave:** Saresp. Avaliação Educacional. Realidade Escolar. Fenomenologia. Educação Matemática.

## ABSTRACT

This survey was conducted with support of the *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo*. It had the purpose to understand how (Assessment System of School Achievement in São Paulo State) Saresp, particularly the 2010 edition, is related to the school actors on a daily bases. Our concern is related to the outcome of the analysis performed in this external assessment, and also related to the educational team daily work, either observed from the perspective of their professional careers. The guiding question for the research was: "How Saresp is placed into the school reality?". The present research is qualitative, performed following a phenomenological approach. Moreover, hermeneutical resources were used to support the analysis of speeches of interviewed persons. The Saresp was studied as a phenomenon, as what presents itself in ways of being, studied by looking at the exposed reality experienced by teachers, students and other scholar staff. Interviews were conducted with students, teachers, coordinators and principals of two schools belonging to the Board of Education of Limeira - SP. We present, as results of this investigation, five convergences or open categories, articulated by the motion of phenomenological reduction that took as data the interviewed statements and theoretical texts studied as evidence. The convergences are: *school reality; vision of Saresp; commitment to Saresp; referrals through educational and political results of Saresp; vision of the math taught at school*. In conclusions, we bring some consideration about the Saresp placed in school reality, that are exposed in this way: a) there is a small knowledge of Saresp by the school personnel; b) chaotic complexity of school reality; c) identification of Saresp with bonus payment; d) teachers feel guilty when the school fails to achieve Idesp indexes for winning the bonus; e) the the bad results in the evaluations are attributed to the physical, administrative and pedagogical infrastructure that the school (does not) has; f) students are aware of school reality and of the educational policy that they participate; g) super assigning burdens and responsibilities on the school; h) there is not a broader policy of valuing education, including family education, as well as that conveyed by media and the values expressed by society practices. We emphasize important aspects of Saresp: a) availability of knowledge about reality school b) indication of school education aspects which need improvements c) viability of a favorable environment for teachers and management team accountability; d) feasibility of production and development of an evaluation culture, pointing to the requirement of constant analysis and reflection on the educational process. According to our analyzes and reflections, we indicate that efforts in technically empowering all educational professionals are emergencial, with the presence of experts team in evaluation regularly inside schools to opening reflections on the search for improvement in teaching and learning activities, whose meanings are in light of a comprehensive educational project. Furthermore, the investigation shows that Saresp should go through a broad process of meta-evaluation.

**Keywords:** Saresp. Educational Assessment. School Reality. Phenomenology. Mathematics Education.



## Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Focando o tema investigado.....	12
1.2 Breve contextualização do Saresp .....	15
1.3 Explicitando a Pergunta.....	17
1.4 Metodologia de Pesquisa .....	18
1.5 Avaliação Educacional: tema atual .....	20
1.5.1 Dimensão metodológica .....	22
1.5.2 Dimensão política.....	22
1.5.3 Dimensão ética.....	24
1.6 Desenvolvimento da pesquisa .....	25
2 CAPÍTULO PRIMEIRO .....	26
CAMPO CONCEITUAL EM AVALIAÇÃO EDUCACIONAL: HISTORICIDADE.....	26
2.1 Contribuições norte-americanas.....	27
2.2 Contribuições Inglesas .....	38
2.3 Contribuições Brasileiras.....	41
2.4 Compreendendo a avaliação e seus diferentes modelos .....	55
2.5 Modelos de Avaliação de Sistemas no Brasil .....	58
2.5.1 Metodologias de Análise de Dados usadas no Brasil .....	59
3 CAPÍTULO SEGUNDO .....	63
AVALIAÇÕES EXTERNAS COMO POLÍTICA PÚBLICA.....	63
3.1 Recomendações de Organismos Internacionais Relativas à Avaliação Educacional.....	63
3.2 Participação do Brasil em Avaliações Internacionais .....	81
3.3 Avaliações no Brasil .....	83
3.3.1 Avaliação de Aprendizagem .....	83
3.3.2 Avaliação Externa .....	92
3.3.2.1 O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica - Saeb .....	93
3.3.2.2 O Exame Nacional do Ensino Médio – Enem.....	97
3.3.2.3 O Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos - Encceja .....	98
3.3.2.4 Avaliações além da Educação Básica.....	99
3.3.2.4.1 Primeira Fase do Ensino Fundamental – Provinha Brasil.....	99
3.3.2.4.2 Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior .....	99
3.3.2.4.3 Sistema de Avaliação da Pós-Graduação .....	100
3.4 Avaliações no Estado de São Paulo.....	101

4 CAPÍTULO TERCEIRO.....	104
O SARESP .....	104
4.1 Implantação do Saresp.....	104
4.2 Primeiras aplicações do Saresp: 1996, 1997 e 1998.....	109
4.3 Saresp 2000-2005 .....	112
4.4 Saresp 2007-2009 .....	116
4.5 Saresp 2010 .....	125
4.6 Proposta curricular e matriz de referência para avaliação.....	129
4.7 Escala de Proficiência.....	135
4.8 Idesp e Bonificação por resultados.....	139
4.9 O Saresp a partir de teses e dissertações .....	146
5 CAPÍTULO QUARTO .....	172
PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO.....	172
5.1 Atitude fenomenológica.....	172
5.2 Constituindo os sujeitos significativos .....	176
5.3 Das entrevistas.....	179
5.4 Procedimento da pesquisa.....	180
6 CAPÍTULO QUINTO.....	183
O SARESP NA REALIDADE ESCOLAR.....	183
6.1 Análise Nomotética .....	184
7 CAPÍTULO SEXTO .....	302
INTERPRETANDO AS CATEGORIAS ABERTAS .....	302
7.1 Categoria Realidade Escolar.....	302
7.1.1 Características das escolas mencionadas .....	305
7.1.1.1 Descrevendo a Escola A: .....	305
7.1.1.2 Descrevendo a escola B .....	307
7.1.2 Descrição da atuação profissional dos sujeitos pesquisados.....	309
7.1.3 Características dos alunos .....	310
7.1.4 Considerações acerca da prova para progressão vertical na carreira.....	311
7.1.5 Progressão continuada .....	313
7.1.6 Recuperações: paralela, final de ano e jornal.....	318
7.1.7 Escola de tempo integral.....	321
7.1.8 Modos de ensino do professor, auxílios pedagógicos recebidos e material de apoio didático ...	322
7.1.9 Falta de professores nas escolas.....	325
7.1.10 Alunos com necessidades educacionais especiais.....	326

7.1.11 Comportamento dos alunos na escola .....	328
7.1.12 Considerações sobre a realidade escolar .....	330
7.2 <i>Categoria Visão do Saresp</i> .....	336
7.2.1 Aplicação do Saresp .....	337
7.2.2 Objetivos do Saresp .....	339
7.2.3 Características dos instrumentos de avaliação do Saresp .....	343
7.2.3.1 Questionários de Contexto .....	344
7.2.3.2 Correção das provas .....	344
7.2.3.3 Conteúdos e nível de dificuldade .....	345
7.2.4 Relação das avaliações feitas pelo professor com o Saresp .....	353
7.2.5 Análises críticas ao Saresp .....	356
7.2.6 Outros modos visualizados de avaliar .....	363
7.2.7 Considerações sobre visão do Saresp .....	365
7.3 <i>Comprometimento com o Saresp</i> .....	373
7.3.1 Preparação da equipe de gestão para o Saresp .....	374
7.3.2 Preparação do professor para o Saresp .....	376
7.3.3 Preparação do aluno para o Saresp .....	377
7.3.4 Comprometimento dos alunos e dos pais com o processo de avaliação e de ensino e aprendizagem .....	383
7.3.5 Comprometimento do professor com o Saresp e com o processo de ensino .....	389
7.3.6 Modo de participação dos alunos no Saresp .....	390
7.3.7 Considerações sobre comprometimento com o Saresp .....	393
7.4 <i>Categoria Encaminhamentos pedagógicos e políticos por meio dos resultados do Saresp</i> .....	400
7.4.1 Acesso à avaliação e aos resultados do Saresp .....	401
7.4.2 Idesp e prêmio financeiro .....	408
7.4.3 Análise e encaminhamentos dos resultados do Saresp .....	415
7.4.4 Intervenções da Diretoria de Ensino no trabalho da escola .....	419
7.4.5 Considerações sobre encaminhamentos por meio dos resultados do Saresp .....	421
7.5 <i>Categoria Visão de Matemática Escolar</i> .....	433
7.5.1 Desempenho das escolas A e B em Matemática no Saresp 2010 .....	434
7.5.2 A Matemática na prova do Saresp .....	435
7.5.3 Prova aberta de Matemática .....	440
7.5.4 Opinião sobre Matemática escolar .....	441
7.5.5 Considerações sobre visão da Matemática escolar .....	442
8 CAPÍTULO SÉTIMO .....	446
SÍNTESE (PROVISÓRIA) DA INVESTIGAÇÃO EFETUADA .....	446

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	457
ANEXO A – Depoimento de professora sobre a aplicação da prova do Saresp 2007.....	474
ANEXO B – Modelo logístico de três parâmetros .....	476
APÊNDICE A - Análise Ideográfica .....	479

# 1 INTRODUÇÃO

## *1.1 Focando o tema investigado*

Como professora de Matemática da rede de ensino do Estado de São Paulo, durante aproximadamente seis anos, participei da aplicação do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp) por igual período. Esse fato me permitiu, além de vivenciar situações desencadeadas por essa avaliação, acompanhar as inquietações dos professores em relação a ela e ao encaminhamento de seus resultados por parte da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Considerando minhas percepções no âmbito da experiência profissional e percebendo a dos meus colegas de trabalho, dei-me conta de que o professor, muitas vezes, ficava em uma situação desconfortável, tendo em vista que um agente externo à escola em que trabalha faz cobranças sobre o ensino que efetua, avaliando-o mediante a aprendizagem de seus alunos e, no entanto,, em uma situação de ensino e aprendizagem realizada em sala de aula, em seu trabalho cotidiano, ao exigir do aluno comprometimento e desempenho em relação às atividades propostas, o professor não encontra resposta responsável. Essa situação é fortalecida pela política de progressão continuada, transformada em progressão automática, na prática, acrescida ainda pelo conhecimento, baseado no senso comum, de falta de valorização da educação, inclusive daquela efetuada na escola.

Além disso, muitos eram os obstáculos enfrentados pela equipe educadora quando da aplicação do Saresp. Nos dias anteriores à realização das provas, era necessário conseguir meios para trazer os alunos à escola, pois consideravam que não havia necessidade de fazê-las. Alguns alunos diziam: “Não venho mesmo, porque não dá nada pra mim”. No meu entendimento, então, as provas do Saresp se mostravam sem eficácia no contexto real vivido, uma vez que as provas aplicadas pareciam não fazer sentido para os estudantes.

Os entraves enfrentados continuavam a fazerem-se presentes durante a realização das provas, pois praticamente todos os alunos saíam quando se esgotava o tempo mínimo de permanência exigida. Além disso, algumas tentativas de docentes em fazer com que os estudantes compreendessem a importância de assumir esse compromisso de avaliação com responsabilidade incitavam atitudes ríspidas de alunos. Um exemplo, entre tantos outros, é o desrespeito sofrido por uma professora, cujo

depoimento está no ANEXO A – Depoimento de professora sobre a aplicação da prova do Saresp 2007.<sup>1</sup>, afirmando que ao cumprir a determinação de somente permitir a saída de alunos depois de decorrida uma hora e meia de tempo de prova, a grande maioria deles começou a “bater os pés no chão e as mãos nas carteiras, além de atirar borrachas (todas iguais, provavelmente fornecidas pela escola) nas duas colegas que ainda persistiam no propósito de resolver a prova”, com a intenção de serem liberados cerca de 20 minutos após o início da prova.

No movimento de busca de soluções no contexto escolar, somando-se a situações como as expostas, que se mostram como um transtorno para a equipe educadora, havia uma preocupação em explorar o processo avaliativo realizado externamente, que parecia ter potencial para ser um mecanismo de fornecimento de informações para que decisões políticas, e talvez pedagógicas, pudessem ser tomadas. Porém, da maneira como esse processo avaliativo estava se realizando nas escolas, suas potencialidades estavam adormecidas, inclusive levando-se em conta a pouca preparação que nós, professores, tínhamos para receber os resultados, pelo menos no período em que permaneci como professora da rede, qual seja, de 2004 até o início de 2010.

Destaca-se que o Saresp passou por reformulações metodológicas em 2007 e, em 2008, o Governo do Estado decidiu vincular o bônus dos profissionais da educação, também conhecido como 14º salário, ao Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (Idesp), conseqüentemente, às notas do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp) e às taxas de aprovação, o que causou estranheza, preocupações e agitação entre os professores da rede, afinal seria atribuído um prêmio de acordo com o desempenho de seus alunos numa avaliação externa padronizada.

Quando ingressei como aluna especial no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da Unesp Rio Claro, em 2008, verifiquei que nele havia debates sobre as questões pertinentes à avaliação de sistemas escolares, como o Enem, Saeb, Saresp. Nesse contexto, meu interesse por compreender o Saresp, ao qual já havia sido submetida, conforme exposto nos parágrafos anteriores, se reacendeu.

Minhas indagações sobre o Saresp eram muitas e se mostraram com força, impelindo-me a tomá-las como tema a ser investigado. Na medida em que persistiram,

---

<sup>1</sup> A professora gentilmente cedeu seu depoimento para esta pesquisa. Depoimento no Anexo I.

coloquei-me com disposição de adentrar os caminhos de uma investigação científica, transcendendo o nível de percepções e do conhecimento do senso comum. Tomei, assim, esse tema como sendo o da pesquisa que subsidiou o trabalho de doutoramento, exigência parcial do PPGEM, de que sou aluna, para a outorga do “título de doutora”.

No seio do Programa, a pesquisa foi bem recebida e a investigação sobre esse tema foi estimulada, uma vez que são raras as pesquisas sobre avaliação nele efetuadas. Ainda que fosse nosso interesse inicial compreender as convergências e divergências entre as avaliações realizadas internamente na escola e o sistema de avaliação que estava sendo realizado no Estado de São Paulo, o que remeteria diretamente a temas relacionados com a avaliação em Matemática, entendemos que, sem compreender o Saresp na realidade escolar e como se dão os processos de avaliação em si, nossa pesquisa ficaria muito restrita, perdendo a visão do todo em que a avaliação se dá. Dessa forma, este trabalho contribui para a compreensão desse assunto e abre possibilidades de serem efetuadas pesquisas específicas a respeito dos itens pertinentes à área da Matemática.

Perguntamo-nos repetidas vezes: “por que efetuar esta pesquisa na região de inquérito da Educação Matemática?” Ponderamos: se Educação Matemática, principalmente na educação básica, trabalha com a Matemática olhada na dimensão da formação da pessoa e do cidadão; se é uma prática comum a essa educação a avaliação das ações do ensino, da aprendizagem, de atitudes, de comportamentos, etc., então, entendemos que analisar e refletir sobre as atividades avaliadoras é significativo à Educação Matemática.

No caso de uma pesquisa em Filosofia da Educação Matemática, essa análise e reflexão se mostram como o cerne deste trabalho. Desse modo, entendemos que é relevante analisar e refletir sobre o Saresp, uma avaliação efetuada como decisão dos órgãos governamentais e que abrange todo o sistema de escolas públicas do Estado.

Esta pesquisa envolveu um grande volume de dados, incluindo documentos estudados para que as articulações pudessem ser expostas. Optamos por manter as revisões de literatura efetuadas, por entendermos, assim como Umberto Eco (2008) aponta, que nada se desperdiça ao se fazer uma tese.

Ao longo do caminho que se percorre em um doutorado, muitas foram as dificuldades em relação a encontrar literatura esclarecedora em termos de avaliação educacional, principalmente tratando-se de contextualizações históricas e metodológicas. Por ser um campo relativamente novo no Brasil, que começou a

desenvolver-se mais acentuadamente na década de 1990, existem muitas informações dispersas, não organizadas, além de superposições conceituais baseadas no senso comum, as quais buscamos desvendar no sentido de esclarecimentos possíveis. Dessa forma, uma das contribuições esperadas desta tese é a exposição de teorias e modelos existentes em avaliação educacional, proporcionando organização de raciocínios para quem adentra essa área de estudo e pesquisa.

### ***1.2 Breve contextualização do Saresp***

O Saresp foi implantando em 1996 pela Resolução da Secretaria de Educação do Estado nº 27, de 29 de março de 1996, como uma iniciativa da própria Secretaria. É realizado anualmente desde então, exceto em 1999 e 2006, passando por modificações quase todos os anos. São avaliadas as escolas estaduais, obrigatoriamente e, por adesão, as escolas particulares e municipais (com exceção de 2001 e 2002, quando só foram avaliadas as escolas estaduais). O objetivo expresso em 2010 era de:

fornecer informações consistentes, periódicas e comparáveis sobre a situação da escolaridade básica na rede pública de ensino paulista, assim como, de ser capaz de orientar os gestores do ensino no monitoramento das políticas voltadas para a melhoria da qualidade da Educação Básica do ensino. (SÃO PAULO, 2011, p. 3).

Entre os instrumentos de coleta de dados para a avaliação estão as provas para os alunos, que avaliam competências, habilidades e conteúdos. O Saresp se apoia basicamente em dados quantitativos, com análises estatísticas e uso de técnicas psicométricas, como a Teoria Clássica dos Testes e a Teoria da Resposta ao Item. São também aplicados questionários de contexto aos alunos e suas famílias, professores e equipe de gestão, com posterior organização e análise dos dados, conforme aspectos descritivos e analíticos, incluindo possíveis associações entre o desempenho dos estudantes e as características levantadas nos questionários.

O Saresp, a partir de 2007, passou a valer-se da mesma escala de proficiência do Saeb, para comparar resultados obtidos com os dos sistemas nacionais de avaliação. Desde 2008, anual e alternadamente, as áreas de Ciências da Natureza (Ciências, Física, Química e Biologia) e de Ciências Humanas (História, Geografia, Filosofia e Sociologia) fazem parte da prova. Em 2010, avaliaram-se as disciplinas Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Física, Química e Biologia. Foram avaliados os 3<sup>os</sup>,



5<sup>os</sup>, 7<sup>os</sup> e 9<sup>os</sup> anos do Ensino Fundamental e 3<sup>as</sup> séries do Ensino Médio.

Além do objetivo exposto em 2010, o objetivo do Saresp explicitado em São Paulo (2009c), era de que:

Os resultados dessa avaliação servirão como instrumentos de melhoria dos processos de ensinar e aprender nas escolas, do monitoramento das políticas públicas de educação e do plano de metas das escolas, diretamente vinculados à gestão escolar e à política de incentivos da SEE/SP.

Estreitamente relacionado com as políticas de avaliação, em 2008, a Secretaria de Educação lançou o Programa de Qualidade da Escola (PQE) que “tem como objetivo promover a melhoria da qualidade e a equidade do sistema de ensino na rede estadual paulista” (SÃO PAULO, 2011). Para saber da qualidade na escola, são aplicadas as avaliações do Saresp anualmente e propostas metas para melhoria da qualidade de ensino por meio do Idesp, que é calculado multiplicando-se o indicador de desempenho, baseado no Saresp, pela taxa média de aprovação dos alunos. Somando-se ao PQE, em 2008 o Governo do Estado vinculou o bônus dos profissionais da educação ao cumprimento das metas de aumento do Idesp, conseqüentemente, às notas do Saresp e às taxas de aprovação, o que passa a ocasionar um alto impacto do Saresp, no que tange aos aspectos financeiros dos profissionais da rede.

Tendo em vista a breve explicação da dinâmica em que o Saresp está inserido e entendendo que as políticas públicas de avaliação educacional fazem parte de uma cultura de avaliação presente, nas últimas décadas, junto com as preocupações do mundo ocidental, nos questionamos acerca da maneira como o Brasil tem se aproximado das concepções e políticas da cultura ocidental, no que concerne à educação, e de que modo essa aproximação tem se feito realidade nas práticas avaliativas. Tratamos desses tópicos no segundo capítulo desta tese.

Além dos fatores já citados, e sendo o Saresp um processo de avaliação, torna-se importante compreender os significados desse processo na literatura. Dois conceitos, inicialmente trabalhados por Scriven (1967) e bastante referidos nessa área, são: *avaliação somativa*, ou seja, uma avaliação realizada ao final de um processo educacional, e *avaliação formativa*, que ocorre durante esse processo, inclusive possibilitando a avaliação do próprio processo, podendo serem feitas intervenções que possibilitem adaptações no que ainda estiver em andamento. Atualmente, é o conceito

de avaliação formativa o que mais se aproxima do requisito da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 sobre a verificação dos rendimentos escolares dos alunos.

Buscamos compreender se uma avaliação como o Saresp que indaga: “[...] na organização de um sistema de avaliação o principal problema é explicitar uma resposta à seguinte pergunta: **O que avaliar?** Pergunta para a qual a resposta mais significativa só pode ser: **Aquilo que o aluno deveria ter aprendido.**” (SÃO PAULO, 2008a, p. 3), está consonante com a LDB, quando dispõe como deve ser avaliado o rendimento dos alunos, bem como, com concepções sobre avaliação presentes na literatura que trata da formação do aluno.

Segundo Soares, Alves e Mari (2003, p.87):

Na prática, às vezes pode ser difícil conciliar a ênfase nas atividades para a melhoria do desempenho dos alunos com as de controle e “prestação de contas”. O uso de resultados de testes é um exemplo claro. Se a divulgação dos resultados não for seguida de claras ações para a melhoria da escola, os testes podem servir apenas para meras comparações que nada constroem.

Esse confronto se delineia como o cerne da interrogação que se anuncia como sendo a diretriz desta pesquisa. Hadji (2001), em um livro a favor de uma avaliação formativa, cita quatro tarefas a serem efetuadas pelo professor que deseja realizar tal avaliação, sendo a quarta “remediar os erros e as dificuldades”. Buscamos compreender, então, de que maneira a avaliação do Saresp está permitindo que isto aconteça.

### ***1.3 Explicitando a Pergunta***

Temos nos perguntado repetidamente sobre qual o significado do Saresp no cotidiano de uma escola. De maneira mais abrangente, observamos que a pergunta não se restringe a esse cotidiano apenas, mas ela se amplia, interrogando o próprio projeto educacional da escola, que envolve processos de ensino e aprendizagem e a carreira docente, que está vinculada à realidade do trabalho dos profissionais da educação que atuam na escola.

Buscamos, assim, compreender o que ocorre nessa realidade, no que concerne à avaliação proposta. Nossa inquietação é quanto ao retorno da análise efetuada nesse processo de avaliação externa às atividades do cotidiano escolar, bem como ao campo de trabalho da equipe educacional, vista também da perspectiva de sua carreira

profissional. Preocupamo-nos com a dimensão da política pública anunciada e realizada pelo Saresp. Política pública aqui é entendida como um conjunto de ações articuladas pelos governos, em suas diversas esferas, para responder às demandas da sociedade.

Todos esses questionamentos citados anteriormente nos levam a buscar uma maior compreensão sobre o que está sendo pretendido e o que está ocorrendo na escola. Ao avançar no processo reflexivo de compreender o que dizem, ou seja, o que buscamos saber, com inúmeras idas e vindas entre o percebido, as dúvidas iniciais, o pensado, as primeiras leituras e mais outros estudos, enfim, ao adentrar o próprio movimento investigativo, a interrogação que nos move vai se tornando clara e mostrando que interroga a própria avaliação e vai se evidenciando e estabelecendo a pergunta que move esta pesquisa: *Como o Saresp se presentifica<sup>2</sup> na realidade escolar?*

Com essa pergunta buscamos compreender qual a proposta do Saresp e como ela ocorre no cotidiano da realidade escolar. Carrega consigo visão de prática de avaliação, que pode ou não convergir com a comum àquele cotidiano e, também, compreensões a respeito de desdobramentos das relações entre o resultado de avaliação em larga escala e possíveis impactos no sistema educacional.

#### ***1.4 Metodologia de Pesquisa***

No percurso desta investigação, sentimos inicialmente um *desassossego* com o Saresp, causado por dele termos tomado conhecimento da perspectiva da realidade de uma escola, onde trabalhávamos, passando, então, a querer *conhecê-lo* e buscar em documentos modos de se conduzir uma pesquisa que pudesse dar conta de explicar muitas inquietações presentes naquela realidade. A princípio entendemos que poderia ser uma pesquisa estrutural<sup>3</sup>, com a questão: “O que é isto, o Saresp?”. Porém, após diversas discussões e delineamento do projeto de pesquisa, a pergunta que corresponde à *interrogação* que move este estudo expressou-se no modo de buscar maneiras pelas quais o Saresp aparece na realidade da escola, pondo-se na seguinte forma: *Como o Saresp se presentifica na realidade escolar?*

Dessa forma, a pesquisa fenomenológica se mostra no solo histórico-cultural para saber do Saresp, e partimos tanto para a busca de textos como de depoimentos da

---

<sup>2</sup> Presentifica: o que se torna presente, mostrando-se mediante ações, práticas, atividades, discursos proferidos.

<sup>3</sup> Referimo-nos à pesquisa fenomenológica estrutural, que busca compreender o “o quê” do investigado (Bicudo, 2011)

comunidade exposta ao Saesp, que delineiam como o sujeito vivenciou e compreende esse sistema de avaliação. Tendo em mãos os textos estudados e os depoimentos analisados, efetuamos um movimento de redução fenomenológica, que será exposto no decorrer deste trabalho, obtendo cinco categorias abertas.

Explicitando a metodologia, nossa pesquisa é de caráter qualitativo, efetuada segundo uma abordagem fenomenológica, lançando mão de recursos hermenêuticos, que nos auxiliaram na compreensão do dito nos discursos dos sujeitos entrevistados. Usaremos o sentido de interpretação hermenêutica, que, segundo Bicudo (1993, p.64)

não se atém a uma interpretação estrutural do texto [...] mas procura pelo significado do texto no contexto em que ele emerge, nas experiências vividas por aquele que o lê e o interpreta, tanto à luz do seu real vivido como à do encontro histórico dessa vivência e tradição.

Esses recursos hermenêuticos dizem de aberturas de sentidos e significados que perseguimos nas análises efetuadas. Não estamos afirmando, porém, termos efetuado análise hermenêutica segundo os procedimentos rigorosos dessa modalidade de pesquisa, o quê, se tivéssemos implementado, teria nos conduzido para outra direção de análise.

Focamos o Saesp, tomando-o como fenômeno, ou seja, como o que se mostra em seus modos de ser, e buscamos visualizar como a realidade vivida por professores, alunos e demais agentes da instituição escolar é compreendida e se expõe em suas práticas à luz da política pública instituída. Os procedimentos que assumimos, ao focar o fenômeno aqui em destaque, serão tratados no capítulo quarto, de modo detalhado. Entretanto, para dar conta desta *Introdução*, foram efetuadas entrevistas com professores, alunos e membros da equipe de gestão de escolas entendidas como significativas para este estudo e analisadas segundo a perspectiva da pesquisa qualitativa fenomenológica.

Além disso, foram marcados encontros com especialistas em avaliação e gestores da Secretaria da Educação, visando a obter esclarecimentos e explicações a respeito de metodologias e modelos de avaliação e de políticas públicas que se valem de resultados de avaliação. Essas entrevistas foram gravadas mediante autorização prévia dos entrevistados, mas não foram transcritas. Nas passagens em que são retomadas durante o trabalho, são devidamente citadas. Realizamos entrevistas com:

- *Prof. Dr. José Francisco Soares*, aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais, estatístico, com atuação nas áreas de Avaliação de Sistemas, Instituições, Planos e Programas Educacionais, e Políticas Educacionais, com ênfase em medidas de resultados educacionais e cálculo e explicação do efeito das escolas de ensino básico brasileiro. Foi um dos responsáveis pela metodologia usada no cálculo do Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (Idesp).
- *Dra. Gláucia Torres Franco Novaes*, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, que atua na área de avaliação educacional e de sistemas, além de já ter trabalhado diretamente com o Saresp.
- *Dr. João Cardoso Palma Filho*, Secretário Adjunto de Educação, acerca das políticas da Secretaria em função dos resultados do Saresp.

Além dessas entrevistas, foi realizado um estágio de duas semanas, para tratar de metodologias em avaliações e conhecer a dinâmica de desenvolvimento de uma avaliação educacional em larga escala, no Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (Caed), vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora, em Juiz de Fora, Minas Gerais.

Somando-se a todas essas experiências, uma que se tornou constante e de muita relevância para o amadurecimento da pesquisadora em relação ao tema avaliação educacional foi a participação quinzenal no Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional (Gepave), sob coordenação do Prof. Dr. Ocimar Munhoz Alavarse, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp), desde outubro de 2011.

Os diálogos e informações obtidas nas entrevistas, no estágio e na participação do grupo foram registrados em formato de textos e relatórios, tendo essas informações contribuído para a construção de nosso discurso sobre avaliação e, em especial, sobre o Saresp. Muitos desses esclarecimentos serão expostos nos diferentes capítulos desta investigação, quando contribuirão para maior clareza do tratado.

### ***1.5 Avaliação Educacional: tema atual***

A avaliação pode ser entendida como uma atividade própria do homem, já que constantemente avaliamos em nossa vida cotidiana, por exemplo, as ações e comportamentos efetuados, atitudes assumidas, alimentação de que nos valemos em nosso cotidiano, aquisição de bens materiais, obras culturais que apreciamos, cursos de

que participamos. Além disso, nos autoavaliamos como profissionais, como seres humanos, refletindo sobre o estilo de vida assumido, nossa relação com o meio ambiente, e também somos avaliados, em diversas situações, sejam elas profissionais ou não.

Na área educacional não é diferente: também avaliamos. Todavia, a avaliação, vista da perspectiva de um campo teórico e de uma prática cada vez mais ampla, não permite atitudes sem análises e reflexões. Conforme Vianna (2000, p. 161), “a avaliação, assim como a ação educacional, exige constante reflexão sobre o ente avaliado e as implicações do ato de avaliar.” E, de acordo com Bicudo (1999a, p.15), “a avaliação é um componente do projeto educacional. Por ser processo, está em andamento. Por ser projeto, abre-se às possibilidades do humano”.

Na educação, seus diversos aspectos são avaliados, como a avaliação de aprendizagem que se realiza dentro da sala de aula, onde o professor avalia a aprendizagem de seu aluno, a avaliação de currículos, de materiais pedagógicos, de professores, de escolas, de inovações e reformas educacionais, a meta-avaliação e a preocupação central de nosso trabalho: a avaliação de sistemas de ensino.

Na escola, há avaliações realizadas internamente, por pessoal da própria instituição de ensino e, externamente, por alguém que não vive o cotidiano da instituição. Pode ser realizada em uma classe, com poucos alunos; ou numa rede de ensino, em larga escala. A avaliação abrange um campo bastante amplo, desempenhando diferentes papéis e funções políticas. Aliados à sua forma de realização, as avaliações na educação também podem ter diversos objetivos, como de seleção, tomadas de decisão, planejamento, macroanálises, fornecimento de informações, responsabilização, denominada na literatura específica de *accountability*.

Além disso, conforme Novaes, Tavares e Gimenes (2011, p.62), podem-se associar à avaliação educacional três dimensões principais: a ética, a política e a metodológica. Discutiremos cada uma dessas três dimensões com o intuito de situarmos o campo de avaliação educacional e esta pesquisa.

### 1.5.1 Dimensão metodológica

A avaliação educacional pode se basear em diversos modelos<sup>4</sup> ou enfoques teóricos, como por exemplo, avaliação somativa, formativa, qualitativa, quantitativa, guiada por objetivos ou não. Cada modelo será escolhido de acordo com as necessidades de quem está avaliando e com a adequação ao objeto avaliado. Além disso, devemos nos atentar ao fato de que nenhum modelo será perfeito ou superior que existirá um único modelo que conseguirá abarcar todos os objetivos que podemos delinear ao avaliar. Muitas vezes, pode se fazer necessária a escolha de mais de um método ou modelo, sendo que cada um possuirá suas vantagens e desvantagens. Essa dimensão será tratada no capítulo *Campo Conceitual em Avaliação Educacional: historicidade*, a ser desenvolvido neste trabalho.

### 1.5.2 Dimensão política

No capítulo *Avaliações Externas como Política Pública*, trataremos da participação do Brasil em acordos e recomendações internacionais no bojo de um movimento mundial para a adoção de avaliações de sistemas como mecanismos de monitoramento de políticas de melhoria da qualidade de educação, aliadas a uma descentralização administrativa; prestação de contas (*accountability*), principalmente pelas autoridades políticas sobre os serviços educacionais prestados, porém incluindo profissionais da educação e sociedade; criação de uma cultura avaliativa, promovendo também a participação da sociedade.

Além disso, a avaliação é vista como possibilidade para verificar se o direito à educação de qualidade está sendo respeitado. Alguns teóricos em avaliação e alguns documentos públicos justificam fortemente o porquê de sua existência com esse argumento.

Atualmente, no Brasil, há diversas avaliações externas em andamento, todas como iniciativa do poder público: o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja), o Sistema Nacional de Avaliação da

---

<sup>4</sup> Segundo Vianna (2000), o termo 'modelos' em avaliação, apesar de bastante usado, não tem um conceito preciso sobre seu significado. Quando olhamos para o seu emprego, pode se referir a uma concepção em avaliação, certa forma de abordagem ou um método empregado. Neste trabalho, quando nos referirmos a um método empregado, usaremos a palavra metodologia.

Educação Superior (Sinaes), além de avaliações sistemáticas dos programas da pós-graduação efetuadas pela Capes. Com exceção desta última, que ocorre desde a criação do sistema brasileiro de pós-graduação, as demais surgiram após a década de 90, aliadas a reestruturações políticas nacionais e internacionais.

Há, ainda, as avaliações estaduais<sup>5</sup>, realizadas atualmente pela maioria dos Estados brasileiros, como é o caso do Saesp, o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo, do qual trataremos. Conforme Filocre (2011), a pressão por melhoria da qualidade de ensino faz com que os Estados (e até mesmo alguns municípios) busquem avaliações que atendam às seguintes necessidades: ser censitária, avaliar a alfabetização no 3º ano do Ensino Fundamental, promover o acesso rápido aos resultados, ocorrer em menor período entre as avaliações, permitir definição de metas e pagamento de bônus, ter acesso aos microdados para relatórios mais detalhados e fornecer dados para análises contextuais.

Além disso, foi criado, em âmbito nacional, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), calculado multiplicando-se a média padronizada de proficiência em Língua Portuguesa e Matemática do Saeb pelo indicador de rendimento baseado na taxa média de aprovação, recolhida por meio do Censo Escolar. Esse indicador baliza políticas de melhoria de qualidade da educação, além de ser um instrumento para acompanhar as metas propostas pelo Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação (BRASIL, 2007), para serem alcançadas até 2022.

Em nível estadual, como já mencionado, existe o Idesp, calculado basicamente da mesma maneira que o Ideb, respeitadas outras diferenças que serão discutidas no capítulo três.

Dessa maneira, a avaliação externa se torna um tema de alta relevância no contexto de educação nacional, passível inclusive de diversas críticas, advindas de várias vertentes, incluindo as políticas, éticas, metodológicas e pedagógicas.

Uma das críticas feitas é a de tomar a avaliação como medida de desempenho em algumas disciplinas, pois em nossos modelos, a qualidade da educação é medida por números. Pesquisadores questionam “até que ponto qualidade educativa pode ser medida por índices de desempenho. O ensino em sala de aula e todo o aprendizado

---

<sup>5</sup> Há um estudo bastante amplo feito por Lopes (2007) das avaliações em todas as unidades federativas do Brasil, porém até a data de finalização da pesquisa, ou seja, até o ano de 2007. Alguns aspectos dessas avaliações estaduais são relatados em Brooke (2011).



dentro de uma escola vão além do que esses indicadores são capazes de medir por meio do rendimento dos alunos” (ALTMANN, 2005, p. 85).

Outra crítica é feita em relação ao modelo adotado nas avaliações. Por exemplo, em relação ao Saresp, Sousa e Arcas (2010) afirmam que, como serve de referência para as práticas avaliativas empreendidas nas escolas, esse sistema reforça práticas tradicionais de avaliação da aprendizagem.

Num contexto em que se preconizam práticas de avaliação da aprendizagem fundamentadas na concepção formativa, visando orientar e favorecer a aprendizagem dos alunos, o Saresp reforça a aplicação de provas testes, objetivando, na maioria dos casos, simular a aplicação da avaliação externa, preparando os alunos para este tipo de instrumento de avaliação. (SOUSA; ARCAS, 2010, p. 193.)

Temos ainda o *feedback* dos resultados das avaliações externas nas escolas, questão principal de nossa pesquisa. Gatti (2011, p. 10), em entrevista à Revista Escola Pública, alerta para o fato de que os números resultantes das avaliações estão caindo num vazio. Por exemplo, cita os resultados da Teoria da Resposta ao Item<sup>6</sup> traduzidos em números numa escala de habilidades, dizendo que são números pouco compreensíveis para os professores, além de afirmar que tais resultados não informam sobre processos de aprendizagem e desempenhos específicos, cujas informações são genéricas. Relata que não se discute a validade dos itens para conteúdos de ensino, perdendo-se, portanto, a discussão de até que ponto essas avaliações são válidas para as escolas compreenderem o desenvolvimento do aluno.

### 1.5.3 Dimensão ética

Por que avaliar? Como avaliar? Como divulgar? São perguntas que, conforme compreendemos, balizam e norteiam toda ação avaliadora, notadamente, as pedagógicas. Estão vinculadas às concepções que sustentam os diferentes modelos e objetivos. No caso desta pesquisa, serão retomadas ao longo do trabalho aqui exposto.

O significado da palavra *avaliar*, no dicionário Houaiss (2007), é “estabelecer a valia, o valor de”. Conforme Bicudo (1999a, p. 14), “avaliação é ação de avaliar, de atribuir valor, de julgar, de apreciar”. Nesse sentido, sem tomar *a priori* nenhum método ou modelo de avaliação como hipótese, entendemos que toda avaliação é julgamento de

---

<sup>6</sup> Abordada no item *Metodologias de análises de dados usadas no Brasil*.

valor e, nessa perspectiva, ética. No caso da avaliação educacional, “as ações dos educadores – percebidas de modo consciente ou não - expressam uma escolha que influencia o ser e o vir a ser (ou seja, o tornar-se) do estudante (BICUDO, 1979).

Então, se assumimos uma perspectiva sobre o que vamos avaliar no âmbito da educação escolar, já efetuamos uma escolha que é, necessariamente, uma escolha ética e moral.

### ***1.6 Desenvolvimento da pesquisa***

Esta investigação toma como norte a pergunta orientadora: *Como o Saresp se presentifica na realidade escolar?* e a persegue articulando seus movimentos, expostos, no texto desta tese, como capítulos. Trataremos do campo conceitual da avaliação, no capítulo primeiro; da avaliação olhada da perspectiva de políticas públicas, no capítulo segundo; do que se trata o Saresp, no capítulo terceiro; dos procedimentos da pesquisa, no capítulo quarto; do modo pelo qual o Saresp é concebido e realizado pelos professores, alunos e equipe de gestão presentes nas escolas avaliadas, tratado no capítulo quinto; interpretação dos dados obtidos, analisados e refletidos, exposta como uma síntese compreensiva, em que são trazidas as categorias abertas articuladas, assunto do capítulo sexto; e o capítulo sétimo, em que é apresentada uma meta-compreensão da investigação efetuada, bem como são expostas sugestões visualizadas no decorrer da própria pesquisa.

## 2 CAPÍTULO PRIMEIRO

### CAMPO CONCEITUAL EM AVALIAÇÃO EDUCACIONAL: HISTORICIDADE<sup>7</sup>

Para compreendermos os conceitos de avaliação educacional presentes no Saresp, é importante que se faça uma busca histórica sobre tal campo, pois o conhecimento histórico do desenvolvimento, das críticas, ou até mesmo da superação de paradigmas nos permite interpretações procedentes sobre as concepções hoje atuantes, seja na área de educação como um todo, ou na de avaliação especificamente.

Rosales (1992 apud SOUSA, 1998) afirma que a avaliação é uma área de conhecimento muito nova, mas que teve um desenvolvimento intenso nos últimos anos e se poderia mesmo afirmar que sua infância estaria situada até os anos 70, a adolescência em torno dos anos 80 e nos anos 90 se encaminha para a idade adulta. Apesar disso, Scriven, ainda em 1974, fala-nos que o campo da avaliação possui quase meia centena de modelos, o que causa grande inquietação metodológica, confusão e dificuldades para o praticante da avaliação (apud VIANNA, 2000). Com o passar do tempo, os modelos em avaliação foram aumentando, além de seus exemplos e definições<sup>8</sup>, e, assim como ocorre na pesquisa em educação, bem como da ciência em geral, não há, também em avaliação, uma teoria geral única, nem uma metodologia que se aplique a todos os casos.

Destaca-se que a avaliação não é um fim em si mesmo, mas é um momento da atualização do projeto educacional que é complexo e totalizante, permitindo “destacar a própria mudança da direção da curva, ou seja, o ponto de inflexão do processo. Mediante o fazer analítico, crítico e reflexivo que a materializa, efetua dois atos: retroalimenta e alimenta o que está em andamento” (BICUDO, 1999, p. 15).

Desse modo, se insere e subsidia a atualização de uma proposta específica e, neste caso, uma proposta educacional que, no caso da educação escolar, pode ser apresentada e determinada como uma política pública, ou como um projeto pedagógico da escola, ou até mesmo de um plano de ensino.

Assim, “cada modelo de avaliação pode responder a determinadas expectativas e a escolha de um deles acarretará a adoção de metodologias diferenciadas de avaliação”,

---

<sup>7</sup> Constituição de um campo, no seu tempo, na sua temporalidade.

<sup>8</sup> Por exemplo, Lukas e Santiago (2009) compilam pouco mais de uma centena de definições de avaliação.

devendo ser selecionado o modelo em função dos “objetivos da ação avaliativa, dos recursos disponíveis para executá-lo e do destinatário das informações e análises elaboradas.” (NOVAES; TAVARES; GIMENES, 2011, p. 63).

Conforme já delineado na *Introdução* desta tese, na educação avaliamos diversos aspectos: a aprendizagem que se realiza dentro da sala de aula, os currículos, os materiais pedagógicos, os professores, as escolas, as inovações e reformas educacionais, a própria avaliação, os sistemas de ensino. Neste capítulo abarcaremos essa gama de aspectos da avaliação, sem separá-los por categorias, já que, analisados de uma perspectiva histórica, uma teorização em determinado tipo de avaliação pode ser transposta para outras. Por exemplo, o conceito de avaliação somativa e formativa de Scriven (1967) foi inicialmente voltado para avaliações de currículos e atualmente é amplamente abordado para classificar avaliações de aprendizagem.

Em vista do que foi dito, apresentaremos, neste capítulo, algumas contribuições conceituais em avaliação educacional, entre as muitas existentes, que exerceram ou exercem influência nesse campo conceitual nos Estados Unidos, na Inglaterra e no Brasil. Não podendo separar a avaliação educacional da lógica da sociedade em que a escola está inserida, ao delinear os modelos, se fez necessário, em alguns momentos, incluir comentários sobre aspectos sociais que influenciaram na educação, mais propriamente na avaliação, e expor modelos de avaliação de sistemas trabalhados no Brasil.

### ***2.1 Contribuições norte-americanas***

Começaremos focando as contribuições norte-americanas para o campo da avaliação educacional, dadas as influências que exerceram e ainda exercem em nosso país. Por exemplo, como nos conta Saul (2006, p.35), no Brasil, a avaliação de currículo segue “o caminho da produção norte-americana, mas com uma defasagem de quase duas décadas. A avaliação de currículo começa a surgir aqui, com maior destaque, a partir de 1970, com o aparecimento dos projetos de currículo.” Além do mais, de acordo com Vianna (2000), devemos nos atentar ao fato de que os modelos nem sempre foram aplicados adequadamente, já que nenhum deles explicita como fazer uma avaliação efetivamente.

Segundo Madaus e Stufflebeam (2000), nos 30 primeiros anos do século XX, ainda nos EUA, as ideias de Fredrick Taylor se tornaram uma força poderosa em administração, na indústria e no meio educacional. A ênfase do taylorismo era em

sistematização, padronização e principalmente em *eficiência*. Assim, no meio educacional, procura-se uma metodologia para medir a *eficiência* dos professores, lançando-se mão de vários critérios, como os gastos, as taxas de evasão e de aprovação. Certo número dessas metodologias referem-se a testes objetivos desenvolvidos para determinar a qualidade de ensino.

Também nessa época, como nos mostra Vianna (2000, p. 48), houve o desenvolvimento da “tecnologia dos instrumentos de medida e das técnicas de análise quantitativa, graças ao trabalho pioneiro e profícuo de Edward L. Thorndike e Karl Pearson<sup>9</sup>, entre outros, nos Estados Unidos e na Inglaterra, respectivamente.” Thorndike elaborou os testes normativos, que seriam um instrumental que permitiria a comparação entre sistemas, como observa Vianna (2005). Nessa época, e ainda atualmente, em alguns casos, se confundia avaliação com medida. Porém, conforme Madaus e Stufflebeam (2000), os estudos de eficiência e testagem eram, na maioria, locais e realizados por professores, diferentemente do que iria ocorrer a partir da década de 60.

A ideia de diferenças individuais, ainda de acordo com Vianna (2000), passou a dominar a área de avaliação, acreditando-se na curva normal de distribuição de probabilidade, com algumas notas nos extremos e a maioria concentrada em torno da média, o que auxiliava as interpretações dos resultados de avaliações que envolviam o rendimento escolar. Assim, a porcentagem de alunos aprovados ou reprovados é que permitia o julgamento se um programa era ou não eficiente. A grande exceção ocorreu com o *Eight Year Study*, um estudo longitudinal em que Ralph Tyler avalia a diferença de eficiência entre escolas progressistas<sup>10</sup> e o currículo tradicional, com respeito à década de 30, nos Estados Unidos.

O pensamento desse autor influenciou toda a educação norte-americana e há influências em outras regiões, como no Brasil, conforme Vianna (2000). Devido à importância de Tyler em avaliação educacional, mesmo nos dias fluentes, exporemos algumas de suas ideias básicas para avaliar a implantação de currículo, extraídas de seu

---

<sup>9</sup> Nessa mesma época, o psicólogo francês Alfred Binet, juntamente com o professor Pierre Simon, também francês, por volta de 1900, “após experiências profissionais e estudos teóricos, propuseram uma metodologia para identificar a capacidade de aprendizagem de crianças, principalmente para detectar aquelas que poderiam ter algum tipo de problema que pudesse comprometer suas futuras aprendizagens. Através de uma série de perguntas e figuras lógicas, procuravam identificar a “idade mental” de uma criança. O fundamento era que, independentemente da idade cronológica (idade real), as crianças teriam uma determinada idade mental.” (ABRANTES, 2011, p. 5). Binet, em 1905, criou o primeiro teste de QI (quociente de inteligência).

<sup>10</sup> As escolas progressistas propunham uma reformulação no currículo, depois da Grande Depressão de 1929, pois novas demandas dos jovens e da sociedade se faziam presentes. Foram baseadas em estudos e propostas de John Dewey.

livro “Princípios Básicos de Currículo e Ensino”, de 1949, traduzido para o Português em 1974.

Tyler (1974, p. 5) concebe a educação como “um processo que consiste em modificar os padrões de comportamentos das pessoas.” A palavra *comportamento* traz, em seu texto, um sentido amplo que inclui pensamento, sentimento e ação. Assim, os objetivos educacionais representam “os tipos de mudança de comportamento que uma instituição educacional se esforça por suscitar nos seus alunos.” Os objetivos devem ser estabelecidos claramente pelos programas educacionais, para que assim possam ser estudados e sistematicamente melhorados. Eles se tornam

[...] os critérios pelos quais são selecionados materiais, se esboça o conteúdo, se desenvolvem procedimentos de ensino e se preparam testes e exames. Todos os aspectos do programa educacional são, em realidade, meios de realizar objetivos educacionais básicos (TYLER, 1974, p. 3).

Tyler mostra, inclusive, alguns critérios que devem ser levados em conta no delineamento desses objetivos: o interesse dos próprios alunos, o que a sociedade precisa, os valores básicos transmitidos de geração em geração e os conteúdos importantes que constam no conhecimento adquirido pela humanidade. Afirma que:

O processo de avaliação consiste essencialmente em determinar em que medida os objetivos educacionais estão sendo realmente alcançados pelo programa do currículo e do ensino. No entanto, como os objetivos educacionais são essencialmente mudanças em seres humanos – em outras palavras, como os objetivos visados consistem em produzir certas modificações desejáveis nos padrões de comportamentos do estudante – a avaliação é o processo mediante o qual se determina o grau em que essas mudanças de comportamento estão realmente ocorrendo. (TYLER, 1974, p. 98).

Cita procedimentos para realizar uma avaliação, sendo eles: identificar e definir claramente os objetivos a serem avaliados, fazer uma lista das situações que possibilitem a expressão do comportamento desejado, analisar os instrumentos para ver até que ponto servem aos propósitos da avaliação, fazer um experimento a título de ensaio com esses instrumentos, definir como serão feitos os registros dos comportamentos, escolher as unidades de medida a serem usadas para aquilatar o que se obteve nos registros.

Deixa claro que, “para a maioria dos propósitos, a apreciação do comportamento humano deve ser analítica e não consistir num simples sumário de escores.” (TYLER, 1974, p.108). Também propõe que a avaliação seja realizada no início de um programa, periodicamente em sua implantação e no final. Diz que um instrumento de avaliação deve ser objetivo, fidedigno e válido, ou seja, deve ter pouca subjetividade, adequação da amostra de comportamento incluída no instrumento e fornecer informações sobre o comportamento desejado, respectivamente.

Enfim, no modelo de avaliação proposto por Tyler, não há a identificação de medida com avaliação, sendo medida uma possível maneira de se terem informações sobre os objetivos atingidos pelo programa. Porém, só poderiam ser observadas evidências válidas, ou seja, aquelas baseadas nos objetivos.

As principais críticas em relação ao modelo de Tyler são direcionadas à natureza do conhecimento e das formas de sua aquisição, e não exatamente à tecnologia da avaliação, como nos fala Vianna (2000). Eisner (1993 apud Vianna, 2000) coloca em dúvida a possibilidade de aplicar a avaliação por objetivo, tendo em vista resultados esperados, em qualquer tipo de conhecimento, pois encara o ato de ensinar como um processo de criatividade, portanto imprevisível e não controlável.

A partir da década de 40, houve uma grande expansão dos testes padronizados nos Estados Unidos, porém sem propósitos sociais, conforme Madaus e Stufflebeam (2000).

Em 1947 surgiu o *Educational Testing Service* (ETS), com o destaque da participação de Tyler e Lindquist, órgão existente até os dias de hoje. Teve influência em desenvolvimento de testes padronizados e em programas de avaliação, como o *National Assessment of Educational Progress*<sup>11</sup> (Naep) e como o da avaliação periódica da situação do ensino nos Estados Unidos, também ainda existente. Um desdobramento dessa avaliação na década de 80 foi o Iaep – *International Assessment of Educational Progress*, que, na sua segunda edição<sup>12</sup> em 1991, teve a participação parcial do Brasil, com amostras de escolas de São Paulo e Fortaleza (VIANNA, 2000, 2005). Outra influência para a criação do Naep foi o Relatório Coleman, em 1966, baseado em análises estatísticas, que constatou, entre outras coisas, que as diferenças de desempenho dependiam mais das condições socioeconômicas e culturais que de fatores

---

<sup>11</sup> Surgido em 1969, serviu de modelo para o Saeb.

<sup>12</sup> Retornado no item “Participação do Brasil em avaliações internacionais”.

escolares<sup>13</sup>. Esse relatório representou um marco na maneira de se analisarem questões educacionais, dado que foi um grande estudo solicitado pelo governo, envolvendo 600 mil alunos em 4 mil escolas, para entender o que ocorria quanto à questão de igualdade de oportunidades, e que deu origem a muitos outros trabalhos. (SCHWARTZMAN, 2005, p. 20).

Nos anos 50, nos Estados Unidos, houve a influência de E. F. Lindquist, que desenvolveu princípios estatísticos que permitiram o uso do *experimental design* na educação, para quantificar variáveis educacionais. Também foram desenvolvidas técnicas para aplicar a visão de avaliação de Tyler, como a taxionomia de objetivos educacionais, de Benjamin Bloom em 1956, no sentido de fazer com que o pessoal que trabalha com educação explicitasse claramente seus objetivos (MADAUS; STUFFLEBEAM, 2000).

Vianna (2005) pondera que a avaliação passou a ter papel relevante no desenvolvimento de novas estratégias de ensino, principalmente nos Estados Unidos, após o lançamento do Sputnik em 1957, que constatou a deficiência tecnológica do mundo ocidental.

No cenário político dos Estados Unidos, na década de 60, segundo Vianna (2005, p. 151), havia uma grande preocupação com as oportunidades educacionais, surgindo então o conceito de *accountability* (responsabilização) na educação, “a fim de evitar possíveis desperdícios dos recursos financeiros concedidos a programas curriculares e a suas avaliações, na área da educação compensatória<sup>14</sup>.”

Em 1965 foi promulgado o *Elementary and Secondary Education Act* – Esea. Em seu *Título I* objetivava promover educação compensatória para crianças de baixa renda, oferecendo aportes financeiros para as escolas, sob a condição de que elas fossem avaliadas anualmente mediante testes padronizados, visando à avaliação da congruência entre os objetivos pretendidos e os realizados, segundo Madaus e Stufflebeam (2000). Quando as escolas começaram a realizar essas avaliações, foi constatado que os instrumentos existentes não eram adequados, já que haviam sido delineados para ranquear os estudantes e não para diagnosticar as necessidades e avaliar os ganhos educacionais de crianças que estavam aquém da média de seus pares.

---

<sup>13</sup> Há pesquisas posteriores que sugerem que os alunos podem superar o *status* social através do sistema escolar. (HEYNEMAN, 2005)

<sup>14</sup> Educação para compensar deficiências, principalmente de ordens econômica e social nas crianças que frequentam as escolas.



Na década de 60, começaram a surgir reações a esse modelo, propondo novas abordagens, que se enquadravam num modelo sociológico, numa abordagem qualitativa, criticando, inclusive, a busca por generalizações de conclusões a que se propunham os métodos existentes.

Lee J. Cronbach, Michael Scriven, Daniel L. Stufflebeam, Robert E. Stake são autores dessa época e exerceram influências nos estudos de avaliação efetuados no Brasil.

Cronbach escreveu importante artigo em 1963, *Course Improvement Through Evaluation*, ao qual tivemos acesso numa reimpressão em 2000, no livro *Evaluation Models*, editado por Stufflebeam, Madaus e Kellaghan. Neste artigo, Cronbach não tem a intenção de propor um método e, sim, analisar e discutir alguns aspectos da avaliação. Define avaliação como sendo “a coleta e uso de informações para tomar decisões sobre um programa educacional” (CRONBACH, 2000, p. 235)<sup>15</sup>. Tais programas podem ser materiais didáticos (de instrução), atividades de instrução de uma determinada escola, ou experiências educacionais de um aluno. A avaliação, sendo uma atividade diversificada, não poderá ser realizada por um único conjunto de princípios que servirão para todas as situações, uma vez que vários tipos de decisões podem ser tomados, com base em informações diversificadas.

Cronbach (2000) faz uma crítica ao modo como as avaliações estavam sendo conduzidas até então, nos Estados Unidos, em que eram unicamente realizadas medidas, por meio de testes de “lápiz e papel”, para determinar as conquistas de cada aluno, individualmente. Relata que há outros métodos para avaliar, como estudos de processo, medidas de proficiência e de atitudes e estudos longitudinais. Argumenta que, quando uma avaliação é para o melhoramento de um curso, o principal objetivo deve ser verificar quais os efeitos que o curso apresenta, não sendo esta uma questão de verificar se o curso é eficiente ou não, e, sim, de avaliar as diferentes variáveis separadamente, pois, quando se considera apenas um score global, um acerto numa das variáveis pode ser compensado pelo erro em outra. Diz que o maior serviço que uma avaliação pode prestar é identificar aspectos do curso que necessitam de uma revisão. Também afirma que a comparação entre cursos não deve dominar os planos de avaliação.

Em 1982, escreveu o livro *Designing Evaluation of Educational and Social Programs* em que discute aspectos da avaliação educacional. Segundo Vianna (2000,

---

<sup>15</sup> No original: “Collection and use of information to make decisions about an educational program.”

p.75), nesse livro “Cronbach é de opinião de que a avaliação tem uma função política. Desse modo, as reações aos dados da avaliação têm uma motivação política”. Para esse autor, a avaliação deve apresentar congruência entre a realidade e as observações apresentadas. Além disso, afirma que a avaliação não terá crédito se as informações que o avaliador “aprendeu” não forem incorporadas pelos alunos, pais, professores, burocratas e todos os cidadãos interessados nos problemas educacionais. O avaliador deve, também, propor soluções para os problemas encontrados.

Já em relação às diferentes abordagens de uma avaliação, segundo Vianna (2000), Cronbach acha que se deve ter uma posição conciliatória entre uma abordagem científica<sup>16</sup> e uma abordagem qualitativa. Cada aspecto a ser avaliado pode exigir que se proceda experimentalmente ou segundo um posicionamento mais qualitativo.

Scriven, em 1967, escreveu importante artigo sobre avaliação educacional: *The Methodology of Evaluation*, no qual foca a avaliação curricular, dizendo que os temas tratados podem ser transferidos para outros tipos de avaliação.

Afirma, nesse artigo, que a função da avaliação pode ser vista de duas maneiras: uma metodológica, na qual falamos de objetivos da avaliação; e num contexto sociológico ou pedagógico, em que falamos de papéis da avaliação. Relata que o papel desempenhado pela avaliação em um contexto educacional particular pode variar muito, como, por exemplo, treinamento de professores, desenvolvimento de currículo, experiência de campo relacionada à melhoria de teorias de aprendizagem, uma preliminar para recompensar ou punir pessoas de um treinamento para executivos ou uma avaliação na sala de aula.

Esse autor propõe, então, a diferença entre avaliação formativa e somativa, para qualificar a avaliação feita enquanto o currículo está fluindo, para que se possam implementar melhoras, e a avaliação efetuada no final do processo, para se estabelecerem conclusões gerais, respectivamente, termos usados até os dias atuais. Explica pouco sobre a distinção entre as duas, o que muitas vezes traz confusão na determinação de qual avaliação se está realizando.

Ahmann (1967), ao fazer uma sinopse das ideias de Scriven, no mesmo livro em que foi publicado *The Methodology of Evaluation*, afirma que as linhas que diferenciam a avaliação formativa da somativa não são tão nítidas quanto possam parecer. Por exemplo, pode se argumentar que a avaliação formativa é primária e feita por aqueles

---

<sup>16</sup> Note-se que por científica esse autor está significando “quantitativa”.

“da casa”, enquanto a somativa é feita por alguém não diretamente envolvido no processo. Por outro lado, pode-se argumentar, também, que a avaliação formativa é um tipo de avaliação somativa intermediária.

Scriven, no mesmo artigo, defende a inclusão de avaliadores profissionais na construção de um currículo. Fala da diferença de uma avaliação “*pay-off*”<sup>17</sup> e uma avaliação intrínseca, sendo que a última se refere à avaliação de instrumentos em si e não tem, normalmente, critérios formulados operacionalmente, e aquela envolve a avaliação de diferenças entre testes antes e depois, entre grupos experimentais e de controle etc., tendo um número de parâmetros como critério.

Uma das ideias de Scriven, que também teve muita repercussão, além da avaliação formativa e somativa, expõe a avaliação sempre como julgamento de mérito e valor. Scriven (1967, p 52) afirma, ainda, que uma “avaliação adequada deve incluir, como parceiros equânimes, a mensuração do desempenho em relação aos objetivos e procedimentos de avaliação desses objetivos”<sup>18</sup>.

Outra importante contribuição de Scriven ocorreu em 1973 num artigo intitulado *Goal-Free Evaluation*, quando, segundo Vianna (2000), sugere ser possível avaliar o que o programa efetivamente fez, independentemente de objetivos pré-definidos, o que permitiria aumentar a objetividade da avaliação e determinar os objetivos não previstos do programa, que não são definidos *a priori*. A avaliação *goal-free* e a avaliação por objetivos não se excluem, mas se complementam.

Daniel L. Stufflebeam, Hammond, Provus e outros, em 1971, propuseram uma avaliação que ficou conhecida com a sigla CIPP, “quando enfrentaram a tarefa de avaliar o sistema público elementar e secundário de Columbus, Ohio, nos Estados Unidos” (VIANNA, 2000, p.102). Ainda segundo Vianna (2000), Stufflebeam e seus colaboradores definiram a avaliação diferente do modo tradicional que era adotado, o tyleriano, que considerava a congruência entre desempenhos e objetivos, sendo proposta, então, uma abordagem utilitária para o processo de tomada de decisões. Para eles, primeiro se identificariam as decisões que se têm de tomar e, na sequência, delinear-se-iam as estratégias adequadas. “Uma verdadeira avaliação, segundo o autor, seria aquela que permitiria subsidiar, em tempo hábil, o *aperfeiçoamento* de um programa. Daí a importância da escolha de informações úteis e relevantes que atendam

---

<sup>17</sup> Apesar de na literatura sobre Scriven não termos encontrado uma tradução para o termo, podemos pensar seu significado como “compensação”.

<sup>18</sup> “evaluation proper must include, as an equal partner with the measuring of performance against goals, procedures for the evaluation of the goals.”

às necessidades de quem toma decisões” (SOUSA, 1998, p. 163). Uma frase que mostra como Stufflebeam (2000, p.283) concebe a avaliação é: “o mais importante propósito da avaliação não é provar, e, sim, melhorar<sup>19</sup>”

A sigla CIPP significa Contexto, Entrada ou Insumo (*Input*), Processo e Produto. A avaliação de contexto considera as necessidades, problemas e oportunidades como base para definir objetivos e julgar os significados dos resultados. A avaliação de entrada avalia como usar os recursos para alcançar os objetivos definidos pelo programa. A avaliação de processo avalia a implementação de planos para guiar atividades e, mais tarde, para ajudar a explicar os resultados. A avaliação de produto identifica objetivos pretendidos e não pretendidos, ambos necessários para manter o processo caminhando e determinar a eficiência (STUFFLEBEAM, 2000).

Para Stufflebeam (2000), o modelo CIPP apresenta uma orientação objetivista, no sentido de que o bem moral é objetivo e independente de sentimentos pessoais e humanos. Assim, as avaliações objetivas são fundadas em princípios éticos, justificam apropriadamente e estabelecem padrões de mérito, obtêm e validam informações de várias fontes, estabelecem e justificam as melhores conclusões disponíveis sobre o mérito e/ou valor do avaliado, divulgam os resultados justamente, entre outros aspectos.

Em uma perspectiva objetivista, quem conduz a avaliação deve escolher cuidadosamente os critérios apropriados para sua realização. Nos Estados Unidos, além dos critérios constitucionais e dos critérios de mérito das sociedades científicas, existem os Padrões para Avaliação de Programas, Projetos e Materiais, divulgados pelo *North American Joint Committee*<sup>20</sup> em 1981. Esses padrões, segundo Vianna (2000, p. 120), têm duplo objetivo: “possibilitar o desenvolvimento da avaliação de programas, projetos e materiais, e permitir o julgamento da eficiência dessa avaliação, ou seja, orientar o processo de meta-avaliação.”

O modelo de Stufflebeam teve divulgação no Brasil. Segundo Saul (2006), foram divulgados oficialmente pelo Ministério da Educação e Cultura o texto de João Batista Araujo e Oliveira & Mariza Rocha Oliveira, em 1974, sob o título *A função da avaliação da tomada de decisões educacionais*. A divulgação prosseguiu em 1978 no *Plano de avaliação: metodologia*, publicado pelo departamento de Ensino Médio do

---

<sup>19</sup> The most important purpose of evaluation is not to prove, but to improve.

<sup>20</sup> A definição de avaliação desse Comitê é: “a investigação sistemática do valor e do mérito de algum objeto” (RISTOFF, p. 24, 2003)

MEC, no qual se orientavam os Estados a seguirem o método de avaliação para a tomada de decisões.

Stufflebeam (2000b<sup>21</sup>) escreveu importante artigo no qual afirma ser imperativa a realização de meta-avaliação, ou seja, a avaliação de uma avaliação, denominado *The Methodology of Metaevaluation*. Define formalmente a meta-avaliação como sendo o processo de delinear, obter e aplicar informações descritivas e de julgamento sobre a utilidade, viabilidade, propriedade e exatidão de uma avaliação com o propósito de guiar a avaliação e publicar seus pontos fortes e fracos. Esse autor afirma que a meta-avaliação é de interesse da sociedade, para que ela tenha subsídios para aceitar ou não conclusões de avaliações e de profissionais da área, e também para que as avaliações possam ser melhoradas. Além disso, cita exemplos de meta-avaliações ocorridos nos Estados Unidos, incluindo uma do NAEP, e detalha 10 passos para a realização de uma meta-avaliação.

Conforme Vianna (2000), as avaliações qualitativas tiveram um maior prestígio a partir da década de 70, com Stake (1967), Parlett e Hamilton (1976), Eisner (1978) e Guba e Lincoln (1981), entre outros. Stake (1967) apresentou a primeira reação teórica significativa às avaliações quantitativas, no artigo “*The Countenance of Educational Evaluation*”, cujas ideias originam a avaliação responsiva e a metodologia de estudo de caso, representando uma grande contribuição sua para a avaliação qualitativa.

Stake, em artigo escrito em 1973: *Program Evaluation, Particularly Responsive Evaluation*, que citaremos por meio de uma reimpressão em Stufflebeam, Madaus e Kellaghan (2000), relata as características da avaliação que denomina *responsiva*.

Primeiramente, faz uma diferenciação entre avaliação preordenada e avaliação responsiva, o que o autor vê como mais importante para a avaliação educacional do que distinguir entre avaliação formativa e somativa. Avaliação responsiva, que Stake (2000) recomenda, faz alguns sacrifícios na precisão em medições, em prol de aumentar a utilidade dos resultados para as pessoas relacionadas ao programa. A avaliação preordenada enfatiza objetivos educacionais, uso de testes objetivos, estabelece padrões e faz relatórios do mesmo tipo das pesquisas. A abordagem responsiva confia menos na comunicação formal e mais na comunicação natural.

---

<sup>21</sup> Uma versão mais antiga desse artigo foi publicada em 1974, porém houve modificações na versão de 2000. Disponível no site: <<http://globalhivmeinfo.com/CapacityBuilding/Occasional%20Papers/03%20Meta-Evaluation.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2011.

A avaliação responsiva é uma alternativa antiga para avaliação, na visão de Stake (2000), pois repousa no que as pessoas fazem quando avaliam coisas: observam e reagem. Ela se orienta mais diretamente para as atividades do programa do que para as intenções, faz referências às perspectivas de valor de diferentes pessoas, não somente do especialista em avaliação, para relatar o sucesso ou fracasso do programa, e responde às necessidades de informação da audiência.

A maneira pela qual a avaliação responsiva deve ser realizada é por meio da coleta de dados efetuada a partir de observações acerca do programa. Para isso deve-se ter acesso a vários tipos de informação, como falar com o quadro de funcionários, identificar o alcance do programa, discutir propósitos, preocupações, enfim, o avaliador estará imerso no ambiente em que irá avaliar.

Nesse tipo de avaliação, preocupa-se também com a comunicação, que deve proporcionar uma experiência vicária<sup>22</sup> para aquele que a acessa. Deve ser diferente de um relatório de uma pesquisa convencional, para que o leitor possa entender o que é o programa. Assim, é preciso que se relatem as experiências numa linguagem acessível à audiência e se evitem simplificações generalizadas, expondo inclusive impressões holísticas, o humor e os mistérios da experiência do avaliador.

Fala que um dos problemas que podem ser referidos à avaliação responsiva é que ela é subjetiva, porém essa subjetividade pode ser reduzida pela repetição de observações e definições operacionais de termos ambíguos.

Stake (1982, p. 47) argumenta sobre a subjetividade necessária na avaliação e pesquisa educacional:

O julgamento subjetivo constitui parte central e essencial do ato avaliativo. Não apenas o programa (ou outra entidade qualquer) deve ser julgado em termos de suas excelências e deficiências: também seus resultados, seus custos, seus processos e outras propriedades devem ser submetidas a uma revisão valorativa.

Vianna (2000), em concordância com Stake, chama a atenção para a relação subjetividade x objetividade. Afirma que, se acreditarmos em significâncias estatísticas, medidas proporcionadas por instrumentos que achamos ser precisos, por que não acreditar também em uma análise subjetiva? “A dedução não invalida a indução; o empírico objetivo não exclui o subjetivo. (VIANNA 2000, p.148)”

---

<sup>22</sup> Segundo Houaiss (2007), “que substitui outra coisa ou pessoa; que substitui outro.”

Outra contribuição importante de Stake é em relação ao estudo de caso. Segundo Vianna (2000), Stake fala sobre a metodologia de estudo de caso e diz que tanto pode ser um estudo quantitativo quanto qualitativo, definido, sim, como uma forma de pesquisa com interesses em casos individuais. Um estudo de caso deve ser de natureza holística<sup>23</sup>. Deve-se observar reflexiva e interpretativamente para identificar o significado de uma variável. O avaliador deve ser atuante e envolver-se nas observações. O estudo de caso não se dedica a fazer generalizações, mas sim a compreender o universo avaliado.

Não trataremos aqui do modelo de Guba e Lincoln, mas faremos algumas observações, já que, de acordo com Vianna (2000), incorporam a avaliação responsiva na avaliação naturalista e afirmam que “ao adotar uma abordagem naturalista o avaliador analisa uma determinada atividade in loco, sem manipulações ou controle.” (VIANNA, 2000, p.152).

Usando entrevistas, observações, referências não verbais, documentos, registros e medidas não - obstaculizantes (*unobstrutives*), anotações de campo e registro das fontes, o avaliador, empregando a descrição como uma técnica de registro (Guba e Lincoln, 1981), faz o levantamento das informações para, numa fase posterior, apresentar a descrição final da globalidade dos dados coletados. (VIANNA, 2000, p.153)

“A questão da subjetividade como argumento contrário a esse tipo de abordagem ficou definitivamente esclarecido por Guba e Lincoln (1981), sendo uma restrição – a subjetividade – igualmente aplicável à abordagem que tem uma orientação objetivista” (VIANNA, 2000, p.154).

## ***2.2 Contribuições Inglesas***

A avaliação na Inglaterra, assim como nos Estados Unidos, inicialmente era ligada a métodos estatísticos e à coleta de algumas informações (*surveys*), contribuindo para o desenvolvimento da psicometria, principalmente através dos trabalhos de R. Galton, K. Pearson, C. Spearman e C. Burt, com a construção de instrumentos de medidas psicológicas e de rendimento escolar (VIANNA, 2005). Assim, surgiram várias reações a esses métodos, que se baseavam em diferenças individuais e ditavam que a distribuição do desempenho dos estudantes deveria ser a “distribuição normal”.

---

<sup>23</sup> Relativo a holismo; que busca um entendimento integral dos fenômenos. (HOUAISS, 2007).

Citaremos uma abordagem de avaliação proposta na Inglaterra, na década de 70, a *avaliação iluminativa*, como uma alternativa a essas técnicas psicométricas citadas, às avaliações quantitativas e com críticas ao modelo de Tyler, o qual faz parte dos modelos tradicionais de avaliação, citados por Parlett e Hamilton.

Na década de 80, no governo de Margareth Thatcher, houve uma reforma educativa, que culminou com o *Education Reform Act 1988*. Segundo Afonso (2005), tal reforma, entre outros aspectos, adotava um currículo nacional para todos os alunos em idade de frequentar a escola obrigatoriamente, ou seja, dos cinco aos 16 anos. Além disso, implementava um novo sistema de exames nacionais: um deles com critérios de avaliação fixados de maneira centralizada, para alunos de 7, 11, 14 e 16 anos, com o objetivo de informar os pais sobre a qualidade da educação e também para realizar o controle dessa qualidade, mostrando-nos a preocupação com *accountability*; e o outro exame é uma única prova aplicada ao final da escolaridade obrigatória (16 anos de idade, aproximadamente), que permite o acesso ao certificado geral de educação secundária, necessário à continuação dos estudos.

Em 1972 Parlett e Hamilton (1982) propuseram a *avaliação iluminativa* para estudar inovações em programas educacionais. Falam que a avaliação, como área de conhecimento, está em desenvolvimento, mas que não tem o apoio de quadros referenciais coerentes e amplamente aceitos.

Distinguem os métodos de avaliação existentes em dois paradigmas, em termos gerais: o clássico ou agro-botânico, “que utiliza metodologia hipotético-dedutiva, calcada na tradição psicológica experimentalista e psicométrica” (PARLETT; HAMILTON, 1982, p.38); e o paradigma sócio-antropológico, vinculado à observação participante, no qual se insere a proposta de avaliação iluminativa.

Os autores criticam a avaliação tradicional, o paradigma agro-botânico, que verifica a eficiência de uma inovação examinando se ela atende a padrões ou critérios definidos previamente. Para isso, os alunos são pré-testados, depois submetidos a diferentes experiências e, então, novamente testados.

Afirmam que pesquisas do tipo “antes - depois” pressupõem que os programas sofrem pouca ou nenhuma mudança durante o período de investigação, o que não é verdade na prática. Por exemplo, não se poderiam mudar alunos de classe, pois prejudicaria a comparação de desempenho interclasses.



“Esse tipo de pesquisa, conduzida sobre grandes amostras e buscando generalizações estatísticas, não leva em conta as ‘perturbações’ locais e os efeitos incomuns.” (PARLLET; HAMILTON, 1982, p.39)

Conforme os autores, a avaliação iluminativa considera os contextos mais amplos em que funcionam os programas educacionais. Preocupa-se em descrever e interpretar, ao invés de medir e predizer.

A avaliação iluminativa visa a descobrir e documentar em que consiste a participação na experiência inovadora tanto do ponto de vista do professor, quanto do aluno; propõe-se também a tarefa de discriminar e discutir as características mais importantes da inovação, os fenômenos concomitantes e os processos críticos. (PARLETT; HAMILTON, 1982, p.40)

Parlett e Hamilton (1982) afirmam que os manuais, prospectos e relatórios educacionais definem os sistemas educacionais de maneira ordenada e num plano coerente. Porém, deve se levar em conta, em avaliação, que esses manuais assumem diferentes formas numa situação concreta, com objetivos sendo reordenados, excluídos ou esquecidos. “A formulação original, ‘ideal’, deixa não apenas de ser precisa, como também de ter muita importância” (PARLETT; HAMILTON, 1982, p.40). Dizem da complexidade dos meios de aprendizagem, ou seja, do contexto sócio-psicológico e material em que professores e alunos trabalham. E essa complexidade tem que ser considerada num estudo de programas educacionais.

A avaliação iluminativa não é um pacote metodológico, e sim uma estratégia de pesquisa. Inicialmente o pesquisador deve se familiarizar com a realidade cotidiana da situação que estuda, sem controlar ou manipular variáveis.

Distinguem três etapas da avaliação iluminativa: “os pesquisadores observam, questionam depois e, finalmente, procuram explicar.” (PARLETT; HAMILTON, 1982, p.42). Os dados são coletados a partir da observação, entrevistas, questionários e testes, e documentos em geral. Admitem haver críticas quanto à subjetividade do método, porém argumentam que, mesmo nos métodos ditos objetivos, há necessidade de julgamentos. Para minimizar o problema da subjetividade excessiva, propõem a triangulação de dados. Quanto às generalizações possibilitadas por esse método, argumentam que, muitas vezes, nas instituições escolares, existem problemas semelhantes. Assim, é importante classificar esses problemas e situações de maneira

precisa, extraindo resumos abstratos do concreto, o que a maioria das pesquisas educacionais da época não fazem.

Barry MacDonald, em 1977, sugeriu as classificações políticas de avaliação, podendo ela ser: burocrática, atendendo assim a objetivo de controlar verbas governamentais; autocrática, para análise de políticas governamentais; e a democrática. Essa última seria realizada “para atender a necessidades de informação e análise de uma dada comunidade sobre um programa educacional. O valor que orienta este tipo de avaliação é a cidadania consciente”. Ela requer uma metodologia que permita o acesso a informações “de diferentes grupos sociais, favorecendo assim a negociação entre eles e a tomada de decisões coletiva” (SOUSA, 1998, p.164).

Segundo Simons (1993, p. 159), MacDonald, quando definiu a avaliação democrática, se referia ao papel do avaliador na redistribuição do poder, devendo este agir como “agente na troca de informações entre os ‘poderosos’ e os ‘fracos’”. Nesse sentido deveria adotar métodos de produção e de apresentação de resultados facilitadores de uma ampla compreensão e divulgação. Conforme a mesma autora, esse conceito deriva do discurso da democracia liberal, que define diversos processos niveladores de poder, rompendo com as organizações habituais.

Assim, a avaliação democrática tem como principal objetivo encontrar um equilíbrio entre o direito das pessoas à informação e o direito do indivíduo à privacidade ao conduzir e divulgar uma avaliação. Os processos fundamentais dessa avaliação seriam: a confiabilidade, a negociação e a acessibilidade. É claro que esses processos não conseguem alterar relações de poder, porém podem dar tratamento “igual aos indivíduos e às ideias, estabelecer um fluxo de informação que seja independente de interesses hierárquicos e assegurar que nenhum grupo ou indivíduo tenha poder de veto.” (SIMONS, 1993, p. 159).

### ***2.3 Contribuições Brasileiras***

No Brasil, historicamente, não houve a preocupação em se formarem avaliadores profissionalmente, fazendo com que poucos se dedicassem a essa área de maneira profissional. Com isso, a produção teórica brasileira apresenta-se empobrecida até o momento em que houve a implantação de políticas educacionais em nível federal e em alguns Estados, conforme nos mostra Gatti (2002).

Segundo Vianna (2005), o pioneiro em avaliação educacional no Brasil foi Isaías Alves, em 1930, que realizou um trabalho psicométrico na Bahia: *Os testes e a organização escolar*<sup>24</sup>. Porém, essa é uma obra historicamente isolada.

Para Saul (1994), a avaliação no Brasil se amplia além da avaliação de aprendizagem do aluno para outros tipos de avaliações educacionais, como a avaliação de currículo e programas, com aproximadamente duas décadas de defasagem em relação aos Estados Unidos. Já vimos que nesse país a avaliação começou a ser vista por perspectivas diferenciadas a partir do final da década de 50. A autora diz que essa influência norte-americana sentida em nosso país não se deve ao acaso, e sim a dois fatores principais: o Brasil realiza empréstimos financeiros dos Estados Unidos e, contratualmente, deve aplicar uma parcela na educação, com recomendações de como esses recursos serão empregados<sup>25</sup>; e, além disso, nessa época houve grande trânsito de professores brasileiros que fizeram doutorado e mestrado nos Estados Unidos, trazendo influências desse país.

Assim, a avaliação educacional no Brasil, além daquela realizada em sala de aula, começou a partir da década de 60. Iniciou-se de modo esparso e pontual e ampliou-se, a partir da década de 70, com alguns modelos teóricos sob influência dos modelos internacionais aqui tratados. Entre os principais autores brasileiros, que apresentam modelos de avaliação e que recorrentemente são referidos nos trabalhos de avaliação, no Brasil, encontram-se Cipriano C. Luckesi, Ana Maria Saul, Heraldo Marelim Vianna, Luís Carlos de Freitas, José Francisco Soares e Jussara Hoffmann<sup>26</sup>.

A discussão feita por Luckesi (1996), em um texto apresentado pela primeira vez em 1984, coloca o processo de avaliação educacional escolar em um contexto maior, referindo-se a um modelo teórico de mundo e de educação que são traduzidos em práticas pedagógicas. Nesse sentido, o autor defende que o papel da avaliação está sujeito ao modelo adotado.

O autor compara como é o processo de avaliação em dois modelos: *social liberal conservador*, modelo predominante, que pressupõe a educação como um mecanismo de conservação e reprodução da sociedade, e o modelo inspirado nas ideias de Paulo

---

<sup>24</sup> Bahia: A Nova Graphica, 1930. Prefácio de Anísio Teixeira.

<sup>25</sup> Tema tratado com maiores detalhes no item “Recomendações de organismos internacionais”.

<sup>26</sup> Apesar de o pesquisador José Dias Sobrinho ser bastante referenciado por seus trabalhos em avaliação educacional, não destacamos aqui seus trabalhos, por serem prioritariamente destinados à educação superior.

Freire, que traz o conceito de *Pedagogia Libertadora*, segundo o qual a escola é vista como um instrumento de conscientização e organização política dos educandos.

No primeiro modelo a avaliação tem que ser autoritária, um instrumento disciplinador, não só das condutas cognitivas, mas também das sociais, uma vez que este modelo pressupõe a conservação da sociedade como ela está. No segundo modelo, a avaliação é “um mecanismo de diagnóstico da situação, tendo em vista o avanço e o crescimento e não a estagnação disciplinadora” (LUCKESI, 1996, p. 32).

Essa discussão, o autor, define avaliação como “juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão” (LUCKESI, 1996, p. 69). E, para que o ato de avaliar cumpra o seu papel, é necessário que as três variáveis envolvidas, juízo de qualidade, dados relevantes e tomada de decisão, estejam juntas.

Juízo de qualidade é uma afirmação que expressa a qualidade do objeto que está sendo ajuizado em comparação com um determinado padrão ideal de julgamento. No processo de avaliação educacional, o objeto do juízo é a conduta dos alunos, e o padrão utilizado é a expectativa do professor. Contudo, a qualidade de um objeto não pode ser atribuída somente por decisão de quem julga, por isso a segunda variável precisa estar em consonância, ou seja, deve haver caracteres que delimitam a qualidade efetivamente esperada do objeto, os dados relevantes da realidade. E produzir juízo de qualidade implica em tomada de posição, em estar a favor ou contra aquilo que foi julgado. “Se não se tomar uma decisão sobre o que é julgado, o ato de avaliar não completou seu ciclo constitutivo” (LUCKESI, 1996, p. 71).

No modelo liberal conservador, a função do ato de avaliar é a classificação. O julgamento de qualidade passa a ter a função estática de classificar um objeto ou ser humano, em um padrão determinado, diferenciando-se da função determinada pelo segundo modelo que é a de diagnóstico, na qual o julgamento de qualidade possibilita uma nova tomada de decisão sobre o objeto avaliado. Luckesi afirma que “o ato de avaliar não serve como pausa para pensar a prática e retornar a ela; mas sim como um meio de julgar a prática e torná-la estratificada” (LUCKESI, 1996, p. 34). Nesse sentido a função classificatória não contribui para o avanço e crescimento educacional, já que somente com uma função diagnóstica a avaliação poderia ter essa finalidade.

Como o autor defende que a função classificatória é a vigente na época, uma mudança de função implica uma mudança de papel da avaliação. Como o ato de avaliar, na perspectiva classificatória, assume o papel de disciplinador, o professor utiliza-se do poder de classificação para enquadrar os alunos no âmbito da normatividade

socialmente estabelecida, fazendo com que os dados relevantes se tornem irrelevantes, e o julgamento de qualidade dependa do estado de humor do professor. Nas palavras de Luckesi (1996, p. 37), “os dados relevantes, que sustentariam a objetivação do juízo de qualidade, na avaliação, são substituídos pelo autoritarismo do professor e do sistema social vigente por dados que permitem o exercício do poder disciplinador”.

Já no segundo modelo, em que a função do ato de avaliar é o diagnóstico, a avaliação assume o papel de “ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos. Enfim, terá de ser o instrumento do reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos” (LUCKESI, 1984. p. 43), que é para esse autor o seu verdadeiro papel.

Saul propôs uma abordagem qualitativa para avaliação, que chamou de *avaliação emancipatória*, em sua tese de doutorado defendida em 1985. Ela pensa num modelo de avaliação para cursos de pós-graduação, mas que pode ser estendido a outros níveis da educação.

Em um livro que expõe a avaliação emancipatória, Saul (2006) situa os modelos de avaliação, tanto de currículo como de aprendizagem em modalidades quantitativas e qualitativas.

O modelo de avaliação quantitativa considera a educação como um processo tecnicista. Assume a nítida diferença entre fatos e valores, a determinação de fins e objetivos da educação e a neutralidade ética da intervenção tecnológica. A avaliação quantitativa tem, como preocupação única, a comprovação do grau em que os objetivos previamente estabelecidos foram alcançados. (SAUL, 2006, p.44)

Para Saul (2006), os dados nessa abordagem têm utilidade especificada para um destinatário determinado. Normalmente os relatórios são destinados à autoridade responsável pelas decisões de planejamento. Este tipo de avaliação, externa ao processo de ensino, frequentemente desconsidera os interesses e necessidades informativas dos participantes de um programa educacional. “O modelo tecnológico conduz facilmente a uma atividade avaliativa de caráter burocrático” (SAUL, 2006, p. 44).

Essa autora inspirou-se em três vertentes teórico-metodológicas:

- a) Avaliação democrática – descrita Macdonald (1977) caracteriza-se por ser um serviço informativo para a comunidade sobre as características de um programa educacional.

- b) A crítica institucional e criação coletiva – baseada em Michel Segquier, 1976, *Critique Institutionnelle et Créativité Collective*. É caracterizada como um “processo de investigação de uma dada realidade que visa à aplicação de métodos de conscientização aos mais variados tipos de organização.” (SAUL, 2006, p.53). A conscientização<sup>27</sup> é baseada em Paulo Freire. Nessa etapa três perguntas básicas devem ser respondidas pelos educadores: “1. Que tipo de homem se quer formar e com que meios? 2. Que tipo de sociedade se deseja? 3. O que a instituição educacional pode e deve fazer, considerando a realidade em que está inserida?”(SAUL, 2006, p.58)

Realiza-se em três momentos:

- Expressão e descrição da realidade – de acordo com o modo pelo qual um grupo específico consegue apreendê-la.
  - Crítica ao material exposto – recuo crítico do grupo para criticar sua própria ação.
  - Criação coletiva – “Este momento prevê o delineamento de alterações necessárias no curso da ação em uma organização. Tais alterações são divisadas pelo próprio grupo, que compartilha coerentemente dos novos programas de ação.” (SAUL, 2006, p.57).
- c) Pesquisa participante (BORDA, 1981) - baseada em autenticidade e compromisso do pesquisador, antidogmatismo (não aplicar rigidamente à pesquisa ideias preestabelecidas ou princípios ideológicos), restituição sistemática (retorno de informações ao grupo de base), *feedback* aos intelectuais engajados, ritmo e equilíbrio de ação-reflexão, ciência modesta e técnicas dialogais.

Assim, o paradigma da avaliação emancipatória caracteriza-se

como um processo de descrição, análise e crítica de uma dada realidade, visando transformá-la. [...] Ela está situada numa vertente político – pedagógica cujo interesse primordial é emancipador, ou seja, libertador, visando provocar a crítica, de modo a libertar o sujeito de condicionamentos deterministas. O compromisso principal desta avaliação é o de fazer com que as pessoas direta ou indiretamente envolvidas em uma ação educacional escrevam a sua “própria

---

<sup>27</sup> Compreendida como processo de efetivação de crítica das relações consciência-mundo, sendo condição para o comprometimento humano no contexto histórico-cultural. A conscientização deve ser finalidade da educação, sendo ela uma tarefa histórica de resistência crítica ao contexto neoliberal. (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008).

história” e gerem suas próprias alternativas de ação. (SAUL, 2006, p.61)

Três momentos, que por vezes se interpenetram, caracterizam essa avaliação: a descrição da realidade (o programa educacional em foco); a crítica da realidade; e a criação coletiva. Esses procedimentos se localizam entre aqueles da abordagem qualitativa, que se caracterizam “por métodos dialógicos e participantes: entrevistas, debates, análise de depoimentos, observação participante e análise documental” (SAUL, 2006, p.63). Não são desprezados dados quantitativos. Na avaliação emancipatória destaca-se a participação de todos os atores do programa a ser avaliado.

Heraldo Marelim Vianna (2005), num artigo publicado pela primeira vez em 1990, propôs um modelo para medida da qualidade em educação. Expõe o problema em se definir qualidade na educação, ao indagar “como conceituar qualidade na educação? Será possível uma definição operacional de qualidade em educação a fim de mensurá-la com adequação?” (VIANNA, 2005, p.189). Acredita que esses pontos precisam ser discutidos com a comunidade educacional e com a sociedade.

No entanto, argumenta que a medida da qualidade em educação não pode ficar restrita ao rendimento escolar, é necessário que se atente para outras variáveis, como: o cotidiano das crianças na escola; o que os professores procuram transmitir aos seus alunos; o que os livros didáticos apresentam; fatores que refletem expectativas culturais e educacionais da sociedade; valores e objetivos sociais e econômicos.

Afirma que “a avaliação da qualidade em educação deve, necessariamente, partir de uma avaliação do contexto, envolvendo as características da população, os seus valores culturais, os investimentos financeiros em educação e a organização das escolas.” (VIANNA, 2005, p.190). Considera, ainda, necessário que se investiguem aspectos externos à escola, como *status* socioeconômico e o nível de educação dos pais. Assim, para ele, deve-se analisar a ação da escola em termos de entrada, processo e produto, o que nos remete ao modelo CIPP de Stufflebeam, já apresentado. Devem ser estudadas como entrada: o “tipo e organização da escola”; *processo* seriam as práticas do dia a dia, principalmente instrucionais; e o produto seria o desempenho escolar e a formação de atitudes associadas ao processo educacional. Afirma que os testes devem ser feitos de acordo com o que se deseja medir, e que não encontraremos um teste que seja válido em termos gerais.

Jussara Hoffmann, em 1991, propôs um modelo de avaliação que denomina *avaliação mediadora*, o qual citaremos por meio da 41ª edição de seu livro, em 2009.

Essa autora afirma que, por meio de contato com professores, percebeu que o “fenômeno avaliação” foi, naquela época, um fenômeno indefinido, sendo atribuídos diferentes significados ao termo, principalmente aos elementos constituintes da prática avaliativa tradicional, como: prova, nota, conceito, boletim, recuperação, reprovação. Tal fato decorreu da concepção de avaliação advinda da trajetória de alunos e educadores como sendo um julgamento de valor dos resultados alcançados.

Hoffmann (2009) afirma que a avaliação e o ensino são vistos como dois momentos distintos, porém argumenta que o ato de avaliar e o ato de educar são indissociáveis. Pondera que, numa perspectiva de mudança das práticas avaliativas, “a avaliação deixa de ser um momento terminal (como é concebida na época) para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento” (HOFFMANN, 2009, p.19).

Suas investigações teóricas se dão em duas vertentes: “em primeiro lugar, na análise dos princípios inerentes a uma proposta construtivista da educação (a partir da teoria psicogenética de Jean Piaget), coerente com uma pedagogia libertadora, conscientizadora das diferenças sociais e culturais” (HOFFMANN, 2009, p. 21); e a segunda direção de suas pesquisas vai ao sentido da contribuição para os testes referenciados a critério, em contraposição aos referenciados à norma.

Conforme Gronlund (1979), as medidas referenciadas à norma são compostas por testes que indicam o desempenho na avaliação em termos de posição relativa de um estudante em um grupo. Dessa maneira, o escore é emitido em comparação a outros alunos, não mostrando especificamente o que o aluno alcançou. Quando é usado um padrão de critério segundo o qual se descreve o desempenho do estudante, por exemplo, as escalas de habilidades, temos um teste referenciado a critério<sup>28</sup>.

As medidas referenciadas a critério podem desempenhar um papel significativo no acompanhamento do processo de construção do conhecimento. Referem-se à necessária especificação, descrição, interpretação dos erros evidenciados num teste de aproveitamento. Essa interpretação, o que é importante, não é feita comparativamente. Ou seja, com base na posição relativa dos elementos do grupo, como é a orientação das medidas tradicionais (referenciadas às normas), mas,

---

<sup>28</sup> “Os testes referenciados a norma são construídos visando à coleta de informações sobre diferenças entre indivíduos; assim, procuram obter o máximo de discriminação. Os construtores de testes, portanto, esperam que os escores apresentem a maior variabilidade possível. O conceito de variabilidade dos indivíduos é, assim, pressuposto básico nessas medidas, o que está coerente com o seu principal objetivo: discriminar para estabelecer a posição relativa de cada indivíduo no seu grupo. A abordagem é diferente nos testes referenciados a critério: os itens devem representar comportamentos definidos pelo critério. A facilidade ou dificuldade do item não é requisito básico para o seu julgamento.” (VIANNA, 1998, p. 157)



sim, com referência ao status do aluno em relação a determinados pontos referenciais (critérios) estabelecidos como indicadores de aprendizagem (HOFFMANN, 2009, p. 22).

A autora afirma que o professor cumpre a exigência de a escola avaliar sem se dar conta de que a ação de avaliar está presente na sua ação educativa, e que o equívoco está nas exigências burocráticas da escola e do sistema. Assim, Hoffmann (2009, p. 24) argumenta que uma mudança do modo de avaliar numa perspectiva construtivista e libertadora exige “uma ação consensual nas escolas e universidades no sentido de revisão do significado político das exigências burocráticas dos sistemas municipais, estaduais e federal de educação.”

Quanto à avaliação mediadora, envolve processos educativos, que se desenvolvem a partir da análise das hipóteses formuladas pelo educando, de suas ações e manifestações e visa ao entendimento. Assim, esses processos mediadores têm o objetivo de “orientar os alunos à produção de um saber qualitativamente superior, pelo aprofundamento às questões propostas, pela oportunização de novas vivências, leituras ou quaisquer procedimentos enriquecedores ao tema em estudo” (HOFFMANN, 2009, p.61).

Como linhas norteadoras da avaliação mediadora, Hoffmann (2009, p. 68) aponta:

- Mudança dos métodos de correção tradicionais, de verificação de erros e acertos, “em métodos investigativos, de interpretação das alternativas de solução propostas pelos alunos às diferentes situações de aprendizagem”.
- Privilégio a tarefas intermediárias, descaracterizadas de funções de registro periódico exposto como notas, seguindo as orientações de caráter burocrático.
- Acompanhamento do processo de construção do conhecimento do estudante segundo uma postura que privilegie o entendimento e não a memorização.

Hoffmann contrapõe a abordagem da avaliação mediadora/libertadora à avaliação numa visão liberal. Essa última aponta as seguintes características: ação individual e competitiva, concepção classificatória, intenção de reprodução das classes sociais, postura disciplinadora e diretiva do professor, privilégio à memorização, exigência burocrática periódica. A avaliação segundo uma visão libertadora/mediadora se caracteriza por se apresentar como: ação coletiva e consensual, concepção

investigativa e reflexiva; proponente de conscientização das desigualdades sociais e culturais; postura cooperativa entre os educadores e todos os envolvidos na ação educativa; privilégio à aprendizagem significativa; consciência crítica e responsável de todos sobre o cotidiano.

Luis Carlos de Freitas (2009) trata dos aspectos para além da técnica dos processos avaliativos, guiado por uma concepção de avaliação emancipatória. Afirma que a avaliação tem de interagir nos seus três níveis: avaliação em larga escala em redes de ensino, avaliação institucional (feita em cada escola, pelo seu coletivo) e a avaliação da aprendizagem em sala de aula (feita pelo professor).

Quanto à avaliação de aprendizagem em sala de aula, Freitas (2003) expõe sobre a lógica da escola, da avaliação, dos ciclos e das políticas públicas, afirmando que a lógica da avaliação é produto da lógica da escola. Como a escola separou-se da vida, da prática social, tornou-se necessário avaliar artificialmente na escola aquilo que não se podia mais praticar. “Aprender para ‘mostrar conhecimento ao professor’ tomou o lugar do ‘aprender para intervir na realidade’” (FREITAS, 2003, p. 40).

Entende que o fenômeno da avaliação em sala de aula tem pelo menos três componentes: o instrucional, pelo qual se avalia o domínio de habilidades e conteúdos; o comportamental, em que se avalia o comportamento do aluno em sala de aula, que permite o controle do professor sobre a classe, já que ele pode reprovar ou aprovar o aluno com a avaliação da instrução; e a avaliação de valores e atitudes, que ocorre todos os dias na sala de aula. Afirma, ainda, que da progressão continuada e dos ciclos se retirou a avaliação instrucional como poder de aprovar ou reprovar, e não se colocou nada no lugar, nem uma preparação do aluno e professor para a nova situação.

Na avaliação de comportamento e de valores, conforme Freitas (2009), articulada com a instrucional, é que se cria o campo para estabelecer relações de submissão ao professor e à ordem. Argumenta que a avaliação ocorre em dois planos: o formal, com procedimentos e técnicas de avaliação palpáveis, e o informal, com os juízos de valor invisíveis, que acabam interferindo na avaliação formal. Afirma que, mesmo que se retire a avaliação formal, a avaliação informal continua fazendo o processo de exclusão dos alunos. Assim, esse fato deve ser uma preocupação na implantação de sistemas de ciclos ou progressão continuada, já que as estratégias metodológicas de aprendizagem usadas pelos professores dependem desse juízo de valor efetuado, influenciando diretamente na autoestima do aluno.

Afirma que um equívoco comum é ver a avaliação formal no final do processo pedagógico. O planejamento didático “começa com definição dos objetivos de ensino, passa pela definição dos conteúdos e métodos, pela execução do planejado e finalmente pela avaliação do estudante” (FREITAS, 2009, p. 14). Assim, a avaliação age como reguladora de quais estudantes terão acesso a quais conteúdos no futuro.

Outra forma de ver o processo pedagógico é dinâmica e se organiza em dois grandes eixos interligados: objetivo/avaliação e conteúdos/métodos. Assim, a avaliação está junto com os objetivos e não no final do processo. “Na verdade, os objetivos e a avaliação orientam todo o processo que segue” (FREITAS, 2009, p. 15).

Freitas (2009, p. 20) nos alerta que não há sentido em falarmos em uma avaliação “transformadora, contínua, comprometida com o desenvolvimento do aluno”, se não estivermos atentos à função e aos objetivos da escola na sociedade. Destaca que a escola adquire funções da sociedade na qual está inserida (exclusão, submissão, por exemplo) e “encarrega os procedimentos de avaliação, em sentido amplo, de garantir o controle da consecução de tais funções – mesmo sob o rótulo de contínua e processual” (FREITAS, 2009, p. 18).

Assim, para mudar esse quadro, sugere que se deva dar conta de como ocorre o processo de avaliação e de suas relações com a organização do trabalho pedagógico e tente “desconstruir, na prática, o uso da avaliação como elemento de legitimação da exclusão social” (FREITAS, 2009, p. 31).

Quanto à avaliação institucional, Freitas (2009, p. 35) relata que é uma avaliação interna da escola, “um processo que envolve todos seus atores, com vistas a negociar patamares adequados de aprimoramento, a partir dos problemas concretos evidenciados por ela.”

Argumenta que as políticas públicas têm se preocupado mais com a figura do professor do que com o conjunto dos atores da escola. Diz que não basta o professor se tornar reflexivo para ter melhoria na qualidade de ensino, pois há outros fatores que a impedem, assim como a escola tem outros atores e profissionais. Defende, então, que o conjunto da escola deve ser reflexivo, incluindo os pais dos alunos. Fala que a avaliação institucional pode ser uma mediadora entre avaliações externas e a avaliação do professor em sala de aula.

Quanto à avaliação de sistemas, no Brasil, ela é predominantemente praticada na esfera da federação e na dos Estados. Freitas (2009) argumenta que se criou a ilusão de que avaliações de larga escala possam avaliar também a escola e os professores, os

outros dois níveis de avaliação vistos anteriormente, além do objetivo de acompanhar redes globalmente estabelecidas para traçar séries históricas de desempenho dos sistemas, que permitam verificar tendências ao longo do tempo, com a finalidade de reorientar políticas públicas.

Argumenta que não se pode descartar esse tipo de avaliação, porém discorda da maneira como alguns governos querem conduzir os processos avaliativos. Segundo Freitas (2003, p. 35), “a escola é um pouco mais complexa do que um conjunto de variáveis a serem manipuladas, e os valores dessas variáveis são de difícil estabilização e transferência para outras situações.” Assim, não bastam dados centralizados sobre o desempenho do aluno ou professor, é necessário que esses dados sejam reconhecidos como pertencentes à escola. Medir propicia um dado, mas medir não é avaliar. Avaliar é pensar sobre o dado com vistas no futuro.

Também vê problemas em situações em que a avaliação não é construída com legitimidade política. Para ele, a avaliação deveria ser feita na esfera municipal.

Cita elementos importantes da avaliação de redes:

- Constituição de um Conselho gestor da avaliação da rede, composto por representante dos vários segmentos, tanto da administração pública como dos profissionais da escola, incluindo pais de alunos.
- Delegação, pelo Conselho, a uma equipe técnica para elaborar uma matriz de referência, preferencialmente de forma conjunta com a rede avaliada.
- Desenvolvimento de itens com a participação de professores e especialistas da rede.
- Elaboração de escalas de desenvolvimento dos alunos para mapear a turma de um professor, usando-se a Teoria da Resposta ao Item.

Esse conselho também pode, paralelamente à avaliação, reunir dados sobre o sistema. Isso é muito trabalhoso e custoso, portanto deve ser construído aos poucos. Tais dados permitem encontrar as ligações entre o desempenho e fatores associados. A rede deve comunicar-se com a comunidade da escola.

Relata que, no Brasil, temos dois tipos de políticas públicas, principalmente: as neoliberais, que centralizam o pensar na administração e as democráticas e participativas, que tendem a envolver as “pontas”. Destaca que “não se deve pedir à avaliação de sistemas que faça o papel dos outros níveis de avaliação” (FREITAS, 2009, p.66).

Soares (2007, p. 135) propõe um modelo de melhoria do desempenho cognitivo dos alunos que “relaciona fatores intra e extraescolares a uma medida desse desempenho”. O autor afirma que a educação tem objetivos que estão além da escola, o que pode ser constatado inclusive na Constituição Federal, em que é determinado que a educação é dever do Estado e da família. Porém, relata que a instituição escolar tem como objetivo específico “*instruir, mas também educar; ou educar através da instrução*” (SOARES, 2007, p. 136).

Relata que os dados mais elementares sobre o sistema escolar são o acesso e o fluxo de alunos, obtidos pelo Censo Escolar, Censo Demográfico e pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). Há também, segundo Soares (2007, p. 137), outros indicadores, como o tempo médio de conclusão do Ensino Fundamental, produzidos por “modelos de fluxo escolar desenvolvidos por Klein (2003) e Rios-Neto (2004)”.

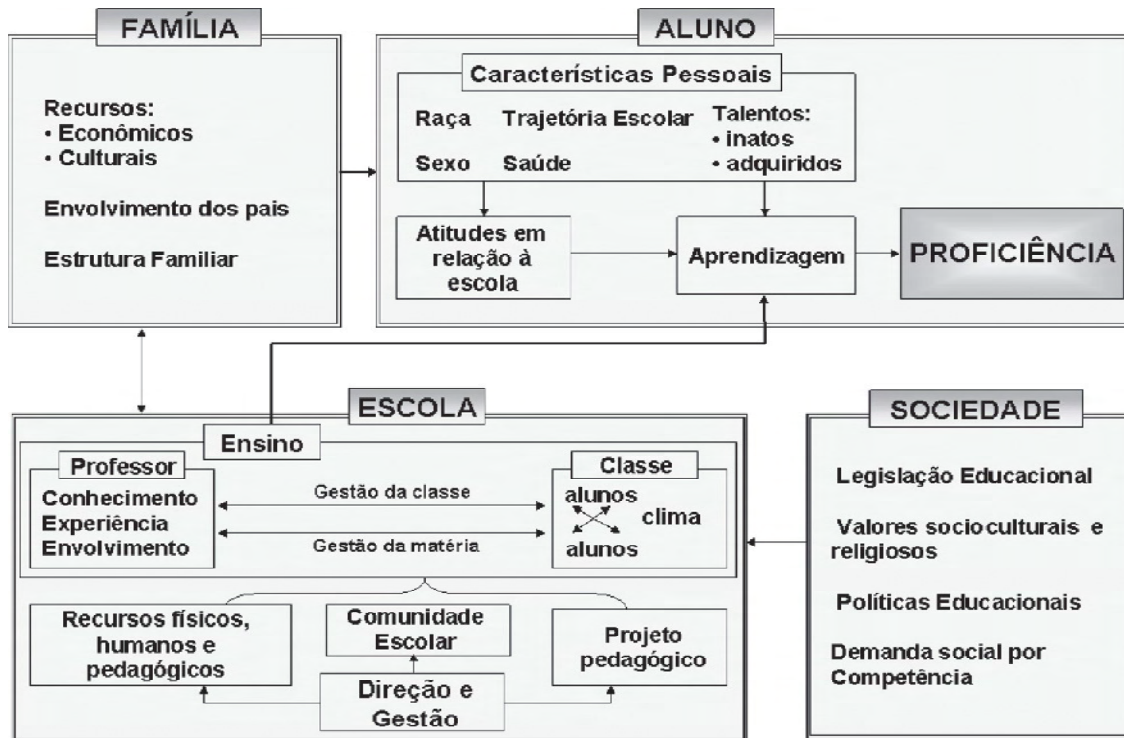
Soares (2007, p. 138) afirma que, aos poucos, vai se consolidando no Brasil a ideia de que “apenas através da medida dos resultados cognitivos é possível conhecer e analisar os níveis da aprendizagem de grande número de alunos e a qualidade do serviço prestado pelas escolas de um sistema”, sendo óbvio que esse tipo de avaliação não capta particularidades dos alunos, que devem ser avaliadas por seus professores. Portanto, trabalha com um modelo de verificação de direitos de aprendizagem dos alunos.

Quanto aos modelos existentes para apresentarem as relações entre os fatores explicativos do aprendizado com o resultado final, Soares afirma que pertencem a duas tradições acadêmicas distintas: uma associada aos economistas e a outra a educadores e sociólogos da educação. Os economistas se apoiam “quase que exclusivamente nos dados do Censo Demográfico e da PNAD e priorizam os fatores extraescolares, minimizando as oportunidades de melhoria por transformações nas políticas e práticas internas da escola” (SOARES, 2007, p. 139), minimizando assim o papel da escola e priorizando mudanças feitas extraescola. O autor afirma que há grande influência dos economistas na escolha das políticas públicas em diferentes esferas de governo. Afirma, ainda, que o papel da escola deve ser ressaltado quanto à possibilidade de essa instituição favorecer mudanças, para melhor, no aprendizado dos alunos, mesmo que não consiga influenciar na estrutura social dominante, ou seja, o efeito da escola é relevante e decisivo e deve ser levado em conta.

Assim, apresenta um modelo conceitual, mostrando relações entre os fatores explicativos do aprendizado com o desempenho cognitivo, fruto da “consolidação de

vários outros modelos existentes na literatura, principalmente os de Scheerens e Bosker (1997), Lee, Bryk, Smith (1993) e Gauthier (1997)” (SOARES, 2007, p. 141).

**Figura 1** – Modelo conceitual proposto por Soares.



Fonte: Soares (2007, p. 141)

Esse autor expõe que os fatores mais próximos do desempenho dos alunos são suas características inatas e determinadas por sua trajetória de vida. Além desses fatores, influenciam no desempenho escolar a escola, a sociedade e a família. Assim, para o entendimento do desempenho do aluno, é necessária uma abordagem multidisciplinar, incluindo elementos da psicologia, educação, economia, sociologia e ciência política.

Dessa forma, Soares (2007) apresenta uma elaboração sobre esses fatores e as oportunidades que apontam para a melhoria do desempenho dos alunos.

*Fatores ExtraEscolares:*

*Valores Sociais:* Destaca que mudanças sociais lentas acabam mudando o patamar de aprendizado de cada sociedade, aumentando a qualidade do ensino, já que a escola funciona melhor conforme há demanda pela sua competência.

*Políticas públicas:* Diz que por meio de mudanças na legislação educacional é possível impactar os resultados de desempenho, devendo, para isso, ter uma cuidadosa análise do impacto dessa legislação.

*Recursos:* considera mais razoável do que aumentar para 10% do PIB<sup>29</sup> investido em educação, fazer um aumento seletivo de recursos, por exemplo, no aumento de salário dos professores, e mudanças na forma de alocação, com contrapartida de melhoria de resultados em prazos acordados.

*Gestão dos Sistemas:* Advoga pela importância da autonomia da escola, devendo a administração pública apoiar as escolas na implantação de seus projetos e avaliando pelos “resultados obtidos se os direitos dos alunos por uma educação de qualidade estão sendo respeitados” (SOARES, 2007, p. 147). Afirma que não é isso que acontece atualmente, já que os governos se preocupam em efetuar controles burocráticos das escolas e supervisionar programas comuns a todo o sistema.

*Responsabilização:* Trata da *accountability*, ou seja, a correlação implícita na ideia de alocação de mais recursos, com a contrapartida de resultados obtidos. Assim, deve-se verificar se a escola mantém o aluno matriculado, mesmo com dificuldades, e também “a escola deve ser vista pelo que acrescenta aos alunos, e não pelo nível que eles atingem em um dado momento histórico” (SOARES, 2007, p. 149). Chama atenção para o fato de que é preciso estudar outras experiências, em outros países e mesmo no Brasil.

*Seleção:* “A melhor estratégia disponível para que um estabelecimento escolar melhore seus resultados cognitivos é selecionar os alunos” (SOARES, 2007, p. 149). A seleção pode ser feita pelo fator socioeconômico (escolas particulares) e cognitivo (escolas técnicas). Argumenta, porém, que a estratégia de seleção não tem grande contribuição em termos de política pública, mas que devem ser usados projetos em que há seleção para eventuais contribuições.

*Família e comunidade:* Mostra um modelo elaborado para a Nova Zelândia por Nechyba, McEwan e Older-Aguilar (2004), que descreve “mecanismos pelos quais a família e a comunidade na qual se insere estão associadas aos resultados escolares dos estudantes” (SOARES, 2007, p. 150), por exemplo, os hábitos de vida, o lugar onde mora, o grupo de amigos, criação familiar, relacionamentos dos pais com a escola, etc.

#### *Políticas Escolares:*

Afirma que o papel do estabelecimento escolar é mudar a trajetória de desempenho traçada pela sociedade para um dado aluno. Assim, fornece um estudo empírico do Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública (Simave), projeto de

---

<sup>29</sup> PIB- Produto Interno Bruto. Refere-se à soma de todos os bens e serviços produzidos numa determinada região, num determinado período de tempo.

avaliação do desempenho cognitivo dos alunos em Minas Gerais, que mostrou que, em escolas com o mesmo nível socioeconômico, havia variações grandes nos resultados de aprendizagem e concluiu que há espaço no ambiente escolar para a implantação de políticas públicas que melhorem o aprendizado, apesar das restrições sociais. Aponta dois fatores de atenção, quando se almeja a melhoria da qualidade de ensino:

*Gestão da Escola:* Relata que o modelo proposto admite que as escolas tenham uma rotina, o que nem sempre é realidade. Entre as funções da gestão está a de implantar uma rotina de funcionamento, distribuir os melhores professores para turmas mais vulneráveis, envolver as famílias, garantir bons materiais didáticos, não segregar as turmas. Diz que se precisa de estudos empíricos para verificar as características das escolas brasileiras eficazes.

*O Professor:* Afirma que qualquer mudança passa pelo professor, assim argumenta que tem de se melhorarem os salários, mas com contrapartida de maior comprometimento com o projeto pedagógico da escola e proporcionar melhor formação inicial.

Cita a importância de se realizarem estudos empíricos no Brasil, inclusive para verificar muito do que foi dito no texto. Soares (2007, p. 157) afirma que “qualquer ação para melhoria dos resultados escolares precisa ter um escopo claro e metas muito bem definidas, cujos resultados devem ser aferidos em uma métrica nacional, hoje representada por aquela utilizada no Saeb”.

## ***2.4 Compreendendo a avaliação e seus diferentes modelos***

Conforme já destacado, não há um modelo de avaliação único, que será bom para ser aplicado em qualquer situação. Devemos assim, quando pretendemos avaliar em educação, buscar um (ou mais de um) modelo que se mostre mais adequado aos nossos objetivos, tendo sempre em vista as limitações financeiras e metodológicas de que se dispõe.

Pela forte influência das pesquisas norte-americanas e inglesas na área de avaliação, no Brasil, buscamos apontar neste capítulo contribuições de destaque<sup>30</sup>, além de apresentarmos alguns modelos desenvolvidos nacionalmente.

Partindo das evidências de que as ideias de Fredrich Taylor eram uma força poderosa também no meio educacional, no início do século XX assistimos a uma busca

---

<sup>30</sup> A exposição aqui feita não é exaustiva, já que existem inúmeros modelos de avaliação que não foram relatados, devido à não relevância direta para este estudo.



por metodologias para medir a eficiência dos professores, currículos, programas educacionais, etc. usando diversos critérios. Assim, temos o desenvolvimento de instrumentos para medir características psicológicas, ou seja, da psicometria, com pesquisadores como Galton, Thorndike, Spearman, Binet, Simon, entre outros.

Nessa época, e ainda hoje, devemos nos atentar à confusão que se faz entre os significados de avaliação e medida. O conceito de avaliação é mais amplo que o de medida. Claro que uma avaliação pode incluir alguma espécie de medida, como o desempenho em disciplinas, taxas de aprovação, custos. Porém, o processo de avaliação é mais abrangente, envolvendo desde seu planejamento e execução até as ações posteriores às análises de resultados. Devemos, então, permanecer atentos ao que estamos realizando em um processo de avaliação, para não reduzi-lo a uma simples medida e esperar que a ação de medir se desdobre em ações como melhoria da qualidade de ensino.

Tendo em vista os modelos até agora mencionados, apresentaremos uma coleção de definições e conceitos dos praticantes de avaliação. Não discutiremos aqui as posições epistemológicas e ideológicas de cada autor, o que não exclui o fato de cada um desses modelos carregar consigo uma visão de mundo, o que pode ser objeto de outras pesquisas. Segue-se, portanto, um resumo de conceitos em avaliação educacional:

*Avaliação guiada por objetivos*, estes representando as mudanças de comportamento que a instituição deseja incorporar aos alunos. Elaborada por Ralph Tyler em 1949.

*Avaliação para tomada de decisão*. Proposta por Cronbach em 1963. A avaliação permite a “coleta e uso de informações para tomar decisões sobre um programa educacional” (CRONBACH, 2000, p. 235).

*Avaliação formativa e somativa*, sendo a primeira a avaliação feita enquanto o currículo está fluindo, a fim de que se possam implantar melhorias, e a última, a avaliação efetuada no final do processo, para se estabelecerem conclusões gerais. Propostas por Scriven em 1967.

*O Modelo CIPP para avaliação*, segundo o qual primeiro se identificam as decisões que se tem de tomar e na sequência delinear-se-iam as estratégias adequadas. A avaliação é direcionada para os *stakeholders*. A sigla CIPP significa Contexto, Entrada ou Insumo (*Input*), Processo e Produto. Proposta por Stufflebeam e outros em 1971.

*Goal-Free Evaluation*, que pretende avaliar o que o programa efetivamente fez, independentemente de objetivos pré-definidos. Proposta por Scriven, em 1973.

*Avaliação como julgamento de mérito e valor*, uma contribuição de Scriven, em 1967. Também faz parte da definição de avaliação do *Joint Comitee*, que define avaliação como sendo “a investigação sistemática do valor e do mérito de algum objeto” (RISTOFF, p. 24, 2003).

*Avaliação responsiva*, que se orienta mais diretamente para as atividades do programa do que para as intenções, faz referências às perspectivas de valor de diferentes pessoas, não somente do especialista em avaliação, para relatar o sucesso ou fracasso do programa, e responde às necessidades de informação da audiência. Proposta por Stake em 1973.

*Avaliação naturalista*, que, empregando a descrição como uma técnica de registro, faz o levantamento das informações para, numa fase posterior, apresentar a descrição final da globalidade dos dados coletados. Os dados são coletados *in loco*. Proposta por Guba e Lincoln, em 1981.

*Avaliação iluminativa*, que considera os contextos mais amplos em que funcionam os programas educacionais. Preocupa-se em descrever e interpretar, ao invés de medir e predizer, sendo baseada numa proposta de observação participante. Proposta por Parlett e Hamilton em 1972.

*Avaliação burocrática, autocrática ou democrática*, sendo essas funções políticas. A primeira tem objetivo de controlar verbas governamentais, a segunda objetiva a análise de políticas governamentais e a última pretende fornecer informações sobre um programa educacional, de acordo com as necessidades de uma dada comunidade. As duas primeiras são realizadas por agências governamentais. Propostas por Barry MacDonald em 1977.

*Avaliação como juízo de qualidade sobre dados relevantes, tendo em vista uma tomada de decisão*, definida por Luckesi na década de 80, em que juízo de qualidade é uma afirmação que expressa a qualidade do objeto que está sendo ajuizado em comparação com um determinado padrão ideal de julgamento.

*Avaliação emancipatória*, que se caracteriza por ser “um processo de descrição, análise e crítica de uma dada realidade, visando transformá-la.” (SAUL, 2006, p. 61). Nesse tipo de avaliação, destaca-se a participação de todos os atores do programa a ser avaliado. Proposta por Ana Maria Saul, em 1985.

*Avaliação mediadora*, que se apresenta como uma ação coletiva e consensual, assumindo uma concepção investigativa e reflexiva, propondo a conscientização das desigualdades sociais e culturais. Deseja promover uma postura cooperativa entre os educadores e todos os envolvidos na ação educativa, o privilégio à aprendizagem significativa e a consciência crítica e responsável de todos sobre o cotidiano. Refere-se à avaliação de aprendizagem em sala de aula. Proposta por Jussara Hoffmann, em 1991.

*Avaliação como verificação de direito à educação de qualidade*, conceito trabalhado por José Francisco Soares, referindo-se à avaliação externa. Ele afirma que o efeito da escola é relevante e decisivo e deve ser levado em conta. Dessa forma, a avaliação verifica se a escola está promovendo o aprendizado dos alunos, além de possibilitar que se encontrem escolas onde haja experiências de sucesso.

## **2.5 Modelos de Avaliação de Sistemas no Brasil**

As avaliações de sistemas no Brasil<sup>31</sup>, tanto no caso da avaliação em nível nacional, o Saeb, quanto no caso do Saesp, ocorrem com os objetivos de: monitoramento do sistema de ensino, *accountability*, mobilização da sociedade em direção aos processos educacionais, criação de uma cultura avaliativa e balizamento de políticas públicas para melhoria da qualidade da educação.

Dessa forma, podemos perceber a influência de diversas concepções destacadas nos modelos deste capítulo, como por exemplo, a de verificação de até que ponto certos objetivos foram alcançados, proposta por Tyler; a de avaliação como pilar para tomada de decisão, proposta em épocas e de formas diferentes por Cronbach e Stufflebeam; a de avaliação somativa, realizada ao final de um processo; a de avaliação como verificação de direito à aprendizagem de qualidade, discutida por José Francisco Soares.

Tais avaliações trabalham com uma metodologia para análise dos dados baseada na Teoria Clássica dos Testes, na Teoria da Resposta ao Item e em Modelos Hierárquicos Lineares.

Nessas avaliações, os alunos respondem às provas para medir desempenho em conteúdos curriculares, contendo itens (questões) construídos com base em uma matriz de referência para a avaliação, que não coincide exatamente com a matriz curricular, principalmente no caso do Saeb, em que não há a compilação das diferentes matrizes curriculares dos Estados, e sim uma “representação das habilidades centrais que devem

---

<sup>31</sup> Avaliações discutidas com mais detalhes no item *Avaliações no Brasil*.

ser dominadas ao final das séries investigadas” (NOVAES; TAVARES; GIMENES, 2011, p. 66). Esses itens são arquivados em um Banco de Itens.

Há, também, o cálculo de índices que sintetizam a média das proficiências alcançadas pelos alunos nas provas e o fluxo (índice de evasão, repetência, aprovação). Esses índices são chamados de Índices de Desenvolvimento da Educação (nacionalmente o Ideb e, no Estado de São Paulo, o Idesp) e são utilizados para acompanhamento de alcance de metas traçadas. Tais índices são “rapidamente assimilados pela mídia e pelos gestores, embora seja difícil explicar quais estratégias de ação devam ser adotadas a partir somente de seu conhecimento.” (NOVAES; TAVARES; GIMENES, 2011, p. 69).

Além disso, os alunos, professores e equipe de gestão respondem a questionários de contexto, que são analisados com estatísticas descritivas e com Modelos Hierárquicos Lineares, devendo, assim, fornecer relações entre o desempenho nas provas e fatores associados, agrupados em níveis hierárquicos.

### **2.5.1 Metodologias de Análise de Dados usadas no Brasil**

Conforme já assinalado, nas análises dos resultados das avaliações no Brasil, utilizam-se como metodologias: a Teoria Clássica dos Testes, a Teoria da Resposta ao Item e o Modelo Linear Hierárquico.

A Teoria Clássica da Medida ou Teoria Clássica dos Testes (TCT), segundo Pasquali (2003), já estava bem definida nos anos 50, porém, os testes elaborados com essa teoria dependem dos respondentes e dos itens que os compõem, ou seja, as análises e interpretações estão sempre associadas à prova como um todo. “Assim, torna-se inviável a comparação entre indivíduos que não foram submetidos às mesmas provas, ou pelo menos, ao que se denomina de formas paralelas de testes” (ANDRADE; TAVARES; VALLE, 2000, p. 3).

Segundo essa teoria, os alunos respondem às questões e sua pontuação é dada em termos de um escore bruto que, por si só, pouca coisa revela do que o estudante sabe ou não, já que esse escore é dependente do instrumento. As análises por meio dessa teoria compõem-se de estatísticas básicas, como média, desvio padrão e porcentagem média de acertos e estatísticas mais elaboradas. Por exemplo, uma análise segundo teoria clássica dos itens da prova do Saresp de 2008, conforme São Paulo [2009], abarcou:

- *Coeficiente de correlação bisserial para cada opção de resposta*, que deve ser positivo na alternativa do gabarito e negativo nas outras opções.
- *Coeficiente de correlação bisserial entre o acerto no item e o número de acertos na prova*, que deveria ser maior que 0,30 para o item ser considerado bom.
- *Índice de Discriminação* do item, que é a diferença entre os percentuais de acerto dos 27% de alunos de melhor desempenho e dos 27% de alunos de pior desempenho. Um índice de discriminação muito baixo (menor que 0.25) significa que o item não separou adequadamente os alunos de melhor e pior desempenho. Um índice de discriminação negativo indica que os alunos de pior desempenho tiveram um percentual de acerto maior do que os de melhor desempenho.
- *DIFI*: Índice de Dificuldade é o percentual de acertos na questão. Itens com índice de dificuldade acima de 0,65 foram considerados fáceis e os abaixo de 0,30, difíceis.
- *ABAI-ACIM*: Abaixo e acima indicam, respectivamente, os percentuais de acerto no grupo de pior desempenho e no de melhor desempenho.
- *Proporção de respostas em branco* no item.
- *Proporções de Resposta*: são os percentuais de escolha por opção de resposta A, B, C e D.

A Teoria da Resposta ao Item (TRI) é um conjunto de modelos em que a probabilidade de resposta a um item (questão) é modelada como função da proficiência do aluno em determinada área do conhecimento (seu traço latente, ou variável não observável) e de parâmetros<sup>32</sup> do item. Segundo Andrade, Tavares e Valle (2000, p. 3), a TRI apresenta vantagens em relação à Teoria Clássica da Medida, pois “permite a comparação entre populações, desde que submetidas a provas que tenham alguns itens comuns, ou ainda, a comparação entre indivíduos da mesma população que tenham sido submetidos a provas totalmente diferentes”.

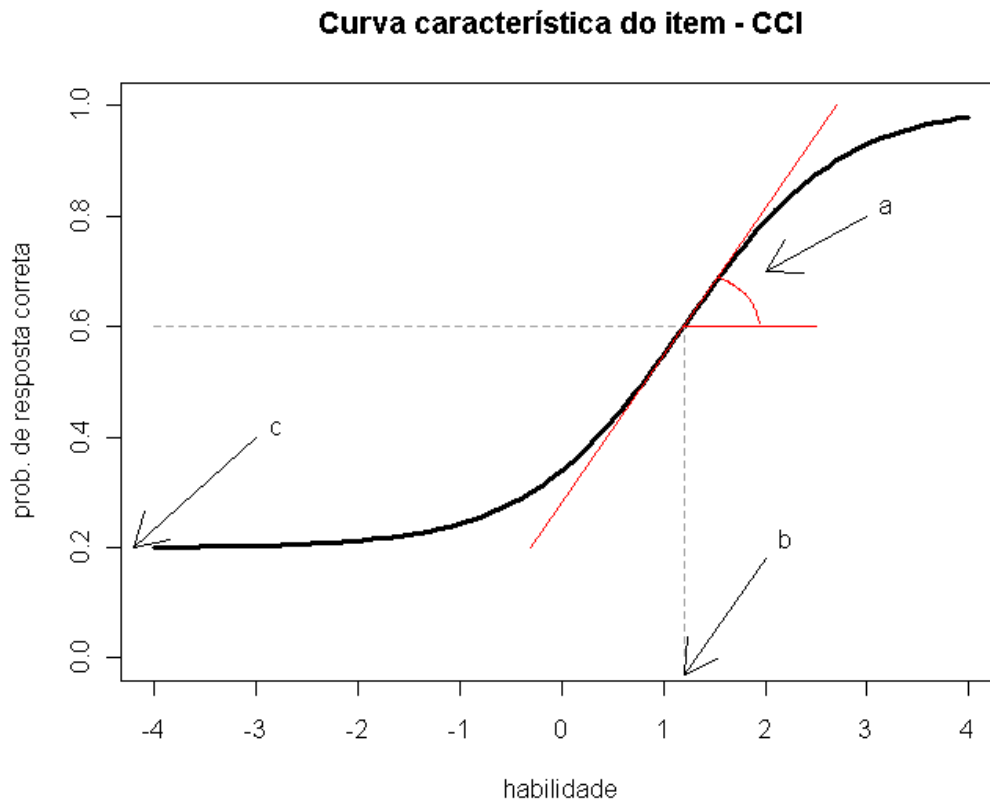
Essa modelagem é expressa pela Curva Característica do Item (CCI), que deve ser uma função crescente, ou seja, quanto maior a proficiência, maior a probabilidade de acerto do item. Assim, por meio das “respostas dadas pelo aluno, pode-se inferir sobre a proficiência dele, estabelecendo relações hipotéticas entre as respostas observadas”

---

<sup>32</sup> No Anexo B apresentamos uma discussão acerca dos parâmetros de um item.

SÃO PAULO, 2011d, p.17). No Saeb e no Saresp são utilizados modelos logísticos de três parâmetros. Segue-se, na Figura 2, um exemplo de CCI com três parâmetros,  $a$ ,  $b$ ,  $c$ .

**Figura 2** – Curva característica do item.



Fonte: Andrade, Tavares e Valle (2000, p. 20)

- O parâmetro  $b$  representa a habilidade necessária para uma probabilidade de acerto igual a  $(1 + c)/2$ . Assim, quanto maior o valor de  $b$ , mais difícil é o item, e vice-versa.
- O parâmetro  $c$  representa a probabilidade de um aluno com baixa habilidade responder corretamente o item.
- O parâmetro  $a$ : os baixos valores do parâmetro  $a$  indicam que o item tem pouco poder de discriminação, ou seja, alunos com habilidades bastante diferentes têm aproximadamente a mesma probabilidade de responder corretamente ao item.

Com resultados empíricos, vindos da aplicação da TRI aos resultados das provas, as escalas de proficiência são construídas e divididas em níveis de proficiência, que descrevem o que os alunos são capazes de fazer. Dessa maneira, a TRI coloca os

estudantes e os itens da prova em uma mesma escala de habilidade, ou seja, podemos determinar qual é a proporção de alunos em pontos diferentes da escala e “qual é a localização dos itens na escala de habilidades, permitindo que se conheçam quais são os conteúdos dominados pelos estudantes e, igualmente, quais são os aspectos do currículo que supõem maior desenvolvimento cognitivo” (ESPOSITO; DAVIS; NUNES, 2010, p. 27). As escalas são definidas por níveis, chamados de *níveis âncoras*, que são interpretados pedagogicamente.

Como nas provas também são aplicados questionários de contextualização, com alunos e suas famílias, professores e equipe de gestão, estes são analisados com modelos hierárquicos lineares (que podem ser denotados com a sigla HLM - *Hierarchical Linear Modeling*), que, conforme Vianna (2005), permitem agrupar os dados obtidos por classes, depois por escola, mais tarde por cidade, município, diretorias regionais e totalizados para o sistema (Estado ou país). Dessa forma, analisam-se possíveis associações entre o desempenho nas provas e características processadas nos questionários. São também chamadas de modelos multiníveis.

## 3 CAPÍTULO SEGUNDO

### AVALIAÇÕES EXTERNAS COMO POLÍTICA PÚBLICA

Neste capítulo começaremos apresentando e discutindo recomendações de organismos internacionais sobre avaliação educacional de uma perspectiva histórica. Prosseguiremos expondo as avaliações internacionais de que o Brasil participa ou já participou. Na continuação elaboraremos uma breve análise sobre avaliação de aprendizagem efetuada em sala de aula e finalizaremos expondo as avaliações externas existentes como iniciativa do poder público, no Brasil e no Estado de São Paulo.

#### *3.1 Recomendações de Organismos Internacionais Relativas à Avaliação Educacional*

Um dos aspectos que se mostra relevante em relação à avaliação educacional é o contexto internacional em que ela ocorre. As políticas educacionais em geral, assim como as recomendações e exigências emanadas de organismos multilaterais<sup>33</sup> das quais trataremos aqui, sofrem forte influência da mudança na forma de acumulação do capital, nos modos de produção e de relações de trabalho que ocorreram mundialmente, como um dos efeitos por se intensificar a globalização e a mundialização do capital.

Tais mudanças são historicamente recentes. Iniciaram-se por volta da década de 70, com a queda nas taxas de crescimento dos países capitalistas, e foram percebidas com maior clareza na década de 80, na qual se propagou a ideia da vitória da liberdade capitalista contra o socialismo e promoveu-se a “desregulamentação das estruturas de poder do Estado do bem-estar social em benefício do mercado que se mundializa, a partir da mediação do aparato tecnológico” (ANTUNES; MORAIS, 2010, p. 5).

O Estado de bem-estar social é uma forma de governar na qual o Estado, por meio de políticas públicas, promove um patamar mínimo de bem-estar social à população. Com a referida crise econômica na década de 70, começou a surgir uma nova proposta econômica, o neoliberalismo, que defende, entre outras coisas: a

---

<sup>33</sup> “São organizações intergovernamentais, de Direito Público Internacional, com personalidade e capacidade jurídica próprias, autonomia administrativa e financeira e mandato específico. O elo entre os compromissos aprovados no nível multilateral e os sistemas administrativo e jurídico de um país dá-se quando o Governo nacional, por força de Tratados, Acordos e Convenções internacionais por ele assinados com os organismos internacionais e devidamente aprovados pelo Congresso, formalmente compromete-se a observar normas internacionais e incorporar em seu planejamento interno metas globais de desenvolvimento” (BRASIL, 2004, p.15).



desregulamentação<sup>34</sup> do mercado, devido ao excessivo controle exercido pelo Estado até então; as privatizações e a “abertura para a concorrência internacional dos mercados nacionais” (COSTA E TRINTIM, 2011, p. 6). Assim, não mais o Estado financiaria o crescimento econômico, e sim o setor privado. Porém, a política neoliberal defende a intervenção do Estado como regulador em alguns setores específicos e em políticas sociais, como, por exemplo, a educação, saúde e formação profissional.

A forma de governo neoliberal passou a ser assumida pelos países em desenvolvimento já na década de 80. No caso específico da América Latina, isso ocorreu com a intensificação dos empréstimos após a crise da dívida na década de 80 e a consequente contrapartida imposta pelos organismos que financiavam os empréstimos, referentes às condições “econômico-financeiras e político-ideológicas circunscritas aos Planos de Estabilização Econômica e aos empréstimos para os ajustes estruturais<sup>35</sup> (1980) e setoriais<sup>36</sup> (1983)” (FIGUEIREDO, 2009, p.1124). As propostas neoliberais estabelecidas no Consenso de Washington<sup>37</sup>, em 1989, foram sustentadas pelo Banco Mundial<sup>38</sup> e o Fundo Monetário Internacional<sup>39</sup> (FMI), e diziam respeito à

eficiência dos gastos públicos, taxas de disciplina fiscal, taxas de câmbio competitivas, garantia dos direitos de propriedade, desregulamentação, liberalização comercial, privatização, eliminação de barreiras ao investimento estrangeiro e liberalização financeira. (FIGUEIREDO, 2009, p.1124).

<sup>34</sup> A desregulamentação na economia se refere a uma menor intervenção do Estado, para que ela seja controlada por forças de mercado e não governamentais.

<sup>35</sup> Propostas surgidas no Consenso de Washington “que visavam à contenção da inflação e ao ajuste fiscal”. (SILVA, p. 92, 2011).

<sup>36</sup> Setores da sociedade, como energia, saúde, educação e saneamento básico.

<sup>37</sup> Chama-se de Consenso de Washington, informalmente, as conclusões da reunião realizada em 1989 em Washington, convocada pelo *Institute for International Economics*, sob o título *Latin American Adjustment: How Much Has Happened?* com o objetivo de proceder a uma avaliação das reformas econômicas empreendidas nos países dessa região. Não tinha caráter deliberativo. (BATISTA, 1994)

<sup>38</sup> Hoje é uma organização multilateral que pertence a 186 países-membros, inclusive o Brasil, e é formada por duas instituições: o Banco Internacional para a Reconstrução e o Desenvolvimento (BIRD), mais comumente chamado de Banco Mundial, e a Associação Internacional de Desenvolvimento (IDA). O BIRD tem como objetivo reduzir a pobreza nos países de renda média e nos países pobres com capacidade creditícia, enquanto a IDA foca seu trabalho nos países mais pobres do mundo. O Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional foram criados conjuntamente em 1944 para ajudar a sustentar a ordem econômica e financeira mundial. Os organismos são conhecidos como as Instituições de Bretton Woods, o vilarejo nos EUA onde aconteceu a convenção de 44 países (inclusive o Brasil) que os criou.

Informações no site: <[www.bancomundial.org.br](http://www.bancomundial.org.br)>. Acesso em 12 nov. 2011.

<sup>39</sup> Aconselha politicamente e ajuda financeiramente países em dificuldades econômicas. Também ajuda países em desenvolvimento para alcançar a estabilidade macroeconômica e reduzir a pobreza. Possui 187 países membros, incluindo o Brasil. Informações no site: <<http://www.imf.org/external/about/overview.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

Dessa forma, o Brasil está inserido nesse quadro de mudanças globais em relação ao modo de operar do Estado, que se intensificaram na década de 90, quando as políticas neoliberais ficaram mais evidentes. Portanto, as reformas educacionais devem ser observadas a partir deste quadro: o país participa de um movimento global de reestruturação econômica e também faz parte de acordos internacionais que estabelecem certas regras e recomendações, inclusive para a área educacional. Ainda, segundo Freitas (2005, p. 80), as recomendações em forma de princípios, diretrizes, planos e até mesmo de avaliações, nos últimos 20 anos, passaram a funcionar como “referências capitais para o governo da educação nos países participantes e signatários de declarações, acordos e convenções internacionais”

Tendo isso em vista, trataremos, neste capítulo, de algumas reformas educacionais e recomendações para essa área, mais especificamente nas que têm relação com avaliação educacional, na visão de organismos internacionais que exerceram e exercem grande influência no Brasil. A orientação de reformas por essas agências externas, muitas vezes, não corresponde a problemas localmente percebidos.

Para melhor nos situarmos, vamos voltar no tempo e analisar o início dessas recomendações para o campo da avaliação educacional, que, apesar de não serem tão intensificadas como a partir da década de 90 e não fazerem parte da mudança no modo de atuação do Estado, já estavam presentes como preocupações dos educadores e de algumas agências internacionais. Conforme Freitas (2005, p. 83), “a pesquisa, a avaliação, a estatística, a informação e o planejamento foram recomendados, desde os anos 50, como recursos imprescindíveis para que os mais diversos países pudessem conhecer e governar a educação básica em seu território.”

Em primeiro lugar explanaremos brevemente algumas considerações e recomendações de diversas reuniões, eventos e documentos internacionais anteriores à década de 90. Em seguida acrescentaremos informações sobre a influência do Banco Mundial que, na década de 90, mudou seu foco nos direcionamentos das políticas para os países em desenvolvimento. Finalizando o capítulo, apresentaremos as principais reuniões, encontros e documentos internacionais que, na década de 90, enfatizaram a importância da avaliação educacional. Sempre que possível, mostraremos as ligações dessas recomendações com a política educacional brasileira.

Para a primeira parte do estudo, tomamos como referência básica o artigo de Dirce Nei Teixeira de Freitas (2005), “A Avaliação Educacional como Objeto de

Recomendações Internacionais”, que traz de maneira clara e coesa informações sobre as recomendações internacionais a partir da década de 50:

1. A obra *L'éducation dans le monde* publicada entre 1954 e 1959, da Unesco<sup>40</sup>, recomendou a avaliação periódica dos sistemas nacionais de ensino, pois podiam fornecer informações precisas<sup>41</sup> acerca de problemas educacionais. Assim, essa avaliação é tida como necessária ao planejamento a longo prazo, para os Estados-membros em desenvolvimento, ressaltando o esforço de aperfeiçoamento de instrumentos de medida de resultados, a começar pela construção de testes padronizados de conhecimentos e aperfeiçoamento de provas de seleção e exames de qualificação profissional. Para as avaliações em larga escala, foram indicados os exames nacionais para avaliar o progresso dos alunos e avaliações de inovações em sistemas de ensino, vindas de centros de pesquisa.
2. A *Primeira Conferência Internacional de Pesquisas Educacionais*, realizada em Atlantic City, Nova Jersey, 1956, foi promovida pela Associação Americana de Pesquisas Educacionais<sup>42</sup> e contou com incentivo da Unesco. Nessa Conferência, examinaram-se as investigações que necessitavam de cooperação internacional e apontaram-se os métodos de pesquisa considerados adequados. Entre esses métodos, incluíam-se estudos de casos, experiências educacionais e comparação de dados entre certos países. Havia também a recomendação de melhoria da comunicação das pesquisas entre os países, realizações de pesquisas com cooperação internacional e a criação de métodos de pesquisa e mensuração comuns internacionalmente.
3. A *Conferência Regional Latino-Americana sobre Educação Primária Gratuita e Obrigatória*, promovida pela Unesco em colaboração com a Organização dos

---

<sup>40</sup> A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) foi criada no dia 16 de novembro de 1945. Seus objetivos são descritos no site como trabalhar para criar condições de diálogo entre as civilizações, culturas e pessoas, baseado no respeito por valores compartilhados. Entende que é através desse diálogo que o mundo poderá alcançar visões globais de desenvolvimento sustentável, observando os direitos humanos, respeito mútuo e eliminação da pobreza, todos no centro das atividades da Unesco. Informações no site: <<http://www.Unesco.org/new/en/Unesco/about-us/who-we-are/introducing-Unesco/>>. Acesso em 12 nov. 2011.

<sup>41</sup> O que denota a predominância do pensamento positivista da época.

<sup>42</sup> *American Educational Research Association* (AERA) foi fundada em 1916 e se ocupa em: melhorar o processo educacional pelo encorajamento de pesquisas escolares relacionadas com educação e avaliação e promover a disseminação e aplicação prática dos resultados de pesquisa. Disponível em: <<http://www.aera.net/>>. Acesso em 11 dez. 2011.

Estados Americanos (OEA<sup>43</sup>) e o Governo do Peru, em Lima, Peru, 1956, recomendou, com vistas à expansão da educação primária: o aumento do intercâmbio de informações entre os países; a criação de centros de documentação pedagógica nesses países; a avaliação periódica dos resultados de planejamentos com o objetivo de ajustá-los; o aperfeiçoamento de sistemas de controle e levantamento periódico do censo escolar; realização de estudos sistemáticos da realidade econômica, social e cultural dos países.

4. *A Segunda Reunião Interamericana de Ministros de Educação* de 1956, em Lima, Peru, recomendou a avaliação do ensino primário, “com vistas a reformas e inovações que permitissem ao sistema atender com mais eficiência a um maior número de alunos”, ou seja, obtendo uma maximização dos rendimentos com os recursos existentes (FREITAS, 2005, p. 87). Incluía, também, entre as recomendações, a criação de estatísticas comparáveis entre os países envolvidos.
5. *O Seminário Interamericano sobre Planejamento Integral da Educação* de 1958, em Washington, organizado pela Unesco e a OEA, recomendou que a educação fosse considerada como parte essencial do desenvolvimento, devendo ser planejada com base em diagnóstico (onde se encaixa a avaliação) da situação socioeconômica e educacional. Atenção prioritária deveria ser dada à educação básica, ao fluxo escolar, à qualidade do ensino e à preparação de técnicos.
6. *A Segunda Conferência sobre Educação e Desenvolvimento Econômico e Social na América Latina*, 1962, Santiago do Chile, patrocinada pela Unesco, a Cepal<sup>44</sup>, a OIT<sup>45</sup>, a FAO<sup>46</sup> e a OEA, ressaltou a avaliação do custo/benefício da

---

<sup>43</sup> Sua origem remonta o final do século XIX, quando surgiu a União Internacional das Repúblicas Americanas. A OEA foi criada em 1948 e tem como objetivo alcançar nos Estados membros “uma ordem de paz e de justiça, para promover sua solidariedade, intensificar sua colaboração e defender sua soberania, sua integridade territorial e sua independência”. Reúne os 35 países independentes das Américas. Disponível em: <[http://www.oas.org/pt/sobre/quem\\_somos.asp](http://www.oas.org/pt/sobre/quem_somos.asp)>. Acesso em: 11 dez. 2011.

<sup>44</sup> *Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe*. É uma das cinco comissões econômicas regionais das Nações Unidas (ONU). Foi fundada em 1948 como Comissão Econômica para a América Latina, com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento econômico da América Latina, coordenar as ações encaminhadas para sua promoção e reforçar as relações econômicas dos países entre si e com as demais nações do mundo. Em 1984, seu trabalho se ampliou aos países do Caribe e se incorporou o objetivo de promover o desenvolvimento social. Disponível em: <<http://www.eclac.cl/>>. Acesso em: 11 dez. 2011.

<sup>45</sup> *Organização Internacional do Trabalho*. Criada em 1919, como parte do Tratado de Versalhes, que pôs fim à Primeira Guerra Mundial, é a agência das Nações Unidas que tem por missão promover oportunidades para que homens e mulheres possam ter acesso a um trabalho produtivo e de qualidade, em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humanas. Disponível em: <<http://www.oit.org.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

<sup>46</sup> *Food and Agriculture Organization of the United Nation*. Fundada em 1943, possui 191 países-membros, inclusive o Brasil. Tem o objetivo de assegurar acesso regular à comida de qualidade para a

educação e destacou a submissão da pesquisa, planejamento e avaliação educacional ao desenvolvimento econômico.

7. *A Conferência Internacional sobre o Planejamento da Educação*, organizada pela Unesco, Paris, 1968, apresentou como objetivo melhorar o planejamento e desenvolvimento da educação, recomendando: o envolvimento da sociedade nesse planejamento e desenvolvimento; necessidades de descentralização de iniciativas de inovação; que os organismos internacionais reservassem recursos para desenvolvimento de métodos de aferição dos efeitos da educação, de normalização dos dados estatísticos, de maneira que se tornassem comparáveis entre os países, e de avaliar os efeitos da educação no desenvolvimento social, econômico, cultural e político. (PLANIFICAÇÃO, 1971 apud FREITAS, 2005).

Foi nos anos 50 que no Brasil as pesquisas em educação tiveram um forte impulso. No discurso de posse em 1952 de Anísio Teixeira como diretor do Inep (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos)<sup>47</sup>, foi explicitada a proposta de medir a quantidade e qualidade dos diversos níveis de ensino no país, tendo em vista esclarecimentos para a eficiência da expansão educacional brasileira.

Assim, foram realizados estudos desde 1953 sobre o ensino no país por meio da Campanha de Inquéritos e Levantamentos do Ensino Médio e Elementar (Cileme). Também foi articulada, com a Unesco, a colaboração de especialistas de outros países, para compor, junto com os brasileiros, o corpo científico e técnico dos Centros de Pesquisas Educacionais que iniciaram suas atividades no período 1955-1957. Entre 1956-1964, conforme Gouveia (1971), foram realizados levantamentos, *surveys* e monografias, em uma tentativa de análise macroscópica, para informar sobre a situação de funcionamento das escolas ou sistema escolar e suas relações com as sociedades local, regional e nacional. Esses Centros foram extintos em 1972.

O planejamento educacional, discutido especialmente nos eventos numerados às páginas anteriores como 5, 6 e 7, iniciou-se no Brasil, ainda que lentamente, com a instituição da Comissão Nacional de Planejamento (Coplan), em 1961. Em 1962, a criação do primeiro *Plano Nacional de Educação* pelo Conselho Federal de Educação e “concebido como mero instrumento de redistribuição de recursos, acabou, de forma

---

população, melhorar a produtividade agrícola e a vida da população rural e contribuir para o crescimento da economia mundial. Disponível em: <<http://www.fao.org/>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

<sup>47</sup> Em 2001 teve a denominação de Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

implícita, vinculando a questão da “medida-avaliação” a esse escopo.” (FREITAS, 2005, p. 89)

Durante o período militar, de 1964 a 1979, estendeu-se para a educação o enfoque econômico, tido como prioritário aos processos de modernização da administração pública, contando agora também com financiamentos externos, com preocupações com o custo da educação e racionalização de investimentos. Assim, a avaliação e a estatística passaram a ser vistas como indispensáveis ao planejamento, já que são meios para a ampliação de conhecimentos essenciais à eficácia da intervenção estatal no desenvolvimento. Portanto, a avaliação estava ligada ao planejamento, à modernização institucional e administrativa, à racionalização de recursos e ao controle de programas e ações do governo.

Os programas e projetos implementados nas décadas de 80 e 90, no Ensino Fundamental do Brasil, conforme Figueiredo (2009, p. 1133), também contribuíram para melhorar o fluxo nas escolas, por meio da chamada promoção automática e da correção da defasagem idade-série, referente às “condições consideradas necessárias para alcançar os critérios de produtividade e de racionalidade econômica”. Foi implantado nos Estados de São Paulo (1984), Minas Gerais (1985), Paraná e Goiás (1988) o Ciclo Básico de Alfabetização, com promoção automática entre a 1ª e 2ª série. Também foram implementadas as Classes de Aceleração, em São Paulo, a Aceleração da Aprendizagem, em Minas Gerais, e o Programa Correção de Fluxo, no Paraná.

A transição do período militar até o próximo período, a década de 90, no qual trataremos da influência do Banco Mundial, é bem caracterizada na citação que segue:

Com a crise do planejamento e a subsequente introdução do denominado “planejamento participativo” (1980-1984), a avaliação foi anunciada como meio para assegurar-se a “ótica dos beneficiários” e, no contexto da transição para a democracia (1985 a 1989), apareceu como recurso necessário à redefinição das funções da escola, pois viabilizaria o estabelecimento de padrões mínimos de desempenho em nível nacional, que se tornara imperativo com a descentralização. Assim, a informação propiciada pela “medida-avaliação” passou a ser declarada recurso indispensável para o alcance de objetivos de democratização da educação e de melhoria da qualidade do ensino. (FREITAS, 2005, p. 90)

Na década de 90, de acordo com a mudança do papel do Estado de bem-estar social para o Estado regulador, baseado em perspectivas neoliberais, houve também uma mudança nas diretrizes do Banco Mundial, que passou a enfatizar as reformas

educacionais, pois via a educação como central no desenvolvimento social. Nesse sentido, houve uma intensificação nas recomendações da avaliação educacional como reguladora das atividades educacionais.

O Banco Mundial passou a teorizar, de forma mais elaborada, sobre as condições políticas necessárias ao seu modelo de desenvolvimento e ampliou o grau de intervenção, incluindo aí a importância da educação “na medida em que a reforma educacional, em particular, desenvolve, com bases mais sólidas, as habilidades necessárias para fiscalizar os governos e promover a inclusão social.” (BORGES, 2003, p. 133). Esse autor relata que, apesar do discurso do Banco Mundial ser de reformas apolíticas, estas carregam uma ideologia bem peculiar de democracia, capitalismo e de “desenvolvimento político”, além do fato de que as propostas e recomendações do Banco são baseadas em experiências de países desenvolvidos.

Devido à relevância das recomendações do Banco Mundial, já que este determina condições aos países em desenvolvimento tomadores de empréstimos, mostraremos as linhas que nortearam as recomendações do Banco para tais países.

Na década de 90, o Banco Mundial passou a priorizar, na sua linha central de ações, as reformas institucionais para promover a boa governança<sup>48</sup> e fortalecer a sociedade em vez de recomendar as reformas macroeconômicas da década de 80. Segundo Leher ([20-?], p.25) nessa “nova era do capitalismo, o principal capital é o intelectual e, por isso, a educação, na condição de capital, tornou-se assunto de *managers* e não mais de educadores.” Porém, o Banco Mundial continuava enfatizando a necessidade do ajuste estrutural e de reduzir a pobreza nos países periféricos, priorizando a reestruturação de serviços sociais para aumentar a eficiência e a equidade.

Borges (2003, p. 128) relata que a preocupação com a boa governança do Banco Mundial tem relação com a mudança de concepção de tal banco sobre o papel do Estado no que tange ao desenvolvimento. Assim, sugere uma adequação do papel do Estado às suas “capacidades institucionais” e aumentar essa capacidade revigorando as “instituições públicas”. Esse revigoramento pressupõe parcerias público-privadas, ou seja, há um aumento de provisões vindas do setor privado para os serviços do Estado.

Participação e *accountability*, informação e transparência referem-se à boa governança, para aumentar a eficiência econômica e “envolvem a disponibilidade de

---

<sup>48</sup> O conceito de governança foi definido como “a maneira pela qual o poder é exercido na administração dos recursos econômicos e sociais do país, com vistas ao desenvolvimento” (WORLD BANK, 1992, p. 1, apud BORGES, p.126).

informações sobre as políticas governamentais, a transparência dos processos de formulação de política e alguma oportunidade para que os cidadãos possam influenciar a tomada de decisão sobre as políticas públicas”. (WORLD BANK, 1992, p. 40 apud BORGES, 2003, p.127). Nesse contexto de *accountability*, as avaliações centralizadas se tornam importantes, já que permitem o controle das atividades descentralizadas, responsabilizando os atores envolvidos.

Dessa forma, o fortalecimento do mercado e também da sociedade civil, representada por ONGs e organizações populares, ajudaria a resolver o problema das burocracias centralizadas e ineficientes dos países em desenvolvimento. Além desses aspectos, a descentralização das funções do Estado, mostrou-se importante, pois permitiria uma melhor adequação dos governos locais às preferências de ofertas de serviços locais, bem como uma maior participação popular nas decisões.

Borges ( 2003, p.129) afirma que a participação da sociedade civil não representava “a perspectiva da teoria política pluralista”, o que favoreceria o sistema pluralista dos grupos de pressão. Inclusive o Banco Mundial alertou, no relatório de 1997, para os perigos desses grupos, como sindicatos do funcionalismo público, que podiam não representar interesses da sociedade, devendo então ser enfraquecidos, assim como a burocracia do setor público. Essa concepção de participação coadunava com o conceito de boa governança pautado pela neutralidade liberal, em que o Estado agiria como um árbitro que controla as regras do jogo e paira livremente sobre grupos de interesse e de conflito.

O Banco enfatizava a minimização de custos sociais do ajuste econômico e a redução da pobreza. Assim, “a reestruturação dos serviços sociais, com o objetivo declarado de aumentar a eficiência e a equidade, ganhou papel de destaque na agenda do Banco Mundial para a reforma do Estado.” (BORGES, 2003, p.130). Nesse contexto, a reforma educacional tem sido tomada como central nos processos de reforma apoiados pelo Banco.

A porcentagem de investimentos do Banco Mundial em educação passou de 2,9% em 1963-69 para 8,5% em 1990-98, sendo também responsável por cerca de 30% dos investimentos externos em educação no mundo no período de 1989-96. Além disso, o foco dos investimentos também mudou da atenção em “*hardware*”, que seriam os equipamentos e infraestrutura, para “*software*”, que cobriam diversos aspectos, como reforma curricular, reformas trabalhistas, inovações tecnológicas e gerenciamento da descentralização (WORLD BANK, 1999, p. 23-25).



Esse tipo de reforma baseado na mudança do papel do Estado foi iniciado em países desenvolvidos de língua inglesa, a saber, Estados Unidos, Inglaterra e Nova Zelândia. Apesar das diferenças, essas reformas resultaram em um processo de *marketization*, ou seja, de “introdução de incentivos competitivos nos sistemas educacionais” (BORGES, 2003, p. 131). Por exemplo, decisões sobre orçamentos e administração de pessoal eram descentralizadas totalmente para a escola; a escolha livre das escolas era feita pelos pais de alunos; e a adoção de um financiamento era baseada no número e na idade dos estudantes, ocasionando uma competição entre escolas para atrair os alunos. Esses mecanismos, além de aumentar a autonomia da escola, iriam, supostamente, aumentar a eficiência e qualidade, na medida em que fariam com que os administradores e professores se tornassem mais atentos às preocupações dos pais e da comunidade escolar no que diz respeito ao desempenho e aos custos educacionais, a exemplo de países desenvolvidos. (WORLD BANK, 1995, p. 127).

Quanto à preocupação com a equidade, o problema seria a grande desigualdade de acesso à educação de boa qualidade em países em desenvolvimento, o que não promovia o acesso das classes pobres à educação superior de qualidade. Assim, as reformas poderiam aumentar os gastos com educação, mas com contrapartida de melhoria da qualidade e de garantia de acesso ao ensino superior.

As críticas a essas políticas referem-se ao fato de que a introdução de mecanismos competitivos e a descentralização dos serviços não necessariamente iam aumentar a equidade. Pelo contrário, os mecanismos de mercado poderiam, inclusive, favorecer os já favorecidos, pois os que já possuíam melhores condições de material e de operações teriam mais possibilidades para atrair estudantes e de melhor gestão dos recursos, o que reforçaria os mecanismos de segregação social. “Nos países desenvolvidos, muitas pesquisas relatam como as escolas de melhor *performance* selecionam deliberadamente os alunos mais “aptos” que, por sua vez, são provenientes de famílias mais bem situadas na escala social.” (BORGES, 2003, p.132)

Dessa forma, o Banco tem sido alvo de críticas que ponderam que ele adota “uma visão puramente economicista e instrumental do processo educativo.” O autor mencionado entende que as preocupações em relação à equidade do Banco não são baseadas em princípios éticos, “mas em objetivos de eficiência econômica e competitividade.” (BORGES, 2003, p.132).

Segundo o mesmo autor, as políticas do Banco se fundamentam na teoria do capital humano, que, resumidamente, concebe a educação como um investimento na

produtividade do trabalho, tanto na dimensão social, como na pessoal, promovendo o crescimento econômico. Essa teoria implica também que a educação é uma ferramenta para promover o aumento de renda das camadas mais pobres, possibilitando uma redistribuição do capital, na medida em que torna as pessoas mais aptas para serem empregadas, aumentando sua produtividade e, conseqüentemente, sua renda. O autor lembra que a evidência empírica não suporta essa hipótese de forte correlação entre distribuição de renda e oportunidades educacionais.

Borges (2003, p. 133) afirma, também, que a “ideologia da igualdade de oportunidades”, baseada na teoria do capital humano, “contribui para legitimar o Estado liberal como uma instituição neutra, empenhada em garantir o cumprimento de regras “justas”.” Dessa forma, a luta contra a pobreza não é necessariamente uma luta pela distribuição de renda, mas sim um reconhecimento das habilidades e esforços individuais para promover uma igualdade de competição no mercado.

Essa mudança de papel do Estado, no Brasil, ocorreu acentuadamente a partir do governo Fernando Collor de Mello (1990 - 1992), incluindo diversas mudanças na gestão pública que coadunam com as perspectivas anunciadas acima. Assim, o Estado-executor dá lugar ao Estado-regulador e ao Estado-avaliador, que substituem “controles burocráticos por uma nova cultura gerencial, que incorpora a política de avaliação como elemento estratégico da gestão pública” (CASTRO, 1998, p. 9).

No que tange a projetos para o Ensino Fundamental brasileiro, financiados diretamente pelo Banco Mundial na década de 90, houve um total de financiamento combinado de cerca de US\$ 1 bilhão, para seis projetos que contemplaram 13 Estados brasileiros: *Educação Básica no Nordeste II* (Maranhão, Ceará, Pernambuco e Sergipe) e *III* (Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Bahia), implementados entre 1994 e 1999; o *Projeto de Melhoria da Qualidade da Educação Básica* em Minas Gerais; o *Projeto Inovações no Ensino Básico* em São Paulo; *State of Espírito Santo Basic Education Project*; *Projeto Qualidade no Ensino Público* do Paraná (FIGUEIREDO, 2009, p. 1126-1127).

Além desses projetos citados no parágrafo anterior, temos o investimento de cerca de U\$ 265 milhões efetuado pelo Banco Mundial no programa *Fundo de Fortalecimento da Escola I e II*<sup>49</sup> (Fundescola), em continuação aos Projetos Nordeste.

---

<sup>49</sup> O Fundescola I ocorreu de 1998 a 2001 e o Fundescola II, de 1999 a 2005. Houve ainda a versão Fundescola III, de 2002 a 2010, que não está sendo considerada, já que o foco neste capítulo são as iniciativas da década de 90.

O Fundescola foi um programa do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), cujo objetivo era promover, em regime de parceria e responsabilidade social, a eficácia, a eficiência e a equidade no Ensino Fundamental público nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste através da “oferta de serviços, produtos e assistência técnico-financeira”, focalizando o “ensino-aprendizagem e as práticas gerenciais das escolas e secretarias de educação”<sup>50</sup>.

Esses projetos contribuíram para a implementação da política de avaliação, que é considerada um mecanismo capaz de promover a qualidade, já que possibilita o controle público dos resultados.

Por exemplo, no Programa Nacional do Projeto Nordeste II, entre as ações previstas e realizadas estavam: o projeto de avaliação nacional sistemática do desempenho do sistema escolar, um precursor do Saeb; “a análise e disseminação política de inovações educacionais eficazes; e a transferência de recursos financeiros aos estados e municípios destinados a reduzir as desigualdades por estudante” (BANCO MUNDIAL, 1993 apud FIGUEIREDO, 2009, p. 1130). No caso do Estado de São Paulo, no âmbito do financiamento parcial do *Projeto Inovações no Ensino Básico*<sup>51</sup>, por meio do componente *Avaliação e Divulgação*, o Banco solicitou a realização de estudos, objetivando avaliar e acompanhar a execução das inovações.

Além disso, critérios de meritocracia e competitividade foram estabelecidos, como no projeto Nordeste II, no qual os recursos poderiam ser transferidos de um Estado para outro – caso determinado Estado não cumprisse as Metas Anuais de Gerenciamento Eficiente<sup>52</sup> - e a garantia da premiação dos estados considerados eficientes na administração de determinados componentes do projeto (CRUZ, 2002; FIGUEIREDO, 2009).

Ainda, conforme Figueiredo (2009), nas reformas educacionais financiadas pelos projetos *Educação Básica no Nordeste I* (Edurural) e o *Projeto Inovações no Ensino Básico* em São Paulo, para que fossem alcançadas melhorias na qualidade da educação, deveriam ser contemplados critérios de racionalidade econômica e de eficiência, além de ser verificada a relação custo-eficiência na melhoria do desempenho

---

<sup>50</sup> Informações no site <<http://www.fnde.gov.br/index.php/fundescola-apresentacao>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

<sup>51</sup> Explicitado no item “4.1 Implantação do Saresp”.

<sup>52</sup> Segundo Cruz (2002), as metas tratavam de “enxugamento da máquina, corte de gastos e reformas na legislação, todas relacionadas à diminuição da responsabilidade do Estado com a sociedade”.

de estudantes de baixa renda de acordo com a inovação, a partir de pesquisas e avaliações.

Dando continuidade às recomendações expressas por organismos internacionais em reuniões, conferências e documentos na década de 90, destacamos os seguintes acontecimentos:

1. Um marco apontando o começo das reformas em educação na América Latina é a *Conferência Mundial de Educação para Todos*, realizada em Jontiem, Tailândia em 1990. Essa reunião foi convocada pela Unesco, PNUD<sup>53</sup>, UNICEF<sup>54</sup> e Banco Mundial. Tinha o objetivo de gerar um contexto político favorável para a melhoria da educação básica e dos processos de aprendizagem, universalizar o acesso à educação e promover a equidade, concentrar a atenção na aprendizagem, ampliar os meios de ação da educação básica e respectiva abrangência, propiciar um ambiente adequado à aprendizagem, fortalecer alianças (inclusive com ONGs e o setor privado). Nessa Conferência foi firmada a Declaração Mundial de Educação para Todos (DECLARAÇÃO, 1991), que se constituiu “em fator determinante de encaminhamento de políticas, especialmente para os países que tinham a maior taxa de analfabetismo” (GONÇALVES, 2005, p. 22), que é o caso do Brasil. Recomendou-se definir nos programas educacionais os níveis desejáveis de aquisição de conhecimentos e implementar sistemas de avaliação de desempenho. Portanto, a avaliação em larga escala era vista da perspectiva dos resultados dos alunos e de sistemas de ensino, e como “necessária tanto para o planejamento como para a gestão da educação básica nos diversos países” (FREITAS, 2005, p. 91).
2. O *Congresso Internacional sobre “Planejamento e Gestão do Desenvolvimento da Educação”*, realizado no México, 1990, com patrocínio da Unesco e pensado em continuação à *Conferência Internacional sobre o Planejamento da Educação*, de 1968. No debate sobre a modificação do papel do Estado, concluiu-se que lhe caberia fixar os objetivos mínimos da educação, “garantir recursos apropriados, avaliar os processos e resultados para verificar a qualidade

<sup>53</sup> O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) é a rede global de desenvolvimento da Organização das Nações Unidas, presente em 166 países. Seu objetivo central é o combate à pobreza. Age no Brasil em três vertentes principais: governança democrática, energia e meio ambiente e redução da pobreza. Informações no site: <<http://www.pnud.org.br/pnud/>>. Acesso em 12 nov. 2011.

<sup>54</sup> O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) está no Brasil desde 1950. Trabalha liderando e organizando iniciativas que ajudam, por exemplo, a erradicar o trabalho infantil e a promover educação para todos. Atende a 191 países e territórios. Sua sede é em Nova Iorque. Informações no site: <<http://www.unicef.org.br/>>. Acesso em: 12 nov. 2011.

da educação oferecida, comunicar as informações e fazer frente às situações de emergência por meio de adequado planejamento” (FREITAS, 2005, p. 91). Recomendou-se, também, o compartilhamento das responsabilidades educacionais do Estado com outras esferas da sociedade. Assim, havia a necessidade de instrumentos de avaliação que permitissem a coerência entre os objetivos mínimos e o respeito à autonomia dos envolvidos no processo educacional. As metodologias de avaliação deveriam se referir ao conjunto do campo educacional e permitir a apreciação de dados qualitativos.

3. A 24<sup>a</sup> Reunião da Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), que convocou os ministros da Economia e Finanças, em Santiago do Chile, em 1992. Segundo Casassus (2001), o objetivo dessa reunião era analisar a conveniência de a educação ser tida como cerne do desenvolvimento. Esse objetivo era fundamentado nas exigências do crescimento econômico. Nessa reunião, foi apresentado o documento *Educação e Conhecimento: eixo da transformação produtiva com equidade*, no qual foi afirmado que se devia rever o papel do Estado, abandonando a burocratização e a centralização administrativa que gerava primordialmente rotinas ao invés de “inovações, em prol de uma visão que potencialize a orientação estratégica, a regulação a distância, o impulso das autonomias e a avaliação dos resultados” (OTTONE, 1993, p. 13). Esse documento foi elaborado pela Cepal e pelo Escritório Regional de Educação da Unesco (Orealc<sup>55</sup>), com base na proposta *Transformação Produtiva com Equidade*, formulada em 1990.
4. A IV Promedlac (*Reunião Regional Intergovernamental do Projeto Principal de Educação na América Latina e no Caribe*), uma reunião com ministros da Educação em Quito, 1991. Foi convocada pela Unesco, para analisar o desenvolvimento do Projeto Principal de Educação para a América Latina e o Caribe. A declaração que resultou dessa reunião afirmava que a atual estratégia dos sistemas de ensino da região não era capaz de conciliar quantidade com qualidade, determinando que houvesse mudanças na gestão. Assim, segundo Casassus (2001), determinaram-se algumas características para a gestão, como: abertura do sistema, novas alianças, descentralização e passagem da ênfase na

---

<sup>55</sup> *Oficina Regional de Educación de la Unesco para América Latina y el Caribe*, com sede em Santiago do Chile. Foi criada em 1963 para apoiar os Estados membros da região na definição de estratégias para o desenvolvimento de suas políticas educativas. Informações em: <<http://portal.Unesco.org/>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

quantidade para a ênfase na qualidade. Além disso, segundo Freitas (2005, p. 93), dever-se-iam “desenhar ágeis mecanismos de avaliação de resultados e sistemas de informação e investigação para a tomada de decisões”.

5. *O V Promedlac*, ocorreu em Santiago do Chile, em 1993 e, segundo Casassus (2001), estabeleceu que deveriam ser criados sistemas nacionais de avaliação e desenvolvimento de programas de discriminação positiva, em favor de minorias sociais, como ações para melhoria da qualidade de aprendizagem. Ressaltou-se a importância da avaliação do rendimento escolar dos discentes e docentes e a divulgação pública dos resultados. Dessa forma, a sociedade demandaria melhor qualidade de ensino e as instituições melhorariam seus desempenhos, além de fazer com que as autoridades se focassem em melhorias onde o rendimento se mostrasse baixo, para aumentar a equidade. Foi destacado que as estruturas e mecanismos institucionais de avaliação deveriam ser constantemente adequados, “assegurando-se a identificação de responsabilidades individuais na gestão” (FREITAS, 2005, p. 94).
6. *O Seminário Internacional sobre Descentralização e Currículo*, promovido pela Unesco em 1993, em Santiago, discutiu, conforme Casassus (2001), formas de descentralização de currículo e maneiras de se unir o comum e o diverso.
7. Em novembro de 1991, a Conferência Geral da Unesco recomendou a convocação de uma comissão internacional para refletir sobre a educação no século XXI. Criada em 1993, a *Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI* apresentou, em 1996, seu Relatório, no qual colocava a avaliação como um apoio nos debates envolvendo a sociedade sobre os meios e as finalidades da educação. Segundo o relatório, tal avaliação do sistema educativo deveria ser: profunda, efetuada em “termos que possam ser aceitos por todos e não deverá ser de natureza estritamente econômica”. (DELORS et. al., 1996, p.170). Destacou que alguns aspectos da educação escapavam da ordem econômica e faziam parte do desenvolvimento pessoal e social, por exemplo. Ressaltou que a avaliação deveria ser entendida em um aspecto amplo, já que a educação forma um grande “todo” e a integração à sociedade é tão forte que, às vezes, é difícil vincular as causas e as disfunções. Relatou que era “necessário desencadear um dispositivo de avaliação objetivo e público de modo a apreender a situação do sistema educativo, assim como o seu impacto no resto da sociedade” (DELORS, 1996, p. 171). Destacou, também, que se deveria

considerar o aspecto pedagógico da avaliação, dando maior entendimento aos atores, com respeito a sua atuação, além do conhecimento dos processos de iniciativas de sucesso, por meio de seus resultados.

8. O *Seminário sobre avaliação e determinação de padrões na educação latino-americana*, em 1996, parte das atividades do Programa de Promoção da Reforma Educativa na América Latina (PREAL<sup>56</sup>). Foi apresentado um relatório produzido pelo Banco Mundial, denominado *Desenvolvendo Sistemas de Avaliação Educacional na América Latina*. Segundo Gonçalves (2005, p. 24), nesse relatório destacou-se o “desenvolvimento de avaliação de sistemas educacionais como forma de garantia da qualidade de ensino” e mostraram-se experiências recentes de países da América Latina, “que já estavam em processo mais avançado de implantação desses sistemas, através da apresentação de relatos dos seguintes países: México, Chile, Colômbia e Costa Rica”. Conforme Gonçalves (2005, p.24), a maneira de apresentação dessas experiências “foi uma apresentação clara do modelo de avaliação em larga escala desses países, a fim de serem referência para os países da América Latina que ainda não desenvolveram seus sistemas de avaliação, sendo o Brasil um deles”.
9. O *Seminário Internacional sobre Modelos Avaliativos*, destacado pelo tema de nossa pesquisa, foi realizado em fevereiro de 1996 pelas seguintes instituições: SEE-SP, Fundação Carlos Chagas (FCC) e Fundação de Desenvolvimento Administrativo, com o apoio do Banco Mundial, no qual foi apresentado o *Documento de Implantação do Saresp*<sup>57</sup>.
10. O *Seminário Internacional de Avaliação Educacional* foi realizado no Rio de Janeiro, em 1997, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), pelo *International Bureau of Education*<sup>58</sup> da Unesco e pela representação da Unesco no Brasil. Seu objetivo foi debater desafios e tendências da avaliação educacional, tendo como pano de fundo a comparação entre as experiências desenvolvidas pelo Brasil nos últimos anos e as experiências realizadas por

---

<sup>56</sup> “O PREAL foi estabelecido em 1995 pelo Diálogo Interamericano, em Washington, e pela Corporación de Investigaciones para el Desarrollo (CINDE), em Santiago, Chile, como iniciativa de múltiplos anos para constituição de um amplo e ativo grupo interessado na reforma educativa em diversos países” (GONÇALVES, 2005, p. 24).

<sup>57</sup> Esse documento será tratado no item Histórico do Saresp.

<sup>58</sup> É o instituto da Unesco especializado em conteúdos, métodos e estruturas educacionais. Sua missão geral é contribuir para o atendimento da Educação para Todos (Education for All (EFA)) com qualidade. Informações disponíveis em: <<http://www.ibe.Unesco.org/en/about-the-ibe.html>>. Acesso em: 28 nov. 2011.

diversos países. Nesse Seminário, reiterou-se a assunção do papel da avaliação educacional como de grande destaque na agenda das políticas públicas de educação no Brasil e se discutiu acerca de três questões: “O que e como avaliar? Como organizar institucionalmente um sistema de avaliação? Como disseminar e utilizar as informações da avaliação?” (CASTRO, 1998, p. 5).

Tendo em vista que as recomendações dos organismos internacionais se referem, em geral, a toda América Latina, relacionaremos algumas mudanças que ocorreram no sentido de cumprir tais recomendações nessa região. Casassus (2001) destaca que no Brasil o processo de descentralização começou a ocorrer antes da década de 90 (1971-1988) e que na Argentina e no Chile foi iniciado antes, porém com objetivos diferentes daqueles da década de 90. Nos processos de descentralização que se iniciaram antes dessa década, as finalidades eram de reduzir gastos (financeira) e dividir movimento sindical (política), e o objetivo na década de 90 era consolidar a democracia envolvendo a participação de distintos setores da sociedade. Porém, via-se uma homogeneidade nas instâncias de tomadas de decisão nos processos de descentralização em toda a região da América Latina no que tange à política educacional, à avaliação e determinação de normas em nível central, ao currículo, financiamento e planejamento em níveis compartilhados e administração de escolas, ao contrato com os docentes e à supervisão em nível local operativo.

Foram criados sistemas de medida e avaliação do rendimento escolar em todos os países da América Latina, exceto em Cuba. A avaliação se tornou “uma peça-chave da nova gestão e do novo papel do Estado, que entrega diferentes graus de liberdade a instâncias administrativas menores, em troca de uma nova capacidade de avaliar” (CASASSUS, 2001, p. 23). De tão generalizadas que essas avaliações se tornaram, em 1995 foi criado o Laboratório Latino Americano de Avaliação da Qualidade da Educação pela Unesco e efetuado um Primeiro Estudo Comparativo Regional, publicado em 1998 (Unesco, 1998), com estudos sobre o rendimento acadêmico em 14 países (inclusive o Brasil) e com a aplicação de uma mesma prova baseada nos conteúdos comuns da região em línguas e Matemática.

Completada a reforma da gestão, conforme afirma Casassus (2001), a atenção voltou-se à reforma do currículo, que se concretizou em quatro aspectos gerais na região, exceto particularidades: desenvolvimento de quadros curriculares comuns; adaptação a particularidades locais; passagem das disciplinas para áreas temáticas e



visão transversal; passagem dos objetivos cognitivos para objetivos de competência. No nível da escola está estabelecido o tema autonomia da gestão escolar e desenvolvimento de estratégias pedagógicas, adaptadas às características da cultura.

É nesse contexto que surgiram no Brasil algumas novas formas de políticas educacionais que se coadunavam com as recomendações internacionais, vistas até agora, e também com a reestruturação do papel do Estado. Por exemplo, o Plano Decenal da Educação em 1994<sup>59</sup>, documento elaborado em 1993 pelo Ministério da Educação (MEC), destinado a cumprir, no período de uma década (1993 a 2003), as resoluções da Conferência Mundial de Educação Para Todos. Em seu conjunto, o Plano Decenal marcou a aceitação formal, pelo governo federal brasileiro, das teses e estratégias que estavam sendo formuladas nos foros internacionais mais significativos na área da melhoria da educação básica.

Também nesse contexto surgiu uma nova forma de financiamento da escola fundamental, o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef<sup>60</sup>), que promoveu a municipalização do ensino (descentralização), e distribuiu verbas de acordo com o número de alunos atendidos em cada rede de ensino. Esse fundo estendeu-se para o Ensino Médio, em 2006, com a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb<sup>61</sup>). O Fundeb assegura o valor mínimo calculado por aluno/ano, que em 2011 foi de R\$ 1.722,05<sup>62</sup>.

Em relação às estatísticas e dados educacionais, a implantação do Sistema Integrado de Informações Educacionais (SIED), que começou em 1996, passou a disponibilizar informações sobre o Censo Escolar anualmente, além de interligar as Secretarias de Estado de Educação com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Essas informações são usadas, entre outras coisas, para a redistribuição de recursos do Fundef/Fundeb e auxiliar o planejamento de ações educacionais.

A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96 é uma mudança importante, pois permite certa flexibilização ao sistema educacional ao mesmo tempo em que institui a avaliação centralizada, conforme dispõe em seu Artigo 9º - inciso VI,

---

<sup>59</sup> Referências em Dicionário Interativo da Educação Brasileira. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=91>>. Acesso em 14 out. 2011.

<sup>60</sup> Criado pela Lei n 9.424/97.

<sup>61</sup> Criado pela Emenda Constitucional nº 53/2006 e regulamentado pela Lei nº 11.494/2007 e pelo Decreto nº 6.253/2007.

<sup>62</sup> Disponível em: <<http://www.fnede.gov.br/index.php/financ-fundeb>>. Acesso em: 06 jan. 2012.

que compete à União “assegurar processo nacional de avaliação do rendimento escolar no Ensino Fundamental, médio e superior, em colaboração com os sistemas de ensino, objetivando a definição de prioridades e a melhoria da qualidade do ensino”. No inciso VIII, também dispõe que a União deve “assegurar processo nacional de avaliação das instituições de educação superior, com a cooperação dos sistemas que tiverem responsabilidade sobre este nível de ensino.”

A LDB nº 9394/96 também incumbe a União, no artigo 9º - inciso IV – de:

estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum.

Nessa direção surgiram os Parâmetros Curriculares Nacionais, que são uma referência nacional, podendo se adequar às realidades locais. Portanto, “os sistemas de avaliação da educação passam a estar associados aos processos de descentralização e melhoria da qualidade de ensino” (ALTMANN, 2002, p. 83).

### ***3.2 Participação do Brasil em Avaliações Internacionais***

O Brasil, ao mesmo tempo em que implanta sistemas de avaliação nacionais, participa de programas internacionais de avaliação, que trazem como vantagem a cooperação técnica e permitem a comparação de dados com outros países. Neste item serão expostos alguns projetos dos quais o Brasil faz ou fez parte.

O Brasil participou, em 1991, da segunda edição do *International Assessment of Educational Progress*, inserido no *II Programa Internacional de Avaliação do Progresso Educacional*, coordenado pela *Educational Testing Service* (EUA) e com financiamento do *National Science Foundation*. Foi realizado nos municípios de São Paulo e Fortaleza, com avaliações de Matemática e Ciências, além de questionário aplicado aos alunos de 13 anos, escolas e pais, o que mostrou a questão da defasagem idade/série do alunado (GATTI, 1996). O Brasil ficou em penúltimo lugar na avaliação em Matemática, ficando na frente apenas de Moçambique (WOLFF, 1998).

Participação do Brasil no Primeiro Estudo Regional Comparativo e Explicativo (Perce), realizado pelo Laboratório Latino-Americano de Avaliação da Qualidade da Educação (LLECE) como iniciativa da Oficina Regional de Educação da Unesco para a

América Latina e o Caribe (OREALC), em 1997. O estudo foi realizado em 13 países da América Latina com provas de Língua Portuguesa (ou Espanhola) e Matemática, para estudantes de 3ª e 4ª séries do Ensino Fundamental, além do levantamento de informações de contexto. O Brasil participou, também, do Segundo Estudo Regional Comparativo e Explicativo (Serce), em 2006, que avaliou o desempenho dos estudantes da 3ª e 6ª séries do Ensino Fundamental, nas disciplinas de Matemática, Linguagem (leitura e escrita) e Ciências, em países da América Latina e Caribe, incluindo levantamentos sobre os fatores associados a esses desempenhos. O Terceiro Estudo (Terce) está previsto para 2013<sup>63</sup>.

Teve pequena participação no *Trends in International Mathematics and Science Study* (TIMSS), em 1998, o que não permitiu que os resultados do país fossem expressos no relatório final. Essa avaliação continua a existir, conduzida pela Associação Internacional para Avaliação do Desempenho em Educação (IEA), com testes em Matemática e Ciências para alunos da 4ª, 7ª e 8ª e 12ª séries (WOLFF, 1998), porém o Brasil não participa dessa avaliação.

O Brasil tem participado do projeto WEI (*World Education Indicator*) 1997, promovido pela Unesco/OCDE, como convidado. Porém, a partir de 2006, a coordenação do projeto passou a ser efetuada apenas pela Unesco, e o Brasil continua participando, mas não mais como convidado<sup>64</sup>. O WEI não é composto por provas padronizadas, sendo “um levantamento estatístico com indicadores que permitem traçar diagnósticos e comparações entre os países participantes.” (BECKER, p.7, 2010).

Conforme Becker (2010), o Brasil, a partir de 1998, passou a fazer parte do anuário *Education at a Glance*<sup>65</sup>, que apresenta os indicadores educacionais dos países-membros da OCDE e dos participantes do projeto WEI.

A partir de 2000, o Brasil também participa voluntariamente do *Programme for International Student Assessment* (Pisa), coordenado pela OCDE internacionalmente, e no Brasil pelo Inep, que realiza testes em Matemática e Ciências e lança mão de instrumentos para levantamentos de questões acerca do contexto do aluno e da escola. É um programa de avaliação comparativa aplicado a estudantes na faixa dos 15 anos, idade de término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países. Conforme

---

<sup>63</sup> Informações no site do Inep: <<http://portal.inep.gov.br/perce-primeiro-estudo-regional-comparativo-e-explicativo>>. Acesso em: 03 jan. 2012.

<sup>64</sup> Informações no site do Inep: <http://portal.inep.gov.br/o-que-e-1>. Acesso em: 03 jan. 2012.

<sup>65</sup> “Com base nos resultados do *Education at a Glance*, o Inep elabora anualmente uma Nota Técnica com a análise dos dados publicados no EAG, comparando as estatísticas do Brasil com os resultados globais”. Informações na página: <<http://portal.inep.gov.br/o-que-e>>. Acesso em: 05 jan. 2012.

Becker (2010), o exame foi concebido como um programa periódico que fosse capaz de realizar, num ciclo de nove anos, três avaliações de desempenho. Dessa forma, o foco em 2000 foi em Leitura, em 2003, em Matemática e em 2006, em Ciências. Em 2009 o ciclo se iniciou novamente.

O objetivo principal do Pisa é produzir indicadores que contribuam para a discussão da qualidade da educação ministrada nos países participantes, de modo a subsidiar políticas de melhoria da educação básica. A avaliação procura verificar até que ponto as escolas de cada país participante estão preparando seus jovens para exercerem o papel de cidadãos na sociedade contemporânea<sup>66</sup>.

### ***3.3 Avaliações no Brasil***

Neste item apresentaremos alguns conceitos sobre avaliação de aprendizagem, aquela feita na escola quando os professores avaliam seus alunos, com um enfoque na legislação a respeito. Além disso, exporemos as avaliações externas que são realizadas por meio do poder público no Brasil.

#### **3.3.1 Avaliação de Aprendizagem**

A avaliação de aprendizagem efetuada na sala de aula, onde o professor avalia seu aluno, é feita com diversos objetivos, tanto teóricos quanto práticos, como para conhecer o desempenho do estudante em determinado conteúdo, podendo o professor intervir no processo de ensino para melhorar a aprendizagem; para efeito de promoção ou retenção; ou avaliar para efeitos burocráticos.

Procuramos exibir um panorama da avaliação de aprendizagem em geral, mostrando alguns de seus aspectos históricos no Brasil, expondo, inclusive, concepções presentes na legislação educacional brasileira desde 1931 (Fonte: Sousa (2011, p. 20-22)., pois acreditamos que uma análise desse tipo permite que compreendamos as concepções atuantes na atualidade. Como nosso trabalho focou professores de Matemática, ouvindo suas concepções sobre avaliação nessa disciplina e também na efetuada pelo Saesp, neste item também focaremos a avaliação em Matemática. Porém, em geral, a avaliação de aprendizagem segue as mesmas “regras” em todas as disciplinas escolares.

Valente (2007) escreve importante artigo sobre o trajeto histórico da avaliação escolar em Matemática, o qual nos situou acerca das avaliações nessa disciplina. O

---

<sup>66</sup> Informações em: <<http://portal.inep.gov.br/pisa-programa-internacional-de-avaliacao-de-alunos>>. Acesso em: 05 jan. 2012.

autor relata que, desde que foram criados os cursos Jurídicos no Brasil, em 1827, havia os exames parcelados para o ingresso no curso superior. Os alunos passavam por cursos preparatórios onde estudavam os pontos que caíam no exame. Esses pontos também determinavam a elaboração da literatura escolar.

Conforme o mesmo autor, esses cursos suprimiram a falta de um ensino secundário seriado e obrigatório, mesmo com a criação, em 1837, do Colégio Pedro II, que serviu de modelo ao ensino secundário seriado, mas foi preterido em favor da busca de certificado dos testes para ingresso no ensino superior. Assim, o trabalho didático-pedagógico do professor de Matemática consistia em fazer com que os alunos fixassem os pontos. Com a lista deles, os alunos se preparavam para provas escritas e orais, relativas a cada disciplina.

O fluxo cada vez maior de alunos fez com que o Colégio Pedro II definisse normas cada vez mais rígidas para os exames, que eram públicos e realizados por bancas formadas com professores estranhos aos alunos. Ainda segundo Valente (2007), tais exames começaram a ser questionados pelo menos a partir de 1922, sugerindo-se que fossem levados em conta documentos relativos às provas parciais feitas pelos alunos. Seguiram-se debates. Mostrou-se, então, a diferença que existia entre provas e exames na época. Os exames eram reconhecidos como elementos de promoção confiáveis e forçavam o aluno a estudar; já às provas não era dado valor algum, pois são imersas na subjetividade do professor, ou seja, não são confiáveis. Porém, acabou ocorrendo a transição dos exames parcelados para os exames seriados, entre os anos de 1925 e 1930, com uma convivência pautada por uma grande quantidade de exames a serem elaborados pelos sistemas de ensino, que acabaram tendo o poder de organizar todo o sistema educativo.

O controle e centralismo que se tinha até então se tornou inviável a partir dos anos 1930, com a Reforma Francisco Campos (uma tentativa de criar um sistema nacional de ensino), devido ao aumento do número de alunos. Mesmo assim, conforme informações de Valente (2007), o controle sobre as provas parciais era grande, havia portarias e circulares constantes regulamentando sua aplicação e orientando o trabalho do professor. Inclusive existia um grupo de inspetores, para inspecionar as provas parciais nas escolas, conforme podemos observar no Fonte: **Sousa (2011, p. 20-22)**. no decreto de 1931. Portanto, desde que há a necessidade de se avaliar o aprendizado do aluno ano a ano, as formas avaliativas vão entrando no debate educacional e dando espaço para que a relação aluno-professor seja cada vez mais permeada pela nota.

Novas mudanças vão surgir em 1940, com a Reforma Capanema, sistematizando cada vez mais a composição da média para que o aluno seja promovido de nível e série escolar. Gradativamente, foi se dando importância ao *processo avaliativo*. Podemos observar as mudanças introduzidas em 1942 no Fonte: **Sousa (2011, p. 20-22)**.

**Quadro 1 - Concepções de avaliação da aprendizagem na legislação educacional brasileira.**

<b>Decreto/Lei</b>	<b>Concepção de avaliação</b>	<b>Finalidades da Avaliação</b>	<b>Princípios orientadores da avaliação</b>	<b>Procedimentos de avaliação (instrumentos e critérios)</b>	<b>Responsável pela avaliação.</b>
<b>Decreto nº 19.890/1931</b>	O termo avaliação não é usado, mas é possível inferir que ele é entendido como procedimento de medida, de atribuição de notas aos alunos, em razão de seu desempenho nas provas e exames.	Classificação do aluno com base nas notas obtidas, tendo em vista seleção para o prosseguimento nos estudos.	Inflexibilidade (não consideração a qualquer variável que possa ter interferido na nota obtida). Imparcialidade (nos procedimentos de julgamento das provas parciais e finais).	Arguição oral, trabalhos práticos, provas parciais e finais. Priorização de instrumentos de testagem, não sendo previstos procedimentos de observação ou de autorrelato.	A tarefa de avaliar é exclusiva do professor, que é assessorado pelo inspetor no julgamento das provas parciais e finais. Não é prevista participação do aluno.
<b>Decreto-lei nº 4.244/1942</b>	A avaliação refere-se à escala numérica que expressa o grau de adequação dos trabalhos escolares. É concebida como um procedimento de mensuração, cuja ênfase é a representação quantificada do rendimento apresentado pelo aluno, em exercícios e exames.	Classificação do aluno de acordo com o nível de aproveitamento apresentado nas diversas disciplinas, tendo em vista a seleção daqueles com condições de prosseguir ou concluir os estudos.	Objetividade.	Procedimentos previstos são de testagem, obtendo-se as medidas do rendimento do aluno por meio de exercícios e provas.	Cabe ao professor, de cada disciplina, a tarefa de verificar o rendimento do aluno. Mantém-se a presença da banca de examinadores na fase de realização da prova final.
<b>Lei nº 4.024, em 20 de dezembro de 1961</b> <b>Pareceres nº 102, de 09 de junho de</b>	É a verificação da aprendizagem de maneira contínua e cumulativa, ao longo de todo o ano letivo. A avaliação deve ser compatível com o trabalho desenvolvido pelo professor	Não há indicadores relativos aos critérios de julgamento que devem ser considerados.	Continuidade, compatibilidade com o trabalho realizado e necessidade de análise dos resultados de desempenho do aluno de modo compreensivo.	Para aferição do desenvolvimento do aluno devem ser utilizados, além dos exames e provas, outros processos de avaliação da aprendizagem, que o professor adote em	O responsável pela avaliação do aluno é o professor, embora, no momento do “juízo definitivo”, seja acompanhado por uma comissão examinadora.

<p><b>1962, e nº 207, de 14 de abril de 1966.</b></p>	<p>em sua disciplina.</p>			<p>face da experiência pedagógica e do conhecimento científico na matéria. Não há tentativa de uniformização dos padrões de julgamento do aluno, como quando eram elaboradas provas únicas, pelo sistema estadual ou municipal de ensino, para serem aplicadas nas unidades escolares.</p>	
<p><b>Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 Parecer nº 360/1974 Parecer nº 2164/1978</b></p>	<p>Entendida como verificação do rendimento escolar, compreendendo a dimensão do aproveitamento dos alunos e a apuração da assiduidade. Pelo Parecer nº 360/74 do Conselho Federal de Educação, pode-se depreender a ênfase na avaliação como um processo que visa a acompanhar o alcance dos objetivos propostos, tendo como referência as metas educacionais estabelecidas, devendo servir à aprendizagem dos alunos. Fornece dados para apoiar a decisão quanto à promoção</p>	<p>Propiciar o replanejamento do trabalho educativo, em função dos objetivos educacionais visados e das potencialidades do aluno. Fornecer elementos para o aperfeiçoamento das condições de ensino e de aprendizagem e, assim, retroalimentar o planejamento escolar. Não deveria servir exclusivamente para fins de decisão com relação à promoção ou retenção do aluno.</p>	<p>Continuidade (busca romper a vinculação com provas e exames periódicos, pois deverão preponderar os resultados obtidos durante o período letivo sobre os da prova final, caso esta seja exigida). Amplitude (desejabilidade de que sejam avaliados o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor). Compatibilidade com os objetivos propostos (o que se avalia é determinado pelos objetivos definidos, os</p>	<p>Deve envolver a utilização de procedimentos diversificados e ocorrer no início, durante e ao final do processo de ensino, sob responsabilidade do professor.</p>	<p>Cabia ao professor decidir sobre os procedimentos e instrumentos utilizados.</p>



<b>Lei nº 9.394 de 1996</b>	ou retenção do aluno, assim como para o replanejamento do trabalho.	Acompanhar o desempenho escolar do aluno.	<p>quais expressam as mudanças de comportamento esperadas). Preponderância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos.</p> <p>Continuidade e cumulatividade, com prevalência dos resultados obtidos no decorrer do período letivo.</p>	Cabe ao professor decidir os procedimentos de avaliação utilizados.	No âmbito da escola, a responsabilidade pela avaliação é do professor. Mas é incumbência da União assegurar processo nacional de avaliação do rendimento escolar no Ensino Fundamental, médio e superior, objetivando a definição de prioridades e a melhoria da qualidade de ensino.
-----------------------------	---------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Sousa (2011, p. 20-22).

A partir da LDB de 1961, a avaliação passou a ser vista como contínua e cumulativa durante o ano. Já em 1971, além da verificação do rendimento escolar, de acordo com objetivos propostos inicialmente, a avaliação começou a ser vista como fornecedora de dados para o replanejamento do trabalho docente e passa a ser atribuição exclusiva do professor, inclusive quanto à decisão de quais instrumentos utilizar.

Atualmente vigora a LDB 9394/96, que trata em forma de lei sobre os sistemas nacionais de avaliação<sup>67</sup> e também das avaliações efetuadas em nível de escola. Detalhando as informações contidas no Quadro 1, essa lei, em seu artigo 24, inciso II, dispõe sobre a classificação dos alunos nas fases do ensino e no inciso V, sobre a avaliação de rendimento escolar:

II - a classificação em qualquer série ou etapa, exceto a primeira do Ensino Fundamental, pode ser feita

- a. por promoção, para alunos que cursaram, com aproveitamento a série ou fase anterior, na própria escola;
- b. por transferência, para candidatos procedentes de outras escolas;
- c. independentemente de escolarização anterior, mediante avaliação feita pela escola, que defina o grau de desenvolvimento e experiência do candidato e permita sua inscrição na série ou etapa adequada, conforme regulamentação do respectivo sistema de ensino.

V - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a. avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b. possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c. possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d. aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e. obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos. (BRASIL, 1996)

Observamos, também, o que dispõe o artigo 23:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. (BRASIL, 1996)

---

<sup>67</sup> Segundo Valente (2007), essa disposição legal acaba, de certo modo, desqualificando os professores para o processo de avaliação escolar.

Essas concepções presentes desde 1996 são responsáveis pela implantação, em 1997, no Estado de São Paulo, do sistema de progressão continuada<sup>68</sup>, que organizou o ensino paulista em dois ciclos: de 1ª a 4ª séries e de 5ª a 8ª, não fazendo, então, “mais sentido reprovar um aluno pela falta de domínio de alguns conteúdos, mesmo porque a avaliação passa a ser constante, contínua e cumulativa e o reforço escolar e a recuperação, se necessários, devem ocorrer ao longo do ano” (GUILHERME, 2000, p. 2). Somente podem ser retidos alunos quando extrapolam 25% de ausências ou ao final dos ciclos, em casos extremos de não atingirem as competências mínimas esperadas. Destaca-se que há pesquisas que mostram que, na prática, a progressão continuada se tornou uma promoção automática dos alunos, como apontam, por exemplo, Guilherme (2000) e Arcas (2009).

Essas medidas vêm na direção de democratização do ensino, o que se traduziu, na prática, em efetiva diminuição da repetência e evasão escolar<sup>69</sup> e a redução, ao menos teoricamente, do poder de seleção de uma avaliação, já que seu resultado não seria considerado para efeitos de promoção do aluno durante os ciclos. A avaliação deveria, sim, servir para fins de intervenção no processo de ensino e aprendizagem e ser realizada de maneira contínua e individualizada durante o período letivo. Porém, conforme afirmado por Freitas (2009), mesmo que se retirem processos de avaliação que ele denomina *formais*, existe a avaliação *informal*, com os juízos de valor invisíveis, que acabam interferindo na avaliação formal.

Assim, sobre a avaliação de aprendizagem no Brasil, apesar da democratização do ensino, que deveria promovê-la como forma de diagnosticar e promover o conhecimento, segundo Souza (2011), as pesquisas revelam que sua função classificatória é a que se mostra com mais força nas práticas escolares.

Não diferente dessa tendência, a avaliação em Matemática, conforme Pavanello e Nogueira (2006, p. 36-37), “tem se centrado nos conhecimentos específicos e na contagem de erros. É uma avaliação somativa, que não só seleciona os estudantes, mas os compara entre si e os destina a um determinado lugar numérico em função das notas obtidas”. Porém, as autoras afirmam que, mesmo com uma avaliação desse tipo, se

---

<sup>68</sup> A partir da Deliberação 09/97, a progressão continuada vigora no Estado, sendo implantada em todas as escolas a partir de 1998.

<sup>69</sup> A taxa de aprovação no Estado de São Paulo em 2010 para os anos iniciais do Ensino Fundamental foi de 96,10%, para os anos finais foi de 92,40% e para o Ensino Médio foi de 82,90%. Em 1996 era, respectivamente, 91, 7%, 87,4% e 88,2%. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-no-brasil/numeros-do-brasil/dados-por-estado/sao-paulo/>>. Acesso em: 6 jan. 2012.

forem tomados alguns cuidados, como, por exemplo, analisar os erros dos alunos, relacionando-os com os conhecimentos matemáticos, a avaliação pode desempenhar um papel de orientadora da prática pedagógica. Esse tipo de avaliação em Matemática é condizente com o modo *informativo* de ensino dessa ciência, termo usado pelas autoras, ou seja, que visa somente a ensinar os objetivos especificados para cada conteúdo curricular previsto.

Porém, o que se espera, segundo a LDB, é que se trabalhe uma concepção de avaliação formativa, cumulativa e contínua. Em Matemática, quando trabalhamos com a concepção *formativa* dessa ciência, segundo Pavanello e Nogueira (2006, p. 38), devemos ter como inspiração o trabalho realizado pelos matemáticos que se caracteriza por:

- partir de situações-problema internas ou externas à Matemática;
- analisar as situações;
- pesquisar acerca de conhecimentos que possam auxiliar na solução dos problemas;
- elaborar conjecturas, fazer afirmações sobre elas e testá-las;
- refinar as conjecturas;
- perseverar na busca de soluções, mesmo diante de dificuldades;
- sistematizar o conhecimento construído a partir da solução encontrada, generalizando, abstraindo e desvinculando-o de todas as condições particulares;
- submeter os resultados obtidos à comunidade, utilizando, para isso, uma linguagem adequada; e
- argumentar a favor ou contra os resultados.

Dessa forma, conforme as autoras, para que os professores avaliem em Matemática, segundo essa concepção, devem observar atenta e não passivamente os alunos enquanto realizam as tarefas durante a aula, para detectar de que maneira estão cumprindo as atitudes elaboradas acima, para que assim possam compreender os processos de pensamento dos alunos e intervir quando necessário.

Podemos então detectar, tanto no ensino em geral, como no ensino de Matemática, uma preocupação em ensinar e avaliar os alunos de uma maneira que se possa analisar seu modo de pensar e interferir no processo de ensino e aprendizagem com o objetivo de melhorá-lo. Verificamos que tal avaliação somente pode ser realizada quando o professor tem meios para observar cada aluno individualmente e para interferir no processo educacional. Além disso, pressupõe-se o interesse do aluno em ser protagonista de seu próprio aprendizado, ou seja, estar interessado no seu aprendizado.

Entendemos a avaliação de aprendizagem, assim como Perrenoud<sup>70</sup> (1999), como central no sistema didático e no sistema de ensino, o que implica que qualquer mudança que se efetue na avaliação envolve diversas outras mudanças que devem ocorrer na organização do sistema de educação como um todo, e vice-versa. Esse autor afirma que a avaliação formativa é apenas “um dos componentes de um dispositivo de individualização dos percursos de formação e de diferenciação das intervenções e dos enquadramentos pedagógicos” (PERRENOUD, 1999, p. 144). Se tais diferenciações são impossíveis, a avaliação formativa acontecerá apenas no papel.

### 3.3.2 Avaliação Externa

No Brasil, o processo de avaliação educacional externa teve forte impulso a partir de meados da década de 80. Anteriormente, podemos destacar algumas iniciativas entre 1960 e 1980, que incluíram alguma espécie de avaliação educacional, segundo os artigos de Vianna (1995) e Gatti (2002):

Nas décadas de 60 e 70, a FUNBEC (Fundação Brasileira para o Ensino de Ciências) contou com uma avaliação de seus programas de novos currículos em Física, Química, Matemática, Biologia e Geociências.

A Fundação Getúlio Vargas, na década de 60, desenvolveu um instrumento (teste padronizado) para avaliar a capacitação de alunos ao término do Ensino Médio, envolvendo provas objetivas e questionários socioeconômicos.

Nas décadas de 70 e 80, com a criação dos vestibulares unificados, houve a intensificação de estudos sobre avaliações para o acesso ao ensino superior.

O Programa de Expansão e Melhoria do Ensino no Meio Rural do Nordeste Brasileiro, o Edurural, que teve financiamento do Banco Mundial, contou com uma avaliação que acompanhou a implantação e o desenvolvimento do projeto, sob vários aspectos, de 1982 a 1986.

Segundo Bonamino e Franco (1999), nas décadas de 60 e 70, a abordagem do desempenho escolar nas pesquisas educacionais se pautava basicamente na análise de fatores extraescolares, como fatores socioeconômicos e de gênero. Já na década de 80, algumas pesquisas e estudos procuraram analisar os fatores intraescolares, além das que

---

<sup>70</sup> Nesse artigo, publicado originalmente em 1993, Perrenoud (1999, p. 146), sem a tentativa de dar conta de todos os aspectos do sistema educacional, propõe um esquema no qual coloca a avaliação no centro de um octógono, portanto, com oito dimensões relacionadas: a. Relações entre as famílias e a escola; b. Organização das turmas, individualização; c. Didática, métodos de ensino; d. Contrato didático, relação pedagógica, ofício de aluno; e. Acordo, controle, política institucional; f. Plano de estudos, objetivos, exigências; g. Sistema de seleção e de orientação; h. Satisfações pessoais e profissionais.

buscam relacionar fatores intra e extraescolares nas desigualdades educacionais. Dentro dessa última abordagem, se enquadra a avaliação efetuada no projeto Edurural.

Destaca-se que as avaliações educacionais externas realizadas no Brasil são todas partes de políticas públicas.

### **3.3.2.1 O Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica - Saeb**

Tendo em vista todas as recomendações internacionais já mencionadas, a adequação às condições determinadas pelo Banco Mundial<sup>71</sup> e as reformas de Estado, que incluem mudanças na política educacional, também já brevemente citadas, ao final da década de 80, ocorreram as primeiras ações para a implantação de um sistema nacional de avaliação da educação básica no Brasil, “buscando verificar não apenas a cobertura do atendimento educacional oferecido à população, mas, principalmente, o desempenho dos alunos dentro do sistema” (BONAMINO; FRANCO, 1999, p. 108).

Assim, o Ministério da Educação, segundo Gatti (1996), realizou convênios com todos os Estados para que se pensasse um Sistema Nacional de Avaliação, com base em amostras de cada Estado. Ocorreram estudos de 1987 a 1989, em escolas públicas do Brasil, nas disciplinas de Português, Matemática e Ciências, com amostras de estudantes da 1ª, 3ª, 5ª e 7ª séries do Ensino Fundamental. O MEC esperava que com essas avaliações tivesse um panorama da educação no Brasil e assim pudesse proporcionar às Secretarias de Educação dos Estados instrumentos para reflexões sobre os processos de ensino.

Conforme Horta Neto (2007), também em 1988, o MEC, por intermédio da Secretaria Nacional de Educação Básica (Seneb), decidiu ampliar a abrangência da avaliação proposta pelo Projeto Nordeste para todo o país. Surgiu, assim, o *Sistema de Avaliação das Escolas Públicas de 1º Grau* (Saep), envolvendo o custo por aluno, o rendimento e a gestão escolar, utilizando os “recursos de um convênio firmado entre o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura – IICA e o Ministério da Educação” (HORTA NETO, 2007, p. 7). Em 1988 foi feito o teste piloto<sup>72</sup> da avaliação nos Estados do Paraná e do Rio Grande do Norte, para testar os instrumentos e os procedimentos para aplicação em nível nacional no início de 1989, o que acabou

---

<sup>71</sup> No caso específico do Saeb, podemos dizer que houve grande influência da necessidade de “desenvolvimento de um sistema de avaliação do impacto do Projeto Nordeste, segmento Educação, no âmbito do VI Acordo MEC/Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento”, o BIRD. (BONAMINO; FRANCO, 1999, p. 110).

<sup>72</sup> Piloto no sentido de “campo de experimentação para novos métodos ou processos” (HOUAISS, 2007).

ocorrendo em 1990, com a primeira aplicação do Saep que, em 1991, passou a se chamar *Sistema de Avaliação da Educação Básica* (Saeb), um sistema de diagnóstico da educação brasileira, com o objetivo de colaborar na definição e monitoramento de políticas públicas “contribuindo para a melhoria da qualidade, equidade e eficiência do ensino” (BRASIL, [200?]). A responsabilidade passa da SENEb para o Inep em 1992.

Com informações de Brasil ([200?]), segue-se um breve histórico do Saeb: em 1990 e 1993, a avaliação teve o mesmo formato, sendo amostral em escolas que possuíam as 1<sup>as</sup>, 3<sup>as</sup>, 5<sup>as</sup> e 7<sup>as</sup> séries do Ensino Fundamental das escolas públicas da rede urbana. Ocorreram avaliações em Língua Portuguesa, Matemática e Ciências. As 5<sup>as</sup> e 7<sup>as</sup> séries também foram avaliadas em Redação.

A partir de 1995, adotou-se a Teoria de Resposta ao Item (TRI), o que possibilitou a comparação entre os resultados das avaliações. A partir desse ano foram avaliadas as 4<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup> séries do Ensino Fundamental e 3º ano do Ensino Médio. Além da amostra da rede pública, em 1995, foi acrescentada uma amostra da rede privada. Nesse ano não foram aplicados testes de ciências.

Em 1997 foram elaboradas as Matrizes Curriculares de Referência do Saeb pelo Inep e, além disso, “instituiu-se um processo de validação empírica dos itens preparados e esses passaram a ser propriedade do MEC” (BONAMINO; FRANCO, 1999, p. 119). Nas edições de 1997 e 1999, voltou-se a avaliar Ciências na 4ª e 8ª e, para os alunos do 3º ano do Ensino Médio, foram realizadas avaliações em Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia.

A partir da edição de 2001, o Saeb passou a avaliar apenas as áreas de Língua Portuguesa e Matemática, além de ter ocorrido uma atualização nas Matrizes de Referência. Em 2005 o Saeb passou a ser composto por duas avaliações: Avaliação Nacional da Educação Básica (Aneb) e Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (Anresc), esta última denominada Prova Brasil. Atualmente as provas são realizadas bianualmente.

A Aneb faz uma avaliação amostral das redes públicas e privadas para o 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio. A Prova Brasil avalia de forma censitária as escolas que atendam a critérios de quantidade mínima de estudantes na série avaliada, o que permite gerar resultados por escola, no 5º e 9º anos.

A Prova Brasil atende à

demanda dos gestores públicos, educadores, pesquisadores e da sociedade em geral por informações sobre o ensino oferecido em cada município e escola. O objetivo da avaliação é auxiliar os governantes nas decisões e no direcionamento de recursos técnicos e financeiros, assim como a comunidade escolar, no estabelecimento de metas e na implantação de ações pedagógicas e administrativas, visando à melhoria da qualidade do ensino (BRASIL, [200?]).

Além das provas, os alunos, diretores e professores respondem questionários individualizados para que se levantem informações sobre o contexto da escola e dos alunos. Os resultados são divulgados com relatórios técnicos, segundo Horta Neto (2007).

O Saeb, ou atualmente a Aneb, é uma avaliação diagnóstica não promovendo a *accountability*, ou seja, a responsabilização de professores, gestores e até mesmo dos alunos pelo seu desempenho. Já a Prova Brasil, segundo Becker (2010), é uma avaliação que gera *accountability*, pois seus resultados são divulgados amplamente e calculados por escola.

Em 2005 também foi criado o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), com o objetivo de monitorar a qualidade da educação, expressa claramente por uma concepção baseada no desempenho cognitivo dos alunos e no fluxo escolar, já que o Ideb é calculado da forma:

$$N_{ji} \cdot P_{ji} = Ideb_{ji} \text{ onde,}$$

$i$  é o ano do exame (Saeb e Prova Brasil) e do Censo Escolar;  $N_{ji}$  é a média<sup>73</sup> da proficiência em Língua Portuguesa e Matemática, padronizada para um indicador entre 0 e 10, dos alunos da unidade  $j$ , obtida em determinada edição do exame realizado ao final da etapa de ensino, e  $P_{ji}$  se refere ao indicador de rendimento baseado na taxa de aprovação da etapa de ensino dos alunos da unidade  $j$ .

Em 2007 foi lançado o *Plano de Desenvolvimento da Educação* (BRASIL, 2007), explicitando que dois de seus propósitos são de mobilização social e responsabilização, pois entendendo ser a educação um dever do Estado e da família, é imperativo considerar a responsabilização, principalmente da classe política, e a mobilização da sociedade para um plano de desenvolvimento da educação. Dessa forma, afirma-se, no documento, que a Prova Brasil e o Ideb, a partir de 2005, têm aumentado a responsabilização dos atores educacionais, da sociedade e da classe política em relação aos resultados educacionais.

<sup>73</sup> As médias de desempenho utilizadas são as da Prova Brasil (para Idebs de escolas e municípios) e do Saeb (no caso dos Idebs dos Estados e nacional).



Além disso, em 2007, pelo Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007, foi implementado o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação para melhoria da educação básica, estabelecendo que o Ideb será o indicador objetivo usado para verificar o cumprimento das metas estabelecidas. A meta de aumento do Ideb é atingir 6,0<sup>74</sup> na primeira fase do Ensino Fundamental em 2022, pois foi 3,8 o Ideb de 2005 e o registrado em 2009 foi de 4,6.

Conforme Bauer e Silva (2011, p. 52), o Ideb é mais elaborado do que resultados em provas e está sendo concebido como “componente fundamental” da política educacional, associado ao estabelecimento de metas a serem cumpridas pelas escolas e “a critérios de disponibilização de programas de suporte financeiro e pedagógicos às escolas por parte do Ministério da Educação.” Alertam que devemos estar atentos, pois assim como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), o Ideb é uma “medida-resumo” de uma realidade complexa.

A criação do Saeb, do Ideb e determinação de metas para serem alcançadas pela rede pública até 2021 são iniciativas que contribuem para a criação de uma cultura avaliativa no país, pela facilidade de assimilação desse tipo de índice pela sociedade. Porém, devemos estar atentos ao fato de que as provas medem o desempenho em Língua Portuguesa e em Matemática, e os índices não dão conta da complexidade do cotidiano escolar, o que é uma limitação inerente a eles, necessitando ser sempre apontada, pois devemos dar-nos conta do que e para que medimos.

Conforme Sousa (2011), ao mesmo tempo em que essas avaliações podem trazer contribuições para as políticas públicas e planejamento escolar, devemos estar atentos às suas limitações, uma delas entendida como “identificar a noção de avaliação à medida educacional”.

O Saeb tornou possível, segundo Becker (2010, p. 3), identificar alguns problemas de aprendizagem e diferenças regionais, além de proporcionar uma “visão concreta dos resultados dos processos de ensino e aprendizagem e das condições em que são desenvolvidos”. Alerta que as avaliações nacionais podem ser um instrumento para que os atores da educação repensem seu trabalho, mas devemos ser cuidadosos ao fazer classificações que podem não contribuir para a melhoria da qualidade do ensino.

O desenvolvimento de sistemas de avaliações no Brasil enfrenta diversas críticas e, além das já expostas, podemos citar a de que “ainda existe o desafio de construir a

---

<sup>74</sup> Média dos países da OCDE.

ligação entre a avaliação e a sala de aula para que estes exames não fiquem apenas com a função de traçar diagnósticos e possam de fato contribuir para uma mudança no sistema educacional” (BECKER, 2010, p. 6). Essa crítica também é pautada no fato de que os resultados pormenorizados da Prova Brasil demoram cerca de dois anos para serem divulgados. Antes disso, conforme Novaes, Tavares e Gimenes (2011), o Inep disponibiliza apenas uma planilha com os valores do Ideb de cada escola e a meta futura, além das taxas de aprovação e das médias na Prova Brasil.

### **3.3.2.2 O Exame Nacional do Ensino Médio – Enem**

O Enem foi criado em 1998, com o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica, com a participação voluntária de alunos que estão concluindo ou que já concluíram o Ensino Médio em anos anteriores. Desde o início, o Enem era usado como critério de seleção para o ingresso em muitas Instituições de Ensino Superior particulares ou parte dos critérios dessa seleção, como nas Universidades Estaduais Paulistas.

Em 2009 o Enem passou a utilizar a Teoria da Resposta ao Item (TRI) na aplicação das provas e os alunos são agora avaliados nos eixos de conhecimento: Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias. Nesse ano passou a ser usado como critério para ingressos nas universidades federais.

Essa avaliação é composta por testes de múltipla escolha e uma Redação, além de questionários de contexto. As provas são elaboradas com base em Matriz de Referência própria para o exame. Os alunos que se submetem ao teste têm seu resultado individual disponibilizado de maneira confidencial. Os resultados das escolas são abertos e podem ser consultados no site do Inep. Dessa forma, os resultados do Enem estão sendo utilizados para classificar as escolas, principalmente as particulares, que não participam da Prova Brasil, o que deve ser visto com certa cautela, já que não são todos os alunos que participam da avaliação, uma vez que a participação é voluntária.

Segundo informações no site do Enem<sup>75</sup>, ele é utilizado como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (ProUni). Além disso, cerca de 500 universidades já usam o resultado do exame como critério de seleção para o ingresso no ensino superior, seja complementando ou substituindo o vestibular. Ainda, desde 2009 pode ser utilizado

---

<sup>75</sup> Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/enem>> . Acesso em: 16 jan 2012.

como certificação para o Ensino Médio, passando a substituir o Encceja nessa etapa de ensino<sup>76</sup>.

Resumindo os objetivos do Enem, segundo Novaes, Tavares e Gimenes (2011, p.70), temos:

- fornecer informações aos examinandos sobre suas capacidades cognitivas, facilitando-lhes as escolhas profissionais e acadêmicas;
- possibilitar a certificação pelas secretarias Estaduais de Educação, e por Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, no nível de conclusão do Ensino Médio;
- meio para acesso a cursos superiores ou profissionalizantes, como também para ingresso no mercado de trabalho;
- aperfeiçoar os currículos do Ensino Médio;
- contribuir com as pesquisas sobre qualidade da educação.

### ***3.3.2.3 O Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos - Encceja***

O Encceja foi instituído em 2002 e, segundo informações no site do Inep<sup>77</sup>, “é uma avaliação voluntária e gratuita ofertada às pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir os estudos em idade apropriada para aferir competências, habilidades e saberes adquiridos tanto no processo escolar quanto no extraescolar”. Pode ser realizado para certificação do Ensino Fundamental para brasileiros acima de 15 anos que não completaram esse nível de ensino. O exame também é oferecido aos brasileiros que residem no exterior, nesse caso para certificação tanto para o Ensino Fundamental quanto para o Médio.

As provas são elaboradas com base em uma Matriz de Competências e Habilidades específica para esta avaliação e os eixos do conhecimento avaliados são os mesmos válidos para o Ensino Médio. Para o Ensino Fundamental são quatro provas, organizadas da seguinte maneira: Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna (Inglês), Artes, Educação Física e Redação; Matemática; História e Geografia; Ciências Naturais.

Os alunos podem escolher entre realizar todas as provas ou somente uma, e, assim, podem “eliminar” algumas disciplinas, recebendo o certificado somente daquelas em que obtiveram a nota mínima necessária. Cada prova consta de 30 questões de múltipla escolha e um texto dissertativo-argumentativo.

<sup>76</sup> Para brasileiros que residem no exterior é oferecido o Encceja para certificação no Ensino Médio.

<sup>77</sup> Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/encceja>>. Acesso em: 16 jan. 2012.

### 3.3.2.4 Avaliações além da Educação Básica

#### 3.3.2.4.1 Primeira Fase do Ensino Fundamental – Provinha Brasil

A Provinha Brasil, surgida em 2008, é uma avaliação anual, que ocorre no início e no final do segundo ano de escolaridade obrigatória, com o objetivo de investigar o nível de alfabetização dos alunos. Permite “o diagnóstico e a adoção de práticas educativas para incrementar a competência leitora dos alunos ao longo do processo de escolarização.” (NOVAES, TAVARES, GIMENES, 2011, p. 69). É elaborada pelo Inep, distribuída pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) a todas as secretarias de educação municipais, estaduais e do Distrito Federal<sup>78</sup>.

#### 3.3.2.4.2 Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior

O Exame Nacional de Cursos, conhecido como Provão, foi implantado em 1995, obrigatório para os formandos de 1996 a 2003, com a finalidade de avaliar os cursos de graduação oferecidos pelas instituições de ensino superior públicas e privadas, conforme Gonçalves (2005).

A partir de 2004, houve uma reformulação nesse exame e foi implantado o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior<sup>79</sup> (Sinaes), que é composto pelo Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) e pela Avaliação dos Cursos de Graduação, que subsidia a regulamentação dos cursos pelo MEC e também um sistema de informação sobre os cursos. O Sistema inclui, também, avaliação interna obrigatória das instituições de ensino superior e utilização de informações do Censo da Educação Superior.

O Enade era composto por duas avaliações: uma de formação geral para alunos ingressantes e outra de conhecimentos específicos para alunos concluintes. A partir de 2011, os alunos ingressantes foram dispensados da prova. Além disso, é aplicado questionário de contexto aos alunos e aos coordenadores do curso. O Enade é obrigatório, com a participação do estudante registrada em seu Histórico.

A Avaliação dos Cursos inclui os resultados do Enade e avaliações *in loco* realizadas por especialistas. Os cursos são avaliados periodicamente e possuem três tipos de avaliação: para autorização, para reconhecimento e para renovação do

---

<sup>78</sup> Informações no site <<http://provinhabrasil.inep.gov.br/web/provinha-brasil/apresentacao>>. Acesso em: 04 jan. 2012.

<sup>79</sup> Criado pela Lei n° 10.861, de 14 de abril de 2004. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/superior-sinaes>>. Acesso em: 02 jan. 2012.

reconhecimento (a cada três anos). Esses “processos avaliativos são coordenados e supervisionados pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (Conaes). A operacionalização é de responsabilidade do Inep<sup>80</sup>”.

Os indicadores de qualidade na educação superior, conforme artigo 1º, § 2º da Portaria nº 338, de 16 de setembro de 2011, são

calculados a partir de insumos decorrentes dos instrumentos do Enade (prova e questionário do estudante), do Censo da Educação Superior (matrícula dos estudantes e informações do corpo docente número de funções docentes, regime de trabalho e titulação) e dos programas de pós-graduação stricto sensu (matrícula dos estudantes e nota da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES).

Há diversas discussões sobre o que o Enade efetivamente mede, em termos de aspectos técnicos, que não cabem a esta pesquisa. Por exemplo, um aspecto de discussão é o fato de os conceitos dos cursos não poderem ser comparados entre cursos diferentes, pois não se usa metodologia de avaliação que permita tal comparação.

#### 3.3.2.4.3 Sistema de Avaliação da Pós-Graduação

O Sistema de Avaliação da Pós-Graduação foi implantado pela CAPES desde 1976 e atualmente abrange dois processos: a Avaliação dos Programas de Pós-Graduação e a Avaliação das Propostas de Cursos Novos de Pós-Graduação.

A primeira realiza o acompanhamento anual e a avaliação trienal de todos os programas e cursos que integram o Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG). Os resultados desse processo são expressos pela atribuição de uma nota na escala de 1 a 7.

A segunda faz parte da admissão de novos programas. A CAPES verifica a qualidade das propostas e encaminha os resultados para fundamentar a deliberação do Conselho Nacional de Educação/MEC “sobre o reconhecimento de tais cursos e sua incorporação ao SNPG”<sup>81</sup>.

---

<sup>80</sup> Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/superior-sinaes>>. Acesso em: 02 jan. 2012.

<sup>81</sup> Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/avaliacao-da-pos-graduacao>>. Acesso em: 03 jan. 2012.

### 3.4 Avaliações no Estado de São Paulo

Para uma contextualização política desse período considerado, serão expostos os governadores do Estado de São Paulo, de 1983 até os dias atuais: de 15/10/83 a 15/03/87 – André Franco Montoro (PMDB<sup>82</sup>); de 15/03/87 a 15/03/91 – Orestes Quércia (PMDB); de 15/03/91 a 01/01/95 - Luiz Antonio Fleury Filho (PMDB); de 01/01/95 a 06/03/01 – Mário Covas (PSDB<sup>83</sup>); de 06/03/01 a 30/03/06 – Geraldo Alckmin (PSDB), de 30/03/06 a 01/01/07 – Cláudio Lembo (DEM<sup>84</sup>); de 01/01/07 a 02/04/10 – José Serra (PSDB); de 02/04/10 até 01/01/2011 - Alberto Goldman (PSDB); e de 01/01/2011 até a atualidade Geraldo Alckmin (PSDB).

Na gestão do PMDB, 10 secretários da Educação estiveram no comando, segundo LOPES (2007): Paulo de Tarso Santos (15/03/1983 a 28/05/1984); Paulo Renato Costa Souza (29/05/1984 a 19/04/1986); José Aristodemo Pinotti (16/05/1986 a 15/03/1987); Chopin Tavares de Lima (15/03/1987 a 03/08/1989); Wagner Gonçalves Rossi (04/08/1989 a 10/01/1990); José Goldemberg (11/01 a 06/04/1990); Carlos Estevam Martins (07/04/1990 a 15/03/1991); Fernando Gomes de Moraes (15/03/1991 a 03/09/1993); Carlos Estevam Martins (10/09/1993 a 31/12/1994); Luis Patrício Cintra do Prado Filho atuou interinamente entre as duas últimas gestões. Já na gestão do PSDB, em 1995, assumiu Teresa Roserley Neubauer da Silva; em 2002, Gabriel Benedito Isaac Chalita; em março de 2006, Maria Lúcia Vasconcelos, que ficou até 2007, assumindo em 25 de julho Maria Helena Guimarães de Castro. Paulo Renato Costa Souza assumiu em 15 de abril de 2009 e, em 2011, Herman Jacobus Cornelis Voorwald, permanecendo até os dias atuais.

A partir de 1992, instituiu-se o *Programa de Avaliação Educacional da Rede Estadual*, inicialmente com avaliação das Escolas-Padrão, em termos específicos de Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEE – SP), vinculado ao Programa de Reforma de Ensino, que criou as Escolas Padrão. Essas escolas foram instituídas pelo Decreto 34085/91<sup>85</sup>, que ditou que algumas escolas, as Padrões, teriam autonomia pedagógica e gradativamente uma autonomia administrativa. Dessa forma o sistema de avaliação foi implantado com a intenção de acompanhar o andamento do processo da

<sup>82</sup> Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

<sup>83</sup> Partido da Social Democracia Brasileira.

<sup>84</sup> Democratas, ex -PFL (Partido da Frente Liberal).

<sup>85</sup> Disponível em <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/181563/decreto-34035-91-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 05 abr. 2010.

Reforma, que pretendia alcançar todas as escolas, o que não aconteceu efetivamente. Foram avaliados alunos da 8ª série do Ensino Fundamental, com provas objetivas de Português, Matemática, História, Geografia e Ciências, questionários de caracterização dos alunos e das escolas e comentários dos professores em relação às provas. Ocorreu outra avaliação em 1994, agora com amostras de Escolas-Padrão e não Padrão para 4ª e 8ª séries. Além disso, em 1993 ocorreram três análises aprofundadas sobre os dados obtidos em 1992: uma em relação às características das escolas com desempenho superior, outra em relação às especificidades de algumas cidades e a última em relação às habilidades avaliadas em cada item, momento em que se utilizaram pela primeira vez no Brasil procedimentos da TRI. (GATTI, 1996; 2002; MANDEL, 1994)

Em 1989 foi implantado o *Projeto Inovações no Ensino Básico*, com financiamento do Banco Mundial, que alocou recursos à região metropolitana de São Paulo para melhorar os materiais pedagógicos, merenda escolar e oportunidades de aperfeiçoamento dos profissionais da educação. O financiamento desse projeto tinha como exigência uma avaliação externa do impacto de políticas educacionais vigentes na rede pública. Então, paralelamente à avaliação das Escolas-Padrão, entre 1992 e 1994, foi desenvolvido o *Projeto de Avaliação de Impacto do Ciclo Básico*<sup>86</sup> e da *Jornada Única*<sup>87</sup> na Área Metropolitana de São Paulo, onde ocorreu um estudo de acompanhamento de um mesmo segmento de crianças durante três anos, comparando escolas com e sem jornada única, “com o objetivo complexo de analisar mudanças de aprendizagem e de características ao longo do tempo” (GATTI, 2002, p.30).

Segundo Bertunes (2008, p. 88), essa avaliação externa

foi realizada por três instituições de pesquisa, Núcleo de Estudos e Políticas Públicas (NEPP) da Unicamp, a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) da USP e a Fundação Carlos Chagas. Cada instituição encarregou-se de avaliar um aspecto, sendo que essa última encarregou-se da avaliação de impacto, ou seja, dos efeitos das medidas na aprendizagem dos alunos.

Depois dessa trajetória de processos avaliativos, o Saesp veio como iniciativa da SEE – SP em 1996, para ser um sistema próprio, abrangente e contínuo,

---

<sup>86</sup> O Ciclo Básico de Alfabetização foi implantado em 1984, regulamentado pelo Decreto nº 21833 de 28/12/83 e Resolução SE nº 13, de 17/01/84 e uma das mudanças foi que o aluno não seria mais reprovado formalmente da 1ª para a 2ª série.

<sup>87</sup> A Jornada Única Discente e Docente no Ciclo Básico de algumas escolas estaduais foi implantada pelo Decreto nº 28170, de 21/01/88 e regulamentada pela Resolução SE nº 17, de 28/01/88. Ela previa que alunos e professores permanecessem mais tempo na escola.

caracterizando-se por não ser amostral, e sim censitário, abrangendo todas as escolas da rede estadual. Além de toda a experiência em processos avaliativos que não continuaram, o Estado de São Paulo vê a necessidade de implantar uma política clara de avaliação educacional em nível estadual, também por participar do Saeb, que ocorre em nível nacional, conforme já foi explicitado.

Sendo o tema desta pesquisa o Saresp, ele será tratado em capítulo específico e que vem a seguir.



## 4 CAPÍTULO TERCEIRO

### O SARESP

Neste capítulo, mostraremos um histórico do Saresp desde sua implantação até os dias atuais. Faremos, também, uma apresentação sobre a nova proposta curricular do Estado de São Paulo, implantada em 2008, e as matrizes de referência de avaliação do Saresp vigentes. Abordaremos, em seguida, a construção das escalas de proficiência atuais. Seguiremos o capítulo expondo informações acerca do Idesp, da bonificação por resultados e das metas propostas pelo Estado de São Paulo. Posteriormente, apresentaremos as teses e dissertações que tratam sobre o Saresp. Finalizaremos com considerações acerca desse sistema de avaliação.

#### *4.1 Implantação do Saresp*

O governo estadual paulista, a partir de 1995, elaborou uma série de mudanças para a educação, descritas no Comunicado da Secretária da Educação Rose Neubauer, de 22 de março de 1995, no qual ficaram estabelecidas as diretrizes educacionais do novo governo.

Nesse Comunicado, segundo Moreira (2007, p. 48), foram elaborados os motivos pelos quais o sistema educacional paulista se “transformou numa máquina gigantesca, ineficiente, ineficaz, atrasada, fruto da falta de planejamento estratégico e modernização do sistema, ou seja, da visão retrógrada, “de costas pra o futuro” dos governos paulistas dos últimos 20 anos”.

Tais motivos seriam: o gigantismo do sistema aliado à falta de mecanismos de controle; a centralização excessiva e a irracionalidade em relação ao quadro de funcionários<sup>88</sup>. Para a melhoria da eficiência da educação em São Paulo, postulava-se a revisão do papel do Estado na prestação de serviços educacionais, que “deveria se

---

<sup>88</sup> Um dos motivos para tal irracionalidade, exposto no Comunicado, era a política salarial injusta e desigual entre o quadro de funcionários. Conforme Moreira (2007, p. 48), nas escolas-padrão havia uma política salarial que permitia “30% a mais nos salários daqueles que optassem pelo Regime de Dedicção Plena e Exclusiva (RDPE) e também para os supervisores dessas Escolas”. As escolas-padrão foram gradativamente extintas no governo de Mário Covas. Atualmente uma das propostas do governo do Estado de São Paulo são as escolas do Centro Estadual de Referência de Ensino (CEREM), que contempla um novo modelo de escola em tempo integral, pretendendo atender a oito mil alunos em 2012. Uma das propostas para os profissionais dessas escolas é um Projeto de Lei a ser enviado para votação que permite um aumento de 50% no salário-base a quem se dedicar exclusivamente à unidade escolar.

converter em planejador estratégico, agente formulador da política educacional, um promotor da equidade no serviço prestado” (MOREIRA, 2007, p. 55).

Entre as mudanças propostas no sentido de Reforma do Estado, temos o incentivo à municipalização do ensino, com o interesse de descentralização, e a implantação do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar, o Saresp, como mecanismo de controle. Conforme Machado (2010, p. 101), é “nítida a coerência dos eixos da política educacional paulista implantada a partir de 1995, com o movimento de Reforma do Estado iniciado na Inglaterra e nos Estados Unidos na década de 80”.

Para ilustrar a visão que a equipe da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo apresenta em relação ao Saresp, expomos, nas palavras de Rose Neubauer<sup>89</sup> (1996, p. 12), em palestra no *Seminário Internacional sobre Modelos Avaliativos*<sup>90</sup>, a necessidade de implantação de um sistema de avaliação:

Não se podem implantar diferentes políticas educacionais se não se garantir junto com as implantações [...] um sistema de avaliação que vá a todo momento mostrando rumos [...] e mudanças que sejam mais adequadas, inclusive mais condizentes com as clientelas que se têm dentro do sistema educacional.

Entre os documentos produzidos para esse Seminário Internacional, temos um intitulado *Documento de implantação do Saresp* (SÃO PAULO, 1996). Nele se mostram os principais motivos pelos quais o Saresp foi implantado, seus objetivos, sua abrangência, as ações a serem realizadas para sua execução, os resultados esperados, o processo de implantação, os instrumentos que seriam utilizados para coletar e analisar dados e como se daria o processo nos próximos anos. Será apresentada, agora, uma exposição resumida desse documento, que se pretende ser esclarecedora. Destaca-se que o Saresp foi implantado legalmente pela Resolução SE nº 27, em março de 1996.

As justificativas para a implantação do Saresp são postas para descentralizar a máquina administrativa e fortalecer as Delegacias<sup>91</sup> de Ensino e as Unidades Escolares, a fim de que se possa alcançar uma maior eficiência na prestação de serviços educacionais. Assim, esse sistema de avaliação vem para que se possa estabelecer um fluxo contínuo de informações sobre a situação do Ensino Fundamental e Médio entre a

---

<sup>89</sup> Seu nome completo é Teresa Roserley Neubauer da Silva. Secretária da Educação de 1995 a 2002.

<sup>90</sup> Realizado em fevereiro de 1996 pelas seguintes instituições: SEE-SP, Fundação Carlos Chagas (FCC) e Fundação de Desenvolvimento Administrativo, com o apoio do Banco Mundial

<sup>91</sup> O Decreto nº 43948, de 9 de abril de 1999, altera a denominação e a reorganização das Delegacias de Ensino que passam a ser denominadas Diretoria de Ensino, termo usado atualmente.

SEE, as demais redes (federais, particulares e municipais) e as Unidades Escolares. Assim, espera-se que a verificação do desempenho dos alunos e a posterior divulgação dos resultados, por Unidade Escolar, permitam articulações desses resultados com o planejamento escolar, a capacitação de recursos humanos no magistério e o estabelecimento de metas para o projeto de cada escola, em especial com relação ao fluxo escolar.

O documento descreve ações de planejamento e de implantação do sistema de avaliação que visam: discussão junto às várias instâncias da SEE sobre objetivos, ações, estratégias e resultados esperados; capacitação de pessoal técnico da SEE, das Delegacias de Ensino e das Unidades Escolares; formação de parcerias com instituições especializadas; elaboração de cronogramas; estabelecimento de uma sistemática de análise do sistema; constituição de uma estrutura institucional que garanta participação dos órgãos da SEE nos três níveis de atuação (Central, Delegacia de Ensino e Unidades Escolares); campanha publicitária sobre a importância do processo; elaboração de relatórios tanto feitos pelas escolas, quanto pelas Delegacias de Ensino e o relatório final realizado pela SEE; avaliação contínua das ações do Sistema de Avaliação e disseminação dos resultados obtidos para os diferentes públicos interessados, que vai desde a SEE à sociedade civil.

Entre os produtos esperados está a criação de uma cultura avaliativa no Estado, que valorize e utilize os dados obtidos de forma a aprimorar a qualidade de ensino oferecido. Espera-se, também, que sejam feitas reflexões e discussões acerca dos resultados obtidos nas diversas instâncias envolvidas e que, assim, possam-se aperfeiçoar as ações efetuadas a fim de melhorar as condições de trabalho na escola. No documento não são apontadas ações específicas sobre como essas reflexões, nem como as intervenções na escola, seriam feitas. É dito, sem detalhamento, que as escolas serão capacitadas para corrigir as provas e analisar os questionários, podendo, assim, elaborar relatórios que visam a subsidiar o planejamento escolar, a capacitação de educadores e o estabelecimento de metas para a gestão do ensino, mediante correção do fluxo escolar.

O sistema abarca todas as escolas da Rede Estadual, obrigatoriamente, e as das redes Municipal e Particular que aderirem a ele, envolvendo os componentes curriculares julgados fundamentais para a construção de conhecimentos básicos. A princípio, o objetivo era proporcionar um estudo longitudinal, portanto eram sugeridas avaliações no primeiro semestre de 1996 com conteúdos das 2<sup>as</sup> e 6<sup>as</sup> séries; para alunos matriculados nas 3<sup>as</sup> e 7<sup>as</sup>, com conteúdos de Português e Matemática para ambas as

séries e de Ciências e Geografia/História somente para os alunos das 7<sup>as</sup>. No segundo semestre, seriam avaliados os alunos da 3<sup>as</sup>, 5<sup>as</sup> e 7<sup>as</sup>, porém com conteúdos das séries que estavam cursando, e seria incluída uma prova de Redação. Em 1997, seria avaliado o rendimento das 4<sup>as</sup>, 8<sup>as</sup> nos mesmos componentes curriculares do ano anterior, além das 1<sup>as</sup> séries do Ensino Médio em Português, Matemática e Redação. Em 1998, seria avaliado o rendimento de alunos das 2<sup>as</sup> e 6<sup>as</sup> séries do Ensino Fundamental nos mesmos conteúdos citados anteriormente, e também o de alunos dos 2<sup>os</sup> do Ensino Médio em Português, Redação, Matemática, História, Geografia, Física, Química e Biologia, o que acabou não ocorrendo exatamente dessa maneira.<sup>92</sup>

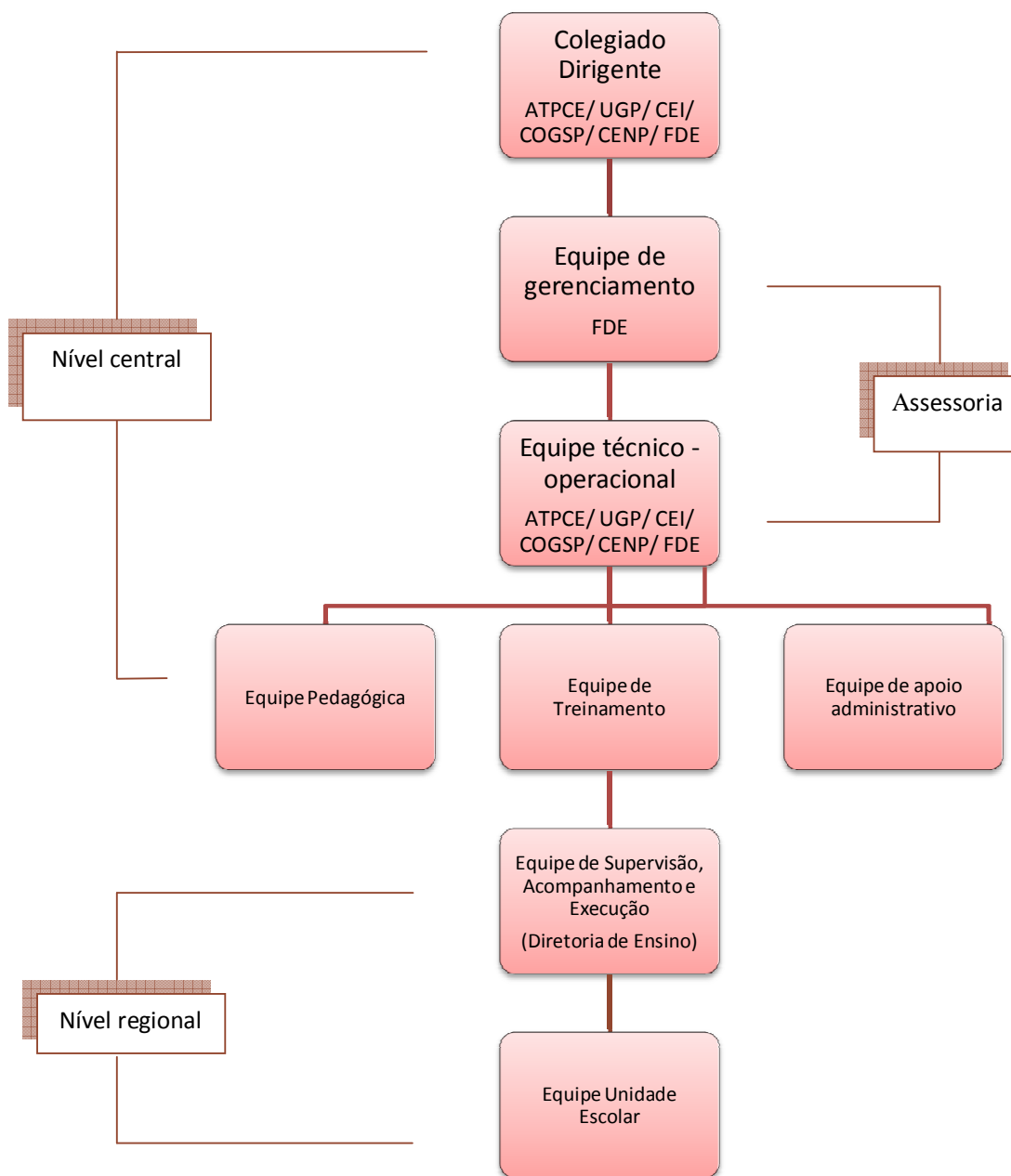
Definem-se como instrumentos de coleta de dados: testes de rendimento escolar, questionário da escola, instrumentos de controle (listas de presença, relatórios) e orientações para essa coleta, ou seja, manuais com instruções que seriam enviados para as escolas. Como instrumentos de correção e codificação das respostas são apresentados: manual de correção dos testes de rendimento, manual de correção da redação, manual de tabulação e análise de dados.

A elaboração dos relatórios e análise dos dados é projetada para ser realizada em três níveis: nas Unidades Escolares (onde seria feita a correção das provas, elaboração de relatórios de desempenhos e relatório sobre os dados dos questionários contextuais); nas Delegacias de Ensino (onde seria feita a reunião dos relatórios das escolas); e em nível central (elaboração de relatório final).

O documento finaliza mostrando como seria composta a estrutura institucional do Sistema de Avaliação Escolar contemplando os grupos expostos na Figura 3:

---

<sup>92</sup> A ser visto no item *Primeiras Aplicações do Saresp*.

**Figura 3** – Estrutura institucional do Saesp.

Fonte: São Paulo (1996)<sup>93</sup>.

O Saesp deveria contar com assessoria externa especializada em avaliação educacional, para fornecer suporte técnico na elaboração de provas e no processamento e análise das informações coletadas, além de contratação de serviços para impressão,

<sup>93</sup> Assessoria Técnica de Planejamento e Controle Educacional (ATPCE), Unidade de Gerenciamento de Projetos (UGP), Coordenadoria de Ensino do Interior (CEI), Coordenadoria de Ensino da Grande São Paulo (COGSP), Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (Cenp), Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE).

empacotamento e distribuição das provas e questionários (BITAR, 1998). Essa assessoria seria contratada mediante processo de licitação.

#### **4.2 Primeiras aplicações do Saresp: 1996, 1997 e 1998**

Neste item apresentaremos uma análise das três primeiras aplicações do Saresp, que ocorreram nos anos de 1996, 1997 e 1998, com base nos relatórios finais e num artigo produzido em 1998 pela equipe de avaliação da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), composta de duas sociólogas, uma economista, uma pedagoga e uma psicóloga, intitulado *O Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo: Implantação e Continuidade* (BITAR et al., 1998). O artigo, além de tratar das aplicações do Saresp, faz um histórico do processo de avaliação e também mostra a implementação do sistema.

As provas dos referidos anos foram realizadas seguindo as orientações do Documento de Implantação, com as seguintes modificações:

Em 1996, não foram realizadas duas avaliações como era previsto, mas somente uma com os alunos das 3<sup>as</sup> e 7<sup>as</sup>, no dia 23/04/1996. Como era início do ano, foram avaliados os conteúdos das séries anteriores.

Em 1997, a avaliação se deu com alunos das 4<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup>, no dia 23/04/1997, também com avaliações relativas ao conteúdo das séries anteriores.

Em 1998<sup>94</sup>, foram avaliados alunos das 5<sup>as</sup> séries do Ensino Fundamental e 1<sup>as</sup> do Ensino Médio, no dia 02/06/1998, também referentes às séries do ano anterior.

Foram avaliados todos os alunos das referidas séries, entretanto somente em um componente curricular. Assim, alguns alunos responderam aos testes de Matemática, outros de Português, o mesmo ocorrendo com os outros componentes curriculares. A elaboração das provas de 1996, 1997 e 1998 pautou-se, sobretudo, pelo documento *Parâmetros para Avaliação Educacional*, elaborado pela Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (Cenp).

A partir de 1997, além da Teoria Clássica da Medida, foram utilizados procedimentos derivados da Teoria da Resposta ao Item (TRI), para que pudesse ser estimada a proficiência ou habilidade do aluno naquilo que está sendo avaliado e para

---

<sup>94</sup> Em 1998, através da Resolução SE n° 04, de 15/01/98, o Governo do Estado de São Paulo organizou o Ensino Fundamental em dois ciclos: ciclo I da 1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup> séries e ciclo II da 5<sup>a</sup> à 8<sup>a</sup> séries, instituindo o regime de progressão continuada dentro dos ciclos.

permitir a comparabilidade entre os resultados das provas nos diferentes anos (SÃO PAULO, 2000, p.9).

Tendo em vista a importância atribuída pela SEE ao envolvimento das equipes das Diretorias de Ensino e das escolas em todo o processo de implantação do Saresp, e em resposta a uma demanda da própria Rede Estadual, os educadores participantes da avaliação passaram a ser capacitados quanto à construção de itens de medida de rendimento escolar, assumindo, desse modo, a responsabilidade pela elaboração das provas. Os itens elaborados foram pré-testados em uma amostra de alunos e, em função de seu desempenho – quanto à validade<sup>95</sup>, fidedignidade<sup>96</sup>, índice de dificuldade e discriminação<sup>97</sup> – ,passaram por uma revisão final realizada por especialistas em medidas educacionais, que montaram as provas definitivas, compostas de questões fechadas de múltipla escolha. (SÃO PAULO, 1998, p. 15).

Segundo LOPES (2007), assim como na correção<sup>98</sup>, com o passar do tempo não há mais a participação dos professores na construção de itens.

Os trabalhos de correção e análise, feitos nesse período por professores da própria escola, tornam o acesso aos dados quase que imediato, independentemente da divulgação oficial dos resultados (SÃO PAULO, 1998, p.8). Nos relatórios finais, também é efetuada uma análise pedagógica dos resultados nas provas, indicando quais conteúdos e habilidades<sup>99</sup> os alunos dominam e quais são as dificuldades nos processos de aprendizagem. Destaca-se nos relatórios que o objetivo de uma avaliação de sistemas não é o resultado individual de cada aluno, porém, por meio dos procedimentos utilizados, é possível que se tenha acesso a esse resultado (SÃO PAULO, 2000, p. 148).

Além das provas, foram aplicados os questionários para as escolas e os questionários para os alunos, cujos dados foram posteriormente correlacionados com os do teste de rendimento em busca de fatores que pudessem intervir no rendimento

---

<sup>95</sup> Apresenta se um item é válido para as provas do Saresp, por exemplo, mostra a inadequação de um comando do item ou das alternativas que podem induzir ao erro. Esse item então não é utilizado. (SÃO PAULO, 2008, p. 19).

<sup>96</sup> A “fidedignidade de um teste, por exemplo, indica até que ponto as diferenças nos escores são decorrentes de variações na característica examinada e não de erros casuais. Ela também se refere à estabilidade dos resultados de um teste, ou seja, ao grau de consistência e precisão dos escores. Operacionalmente, a fidedignidade pode ser definida como o coeficiente de correlação entre, pelo menos, duas medidas. Existem diferentes métodos para calculá-la” (RAYMUNDO, 2009, p. 88-89).

<sup>97</sup> O índice de discriminação nos informa sobre a capacidade do item em diferenciar estudantes que possuem aquela habilidade avaliada daqueles que não possuem. Mais informações no anexo II.

<sup>98</sup> Com o tempo passa a ser feita somente pela instituição responsável pela assessoria.

<sup>99</sup> As habilidades são entendidas como o saber-fazer em relação à determinada situação ou uma classe de situações. “Explicitam o que se espera do aluno no momento exato em que está resolvendo cada um dos itens da prova.” (SÃO PAULO, p.18, [2006])

escolar. A participação dos pais foi incentivada por intermédio dos meios de comunicação e folhetos específicos. Eles poderiam participar da aplicação, observando a correção da prova e, posteriormente, alguns elaborariam um relatório do que foi observado, visando a sistematizar essa participação, além de registrar oficialmente as informações que obtiveram acerca do Saresp e suas observações relativas ao processo de análise dos resultados.

Nos três anos houve capacitação das equipes das Delegacias de Ensino, formadas por supervisores de ensino e assistentes técnico-pedagógicos que, por sua vez, tinham a responsabilidade de capacitar equipes das Unidades Escolares que envolviam diretor, coordenadores pedagógicos e professores das disciplinas avaliadas, para a aplicação e correção das provas, análise dos dados e geração de relatórios.

Como ações de capacitação, verificamos que, em 1996, foi enfatizada a compreensão dos procedimentos operacionais a serem seguidos na implantação do Saresp. Em 1997, foi focada a análise dos dados obtidos no Saresp e a elaboração de relatórios. Já com os resultados de 1997, a SEE introduziu uma capacitação pedagógica, para permitir a discussão de aspectos centrais do currículo de cada série. Houve, a partir de 1997, uma capacitação quanto à construção de itens de medida de rendimento escolar, para que os professores pudessem se envolver na elaboração das provas aplicadas no Saresp. A partir da detecção de pontos no currículo em que o rendimento foi mais fraco, instituiu-se o Programa de Educação Continuada por meio do qual a SEE contratou universidades do Estado de São Paulo e outras agências para prestarem serviços de formação continuada aos docentes.

A divulgação dos resultados ocorreu via imprensa, por meio de reuniões da Secretaria da Educação com os dirigentes regionais de ensino e do envio do Relatório Final às Delegacias de Ensino e às escolas, inclusive com cada diretor de escola recebendo os indicadores estatísticos referentes ao desempenho global alcançado por sua Coordenadoria de Ensino, sua Delegacia e sua escola. Assim, os dados obtidos poderiam ser analisados pela SEE-SP, pelas Delegacias de Ensino e pelas escolas, desde resultados específicos por aluno até o global em relação ao Estado.

O artigo da FDE mostra aspectos importantes a serem levados em conta na continuidade da aplicação do Saresp, tais como: contínua capacitação de pessoal, ampliação das reflexões acerca dos resultados e um, em particular, que chama atenção por estar em desacordo com o Saresp nos dias atuais



a divulgação do Saresp precisa ser aprimorada, sobretudo no que diz respeito a seus resultados, de modo a evitar que as escolas se sintam ameaçadas, gerando - como já ocorrido em sistemas similares em outros países - ações deturpadoras deliberadas na tentativa de falsear os resultados, através do uso de uma série de artifícios (BITAR et al, 1998, p.19).

Também foram levantados tópicos e questões, constantes do artigo da FDE, para serem tomados como objeto de reflexão das equipes envolvidas na avaliação, que sintetizam as preocupações e desafios para futuras capacitações<sup>100</sup>, que podem ser assim explicitados:

- Como levar os resultados da avaliação a constituírem efetiva ajuda para o trabalho pedagógico em sala de aula?
- Como auxiliar a equipe escolar a articular, concretamente, os resultados da avaliação e o planejamento escolar?
- Quais os subsídios mais importantes a serem oferecidos aos docentes de modo que os resultados da avaliação levem os alunos a aprender?
- Como tornar os resultados da avaliação instrumentos eficazes a serem utilizados no trabalho coletivo e, portanto, na elaboração de um projeto da escola?
- Como levar as escolas a utilizar, no planejamento e execução de suas atividades cotidianas, os resultados do Saresp, maximizando seu uso?

Em 1999, o Saresp foi suspenso e passou por modificações, sendo retomado pelo Governo em 2000.

### **4.3 Saresp 2000-2005**

A partir de 2000, o Saresp vem sofrendo diversas alterações. Uma delas é que as avaliações passam a ser realizadas ao final do ano, e os alunos, então, respondem a provas com conteúdos relativos à série em que estão matriculados. Dessa forma, o acesso aos resultados só é possível no ano posterior e, conforme Lopes (2007, p. 265), houve uma mudança na concepção de uso dos resultados, já que não podem mais servir para que a equipe escolar possa adequar seu trabalho para corrigir eventuais falhas durante o ano; agora as informações “passam a ser utilizadas para as orientações curriculares implementadas no ano posterior”. Assim, o trabalho feito com o aluno com

---

<sup>100</sup> Algumas dessas indagações parecem inquietar os profissionais da rede e pesquisadores no assunto atualmente.

base nos resultados do Saresp fica sob responsabilidade do professor do ano seguinte. O Saresp também perde a característica de estudo longitudinal.

Em 2000, os componentes curriculares avaliados foram: Língua Portuguesa com Redação, Matemática e Ciências, para as 5<sup>as</sup> e as 7<sup>as</sup> séries do Ensino Fundamental, e Língua Portuguesa com Redação, Matemática e Biologia para as 3<sup>as</sup> séries do Ensino Médio. Além das provas, foram aplicados questionários a fim de estabelecer um perfil, bem como para chegar a algumas correlações entre os dados coletados, procurando fatores que intervêm no rendimento escolar (São Paulo, [2002], p.7). Aumentou-se a participação de escolas municipais, porém as particulares não participaram. Supomos que a data provável de distribuição do relatório final de 2000 seja 2002, pois tal relatório foi assinado por Gabriel Chalita, que assumiu a Secretaria da Educação do Estado em 2002. Destacamos essa informação por entendermos, de acordo com a proposta do Saresp, ser um período de dois anos entre a aplicação da avaliação e a distribuição do relatório final muito longo, visando-se a adaptações em relação à aprendizagem dos alunos.

No ano de 2000, segundo Túbero (2003, p. 22), as Diretorias de Ensino receberam uma listagem, de acordo com o desempenho nas provas, com as 345 escolas consideradas “destaque” e as 680 consideradas “acima da média”. Essas 1025 escolas classificadas receberam viagens de natureza histórica, cultural e ambiental. As “destaque” receberam viagens para fora do Estado, e as “acima da média”, dentro do Estado.

Em 2001, orientando-se pela estruturação curricular definida pelo regime da Progressão Continuada, a avaliação foi destinada aos alunos de finais de ciclos do Ensino Fundamental (4<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup> séries) e “foi a principal referência para professores e escolas nas tomadas de decisão para o encaminhamento dos alunos para a continuidade dos estudos ou para a recuperação de férias” (São Paulo, [2003] p.11), sendo avaliados somente conteúdos de Língua Portuguesa com Redação, com revisões nas matrizes curriculares de referência para a avaliação. A recuperação do ciclo<sup>101</sup> aconteceu em janeiro, e ocorreu outra avaliação ao final desse processo, ainda fazendo parte do Saresp 2001, encaminhando os alunos aprovados para o próximo ciclo e os não aprovados à

---

<sup>101</sup> A Resolução SE n° 124, de 13/11/2001, instituiu no seu artigo 2º que “as atividades a serem elaboradas sob a forma de prova específica e aplicadas, exclusivamente, pela Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Vunesp -, têm por objetivo aferir, junto aos alunos, as condições para continuidade de seus estudos no Ciclo II ou no Ensino Médio, uma vez que seus resultados se constituirão em indicador essencial para promoção do aluno”.

recuperação de ciclo<sup>102</sup>. Restringiu-se às escolas estaduais. Não foram realizados estudos de associação entre variáveis e perfis de desempenho. A partir desse ano, foi usada somente a Análise Psicométrica Clássica, o que não permite comparações entre alunos que responderam a diferentes provas.

No mesmo ano foi efetuada uma classificação das escolas por cores, da seguinte forma:

Azul – escolas com resultado bem acima da média; Verde – escolas com resultado um pouco acima da média; Amarelo – escolas com resultado dentro da média; Laranja – escolas com resultado um pouco abaixo da média e; Vermelho – escolas com resultado bem abaixo da média (LOPES, 2007, p. 289).

Ainda segundo a mesma autora, o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), na época, entrou com uma representação no Ministério Público contra essa classificação, o que proibiu as escolas de serem classificadas por cores. Tanto a tentativa de classificação por cores quanto a utilização dos resultados do Saresp para promoção ou retenção de alunos fizeram com que esse fosse um ano atípico da avaliação.

Em 2002 foi aplicado o exame nos finais dos ciclos do Ensino Fundamental e, agora, com exames de Leitura e Escrita<sup>103</sup> e não mais de Língua Portuguesa, e abrangeu cerca de 30% dos alunos, ou seja, foi amostral, porém incluindo todas as escolas, restringindo-se às da rede estadual de ensino. Cumpriu a função de monitoramento da aprendizagem obtida pelos alunos em decorrência da escolarização e não foram aplicados outros instrumentos de avaliação, tais como questionários (SÃO PAULO, [2003], p.13). Mesmo assim, no Relatório Final foram caracterizados alguns aspectos do universo avaliado, relacionando os dados de desempenho dos alunos com variáveis intra e extraescolares. (SÃO PAULO, [2003], p. 63).

Novamente, em 2002, as matrizes curriculares foram alteradas, mantendo-se os referenciais a partir dos quais vinham sendo elaboradas: além das Propostas Curriculares da Cenp, foram considerados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)

---

<sup>102</sup> Recomendações na Resolução SE nº 14, de 18/01/2002. Essa recuperação seria realizada em 2002, e os alunos seriam submetidos a outra avaliação no final de ano. Foram reprovados, em 2001, 51 mil alunos. Em 2002, foram montadas classes de recuperação de ciclo somente com alunos reprovados pelo Saresp e classes nas quais havia apenas um aluno nessa condição (TÚBERO, 2003).

<sup>103</sup> Modificado pela Resolução SE nº 120, de 11/11/2003.

e o que de fato ocorria na realidade do Ensino da Rede Pública Estadual paulista (SÃO PAULO, [2003], p. 13).

Em 2003, 2004 e 2005, o Saresp abrangeu todas as séries e todos os alunos, com provas em Leitura e Escrita, incluindo uma prova objetiva e uma proposta de redação, tornando-se o exame com maior número de alunos avaliados no Brasil. Para estudos de fatores que influenciam o desempenho, foram aplicados questionários aos alunos e à equipe escolar.

Nesses três últimos anos, forneceu-se a cada escola participante o resultado individualizado de seus alunos, esperando que esse procedimento facilitasse o uso dos resultados da avaliação pelos educadores na “ponta do sistema de ensino, na medida em que estes puderam identificar imediatamente o que cada aluno em particular sabe e é capaz de fazer ao final de determinada série” (SÃO PAULO, 2007, p. 18). Destacamos aqui a diferença de concepção com o Saresp em suas quatro primeiras aplicações, já que anteriormente não se aceitava como objetivo de uma avaliação de sistema a elaboração de resultados individuais de cada aluno.

Em 2004, voltou-se a utilizar procedimentos derivados da TRI, incluindo a aplicação de uma prova de ligação (com itens das provas dos períodos da manhã, tarde e noite) em uma amostra de alunos, para que os resultados entre os períodos de cada série pudessem ser comparados. Nessa época as médias encontradas não podiam ser comparadas entre as séries, já que “as diferenças entre elas estão relacionadas à maior ou menor dificuldade das provas e não ao maior domínio de habilidades pelos estudantes” (SÃO PAULO, [2007], p. 49).

A partir de 2003, as escolas particulares e municipais puderam, assim como era até o ano de 1998, aderir voluntariamente ao processo (SÃO PAULO, [2006<sup>104</sup>]).

Em 2005, o Saresp voltou a realizar avaliação no componente curricular Matemática e também efetuou a comparação, entre os anos de 2004 e 2005, do desempenho dos estudantes na área de Leitura das 3<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental às 2<sup>a</sup> séries do Ensino Médio (São Paulo, [2007]). Para que isso fosse possível, as provas de ambos os anos foram aplicadas a uma amostra das séries avaliadas em uma capital brasileira da região Sudeste. A comparação não foi possível na 3<sup>a</sup> série do Ensino Médio, pois os alunos dessa série em 2004 já não estavam na escola em 2005 (SÃO PAULO, [2007], p. 92).

---

<sup>104</sup> Supomos que a data de edição do Relatório do Saresp 2004 é de 2006, pois está assinado pela Secretária da Educação Maria Lúcia M. C. Vasconcelos.

Os propósitos do Governo com o Saresp nesses três últimos anos eram de obter indicadores educacionais para subsidiar a elaboração de propostas de intervenção técnico-pedagógica no sistema de ensino, visando a melhorar a sua qualidade e a corrigir eventuais distorções detectadas.

O Saresp constitui, assim, uma espécie de “bússola” para a reorientação das ações da SEE/SP, especialmente no que diz respeito à capacitação dos recursos humanos do magistério, e do trabalho das escolas participantes. Mais ainda: ao envolver diretamente professores, alunos e pais em suas atividades, pretende contribuir para o fortalecimento e o aperfeiçoamento de uma cultura avaliativa não-punitiva e fomentadora de mudanças qualitativas na Educação no Estado de São Paulo. (SÃO PAULO, 2005).

Em 2006, o secretário da educação Gabriel Chalita deixou o cargo e assumiu Maria Lúcia Marcondes Carvalho Vasconcelos. A nova secretária suspendeu as aplicações do Saresp com a justificativa de rever o modo como a avaliação vinha sendo desenvolvida, portanto não houve a realização da prova nesse ano.

#### **4.4 Saresp 2007-2009**

Em 2007, o Saresp passou novamente por modificações, agora sendo utilizada a mesma escala de proficiência<sup>105</sup> do Saeb e Prova Brasil<sup>106</sup>, para que a comparação pudesse ser feita com os sistemas nacionais de avaliação. Para que isso fosse possível, foram utilizados no Saresp alguns itens do Saeb, cedidos pelo MEC.

Com informações do Relatório Pedagógico de 2007 (SÃO PAULO, 2008), os itens das provas foram construídos com base em tabelas de especificação que contêm uma seleção de conteúdos e habilidades de Língua Portuguesa e Matemática para cada série avaliada. Esses conteúdos e habilidades tinham como referência as Propostas Curriculares da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria de Estado de Educação de São Paulo e os Parâmetros Curriculares Nacionais. As provas foram elaboradas por uma assessoria externa a partir de itens pré-testados, e as provas definitivas foram construídas por uma banca estabelecida na Cenp por especialistas nos conteúdos avaliados e em medidas educacionais.

---

<sup>105</sup> Sua composição é mostrada no item *Escala de Proficiência*.

<sup>106</sup> Avaliações apresentadas no item *Avaliações no Brasil*.

A partir desse ano, os resultados foram tomados como um dos critérios de acompanhamento das metas a serem atingidas pelas escolas, usados no cálculo do Idesp<sup>107</sup> – Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo. Foram avaliadas as 2<sup>as</sup>, 4<sup>as</sup>, 6<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup> séries do Ensino Fundamental e 3<sup>as</sup> séries do Ensino Médio, em Língua Portuguesa com Redação e Matemática. Aplicou-se também uma avaliação diagnóstica aos alunos da 1<sup>a</sup> série do Ensino Fundamental como apoio à implantação do Programa Ler e Escrever<sup>108</sup>. Teve-se acesso aos diagnósticos de desempenho por aluno. Foram aplicados questionários aos professores, ao professor coordenador e ao diretor, além do questionário destinado aos alunos. O objetivo do questionário do aluno é traçar os perfis dos estudantes nos diferentes níveis de escolaridade e verificar possíveis interferências desses fatores na aprendizagem e no rendimento escolar<sup>109</sup> (SÃO PAULO, 2008, p.4).

A aplicação da prova, em 2007, foi realizada por professores da rede pública, mas em escolas diferentes das que lecionavam e, de preferência, em disciplinas diferentes das que trabalham, para “assegurar maior credibilidade aos resultados” (SÃO PAULO, 2008, p. 14). Tal aplicação também foi acompanhada por representantes dos pais de alunos, indicados pelo Conselho de Escola e por observadores externos, de maneira amostral, para verificar a uniformidade dos padrões da aplicação. No Saesp de 2007 e 2008, o Relatório de Estudos de Contexto não foi produzido, conforme informações que obtivemos na SEE.

No Saesp 2008, ocorreu a implantação das alterações que ainda não haviam sido feitas em 2007, com o objetivo de “torná-lo cada vez mais adequado tecnicamente às características de um sistema de avaliação em larga escala, que permita acompanhar a evolução da qualidade do sistema estadual de ensino ao longo dos anos” (SÃO PAULO, 2008a, p. 7). Em 2008, decidiu-se que, anual e alternadamente, as áreas de Ciências da Natureza (Ciências, Física, Química e Biologia) e de Ciências Humanas (História,

---

<sup>107</sup> Detalhado no item *Idesp e Bonificação por resultados*.

<sup>108</sup> Esse programa, iniciado em 2007, aborda um conjunto de linhas de ação articuladas que inclui formação, acompanhamento, elaboração e distribuição de materiais pedagógicos e outros subsídios, constituindo-se dessa forma em uma política pública para o Ciclo I, que busca promover a melhoria do ensino em toda a rede estadual. O acompanhamento das metas é feito com as notas do Saesp. Esse programa inclui a instituição da Bolsa Alfabetização, que destina bolsas a alunos de graduação em Pedagogia e Letras para acompanhamento de alunos e auxílio aos professores durante as aulas, o que, segundo a SEE, concretiza a existência de um segundo professor em sala de aula. Mais informações sobre as ações do Programa em: <<http://lereescrever.fde.sp.gov.br/>>.

<sup>109</sup> Os relatórios de análise de contexto dos anos de 2007 e 2008 não foram produzidos, conforme informações obtidas na SEE, apesar de estar registrada nos relatórios pedagógicos a existência de tal documento.

Geografia, Filosofia e Sociologia) também faziam parte da prova. Em 2008, foram avaliadas as disciplinas Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Física, Química e Biologia. Foram avaliadas as 2<sup>as</sup>, 4<sup>as</sup>, 6<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup> séries do Ensino Fundamental e 3<sup>as</sup> séries do Ensino Médio.

Nessa edição, ainda, foi aplicada, no terceiro dia, uma prova de Matemática, destinada a avaliar as diferentes estruturas e processos do pensamento matemático dos alunos de 4<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental e da 3<sup>a</sup> série do Ensino Médio, por meio de questões abertas, numa amostra estratificada de 10% dos alunos das escolas estaduais. Tais processos e estruturas “não poderiam ser observados apenas com a utilização de itens de múltipla escolha, nos quais se obtém apenas o resultado final das contas e das operações lógicas, mas não se detectam os procedimentos utilizados pelos alunos no cumprimento das tarefas” (SÃO PAULO, 2009). Destacamos que no Relatório Pedagógico de 2007 é mencionado como limitação de uma análise pedagógica o fato de as questões do Saresp e da maioria das avaliações em larga escala serem de múltipla escolha, não se podendo “estudar os erros dos alunos, mas somente levantar hipóteses sobre os erros e suas causas” (SÃO PAULO, 2008, p. 9).

Foi usada a metodologia de Blocos Incompletos Balanceados - espiral (BIB espiral) na montagem das provas de 4<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental e 3<sup>a</sup> série do Ensino Médio, o que permite utilizar um grande número de itens por série e disciplina e medir conteúdos e habilidades com maior amplitude. Segundo Klein e Fontanive (1995, p. 30), a técnica dos Blocos Incompletos Balanceados permite agrupar os itens em blocos e depois disso compor os cadernos de prova com  $p$  blocos, de tal modo que cada bloco apareça o mesmo número de vezes em cada posição dos cadernos, e cada par de blocos apareça uma vez somente em um dos cadernos. “Distribuídos em espiral, os cadernos garantem que a aplicação seja aleatória e que alunos na mesma turma respondam, em geral, a cadernos diferentes, ainda que cada caderno de teste seja aplicado aproximadamente no mesmo número de alunos na amostra” (KLEIN; FONTANIVE, 1995, p. 30). No Saresp 2008, cada bloco foi composto de oito itens e foram disponibilizados 13 blocos para cada disciplina, ou seja, 104 itens por disciplina avaliada em cada série. Os blocos da disciplina de Matemática foram organizados em grupos de diferentes combinações, que resultaram em 26 diferentes cadernos de prova para cada série e disciplina, com três blocos de questões por disciplina (SÃO PAULO, 2009b, p. 17).

Os relatórios finais apresentavam uma novidade: traziam páginas denominadas *Saresp na escola*. Conforme informações no Relatório Pedagógico de Matemática do Saresp 2008, esse espaço era para reflexão coletiva, e, também, tinha a finalidade de “contextualizar os dados gerais apresentados nos tópicos em cada disciplina” (SÃO PAULO, 2009b, p. 13). Dessa forma, traziam diversas informações, como sobre o conjunto de relatórios a ser entregue para as escolas; testes de múltipla escolha; avaliação formativa; exercícios de interpretação de questões. Além disso, havia espaços para serem preenchidos com informações da escola e aspectos para reflexão dos atores educacionais. Destaca-se, em uma dessas páginas, um espaço para reflexão no qual se descreveram os passos que uma avaliação formativa deveria seguir, afirmando-se que a “avaliação formativa pressupõe que a escola, antes de avaliar seus alunos, avalie-se como Instituição. A equipe escolar deve elaborar seu diagnóstico institucional, criticar seu projeto pedagógico e traçar ações substantivas de ação” (SÃO PAULO, 2009b, p. 21). A partir daí se poderia falar em avaliação dos resultados dos alunos. Ou seja, as escolas estaduais deveriam realizar uma avaliação institucional.

Os itens passaram a ser elaborados com base nas Matrizes de Referência para a Avaliação de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Ciências da Natureza e Ciências Humanas, para cada série avaliada, a partir do novo currículo, que é a base comum das escolas estaduais<sup>110</sup>.

A partir de 2008, os cadernos de prova, preenchidos ou não, são devolvidos pelas escolas à Diretoria de Ensino, com a justificativa de que não é possível que todas as provas sejam divulgadas, pois, para que a comparação entre séries, entre um ano e outro, e com o Saeb seja possível, alguns itens deverão ser repetidos nas provas dos anos seguintes. Além disso, o processo de pré-testagem para que se construa um Banco de Itens demanda muitos esforços<sup>111</sup>. Em 2008, os questionários continuaram sendo aplicados, seguindo o mesmo esquema de 2007. As escolas municipais e particulares participaram por adesão.

No Saresp 2009, continuando a mesma metodologia de 2008, foram aplicadas provas de Língua Portuguesa, Redação, Matemática e Ciências Humanas (Geografia e História) a todos os alunos da 2<sup>a</sup>, 4<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries / 3<sup>o</sup>, 5<sup>o</sup>, 7<sup>o</sup> e 9<sup>o</sup> anos<sup>112</sup> do Ensino

---

<sup>110</sup> Informações tratadas no item *Proposta curricular e Matriz de referência para avaliação*.

<sup>111</sup> Só em 2008 foram pré-testados cerca de três mil itens pela Fundação Cesgranrio. (SÃO PAULO, 2009b, p.17).

<sup>112</sup> A lei n° 11.274, de 6 de fevereiro de 2006, estabelece o prazo até 2010 para se incorporarem as crianças de 6 anos no Ensino Fundamental obrigatório, que deverá ser de 9 anos.



Fundamental e 3ª série do Ensino Médio. Participaram, também, escolas municipais, com o financiamento estadual (investiram-se R\$ 7,1 milhões na iniciativa <sup>113</sup>) e as particulares, que arcaram com os próprios gastos. Foram também adotados procedimentos rígidos de testagem, que incluíram a supervisão dos locais de prova por aproximadamente 9.000 fiscais externos, e a aplicação dos testes foi feita por mais de 78.000 professores devidamente selecionados e treinados para os procedimentos de testagem (SÃO PAULO, 2010). A avaliação contou com a participação de mais de 77% dos cerca de 2,5 milhões de alunos, o maior número desde sua criação em 1996<sup>114</sup>. Em 2009, destacou-se o grande número de objetivos atribuídos ao Saesp, explicitados no quadro sinótico das aplicações do Saesp, exposto a seguir:

---

<sup>113</sup> Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/saesp-tem-a-maior-adesao-de-toda-a-sua-historia>>. Acesso em: 25 nov. 2009.

<sup>114</sup> Ibidem nota anterior. Incluindo alunos de todas as redes.

**Quadro 2 - Quadro Sinótico do Saresp 1996 a 2009.**

Ano	Objetivos	Disciplinas e séries avaliadas	Número de alunos e de escolas da rede oficial	Assessoria Externa
1996	Obter elementos para a formulação de políticas educacionais e de informar as escolas com dados objetivos acerca dos pontos críticos do processo de ensino aprendizagem; instrumento orientador para as tomadas de decisão que visem à melhoria da qualidade de ensino oferecido pelas escolas.	3ª série EF - Língua Portuguesa/Redação e Matemática. 7ª série EF - Língua Portuguesa /Redação, Matemática, Ciências, História e Geografia.	5768 unidades escolares. 1084689 alunos. (87,7% do previsto).	SELECT – Seleção de Recursos Humanos S/C Ltda.
1997	Ampliar o conhecimento do perfil de realização dos alunos, fornecendo aos professores descrições dos padrões de desempenho alcançados pelo conjunto dos alunos de modo a subsidiar o trabalho a ser desenvolvido em sala de aula. Instrumento essencial para a melhoria da gestão do sistema educacional, na medida em que identifica os pontos críticos do ensino e possibilita à SEE, por meio de seus órgãos centrais e das Delegacias de Ensino, apoiar as escolas e os educadores com recursos, serviços e orientações.	4ª série EF - Língua Portuguesa /Redação e Matemática. 8ª série EF - Língua Portuguesa /Redação, Matemática, Ciências, História e Geografia.	5750 unidades escolares. 964806 alunos. (86,6% do previsto).	Fundação Chagas. Carlos
1998	Mesmos objetivos de 1997. Além disso, o Saresp foi planejado com a finalidade de acompanhar a trajetória escolar dos alunos ano a ano. À luz desses resultados e da política educacional estabelecida nesta gestão, a SEE implementou ações visando superar obstáculos desvelados, bem como garantir melhores condições de funcionamento das escolas, com o objetivo de alcançar maior eficácia do ensino ofertado aos alunos da rede estadual.	5ª série EF - Língua Portuguesa/Redação e Matemática. 1ª série EM - Língua Portuguesa/Redação, Matemática, Ciências, História e Geografia.	3898 escolas. 949202 alunos.	Fundação Chagas. Carlos
2000	Subsidiar a SEE nas tomadas de decisão quanto à política educacional do Estado; verificar o rendimento escolar dos alunos em diferentes componentes curriculares e identificar fatores que interferem nesse rendimento; fornecer aos órgãos centrais da SEE, às equipes técnico-pedagógicas das	5ª e 7ª séries EF - Língua Portuguesa/Redação, Matemática e Ciências. 3ª série EM - Língua Portuguesa/Redação, Matemática e	4048 escolas. 1331382 alunos. (81,0% do previsto)	Fundação Chagas. Carlos

	Diretorias de Ensino e às escolas informações que possibilitam o aprimoramento da gestão do sistema educacional e a adoção de estratégias pedagógicas que favoreçam a melhoria do ensino e da aprendizagem; O Saresp deve ser uma “bússola” para a reorientação do trabalho de cada uma das escolas participantes do sistema.	Biologia.		
2001	Principal referência para professores e escolas nas tomadas de decisão para o encaminhamento dos alunos para a continuidade dos estudos ou para a recuperação de férias.	4ª e 8ª séries EF – Língua Portuguesa e Redação.	Sem informações.	Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Vunesp.
2002	Fornecer subsídios para a tomada de decisão quanto às políticas públicas que o Estado propõe e implementa; Ser uma bússola para a reorientação do trabalho de cada um dos estabelecimentos participantes; contribuir para o fortalecimento e o aperfeiçoamento de uma cultura avaliativa no Estado de São Paulo, não punitiva e avançadora de mudanças; monitoramento da aprendizagem obtida pelos alunos em decorrência da escolarização.	4ª e 8ª séries EF – Leitura e Escrita, Redação.	5107 escolas. Amostral para os alunos: 106544 alunos do Ciclo I, representando 32, 1% do total. (101,4% do previsto <sup>115</sup> ), 190714 alunos do ciclo II, representando 33,3% do total. (97,5% do previsto).	Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Vunesp.
2003	Mesmos objetivos de 2000 e 2002. Além disso, identificar o desempenho de cada aluno, em cada uma das habilidades avaliadas, para se constituir como uma referência para as equipes de cada escola nas decisões de elaborar propostas de intervenções técnico-pedagógicas com vistas à melhoria da qualidade de ensino.	Todas as séries do EF e EM - Leitura e Escrita, Redação.	5404 escolas. 4274404 alunos. (89,4% do total).	Fundação Carlos Chagas.

<sup>115</sup> A porcentagem foi acima de 100% deve-se a alterações no número total de alunos matriculados na época em que ocorreu a avaliação (dezembro de 2002) e a época em que se obteve os dados (agosto de 2002). (SÃO PAULO, [2003], p.22)

2004	Obter indicadores educacionais que subsidiem a SEE/SP e as escolas na elaboração de propostas de intervenção técnico-pedagógica, com vistas a melhorar a qualidade do ensino e a corrigir eventuais distorções detectadas; contribuir para o fortalecimento e aperfeiçoamento de uma cultura avaliativa não punitiva e fomentadora de mudanças qualitativas na educação do Estado de São Paulo. Inclui também o objetivo explicitado em 2003 (Identificar o desempenho...).	Todas as séries do EF e EM - Leitura e Escrita, Redação.	5415 escolas. 4103270 alunos. (88,4% do previsto).	Fundação Cesgranrio.
2005	Mesmos objetivos de 2004.	Todas as séries do EF e EM - Leitura e Escrita, Redação e Matemática.	5279 escolas. 1º dia - 4786410 (89,9% do previsto). 2º dia - 4716646 (88,5%).	Fundação Cesgranrio.
2007	Permitir diagnósticos que sirvam de base à formulação de ações políticas para a melhoria da qualidade da educação; Oferecer à comunidade escolar e à sociedade em geral, um balanço do desempenho escolar dos alunos, apontando para as competências bem desenvolvidas e detectando aquelas que devem tornar-se objetos de ações pedagógicas específicas; comparar resultados para a 4ª e 8ª séries do EF e 3º ano do EM com o Saeb e Prova Brasil; usar os resultados do Saresp como um dos critérios de acompanhamento das metas a serem atingidas pelas escolas; monitoramento do sistema educacional, medindo a eficácia das políticas públicas.	1ª e 2ª séries EF - Língua Portuguesa/Atividade de produção de texto e Matemática. 4ª, 6ª, 8ª séries EF e 3ª série EM - Língua Portuguesa/Redação e Matemática.	5207 escolas. 1º dia - 1858077 (89,8% do previsto). 2º dia - 1826977 (88,3% do previsto).	Fundação Chagas. Carlos
2008	Diagnosticar o sistema de ensino e, ao mesmo tempo, servir de instrumento de monitoramento das políticas públicas de educação; comparar resultados para a 4ª e 8ª séries do EF e 3º ano do EM com o Saeb e Prova Brasil; usar os resultados do Saresp como um dos critérios de acompanhamento das metas a serem atingidas pelas escolas.	2ª série EF - Língua Portuguesa/Atividade de produção de texto e Matemática. 4ª série EF - Língua Portuguesa/Redação e Matemática.	5168 escolas. 1º dia - 1589119 (89,3% do previsto). 2º dia - 1556757 (87,4% do previsto).	Fundação Cesgranrio.

2009	<p>Subsidiar a SEE/SP nas tomadas de decisão quanto às políticas públicas voltadas à melhoria da educação paulista, verificando o rendimento escolar dos estudantes e identificando fatores nele intervenientes, fornecendo informações relevantes ao sistema de ensino, às equipes técnico-pedagógicas das Diretorias de Ensino e às escolas; contribuir para a racionalização da estrutura administrativa, fortalecendo a autonomia das DES e das escolas e aumentando a eficiência dos serviços educacionais em São Paulo; subsidiar a gestão educacional, os programas de formação continuada do magistério, o planejamento escolar e o estabelecimento de metas para cada escola; estabelecer, nas diferentes instâncias da SEE, competência institucional na área de avaliação; a criação e a manutenção de um fluxo de informações entre a SEE, as demais redes de ensino e as unidades escolares; e o fortalecimento de uma cultura avaliativa externa renovada no Estado de São Paulo; Diagnosticar as competências e habilidades que os alunos puderam desenvolver no contexto da Rede Estadual. Além dos objetivos mencionados em 2008.</p>	<p>6ª e 8ª séries EF e 3ª série EM – Língua Portuguesa/Redação, Matemática, Ciências e Ciências da Natureza (Biologia, Física e Química).</p> <p>2ª série /3º ano do EF - Língua Portuguesa/Atividade de produção de texto e Matemática</p> <p>4ª série /5º ano do EF - Língua Portuguesa/Redação e Matemática.</p> <p>6ª e 8ª séries / 7º e 9º anos do EF e 3ª série do EM - Língua Portuguesa/Redação, Matemática e Ciências Humanas (História e Geografia)</p>	<p>5143 escolas.</p> <p>1º dia – 1609242 (90,8% do previsto)</p> <p>2º dia – 1153200 (86,9% do previsto).</p>	<p>CAEd – Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora.</p>
------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Relatórios Finais e Sumários Executivos do Saresp dos respectivos anos.

#### 4.5 Saresp 2010

Como como focamos nesta pesquisa os participantes do Saresp 2010, detalharemos a dinâmica da aplicação dos instrumentos de avaliação nesse ano, com informações buscadas nos documentos de 2010: no Sumário Executivo; no Relatório Pedagógico de Matemática; no Relatório Pedagógico do 3º ano do Ensino Fundamental e no Relatório de Estudos do Saresp 2010 (SÃO PAULO, 2011a, 2011b, 2011c, 2011d).

Os relatórios finais e o Sumário Executivo foram enviados para as diretorias de ensino em setembro de 2011, chegando às escolas em datas posteriores. No Relatório Pedagógico de Matemática<sup>116</sup>, encontramos informações sobre:

- Os dados gerais, ou seja, informações sobre como se deu a aplicação, sobre os instrumentos utilizados e a respeito da abrangência.
- Resultados da rede estadual<sup>117</sup> de ensino, incluindo comparações com os resultados do Saeb e Prova Brasil.
- Análise pedagógica, com discussões de itens representativos das provas, levando em conta cada nível de habilidade avaliada em cada série. Há, também, explicações de como a equipe da Secretaria de Educação compreende a Matemática na escolaridade básica, além de recomendações acerca das dificuldades no aprendizado de Matemática e sugestões para sua melhoria.

O objetivo especificado da avaliação em 2010, além de seus resultados terem sido tratados no cálculo do Idesp e, conseqüentemente, como critério do acompanhamento das metas, foi de

fornecer informações consistentes, periódicas e comparáveis sobre a situação da escolaridade básica na rede pública de ensino paulista, assim como, de ser capaz de orientar os gestores do ensino no monitoramento das políticas voltadas para a melhoria da qualidade da Educação Básica do ensino. (SÃO PAULO, 2011, p. 3).

Os instrumentos de coleta de dados são provas aplicadas aos alunos com itens que avaliam competências e habilidades relacionadas a conteúdos. O Saresp 2010 se apoiou basicamente em dados quantitativos, com análises estatísticas e de técnicas psicométricas, como a Teoria Clássica da Medida e a Teoria da Resposta ao Item (TRI),

---

<sup>116</sup> Não há mais as páginas denominadas *Saresp na escola*.

<sup>117</sup> Os resultados das Escolas Técnicas Estaduais das redes municipal e particular são encontrados no Sumário Executivo.

com descrições acerca desses métodos no item “2.5.1 Metodologias de Análise de Dados usadas no Brasil”.

Em 2010, a assessoria externa contratada foi a Fundação para o Vestibular da Universidade Estadual Paulista (Vunesp), que ficou responsável pela aplicação das provas, bem como pelo processamento dos dados. Após a leitura das folhas de respostas, foram gerados os dados pela Equipe de Estatística e Análise de Dados, que foram depois interpretados pedagogicamente pela equipe de especialistas de conteúdo da Vunesp, e, posteriormente, validados pela SEE.

Valendo-se dos mesmos procedimentos metodológicos de 2009, o Saresp 2010 ocorreu segundo o cronograma exposto no Quadro 3, destacando-se que a participação das escolas particulares e municipais deu-se por adesão, com o custeio da participação das municipais. Além disso, foram avaliados alunos das Escolas Técnicas Estaduais (ETEs), assim como em 2009.

**Quadro 3 – Cronograma de Aplicação do Saresp.**

<b>Data</b>	<b>Prova</b>	<b>Ano/Série</b>	<b>Rede de Ensino</b>
<b>17/11</b>	Língua Portuguesa	3º e 5º anos EF	Estadual, Municipal e Particular
	Redação	5º anos EF	
	Língua Portuguesa e Matemática	7º e 9º anos EF 3º ano EM	
<b>18/11</b>	Matemática	3º e 5º anos EF	
	Redação	7º e 9º anos EF 3º ano E. M.	
	Ciências	7º e 9º anos EF	
	Ciências da Natureza	3º ano EM	

Fonte: Sumário Executivo 2010 (São Paulo, p.1, 2011a)

A avaliação realizada no 3º ano do Ensino Fundamental diferiu das avaliações dos outros níveis em diversos aspectos, pois era voltada para a fase inicial de alfabetização: foram aplicadas pelos professores da própria escola (porém em turmas diferentes da que leciona); os resultados foram descritos em escalas diferenciadas; as provas foram corrigidas por professores das redes avaliadas, com a supervisão de coordenadores do Programa Ler e Escrever; foram compostas de questões abertas de Língua Portuguesa e Matemática; a prova foi disponibilizada integralmente em relatório específico para o 3º ano do Ensino Fundamental. (SÃO PAULO, 2011b). Dessa forma, esclarecemos que, a partir de agora, trataremos somente de informações acerca das

provas a partir do 5º ano, devido a essas particularidades descritas que não serão objeto de discussão nesta pesquisa.

A dinâmica de aplicação das provas consistiu em: entrega dos envelopes lacrados aos aplicadores, estes abriam o envelope na sala de aula, na presença dos alunos, entregando a cada um deles a prova com a folha de respostas, sendo a prova individual com o nome de cada aluno, composta de questões de múltipla escolha para cada disciplina curricular.

Os aplicadores foram professores das redes de ensino municipal e estadual, em escolas diferentes das que trabalhavam. Em cidades onde só havia uma escola, os professores aplicavam as provas em salas de aula em que não lecionavam, o mesmo ocorrendo para a rede particular. No total foram 68158 aplicadores. Além disso, participaram 8794 fiscais externos, para zelar pela transparência da avaliação. Pais de alunos, indicados pelo Conselho de Escola, também acompanharam a aplicação, totalizando 82657 pais.

Os fiscais e aplicadores responderam relatórios sobre a aplicação, registrando as frequências dos alunos nas provas, ocorrências fora do previsto durante essas provas e outras observações quanto à aplicação, como o nível de interesse dos alunos ao fazerem a prova, considerado “bom” por 82% dos aplicadores.

Os pais também preencheram relatórios de observação da aplicação, e as informações estão resumidas em quadros no Sumário Executivo. Os dados mostram que a grande maioria dos pais participantes na aplicação aprovou o Saresp.

As provas foram realizadas no horário de início das aulas, com duração máxima de 3 horas, sendo que os alunos poderiam sair da sala da prova somente após decorrida 1 hora e meia do início da prova. Segue Quadro 4 com o número de avaliados no Saresp.

**Quadro 4** – Participação dos alunos por rede de ensino e dia de aplicação.

Rede de Ensino	1º dia			2º dia			Escolas	Municipais
	Previsto	Participantes	%	Previsto	Participantes	%		
Estadual	1.719.137	1.517.175	88,3	1.719.137	1.495.445	87,0	5.048	644
ETE	14.244	12.102	85,0	-	-	-	117	98
Municipal	653.425	590.415	90,4	500.017	456.830	91,4	3.460	560



Particular	52.097	48.059		20.829	19.586	94,0	245	124
			92,2					
Total	2.438.903	2.167.751	88,9	2.239.983	1.971.861	88,0	8.870	645

Fonte São Paulo (p. 24, 2011a)

Apesar de cada caderno de Matemática possuir 24 itens, cada série foi avaliada com 104 itens, divididas em 26 cadernos de provas diferentes. Essa possibilidade metodológica é ofertada pela metodologia dos Blocos Incompletos Balanceados (BIB), que, conforme já apresentado, permite que os itens que compõem a avaliação sejam divididos em blocos, o que possibilita a cobertura de uma quantidade significativa de habilidades previstas a serem avaliadas para cada série e disciplina. (SÃO PAULO, 2011a).

Para uma amostra de 10% dos alunos avaliados do 5º, 7º, 9º anos do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio, exclusivamente da rede estadual, foram aplicadas provas com questões abertas, ou seja, questões em que os alunos constroem a resposta de Matemática. Tais provas (140474, perfazendo 80,1% do previsto) foram corrigidas externamente, com a finalidade de “identificar as diferentes estruturas do pensamento lógico-matemático dos alunos” (SÃO PAULO, 2011a, p. 4). As provas de Redação foram corrigidas externamente de forma amostral (10% das provas) para todas as redes que participaram da avaliação, perfazendo 212984 provas.

Além das provas, os alunos e pais responderam a questionários de contexto num período anterior à aplicação das provas que visavam a coletar informações sobre contexto socioeconômico, cultural, familiar, trajetórias de escolarização, hábitos de estudo, percepções sobre o funcionamento da escola e em relação à continuidade dos estudos e trabalho. Também foram aplicados questionários, respondidos *on line*, para professores e gestores.

Os dados dos questionários foram posteriormente encaminhados para a Vunesp para serem formatados, reproduzidos e distribuídos às Diretorias de Ensino e Secretarias de Educação no material chamado “Relatório de Estudos do Saresp 2010” (SÃO PAULO, 2011d). Essa publicação traz informações sobre caracterização dos alunos, pais de alunos, gestão escolar, professores, diretores e professores coordenadores da rede estadual de ensino. Além disso, realiza uma análise hierárquica dos fatores associados ao desempenho dos alunos, utilizando uma técnica estatística denominada Modelos Hierárquicos Lineares (MLH), que “analisa uma possível associação entre o

desempenho nos testes e as diversas características individuais e familiares dos alunos, além de características das escolas e das Coordenadorias de Ensino” (SÃO PAULO, 2011d, p.241).

#### ***4.6 Proposta curricular e matriz de referência para avaliação***

Em 2007, a proposta curricular do Estado passou por uma reestruturação, entre outros objetivos, para que o currículo fosse unificado nas escolas estaduais, nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Física, Química, Biologia, História, Filosofia, Sociologia, Geografia, Inglês, Arte e Educação Física. Essa proposta foi implantada em 2008, incluindo o envio de material para os professores e gestores e, em 2009, também para os alunos.

Esse material é composto pelo Caderno do Aluno, Caderno do Professor e Caderno do Gestor. O Caderno do Gestor aponta diretrizes para apoiar a gestão do currículo nas unidades escolares.

Os Cadernos do Aluno e do Professor são organizados por bimestre e por disciplina. Nos primeiros, encontramos situações de aprendizagem, sugestões de pesquisa individual, lição de casa e espaços para que os alunos realizem algumas atividades propostas. Já os Cadernos do Professor contêm, para cada bimestre, quatro situações de aprendizagem, com indicação do tempo previsto, dos conteúdos, competências e habilidades trabalhadas e das estratégias de ensino. São apresentadas atividades em consonância com aquelas trazidas no Caderno do Aluno, em geral resolvidas. Além disso, são tecidas considerações sobre avaliação de cada situação de aprendizagem. No Caderno do Professor, é mencionado que é desejável que o professor tente contemplar todas as situações propostas no tempo previsto, porém somente o professor, tendo em vista a particularidade de cada turma, poderá determinar o tempo para se dedicar a cada atividade.

Tal Proposta, conforme consta em São Paulo (2009a, p. 9), foi elaborada com base em cinco princípios estruturantes para o currículo, que: é cultura; refere-se a competências; tem como prioridade a competência leitora e a escritora; articula as competências para aprender; é contextualizado no mundo do trabalho.

Ela deve se tornar referência comum a todas as escolas da rede e descreve o elenco das metas de aprendizagens desejáveis em cada área, os conteúdos disciplinares a serem desenvolvidos em cada ano ou ciclo e o que se espera que os alunos sejam

capazes de realizar com esses conteúdos, expressos na forma de competências e habilidades claramente avaliáveis. (São Paulo, 2009a).

Essa Proposta Curricular tornou-se referência obrigatória para a rede oficial de ensino de São Paulo, segundo a Resolução SE nº 76, de 11 de novembro de 2008, conforme dispõe que:

A Secretária da Educação, à vista da necessidade de: estabelecer referenciais comuns que atendam ao princípio de garantia de padrão de qualidade previsto pelo inciso IX do artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9394/96; subsidiar as equipes escolares com diretrizes e orientações curriculares comuns que garantam ao aluno acesso aos conteúdos básicos, saberes e competências essenciais e específicas a cada etapa do segmento ou nível de ensino oferecido, resolve:

**Artigo 1º**- A Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, elaborada por esta Pasta, a ser implantada no ano em curso, passa a constituir o referencial básico obrigatório para a formulação da proposta pedagógica das escolas da rede estadual.

**Parágrafo único** - A Proposta Curricular, que complementa e amplia as Diretrizes e os Parâmetros Curriculares Nacionais, incorpora as propostas didáticas vivenciadas pelos professores em suas práticas docentes e visa ao efetivo funcionamento das escolas estaduais em uma rede de ensino.

Assim, com a proposta de um currículo estadual comum, segundo o documento São Paulo (2010a, p. 58), puderam se definir metas que todos os alunos têm direito de alcançar, garantir as mesmas oportunidades a todos os alunos, além de estruturar a avaliação em larga escala.

Os objetivos de desempenho estão agora descritos, por meio de uma série de critérios do rendimento esperado, de forma a constituir a estrutura básica de um sistema de avaliação referenciado a esses critérios, que incentiva os professores a se concentrarem nas habilidades e nos processos estabelecidos, para que os alunos os desenvolvam. (SÃO PAULO, 2009b, p. 50).

Segundo informações do documento *Matrizes de referência para a avaliação: documento básico* – Saresp (SÃO PAULO, 2009a), a mais importante finalidade de uma matriz de referência é sinalizar as estruturas básicas de conhecimento a serem construídas pelos alunos através dos diferentes componentes curriculares nas etapas da escolaridade básica. No caso do Saresp, a matriz foi elaborada de acordo com a nova Proposta Curricular do Estado de São Paulo, e são indicados os conteúdos,

competências e habilidades para cada série e disciplina do currículo. Assim, têm-se as referências para construção das provas e é possível determinar a posição dos alunos, segundo níveis de desempenho, com indicadores obtidos pela escala de proficiência. Os aspectos fundamentais da matriz são mostrados na figura:

**Figura 4** – Relações entre habilidades, conteúdos e competências avaliadas e expressas nos níveis de desempenho da Escala de proficiência do Saesp nas disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa, Ciências da Natureza e Ciências Humanas.



Fonte: São Paulo (2009a, p. 12).

A figura contém nos seus vértices os três aspectos fundamentais da matriz curricular do Saesp. As habilidades, que funcionam como indicadores ou descritores das aprendizagens que se espera que os alunos tenham realizado no período avaliado, possibilitam inferir, pela escala de proficiência adotada, o nível em que os alunos dominam as competências cognitivas, avaliadas em relação ao conteúdo das disciplinas em cada série escolar (SÃO PAULO, 2009a, p. 14-15).

As competências cognitivas são modalidades estruturais da inteligência, ou seja, “o conjunto de ações e operações mentais que o sujeito utiliza para estabelecer relações com e entre os objetos, situações, fenômenos e pessoas que deseja conhecer”. Essas modalidades de inteligência, além de estruturais, admitem níveis de desenvolvimento, ou seja, o nível seguinte incorpora o anterior, conservando seus conteúdos, mas transformando em uma “forma mais complexa de realização, compreensão ou observação” (SÃO PAULO, 2009a, p.14).

Dessa forma, as competências expressam o que o aluno pode fazer numa situação de exame, e verifica-se o quanto das habilidades desenvolvidas durante o

período letivo puderam ser aplicadas no contexto da prova. Assim, temos os seguintes aspectos envolvidos numa avaliação:

Cognitivos: saber inferir, atribuir sentido, articular partes e todo, excluir, comparar, observar, identificar, tomar decisões, reconhecer, fazer correspondências.

Afetivos: Saber prestar atenção, sustentar um foco, ter calma, não ser impulsivo, ser determinado, confiante, otimizar recursos internos.

Sociais: Seguir regras, ser avaliado numa situação coletiva que envolva cooperação e competição (limites de tempo, definição das respostas, números de questões, entre outros), respeito mútuo (SÃO PAULO, 2009a, p.15).

No Saresp são avaliadas as seguintes competências cognitivas: para **observar** (registrar e interpretar), caracterizadas como grupo I; para **realizar** (procedimentos), caracterizadas como grupo II e para **compreender** (uso de esquemas operatórios), caracterizadas como grupo III. No documento Matrizes de Referência, são listadas habilidades associadas a cada um desses grupos, que permitem inferir o domínio dessas competências, ressaltando-se que elas são hierarquizadas, ou seja, as competências do grupo III envolvem operações mentais mais complexas que as demais.

Lembramos que a matriz de referência para a avaliação não representa todo o currículo, e sim um recorte das habilidades, competências e conteúdos considerados mais importantes para serem avaliados nos alunos (SÃO PAULO, 2011c, p.52). Destaca-se que muitas competências e habilidades indicadas na Proposta Curricular, embora muito importantes, não foram incluídas nas matrizes de referência por não poderem ser avaliadas nos atuais instrumentos de avaliação em larga escala, mas devem fazer parte da avaliação formativa e contínua realizada pelos professores (SÃO PAULO, 2009a, p.20).

Dessa forma, mostramos um exemplo no Quadro 5 do que é um recorte da matriz de referência para avaliação do 9º ano do Ensino Fundamental, em Matemática, salientando que as habilidades são diferentes para cada série avaliada.

**Quadro 5** – Habilidades a serem avaliadas no 9º ano do Ensino Fundamental pelo Saresp.

<i>Objetos do conhecimento (Conteúdos)</i>	<i>Grupo I Competências para observar</i>	<i>Grupo II Competências para realizar</i>	<i>Grupo III Competências para compreender</i>
<b>Tema 1</b> - Números,	<b>H01</b> Reconhecer as diferentes representações	<b>H09</b> Utilizar a notação científica como forma	<b>H15</b> Resolver problemas com

<p>operações, funções (racionais / potenciação números reais, expressões algébricas, equações, gráficos cartesianos, equações do 2º grau, funções).</p>	<p>de um número racional.</p> <p><b>H02</b> Identificar fração como representação que pode estar associada a diferentes significados.</p> <p><b>H03</b> Reconhecer as representações decimais dos números racionais como uma extensão do sistema de numeração decimal, identificando a existência de “ordens” como décimos, centésimos e milésimos.</p> <p><b>H04</b> Representar os números reais geometricamente na reta numerada.</p> <p><b>H05</b> Identificar a expressão algébrica que expressa uma regularidade observada em sequências de números ou figuras (padrões).</p> <p><b>H06</b> Identificar um sistema de equações do 1º grau que expressa um problema.</p> <p><b>H07</b> Identificar a relação entre as representações algébrica e geométrica de um sistema de equações do 1º grau.</p> <p><b>H08</b> Reconhecer a representação geométrica dos produtos notáveis.</p>	<p>de representação adequada para números muito grandes ou muitos pequenos.</p> <p><b>H10</b> Efetuar cálculos que envolvam operações com números racionais (adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação – expoentes inteiros e radiciação).</p> <p><b>H11</b> Efetuar cálculos simples com valores aproximados de radicais.</p> <p><b>H12</b> Realizar operações simples com polinômios.</p> <p><b>H13</b> Simplificar expressões algébricas que envolvam produtos notáveis e fatoração.</p> <p><b>H14</b> Expressar as relações de proporcionalidade direta entre uma grandeza e o quadrado de outra por meio de uma função do 2º grau.</p>	<p>números racionais que envolvam as operações (adição, subtração, multiplicação, divisão, potenciação e radiciação).</p> <p><b>H16</b> Resolver problemas que envolvam porcentagem.</p> <p><b>H17</b> Resolver problemas que envolvam equações com coeficientes racionais.</p> <p><b>H18</b> Resolver sistemas lineares (métodos da adição e da substituição).</p> <p><b>H19</b> Resolver problemas que envolvam equações do 2º grau.</p> <p><b>H20</b> Resolver problemas envolvendo relações de proporcionalidade direta entre duas grandezas por meio de funções do 1º grau.</p>
<p><b>Tema 2 – Espaço e Forma.</b></p>	<p><b>H22</b> Identificar a localização/movimentação de objeto em mapas, croquis e outras representações gráficas.</p> <p><b>H23</b> Identificar propriedades comuns e diferenças entre figuras bidimensionais e tridimensionais, relacionando-as com as suas planificações.</p> <p><b>H28</b> Usar o plano cartesiano para representação de pares ordenados; coordenadas cartesianas e equações lineares.</p>	<p><b>H21</b> Reconhecer a semelhança entre figuras planas, a partir da congruência das medidas angulares e da proporcionalidade entre as medidas lineares correspondentes.</p> <p><b>H24</b> Identificar propriedades de triângulos pela comparação de medidas de lados e ângulos.</p> <p><b>H25</b> Reconhecer a conservação ou modificação de</p>	<p><b>H29</b> Resolver problemas que utilizam propriedades dos polígonos (soma de seus ângulos internos, número de diagonais, cálculo da medida de cada ângulo interno nos polígonos regulares).</p> <p><b>H30</b> Resolver problemas em diferentes contextos, que envolvam</p>

		<p>medidas dos lados, do perímetro, da área em ampliação e/ou redução de figuras poligonais usando malhas quadriculadas.</p> <p><b>H26</b> Reconhecer ângulos como mudança de direção ou giros, identificando ângulos retos e não retos.</p> <p><b>H27</b> Reconhecer círculo/circunferência, seus elementos e algumas de suas relações.</p>	triângulos semelhantes.
<p><b>Tema 3</b> – Grandezas e medidas (Tales, Pitágoras / Áreas, volumes, proporcionalidade / Semelhança / Trigonometria, corpos redondos).</p>	<p><b>H31</b> Calcular áreas de polígonos de diferentes tipos, com destaque para os polígonos regulares.</p> <p><b>H32</b> Calcular o volume de prismas em diferentes contextos.</p> <p><b>H33</b> Utilizar a razão no cálculo do perímetro e da área da circunferência.</p> <p><b>H34</b> Calcular a área e o volume de um cilindro.</p>	<p><b>H35</b> Aplicar o Teorema de Tales como uma forma de ocorrência da ideia de proporcionalidade, em diferentes contextos.</p> <p><b>H36</b> Resolver problemas em diferentes contextos, que envolvam as relações métricas dos triângulos retângulos. (Teorema de Pitágoras).</p> <p><b>H37</b> Resolver problemas em diferentes contextos, a partir da aplicação das razões trigonométricas dos ângulos agudos.</p> <p><b>H38</b> Resolver problemas que envolvam o cálculo de perímetro de figuras planas.</p> <p><b>H39</b> Resolver problemas que envolvam o cálculo de área de figuras planas.</p> <p><b>H40</b> Resolver problemas que envolvam noções de volume.</p> <p><b>H41</b> Resolver problemas que utilizam relações entre diferentes unidades de medida.</p>	

<b>Tema 4</b> – Tratamento da informação / Probabilidade / Estatística.		<b>H43</b> Associar informações apresentadas em listas e/ou tabelas simples aos gráficos que as representam e vice- versa.	<b>H42</b> Resolver problemas que envolvam informações apresentadas em tabelas e/ou gráficos. <b>H44</b> Resolver problemas que envolvam processos de contagem; princípio multiplicativo. <b>H45</b> Resolver problemas que envolvam ideias básicas de probabilidade.
-------------------------------------------------------------------------------------	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: São Paulo, 2009, p. 78-79).

#### **4.7 Escala de Proficiência**

As proficiências aferidas no Saresp desde 2007 são consideradas nas mesmas escalas métricas do Saeb, nas disciplinas de Língua Portuguesa e de Matemática, levando-se em consideração a inclusão na prova de itens das provas do Saeb, cedidos e autorizados pelo Ministério da Educação. Os resultados do Saresp utilizam a equalização e interpretação da escala do Saeb, completada pelos itens que melhor realizam a cobertura das habilidades especificadas nas Matrizes de Referência da Avaliação do Saresp. Porém, essa escala também é interpretada pelos especialistas responsáveis pelo Saresp, tendo em vista a aplicação dos instrumentos específicos dessa avaliação, além de “agrupar os desempenhos indicados em diferentes pontos da escala em níveis qualificados de proficiência, e de associá-los aos fatores de contextos investigados por ocasião da aplicação da prova”. (SÃO PAULO, 2011c, p. 5).

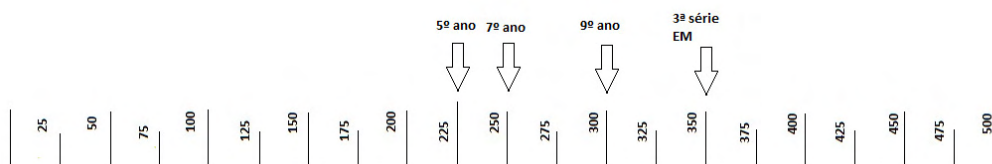
As escalas ordenam os desempenhos dos alunos do menor para o maior em um *continuum*. Para facilitar o entendimento, pode ser usada uma analogia com alguma escala conhecida, por exemplo, a escala de temperatura. Podemos entender que, quanto maior o ponto da escala, melhor o desempenho, pois, conforme mencionado, as habilidades são cumulativas, ou seja, um aluno que possui uma habilidade em determinado ponto da escala, deve também possuir as habilidades nos pontos anteriores (SÃO PAULO, [2009]).



A escolha dos números que definem os pontos da escala de proficiência é arbitrária e construída a partir dos resultados da aplicação de métodos estatísticos derivados da Teoria da Resposta ao Item. A escala vigente é interpretada de 0 a 500 pontos, escolhidos a partir do ponto 250 (média do 9º ano do Ensino Fundamental no Saeb 1997) e desvio padrão de 50 pontos, sendo dividida em intervalos de meio desvio padrão, ou seja, de 25 pontos em 25 pontos, definindo-se as habilidades em cada um desses intervalos, com exceção do extremo menor que 125, em que a interpretação ocorre nesse intervalo maior, já que não há número suficiente de itens com as habilidades contempladas por essas faixas que permitam uma análise detalhada.

A escala é comum às quatro séries avaliadas, e isso foi possível, pois alunos do 7º ano responderam alguns itens do 5º ano, alunos do 9º ano responderam do 7º e estudantes da 3ª série do Ensino Médio responderam do 9º ano do Ensino Fundamental. Dessa forma, expomos um diagrama representando a escala de desempenho do Saresp em Matemática, destacando-se os pontos de proficiência entre o básico e o adequado, para cada série.

**Figura 5 – Escala de Proficiência Matemática.**



Fonte: São Paulo ([2009], p. 2)

Os números 125, 150, 250, etc., sozinhos, não carregam significado, da mesma maneira que uma nota ou conceito só faz sentido para o professor que elaborou questões, aplicou e corrigiu as provas. Porém, o Saresp utiliza 104 itens para avaliar o desempenho dos alunos em Matemática, em determinada série, e desenvolveu uma metodologia de interpretação dos níveis das escalas mediante a descrição dos conteúdos e habilidades que os alunos demonstram ter, quando acertam determinados itens aplicados.

A escala do Saresp 2010 foi interpretada em 13 pontos: 150, 175, 200, 225, 250, 275, 300, 325, 350, 375, 400, 450 e 475. “A descrição de cada um dos pontos foi feita com base nos resultados de desempenho dos alunos na prova de Matemática do Saresp 2009 e 2010 e de acordo com as habilidades detalhadas nas Matrizes de Referência para

Avaliação do Saresp” (SÃO PAULO, 2011c, p. 5). Por exemplo, a interpretação de alunos que possuem proficiência menor que 150 é que “não dominam os conteúdos básicos e não desenvolveram as habilidades que a Prova de Matemática do Saresp 2010 objetivou mensurar. Neste ponto da escala, os alunos:

**reconhecem** que o peso de uma pessoa é medido em kg;  
**identificam:** a forma triangular das faces de uma pirâmide; a localização de objetos colocados à direita de outro objeto (referencial).

Os alunos de 7º ano do Ensino Fundamental, também  
**identificam:** a localização de **um** objeto à direita de uma referência; a planificação de uma pirâmide de base triangular.  
**resolvem problema** envolvendo o cálculo do valor de compra de X objetos dado o preço unitário. (SÃO PAULO, 2011c, p. 214)

No Saresp, a partir de 2007, com a concepção de que “avaliação não é só medir e descrever a escala, mas é atribuir a ela um juízo de valor” (FINI, 2009), as proficiências são divididas em níveis de desempenho: abaixo do básico, básico, adequado e avançado. Assim, qualitativamente, a escala do Saresp é diferente da do Saeb para cada um dos pontos interpretados, pois as matrizes em que está baseado o Saresp possuem outra estrutura e também as provas possuem mais itens, além dos do Saeb.

A partir de 2009, os níveis básico e adequado são agrupados e classificados como Suficiente; o nível Abaixo do Básico é classificado como Insuficiente e o Avançado segue a mesma denominação. O significado de cada um desses níveis está descrito no Fonte: São Paulo, 2011c, p.

**Quadro 6** – Descrição dos significados dos níveis de proficiência

<b>Classificação</b>	<b>Níveis de Proficiência</b>	<b>Descrição do significado de cada nível em termos de proficiência demonstrada pelos alunos.</b>
<b>Insuficiente</b>	<i>Abaixo do básico</i>	Domínio insuficiente dos conteúdos, competências e habilidades desejáveis para a série escolar em que se encontram.
<b>Suficiente</b>	<i>Básico</i>	Desenvolvimento parcial dos conteúdos, competências e habilidades requeridos para a série em que se encontram.
	<i>Adequado</i>	Domínio dos conteúdos, competências e habilidades desejáveis para a série escolar em que se encontram.
<b>Avançado</b>	<i>Avançado</i>	Conhecimento e domínio dos conteúdos, competências e habilidades acima dos requeridos na série escolar em que se encontram.

Fonte: São Paulo, 2011c, p. 213

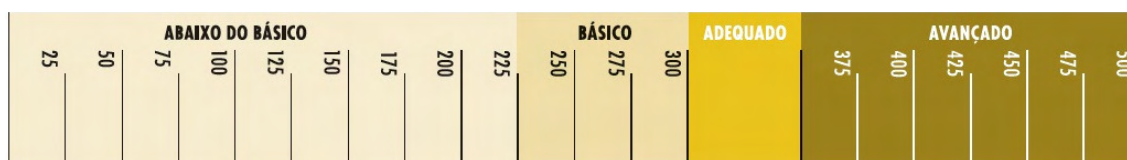
Para complementar a Figura 5, mostramos a distribuição dos níveis de proficiência nas escalas, de acordo com a série escolar considerada, na Figura 6, Figura 7 e Figura 8.

**Figura 6** – Níveis de proficiência na escala Saresp para o 5º ano do EF.



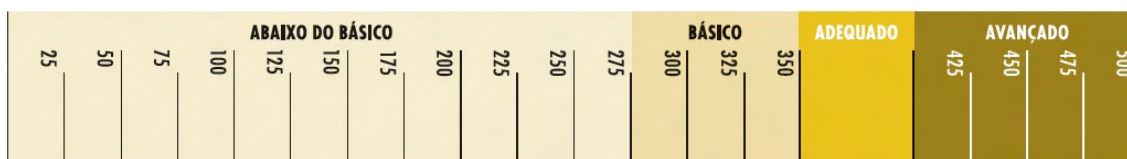
Fonte: São Paulo (2011c).

**Figura 7** – Níveis de proficiência na escala Saresp para o 9º ano do EF.



Fonte: São Paulo (2011c).

**Figura 8** – Níveis de proficiência na escala Saresp para a 3ª série do EM.



Fonte: São Paulo (2011c).

A análise dita qualitativa da distribuição dos alunos em níveis de desempenho é diferente para cada disciplina. Expomos no Fonte: **São Paulo, 2008c, p. 26.** a distribuição em níveis de proficiência dos alunos em 2007, para a disciplina Matemática:

**Quadro 7** – Distribuição dos alunos pelos níveis de proficiência Matemática – Saresp 2007.

Níveis	4ª EF		6ª EF		8ª EF		3ª EM	
	Intervalo	% de alunos	Intervalo	% de alunos	Intervalo	% de alunos	Intervalo	% de alunos
<b>Abaixo do básico</b>	< 175	44,3	< 200	54,8	< 225	49,8	< 275	71,0
<b>Básico</b>	Entre 175 e 225	36,6	Entre 200 e 225	23,3	Entre 225 e 300	44,8	Entre 275 e 350	24,7
<b>Adequado</b>	Entre 225 e 275	17,4	Entre 225 e 300	21,7	Entre 300 e 350	5,1	Entre 350 e 400	3,7
<b>Avançado</b>	> 275	1,7	> 300	0,2	> 350	0,4	> 400	0,6

Fonte: São Paulo, 2008c, p. 26.

Analisando o Quadro 7 observamos que a porcentagem de alunos com desempenho avaliado como estando nos níveis abaixo do básico e básico está sempre acima de 90%, exceto na 6ª série do Ensino Fundamental, em que temos 78,1% nesses dois níveis. No Ensino Médio temos 95,7% dos alunos nesses dois níveis, ou seja, segundo os resultados do Saresp, temos o alarmante resultado de que a maioria dos estudantes de Matemática das escolas estaduais, em 2007, não dominava os conteúdos, competências e habilidades desejáveis para as séries avaliadas.

A partir do Saresp 2008, ocorreu uma mudança em relação à 6ª série do EF, o nível básico agora é entre 200 e 250 e o nível adequado é entre 250 e 300 e, desde 2009, os níveis básico e adequado são agrupados como suficiente. Porém, a situação continua preocupante em relação à quantidade de alunos no nível abaixo do básico. Segue Quadro 8 com os resultados de comparações até o ano de 2010:

**Quadro 8** – Distribuição dos alunos pelos níveis de proficiência Matemática – Saresp 2008, 2009 e 2010.

Níveis / Edições	Intervalos / % de alunos			
	5º EF	7º EF	9º EF	3ª EM
<b>Abaixo do básico</b>	<b>&lt; 175</b>	<b>&lt; 200</b>	<b>&lt; 225</b>	<b>&lt; 275</b>
2008	39,1	42,4	34,5	54,3
2009	30,3	36,6	27,6	58,3
2010	29,0	39,2	34,9	57,7
<b>Básico</b>	<b>Entre 175 e 225</b>	<b>Entre 200 e 250</b>	<b>Entre 225 e 300</b>	<b>Entre 275 e 350</b>
2008	37,3	42,3	53,9	40,5
2009	39,3	44,8	59,5	36,8
2010	37,0	44,7	56,6	38,4
<b>Adequado</b>	<b>Entre 225 e 275</b>	<b>Entre 250 e 300</b>	<b>Entre 300 e 350</b>	<b>Entre 350 e 400</b>
2008	19,4	14,0	10,2	4,8
2009	24,0	17,0	11,7	4,4
2010	25,7	14,7	7,7	3,6
<b>Avançado</b>	<b>Acima de 275</b>	<b>Acima de 300</b>	<b>Acima de 350</b>	<b>Acima de 400</b>
2008	4,2	1,3	1,3	0,4
2009	6,3	1,6	1,2	0,5
2010	8,2	1,4	0,8	0,3

Fonte: São Paulo (2009b, p.53; 2010a, p.63; 2011c, p. 37).

#### **4.8 Idesp e Bonificação por resultados**

Em 2008, a Secretaria de Educação lançou o Programa de Qualidade da Escola (PQE), que “tem como objetivo promover a melhoria da qualidade e a equidade do sistema de ensino na rede estadual paulista” (SÃO PAULO, 2011). Para verificar a

qualidade na escola, são aplicadas as avaliações do Saresp anualmente e propostas metas para melhoria da qualidade de ensino por meio do Idesp<sup>118</sup>.

Com informações da Nota Técnica (SÃO PAULO, 2011), mostraremos como o Idesp de cada escola é encontrado. Ele é calculado por série, do 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e da 3ª série do Ensino Médio, da seguinte maneira:

$$IDESP_s = ID_s \times IF_s, \text{ onde}$$

$ID_s$  é o indicador de desempenho, calculado a partir da nota do Saresp das séries mencionadas em Língua Portuguesa e Matemática, e  $IF_s$  é o indicador de fluxo, medido pela taxa média de aprovação em cada etapa da escolarização. Essa taxa é coletada pelo Censo Escolar e varia entre zero e um, sendo um quando todos os alunos são aprovados.

Para se obter o *Indicador de Desempenho*, primeiro encontra-se a defasagem ( $def_{js}$ ) da escola, em cada série ( $s$ ) e disciplina ( $j$ ). Essa defasagem leva em conta a distribuição dos alunos nos níveis de proficiência, ou seja, procura captar, por meio da distribuição de pesos para cada nível, a equidade do sistema<sup>119</sup>.

$$def_{js} = \frac{3AB_{js} + 2B_{js} + 1Ad_{js} + 0Av_{js}}{100}, \text{ onde}$$

$AB_{js}$ ,  $B_{js}$ ,  $Ad_{js}$  e  $Av_{js}$  são as porcentagens de alunos nos níveis Abaixo do Básico, Básico, Adequado e Avançado, respectivamente. São considerados apenas os alunos que realizaram as provas. Os índices  $j$  e  $s$  representam a série ( $s$ ) e os componentes curriculares: Matemática ou Língua Portuguesa ( $j$ ). Dessa forma, a escola com defasagem entre 0 e 1 é aquela onde todos os seus alunos estão no nível adequado ou avançado. A escola com defasagem 3 é aquela onde todos seus alunos estão no nível abaixo do básico.

Encontra-se, então, o Indicador de Desempenho para cada série e componente curricular. Supondo que numa dada série de determinada escola todos os alunos estejam no nível abaixo do básico, sua defasagem será igual a 3 e seu indicador de desempenho relativo a essa série será 0.

$$ID_{js} = \left(1 - \frac{def_{js}}{3}\right) \cdot 10$$

<sup>118</sup> A Resolução SE - 74, de 6 de novembro de 2008, instituiu o PQE e o Idesp.

<sup>119</sup> Há críticas em relação ao Ideb que não procura captar a equidade, por exemplo, em Oliveira, 2011.

Em seguida, calcula-se o ID para cada série com a média simples entre os Indicadores de Desempenho de cada disciplina (LP = Língua Portuguesa e MAT = Matemática).

$$ID_s = \frac{ID_{LP} + ID_{MAT}}{2}$$

Já o *indicador de fluxo* é a taxa média de aprovação em cada série, ou seja, a divisão do número de alunos aprovados pelo número de alunos matriculados, com os dados coletados por meio do Censo Escolar:

$$IF_s = \frac{\sum_{i=1}^n A_i}{\sum_{i=1}^n T_i},$$

onde  $n$  representa a série, que é 4 para as séries iniciais do Ensino Fundamental, 5 para as séries finais e 3 para o Ensino Médio;  $A_i$  indica o número de alunos aprovados na série  $i$  e  $T_i$  o total de alunos matriculados na série  $i$ .

Como podemos observar, o Idesp é um indicador sintético da qualidade de ensino, que leva em conta somente os resultados de desempenho dos alunos que participaram das provas do Saresp, nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa nas séries mencionadas, e a taxa média de aprovação dos alunos em cada ciclo considerado.

O PQE está em consonância com o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação e com o Plano de Desenvolvimento da Educação do governo federal, aliado ao direito à educação de qualidade, garantido constitucionalmente<sup>120</sup>. No governo de São Paulo foram estabelecidas metas do Idesp até 2030.

**Quadro 9** – Metas de longo prazo para o Estado de São Paulo.

		METAS DE LONGO PRAZO (2030)		
Série		5º ano	8º ano	3ª
escolar	EF	EF	EF	SÉRIE EM
<b>META</b>		7,0	6,0	5,0
<b>2030</b>				

Fonte: Nota Técnica Idesp (SÃO PAULO, 2011, p. 8).

<sup>120</sup> Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: VII - garantia de padrão de qualidade. (Constituição da República Federativa do Brasil de 1988).

Para que se atinja esse objetivo de aumento dos índices planejados até 2030, foram atribuídas metas anuais para cada escola. É calculado o Índice de Cumprimento de Metas das escolas, por série considerada ( $IC_s$ ), que leva em consideração a parcela cumprida da meta estabelecida ( $PC_s$ ) e o adicional por qualidade ( $IQ_s$ ), que é calculado levando-se em conta a posição da escola em relação à média das escolas estaduais e à meta de longo prazo. Esse adicional por qualidade começou a ser considerado a partir de 2009, para efeito de pagamento de bônus. Segue-se a explicitação de como é calculado cada um dos componentes do IC:

$$IC_s = PC_s + IQ_s$$

Onde,

$$PC_s = \left( \frac{Idesp_{s,2010} - Idesp_{s,2009}}{Meta_{s,2010} - Idesp_{s,2009}} \right)$$

e

$$IQ_s = \left( \frac{Idesp_{s,2010} - Idesp_{agregado,2010}}{Meta_{s,2030} - Idesp_{agregado,2010}} \right)$$

Conforme Junqueira (2009), as metas anuais são calculadas de modo que cada escola tenha um esforço proporcional à sua posição no Idesp, de acordo com uma função logística<sup>121</sup>. Assim, quanto mais baixa é a nota da escola, maior terá que ser o aumento dela para se cumprir a meta, já que se considera que, quanto pior seu desempenho, mais rapidamente pode aumentar sua nota. Já as escolas de alto Idesp, pelo contrário, têm que fazer um esforço maior para aumentar sua nota, pois, segundo essa função Matemática, é mais difícil melhorar quando já se é muito bom.

Também em 2007, a Secretaria de Educação propôs 10 metas para a Educação Básica, para serem alcançadas até 2010, conforme disponível em São Paulo (2007):

Todos os alunos de oito anos plenamente alfabetizados.  
 Redução de 50% das taxas de reprovação da 8ª série.  
 Redução de 50% das taxas de reprovação do Ensino Médio.  
 Implantação de programas de recuperação de aprendizagem nas séries finais.  
 Aumento de 10% em índices de desempenho.  
 Atendimento de 100% da demanda de jovens e adultos de Ensino Médio com oferta de currículo profissionalizante.

<sup>121</sup> No Anexo II temos um exemplo do gráfico de uma função logística, a curva característica do item. Relatamos aqui que o estado inicial de crescimento dessa função é aproximadamente exponencial, porém a taxa de crescimento a partir de determinado ponto diminui, detendo-se após certo ponto.

Implantação do Ensino Fundamental de nove anos, em colaboração com os municípios.

Utilização da estrutura de tecnologia da informação e da Rede do Saber para programas de formação continuada de professores na própria escola.

Descentralização do programa de alimentação escolar.

Programa de obras e infraestrutura física das escolas.

Em relação à meta do Idesp, segue Quadro 10 com o Idesp de 2007 a 2010:

**Quadro 10** – Idesp de 2007 a 2010.

<b>Idesp</b>	<b>5º ano do Ensino Fundamental</b>	<b>9º ano do Ensino Fundamental</b>	<b>3ª série do Ensino Médio</b>
<b>2007</b>	3,23	2,54	1,41
<b>2008</b>	3,25	2,60	1,95
<b>2009</b>	3,86	2,84	1,98
<b>2010</b>	3,96	2,52	1,81

Fonte: <http://idesp.edunet.sp.gov.br>

Dessa forma, temos que, em relação às metas propostas em 2007, no 5º ano do Ensino Fundamental o aumento foi de 22,6%, no 9º ano houve uma redução de 0,79% e na 3ª série do Ensino Médio houve um aumento de 28,4%. Assim, apenas as metas para o 5º ano não foram cumpridas. Já as taxas de aprovação seguem no Quadro 11:

**Quadro 11** – Taxas de Aprovação em São Paulo em 2007 e 2010.

<b>Nível de Ensino</b>	<b>Taxas de Aprovação</b>	
5º ano do Ensino Fundamental	0,95	0,96
9º ano do Ensino Fundamental	0,89	0,92
3ª série do Ensino Médio	0,77	0,83

Fonte Brasil (2010).

Verificamos, portanto, que as taxas de reprovação do 9º ano reduziram 27,3% enquanto as do Ensino Médio reduziram 35,3%, sendo que a meta de redução era de 50% para ambos os casos.



Em 2008, o Governo do Estado vinculou o bônus<sup>122</sup> dos profissionais da educação, também conhecido como 14º salário, ao cumprimento das metas de aumento do Idesp, conseqüentemente às notas do Saresp e às taxas de aprovação, através da Lei Complementar nº 1.078, de 17 de dezembro de 2008. O primeiro pagamento do bônus, segundo esse critério, foi feito no início de 2009.

Essa política de bonificação por resultados, conforme JUNQUEIRA (2009, p. 3), foi proposta originalmente pelo Secretário da Fazenda Mauro Ricardo Machado Costa, no governo de José Serra, e previa não apenas a remuneração por metas de qualidade, mas também por cortes de gastos. Essa proposta foi adaptada, na gestão da Secretária Maria Helena Guimarães Castro, pelo estatístico José Francisco Soares e pelo economista Naercio Menezes, que elaboraram o Idesp e a fórmula que vincula o pagamento de um bônus para as escolas que melhorarem seu desempenho, sendo abandonada a política de bonificação por corte de gastos.

A principal referência para essa política de bonificação por resultados foi o modelo de Nova Iorque<sup>123</sup>, sendo que sua formulação e implementação se deram de maneira centralizada. “Foi uma política “*top-down*”, uma vez que a rede não opinou sobre o programa, a não ser de forma negativa, através dos sindicatos” (JUNQUEIRA, 2009, p. 4).

Os recursos do bônus, conforme Artigo 15 da Lei Complementar Nº 1.078, de 17 de dezembro de 2008:

correrão à conta das dotações próprias consignadas no orçamento vigente, ficando o Poder Executivo autorizado a abrir créditos suplementares, se necessário, mediante a utilização de recursos nos

---

<sup>122</sup> O Bônus Mérito para os professores foi instituído pela Lei Complementar 891, de 28 de dezembro de 2000, e seria calculado proporcionalmente à frequência do servidor durante o ano. A Lei Complementar 890, de 28 de dezembro de 2000 que criou o Bônus Gestão, destinado aos Dirigentes Regionais de Ensino, Supervisores de Ensino, Diretores de Escola, Coordenadores Pedagógicos e assistentes de Diretor de Escola, considerava os seguintes indicadores: I - configuração da escola, considerando-se o número de alunos e sua tipologia; II - desempenho da escola, considerando os resultados do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo - Saresp e os índices de abandono apresentados; III - aferição da frequência do servidor no exercício de 2000; IV - frequência dos professores da unidade escolar, considerando o número médio de ausências. Percebe-se a diferença entre os critérios para pagamento de bônus dos gestores (associado ao desempenho no Saresp) e dos professores. Para uma discussão detalhada acerca da política de bonificação no decorrer dos anos, consultar Alcantara (2010).

<sup>123</sup> A política de bonificação de Nova Iorque foi cancelada em 2011, depois de um estudo efetuado pela RAND Corporation. A pesquisa constatou que não havia desempenho superior entre os alunos cujos professores recebiam as bonificações e os estudantes matriculados nas demais instituições. (CARVALHO, 2011).

termos do artigo 43 da Lei federal nº 4.320, de 17 de março de 1964<sup>124</sup>.

Segundo a legislação, para receber o bônus, os professores devem ter atuado, no mínimo, em dois terços do ano, o equivalente a estar na rede pelo menos durante 244 dias. Se houve faltas (respeitando o limite mínimo de presenças), haverá desconto proporcional no valor do bônus. Os professores recebem o bônus de acordo com o resultado do nível de ensino que atuam (1º ao 5º ano, 6º ao 9º ano e Ensino Médio), portanto é possível que dentro de uma mesma escola professores de níveis de ensino diferentes recebam valores diferenciados do bônus. Além disso, também recebem o prêmio diretores, supervisores, professores coordenadores, agentes de organização escolar, agentes de serviço escolar, assistentes de administração escolar, secretários de escola e supervisores de ensino. As equipes das escolas receberão de acordo com a média das unidades. Dirigentes de ensino e supervisores receberão pela média das escolas na sua região. (SÃO PAULO, 2010b).

O bônus é proporcional ao alcance de metas pela escola, ou seja, ao Índice de Cumprimento de Metas. Se a escola atingiu 100% da meta, os profissionais recebem 2,4 salários. Se atingir 50% da meta, recebem 1,2 salários. Já nas escolas que superaram as metas em 20%, ganham 2,9 salários. Em 2010 o governo pagou R\$ 655 milhões em bonificação, distribuídos para 209.833 profissionais da educação de São Paulo: 117.464 educadores ganharam mais do que R\$ 2.500; 92.469 até R\$ 2.500; outros 36.939, mais de R\$ 5.000; e 4.147, mais de R\$ 8.000. (SÃO PAULO, 2010b). Em 2011 foram pagos R\$340 milhões para aproximadamente 190 mil funcionários: 142 mil receberam até R\$ 2.500, enquanto 33 mil receberam entre esse valor e R\$ 5.000 e outros 15 mil profissionais, mais do que esse valor. O bônus é, conforme a Lei Complementar que o institui, “desvinculado” do salário do servidor, sendo percebido de acordo com o cumprimento da meta. Portanto, esses valores não são usados no cálculo do 13º salário, nem para contribuição previdenciária ou para assistência saúde, além de os aposentados não terem direito a essa bonificação.

---

<sup>124</sup> A Lei Federal nº 4.320, de 17 de março de 1964, estatui Normas Gerais de Direito Financeiro para elaboração e controle dos orçamentos e balanços da União, Estados, Municípios e Distrito Federal.

#### 4.9 O Saresp a partir de teses e dissertações

Neste item apresentamos um panorama das teses e dissertações elaboradas no Brasil que tomam o Saresp como tema. Os trabalhos foram buscados no Banco de Teses da Capes, que disponibiliza todos os resumos de teses e dissertações defendidas a partir de 1987. Além disso, buscamos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, no banco de dados do Domínio Público e no banco digital de teses e dissertações dos cursos de pós-graduação em Educação e Educação Matemática das seguintes universidades do Estado de São Paulo: Unicamp, USP, Unesp, Uniban, Unimep, Metodista de São Paulo, PUCSP, Puccamp, Unicsul, USF e Ufscar. A seguir expomos o Quadro 12, o Quadro 13 e o Quadro 14, com uma síntese dos resultados das buscas:

**Quadro 12 – Dissertações sobre o Saresp.**

Ano	Autor	Título	Curso/Instituição	Orientador
1998	OLIVEIRA, Duzolina Alfredo Felipe de.	<b>Uma avaliação política do projeto Saresp.</b>	Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.	Lúcia Avelar.
	ESTEVES, Maria Eunice Paiva Pinto.	<b>Sistema de avaliação de rendimento escolar do estado de São Paulo - Saresp: uma ação planejada.</b>	Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	Clarilza Prado de Sousa.
1999	FELIPE, Jesse Pereira <sup>125</sup> .	<b>Uma análise crítica do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.</b>	Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	Isabel Franchi Cappelletti.
2001	KAWAUCHI, Mary.	<b>Saresp e ensino de história algumas questões.</b>	Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.	Nelson Piletti.
	RIBEIRO, Alessandro Jacques.	<b>Analisando o desempenho de alunos do Ensino Fundamental em álgebra, com base em dados do Saresp.</b>	Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Tânia Maria Mendonça Campos.

<sup>125</sup> Essa dissertação aparece com o nome *O impacto do Saresp na rede estadual de ensino* no currículo Lattes do autor e em algumas citações. Aparece, também, com o nome de José Pereira Felipe, como autor, em diversas citações. Apresentamos aqui as informações que constam no Banco de Teses da Capes.

2002	BOSQUETTI, Maria Carolina Bonna.	Saresp/2000 e a questão da visualização em geometria espacial.	Mestrado em Educação Matemática. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Silvia Dias Alcântara Machado.
2003	GUTIERRE, Maria Madalena Borges.	Heterogeneidade nas redações escolares: a resposta dos alunos ao Saresp.	Mestrado em linguística e língua portuguesa. Universidade Estadual Paulista, Araraquara.	Renata Maria Facuri Coelho Marchezan.
	HERNANDES, Elianeth Dias Kanthack.	Os Propósitos e os impactos causados em uma escola na região de Assis pela implantação e pelas mudanças de rumo do Saresp 2001.	Mestrado em Educação. Universidade Estadual Paulista, Marília.	Dagoberto Buim Arena.
	TÚBERO, Rosana. Mestrado em Educação.	O sistema de avaliação de rendimento escolar do Estado de São Paulo e os alunos negros das escolas estaduais da região de Piracicaba - SP.	Mestrado em Educação. Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas.	Amarílio Ferreira Junior
2004	MESKO, Wladimir Stempniak.	Questões de Leitura no Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.	Mestrado em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas.	Luiz Carlos de Freitas.
2005	BAGGIO, Silvia Cristina Rossito.	Política Educacional, Saresp e discurso de professores: vozes constituídas e constituintes de um sistema e a subjetividade dos professores.	Mestrado em Linguística Aplicada. Universidade de Taubaté.	Elzira Yoko Uyeno.
	BARBOSA, Geraldo Carlos.	A atividade de avaliar no Saresp.	Mestrado em linguística aplicada e estudo de linguagens. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	Fernanda Coelho Liberali.
	CENEVIVE, Ricardo.	Democracia, <i>accountability</i> e avaliação: a avaliação de políticas públicas como instrumento de controle democrático.	Mestrado em administração pública e governo, Fundação Getúlio Vargas.	Marta Ferreira Santos Farah.
	TEIXEIRA, Maria	A Construção de	Mestrado em	Marize Mattos

	Luiza de Sousa.	<b>Sentidos na Avaliação de Múltipla Escolha do Saresp.</b>	Linguística, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.	Dall' Aglio Hattner.
2006	AUGUSTO, Fabiana de Fátima.	<b>A produção e a compreensão de um texto dissertativo-argumentativo: a estrutura problema-solução nas redações do Saresp.</b>	Mestrado em Linguística aplicada e estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	Sumiko Nishitani Ikeda
	BAUER, Adriana.	<b>Usos dos resultados do Saresp: o papel da avaliação nas políticas de formação docente.</b>	Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.	Sandra Maria Zákia Lian Sousa.
	PRUDENCIO, Erica Relvas.	<b>Desenvolvimento de vocabulário receptivo, consciência fonológica, leitura e escrita de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental público, e relação com o desempenho na prova de Português do Saresp - 2002 (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo).</b>	Mestrado em Psicologia Experimental, Universidade de São Paulo	Fernando Cesar Capovilla.
	SILVA, Hilda Maria Gonçalves da.	<b>Gestão educacional e sistemas de avaliação: os pressupostos ideológicos do Saresp e a trajetória das avaliações aplicadas entre 1996 e 2005.</b>	Mestrado em Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.	Ricardo Ribeiro.
2007	DORTA, Roseli Aparecida Franco.	<b>Produção textual de alunos de 4ª E 8ª séries do Ensino Fundamental no Saresp – Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.</b>	Mestrado em Educação, Universidade São Francisco, campus Itatiba.	Enid Abreu.
	FERREIRA, Roseli Helena.	<b>O Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – Saresp: uma</b>	Mestrado em Educação, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade	Ana Maria da Costa Santos Menin.

	<b>análise das provas de leitura e escrita da 4ª série do Ensino Fundamental.</b>	Estadual Paulista, campus Presidente Prudente.		
MARUCI, Fátima Aparecida de Souza.	<b>Leitura e escrita: análise de uma proposta de avaliação por competências e habilidades.</b>	Mestrado em Educação. Universidade de Sorocaba.	Luiz Percival Leme Britto.	
SAZDJIAN, Anaid Bertezlian.	<b>As redações do Saesp: o texto argumentativo e a análise das três pontas.</b>	Mestrado em linguística aplicada e estudo de linguagens, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	Sumiko Nishitani Ikeda	
SILVA, Júlio César da.	<b>Conhecimentos Estatísticos e os exames oficiais: Saeb, Enem e Saesp.</b>	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestrado Profissional em Ensino de Matemática.	Cileda Queiroz e Silva Coutinho.	
SOUZA, Iranéia Loiola de.	<b>A competência leitora na perspectiva do Saesp: a habilidade de inferir informação implícita em texto escrito.</b>	Mestrado em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	Anna Maria Marques Cintra.	
2008	CARVALHO, Lilian Rose da Silva.	<b>Saesp 2005: as vicissitudes da avaliação em uma escola da rede estadual.</b>	Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.	Sandra Maria Zákia Lian Sousa.
	CORREIA, Laura Maria.	<b>As concepções de professores de Matemática de 5ª série do Ensino Fundamental sobre sua prática e os resultados do Saesp 2005.</b>	Mestrado em Educação. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, campus Presidente Prudente.	Maria Raquel Miotto Morellatti.
	MALDONADO, Rosângela Garcia.	<b>Saesp e diversidade textual: perspectivas na formação do Leitor.</b>	Mestrado em Educação, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, campus Presidente Prudente.	Renata Junqueira de Souza.
	RIBEIRO, Denise da Silva. Campinas.	<b>Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São</b>	Mestrado em Educação, Faculdade de Educação da	José Luís Sanfelice.

		<b>Paulo (Saresp): a educação a serviço do capitalismo.</b>	Universidade Estadual de Campinas.	
	VAZ, Rosana Aparecida da Costa.	<b>Saresp/2005: uma análise de questões de Matemática da 7ª série do Ensino Fundamental, sob a ótica dos níveis de mobilização de conhecimentos e dos registros de representação semiótica.</b>	Mestrado Profissionalizante em Educação Matemática. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	Barbara Lutaif Bianchini.
2009	CHISTE, Mônica Cristina.	<b>Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo: repercussão do resultado positivo em duas escolas no ano de 2007.</b>	Mestrado Profissional em Ensino de Matemática, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	Ana Lúcia Manrique.
	GIRELLI, Heitor.	<b>Currículo e Cultura: Elementos do Fracasso Escolar. Um estudo com base nas provas do Saresp e da FUVEST.</b>	Mestrado em Educação, Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.	Décio Azevedo Marques de Saes.
2010	ALCANTARA, Melina Sant'Anna.	<b>Políticas de bonificação e indicadores de qualidade: mecanismos de controle nas escolas estaduais paulistas.</b>	Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	Helena Machado de Paula Albuquerque.
	MORAES, César Augusto do Prado.	<b>Avaliação em Matemática na educação básica do estado de São Paulo: pontos de vista dos sujeitos envolvidos.</b>	Mestrado em Educação, Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo.	Zeila de Brito Fabri Demartini.
	RAHAL, Soraya.	<b>Políticas Públicas de Educação: o Saresp no cotidiano escolar.</b>	Mestrado em Educação, Universidade Cidade de São Paulo.	Celia Maria Haas.
2011	ALVES, Caio Augusto Carvalho.	<b>Táticas docentes frente aos efeitos do Saresp.</b>	Mestrado em Ciências, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos.	Rosario Silvana Genta Lugli.

LUGLI, Luciana de Castro.	<b>A Análise de Dados e a Probabilidade nas Avaliações Externas para o Ensino Médio: Enem e SARESP.</b>	Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Cruzeiro do Sul.	Celi Aparecida Espasandin Lopes.
PINTO, Márcio Alexandre Ravagnani.	<b>Política Pública e Avaliação: o Saresp e seus impactos na prática profissional docente.</b>	Mestrado em Serviço Social, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Unesp/Franca.	Célia Maria David.
RODRIGUES, Rodrigo Ferreira	<b>Usos e repercussões de resultados do SARESP na opinião de professores da rede estadual paulista.</b>	Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	Isabel Franchi Cappelletti

Fonte: dados organizados pela autora.

**Quadro 13 – Teses sobre o Saresp.**

Ano	Autor	Título	Instituição/curso	Orientador
2003	MACHADO, Cristiane.	<b>Avaliar as escolas estaduais de São Paulo para quê? Uma análise do uso dos resultados do Saresp 2000.</b>	Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.	Sandra Maria Zákia Lian Sousa.
2007	LOPES, Valéria Virgínia.	<b>Cartografia da Avaliação Educacional no Brasil.</b>	Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.	Romualdo Luiz Portela de Oliveira.
2009	ARCAS, Paulo Henrique.	<b>Implicações da progressão continuada e do Saresp na avaliação escolar: tensões dilemas e tendências.</b>	Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.	Sandra Maria Zákia Lian Sousa.
2011	CAMBA, Mariângela.	<b>As políticas de avaliação do rendimento escolar e as interfaces na esfera nacional e estadual: análise do Saresp como política de avaliação no Estado de São Paulo, Brasil.</b>	Doutorado em Educação, Universidade Estadual de Campinas.	Luis Enrique Aguilar.

Fonte: dados organizados pela autora.

**Quadro 14 – Informações quantitativas de teses e dissertações sobre o Saresp.**

Ano	98	99	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11
<b>Teses</b>	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	1	-	4
<b>Dissert.</b>	2	1	2	1	3	1	4	4	7	5	2	3	1

Fonte: dados organizados pela autora.



De posse desses resultados, percorremos as pesquisas por ordem cronológica buscando encontrar seus objetivos, metodologia e conclusões, que serão aqui apresentados, de maneira breve. Não foram analisadas as teses e dissertações que apenas se utilizaram dos dados do Saresp para embasar alguma decisão de pesquisa, como, por exemplo, “qual escola pesquisar”, sem uma discussão acerca desse processo de avaliação, ou seja, aquelas que fizeram uso do Saresp como pano de fundo, ou ainda as que somente analisaram aspectos pedagógicos específicos das disciplinas avaliadas, que não Matemática. Dessa maneira, não constam nas análises as seguintes pesquisas: Gutierrez (2003); Mesko (2004); Augusto (2006); Prudencio (2006); Dorta (2007); Ferreira (2007); Maruci (2007); Sazdjian (2007); Souza (2007) e Maldonado (2008).

Oliveira (1998) fez uma análise sobre os princípios que guiaram a SEE na implantação do Saresp e da viabilidade das estratégias adotadas. Na pesquisa foram utilizados dados disponíveis para a Diretoria de Ensino da região de Botucatu, local de trabalho da pesquisadora. O estudo foi realizado quando se implantou a avaliação. Nas análises realizadas, relata que a SEE deu um salto qualitativo, devido à ampla abrangência do Saresp e à intenção do estabelecimento de uma cultura avaliativa fundamentada na avaliação formativa e não na classificatória, já que ocorreria a implantação da progressão continuada em 1998. A análise efetuada na dissertação também apontou para a questão do exercício da autonomia das escolas, um dos objetivos do Saresp segundo os discursos oficiais.

A pesquisadora sustentou que os resultados do Saresp poderiam subsidiar a elaboração do projeto pedagógico da escola. Porém, relatou que, para a construção de um projeto pedagógico, há que se ter um trabalho coletivo, o que só é possível com a participação dos professores, que foram relegados no processo de implantação do Saresp. Argumentou que as equipes da SEE não orientaram os professores em como analisar e interpretar os resultados do Saresp pedagogicamente, apenas os subsidiaram na organização dos dados. Além disso, não houve espaço para a participação dos professores no processo de estabelecimento de critérios dessa análise e interpretação dos dados, etapas essenciais da avaliação formativa.

Concluiu que os professores da rede necessitarão reaprender sobre avaliação, passando de uma avaliação classificatória para a formativa, já que ocorreria a implantação da progressão continuada em 1998, mas como eles tinham sido segregados do processo de implantação do Saresp, esse aprendizado ficou dificultado. Além disso, a pesquisadora preveniu que, sem o devido acompanhamento de uma avaliação formativa,

a progressão continuada se transformaria numa promoção automática. Finalizou apontando que o Saresp foi implantando na direção da necessidade de melhoria da qualidade de ensino, mas que, diante de muitos entraves encontrados, o projeto educacional se mostrou falacioso e não apresentava caminhos de participação do professor, sendo necessárias diretrizes da SEE para a formação do professor em avaliação formativa e incentivo à participação e empenho desse professor no processo.

Esteves (1998) realizou um trabalho de natureza descritivo-exploratória, no qual procurou investigar o impacto causado pelos resultados do Saresp e identificar modificações na prática pedagógica dos docentes em cinco escolas estaduais pertencentes a uma Diretoria de Ensino na periferia de São Paulo. Em visitas à escola, a pesquisadora fez observações, entrevistas e aplicação de questionários para obtenção dos dados. As conclusões da pesquisa mostraram que as equipes escolares receberam o Saresp com reservas por desconhecê-lo ou não terem compreendido os seus objetivos. Na primeira aplicação o impacto foi maior. Nas duas aplicações seguintes, os educadores já se sentiram mais à vontade. Mesmo assim, a maioria deles permaneceu resistente, embora o Saresp, indiscutivelmente, tenha despertado, nessas equipes, a necessidade de refletir e de ampliar conhecimentos sobre avaliação. Esteves (1998) afirmou que os resultados do Saresp só poderão ser avaliados a longo prazo, concluindo que representa um caminho promissor e viável à educação, desde que as ações desencadeadas pelos órgãos centrais sejam orientadas para melhoria do ensino.

Felipe (1999) procurou investigar o impacto causado pelos resultados do Saresp na rede pública estadual e constatar as possíveis mudanças ocorridas nas escolas. Para realização dessa pesquisa, selecionou quatro escolas da rede, pertencentes à Diretoria de Ensino de Caieiras, região da Grande São Paulo. A pesquisa foi realizada nessas escolas durante e depois da aplicação do Saresp, edição de 1998, com a realização de entrevistas e questionários com dirigente regional, supervisores de ensino, diretores de escola, professores, alunos e pais. Sua pesquisa revelou uma série de problemas gerados pelo Saresp, que o impediram de proporcionar uma melhoria na qualidade de ensino, a expectativa inicial, como: a desconfiança dos professores em relação ao seu real objetivo; o fato de os instrumentos de avaliação serem inadequados para os alunos; e a falta de ações após o conhecimento dos resultados da avaliação.

Kawauchi (2001) discute, em seu trabalho, algumas das possíveis implicações de uma avaliação externa no Saresp, especialmente no ensino de História, sob o ponto de vista de professores dessa disciplina dos Ensino Fundamental e Médio da rede estadual.

Para isso realizou entrevistas com catorze professores que expuseram as maneiras pelas quais entenderam a proposta do Saresp e se consideraram, ou não, seus pressupostos e resultados na prática cotidiana deles. Concluiu que os professores necessitam de esclarecimentos sobre os objetivos do Saresp; que a divulgação dos resultados dos desempenhos pode reprimir as escolas; e que a flexibilidade do currículo em História dificulta a elaboração de parâmetros para a avaliação.

Ribeiro (2001) procurou levantar, identificar e analisar os procedimentos e estratégias que os alunos da 8ª série do Ensino Fundamental utilizaram para resolver questões de álgebra elementar, por meio da reaplicação de questões de álgebra da prova do Saresp de 1997 para 20 alunos de duas escolas distintas da Diretoria de Ensino de Caieiras. Num segundo momento, foram aplicadas questões abertas, semelhantes às primeiras, e resolvidas num contexto de oficina com a participação do pesquisador. Concluiu com análises acerca das possíveis causas dos erros mais frequentes e com sugestões para que os professores refletissem sobre os procedimentos de ensino para melhorar o aprendizado nos alunos, já que os resultados em relação à álgebra nas provas do Saresp tinham sido, segundo Ribeiro (2001, p. 114), “desanimadores”. Propôs que os professores atuassem como encorajadores e mediadores para os trabalhos em equipe dos alunos; trabalhassem com o desenvolvimento do raciocínio lógico e a agilidade em determinar soluções para situações-problema. O autor propôs, também, a realização de cursos de capacitação institucionalizados pelo Estado, para suprir a carência de formação para o ensino de maneira diferenciada dos professores de Matemática. Enfim, Ribeiro (2001) realizou uma pesquisa focada nos erros dos alunos em relação à álgebra escolar, usando o Saresp apenas como pano de fundo para sua pesquisa.

Bosquetti (2002) buscou identificar se a prova do Saresp do ano de 2000, da 3ª série do Ensino Médio, abordava questões de visualização em Geometria. O seu objetivo com essa pesquisa foi observar as habilidades de visualização de informações de figuras espaciais. Pretendeu observar tanto as habilidades que ela propôs, como as competências e habilidades propostas pela prova do Saresp. A pesquisa foi realizada com turmas da 3ª série do Ensino Médio de duas escolas. Os resultados encontrados mostraram que poucos alunos possuem a habilidade de visualização de figuras espaciais e, além disso, concluiu que as provas do Saresp não permitem a observação da competência e da habilidade que propõem.

O estudo de Hernandez (2003) consistiu em tentar encontrar aspectos de aproximação e de contradição entre teorias sobre avaliação de aprendizagem e objetivos

e procedimentos adotados pelos gestores da educação no Estado de São Paulo, dada a implantação do Saresp como sistema de avaliação. Além disso, a pesquisa tentou captar os impactos causados pela mudança de procedimento adotada pela SEE na aplicação da prova no Saresp em 2001. Com esses propósitos estudou textos sobre a avaliação, documentos oficiais e efetuou entrevistas com alunos, pais, professores, diretor de escola e autoridades que tiveram poder de decisão. A pesquisa constatou contradições entre os princípios norteadores de avaliação participativa e de processo, aquela que se pretende que seja realizada em sala de aula, e a utilização dos resultados da prova do Saresp em 2001. Essa contradição foi justificada em razão da existência de um objetivo, não explicitado nos discursos oficiais, de responder às críticas efetuadas por diferentes setores da sociedade sobre a ineficácia da implantação do sistema de Progressão Continuada no Ensino Fundamental da rede pública. A autora concluiu recomendando uma reaproximação dos objetivos explicitados no Saresp com o atendimento às necessidades efetivas da clientela escolar e o desencadeamento de ações coerentes.

Machado (2003) analisou a utilização dos resultados Saresp, do ano de 2000, como instrumento para direcionar as ações visando à melhoria da qualidade do ensino público, no nível das Diretorias de Ensino. Analisou 88 Relatórios de Avaliação do Saresp elaborados pelas Diretorias de Ensino, buscando identificar quais as propostas de ações políticas foram subsidiadas pelos resultados do Saresp e qual o potencial dessas ações para melhorarem a qualidade do ensino. Concluiu que, embora o Saresp tivesse possibilidade de ser um instrumento para direcionar ações e políticas visando construir a qualidade do ensino nas escolas públicas estaduais, por ser alicerçado nos testes de rendimento dos alunos, estava sendo utilizado principalmente para dar visibilidade a esses resultados por escolas, estabelecendo um *ranking* que gerava a comparação entre elas. Destacou que essa política faz parte de um movimento mundial de reformas educativas que buscam qualificar o ensino público com a criação de mecanismos que objetivam a competição entre as escolas, inserindo mecanismos do mundo empresarial capitalista na educação pública.

Nessa direção, argumentou que o Saresp foi criado com o principal objetivo de ser um instrumento para a gestão da educação,

tendo seu papel de possibilitar o direcionamento de ações pedagógicas relegado a segundo plano. Talvez isso explique o conteúdo que analisamos nos relatórios que evidencia desconexão entre os dados obtidos com o Saresp e as ações propostas, pois este não era o

principal objetivo desta política de avaliação, embora os documentos oficiais expressassem isso. (MACHADO, 2010<sup>126</sup>, p. 205).

A autora relatou que, ao fazer essa opção, essa política deixa de possibilitar que as escolas e as Diretorias de Ensino reflitam sobre as condições nas quais os rendimentos dos alunos são alcançados e de propor ações que viabilizem a construção de uma escola pública de qualidade. Além disso, afirmou em seu trabalho que, ao enfatizar as notas e resultados dos alunos e escolas, antes de ter como possibilidade a intervenção no ensino, o objetivo desse tipo de avaliação é a *accountability*. Machado (2010) finalizou recomendando que os órgãos da gestão central precisariam, com urgência, discutir e analisar a progressão continuada; a atribuição das aulas; e a permissão de acesso aos dados oriundos dos questionários dos alunos, questões que apareceram recorrentemente nos relatórios analisados.

Túbero (2003) investigou o impacto causado pelos resultados dos alunos negros nas provas do Saresp 2000 e possíveis mudanças na metodologia de ensino, na escolha de livros didáticos, planejamentos e reformas curriculares. A pesquisa foi realizada por meio dos resultados no Saresp e dos relatórios, planos de ação e documentos oficiais de 12 escolas da região de Piracicaba, cujas 5<sup>as</sup> séries participaram da avaliação. Além disso, foram entrevistados professores, professores coordenadores, diretores de escola, supervisores de ensino, dirigente regional, pais e alunos.

A pesquisadora identificou um projeto governamental bem articulado em relação ao Saresp; mostrou que houve expectativas positivas e negativas da comunidade escolar e da sociedade; identificou ações pontuais que não atingiram os objetivos propostos pela Secretaria; constatou que o tratamento de variáveis que interferem negativamente no desempenho escolar limitou-se a uma publicação oficial e que não houve articulação entre os resultados da avaliação e o projeto pedagógico da escola.

Túbero (2003) também analisou livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de Língua Portuguesa e comparou as representações do negro nesses livros. Ela observou alterações positivas nas representações mais recentes, mas que exigem o trabalho crítico do professor para que se respeite a pluralidade cultural na sala de aula.

Baggio (2005) propôs investigar as causas de um possível descompasso, sinalizado em discursos do senso comum, entre a avaliação realizada pelo Saresp 2003 e

---

<sup>126</sup> Tivemos acesso à tese de Cristiane Machado por meio de seu livro, publicado em 2010, com o mesmo título da tese.

o ensino de leitura. Ouviu professoras de 4ª série das escolas com melhores desempenhos no sistema de avaliação e professoras da rede municipal de ensino que não participaram das provas. Além disso, analisou o quadro de habilidades requeridas pelo Saresp 2003, dois livros didáticos adotados por escolas da rede estadual, pertencentes ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2004 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Na comparação entre o Saresp, os PCN e o PNLD, a pesquisadora mostrou uma correspondência entre o primeiro e o segundo, mas uma divergência entre o primeiro e o último. A pesquisadora relatou que os livros didáticos não contemplam os gêneros discursivos diferenciados e a abordagem a eles destinada, habilidades requeridas pelo Saresp, concluindo assim que o ensino de leitura por meio do livro didático distribuído pela esfera federal não visa propriamente ao Saresp.

Quanto às representações que as professoras das escolas estaduais fazem do Saresp, as análises dos discursos mostraram que elas assumem a avaliação de desempenho em leitura dos alunos como avaliação de seu desempenho como professoras, mas que no fazer cotidiano são reveladas “táticas que insurgem contra o poder instituído.” (BAGGIO, 2005, p.144). Já as professoras que não se envolveram diretamente com o Saresp (o que a pesquisadora denomina de “dispositivo disciplinador”) afirmam que o sistema de avaliação é falho e contraditório, pois, em nome da melhoria da qualidade de ensino, são promovidas ações que mascaram a situação real do ensino no país.

Barbosa (2005) objetivou analisar a atividade de avaliar do Saresp nas escolas públicas de São Paulo. Seu trabalho fez parte de um projeto de formação de professores da rede pública, coordenado pela PUC São Paulo, que visava a contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos a partir do ensino dos gêneros textuais, denominado *Linguagem e Formação Crítica: Educação para a ação cidadã*. Para isso, realizou uma pesquisa nas provas aplicadas para a 3ª série do Ensino Médio, nos questionários socioeconômicos das provas de 2003 e 2005, relatórios dos professores de 2000, manual de instruções da Diretoria de Ensino de Carapicuíba e relatórios da SEE. Buscou, nessas análises, responder às perguntas: *Como se estrutura a atividade de avaliar do Saresp?* e *Que perspectiva de linguagem é privilegiada nessas avaliações?*

O autor relatou que há falta de sintonia entre as propostas do Saresp e os conteúdos curriculares, fato que começou a incomodar os profissionais da educação, pois se sentem desconfortáveis com os resultados oficiais e pressões que vêm de uma

eventual má colocação no *ranking* de escolas. Apontou como positiva a decorrente mobilização de convicções arraigadas na prática. O pesquisador concluiu que, mesmo com o Saresp sendo um método estatístico direcionado à aferição de habilidades e competências em leitura escrita, apresenta diversos pontos positivos: introdução da noção de gênero textual nas escolas a partir da divulgação dos resultados da avaliação analisados; envolvimento de diversas equipes em diferentes níveis com a avaliação de competências e habilidades dos alunos e identificação de fatores que intervêm no processo de ensino; disponibilização de uma grande quantidade de informação para os órgãos centrais de gestão. Afirmou, também, que a perspectiva adotada pelo Saresp em relação à linguagem é reducionista, no sentido de restrição do examinando ao reconhecimento da voz do outro, porém, situa-se como ponto de partida para uma revisão dos processos de ensino e aprendizagem da língua.

Cenevive (2005) procurou analisar as relações entre o fortalecimento da função e da capacidade avaliadora do governo e a promoção de níveis crescentes de difusão de informação e criação de mecanismos de *accountability*. Objetivou analisar empiricamente como a implantação e a posterior institucionalização do Saresp e do Sistema de Monitoramento e Avaliação do Programa Estadual de DST/AIDS (PE - DST/AIDS) têm contribuído para a criação de mecanismos de responsabilização pelos resultados da política pública ou formas de controle social. Dessa forma, orientou-se pelas perguntas: *a introdução destes instrumentos de avaliação tem gerado maior difusão de informações ou contribuído para a adoção de procedimentos de prestação de contas e responsabilização? Ou ainda, tais instrumentos são utilizados para o estabelecimento de meios de controle externo na gestão dessas políticas e programas no Estado de São Paulo?* Com esse objetivo, o pesquisador realizou um estudo de caso exploratório, com entrevistas das pessoas que ocupavam postos-chave nos sistemas de avaliação estudados; observação de eventos relacionados com a implantação desses sistemas e com os processos de controle democrático das políticas avaliadas; e análise dos documentos referentes à implantação e dos relatórios de apresentação dos resultados das avaliações.

Cenevive (2005) concluiu que não existe uma relação direta e imediata entre a implantação de sistemas de avaliação de políticas e programas públicos e a promoção de níveis crescentes de transparência, verificação ou responsabilização. O exame dos dois programas mostrou que o fator fundamental que viabiliza a criação ou o aperfeiçoamento de mecanismos de *accountability* é a difusão de informações referentes

à gestão e aos resultados dos programas governamentais. O autor afirmou que, no sistema de monitoramento e avaliação do PE - DST/AIDS com a divulgação ampla e irrestrita dos relatórios de avaliação, foram fornecidas as informações necessárias aos vários interessados<sup>127</sup>, para que se estabelecessem mecanismos de prestação de contas da burocracia e dos representantes políticos responsáveis pelo programa. “No Saresp, como os dados têm permanecido restritos à burocracia da SEE, às Diretorias de Ensino e às diretorias das escolas e, portanto, inacessíveis a organismos da sociedade civil, não se estabeleceram mecanismos de prestação de contas ou controle social” (CENEVIVE, 2006, p. 119).

Motivada pela mudança de foco no Saresp 2001, Teixeira (2005) objetivou esclarecer em que medida a avaliação de múltipla escolha consegue determinar a competência leitora de um falante de língua natural. Para a realização da pesquisa, foram utilizadas amostras das avaliações da 8ª série do Saresp, as Tabelas de Especificação das Habilidades da SEE e os resultados oficiais de 8ªs séries de uma escola estadual da cidade de São José do Rio Preto. A análise do desempenho dos alunos conduziu a pesquisadora à análise da própria avaliação e evidenciou uma série de problemas, desde a inadequação de questões até a constatação de que a concepção de leitura do Saresp 2001 contradiz os principais documentos oficiais que tratam do assunto: a Proposta Curricular para o Ensino de Língua Portuguesa e o PCN de Língua Portuguesa. O trabalho fez apontamentos para uma releitura dos resultados da avaliação, o que pode acarretar releituras da própria elaboração do Saresp. A autora afirmou que a devida análise dos resultados do Saresp pode ajudar o corpo docente da escola a identificar o que de fato falta para que o aluno melhore a sua capacidade leitora, necessitando, para isso, que se identifique além das habilidades que os alunos acionaram ou que deixaram de acionar; entender quais foram as estratégias utilizadas por eles para responder as questões, quais foram as interferências na atuação desses alunos e quais foram as justificativas para o erro. O trabalho apresentou uma preocupação em otimizar o aproveitamento da avaliação Saresp e fazer apontamentos de como a escola pode aproveitar este resultado para revertê-lo em ação.

Bauer (2006) pesquisou em que medida os resultados do Saresp são usados na formulação de ações de formação de professores na jurisdição das Diretorias Regionais de Ensino do município de São Paulo. Além de estudos teóricos sobre avaliação e a

---

<sup>127</sup> *Stakeholders.*



problemática de avaliação de sistemas e programas educacionais, a autora realizou uma pesquisa de campo nas Diretorias de Ensino e em nível central para esclarecer contradições e divergências entre as ações de formação e de avaliação, percebidas durante a análise documental e para conhecer o trabalho de formação realizado nas Diretorias Regionais pesquisadas. Estudou a disciplina de Língua Portuguesa e as aplicações do Saresp de 1998 a 2005, exceto 2001. A autora concluiu que o uso dos resultados do Saresp para a elaboração de ações direcionadas à formação docente dependeu da equipe responsável por essa formação em cada Diretoria de Ensino, o que pode ser explicado pela constatação de que há dificuldades de entendimento dos resultados da avaliação por parte dessas equipes.

A autora detectou uma tendência à centralização das ações de formação, principalmente a partir de 2002, que, inclusive, na opinião de alguns entrevistados, parecem ter sido definidas independentemente dos resultados das avaliações. Apesar de perceber iniciativas locais nas quais as diretorias buscaram privilegiar ações de formação pautadas pelas necessidades dos professores sinalizadas pelos resultados da avaliação, Bauer (2006) afirmou que a articulação entre os resultados do Saresp e a política de formação docente, da maneira prevista nos documentos, ainda estava por ser consolidada.

Silva (2006) buscou apreender as principais características das avaliações aplicadas pelo Saresp desde sua implantação e, também, compreender quais características da educação foram privilegiadas nas avaliações aplicadas pelo Saresp: o rendimento dos alunos, o perfil dos profissionais da educação, ou a dinâmica da instituição escolar e qual o nível de negociação existente entre os gestores centrais do Saresp e os atores da unidade escolar envolvidos na avaliação. A pesquisa teve como orientação teórica os estudos que entendem a avaliação como fenômeno político-social, o qual apresenta diversas concepções nos diferentes contextos históricos da sociedade, de acordo com as transformações ideológicas ocorridas em seu interior, num processo dialético. A autora apreendeu, que embora o Saresp tenha potencial para caracterizar-se como um sistema de avaliação para além da verificação do rendimento escolar, a centralização das decisões sobre essa avaliação, bem como o predomínio de instrumentos de avaliação constituídos por questões fechadas, restringe consideravelmente a complexidade desse Sistema. Assim, defendeu que a ausência de negociação com os atores envolvidos nas avaliações consistia em um dos maiores

entraves para que o Saresp se caracterizasse como objeto de reflexão acerca da qualidade da educação paulista.

Silva (2007) objetivou verificar as relações entre o livro didático, documentos e exames oficiais, no que diz respeito a conteúdos de estatística, devido à constatação de pesquisadores sobre problemas no ensino de tais conteúdos, fato reforçado pelo desempenho insuficiente dos alunos em sistemas de avaliação do rendimento. Para isso, analisou os Parâmetros Curriculares Nacionais; o Programa Nacional do Livro Didático, com foco no Ensino Médio; dois livros didáticos selecionados aleatoriamente; e as provas do Saeb, Enem e Saresp de 2005, buscando verificar quais os conhecimentos estatísticos sugeridos e como estão sendo abordados, à luz dos níveis de alfabetização estatística, propostos por Gal e Wild e Pffannkuch. Percebeu, nos exames, a concentração de questões que se referem às habilidades de leitura e interpretação de tabelas e gráficos de colunas, verificando que, apesar de seguirem as orientações dos PCN, explorando diversas tarefas contextualizadas e articuladas com outras disciplinas, as medidas de dispersão e variabilidade não eram exploradas.

Dessa forma, Silva (2007), com base nas análises efetuadas, inferiu que os livros didáticos permitem desenvolver habilidades próprias à alfabetização estatística no nível cultural, mas, para um desempenho satisfatório nos exames oficiais, são necessárias habilidades relativas à alfabetização estatística no nível funcional.

Lopes (2007) coletou informações documentais e depoimentos nos vinte e seis Estados e no Distrito Federal visando a compor um mapeamento da avaliação educacional nessas unidades federativas. Segundo a autora, o tratamento que a avaliação educacional recebe em cada realidade permitiu reconhecer que há mais semelhanças que diferenças. Afirmou que os aspectos metodológicos são próximos entre as avaliações desenvolvidas nos Estados e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica. Porém, a autora constatou que a interpretação que os estados brasileiros têm feito da diretriz nacional de avaliação não considera a dimensão de constituir-se em um mecanismo de regulação e gerenciamento, fundamental no ciclo de realização de uma política educacional. Nesse trabalho, fez um importante levantamento sobre as características do Saresp desde sua implantação até 2007, incluindo seus objetivos, suas concepções de avaliação educacional, tratamento dos resultados, divulgação e usos dos resultados.

Carvalho (2008) abordou, com base em um estudo de caso, as vicissitudes provocadas pelo Saresp na dinâmica de uma escola da rede estadual da Grande São

Paulo no decorrer do processo avaliativo do ano de 2005. Seu objetivo foi investigar o percurso trilhado pela escola, além de apreciar sua eventual articulação com os objetivos traçados pela SEE-SP. Fundamentou-se em informações coletadas na escola por meio de observação e questionário aplicado aos professores, discussões realizadas com grupos de professores, diretor, vice-diretor e coordenador pedagógico e análise de documentos produzidos pela escola, pela Diretoria de Ensino e pela SEE-SP. A análise dessas informações possibilitou compreender e subsidiar o levantamento de hipóteses sobre eventuais repercussões da avaliação externa na dinâmica escolar.

A autora constatou certas resistências ao Saresp na escola em que efetuou a pesquisa. Apontou a necessidade de um trabalho intenso de esclarecimento aos professores sobre as finalidades e usos dos resultados do Saresp. Destacou que, na referida escola, o Saresp foi utilizado para: compor notas bimestrais dos alunos, sem critérios estabelecidos, o que se transformou em um incentivo para que os alunos comparecessem à avaliação; aplicação de outra prova, chamada de avaliação unificada, a fim de treinar os alunos para a dinâmica do Saresp; que professores de Português usassem as orientações de correção da redação para orientar os alunos. Afirmou que o impacto do Saresp na escola não ocorreu conforme desejado pela SEE, já que não houve modificações no planejamento pedagógico em função do Saresp. Constatou que as escolas não estão fazendo uso dos resultados para trabalhar ou refletir sobre seu trabalho pedagógico. Destacou o fato de que os coordenadores, professores e direção estão envolvidos demais com tarefas cotidianas, não restando tempo para trabalharem aspectos do Saresp a fundo. Portanto, há muitas dificuldades em interpretações sobre significados de avaliação, tanto a de aprendizagem interna quanto a externa. Afirmou que o fato de o mesmo partido estar no governo há 10 anos poderia ter gerado uma política de avaliação mais constante, mas não foi o que ocorreu, já que diversas alterações, inclusive de objetivos e uso de resultados, foram ocorrendo ao longo do tempo. Afirmou que o Saresp, da maneira que está sendo conduzido pelo Estado, não se configura uma política avaliativa e nem favorece a geração de uma cultura que propicie a consolidação da avaliação em larga escala.

Ao finalizar este estudo, permanece uma sensação de angústia por ter verificado que a avaliação externa não mantém um diálogo com a cultura de avaliação da escola, tão necessária para que a educação em nosso Estado trilhe um caminho em busca de qualidade. (CARVALHO, 2008, p. 92).

Corrêa (2008) analisou concepções que 64 professores de Matemática da 5ª série do Ensino Fundamental das 41 escolas estaduais pertencentes à Diretoria de Ensino da Região de Presidente Prudente têm sobre sua prática pedagógica, buscando relacionar uma prática diferenciada dos resultados obtidos pelos alunos no Saresp 2005, com o objetivo de trazer contribuições para o ensino dessa disciplina. Dessa forma, o estudo buscou as causas do desempenho dos alunos em Matemática, identificando professores que relataram práticas diferenciadas e carregadas de significados próprios. Como modo de coleta de dados, utilizaram-se questionários aplicados aos professores, cujas respostas foram gerenciadas empregando-se o *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), que possibilitou análise, cruzamentos e representação gráfica das informações. A pesquisadora inferiu alguns indicativos quanto ao perfil de dois grupos entre os professores, denominados: Grupo Geral, formado por professores cujos alunos atingiram um índice abaixo do esperado, e Grupo Diferenciado (GD), no qual os alunos tiveram um bom desempenho, apontando que houve sintonia entre o trabalho do segundo grupo e a proposta do Saresp 2005, uma vez que foram priorizados os conteúdos relacionados a “Números e Operações”, seguidos pelos conteúdos de “Espaço e Forma” e, em um terceiro patamar, “Grandezas e Medidas”. Da mesma forma, a prova de Matemática do Saresp 2005 apresentou 50% das questões relacionadas a “Números e Operações”; 20% de questões a “Espaço e Forma”; e outros 15% para “Grandeza e Medidas” e “Tratamento da Informação”. A partir das concepções dos professores do GD, foram indicados componentes de uma prática docente diferenciada que favorece o desenvolvimento do conhecimento matemático do aluno, embora os resultados do Saresp, segundo a autora, mostrem uma falta de associação entre o que as políticas públicas se propõem e o que os professores executam, restringindo o alcance desse sistema.

Ribeiro (2008) procurou responder a seguinte pergunta de pesquisa: *como a avaliação externa surgiu, estabeleceu-se e sucedeu-se enquanto mecanismo de regulação da educação brasileira?* Objetivou, portanto, explicitar a relação normativa da regulação estatal pela via da avaliação, no período de 1990 a 2007, tomando como base o Saresp e a política educacional de São Paulo. A autora aprofundou a análise sobre o contexto da implementação e as principais características do Saresp, encarando-o como reflexo das diretrizes estabelecidas para as políticas sociais no país. Num primeiro momento investigou, por meio da legislação, o processo de emergência da avaliação como questão de interesse para o Estado e verificou que, durante o processo

de tramitação das leis, houve a interferência de setores da economia nacional e de organismos multilaterais, ao direcionarem as políticas educacionais mediante o discurso de ineficiência da instituição escolar diante das mudanças no mercado mundial. A pesquisadora afirmou que, por meio do aprofundamento do estudo das características do Saesp ao longo de suas edições, percebeu que a lógica mercadológica instituída pelo capitalismo penetrou na escola igualando educação a produto. Porém, ao analisar esse programa de avaliação e o contexto em que ele se deu, constatou que tal acontecimento não se deu sem o confronto com aqueles que a autora denomina “os que acreditam na escola enquanto instituição formadora de cidadãos capazes de compreender o processo produtivo no qual estão inseridos” (RIBEIRO, 2008, p. x). Dessa forma, através da interpretação dos dados contextualizados com a política do período estudado, concluiu que a regulação avaliativa está vinculada a projetos hegemônicos na sociedade com vistas à perpetuação do capitalismo.

Vaz (2008) teve como objetivo analisar o desempenho dos alunos na resolução de algumas questões do Saesp 2005 relacionadas à álgebra, envolvendo a conversão do registro de representação semiótica da língua natural para o registro algébrico. Para isso, em 2008, utilizou como instrumento de pesquisa três questões da prova do Saesp 2005 aplicadas ao 8º ano do Ensino Fundamental. Portanto, o Saesp foi, nessa pesquisa, usado como pano de fundo. O estudo possuiu uma abordagem qualitativa, fundamentada na metodologia da engenharia didática, com as análises dos dados baseando-se nos níveis de mobilização dos conhecimentos de Aline Robert. As questões foram reaplicadas da mesma maneira como no Saesp 2005 e, num intervalo de quinze dias, foram reaplicadas, porém sem as alternativas. Analisando o desempenho apresentado pelos alunos, Vaz (2008) notou que todos se encontravam no nível técnico, resolvendo as questões utilizando apenas operações com números, não realizando a conversão do registro da língua natural para o registro algébrico. Relatou que, para que haja uma boa compreensão dos conceitos algébricos, é necessário um trabalho da álgebra com suas várias representações, em níveis de conhecimento diferentes, exigindo do aluno a mobilização de seus conhecimentos e articulação de estratégias para a resolução de uma atividade. Concluiu mostrando que o desempenho dos alunos nas avaliações internas deveria ser analisado qualitativamente pelos órgãos oficiais e pelos professores, já que somente assim podem servir efetivamente para redimensionar e implementar novos procedimentos e estratégias em sala de aula capazes de contribuir para a melhoria do processo de ensino e de aprendizagem.

Arcas (2009) investigou as eventuais alterações ocorridas na avaliação escolar, tendo em vista a implantação da progressão continuada e do Saesp. Realizou um levantamento de pesquisas acadêmicas nos dois temas considerados e aplicação de questionários e entrevistas com professores coordenadores de escolas pertencentes a uma Diretoria de Ensino. O pesquisador identificou que a progressão continuada tende a influenciar mais o discurso do que a prática de avaliação e encontra resistência por parte dos professores. Detectou que o Saesp tem repercutido nas práticas avaliativas, potencializando a tensão entre avaliação formativa e avaliação tradicional, pautada pela concepção de verificação de rendimento e classificação, o que causa um confronto de lógicas, dada a convivência entre essas duas concepções. Afirmou, também, que o Saesp tem gradualmente assumido papel de orientador de práticas escolares, sendo adotado nos planejamentos e replanejamentos escolares.

Chiste (2009) procurou identificar fatores e ações educacionais realizados em duas escolas pertencentes à Diretoria de Ensino da região Sul 1, no município de São Paulo, que receberam melhores pontuações em Matemática no Saesp 2007. Os dados para a pesquisa vieram de entrevistas com os diretores e os coordenadores pedagógicos, além de observações feitas pela pesquisadora nas duas escolas pesquisadas. Foram analisados, também, relatórios do Saesp. Os fatores e ações apontados como contribuintes para o bom desempenho dessas escolas foram: grupo de professores efetivos trabalhando há muitos anos nas escolas e de forma coesa; busca por resultados, tanto por parte dos docentes quanto dos alunos; reuniões entre professores e gestores para discussão e reavaliação de estratégias pedagógicas; forte atuação dos diretores e coordenadores, o que serve de ligação entre as necessidades dos alunos, da comunidade e os da escola.

Girelli (2009) discutiu como os críticos do currículo entendem a construção e o seu funcionamento, e confrontou com a realidade dos alunos, mediante comparação de desempenho em provas da Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest) 2005 e do Saesp de vários anos. Fez uso de análises das questões do Saesp em diferentes áreas do conhecimento para demonstrar que os itens e a avaliação como um todo são embasados numa relação direta com o conteúdo do currículo, desprezando o conhecimento cultural do aluno. Quanto à Fuvest, mostrou dados como, por exemplo, a evidência de que a maioria dos descendentes de negros ocupam a minoria das vagas oferecidas no vestibular. Esses dados, segundo o autor, reforçam a inadequação do currículo aos alunos das escolas públicas. A pesquisa apontou que o fracasso é do

currículo e não do aluno, pois é aplicado com indiferença dentro das escolas, menosprezando a cultura e os interesses dos alunos, resultando nos baixos resultados de forma geral. Concluiu que o currículo define na trajetória escolar o que já está definido pela desigualdade social brasileira.

O estudo de Alcantara (2010) constituiu uma análise de documentos oficiais que nortearam tanto a concessão de bonificações quanto a implantação dos indicadores de qualidade, além do sistema de avaliação do rendimento escolar, propostos pela SEE-SP, focalizando o período de 1996 a 2009. Objetivou verificar se é possível estabelecer uma relação entre as ações da Secretaria e as estratégias neoliberais para os países em desenvolvimento. A pesquisadora concluiu que essa relação existe, sendo explicitada principalmente pelas recomendações do Banco Mundial, e apontou as evidências para a existência dessa relação.

Dessa forma, a pesquisa evidenciou que as políticas de bonificação tendem, entre outras coisas, a camuflar os parcos investimentos na educação, principalmente nos aspectos referentes à remuneração dos profissionais do magistério, já que a discussão sobre reajustes salariais deu lugar ao discurso de valorização do mérito. Analisando as medidas que valorizam excessivamente os resultados em detrimento de outros aspectos relevantes para a análise do processo educacional, um dos problemas detectados é que elas escondem as condições que favorecem o bom ou mau desempenho das escolas. A autora concluiu, também, que o conjunto de ações adotado pela SEE “tende a aumentar os mecanismos de controle sobre o trabalho docente, ainda que esse controle ocorra paulatinamente e de forma camuflada.” (ALCANTARA, 2010, p. 86).

O trabalho de Moraes (2010) teve por objetivo analisar algumas concepções levantadas sobre avaliação escolar em Matemática e sobre o Saresp, buscando desvendar a realidade de uma escola estadual paulista, respondendo à questão: *O que os alunos acham do processo de avaliação em Matemática e de como são avaliados?* Além de estudos teóricos sobre avaliação, com o intuito de verificar o ponto de vista dos alunos acerca das avaliações, foram realizadas entrevistas e requisitados desenhos nos quais os alunos representassem seus pensamentos acerca do tema pesquisado. Para coleta de dados foram, também, aplicados questionários aos professores, gestores escolares, família e especialistas em Educação, Psicologia da Educação e Matemática. Em suas conclusões, além das concepções dos alunos, expôs as concepções dos demais sujeitos pesquisados em relação às avaliações formativa, somativa e diagnóstica, tanto da avaliação de aprendizagem quanto da avaliação do Saresp. Esses sujeitos apresentam

concepções semelhantes, relatando o processo de avaliação em Matemática como muito complexo e que depende exclusivamente de como o ensino da Matemática é conduzido; afirmam ser Matemática a disciplina mais difícil do currículo, porém de fundamental importância; tecem críticas e elogios a ambas as avaliações.

Conforme o autor, o processo de avaliação em Matemática escolar, na concepção dos alunos, é relacionado aos conteúdos ministrados nas aulas, e o momento da realização da avaliação é visto como de desconforto, nervosismo, medo e preocupações referentes à nota. Os alunos, se pudessem, modificariam as avaliações em Matemática, tornando-as de mais fácil resolução. Em relação ao Saresp, houve diversificação de concepções, já que muitos alunos não sabem seus objetivos, apesar de saberem o que é e a consideram uma prova difícil. Os alunos afirmaram não conhecer seus resultados no Saresp, apenas o da escola.

Rahal (2010) objetivou compreender os efeitos do Saresp na melhoria da qualidade do ensino. O estudo envolveu discussão sobre documentos oficiais relacionados ao Saresp e depoimentos de duas professoras coordenadoras da rede pública do Estado de São Paulo, que se manifestaram acerca do sistema de avaliação. A pesquisadora debateu o fato de que a política de avaliação Saresp vem ocupando espaços de discussão nas unidades escolares, ora impulsionando os conteúdos abordados nas provas, ora criando espaços de divergências quanto à premiação por resultados. Concluiu que avaliar é necessário, principalmente para que se tenham pistas sobre maneiras de conduzir os alunos para que alcancem a efetiva aprendizagem, porém da maneira como o Saresp está sendo conduzido parece não estar contribuindo para a melhoria da qualidade da educação. As discussões nos espaços da escola remetem a resultados de avaliações, não se discutem as metodologias, concepções de ensino e aprendizagem, tampouco a superação das dificuldades em sala de aula.

O Saresp tem o objetivo, entre outros, de desenvolver a cultura da avaliação, mas o que se constatou é que as escolas o fazem por intermédio de provões, sem qualquer análise pedagógica, formativa e respeito às aprendizagens individualizadas, preocupando-se em apontar os alunos que não apresentam bons resultados sem, contudo, fazê-los avançar na questão da aprendizagem. (RAHAL, 2010, p. 102).

Ao finalizar, a pesquisadora propôs uma discussão sobre o conceito de qualidade do ensino, já que existem diversas definições e compreensões acerca do termo, de modo



a rever a política imposta pelo Saresp, que, segundo a autora, é competitiva e excludente, além de ferir os princípios constitucionais de escola para todos.

Alves (2011, p. 7) apresentou uma dissertação que teve como meta investigar como professores agem sob os efeitos do Saresp. Utilizou como metodologia a perspectiva de Michel de Certeau, analisando as táticas, declaradas pelos próprios sujeitos em grupos focais, que se distanciam ou se apropriam das normativas do sistema de avaliação, considerado pelo autor como uma estratégia para o controle do Estado sobre o trabalho docente. Como resultado de pesquisa, declara que os professores desconhecem vários mecanismos em relação a essa medida estatal e também mostram que eles já conhecem muitas maneiras de lidar com ela, como os simulados, a utilização de questões de provas anteriores e os estímulos para que os alunos façam a prova. No entanto, as duas escolas pesquisadas diferem no que diz respeito à mobilização da equipe pedagógica como um todo para um uso bem sucedido e contínuo dessas táticas. Conclui que as avaliações de sistemas são necessárias, “mas ainda é preciso refletir sobre a utilização dos seus resultados, que muitas vezes implicam em ações que responsabilizam um grupo pelo sucesso ou fracasso de um sistema inteiro”.

Lugli (2011) objetivou realizar uma análise sobre as questões propostas nas provas do Enem e Saresp nos anos de 2007 a 2009, focando a análise de dados e probabilidade com o propósito de verificar quais tipos de raciocínio e entendimento estão sendo solicitados nesta avaliação. Buscou responder a questão: *Quais convergências e/ou divergências quanto às orientações curriculares e à produção científica se fazem presentes nas provas do Saresp e do Enem, com relação ao Tratamento de Informações, à Análise de Dados e à Probabilidade?* Concluiu que o raciocínio sobre incerteza e compreensão de probabilidade e chance são os pontos com maior concentração de questões para as Provas do Saresp. No Enem percebeu uma tendência para questões que solicitem o raciocínio sobre representação dos dados.

Pinto (2011) buscou desvelar os impactos do Saresp na prática profissional docente sob o ponto de vista do professor, no período de 2007 a 2010. Realizou uma pesquisa qualitativa, utilizando questionários, entrevistas e observação para obtenção de dados, compreendendo os professores de Língua Portuguesa e Matemática de uma escola da rede oficial de ensino. Tratou os dados por meio da análise de conteúdo à luz do referencial teórico da Pedagogia Histórico-Crítica, valendo-se, também, da teoria das representações sociais. Pautou-se pela influência da doutrina neoliberal na formulação das políticas econômicas e sociais implantadas no Brasil e no Estado de São Paulo, a

partir da década de 90, para analisar a política educacional paulista, em que buscou a compreensão dos pressupostos da avaliação externa do Saresp.

O estudo mostrou que o Saresp produz impactos na prática profissional docente e que a avaliação externa encaminhada como mecanismo de regulação e controle de políticas está transformando o professor em técnico educacional, com seu trabalho mais voltado para os resultados na avaliação externa do que para o ensino e aprendizagem dos alunos. Relatou que o professor sofre pressão para que promova o treinamento dos alunos para responderem as questões da avaliação com o objetivo de se atingir a meta da escola. Portanto o docente se vê sem possibilidades de propor alternativas para um ensino público de qualidade, visto que seu trabalho é controlado por uma política educacional em pacotes fechados impostos para toda a rede pública. Como consequência, o profissional se sente pertencendo à atual forma de organização da política educacional por não concordar com o seu direcionamento, o que tem gerado uma falta de compromisso da classe com a educação pública.

Rodrigues (2011) buscou identificar, na opinião de professores, possíveis repercussões no cotidiano em sala de aula dos resultados do Saresp. Procurou identificar alterações nas práticas dos professores que fossem decorrentes da implantação do Saresp. A opção metodológica foi de pesquisa qualitativa, entrevistando 16 professores de Língua Portuguesa e Matemática que obedeciam a certas características. Organizou questionários em três eixos: 1. Sobre o que os professores sabem sobre o Saresp e Idesp; 2. Sobre a opinião a respeito da implantação do Saresp e Idesp; 3. Sobre possíveis repercussões na prática dos docentes devidas à implantação do Saresp e Idesp. O autor aponta que a utilização dos resultados do Saresp na sala de aula pode ser profícua pedagógica e curricularmente, mas há carências de estudos sobre o uso dos resultados no cotidiano escolar. O pesquisador observou que os professores: desconhecem a verdadeira função do Saresp; criticam o atrelamento Saresp/bônus, por ser uma responsabilização docente sem que se levem em conta aspectos contextuais da escola; não compreendem a avaliação de sistemas; apresentam dúvidas em relação à confiabilidade dos resultados obtidos por meio de um único instrumento; desconhecem papéis específicos do Saresp e do Idesp; entendem que o modo como os dados são divulgados é difícil para ser compreendido; não reconhecem efeito positivo na aprendizagem de seus alunos após a implantação do Saresp e Idesp; revelam que não houve mudanças em suas práticas decorrentes dessas implantações.

Camba (2011) desenvolveu uma análise da política de avaliação no Estado de São Paulo, mais precisamente do Saresp, no período de 1995 a 2010. Os estudos foram situados nas gestões dos Secretários de Educação nesse período, além de contemplar a temporalidade da política. Essa periodização permitiu reconhecer os momentos de iniciação, desenvolvimento e consolidação e, ao mesmo tempo, em que medida cada uma das gestões foram criando dispositivos de “(re) orientação e/ou fortalecimento de seus propósitos vinculados a criar uma cultura de avaliação e a fornecer subsídios para discutir a melhoria da qualidade da educação” (CAMBA, 2011, p. vii). Percorreu também o conteúdo da produção acadêmica sobre o Saresp nos bancos de teses e dissertações como recurso para distinguir e identificar distintas perspectivas analíticas sobre o objeto de estudo. Na conclusão critica a não utilização dos fatores analisados com os questionários socioeconômicos para avaliação; afirma que a avaliação é útil como informação e não como punição ou premiação; relata uma falta de intervenção e reorientação dos papéis do Saresp durante todo o período em que vigora; critica a responsabilização dos professores pelo fracasso escolar dos alunos, escondido sob um discurso de cursos de formação continuada.

Notamos, portanto, que diversos trabalhos se voltaram para análises dos conteúdos abordados no Saresp e suas relações com os PCN e livros didáticos, permeadas por discussões acerca dos processos avaliativos existentes na escola e os pertencentes ao Saresp. Outras pesquisas, ainda, focaram na mudança de rumo do Saresp em 2001, tecendo severas críticas ao fato. Tivemos, também, a preocupação com o mapeamento de avaliações educacionais ao longo do tempo, contextualização política e análises de características intervenientes em resultados dessas avaliações.

Compreendemos que a maioria das pesquisas tratou, sob diversos enfoques, da análise do impacto do Saresp nas unidades escolares, das concepções dos atores envolvidos e do uso do Saresp como direcionador de políticas públicas. Apesar de tratarem de diversos aspectos aparentemente semelhantes, devemos atentar para o fato de o Saresp ter passado por diversas alterações durante os anos, evidenciando ser salutar que seja colocado sob o olhar crítico de estudiosos, contribuindo com a efetivação de uma meta-avaliação desse sistema.

Dessa forma, destacamos algumas críticas tecidas e que apontam nas seguintes direções: do Saresp não levar em conta o cotidiano escolar e os diversos fatores que influenciam no processo de ensino; dos objetivos, que precisam ser esclarecidos, já que há objetivos não explícitos nos documentos oficiais; da introdução de mecanismos do

mundo empresarial na educação; da falta de possibilidade de se analisarem os erros dos alunos nas provas; do estabelecimento de *ranking* com os resultados da avaliação, o que pode reprimir as escolas; da não articulação entre os resultados da avaliação com o projeto pedagógico da escola; da associação de bonificações aos profissionais da educação com resultado de desempenho dos alunos; da centralização das decisões acerca do Saresp; da tensão estabelecida entre as lógicas de avaliação formativa e somativa; da dificuldade para que os docentes compreendam papéis e objetivos do Saresp; de professores que declaram não haver mudanças em sua prática por causa do Saresp; do treinamento de alunos com simulados e incentivos para que façam as provas; da não utilização de fatores apontados no questionário socioeconômico para a avaliação.

Os pontos positivos do Saresp levantados sinalizam para: a potencialidade desse sistema em direcionar ações pedagógicas nas escolas; a mobilização dos profissionais da escola em discutir sobre avaliação e sobre os fatores intervenientes nas dificuldades dos alunos apontadas pelas provas; a disponibilização de uma grande quantidade de informações acerca do sistema de ensino; a possibilidade de *accountability*

Finalizamos considerando que 12 das pesquisas citadas são documentais, as demais se valem de entrevistas ou observações, sendo que a maioria inclui docentes, e 13 delas são feitas com dados advindos dos professores das escolas avaliadas. As que entrevistam ou observam a equipe de gestão, tanto escolar quanto em nível central, são nove. Destacamos esses números para mostrar que são poucas as pesquisas que incluem os alunos nas análises, sendo quatro as que levam em conta entrevistas e observações com os estudantes; ainda há duas mais que envolvem análise de desempenho de alunos em questões de álgebra.

Entendemos que nossa investigação contribui com estudos sobre o Saresp na medida em que foca modos pelos quais alunos, juntamente com os demais sujeitos entrevistados, vivenciam o Saresp no cotidiano escolar.

## 5 CAPÍTULO QUARTO

### PROCEDIMENTOS DE INVESTIGAÇÃO

*A fenomenologia se mostra apropriada à educação, pois ela não traz consigo a imposição de uma verdade teórica ou ideológica preestabelecida, mas trabalha no real vivido, buscando a compreensão disso que somos e que fazemos<sup>128</sup>.*

Neste capítulo apresentaremos a fenomenologia como procedimento de pesquisa e no qual nos baseamos. Cientes de que todo procedimento investigativo carrega consigo visões de mundo e de conhecimento, teceremos considerações acerca da postura fenomenológica assumida, exporemos os motivos que sustentaram a escolha das escolas, dos sujeitos entrevistados e finalizaremos o capítulo explicitando como as entrevistas foram analisadas, mostrando um exemplo entre as análises efetuadas.

#### 5.1 Atitude fenomenológica

Nesta tese estamos trabalhando com a fenomenologia como procedimento de investigação e de pesquisa, o que nos remete a assumir a fenomenologia como concepção de realidade e de conhecimento.

Na educação, tomar a fenomenologia como concepção de realidade nos faz buscar sentidos e significados daquilo que se faz e daquilo que se escolhe, fazendo-se presente o conhecimento de si e do Outro.<sup>129</sup> Enquanto procedimento de pesquisa, a fenomenologia é trazida como orientadora da ação de dar-nos conta de efetivar rigorosos procedimentos, indicando modos de focar a educação como fenômeno e, mediante o movimento de reduções sucessivas e de articulações reflexivas com base em análises efetuadas de maneira crítica<sup>130</sup>, constituir características essenciais do fenômeno investigado, as quais se abrem a interpretações, “esclarecendo o investigado e abrindo possibilidades de intervenção no campo da política educacional e da prática pedagógica” (BICUDO, 1999, p. 12). Em nossa pesquisa, portanto, o fenômeno educacional que estamos focando é o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do

<sup>128</sup> Bicudo (1999, p. 13).

<sup>129</sup> *Outro*, em fenomenologia, significa o que não é *Eu*.

<sup>130</sup> Crítica, nesse âmbito de trabalho, diz das buscas pela compreensão da constituição da realidade, mediante análise de sentidos e significados que se enroam em todos complexos, pois são histórica e socialmente contextualizados.

Estado de São Paulo, o Saresp, atentando-nos aos seus modos de ser e de tornar-se, incluindo seus desdobramentos, que foram se mostrando no decorrer da pesquisa como a necessidade de elaborar compreensões acerca do campo conceitual em avaliação educacional e da avaliação como política pública.

Inicialmente, esclarecemos o significado que assumimos para a palavra fenomenologia, que podemos dividir em “fenômeno”, cuja origem remete à palavra grega *phainomenon*, que, por sua vez, deriva do verbo grego *phainestai*, significando o que se manifesta, mostra-se, aparece; e “logia”, que vem da palavra *logos*, possuindo muitos significados, como “o que reúne, o que unifica, discurso”. Portanto, “fenomenologia pode ser entendida como o estudo que reúne os diferentes modos de aparecer do fenômeno ou o discurso que expõe a inteligibilidade em que o sentido do fenômeno é articulado” (BICUDO, 1999, p. 14).

Explicitando nossa atitude ao assumirmos esta investigação, é importante elucidarmos o que se entende como *fenômeno* segundo uma postura fenomenológica: é tudo aquilo que se manifesta à consciência, aqui entendida como intencionalidade<sup>131</sup>, no ato de sentir e de perceber, dependente da consciência. Esse modo de compreender o *fenômeno*, conforme Bicudo (1999), como o que se mostra nas suas manifestações percebidas à consciência, difere do modo compreendido na atitude natural, em que o objetivo diz respeito às coisas em si, como parte do mundo, existentes fora do campo da percepção. Notemos que a diferença de falar-se em “fenômeno”, que pode, mediante atos psíquicos, cognitivos e espirituais, entendidos como de julgamento, tornar-se objetualidades ou objetividades, e em “objetivo” está na visão de mundo e de conhecimento assumida. Na primeira, a coisa não é tida em si e nem se supõe que, se houver, dela se possa falar, pois sempre o que se mostra já se mostra na intencionalidade, e nesse sentido, está dependendo dos atos de sentir e de perceber e respectivos desdobramentos, que avançam pela articulação do compreendido e trabalhado pelos atos psicológicos, cognitivos, espirituais e empáticos em expressão possibilitada pela linguagem, constituindo realidades intersubjetivas e objetivas

---

<sup>131</sup> Intencionalidade tem um significado específico em fenomenologia. Não é sinônimo de proposital, mas diz do se estar atento ao que se faz, ao que olha e nesse olhar intencional, atento, trazer-se para a consciência e seus atos, o visto. A consciência é entendida como intencionalidade, ou seja, é o ato de se estar atento a, estar dirigido a. Assim, podemos entender que a consciência pode abrir-se para o mundo, expandindo-se para ele. Portanto, consciência é movimento de estender-se a, intencionalmente, num movimento reflexivo, ou seja, um movimento de dar um passo atrás e olhar o vivido, focando nas manifestações das percepções primeiras. Assim, viabilizamos à consciência uma autocrítica e um autoconhecimento, conforme Bicudo (1999).

(BICUDO, 2010). Na segunda, na visão que assume o mundo objetivamente dado e neles os objetos a serem estudados, o objetivo está lá, separado de compreensões, interpretações, linguagem à espera de ser estudado. A partir daí, há muitas teorias que explicam esses modos de estudo e, também o significado desse objetivo, muitas vezes, tomando-o como o social, à moda de uma objetividade geral.

Não se trata aqui de negar a atitude natural, mesmo porque Husserl<sup>132</sup> não a nega, porém, propõe-se a “explicitar o que significam as afirmações sobre o mundo presentes no modo natural de explicá-lo.” (BICUDO, 1999, p.21).

O objeto percebido sempre existe no perceber e sua existência se mantém nos *atos de consciência* daquele que percebe, chamados de *atos perceptivos* e de *atos reflexivos*. Os *atos perceptivos* nos dão um primeiro nível de consciência, entendidos como uma abertura para o sentido com a possibilidade de uma compreensão mais elaborada e refletida, que podem ser disparadas pelos *atos reflexivos*. (MIARKA, 2011, p. 33).

Focando a região de inquérito da educação, entendemos que, na atitude natural, o termo *objetivo* é muitas vezes tomado como sinônimo de *real*. Daí a importância, como já destacado em nosso estudo, de ficarmos atentos se o conhecimento que está sendo produzido é apropriado à realidade do mundo da educação, uma vez que esta é entendida como um processo que se direciona para uma meta, traduzida em objetivos educacionais, “operacionalizados em atividades que seguem programações definidas, interligadas entre si,...”. Dessa forma, a avaliação educacional é um momento importante “do processo por permitir julgar o que foi aprendido em relação ao que foi ensinado.” (BICUDO, 1999, p 46).

Ao assumir uma postura fenomenológica, conforme Bicudo (2000, p. 71), podemos dizer que temos por meta *ir-à-coisa-mesma* da maneira como ela se manifesta, sem assumir pressupostos teóricos ou hipóteses prévias, ou ainda, assumindo um método de pesquisa que, por si só, conduza à verdade. Por esse motivo, fomos às escolas com a intenção de perceber e compreender o modo pelo qual o Saresp se torna presente nessa realidade, em que e para a qual ele faz sentido e produz significados.

Isso não significa que o pesquisador necessite desconhecer o assunto do qual está tratando, ou abandonar suas concepções, mas sim, manter os conhecimentos vindos de investigações teóricas como solo para suas indagações, mas também deixá-los em

---

<sup>132</sup> Nosso grupo de pesquisa se baseia, dentre outros pesquisadores, em diversos textos de Edmund Husserl, considerado o pai da fenomenologia.

suspensão, assim como suas concepções e ideologias prévias, para poder ver como o fenômeno se mostra. Significa que o pesquisador precisa se doar ao movimento de perceber o fenômeno, que também se doa, ao se mostrar em seus modos de ser.

Segundo Bicudo (2000), para investigar o fenômeno, Edmund Husserl se vale da descrição exaustiva dos modos de ele aparecer àquele que o interroga, em busca de invariantes articulados pelas análises das diferentes descrições, de maneira que a reflexão sobre esses invariantes nos conduzam à articulação do núcleo de ideias ou essência do fenômeno investigado. A essência do fenômeno não diz respeito a uma verdade objetiva e única, mas sim aos aspectos estruturantes do fenômeno que se mostraram significativos mediante análises críticas e reflexivas e interpretações (hermenêuticas) no decorrer da pesquisa.

Assim procedendo, buscamos descrever o fenômeno investigado, o Saresp, de diferentes perspectivas: dos seus referenciais teóricos e da busca pela sua presença na realidade do cotidiano da escola.

O primeiro movimento na pesquisa fenomenológica é a *epoché*, em que se coloca o fenômeno em destaque e em suspensão o que sobre ele se pensa previamente, destacando seus múltiplos modos de aparecer, pois de diferentes perspectivas mostram-se aspectos diferentes do percebido. Assim, para a fenomenologia, o fenômeno se mostra de múltiplas maneiras, porém, há uma unidade que permeia essas múltiplas maneiras de percepção do percebido, formada por uma *síntese de identificação*. Essas multiplicidades são reunidas pela reflexão em uma *intuição essencial*, ou seja, no ato em que evidenciamos a característica essencial do fenômeno, seu núcleo essencial. Esse é um movimento de redução, mediante o qual são articulados invariantes, denominados, nesta pesquisa, de categorias abertas.

O movimento de redução, em fenomenologia, não é entendido, na dimensão do significado presente em linguagem do senso comum, como uma simplificação de uma situação ou de um discurso complexo. Porém, diz de todo o movimento intencional em que se vai do destacado (fenômeno) de um solo histórico-cultural, buscando compreender, na rede de sentido e de significados que o envolve, seus aspectos característicos.

A investigação fenomenológica que busca pelos invariantes é de caráter estrutural, uma vez que visa à estrutura do fenômeno. Entretanto, à medida que se tomam os invariantes como categorias abertas, a abertura indicada conduz o olhar para o horizonte de interpretações possíveis, vistas na dimensão da interrogação instigadora e



das manifestações de entendimentos presentes na região de inquérito em que a pesquisa se insere. Com isso, deixa de ser especificamente estrutural e trabalha, também, com dimensões histórica e cultural. O movimento de investigação fenomenológica, portanto, pode tomar como primeiro plano o fenômeno destacado do mundo-vida e buscar seus invariantes, bem como pode tomar o contexto histórico-cultural como o primeiro plano e evidenciar o movimento de compreensão /expressão. Nesse segundo caso, vai-se ao encontro da fenomenologia hermenêutica, como trabalhada por Paul Ricoeur mencionada por IHDE (1971).

Nesta investigação, trabalhamos com o enxerto hermenêutico quando da análise do fenômeno, efetuada mediante os discursos dos sujeitos significativos<sup>133</sup> entrevistados. As entrevistas foram gravadas e transcritas, constituindo-se de discursos escritos. Estes foram analisados hermeneuticamente. Isso significa que os destaques desses discursos (Unidades de Significado), constituídos em consonância com a pergunta orientadora da investigação e, portanto, da intencionalidade das pesquisadoras envolvidas, foram aberto à interpretações efetuadas considerando o contexto do discurso do sujeito, o campo de sentidos e de significados do dito, na dimensão de sua historicidade, incluindo aqui os textos dos autores e dos documentos oficiais estudados.

## ***5.2 Constituindo os sujeitos significativos***

Considerando que no *mundo-vida*<sup>134</sup> escolar está a escola, cujo sentido se dá no cotidiano vivido por todos os atores que fazem parte dessa instituição: professores, alunos, coordenadores, diretores etc., e que, na postura fenomenológica, cada ator educacional é entendido como um ponto zero, um polo de intencionalidade a partir do qual traça sua perspectiva de mundo, buscamos o sentido daquilo que se apresenta para cada aluno, professor, diretor e demais atores da comunidade escolar. Entretanto, dada a complexidade do sistema de ensino oficial do Estado de São Paulo e o grande número de escolas que abrange, não estudamos essa comunidade em sua totalidade, mas buscamos compreender sua totalidade tomando como estudo duas escolas desse sistema, mediante a dialética de compreensão da parte/todo e todo/parte.

---

<sup>133</sup> Sujeito significativo é considerado aquele que vivencia o fenômeno investigado no contexto tomado como importante para a pesquisa, de acordo com a pergunta orientadora.

<sup>134</sup> O “mundo-vida é o campo universal das experiências vividas, é o horizonte em que sempre se está consciente dos objetos existentes e dos Outros companheiros.” (BICUDO, 1999, p. 46).

Neste item destacamos os passos da pesquisa, em relação à focalização da escola e dos sujeitos pesquisados, além dos métodos abordados para análise dos dados.

As características levantadas sobre o tema, de acordo com análise crítica efetuada, que sustentaram a indicação das escolas a serem pesquisadas, foram: representatividade na região; uma escola que tivesse atingido a meta proposta no Idesp 2009<sup>135</sup> e outra que não tivesse atingido essa meta, para que pudéssemos investigar se houve diferença nas políticas adotadas; número relativamente grande de alunos e professores que vivem nessa realidade escolar, para permitir uma possível variabilidade nos depoimentos; escolas que tivessem passado por todas as aplicações do Saesp desde 1996, permitindo a vivência<sup>136</sup> das mudanças desse sistema de avaliação ao longo do tempo.

Assim, focamos nosso olhar investigador em duas escolas pertencentes à Diretoria de Ensino de Limeira. Eleitas as escolas, procuramos a direção de cada uma, a fim de requisitar a autorização para efetivar a pesquisa. A direção de uma das escolas escolhidas não aceitou nossa proposta, alegando que os professores estavam sobrecarregados de trabalho e não poderiam dedicar tempo para conversar com a pesquisadora. Escolhemos, então, outra escola com características semelhantes, em que fomos acolhidos.

Ressaltando que foi garantido o anonimato das escolas, apresentaremos algumas características das escolas em que realizamos as entrevistas<sup>137</sup>:

*Escola A:*

É uma escola de periferia, com cerca de 1300 alunos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental e de Ensino Médio. Funciona nos três períodos, possuindo 13 salas no período da manhã e tarde, e 10 no da noite. Atingiu 40% da meta da 9º ano do Ensino Fundamental e 0% do 3ª série do Ensino Médio no Idesp 2009.

*Escola B:*

É uma escola central, com 1100 alunos, distribuídos do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Possui onze salas de Ensino Fundamental em período

---

<sup>135</sup> O Idesp 2009 é calculado com base na nota do Saesp de 2009, mas disponibilizado apenas no ano seguinte, o mesmo ocorrendo com os Idesps dos outros anos.

<sup>136</sup> Vivência é um termo que faz sentido na visão fenomenológica, quando diz do vivido em termos de ter sido percebido e refletido pela pessoa, denotando uma experiência à qual a pessoa ficou atenta.

<sup>137</sup> Quando das análises das falas, apresentamos mais informações sobre as escolas na 7.1 *Categoria Realidade Escolar*.

integral, três durante a manhã e dez no período noturno. Atingiu 120<sup>138</sup>% da meta tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

### *Sujeitos pesquisados*

Os sujeitos significativos para as entrevistas foram assim considerados seguindo-se o proposto no projeto, ou seja, foram entrevistados alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio, uma vez que nessas séries eles realizam as provas do Saesp. Não foram entrevistados alunos de séries anteriores, já que buscamos compreender o significado que esses sujeitos atribuem às políticas públicas em avaliação, como lidam com isso e como entendem que deveria ser feita a avaliação, tanto dentro da escola, como por um agente externo, compreendendo-se que esses alunos tomados como significativos apresentam compreensão mais elaborada que alunos das séries anteriores.

O número de sujeitos significativos ficou em torno de 10 em cada série analisada, uma vez que se ponderou ser importante entrevistarem-se no mínimo dois alunos de cada uma das classes do 9º ano e do 3º ano do Ensino Médio. Variando o número dessas classes entre quatro e cinco em cada escola, pensamos em 10, na possibilidade de termos um grupo não muito reduzido para expor o por eles experienciado. Foi pedido para os professores indicarem de 10 a 12 alunos entre os de cada série. Além disso, dependíamos de que esses alunos concordassem com os termos da pesquisa e assinassem documento autorizando trabalhar com as entrevistas concedidas.

No entanto, não foi esse o número exato de alunos entrevistados, devido a eventos, como ausência do aluno no dia da entrevista ou a falta de assinatura do documento, autorizando-os a darem os depoimentos solicitados.

Também foram entrevistados coordenadores, diretores e professores de Matemática de ambas as escolas, já que o foco da pesquisa é na avaliação em Matemática, sempre mediante autorização por escrito e assinada pelo depoente.

Na escola A foram entrevistados dez<sup>139</sup> alunos da 3ª série do Ensino Médio, oito alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, três professores de Matemática, dois coordenadores e a diretora.

---

<sup>138</sup> A parcela cumprida da meta (IC) varia de 0% a 120%, ou seja, se a parcela cumprida da meta for negativa, é considerada como tendo cumprido 0%. E se cumpriu mais de 120%, considera-se que cumpriu 120%. (SÃO PAULO, 2011, p. 7)

Na escola *B* foram entrevistados nove alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, oito alunos da 3ª série do Ensino Médio<sup>140</sup>, quatro professores de Matemática, dois coordenadores e a vice-diretora.

Foram feitas entrevistas com grupos de no máximo quatro alunos e individualmente com os demais sujeitos, as quais foram gravadas em vídeo, colhidas as devidas autorizações e realizadas as transcrições.

Destacamos que os sujeitos, em suas falas, referiram-se ao Saresp em sua totalidade, não apontando somente especificidades sobre a Matemática.

As entrevistas foram realizadas em dezembro de 2010, individualmente, como já dito, com a garantia de anonimato da escola e do depoente e com a gravação em vídeo e posterior transcrição das falas.

### **5.3 Das entrevistas**

As entrevistas foram assumidas como *entre-vistas*, ou seja, um momento em que ocorre “uma co-produção dialógica entre entrevistador e entrevistado situada espaço-temporalmente, como uma dança em que os dançarinos mostram técnicas do bailado que já conhecem e outras que só foram possíveis construir na dança a dois” (MIARKA, 2011, p.41). Nesse sentido, a pesquisadora se dirigiu aos encontros de modo responsável, tendo pensado, em termos da interrogação posta, sobre aspectos importantes a serem abordados, observado o direcionamento do diálogo mantido com o co-sujeito.

Sendo assim, as *entre-vistas* foram específicas. Levando-se em conta que os sujeitos ocupavam posições diferentes na instituição nas escolas, destacamos aspectos considerados importantes para serem tratados nos encontros com os sujeitos de pesquisa, como: a) com os alunos, saber: se haviam feito a prova do Saresp; o modo pelo qual se deu essa prova; se a prova era semelhante às que costumavam fazer na escola e no que eram ou não; como compreendia o Saresp e se o via como importante; quais informações tinham recebido sobre o Saresp; b) com os professores, saber: rotina de aulas e avaliações em função do Saresp; preparação do corpo docente para o Saresp; qual a compreensão deles sobre o Saresp e o Idesp; conhecimento e apropriação dos

---

<sup>139</sup> Uma das alunas do Ensino Médio não apresentou a autorização, assim seu depoimento não consta nesta pesquisa.

<sup>140</sup> Na escola *B*, uma aluna do Ensino Fundamental e uma do Ensino Médio não apresentaram a autorização, apesar de terem participado da entrevista, portanto não constam nesta tese seus depoimentos.

resultados do Saresp; c) com a equipe de gestão, saber: rotina de trabalho em função do Saresp; preparação da equipe para o Saresp; compreensão sobre o Saresp e sobre o Idesp; conhecimento e apropriação dos resultados.

Não fomos aos entrevistados munidas de roteiro prévio para a condução do diálogo, mas apenas com nitidez sobre os assuntos relevantes a serem abordados, para a retomada do eixo, caso a entrevista se afastasse muito do intencionado.

Assim, esclarecemos que durante as conversas outros pontos foram sendo levantados, e esses constam nas análises. Destacamos, por exemplo, que em quase todas as entrevistas, apesar de não constar no roteiro, surgiu o tema progressão continuada e aspectos relativos à carreira profissional.

#### ***5.4 Procedimento da pesquisa***

Seguindo a abordagem fenomenológica já delineada, apresentamos os procedimentos seguidos para a análise dos dados. As transcrições foram lidas o número de vezes necessárias para que o discurso do sujeito nos fizesse sentido, tendo como norte a interrogação *Como o Saresp se presentifica na realidade escolar?*, a fim de se destacarem as falas que iam fazendo sentido à luz dessa pergunta, que foram então chamadas de unidades de sentido (US). Elaboramos quadros com cinco colunas, visando à análise dessas unidades, efetuada mediante enxerto hermenêutico e disposta na seguinte ordem (da esquerda para a direita)

- O número da unidade;
- A unidade de sentido destacada;
- O respectivo enxerto hermenêutico, que visa a permitir uma análise/reflexão sobre o aspecto do tema investigado, de termos ditos pelo sujeito<sup>141</sup>;
- A unidade de significado<sup>142</sup>, constituída pela unidade de sentido mediante uma fala articulada pela pesquisadora, com compreensões e interpretações permitidas pelo enxerto hermenêutico e articulações desencadeadas no movimento do pensar;

<sup>141</sup> Os itens foram buscados no dicionário Houaiss 2007, versão digital 2.0a.

<sup>142</sup> Estamos aqui tomando as palavras *sentido* e *significado* com as seguintes concepções: “*sentido* é tomado como uma compreensão subjetiva ao que se atenta, não necessariamente refletida; enquanto *significado* se mostra em uma esfera social, objetificada por meio de construções intersubjetivas”. (MIARKA, 2011, p. 33).

- E uma coluna organizada com o que diz cada unidade, que chamamos de indicadores de invariantes.

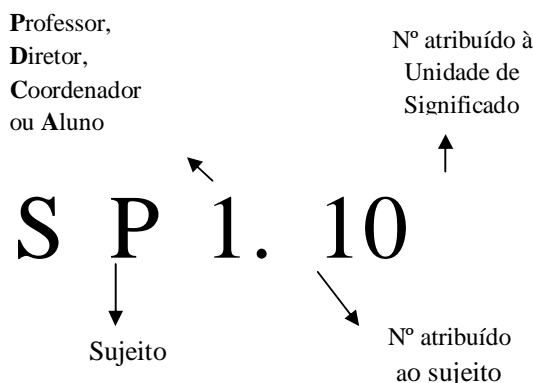
Segue um exemplo no Quadro 15.

**Quadro 15** - Exemplo de quadro de análise dos dados.

Nº	Unidade de Sentido	Excerto Hermenêutico	Unidade de Significado	O que fala a U.S. (invariante)
SP1.10	Não chego a <u>usar</u> (os resultados do Saresp) para avaliação assim. Só o <u>simulado</u> que eu aplico que eu uso como uma atividade bimestral, mas o Saresp em si não. Não cheguei a usar.	<u>Usar</u> : pôr em uso; pôr em prática; empregar; servir-se de. <u>Simulado</u> : <b>No dicionário</b> : Fingido; disfarçado; aparente; suposto. <b>No texto</b> : Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino.	Não usa os resultados do Saresp para avaliação, somente o simulado que aplica, usa como uma atividade bimestral.	Uso dos resultados do Saresp pelo professor.

Fonte: Dados organizados pela autora.

O número da unidade de sentido, que pode ser assim explicado<sup>143</sup>:



Temos, assim, a análise denominada ideográfica, ou seja, dos individuais, em que as unidades de sentido foram destacadas no discurso obtido pelas transcrições das entrevistas.

A partir daí, avançamos em direção à análise nomotética<sup>144</sup>, buscando invariantes cada vez mais abrangentes, ou convergências, no processo denominado redução fenomenológica, indicando os grandes invariantes ou, como temos denominado, as categorias abertas. Sendo assim, caminhamos das ideias destacadas nos

<sup>143</sup> Lemos: Sujeito Professor um, unidade dez.

<sup>144</sup> A palavra *nomotético* deriva-se do termo *nomos*, que significa uso de leis. Indica a elaboração de leis, portanto indica algo de caráter legislativo que se origina de fatos ou que se baseia em fatos. (MARTINS; BICUDO, 1989, p. 106).

discursos em busca da essência ou das características essenciais do fenômeno. É nesse segundo movimento, da análise nomotética, que expressamos os aspectos gerais que se mantêm nas estruturas dos individuais (MARTINS; BICUDO, 1989).

As categorias abertas são interpretadas e analisadas à luz da pergunta da pesquisa, das leituras de textos de autores significativos, das reflexões da pesquisadora e de seus pares (BICUDO, 2000), construindo-se um discurso compreensivo e esclarecedor sobre o fenômeno investigado, na dimensão dos solos histórico, social e cultural em que seu sentido se faz.

## 6 CAPÍTULO QUINTO

### O SARESP NA REALIDADE ESCOLAR

Neste capítulo, apresentaremos a nossa pesquisa efetuada em duas escolas da Diretoria de Ensino de Limeira, sobre como o Saresp é vivido, percebido, recebido, praticado, enfim, como ele se presentifica na realidade escolar dos atores das escolas que pesquisamos.

Os quadros (análise ideográfica) se encontram no APÊNDICE A - Análise Ideográfica. Apresentaremos aqui apenas um resumo da quantidade de dados analisados, por entendermos que não é viável constar no corpo da tese todas as análises efetuadas devido a sua grandeza, que totalizam 469 páginas de análises).

Esse resumo é apresentado no Quadro 16, onde: SP significa Sujeito Professor; SPC significa Sujeito Professor Coordenador; SD refere-se ao Sujeito Diretor e GA refere-se ao Grupo de Alunos. Nos grupos de alunos usamos a denominação AF para alunos da escola A, ensino Fundamental; AM, escola A, Ensino Médio; BF, escola B, Ensino Fundamental e BM, escola B, Ensino Médio.

**Quadro 16** – Quantidade de Unidades de Significados.

Sujeitos	Nº de páginas	Nº de Us
<i>Professores</i>		
SP1	22	35
SP2	17	22
SP3	27	32
SP4	18	28
SP5	8	21
SP6	18	26
SP7	20	36
Total	120	190
<i>Coordenadores</i>		
SPC1	30	32
SPC2	20	23
SPC3	34	35
SPC4	26	35
Total	110	125
<i>Diretores</i>		
SD1	46	42
SD2	48	60
Total	94	102
<i>Alunos</i>		
GA1	17	39
GA2	53	69



GA3	11	31
GA4	19	40
GA5	45	62
GA6	12	27
GA7	16	34
GA8	10	23
GA9	8	26
GA10	10	26
GA11	9	26
GA12	11	31
Total	221	434
<b>Total Geral</b>		
	545	851

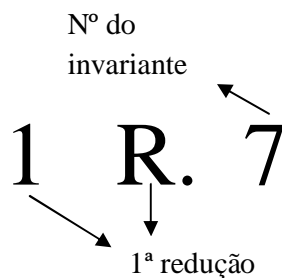
Fonte: Dados organizados pela autora.

### 6.1 Análise Nomotética

As primeiras reduções foram efetuadas relendo a 5ª coluna dos quadros apresentados, ou seja, a coluna *o que dizem as US*, tendo como norte a pergunta orientadora da pesquisa: *Como o Saresp se presentifica na realidade escolar?* e articulando-as em invariantes cada vez mais abrangentes, conforme mostraremos neste subitem. Atentando à explicitação clara de nossas compreensões e articulações, quando necessário, também retomávamos as unidades de significado.

Na leitura do que dizem as unidades de significados, fomos articulando os invariantes expostos no Quadro 17. Nas colunas da esquerda temos a numeração e a denominação dos invariantes da primeira redução, referentes às unidades de significados que estão na coluna da direita. Ressaltamos que uma mesma unidade de significado pode estar em dois invariantes, por exemplo, a Unidade de sentido SP1.33 se refere tanto à avaliação do aluno, quanto ao funcionamento da escola.

O significado dos números das reduções<sup>145</sup> é:



<sup>145</sup> Lemos: primeira redução, invariante sete.

Caminhamos em direção ao movimento de articular sentidos e significados enrolados uns nos outros, constituindo ideias mais abrangentes, efetuando, desse modo, as reduções que conduziram à análise nomotética, articulando cinco categorias abertas. Tais categorias abrangem núcleos de ideias, que, se forem desconstruídos mediante análises em movimentos efetuados em direção à análise ideográfica, podem reviver os sentidos e significados que os constituem, evidentemente sempre passíveis à interpretação que se dá no tempo/espaço vividos, o que significa que não há, necessariamente, uma biunivocidade desses sentidos e significados a espreita.

Apresentaremos no Quadro 17 – **Primeira Redução**, as primeiras reduções; no Fonte: Dados organizados pela autora.

; e nos próximos capítulos, mostraremos as categorias abertas a que chegamos efetuando as reduções, com as respectivas compreensões à luz de nossas reflexões.

Quadro 17 – Primeira Redução.

Nº do Invariante	Invariantes da primeira redução	Unidades de Significado
<b>1R.1</b>	Tempo de trabalho no magistério e na escola.	SP1.1; SP1.3; SP2.1; SP3.1; SP2.2; SP4.6; SP5.7; SP6.26; SP7.26; SPC2.3, SPC3.1; SPC4.19; SPC4.20; SD1.30; SD2.29a
<b>1R.2</b>	Formação do profissional.	SP2.22; SP3.3; SPC2.20; SPC3.2; SD2.54a
<b>1R.3</b>	Situação Funcional e da carreira do servidor.	SP1.2; SP2.2; SP3.2; SD1.30
<b>1R.4</b>	Avaliação do aluno.	SP2.3; SP3.7; SP1.19; SP1.22; SP1.33, SP1.34; SP4.5; SP4.7; SP5.6; SPC1.5; SPC1.21; SPC3.25; SPC3.35; SD1.5, GA2.33; GA3.22; GA4.19; GA5.19; GA5.27; GA5.48; GA9.12; GA10.22; GAI2.23
<b>1R.5</b>	Preparação do aluno para o Saresp.	SP1.4; SP1.5; SP2.3; SP3.5; SP3.10; SP3.11; SP4.3; SP4.4; SP5.3; SP5.5; SP6.3; SP6.4; SP6.22; SP6.23; SP7.7; SP7.8; SP7.10; SPC1.1; SPC1.2; SPC1.15; SPC1.30; SPC2.4; SPC3.3; SPC4.22; SD1.1; SD1.3; SD1.4; SD1.6; SD1.8; SD2.43; SD2.48; GA1.20; GA1.30; GA2.9; GA2.52; GA2.54; GA3.21; GA4.18; GA4.20; GA4.25; GA4.35; GA4.36; GA4.37; GA5.15; GA5.17; GA5.18; GA5.54; GA6.16; GA6.17; GA6.24; GA6.27; GA7.13; GA7.27; GA7.29; GA8.4; GA1.13; GA8.18; GA9.24; GAI0.9; GAI0.10; GAI1.19; GAI1.20; GAI1.21; GAI1.22; GAI2.22; GAI2.23; GAI2.24
<b>1R.6</b>	Relação das avaliações feitas pelo professor com o Saresp.	SP3.6; SP1.9; SP5.16; SP6.18; SP7.13; SP5.16; SP6.18; SP7.13; SPC1.19; SPC2.10; SPC3.22; SPC4.14; SD2.12; SD2.33; GA2.23; GA3.20; GA4.17; GA5.14; GA6.14; GA6.15; GA7.12; GA8.13; GA9.8; GAI0.8; GAI1.16; GAI2.21
<b>1R.7</b>	Funcionamento da escola; progressão continuada, recuperação.	SP1.17; SP1.19; SP1.21; SP1.24; SP1.25; SP1. 26; SP1.27; SP1.28; SP1.29; SP1.33; SP2.15; SP2.20; SP2.21; SP3.25; SP3.26; SP4.2; SP4.11; SP4.12; SP6.14; SP6.26; SP7.9; SP7.23; SP7.31; SPC1.6; SPC1.7; SPC1.31; SPC2.12; SPC2.19; SPC2.22; SPC3.8; SPC3.32; SPC3.33; SPC3.34; SPC4.33; SPC4.34; SPC4.35; SD1.33; SD1.35; SD1.36; SD1.37; SD2.6; SD2.18; SD2.22; SD2.23; SD2.41; SD2.57; GA1.23; GA1.24; GA1.35; GA1.36; GA1.38; GA2.31; GA2.41; GA2.63; GA3.13; GA4.31; GA4.32; GA5.10; GA5.36; GA5.48; GA9.16; GA9.17

<b>1R.8</b>	“Conteúdos” das avaliações.	SP2.4; SP2.5; SP4.1; SP4.8; SP4.21; SP5.8; SP6.10; SPC3.14; SPC3.16; SPC3.17; SPC4.13; GAI.17; GAI.33; GA2.24; GA2.30; GA2.34; GA3.23; GA3.27; GA4.4; GA7.6; GAI0.6; GAI1.16; GAI1.18; GAI1.26; GAI2.21; GAI2.29
<b>1R.9</b>	Aplicação do Saresp (confiabilidade, aplicabilidade).	SP1.6; SP2.6; SP2.14; SP3.12; SP3.27; SP3.28; SP4.22; SP4.25; SP4.26; SP5.17; SP6.11; SP6.12; SP7.15; SP7.34; SPC2.7; SPC3.30; SD1.28; SD1.38; SD1.39; SD2.52; SD2.53; GAI.10; GAI.12; GA2.15; GA2.16; GA2.18; GA2.19; GA2.61; GA2.62; GA3.15; GA3.16; GA3.17; GA3.18; GA4.12; GA4.14; GA4.15; GA5.13; GA6.8; GA6.9; GA6.10; GA6.11; GA6.12; GA7.15; GA7.16; GA7.18; GA8.10; GA8.11; GA8.12; GA9.6; GAI0.12; GAI0.11; GAI1.8; GAI1.9; GAI1.10; GAI2.19; GAI2.20
<b>1R.10</b>	Acesso à avaliação do Saresp e aos resultados.	SP1.8; SP1.20; SP2.7; SP2.8; SP2.11; SP2.13; SP2.19; SP3.13; SP3.14; SP3.15; SP3.23; SP3.31; SP3.32; SP4.17; SP4.22; SP4.23; SP4.24; SP4.27; SP5.9; SP5.12; SP5.21; SP6.9; SP6.19; SP6.20; SP7.16; SP7.18; SP7.19; SPC1.16; SPC1.25; SPC2.5; SPC2.6; SPC2.10; SPC3.14; SPC3.24; SPC4.5; SPC4.7; SPC4.12; SPC4.15; SPC4.16; SPC4.23; SD1.13; SD2.2; SD2.8; SD2.33; SD2.51; GAI.19; GAI.28; GAI.29; GA2.32; GA2.57; GA3.25; GA4.21; GA4.24; GA4.27; GA5.29; GA5.44; GA5.55; GA6.23; GA7.22; GA8.15; GA9.11; GA9.13; GA9.14; GAI1.17; GAI2.7
<b>1R.11</b>	Objetivo do Saresp.	SP1.31; SP2.9; SP2.10; SP3.8; SP3.15; SP3.21; SP4.13; SP5.11; SP6.7; SP7.24; SPC1.29; SPC3.23; SPC4.4; SD1.14; SD1.24; SD2.4; SD2.50; GAI.20; GAI.21; GAI.27; GAI.32; GA2.7; GA2.46; GA2.58; GA3.26; GA3.31; GA4.21; GA4.22; GA4.33; GA5.28; GA5.45; GA5.49; GA6.19; GA6.20; GA6.21; GA6.22; GA7.23; GA7.24; GA7.25; GA7.31; GA8.16; GA8.17; GA8.20; GA8.21; GA8.22; GA8.23; GA9.13; GA9.19; GAI0.15; GAI0.17; GAI0.18; GAI0.20; GAI1.11; GAI1.14; GAI1.15; GAI2.3; GAI2.5; GAI2.25; GAI2.26; GAI2.27; GAI2.28
<b>1R.12</b>	Análises críticas ao Saresp.	SP1.31; SP2.9; SP2.10; SP2.11; SP2.12; SP2.18; SP2.19; SP3.7; SP3.8; SP3.22; SP3.30; SP4.13; SP4.14; SP5.8; SP5.10; SP5.17; SP5.18; SP5.20; SP6.21; SP7.21; SP7.35; SPC1.13; SPC1.14; SPC1.28; SPC3.7; SPC3.18; SPC3.22; SPC3.31; SPC4.1; SPC4.3; SPC4.6; SPC4.7; SPC4.8; SPC4.32; SD1.33; SD1.14; SD1.40; SD2.1; SD2.2; SD2.3; SD2.4; SD2.7; SD2.8; SD2.9; SD2.10; SD2.13; SD2.14; SD2.24; SD2.28; SD2.49; SD2.55; SD2.56; GAI.33; GA2.37; GA2.46; GA2.59; GA2.60; GA3.28; GA4.26; GA4.34; GA4.38; GA5.35; GA5.43; GA5.46; GA5.47;

		GA5.51; GA5.52; GA5.56; GA5.60; GA7.30; GA7.32; GA7.33; GA7.34; GA9.10; GA9.19; GA10.15; GA10.19; GA10.24; GA10.25; GA11.12; GA12.4; GA12.31
<b>1R.13</b>	Idesp e prêmio financeiro.	SPI.13; SPI.14; SP2.10; SP3.9; SP4.14; SP4.20; SP4.27; SP4.28; SP5.14; SP6.2; SP6.6; SP6.7; SP6.8; SP6.13; SP7.6; SP7.7; SP7.27; SP7.28; SP7.36; SPC1.3; SPC1.8; SPC1.9; SPC1.23; SPC1.24; SPC1.26; SPC2.17; SPC2.23; SPC3.29; SPC3.31; SPC4.17; SPC4.18; SPC4.26; SPC4.30; SPC4.31; SD1.1; SD1.2; SD1.4; SD1.29; SD2.36; SD2.45; GA2.38; GA2.39; GA2.52; GA2.53; GA5.40; GA11.13
<b>1R.14</b>	Preparação do professor para o Saresp.	SP2.16; SP3.20; SP3.19; SPI.11; SPI.12; SP4.18; SP5.13; SP5.15; SP6.15; SP6.16; SP7.5; SP7.32; SP7.33; SPC1.18; SPC2.14; SPC3.13; SPC4.2; SPC4.10; SPC4.11; GA5.53
<b>1R.15</b>	Análise e encaminhamentos dos resultados do Saresp.	SPI.10; SP2.17; SP2.19; SP3.15; SP3.16; SP3.17; SP3.18; SP3.29; SP4.15; SP4.16; SP4.17; SP4.19; SP6.17; SP7.27; SP7.30; SPC1.22; SPC2.10; SPC3.3; SPC3.4; SPC3.5; SPC3.6; SPC3.15; SD1.15; SD2.5; SD2.11; SD2.30; SD2.31; SD2.32; GA2.56; GA3.29
<b>1R.16</b>	Outros modos visualizados de avaliar.	SPI.13; SPI.15; SPI.16; SPI.18; SP2.18; SP3.22; SP3.30; SPI.32; SP5.19; SP7.22; SP7.29; SPC1.27; SPC3.21; SPC4.27, SD1.41
<b>1R.17</b>	Série e matéria que o professor leciona.	SP3.4; SP5.1; SP5.2; SP5.7; SP6.1; SP7.1
<b>1R.18</b>	Como a Matemática é vista nas avaliações do Saresp e na/da sala de aula	SPI.7; SP2.5; SP3.16; SP4.11; SP7.22; SP7.30; SD1.8; GA1.4; GA1.6; GA1.34; GA1.35; GA1.37; GA1.26; GA2.5; GA2.8; GA2.9; GA2.23; GA2.28; GA3.3; GA3.5; GA3.6; GA3.7; GA4.5; GA4.6; GA4.7; GA4.13; GA5.5; GA6.3; GA6.7; GA7.5; GA7.6; GA7.8; GA8.7; GA8.8; GA9.4; GA9.5; GA9.20; GA9.22; GA10.7; GA10.16; GA11.2; GA11.3; GA11.5; GA11.7; GA12.13; GA12.17
<b>1R.19</b>	Comprometimento dos alunos e dos pais com o processo de avaliação e com o processo de ensino-aprendizagem.	SPI.23; SPI.24; SPI.26; SPI.29; SPI.30; SPI.32; SPI.33; SP3.24; SP4.2; SP4.11; SP4.12; SP4.20; SP4.28; SP6.5; SP6.6; SP6.21; SP6.22; SP6.24; SP7.11; SP7.20; SPC1.4; SPC1.15; SPC2.11; SPC2.13; SPC2.15; SPC2.16; SPC2.18; SPC2.22; SPC3.17; SD1.8; SD1.11; SD1.28; SD2.35; GA2.34; GA2.35; GA2.42; GA2.43; GA2.55; GA3.19; GA5.30; GA5.33; GA5.34; GA5.38; GA5.42; GA7.30; GA9.10; GA10.25; GA11.12; GA11.15; GA12.25

<b>1R.20</b>	Carreira docente e formação do professor.	SP1.21; SP7.25; SP7.26; SD1.30; SD1.31; SD2.37; SD2.41; SD2.54
<b>1R.21</b>	Modos pelos quais falar da realidade afeta o depoente.	SP1.35
<b>1R.22</b>	Modos de ensino do professor, auxílios pedagógicos recebidos e material de apoio didático.	SP2.5; SP3.6; SP4.9; SP4.10; SP5.4; SP6.25; SPC1.32; SP7.14; SD1.27; SD2.16; GA1.15; GA1.16; GA2.26; GA2.27; GA2.28; GA3.23; GA3.24; GA5.15a; GA5.16; GA5.20; GA5.22; GA5.23; GA7.21; GA9.9; GA10.23; GA11.24; GA11.25
<b>1R.23</b>	Características das escolas mencionadas	SP6.2; SP7.2; SP7.3; SP7.12; SPC1.11; SPC3.10; SPC3.11; SPC3.19; SPC3.26; SPC3.29; SPC4.28; SD1.2; SD1.13; SD1.15; SD1.16; SD1.17; SD1.36; SD2.12; SD2.16; SD2.17; SD2.25; SD2.26; SD2.27; SD2.38; SD2.39; SD2.40; SD2.44; SD2.60; GA2.11; GA2.14; GA2.21; GA2.22; GA2.23; GA2.51; GA2.67; GA3.10; GA5.2b; GA5.57; GA5.59; GA7.26; GA7.28; GA12.27
<b>1R.24</b>	Comprometimento do professor com o Saresp e com o processo de ensino	SPC1.10; SPC4.21; SD1.7; SD1.8; SD1.19; SD1.25; SD2.34; SD2.49, GA2.36; GA9.24
<b>1R.25</b>	Preparação da equipe de gestão para o Saresp.	SPC1.17; SPC1.20; SPC2.8; SPC2.9; SPC3.12; SPC3.13; SPC4.9; SPC4.10; SD1.20; SD2.29; SD2.42; SD2.46
<b>1R.26</b>	Nível de ensino em que o coordenador atua.	SPC2.1; SPC3.9
<b>1R.27</b>	Características comportamentais dos alunos e alunos com necessidades especiais.	SPC1.12; SPC2.21; SPC3.18; SPC3.19; SPC3.20; SPC3.25; SD2.19; SD2.20; SD2.21; GA2.11; GA2.29; GA2.40; GA2.55; GA4.3; GA4.30; GA4.32; GA5.12; GA5.50; GA5.57
<b>1R.28</b>	Intervenções da Diretoria de Ensino no trabalho da escola.	SPC1.8; SPC1.23; SPC1.24; SPC3.27; SPC3.28; SPC4.29; SD1.9; SD1.10; SD1.12; SD1.26; SD2.46; SD2.47; GA2.25; GA5.27; GA11.19
<b>1R.29</b>	Análises críticas da situação política e da educação.	SPC4.24; SPC4.25; SPC4.33; SD1.34; SD2.58; SD2.59; GA2.64; GA2.65; GA2.66; GA2.68; GA2.69; GA5.7; GA5.21; GA5.35; GA5.37; GA5.39; GA5.41; GA5.50; GA5.58; GA5.61;

		GA5.62; GA9.26
<b>1R.30</b>	Instrumentos de avaliação do Saresp (questionário, características das provas).	SP7.17; SD1.21; SD1.22; SD1.23; SD1.42; GA1.4; GA1.5; GA1.7; GA2.2; GA2.6; GA2.8; GA2.15; GA3.2; GA3.3; GA3.6; GA3.7; GA4.3; GA4.5; GA4.6; GA4.7; GA4.8; GA4.9; GA4.10; GA5.3; GA5.4; GA5.5; GA5.24; GA5.25; GA6.2; GA6.3; GA6.4; GA6.5; GA6.6; GA6.7; GA6.8; GA7.4; GA7.5; GA7.9; GA7.10; GA7.11; GA7.17; GA8.3; GA8.5; GA8.7; GA8.8; GA9.3; GA9.4; GA9.15; GA9.18; GA9.22; GA9.23; GA10.3; GA10.5; GA10.16; GA10.26; GA11.2; GA11.3; GA11.4; GA11.6; GA12.8; GA12.9; GA12.12; GA12.13
<b>1R.31</b>	Falta de professores nas escolas.	SP1.11; SP3.25; SP7.4; SP7.25; SD1.32; SD2.15; GA2.47; GA2.48; GA2.49; GA2.50; GA6.13; GA7.6; GA7.19; GA8.9; GA8.13; GA8.21; GA8.22
<b>1R.32</b>	Modo de participação dos alunos no Saresp.	GA1.1; GA1.2; GA1.3; GA1.18; GA2.1; GA2.3; GA2.20; GA2.32; GA3.1; GA4.1; GA4.2; GA4.23; GA5.1; GA5.2; GA5.11; GA5.44; GA6.1; GA6.2; GA6.18; GA6.25; GA7.1; GA7.2; GA7.3; GA8.1; GA8.2; GA8.6; GA9.1; GA9.2; GA10.1; GA10.2; GA10.4; GA11.1; GA11.6; GA11.17; GA11.23; GA12.1; GA12.2; GA12.6; GA12.10; GA12.11; GA12.15; GA12.18; GA12.30
<b>1R.33</b>	Comportamento dos alunos perante à resolução de provas.	GA1.4; GA1.6; GA1.8; GA1.9; GA2.4; GA2.5; GA2.17; GA3.4; GA3.5; GA3.14; GA3.15; GA3.19; GA3.30; GA4.5; GA4.7; GA4.11; GA4.12; GA4.13; GA4.16; GA4.40; GA5.6; GA5.7; GA5.8; GA5.9; GA5.31; GA5.32; GA6.27; GA7.5; GA7.8; GA7.14; GA7.17; GA8.8; GA8.19; GA9.5; GA9.6; GA9.7; GA9.20; GA9.21; GA9.25; GA10.7; GA10.13; GA10.14; GA10.21; GA11.5; GA11.7; GA12.14; GA12.16; GA12.17; GA12.19; GA12.30
<b>1R.34</b>	Visão do aluno sobre seu desempenho escolar.	GA1.22; GA1.25; GA3.9; GA3.11; GA3.12; GA3.31; GA4.28; GA4.32; GA4.39; GA4.40; GA8.14
<b>1R.35</b>	Vida acadêmica do aluno.	GA1.39; GA2.10; GA2.12; GA2.13; GA2.44; GA2.45; GA3.8; GA3.12; GA4.28; GA4.30; GA5.20; GA5.26

Fonte: Dados organizados pela autora.

Apresentaremos a seguir as Unidades de Significado de cada uma dessas reduções. As análises completas estão no APÊNDICE A - Análise Ideográfica.

**Quadro 18** – Tempo de trabalho no magistério e na escola.

<b>1R.1</b>	<b>Tempo de trabalho no magistério e na escola.</b>
SP1.1	O sujeito leciona na escola só este ano de 2010.
SP1.3	Leciona há nove anos.
SP2.1	A depoente leciona na escola em questão há 11 anos.
SP2.2	A depoente leciona há 13 anos, tendo se tornado professora efetiva há 11 anos.
SP3.1	O depoente leciona há três anos em escola estadual e há dois anos nesta escola.
SP4.6	A depoente leciona há 24 anos.
SP5.7	O depoente começou a lecionar este ano de 2010 e ainda não lecionou Matemática, na grade curricular regular.
SP6.26	A depoente diz que quem leciona há muito tempo se incomoda com a situação atual, em que os alunos são promovidos facilmente e não possuem aspirações para o futuro relacionadas com o estudo escolar. Diz que fala para os alunos estudarem para trabalhar num banco ou concorrer num concurso público, mas que alguns falam que serão traficantes. Conta que assim os professores vão perdendo o entusiasmo em lecionar, mas que acha que já fez a parte dela, pois encontra ex-alunos que estão vivendo bem.
SP7.26	A depoente afirma não ter feito a prova para aumento salarial realizada em 2010, por não concordar com a meritocracia, não achar justo, correto, ter que fazer uma prova para ganhar mais. Diz que pode ser que um professor excelente em sala de aula não seja aprovado na prova. Diz que foi sua primeira e última chance, pois vai se aposentar. Conta que tem um grupo na escola em que trabalha, que conversaram bastante e decidiram não fazer. Também acharam que a prova seria boicotada pelos professores do Estado, para mostrar para o governo que ele está errado, mas não foi o que aconteceu, já que 100 mil professores foram fazer a prova.
SPC2.3	A depoente trabalha há dez anos no magistério e nesta escola há três anos.
SPC3.1	A depoente trabalha há 14 anos como coordenadora na escola em questão.
SPC4.19	O depoente trabalha na escola em questão desde 2003.
SPC4.20	O depoente diz que foi coordenador em Hortolândia durante dois anos, mas quando pediu remoção para a escola em que está atualmente voltou a lecionar durante alguns anos, retornando à coordenação há três anos.
SD2.29a	A depoente afirma estar na rede estadual há 35 anos, tendo participado do Saresp desde o primeiro, e que sempre foi dada uma orientação sobre a avaliação.

Fonte: Dados organizados pela autora.

**Quadro 19** – Formação do profissional.

<b>1R.2</b>	<b>Formação do profissional.</b>
SP2.22	A depoente se graduou em Matemática.
SP3.3	É graduado em Matemática na Universidade Federal de São Carlos. Faz atualmente uma segunda graduação em Sistemas de Informação à distância.



SPC2.20	A depoente é graduada em Tecnologia em Obras Hidráulicas pela Unesp de São Paulo, depois foi para o interior do Estado e começou a lecionar como temporária no Estado então fez um curso de curta duração de licenciatura em Matemática. Também é bacharel em Física e fez cursos para lecionar em Fatecs, mas nunca teve oportunidade.
SPC3.2	A depoente é graduada em Biologia e Pedagogia. Antes de atuar como coordenadora lecionava a disciplina de Ciências. Depois que começou a atuar como coordenadora, fez o curso de Pedagogia.
SD1.30	A depoente se diz contra a promoção na carreira docente por meio de uma prova, questionando se o professor que passou na prova é diferente do que não passou. Também diz que não vê diferença entre um professor efetivo e um temporário, sendo que ela não é efetiva, mas trabalha há 29 anos no Estado, 12 como vice-diretora e nunca teve problemas com a administração pública. Acha que deveria ter aumento salarial para todos, igualmente, diz que com o aumento por prova, pode acontecer de o professor que não foi beneficiado não querer se empenhar no trabalho, pois o outro é melhor que ele, ganha mais que ele. Também é contra o professor temporário ter que fazer prova para participar do processo de atribuição de aulas.
SD2.54a	A diretora é formada pela antiga escola Normal, portanto é Pedagoga e ministrava aulas de 1º ao 5º ano.

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### Quadro 20 – Situação funcional e da carreira do servidor.

1R.3	Situação funcional e da carreira do servidor.
SP1.2	Não é professor com cargo efetivo.
SP2.2	A depoente leciona há 13 anos, tendo se tornado professora efetiva há 11 anos.
SP3.2	O depoente é professor efetivo. Iniciou a carreira em outra cidade e veio para esta por remoção. Está terminando o estágio probatório.
SD1.30	A depoente se diz contra a promoção na carreira docente por meio de uma prova, questionando se o professor que passou na prova é diferente do que não passou. Também diz que não vê diferença entre um professor efetivo e um temporário, sendo que ela não é efetiva, mas trabalha há 29 anos no Estado, 12 como vice-diretora e nunca teve problemas com a administração pública. Acha que deveria ter aumento salarial para todos, igualmente, diz que com o aumento por prova, pode acontecer de o professor que não foi beneficiado não querer se empenhar no trabalho, pois o outro é melhor que ele, ganha mais que ele. Também é contra o professor temporário ter que fazer prova para participar do processo de atribuição de aulas.

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### Quadro 21 – Avaliação do aluno.

1R.4	Avaliação do aluno.
SP2.3	O sujeito SP2 avalia os alunos com duas provas mensais que possuem características diferentes: uma delas é uma prova dissertativa, sobre o conteúdo trabalhado em sala de aula, e a outra é uma prova teste, contendo questões de provas anteriormente aplicadas do Saesp, Enem e vestibulares. A depoente usa esses dois tipos de avaliação para preparar os alunos para

	realizar provas teste, já que percebeu que o desenvolvimento deles melhorou quando começou a avaliá-los com esses dois tipos de provas.
SP3.7	O depoente critica o governo por propagar que o professor deve fazer diversos tipos de avaliação com os alunos, porém os avalia com apenas uma. O professor diz que avalia os alunos com trabalhos em grupos, pesquisas, avaliações do registro e da participação. Conta que para os alunos do noturno não pede muitos trabalhos para serem feitos fora da sala de aula, pois muitos trabalham e não fazem, e os que não trabalham, veem que os que trabalham não fazem, então também não executam a tarefa. Porém, informa que ocorreu uma feira de ciências e que esses alunos fizeram bons trabalhos, a maior parte sendo feito fora da sala de aula.
SP1.19	O sujeito afirma que devido à progressão continuada, não se avalia o aluno da maneira como ele deveria ser avaliado. Diz que se o aluno apenas frequenta as aulas, mas não participa, o professor tem que dar uma nota. Comenta que é dever do aluno frequentar as aulas, sendo um despropósito atribuir uma nota a um aluno que fez somente isso.
SP1.22	O sujeito SP1 defende que, prioritariamente, para aprovar ou não um aluno, deve se levar em conta a avaliação feita dentro da sala de aula e não projetos fora desse âmbito, pois os estudantes acabam realizando esses projetos para terem nota.
SP1.33	O depoente diz que o aluno sabe que se mantiver um comportamento aceitável dentro da sala de aula, ele pode passar de ano, mesmo não tendo notas boas para isso, portanto não leva a sério as provas. Dessa maneira acha que não se deve usar a avaliação do comportamento do aluno para aprová-lo ou não, e sim a nota relativa ao conteúdo trabalhado.
SP1.34	O sujeito SP1 afirma detestar provas, porém acha que é a única maneira de se exigir algo da maioria dos alunos, e que é a maneira mais correta de se avaliar.
SP4.5	Conta que sempre teve o costume de trabalhar com provas para avaliar o que os alunos estão aprendendo, independente do Saresp. Afirma que avalia o aluno como um todo, não dá nota baseado só em provas.
SP4.7	A nota do simulado fez parte da avaliação bimestral.
SP5.6	Não foi necessário que o depoente usasse a nota do simulado.
SPC1.5	A depoente diz que antes dessa semana de provas, havia disciplinas que não mais aplicavam provas, pois preparar, corrigir, devolver e corrigir com o aluno uma prova é trabalhoso; é mais fácil o professor atribuir uma nota no caderno ou se o aluno fez ou não uma atividade.
SPC1.21	A depoente conta que pedem para que a escola selecione os alunos que têm dificuldades em cada habilidade, e que eles fizeram isso na escola em que trabalha através do simulado do Saresp enviado pela Diretoria de Ensino no primeiro semestre. Diz que fazem análises desses resultados com os professores, mas que não dá para montar uma classe com os alunos que têm dificuldades em determinada habilidade, pois são várias habilidades.
SPC3.25	A depoente diz que os alunos alfabéticos são aqueles que leem, escrevem, mas não compreendem o que leem. Afirma que eles vão sendo promovidos pela progressão continuada, já que os professores trabalham e avaliam esse tipo de aluno de uma maneira diferente, pois se fosse avaliar nos moldes do Saresp, eles ficariam eternamente na escola e acha isso incoerente. Conta que a escola exerce uma função de integração na sociedade e no mercado de trabalho para esses alunos com necessidades educacionais especiais, mas

	que eles não concluem o ensino letrados.
SPC3.35	A depoente diz que quando se fala de escola pública e progressão continuada se deve ser cuidadoso. Fala que quando se tem um resultado de uma avaliação que contraria o que foi feito na escola é perigoso, pois pode se produzir algum tipo de frustração nesses alunos que têm dificuldade de aprendizagem ou necessidades educacionais especiais e não para os que não têm interesse, são malandros. Mesmo os malandros, ela questiona o histórico desse aluno para que ele tenha esse perfil, e também o papel da família em dar importância para a escola.
SD1.5	A depoente diz que alguns professores não aplicavam provas porque é mais fácil fazer um trabalho com um grupo de alunos ou uma lista de exercícios como avaliação. Assim, os alunos deixaram de estudar.
GA2.33	Os depoentes afirmam que os simulados valeram nota, mas ficam em dúvida se para o 3º ou 4º bimestre.
GA3.22	Os depoentes afirmam que o simulado do Saresp valia nota e que o Saresp também vale. Porém, acham que a prova que a sala fez contendo as questões abertas de Matemática não valerá nota, tendo sido feita apenas para verificar se os alunos sabiam o que estavam fazendo ou somente chutando.
GA4.19	Os alunos afirmam que todos os simulados valem nota. A depoente AF3 relata que não sabia que valia nota, apesar de ter participado dos simulados.
GA5.19	Os depoentes afirmam que o simulado do Saresp que eles fizeram valia nota em todas as matérias, exceto em Geografia.
GA5.27	Os depoentes afirmam que o professor de Ciências usa o Caderno do Aluno e também o livro didático, quando já acabou um caderno e ainda não chegou o próximo. Relatam que ele avalia os alunos com exercícios, provas e também com a nota dos simulados. Relatam que no semestre passado teve um simulado enviado pela Diretoria de Ensino.
GA5.48	A depoente AF7 acha que talvez fosse interessante os alunos passarem por uma prova para conseguir uma vaga na escola, pois existem muitas pessoas que estão dentro da escola e não se interessam e outras que estão fora e gostariam de entrar. Relata que alguns alunos frequentam a escola apenas porque os pais mandam, por obrigação, pela Bolsa Família ou pela merenda.
GA9.12	A depoente AM1 afirma que uma semana antes do Saresp teve um simulado, o Sarespinho, que valeu ponto na média final. Inclusive para quem fez o Saresp teve ponto na nota final.
GA10.22	O depoente AM4 afirma que a nota do simulado vai contar na média final.
GA12.23	Os alunos afirmam que fizeram simulados de quase todas as matérias, valendo nota.

Fonte: Dados organizados pela autora.

### Quadro 22 – Preparação do aluno para o Saresp.

1R.5	Preparação do aluno para o Saresp.
SP1.4	O sujeito SP1 disse que a rotina das aulas na época do Saresp muda, porque são aplicados simulados relacionados a essa prova.
SP1.5	O sujeito SP1 aplicou o simulado para fazer uma revisão com os alunos, considerando-o como uma atividade bimestral e valendo nota.
SP2.3	O sujeito SP2 avalia os alunos com duas provas mensais que possuem características diferentes: uma delas é uma prova dissertativa, sobre o conteúdo trabalhado em sala de aula, e a outra é uma prova teste, contendo questões de

	provas anteriormente aplicadas do Saresp, Enem e vestibulares. A depoente usa esses dois tipos de avaliação para preparar os alunos para realizar provas teste, já que percebeu que o desenvolvimento deles melhorou quando começou a avaliá-los com esses dois tipos de provas.
SP3.5	O depoente SP3 afirma que a rotina de suas aulas basicamente não muda em função do Saresp, mas sim em função do Enem, pois os alunos pedem exercícios fora do conteúdo que está sendo trabalhado.
SP3.10	O depoente SP3 trabalha mais com exercícios que caem no vestibular do que com exercícios do Saresp. Diz que às vezes trabalha com exercícios do Saresp pela facilidade de encontrá-los no banco de dados.
SP3.11	O professor SP3 não trabalha com exercícios do Saresp em período anterior à sua aplicação por não acreditar que isso funcione. Faz analogia aos cursinhos pré- vestibular, nos quais há treino para o vestibular durante o ano todo e mesmo assim a maioria não é aprovada.
SP4.3	A depoente SP4 diz que quando chega próximo da data do Saresp, procura fazer uma revisão do conteúdo, mas que trabalha conteúdo normal.
SP4.4	A professora SP4 diz que são feitos simulados do Saresp durante o ano todo.
SP5.3	O depoente SP5 afirma que em suas aulas não mudou a rotina em função do Saresp. Diz que por iniciativa própria aplicou atividades envolvendo questões do Exame Nacional do Ensino Médio – Enem, quando viu que os alunos iam participar do Saresp.
SP5.5	O depoente SP5 diz ter havido bastante simulados durante o ano.
SP6.3	A depoente SP6 conta que as coordenadoras pedem para que se apliquem provas em formato de testes aos alunos durante o ano, além do conteúdo que é ministrado. Diz que não deu aula para as séries que fizeram o Saresp, mas que eles fizeram vários simulados referentes a essa avaliação.
SP6.4	A depoente SP6 diz que não houve simulados nas séries que não participaram do Saresp, apenas as provas regulares, com datas organizadas pela direção e coordenação escolar. Conta que vêm simulados da diretora de ensino e que os alunos são bem preparados para o Saresp, e se não vão bem é pela situação atual dos alunos.
SP6.22	A depoente SP6 diz que na escola tentam convencer os alunos a levar a sério o Saresp, usando inclusive chantagem, pois tem os que falam que não vão levar a sério, que vão chutar as respostas das questões, já que o benefício da prova é somente o bônus do professor. Critica o fato de o governo colocar na mídia que os professores irão ganhar 12 mil reais de bônus, sendo que os alunos acham que o professor tem um salário bom e não precisa entrar em greve e nem do bônus.
SP6.23	A depoente SP6 diz que independente do Saresp, ela ministra os conteúdos que têm que ser trabalhados naquela série com responsabilidade.
SP7.7	A depoente SP7 conta que depois do ano em que não atingiram a meta, se tornou uma obstinação na escola conseguir atingi-la, por parte da coordenação e direção. Diz que em sua aula no dia a dia não muda muito em função do Saresp, pois tem a programação curricular para seguir. Porém, quando chega mais próximo do Saresp ela faz uma revisão de conteúdos básicos em Matemática.
SP7.8	A depoente SP7 diz que foram preparados simulados para treinar os alunos para o Saresp, pela coordenação da escola, e a nota interferiu na avaliação anual do aluno.
SP7.10	A depoente SP7 diz que falam para os alunos que o Saresp vai valer nota,

	<p>mas que eles sabem que não, lembrando que em anos anteriores a nota não chega antes do final do ano. Afirma que os alunos não têm o costume de fazerem provas, de serem avaliados. Conta que desde 2009, a escola insiste para que os professores façam provas, inclusive marcando datas para uma semana de provas bimestralmente, o que antes era livre para cada professor decidir. Diz que com isso o comportamento dos alunos ao fazerem uma prova foi melhor.</p>
SPC1.1	<p>A depoente SPC1 afirma que muda completamente a rotina das atividades da coordenação em função do Saresp. Diz que desde o começo do ano pensam em avaliações nos moldes do Saresp, incluindo questões com o mesmo número de alternativas, avaliando competências e habilidades. Fala que tudo o que fazem é pensando no Saresp, principalmente no Ensino Médio. Estão usando provas objetivas, pois o Saresp, o Enem e os vestibulares são com questões objetivas.</p>
SPC1.2	<p>A depoente SPC1 conta que os alunos da 3ª série do Ensino Médio fizeram quatro simulados a partir de agosto de 2010. Um deles foi aplicado por um cursinho pré-vestibular que traz as provas e a escola aplica, abordando as áreas de Português, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas, de maneira mesclada. Outro foi um simulado do Saeb do 3º ano, que ela mesma montou, depois veio um simulado da Diretoria de Ensino e em seguida, foi aplicado o simulado que já havia sido aplicado no ano anterior, também enviado pela Diretoria. Diz que os alunos não aguentavam mais fazer simulado, tendo quatro notas relativas a essas provas no último bimestre. Afirma que fazem mesmo a preparação dos alunos.</p>
SPC1.15	<p>A depoente SPC1 acha que tanto os alunos quanto o governo não percebem que estão contribuindo para a construção de uma má imagem da escola. Diz que os alunos muitas vezes querem trazer problemas para a escola, como punição aos professores, que chatearam os alunos o ano todo. Então, ela afirma que fazem chantagem com os alunos, dizendo que a resposta sai até o final do ano e que só receberão o diploma de conclusão se forem bem no Saresp, pois quando não faziam essa pressão, os alunos sabiam que o Saresp não mudava nada para eles. Diz que tudo isso foi mudança de estratégia por não terem alcançado as metas em relação ao ano de 2008.</p>
SPC1.30	<p>SPC1 fala que os alunos das séries que fazem o Saresp, quando terminam a prova dizem que não virão mais à escola. Atribui isso ao fato de que para essas séries tudo que se faz durante o ano é voltado para o Saresp.</p>
SPC2.4	<p>A depoente SPC2 diz que a rotina das atividades da coordenação muda em função do Saresp, pois eles preparam os alunos para fazer a prova. Este ano incluíram uma semana de provas organizada pela coordenação, além das avaliações que os professores fazem normalmente, eles preparam provas com questões de múltipla escolha e dissertativas para essa semana. Além disso, têm simulados do Saresp na escola, no primeiro e no segundo semestre a coordenação preparou um e a Diretoria de Ensino enviou outro. Depois dos simulados eles fazem uma investigação para verificar o desempenho dos alunos, depois refletindo sobre o que precisa ser feito. Diz que às vezes não dá tempo, pois a coordenação tem muitas atividades, mas que eles tentam, pois existe muita cobrança. Conta que quando se fala em avaliação os alunos ficam amedrontados, nervosos, ansiosos, e com a preparação, tenta-se acostamá-los para que fiquem mais tranquilos e possam ter melhor desempenho.</p>

SPC3.3	A depoente SPC3 diz que as atividades dos professores e conseqüentemente da coordenação mudam em função do Saresp. Conta que no planejamento feito no início do ano letivo usam o resultado do Saresp para nortear o trabalho e já providenciam as atividades de preparação para o Saresp. Diz que o trabalho da coordenação é auxiliar o professor na preparação de materiais que envolvam questões do Saresp para ir preparando os alunos, já que há uma grande preocupação com essa preparação.
SPC4.22	O depoente SPC4 diz que quando há uma conversa franca com os alunos sobre o Saresp, eles vêm e participam da prova. Conta que explica para os alunos que o Saresp é uma avaliação que vai mostrar se o rendimento escolar no Estado melhorou ou não. Fala para eles que a escola em questão, quando se leva em conta o ranking do Saresp, está entre as cinco melhores da cidade e acima da média da Diretoria e do Estado e que ele gostaria que a escola continuasse assim. Também conversa com os alunos que eles levam o nome da escola com eles, por exemplo, para ingressar em um emprego irão perguntar onde estudaram e sendo numa escola renomada, bonita, é melhor que uma escola que vai mal no Saresp. Diz aos alunos que a escola é um ambiente que eles podem construir.
SD1.1	A depoente SD1 afirma que quando analisaram os resultados e viram que a avaliação não era boa, como, por exemplo, quando a escola não atingiu a meta de aumento do Idesp, passaram a fazer mudanças nas atividades da escola na direção de melhoria dos resultados, pois ocorreram cobranças. Conta que os alunos não tinham o hábito de estudar, e começaram a levar a sério quando se implantou semana de provas e simulados, fazendo com que eles sentissem necessidade de estudar, prestar atenção na aula, tirar dúvidas e participar da recuperação paralela.
SD1.3	Para tentar atingir o índice relativo a 2009, SD1 relata que fazem um trabalho o ano todo com os alunos, principalmente com as 8 <sup>as</sup> e 3 <sup>os</sup> anos, com semana de provas e simulados. Inclusive tem uma empresa de Limeira que vai à escola e aplica um simulado por semestre.
SD1.4	A depoente SD1 diz que na escola, os alunos são informados, e os professores trabalham em cima do Saresp, para que os alunos tenham o rendimento que se espera. Portanto diz que se indignou quando não alcançaram a meta, mas diz que, então, não fizeram o suficiente para convencer os alunos que tinham que estudar, que faltou a semana de provas que agora fazem, enfim, que o Saresp mudou a maneira como eles trabalham, nos últimos três anos.
SD1.6	A depoente SD1 diz que quando fala do Saresp para os alunos, conta que o resultado será divulgado para o Estado todo, e se eles não se saírem bem, todos irão se assombrar, já que a escola é bem vista.
SD1.8	A depoente SD1 diz que quando fala do Saresp para os alunos, conta que o nome deles vai junto com o resultado e que a escola irá mostrar para os pais deles. Quando fazem os simulados mostram o resultado para os pais e questionam se o filho não fez nada, se não aprendeu nada, se o professor não está ensinando ou se os alunos não estão estudando, se não estão prestando atenção ao professor. Diz que os alunos falam que os professores não ensinam e não são bons, mas que eles têm professores que também lecionam em escolas particulares e em faculdades, que os alunos não sabem a capacidade dos professores e nem a deles próprios. Diz que ninguém é incapaz de aprender, alguns têm mais facilidade e outros mais dificuldade.

	Cita seu próprio exemplo, dizendo que não era boa aluna de Matemática, que fez Biologia, mas teve que aprender Matemática, pois se usa em todos lugares, Matemática e Português, então têm que aprender.
SD2.43	A depoente SD2 afirma que os alunos são preparados para o Saresp realizando muitos simulados.
SD2.48	A depoente SD2 afirma que são feitos pelo menos dois simulados por ano, sendo que às vezes ele vem da Diretora de Ensino e outras vezes a escola financia.
GA1.20	Os depoentes do grupo GA1 relatam que a equipe de gestão e os professores falaram para os alunos que o Saresp era fácil, portanto eles deveriam estudar para fazer a prova de maneira comprometida, sem chutar as alternativas das questões, e quem tivesse essa intenção, era melhor ficar em casa. Além disso, falaram que o Saresp poderia reprovar ou ajudar os alunos que estavam numa situação instável, não sabendo se seriam aprovados ou não.
GA1.30	Os alunos do grupo GA1 afirmam que as aulas não mudaram na época do Saresp, mas que os professores chamavam a atenção para a prova que aconteceria. Afirmam que duas semanas antes do Saresp ocorreram as provas bimestrais regulares.
GA2.9	Os alunos do grupo GA2 relatam que foram preparados para o Saresp com dois simulados: um da escola e outro da Diretoria de Ensino, chamado de Sarespinho. BF6 achou o simulado da escola mais difícil que o Saresp, tendo, inclusive, chutado diversas questões na prova de Matemática já que afirma que no Saresp são requisitados conteúdos básicos, não sendo os conteúdos que aprenderam durante o ano. BF4 concorda que são requisitados conteúdos básicos no Saresp. BF5 achou a prova do Saresp mais difícil que a dos simulados.
GA2.52	Os depoentes do grupo GA2 afirmam que alguns professores só pensam no bônus ao incentivar os alunos para fazer o Saresp, e outros pensam no conhecimento dos alunos. O depoente BF4 acha que o bônus é muito bom financeiramente para o diretor da escola. A depoente BF6 afirma que os professores incentivam os alunos a prestar atenção nas questões do Saresp, ler mais de uma vez cada uma, deixar para o final da prova aquelas que não conseguem resolver.
GA2.54	BF5 afirma que há alguns professores que incentivam os alunos para fazerem o Saresp e mostram que o resultado depende deles. Porém, relata que muitos alunos não acreditam nisso e dizem que os professores só querem sair ganhando. A depoente afirma que não pode falar sobre o diretor da escola, pois não o conhece bem.
GA3.21	Os depoentes do grupo GA3 afirmam que ocorreu um simulado do Saresp durante o ano, mas não se lembram de quando foi. Acharam esse simulado mais difícil que o Saresp, porém BF7 afirma que não estava prestando muita atenção quando fez o simulado.
GA4.18	Os depoentes do grupo GA4 afirmam que fazem simulados do Saresp.
GA4.20	Os alunos do grupo GA4 afirmam que as aulas em épocas anteriores ao Saresp são cansativas, pois os professores passam mais tarefas, por exemplo, em Português o professor passa muito mais informações sobre artigo de opinião, ou seja, informações voltadas para o conteúdo que será cobrado na prova.
GA4.25	Os depoentes do grupo GA4 relatam que os professores e a equipe de gestão

	mostraram preocupações com a imagem pública da escola A, de acordo com os resultados do Saresp. Dessa forma, pediram aos alunos, nas semanas anteriores ao Saresp, que eles deveriam aprender, pois senão ia sair o resultado da escola e mostrar que eles não aprenderam nada.
GA4.35	Os depoentes do grupo GA4 afirmam que o Saresp importa para a imagem pública da escola, portanto a diretora se preocupa com o julgamento que farão da escola A, não querendo que seja qualificada como a pior escola, onde os alunos não sabem nada.
GA4.36	Os depoentes do grupo GA4 relatam que os coordenadores foram nas salas de aula quase todos os dias requisitando que os alunos se dedicassem, se esforçassem, ao fazer a prova do Saresp, pois seria importante para o futuro deles. Os depoentes notaram uma grande preocupação por parte da coordenação, um receio que os alunos não se dedicassem.
GA4.37	Os alunos do grupo GA4 acham que a equipe escolar está mais preocupada com a imagem pública da escola, com a divulgação dos resultados da escola pela imprensa, do que com a imagem dos alunos. Falam para os alunos se dedicarem no Saresp, pois se não fizerem uma boa prova, vai parecer que os professores da escola não ensinam. Concluem que a escola depende do resultado dos alunos. A depoente AF1 relata que o ano inteiro é falado para os alunos estudarem.
GA5.15	Os alunos do grupo GA5 afirmam que a professora de Matemática usava o material enviado pelo governo referente ao currículo do Estado, porém que nas últimas três semanas estavam resolvendo uma espécie de simulado do Saresp, preparado pela professora, com 77 questões. O depoente AF8 relata que o Sarespinho tinha em torno de dez questões de cada matéria e que ele não sabe se foi criado pelo governo ou pelos professores da escola.
GA5.17	O depoente AF5 afirma ter acertado todas as questões do simulado de Ciências, pois em geral estava muito fácil, com a cobrança de conteúdos ministrados em sala de aula.
GA5.18	A depoente AF6 não sabe se teve simulado, pois se teve ela faltou.
GA5.54	Os depoentes do grupo GA5 relatam que os professores falam que o Saresp é essencial, a coordenadora vai às salas de aula antes da prova e fala para os alunos prestarem atenção, não terem pressa para resolver as provas. Porém, relatam que os professores não falam muito da matéria que será cobrada, pois não têm muita informação sobre isso.
GA6.16	Os alunos do grupo GA6 afirmam que nas semanas anteriores ao Saresp os professores fazem uma revisão de conteúdos, passando atividades, tirando dúvidas, analisando os conhecimentos dos alunos, aplicando simulados, para que eles consigam fazer o Saresp.
GA6.17	Os depoentes do grupo GA6 relatam que os simulados foram feitos uma semana antes do Saresp, durante a semana toda, e criticam o fato de terem muitas provas num mesmo dia. Afirmam, ainda, que tais provas são dissertativas e valiam nota. Observar se não houve confusão com a semana de provas da escola.
GA6.24	Os depoentes do grupo GA6 relatam que foi falado para que os alunos prestassem bastante atenção na prova do Saresp, fizessem a prova com calma, fossem disciplinados, não terminassem a prova rapidamente, se esforçassem ao máximo, pois eles que iriam receber a nota.



GA6.27	Os alunos do grupo GA6 não sabem se o Saresp era obrigatório, mas foi falado para que os alunos não faltassem de forma nenhuma, para que estivessem com seus compromissos em ordem.
GA7.13	Os depoentes do grupo GA7 afirmam que na época do Saresp as aulas continuam de maneira normal, sem nenhuma revisão específica para essa prova. Porém, são aplicados simulados, também em relação ao vestibular, que é feito na mesma época do Saresp.
GA7.27	Os depoentes do grupo GA7 relatam que os coordenadores e professores pediram para que os alunos se dedicassem ao fazer o Saresp, pois eram exercícios de interpretação que eles conseguiriam fazer. Além disso, relatam que a vice diretora passou nas salas pedindo para que os alunos lessem direito as questões, tentassem responder, pois a prova ia avaliar a escola. Ela disse, ainda, que fez o possível para os alunos durante o ano e que confiava que os alunos iriam mostrar o que eles sabiam naquele momento, pois se a escola saísse mal no Saresp, no outro ano teriam muito mais trabalho na escola.
GA7.29	Os depoentes do grupo GA7 afirmam que foi dada uma ficha para que alunos preenchessem em relação ao Saresp, pois foi falado que quem não fizesse a prova, não pegaria o certificado de conclusão do Ensino Médio. Os alunos não se lembram quem falou isso, mas acham que inventaram esse fato somente para que os alunos fizessem o Saresp.
GA8.4	Os depoentes do grupo GA8 afirmam que apenas uma das salas da escola fez a prova aberta de Matemática e que dois dias antes do Saresp eles tiveram somente aulas de reforço de Matemática, com a própria professora.
GA8.13	Os depoentes do grupo GA8 afirmam que na época do Saresp as aulas continuam de maneira normal, sem nenhuma revisão específica para essa prova. Porém, são aplicados simulados, também em relação ao vestibular, que é feito na mesma época do Saresp.
GA8.18	Os depoentes do grupo GA8 relatam que na escola B foi falado para os alunos realizarem as provas do Saresp com calma, ler as questões, prestar atenção e tentar fazer a prova toda.
GA9.24	A depoente AM1 relata que dificilmente a diretora passa nas salas de aula. Afirma que, em relação ao Saresp, os professores eximiram-se da responsabilidade, apenas avisando os alunos que deveriam fazer a prova.
GA10.9	O depoente AM3 relata que o professor de Matemática aplica uma prova teste antes dos alunos fazerem o Saresp.
GA10.10	Os depoentes do grupo GA10 afirmam que nas aulas anteriores ao Saresp alguns professores falam como é o Saresp, dão conselhos, o que pode ser cobrado; outros aplicam simulados, fazem revisões de conteúdos de anos anteriores. Os alunos também comentam que fazem o Sarespinho, um simulado do Saresp. Os depoentes relatam que esses fatores ajudam na hora da prova.
GA11.19	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que fizeram um simulado do Saresp que veio da Diretoria de Ensino na semana anterior ao Saresp. Afirmam ser legal que a professora já havia mostrado o gabarito com a correção das respostas certas.
GA11.20	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que o Sarespinho, o simulado vindo da Diretoria de Ensino, foi de Português e Matemática. Ficam em dúvida em relação a outras matérias que foram cobradas.
GA11.21	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que a diretora não falou nada sobre o

	Saresp e que faz tempo que eles não a veem.
GA11.22	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que o coordenador foi na sala de aula falar sobre o Saresp e acham que somente a professora de Português falou sobre a prova, dizendo não ser obrigatório, mas que seria bom fazer.
GA12.22	Os depoentes do grupo GA12 relatam que desde o começo do ano os professores avisam aos alunos sobre as provas que terão: do Saresp, Enem, vestibulares. Quando está chegando perto, alguns professores dão dicas e fazem revisões.
GA12.23	Os alunos do grupo GA12 afirmam que fizeram simulados de quase todas as matérias, valendo nota.
GA12.24	Os depoentes do grupo GA12 afirmam que devem se empenhar ao máximo para fazer o Saresp, pois se fizerem chutando as alternativas construirão uma má imagem da escola, e eles mesmos carregarão no currículo o nome da instituição, portanto se prejudicando.

Fonte: Dados organizados pela autora.

### Quadro 23 – Relação das avaliações feitas pelo professor com o Saresp.

1R.6	Relação das avaliações feitas pelo professor com o Saresp.
SP3.6	O depoente SP3 diz que os professores não têm acesso de maneira oficial às provas do Saresp, portanto não têm muito conhecimento para relacioná-las com suas avaliações. Porém, conta que no ano passado viu uma avaliação do Saresp e que notou uma grande diferença entre o conteúdo abordado na prova e o conteúdo abordado no material relativo a proposta curricular enviado pelo governo. Diz que o Saresp exige mais que tal material, e que serve para avaliar o trabalho do depoente já que ele usa também o livro didático.
SP1.9	A avaliação do Saresp com a avaliação que SP1 faz em sala de aula até converge, porém os alunos fazem mais nas provas aplicadas pelo sujeito professor, pois ele pede mais em termos de conteúdo e não dá provas testes, somente provas dissertativas, assim os alunos não têm como apontar alternativas ao acaso. Que na linguagem cotidiana da escola é referido como 'chutar'.
SP5.16	O depoente SP5 acha que não converge a avaliação que ele faz em sala de aula com a avaliação feita pelo Saresp, pois em sala de aula avalia o conteúdo que está sendo ministrado e sabe quais alunos que são interessados ou não, pois está em contato com eles. Já o Saresp é uma prova mais geral, por isso acha que as duas avaliações são diferentes.
SP6.18	A depoente SP6 acha que a avaliação que faz em sala de aula acompanha a avaliação que é feita no Saresp, pois no Saresp usam o material do Currículo e na sala de aula também.
SP7.13	A depoente SP7 acha que a avaliação que é feita em sala de aula deveria ser como o Saresp, pois considera essa avaliação mais abrangente, mais global; enquanto que a avaliação em sala de aula, ela considera ser mais pontual, dividida em partes. Diz que depois que começou a ter o Saresp, procura fazer uma avaliação parecida, mas que é difícil na rotina do cotidiano escolar.
SPC1.19	A depoente SPC1 diz que é difícil um professor que consiga formular uma prova com questões baseadas nas habilidades e competências que o aluno deve ter. Conta que o professor não tem tempo e que não tem essa

	concepção de montar provas, fazendo primeiro as questões e depois vendo quais habilidades estão sendo trabalhadas.
SPC2.10	A depoente SPC2 diz que usam o resultado do Saresp na escola para verificar se os resultados correspondem ao que a escola esperava nas séries que participam da prova. Por esse motivo, acha que deveria vir o resultado individual dos alunos, assim poderiam ver se estão trabalhando corretamente, fazendo simulados e semana de provas bimestrais.
SD2.12	A depoente SD2 diz que na escola são usados os resultados das avaliações realizadas pelos professores da escola, que de maneira aproximada confere com o resultado da avaliação externa, para formar as classes de recuperação paralela.
SPC3.22	A depoente SPC3 acha que a avaliação que o professor faz em sala de aula converge com a avaliação que o Saresp faz, pois são usados como base os mesmos critérios de competências e habilidades na preparação das avaliações. Acha que o grande problema do ensino público é que são diferentes alunos para um mesmo material.
SD2.33	A diretora SD2 acredita que o Saresp deveria ser mais próximo do professor. Entende que o Saresp avalia no nível geral e não no individual, mas que os professores querem saber como seus alunos se desempenharam na prova. Questiona o que vai ser feito com os cadernos de prova e o porquê de não deixá-los na escola para que o professor possa ver, corrigir e assim conhecer os resultados do seu aluno e da sua classe. Relata que há alunos que são mal avaliados pelos professores, mas que dizem ir bem no Saresp, surpreendendo a equipe escolar, e ter os resultados dele seria importante para dar um outro olhar sobre esse aluno.
GA1.13	Os alunos GA1 acham a prova que realizam com o professor de Matemática diferente em alguns aspectos em relação à prova do Saresp: podem estudar antes de fazer a prova do professor; a matéria cobrada na prova do professor é aquela ministrada em sala de aula e no Saresp nem sempre; a prova do Saresp é de alternativas e a do professor é dissertativa, não podendo chutar a resposta.
GA2.23	Os depoentes do grupo GA2 relatam que em 2010 a escola implantou um sistema de provas bimestrais, que ocorrem em uma determinada semana, para todas as matérias da manhã e algumas da tarde. Afirmam que o Saresp é diferente dessas provas bimestrais, pois a prova da escola trata apenas da matéria do bimestre e o Saresp é um resumo de tudo que aprenderam desde o 6º ano. A depoente BF6 acha a prova do Saresp mais fácil que as provas bimestrais, ainda mais de Matemática, pois a maioria dos alunos não consegue entender o que a professora explica, apesar de ela explicar mais de uma vez e insistir para que os alunos aprendam. O depoente BF4 afirma que a Matemática é difícil.
GA3.20	Os alunos do grupo GA3 afirmam que o Saresp é mais fácil que as provas que a professora aplica durante o ano. Relatam que a professora mostrou alguns conteúdos que poderiam ser cobrados na prova do Saresp.
GA4.17	Os depoentes do grupo GA4 falam que nas provas que a professora dá em sala de aula eles devem deixar registrado o raciocínio que tiveram para chegar ao resultado e na prova do Saresp não é necessário. Os depoentes AF1, AF2 e AF4 acham a prova feita na sala de aula mais fácil que o Saresp e AF3 acha ao contrário, pois há casos em que você sabe a resposta, mas não sabe expor o raciocínio para chegar nela, portanto você acerta a resposta da

	questão e a professora dá errado. As alunas AF1 e AF2 dizem colocar na prova que a professora aplica qualquer conta sem sentido, apenas para que ela tome como certa a resposta.
GA5.14	Os depoentes do grupo GA5 afirmam que as provas dadas pela professora são parecidas com o Saresp, já que ela aplica uma prova com algumas questões de alternativas, de Saresps antigos, além de não poder conversar e nem consultar material. Porém, relatam que na prova bimestral são abordados apenas os conteúdos trabalhados no bimestre, e no Saresp são abordados de outros anos também. Já a depoente AF6 relata que o Saresp não foi parecido com as provas que o professor aplica, pois no Saresp são abordados também conteúdos de 9º ano, e, em sua sala, foi passado apenas conteúdos de 6º ao 8º ano.
GA6.14	Os depoentes do grupo GA6 consideram a prova do Saresp mais difícil que a prova que fazem em sala de aula, pois no Saresp: as contas são muito grandes para resolver uma questão; não tem como tirar dúvidas com o professor; não são cobrados tantos gráficos.
GA6.15	Os depoentes do grupo GA6 afirmam que as provas do Saresp não são parecidas com as provas que fazem em sala de aula, pois as provas em classe são feitas sobre a matéria que está sendo aprendida e a do Saresp cobra coisas que eles devem lembrar.
GA7.12	Os depoentes do grupo GA7 afirmam que a prova feita na sala de aula é mais fácil que a prova do Saresp, pois na primeira eles aprendem o conteúdo e já fazem a prova, já no Saresp são cobrados conteúdos que aprenderam já há algum tempo e que podem ter esquecido.
GA9.8	A depoente AM1 afirma que na prova que o professor passa na sala de aula são cobrados conteúdos que ele ministrou durante o bimestre, já no Saresp são abordados outros assuntos, mesmo dentro da Matemática.
GA10.8	Os depoentes do grupo GA10 afirmam que a prova que o professor de Matemática aplica em sala de aula precisa mostrar o raciocínio usado para chegar em determinado resultado e a do Saresp não. Afirmam que a prova do Saresp é mais fácil, pois inclui questões de séries anteriores, não só do 3º ano. Além disso, relatam que a prova que o professor aplica em sala de aula aborda aspectos mais técnicos e complexos que a do Saresp.
GA11.16	Os depoentes AM5 e AM6 afirmam que na prova em sala de aula, o professor dá uma explicação da matéria que será cobrada, dá dicas, fornece fórmulas. Já no Saresp, não há explicação do professor, as questões são colocadas em forma de resolução de problema e os alunos podem esquecer algo que já aprenderam, não conseguindo resolver a questão. Porém, o depoente AM5 afirma que tudo que foi cobrado no Saresp, o professor havia ministrado.
GA12.21	Os depoentes AM7, AM8 e AM9 afirmam que bastante conteúdo que caiu no Saresp eles viram este ano ou o ano passado com o professor de Matemática. Relatam que a prova que o professor aplica em sala de aula é bem parecida com a do Saresp, porém mais difícil, pois na do professor deve-se mostrar o raciocínio que levou para chegar ao resultado. Então, dependendo de onde o aluno errou, o professor ainda assim, pode pontuar a questão com alguma nota e explicar o erro.

Fonte: Dados organizados pela autora.

**Quadro 24** – Funcionamento da escola; progressão continuada, recuperação

1R.7	Funcionamento da escola; progressão continuada, recuperação
SP1.17	O depoente SP1 afirma que o ensino atualmente está muito aquém do esperado, já que os professores não têm autonomia para fazer nada e não podem punir os alunos de nenhuma forma. Atribui essa falta de autonomia ao fato de que os alunos estão exercendo um grande controle sobre a equipe escolar.
SP1.19	O sujeito SP1 afirma que devido à progressão continuada, não se avalia o aluno da maneira como ele deveria ser avaliado. Diz que se o aluno apenas frequenta as aulas, mas não participa, o professor tem que dar uma nota. Comenta que é dever do aluno frequentar as aulas, sendo um despropósito atribuir uma nota a um aluno que fez somente isso.
SP1.21	O depoente SP1 diz conhecer o projeto da progressão continuada, afirmando que é muito bonito, porém que a escola não possui estrutura para desenvolver o projeto. Afirma que a formação de professores não contempla o trabalho no formato da progressão continuada. Acredita que uma falha no projeto é não poder reprovar o aluno ao final do ano letivo, pois o sujeito é a favor da metodologia de ensino baseada em livro didático, exercícios e provas. Se o aluno não atingir o conhecimento para ser aprovado para o próximo período, deve ser reprovado.
SP1.24	O depoente SP1 afirma que a maioria dos alunos não comparece à recuperação, justificando que eles não frequentam porque não querem.
SP1.25	O sujeito professor SP1 oferece atividades diferentes das que está trabalhando em sala de aula regular, para as turmas de recuperação.
SP1.26	O professor SP1 conta que ministrou aulas de recuperação de Matemática para o Ensino Médio durante o ano de 2010. Fala que nenhum aluno do noturno frequentava, quando a recuperação era em período contrário, dessa maneira, na escola, elaboraram um plano em conjunto com o professor da série regular, e as aulas de recuperação eram no mesmo horário das aulas regulares. Assim, os alunos que estavam de recuperação poderiam sair da aula regular para ir para a recuperação. Diz que suas aulas não significavam nada para os alunos, que nem sempre vinham os mesmos alunos, tendo assim que repetir conteúdos já dados, devido a essa rotatividade dos alunos e percebia também que eles saíam da aula do outro professor, só para estar num local diferente naquele dia, sem preocupações com sanar as dificuldades. A situação muda um pouco quando conta que ministrou aulas de recuperação para alunos do período diurno, classe na qual ele também era professor regular. Disse que usava estratégias, táticas para fazer com que esses alunos viessem às aulas da tarde. Conta que nessa turma a recuperação funcionou, mas nas do noturno conseguiu poucos resultados positivos.
SP1.27	SP1 diz que pode-se reprovar alunos no Ensino Médio.
SP1.28	O depoente SP1 afirma que a escola não se organiza para que não se reprovem os alunos, porém só são reprovados os alunos que não fizeram nada durante todo o ano letivo. Disse que em 2010, nos primeiros anos do Ensino Médio, tiveram bastante alunos reprovados.
SP1.29	O sujeito SP1 diz que existem alunos na escola que não fazem nada relativo aos estudos e estragam a escola, destruindo-a fisicamente. Esses alunos reprovaram. Mas questiona se é necessário destruir a escola para que o aluno reprove. Defende que a escola não deve ser obrigatória, já que há pessoas

	que não gostam ou não veem sentido em frequentá-la. Conta que é usado como argumento para a escola obrigatória o fato de que alunos de Ensino Fundamental não sabem ainda o que querem da vida, por serem jovens. Porém, diz que se mesmo conversando com os pais, repetidas vezes, as atitudes desses alunos não mudam, não é só o motivo de o aluno ser novo, em idade.
SP1.33	O depoente SP1 diz que o aluno sabe que se mantiver um comportamento aceitável dentro da sala de aula, ele pode passar de ano, mesmo não tendo notas boas para isso, portanto não leva a sério as provas. Dessa maneira acha que não se deve usar a avaliação do comportamento do aluno para aprová-lo ou não, e sim a nota relativa ao conteúdo trabalhado.
SP2.15	A depoente SP2 não acha a proposta da progressão continuada ruim, porém diz que no cotidiano escolar não está funcionando. Questiona se é melhor aprovar os alunos sem que eles saibam os conteúdos, se depois esse aluno será retido ao fim do ciclo. Conta que na 8ª série tem que voltar a ensinar conteúdos de séries anteriores, o que não acontece na escola particular que ela leciona, já que lá não existe a progressão continuada. Assim, diz que na escola particular ela ministra toda a proposta de conteúdo da escola, mas na escola estadual nem sempre consegue.
SP2.20	A depoente SP2 conta que na escola tem aulas de recuperação de Matemática e Português, realizadas em período contrário ao que o aluno tem aulas regulares. Diz que foi contratado um professor no início do ano para ministrar essas aulas.
SP2.21	A professora SP2 afirma que a recuperação deu bom resultado com alguns alunos, que levaram a sério e que frequentaram as aulas. Conta que mesmo com os pais se responsabilizando em trazer o aluno à escola para as aulas de recuperação e a escola oferecendo almoço para alunos que não podem ir embora e voltar, tem aqueles que não frequentam.
SP3.25	O depoente SP3 afirma que teve alguns alunos que participaram da recuperação, porém que essa participação foi mínima. Diz que os alunos deveriam frequentar no período contrário ao que estudam, mas os do noturno em geral não podem, pois trabalham durante o dia. Assim, a escola encontrou uma solução, que foi trabalhar junto o professor regular e o professor da recuperação, em algumas aulas, com conteúdos diferentes. Conta que se fossem rigorosos, o número de alunos que deveria participar da recuperação seria de metade dos alunos. Os conteúdos vistos em recuperação para o terceiro ano do Ensino Médio eram de conceitos fundamentais da Matemática, como regras de sinais e teorema de Pitágoras. Disse que o professor de recuperação ficou de licença saúde por um bom tempo. Conclui que o funcionamento da recuperação foi mínimo perto da defasagem dos alunos.
SP3.26	O depoente SP3 é contra a progressão continuada da forma que ela foi imposta, pois diz que a escola hoje entrega diplomas sem que o aluno tenha o conhecimento. Também diz ser contra a progressão, pois os alunos não se sentem instigados a estudar. Afirma que não seria contra a progressão continuada se trabalhasse com turmas pequenas e ficasse mais tempo na escola, para que pudesse fazer um trabalho individualizado com os alunos. Diz que seria igualmente importante o professor lecionar na mesma escola no ano seguinte, para assim já conhecer o desenvolvimento dos alunos e poder sanar as dificuldades.

SP4.2	A depoente SP4 acha que os alunos deveriam ser cobrados para que aprendessem, pois acredita que na progressão continuada não importa se os alunos sabem ou não. Acha que se os alunos se envolvessem com o aprendizado, o Saresp seria apropriado para medir o conhecimento que o aluno adquiriu.
SP4.11	A depoente SP4 diz que falta compromisso do aluno com aprendizagem, pois eles são capazes de aprender. Acredita que a falta de cobrança de notas é o maior problema da escola atualmente, o que causa a falta de interesse do aluno, já que se ele tirar qualquer nota não fará diferença. Diz que o aluno em Matemática tem que buscar o que já aprendeu e que se esbarra em alunos que não conseguem fazer multiplicação corretamente. Atribui importância à família, dizendo que têm pais que se preocupam e têm pais que não sabem o que está sendo feito na escola. Diz também que quando os pais trabalham em lugares que não exigem muitos anos de estudos escolares, os alunos acham que basta conseguir o que os pais conseguiram, não dando importância ao estudo escolar.
SP4.12	A depoente SP4 acredita que precisaria existir maior cobrança de conteúdos, dos alunos, não se devendo passar o aluno apenas por estar presente em sala de aula, como acontece na progressão continuada. Afirma que os alunos não conseguem o aprendizado por falta de comprometimento e não falta de capacidade.
SP6.26	A depoente SP6 diz que quem leciona há muito tempo se incomoda com a situação atual, em que os alunos são promovidos facilmente e não possuem aspirações para o futuro relacionadas com o estudo escolar. Diz que fala para os alunos estudarem para trabalhar num banco ou concorrer num concurso público, mas que alguns falam que serão traficantes. Conta que assim os professores vão perdendo o entusiasmo em lecionar, mas que acha que já fez a parte dela, pois encontra ex-alunos que estão vivendo bem.
SP7.9	A depoente SP7 diz que os alunos não se interessam pelo Saresp, pois com a progressão continuada foi se perdendo a importância da avaliação. Diz que a progressão colaborou para que muitos professores não fizessem mais prova, por não ter mais sentido, já que os alunos seriam promovidos. Vê esse sistema como atual, bom, mas diz que não soube se trabalhar bem e as provas deixaram de ser rotina numa escola, o que vê como ruim para a educação. Conta que no Ensino Médio volta-se a ter prova, pois se pode reprovar os alunos, porém daí os alunos não estão acostumados a estudar, acham que não precisa. Afirma que então, quando chega uma avaliação externa, o aluno não se preocupa, e questiona se vai ser reprovado ou vai interferir na sua vida escolar.
SP7.23	A depoente SP7 diz que têm aulas de recuperação paralela para o Ensino Médio, mas que não funciona, pois os alunos não comparecem. Fala que no começo do ano, quando eles tiram uma nota baixa, eles querem, mas quando são chamados para vir nas turmas de recuperação, eles não vêm. Afirma que na teoria é tudo bonito, mas que na prática é difícil de acontecer.
SP7.31	A professora SP7 diz que na escola estão tentando melhorar, mas que com os alunos que estão no sistema de progressão continuada, se consegue pouco. Acha que tem que se cobrar mais dos alunos, e não deixá-los à vontade, para que se tenha os resultados que se espera.
SPC1.6	A depoente SPC1 afirma que no Ensino Médio não tem a ver o fato da existência da progressão continuada com a inexistência de provas, pois no

	Ensino Médio não existe a progressão. Porém diz que concorda que no Ensino Fundamental, a progressão continuada é uma progressão automática, ou seja, uma promoção que necessariamente se realiza. Complementa dizendo que como coordenadora ela não poderia falar isso.
SPC1.7	A depoente SPC1 diz que na ata das reuniões do Conselho de Classe e Série realizadas no final do ano letivo, até um tempo atrás, todos os alunos da 5ª, 6ª e 7ª série, com frequência, eram promovidos. Agora, por indicação de uma supervisora de ensino, para aqueles alunos que não têm notas suficientes para serem aprovados, é escrito “promovido pela progressão continuada”. Acha que assim quem está promovendo não é a escola, e sim o sistema e que isso modificou algo, pois o aluno vê que foi promovido pela progressão continuada e não com a concordância da escola. Conta que tem mãe de aluno que vai à escola e pede para o filho não passar de ano, mas não tem como a escola reter um aluno.
SPC1.31	SPC1 conta que quando entrou a secretária da educação Maria Helena Guimarães de Castro, queria colocar reprovação na 2ª e 6ª série, mas não colocou. Diz que se olharmos a planilha com as notas dos alunos iremos nos assustar.
SPC2.12	A depoente SPC2 diz que os alunos falam que frequentam a escola porque são obrigados. Ela não sabe o motivo da falta de interesse, mas acha que pode ser a educação familiar, pois os pais ficam fora de casa o tempo todo trabalhando ou talvez seja o excesso de informações atualmente disponíveis, o que faz com que os alunos fiquem desorientados, inclusive com relação a fazer um curso superior.
SPC2.19	A depoente SPC2 comenta que o governo disse que vai dar dinheiro para os alunos que participarem das atividades de recuperação paralela na escola. Diz que não concorda, pois os alunos não fazem a recuperação com vontade na escola de tempo integral, e no Ensino Médio eles não comparecem a essas aulas, portanto o resultado da recuperação não é bom.
SPC2.22	A depoente SPC2 diz que atualmente o governo fornece todos os materiais para os alunos, incluindo os livros e o material relativo à nova proposta curricular. Afirma que os alunos não valorizam esses materiais, muitas vezes os jogando fora. Acredita que o pensamento é facilitar o aprendizado, porém os alunos não têm vontade e que enquanto eles não quiserem ir para a escola para aprender não vai mudar nada. Acha que a escola não é para todos, é para quem quer estudar. Porém diz que não sabe se isso prejudicaria ou beneficiaria, pois se o aluno não ficar na escola ele tanto pode ficar na rua, como também pode ir trabalhar e até depois sentir necessidade de voltar a estudar.
SPC3.8	A depoente SPC3 afirma que não há apoio de especialistas para trabalhar com alunos que possuem necessidades educacionais especiais. Quem faz esse trabalho é a própria escola. A depoente, enquanto coordenadora, trabalha a formação contínua do professor reunindo materiais e informações sobre como trabalhar essas dificuldades dos alunos.
SPC3.32	A depoente SPC3 acha que a progressão continuada é um mal necessário, pois no mundo contemporâneo as transformações são muito rápidas e um ano revendo as mesmas coisas implicaria em muita perda para os alunos. Além disso, é necessária quando se pensa nas diferenças de aprendizagem e nas necessidades educacionais especiais, pois senão haveria alunos que ainda estariam na 5ª série. Então, se o aluno não aprendeu em um ano, faz-se um



	plano de ação para recuperar esse aluno. Porém, diz que a escola precisaria contar com apoio de profissionais especializados para auxiliar o cotidiano do professor em sala de aula. Com mais profissionais do que se tem hoje, que é só a recuperação de Matemática e Português e com maior carga horária, senão os alunos chegam na 8ª série sem o aprendizado adequado, como está acontecendo.
SPC3.33	A depoente SPC3 acha que se tivesse apoio de profissionais especializados como fonoaudiólogos, psicopedagogos, psicólogos e mesmo assim os alunos não conseguissem aprender, ela ficaria tranquila, pois teria certeza de que fez o possível. Ela conta que a prefeitura oferece apoio psicopedagógico, porém a fila é de dois anos e só atende até os 16 anos, assim os alunos ficam numa situação difícil, sem apoio durante muito tempo. Além disso, diz que quem tem que diagnosticar se o aluno tem necessidades educacionais especiais é a própria escola, embora não sejam profissionais. Então, conta que se demorava para diagnosticar, mas atualmente, com muito estudo, já se consegue fazer isso mais rapidamente.
SPC3.34	A depoente SPC3 diz que vê a progressão continuada como um meio de tornar a trajetória das crianças na escola menos difícil. Afirma que essas crianças são os abandonados socialmente. Conta que a única preocupação dos alunos e dos pais é passar de ano, não importando se aprendeu ou não.
SPC4.33	O depoente SPC4 diz que o projeto da progressão continuada é perfeito, mas que no Brasil as pessoas não compreendem que o aluno deve ir para a escola para estudar. Acha que deve haver uma divulgação na mídia e uma mobilização da sociedade como um todo, para que perceba a importância da criança ir para a escola para estudar, pois acha que todos devem participar da educação de um país.
SPC4.34	O depoente SPC4 afirma que não adianta se pegar modelos de outros países, como a progressão continuada, se não se tem a estrutura para que ele funcione. Ele fala que é um projeto praticamente dos Estados Unidos da América, porém lá eles têm essa estrutura, com funcionário inclusive para verificar o aluno que não compareceu à escola e telefonar para a casa dele para saber o motivo, o que no Brasil é feito pelo coordenador pedagógico. Além disso, diz que as pessoas dos EUA percebem a importância de estudar, e se não estudarem são obrigados a frequentar a recuperação em período contrário ao que se tem aulas. No Brasil não é obrigatória essa recuperação, e também não se tem meios para cobrar a presença do aluno.
SPC4.35	O depoente SPC4 conta que teve recuperação paralela na escola, durante o ano todo, mas que não funcionou do jeito que a lei determina. Fala que fingem que fazem uma coisa no papel, mas na verdade estão fazendo outra. Diz que do Ensino Médio só teve uma turma que vinha depois do horário, nas outras o professor da recuperação ficava junto com o professor da sala, e uma vez por semana tirava alguns alunos para tirar dúvidas.
SD1.33	A depoente SD1 acha que do modo como as coisas estão sendo feitas a educação não irá valorizar. Diz que a educação não está em primeiro lugar nem para os pais dos alunos, que acham importante somente o filho frequentar a escola, para que recebam o Bolsa Família. Acha que o Bolsa Família deveria estar atrelado à nota do aluno e não à presença, assim se obrigaria os alunos a estudar e poderia ser que melhorasse a situação do ensino. Diz que o Saresp poderia ser aplicado em todas as séries e com base nessas notas, os pais receberiam ou não o Bolsa Família. Conta que os alunos

	sabem que serão aprovados de uma série para outra apenas se frequentarem a escola, portanto tem aluno que não leva material, que não quer participar de nenhuma atividade e a escola não tem o que fazer. Diz que já aconteceu de pais de alunos irem à escola pedir para tirar algumas faltas de aluno, para que recebessem a Bolsa, mas que a escola não pode fazer isso.
SD1.35	A depoente SD1 diz que no Japão os alunos gostam de ir para a escola de tempo integral, já no Brasil tem que se fazer um esforço. Acha que tem que mudar o funcionamento desse tipo de escola, fazendo oficinas optativas e não obrigatórias, com aulas de natação, música, pintura, profissionalizantes e de reforço das disciplinas, onde o aluno escolheria as que gosta.
SD1.36	A depoente SD1 explica que de 5ª a 8ª série não se tem turmas de recuperação, pois os alunos já ficam na escola das 7 da manhã até as 16 horas, então o reforço de Matemática e Português é feito nas oficinas de Experiências de Matemática e de Hora da Leitura, respectivamente, no período da tarde. Porém, diz que o trabalho é diferente de uma recuperação, pois nessas oficinas a classe toda está presente, não só os alunos com dificuldades. No Ensino Médio, os alunos da manhã ficam para ter aulas de reforço no período da tarde. Saem às 12:20 horas, almoçam a merenda escolar, financiada pelo Estado e prefeitura, e têm aulas das 13 às 15 horas. Para o Ensino Médio noturno, o reforço é feito na pré-aula, das 17 as 19 horas, porém os alunos do noturno trabalham e não frequentam a recuperação, portanto a turma teve que ser fechada.
SD1.37	A depoente SD1 diz que teve dificuldade para encontrar um professor para as turmas de recuperação do Ensino Médio. Depois que a turma começou a funcionar, tiveram pouco tempo, mas deu resultado, não muito bom, para o Ensino Médio da manhã. Para o Ensino Médio noturno, a turma foi fechada, pois o professor ia à escola, porém os alunos não iam, já que trabalham o dia todo e não tinham tempo.
SD2.6	A depoente SD2 diz que a recuperação paralela não funciona de maneira satisfatória, pois é feita em período diferente daquele no qual o aluno tem as aulas regularmente, assim os alunos de 7ª, 8ª e Ensino Médio não frequentam, já que fazem cursos ou trabalham. Assim, a recuperação acaba sendo simulada.
SD2.18	A depoente SD2 traz à tona a questão de alunos que chegam à escola com sérias deficiências de aprendizagem, vindas do ciclo de ensino anterior, ou seja, do 1º ao 5º ano. Aponta que, em tais casos, a escola não consegue realizar algo fora das leis naturais, fora do comum.
SD2.22	A diretora SD2 relata que há alunos que não possuem necessidades educacionais especiais, mas precisam de um reforço para auxiliar na aprendizagem. Afirmo que esse reforço é oferecido, mas não funciona, pois é realizado em período oposto ao das aulas regulares e a maioria dos alunos não comparece por diversos motivos: moram longe, cuidam da casa, trabalham, fazem cursos, não têm interesse.
SD2.23	A depoente SD2 acha que os alunos não têm interesse em participar da recuperação paralela, pois serão aprovados para a próxima série de qualquer maneira. Dessa forma, apenas os alunos com um ponto de vista mais amplo, que se interessam pela aprendizagem, que gostariam de fazer um curso superior é que se dedicam aos estudos.
SD2.41	A diretora SD2 acredita que para que a recuperação paralela funcione deve haver uma nova estruturação na carreira do magistério, diminuindo a

	quantidade de horas que o professor passa em sala de aula e permitindo que o professor tenha horários, que façam parte de sua carga horária, em que ele mesmo recupere seus alunos.
SD2.57	A depoente SD2 afirma que o sistema de progressão continuada foi imposto como obrigatório pelos órgãos centrais da Secretaria de Educação da maneira errada e os professores nunca aceitaram. Afirma que não houve uma preparação dos professores com esclarecimentos acerca do funcionamento desse novo sistema e que os pais e professores não entenderam. Além disso, afirma que para que esse sistema funcione é preciso de uma estrutura diferente da atual na escola para que funcione corretamente. Conclui que o que ocorreu na prática foi o que a Secretaria desejava, ou seja, a correção do fluxo de aluno entre as séries, tendo sido entendida como uma promoção automática. Relata que os professores abandonaram o discurso de que o aluno tem que aprender por aprender, que ele tem que sair da escola sabendo os conteúdos, pois isso não funciona.
GA1.23	Os alunos do grupo GA1 afirmam que para reprovar em anos que não o 5º e o 9º é muito difícil. BF1 afirma que no 8º ano teve 16 notas abaixo daquelas consideradas adequadas e foi aprovada normalmente. BF2 conta que reprovou o 5º e o 9º, portanto está cursando o 9º pela segunda vez.
GA1.24	Os alunos do grupo GA1 não concordam com a política do Estado de ser muito difícil a reprovação de um aluno. Açam que os alunos deveriam ser reprovados por série, quando tivessem um grande número de notas inadequadas, pois senão vão carregando dificuldades que não conseguem ser sanadas no 9º ano, onde então pode ocorrer a reprovação. O aluno BF2 afirma que deveria ter sido retido no 8º ano, pois teve muitas notas inadequadas, porém foi deixado em um período de recuperação e depois foi aprovado. A depoente BF1 afirma que os professores cobram pré-requisitos dos alunos, mas que ela não tem esse pré-requisito, pois quando ele foi ministrado ela não atingiu o rendimento adequado e não foi reprovada. Afirma que está tendo muita dificuldade de aprendizado no 9º ano.
GA1.35	A aluna BF3 acredita que o processo de recuperação deve ser feito o ano todo, pois se o aluno não está entendendo a matéria, deve recuperar desde o começo, e não só no final do ano. Afirma que em Matemática não pode decorar, deve aprender, senão na hora da prova não consegue fazer as questões.
GA1.36	Os alunos do grupo GA1 dizem que no 9º ano não tem recuperação no final do ano. A depoente BF1 não concorda com esse fato e afirma que assim como o Saresp, deveria haver reforço para todas as séries, pois assim os alunos seriam ajudados. A depoente relata que há professores que humilham os alunos, dizem que seus trabalhos são de qualidade inferior e que eles vão ser retidos ao final do ano.
GA1.38	Os alunos do grupo GA1 ficam em dúvida quanto à existência de reforço no final do ano para o 9º ano, porém concordam que em 2010 não teve. Afirmam que no 7º ano fizeram Saresp e tiveram reforço, que funcionava assim: quem foi promovido em tempo regular era dispensado e quem não tinha sido promovido ainda, tinha mais uma semana de recuperação.
GA2.31	Os depoentes do grupo GA2 contam que no 6º ano usavam livro didático e que no início do 7º ano veio um caderno em formato de jornal para um período de recuperação intensiva, referente à Proposta Curricular, e depois vieram os cadernos do aluno. Relatam que o jornal era muito grande e difícil

	de colocar sobre a carteira. Além disso, os alunos representantes de classe tinham que ir buscar diariamente o material em uma sala, sendo entregue pelo inspetor de alunos, o que tomava muito tempo, aproximadamente metade da aula.
GA2.41	A depoente BF5 critica a questão de os alunos serem aprovados sem que tenham aprendido, pois observa que as matérias são cumulativas ao longo dos anos, portanto se um aluno chegar no 9º ano sem ter aprendido o conteúdo das outras séries não terá como reaproveitar o que passou. Fornece um exemplo de pais que foram à escola pedir para que o aluno fosse retido no 5º ano, pois se eles não fossem, o aluno seria aprovado automaticamente. Dessa forma, o aluno cursou o 5º ano novamente e aprendeu um pouco. Acha que todos os pais deveriam ser pacientes e fazer o mesmo.
GA2.63	O depoente BF4 relata que o objetivo do governo ao implantar a escola em tempo integral era que fosse igual outros países em que os alunos entram às 7:00 h e saem às 16:00 h, porém afirma que não conseguiram, portanto a escola em tempo integral está prevista para acabar em 2011, por opção dos pais e dos alunos.
GA2.64	Os depoentes do grupo GA2 relatam que a escola em tempo integral tem aspectos positivos e negativos. Os positivos são que: o aluno tem a possibilidade de aprender o que não aprendeu nas disciplinas regulares, já que alguns professores fazem revisões do conteúdo abordado; almoço servido é de boa qualidade; professores são de boa qualidade; bom para quem não tem condição financeira de pagar um curso de inglês, espanhol, música, dança, teatro, informática, por exemplo, que são oferecidos à tarde. Os negativos são que: é muito cansativo ficar das 7h às 15h30min na escola, principalmente depois do almoço, alunos não dão valor, não têm interesse, pois acham que não estão pagando por esses cursos, porém esquecem que é dinheiro do imposto que os pais pagam para o governo.
GA3.13	Os depoentes do grupo GA3 criticam o fato de terem sido promovidos desde o 6º ano mesmo com muitas notas vermelhas (abaixo da média indicada para ser promovido), apenas frequentando as aulas. Afirmam que deveriam ser retidos e terem períodos de recuperação para que levassem a sério a escola. Relatam que os alunos reprovam no 9º ano, pois não aprenderam quase nada nos 6º, 7º e 8º.
GA4.31	Os alunos do grupo GA4 afirmam que até o 8º ano somente eram reprovados por excesso de ausências na escola, porém no 9º ano foi falado que poderiam ser retidos por nota e por falta. O depoente AF4 acha o fato de se aprovar um aluno sem que ele tenha aprendido o esperado um absurdo. As demais depoentes acham que a aprovação automática tem um lado bom, pois você pode ser aprovado e aprender no ano seguinte, conforme exemplo da AF1, que relata que era pouco inteligente no 6º ano, mas recuperou no 7º, com o jornal para um período de recuperação intensiva, referente à Proposta Curricular. Porém, relata que há alunos na sala dela que não sabem ler direito, e esses alunos não deveriam ser promovidos. A depoente AF3 afirma que um aspecto negativo da promoção automática é que vão se acumulando dificuldades.
GA4.32	O depoente AF4 não vê nada de bom na aprovação automática. Cita seu próprio exemplo, que não se dedicava aos estudos e nem às provas até o 8º

	<p>ano, além de proceder de modo indevido, mas que agora no 9º ano, levando-se em conta que pode reprovar por nota e que tem que prestar provas para cursos técnicos, ele se dedica mais. Portanto, acha que deveria aprender para ser promovido.</p> <p>A depoente AF3 diz que na sala de aula era muita bagunça, mas depois das férias de julho o pessoal está mais quieto. Já as depoentes AF1 e AF2 afirmam que a sala em que elas estudam continua uma bagunça.</p>
GA5.10	Os alunos do grupo GA5 afirmam que antes do 9º ano não podiam ser reprovados, apenas por excesso de ausências ou se fosse muito mau aluno. O depoente AF8 relata o caso de um aluno que estudou com ele no 7º ano e que apenas um professor conseguia tratar com ele, pois brigava e o colocava para fora da sala de aula, já na aula dos demais era impossível. Dessa forma, havia professores que queriam que ele fosse promovido para não ficarem com essa responsabilidade, mas ele acabou sendo retido.
GA5.36	O depoente GA5 afirma que, graças à aprovação automática criada pelo governo do Estado, os alunos completam rapidamente o 3º ano do Ensino Médio, chegando, inclusive, alunos analfabetos funcionais para fazer vestibular e Enem. Relata que os professores não podem falar para os alunos que se eles não melhorarem serão reprovados, pois é sabido que todos serão promovidos para o próximo ano letivo.
GA5.48	A depoente AF7 acha que talvez fosse interessante os alunos passarem por uma prova para conseguir uma vaga na escola, pois existem muitas pessoas que estão dentro da escola e não se interessam e outras que estão fora e gostariam de entrar. Relata que alguns alunos frequentam a escola apenas porque os pais mandam, por obrigação, pela Bolsa Família ou pela merenda.
GA9.16	A depoente AM1 afirma que é muito difícil reprovar alguém no Ensino Médio, os alunos são reprovados apenas em situações muito graves, pois mesmo reprovando em mais de três matérias e possuindo muitas faltas o aluno ainda vai para o Conselho e pode ser aprovado.
GA9.17	A depoente AM1 acha errado quase não reprovarem alunos, ela acha que se um aluno da escola A for prestar um vestibular em uma Universidade concorrida dificilmente ele passará, mesmo que estude e faça cursinho. Acha que deveria ser dada mais atenção para a educação desde o 6º ano.

Fonte: Dados organizados pela autora.

### Quadro 25 – “Conteúdos” das avaliações.

1R.8	“Conteúdos” das avaliações.
SP2.4	A depoente SP2 afirma que antes de receber o material do aluno e do professor, referente à nova proposta curricular do Estado de São Paulo, ela trabalhava com os alunos os conteúdos referentes ao currículo do Estado. Conclui que o conteúdo que era cobrado na prova do Saresp coincidia mais com o que ela abordava anteriormente do que depois da vinda desses materiais.
SP2.5	A depoente SP2 afirma que o material da proposta curricular não detalha bem os conteúdos abordados, não possui uma sequência que facilite o ensino e a aprendizagem. Portanto, a professora não trabalha somente com esse material, mas também com um livro didático que utiliza o método de resolução de problemas. Afirma também que os alunos, após realizarem a prova do Saresp, são

	unânimes em dizer que o conteúdo abordado nas provas se assemelha ao conteúdo do livro didático. Diz que a prova do Saresp privilegia os conteúdos, enquanto o caderninho se preocupa mais com a didática.
SP4.1	A depoente SP4 diz trabalhar com os alunos os conteúdos que acha importante em relação ao ano de estudo e afirma que o Saresp cobra esse conteúdo.
SP4.8	A depoente SP4 acha que o conteúdo cobrado no Saresp é basicamente o mesmo trabalhado em sala de aula. Afirma que como o Saresp vem se estabelecendo há tempos, procura também trabalhar com o que vem sendo pedido.
SP4.21	A depoente SP4 diz que nas provas do Saresp deveriam ser abordados menos os conteúdos do último bimestre da série avaliada, pois em geral não se tem tempo de ministrar esse conteúdo aos alunos, já que se deve seguir o ritmo de aprendizado da sala. Cita como exemplo o fato de não tido tempo para ensinar aos alunos do nono ano os conteúdos da proposta curricular do quarto bimestre, então na escola em que trabalha, no ano seguinte, no planejamento das atividades, o professor que lecionar para o 1º ano, começará com esse conteúdo, para que os alunos não sejam prejudicados.
SP5.8	O depoente SP5 acha que o Saresp é importante enquanto traz melhorias para a escola. Porém acredita que não é uma avaliação que apresenta exatidão, já que não corresponde àquilo que o aluno aprende na escola. Diz que ouviu professores de Matemática reclamarem que o conteúdo que eles ministraram aos alunos, relativo ao material do novo Currículo, não correspondeu ao que foi abordado pela avaliação do Saresp.
SP6.10	A professora SP6 diz que na prova de Matemática do Saresp tinha geometria e fração, conteúdos que são trabalhados no material enviado pelo governo relativo à nova proposta curricular, portanto a prova estava de acordo com a realidade escolar.
SPC3.14	A depoente SPC3 diz que viu a prova do Saresp, pois sempre pede autorização ao fiscal para analisar rapidamente as provas. Conta que a prova foi bastante focada nos conteúdos e não em habilidades, que é como se trabalha na escola. Vê uma divergência entre o que foi trabalhado e o que foi pedido, por exemplo, nas 8 <sup>as</sup> séries, em que se trabalha com artigo de opinião e no Saresp não foi cobrado esse gênero textual.
SPC3.16	A depoente SPC3 diz que no Saresp foram cobrados conteúdos referentes ao quarto bimestre da 8ª série, que ainda não haviam sido trabalhados no caderno do aluno, do Currículo do Estado. Afirma que se o professor não tivesse experiência suficiente para ministrar conteúdos importantes, mesmo que eles não estivessem no material enviado, os alunos não teriam esse conhecimento. Diz que há uma discussão, pois a Secretaria da Educação exige que se siga o material enviado, porém esse material não subsidia a prova do Saresp, então se tem que acrescentar conteúdos por meio do livro didático a todo o momento e não só usar o livro como suporte. Conta que trabalha focando na aprendizagem do aluno, nos conteúdos que são importantes na vida escolar e não somente visando ao Saresp, que vê como um indicador de desempenho.
SPC3.17	A depoente SPC3 diz que o comprometimento dos alunos está a cada ano mais complicado, pois os alunos querem o resultado instantâneo das atividades que faz, quer que as coisas tenham uso imediato. Assim, quando o Saresp cobra conteúdos que não estavam no material enviado pelo governo,

	os alunos questionam o porquê de aprender tal conteúdo (do material) se não será cobrado no Saresp. Diz que os alunos não vêm a aprendizagem como prioridade em suas vidas. Conta que tem que conversar com os alunos sobre a importância do Saresp, fazer a preparação deles, e assim com todo esse trabalho diz que teve quase 100% de presença, o que não garante 100% de comprometimento.
SPC4.13	O depoente SPC4 afirma que a elaboração daquele caderno de questões que viu estava boa. Porém, afirma que o que estava sendo cobrado na prova não era o mesmo que é trabalhado no material enviado pelo governo, e sim o mesmo que o professor trabalha em sala de aula. Fala que o professor nem sempre trabalha esse material, por não estar de acordo com a realidade, não tendo como trabalhá-lo em certas situações. Inclusive, conta que a escola está pedindo a reformulação do material.
GA1.17	Os alunos do grupo GA1 relatam que as questões do Saresp são relacionadas com o conteúdo abordado no caderno do aluno referente ao currículo do Estado. Contam que não foi ministrado o conteúdo do 4º bimestre relativo a tal Currículo, mas foi cobrado bastante sobre isso na prova.
GA1.33	Os depoentes do grupo GA1 acham que o Saresp deveria ser aplicado todo ano. BF1 acha que o governo não tem um pensamento amplo, já que está correndo riscos em relação aos resultados do Saresp. Dessa forma, sugere que sejam cautelosos quanto ao conteúdo cobrado, pois em 2010 eles não tiveram a matéria do 4º bimestre e ela foi cobrada no Saresp. Afirma que isso também acontece em relação às aulas e provas na escola.
GA2.24	A depoente BF5 afirma que muitos conteúdos cobrados no Saresp são assuntos que ela aprendeu há muito tempo e não se lembra. Caíram, também, conteúdos que ainda não tinham sido abordados, pois o material que o governo envia não chega no tempo certo, fazendo que o professor adie o começo de novos conteúdos.
GA2.30	A depoente do grupo GA2 afirma que tem um pouco de relação entre a prova do Saresp e o conteúdo abordado no material referente ao Currículo.
GA2.34	A depoente BF5 acha que o Saresp é como se fosse uma prova de um curso superior, mesmo não sabendo se há provas em tais cursos. Afirma que o que foi cobrado na prova era para ter sido ministrado em sala de aula, mas que às vezes não foram por motivos como: falta de competência de alguém ou falta de tempo. A aluna gostou de ter feito o Saresp e acha que as pessoas têm que levar essa prova mais a sério e não assinalar qualquer alternativa, pois o Saresp também representa dinheiro público. Porém, acha que deve ter mais clareza.
GA3.23	Os alunos do grupo GA3 afirmam que os professores usam o material referente ao Currículo do Estado e que havia questões parecidas entre a matéria abordada no material e o Saresp.
GA3.27	O depoente BF7 não concorda com o fato de os professores falarem para os alunos no dia seguinte ao Saresp que foram cobradas questões de 1º ano, de 6º ano e que o conteúdo havia ministrado, pois os alunos veem que as questões não são de tal série.
GA4.4	Os depoentes do grupo GA4 afirmam que a maioria das questões do Saresp eram referentes aos conteúdos abordados nos livros didáticos e não no Caderno do Aluno, material referente ao Currículo do Estado. Relatam que o material mais usado na escola é o Caderno do Aluno ou conteúdos ministrados pelos professores na lousa.

GA7.6	Os depoentes do grupo GA7 relatam que a prova de Matemática estava mais difícil, pois ficaram sem professor por um bom período em 2010. Afirmam, que não somente eles, mas em outras escolas também. No entanto, o depoente BM3 relata que foi cobrado conteúdo básico em Matemática, para verificar se os alunos sabiam ao menos aquilo, sendo que questões mais complicadas foram poucas.
GA10.6	O depoente AM4 acha que o Saresp de 2010 expressou o ensino que eles têm na escola de modo pleno, no sentido em que os alunos tiveram facilidade e conhecimento suficiente para responder às questões da prova.
GA10.19	O depoente AM3 não acha o Saresp importante, pois tudo que foi cobrado na prova, ele já tinha conhecimento, pois foram conteúdos ministrados até a 2ª série do Ensino Médio.
GA11.16	Os depoentes AM5 e AM6 afirmam que na prova em sala de aula, o professor dá uma explicação da matéria que será cobrada, dá dicas, fornece fórmulas. Já no Saresp, não há explicação do professor, as questões são colocadas em forma de resolução de problema e os alunos podem esquecer algo que já aprenderam, não conseguindo resolver a questão. Porém, o depoente AM5 afirma que tudo que foi cobrado no Saresp, o professor havia ministrado.
GA11.18	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que tudo que a professora de Português passou, foi cobrado no Saresp. De Matemática também, porém ele não fez revisão, apenas continuou ministrando o conteúdo normalmente.
GA11.26	Os depoentes afirmam que foi cobrada alguma coisa do Caderno do Aluno de Matemática no Saresp. Porém, os volumes 3 e 4 eles não sabem, pois não estão usando.
GA12.21	Os depoentes AM7, AM8 e AM9 afirmam que bastante conteúdo que caiu no Saresp eles viram este ano ou o ano passado com o professor de Matemática. Relatam que a prova que o professor aplica em sala de aula é bem parecida com a do Saresp, porém mais difícil, pois na do professor deve-se mostrar o raciocínio que levou para chegar ao resultado. Então, dependendo de onde o aluno errou, o professor ainda assim, pode pontuar a questão com alguma nota e explicar o erro.
GA12.29	Os depoentes do grupo GA12 afirmam que o professor de Matemática explicava o conteúdo do material referente ao Currículo do Estado de maneira diferente, sendo que disso que ele explicou caiu bastante coisa no Saresp.

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### Quadro 26 – Aplicação do Saresp (confiabilidade, aplicabilidade).

1R.9	Aplicação do Saresp (confiabilidade, aplicabilidade).
SP1.6	SP1 aplicou o Saresp este ano de 2010.
SP2.6	A depoente SP2 não aplica o Saresp.
SP2.14	A professora SP2 acredita que o Saresp é uma prova bem aplicada. Comenta que nos anos anteriores, eram os trabalhadores da escola que aplicavam as provas, corrigiam e devolviam aos alunos, fazendo um trabalho cuidadoso.
SP3.12	O depoente SP3 não aplicou o Saresp este ano de 2010.
SP3.27	O sujeito SP3 diz não ter informação suficiente sobre a aplicação, para falar sobre a confiabilidade da prova do Saresp.
SP3.28	O sujeito SP3 diz que nunca participou da aplicação do Saresp, mas pelo que



	vê, é bem organizado e não sabe se há possibilidade de haver fraude, por exemplo o aplicador falar a resposta para os alunos. Conta que ouviu dizerem que o aluno tinha que marcar se a prova era de determinada cor, o que acredita pode ter causado confusão.
SP4.22	A depoente SP4 diz que os professores não têm acesso à prova do Saresp, tendo ela visto algumas provas entre as várias diferentes, pois participou da aplicação. Ela vê uma Saresp como uma coisa válida e diz que é possível trabalhar os conteúdos cobrados, que não é muito complicado.
SP4.25	A depoente SP4 diz que na escola em que trabalha e na escola em que aplicou o Saresp, a aplicação foi feita de forma correta. Afirma que não pode dizer se em todo lugar é assim e que ouve falar algumas coisas que não sabe se é verdade ou não.
SP4.26	A depoente SP4 diz que no dia seguinte ao Saresp leu no jornal que teve professor que fez as provas e passou as respostas corretas para os alunos. Diz que na escola em que trabalha, as pessoas se dedicam a realizar a aplicação de maneira séria. Questiona o que é analisar uma escola através do Saresp, se existem notícias como a que ela leu no jornal. Questiona também se as escolas que atingiram a meta de aumento do Idesp fizeram a prova com seriedade.
SP5.17	O depoente SP5 acha que o Saresp é uma avaliação séria, preparada por pessoas que estudaram para isso. Porém, só o Saresp não soluciona os problemas do ensino.
SP6.11	A depoente SP6 diz que a aplicação do Saresp na escola e região que ela está é séria, mas que ouviu boatos de que em alguns lugares não é, mas não sabe se é verdade.
SP6.12	A depoente SP6 diz que já ouviu boato de lugar em que passam as respostas corretas para os alunos. Diz que na escola em que trabalha essas coisas não acontecem, inclusive contou que no ano passado havia um erro em uma das questões e quem estava fiscalizando a aplicação na sala de aula pediu informações sobre o que fazer, mas não permitiu que funcionários da escola adentrassem à sala, mostrando a seriedade da aplicação. Diz também que a vice-diretora que escolheu os professores que foram aplicar em outra escola.
SP7.15	A depoente SP7 não participou da aplicação do Saresp em 2010.
SP7.34	A depoente SP7 acha a prova do Saresp bem elaborada. Diz que a aplicação melhorou, pois anteriormente ouvia dizer que o professor ajudava os alunos, porém atualmente os professores aplicam em outras escolas, não a que trabalham. Alerta que não sabe até que ponto isso funciona.
SPC2.7	A depoente SPC2 acha que a aplicação das provas do Saresp é confiável, pelo que sempre percebeu. Diz que com a troca de professores entre escolas para aplicar o Saresp não se tem mais dúvidas. Ela disse que escuta comentários de que não é, mas onde trabalha sempre levaram a sério, nunca ficaram sabendo das respostas corretas antes das provas.
SPC3.30	A depoente SPC3 acredita que a avaliação do Saresp é séria e que não ocorrem fraudes. Diz que o professor trabalha com valores morais e não quer ficar malvisto nesse sentido. Pensa que quando se têm professores de outras escolas como aplicadores, eles não conhecem os alunos, suas dificuldades, então não vão ajudá-los na hora da prova. Acha que é difícil para o professor que trabalhou com os alunos o ano todo, que valorizou cada avanço, vê-los se frustrando com uma prova muito difícil, então poderiam até querer ajudar. Diz que quando trabalham os simulados, têm a

	preocupação de orientar, de ensinar a resolver, para que eles não se frustrem no dia da prova.
SD1.28	A depoente SD1 diz que em 2010 e 2009 foram os dois anos em que os alunos se comprometeram mais com o Saresp. Conta que só não vieram fazer a prova aqueles alunos que já haviam desistido, portanto tiveram em torno de 97%, 98% de presença, inclusive foram buscar alunos para ir à prova. Diz que teve um aluno que foi fazer a prova com conjuntivite, então foi conversado com um fiscal do Saresp e colocaram o aluno numa sala sozinho para fazer a prova. Fala que no dia da aplicação do Saresp, além dos professores aplicadores que vêm de outras escolas, também se tem os fiscais e pais presentes na escola.
SD1.38	A depoente SD1 acha que não seria necessário que viessem professores de outras escolas para aplicar o Saresp, pois leva muito a sério o processo de avaliação e não inventaria um resultado. Diz que como chefe tem que arcar com a responsabilidade do que acontece na escola, e não permitiria que algo de errado acontecesse, pois sabe que a notícia sairia do âmbito da escola. Conta que nas escolas municipais foram os professores da própria escola que aplicaram, mas em salas que não lecionavam.
SD1.39	A depoente SD1 diz que em sua opinião o Saresp é muito sério. Fala que teme fazer algo errado e depois ser repreendida ou ter que responder a um processo judicial. Então procura fazer as coisas da maneira correta e cobra que as pessoas façam também. Diz que não gosta quando no papel está escrito uma coisa e na prática acontece outra, pois em algum momento a mentira é descoberta. Por isso não vê o porquê de seus próprios professores aplicarem o Saresp.
SD2.52	A depoente SD2 questiona o fato de haver fiscais, pois a escola nunca adulterou os dados da prova, já que é trabalhado no sentido de saber exatamente o resultado que viria, sem professor ensinando aluno.
SD2.53	A depoente SD2 afirma que a prova do Saresp é bem aplicada, porém não pode comentar sobre a prova em si por não ser especialista em nenhuma área do conhecimento.
GA1.10	Os alunos do grupo GA1 disseram não haver fiscal de prova dentro da sala, apenas no corredor da escola. Esses fiscais acompanhavam os alunos até o banheiro.
GA1.12	A aluna BF1 afirma que não era possível ver as outras provas, e elas eram diferentes. BF2 e BF3 afirmam que conseguiam ver as provas, mas elas eram diferentes.
GA2.15	Alunos do grupo GA2 relatam que as provas eram compostas de 26 cadernos diferentes, portanto não era possível colar. Afirmam que só seria possível colar na Redação, mas que as professoras tentaram enganar, dizendo que o tema era diferente.
GA2.16	Os alunos do grupo GA2 afirmam que era possível enxergar de uma prova pra outra, mas que as questões não eram iguais. Relatam que na organização da sala no dia da prova os alunos foram dispostos em ordem numérica.
GA2.18	Os alunos do grupo GA2 afirmam que os fiscais do Saresp ficavam no corredor e não dentro da sala, onde só ficava o professor observando os alunos realizarem as provas. Relatam que para irem ao banheiro deviam pedir permissão para a professora, que chamava o fiscal para acompanhá-los, não possibilitando assim, que alunos se encontrassem com outros fora da sala de aula para pedir informações sobre a prova. A depoente BF6 acha

	importante, para evitar colas, essa atitude e o fato de serem provas diferentes.
GA2.19	Os alunos do grupo GA2 afirmam que não era permitido o uso de nenhum material além de lápis, caneta e borracha. A depoente BF6 acredita que é importante que a prova seja feita sem consulta a nenhum material para que os alunos se auto avaliem e saibam seus pontos fortes e fracos. BF6 afirma, também, que nem todos os alunos pensam assim, mas que futuramente eles perceberão o que perderam.
GA2.61	A depoente BF6 relata que no Saresp de 2010 as provas vieram envoltas em um plástico, que por sua vez estava num pacote lacrado. Questiona a quantidade de dinheiro gasto e o prejuízo causado ao meio ambiente, afirmando que deveria vir um lacre só.
GA2.62	O depoente BF4 acha que a aplicação e organização das provas do Saresp e do Enem são mal feitas.
GA3.15	Os depoentes do grupo GA3 afirmam que não podiam pedir informações sobre a prova para a professora. Relatam que conversaram durante a prova, mas não sobre as questões, já que as provas estavam diferentes.
GA3.16	Os alunos do grupo GA3 afirmam que no dia da prova do Saresp tinha fiscal no corredor, que passava nas salas olhando.
GA3.17	Os alunos do grupo GA3 afirmam que não dava para colar, pois as provas eram diferentes, mas que era possível enxergar algumas provas de carteiras vizinhas.
GA3.18	O depoente BF7 afirma que só levaram lápis, caneta e borracha no dia da prova do Saresp.
GA4.12	Os depoentes do grupo GA3 afirmam que não podiam conversar durante a prova e que sempre passava uma fiscal para olhar.
GA4.14	A depoente AF3 afirma que era possível ver as provas dos outros alunos, mas as provas eram diferentes, não sendo possível copiar as respostas.
GA4.15	Depoentes do grupo GA4 afirmam que não podiam nem usar estojo na hora da prova, somente lápis, caneta e borracha.
GA5.13	Os alunos do grupo GA5 afirmam que não podiam consultar nenhum material durante a prova do Saresp.
GA6.8	Os depoentes afirmam que as provas eram diferentes, não sendo possível a cópia de respostas entre uma prova e outra.
GA6.9	Os depoentes do grupo GA6 afirmam que em algumas carteiras era possível enxergar as provas próximas, mas em outras não, pois havia um espaço grande entre as carteiras.
GA6.10	Alunos do grupo GA6 relatam que não tinham como colar, pois as provas eram diferentes e tinha a presença de um fiscal.
GA6.11	Os depoentes do grupo GA6 relatam que não podiam falar durante a prova do Saresp. Somente falaram quando pediram para ir ao banheiro, o que era feito com o acompanhamento de um assistente.
GA6.12	Os alunos do grupo GA6 afirmam que somente puderam usar lápis, caneta e borracha durante a prova.
GA7.15	Os depoentes do grupo GA7 afirmam que era possível enxergar as provas dos colegas, pois as carteiras estavam bem próximas, porém foi difícil colar, já que as provas eram diferentes.
GA7.16	Os depoentes do grupo GA7 afirmam que só podiam usar lápis, caneta e borracha durante a prova.

GA7.18	Os alunos do grupo GA7 afirmam que os professores que aplicaram as provas não eram da escola e os alunos não os conheciam.
GA8.10	Os depoentes do grupo GA8 afirmam que não era permitido conversar durante a prova. Relatam que para ir ao banheiro era necessário pedir ao fiscal que ficava andando o tempo todo pela sala de aula, sendo que, então, chamava-se alguém para acompanhar o aluno até o banheiro.
GA8.11	Os depoentes do grupo GA8 afirmam que as provas eram diferentes, com as questões colocadas em ordem distinta nos cadernos. Dessa maneira, não era possível a cola, mesmo sendo possível enxergar as provas de quem estava sentado perto.
GA8.12	Os alunos do grupo GA8 afirmam que não podiam consultar nenhum material.
GA9.6	A depoente AM1 afirma que não podia conversar durante a prova e nem emprestar material de ninguém. Porém, relata que os alunos não respeitavam o que o fiscal de prova falava, pedindo silêncio, pois a prova estava fácil. Dessa forma, o pessoal comentava jocosamente sobre as questões com conteúdos sem inteligência, provocando risos na classe. Além disso, por mais que os cadernos de prova fossem diferentes, pediam cola para os colegas.
GA10.11	Os alunos AM2, AM3 e AM4 afirmaram não poder conversar durante a prova, mas que alguns alunos conversaram uns minutinhos antes de começar a prova.
GA10.12	O depoente AM4 afirma que não podiam ter nada sobre a carteira e os celulares deviam estar desligados.
GA11.8	Os alunos do grupo GA11 afirmaram não poder conversar durante a prova. Relatam que a maioria da sala não conversou, porém alguns alunos pegaram a prova e marcaram rapidamente quaisquer alternativas na folha de respostas e, então, ficaram falando.
GA11.9	Os alunos do grupo GA11 relatam que não conseguiam ver as provas dos colegas e que as provas eram diferentes.
GA11.10	Os alunos do grupo GA11 afirmam que não podiam consultar nenhum material. Fizeram a prova só com o estojo.
GA12.19	Os alunos do grupo GA12 afirmaram não poder conversar durante a prova, mas que alguns poucos conversaram.
GA12.20	Os depoentes do grupo GA12 afirmam que não podiam trazer nenhum material além de lápis, caneta e borracha para a realização da prova.

Fonte: Dados organizados pela autora.

### Quadro 27 – Acesso à avaliação e aos resultados do Saresp.

1R.10	Acesso à avaliação e aos resultados do Saresp.
SP1.8	SP1 não chegou a ver nenhuma questão aberta do Saresp.
SP1.20	O depoente SP1 considera que deve se tornar público o resultado do Saresp, porém que a avaliação deve ser feita somente quando alguns defeitos do sistema de ensino forem resolvidos.
SP2.7	A depoente SP2 diz que os professores atualmente não têm acesso às provas do Saresp. Conta que anteriormente tinha-se acesso, mas nos últimos três anos não, somente em 2008 foi disponibilizada uma prova na internet. Afirma que por esse motivo não se tem como dar aos alunos uma explicação sobre o desempenho deles na avaliação e discutir cada questão da prova.

	Questiona que se exige do professor que dêem essa explicação para os alunos, mas que os professores não podem analisar as provas. Afirma também que para que os professores refaçam o planejamento do trabalho a ser realizado durante o ano baseado nos conteúdos cobrados na avaliação, eles deveriam ter acesso às provas.
SP2.8	A depoente SP2 acredita não ser necessário saber o resultado individual dos alunos por meio oficial, porém acha importante que os cadernos de questões fiquem na escola, para que se possa resolver a prova junto com os alunos, apontando os acertos e erros, procedimento comum em qualquer prova. Conta que os alunos ficam ansiosos para saber o que erraram nas provas e que os professores não têm como saber.
SP2.11	A depoente SP2 diz que quando tinha acesso às provas do Saresp usava as questões para trabalhar com os alunos, porém atualmente os professores não têm mais acesso, portanto ignoram o que e como os conteúdos estão sendo cobrados.
SP2.13	A professora SP2 acha que não é ruim a divulgação dos dados do Saresp, porém afirma que não sabe se o resultado é verdadeiro, pois não tem acesso às provas, às questões, aos resultados. Acredita que a divulgação para melhorar o ensino é válida, já que tem que melhorar o ensino, pois do jeito que está não pode ficar, mas tem que ser mais clara.
SP2.19	Na escola, a professora SP2 conta que fazem um plano de ações usando os resultados do Saresp como guia. Porém, acha que seria mais eficiente se analisassem também as provas que os alunos fizeram, pois analisando só os dados, sabe-se que os alunos estão com dificuldades, mas não se sabe no que, dificultando o trabalho da equipe escolar. Afirma que se faz um plano para recuperar, com conteúdos que a escola acha que deve ser adequado para aquela série, mas não se tem a prova para saber se foi nesse conteúdo que ocorreu maior defasagem.
SP3.13	O depoente SP3 não viu a prova do Saresp deste ano de 2010, mas ouviu comentários de colegas professores que a prova estava difícil.
SP3.14	O depoente SP3 acha importante ver a prova do Saresp para saber o que o governo está avaliando, quais são os conteúdos. Conta que teve acesso a uma prova no ano passado e que percebeu que os conteúdos da prova não estavam no material que o governo envia, relativo à nova proposta curricular. Por esse motivo disse que se sente até chateado, pois está seguindo o material e na hora de avaliar o governo cobra outra coisa.
SP3.15	O depoente SP3 afirma que na escola em questão, os resultados do Saresp são trabalhados no sentido de atingir as metas propostas pelo Estado. Diz que também é feita uma comparação com os resultados de outras escolas, pois acha que olhar só para os números não tem significado. Portanto, olha-se também para a parte qualitativa dos resultados, ou seja, as qualidades de cada escola, para tentar melhorar.
SP3.23	O depoente SP3 acha importante que se disponibilize os resultados individuais dos alunos no Saresp para incentivá-los a fazer a prova, pois os alunos fazem uma atividade qualquer com mais empenho quando vale nota, quando ele tem um retorno sobre seu desempenho. Acredita que assim, ter-se-á uma noção mais próxima da realidade, com os dados do Saresp.
SP3.31	O depoente SP3 acha boa a divulgação dos resultados do Saresp, pois as pessoas se expõem mais, assim se comprometendo mais.
SP3.32	O depoente SP3 acha que a nota individual do aluno deveria ser divulgada,

	podendo vir no histórico escolar do aluno. Acredita que, desse modo, alunos, professores e todos envolvidos se comprometeriam mais, devido à exposição que estariam submetidos.
SP4.17	A professora SP4 acha que deveria sair a nota de cada aluno para que eles pudessem conhecê-la. Diz que também seria importante sair a nota individual para que se trabalhasse o aluno individualmente, apesar de que também afirma que o professor conhece as dificuldades de seus alunos.
SP4.22	A depoente SP4 diz que os professores não têm acesso à prova do Saresp, tendo ela visto algumas provas entre as várias diferentes, pois participou da aplicação. Ela vê uma Saresp como uma coisa válida e diz que é possível trabalhar os conteúdos cobrados, que não é muito complicado.
SP4.23	A depoente SP4 não viu as questões abertas de Matemática, pois a escola em que participou da aplicação não foi selecionada como amostra. Também diz que antigamente, as provas ficavam na escola, então os professores e alunos tinham acesso a elas.
SP4.24	A depoente SP4 diz que as provas do Saresp foram levadas da escola, que não foi deixada nenhuma para os professores verem. Ela só viu algumas provas durante a aplicação, da qual participou e não viu as questões abertas. Diz que sabe o que caiu também pelo que os alunos disseram, mas afirma que é difícil para eles explicarem os conteúdos abordados.
SP4.27	A depoente SP4 acredita que a divulgação pública dos resultados do Saresp pode gerar uma rivalidade entre as escolas, por outro lado, é bom que se divulgue o que se está sendo feito, porém diz não saber até que ponto o Saresp é feito com seriedade. Afirma que a competição em cidade pequena é complicada, pois são feitos julgamentos a respeito das escolas, baseados no Idesp, chegando a falar mal de algumas por não terem atingido a meta.
SP5.9	O depoente SP5 não viu nem o material da proposta curricular, nem as provas do Saresp.
SP5.12	O depoente SP5 acha que deveria vir o resultado individual do aluno no Saresp. Diz que para os alunos do 3º ano não tem fundamento o resultado vir no ano seguinte, pois os alunos já saíram da escola.
SP5.21	O depoente SP5 acha desagradável a divulgação pública, na mídia, dos resultados do Saresp. Acha que os pais dos alunos podem chegar a conclusões sem reflexão sobre esses resultados. Diz que deveria ser divulgado somente para as escolas, para que elas soubessem de sua situação.
SP6.9	A depoente SP6 diz que viu rapidamente, sem muita atenção, a prova de Matemática aplicada no Saresp. Diz que eram muitos tipos diferentes e que não achou difícil.
SP6.19	A depoente SP6 diz que gostava quando os cadernos de questões do Saresp ficavam na escola, pois depois da prova os professores podiam ver o que tinha sido cobrado, além de poder usar esses cadernos para aplicar novamente nos alunos a fim de lembrar conteúdos já ministrados.
SP6.20	A depoente SP6 diz que nunca fica sabendo dos resultados individuais dos alunos no Saresp, pois é dito que pegam amostras de alunos para emitir esses resultados. Diz que seria bom para ver se o resultado está certo mesmo, já que os professores conhecem os alunos.
SP7.16	A depoente SP7 diz que não viu as provas do Saresp, nem as objetivas, nem as dissertativas, somente ouviu comentários de professores que aplicaram a prova.
SP7.18	A depoente SP7 diz que é um defeito do Saresp os professores não terem

	acesso às provas, que só vem algumas questões no relatório no ano seguinte. Conta que ficam com muita vontade de ver a prova.
SP7.19	A depoente SP7 diz que seria ótimo se viesse o resultado de cada aluno, individualmente, pois seria uma maneira de mostrar para o aluno que a prova é importante, que eles não a estão fazendo sem razão nenhuma. Afirma também que no 7º e 9º ano o resultado poderia ser usado. Acha importante voltar o resultado para a escola.
SPC1.16	A depoente SPC1 acha que se forem publicar os resultados do Saresp, então deveriam ser publicados os resultados de todos que participaram da prova, incluindo as escolas municipais. Acha importante saber o resultado das escolas municipais de 4ª série, pois a escola em que trabalha irá receber esses alunos na 5ª série. Diz que em 2010 receberam alunos que não sabiam escrever. Considera importante que sejam abertos os resultados para que a comunidade saiba como está a escola, porém para quem não consegue a meta é desagradável. Conta que no ano em que não conseguiram o bônus, a escola foi ridicularizada, inclusive outros diretores fizeram brincadeiras de mau gosto com o diretor da escola.
SPC1.25	A depoente SPC1 acha que a divulgação dos resultados do Saresp é boa para que todos fiquem sabendo a situação que a escola se encontra. Porém, acha que deveria ser divulgado o resultado de todas as escolas que participam do Saresp, não só das estaduais, pois não acha certo ela não saber o diagnóstico dos alunos que recebe, mas todos saberem o que a escola fez. Conta que as escolas que conseguiram bônus colocaram faixa na frente, mas não se lembra de ter saído no jornal local.
SPC2.5	A depoente SPC2 diz que tem bons alunos que não tem bom desempenho na avaliação, apesar de atualmente não saber, pois não vem a nota individual do aluno, o que é ruim para a escola.
SPC2.6	A depoente SPC2 acha que não tem problema o resultado do Saresp ser público, porém na cidade em que trabalha diz que alunos e professores ficam comparando uma escola com outra, pois são poucas escolas. Acha que cada escola tem que olhar o que acontece dentro dela, seu cotidiano, sua realidade e o tipo de alunos que a frequentam. Diz que essa comparação é comum em algumas cidades, especialmente as pequenas.
SPC2.10	A depoente SPC2 diz que usam o resultado do Saresp na escola para verificar se os resultados correspondem ao que a escola esperava nas séries que participam da prova. Por esse motivo, acha que deveria vir o resultado individual dos alunos, assim poderiam ver se estão trabalhando corretamente, fazendo simulados e semana de provas bimestrais.
SPC3.14	A depoente SPC3 diz que viu a prova do Saresp, pois sempre pede autorização ao fiscal para analisar rapidamente as provas. Conta que a prova foi bastante focada nos conteúdos e não em habilidades, que é como se trabalha na escola. Vê uma divergência entre o que foi trabalhado e o que foi pedido, por exemplo, nas 8ªs séries, em que se trabalha com artigo de opinião e no Saresp não foi cobrado esse gênero textual.
SPC3.24	A depoente SPC3 vê a divulgação dos resultados do Saresp como contraditória, pois acha que não reproduz fielmente a realidade da educação no país. Diz que as escolas possuem alunos heterogêneos, com níveis diferentes de aprendizagem, com problemas de saúde diferentes, alunos que saem do Ensino Médio sem serem alfabetizados e alunos que ingressam em universidades públicas. Portanto, questiona o fato de se ter um resultado

	igual para o Estado todo.
SPC4.5	O depoente SPC4 acha que o Saresp não descreve a realidade escolar, pois não divulga os detalhes. Questiona como pode falar que está retratando a realidade de sua escola se ele não tem acesso a nota do seu aluno. Diz também que sabe o que está falhando no Estado, mas não sabe se sua escola falha nos mesmos pontos.
SPC4.7	O depoente SPC4 acha que deveria vir o resultado de cada aluno no Saresp, ou pelo menos de cada escola, pois assim se saberia qual item tem que ser mais trabalhado, por estar em defasagem. Porém, o que se sabe é o que está em defasagem no Estado de São Paulo, o que muitas vezes não concorda com a situação da escola. Assim, quando vem o relatório global, tem que haver um esforço junto com os professores, para verificar o que está em concordância com a escola, e se não estiver, o relatório não servirá para muita coisa.
SPC4.12	O depoente SPC4 afirma que viu a prova do Saresp de modo extra-oficial, pois havia uma questão com duas respostas iguais, então foi chamado para ver, e deu uma olhada no caderno de questões. Porém, oficialmente, não tem acesso.
SPC4.15	O depoente SPC4 diz que teve aplicação de prova com questões abertas na escola, para o Ensino Fundamental, mas que ele não teve acesso.
SPC4.16	O depoente SPC4 diz que é ruim o fato de a escola não ter acesso às questões das provas do Saresp e aos resultados de cada aluno. Conta que no relatório é enviado um modelo das questões. Diz que os alunos do 3º ano do Ensino Médio queriam saber se tinham acertado todas as questões das provas de Português e Matemática, mas que ele teve que ser sincero e dizer que somente a fundação que vai corrigir o Saresp é que terá acesso a isso.
SPC4.23	O depoente SPC4 diz não se importar com a divulgação dos resultados do Saresp, porém afirma se revoltar com a maneira depreciativa que a imprensa fala das escolas que estão indo mal.
SD1.13	A depoente SD1 diz que a divulgação dos resultados do Saresp é ruim numa cidade pequena, onde todos se conhecem e fazem comparações, numa cidade grande acha que não deve ter problemas. Conta que os pais de alunos acham que a escola que atingiu a meta é melhor que a escola que não atingiu. Porém, ela diz que os professores e a proposta curricular são os mesmos nas escolas estaduais e os alunos também são parecidos. Fala que a escola em questão recebia alunos do centro, mas agora recebe alunos de dois bairros carentes economicamente da cidade.
SD2.2	A depoente SD2 acha que o Saresp era melhor quando os cadernos de questão ficavam na escola. Então, os professores tinham acesso às questões e aos gabaritos, podendo analisar quais eram as habilidades e competências em que os alunos apresentavam dificuldades, tendo assim um diagnóstico aproximado, porém imediato, da situação de aprendizagem dos alunos. Diz que como é feito atualmente, não tem como refletir e discutir os dados do Saresp por serem muito gerais.
SD2.8	A depoente SD2 diz que quando os cadernos de questões do Saresp ficavam na escola, os professores podiam analisar quais habilidades e competências que aquelas questões estavam avaliando, e verificar quais questões os alunos tinham acertado. Porém, atualmente, são levados todos os cadernos embora e os professores não têm um critério para avaliar, mesmo porque o resultado vem por classe e por série e não individualmente para cada aluno.



SD2.33	A diretora SD2 acredita que o Saresp deveria ser mais próximo do professor. Entende que o Saresp avalia no nível geral e não no individual, mas que os professores querem saber como seus alunos se desempenharam na prova. Questiona o que vai ser feito com os cadernos de prova e o porquê de não deixá-los na escola para que o professor possa ver, corrigir e assim conhecer os resultados do seu aluno e da sua classe. Relata que há alunos que são mal avaliados pelos professores, mas que dizem ir bem no Saresp, surpreendendo a equipe escolar, e ter os resultados dele seria importante para dar um outro olhar sobre esse aluno.
SD2.51	A diretora SD2 relata que não viu a prova do Saresp do ano de 2010, que inclusive se negou a ver, pois já que o Estado afirma que professor não pode ver, então ela não iria ver. Conta que a orientação é para que, depois de terminadas as provas, o professor guarde no pacote e lacre sob os olhares do fiscal. Porém, afirma que há diretores que pedem para o professor que está cuidando da prova para xerocar, mas que ela não se desgastou para isso, pois não era para ter acesso às provas.
GA1.19	Os alunos do grupo GA1 gostariam de saber as notas que foram atribuídas às suas provas do Saresp para: saber qual o rendimento alcançado, contar para os pais, ver onde está errando, ver onde pode melhorar. Além disso, BF3 observa que quando não vê a nota, conclui que aquela avaliação não é importante.
GA1.28	Os alunos do grupo GA1 acham que a nota individual deles não será divulgada. A depoente BF3 diz que foi falado na escola que a nota seria informada na semana seguinte ao Saresp.
GA1.29	Os depoentes do grupo GA1 acreditam ser um direito saber a nota individual que obtiveram na prova do Saresp.
GA2.32	Os alunos do grupo GA2 afirmam que fizeram o Saresp no 7º ano, e que agora está melhor do que antes. Porém, afirmam que não ficam sabendo dos seus resultados, e que gostariam de saber. Contam que foi informado pela coordenação pedagógica que em 2010 o resultado do Saresp fará parte da nota do 4º bimestre, mas eles mostram dúvidas em relação a isso. BF4 relata que perguntou para a professora e que a nota do Saresp consta no Histórico Escolar.
GA2.57	O aluno BF4 não acredita que verá sua nota no Saresp em 2010, os professores talvez, pois são muitas provas para serem corrigidas do Estado todo, não tendo tempo suficiente para isso. A aluna BF6 tem a expectativa de ver em 2011, porém não tem confiança absoluta nisso, já que nunca viu sua nota, portanto não vê motivos para que mostrem agora.
GA3.25	Os alunos do grupo GA3 afirmam ter feito o Saresp no 7º ano. BF7 diz que foi falada para ele sua nota, mas que ele não foi bem, tendo tirado 4 de Matemática e 5 de Português. Já BF8 afirma ter feito o Saresp no 7º ano sem atenção, pois seria promovido para o ano seguinte de qualquer maneira e que não teve acesso aos seus resultados.
GA4.21	Os depoentes do grupo GA4 afirmam que o Saresp é para verificar somente o desempenho da escola no geral, já que eles não têm acesso aos resultados individuais.
GA4.24	Os depoentes do grupo GA4 relatam que em nenhum Saresp ficam sabendo os resultados, nem os individuais e nem os da escola. Afirmam que seria bom saber para ver onde tem que melhorar para uma próxima prova e o que já aprendeu.

GA4.27	A depoente AF2 acha que deveriam sair os resultados individuais dos alunos para que eles pudessem saber como foram na prova. As depoentes AF1 e AF2 relatam que deve haver pessoas muito inteligentes na escola, pois a escola A sempre fica em 3º lugar no <i>ranking</i> municipal do Idesp, portanto gostariam de saber se essa colocação é devida ao resultado apenas desses alunos, não contando muito o dos outros.
GA5.29	O depoente AF8 relata que os professores não têm acesso às provas do Saresp. Cita o exemplo de um aluno que foi transferido depois de ser enviada a lista de alunos que fariam a prova, portanto o caderno desse aluno veio para a escola e foi retirado também. Conclui que deve ter algum erro nessa prova, que se o conteúdo não for condizente com o que eles aprenderam, os professores não saberão. Portanto, afirma que não tem como o Saresp fazer parte da nota bimestral do aluno, pois nenhuma prova fica na escola e nem é enviada depois para que vejam como foi feito.
GA5.44	Os alunos do grupo GA5 afirmam que fizeram o Saresp no 7º ano. Os que fizeram o Saresp em 2008 afirmam que não receberam seus resultados, já a depoente que fez em 2007 relata que a professora corrigiu e passou o resultado para os alunos. O depoente AF8 relata que o professor, atualmente, não pode ter acesso às provas aplicadas, nem para verificar se há erros.
GA5.55	O depoente AF8 fica indignado pelo fato de a prova do Saresp ser aplicada sem que os professores possam ter acesso a elas e sem que haja retorno dos resultados, pois tudo pode estar sendo alterado. Os depoentes AF8 e AF7 afirmam que quando se faz uma prova é necessário ter o retorno de onde que se errou, onde se acertou, para saber onde precisa melhorar. Relatam que só ficam sabendo que erraram, não sabem onde e nem o porquê.
GA6.23	O depoente BM2 não procurou saber se tem acesso ou não às notas do Saresp, mas quando ele tem acesso à nota de uma prova, procura melhorar por meio disso. Cita o exemplo do Enem, que ele viu a nota que tirou e se foi menor que a média, vai fazer a prova novamente para alcançar seu objetivo. Afirma que por meio do Saresp os alunos podem ter conhecimento de outras provas de vestibular.
GA7.22	Os depoentes do grupo GA7 afirmam que nunca receberam um retorno do Saresp em relação aos seus resultados. Relatam que gostariam de saber, e que diversas pessoas reclamam disso, pois é um incentivo para se fazer uma prova quando você sabe seu desempenho, para ver onde precisa melhorar e onde acertou.
GA8.15	O depoente BM6 relata que não teve retorno de seus resultados em nenhum Saresp que fez.
GA9.11	A aluna AM1 afirma ser direito dos alunos terem acesso ao desempenho individual na prova do Saresp, afinal foram eles que fizeram a prova. Ela afirma que desde o 7º ano quer saber seu desempenho e não sabe.
GA9.13	A depoente AM1 afirma que o Saresp é uma prova que o governo faz para ver se os alunos estão bem. Porém, relata que conforme observa a educação, acha que escondem os resultados, pois senão iriam ser muito graves.
GA9.14	A aluna AM1 afirma que eles escondem os resultados, pois nem os professores têm acesso. Ela acha que o Saresp é feito para verificar o andamento da educação e investigar a vida dos alunos, já que o questionário de contexto pergunta detalhes da vida pessoal.
GA11.17	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que fizeram o Saresp no 9º e no 7º ano do Ensino Fundamental. A depoente AM6 relata que nunca teve acesso

	aos seus resultados, por isso que muitas pessoas não acham isso legal, já que quem faz a prova não sabe nem para onde ela vai. Relata que perguntou ao professor de Matemática se ele corrigiu a prova e ele disse que não teve nenhum acesso a nenhuma prova. A depoente acha que a Redação ficou na escola, mas não tem certeza.
GA12.7	Os depoentes do grupo GA12 afirmam que, nos Saresp que fizeram até hoje, receberam o caderno de provas com o número de acertos e a Redação, corrigidos pela escola, pois somente o gabarito é enviado para o Estado.

Fonte: Dados organizados pela autora.

### Quadro 28 – Objetivo do Saresp.

1R.11	Objetivo do Saresp
SP1.31	O depoente SP1 diz que o Saresp, atualmente, está sendo usado para avaliar os professores, e não os alunos, porém acha que não avalia nem um nem outro corretamente, já que os alunos não levam a prova a sério, ou seja, não são responsáveis.
SP2.9	A depoente SP2 acha que o propósito do Saresp é ver como a educação está se transformando no decorrer dos anos. Porém, afirma que a proposta real não está exposta, pois não é dado retorno de diversos aspectos, pelos organizadores do Saresp. Por exemplo, se os alunos da depoente foram mal na prova, ela não tem acesso a qual assunto, não podendo rever esse conteúdo e corrigir esses erros apontados.
SP2.10	A professora SP2 é contra dar um prêmio por aprendizagem. Ela acredita que isso não deveria ser o que mais chama atenção. Acredita que o Saresp deveria servir para melhorar o ensino no Brasil e não servir de castigo financeiro ou não. Se um problema foi detectado na avaliação, ele deveria ser corrigido e não relacionado com o bônus. Diz que quem trabalha na educação não visa a dinheiro, e sim a boa formação dos alunos, não para obter lucro em função disso. Questiona se estão querendo comprar o professor para ele ensinar. Portanto não acha legal o atrelamento do bônus com a aprendizagem do aluno. Porém acredita que poderia até existir tal bônus, mas não entrelaçado com a aprendizagem do aluno.
SP3.8	O depoente SP3 acredita que o governo precisa de uma medida de alguma forma para poder trabalhar, e que algum tipo de avaliação tem que ter. Porém, acha que o Saresp é usado pelo governo para forçar a aprovação automática dos alunos. Acha que o Saresp deveria ser usado somente como indicador da situação do ensino, para orientar o trabalho, já que a partir do momento em que se atrelou o Saresp ao bônus existem professores trabalhando em função dessa prova, o que o depoente considera complicado.
SP3.21	O depoente SP3 acha que o Saresp é conveniente para controlar o fluxo de alunos entre as séries, porque o número de alunos reprovados entra no cálculo do Idesp como punição. Conta que na escola em que leciona, por terem reprovado muitos alunos, houve influência no Idesp e não receberam o bônus. Vê como lado positivo que o Saresp estabelece metas à escola.
SP4.13	A depoente SP4 acha que a avaliação do Saresp é importante para verificar a situação do ensino como um todo, para que o Estado verifique se está tendo resultado no trabalho na escola. Mas acha que não deve ser usado para avaliar a escola e o professor como está sendo feito, e também diz não concordar com a maneira como está sendo feita a avaliação.

SP5.11	O depoente SP5 acha que o Saresp serve para avaliar a escola no sentido de como está incorporando os métodos obrigados a serem incorporados, e não para avaliar os alunos. Diz que esses métodos são opcionais, mas que as consequências são diferentes se são incorporados ou não.
SP6.7	A depoente SP6 acha importante fazer os alunos perceberem que o Saresp é para melhoria do ensino e não só para o bônus. Conta que na escola que leciona explicam aos alunos que o Saresp é um sistema para avaliar o ensino e que pode trazer verbas enviadas pelo governo para a escola. Diz que na escola em que trabalha, não se limitam a pensar só no bônus (como acontece em outras escolas) se tiverem que reprovar alunos, eles serão reprovados, mas diz que tem escola que se limita a pensar no bônus.
SP7.24	A depoente SP7 acredita que o Saresp está servindo politicamente, para que o governo mostre os números do Saresp, que estão aumentando quantitativamente, mas não qualitativamente. Acredita que o Saresp não é uma preocupação com a educação, pois, apesar de achar importante a avaliação para verificar como está a educação, acha que deveria ter outra política de valorização do professor, de salário e de formação. Comenta o resultado do país no Pisa, que ficamos em 57º lugar, entre 65 países, porém melhoramos as médias, assim o que se divulga é a melhora, apesar de os números do Brasil serem baixos.
SPC1.29	A depoente SPC1 diz que o Saresp é usado na prática, pelo governo, para calcular o Idesp. Conta que na escola tem que ser trabalhado o material enviado pelo governo, relativo ao Currículo do Estado e o Saresp é baseado nesse material.
SPC3.23	A depoente SPC3 diz que o Saresp é usado como diagnóstico das dificuldades dos alunos, para nortear o trabalho da escola.
SPC4.4	O depoente SPC4 acha que o Saresp está servindo somente para punir os professores.
SD1.14	A depoente SD1 acha que o Saresp só traz benefícios para a escola, pois é uma avaliação dos alunos em que se pode ver o que se está fazendo corretamente na escola ou o que se está fazendo de errado para melhorar.
SD1.24	A depoente SD1 diz que no cotidiano escolar o Saresp é usado para descobrir as falhas da escola, mudar o planejamento das atividades, mudar a forma como se trabalha em sala de aula. Fala que a escola é cobrada e então tenta melhorar. Diz que tem que tentar estratégias diferentes senão não tem como saber se vai dar certo.
SD2.4	A depoente SD2 acha que o Saresp funcionava melhor quando os cadernos de questões ficavam na escola, pois os professores podiam verificar a fase de desenvolvimento dos alunos. Atualmente, quando as questões chegam, já mudou a dinâmica e o ritmo da escola, não havendo tempo para analisar todas as questões e habilidades. Portanto, diz que, na realidade, o resultado do Saresp é usado apenas para premiar com o bônus ou não, dependendo de ter atingido ou não a meta de aumento do Idesp.
SD2.50	A depoente SD2 acha que o Saresp tem utilidade para a política estadual, para mostrar que está avaliando e verificar se a qualidade do ensino está melhorando. Porém, acha que deveria se refletir sobre esse sistema de avaliação, pois ele já existe há vários anos e a qualidade de ensino não melhora, embora a escola trabalhe pra isso. Comenta que o ensino não está melhorando no Brasil todo, como mostram os resultados do Saeb e Pisa.
GA1.20	Os depoentes do grupo GA1 relatam que a equipe de gestão e os professores

	falaram para os alunos que o Saresp era fácil, portanto eles deveriam estudar para fazer a prova de maneira comprometida, sem chutar as alternativas das questões, e quem tivesse essa intenção, era melhor ficar em casa. Além disso, falaram que o Saresp poderia reprovar ou ajudar os alunos que estavam numa situação instável, não sabendo se seriam aprovados ou não.
GA1.21	Os depoentes do grupo GA1 afirmam que o Saresp não é obrigatório para os alunos, porém acham que é um dever, pois pode ajudar a promoção para o próximo ano letivo, ou ainda, quem não fizer, será reprovado.
GA1.27	Os alunos do grupo GA1 consideram o Saresp importante, pois vai auxiliá-los a serem aprovados para a próxima série e já os prepara para as provas de um curso superior, que, segundo eles, é parecida. Afirmam, também, que o Saresp auxilia os professores, pois se os alunos têm notas boas, conclui-se que ensinaram o que foi cobrado na prova.
GA1.32	As depoentes BF1 e BF3 acreditam que o Saresp é uma prova que submete a teste o conhecimento e o ensino do Estado de São Paulo. Porém, BF3 argumenta que não se deve formar um conceito só pelo Saresp, pois os alunos são aprovados automaticamente entre as séries anteriores, portanto no 9º ano podem não saber o que responder nas provas. BF2 e BF1 acham que o Saresp é uma prova que ajuda a ser promovido para o ano seguinte e a ter notas boas.
GA2.7	O depoente BF4 afirma que o Saresp é usado para medir o Idesp, sendo que através desse índice os professores teriam aumento salarial, portanto dependem dos alunos. Afirmam que, por esse motivo, também participaram do Saresp o 7º ano do Ensino Fundamental e a 3ª série do Ensino Médio.
GA2.46	O depoente BF4 acha que o Saresp é uma maneira de avaliar o desempenho aluno, a escola e o Estado. Porém, acha insuficiente para dar destaque à condição de ensino, já que o ensino público no Estado de São Paulo está defasado e, acha insuficiente, também, para avaliar o desempenho do aluno. Afirmam que todos são culpados dessa situação do ensino.
GA2.58	A depoente BF6 acha que o Saresp é muito importante para a vida do aluno, pois, por exemplo, se o Saresp avaliar bem a escola, serão enviados mais computadores para a sala de informática e os alunos não precisarão mais sentar em dois por computador, economizando tempo em trabalhos individuais que têm que ser feitos. Os depoentes afirmam que atualmente a sala de informática possui 15 computadores novos. Relata que alguns alunos não se interessam pelo Saresp, fato que prejudica os que se interessam.
GA3.26	Os depoentes do grupo GA3 acham que o Saresp é uma espécie de prova para verificar o que eles aprenderam.
GA3.31	O depoente BF7 acha o Saresp importante para verificar se os alunos aprenderam mais, adquiriram mais conhecimentos. Cita o fato de não ter se saído bem ano passado, mas em 2010 ter sido bem melhor. O depoente BF8 acha o Saresp mais ou menos importante, mas não sabe explicar, pois diz não entender muito do Saresp.
GA4.21	Os depoentes do grupo GA4 afirmam que o Saresp é para verificar somente o desempenho da escola no geral, já que eles não têm acesso aos resultados individuais.
GA4.22	A depoente AF2 achava que o Saresp seria usado para promoção do aluno para o próximo ano letivo, porém o resultado é divulgado somente no outro ano.
GA4.33	Os alunos do grupo GA4 discorrem sobre o que acham que o Saresp trata.

	<p>AF1 e AF2 afirmam se tratar de saber do rendimento, do curso de aprendizagem da escola e dos alunos. Essa definição é contestada por AF3 que, apesar de não saber falar do que se trata o Saresp, argumenta que não sabe se é o andamento do aprendizado, já que os alunos não sabem suas notas individuais.</p> <p>AF4 acha que o Saresp é um dispositivo para mostrar o que os professores estão ensinando, pois falaram algo para ele que se o resultado for bom, vai aumentar o salário.</p> <p>AF2 acha que, para os professores, o Saresp se refere à reputação da escola.</p>
GA5.28	O depoente AF5 afirma que o Saresp avalia o ensino público em geral e não os alunos.
GA5.45	A depoente AF6 acha que o Saresp é para avaliar a escola, mas, como ela não tem retorno dos seus resultados, acredita que não tem valor nenhum.
GA5.49	A depoente AF7 acha que o Saresp é uma prova para avaliação da média da escola, do ensino.
GA6.19	Os alunos do grupo GA6 percebem o Saresp como uma prova para identificar e refletir sobre os conhecimentos alcançados, os progressos e as dúvidas durante os anos do Ensino Médio. Além disso, o depoente BM1 afirma que é uma espécie de etapa para saber como funciona um vestibular.
GA6.20	A depoente BM1 acha a prova do Saresp bem mais difícil que uma prova de sala de aula, pois o Saresp é uma preparação para o vestibular, com lugar certo, regras disciplinares e hora marcada, não podendo conversar. Por outro lado, o Saresp é para que o aluno tenha conhecimento de seu desempenho, já a prova de sala de aula é uma atividade para nota.
GA6.21	A depoente BM1 afirma que o Saresp é importante para que se possa ter mais conhecimento sobre o que se está aprendendo em sala de aula, pois o Saresp traz os conteúdos dos outros anos, portanto o aluno deve se lembrar do que fez. Por meio do Saresp, também se verifica se o aluno está no nível adequado de conhecimento. Por exemplo, o fato de ficarem sem professor de Matemática atrapalhou os alunos de fazerem o Saresp. Além disso, o Saresp prepara os alunos para fazerem outras provas futuramente.
GA6.22	O depoente BM2 acha o Saresp importante no sentido de ajudar a ter um conhecimento superficial do que pode ser em profundidade. Ainda, afirma que empresas procuram saber o desempenho escolar dos candidatos a vagas de emprego, portanto poderiam ver o boletim do Saresp do aluno.
GA7.23	A depoente BM4 acha que o Saresp é uma forma de avaliar o que o aluno fez durante o ano, ou, no caso do Ensino Médio, o que o aluno fez nos últimos três anos.
GA7.24	O depoente BM5 acha que o Saresp é uma prova, enviada pelo governo, para avaliar como os professores estão ministrando os conteúdos aos alunos e como esses alunos estão aprendendo.
GA7.25	O depoente BM3 acredita que o Saresp não atribui muita importância ao resultado do aluno individualmente, e sim ao resultado geral da série. Dessa forma, usam esses resultados para avaliar a escola, o ensino dos professores e o desempenho que os alunos tiveram mediante tal ensino.
GA7.31	O depoente BM5 acha o Saresp importante, pois avalia o conhecimento dele em relação aos três anos do Ensino Médio que passou estudando na escola.
GA8.16	A depoente BM7 acha que o Saresp serve para se verificar se o que deve ser aprendido na escola é o que de fato está se fazendo nas salas de aula, além de verificar como está o desenvolvimento do aluno em relação às matérias

	trabalhadas na escola.
GA8.17	O depoente BM6 acha que o Saresp é um teste para avaliar o que os alunos aprenderam.
GA8.20	A depoente BM7 acha que o Saresp serve para verificar o que os alunos estão aprendendo, já que depois que deixarem a escola, precisarão de todos os conhecimentos adquiridos nela.
GA8.21	Os depoentes do grupo GA8 acham que o Saresp ajuda o governo a avaliar os alunos, porém no caso de eles terem ficado sem professor, fizeram a prova sem saber, portanto acham que a maioria não se saiu bem no Saresp. Dessa forma, acreditam que seriam importantes aulas de reforço para que recuperassem o tempo perdido.
GA8.22	O depoente BM6 acha o Saresp importante para que ele olhe para seu próprio conhecimento. Por outro lado, quando há falta de professor relata que fica difícil aprender, pois os substitutos não conseguem dar continuidade na matéria, pois mudam constantemente.
GA8.23	A depoente BM7 acha que o Saresp é importante, pois, por meio dele os alunos mostram o conhecimento que aprenderam.
GA9.13	A depoente AM1 afirma que o Saresp é uma prova que o governo faz para ver se os alunos estão bem. Porém, relata que conforme observa a educação, acha que escondem os resultados, pois senão iriam ser muito graves.
GA9.19	A depoente AM1 afirma que se a educação fosse boa e as informações do Saresp fossem abertas, ele valeria à pena. Porém, acha que atualmente o Saresp é uma desculpa para a aplicação do Questionário de Contexto e investigar a vida do brasileiro.
GA10.15	O depoente AM4 acha que o Saresp é o <i>feedback</i> sobre o aspecto do ensino no país. Afirma que se foi aplicada uma prova que os alunos foram bem, em relação ao Ensino Fundamental público, ele acha que deveria aumentar a complexidade da prova, pois acredita que o Saresp foi facilitado para os alunos.
GA10.17	O depoente AM2 afirma que o Saresp é importante, pois é uma prova em que ele pode ver quantas questões acerta, além de ser uma preparação para prestar um processo seletivo.
GA10.18	O depoente AM4 acha que o Saresp é um meio dele testar seus conhecimentos e como está o ensino do país. Afirma que o Saresp é um Sistema de Avaliação do Ensino Médio do Estado de São Paulo, portanto é um meio de verificar como está o ensino. Dessa forma, deve-se levar o Saresp a sério, pois a educação se torna importante até na hora de se escolher um candidato nas eleições.
GA10.20	O depoente AM4 afirma que o Saresp é importante por retratar como está o ensino público e o que precisa melhorar.
GA11.11	A depoente AM6 afirma que o Saresp serve para avaliar como está o ensino da escola pública.
GA11.14	Os depoentes do grupo GA11 acham que o Saresp é um bom meio de obter informações sobre o nível das escolas públicas. Além disso, é importante para que os alunos possam avaliar o que eles aprenderam, já que o conhecimento deve ser útil para algo.
GA11.15	A depoente AM6 afirma que o Saresp é uma espécie de preparação para outras provas sérias, como o Enem. Porém, afirma que o Saresp é sério, apesar de muitas pessoas não levarem a sério.
GA12.3	Os depoentes do grupo GA12 afirmam que o Saresp serve para ver como

	está ocorrendo o ensino da escola, como está o rendimento da escola e não dos alunos.
GA12.5	A depoente AM9 afirma que o Saresp é bom para que os alunos se autoavaliem em relação aos seus conhecimentos e para efeito de treino para vestibulares.
GA12.25	Os depoentes do grupo GA12 afirmam que a escola A está entre as cinco melhores da cidade no Idesp. Dessa forma, se eles fizerem a prova de qualquer jeito, e errarem demais, prejudicarão a eles mesmos, pois futuramente falarão que eles estudaram numa escola de baixo rendimento.
GA12.26	O depoente AM8 afirma que o Saresp é importante para ele quando chegam os resultados e ele se autoavalia, verificando como está seu nível de aprendizado e se preparando.
GA12.27	O depoente AM7 não acha o Saresp importante, pois estudou o Ensino Fundamental no Sesi, onde não tinha o Saresp e o ensino era mais rígido. Relata que depois que foi estudar na escola A, o ensino ficou uma bagunça, algo desleixado. Porém, afirma que o Saresp serve pra preparar para o vestibular futuramente, mas ele prefere ver o que importa no momento.
GA12.28	A depoente AM9 afirma que o Saresp ajuda a treinar para o vestibular, pois para ela não importa levar o nome da escola.

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### Quadro 29 – Análises críticas ao Saresp.

1R.12	Análises críticas ao Saresp.
SP1.31	O depoente SP1 diz que o Saresp, atualmente, está sendo usado para avaliar os professores, e não os alunos, porém acha que não avalia nem um nem outro corretamente, já que os alunos não levam a prova a sério, ou seja, não são responsáveis.
SP2.9	A depoente SP2 acha que o propósito do Saresp é ver como a educação está se transformando no decorrer dos anos. Porém, afirma que a proposta real não está exposta, pois não é dado retorno de diversos aspectos, pelos organizadores do Saresp. Por exemplo, se os alunos da depoente foram mal na prova, ela não tem acesso a qual assunto, não podendo rever esse conteúdo e corrigir esses erros apontados.
SP2.11	A depoente SP2 diz que quando tinha acesso às provas do Saresp usava as questões para trabalhar com os alunos, porém atualmente os professores não têm mais acesso, portanto ignoram o que e como os conteúdos estão sendo cobrados.
SP2.12	A depoente SP2 não acha ruim avaliação, porém não concorda em como está ocorrendo atualmente, pois o professor não pode ficar com o caderno de questões do aluno na escola. Questiona o porquê isso não ocorre, já que são enviados os gabaritos para correção.
SP2.18	A depoente SP2 acha errado não serem avaliados os mesmos alunos, ano a ano, no Saresp. Acharia importante que assim fosse, para saber se o aluno se desenvolveu ou não no período, como era feito no início da implantação do Saresp, podendo assim fazer a comparação dos resultados, se houve acréscimo nos acertos e se foram corrigidas as dificuldades.
SP2.19	Na escola, a professora SP2 conta que fazem um plano de ações usando os resultados do Saresp como guia. Porém, acha que seria mais eficiente se analisassem também as provas que os alunos fizeram, pois analisando só os



	dados, sabe-se que os alunos estão com dificuldades, mas não se sabe no que, dificultando o trabalho da equipe escolar. Afirma que se faz um plano para recuperar, com conteúdos que a escola acha que deve ser adequado para aquela série, mas não se tem a prova para saber se foi nesse conteúdo que ocorreu maior defasagem.
SP3.7	O depoente SP3 critica o governo por propagar que o professor deve fazer diversos tipos de avaliação com os alunos, porém os avalia com apenas uma. O professor diz que avalia os alunos com trabalhos em grupos, pesquisas, avaliações do registro e da participação. Conta que para os alunos do noturno não pede muitos trabalhos para serem feitos fora da sala de aula, pois muitos trabalham e não fazem, e os que não trabalham, veem que os que trabalham não fazem, então também não executam a tarefa. Porém, informa que ocorreu uma feira de ciências e que esses alunos fizeram bons trabalhos, a maior parte sendo feito fora da sala de aula.
SP3.8	O depoente SP3 acredita que o governo precisa de uma medida de alguma forma para poder trabalhar, e que algum tipo de avaliação tem que ter. Porém, acha que o Saresp é usado pelo governo para forçar a aprovação automática dos alunos. Acha que o Saresp deveria ser usado somente como indicador da situação do ensino, para orientar o trabalho, já que a partir do momento em que se atrelou o Saresp ao bônus existem professores trabalhando em função dessa prova, o que o depoente considera complicado.
SP3.22	O depoente SP3 acredita que se o governo diz para os professores avaliar os alunos de várias formas, deve fazer o mesmo, avaliando não só com uma prova, e de maneira contínua durante o ano. Acha que deveria ser levada em conta na avaliação a questão da localização da escola e da inclusão de alunos com deficiência mental, pois esses alunos não devem ser avaliados como os demais. Também diz que os professores deveriam ter acesso às avaliações, para saber exatamente os conteúdos contemplados na avaliação, não somente pela matriz de referência para avaliação.
SP3.30	O depoente SP3 acredita ser importante analisar os resultados do Saresp para se delinear metas e conhecer um indicador quantitativo de sua escola. Mas, diz que também se deve olhar a realidade de onde vêm os alunos. Cita como exemplo uma escola na qual os alunos passam por processo seletivo para entrar. Diz que essa escola recebe os melhores alunos da cidade, portanto deve ter um bom índice de avaliação, independente do trabalho feito na escola. Conta que os índices da escola que leciona podem não ser bons porque os melhores alunos saem da escola e também porque o conteúdo no Ensino Médio aumenta muito, prejudicando alunos já com defasagem anterior.
SP4.13	A depoente SP4 acha que a avaliação do Saresp é importante para verificar a situação do ensino como um todo, para que o Estado verifique se está tendo resultado no trabalho na escola. Mas acha que não deve ser usado para avaliar a escola e o professor como está sendo feito, e também diz não concordar com a maneira como está sendo feita a avaliação.
SP4.14	A depoente SP4 acredita que o Saresp deveria ser usado para analisar a situação de cada escola e não para culpar o professor pelo fato de o aluno não tirar determinada nota, não pagando o bônus. Acredita que o professor pode até ter uma parcela de culpa, mas não culpa total. Porém acha a avaliação importante.

SP5.8	O depoente SP5 acha que o Saresp é importante enquanto traz melhorias para a escola. Porém acredita que não é uma avaliação que apresenta exatidão, já que não corresponde àquilo que o aluno aprende na escola. Diz que ouviu professores de Matemática reclamarem que o conteúdo que eles ministraram aos alunos, relativo ao material do novo Currículo, não correspondeu ao que foi abordado pela avaliação do Saresp.
SP5.10	O depoente SP5 acha que o Saresp não é uma avaliação que avalia. Afirma que os resultados do Saresp não correspondem ao que acontece na sala de aula.
SP5.17	O depoente SP5 acha que o Saresp é uma avaliação séria, preparada por pessoas que estudaram para isso. Porém, só o Saresp não soluciona os problemas do ensino.
SP5.18	O depoente SP5 diz que o Saresp pode até trazer recursos para a escola, mas não resolve a situação do ensino no país. Afirma que não mostra a situação do ensino, pois não é em uma prova que o aluno vai mostrar tudo que sabe, já que naquele dia ele pode não conseguir fazer. Acha que é a forma mais fácil de abranger todos os alunos, e não a correta para mostrar a situação do ensino no Estado.
SP5.20	O depoente SP5 acha que o Saresp não resolve os problemas do ensino. Diz que quando se mostra a nota, é só isso, não se têm outras medidas para melhorar. Diz que não vê nenhum esforço dos políticos e da Secretaria da Educação, para melhorar o que se mostrou com dificuldades, no Saresp.
SP6.21	A depoente SP6 diz que quando se pega uma amostra para avaliar, pode pegar só os alunos que não acompanham o conteúdo adequado à série em que se encontram. Já quando se avaliam todos, entre eles estão os que acompanham. A professora conta que na reunião do Conselho de Classe e Série falou que tem sala de aula que leciona para uns 10 alunos, mas tem salas que ninguém quer aprender, que ela fala sozinha, sem interlocutor.
SP7.21	A depoente SP7 não sabe se as questões objetivas medem alguma coisa, pois na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas, na primeira fase, alunos ruins às vezes têm notas maiores que alunos bons. Diz que a responsabilidade da avaliação da escola recai no professor. Afirma entender o método usado no Saresp e diz não saber se tem como mudar, por exemplo, colocando questões abertas, afinal quem iria corrigi-las?
SP7.35	A depoente SP7, apesar de não concordar com o governo em muitas coisas, acha que o Saresp é importante, pois entende que tem que ter avaliação.
SPC1.13	A depoente SPC1 não acha legal o Saresp avaliar por amostragem e também o fato de serem 26 cadernos de prova diferentes e a escola não ter acesso a eles, nem às respostas, não podendo então trabalhar em sala de aula o que foi cobrado pelo Saresp. Conta que no ano passado pediu para ver a prova para quem estava cuidando de uma sala e xerocou sem a pessoa saber, mas que esse ano não fez isso, pois depois eles mandam o relatório, mas que dá trabalho pra montar uma prova, já que tem que recortar e colar tudo.
SPC1.14	SPC1 acha que a maneira como o Saresp é trabalhado não dá para atrelar tudo o que é atrelado, não só o bônus, mas a escola e os alunos ficam marcados pela nota do Saresp. Diz que a turma que saiu em 2009 ficou marcada como boa, pois conseguiu atingir a meta, mas a turma de 2008 ficou marcada como ruim. Conta que eles eram revoltados, tumultuavam a escola, fizeram um Saresp mal feito e trouxeram problemas para a escola, para os professores e para eles mesmos, pois construíram uma má imagem

	da escola e deles próprios.
SPC1.28	SPC1 acha que o Saresp é injusto, pois é uma amostragem e os alunos podem querer punir a escola ou não querer fazer a prova e a escola é prejudicada. Acha que a Diretoria de Ensino, através dos supervisores, que conhecem cada escola, é capaz de analisar se a escola merece ou não o bônus.
SPC3.7	A depoente SPC3 diz que há uma confusão quando não se tem o resultado individual do Saresp, pois na escola se trabalha respeitando o modo de ser de cada aluno, suas dificuldades de aprendizagem, suas fragilidades. Portanto, quando se tem um resultado global, essa individualidade se perde. Conta que este ano tem uma 6ª série na escola com muitos alunos com necessidades educacionais especiais, deficiências mentais e autismo, onde há um trabalho específico. A depoente afirma que apesar de evoluir no aprendizado, os alunos não estão no nível de aprendizagem da 6ª série, mas foram avaliados da mesma maneira que os outros, assim o resultado do Saresp é muito baixo.
SPC3.18	A depoente SPC3 diz que a 8ª série que fez a prova que continha questões abertas de Matemática, é uma classe que tem uma grande quantidade de alunos com necessidades educacionais especiais. Então, apesar de o professor ter trabalhado tais dificuldades, os alunos não apresentavam o nível de aprendizagem esperado para a 8ª série. Assim, diz que os alunos não querem colocar no papel o fracasso deles, já que eles sabem que não aprenderam aquele conteúdo e que o resultado será exposto fora da escola.
SPC3.31	A depoente SPC3 acha que a realidade da escola pública está muito difícil, pois existe uma heterogeneidade de conhecimento, de valores, de funções que os profissionais da escola realizam. Diz que o coordenador e o professor abrem o portão da escola, orientam para não sujá-la, atendem na secretaria, e não são valorizados nesse sentido. Além disso, os alunos que a escola recebe também são heterogêneos, em valores, compromissos. Então acha sem profundidade pegar um único indicador de desempenho, o Saresp e atrelar ao bônus. Questiona o fato de não haver a comparação do aluno do início para o final do ano, e nem o acompanhamento da evolução do aluno.
SPC4.1	O depoente SPC4 diz que a rotinas das atividades da coordenação muda em função do Saresp, pois se dá muito destaque a essa avaliação e outras questões que deveriam ser passadas aos professores, fazer levantamento de faltas de alunos, encaminhamento ao conselho tutelar, são deixadas de lado para que se dê suporte ao Saresp.
SPC4.3	O depoente SPC4 não acredita no Saresp, pois ele avalia o global do Estado, falando que isso é a realidade. Porém, como cada ser humano é diferente do outro, quando se iguala todos, se prejudica a escola que tem menos benefícios em questão de tipos de alunos, de localização, etc. Assim, como nas escolas é trabalhado com as diferenças individuais, questiona como que se pode avaliar todos da mesma forma.
SPC4.6	O depoente SPC4 diz que o relatório do Saresp vem com as habilidades que não estão sendo desenvolvidas do Estado todo, sendo simplesmente uma porcentagem. Acha que não é verdade que isso é válido para todas as escolas, pois cada uma tem sua realidade, sendo uma diferente da outra. Portanto, como não tem esse trabalho em relação ao diferente, o Saresp não serve para muita coisa.
SPC4.7	O depoente SPC4 acha que deveria vir o resultado de cada aluno no Saresp, ou pelo menos de cada escola, pois assim se saberia qual item tem que ser

	<p>mais trabalhado, por estar em defasagem. Porém, o que se sabe é o que está em defasagem no Estado de São Paulo, o que muitas vezes não concorda com a situação da escola. Assim, quando vem o relatório global, tem que haver um esforço junto com os professores, para verificar o que está em concordância com a escola, e se não estiver, o relatório não servirá para muita coisa.</p>
SPC4.8	<p>O depoente SPC4 afirma que era a favor do Saresp logo no início da aplicação das provas, quando o caderno de questões do aluno ficava na escola, e era corrigido ali também. Então já se montavam as planilhas com os resultados e já se sabia as habilidades e competências que não estavam sendo desenvolvidas satisfatoriamente. Assim, se podiam usar os resultados para o planejamento do ano seguinte, o que não acontece atualmente, pois o relatório chega depois de junho, quando se tem um dia para discussão dos resultados.</p>
SPC4.32	<p>O depoente SPC4 conta que a escola com o maior Idesp boicotou o Saresp, pois só receberam bônus, nada no salário, nem para a escola. Questiona então para que serve o Saresp, se não mudou nada para a melhor escola do Estado. Acha que a escola que tem comprometimento não precisa do Saresp para medir se ela é boa ou não, pois estará sempre se empenhando.</p>
SD1.14	<p>A depoente SD1 acha que o Saresp só traz benefícios para a escola, pois é uma avaliação dos alunos em que se pode ver o que se está fazendo corretamente na escola ou o que se está fazendo de errado para melhorar.</p>
SD1.33	<p>A depoente SD1 acha que do modo como as coisas estão sendo feitas a educação não irá valorizar. Diz que a educação não está em primeiro lugar nem para os pais dos alunos, que acham importante somente o filho frequentar a escola, para que recebam o Bolsa Família. Acha que o Bolsa Família deveria estar atrelado à nota do aluno e não à presença, assim se obrigaria os alunos a estudar e poderia ser que melhorasse a situação do ensino. Diz que o Saresp poderia ser aplicado em todas as séries e com base nessas notas, os pais receberiam ou não o Bolsa Família. Conta que os alunos sabem que serão aprovados de uma série para outra apenas se frequentarem a escola, portanto tem aluno que não leva material, que não quer participar de nenhuma atividade e a escola não tem o que fazer. Diz que já aconteceu de pais de alunos irem à escola pedir para tirar algumas faltas de aluno, para que recebessem a Bolsa, mas que a escola não pode fazer isso.</p>
SD1.40	<p>A depoente SD1 acha que o governo usa o Saresp para mostrar para o país e para o Estado que a educação está bem. Mas acha que só o Saresp não é suficiente, pois não são avaliados todos os alunos e não se tem os resultados individuais.</p>
SD2.1	<p>A depoente SD2 conta que pensa sobre os benefícios que o Saresp traz para rede de educação pública do Estado de São Paulo. Acha que talvez seja o fato de a escola parar um tempo para discutir os resultados com os professores.</p>
SD2.2	<p>A depoente SD2 acha que o Saresp era melhor quando os cadernos de questão ficavam na escola. Então, os professores tinham acesso às questões e aos gabaritos, podendo analisar quais eram as habilidades e competências em que os alunos apresentavam dificuldades, tendo assim um diagnóstico aproximado, porém imediato, da situação de aprendizagem dos alunos. Diz que como é feito atualmente, não tem como refletir e discutir os dados do</p>

	Saresp por serem muito gerais.
SD2.3	A depoente SD2 diz que atualmente os cadernos de questões do Saresp não ficam na escola e quando chega o relatório final, depois de vários meses, com muitas páginas, o professor não tem tempo para analisar. Tal análise é feita no dia do Saresp, em torno da metade do ano seguinte. Dessa forma, a escola já está em outro ano, com outro ritmo, outra dinâmica, se preparando para outro Saresp, perdendo o embalo da prova do ano anterior.
SD2.4	A depoente SD2 acha que o Saresp funcionava melhor quando os cadernos de questões ficavam na escola, pois os professores podiam verificar a fase de desenvolvimento dos alunos. Atualmente, quando as questões chegam, já mudou a dinâmica e o ritmo da escola, não havendo tempo para analisar todas as questões e habilidades. Portanto, diz que, na realidade, o resultado do Saresp é usado apenas para premiar com o bônus ou não, dependendo de ter atingindo ou não a meta de aumento do Idesp.
SD2.7	A depoente SD2 diz que não agrupam os alunos para a recuperação paralela pelos resultados do Saresp, já que a escola não recebe os resultados individuais dos alunos, nem as questões que foram aplicadas na prova. Acha que era melhor o funcionamento do Saresp há tempos atrás, quando se tinha, por meio dessa avaliação, uma descrição dos alunos da escola.
SD2.8	A depoente SD2 diz que quando os cadernos de questões do Saresp ficavam na escola, os professores podiam analisar quais habilidades e competências que aquelas questões estavam avaliando, e verificar quais questões os alunos tinham acertado. Porém, atualmente, são levados todos os cadernos embora e os professores não têm um critério para avaliar, mesmo porque o resultado vem por classe e por série e não individualmente para cada aluno.
SD2.9	A depoente SD2 conta que vem em uma pasta a parte do relatório final com os níveis de proficiência da escola, por série. Porém, ela acha que seria melhor se o caderno de questões ficasse na escola para que o professor pudesse avaliar imediatamente, mesmo que sem a análise dos especialistas em avaliação, os resultados de seus alunos.
SD2.10	A depoente SD2 diz que a escola se modifica continuamente, sendo que a cada ano alunos entram e saem da escola, por necessitar estudar em horários que a escola não oferece ou por passar em exame de seleção de escola técnica. Assim, quando chega o resultado do Saresp, ele não reflete a atual configuração da escola. Dessa maneira, acaba-se por não fazer uma análise muito detalhada desses resultados.
SD2.13	A depoente SD2 pensa que deve ser repensado o fato de as provas não ficarem na escola após a aplicação do Saresp, não vendo sentido em não ficar na escola nem um modelo das provas que foram aplicadas. Conta que alguns diretores de escola fazem cópias das provas, mas que ela não faz isso. Diz que no ano seguinte vem um relatório, com muitas folhas, para ser discutido em um único dia, o que é inviável, mesmo porque a escola já está em outro movimento. Portanto o Saresp não está tendo o efeito que deveria.
SD2.14	A depoente SD2 diz que avaliação externa não é garantia de melhoria de qualidade de ensino. Acha que para essa melhoria, deve-se ter uma estrutura de base, recursos didáticos, pedagógicos e boa formação do professor. Além disso, diz que para isso, precisa-se de professores interessados em lecionar.
SD2.24	A depoente SD2 afirma que a escola tem que suprir defasagens dos alunos quem vêm do Ciclo I e basicamente não são alfabetizados, não conseguem formular um enunciado nem interpretar o significado de palavras ou

	sentenças. Relata que esse é um trabalho extraordinário que o professor tem que fazer para suprir a defasagem e tentar ministrar o conteúdo correspondente àquela faixa etária e série. Conclui que o Saresp avalia a série de acordo com o conteúdo que deveria ser ministrado, o que explicaria os baixos resultados da escola.
SD2.28	A depoente SD2 acredita ser boa a existência do Saresp, por ser uma avaliação externa, porém gostaria de um retorno dos resultados mais próximo e mais rápido à avaliação efetuada. Gostaria também que as provas fossem deixadas na escola, para que o professor pudesse corrigir e observar os alunos que não foram bem. Ela afirma que tenta agrupar os alunos pelas habilidades e competências nas salas de aula.
SD2.55	A depoente SD2 acha que o Saresp faz parte de uma política de avaliações externas tanto do Brasil como do Estado de São Paulo. Como a escola faz parte do sistema de ensino ela acredita ser boa a participação, porém afirma que o modo como está sendo conduzido é aquém do esperado. Acredita ser um ponto essencial um <i>feedback</i> imediato, como era antes, com os cadernos de questões ficando na escola.
SD2.56	A depoente SD2 afirma que o Saresp é importante para escola em que trabalha.
GA1.33	Os depoentes do grupo GA1 acham que o Saresp deveria ser aplicado todo ano. BF1 acha que o governo não tem um pensamento amplo, já que está correndo riscos em relação aos resultados do Saresp. Dessa forma, sugere que sejam cautelosos quanto ao conteúdo cobrado, pois em 2010 eles não tiveram a matéria do 4º bimestre e ela foi cobrada no Saresp. Afirma que isso também acontece em relação às aulas e provas na escola.
GA2.37	O depoente BF4 afirma que o Saresp é insuficiente para ver o aprendizado escolar. Os depoentes afirmam que é difícil de aprender com 40 alunos conversando e desinteressados (pois serão promovidos com certeza).
GA2.46	O depoente BF4 acha que o Saresp é uma maneira de avaliar o desempenho do aluno, a escola e o Estado. Porém, acha insuficiente para dar destaque à condição de ensino, já que o ensino público no Estado de São Paulo está defasado e, acha insuficiente, também, para avaliar o desempenho do aluno. Afirma que todos são culpados dessa situação do ensino.
GA2.59	Os depoentes do grupo GA2 acham o Saresp importante, porém não deveria ser para todos os alunos, somente para aqueles que estão interessados em fazer, pois se o aluno não tem interesse, ele vai atrapalhar, inclusive pelo dinheiro gasto com a prova dele. A depoente BF5 afirma que para os alunos que não se interessam não adianta falar, pois eles só se atentarão para o que poderiam ter feito diferente quando não tiverem sucesso na vida fora da escola. O depoente BF4 acha que a escola também não deveria ser para todos, somente para aqueles que quisessem aprender.
GA2.60	O depoente BF4 afirma que o Saresp possui aspectos positivos e negativos. Acha que não é um bom sistema para avaliar os alunos, mas para verificar a qualidade da escola e destinar verbas para os lugares adequados, sim. Porém, afirma que se gasta muito dinheiro com o Saresp e muitos alunos não acham ele importante.
GA3.28	O aluno BF7 acredita que o Saresp deveria ser feito por todas as séries, de 6º ao 9º ano, pois se ele tivesse feito o Saresp em todas as séries ele saberia mais sobre fazer a prova.
GA4.26	Os depoentes do grupo GA4 acham que o interesse dos professores não

	deveria recair sobre a escola, porém, sobre o aprendizado e resultado individual de cada aluno.
GA4.34	Os alunos do grupo GA4 não veem importância no Saresp, já que ele não é um critério para que os alunos sejam promovidos e nem mesmo eles têm acesso aos resultados individuais. Portanto, afirmam que é só uma prova, que se eles errarem tudo nem vão saber e que serão promovidos de qualquer maneira. A depoente AF2 afirma que se esforçava para fazer o Saresp enquanto achava que ele seria critério para sua promoção para o próximo ano letivo.
GA4.38	Os depoentes do grupo GA4 criticam o fato de os professores somente se preocuparem com o Saresp, que não tem importância para os alunos, pedindo empenho, fazendo revisões, e não fazerem o mesmo com as provas de processos seletivos para as escolas técnicas. Citam apenas um professor, o de Português, que ajudou na preparação para as provas de escolas técnicas.
GA5.35	O depoente AF8 não acha que o Saresp é uma prova adequada para medir como está o ensino da escola pública em comparação à escola particular, pois o conteúdo cobrado no Saresp é focado no conteúdo ensinado nas escolas públicas, que é um conteúdo insuficiente para um vestibulinho ou uma entrevista de emprego. Portanto, acha que as pessoas têm que aprender que quando veem algo errado devem reclamar e não aceitar, por exemplo, alguns dizem que a prova do Saresp é fácil, portanto vai fazer rapidamente, mas não se atenta que alguns conteúdos farão falta em algumas situações.
GA5.43	O depoente do grupo GA5 afirma que tudo que se aprende é importante, mas que o pessoal para de ir para a escola depois que as notas finais são elaboradas. Portanto, o Saresp não tem valor, pois a nota já foi elaborada. O depoente acha que tem que fazer o Saresp, pois ajuda um pouco, mas que não é assim que se mede conhecimento.
GA5.46	O depoente AF5 afirma que o Saresp, para ele, não tem valor, pois não existe um retorno acerca da prova que os alunos fazem. Portanto, quando o governador afirma que as escolas públicas do Estado foram bem no Saresp, não se pode saber se é verdade ou mentira. Faz uma analogia disso com o resultado da eleição: não se pode saber se o resultado é verdadeiro já que o voto é secreto.
GA5.47	A depoente AF7 acha que o Saresp deveria existir para avaliar a escola, porém acha que é um modo errado de avaliar, pois os alunos ruins puxam para baixo o valor da média de notas da sala, ou seja, os alunos bons são prejudicados, pois acabam tendo uma reputação que não é deles.
GA5.51	O depoente AF8 acha que o Saresp deveria levar em conta também o resultado das escolas particulares, além de ser cobrado nas provas um conteúdo semelhante ao ministrado em tais escolas. O aluno relata que o que está acontecendo no Brasil é que as escolas públicas não são tão boas quanto as particulares, portanto os pais que têm mais dinheiro colocam os filhos em escolas particulares para que depois tenham chance de ingressar em uma universidade pública e os alunos que têm que estudar na escola pública não possuem as mesmas chances de ingressar numa universidade pública. Desse modo, afirma que o país não está agindo de maneira democrática.
GA5.52	Os depoentes do grupo GA5 acham que o Saresp não é importante, pois: não ficam sabendo dos seus resultados; não tem retorno; modo errado de avaliar o ensino público; resultados postos em dúvida; muitos alunos não se esforçam; não ajuda a passar em vestibulinhos; educação é precária, portanto

	o Saresp não tem valor.
GA5.56	Os alunos do grupo GA5 dizem que o Saresp é obrigatório, mas que muita gente não vai fazer a prova e não acontece nada com esses alunos. Como eles não têm retorno dos resultados da prova, muitos alunos dizem que não vão fazer o Saresp, pois vai avaliar a escola e que se ele não for, não vai fazer diferença. Além disso, relatam que o governo não força para que façam a prova, já que não acontece nada se não forem: não vale nada e não são reprovados.
GA5.60	O depoente AF8 afirma que, ao falar sobre o Saresp, ninguém demonstrou preocupação com a educação de cada aluno, que representam o futuro do Estado e do país.
GA7.30	Os alunos do grupo GA7 acham que deveria ser selecionado quem vai fazer a prova e mostrar o que aprendeu para o governo, já que existem alunos que não levam a sério o Saresp. O depoente BM3 relata que existem muitos alunos que possuem a chance de aprender, mas que não têm vontade, portanto a escola não tem culpa se esse aluno não aprende, já que ele não traz essa vontade de fora da escola. Por esse motivo, deveria se selecionar pessoas que querem fazer uma prova bem feita, para que se tenha o desempenho da escola em relação ao que se tentou ministrar
GA7.32	O depoente BM3 afirma que o Saresp é importante para ele, pois em seu currículo constará a escola em que estudou e se essa escola tiver um nível bom no Idesp, na época em que ele estudou nela, ele deve ser um aluno bom, esperto, que se dedicou. Porém, relata que a prova deveria ser mais destacada, com o resultado por aluno, e que outras entidades tivessem acesso a esse resultado, senão não vale de nada.
GA7.33	A depoente BM4 concorda com o depoente BM3 que o Saresp é importante por ser uma avaliação da escola e que no currículo constará o nome da escola. Porém, afirma que se ele não tivesse falado, ela diria que o Saresp não é importante para ela, pois só avalia a escola e não avalia a ela.
GA7.34	O depoente BM3 afirma que deveria sair o resultado por aluno para que o Saresp tivesse valor. Acha, também, que deveria ser inspirado no vestibular, ou seja, divulgando a nota do aluno naquele ano e naquela escola. Porém, acha que não é isso que é feito, portanto não acha que é uma boa prova.
GA9.10	A aluna AM1 relata que atualmente as pessoas não se importam mais com o Saresp, pois foi abandonada a ideia de que se o aluno não tirar uma boa nota nessa prova ele não será aprovado para o próximo ano letivo. Isso ocorreu, pois de todos os Saresp que a depoente participou, afirma que não teve acesso às notas de nenhum.
GA9.19	A depoente AM1 afirma que se a educação fosse boa e as informações do Saresp fossem abertas, ele valeria à pena. Porém, acha que atualmente o Saresp é uma desculpa para a aplicação do Questionário de Contexto e investigar a vida do brasileiro.
GA10.15	O depoente AM4 acha que o Saresp é o <i>feedback</i> sobre o aspecto do ensino no país. Afirma que se foi aplicada uma prova que os alunos foram bem, em relação ao Ensino Fundamental público, ele acha que deveria aumentar a complexidade da prova, pois acredita que o Saresp foi facilitado para os alunos.
GA10.24	O depoente AM4 acha que se o conteúdo que o Saresp cobra se tornar mais complexo, consequentemente o ensino também ficará melhor. O depoente acha que não adianta melhorar a questão do Saresp se não melhorar a



	questão do ensino, ou seja, com conteúdos melhores para os alunos estudarem.
GA10.25	Os depoentes AM2, AM3 e AM4 acham que o Saresp deveria ser obrigatório, pois muitos alunos não levam a sério a prova ou não fazem.
GA11.12	Os depoentes afirmam que a maioria dos alunos não leva a sério o Saresp, portanto se der como resultado que o ensino é fraco, pode não estar certo, pois muitos não fizeram a prova corretamente. Afirmam que os professores ensinam bem.
GA12.4	O depoente AM7 acha que o Saresp é bom para o aprendizado do aluno, pois no momento que ele está lendo e entendendo as questões ele aprende algo.
GA12.31	Os depoentes do grupo GA12 relatam que o Saresp é sempre um desafio para os alunos da 3ª série do Ensino Médio.

Fonte: Dados organizados pela autora.

### Quadro 30 – Idesp e prêmio financeiro.

1R.13	Idesp e prêmio financeiro
SP1.13	O sujeito SP1 acha uma atitude sem ética o atrelamento que o governo fez: aumento do Idesp com o bônus. Em sua opinião, além das habilidades que são avaliadas nos alunos, também se tem que avaliar o cotidiano e a prática escolares, e as atividades realizadas na escola, mas que não são contempladas pelo Saresp, para que se possa avaliar melhor a escola.
SP1.14	O depoente SP1 acha que dar uma remuneração adicional, paga além do salário, é estimulante, já que a maioria das pessoas só realiza determinada atividade se obtiver algum benefício ao realizá-la. Porém, percebe que esse ato pode causar intrigas dentro das escolas, já que o valor desse prêmio não é uniforme entre os professores.
SP2.10	A professora SP2 é contra dar um prêmio por aprendizagem. Ela acredita que isso não deveria ser o que mais chama atenção. Acredita que o Saresp deveria servir para melhorar o ensino no Brasil e não servir de castigo financeiro ou não. Se um problema foi detectado na avaliação, ele deveria ser corrigido e não relacionado com o bônus. Diz que quem trabalha na educação não visa a dinheiro, e sim a boa formação dos alunos, não para obter lucro em função disso. Questiona se estão querendo comprar o professor para ele ensinar. Portanto não acha legal o atrelamento do bônus com a aprendizagem do aluno. Porém acredita que poderia até existir tal bônus, mas não entrelaçado com a aprendizagem do aluno.
SP3.9	O depoente SP3 acha bom que se tenham objetivos para alcançar, metas a cumprir. Porém, acredita que se a meta foi cumprida ou não, deve-se verificar o porquê, já que cada escola é uma escola com suas próprias características. Por exemplo, na escola em que SP3 leciona, há alunos com deficiência mental ou que trabalham o dia todo, portanto talvez não consigam cumprir a meta estabelecida. Afirma que a partir do momento em que se atrela essas metas com o bônus, está-se forçando a aprovação do aluno e dirigindo os conteúdos trabalhados em função da prova. Acha que ver a avaliação nesse sentido não compensa.
SP4.14	A depoente SP4 acredita que o Saresp deveria ser usado para analisar a situação de cada escola e não para culpar o professor pelo fato de o aluno não tirar determinada nota, não pagando o bônus. Acredita que o professor

	pode até ter uma parcela de culpa, mas não culpa total. Porém acha a avaliação importante.
SP4.20	A depoente SP4 acha que o governo poderia cobrar a meta de aumentar o Idesp, já que é importante sempre melhorar, se também cobrasse do aluno, pois diz que para o aluno tanto faz se ele lê a prova e tenta resolver, ou não. Conta que tem muitos alunos que não se comprometem com a aprendizagem, concluindo que o aumento do Idesp não depende só do professor.
SP4.27	A depoente SP4 acredita que a divulgação pública dos resultados do Saresp pode gerar uma rivalidade entre as escolas, por outro lado, é bom que se divulgue o que se está sendo feito, porém diz não saber até que ponto o Saresp é feito com seriedade. Afirma que a competição em cidade pequena é complicada, pois são feitos julgamentos a respeito das escolas, baseados no Idesp, chegando a falar mal de algumas por não terem atingido a meta.
SP4.28	A depoente SP4 diz que o bônus é pago às escolas não somente pelo resultado no Saresp, mas são também algumas atividades que são feitas na escola que se junta para ver se a escola é melhor ou não. Afirma que se a escola não recebe o bônus, é qualificada como ruim e que acha isso um ato sem responsabilidade, pois o resultado também depende dos alunos que frequentam a escola, da sua localização e do comprometimento desses alunos. Diz que se uma escola não atingiu a meta, não significa que lá não se trabalhou, pois existem outros fatores além do desempenho na prova que interferem.
SP5.14	O depoente SP5 acha que o atrelamento do bônus com o aumento do Idesp por um lado é bom, pois ganhando o bônus o professor vai querer melhorar. Por outro, diz que pode desestimular o professor, caso ele não ganhe o bônus. Também afirma que o professor não trabalha para alcançar determinada nota em uma prova, senão a escola pode virar um cursinho preparatório para o Saresp, o que não é seu objetivo, e sim formar cidadãos, aptos também ao mercado de trabalho.
SP6.2	A depoente SP6 conta que em 2010 ganharam o bônus, mas em 2009 não ganharam. Explica que em 2008 tinha uma 8ª série só, com alunos que não acompanhavam o ritmo de aprendizado considerado adequado. Já em 2009 foram avaliadas três 8ªs, que também possuíam alunos que não acompanhavam, mas também havia alunos que entusiasmavam a professora a ensinar.
SP6.6	SP6 diz que os alunos às vezes se atentam e percebem que não vai acontecer nada para eles em função do Saresp, e que acham que é só para o professor ganhar bônus, inclusive questionando o porquê de se empenhar na prova só por esse motivo. Diz que reforça essa atitude o fato do governo colocar na mídia que vai se ganhar até 12 mil reais. Afirma que deveria ser mudada alguma coisa nesse sentido, sendo ela contra o pagamento do bônus, que acha que deveria ser incorporado ao salário. Além disso, não concorda com o fato de depender dos alunos para ganhar o bônus, pois se o aluno não fizer nada, ela não ganha nada.
SP6.7	A depoente SP6 acha importante fazer os alunos perceberem que o Saresp é para melhoria do ensino e não só para o bônus. Conta que na escola que leciona explicam aos alunos que o Saresp é um sistema para avaliar o ensino e que pode trazer verbas enviadas pelo governo para a escola. Diz que na escola em que trabalha, não se limitam a pensar só no bônus (como acontece

	em outras escolas) se tiverem que reprovar alunos, eles serão reprovados, mas diz que tem escola que se limita a pensar no bônus.
SP6.8	A depoente SP6 não concorda em atrelar o bônus com o aumento do Idesp. Diz que com isso a escola tem que promover o aluno, pois entram no cálculo as retenções e evasões. Acha a avaliação válida, porém não deveria estar atrelada ao bônus, pois os profissionais da educação trabalham da mesma forma com ou sem esse dinheiro. Afirma ser contra o bônus, pois acha que esse montante financeiro deveria ser incorporado ao salário.
SP6.13	A depoente SP6 diz que quando a escola não ganhou o bônus, a divulgação dos resultados foi desagradável, pois em cidade pequena ocorre muita comparação entre as escolas. Assim, conta que as escolas que conseguiram o bônus fizeram faixas com o valor do Idesp e também saíram em desfiles comemorativos na cidade, e a escola que não conseguiu não pôde fazer nada disso. Disse que foi difícil para a escola em que trabalha atingir o índice no Saresp de 2008, pois a 8ª série era mais fraca que a do ano anterior.
SP7.6	A depoente SP7 acha que a avaliação da escola é muito importante, não pelo bônus e sim para conhecer as consequências de seu trabalho. Conta que no ano passado, em 2009, não receberam o bônus, pois não atingiram a meta em 2008, e diz que o ruim foi a humilhação de ter trabalhado o ano todo e não conseguir nada. Afirma que todos têm culpa, os alunos que não estão interessados, não querem fazer nada e os professores também acabam se culpando.
SP7.7	A depoente SP7 conta que depois do ano em que não atingiram a meta, se tornou uma obstinação na escola conseguir atingi-la, por parte da coordenação e direção. Diz que em sua aula no dia a dia não muda muito em função do Saresp, pois tem a programação curricular para seguir. Porém, quando chega mais próximo do Saresp ela faz uma revisão de conteúdos básicos em Matemática.
SP7.27	A depoente SP7 diz que o Saresp é usado pelo governo só para falar na mídia, pois na escola não viu resultados. Conta que a escola está tentando valorizar o Saresp, tentando fazer os alunos melhorarem. Diz que muitos professores pensam no bônus, que todo mundo pensa e que o governo está conseguindo.
SP7.28	A depoente SP7 afirma ser uma atitude sem ética o atrelamento do bônus com o aumento do Idesp. Diz que o governo não vê outra maneira, para que haja essa agitação pelo Saresp, que ela vê claramente na coordenação da escola, inclusive a preocupação com retenção de aluno. Conta que na reunião do Conselho de Classe e Série era dito: gente, olha o bônus. Acha que o governo amarrou os professores para que os números aumentem, e disse que estão conseguindo, mas não sabe se está correto. Diz que as avaliações externas de sistemas de ensino existem em outros países há mais tempo, mas que não sabe como são dirigidas. Acha que é um começo o que está ocorrendo no Brasil.
SP7.36	A depoente SP7 diz que o Saresp ser atrelado ao bônus é ruim, pois quando envolve dinheiro pode atrapalhar. Porém, pensa que com esse atrelamento a escola vai querer ganhar o bônus, então melhora as aulas e talvez reflita num melhor aprendizado.
SPC1.3	A depoente SPC1 diz que tudo acontece em função do Saresp, inclusive as redações que o professor trabalha em sala de aula. Diz que o Saresp gera o bônus da escola e que ficaram sem receber em 2008 e foram tratados mal,

	tiveram uma pressão muito grande, portanto mudaram toda a estratégia de trabalho.
SPC1.8	A depoente SPC1 diz que quando não ganharam o bônus, toda a Diretoria de Ensino se voltou para a escola em que trabalha, por ser a maior da cidade e ter sempre sido uma escola muito boa, portanto não ganhar o bônus fez com que eles perdessem a base onde estavam se assentando. Assim, enviaram uma supervisora de ensino que ajudou muito, ampliando os horizontes que tinham antes.
SPC1.9	A depoente SPC1 diz que em 2009 tiveram um choque por não receber o bônus, mas que uma professora disse que se tivessem conseguido, continuariam fazendo as coisas da mesma maneira. Porém, quando não dá certo, percebe-se que tem alguma coisa errada e procuram-se meios para mudar pra melhor.
SPC1.26	A depoente SPC1 acha que existem outras maneiras de olhar o desempenho da escola, que não seja pelo bônus, pois na prova do Saesp o aluno pode não dar importância para a prova, não querer fazer e chutar as respostas das questões, o que prejudica a escola. Portanto, acha que não é justo atrelar o bônus ao alcance da meta.
SPC2.17	A depoente SPC2 acha errado atrelar o bônus ao aumento do Idesp, pois diz que está fora do que acontece no cotidiano escolar. Acha que o Saesp deveria servir para fazer uma pesquisa do desempenho dos alunos, organizando e tratando os dados estatisticamente, para poder ser comparado com outras escolas, mas não ser atrelado ao bônus do professor. Não acha justo esse atrelamento, pois o professor tem muito trabalho durante o ano todo e se o aluno não tem interesse pelo aprendizado, o professor não recebe o dinheiro. Acha que deveria ter aumento salarial todos os anos.
SPC2.23	A depoente SPC2 afirma que o governo quer colocar todas as crianças e adolescentes na escola, pois está preocupado com os índices de escolaridade, não importando o que está acontecendo na realidade escolar, e a escola tem que superar as dificuldades.
SPC3.29	A depoente SPC3 não concorda com o atrelamento do bônus com o aumento do Idesp, pois a Secretaria da Educação tem uma política de trabalhar as diferenças, respeitar as individualidades e quando vai pagar o professor não considera nada disso, faz uma única avaliação no Estado inteiro e paga o bônus. Conta que a escola em que trabalha tem um resultado acima da média do município e do Estado, mas que isso não é levado em consideração. Acha que então os professores se desestimulam, e esse desestímulo passa para o aluno e para a equipe gestora. Diz que a escola é super lotada, com 1300 alunos, não tem mais sala de vídeo, a sala de informática não funcionou em 2010, pois estava sendo adaptada para o Programa ACESSA Escola. Fala que também não tem todos os funcionários necessários, não tem inspetor e somente um servente por período, além de ser uma escola de periferia, e recebe o bônus segundo o mesmo critério de uma escola central, com menos alunos e o quadro de funcionários completos. Acha então que esse atrelamento deveria ser revisto, pois o professor deve ser valorizado tanto financeiramente quanto com formação continuada e instrumentos para trabalhar.
SPC3.31	A depoente SPC3 acha que a realidade da escola pública está muito difícil, pois existe uma heterogeneidade de conhecimento, de valores, de funções que os profissionais da escola realizam. Diz que o coordenador e o professor

	abrem o portão da escola, orientam para não sujá-la, atendem na secretaria, e não são valorizados nesse sentido. Além disso, os alunos que a escola recebe também são heterogêneos, em valores, compromissos. Então acha sem profundidade pegar um único indicador de desempenho, o Saresp e atrelar ao bônus. Questiona o fato de não haver a comparação do aluno do início para o final do ano, e nem o acompanhamento da evolução do aluno.
SPC4.17	SPC4 diz que o motivo para não se ter acesso às notas dos alunos é porque é dito que o Saresp avalia o sistema de ensino e não os alunos, nem a escola. Porém, questiona que quando chega o momento oportuno é pago o bônus do professor usando o resultado dessa avaliação.
SPC4.18	O depoente SPC4 concorda em vincular cumprimento de metas de uma escola a merecimento. Porém vincular avaliação externa a isso, ele não concorda, já que a situação de uma avaliação é diferente do normal da escola e os alunos ficam ansiosos e às vezes não conseguem fazer a prova.
SPC4.26	O depoente SPC4 afirma que o Idesp vai variar durante os anos, pois os alunos são diferentes em cada ano. Cita como exemplo o 2º ano do Ensino Médio, que diz não estarem tão preparados quanto os alunos do 3º ano que fizeram Saresp em 2010, devido a já terem vindo com um histórico de defasagem quando chegaram à escola. Portanto, provavelmente o índice do Saresp 2011 será menor que o do Saresp 2010, apesar de terem tentado corrigir os problemas educacionais desses alunos.
SPC4.30	O depoente SPC4 diz que diminui a auto-estima do professor o fato de ele trabalhar o ano todo com os alunos e depois receber pouco ou nada de bônus, não tendo o reconhecimento de seu trabalho. Acha terrível que se puna o professor, o coordenador, porque os alunos de um determinado ano não têm a mesma capacidade do ano anterior, pois o trabalho é feito da mesma forma, às vezes é até maior.
SPC4.31	O depoente SPC4 diz que quando a escola atinge a meta vem somente o bônus, nada além disso.
SD1.1	A depoente SD1 afirma que quando analisaram os resultados e viram que a avaliação não era boa, como, por exemplo, quando a escola não atingiu a meta de aumento do Idesp, passaram a fazer mudanças nas atividades da escola na direção de melhoria dos resultados, pois ocorreram cobranças. Conta que os alunos não tinham o hábito de estudar, e começaram a levar a sério quando se implantou semana de provas e simulados, fazendo com que eles sentissem necessidade de estudar, prestar atenção na aula, tirar dúvidas e participar da recuperação paralela.
SD1.2	A depoente SD1 diz que em 2008 trabalharam como nos outros anos, mas que no ano de 2009 não receberam o bônus, por não ter atingido o Idesp esperado, referente ao Saresp 2008. Acha que isso foi bom, pois perceberam que falharam em alguma coisa, que deveriam ter se empenhado mais. Conta que a escola em que trabalha é vista como referência de escola boa na Diretoria de Ensino, pois participam das atividades e gostam de trabalhar.
SD1.4	A depoente SD1 diz que na escola, os alunos são informados, e os professores trabalham em cima do Saresp, para que os alunos tenham o rendimento que se espera. Portanto diz que se indignou quando não alcançaram a meta, mas diz que, então, não fizeram o suficiente para convencer os alunos que tinham que estudar, que faltou a semana de provas que agora fazem, enfim, que o Saresp mudou a maneira como eles trabalham, nos últimos três anos.

SD1.29	A depoente SD1 acha que não deveria estar vinculado o bônus com o aumento do Idesp, pois a escola se empenha, trabalha muito e quando não ganha o bônus, todos ficam desestimulados a trabalhar, com o pensamento de que quem ganhou o bônus é melhor, então eles trabalham e quem não ganhou, não trabalha. Diz que os alunos podem saber o conteúdo, mas na hora da prova podem ficar nervosos e esquecer de tudo, o que influencia para que a escola tenha um resultado ruim.
SD2.36	A depoente SD2 se diz preocupada com o atrelamento do Idesp com o bônus dos professores, pois uma escola que está num patamar alto pode cair no próximo ano, ou ainda a escola pode mudar e gerar essa queda. Afirma que isso ocasiona uma grande decepção entre os professores e coordenadores, pois eles trabalham corretamente. Acha esse atrelamento uma violência com os professores, devendo ser repensado. Sugere que o Idesp seja levado em conta para uma proporção do bônus, e não totalmente, pois diz não ser a maneira correta de melhorar a qualidade de ensino. Relata que no ano passado professores e coordenadores da escola não receberam bônus do Ensino Médio.
SD2.45	A diretora SD2 afirma que aparentemente o não alcance das metas do Ensino Médio foi um problema geral no Estado, um pouco atenuado no caso do Ensino Fundamental.
GA2.38	O depoente BF4 acha que o Estado deveria olhar a escola de maneira diferente, pois há muitos professores que merecem ganhar o bônus, mas que não ganham porque os alunos não aprenderam. Não acha isso justo, pois afirma que os professores não recebem aumento de salário e sim bônus, e a maioria dos alunos não aprende porque não quer. Destaca que se deve diferenciar aluno que possui dificuldades de aluno que não fez o que deveria ser feito.
GA2.39	A depoente BF6 acha antiético o professor não receber bônus por conta de alunos desinteressados. Mas, ressalta que os professores têm responsabilidades sobre isso, pois aprovam alunos sem que tenham aprendido.
GA2.52	Os depoentes do grupo GA2 afirmam que alguns professores só pensam no bônus ao incentivar os alunos para fazer o Saresp, e outros pensam no conhecimento dos alunos. O depoente BF4 acha que o bônus é muito bom financeiramente para o diretor da escola. A depoente BF6 afirma que os professores incentivam os alunos a prestar atenção nas questões do Saresp, ler mais de uma vez cada uma, deixar para o final da prova aquelas que não conseguem resolver.
GA2.53	Os depoentes do grupo GA2 afirmam que, de acordo com o desempenho dos alunos no Saresp, a escola é avaliada e, se a nota for boa e a meta atingida, a escola recebe uma quantia em dinheiro para limpeza, informática, pintura. Portanto, concluem que devem ter um bom desempenho, para que a escola e seus alunos possam usufruir dos benefícios futuramente.
GA5.40	O depoente do grupo GA5 critica a implantação do bônus para os professores, afirmando que é desprezível, pois o professor ganha um dinheiro a mais para aprovar todos os alunos. Acha que os professores não aceitaram esse fato e não aprovam todos os alunos, pois não teria lógica um aluno que não sabe ler ou escrever sair do 3º ano do ensino Médio para fazer vestibular e Enem. O depoente acha o modo como o Estado atua sobre a escola pública sem lógica e horrível.

GA11.13	Os depoentes AM5 e AM6 afirmam que os professores podem receber uma espécie de bônus, mas que uma professora falou que nunca recebeu.
---------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Dados organizados pela autora.

### Quadro 31 – Preparação do professor para o Saresp.

1R.14	Preparação do professor para o Saresp.
SP1.11	SP1 afirma que foi dada uma orientação pelos coordenadores da escola de como é a escala de proficiência do Saresp, de como funciona a escala. Foram dados alguns exemplos, mas curso não tiveram. Ficou de licença saúde por três meses, então nesse período não tem certeza, mas acha que não teve.
SP1.12	SP1 sabe entender a escala de proficiência do Saresp, mas não acha prático, pois se quiser elaborar uma atividade usando a escala, vai exigir muito tempo.
SP2.16	A depoente SP2 afirma que é bem informada pela escola. Conta que dois professores foram para cursos de capacitação, onde foi falado sobre o Saresp. Diz que essas capacitações ocorrem todos os anos, para onde vai um professor de cada série e disciplina que será avaliada, e que depois nas reuniões na escola, passam essas orientações aos demais.
SP3.20	O depoente SP3 entende a escala de proficiência do Saresp.
SP3.19	O depoente SP3 conta que na escola mostraram como funciona a escala de proficiência. Diz que foi feita pela escola uma imitação do Saresp, com os professores respondendo as atividades, e que também comparam os níveis dos alunos no decorrer do tempo.
SP4.18	A depoente SP4 diz entender a escala de proficiência do Saresp.
SP5.13	O depoente SP5 não sabe se ocorreu algum curso na escola sobre o Saresp. Ele não participou de nenhum.
SP5.15	O depoente SP5 não conhece o plano de metas do governo.
SP6.15	A depoente SP6 diz que teve curso sobre o Saresp para quem aplicou as provas e que na escola passaram informações sobre o que é o Saresp, pra que serve, pra que o governo usa, durante a HTPC.
SP6.16	A depoente SP6 diz que as coordenadoras pedagógicas passam informações sobre a escala de desempenho na HTPC.
SP7.5	A depoente SP6 diz que a rotina das aulas muda quando está bem próximo ao Saresp. Porém, afirma se sentir pressionada pela coordenação e direção da escola, pois se tem uma preocupação muito grande com o Saresp. Conta que as coordenadoras e a vice diretora dizem que o trabalho do ano todo é para os dois dias do Saresp.
SP7.32	A depoente SP7 diz que não teve curso sobre o Saresp na escola em que trabalha. Conta que os coordenadores são chamados na Diretoria de Ensino e depois repassam o que foi falado para os professores, na própria escola.
SP7.33	A depoente SP7 diz não entender a escala de proficiência, acha que tem falta de clareza, inclusive diz que nem os coordenadores entendem. Fala também que sente desânimo em entender o que é, pois não entende. Acha que deveria ser mais transparente.
SPC1.18	A depoente SPC1 diz que o que a Diretoria de Ensino passa para os coordenadores, às vezes é colocado num projetor e passado para os professores na escola. Porém, diz que não tem grandes modificações de um ano para o outro.
SPC2.14	A depoente SPC2 diz que os professores se preocupam com o Saresp, pois se

	sentem responsáveis pelos resultados, já que fazem o possível para os alunos aprenderem e quando a escola tem uma nota baixa, ficam desapontados.
SPC3.13	A depoente SPC3 diz que na Diretoria de Ensino explicaram bem o funcionamento da escala de proficiência do Saresp. Fala que tem pouco tempo para trabalhar com os professores esse tema, já que só se reúne com eles por duas horas durante a semana, nas HTPCs e, além do Saresp, tem que tratar de problemas do dia a dia, projetos específicos e da formação continuada do professor, portanto não há tempo hábil para um aprofundamento do tema.
SPC4.2	O depoente SPC4 diz que trabalha com os professores as questões relativas à pedagogia que será utilizada no Saresp. Também é destacada a importância de ser feita uma revisão dos conteúdos escolares já vistos e trabalhar com os alunos a importância da avaliação, apesar do depoente não acreditar muito no Saresp.
SPC4.10	O depoente SPC4 diz que nas orientações sobre o Saresp é explicado sobre a escala de proficiência, mas que é difícil para os professores que não tenham um pouco de conhecimento em Matemática entenderem. Afirma que a escala foi implantada, mas que vão descobrindo a função de cada coisa aos poucos. Diz que estão estudando sobre isso desde 2008 e ainda não entendem metade das coisas.
SPC4.11	O depoente SPC4 afirma que desde que terminam as provas do Saresp até quando chega o relatório final, os coordenadores vão traçando, em linhas gerais, as informações que vão surgindo para passar para os professores.
GA5.53	O depoente AF5 afirma que os professores não possuem muita informação sobre o que será cobrado no Saresp, pois eles não têm contato com as provas, portanto eles ministram o máximo que eles conseguem de conteúdos para que os alunos se saiam bem nas provas.

Fonte: Dados organizados pela autora.

### Quadro 32 – Análise e encaminhamentos dos resultados do Saresp.

<b>1R.15</b>	<b>Análise e encaminhamentos dos resultados do Saresp.</b>
SP1.10	SP1 não usa os resultados do Saresp para avaliação, somente o simulado que aplica, usa como uma atividade bimestral.
SP2.17	A depoente SP2 afirma que entende a escala de proficiência do Saresp e que quando a escola recebe os resultados, são analisados, em reuniões, os níveis de proficiência dos alunos das diferentes séries e disciplinas avaliadas.
SP2.19	Na escola, a professora SP2 conta que fazem um plano de ações usando os resultados do Saresp como guia. Porém, acha que seria mais eficiente se analisassem também as provas que os alunos fizeram, pois analisando só os dados, sabe-se que os alunos estão com dificuldades, mas não se sabe no que, dificultando o trabalho da equipe escolar. Afirma que se faz um plano para recuperar, com conteúdos que a escola acha que deve ser adequado para aquela série, mas não se tem a prova para saber se foi nesse conteúdo que ocorreu maior defasagem.
SP3.15	O depoente SP3 afirma que na escola em questão, os resultados do Saresp são trabalhados no sentido de atingir as metas propostas pelo Estado. Diz que também é feita uma comparação com os resultados de outras escolas, pois acha que olhar só para os números não tem significado. Portanto, olha-se também para a parte qualitativa dos resultados, ou seja, as qualidades de cada



	escola, para tentar melhorar.
SP3.16	O professor SP3 diz que nas reuniões com professores em HTPCs foram apresentadas as habilidades avaliadas no Saresp e a forma como é calculado o nível de proficiência. Conta que na escola em que leciona, os alunos têm melhor desempenho em Matemática nas séries iniciais do que no Ensino Médio. Acredita que um dos motivos é que a quantidade de conteúdo aumenta muito, fazendo com que alunos não consigam aprende-los.
SP3.17	O depoente SP3 diz que vem um relatório por matéria, por escola. Não sabe se vem por habilidades avaliadas.
SP3.18	O depoente SP3 não tem certeza se neste ano de 2010 veio relatório para todas as disciplinas. Disse que na outra cidade que lecionava lembra que veio um relatório por habilidade, que os alunos desenvolveram ou não.
SP3.29	O depoente SP3 acredita que não é uma avaliação que vai resolver os problemas da educação, mas que sim faz parte de um processo, no qual a importância da avaliação reside no retorno que se tem após sua realização. Diz que o Saresp aplica uma avaliação, avalia o que os alunos não sabem e acaba aí, sendo uma avaliação por si só, o que não ajuda na educação.
SP4.15	A depoente SP4 diz que na escola são analisados os resultados do Saresp, por exemplo, para verificar o conteúdo que as classes mais erraram ou acertaram.
SP4.16	A depoente SP4 diz que o resultado vem por escola e por série, sendo divulgado depois do começo do ano, quando é então analisado.
SP4.17	A professora SP4 acha que deveria sair a nota de cada aluno para que eles pudessem conhecê-la. Diz que também seria importante sair a nota individual para que se trabalhasse o aluno individualmente, apesar de que também afirma que o professor conhece as dificuldades de seus alunos.
SP4.19	A depoente SP4 diz que busca usar os resultados do Saresp para verificar onde os alunos possuem mais dificuldade. Porém, acha que para fazer isso, deveria se acompanhar os alunos todos os anos por meio da avaliação externa.
SP6.17	A depoente SP6 diz que não usou os resultados do Saresp esse ano e nem o ano passado, pois não lecionou para séries que fizeram o Saresp.
SP7.27	A depoente SP7 diz que o Saresp é usado pelo governo só para falar na mídia, pois na escola não viu resultados. Conta que a escola está tentando valorizar o Saresp, tentando fazer os alunos melhorarem. Diz que muitos professores pensam no bônus, que todo mundo pensa e que o governo está conseguindo.
SP7.30	A depoente SP7 diz que são discutidos os níveis de proficiência dos alunos e que ela tenta lembrar-se disso quando está lecionando. Acha que os professores refletem acerca dos resultados do Saresp, principalmente em Matemática, pois os alunos apresentam dificuldades, se saindo mal na prova, o que faz os professores se preocuparem.
SPC1.22	A depoente SPC1 diz que o professor não consegue trabalhar habilidades diferentes dentro de uma mesma sala de aula com 40 alunos, apesar de saber das dificuldades deles. Acha que falta alguém para mostrar para a escola como corrigir os problemas detectados pelo Saresp em sala de aula. Diz que a escola está imobilizada pelo uso do material enviado pelo governo. Resume dizendo que o entendimento do Saresp é falho, que a Diretoria de Ensino tenta explicar, mas não se tem tempo suficiente.
SPC2.10	A depoente SPC2 diz que usam o resultado do Saresp na escola para verificar se os resultados correspondem ao que a escola esperava nas séries

	que participam da prova. Por esse motivo, acha que deveria vir o resultado individual dos alunos, assim poderiam ver se estão trabalhando corretamente, fazendo simulados e semana de provas bimestrais.
SPC3.3	A depoente SPC3 diz que as atividades dos professores e conseqüentemente da coordenação mudam em função do Saresp. Conta que no planejamento feito no início do ano letivo usam o resultado do Saresp para nortear o trabalho e já providenciam as atividades de preparação para o Saresp. Diz que o trabalho da coordenação é auxiliar o professor na preparação de materiais que envolvam questões do Saresp para ir preparando os alunos, já que há uma grande preocupação com essa preparação.
SPC3.4	A depoente SPC3 diz que usam os resultados do Saresp para inserir no plano de trabalho dos professores, do ano seguinte, as habilidades que não foram aprendidas pelos alunos, principalmente nas 6 <sup>as</sup> séries.
SPC3.5	A depoente SPC3 diz que eles sabem a tendência do resultado do Saresp, pois fazem simulados durante o ano. Assim, quando chega o resultado oficial já sabem quais são as principais dificuldades dos alunos e no ano seguinte, ou no mesmo ano trabalham atividades específicas para corrigir tais dificuldades. Diz que depois que vem o relatório final, tem um dia de estudos do Saresp na escola.
SPC3.6	A depoente SPC3 diz que o resultado do Saresp não é individual por aluno e sim por série. Assim, sabem onde estão as dificuldades e as habilidades que não foram alcançadas, o que norteia o trabalho da escola.
SPC3.15	A depoente SPC3 diz que tem que conquistar a confiança do professor para que ele trabalhe as competências e habilidades necessárias aos alunos e para que se possa subsidiar o trabalho dele. Conta que trabalha o Saresp como uma avaliação diagnóstica e depois vem a prova e contradiz o que ela falou que deveria ser trabalhado, daí ela tem que se flexibilizar para resolver esse problema.
SD1.15	A depoente SD1 acha que deveria ser disponibilizado o resultado individual dos alunos para as escolas saberem quais são as dificuldades de cada um. Diz que poderiam usar os resultados para tentar agrupar os alunos com as mesmas dificuldades de aprendizagem numa mesma classe. Conta que há uns quatro anos atrás tentaram fazer isso na escola, porém não tinham espaço físico para separar em muitas classes, além de ter um número mínimo de alunos para abrir uma classe, tiveram então que misturar alunos com dificuldades diferentes. Mas a experiência não deu certo, pois os pais de alunos reclamavam que haviam separados os filhos dos amigos.
SD2.5	A depoente SD2 diz que existe pouco tempo para se discutir sobre o Saresp do ano anterior, pois nos HTPCs tem que se discutir outros assuntos mais atuais, como por exemplo, fazer o levantamento dos alunos que serão encaminhados para a recuperação paralela. Assim, se perdem discussões, pois se tem basicamente só o dia do Saresp para isso.
SD2.11	A depoente SD2 diz que por meio dos resultados do Saresp não se consegue montar um quadro da situação dos alunos, para agrupá-los em determinadas classes ou encaminhá-los para estudos de recuperação paralela, pois não se tem o resultado individual.
SD2.30	A diretora SD2 relata que quando chega o Relatório Pedagógico, que é um material volumoso, os coordenadores reúnem os professores nos HTPCs, apresentam o material disponibilizado, preparam apresentações, porém afirma que a dinâmica da escola não permite que a análise seja feita como os

	técnicos recomendam. Conta que a análise que é feita na escola é geral, por dados da escola, sem maiores detalhes, já que não há tempo hábil para isso, apenas HTPCs (onde nem sempre se reúnem todos os professores) e o dia do Saresp, que é um dia apenas. Acredita que seria importante o professor ter acesso às questões que caíram na prova, apesar de que há professores que buscam mais informações no site, mas acha isso uma questão que apenas alguns professores fazem. Acredita que no Estado todo funcione dessa maneira, a análise feita de maneira geral, sem muitos detalhes.
SD2.31	A depoente SD2 relata que o dia do Saresp aconteceu em julho. Afirma que o resultado do Saresp vem em termos de porcentagem de metas atingidas do Idesp, em relação às disciplinas avaliadas.
SD2.32	A depoente SD2 relata que a escola elabora um plano de trabalho anual onde anexa os resultados do Saresp, apresentados no Boletim da escola. Nesse Boletim, é apresentada a distribuição percentual dos alunos nos níveis de proficiência nas disciplinas e séries avaliadas no Saresp; também são apresentadas as proficiências médias do Estado no Saeb e Prova Brasil. Afirma que a escola planeja mediante as habilidades e competências que o aluno deve ter, o alcance das metas propostas. Porém, afirma que há rotatividade de alunos, então no ano em que é feito o planejamento, houve mudanças nos alunos avaliados daquela série, ou seja, alguns saíram e outros entraram.
GA2.56	Os depoentes do grupo GA2 afirmam que foi falado que a nota do Saresp 2010 de cada aluno comporá a nota do 4º bimestre na escola, portanto quem não fez o Saresp ficará com nota zero além de ter a possibilidade de reprovar o ano. BF6 afirma que vários alunos não fizeram a prova.
GA3.29	O depoente BF8 relata que a equipe de gestão falou que a vida dos alunos estaria na prova do Saresp, portanto eles deveriam se esforçar para não deixar nenhuma questão sem resposta. Questiona o fato de a vida dos alunos estar na prova. O depoente BF7 acha que ela quis dizer que a nota do Saresp vai ficar para sempre no Histórico Escolar, sendo possível de ser verificar se determinada pessoa era um bom aluno.

Fonte: Dados organizados pela autora.

### Quadro 33 – Outros modos visualizados de avaliar.

1R.16	Outros modos visualizados de avaliar
SP1.13	O sujeito SP1 acha uma atitude sem ética o atrelamento que o governo fez: aumento do Idesp com o bônus. Em sua opinião, além das habilidades que são avaliadas nos alunos, também se tem que avaliar o cotidiano e a prática escolares, e as atividades realizadas na escola, mas que não são contempladas pelo Saresp, para que se possa avaliar melhor a escola.
SP1.15	O sujeito SP1 acha que é difícil pensar outro modo de avaliar, pois mesmo que se avalie a participação nas atividades e o comportamento dos alunos nas aulas, sempre cometemos alguma injustiça.
SP1.16	O sujeito SP1 acha que para se fazer a avaliação externa de uma escola, deveria ter um ou mais professores capacitados para avaliar, que ficassem dentro da escola, acompanhando seu funcionamento, em todos os períodos que a escola funcione.
SP1.18	O sujeito SP1 diz que inicialmente teria que melhorar o sistema e os métodos de ensino, para que depois se pense em mudanças em relação à avaliação.

SP1.32	O sujeito SP1 diz que talvez deveriam ser dadas recompensas aos alunos, para que eles levassem a prova mais a sério, já que contou ser frequente ouvir alunos dizendo que não vão fazer, pois não vão ganhar nada com isso.
SP2.18	A depoente SP2 acha errado não serem avaliados os mesmos alunos, ano a ano, no Saresp. Acharia importante que assim fosse, para saber se o aluno se desenvolveu ou não no período, como era feito no início da implantação do Saresp, podendo assim fazer a comparação dos resultados, se houve acréscimo nos acertos e se foram corrigidas as dificuldades.
SP3.22	O depoente SP3 acredita que se o governo diz para os professores avaliar os alunos de várias formas, deve fazer o mesmo, avaliando não só com uma prova, e de maneira contínua durante o ano. Acha que deveria ser levada em conta na avaliação a questão da localização da escola e da inclusão de alunos com deficiência mental, pois esses alunos não devem ser avaliados como os demais. Também diz que os professores deveriam ter acesso às avaliações, para saber exatamente os conteúdos contemplados na avaliação, não somente pela matriz de referência para avaliação.
SP3.30	O depoente SP3 acredita ser importante analisar os resultados do Saresp para se delinear metas e conhecer um indicador quantitativo de sua escola. Mas, diz que também se deve olhar a realidade de onde vêm os alunos. Cita como exemplo uma escola na qual os alunos passam por processo seletivo para entrar. Diz que essa escola recebe os melhores alunos da cidade, portanto deve ter um bom índice de avaliação, independente do trabalho feito na escola. Conta que os índices da escola que leciona podem não ser bons porque os melhores alunos saem da escola e também porque o conteúdo no Ensino Médio aumenta muito, prejudicando alunos já com defasagem anterior.
SP5.19	O depoente SP5 acha que uma maneira melhor de avaliar seria com pessoas fiscalizando, vivenciando o dia a dia e o ambiente de cada escola, e depois esses fiscais se reuniriam e diriam o que ocorre em cada escola. O depoente acha que esse método seria melhor do que somente uma prova.
SP7.22	A depoente SP7 acha que o Saresp mediria mais o ensino se a prova fosse composta de questões abertas. Acha que a nota poderia até piorar, pois a maioria dos alunos não gosta de Matemática, que ela considera não ser uma disciplina atrativa. Diz também que por mais que se tente deixar a Matemática mais atraente, parece que não funciona.
SP7.29	A depoente SP7 não consegue pensar em outra maneira de avaliar o sistema.
SPC1.27	A depoente SPC1 acha que é importante ver o índice de aprovação e retenção das escolas, mas ele pode ser disfarçado, por exemplo, no Ensino Fundamental não pode ser levado em consideração, pois não tem reprovação. Como modo alternativo de avaliar a escola sugere que a Diretoria de Ensino sabe a escola que apresenta as condições desejadas ou não para receber o bônus. Conta que teve uma época em que o governo enviava certa quantidade de “muito bom, bom, regular e péssimo” para o diretor e ele tinha que distribuir entre os professores. Diz que foi terrível, pois havia escolas onde não se tinham professores ruins, e também quando se distribuía essas “avaliações” corria-se o risco de deixar alguns professores às margens da escola.
SPC3.21	A depoente SPC3 acha que tinha que ser levado em conta o que as escolas falam, quando da avaliação. Diz que quando chega uma prova aberta, a

	escola sabe a classe que tem condições de fazê-la e deveria ter o direito de escolher qual classe será avaliada em todo o currículo. Essas são as classes em que os alunos que já chegaram à escola alfabetizados e com conhecimentos de Matemática básica, portanto conseguiu-se cumprir a proposta curricular do Estado de São Paulo adequada para a série. Diz que mesmo na 8ª que fez a prova aberta, tinham alguns alunos que estavam preparados, mas era minoria. Acha que para classes onde se trabalhou de maneira diferenciada com os alunos, deveria haver uma avaliação também diferenciada, pois se as escolas do Estado recebem vários tipos de alunos, deveriam se ter vários tipos de avaliações.
SPC4.27	O depoente SPC4 diz que a escola faz o melhor possível com os alunos que ela tem. Porém, diz que deveria ser avaliado o aluno assim que ele chega à escola, na 5ª série e depois ir acompanhando o Idesp dessa turma, para ver se está melhorando. Conta que para a escola, os resultados variam como onda. Cita o exemplo dos 2 <sup>os</sup> anos do Ensino Médio que chegaram à escola com uma defasagem grande, então foi feito um grande trabalho, mas vê que quando estiverem no 3º ano, o Idesp vai cair.
SD1.41	A depoente SD1 acha que o Saresp deveria avaliar os mesmos alunos todos os anos, para que se pudesse acompanhar a maneira como eles estão evoluindo no desempenho, num intervalo menor do que o atual. Diz que na escola, internamente, os alunos são avaliados todos os dias, meses e anos.

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### Quadro 34 – Série e disciplina que o professor leciona.

1R.17	Série e disciplina em que o professor leciona.
SP3.4	O depoente SP3 leciona para todos os 3º anos do Ensino Médio da escola.
SP5.1	O depoente SP5 lecionou para os 3 <sup>os</sup> anos do Ensino Médio.
SP5.2	SP5 leciona a disciplina de parte diversificada de Matemática.
SP5.7	O depoente SP5 começou a lecionar este ano de 2010 e ainda não lecionou Matemática, na grade curricular regular.
SP6.1	A depoente SP6 não lecionou nas séries que fizeram o Saresp em 2010.
SP7.1	A depoente SP7 leciona nas 1 <sup>as</sup> , 2 <sup>as</sup> e 3 <sup>as</sup> séries do Ensino Médio no período da manhã nas 1 <sup>as</sup> e durante a noite nas 2 <sup>as</sup> e 3 <sup>as</sup> .

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### Quadro 35 – Como a Matemática é vista nas avaliações do Saresp e na/da sala de aula.

1R.18	Como a Matemática é vista nas avaliações do Saresp e na/da sala de aula
SP1.7	O depoente SP1 achou que a prova do 3º ano do Ensino Médio estava fácil. Porém, afirmou que para determinadas turmas a prova pode ser fácil e para outras turmas não. Mas concluiu que, no geral, a avaliação não estava muito difícil.
SP2.5	A depoente SP2 afirma que o material da proposta curricular não detalha bem os conteúdos abordados, não possui uma sequência que facilite o ensino e a aprendizagem. Portanto, a professora não trabalha somente com esse material, mas também com um livro didático que utiliza o método de resolução de problemas. Afirma também que os alunos, após realizarem a prova do Saresp, são unânimes em dizer que o conteúdo abordado nas provas se assemelha ao

	conteúdo do livro didático. Diz que a prova do Saresp privilegia os conteúdos, enquanto o caderninho se preocupa mais com a didática.
SP3.16	O professor SP3 diz que nas reuniões com professores em HTPCs foram apresentadas as habilidades avaliadas no Saresp e a forma como é calculado o nível de proficiência. Conta que na escola em que leciona, os alunos têm melhor desempenho em Matemática nas séries iniciais do que no Ensino Médio. Acredita que um dos motivos é que a quantidade de conteúdo aumenta muito, fazendo com que alunos não consigam aprende-los.
SP4.11	A depoente diz que falta compromisso do aluno com aprendizagem, pois eles são capazes de aprender. Acredita que a falta de cobrança de notas é o maior problema da escola atualmente, o que causa a falta de interesse do aluno, já que se ele tirar qualquer nota não fará diferença. Diz que o aluno em Matemática tem que buscar o que já aprendeu e que se esbarra em alunos que não conseguem fazer multiplicação corretamente. Atribui importância à família, dizendo que têm pais que se preocupam e têm pais que não sabem o que está sendo feito na escola. Diz também que quando os pais trabalham em lugares que não exigem muitos anos de estudos escolares, os alunos acham que basta conseguir o que os pais conseguiram, não dando importância ao estudo escolar.
SP7.22	A depoente SP7 acha que o Saresp mediria mais o ensino se a prova fosse composta de questões abertas. Acha que a nota poderia até piorar, pois a maioria dos alunos não gosta de Matemática, que ela considera não ser uma disciplina atrativa. Diz também que por mais que se tente deixar a Matemática mais atraente, parece que não funciona.
SP7.30	A depoente SP7 diz que são discutidos os níveis de proficiência dos alunos e que ela tenta lembrar-se disso quando está lecionando. Acha que os professores refletem acerca dos resultados do Saresp, principalmente em Matemática, pois os alunos apresentam dificuldades, se saindo mal na prova, o que faz os professores se preocuparem.
SD1.8	A depoente SD1 diz que quando fala do Saresp para os alunos, conta que o nome deles vai junto com o resultado e que a escola irá mostrar para os pais deles. Quando fazem os simulados mostram o resultado para os pais e questionam se o filho não fez nada, se não aprendeu nada, se o professor não está ensinando ou se os alunos não estão estudando, se não estão prestando atenção ao professor. Diz que os alunos falam que os professores não ensinam e não são bons, mas que eles têm professores que também lecionam em escolas particulares e em faculdades, que os alunos não sabem a capacidade dos professores e nem a deles próprios. Diz que ninguém é incapaz de aprender, alguns têm mais facilidade e outros mais dificuldade. Cita seu próprio exemplo, dizendo que não era boa aluna de Matemática, que fez Biologia, mas teve que aprender Matemática, pois se usa em todos lugares, Matemática e Português, então têm que aprender.
GA1.4	Os alunos do grupo GA1 divergem em relação à opinião sobre a dificuldade das provas do Saresp. BF1 acha a prova de Matemática difícil, BF2 acha o nível de dificuldade mediano e BF3 afirma que as provas de Português e Ciências estavam fáceis, mas a de Matemática não estava difícil, porém continha algumas questões que não puderam ser feitas, pois eram referentes a conteúdos do 4º bimestre do caderno do aluno que não haviam sido ministrados ainda.
GA1.6	BF1 afirma ter chutado a maioria das questões de Matemática, BF2 diz não

	ter chutado muitas e BF3 conta que chutou em torno de seis questões. Em relação à Português, os alunos afirmam que a prova estava fácil.
GA1.26	BF1 e BF2 afirmam ter muita dificuldade em aprender Matemática e a consideram a disciplina mais difícil. BF3 considera Português a disciplina mais difícil.
GA1.34	BF1: A depoente afirma odiar Matemática e que até em outras disciplinas tem Matemática. Cita como exemplo a prova de Ciências do Saresp que caiu Matemática.
GA1.35	A aluna BF3 acredita que o processo de recuperação deve ser feito o ano todo, pois se o aluno não está entendendo a matéria, deve recuperar desde o começo, e não só no final do ano. Afirma que em Matemática não pode decorar, deve aprender, senão na hora da prova não consegue fazer as questões.
GA1.37	A depoente do grupo GA1 afirma que em Matemática o aprendizado depende do professor, que deve ser insistente, explicando a matéria até o aluno entender.
GA2.8	Os alunos do grupo GA2 afirmam que acharam a prova fácil em geral. BF4 afirma que a de Matemática estava mais fácil que a de Português, porém BF5 afirma que para ela não.
GA2.9	Os alunos do grupo GA2 relatam que foram preparados para o Saresp com dois simulados: um da escola e outro da Diretoria de Ensino, chamado de Sarespinho. BF6 achou o simulado da escola mais difícil que o Saresp, tendo, inclusive, chutado diversas questões na prova de Matemática já que afirma que no Saresp são requisitados conteúdos básicos, não sendo os conteúdos que aprenderam durante o ano. BF4 concorda que são requisitados conteúdos básicos no Saresp. BF5 achou a prova do Saresp mais difícil que a dos simulados.
GA2.23	Os depoentes do grupo GA2 relatam que em 2010 a escola implantou um sistema de provas bimestrais, que ocorrem em uma determinada semana, para todas as matérias da manhã e algumas da tarde. Afirmam que o Saresp é diferente dessas provas bimestrais, pois a prova da escola trata apenas da matéria do bimestre e o Saresp é um resumo de tudo que aprenderam desde o 6º ano. A depoente BF6 acha a prova do Saresp mais fácil que as provas bimestrais, ainda mais de Matemática, pois a maioria dos alunos não consegue entender o que a professora explica, apesar de ela explicar mais de uma vez e insistir para que os alunos aprendam. O depoente BF4 afirma que a Matemática é difícil.
GA2.28	A depoente BF5 acha que o material do Currículo mais ajuda do que atrapalha, em algumas matérias. Afirma que em Matemática conseguiu aprender o que não estava conseguindo aprender sem ele, pois há explicações no material. A depoente também afirma que não entende, de imediato, muitas coisas em Matemática, sendo que às vezes todos na classe já entenderam e ela não. O depoente BF4 afirma que Matemática é difícil.
GA3.3	Os alunos do grupo GA2 contam que fizeram as questões abertas de Matemática em uma das classes de 9º ano, e BF7 acha que essa prova estava mais fácil que as outras provas do Saresp, e fez todas. Já BF8 achou muito difícil e não fez uma.
GA3.5	Os depoentes do grupo GA3 afirmam que leram as questões de Matemática, mas apresentam dúvidas quanto a esse fato. BF7 relata que chutou em torno

	de cinco questões, pois não sabia respondê-las. BF8 afirma que chutou no máximo seis questões.
GA3.6	Os depoentes do grupo GA3 afirmam que a prova de Matemática estava mais difícil do que fácil e que a de Português estava mais fácil. Porém, BF8 relata que não leu as questões de Português.
GA3.7	O depoente BF8 afirma que estuda Matemática, mas que não consegue entender.
GA4.5	Os depoentes do grupo GA4 acharam difícil a prova aberta de Matemática do Saresp. Relatam que era composta por cinco questões, sendo que eles fizeram aquelas que tinham aprendido o conteúdo e que se lembravam. As depoentes AF1 e AF2 afirmam que responderam cinco e quatro, respectivamente.
GA4.6	As depoentes AF1 e AF2 relatam que uma das questões da prova aberta, que não tinha alternativas como resposta, era pegadinha, ou seja, confundia quanto à resposta correta, induzindo ao erro. A questão era: Tinha 8 fitas azuis, 7 rosas, 2 vermelhas em um recipiente. Se alguém pegasse uma das fitas, qual a cor que tinha maior probabilidade de ser pega? Acham que é uma pegadinha, pois é óbvio que todos iriam responder azul. Alunos acharam a resposta muito óbvia.
GA4.7	Os alunos do grupo GA4 acharam a prova de Matemática mais difícil que as outras. A depoente AF3 afirma ter chutado muitas questões. O depoente AF4 diz ter chutado algumas.
GA4.13	As alunas AF1 e AF2 afirmam que no segundo dia do Saresp, dia em que foi efetuada a prova com questões abertas de Matemática, ocorreram problemas na sala de aula, pois os alunos se negaram a fazer essa prova, querendo ir embora da escola e deixar as questões sem resposta. A diretora e a professora de Matemática foram chamadas, a professora conversou com os alunos e eles fizeram a prova.
GA5.5	Os depoentes AF6, AF7 e AF8 acharam a prova de Matemática difícil. Já o depoente AF5 achou fácil.
GA6.3	Os depoentes do grupo GA6 afirmam que a prova aberta de Matemática estava com as três primeiras questões fáceis e as outras duas difíceis, tanto que a maioria da classe não conseguiu fazer.
GA6.7	Os depoentes do grupo GA6 relatam que as provas do primeiro dia estavam fáceis, porém a de Português apresentava textos grandes com várias alternativas.
GA7.5	Os depoentes do grupo GA7 afirmam que as provas do Saresp estavam fáceis, com poucas questões complicadas e a maioria com textos e interpretação.
GA7.6	Os depoentes do grupo GA7 relatam que a prova de Matemática estava mais difícil, pois ficaram sem professor por um bom período em 2010. Afirmam, que não somente eles, mas em outras escolas também. No entanto, o depoente BM3 relata que foi cobrado conteúdo básico em Matemática, para verificar se os alunos sabiam ao menos aquilo, sendo que questões mais complicadas foram poucas.
GA7.8	Os depoentes do grupo GA7 afirmam que chutaram algumas questões de Matemática, aquelas que estavam mais difíceis e que não conseguiram fazer, mesmo depois de ler todas. Porém, afirmam que muitos alunos chutaram muitas questões, respondendo somente aquelas que estavam com a resposta óbvia, para poder sair da classe.



GA8.7	Os depoentes do grupo GA8 relatam que a prova aplicada no 1º dia estava mais fácil que no segundo. Afirmam que a prova aberta de Matemática estava difícil. Afirmam que nas disciplinas que não tiveram professor durante o ano, tiveram maior dificuldade em responder a prova, como foi o caso de Matemática, já que ficaram sem professor durante quase dois bimestres, concluindo que foi a prova mais difícil.
GA8.8	Os depoentes BM6 e BM7 afirmam que a prova aberta de Matemática foi composta por cinco questões que não possuíam alternativas, portanto todos os cálculos deviam ser expostos, impedindo o chute. Portanto, os alunos fizeram algumas e outras deixaram em branco, por não saber responder.
GA9.4	A depoente AM1 afirma que foi tranquilo responder as questões do Saresp, por mais que os textos e as perguntas estivessem grandes, o que tornou a prova cansativa.
GA9.5	A depoente AM1 afirma não gostar de Matemática, e não ser boa nessa disciplina, portanto chutou aquelas questões que tentou, mas não obteve resultados. Afirmar que foram muitas.
GA9.20	A depoente AM1 afirma que se esforça para resolver as questões relativas às matérias que vai bem, porém em Matemática ela tenta algumas vezes, e se não consegue, chuta.
GA9.22	A depoente AM1 relata que perguntas bobas são aquelas com um nível de dificuldade inferior à 3ª série do Ensino Médio, como questões acerca de planificação de figuras geométricas ou de interpretação de texto com a resposta óbvia; questões que não requerem muita concentração para serem respondidas.
GA10.7	Os alunos do grupo GA10 afirmam que leram, interpretaram e responderam a maioria das questões, pois estavam fáceis e eles haviam estudado os conteúdos no passado. Afirmam que de Matemática a maioria das questões estava fácil, com questões sobre, por exemplo, equações do 1º grau e funções.
GA10.16	Os depoentes do grupo GA10 acreditam que a prova do Saresp estava muito fácil, com cobrança da maioria dos conteúdos do Ensino Fundamental e até o 2º ano do Ensino Médio principalmente em Matemática. Acham que o nível de complexidade da prova deveria ser maior, pois, para que ingressem em um curso superior, quanto maior a quantidade de conteúdo aprendido, melhor.
GA11.2	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que o Saresp apresentou conteúdos desde o 9º ano do Ensino Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio.
GA11.3	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que a prova de Português e Matemática estava com nível de dificuldade médio, mas no 2º dia de prova estava bem mais fácil, com questões que exigiam apenas interpretação.
GA11.5	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que se confundem nos cálculos, em Matemática. Relatam que tentam lembrar como se resolve, mas não lembram. Contam que chutaram algumas questões, em torno de cinco.
GA11.7	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que de Língua Portuguesa leram e entenderam todas as questões, pois era interpretação de texto. Já de Matemática não todas, sendo que essas eles chutaram as respostas.
GA12.13	Os depoentes do grupo GA12 afirmam que a prova de Português estava fácil, conseguiram fazê-la tranquilamente. De Matemática, o depoente AM8 relata que algumas coisas não estavam fáceis.
GA12.17	Os depoentes do grupo GA12 afirmam ter refletido em todas as questões. Os

	depoentes AM7 e AM8 afirmam que nas de Matemática pensaram bastante, e nas de Português nem tanto. Já a depoente AM9 afirma que pensou bastante tanto nas de Matemática quanto nas de Português.
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Dados organizados pela autora.

**Quadro 36** – Comprometimento dos alunos e dos pais com o processo de avaliação e com o processo de ensino e aprendizagem.

1R.19	Comprometimento dos alunos e dos pais com o processo de avaliação e com o processo de ensino e aprendizagem
SP1.23	O depoente SP1 afirma que os alunos são orientados para o comportamento de somente frequentar a escola, copiando a matéria, fazendo o mínimo que os pais pedem, para ter uma nota. Diz que a maioria dos pais não tem ideia do que o aluno faz dentro da sala de aula.
SP1.24	O depoente SP1 afirma que a maioria dos alunos não comparece à recuperação, justificando que eles não frequentam porque não querem.
SP1.26	O professor SP1 conta que ministrou aulas de recuperação de Matemática para o Ensino Médio durante o ano de 2010. Fala que nenhum aluno do noturno frequentava, quando a recuperação era em período contrário, dessa maneira, na escola, elaboraram um plano em conjunto com o professor da série regular, e as aulas de recuperação eram no mesmo horário das aulas regulares. Assim, os alunos que estavam de recuperação poderiam sair da aula regular para ir para a recuperação. Diz que suas aulas não significavam nada para os alunos, que nem sempre vinham os mesmos alunos, tendo assim que repetir conteúdos já dados, devido a essa rotatividade dos alunos e percebia também que eles saíam da aula do outro professor, só para estar num local diferente naquele dia, sem preocupações com sanar as dificuldades. A situação muda um pouco quando conta que ministrou aulas de recuperação para alunos do período diurno, classe na qual ele também era professor regular. Disse que usava estratégias, táticas para fazer com que esses alunos viessem às aulas da tarde. Conta que nessa turma a recuperação funcionou, mas nas do noturno conseguiu poucos resultados positivos.
SP1.29	O sujeito SP1 diz que existem alunos na escola que não fazem nada relativo aos estudos e estragam a escola, destruindo-a fisicamente. Esses alunos reprovaram. Mas questiona se é necessário destruir a escola para que o aluno reprove. Defende que a escola não deve ser obrigatória, já que há pessoas que não gostam ou não veem sentido em frequentá-la. Conta que é usado como argumento para a escola obrigatória o fato de que alunos de Ensino Fundamental não sabem ainda o que quer da vida, por ser jovem. Porém, diz que se mesmo conversando com os pais, repetidas vezes, as atitudes desses alunos não mudam, não é só o motivo de o aluno ser novo, em idade.
SP1.30	O sujeito SP1 diz que os alunos não consideram a prova do Saesp séria, pois permanecem na sala somente o tempo mínimo requerido, chutam as alternativas, não lêem (ou lêem rapidamente) as questões. Acha que a maioria tenta fazer, mas são poucos os que realmente fazem, os que ficam até o final tentando fazer.
SP1.32	O sujeito SP1 diz que talvez devessem ser dadas recompensas aos alunos, para que eles levassem a prova mais a sério, já que contou ser frequente ouvir alunos dizendo que não vão fazer, pois não vão ganhar nada com isso.

SP1.33	O depoente SP1 diz que o aluno sabe que se mantiver um comportamento aceitável dentro da sala de aula, ele pode passar de ano, mesmo não tendo notas boas para isso, portanto não leva a sério as provas. Dessa maneira acha que não se deve usar a avaliação do comportamento do aluno para aprová-lo ou não, e sim a nota relativa ao conteúdo trabalhado.
SP3.24	O depoente SP3 não acha apropriado, em geral, o comprometimento dos alunos na avaliação do Saresp nem nas avaliações feitas dentro da escola. Diz que há dois motivos para os alunos agirem assim: um que por terem defasagens no conhecimento em Matemática, relativo à série em que se encontram, como mecanismo de se defender, para não se expor a constrangimentos, se negam a fazer avaliações individuais, já que em geral podem recuperar a nota com um trabalho em grupo. Outro motivo é que o aluno sabe que sempre vai ter outra chance para se recuperar, e que ele pode ser promovido de maneira fácil, então não se empenha.
SP4.2	A depoente SP4 acha que os alunos deveriam ser cobrados para que aprendessem, pois acredita que na progressão continuada não importa se os alunos sabem ou não. Acha que se os alunos se envolvessem com o aprendizado, o Saresp seria apropriado para medir o conhecimento que o aluno adquiriu.
SP4.11	A depoente SP4 diz que falta compromisso do aluno com aprendizagem, pois eles são capazes de aprender. Acredita que a falta de cobrança de notas é o maior problema da escola atualmente, o que causa a falta de interesse do aluno, já que se ele tirar qualquer nota não fará diferença. Diz que o aluno em Matemática tem que buscar o que já aprendeu e que se esbarra em alunos que não conseguem fazer multiplicação corretamente. Atribui importância à família, dizendo que têm pais que se preocupam e têm pais que não sabem o que está sendo feito na escola. Diz também que quando os pais trabalham em lugares que não exigem muitos anos de estudos escolares, os alunos acham que basta conseguir o que os pais conseguiram, não dando importância ao estudo escolar.
SP4.12	A depoente SP4 acredita que precisaria existir maior cobrança de conteúdos, dos alunos, não se devendo passar o aluno apenas por estar presente em sala de aula, como acontece na progressão continuada. Afirma que os alunos não conseguem o aprendizado por falta de comprometimento e não falta de capacidade.
SP4.20	A depoente SP4 acha que o governo poderia cobrar a meta de aumentar o Idesp, já que é importante sempre melhorar, se também cobrasse do aluno, pois diz que para o aluno tanto faz se ele lê a prova e tenta resolver, ou não. Conta que tem muitos alunos que não se comprometem com a aprendizagem, concluindo que o aumento do Idesp não depende só do professor.
SP4.28	A depoente SP4 diz que o bônus é pago às escolas não somente pelo resultado no Saresp, mas são também algumas atividades que são feitas na escola que se junta para ver se a escola é melhor ou não. Afirma que se a escola não recebe o bônus, é qualificada como ruim e que acha isso um ato sem responsabilidade, pois o resultado também depende dos alunos que frequentam a escola, da sua localização e do comprometimento desses alunos. Diz que se uma escola não atingiu a meta, não significa que lá não se trabalhou, pois existem outros fatores além do desempenho na prova que interferem.

SP6.5	A depoente SP6 considera o Saresp importante, pois observa a escola. Porém diz que seria importante se todos o olhassem com seriedade, tendo alunos que não o fazem. Conta que no dia da aplicação, tem aluno que em 30 minutos já leu e marcou todas as alternativas para responder às questões, o que significa que não fez a prova. Afirma que tem alunos que chutam as alternativas, apesar da escola os ter preparados.
SP6.6	SP6 diz que os alunos às vezes se atentam e percebem que não vai acontecer nada para eles em função do Saresp, e que acham que é só para o professor ganhar bônus, inclusive questionando o porquê de se empenhar na prova só por esse motivo. Diz que reforça essa atitude o fato do governo colocar na mídia que vai se ganhar até 12 mil reais. Afirma que deveria ser mudada alguma coisa nesse sentido, sendo ela contra o pagamento do bônus, que acha que deveria ser incorporado ao salário. Além disso, não concorda com o fato de depender dos alunos para ganhar o bônus, pois se o aluno não fizer nada, ela não ganha nada.
SP6.21	A depoente SP6 diz que quando se pega uma amostra para avaliar, pode pegar só os alunos que não acompanham o conteúdo adequado à série em que se encontram. Já quando se avaliam todos, entre eles estão os que acompanham. A professora conta que na reunião do Conselho de Classe e Série falou que tem sala de aula que leciona para uns 10 alunos, mas tem salas que ninguém quer aprender, que ela fala sozinha, sem interlocutor.
SP6.22	A depoente SP6 diz que na escola tentam convencer os alunos a levar a sério o Saresp, usando inclusive chantagem, pois tem os que falam que não vão levar a sério, que vão chutar as respostas das questões, já que o benefício da prova é somente o bônus do professor. Critica o fato de o governo colocar na mídia que os professores irão ganhar 12 mil reais de bônus, sendo que os alunos acham que o professor tem um salário bom e não precisa entrar em greve e nem do bônus.
SP6.24	A depoente SP6 conta que os alunos não querem fazer nada, mas que ela vai trabalhar para fazer a parte dela. Diz que no ano em que começou a dar aula se podia aplicar exercícios diferentes e atualmente se perde bastante, pois não consegue tanto quanto antes, já que nem de trabalhar o material da proposta curricular dá tempo.
SP7.11	A depoente SP7 trabalha numa escola particular, e diz que em tal escola há mais cobrança dos alunos, tem mais rotina de provas, portanto eles têm um comportamento melhor para fazer uma avaliação.
SP7.20	A depoente SP7 diz que os alunos não veem razão para fazer a prova do Saresp, mas que estão tentando mudar isso na escola. Conta que há alguns anos atrás eles questionavam o porquê de fazer a prova, diziam que não ia se fazer nada com ela. Então, começaram a conversar com os alunos sobre a importância do Saresp, que depende da escola fazer isso e valorizar o Saresp. Comenta que está melhorando, que este ano os alunos não faltaram, deram importância.
SPC1.4	A depoente SPC1 acha que mudar a rotina toda da escola em função do Saresp fez com que os alunos passassem a ver o Saresp e as provas da escola com mais seriedade. Conta que começaram a fazer uma semana por bimestre de provas preparadas pelos professores e organizada pela coordenação da escola, chamadas de provas oficiais. Acredita que assim as provas ficaram institucionalizadas e que os alunos e pais a valorizaram mais.
SPC1.15	A depoente SPC1 acha que tanto os alunos quanto o governo não percebem

	que estão contribuindo para a construção de uma má imagem da escola. Diz que os alunos muitas vezes querem trazer problemas para a escola, como punição aos professores, que chatearam os alunos o ano todo. Então, ela afirma que fazem chantagem com os alunos, dizendo que a resposta sai até o final do ano e que só receberão o diploma de conclusão se forem bem no Saresp, pois quando não faziam essa pressão, os alunos sabiam que o Saresp não mudava nada para eles. Diz que tudo isso foi mudança de estratégia por não terem alcançado as metas em relação ao ano de 2008.
SPC2.11	A depoente SPC2 acha que a qualidade do ensino é boa, porém a maioria dos alunos não tem vontade de estudar, o que recai sobre os resultados do Saresp. Diz que os professores se preparam para as aulas, mas quando chegam em algumas salas, tudo vem abaixo, se perde.
SPC2.13	A depoente SPC2 acha que a família atualmente não tem estrutura para ensinar as crianças que a educação escolar é importante. Diz que os pais estão preocupados em trabalhar, sendo que os filhos não são a prioridade, ficando sem ter em quem se apoiar. Conta que muitos pais não vão às reuniões de pais nas escolas por não terem tempo, já que estão trabalhando, mesmo que a reunião seja marcada em um sábado. Também diz que existem famílias nas quais os pais trabalham, mas cobram dos filhos um bom desempenho, vão às reuniões, sendo esses alunos esforçados.
SPC2.15	A depoente SPC2 diz que os alunos não dão importância para o Saresp, não levam a sério, pois o resultado não está ligado diretamente com ele, como o fato de ser promovido para a próxima série, por exemplo. Fala que o aluno sabe que o resultado virá só no próximo ano e que tem a progressão continuada, portanto eles serão promovidos. Conta que inclusive nos 9 <sup>os</sup> anos, quando se pode reter os alunos, eles não acreditam que seja possível.
SPC2.16	A depoente SPC2 diz que se tem uma ideia do resultado do Saresp antes dele sair, pois na escola se sabe os alunos que são comprometidos, que possuem famílias comprometidas e os que não o são, que não se importam. Conta que insistem para que os alunos venham fazer a prova, que mudam os horários de ônibus e de refeições, enviam bilhetes aos pais, mas que alguns não se importam mesmo assim.
SPC2.18	A depoente SPC2 diz que pensou no que poderia ser feito para que os pais obrigassem os filhos a estudar. Pensa que o atrelamento da bolsa família à nota do Saresp, poderia ser uma maneira, já que com a progressão continuada não tem como reprovar um aluno, mesmo que ele não tenha nota suficiente para ser promovido, e os pais mandam os filhos até doentes para a escola, para receber a bolsa família, que está atrelada à frequência do aluno na escola.
SPC2.22	A depoente SPC2 diz que atualmente o governo fornece todos os materiais para os alunos, incluindo os livros e o material relativo à nova proposta curricular. Afirma que os alunos não valorizam esses materiais, muitas vezes jogando-os fora. Acredita que o pensamento é facilitar o aprendizado, porém os alunos não têm vontade e que enquanto eles não quiserem ir para a escola para aprender não vai mudar nada. Acha que a escola não é para todos, é para quem quer estudar. Porém diz que não sabe se isso prejudicaria ou beneficiaria, pois se o aluno não ficar na escola ele tanto pode ficar na rua, como também pode ir trabalhar e até depois sentir necessidade de voltar a estudar.
SPC3.17	A depoente SPC3 diz que o comprometimento dos alunos está a cada ano

	<p>mais complicado, pois os alunos querem o resultado instantâneo das atividades que faz, quer que as coisas tenham uso imediato. Assim, quando o Saresp cobra conteúdos que não estavam no material enviado pelo governo, os alunos questionam o porquê de aprender tal conteúdo (do material) se não será cobrado no Saresp. Diz que os alunos não vêm a aprendizagem como prioridade em suas vidas. Conta que tem que conversar com os alunos sobre a importância do Saresp, fazer a preparação deles, e assim com todo esse trabalho diz que teve quase 100% de presença, o que não garante 100% de comprometimento.</p>
SD1.8	<p>A depoente SD1 diz que quando fala do Saresp para os alunos, conta que o nome deles vai junto com o resultado e que a escola irá mostrar para os pais deles. Quando fazem os simulados mostram o resultado para os pais e questionam se o filho não fez nada, se não aprendeu nada, se o professor não está ensinando ou se os alunos não estão estudando, se não estão prestando atenção ao professor. Diz que os alunos falam que os professores não ensinam e não são bons, mas que eles têm professores que também lecionam em escolas particulares e em faculdades, que os alunos não sabem a capacidade dos professores e nem a deles próprios. Diz que ninguém é incapaz de aprender, alguns têm mais facilidade e outros mais dificuldade. Cita seu próprio exemplo, dizendo que não era boa aluna de Matemática, que fez Biologia, mas teve que aprender Matemática, pois se usa em todos lugares, Matemática e Português, então têm que aprender.</p>
SD1.11	<p>A depoente SD1 diz que para 2011 a escola não sabe, mas acha que talvez não atinja novamente, pois a 8ª série estava muito indisciplinada e não se interessavam pelos estudos. Diz que foi difícil para que fizessem as provas e para estudar, mas esse ano poderiam ser reprovados, já que estavam no final do ciclo e pela progressão continuada, é onde pode haver reprovação.</p>
SD1.28	<p>A depoente SD1 diz que em 2010 e 2009 foram os dois anos em que os alunos se comprometeram mais com o Saresp. Conta que só não vieram fazer a prova aqueles alunos que já haviam desistido, portanto tiveram em torno de 97%, 98% de presença, inclusive foram buscar alunos para ir à prova. Diz que teve um aluno que foi fazer a prova com conjuntivite, então foi conversado com um fiscal do Saresp e colocaram o aluno numa sala sozinho para fazer a prova. Fala que no dia da aplicação do Saresp, além dos professores aplicadores que vêm de outras escolas, também se tem os fiscais e pais presentes na escola.</p>
SD2.35	<p>A depoente SD2 afirma que os alunos são comprometidos com o Saresp, pois na escola há um histórico de comprometimento de toda a equipe escolar para mostrar a importância de os alunos fazerem o Saresp, não devendo recusar-se a fazer. Diz que há poucas faltas no dia do Saresp, e tem aqueles alunos que querem ir embora logo, mas a maioria é comprometida.</p>
GA2.34	<p>A depoente BF5 acha que o Saresp é como se fosse uma prova de um curso superior, mesmo não sabendo se há provas em tais cursos. Afirma que o que foi cobrado na prova era para ter sido ministrado em sala de aula, mas que às vezes não foram por motivos como: falta de competência de alguém ou falta de tempo. A aluna gostou de ter feito o Saresp e acha que as pessoas têm que levar essa prova mais a sério e não assinalar qualquer alternativa, pois o Saresp também representa dinheiro público. Porém, acha que deve ter mais clareza.</p>
GA2.35	<p>Os depoentes do grupo GA2 criticam a falta de interesse e de educação de</p>

	alguns alunos, que não se preparam para as provas bimestrais, inclusive às vezes nem tomando conhecimento do cronograma das provas, que fica fixado na entrada da sala.
GA2.42	A depoente do grupo GA2 afirma que os pais devem estar atentos ao que os filhos fazem na escola, observando as tarefas feitas para verificar se estão participando realmente, pois se não estiverem, não é para ter pena e sim fazer repetir, para que possa ser alguém na vida.
GA2.43	Os depoentes do grupo GA2 afirmam que a educação depende de vários fatores que são interligados: pais, professores, alunos, direção e governo, não podendo culpar apenas um deles pelo fracasso da educação. BF5 discorre que os pais deveriam saber o que os filhos fazem na escola, se o filho é interessado ou não. Os professores deveriam procurar saber os interesses dos alunos e não aprovar os alunos de qualquer maneira, não devendo ter piedade dos estudantes. Já os alunos não deveriam ficar discutindo porque foram reprovados, pois se eles estudarem e merecerem, serão aprovados.
GA2.55	Os depoentes do grupo GA2 relatam que diversos alunos reclamam que a escola não é boa, mas que eles mesmos estragam a reputação da escola: tiram a tinta da parede, rabiscam armários e carteiras, jogam livros, desperdiçam merenda, sujam a escola, depredam ônibus. BF6 relata que quando os professores falam que a escola será avaliada por meio do Saresp e de acordo com o resultado terão ou não melhorias para a escola, esses alunos não se esforçam e depois ficam reclamando. Conta, ainda, que tais alunos ficam tentando sair mais cedo que os demais, no dia da prova do Saresp, querem sair das salas para ficarem conversando no corredor, pois não se importam muito com a escola.
GA3.19	Os alunos do grupo GA3 afirmam que se esforçaram para fazer as provas do Saresp.
GA5.30	O depoente AF5 afirma que a imagem que vai se atribuir à escola pública é a de que é formada por pessoas ignorantes, sem cultura, e não que o ensino do Estado é ruim, caso o resultado do Saresp seja ruim. Relata que os alunos, e ele mesmo, se esforçam ao máximo para que essa imagem fique boa. Porém, AF6 afirma que se esforça, mas que não são todos.
GA5.33	O depoente AF8 acha que os alunos devem se esforçar para fazer o Saresp para que se veja como está o ensino na escola pública.
GA5.34	Os depoentes AF7 e AF8 afirmam que os pais ficam sabendo o que os filhos fazem de ruim na escola, pois os professores contam nas reuniões de pais. Porém, AF8 chama a atenção para o fato de os pais não ficarem sabendo o que acontece na escola, pois um boletim não é suficiente.
GA5.38	Os depoentes do grupo GA5 afirmam que os pais deveriam saber mais sobre o que os filhos fazem na escola, pois o boletim não é suficiente, já que o aluno pode falsificar suas notas e o pai pode assinar sem perceber e os pais não comparecem na reunião. Dessa forma, se os pais soubessem que os filhos não estão indo bem na escola, eles iriam fazê-los estudar e o ensino público iria melhorar. Além disso, AF8 acha que são muitos alunos por sala, portanto o professor responsável não consegue falar as dificuldades de cada aluno para os pais.
GA5.42	O depoente do grupo GA5 afirma que se o pai não pode ir à escola para pegar o boletim do aluno, ele pode pegar pela internet. Dessa forma, se o pai vir que o filho possui notas boas ele vai concluir que o filho é um ótimo

	aluno e que está preparado para fazer vestibulinho ou Enem. Mas o depoente afirma que é necessário ouvir o que o professor tem a dizer sobre o aluno.
GA7.30	Os alunos do grupo GA7 acham que deveria ser selecionado quem vai fazer a prova e mostrar o que aprendeu para o governo, já que existem alunos que não levam a sério o Saresp. O depoente BM3 relata que existem muitos alunos que possuem a chance de aprender, mas que não têm vontade, portanto a escola não tem culpa se esse aluno não aprende, já que ele não traz essa vontade de fora da escola. Por esse motivo, deveria se selecionar pessoas que querem fazer uma prova bem feita, para que se tenha o desempenho da escola em relação ao que se tentou ministrar de conteúdo.
GA9.10	A aluna AM1 relata que atualmente as pessoas não se importam mais com o Saresp, pois foi abandonada a ideia de que se o aluno não tirar uma boa nota nessa prova ele não será aprovado para o próximo ano letivo. Isso ocorreu, pois de todos os Saresp que a depoente participou, afirma que não teve acesso às notas de nenhum.
GA10.25	Os depoentes AM2, AM3 e AM4 acham que o Saresp deveria ser obrigatório, pois muitos alunos não levam a sério a prova ou não fazem.
GA11.12	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que a maioria dos alunos não leva a sério o Saresp, portanto se der como resultado que o ensino é fraco, pode não estar certo, pois muitos não fizeram a prova corretamente. Afirmam que os professores ensinam bem.
GA11.15	A depoente AM6 afirma que o Saresp é uma espécie de preparação para outras provas sérias, como o Enem. Porém, afirma que o Saresp é sério, apesar de muitas pessoas não levarem a sério.
GA12.25	Os depoentes do grupo GA12 afirmam que a escola A está entre as cinco melhores da cidade no Idesp. Dessa forma, se eles fizerem a prova de qualquer jeito, e errarem demais, prejudicarão a eles mesmos, pois futuramente falarão que eles estudaram numa escola de baixo rendimento.

Fonte: Dados organizados pela autora.

### Quadro 37 – Carreira docente e formação do professor.

1R.20	Carreira docente e formação do professor.
SP1.21	O depoente SP1 diz conhecer o projeto da progressão continuada, afirmando que é muito bonito, porém que a escola não possui estrutura para desenvolver o projeto. Afirmo que a formação de professores não contempla o trabalho no formato da progressão continuada. Acredita que uma falha no projeto é não poder reprovar o aluno ao final do ano letivo, pois o sujeito é a favor da metodologia de ensino baseada em livro didático, exercícios e provas. Se o aluno não atingir o conhecimento para ser aprovado para o próximo período, deve ser reprovado.
SP7.25	A depoente SP7 afirma que atualmente não tem quem preste vestibular para fazer um curso de licenciatura em período integral, numa faculdade pública, já que o salário para qualquer outro curso é maior. Diz que quem não consegue mais nada, faz licenciatura a noite. Conta que ficou de licença-prêmio por dois meses e não tinha professor para substituí-la. Acha que não tem mais professor pelo falta de valorização durante muitos anos, além da conjuntura atual da escola, inclusive com violência, então estão todos fugindo. Diz que o Saresp está querendo avaliar, mas que só avaliação não basta, tem que ter outras políticas de valorização do professor, passando pela salarial.



SP7.26	A depoente SP7 afirma não ter feito a prova para aumento salarial realizada em 2010, por não concordar com a meritocracia, não achar justo, correto, ter que fazer uma prova para ganhar mais. Diz que pode ser que um professor excelente em sala de aula não seja aprovado na prova. Diz que foi sua primeira e última chance, pois vai se aposentar. Conta que tem um grupo na escola em que trabalha, que conversaram bastante e decidiram não fazer. Também acharam que a prova seria boicotada pelos professores do Estado, para mostrar para o governo que ele está errado, mas não foi o que aconteceu, já que 100 mil professores foram fazer a prova.
SD1.30	A depoente SD1 se diz contra a promoção na carreira docente por meio de uma prova, questionando se o professor que passou na prova é diferente do que não passou. Também diz que não vê diferença entre um professor efetivo e um temporário, sendo que ela não é efetiva, mas trabalha há 29 anos no Estado, 12 como vice-diretora e nunca teve problemas com a administração pública. Acha que deveria se ter aumento salarial para todos, igualmente, diz que com o aumento por prova, pode acontecer de o professor que não foi beneficiado não querer se empenhar no trabalho, pois o outro é melhor que ele, ganha mais que ele. Também é contra o professor temporário ter que fazer prova para participar do processo de atribuição de aulas.
SD1.31	A depoente SD1 se diz privilegiada, pois possui estabilidade do cargo, adquirida em 1998, então só precisou fazer a prova para atribuição de aulas uma vez, já que foi aprovada. Conta que não fez a prova para aumento salarial, pois não acha justo. Também não acha certo os professores que não têm estabilidade trabalharem um ano e ficarem dois anos sem trabalhar. Questiona como eles irão se sustentar nesse período e como irá se suprir a falta de professores.
SD2.37	A depoente SD1 se diz contra a prova de promoção na carreira por mérito, pois não seriam todos os professores que atingissem a nota de corte que seriam contemplados com um aumento de 25%. Argumenta dizendo que um profissional que teve nota 8,50 pode não receber o aumento, enquanto que outro que teve nota 8,51 recebe. Acha que essa nota não diferencia a qualidade desses dois profissionais, podendo inclusive causar problemas de relacionamento entre colegas de trabalho, portanto essa prova para promoção na carreira deve ser modificada. SD1 Acredita que para melhorar a qualidade de ensino deve-se valorizar o professor desde o início da carreira, pagando um salário digno e exigindo algo em troca. Poderia até existir a prova de mérito, mas todos que atingissem uma nota mínima deveriam ter aumento.
SD2.41	A diretora SD2 acredita que para que a recuperação paralela funcione deve haver uma nova estruturação na carreira do magistério, diminuindo a quantidade de horas que o professor passa em sala de aula e permitindo que o professor tenha horários, que façam parte de sua carga horária, em que ele mesmo recupere seus alunos.
SD2.54	A diretora SD2 é formada pela antiga escola Normal, portanto é Pedagoga e ministrava aulas de 1º ao 5º ano. Afirma que no curso em que realizou tinha todos os fundamentos didático-pedagógicos necessários para lecionar, mas que atualmente, mesmo nos cursos de Pedagogia esse assunto é tratado de maneira rápida. Relata que professores formados em licenciatura têm em torno de 60 horas de didática no curso, quando têm, ocasionando uma falta de conhecimento em como

	ministrar aulas e em ter domínio sobre a classe. Porém, afirma que conhecimentos de conteúdo eles possuem.
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Dados organizados pela autora.

**Quadro 38** – Modos pelos quais falar da realidade afeta o depoente.

1R.21	Modos pelos quais falar da realidade afeta o depoente.
SP1.35	O depoente, ao finalizar, disse que fica irritado, nervoso, alterado, quando fala sobre esses assuntos que foram tratados.

Fonte: Dados organizados pela autora.

**Quadro 39** – Modos de ensino do professor, auxílios pedagógicos recebidos e material de apoio didático.

1R.22	Modos de ensino do professor, auxílios pedagógicos recebidos e material de apoio didático
SP2.5	A depoente SP2 afirma que o material da proposta curricular não detalha bem os conteúdos abordados, não possui uma sequência que facilite o ensino e a aprendizagem. Portanto, a professora não trabalha somente com esse material, mas também com um livro didático que utiliza o método de resolução de problemas. Afirma também que os alunos, após realizarem a prova do Saresp, são unânimes em dizer que o conteúdo abordado nas provas se assemelha ao conteúdo do livro didático. Diz que a prova do Saresp privilegia os conteúdos, enquanto o caderninho se preocupa mais com a didática.
SP3.6	O depoente SP3 diz que os professores não têm acesso de maneira oficial às provas do Saresp, portanto não têm muito conhecimento para relacioná-las com suas avaliações. Porém, conta que no ano passado viu uma avaliação do Saresp e que notou uma grande diferença entre o conteúdo abordado na prova e o conteúdo abordado no material relativo à proposta curricular enviado pelo governo. Diz que o Saresp exige mais que tal material, e que serve para avaliar o trabalho do depoente já que ele usa também o livro didático.
SP4.9	A depoente SP4 afirma trabalhar com o material enviado pela Secretaria da Educação de acordo com a nova proposta curricular e também com livros didáticos de diversos autores para ilustrar melhor o conteúdo que trabalha. Diz que usa os livros didáticos também para aprofundar, pois o caderno enviado para o aluno vem muitas vezes com bastantes exercícios e precisa-se trabalhar o conteúdo antes. Também conta que busca atividades diferentes e trabalhar com material manipulativo, por acreditar que torna o aprendizado mais fácil, porém dizendo que atualmente esse tipo de material é trabalhado na oficina de Experiências Matemáticas, pertencente à Escola de Tempo Integral.
SP4.10	A depoente SP4 diz que guarda em torno de 20 exemplares de cada livro didático para trabalhar com os alunos, após entregar os livros que são deles. Faz isso, pois diz que cada autor trabalha de uma forma, e que dependendo do conteúdo usa um livro.
SP5.4	O professor SP5 afirma que não usa aulas expositivas como método de ensino e sim outro método que aprendeu com professores de seu curso de

	<p>graduação. O método consiste em formar grupos de quatro alunos, que ficam juntos até o final do ano, e distribuir folhas com atividades para esses alunos fazerem, enquanto o professor vai sanando as dúvidas.</p>
SP6.25	<p>A depoente SP6 diz que usa o material do Currículo enviado pelo governo e que na escola em que trabalha a maioria usa. Conta que a professora de História é inconformada com esse material, pois não pode mais trazer atividades diferentes para a sala de aula, senão não sobra tempo para trabalhar esse material enviado. Afirma que o material é bom, mas em algumas disciplinas coloca limites para se trazer outras coisas.</p>
SPC1.32	<p>A depoente SPC1 diz que o material que o governo envia é o Currículo do Estado, portanto a escola tem que trabalhar, concordando ou não, já que são funcionários do governo. Afirma que está tudo amarrado nesse material e que às vezes não dá tempo de ministrar os conteúdos do 4º bimestre. Porém, conta que quando é aberto espaço para a escola falar, eles reclamam e falam do que não gostam nesse material. Diz que tem professores que não querem seguir o material, então há brigas com a coordenação da escola.</p>
SP7.14	<p>A depoente SP7 usa o material enviado pelo governo, referente à proposta curricular implantada em 2008. Diz que não usa somente esse material, pois nele não tem a parte teórica da Matemática, somente exercícios e muito complicados. Usando então, também, um livro didático. Diz que não consegue usar todos os cadernos relativos à 3ª série do Ensino Médio, pois é muito complicado e os alunos desanimam muito.</p>
SD1.27	<p>A depoente SD1 diz que os coordenadores ajudam os professores a encontrar textos na internet, alugam ou compram filmes para passar para os alunos, para auxiliá-los na preparação das atividades da sala de aula. Conta que fizeram atividades fora da escola com os alunos, foram ao Shopping assistir filmes, que depois os alunos faziam relatórios, foram à São Paulo, na livraria Cultura, no Masp, no Horto Florestal em Rio Claro, visitaram universidades, tudo para que fizessem atividades diferentes do que só ficar em sala de aula.</p>
SD2.16	<p>A depoente SD2 diz que a escola recebe bastante material, mas falta espaço físico e estrutura na escola para usá-los, pois as salas estão lotadas com as classes regulares. Conta que não tem sala de reuniões para os professores, sala de leitura, sala de vídeo, laboratório, bancada para realizar experiências. Assim, o fato de ter material não significa que ele pode ser usado, Além disso, diz que os professores devem ser preparados para usar esses materiais.</p>
GA1.15	<p>Os alunos do grupo GA1 afirmam que o professor está usando o material referente ao Currículo do Estado. O que está sendo usado no momento é o volume três, relativo ao 3º bimestre.</p>
GA1.16	<p>Os alunos do grupo GA1 afirmam não utilizar o livro didático.</p>
GA2.26	<p>A depoente BF6 acha que o material referente ao Currículo atrapalha, pois possui assuntos sem relação com outros e faz com que a bolsa dos alunos fique pesada, já que tem que levar o material para a escola. Entretanto, afirma que do caderno de Matemática ela gostou, pois vem com algumas contas prontas e com as figuras desenhadas, facilitando o trabalho dos alunos.</p>
GA2.27	<p>Os alunos do grupo GA2 afirmam que possuem livros didáticos, mas que não são muito usados por eles, já que ficam nos armários dos professores.</p>
GA2.28	<p>A depoente BF5 acha que o material do Currículo mais ajuda do que atrapalha, em algumas matérias. Afirma que em Matemática conseguiu</p>

	aprender o que não estava conseguindo aprender sem ele, pois há explicações no material. A depoente também afirma que não entende, de imediato, muitas coisas em Matemática, sendo que às vezes todos na classe já entenderam e ela não. O depoente BF4 afirma que Matemática é difícil.
GA3.23	Os alunos do grupo GA3 afirmam que os professores usam o material referente ao Currículo do Estado e que havia questões parecidas entre a matéria abordada no material e o Saresp.
GA3.24	Os alunos do grupo GA3 afirmam que trabalhar com o Caderno do Aluno é melhor e menos cansativo do que copiar a lição da lousa e ainda ter que resolver as questões depois.
GA5.15a	Os alunos do grupo GA5 afirmam que a professora de Matemática usava o material enviado pelo governo referente ao Currículo do Estado, porém que nas últimas três semanas estavam resolvendo uma espécie de simulado do Saresp, preparado pela professora, com 77 questões.
GA5.16	Os depoentes do grupo GA5 relatam que têm cinco aulas de Matemática por semana, e que a professora trabalhava o caderninho em duas aulas e o livro didático nas outras três. O depoente AF8 afirma que o caderninho tem pouca informação, portanto tem que ser complementado com o livro didático.
GA5.20	O depoente AF8 afirma que o professor de Geografia nunca usou o material do Currículo do Estado, pois ele afirma que falta conteúdo em tal material; portanto os alunos não estariam preparados para prestar vestibulinhos, por exemplo. Relata que os professores comentam que se analisarem as provas de vestibulinho para escolas técnicas e o conteúdo do caderninho, nenhuma matéria do caderninho caiu na prova, sendo o conteúdo cobrado nessas provas superior ao do Estado.
GA5.22	Os alunos do grupo GA5 relatam que no livro didático é apresentada uma lista de conteúdos, do começo até o final. Já no Caderno do Aluno há questões fora de um contexto e que nem os professores sabem do que se trata, pois na escola é disponibilizado apenas um Caderno do Professor por escola. Dessa forma, o professor acaba usando o livro didático como base.
GA5.23	O depoente AF8 afirma que o Caderno do Aluno não é coeso, não tem sentido. Afirma, também, que se um aluno quer aprender bastante ele tem que procurar fora da escola. Relata que tira notas boas, pois aprende o conteúdo ministrado, mas que para fora da escola não é o suficiente.
GA7.21	Os depoentes do grupo GA7 afirmam que uma grande parte do Saresp era de questões relativas ao conteúdo do Caderno do Aluno. Porém, relatam que de Matemática não sabem dizer muito bem, pois ficaram sem aula durante muito tempo, portanto, usaram apenas dois dos cadernos, tendo entrado no do 3º bimestre em novembro.
GA9.9	A aluna AM1 afirma que o professor de Matemática usava o material referente ao Currículo do Estado apenas no começo do ano, porém ele falou que o material não é bom, pois foge do conteúdo que eles devem estudar na série. Portanto ele prefere usar livro e exercícios que traz de casa.
GA10.23	Os depoentes do grupo GA10 afirmam que o professor de Matemática usou pouco o material enviado pelo governo referente ao Currículo, pois ele disse que o material não possui conteúdos explicados em detalhes e que o material é muito complexo para a atual situação do ensino. Dessa forma, ele relatou aos alunos que iria passar o conteúdo do material, porém usando livro didático ou aulas expositivas.
GA11.24	Os depoentes do grupo GA10 afirmam que o professor de Matemática usou

	o volume 1 e o 2 até a metade do Caderno do Aluno, e que agora está usando o livro didático.
GA11.25	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que os professores de Química e Inglês usam o material referente ao currículo. Já os professores de Física e Português não usam. Relatam que a professora de Português disse que o conteúdo do material é fraco.

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### Quadro 40 – Características das escolas mencionadas.

1R.23	Características das escolas mencionadas
SP6.2	A depoente SP6 conta que em 2010 ganharam o bônus, mas em 2009 não ganharam. Explica que em 2008 tinha uma 8ª série só, com alunos que não acompanhavam o ritmo de aprendizado considerado adequado. Já em 2009 foram avaliadas três 8 <sup>as</sup> , que também possuíam alunos que não acompanhavam, mas também havia alunos que entusiasmavam a professora a ensinar.
SP7.2	SP7 afirma que não tem 2ª e 3ª séries do Ensino Médio de manhã.
SP7.3	A depoente SP7 diz ter mais um professor que leciona Matemática nas 1 <sup>as</sup> e 2 <sup>as</sup> séries do Ensino Médio, e que no Ensino Fundamental tem mais.
SP7.12	A escola particular em que a depoente SP7 trabalha, não participou da aplicação do Saresp. Ela diz que eles fazem simulados do próprio sistema de ensino dessa escola, que depois é comparado com toda essa rede, o que funciona como uma avaliação externa.
SPC1.11	A depoente SPC1 diz que os alunos que frequentam a escola vêm de um bairro carente social, econômica e culturalmente. Conta que antes a escola recebia a elite da cidade, e agora não, portanto o alunado mudou muito em comportamento e em notas. Porém, diz que entre esses alunos, alguns são resgatados e esses alunos são comprometidos com o Saresp.
SPC3.10	A escola SPC3 possui sete 5 <sup>as</sup> , cinco 6 <sup>as</sup> , quatro 7 <sup>as</sup> , e cinco 8 <sup>as</sup> séries. O Ensino Fundamental não funciona em tempo integral.
SPC3.11	A depoente SPC3 diz que servem merenda, enviada pelo Estado, de manhã e a tarde.
SPC3.19	A depoente SPC3 fala de duas 8 <sup>as</sup> séries que têm características diferentes. Uma delas é formada por alunos que tem problemas de comportamento em sociedade, que não querem aprender, não têm nenhuma preocupação com o futuro, apenas frequentam a escola por serem obrigados. A outra 8ª, que fez a prova aberta, é formada por alunos com dificuldades de aprendizagem, que chegam à escola atrasados em relação aos conteúdos, portanto estão na 8ª série, mas não no seu nível de aprendizagem.
SPC3.26	A depoente SPC3 diz que no Saresp 2009 atingiram 40% da meta do Ensino Fundamental e não atingiram a do Ensino Médio. Fala que nos anos anteriores a escola esteve sempre acima da média do Estado.
SPC3.29	A depoente SPC3 não concorda com o atrelamento do bônus com o aumento do Idesp, pois a Secretaria da Educação tem uma política de trabalhar as diferenças, respeitar as individualidades e quando vai pagar o professor não considera nada disso, faz uma única avaliação no Estado inteiro e paga o bônus. Conta que a escola em que trabalha tem um resultado acima da média do município e do Estado, mas que isso não é levado em consideração. Acha que então os professores se desestimulam, e esse desestímulo passa para o

	aluno e para a equipe gestora. Diz que a escola A é super lotada, com 1300 alunos, não tem mais sala de vídeo, a sala de informática não funcionou em 2010, pois estava sendo adaptada para o Programa Acesso Escola. Fala que também não tem todos os funcionários necessários, não tem inspetor e somente um servente por período, além de ser uma escola de periferia, e recebe o bônus segundo o mesmo critério de uma escola central, com menos alunos e o quadro de funcionários completo. Acha então que esse atrelamento deveria ser revisto, pois o professor deve ser valorizado tanto financeiramente quanto com formação continuada e instrumentos para trabalhar.
SPC4.28	SPC4 diz que a escola não atingiu a meta do Saresp 2009, mas um ano atingiu totalmente, em outro foi parcial.
SD1.2	A depoente SD1 diz que em 2008 trabalharam como nos outros anos, mas que no ano de 2009 não receberam o bônus, por não ter atingido o Idesp esperado, referente ao Saresp 2008. Acha que isso foi bom, pois perceberam que falharam em alguma coisa, que deveriam ter se empenhado mais. Conta que a escola em que trabalha é vista como referência de escola boa na Diretoria de Ensino, pois participam das atividades e gostam de trabalhar.
SD1.13	A depoente SD1 diz que a divulgação dos resultados do Saresp é ruim numa cidade pequena, onde todos se conhecem e fazem comparações, numa cidade grande acha que não deve ter problemas. Conta que os pais de alunos acham que a escola que atingiu a meta é melhor que a escola que não atingiu. Porém, ela diz que os professores e a proposta curricular são os mesmos nas escolas estaduais e os alunos também são parecidos. Fala que a escola em questão recebia alunos do centro, mas agora recebe alunos de dois bairros carentes economicamente da cidade.
SD1.15	A depoente SD1 acha que deveria ser disponibilizado o resultado individual dos alunos para as escolas saberem quais são as dificuldades de cada um. Diz que poderiam usar os resultados para tentar agrupar os alunos com as mesmas dificuldades de aprendizagem numa mesma classe. Conta que há uns quatro anos atrás tentaram fazer isso na escola, porém não tinham espaço físico para separar em muitas classes, além de ter um número mínimo de alunos para abrir uma classe, tiveram então que misturar alunos com dificuldades diferentes. Mas a experiência não deu certo, pois os pais de alunos reclamavam que haviam separados os filhos dos amigos.
SD1.16	SD1 afirma que a escola B possui onze salas de Ensino Fundamental em período integral e três primeiros anos do Ensino Médio durante a manhã.
SD1.17	A escola B possui dois prédios, um com nove salas e outro com seis. Uma dessas salas possui computadores para aulas de informática.
SD1.18	A escola B possui, no período noturno, dez salas de Ensino Médio regular, duas de Educação de Jovens e Adultos e uma telesala de Química.
SD1.19	A depoente SD1 diz que a escola B possui em torno de 1100 alunos, porém já foi bem maior, com cursos de contabilidade e magistério, Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série e pré escola. Nessa época tinha quase 3000 alunos.
SD1.36	A depoente SD1 explica que de 5ª a 8ª série não se tem turmas de recuperação, pois os alunos já ficam na escola das 7 da manhã até as 16 horas, então o reforço de Matemática e Português é feito nas oficinas de Experiências de Matemática e de Hora da Leitura, respectivamente, no período da tarde. Porém, diz que o trabalho é diferente de uma recuperação,

	pois nessas oficinas a classe toda está presente, não só os alunos com dificuldades. No Ensino Médio, os alunos da manhã ficam para ter aulas de reforço no período da tarde. Saem às 12:20 horas, almoçam a merenda escolar, financiada pelo Estado e prefeitura, e têm aulas das 13 às 15 horas. Para o Ensino Médio noturno, o reforço é feito na pré-aula, das 17 as 19 horas, porém os alunos do noturno trabalham e não frequentam a recuperação, portanto a turma teve que ser fechada.
SD2.12	A depoente SD2 diz que na escola A são usados os resultados das avaliações realizadas pelos professores da escola, que de maneira aproximada confere com o resultado da avaliação externa, para formar as classes de recuperação paralela.
SD2.16	A depoente SD2 diz que o Estado envia bastante material para os alunos e professores: livros didáticos, cadernos baseados na nova proposta curricular, equipamentos para arte, física, química. Porém, conta que não há espaço físico, nem laboratórios na escola para usar esses materiais.
SD2.17	A depoente SD2 diz que a escola A recebe bastante material, mas falta espaço físico e estrutura na escola para usá-los, pois as salas estão lotadas com as classes regulares. Conta que não tem sala de reuniões para os professores, sala de leitura, sala de vídeo, laboratório, bancada para realizar experiências. Assim, o fato de ter material não significa que ele pode ser usado, Além disso, diz que os professores devem ser preparados para usar esses materiais.
SD2.25	A depoente SD2 relata que, pelo fato dos alunos que a escola recebe, em sua maioria, não terem os pré-requisitos necessários, a escola deve realizar um trabalho praticamente impossível, além de ser uma escola grande e de periferia. Relata que há escolas que têm melhores resultados no Saresp, mas são escolas que recebem alunos mais bem preparados no Ciclo I.
SD2.26	A depoente SD2 afirma que em primeiro lugar separa os alunos da escola, de uma mesma série, por idade. Porém, como a maioria tem a mesma idade, a escola tentou aproximar os alunos pelo nível de aprendizado. Acredita que essa separação, apesar de não ser homogênea, facilita o trabalho do professor em sala de aula e evita que os alunos que têm bons conhecimentos fiquem prejudicados pelo fato de o professor não poder avançar devido aos alunos com desempenho insuficiente.
SD2.27	A depoente SD2 afirma que apesar de pedagogicamente a heterogeneidade ser importante, pois os alunos que possuem bom desempenho ajudam os que não possuem, na prática não é assim que funciona. Na escola A há salas inteiras de alunos que não sabem ler nem escrever, portanto se o professor se deparasse com uma sala de aula na qual tivesse 10 alunos nessa situação e outros 27 que acompanham, ele acabaria trabalhando com os 27 e não conseguiria trabalhar com os 10 com dificuldades. Assim, acha importante que os alunos de uma mesma classe possuam níveis de desempenho aproximados, para que os professores consigam trabalhar para ir melhorando como um todo.
SD2.38	A depoente SD2 afirma que a escola A é organizada e estruturada, portanto as condições de trabalho são razoáveis. Porém, relata que falta espaço físico para, por exemplo, biblioteca, sala de vídeo, sala de recurso. Conta que não quer reformas na escola, pois senão farão salas de aula e a escola ficará maior ainda, já que constata que as crianças da redondeza preferem estudar na escola A a estudar na outra escola que atende o bairro, estando a escola

	lotada.
SD2.39	A escola A possui 1300 alunos, distribuídos em 36 classes do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. A depoente afirma que era para ter 37 salas, mas ela reduziu para 36.
SD2.40	A diretora SD2 diz que na escola A existem 13 salas de aulas, portanto ela gostaria de ter 12 salas com alunos e uma livre onde ela pudesse levar os alunos para assistir um vídeo, uma palestra, uma apresentação. Porém, no período da manhã e da tarde funcionam as 13 salas, sendo que no período da noite funcionam 10. Relata que, apesar de achar errado, teve que desativar a biblioteca e o laboratório para atender a demanda de alunos, enquanto que em outras escolas da região há salas ou períodos sem uso. Afirma que já reclamou sobre isso, mas que não adianta. Relata que não possui nem sala para recuperação paralela, portanto as professoras ficam rodando a escola, cada dia em um lugar para ministrar essas aulas.
SD2.44	A depoente SD2 afirma que o Ensino Fundamental atingiu uma parte da meta proposta pelo Estado. No ano anterior o EF tinha atingido.
SD2.60	A depoente SD2 afirma que para que se tenha um resultado razoável no Saresp tem que se levar em conta diversos fatores. Conta que a escola A sempre fica entre a 4ª e 5ª posição do <i>ranking</i> do Idesp da cidade.
GA2.11	O depoente BF4 relata que as salas de aula são super lotadas no 6º ano, com cerca de 45 alunos por classe, mas no 9º ano nem tanto. Acha isso difícil para o professor, pois ele tem que controlar os alunos e passar a lição em 50 minutos. BF4 e BF6 afirmam que os alunos são de criar problemas e que a cada ano que passa eles estão piores.
GA2.14	Os alunos do grupo GA2 afirmam que o diretor da escola faz um discurso quando os alunos ingressam, mas que quase não aparece na escola, que é dirigida pelas coordenadoras e pela vice-diretora.
GA2.21	Os depoentes do grupo GA2 afirmam que há algum tempo a escola fez uma prova para todos os alunos da escola e, os resultados foram usados para agrupar os alunos em classes de acordo com o desempenho. Segundo os depoentes, esse agrupamento perdurou por poucos meses, já que o desempenho da escola piorou.
GA2.22	Os alunos do grupo GA2 afirmam que tal mudança ocorreu no meio do ano e que foi difícil para aqueles que mudaram de sala se adaptarem aos novos professores e às diferenças de andamento dos conteúdos abordados na sala de aula.
GA2.23	Os depoentes do grupo GA2 relatam que em 2010 a escola implantou um sistema de provas bimestrais, que ocorrem em uma determinada semana, para todas as matérias da manhã e algumas da tarde. Afirmam que o Saresp é diferente dessas provas bimestrais, pois a prova da escola trata apenas da matéria do bimestre e o Saresp é um resumo de tudo que aprenderam desde o 6º ano. A depoente BF6 acha a prova do Saresp mais fácil que as provas bimestrais, ainda mais de Matemática, pois a maioria dos alunos não consegue entender o que a professora explica, apesar de ela explicar mais de uma vez e insistir para que os alunos aprendam. O depoente BF4 afirma que a Matemática é difícil.
GA2.51	Os alunos do grupo GA2 dizem que na escola quem muda de sala são os alunos e não os professores. Eles relatam gostar, pois assim não ficam presos e sentados em uma mesma sala o dia todo.



GA2.67	Os alunos do grupo GA2 afirmam que a escola fornece aos alunos todo o material escolar que eles precisam, apenas esporadicamente quando precisar comprar algo que acabou e a escola não tem a mais.
GA3.10	O depoente BF7 afirma que eles têm nove matérias na escola no período da manhã, e que as matérias da parte diversificada são importantes para ajudar nas disciplinas regulares.
GA5.2b	A depoente AF6 afirma que fez a prova de Matemática rapidamente, já que não sabia responder as questões. Relata que a sala em que estuda é composta por alunos que já repetiram o 9º ano, dessa forma o conteúdo ministrado pelo professor foi de séries anteriores ao 9º ano.
GA5.57	Os depoentes do grupo GA5 afirmam não ter muito contato com a diretora, apenas quando algo de errado acontece. Têm mais contato com a coordenadora do Ensino Fundamental, mas quem deu os recados sobre o Saresp foi o coordenador do Ensino Médio. O coordenador disse para os alunos se empenharem para fazer o Saresp, pois o nome da escola estava em jogo. Relatam que o nome da escola tem relação individual com cada um, citando um exemplo de escolas particulares em que os alunos por estarem pagando acham que têm o direito de passar dos limites, sendo até proibidos de entrarem em alguns lugares, prejudicando todos que estavam juntos.
GA5.59	Segundo alunos do grupo GA5, o coordenador disse para os alunos que a imagem da escola ser boa significa que quando os alunos da escola A vão visitar algum lugar, já é sabido que eles irão se comportar. Em relação ao Saresp, já se sabe que a escola A vai bem.
GA7.26	O depoente BM5 afirma que o diretor só vai à escola nas quartas-feiras.
GA7.28	A depoente BM4 afirma que, pelo fato de a escola não ter atingido a meta de aumento do Idesp em 2008, queriam que os alunos se esforçassem bastante para atingir em 2010.
GA12.27	O depoente AM7 não acha o Saresp importante, pois estudou o Ensino Fundamental no Sesi, onde não tinha o Saresp e o ensino era mais rígido. Relata que depois que foi estudar na escola A, o ensino ficou uma bagunça, algo desleixado. Porém, afirma que o Saresp serve pra preparar para o vestibular futuramente, mas ele prefere ver o que importa no momento.

Fonte: Dados organizados pela autora.

**Quadro 41** – Comprometimento do professor com o Saresp e com o processo de ensino.

1R.24	<b>Comprometimento do professor com o Saresp e com o processo de ensino</b>
SPC1.10	A coordenadora SPC1 diz que tem professores que não se comprometem mesmo que se insista para isso, entre na sala de aula, pois é o limite deles. Mas a maioria são professores bons.
SP4.21	O depoente SP4 diz que na escola existem professores que não têm comprometimento nenhum com o Saresp, existem aqueles que se comprometem, mesmo não concordando e aqueles que tentam fazer com que os alunos boicotem a prova.
SD1.7	A depoente SD1 diz que tem professores que não se empenham muito, principalmente aqueles que têm poucas aulas ou vêm para substituir outros professores de vez em quando.
SD1.8	A depoente SD1 diz que quando fala do Saresp para os alunos, conta que o

	nome deles vai junto com o resultado e que a escola irá mostrar para os pais deles. Quando fazem os simulados mostram o resultado para os pais e questionam se o filho não fez nada, se não aprendeu nada, se o professor não está ensinando ou se os alunos não estão estudando, se não estão prestando atenção ao professor. Diz que os alunos falam que os professores não ensinam e não são bons, mas que eles têm professores que também lecionam em escolas particulares e em faculdades, que os alunos não sabem a capacidade dos professores e nem a deles próprios. Diz que ninguém é incapaz de aprender, alguns têm mais facilidade e outros mais dificuldade. Cita seu próprio exemplo, dizendo que não era boa aluna de Matemática, que fez Biologia, mas teve que aprender Matemática, pois se usa em todos lugares, Matemática e Português, então têm que aprender.
SD1.25	A depoente SD1 diz que o Saresp faz uma cobrança muito maior para os professores, pois com o envio do material relativo à nova proposta curricular, eles têm que preparar as aulas, pesquisar atividades diferentes, e não podem mais seguir o livro didático do começo ao fim.
SD2.34	A diretora SD2 afirma que os professores da escola são comprometidos com o Saresp e mostram para os alunos a importância dele, o que se traduz em um alto índice de presença dos alunos.
SD2.49	A diretora SD2 relata que atualmente o pessoal da escola não se incomoda tanto quanto antes com a divulgação dos resultados do Saresp, pois se acostumaram que cada escola possui suas próprias características. Afirma que o diferencial é a base do aluno de 1º ao 5º ano, existindo escolas que recebem alunos bons, portanto essa escola sempre apresenta resultados bons no Saresp. Porém, na escola A, os alunos chegam com muitas dificuldades, portanto os professores têm que se esforçar bastante com os recursos de que dispõem para conseguir que os alunos aprendam. Afirma, ainda, que os professores de escolas particulares ou estaduais que têm um desempenho melhor no Saresp não são diferentes que os professores da escola A, tendo, inclusive, alguns que trabalham em ambas as escolas.
GA2.36	Os alunos do grupo GA2 afirmam que os professores também têm falta de interesse, pois aprovam os alunos no 6º, 7º e 8º ano sem tomar as providências necessárias para que eles aprendam. Porém, no 9º ano reprova. Relatam, ainda, que o aluno que está numa situação instável no 9º ano passou sem aprender desde o 6º e que provavelmente será reprovado.
GA9.24	A depoente AM1 relata que dificilmente a diretora passa nas salas de aula. Afirma que, em relação ao Saresp, os professores eximiram-se da responsabilidade, apenas avisando os alunos que deveriam fazer a prova.

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### Quadro 42 – Preparação da equipe de gestão para o Saresp.

1R.25	Preparação da equipe de gestão para o Saresp
SPC1.17	A depoente SPC1 diz que eles têm orientações da Diretoria de Ensino sobre o Saresp, mas que é rápido. No começo do ano tem uma vídeo-conferência, mas eles não conseguem assisti-la sincronamente, pois a internet é lenta, assim é gravada e enviada para a escola depois. Nela são explicados rapidamente a escala de proficiência das áreas contempladas pelo Saresp e os cadernos de questões. Diz que querem que os coordenadores estudem, mas que, no cotidiano escolar, não há espaço (temporal) para isso.

SPC1.20	A depoente SPC1 diz que tem muita coisa sobre o Saresp que eles não entendem. Acha que precisaria alguém que entenda explicar bem para os coordenadores. Conta que, para cada disciplina, a escala começa em pontos diferentes, o que causa dificuldade no entendimento.
SPC2.8	A depoente SPC2 diz que há orientações sobre o Saresp, mas são poucas, e que é dito que eles precisam estudar. Conta que os professores coordenadores das oficinas pedagógicas vão se capacitar na Secretaria da Educação e depois se reúnem com os coordenadores pedagógicos das escolas. Acha que deveria ter um curso intensivo sobre como é calculado o resultado do Saresp, sobre os níveis de proficiência, que têm faixas diferentes para as diferentes disciplinas, o que os torna complicados.
SPC2.9	A depoente SPC2 diz que não entende direito a escala de proficiência e que percebe que os professores coordenadores das oficinas pedagógicas também não entendem direito, pois há pouca orientação pela dimensão do Saresp. Acha que deveria ter mais explicações detalhadas, para que elas pudessem explicar melhor para os professores.
SPC3.12	A depoente SPC3 diz que houve orientação sobre o Saresp no início do ano, na Diretoria de Ensino, durante um dia inteiro, para auxiliar no trabalho do coordenador. Trabalhou-se o resultado por escola, identificando as habilidades que não foram aprendidas para depois passar as informações para os professores e ajudar na preparação de materiais e atividades para contemplar as dificuldades.
SPC3.13	A depoente SPC3 diz que na Diretoria de Ensino explicaram bem o funcionamento da escala de proficiência do Saresp. Fala que tem pouco tempo para trabalhar com os professores esse tema, já que só se reúne com eles por duas horas durante a semana, nas HTPCs e, além do Saresp, tem que tratar de problemas do dia a dia, projetos específicos e da formação continuada do professor, portanto não há tempo hábil para um aprofundamento do tema.
SPC4.9	O depoente SPC4 afirma que existem reuniões com membros da Diretoria de Ensino para orientar sobre o Saresp, porém já se tornaram repetitivas. Conta que na Diretoria também não se tem informações antes de o relatório com os resultados chegar. Assim, quando essas informações chegam, com as habilidades e competências que ficaram em suspenso é que começam as discussões.
SPC4.10	O depoente SPC4 diz que nas orientações sobre o Saresp é explicado sobre a escala de proficiência, mas que é difícil para os professores que não tenham um pouco de conhecimento em Matemática entenderem. Afirma que a escala foi implantada, mas que vão descobrindo a função de cada coisa aos poucos. Diz que estão estudando sobre isso desde 2008 e ainda não entendem metade das coisas.
SD1.20	A depoente SD1 diz que houve a preparação dos gestores da escola na Diretoria de Ensino, mas que como fazem parte do Saresp há muitos anos, não teve muita novidade. Porém, foram informações necessárias a quem estava participando pela primeira vez, como é o caso das escolas municipais e algumas particulares, que tem a participação voluntária. A orientação consiste em como fazer o Saresp, de informações sobre o cronograma que a escola deve cumprir, com as datas de ir buscar as provas, de ir levar os relatórios, de digitar pela internet a inscrição dos professores que irão aplicar a prova, que não podem ser da escola.

SD2.29	SD2.29a: A depoente afirma estar na rede estadual há 35 anos, tendo participado do Saresp desde o primeiro, e que sempre foi dada uma orientação sobre a avaliação. SD2.29b: Relata que já está na hora de fazer uma avaliação e reformular o Saresp, pois não se ouve a base de trabalhadores da escola. Espera que com o novo Secretário da Educação, Herman Voorwald, possam ocorrer mudanças, principalmente por agora existir um canal de comunicação.
SD2.42	A depoente SD2 afirma que muda um pouquinho a rotina das atividades da direção em função do Saresp, no que diz respeito à parte burocrática, organização dos professores que aplicarão as provas e preenchimento de planilhas. Porém, afirma que o que muda mesmo é no dia da aplicação das provas.
SD2.46	SD2 relata que a política para quem não atingiu as metas propostas é a realização de capacitações vindas da Secretaria de Educação para a Diretoria de Ensino, que passa para os coordenadores da escola, para que a escola trabalhe mais as questões e os conteúdos para o Saresp, no sentido de um preparo.

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### Quadro 43 – Nível de ensino em que o coordenador atua.

1R.26	Nível de ensino em que o coordenador atua
SPC2.1	A depoente é coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental.
SPC3.9	A depoente é coordenadora do Ensino Fundamental. Trabalha 8 horas por dia, durante a manhã e a tarde.

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### Quadro 44 – Características comportamentais dos alunos e alunos com necessidades especiais.

1R.27	Características comportamentais dos alunos e alunos com necessidades especiais
SPC1.12	A depoente SPC1 acha que os alunos do Ensino Fundamental causam mais preocupação do que os alunos do Ensino Médio, pois os últimos começam a trabalhar e melhoram. Sente pena da coordenadora do Ensino Fundamental, diz que ajuda, mas que o trabalho é de enlouquecer.
SPC2.21	A depoente SPC2 acha que os alunos não têm preocupação com o emprego que terão. Acha que deveriam começar a trabalhar antes dos 16 anos para amadurecer mais cedo.
SPC3.18	A depoente SPC3 diz que a 8ª série que fez a prova que continha questões abertas de Matemática, é uma classe que tem uma grande quantidade de alunos com necessidades educacionais especiais. Então, apesar de o professor ter trabalhado tais dificuldades, os alunos não apresentavam o nível de aprendizagem esperado para a 8ª série. Assim, diz que os alunos não querem colocar no papel o fracasso deles, já que eles sabem que não aprenderam aquele conteúdo e que o resultado será exposto fora da escola.
SPC3.19	A depoente SPC3 fala de duas 8 <sup>as</sup> séries que têm características diferentes. Uma delas é formada por alunos que tem problemas de comportamento em sociedade, que não querem aprender, não têm nenhuma preocupação com o

	<p>futuro, apenas frequentam a escola por serem obrigados. A outra 8<sup>a</sup>, que fez a prova aberta, é formada por alunos com dificuldades de aprendizagem, que chegam à escola atrasados em relação aos conteúdos, portanto estão na 8<sup>a</sup> série, mas não no seu nível de aprendizagem.</p>
SPC3.20	<p>A depoente SPC3 afirma que a classe com alunos que possuem dificuldades de aprendizagem se recusou a fazer a prova aberta de Matemática, pois eles não haviam aprendido aqueles conteúdos e não queriam sujeitar-se a constrangimentos. Conta que teve que ir, junto com a professora de Matemática, conversar com os alunos na hora da prova e lembrar que eles já haviam visto alguns conteúdos, para que então eles abrandassem a atitude e fizessem a prova. Porém, diz que esse tipo de acontecimento contradiz tudo que ela trabalha com os professores, pois ela os incentiva a trabalhar o que o aluno não sabe, independente de estar na série adequada ou não, porque acha que sem pré-requisito os alunos não conseguem avançar.</p>
SPC3.25	<p>A depoente SPC3 diz que os alunos alfabéticos são aqueles que lêem, escrevem, mas não compreende o que lê. Afirma que eles vão sendo promovidos pela progressão continuada, já que os professores trabalham e avaliam esse tipo de aluno de uma maneira diferente, pois se fosse avaliar nos moldes do Saesp, eles ficariam eternamente na escola e acha isso incoerente. Conta que a escola exerce uma função de integração na sociedade e no mercado de trabalho para esses alunos com necessidades educacionais especiais, mas que eles não concluem o ensino letrados.</p>
SD2.19	<p>A diretora SD2 afirma que nos últimos anos tem aumentado o número de alunos com deficiências cognitivas, intelectuais e físicas, ou seja, alunos com necessidades educacionais especiais. Relata que quando a deficiência física não é algo muito grave, não trazendo grandes problemas. Porém, conta que enfrentam grandes problemas com crianças que apresentam deficiências cognitivas, muitas vezes diagnosticadas como autistas, mas que ela acha que tais deficiências podem ser ocasionadas por pré-natais não feitos adequadamente, por uso de drogas pela mãe na gravidez, por falta de cuidados na infância. Relata que há casos em que a escola detecta problemas auditivos, de visão, não detectados em casa, além de problemas psicológicos, de violência, de falta de cuidado; problemas esses que recaem sobre a escola.</p>
SD2.20	<p>A depoente SD2 afirma que atualmente as crianças são abandonadas ao acaso pelos pais, que trabalham o dia todo para sobreviver, o que acarreta outros problemas maiores. Relata que muitas vezes quando a escola chama a família, pois detectou que há algum problema com o aluno, muitas vezes já apontado em relatórios de professores do ciclo I, a família não toma as providências indicadas, como encaminhar para fazer testes na Apae ou ter atendimento no Criare.</p> <p>Afirma que o Criare é o Centro de Referência da Infância e da Juventude, onde tem psicólogo, fonoaudiólogo, médico, hebiatra. Porém, afirma que não resolve os problemas da escola, pois o atendimento demora de quatro a seis meses para ser efetivado, e depois precisa de um acompanhamento constante, que acaba não acontecendo, pois a criança teria que ir sozinha, já que os pais não têm disponibilidade de levar, além de não verem resultados naquele tratamento.</p> <p>Relata que quando precisa de atendimentos de fonoaudiólogos, assistentes sociais, tratamentos gratuitos não encontram, e a escola fica com a complicação para resolver.</p>

	Afirma que essa é a realidade da escola, com diversas variáveis interferindo, em que percebe-se que o aluno possui problemas de saúde, como raquitismo, desnutrição, carência de vitaminas, falta de cuidados e não se tem para onde encaminhar o aluno para tratamento e a família não cuida.
SD2.21	A depoente SD2 afirma que aumentou a quantidade de alunos com necessidades educacionais especiais na escola depois do decreto que garante um sistema educacional público inclusivo. Porém, questiona que a escola deveria ter uma sala com recursos específicos para atender essas crianças, assim como tem no Ciclo I, mas relata que na escola A não existe espaço para isso. Portanto, essas crianças vão carregando dificuldades ao longo do tempo, que não serão sanadas tão cedo.
GA2.11	O depoente BF4 relata que as salas de aula são super lotadas no 6º ano, com cerca de 45 alunos por classe, mas no 9º ano nem tanto. Acha isso difícil para o professor, pois ele tem que controlar os alunos e passar a lição em 50 minutos. BF4 e BF6 afirmam que os alunos são de criar problemas e que a cada ano que passa eles estão piores.
GA2.29	O depoente BF4 acha que o material enviado pelo governo referente ao Currículo é dinheiro desperdiçado, pois, além de conter erros absurdos, os alunos jogam fora no final do ano. Os depoentes relatam que no último dia de aula os alunos rasgam, jogam pra cima, no ventilador, na rua. Contam, também, que as ruas em frente às escolas ficam lotadas de papel, parecendo dia de eleição, um caos. Afirmam que não pode jogar o Caderno do 4º bimestre, pois ele será utilizado no começo do ano seguinte, e que mesmo a escola avisando para não jogar, os depoentes acham que os alunos jogarão.
GA2.40	A depoente BF6 afirma que os adolescentes de atualmente estão ficando piores, principalmente no que diz respeito à educação, pois eles preferem aproveitar a vida a se prepararem para o futuro, já que não têm uma aspiração na vida.
GA2.55	Os depoentes do grupo GA2 relatam que diversos alunos reclamam que a escola não é boa, mas que eles mesmos estragam a reputação da escola: tiram a tinta da parede, rabiscam armários e carteiras, jogam livros, desperdiçam merenda, sujam a escola, depredam ônibus. BF6 relata que quando os professores falam que a escola será avaliada por meio do Saresp e de acordo com o resultado terão ou não melhorias para a escola, esses alunos não se esforçam e depois ficam reclamando. Conta, ainda, que tais alunos ficam tentando sair mais cedo que os demais, no dia da prova do Saresp, querem sair das salas para ficarem conversando no corredor, pois não se importam muito com a escola.
GA4.3	Os alunos do grupo GA4 acharam o nível de dificuldade das provas mediano, ou seja, nem fácil, nem difícil. A aluna AF2 afirma que diversas questões não foram possíveis de serem respondidas, pois, apesar de o ensino na escola ser ótimo, a sala de aula em que ela está é muito indisciplinada, prejudicando o aprendizado.
GA4.30	A depoente AF3 afirma que a maioria da sua sala não será reprovada. Já as alunas AF1 e AF2 acham que metade da sala será retida, pois apresentaram muitos problemas decorrentes de terem causado confusão no ano letivo de 2010. Relatam que a sala inteira foi suspensa das atividades escolares como penalização pela bagunça excessiva, já que a sala se localiza em cima da diretoria e, portanto, escutam o barulho. Relatam, rindo, que, na classe,

	quebraram uma mesa no meio, um relógio, dois lixos, rasgaram a cortina e quebraram um vidro da janela do refeitório.
GA4.32	O depoente AF4 não vê nada de bom na aprovação automática. Cita seu próprio exemplo, que não se dedicava aos estudos e nem às provas até o 8º ano, além de proceder de modo indevido, mas que agora no 9º ano, levando-se em conta que pode reprovar por nota e que tem que prestar provas para cursos técnicos, ele se dedica mais. Portanto, acha que deveria aprender para ser promovido. A depoente AF3 diz que na sala de aula era muita bagunça, mas depois das férias de julho o pessoal está mais quieto. Já as depoentes AF1 e AF2 afirmam que a sala em que elas estudam continua uma bagunça.
GA5.12	Os alunos do grupo GA5 afirmam que os alunos que não aprenderam, não estudaram, deveriam ser reprovados, pois sem os pré-requisitos necessários, eles não conseguirão acompanhar as séries seguintes, em que serão abordados novos conteúdos e a revisão que o professor faz não é suficiente para quem não aprendeu. A depoente AF5 relata que tem um aluno na sala que ela estuda que parou de vir, que chegava na sala de aula, jogava a bolsa no chão e dormia, portanto acha que se esse aluno for promovido para o 1º ano será uma humilhação para a classe. AF8 relata que sua prima será aprovada do 5º para o 6º ano mesmo faltando muito e não se esforçando, caso semelhante ao da sua irmã, que passou com diversas notas abaixo de cinco e agora está com dificuldades no 6º ano.
GA5.50	O depoente AF8 afirma que há crianças na escola que não deixam o ensino progredir e outras que são prejudicadas, pois foram colocadas em salas de aula com muitos alunos indisciplinados. Ele concorda com a depoente AF7 que seria interessante haver uma prova com conteúdos básicos para os alunos ingressarem na escola, pois acredita que as pessoas precisam perceber a importância da escolaridade. Relata que sem estudo, uma pessoa só progrediria no futuro se inventasse algo muito útil para a humanidade ou tendo dinheiro suficiente para abrir um grande negócio.
GA5.57	Os depoentes do grupo GA5 afirmam não ter muito contato com a diretora, apenas quando algo de errado acontece. Têm mais contato com a coordenadora do Ensino Fundamental, mas quem deu os recados sobre o Saresp foi o coordenador do Ensino Médio. O coordenador disse para os alunos se empenharem para fazer o Saresp, pois o nome da escola estava em jogo. Relatam que o nome da escola tem relação individual com cada um, citando um exemplo de escolas particulares em que os alunos por estarem pagando acham que têm o direito de passar dos limites, sendo até proibidos de entrarem em alguns lugares, prejudicando todos que estavam juntos.

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### Quadro 45 – Intervenções da Diretoria de Ensino no trabalho da escola.

<b>1R.28</b>	<b>Intervenções da Diretoria de Ensino no trabalho da escola</b>
SPC1.8	A depoente SPC1 diz que quando não ganharam o bônus, toda a Diretoria de Ensino se voltou para a escola em que trabalha, por ser a maior da cidade e ter sempre sido uma escola muito boa, portanto não ganhar o bônus fez com que eles perdessem a base onde estavam se assentando. Assim, enviaram uma supervisora de ensino que ajudou muito, ampliando os horizontes que tinham antes.

SPC1.23	A depoente SPC1 diz que quando não atingiram a meta de aumento do Idesp, percebeu diferença na política da Diretoria de Ensino em relação à escola. Diz que começou a ir à escola uma supervisora de ensino diferente, que ensinou a organizar a HTPC, a interpretar gráficos, trazia textos e obrigou os coordenadores a assistirem aulas dos professores.
SPC1.24	A depoente SPC1 conta que quando assistia às aulas dos professores, sentava junto com os alunos e observava como o professor lecionava, se ele estava usando o material enviado pelo governo, os métodos didáticos que usava, se usa a lousa, anotava tudo e depois tinha que sugerir alguma mudança para o professor. Diz que assistiu às aulas em 2009, pois a Diretoria de Ensino exigiu, e que tinha que preencher duas folhas com informações sobre as aulas e depois fazer um relatório quinzenal para enviar à Diretoria, mas que nunca fez. Já em 2010, não teve tempo, devido às mudanças de estratégias de trabalho, como semana de provas e simulados organizados pela coordenação, além dos trabalhos que já existiam, como atendimento de pais, preocupações com o bem estar dos alunos e assuntos com funcionários que executam serviços auxiliares.
SPC3.27	A depoente SPC3 diz que a Diretoria de Ensino não focou na escola em que trabalha, pois sempre esteve acima da média do Estado, da COGSP, do município, mesmo não atingindo a meta. Conta que as escolas que estavam abaixo da média de aprendizagem tiveram uma ação direta da Secretaria da Educação, através dos professores coordenadores das oficinas pedagógicas. Mesmo assim, diz que o supervisor de ensino conversou com a coordenação da escola no início do ano e juntos traçaram metas para mudar a situação da escola, que havia decaído. Fala que houve acompanhamento durante o ano e que sentiu uma preocupação da Diretoria de Ensino e não uma pressão.
SPC3.28	A depoente SPC3 diz que o acompanhamento não foi diferente dos anos anteriores, em que haviam atingido a meta.
SPC4.29	O depoente SPC4 diz que não percebeu nenhuma política diferente da Diretoria de Ensino na escola, pelo fato de não terem atingido a meta do Idesp 2009, pois a escola é boa e sempre está acima da média do município, da Diretoria e do Estado. O que aconteceu foi apenas uma diferença em relação ao índice do ano anterior. Porém, acha que deveriam ser empregadas políticas diferenciadas também nas escolas boas, tais como maior suporte pedagógico e práticas inovadoras. Também acha que devem se atentar para as escolas que não estão bem, fornecendo o suporte básico, como professor na sala de aula, professor capacitado e reuniões para levantar a auto-estima dessas pessoas.
SD1.9	A depoente SD1 diz que teve uma política diferenciada da Diretoria de Ensino na escola, no ano em que não atingiram a meta. Conta que o supervisor de ensino e os profissionais da Oficina Pedagógica iam toda semana à escola cobrar plano de trabalho, planilhas e gráficos. Diz que foi muita pressão, que na escola acharam que não iriam aguentar.
SD1.10	A depoente SD1 conta que o pessoal da Diretoria de Ensino que ia à escola em 2009, queria ver como estavam trabalhando o material enviado pelo governo e o livro didático, assistia às aulas dos professores, dava exemplos de como trabalhar de maneiras diferentes, que haviam dado certo em outras escolas e também levavam exemplo da escola em que a depoente trabalha para outras. Conta que em 2010 não tiveram a presença do pessoal da Oficina Pedagógica, somente uma ou duas vezes para ver o que estavam



	fazendo.
SD1.12	A depoente SD1 diz que em 2010 não teve a presença da Diretoria de Ensino como em 2009. Conta que teve a presença da supervisão cada 15, 20 dias, mas que não olhavam plano de ensino e nem entravam em sala de aula. Acha que não é porque eles atingiram o índice relativo ao Saresp 2009 que podem deixar de trabalhar, pelo contrário, devem trabalhar mais, pois o índice tem que aumentar.
SD1.26	A depoente SD1 diz que o Saresp também provocou uma mudança no fato do supervisor e coordenadores assistirem às aulas do professor. Conta que os coordenadores assistiam às aulas para ajudar os professores a melhorarem e não para vigiar seu trabalho.
SD2.46	SD2 relata que a política para quem não atingiu as metas propostas é a realização de capacitações vindas da Secretaria de Educação para a Diretoria de Ensino, que passa para os coordenadores da escola, para que a escola trabalhe mais as questões e os conteúdos para o Saresp, no sentido de um preparo.
SD2.47	A depoente SD2 afirma que não veio nenhuma orientação da Diretoria de Ensino, específica para a escola A, no sentido de alcance de metas, sendo tais decisões deixadas sob responsabilidade da escola, que traça suas metas no início do ano, com vistas ao Saresp. Essas metas são traçadas pela coordenação, direção e professores.
GA2.25	O depoente BF4 afirma que os professores são obrigados a usar o material enviado para as escolas referente ao Currículo do Estado. Relata que vem um Supervisor enviado pela Diretoria de Ensino para conferir se as anotações do professor equivalem ao conteúdo que os alunos têm registrado no caderno.
GA5.27	Os depoentes do grupo GA5 afirmam que o professor de Ciências usa o Caderno do Aluno e também o livro didático, quando já acabou um caderno e ainda não chegou o próximo. Relatam que ele avalia os alunos com exercícios, provas e também com a nota dos simulados. Relatam que no semestre passado teve um simulado enviado pela Diretoria de Ensino.
GA11.19	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que fizeram um simulado do Saresp que veio da Diretoria de Ensino na semana anterior ao Saresp. Afirmam ser legal que a professora já havia mostrado o gabarito com a correção das respostas certas.

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### **Quadro 46** – Análises críticas da situação política e da educação.

<b>1R.29</b>	<b>Análises críticas da situação política e da educação</b>
SPC4.24	O depoente diz que no Brasil não se valoriza o que é feito no país, pois viemos de uma colonização de exploração e que sua História ainda é recente. Então, diz que tem muitas coisas que estão falhas no país, como problemas na política, de desvios de verbas, de manipular a população para não serem críticos, mas mesmo assim a educação dá pequenos passos.
SPC4.25	O depoente se revolta quando a imprensa critica as escolas estaduais, diz que elas não servem, mas que isso não é verdade, pois na escola que trabalha tem alunos que vão para Universidades estaduais e particulares, que estudam em escolas técnicas e no Senai.
SPC4.33	O depoente diz que o projeto da progressão continuada é perfeito, mas que

	no Brasil as pessoas não compreendem que o aluno deve ir para a escola para estudar. Acha que deve haver uma divulgação na mídia e uma mobilização da sociedade como um todo, para que perceba a importância da criança ir para a escola para estudar, pois acha que todos devem participar da educação de um país.
SD1.34	A depoente diz que no ranking da avaliação internacional do Pisa estamos nas últimas classificações, muito aquém dos outros países, pois no Brasil não se tem a cultura da educação ser importante.
SD2.58	A depoente afirma que, juntamente com a Progressão Continuada ter sido implantada de forma inadequada, os professores de 1º ao 5º ano não são preparados para alfabetizar alunos das classes sociais de baixa renda, que não têm acesso a material escrito em suas residências, portanto não trazem de casa o contato com leitura e parte escrita. Além disso, os professores não podem usar mais cartilhas, devendo usar métodos baseados no construtivismo, sendo que o profissional não foi preparado para isso. Na prática, entendeu-se que era para deixar o aluno escrever da maneira que ele quisesse, o que acarretou alunos que escrevem errado mesmo em séries adiantadas. Argumenta que o fato de se usarem cartilhas ou outro tipo de material não prejudica ninguém e sim ajuda a não cometer erros de ortografia. Afirma que o professor deve ter um material para se apoiar ao alfabetizar os alunos. Relata que se passou de um extremo a outro: antes se reprovava o aluno por não saber pontuação correta, hoje se aceita tudo e não se exige nada em troca.
SD2.59	A diretora SD2 relata que quando a família considera a escola importante, o aluno também considera. Porém, a família que considera a escola apenas como um lugar onde os pais colocam os filhos para poderem trabalhar, não importando se a criança está ou não aprendendo, em geral a escola também não será importante para esse aluno. Argumenta que essa informação é muito relevante, pois mesmo que o pai seja analfabeto, se ele considera a educação do filho importante, ele vai exigir que tenha seriedade na escola.
GA2.64	Os depoentes relatam que a escola em tempo integral tem aspectos positivos e negativos. Os positivos são que: o aluno tem a possibilidade de aprender o que não aprendeu nas disciplinas regulares, já que alguns professores fazem revisões do conteúdo abordado; almoço servido é de boa qualidade; professores são de boa qualidade; bom para quem não tem condição financeira de pagar um curso de inglês, espanhol, música, dança, teatro, informática, por exemplo, que são oferecidos à tarde. Os negativos são que: é muito cansativo ficar das 7h às 15h30min na escola, principalmente depois do almoço, alunos não dão valor, não têm interesse, pois acham que não estão pagando por esses cursos, porém esquecem que é dinheiro do imposto que os pais pagam para o governo.
GA2.65	O depoente BF4 afirma que, assim como as aulas das disciplinas regulares, a escola em tempo integral deveria ser apenas para os alunos que se interessam.
GA2.66	O depoente BF4 afirma que o governo do Estado de São Paulo desperdiça dinheiro, pois investe muito mal em educação. Por exemplo, cita a alimentação, o Caderno do Aluno, os materiais escolares de boa qualidade que são dados aos alunos e alguns jogam foram.
GA2.68	Os alunos sugerem que o governo invista mais em apresentar aos alunos uma

	<p>cultura diferenciada, além daquela pertencente às disciplinas curriculares clássicas, como Português, Matemática, Geografia e Ciências, pois em cidades do interior não se tem muita oportunidade para participar de programas culturais. Por exemplo, poderiam esclarecer sobre os cursos superiores existentes; levar para passeios em cidades diferentes, para assistir teatros, a Zoológicos. Relatam que atividades desse tipo além de facilitar o aprendizado possibilitariam que os alunos se divertissem um pouco.</p>
GA2.69	<p>Os depoentes afirmam que ter acesso à cultura tem um preço elevado para a maioria da população, por exemplo, ida a cinemas, exposições em outras cidades. O depoente BF4 cita um projeto no Estado do Rio de Janeiro que dá 50 reais por ano para uma pessoa gastar com cultura. Os depoentes também citam como boa a iniciativa da carteirinha do estudante que permite que paguem meia entrada em alguns lugares ou até mesmo entrem gratuitamente.</p>
GA5.7	<p>O depoente afirma que uma das questões perguntava o que precisava para que um protesto funcionasse. Ele afirma que a resposta correta é que precisa de muita gente pressionando o governo. Porém, afirma que ocorreu um grande protesto dos professores em São Paulo, inclusive com alguns alunos autorizados participando, e que o governo se negou a fazer acordos até o último momento. Portanto, ele assinalou uma alternativa que dizia: boa vontade do governo, mesmo sabendo ser a errada, pois acredita que a questão estava querendo induzir as pessoas a acharem que o governo é sempre responsável por coisas boas, e quem está contra nunca está certo. Questiona se estamos vivendo numa ditadura novamente.</p>
GA5.21	<p>O depoente relata que os alunos que são aprovados nos vestibulinhos são alunos de escolas particulares, pois quando o ensino de uma escola pública é bom, há grande concorrência para ingresso na escola. Porém, os alunos de escolas públicas não são aprovados por não terem conhecimento suficiente fornecido pela escola.</p>
GA5.35	<p>O depoente AF8 não acha que o Saresp é uma prova adequada para medir como está o ensino da escola pública em comparação à escola particular, pois o conteúdo cobrado no Saresp é focado no conteúdo ensinado nas escolas públicas, que é um conteúdo insuficiente para um vestibulinho ou uma entrevista de emprego. Portanto, acha que as pessoas têm que aprender que quando veem algo errado devem reclamar e não aceitar, por exemplo, alguns dizem que a prova do Saresp é fácil, portanto vai fazer rapidamente, mas não se atenta que alguns conteúdos farão falta em algumas situações.</p>
GA5.37	<p>O depoente AF8 afirma que quem possui somente a graduação e vai lecionar na escola pública recebe um salário péssimo. Acha que deve ser feito um manifesto, pois ninguém dá atenção às necessidades salariais dos professores.</p>
GA5.39	<p>O depoente critica Programa Bolsa Alfabetização, que coloca um professor na sala de aula, em uma espécie de período de estágio, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois afirma que o necessário é um ensino de qualidade boa, a redução do número de alunos por classe e não o aumento do número de professores por classe. Relata que a professora de Matemática quando corrige a prova, tem 41 alunos fazendo perguntas para ela, portanto não será possível responder a todos, o mesmo acontecendo com pais que procuram o professor fora do horário de aula.</p>
GA5.41	<p>O depoente AF8 afirma que todos os candidatos à presidência disseram ao governador que o ensino no Estado de São Paulo está pior que no Piauí e que</p>

	a população do Estado elegeu um candidato que está continuando com isso, portanto o ensino está indo mal.
GA5.50	O depoente AF8 afirma que há crianças na escola que não deixam o ensino progredir e outras que são prejudicadas, pois foram colocadas em salas de aula com muitos alunos indisciplinados. Ele concorda com a depoente AF7 que seria interessante haver uma prova com conteúdos básicos para os alunos ingressarem na escola, pois acredita que as pessoas precisam perceber a importância da escolaridade. Relata que sem estudo, uma pessoa só progrediria no futuro se inventasse algo muito útil para a humanidade ou tendo dinheiro suficiente para abrir um grande negócio.
GA5.58	O depoente AF8 afirma que o nome da escola não influencia no seu aprendizado e que ele deseja uma educação de boa qualidade, mas que isso não vai ocorrer enquanto o modo de governar não for diferente.
GA5.61	O depoente conta de uma professora que é mineira e os alunos brincam dizendo que em Minas só se come queijo e vive da agricultura, já São Paulo é a locomotiva do Brasil; sendo que a professora responde, na brincadeira, que São Paulo é uma locomotiva quebrada, pois o ensino é péssimo e nunca venceu um conflito histórico. Afirma que, atualmente, ele tem vergonha de falar, que o ensino em São Paulo está pior que em outros Estados da região Norte, Nordeste e Centro-Oeste, e pior que em lugares onde a estrutura é precária e o professor não possui formação em nível superior. Acha que, além do ensino ser ruim, a educação das pessoas está horrível, pois existem escolas que são depredadas e fechadas como uma prisão para que os alunos permaneçam nas aulas. Relata, ainda, que na escola A não acontece isso, pois a diretora é brava.
GA5.62	O depoente AF8 afirma que em todas as escolas do Estado de São Paulo há super lotação de alunos nas salas de aula, prejudicando a qualidade do ar dentro das salas de aula, além de não permitir que os alunos tirem todas as suas dúvidas e que os professores consigam falar para os pais sobre tudo que os alunos fazem na escola. Relata o caso de um pai que foi alertado sobre o mau comportamento do filho, não acreditou no professor e foi convidado a assistir uma aula e não aguentou o calor.
GA9.26	A depoente AM1 acha que deve ser dada mais atenção à educação, senão o Brasil nunca será uma potência mundial. Afirma que a educação está muito aquém do esperado.

Fonte: Dados organizados pela autora.

**Quadro 47** – Instrumentos de avaliação do Saresp (questionário, características das provas).

<b>1R.30</b>	Instrumentos de avaliação do Saresp (questionário, características das provas)
SP7.17	A depoente SP7 diz que comentaram que a prova objetiva não estava difícil, que dava pra fazer. Porém, a prova dissertativa estava difícil.
SD1.21	A depoente SD1 diz que a direção e os professores que aplicam as provas respondem a um questionário. O da direção é composto por perguntas do tipo: quanto tempo trabalha nessa escola, qual o curso que tem, quanto tempo está na direção da escola, qual a sua formação, quantos alunos tem na escola. Já o questionário dos professores ela não sabe o teor das questões.

SD1.22	A depoente SD1 diz que a única correção do Saresp que é feita na escola é a das redações que não são enviadas para a Diretoria de Ensino. Para correção externa é enviada uma amostra de 10% de uma classe de cada série, entre as que participaram do Saresp, ou seja, em torno de três alunos por série avaliada. A correção da redação na escola é feita de acordo com instruções recebidas, atribuindo-se notas de 1 a 5, e depois digitadas em planilhas, onde se sabe qual o nível de desempenho do aluno avaliado. Diz que ainda não sabe se essa planilha com os resultados das redações ficará na escola ou será enviada para Diretoria de Ensino.
SD1.23	A depoente SD1 diz que na prova de Matemática com questões abertas não foi uma amostra da classe, e sim uma classe toda. Ainda, a correção não foi feita na escola.
SD1.42	A depoente SD1 diz que os alunos respondem a um questionário socioeconômico que é entregue para eles, antes do Saresp, sendo respondido em casa junto com os pais e devolvido para a escola em um prazo estipulado. Conta que têm que cobrar os alunos, pois eles perdem, esquecem, não respondem. Depois que eles entregam na escola, os questionários respondidos são enviados para a Diretoria de Ensino.
GA1.4	Os alunos do grupo GA1 divergem em relação à opinião sobre a dificuldade das provas do Saresp. BF1 acha a prova de Matemática difícil, BF2 acha o nível de dificuldade mediano e BF3 afirma que as provas de Português e Ciências estavam fáceis, mas a de Matemática não estava difícil, porém continha algumas questões que não puderam ser feitas, pois eram referentes a conteúdos do 4º bimestre do caderno do aluno que não haviam sido ministrados ainda.
GA1.5	BF1 afirma que a prova foi composta por 24 questões de Matemática e 24 de Português, no primeiro dia de prova. Afirma, também, que o tema da redação era um artigo de opinião sobre a internet e uma carta.
GA1.7	Os alunos do grupo GA1 afirmam que não havia questões abertas, apenas questões com alternativas nas provas. Apenas a outra classe fez parte da amostra que respondeu algumas questões abertas.
GA2.2	Os alunos do grupo GA2 contam que foram dois dias de prova, sendo o primeiro Português e Matemática e o segundo Ciências e Redação. A Redação era um artigo de opinião sobre o espaço que a carta pode ter (ou se ainda tem) após a expansão da comunicação via internet.
GA2.6	Os alunos do grupo GA2 acham um absurdo a Redação do Saresp requisitar que se escreva um texto em, no mínimo, seis linhas. Alegam que em seis linhas não seria possível de expressar uma opinião, colocar argumentos, defender ideias. BF5 e BF6 relatam que suas redações tiveram entre 28 e 30 linhas, sendo que o máximo de linhas era em torno de 30. BF5 acha que se a pessoa pensa em seu futuro ela vai escrever uma Redação adequada, caso contrário ela fará nas seis linhas mínimas.
GA2.8	Os alunos do grupo GA2 afirmam que acharam a prova fácil em geral. BF4 afirma que a de Matemática estava mais fácil que a de Português, porém BF5 afirma que para ela não.
GA2.15	Alunos do grupo GA2 relatam que as provas eram compostas de 26 cadernos diferentes, portanto não era possível colar. Afirmam que só seria possível colar na Redação, mas que as professoras tentaram enganar, dizendo que o tema era diferente.
GA3.2	Os alunos do grupo GA3 dizem que no primeiro dia do Saresp foi prova de

	Português e Matemática e no segundo dia foi Ciências e Redação.
GA3.3	Os alunos do grupo GA3 contam que fizeram as questões abertas de Matemática em uma das classes de 9º ano, e BF7 acha que essa prova estava mais fácil que as outras provas do Saresp, e fez todas. Já BF8 achou muito difícil e não fez uma.
GA3.6	Os depoentes do grupo GA3 afirmam que a prova de Matemática estava mais difícil do que fácil e que a de Português estava mais fácil. Porém, BF8 relata que não leu as questões de Português.
GA3.7	O depoente BF8 afirma que estuda Matemática, mas que não consegue entender.
GA4.3	Os alunos do grupo GA4 acharam o nível de dificuldade das provas mediano, ou seja, nem fácil, nem difícil. A aluna AF2 afirma que diversas questões não foram possíveis de serem respondidas, pois, apesar de o ensino na escola ser ótimo, a sala de aula em que ela está é muito indisciplinada, prejudicando o aprendizado.
GA4.5	Os depoentes do grupo GA4 acharam difícil a prova aberta de Matemática do Saresp. Relatam que era composta por cinco questões, sendo que eles fizeram aquelas que tinham aprendido o conteúdo e que se lembravam. As depoentes AF1 e AF2 afirmam que responderam cinco e quatro, respectivamente.
GA4.6	As depoentes AF1 e AF2 relatam que uma das questões da prova aberta, que não tinha alternativas como resposta, era pegadinha, ou seja, confundia quanto à resposta correta, induzindo ao erro. A questão era: Tinha 8 fitas azuis, 7 rosas, 2 vermelhas em um recipiente. Se alguém pegasse uma das fitas, qual a cor que tinha maior probabilidade de ser pega? Acham que é uma pegadinha, pois é óbvio que todos iriam responder azul. Alunos acharam a resposta muito óbvia.
GA4.7	Os alunos do grupo GA4 acharam a prova de Matemática mais difícil que as outras. A depoente AF3 afirma ter chutado muitas questões. O depoente AF4 diz ter chutado algumas.
GA4.8	As outras provas, além de Matemática, os alunos acharam mais fáceis. O depoente AF4 afirma que as outras provas eram de interpretação de textos.
GA4.9	A depoente AF3 relata que no primeiro dia de prova foi cobrado Português e Matemática e no segundo dia Redação e Ciências.
GA4.10	Os alunos do grupo GA4 acharam a Redação fácil, por se tratar de um artigo de opinião, gênero textual que foi bastante trabalhado pelo professor em sala de aula.
GA5.3	Os alunos do grupo GA5 relatam que no primeiro dia a prova foi de Português e Matemática e no segundo foi Ciências e Redação.
GA5.4	Os depoentes do grupo GA5 afirmam que o tema para a Redação era uma opinião se os alunos acham que na época da internet há espaço para cartas. O depoente AF8 afirma que o tempo já foi bastante discutido, pois é falado que atualmente as pessoas adquirem manias de escrita da internet, como abreviaturas, portanto deveria ter sido abordado um tema mais importante.
GA5.5	Os depoentes AF6, AF7 e AF8 acharam a prova de Matemática difícil. Já o depoente AF5 achou fácil.
GA5.24	O aluno AF8 fez um vestibulinho para uma escola técnica e afirma que estava muito mais difícil que o Saresp. Afirma que teve certa facilidade para responder às questões do Saresp, exceto pelo fato de algumas questões apresentarem um texto muito grande e ter pouco tempo para ler, o que

	também ocorreu no vestibulinho.
GA5.25	Os depoentes do grupo GA5 afirmam que os textos das questões do Saresp eram enormes e que as perguntas possuíam respostas muito evidentes, sugerindo, então, que fosse mais de uma questão por texto, pois a prova foi muito cansativa.
GA6.2	Os depoentes do grupo GA6 afirmam que fizeram a prova do primeiro dia em 1h30min, pois algumas respostas eram óbvias, além de ser prova teste, fazendo que a prova fosse respondida rapidamente. Já no segundo dia de prova, quando teve a Redação, com o tema sobre palmadas em crianças, e a prova com questões abertas de Matemática, os alunos demoraram perto do tempo máximo para responder, pois deveriam escrever mais.
GA6.3	Os depoentes do grupo GA6 afirmam que a prova aberta de Matemática estava com as três primeiras questões fáceis e as outras duas difíceis, tanto que a maioria da classe não conseguiu fazer.
GA6.4	Os depoentes do grupo GA6 afirmam que as demais provas, além da prova aberta de Matemática estavam mais fáceis, se as questões fossem lidas atentamente. Porém, sinalizam algum grau de dificuldade em algumas questões.
GA6.5	O depoente BM2 relata ter feito o Enem e que esse exame continha questões mais complicadas que o Saresp, requisitando mais esforço e abrangendo questões mais amplas. Além disso, afirma que as pessoas falam que o Saresp é uma imitação do Enem.
GA6.6	Os depoentes do grupo GA6 relatam que foi cobrado no primeiro dia do Saresp: Português, Matemática, Física, História, Química e Geografia. No segundo dia: Filosofia, Sociologia, Matemática e Português. A depoente BM1 acrescenta ao segundo dia Química e Física. Os alunos demonstram confusão ao responder quais matérias foram cobradas no Saresp.
GA6.7	Os depoentes do grupo GA6 relatam que as provas do primeiro dia estavam fáceis, porém a de Português apresentava textos grandes com várias alternativas.
GA6.8	Os depoentes do grupo GA6 afirmam que as provas eram diferentes, não sendo possível a cópia de respostas entre uma prova e outra.
GA7.4	O depoente BM3 afirma que as questões de alternativa nas provas estavam com nível de dificuldade médio. Relata que teve a impressão de que a prova pretendia verificar se os alunos haviam trabalhado com aquele conteúdo, com perguntas simples, que não exigiam muitos cálculos e sim interpretações.
GA7.5	Os depoentes do grupo GA7 afirmam que as provas do Saresp estavam fáceis, com poucas questões complicadas e a maioria com textos e interpretação.
GA7.9	Os alunos do grupo GA7 relatam que em 2010 caiu Português e Matemática no primeiro dia de prova e Química, Física e Biologia no segundo dia. No primeiro dia também foi aplicada uma prova de Matemática com questões abertas para uma sala apenas, com o objetivo de, segundo eles, verificar se essa sala não chutou as alternativas, portanto eles deveriam enviar junto com a prova, o rascunho com o raciocínio que os levou para a resposta. Já no segundo dia, eles escolheram outra sala para fazer a Redação que seria entregue para correção.
GA7.10	O depoente BF3, cuja sala participou da amostra para envio da Redação, afirma que a classe se dedicou a fazer a Redação, pois a professora falou

	para os alunos que se eles não fizessem certo iria dar muito trabalho para ela no outro ano e que ela sabia que eles tinham capacidade.
GA7.11	Os depoentes do grupo GA7 afirmam que as outras Redações, dos demais 3 <sup>os</sup> , serão corrigidas na escola, não vão para serem corrigidas em outro lugar.
GA7.17	Os depoentes do grupo GA7 relatam que o Saresp teve as características parecidas com a de um vestibular: não podia conversar, ligar celular, pesquisar nenhum material. Porém, relatam que alguns desrespeitavam, principalmente na classe dos depoentes BM4 e BM5, onde afirmam que o professor não estabeleceu ordem e nem teve autoridade para controlar o barulho.
GA8.3	Os depoentes BM6 e BM7 afirmam que no primeiro dia de prova foi cobrado Português e Matemática. Já no segundo dia, tinha Redação, prova aberta de Matemática e quase todas as outras matérias. Observar confusão em relação às matérias efetivamente cobradas no Saresp.
GA8.5	Os depoentes BM6 e BM7 afirmam que somente as Redações feitas em um dos 3 <sup>os</sup> será corrigida pela Secretaria do Estado, ou algo assim.
GA8.7	Os depoentes BM6 e BM7 relatam que a prova aplicada no 1 <sup>o</sup> dia estava mais fácil que no segundo. Afirmam que a prova aberta de Matemática estava difícil. Afirmam que nas disciplinas que não tiveram professor durante o ano, tiveram maior dificuldade em responder a prova, como foi o caso de Matemática, já que ficaram sem professor durante quase dois bimestres, concluindo que foi a prova mais difícil.
GA8.8	Os depoentes BM6 e BM7 afirmam que a prova aberta de Matemática foi composta por cinco questões que não possuíam alternativas, portanto todos os cálculos deviam ser expostos, impedindo o chute. Portanto, os alunos fizeram algumas e outras deixaram em branco, por não saber responder.
GA9.3	A depoente AM1 relata que no primeiro dia de prova foi História, Geografia, Biologia e outras matérias do mesmo tipo. Já no segundo dia foi Português, Matemática e Redação. Observar confusão.
GA9.4	A depoente AM1 afirma que foi tranquilo responder as questões do Saresp, por mais que os textos e as perguntas estivessem grandes, o que tornou a prova cansativa.
GA9.15	A depoente AM1 relata que o questionário de contexto veio uns dois meses antes do Saresp, pois os alunos tiveram que levar para casa, já que uma parte era para os pais responderem, e depois entregar na escola. No 9 <sup>o</sup> ano o questionário veio junto com a prova.
GA9.18	A depoente AM1 afirma que a prova do Enem também possuía textos longos, porém as questões não eram bobas como no Saresp e a prova tinha coerência. Relata que algumas questões eram difíceis, mas que em geral estava legal de fazer o Enem.
GA9.22	A depoente AM1 relata que perguntas bobas são aquelas com um nível de dificuldade inferior à 3 <sup>a</sup> série do Ensino Médio, como questões acerca de planificação de figuras geométricas ou de interpretação de texto com a resposta óbvia; questões que não requerem muita concentração para serem respondidas.
GA9.23	A depoente AM1 relata que o tema da Redação foi sobre as palmadas dos pais nos filhos, e o gênero textual era um artigo de opinião.
GA10.3	Os depoentes do grupo GA10 afirmam que no primeiro dia do Saresp foram feitas as provas de Português e Matemática. Já no segundo dia foram as demais matérias: Física, Química, Geografia, História, Biologia e Redação.



	Verificar que houve confusão quanto ao conteúdo que efetivamente foi cobrado.
GA10.5	Os depoentes do grupo GA10 disseram que a prova de Português estava muito fácil e que a de Matemática estava mais ou menos. Das outras matérias, o depoente AM4 afirma que foram cobradas questões da 1ª e 2ª série do Ensino Médio e que não estava difícil.
GA10.16	Os depoentes do grupo GA10 acreditam que a prova do Saresp estava muito fácil, com cobrança da maioria dos conteúdos do Ensino Fundamental e até o 2º ano do Ensino Médio principalmente em Matemática. Acham que o nível de complexidade da prova deveria ser maior, pois, para que ingressem em um curso superior, quanto maior a quantidade de conteúdo aprendido, melhor.
GA10.26	O depoente AM4 afirma que o Enem estava muito mais difícil que o Saresp.
GA11.2	Os depoentes afirmam que o Saresp apresentou conteúdos desde o 9º ano do Ensino Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio.
GA11.3	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que a prova de Português e Matemática estava com nível de dificuldade médio, mas no 2º dia de prova estava bem mais fácil, com questões que exigiam apenas interpretação.
GA11.4	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que no segundo dia foi prova de Física, Química, Biologia e Redação. O tema da Redação era: Palmadas são positivas ou negativas na educação da criança? E o gênero era artigo de opinião.
GA11.6	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que no primeiro dia estava mais difícil, portanto foram praticamente os últimos a sair da sala. Já no segundo dia, a prova estava mais fácil, sendo que a depoente AM6 saiu no tempo mínimo e o depoente AM5 saiu quando ainda tinha metade da sala fazendo a prova.
GA12.8	O depoente AM7 achou que o Saresp tentou reproduzir o estilo do Enem, pois as questões do Saresp sempre foram curtas e na prova de 2010 os textos da prova de Português estavam enormes, assim como os do Enem. Relata que esse fato fez com o depoente se perdesse na leitura das questões.
GA12.9	Os depoentes do grupo GA12 relatam que as provas foram compostas por 48 questões de Português e Matemática e 24 de Biologia, Física e Química.
GA12.12	Os alunos do grupo GA12 relatam que no 1º dia de prova foi cobrado Matemática e Português e no segundo Redação, Química, Física e Biologia.
GA12.13	Os depoentes do grupo GA12 afirmam que a prova de Português estava fácil, conseguiram fazê-la tranquilamente. De Matemática, o depoente AM8 relata que algumas coisas não estavam fáceis.

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### Quadro 48 – Falta de professores nas escolas.

<b>1R.31</b>	<b>Falta de professores nas escolas</b>
SP1.11	Segundo SP1, foi dada uma orientação pelos coordenadores da escola de como é a escala de proficiência do Saresp, de como funciona a escala. Foram dados alguns exemplos, mas curso não tiveram. Ficou de licença saúde por três meses, então nesse período não tem certeza, mas acha que não teve.
SP3.25	O depoente SP3 afirma que teve alguns alunos que participaram da recuperação, porém que essa participação foi mínima. Diz que os alunos deveriam frequentar no período contrário ao que estudam, mas os do noturno

	em geral não podem, pois trabalham durante o dia. Assim, a escola encontrou uma solução, que foi trabalhar junto o professor regular e o professor da recuperação, em algumas aulas, com conteúdos diferentes. Conta que se fossem rigorosos, o número de alunos que deveria participar da recuperação seria de metade dos alunos. Os conteúdos vistos em recuperação para o terceiro ano do Ensino Médio eram de conceitos fundamentais da Matemática, como regras de sinais e teorema de Pitágoras. Disse que o professor de recuperação ficou de licença saúde por um bom tempo. Conclui que o funcionamento da recuperação foi mínimo perto da defasagem dos alunos.
SP7.4	A depoente SP7 ficou de licença-prêmio durante dois meses em 2010.
SP7.25	A depoente SP7 afirma que atualmente não tem quem preste vestibular para fazer um curso de licenciatura em período integral, numa faculdade pública, já que o salário para qualquer outro curso é maior. portanto quem não tem outra opção, faz licenciatura a noite. Conta que ficou de licença-prêmio por dois meses e não tinha professor para substituí-la. Acha que não tem mais professor pela falta de valorização durante muitos anos, além da conjuntura atual da escola, inclusive com violência, então estão todos fugindo. Diz que o Saresp está querendo avaliar, mas que só avaliação não basta, tem que ter outras políticas de valorização do professor, passando pela salarial.
SD1.32	A depoente SD1 diz que os professores que estão na situação de serem desligados do serviço público por dois anos não participarão do processo de atribuição de aulas de 2011, mas que foi ampliado em dois meses o prazo para permanecerem trabalhando. Questiona como ficará a situação da escola sem esses professores, pois não terá quem substitua professores que faltem ou que tirem licença médica ou licença-prêmio.
SD2.15	A depoente SD2 diz que não há mais pessoas interessadas em lecionar. Conta que os cursos de licenciatura estão perdendo alunos, e que isso já foi constatado pelos meios de comunicação. Pensa que o Estado deve valorizar o trabalho do professor, inclusive com bons salários, para reverter esse quadro.
GA2.47	O depoente BF4 acha que se deve melhorar muita coisa para que se tenha bons resultados do Saresp. Por exemplo, cita o fato de professores saírem de licença-prêmio no meio do ano, sendo difícil arrumar um professor substituto. Também relata que metade dos professores é de efetivos, a outra metade é de substitutos.
GA2.48	A depoente BF6 afirma que quando um professor sai de licença no meio do ano é muito difícil colocar outro no lugar, com a classe chegando a perder um mês de aula. Os depoentes afirmam que, às vezes, o professor substituto não é da matéria que estava sem professor, ou ainda, que pede apenas para os alunos copiarem determinada página do livro didático.
GA2.49	Os alunos do grupo GA2 citam o fato de estarem sem professor de Geografia há dois meses, apenas com uma professora que ministra uma das três aulas semanais que eles deveriam ter. Além disso, BF5 afirma que nessa aula que a professora vem, ela pede para que os alunos entreguem atividades, muitas vezes requisitadas para serem feitas em casa, para que uma nota possa ser atribuída. BF5 diz que as dificuldades vão se acumulando.
GA2.50	Os alunos do grupo GA2 ficam aliviados com o fato de não ter caído Geografia no Saresp, pois senão eles não saberiam responder às questões. Afirmam que ficar sem aula pode atrapalhar o resultado do Saresp, pois eles acabam não aprendendo. Relatam que já ficaram sem aula de Português e

	Matemática. BF4 conta que o Ensino Médio está há seis meses tendo aulas de Geografia esporadicamente, pois a professora está para se aposentar.
GA6.13	Os depoentes do grupo GA6 ficaram um bom tempo sem professor de Matemática em 2010.
GA7.6	Os depoentes do grupo GA7 relatam que a prova de Matemática estava mais difícil, pois ficaram sem professor por um bom período em 2010. Afirmam, que não somente eles, mas em outras escolas também. No entanto, o depoente BM3 relata que foi cobrado conteúdo básico em Matemática, para verificar se os alunos sabiam ao menos aquilo, sendo que questões mais complicadas foram poucas.
GA7.19	Os depoentes do grupo GA7 afirmam que não tiveram aula de Matemática durante metade do ano.
GA8.9	O depoente BM6 relata que os alunos da escola B foram prejudicados por não terem professores de Matemática e de Geografia durante dois bimestres no ano letivo de 2010. Afirmam que em outra escola, onde os alunos tiveram professores durante todo o ano, o Saresp foi realizado sem problemas.
GA8.13	Os depoentes do grupo GA8 relatam que a falta de professores faz com que os alunos não saibam determinados conteúdos que são cobrados no Saresp. Afirmam que o modo como as perguntas são formuladas na prova que o professor aplica são diferentes da formulação do professor em sala de aula, sendo que o Saresp é mais difícil, já que o professor explica tudo em relação à prova anteriormente.
GA8.21	Os depoentes do grupo GA8 acham que o Saresp ajuda o governo a avaliar os alunos, porém no caso de eles terem ficado sem professor, fizeram a prova sem saber, portanto acham que a maioria não se saiu bem no Saresp. Dessa forma, acreditam que seriam importantes aulas de reforço para que recuperassem o tempo perdido.
GA8.22	O depoente BM6 acha o Saresp importante para que ele olhe para seu próprio conhecimento. Por outro lado, quando há falta de professor relata que fica difícil aprender, pois os substitutos não conseguem dar continuidade na matéria, pois mudam constantemente.

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### Quadro 49 – Modo de participação dos alunos no Saresp.

<b>1R.32</b>	<b>Modo de participação dos alunos no Saresp</b>
GA1.1	Os três alunos do grupo GA1 fizeram as provas do Saresp em 2010.
GA1.2	Os alunos BF1, BF2 e BF3 afirmam ter demorado cerca de 2 horas e meia para realizar as provas do primeiro dia. BF1 demonstra confusão quanto ao tempo que permaneceu na resolução das provas no segundo dia. Ora afirma ter permanecido pelo tempo mínimo de 1h30min, ora afirma ter permanecido por 2h30min.
GA1.3	Os alunos do grupo GA1 afirmam que a maioria dos alunos da classe permaneceu na sala resolvendo as provas além do tempo mínimo.
GA1.18	Os alunos do grupo GA1 afirmam que fizeram o Saresp no 7º ano.
GA2.1	Os alunos do grupo GA2 fizeram as provas do Saresp nos dois dias.
GA2.3	Os alunos do grupo GA2 informam que o tempo mínimo de permanência na sala para realização da prova do Saresp era de 1h30min e o tempo máximo era de 3 h. BF4 e BF5 afirmam ter ficado o tempo máximo nos dois dias. BF5 relata que foi a última aluna a sair da sala no segundo dia. BF6 ficou

	em torno de 2h 20min fazendo as provas, durante os dois dias.
GA2.20	O depoente BF4 afirma que a escola foi prejudicada, pois em torno de cinco ou seis alunos não participaram da prova, pois o Saresp divide a nota dos alunos pelo número de alunos da sala, comparando o número obtido com a média do ano passado. Relata que existem metas para as escolas cumprirem, que podem ser verificadas no site Educar para Crescer.
GA2.32	Os alunos do grupo GA2 afirmam que fizeram o Saresp no 7º ano, e que agora está melhor do que antes. Porém, afirmam que não ficam sabendo dos seus resultados, e que gostariam de saber. Contam que foi informado pela coordenação pedagógica que em 2010 o resultado do Saresp fará parte da nota do 4º bimestre, mas eles mostram dúvidas em relação a isso. BF4 relata que perguntou para a professora e que a nota do Saresp consta no Histórico Escolar.
GA3.1	Os dois alunos do grupo GA3 fizeram as provas do Saresp em 2010.
GA4.1	Os quatro alunos do grupo GA4 fizeram as provas do Saresp em 2010.
GA4.2	Os quatro alunos do grupo GA4 afirmam que demoraram 1h30min para fazer as provas nos dois dias. Relatam que esse era o tempo mínimo de permanência realizando a prova e que alguns alunos continuaram terminando a prova após esse tempo.
GA4.23	Os alunos do grupo GA4 apresentam dúvidas sobre ter feito o Saresp no 7º ano, mas afirmam que fizeram.
GA5.1	Os quatro alunos do grupo GA5 fizeram as provas do Saresp em 2010.
GA5.2	GA5.2a: Os alunos afirmam que a prova começou às 7h30min e eles deveriam permanecer no mínimo por 1h30min. No primeiro dia, AF8 afirma que saiu quase no tempo máximo, que era de 3h, AF7 afirma que saiu às 9h20min, AF6 em 1h30min, e AF5 afirma que demorou um pouco a mais que o tempo mínimo. Já no segundo dia, os alunos afirmam que estava mais fácil a prova, portanto todos saíram no tempo mínimo. GA5.2b: A depoente AF6 afirma que fez a prova de Matemática rapidamente, já que não sabia responder as questões. Relata que a sala em que estuda é composta por alunos que já repetiram o 9º ano, dessa forma o conteúdo ministrado pelo professor foi de séries anteriores ao 9º ano.
GA5.11	O depoente AF8 afirma que fez o Saresp no 7º ano.
GA5.44	Os alunos do grupo GA5 afirmam que fizeram o Saresp no 7º ano. Os que fizeram o Saresp em 2008 afirmam que não receberam seus resultados, já a depoente que fez em 2007 relata que a professora corrigiu e passou o resultado para os alunos. O depoente AF8 relata que o professor, atualmente, não pode ter acesso às provas aplicadas, nem para verificar se há erros.
GA6.1	Os dois alunos do grupo GA6 fizeram as provas do Saresp em 2010.
GA6.2	Os depoentes do grupo GA6 afirmam que fizeram a prova do primeiro dia em 1h30min, pois algumas respostas eram óbvias, além de ser prova teste, fazendo que a prova fosse respondida rapidamente. Já no segundo dia de prova, quando teve a Redação, com o tema sobre palmadas em crianças, e a prova com questões abertas de Matemática, os alunos demoraram perto do tempo máximo para responder, pois deveriam escrever mais.
GA6.18	Os depoentes do grupo GA6 se mostram em dúvida se fizeram o Saresp no 9º ano e acham que receberam as respostas com seus resultados. Relatam que os resultados são divulgados, mas não sabem se no final do ano, pois é uma época muito corrida.
GA6.25	Os depoentes do grupo GA6 afirmam que toda 3ª série do Ensino Médio e

	todo 9º ano do Ensino Fundamental fazem o Saresp. Afirmam, também, que a escola ligou para aqueles alunos que não vieram no dia da prova, pois não pode faltar.
GA7.1	Os três alunos do grupo GA7 fizeram as provas do Saresp em 2010.
GA7.2	Os depoentes do grupo GA7 afirmam que permaneceram de 2h30min a 3h realizando a prova, ou seja, aproximadamente o tempo máximo.
GA7.3	Os alunos do grupo GA7 afirmam que a maioria dos alunos da classe terminou a prova no tempo mínimo, ou seja, em 1h30min.
GA8.1	Os três alunos do grupo GA8 fizeram as provas do Saresp em 2010.
GA8.2	Os depoentes do grupo GA8 afirmam que terminaram as provas no primeiro dia em 1h30min, e no segundo dia demoraram mais tempo, já que tinha uma parte da prova que era aberta e a Redação. O depoente BM6 relata que mesmo tendo terminado a prova antes do tempo mínimo ficou dentro da sala de aula esperando para entregar a prova, já que os alunos somente seriam liberados para irem embora para casa após o horário de intervalo.
GA8.6	Os depoentes do grupo GA8 relatam que a maioria dos alunos saiu da sala logo após transcorridos 1h30min de prova, ou seja, permaneceram na sala durante o tempo mínimo requisitado para a realização das provas.
GA9.1	A depoente AM1 participou das provas do Saresp em 2010.
GA9.2	A depoente AM1 afirma que demorou mais no primeiro dia de prova, tendo permanecido na sala em torno de 2h30min. Já no segundo dia, ficou 2h.
GA10.1	Os três alunos do grupo GA10 fizeram as provas do Saresp em 2010.
GA10.2	Os depoentes AM2 e AM4 fizeram as provas nos dois dias e AM3 fez somente no primeiro dia.
GA10.4	O depoente AM4 explica que a prova começou 19h30min e que tinha o prazo de 1h30min para liberar as pessoas da sala, o que, no caso, seria às 21h. Os alunos relatam que a maioria das pessoas saiu nesse tempo mínimo ou próximo dele.
GA11.1	Os dois alunos do grupo GA11 fizeram as provas do Saresp em 2010.
GA11.6	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que no primeiro dia estava mais difícil, portanto foram praticamente os últimos a sair da sala. Já no segundo dia, a prova estava mais fácil, sendo que a depoente AM6 saiu no tempo mínimo e o depoente AM5 saiu quando ainda tinha metade da sala fazendo a prova.
GA11.17	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que fizeram o Saresp no 9º e no 7º ano do Ensino Fundamental. A depoente AM6 relata que nunca teve acesso aos seus resultados, por isso que muitas pessoas não acham isso legal, já que quem faz a prova não sabe nem para onde ela vai. Relata que perguntou ao professor de Matemática se ele corrigiu a prova e ele disse que não teve nenhum acesso a nenhuma prova. A depoente acha que a Redação ficou na escola, mas não tem certeza.
GA11.23	O depoente AM6 relata que no segundo dia faltou bastante gente. Afirmam que o motivo deve ser que os alunos indo a um dos dias, já acham que fizeram o Saresp.
GA12.1	Os três alunos do grupo GA12 fizeram as provas do Saresp em 2010.
GA12.2	A depoente AM9 não fez a prova do 2º dia, pois afirma ter chegado tarde do trabalho. Relata que queria ter saído antes do trabalho, mas não foi possível. Afirmam que no 1º dia estava cansada, mas mesmo assim leu e releu todas as questões.
GA12.6	Os depoentes AM8 e AM9 afirmam ter feito o Saresp no 9º ano e na 3ª série

	do Ensino Médio. O depoente AM7 se confunde se fez o Saresp ou alguma espécie de simulado na 1ª e 2ª série do Ensino Médio. O depoente afirma que estudou no Sesi e que lá não fazia Saresp.
GA12.10	Os alunos do grupo GA12 relatam que demoraram o tempo mínimo de permanência na sala de aula para fazer a prova, ou seja, 1h30min.
GA12.11	Os depoentes do grupo GA12 afirmam que apenas alguns alunos permaneceram na sala além do tempo mínimo, pois as provas não estavam difíceis.
GA12.15	O depoente AM8 relata que no primeiro dia de prova quase todos, ou todos, os alunos compareceram. Já no segundo dia, alguns faltaram.
GA12.18	Os depoentes do grupo GA12 relatam que quando dá o tempo mínimo de permanência na sala de aula durante a prova, a maioria dos alunos já está exaltada querendo sair, portanto quando veem que os outros terminaram e estão saindo, os demais ficam desesperados.
GA12.30	Os depoentes do grupo GA12 afirmam que o Saresp não era obrigatório, que o aluno que faltou não foi prejudicado em nada, como no caso da AM9, mas que foi pedido para que os alunos comparecessem para manter a escola no topo do <i>ranking</i> do Idesp. Porém, o depoente AM7 afirma que o zero de quem faltou estará lá para contabilizar nota para escola, sujando seu nome.

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### Quadro 50 – Comportamento dos alunos perante à resolução de provas.

<b>1R.33</b>	<b>Comportamento dos alunos perante à resolução de provas</b>
GA1.4	Os alunos do grupo GA1 divergem em relação à opinião sobre a dificuldade das provas do Saresp. BF1 acha a prova de Matemática difícil, BF2 acha o nível de dificuldade mediano e BF3 afirma que as provas de Português e Ciências estavam fáceis, mas a de Matemática não estava difícil, porém continha algumas questões que não puderam ser feitas, pois eram referentes a conteúdos do 4º bimestre do caderno do aluno que não haviam sido ministrados ainda.
GA1.6	BF1 afirma ter chutado a maioria das questões de Matemática, BF2 diz não ter chutado muitas e BF3 conta que chutou em torno de seis questões. Em relação à Português, os alunos afirmam que a prova estava fácil.
GA1.8	Os alunos do grupo GA1 disseram não ter errado muitas questões na hora de passar as respostas na folha de respostas.
GA1.9	Os alunos do grupo GA1 afirmaram não poder conversar durante a prova e que os alunos da sala não conversaram. Relatam que somente ouviam conversas quando a coordenadora pedagógica da escola ia tirar dúvidas da pessoa responsável pela aplicação das provas naquela sala.
GA2.4	Os alunos BF4 e BF5 afirmam que os colegas da sala de aula são alheios à realidade que os cerca, portanto pensam que o Saresp não tem importância. Dessa forma, tais alunos queriam sair da sala antes de transcorrido o tempo mínimo de permanência, pois haviam chutado todas as questões, perdendo tempo apenas para transcrever as respostas na folha de respostas. Comentam que apenas na Redação não tem como chutar. Afirmam que alguns colegas falaram que chutaram bastante e outros falaram que a prova estava fácil.
GA2.5	A aluna BF6 relata que chutou duas de Matemática; BF4 chutou uma de Ciências, porém ambos acharam as provas muito fáceis. A depoente BF5

	<p>relata que levou muito tempo respondendo as questões de Língua Portuguesa e não teve tempo de refletir nas questões de Matemática, tendo que chutar algumas.</p> <p>BF4 afirma que as questões que chutou deveriam ser de um conteúdo que ela faltou na aula ou que a professora não ministrou.</p>
GA2.17	<p>Os alunos do grupo GA2 afirmam que não era permitido conversar durante as provas e que eles não conversaram, mas alguns alunos da sala conversaram sobre assuntos banais, desrespeitando os colegas da classe. Porém, relatam que a professora os advertia e eles paravam de conversar.</p>
GA3.4	<p>Os depoentes afirmam que na prova de Português, os textos eram grandes e eles não leram quase nenhum, pois liam as perguntas, onde já havia um pedaço do texto e se necessário liam o texto todo.</p> <p>BF7 afirma que a prova de Português estava fácil.</p>
GA3.5	<p>Os depoentes do grupo GA3 afirmam que leram as questões de Matemática, mas apresentam dúvidas quanto a esse fato. BF7 relata que chutou em torno de cinco questões, pois não sabia respondê-las. BF8 afirma que chutou no máximo seis questões.</p>
GA3.14	<p>O aluno BF8 diz que não errou na hora de passar as alternativas escolhidas na folha de respostas. Já o depoente BF7 afirma ter passado errado na folha três questões que tinha certeza estarem certas.</p>
GA3.15	<p>Os depoentes do grupo GA3 afirmam que não podia pedir informações sobre a prova para a professora. Relatam que conversaram durante a prova, mas não sobre as questões, já que as provas estavam diferentes.</p>
GA3.19	<p>Os alunos do grupo GA3 afirmam que se esforçaram para fazer as provas do Saresp.</p>
GA3.30	<p>O depoente BF7 acha que o Saresp não é obrigatório, pois ocorreu um fato na escola de um aluno ter sido pego com celular um dia antes do Saresp e terem sido dadas a ele duas opções: ou ele entregava o celular e ficava três dias suspenso ou não entregava e ficava seis. Portanto, se o Saresp fosse obrigatório, a professora ia oferecer a opção de ele entregar o celular e não perder o Saresp. Relata, ainda, que por ter sido falado aos alunos que quem tirasse nota vermelha no Saresp ia ser retido, e tal aluno ter perdido a prova, ele começou a faltar, pois era certo que seria reprovado.</p>
GA4.5	<p>Os depoentes do grupo GA4 acharam difícil a prova aberta de Matemática do Saresp. Relatam que era composta por cinco questões, sendo que eles fizeram aquelas que tinham aprendido o conteúdo e que se lembravam. As depoentes AF1 e AF2 afirmam que responderam cinco e quatro, respectivamente.</p>
GA4.7	<p>Os alunos do grupo GA4 acharam a prova de Matemática mais difícil que as outras. A depoente AF3 afirma ter chutado muitas questões. O depoente AF4 diz ter chutado algumas.</p>
GA4.11	<p>Os alunos do grupo GA4 afirmam que não conseguiram ler todas as questões, mas a maioria delas sim, tendo chutado algumas. AF4 relata ter deixado para o final da prova algumas questões, mas não conseguiu.</p>
GA4.12	<p>Os depoentes do grupo GA4 afirmam que não podia conversar durante a prova e que sempre passava uma fiscal para olhar.</p>
GA4.13	<p>As alunas AF1 e AF2 afirmam que no segundo dia do Saresp, dia em que foi efetuada a prova com questões abertas de Matemática, ocorreram problemas na sala de aula, pois os alunos se negaram a fazer essa prova, querendo ir embora da escola e deixar as questões sem resposta. A diretora e a</p>

	professora de Matemática foram chamadas, a professora conversou com os alunos e eles fizeram a prova.
GA4.16	Os depoentes do grupo GA4 afirmam que o pessoal das classes disse que chutaram diversas questões, inclusive um aluno deixou a Redação sem fazer.
GA4.40	As depoentes AF3 e AF2 acham que o Saresp é obrigatório e AF2 relata não gostar de fazer a prova. Os depoentes AF4 e AF1 não acham que é obrigatório, já que teve alunos que faltaram e não aconteceu nada com eles.
GA5.6	Os depoentes AF7 e AF8 afirmam que chutaram algumas questões que tentaram fazer, mas não conseguiram. O depoente AF5 afirma ter sido cobrado conteúdos aprendidos em aula, portanto ele sabia responder todas as questões. Já a depoente AF6 relata ter chutado quase todas as questões.
GA5.7	O depoente AF8 afirma que uma das questões perguntava o que precisava para que um protesto funcionasse. Ele afirma que a resposta correta é que precisa de muita gente pressionando o governo. Porém, afirma que ocorreu um grande protesto dos professores em São Paulo, inclusive com alguns alunos autorizados participando, e que o governo se negou a fazer acordos até o último momento. Portanto, ele assinalou uma alternativa que dizia: boa vontade do governo, mesmo sabendo ser a errada, pois acredita que a questão estava querendo induzir as pessoas a acharem que o governo é sempre responsável por coisas boas, e quem está contra nunca está certo. Questiona se estamos vivendo numa ditadura novamente.
GA5.8	As depoentes AF6 e AF7 afirmam que chutaram diversas questões ou por estarem cansados de resolver a prova ou por não saberem. Já o depoente AF5 relata que leu e interpretou todas as questões.
GA5.9	Os alunos do grupo GA5 afirmam que não podia conversar durante a prova do Saresp. Porém, a depoente AF6 afirma que a sala em que estuda possui muitos alunos que gostam de fazer bagunça, portanto eles conversam sempre, até mesmo durante a prova. Relata que esse 9º ano é o pior da escola, e que a maioria dos alunos ficará retida novamente. A depoente conta que é a 2ª vez que cursa o 9º ano, e que melhorou seu rendimento, portanto será aprovada. Já a depoente AF5 relata que a sala em que estuda é uma das melhores da escola.
GA5.31	O depoente AF5 relata que na sala de aula em que estuda, além de o Saresp estar cansativo, os alunos combinaram de assistir um filme após a prova, portanto, quando algumas pessoas que iriam assistir o filme começaram a sair da classe, os demais que iriam também, chutaram algumas questões para sair rapidamente. O próprio depoente afirma ter chutado duas questões as quais os textos eram grandes, pois senão seria um dos últimos a sair da sala, além de achar que seu esforço não compensaria e de não estar com vontade de fazer.
GA5.32	O depoente AF7 afirma que alguns alunos dizem que, como não vale nota, eles irão chutar todas as questões para chegar mais cedo em casa.
GA6.27	Os alunos do grupo GA6 não sabem se o Saresp era obrigatório, mas foi falado para que os alunos não faltassem de forma nenhuma, para que estivessem com seus compromissos em ordem.
GA7.5	Os depoentes do grupo GA6 afirmam que as provas do Saresp estavam fáceis, com poucas questões complicadas e a maioria com textos e interpretação.
GA7.8	Os depoentes do grupo GA7 afirmam que chutaram algumas questões de



	Matemática, aquelas que estavam mais difíceis e que não conseguiram fazer, mesmo depois de ler todas. Porém, afirmam que muitos alunos chutaram muitas questões, respondendo somente aquelas que estavam com a resposta óbvia, para poder sair da classe.
GA7.14	Os depoentes BM5 e BM4 afirmam que os demais alunos da sala conversaram durante a prova, sobre assuntos sem relação com a prova, fizeram bagunça e não respeitaram os pedidos de silêncio da professora. A depoente BM4 afirma que se irritou, pois os alunos não paravam de conversar.
GA7.17	Os depoentes do grupo GA7 relatam que o Saresp teve as características parecidas com a de um vestibular: não podia conversar, ligar celular, pesquisar nenhum material. Porém, relatam que alguns desrespeitavam, principalmente na classe dos depoentes BM4 e BM5, onde afirmam que o professor não estabeleceu ordem e nem teve autoridade para controlar o barulho.
GA8.8	Os depoentes BM6 e BM7 afirmam que a prova aberta de Matemática foi composta por cinco questões que não possuíam alternativas, portanto todos os cálculos deviam ser expostos, impedindo o chute. Portanto, os alunos fizeram algumas e outras deixaram em branco, por não saber responder.
GA8.19	O depoente BM6 relata que um colega dele não fez o Saresp e quando foi pegar o Histórico Escolar estava com notas zero em todas as matérias, pelo fato de não ter feito a prova. Acha que ele teve que fazer a prova para conseguir pegar o Histórico.
GA9.5	A depoente AM1 afirma não gostar de Matemática, e não ser boa nessa disciplina, portanto chutou aquelas questões que tentou, mas não obteve resultados. Afirma que foram muitas.
GA9.6	A depoente AM1 afirma que não podia conversar durante a prova e nem emprestar material de ninguém. Porém, relata que os alunos não respeitavam o que o fiscal de prova falava, pedindo silêncio, pois a prova estava fácil. Dessa forma, o pessoal comentava jocosamente sobre as questões com conteúdos sem inteligência, provocando risos na classe. Além disso, por mais que os cadernos de prova fossem diferentes, pediam cola para os colegas.
GA9.7	A depoente AM1 afirma que devido a conversas durante a prova, ela perdia a concentração nas questões e tinha que começar a ler novamente, perdendo tempo.
GA9.20	A depoente AM1 afirma que se esforça para resolver as questões relativas às matérias que vai bem, porém em Matemática ela tenta algumas vezes, e se não consegue, chuta.
GA9.21	A aluna AM1 acredita que os demais alunos da classe também não acham o Saresp importante, pois as perguntas são bobas e eles ficam conversando e rindo durante a prova.
GA9.25	A depoente AM1 relata que uma aluna da sala faltou no primeiro dia e no segundo dia de prova ela foi e não aconteceu nada: assinou a folha de respostas normalmente.
GA10.7	Os alunos do grupo GA10 afirmam que leram, interpretaram e responderam a maioria das questões, pois estavam fáceis e eles haviam estudado os conteúdos no passado. Afirmam que de Matemática a maioria das questões estava fácil, com questões sobre, por exemplo, equações do 1º grau e funções.

GA10.13	Os alunos do grupo GA10 afirmam que chutaram algumas questões apenas.
GA10.14	Os alunos do grupo GA10 afirmam que leram a prova inteira e que acreditam que a maioria da classe também leu, apenas alguns alunos chutaram as questões.
GA10.21	Os depoentes do grupo GA10 afirmam que os professores falaram que não era obrigatório fazer a prova do Saesp, mas que a nota de cada um iria contribuir para a nota da sala toda. Além disso, falaram que era importante a presença dos alunos e incentivaram a fazerem a prova, dando um ponto a mais na média.
GA11.5	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que se confundem nos cálculos, em Matemática. Relatam que tentam lembrar como se resolve, mas não lembram. Contam que chutaram algumas questões, em torno de cinco.
GA11.7	Os depoentes do grupo GA11 afirmam que de Língua Portuguesa leram e entenderam todas as questões, pois era interpretação de texto. Já de Matemática não todas, sendo que essas eles chutaram as respostas.
GA12.14	Os depoentes do grupo GA12 relatam que usaram a seguinte estratégia para fazer a prova de Português: liam primeiro a pergunta, depois liam o texto até encontrar a resposta. Caso lessem e não entendessem a pergunta, liam o texto todo.
GA12.16	Os depoentes do grupo GA12 afirmam que chutaram algumas questões, mas poucas, apenas aquelas nas quais estavam com dificuldades ou algumas que deixaram para resolver no final da prova.
GA12.17	Os depoentes do grupo GA12 afirmam ter refletido em todas as questões. Os depoentes AM7 e AM8 afirmam que nas de Matemática pensaram bastante, e nas de Português nem tanto. Já a depoente AM9 afirma que pensou bastante tanto nas de Matemática quanto nas de Português.
GA12.19	Os alunos do grupo GA12 afirmaram não poder conversar durante a prova, mas que alguns poucos conversaram.
GA12.30	Os depoentes do grupo GA12 afirmam que o Saesp não era obrigatório, que o aluno que faltou não foi prejudicado em nada, como no caso da AM9, mas que foi pedido para que os alunos comparecessem para manter a escola no topo do <i>ranking</i> do Idesp. Porém, o depoente AM7 afirma que o zero de quem faltou estará lá para contabilizar nota para escola, sujando seu nome.

Fonte: Dados organizados pela autora.

#### Quadro 51. Visão do aluno sobre seu desempenho escolar.

<b>1R.34</b>	<b>Visão do aluno sobre seu desempenho escolar.</b>
GA1.22	BF1 e BF2 não sabem se serão aprovados para o próximo ano letivo. Já BF3 afirma que será promovida.
GA1.25	A depoente BF1 afirma que estuda as matérias ministradas, porém relata que deixou acumular as dúvidas para o fim do ano, o que reconhece ser um erro seu. Conta que pede para os professores sanarem suas dúvidas, mas tem alguns que só explicam durante a aula expositiva e outros que explicam novamente apenas quando fazem uma revisão antes de começar um novo conteúdo.
GA3.9	O aluno BF7 acha que será aprovado para o próximo ano letivo e o aluno BF8 afirma ser o 2º pior em notas de sua classe, portanto acha que vai ser reprovado. Afirmam que o problema são as dificuldades. O aluno BF7 diz ter sete notas abaixo de 5 e o aluno BF8 contesta, dizendo que são 13.

GA3.11	Os depoentes do grupo GA3 afirmam que pensavam da seguinte forma: não dariam importância no começo do ano e depois do 2º bimestre, sim. Porém, quando chega no 3º e 4º bimestre eles desanimam e não se esforçam.
GA3.12	O depoente BF8 nunca reprovou e tem 15 anos. Já o depoente BF7 reprovou o 9º ano e entrou um ano atrasado na escola, tendo 16 anos de idade.
GA3.31	O depoente BF7 acha o Saresp importante para verificar se os alunos aprenderam mais, adquiriram mais conhecimentos. Cita o fato de não ter se saído bem ano passado, mas em 2010 ter sido bem melhor. O depoente BF8 acha o Saresp mais ou menos importante, mas não sabe explicar, pois diz não entender muito do Saresp.
GA4.28	As alunas AF1 e AF2 afirmam ser boas alunas, mas não excelentes. A depoente AF3 diz ter três notas vermelhas no boletim do bimestre passado, mas que não foi falta de inteligência e sim por ter faltado muito. O aluno AF4 afirma não ter notas abaixo de cinco.
GA4.32	O depoente AF4 não vê nada de bom na aprovação automática. Cita seu próprio exemplo, que não se dedicava aos estudos e nem às provas até o 8º ano, além de proceder de modo indevido, mas que agora no 9º ano, levando-se em conta que pode reprovar por nota e que tem que prestar provas para cursos técnicos, ele se dedica mais. Portanto, acha que deveria aprender para ser promovido. A depoente AF3 diz que na sala de aula era muita bagunça, mas depois das férias de julho o pessoal está mais quieto. Já as depoentes AF1 e AF2 afirmam que a sala em que elas estudam continua uma bagunça.
GA4.39	Os depoentes do grupo GA4 relatam que as provas para ingresso em escolas técnicas estavam muito difíceis e concorridas.
GA4.40	As depoentes AF3 e AF2 acham que o Saresp é obrigatório e AF2 relata não gostar de fazer a prova. Os depoentes AF4 e AF1 não acham que é obrigatório, já que teve alunos que faltaram e não aconteceu nada com eles.
GA8.14	O depoente BM6 relata que repetiu a 3ª série do Ensino Médio em 2009 por excesso de ausências, já que trabalhava e não conseguia chegar no horário correto à escola. Já em 2010, afirma que será promovido e que está desempregado.

Fonte: Dados organizados pela autora.

### Quadro 52 – Vida acadêmica do aluno.

<b>1R.35</b>	<b>Vida acadêmica do aluno.</b>
GA1.39	Os alunos do grupo GA1 estudam na escola B desde o 6º ano.
GA2.10	Os alunos do grupo GA2 afirmam que quem estudou e aproveitou os ótimos professores que a escola oferece desde o 6º ano, conseguiu um bom rendimento no Saresp.
GA2.12	BF4 acha que os alunos causam problemas porque eles são protegidos pela direção, que não tomam uma decisão enérgica para mudar a situação. Além disso, afirma que eles só têm direitos, nenhum dever. A depoente BF6 acha que os alunos que chegam no 6º ano veem de escolas municipais onde não há sermões explicando onde os alunos estão errando.
GA2.13	Os alunos do grupo GA2 falam sobre a dificuldade de se mudar de uma escola com um professor só, de 1º ao 5º ano, para uma escola onde eles têm aulas em período integral e 16 professores diferentes. Relatam que as

	responsabilidades aumentam, pois nas escolas municipais não se mostra a realidade do mundo fora da escola, já nas séries finais do Ensino Fundamental os professores começam a chamar a atenção para o mundo real e do trabalho.
GA2.44	BF5 relata que os alunos vão sendo aprovados e só entenderão o que aconteceu no 9º ano, quando começam a reprovar várias vezes a mesma série, sendo que alguns alunos chegam a desistir de estudar para poder trabalhar. A depoente acha que a pessoa sem formação escolar atualmente não é nada.
GA2.45	O depoente BF4 afirma que existem alunos que acham ser normal ou ainda veem como um prêmio ficar retido no final do ano.
GA3.8	O depoente BF7 afirma que no ano anterior não se importava com o Saresp, que pegava a prova e fazia rapidamente, chutando as alternativas, por isso foi reprovado.
GA4.30	A depoente AF3 afirma que a maioria da sua sala não será reprovada. Já as alunas AF1 e AF2 acham que metade da sala será retida, pois apresentaram muitos problemas decorrentes de terem causado confusão no ano letivo de 2010. Relatam que a sala inteira foi suspensa das atividades escolares como penalização pela bagunça excessiva, já que a sala se localiza em cima da diretoria e, portanto, escutam o barulho. Relatam, rindo, que, na classe, quebraram uma mesa no meio, um relógio, dois lixos, rasgaram a cortina e quebraram um vidro da janela do refeitório.
GA5.20	O depoente AF8 afirma que o professor de Geografia nunca usou o material do currículo do Estado, pois ele afirma que falta conteúdo em tal material; portanto os alunos não estariam preparados para prestar vestibulinhos, por exemplo. Relata que os professores comentam que se analisarem as provas de vestibulinho para escolas técnicas e o conteúdo do caderninho, nenhuma matéria do caderninho caiu na prova, sendo o conteúdo cobrado nessas provas superior ao do Estado.
GA5.26	O depoente AF5 afirma que em uma das provas de escola técnica caiu Química, sendo que eles estavam começando a aprender esse conteúdo no final do 9º ano, portanto o Caderno do Aluno não tem valor, não ensina conteúdos relacionados com as provas das escolas técnicas.

Fonte: Dados organizados pela autora.

Com base nas análises acima, fizemos a segunda redução, agora olhando atentamente para a segunda coluna do Quadro 17 com as primeiras reduções, agrupando as informações em invariantes mais abrangentes. E, finalizando, realizamos as grandes convergências, articulando o que chamamos de categorias abertas. Assim, temos as segunda e terceira reduções no quadro abaixo.

**Quadro 53** – Segunda e terceira reduções.

Nº do invariante	Invariantes da segunda redução	Invariantes da Primeira Redução	Convergências (Categorias Abertas)
2R.1	Carreira, posição e formação docentes.	IR.1; IR.2; IR.3; IR.17; IR.20; IR.26	<p><b>Realidade Escolar</b></p> <p><b>Visão do Saresp</b></p> <p><b>Encaminhamentos pedagógicos e políticos</b></p> <p><b>Visão da Matemática escolar</b></p> <p><b>Comprometimento com o Saresp</b></p>
2R.2	Realidade escolar.	IR.7; IR.21; IR.22; IR.23; IR.31	
2R.3	Preparação para o Saresp.	IR.5; IR.14; IR.25	
2R.4	Comparação entre as avaliações da sala de aula e do Saresp.	IR.6	
2R.5	Críticas ao Saresp.	IR.12; IR.16	
2R.6	Comprometimento com a avaliação em sala de aula e Saresp.	IR.19; IR.24; IR.32	
2R.7	Auto percepção.	IR.34	
2R.8	Modos de os alunos serem vistos.	IR.27; IR.35	
2R.9	Visão de Matemática.	IR.18	
2R.10	Finalidades do Saresp.	IR.11	
2R.11	Encaminhamentos pedagógicos e políticos por meio dos resultados do Saresp.	IR.10; IR.13; IR.15; IR.28	
2R.12	Características visualizadas do Saresp.	IR.8; IR.9; IR.30; IR.33	

Fonte: Dados organizados pela autora.

Portanto, nossos dados convergiram, por meio de reduções sucessivas e articulações, em cinco categorias abertas, que serão apresentadas no capítulo sexto, a nossa síntese compreensiva: *Realidade Escolar; Visão do Saresp; Comprometimento com o Saresp; Encaminhamentos pedagógicos e políticos por meio dos resultados do Saresp; Visão da Matemática escolar.*

## 7 CAPÍTULO SEXTO

### INTERPRETANDO AS CATEGORIAS ABERTAS

Neste capítulo, exporemos a interpretação dos dados obtidos, analisados e refletidos, ou seja, apresentaremos os resultados de nossa pesquisa, que revelou o cotidiano escolar das duas escolas estudadas, por meio de discursos de professores, coordenadores pedagógicos, diretores e alunos. O destacado em nossa interpretação é o Saresp, como ele se presentifica nessa realidade. Foram evidenciados diversos aspectos, que podem, aparentemente, não estar relacionados com o Saresp. Porém, conforme compreendemos, quando se trata de avaliação, toda estrutura e funcionamento da escola são trazidos vivamente nos discursos dos depoentes. Isso nos permitiu revelar essa realidade e seus modos de acontecer, devido à grande quantidade de informações que tínhamos disponíveis e que analisamos de modo crítico e reflexivo. Entendemos que esta investigação, em virtude da abrangência dos aspectos da realidade escolar que traz, poderá contribuir com pesquisas futuras acerca do Saresp ou de outros sistemas de avaliação, bem como da organização escolar.

Nesse sentido, exporemos nas categorias que se seguem como subtítulos deste capítulo, aspectos que desvendam: a *realidade escolar* conforme descrita pelos depoentes; a *visão do Saresp* que permeou as falas e documentos analisados, o *comprometimento com o Saresp* e com o sistema de ensino dos envolvidos, tanto os que estão internamente na escola quanto a família e a sociedade; os *encaminhamentos pedagógicos e políticos por meio dos resultados do Saresp* que foram possíveis de serem expostos e articulados; além do destaque especial dado aos discursos envolvendo a *visão da Matemática escolar* dos depoentes e dos documentos do Saresp.

#### **7.1 Categoria Realidade Escolar**

Esta categoria traz os modos pelos quais a realidade das escolas investigadas é percebida pelos depoentes. Trata da compreensão que articulamos a partir dos depoimentos obtidos e já apresentados e analisados neste trabalho. Visando à maior clareza possível do dito neste texto, optamos por organizar subitens em termos das convergências articuladas nas análises que efetuamos e denominamos, de acordo com o já exposto, como: *características das escolas mencionadas; descrição da atuação profissional dos sujeitos pesquisados; características dos alunos; considerações acerca*

*da prova para progressão vertical na carreira; progressão continuada; recuperações: paralela, final de ano e jornal; escola de tempo integral; modos de ensino do professor; auxílio pedagógico recebido e material de apoio didático; falta de professores nas escolas; alunos com necessidades educacionais especiais; comportamento dos alunos na escola.*

Para que a compreensão dos depoentes faça sentido, é importante expor o funcionamento do sistema escolar paulista disposto na legislação.

Segundo o artigo 10º da Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (BRASIL, 1996), os Estados devem assegurar, em regime de colaboração com os municípios, o Ensino Fundamental e Médio a todos que o demandarem. Tal lei, em seu artigo 23º, também dispõe que a organização da educação básica poderá ser feita de diversas maneiras, incluindo séries e ciclos, podendo ser pública gratuita e privada.

Respeitando a lei nacional, o Sistema Escolar Paulista é dividido em Ensinos Fundamental e Médio e regulamentado pela Resolução SE nº 81 de 2011<sup>146</sup> que, em seu artigo 2º, organiza o Ensino Fundamental em regime de progressão continuada, estruturado em nove anos, constituída por dois ciclos: do 1º ao 5º ano; e do 6º ao 9º ano. O Ensino Médio é desenvolvido em três séries anuais, sem o regime de progressão continuada.

A progressão continuada é um procedimento utilizado pela escola que permite ao aluno avanços sucessivos e sem interrupções nas séries, ciclos ou fases. O aluno somente poderá ser retido em dois casos: se exceder o limite de 25% de ausências não compensadas ou caso não atinja o mínimo de conhecimento exigido nas séries finais dos ciclos, ou seja, nos 5<sup>os</sup> e 9<sup>os</sup> anos.

Em São Paulo, a Progressão foi instituída pela Deliberação do Conselho Estadual de Educação (CEE) nº 09, de 1997 e passou a ser implantada em 1998. Essa deliberação assegura, no seu artigo 3º, que deverão ser especificados, por exemplo, mecanismos que assegurem reforço e recuperação paralelos e contínuos ao longo do processo e, se necessário, ao final de ciclo ou nível. A prática da progressão continuada que esse artigo possibilita é criticada por não proporcionar certas estruturas necessárias para que possa ser bem sucedida.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> Anteriormente à Resolução SE nº 81 de 2011, o ensino era organizado em oito anos e em dois ciclos: da 1ª à 4ª série e da 5ª à 8ª, mas em 2010 já estava em fase de transição para o ensino de 9 anos.

<sup>147</sup> Um histórico sobre sua implantação, mostrando opiniões de especialistas sobre o assunto, é encontrado em Gramari, 2008.



A recuperação paralela, da maneira como se dava na época da pesquisa, foi estabelecida segundo a Resolução SE nº 86, de 28-11-2008, que em seu artigo 1º dispõe que a recuperação pode ocorrer de diversas formas:

I - contínua: a que está inserida no trabalho pedagógico realizado no dia a dia da sala de aula, constituída de intervenções pontuais e imediatas, em decorrência da avaliação diagnóstica e sistemática do desempenho do aluno;

II - paralela: destinada aos alunos do Ensino Fundamental e médio que apresentem dificuldades de aprendizagem não superadas no cotidiano escolar e necessitem de um trabalho mais direcionado, em paralelo às aulas regulares, com duração variável em decorrência da avaliação diagnóstica;

III - intensiva: destinada aos alunos do Ensino Fundamental e médio que apresentem necessidade de superar dificuldades e competências básicas imprescindíveis ao prosseguimento de estudos em etapa subsequente, a ocorrer em períodos previamente estabelecidos e na conformidade dos procedimentos a serem estabelecidos em ato normativo próprio;

IV - de ciclo: constitui-se em um ano letivo de estudos para atender aos alunos ao final de ciclos do Ensino Fundamental que demonstrem não ter condições para prosseguimento de estudos na etapa posterior.

Na mesma Resolução são estabelecidos critérios para a Recuperação Paralela, como o concernente ao tamanho das turmas, que poderão ser formadas com o mínimo de 15 e o máximo de 20 alunos, organizadas por série, disciplina, área de conhecimento ou nível de desempenho<sup>148</sup>.

Essa é a estrutura da organização em que a avaliação do ensino e da aprendizagem no âmbito da escola ocorre. Nesta investigação, os documentos legais são trazidos como o solo em que o funcionamento das atividades educacionais efetuadas nesse âmbito se dá. Entretanto, uma vez mais, alertamos o leitor que esta pesquisa focaliza a realidade escolar como percebida pelos depoentes, tomando como foco mais pontual o modo pelo qual percebem o Saresp. Portanto, é do articulado, mediante a análise desses depoimentos, que passaremos a tratar.

Focar o funcionamento da realidade escolar vivida no cotidiano pelos depoentes e refletir sobre ele se mostrou pesaroso aos entrevistados, acarretando, para alguns,

---

<sup>148</sup> Essas resoluções foram alteradas pela Resolução SE nº 02, de 12 de janeiro de 2012, e, conseqüentemente, o funcionamento da recuperação também. A nova Resolução, em seu artigo 3º, estabelece “I – Recuperação Contínua, com atuação de Professor Auxiliar em classe regular do Ensino Fundamental e médio; II – Recuperação Intensiva no Ensino Fundamental, constituindo classes em que se desenvolverão atividades de ensino diferenciadas e específicas.” A atuação do professor auxiliar se dará nas classes de Ensino Fundamental que tenham no mínimo 25 alunos e nas de Ensino Médio com no mínimo 30, conforme Resolução SE 44, de 12 de abril de 2012.

alterações do estado emocional, como foi o caso do depoente SP1, que, finalizada a entrevista, afirmou ficar irritado, nervoso, alterado, quando fala dos assuntos tratados.

Compreender a realidade vivida nas escolas é relevante para os educadores e pesquisadores que efetuam investigações nessa região de inquérito. O articulado nesta categoria contribui com essa compreensão, na medida em que foram abordados aspectos constituintes dessa complexa realidade. É uma categoria importante no âmbito desta pesquisa por dizer do contexto em que o Saresp se faz presente na dimensão *escola*.

### 7.1.1 Características das escolas mencionadas

#### 7.1.1.1 Descrevendo a Escola A:

O Idesp<sup>149</sup> dessa escola assim se mostra:

**Quadro 54** – Idesp 2008, 2009 e 2010 da escola A.

	Séries consideradas	Indicadores de Desempenho			Fluxo	Idesp
		Língua Portuguesa (LP)	Matemática (MAT)	Média LP e MAT		
<b>2008</b>	9º ano EF	4,0078	3,8764	3,94	0,9520	3,75
	3ª série EM	4,2748	2,3919	3,33	0,8640	2,88
<b>2009</b>	9º ano EF	4,2160	3,8627	4,04	0,9372	3,79
	3ª série EM	3,8167	1,9183	2,87	0,8353	2,40
<b>2010</b>	9º ano EF	3,7210	3,2747	3,50	0,9600	3,36
	3ª série EM	3,0693	2,2220	2,65	0,9190	2,44

Fonte: Boletins da escola.

É uma escola localizada na zona periférica de uma cidade e possui aproximadamente 1300 alunos, distribuídos em 36 classes do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. Funciona nos três períodos e possui 13 salas de manhã e à tarde, e 10 à noite. Atingiu 40% da meta do 9º ano do Ensino Fundamental e 0% da 3ª série do Ensino Médio no Idesp 2009. O índice de cumprimento de metas da escola em 2010 foi de 46,23.

O Ensino Fundamental não funciona em tempo integral, porém é servida a merenda, enviada pelo Estado, nos períodos da manhã e da tarde. Percebe-se um sentimento de orgulho da escola nas falas da equipe de gestão ao relatar que nos anos anteriores sempre estiveram acima da média do Estado e do município<sup>150</sup>. Em 2009,

<sup>149</sup> O desempenho das escolas em Matemática no Saresp, segundo a escala de proficiência e com as distribuições nos níveis, é exposto na categoria “Visão de Matemática Escolar”.

<sup>150</sup> Em 2009, o Idesp do Estado foi 2,84 para o 9º ano do EF e 1,98 para a 3ª série do EM. E do município foi de 3,52 e 2,40, respectivamente para o 9º ano do EF e 3ª série do EM.

ficaram em 6º lugar no *ranking* do 9º ano do Ensino Fundamental do Idesp da cidade e em 3º lugar no Ensino Médio. Na fala dos alunos também aparece que, em relação ao Saresp, já se sabe que a escola A tem um bom desempenho e está sempre nos primeiros lugares da cidade.

A equipe de gestão afirma que essa escola é organizada e bem estruturada, e suas condições de trabalho são razoavelmente boas. Porém, relata que falta espaço físico. Afirma que as salas de aula regulares são super-lotadas e que a escola não tem: sala de vídeo; sala de reuniões para os professores; sala de leitura; laboratório; bancada para realizar experiências, e que a sala de informática não funcionou em 2010, pois estava sendo adaptada para o Programa ACESSA ESCOLA<sup>151</sup>. A diretora diz que, apesar de achar errado, teve que desativar a biblioteca e o laboratório para atender à demanda de alunos. A escola também não possui sala para recuperação paralela, portanto as professoras ficam circulando pela escola, cada dia em um lugar para trabalhar essas atividades. Dessa forma, mesmo o Estado enviando material para os alunos e professores, como livros didáticos, cadernos baseados na nova proposta curricular, equipamentos para as disciplinas, não se consegue usá-los por falta de espaço. Além disso, é apontado o fato de a escola não dispor de todos os funcionários necessários, pois, por exemplo, não há inspetor e trabalha somente um servente por período.

Quanto à organização das salas de aula, a depoente SD2 afirma que, em primeiro lugar, separa por idade os alunos de uma mesma série da escola. Porém, como a maioria tem a mesma idade, a escola tentou aproximar os alunos pelo nível de aprendizado. Acredita que essa separação, apesar de não ser homogênea, facilita o trabalho do professor em sala de aula e evita que os alunos com bons conhecimentos fiquem prejudicados pelo fato de o professor não poder avançar devido aos alunos com desempenho insuficiente e que, apesar de pedagogicamente a heterogeneidade ser importante, pois os alunos com bom desempenho ajudam os que apresentam dificuldades, na prática não é assim que funciona, já que a maioria dos alunos que a escola recebe não apresentam os pré-requisitos necessários ao prosseguimento dos estudos. Afirma que na escola A existem salas inteiras de alunos que não sabem ler nem

---

<sup>151</sup> Um programa do Governo do Estado de São Paulo, desenvolvido pelas Secretarias de Estado da Educação e de Gestão Pública, sob a coordenação da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), tem por objetivo promover a inclusão digital e social dos alunos, professores e funcionários das escolas da rede pública estadual. Por meio da Internet, ele possibilita aos usuários o acesso às tecnologias da informação e comunicação para a construção do conhecimento e o fortalecimento social da equipe escolar. Disponível em <<http://acessaescola.fde.sp.gov.br>>. Acesso em: 27 mai. 2011.

escrever, portanto considera importante que os alunos de uma mesma classe apresentem níveis de desempenho aproximados, para que os professores consigam trabalhar com a finalidade de eles melhorarem como um todo. Tal observação é importante, pois não é indicado que se separem alunos por níveis de desempenho, porém na realidade dessa escola o que se mostra é que o professor pode atender melhor às necessidades dos alunos, se eles estiverem em turmas de desempenho próximo. Essa depoente afirma que na escola A são considerados os resultados das avaliações realizadas pelos professores da escola para formar as classes de recuperação paralela.

A depoente SPC3 aponta dois 9<sup>os</sup> anos, dentre os cinco da escola, que têm características diferentes. Um deles é formado por alunos que apresentam problemas de comportamento em sociedade, que não querem aprender, não têm nenhuma preocupação com o futuro, apenas frequentam a escola por serem obrigados. Segundo ela, o outro 9<sup>o</sup> ano, que fez a prova aberta de Matemática, é formado por alunos com dificuldades de aprendizagem, que chegam à escola atrasados em relação aos conteúdos, portanto estão no 9<sup>o</sup> ano, mas não no nível de aprendizagem dessa série.

#### **7.1.1.2 Descrevendo a escola B**

O Idesp da escola assim se mostra nos boletins dessa escola:

**Quadro 55** - Idesp 2008, 2009 e 2010 da escola B.

	Séries consideradas	Indicadores de Desempenho			Fluxo	Idesp
		Língua Portuguesa (LP)	Matemática (MAT)	Média LP e MAT		
<b>2008</b>	9 <sup>o</sup> ano EF	3,3333	2,2619	2,80	0,9350	2,62
	3 <sup>a</sup> série EM	2,7132	1,5698	2,14	0,8260	1,77
<b>2009</b>	9 <sup>o</sup> ano EF	3,7367	3,2827	3,51	0,8768	3,08
	3 <sup>a</sup> série EM	4,4723	1,8773	3,17	0,8172	2,59
<b>2010</b>	9 <sup>o</sup> ano EF	4,4267	3,4887	3,96	0,9057	3,59
	3 <sup>a</sup> série EM	2,9477	1,9010	2,42	0,8146	1,97

Fonte: Boletins da escola.

É uma escola central, com 1100 alunos, distribuídos do 5<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Possui onze salas de Ensino Fundamental em período integral e três primeiros anos do Ensino Médio que funcionam no período da manhã. As 2<sup>as</sup> e 3<sup>as</sup> séries do Ensino Médio somente funcionam no período noturno. Possui dez salas de Ensino Médio regular no período noturno, duas de Educação de Jovens e

Adultos e uma sala de teleconferência de Química. Atingiu 120% da meta de aumento do Idesp tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio em 2009.

Possui dois prédios, um com nove salas e outro com seis. Uma dessas salas possui computadores para aulas de informática. A depoente SD1 diz que a escola *B* já foi bem maior, com cursos de Contabilidade e Magistério, Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e pré-escola. Nessa época eram quase 3000 alunos.

A equipe de gestão aponta que escola *B* é vista como referência de escola boa na Diretoria de Ensino, pois participam das atividades propostas e gostam de trabalhar. Afirma que os alunos que frequentam essa escola vêm de um bairro socialmente carente dos pontos de vista econômico e cultural, e, em épocas passadas, recebia a elite da cidade, portanto, o alunado mudou muito em comportamento e em notas.

A depoente SD1 considera que deveria ser disponibilizado o resultado individual, com o desempenho de cada aluno no Saresp, para as escolas saberem quais são as dificuldades de cada um e ponderar a respeito delas, agrupando os alunos com as mesmas dificuldades de aprendizagem em uma classe. Conta que há uns quatro anos tentaram fazer isso na escola, porém não havia espaço físico para separá-los em muitas classes, além de haver um número mínimo para abrir uma sala. Tiveram então que deixar na mesma turma alunos com dificuldades diferentes. Mas afirma que a experiência não deu certo, pois os pais reclamavam que haviam separado os filhos dos amigos. Os depoentes do grupo GA2 afirmam que esse agrupamento foi feito segundo o desempenho dos alunos em uma prova e perdurou por poucos meses. Dessa maneira, observamos que, apesar de ser compreensão da coordenadora de que esse deveria ser o procedimento apropriado, na escola *B* a separação de alunos de acordo com suas dificuldades de aprendizagem não foi profícua, por ter causado desassossego nos alunos e pais. Poderia ser ponderado se as respostas dos pais e alunos não seria devido ao fato de esse agrupamento ter sido realizado no decorrer do ano letivo.

Como a escola é em tempo integral, onde os alunos de 6º ao 9º ano permanecem das 7 às 16 horas, não há turmas de recuperação. O depoente BF4 relata que as salas de aula são super-lotadas no 6º ano, com cerca de 45 alunos por classe, mas no 9º ano não há tantos alunos assim. Quanto à organização das salas, os professores ficam em uma mesma sala de aula durante todo o período e são os alunos que mudam de ambiente.

Os depoentes relatam que em 2010 a escola implantou um sistema de provas bimestrais, que ocorrem em uma determinada semana, para todas as matérias que são oferecidas no período da manhã e algumas do período da tarde. Afirmam que a escola

fornece aos alunos todo material escolar de que eles necessitam, apenas esporadicamente precisam comprar algo que acabou e a escola não tem a mais.

### **7.1.2 Descrição da atuação profissional dos sujeitos pesquisados**

Neste subitem apresentamos as declarações de alguns depoentes, que trataram de quanto tempo estão no magistério e especificamente na escola em que realizamos as entrevistas, de sua graduação, situação funcional e séries nas quais atuaram em 2010.

O sujeito SP1, graduado em Matemática, leciona há nove anos na Rede Oficial de Ensino do Estado de São Paulo e na escola A trabalhou somente em 2010 no Ensino Médio, não sendo efetivo no cargo.

A depoente SP2 leciona há 13 anos, sendo 11 deles na escola A, quando se tornou professora com cargo efetivo. Em 2010 atuou nos 9<sup>os</sup> anos do Ensino Fundamental. É graduada em Matemática.

O depoente SP3 leciona há três anos na rede estadual, tendo iniciado sua carreira de professor efetivo em outra cidade e vindo para a escola A por remoção, onde está há dois anos. Portanto, estava terminando o estágio probatório. É graduado em Matemática pela Universidade Federal de São Carlos. Estava, à época da entrevista concedida, cursando uma segunda graduação, a distância, em Sistemas de Informação. Em 2010 lecionou para todos os 3<sup>o</sup> anos do Ensino Médio da escola.

A depoente SP4, graduada em Matemática, leciona há 24 anos. Em 2010 atuou nos 9<sup>os</sup> anos.

O depoente SP5 começou a trabalhar no ano de 2010 e ainda não lecionou Matemática na grade curricular regular, apenas a Matemática da parte diversificada do Currículo para os 3<sup>os</sup> anos do Ensino Médio. É graduado em Matemática pela Unesp de Rio Claro.

A depoente SP6 não menciona seu tempo exato de magistério, mas afirma que leciona “há muito tempo”. Em 2010 não atuou nas séries que fizeram o Saesp nesse ano.

A depoente SP7 também não trata do tempo exato em que leciona, mas afirma que está se aposentando. Lecionou em 2010 para as 1<sup>as</sup>, 2<sup>as</sup> e 3<sup>as</sup> séries do Ensino Médio, sendo no período da manhã nas 1<sup>as</sup> e, durante o período noturno para as 2<sup>as</sup> e 3<sup>as</sup>.

A depoente SPC1 é coordenadora do Ensino Médio.

A depoente SPC2 trabalha há dez anos no magistério e na escola B, há três anos. É graduada em Tecnologia em Obras Hidráulicas pela Unesp de São Paulo. Depois

mudou-se para o interior do Estado e começou a lecionar como temporária na rede estadual, quando realizou um curso de curta duração de licenciatura em Matemática. Também é bacharel em Física e fez cursos para lecionar em Fatecs, mas nunca teve oportunidade. É coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental.

A depoente SPC3 trabalha há 14 anos como coordenadora na escola A, sendo graduada em Biologia e Pedagogia. Antes da coordenação, lecionava a disciplina de Ciências. Depois que começou a atuar como coordenadora, cursou Pedagogia. Trabalha 8 horas por dia com o Ensino Fundamental durante os períodos da manhã e da tarde.

O depoente SPC4 trabalha na escola em questão desde 2003 e afirma que foi coordenador em outra cidade durante dois anos. Mas quando pediu remoção para a escola A, voltou a lecionar durante alguns anos, retornando à coordenação há três anos. É coordenador do Ensino Médio.

A vice-diretora SD1 não é efetiva, mas trabalha há 29 anos no Estado, dos quais 12 como vice-diretora. Não é efetiva, mas tem estabilidade no cargo, adquirida em 1998.

A diretora SD2 afirma estar na rede estadual há 35 anos, sendo formada pela antiga escola Normal e, quando lecionava, trabalhava com classes do 1º ao 5º ano.

Considerando o exposto acerca da formação dos profissionais entrevistados, vimos que os professores de Matemática são todos graduados nessa disciplina, sendo oriundos de universidades renomadas, o mesmo ocorrendo com a equipe de gestão. Além disso, a maioria está há muitos anos na carreira do magistério, o que proporciona uma ampla visão do funcionamento do sistema escolar, conforme pudemos observar.

### **7.1.3 Características dos alunos**

Em relação aos depoimentos dos alunos, transcritos e analisados conforme o exposto em capítulo anterior, compreendemos que eles se autopercebem no processo de aprendizagem que está sendo efetuado, tendo ciência sobre quando serão reprovados ou aprovados e os motivos de suas falhas.

Os alunos do grupo GA1 estudam na escola B desde o 6º ano. BF1 e BF2 não sabem se serão aprovados para o próximo ano letivo. Já BF3 afirma que será promovida. BF2 conta que reprovou o 5º e o 9º ano.

Os alunos do grupo GA2 afirmam que quem estudou e aproveitou os ótimos professores que a escola oferece, desde o 6º ano, conseguiu um bom rendimento no Saesp.

Os depoentes do grupo GA3 afirmam que pensavam da seguinte forma: não dariam importância aos estudos e às provas no começo do ano e depois do 2º bimestre, sim. Porém, quando chegam ao 3º e 4º bimestres eles desanimam e não se esforçam. O aluno BF7 acha que será aprovado para o próximo ano letivo e o aluno BF8 afirma ser o 2º pior em notas de sua classe, portanto acha que vai ser reprovado. Afirmam que o problema são as dificuldades de aprendizado. O aluno BF7 diz ter sete notas abaixo de cinco e o aluno BF8 contesta, dizendo que são 13. O depoente BF8 nunca foi reprovado e tem 15 anos. Já o depoente BF7 foi reprovado no 9º ano e entrou um ano atrasado na escola, tendo 16 anos de idade. Ele afirma que no ano anterior não se importava com o Saresp, que pegava a prova e fazia rapidamente, “chutando” as alternativas, por isso foi reprovado.

As alunas AF1 e AF2 afirmam ser boas alunas, mas não excelentes. A depoente AF3 diz ter três notas vermelhas no boletim do bimestre passado, mas que não foi falta de inteligência, e sim por ter faltado muito. O aluno AF4 afirma não ter notas abaixo de cinco.

O depoente BM6 relata que repetiu a 3ª série do Ensino Médio em 2009 por excesso de ausências, já que trabalhava e não conseguia chegar no horário correto à escola. Já em 2010, afirma que será promovido e está desempregado.

Conforme apontado, demo-nos conta de haver um processo de autopercepção e até mesmo de autocritica sobre certas atitudes displicentes em relação aos estudos, indicando que, mesmo não havendo mecanismos de cobrança, ao menos formais, diversos depoentes estudantes acabam por entender que o aproveitamento dos alunos seja menor do que potencialmente poderia ser, a despeito do esforço de educadores e de alguns alunos.

Além disso, percebemos que o grupo de alunos entrevistados é heterogêneo em relação ao desempenho escolar, o que nos parece importante para não enviesar as respostas acerca do Saresp somente com alunos que tenham um desempenho similar.

#### **7.1.4 Considerações acerca da prova para progressão vertical na carreira**

Os depoentes articularam falas a respeito da prova para aumento salarial, parte do plano de carreira vertical que o governo do Estado de São Paulo instituiu em 2009, com a primeira prova em 2010. Esse plano de carreira se inicia com a promulgação da Lei Complementar nº 1080, de 17 de dezembro de 2008, que estabelece os critérios de progressão entre os cinco níveis possíveis:



**Artigo 23** - A progressão será realizada anualmente, mediante processo de avaliação de desempenho, obedecido o limite de até 20% (vinte por cento) do total de servidores titulares de cargos ou ocupantes de funções-atividades integrantes de cada classe de nível elementar, nível intermediário e nível universitário prevista nesta lei complementar, no âmbito de cada órgão ou entidade.

**Artigo 24** - Poderão participar do processo de progressão, os servidores que tenham:

**I** - cumprido o interstício mínimo de 2 (dois) anos de efetivo exercício, no padrão da classe em que seu cargo ou função-atividade estiver enquadrado;

**II** - o desempenho avaliado anualmente, por meio de procedimentos e critérios estabelecidos em decreto.

O aumento salarial para cada nível seria de 25%. Essa promoção passou por regulamentações com Lei Complementar nº 1097, de 27 de outubro de 2009, que instituiu as cinco faixas, além dos cinco níveis já existentes, passíveis de promoção, de acordo com os critérios estabelecidos. Devemos observar que, em 2011, essas regulamentações passaram novamente por mudanças, com a composição de oito faixas e oito níveis, conforme estabelece a Lei Complementar nº 1.143, de 11 de julho de 2011, que possibilita a todos os profissionais a ascensão na carreira, não somente 20%.

As depoentes SP7, SD1 e SD2 afirmam ser contra a promoção na carreira docente por meio de uma prova. Observam que pode ser que um professor excelente em sala de aula não tenha um bom desempenho na prova. Além disso, acham que deveria haver aumento salarial para todos, igualmente, e que essa nota não diferencia a qualidade entre dois profissionais, podendo inclusive causar problemas de relacionamento entre colegas de trabalho. A depoente SD2 acha que poderia até existir a prova de mérito, mas todos que atingissem uma nota mínima deveriam ter aumento, conforme atual proposta do Estado.

As depoentes SP7 e SD1 não fizeram a prova por não concordarem com a meritocracia, não acharem justo e correto ter que fazer uma prova para ganhar mais.

Esses depoimentos revelam o descontentamento do professor com sua carreira, indicando que ela necessita ser valorizada.<sup>152</sup>

---

<sup>152</sup> Conforme entrevista realizada com o Secretário Adjunto de Educação, Dr. João Cardoso Palma Filho, foi destacado por ele o problema da falta de atração que a carreira docente exerce, por não ter salário e plano de carreira bons. Relata que a atual gestão está preocupada em melhorar esses aspectos, inclusive olhando para os aposentados. Essa mudança citada na carreira para oito níveis, permitindo que todos os professores possam ascender na carreira meritocrática vai nesse sentido. Houve, ainda, um acordo para aumento progressivo salarial, num plano de quatro anos, cujas características podem ser analisadas no Decreto no 57.571, de 2 de dezembro de 2011.

### 7.1.5 Progressão continuada

O depoente SP1 afirma que o ensino atualmente está muito aquém do esperado, já que os professores não têm autonomia para fazer nada e não podem punir os alunos de nenhuma forma. Atribui essa falta de autonomia ao fato de os alunos estarem exercendo um grande controle sobre a equipe escolar. Fala que, devido à progressão continuada, não se avalia o aluno da maneira como ele deveria ser avaliado. O depoente conhece o projeto da progressão continuada, dizendo que é muito “bonito”, porém que a escola não possui estrutura para desenvolvê-lo. Relata, ainda, que a formação de professores não contempla o trabalho no formato da progressão continuada, o que, em nossa visão enquanto pesquisadores, pode comprometer seriamente o funcionamento dela. Considera que o projeto é falho na medida em que não permite ao professor reprovar o aluno ao final do ano letivo, pois, se ele não atingir o conhecimento para ser aprovado para o próximo período, deve ser reprovado.

A depoente SP2 não considera ruim a proposta da progressão continuada, porém afirma que no cotidiano escolar não está funcionando. Questiona se é melhor aprovar os alunos sem que eles saibam os conteúdos e depois reter esse aluno no fim do ciclo. Relata que no 9º ano tem que voltar a ensinar conteúdos de séries anteriores, o que não acontece na escola particular onde ela leciona, já que lá não há o recurso de progressão continuada. Assim, por ter que ensinar conteúdos de séries anteriores, na escola estadual em que trabalha, nem sempre consegue ministrar o conteúdo adequado à série, porém na escola particular, ela ministra toda a proposta de conteúdo.

O depoente SP3 é contra a progressão continuada da forma como ela foi imposta, pois diz que a escola hoje entrega diplomas sem que o aluno tenha construído habilidades e competências mínimas. Afirma, também, que os alunos não se sentem instigados a estudar. Admite que não seria contra a progressão continuada, se trabalhasse com turmas pequenas e ficasse mais tempo na escola, para que pudesse fazer um trabalho individualizado com os alunos. Observa que seria igualmente importante o professor permanecer na mesma escola no ano seguinte, pois assim já conheceria o desenvolvimento dos alunos e poderia superar as dificuldades percebidas.

A depoente SP4 entende que os alunos deveriam ser mais cobrados para que aprendessem, pois acredita que, na progressão continuada existente na Rede Oficial, não importa se os alunos sabem o conteúdo ou não, pois serão aprovados apenas por estarem presentes na escola, o que acaba por acarretar uma falta de comprometimento deles e

dos pais com o processo de ensino. Esse assunto é recorrente nos depoimentos obtidos e foi articulado como uma convergência denominada “Comprometimento com o Saresp”, tratada como um item específico neste trabalho, apresentada posteriormente.

A depoente SP6 afirma que quem leciona há muito tempo se preocupa com a situação atual, em que os alunos são promovidos facilmente e não possuem aspirações para o futuro, relacionadas com o estudo escolar. Afirma que com isso os professores vão perdendo o entusiasmo em lecionar, mas que está tranquila, porque já fez a parte dela, pois encontra ex-alunos que estão vivendo bem.

A depoente SP7 observa que os alunos não se interessam pelo Saresp, pois com a progressão continuada foi se perdendo a importância da avaliação. Entende que a progressão colaborou para que muitos professores não fizessem mais provas para avaliar o conhecimento dos alunos, por não ter mais sentido, já que todos seriam promovidos. Esse depoimento revela a visão do professor sobre avaliação, qual seja, atribuir notas para efeitos de promoção dos alunos, e não como formativa, que, conforme exposto no capítulo sobre o campo conceitual em avaliação, deveria ser efetuada para permitir um redirecionamento das práticas escolares em que estiverem falhando.

A depoente vê esse sistema de progressão como atual e bom, mas diz que não se soube trabalhar bem e as provas deixaram de ser rotina numa escola, o que entende como ruim para a educação. No Ensino Médio volta-se a ter prova, pois os alunos podem ser reprovados, porém daí os alunos não estão acostumados a estudar, acham que não precisa. Afirma que, então, quando chega uma avaliação externa, o aluno não se preocupa e questiona se ele vai ser reprovado ou vai interferir na sua vida escolar. Opina que tem que se cobrar mais dos alunos, e não deixá-los à vontade, para que se tenham os resultados esperados.

A depoente SPC1 entende que no Ensino Fundamental a progressão continuada é uma progressão automática, ou seja, uma promoção que necessariamente se realiza. Relata, por exemplo, que há mães de aluno que vão à escola e pedem para o filho não ser promovido, mas não tem como a escola reter um aluno. Afirma que na ata das reuniões do Conselho de Classe e Série realizadas no final do ano letivo, até um tempo atrás, todos os alunos da 6º, 7º e 8º ano, com frequência mínima, eram registrados como promovidos. Agora, por indicação de uma supervisora de ensino, para aqueles alunos que não têm notas suficientes para serem aprovados, é escrito “promovido pela progressão continuada”. Dessa forma, quem está promovendo não é a escola, e sim o

sistema. Portanto o aluno toma ciência de que foi promovido pela progressão continuada e não com a concordância da escola. Relata que, se olharmos a planilha com as notas dos alunos, iremos nos assustar com a avaliação do desempenho apresentada.

A depoente SPC2 diz que os alunos falam que frequentam a escola porque são obrigados. Ela não sabe o motivo da falta de interesse, mas acha que pode ser a educação familiar, pois os pais ficam fora de casa o tempo todo, trabalhando, ou talvez, seja em decorrência do excesso de informações disponíveis, o que poderia fazer com que os alunos se desorientassem quanto ao rumo a seguir, inclusive com relação a fazer um curso superior.

A depoente SPC3 acha que a progressão continuada é um mal necessário, pois no mundo contemporâneo as transformações são muito rápidas e um ano, revendo as mesmas coisas, implicaria em muita perda para os alunos. Além disso, é necessária quando se pensa nas diferenças de aprendizagem e nas necessidades educacionais especiais, pois senão haveria alunos que ainda estariam no 6º ano. Então, se o aluno não aprendeu em um ano, faz-se um plano de ação para recuperá-lo. Porém, diz que a escola precisaria contar com apoio de profissionais especializados para auxiliar o cotidiano do professor em sala de aula, além de recuperação em Matemática e Português, senão os alunos chegam ao 9º ano sem o aprendizado importante para seguir em frente, como está acontecendo. A depoente SPC3 diz que vê a progressão continuada como um meio de tornar a trajetória das crianças na escola menos difícil. Afirma que essas crianças são socialmente abandonadas. Conta que a única preocupação dos alunos e dos pais é passar de ano, não importando se houve ou não aprendizagem.

Entende que, se houvesse apoio de profissionais especializados, como fonoaudiólogos, psicopedagogos, psicólogos, especialistas em alunos com necessidades especiais, e mesmo assim os alunos não conseguissem aprender, ela ficaria tranquila, pois teria certeza de que se fez o possível. Ela conta que a prefeitura oferece apoio psicopedagógico, porém a fila é de dois anos e só atende até os 16 anos, assim os alunos ficam em uma situação difícil, sem apoio durante muito tempo. Além disso, diz que quem tem de diagnosticar se o aluno tem necessidades educacionais especiais é a própria escola, embora não sejam profissionais no assunto. Dessa forma, relata que se demorava para diagnosticar, mas atualmente, com muito estudo, já se consegue fazer isso mais rapidamente. A depoente, enquanto coordenadora, trabalha a formação contínua do professor, reunindo materiais e informações sobre como trabalhar essas dificuldades dos alunos.

O depoente SPC4 afirma que o projeto da progressão continuada é perfeito, mas que, no Brasil, as pessoas não compreendem que o aluno deve ir à escola para estudar. Pondera que deve haver uma divulgação na mídia e uma mobilização da sociedade, para que seja compreendida a importância de a criança ir à escola para estudar, pois considera que todos devem participar da educação de um país. Entende que não adianta pegar modelos de outros países, como a progressão continuada, se não se tem a estrutura para que eles funcionem.

De acordo com a depoente SD1, os alunos sabem que serão aprovados de uma série para outra apenas se frequentarem a escola, portanto existe aluno que não leva material, não quer participar de nenhuma atividade e a escola não tem o que fazer. Diz que já aconteceu de pais de alunos irem à escola pedir para tirar algumas faltas do filho, para receberem a Bolsa Família, mas que a escola não pode fazer isso. O Bolsa Família<sup>153</sup> é um programa de transferência direta de renda sob certas condições, que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza. Uma dessas condições é que todas as crianças e adolescentes entre seis e 15 anos da família devem estar devidamente matriculados e com frequência escolar mensal mínima de 85% da carga horária. Já os estudantes entre 16 e 17 anos devem ter frequência de, no mínimo, 75%.

A depoente SD2 traz à tona a questão de alunos que chegam à escola com significativas deficiências de aprendizagem, vindas do ciclo de ensino anterior, ou seja, do 1º ao 5º ano. Aponta que, em tais casos, a escola não consegue realizar algo fora do comum. Afirma que o sistema de progressão continuada foi imposto como obrigatório pelos órgãos centrais da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo de maneira errada, sem preparação prévia da equipe educacional, e que os professores nunca a aceitaram. Além disso, afirma que, para esse sistema funcionar, é preciso de uma estrutura escolar diferente, mas não aponta qual seria. Conclui que o que ocorreu, na prática, foi o que a Secretaria desejava, ou seja, a correção do fluxo de aluno entre as séries, tendo sido entendida como uma promoção automática. Relata que os professores abandonaram o discurso de que o aluno tem de aprender por aprender, que ele tem de sair da escola sabendo os conteúdos, pois isso não funciona na prática.

Os alunos do Ensino Fundamental não concordam com a promoção automática dos alunos de uma série para outra apenas por frequentarem a escola. Entendem que os alunos deveriam ser reprovados por série, quando tivessem um grande número de notas

---

<sup>153</sup> Instituído pela Lei nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004 e regulamentado pelo Decreto nº 5.209, de 17 de setembro de 2004, em que podem ser consultados detalhes das condições.

inadequadas, pois caso contrário vão carregando dificuldades que se emaranham em outras, já que as matérias são cumulativas, dificuldades essas que não conseguem ser sanadas no 9º ano, quando então pode ocorrer a reprovação. Afirmam que deveriam ser retidos e terem períodos de recuperação para que levassem a sério a escola. Relatam que os alunos são reprovados no 9º ano, pois não aprenderam quase nada nos 6º, 7º e 8º.

As depoentes AF1, AF2 e AF3 acham que a aprovação automática tem um lado bom, pois o aluno pode ser aprovado e aprender no ano seguinte, conforme exemplo da AF1, que relata que era pouco inteligente no 6º ano, mas recuperou no 7º, com o jornal<sup>154</sup> para um período de recuperação intensiva, referente à Proposta Curricular. Porém, relata que há alunos na sala dela que não sabem ler direito, e portanto não deveriam ser promovidos.

BF1 cita seu exemplo, dizendo que no 8º ano, ou seja, em 2009, teve 16 notas abaixo daquelas consideradas adequadas e foi aprovada normalmente. O aluno BF2 afirma que deveria ter sido retido no 8º ano, pois teve muitas notas inadequadas, porém foi deixado em um período de recuperação e depois, aprovado. A depoente BF1 afirma que os professores cobram pré-requisitos dos alunos, mas que não os tem, pois quando foram ministrados, ela não atingiu o rendimento adequado e não foi reprovada. Afirma que está tendo muita dificuldade de aprendizado no 9º ano.

O depoente AF4 considera que aprovar um aluno sem que ele tenha aprendido o esperado é um absurdo e não vê nada de bom na aprovação automática. Cita seu próprio exemplo, que não se dedicava aos estudos e nem às provas até o 8º ano, além de proceder de modo indevido, mas que agora no 9º ano, levando em conta que pode ser reprovado por nota e que tem que prestar provas para cursos técnicos, ele se dedica mais. Portanto, acha que deveria aprender para ser promovido.

O depoente AF8 afirma que, em virtude da aprovação automática criada pelo governo do Estado, os alunos completam rapidamente o 3ª série do Ensino Médio, chegando, inclusive, a irem alunos analfabetos funcionais fazer vestibular e Enem. Relata que os professores não podem falar aos alunos que, se eles não melhorarem, serão reprovados, pois é sabido que todos serão promovidos para o próximo ano letivo.

---

<sup>154</sup> Refere-se ao material enviado pela SEE no início do ano de 2008, para um período de recuperação intensiva de 42 dias, com a intenção de que “os alunos repusessem estruturas fundamentais de Língua Portuguesa e Matemática com as quais pudessem interagir melhor com a nova proposta curricular” (FINI, 2009, p.63<sup>154</sup>).

Os depoentes AF7 e AF8 acham que seria interessante se os alunos passassem por uma prova com conteúdos básicos para conseguir uma vaga nas escolas, pois existem muitas pessoas que estão dentro da escola e não se interessam, e outras que estão fora e gostariam de entrar. Dessa maneira, poderiam perceber a importância da escolaridade. AF7 relata que alguns alunos frequentam a escola apenas porque os pais mandam, por obrigação, pela Bolsa Família ou pela merenda.

A depoente AM1 afirma que é muito difícil reprovar alguém no Ensino Médio e os alunos são retidos apenas em situações muito graves, pois, mesmo reprovando em mais de três matérias e possuindo muitas faltas, o aluno ainda vai para o Conselho e pode ser aprovado. Entende ser errado quase não reprovarem alunos, pois considera que, se um aluno da escola A for prestar um vestibular em uma Universidade concorrida dificilmente será aprovado, mesmo que estude e faça cursinho. Pondera que deveria ser dada mais atenção para a educação desde o 6º ano.

#### **7.1.6 Recuperações: paralela, final de ano e jornal**

Em relação à recuperação, a depoente SP2 relata que na escola há aulas de recuperação de Matemática e Português, em período contrário ao das aulas regulares. Relata que foi contratado um professor no início do ano para ministrar essas aulas e a recuperação deu bom resultado com alguns alunos, que assumiram essa atividade com responsabilidade e frequentaram as aulas. Afirma que, mesmo com os pais responsabilizando-se em trazer o aluno à escola para as aulas de recuperação e a escola oferecendo almoço aos alunos que não poderiam ir para casa e depois voltar, há os que não frequentam essas atividades.

Segundo o depoente SP3, a participação dos alunos na recuperação foi mínima. Diz que os alunos deveriam frequentar no período contrário ao que estudam, mas os do noturno em geral não podem, pois trabalham durante o dia. Assim, a escola encontrou uma solução: trabalharem juntos, o professor regular e o professor da recuperação, em algumas aulas, com conteúdos diferentes. Conta que, se fossem rigorosos, o número de alunos que deveriam participar da recuperação seria condizente com a metade dos alunos da classe. Os conteúdos vistos em recuperação para a 3ª série do Ensino Médio eram de conceitos fundamentais da Matemática. Conclui que o funcionamento da recuperação foi mínimo em relação à defasagem apresentada pelos alunos.

O depoente SP1 afirma que a maioria dos alunos não comparece à recuperação, justificando que eles não a frequentam porque não querem. O professor oferece a essas

turmas atividades diferentes das que está trabalhando em sala de aula regular. Relata que ministrou aulas de recuperação de Matemática para o Ensino Médio durante o ano de 2010 e que nenhum aluno do noturno frequentava essa aula, quando era em período contrário. Dessa maneira, na escola, encontraram a solução citada pelo SP3. Assim, os alunos que estavam em recuperação poderiam sair da aula regular para ir à recuperação. Relata que em suas aulas isso se mostrava não significativo para os alunos, uma vez que era preciso repetir conteúdos já dados, devido à rotatividade da presença dos estudantes. Percebia, também, que eles saíam da aula do outro professor, só para estar em um local diferente naquele dia, sem preocupações com as dificuldades que precisavam enfrentar. A situação mudou um pouco quando o depoente ministrou aulas de recuperação para alunos do período diurno, classe na qual ele também era professor regular, pois usava estratégias para fazer com que esses alunos viessem às aulas do período da tarde. Conforme afirma, nessa turma a recuperação funcionou, mas nas do noturno conseguiu poucos resultados positivos.

A depoente SP7 observa que existem aulas de recuperação paralela para o Ensino Médio, mas que não funcionam, pois os alunos não comparecem. Fala que, no começo do ano, quando eles tiram uma nota baixa, eles querem participar, mas quando são chamados para as turmas de recuperação, eles não vêm. Afirma que na teoria é tudo bonito, mas na prática é difícil de acontecer. Critica o fato de a recuperação não ser obrigatória e de não se terem meios para cobrar a presença do aluno. Relata que fingem que fazem uma coisa no papel, mas ao se verificar, estão fazendo outra. No Ensino Médio só houve uma turma que vinha depois do horário, nas outras o professor da recuperação ficava junto com o professor da sala e uma vez por semana tirava alguns alunos da aula regular para sanar dúvidas.

Na escola *B*, por ser de tempo integral, o reforço em Matemática e Português é trabalhado nas oficinas de Experiências de Matemática e de Hora da Leitura, respectivamente, no período da tarde. Porém, a depoente SD1 relata que o trabalho é diferente de uma recuperação, pois nessas oficinas a classe toda está presente, não só os alunos com dificuldades. No Ensino Médio, os alunos do período da manhã ficam para ter aulas de reforço no período da tarde. Saem às 12h20min, almoçam a merenda escolar, financiada pelo Estado e prefeitura, e têm aulas das 13 às 15 horas. Relata que tiveram dificuldade para encontrar professor para essas aulas, o que retardou seu início, ocasionando redução do tempo disponível e, em consequência, o resultado obtido com esse trabalho no Ensino Médio, ainda que positivo, deixou a desejar. Já para o Ensino



Médio noturno, o reforço é feito na pré-aula, das 17 às 19 horas, porém os alunos do noturno trabalhavam e não frequentavam as aulas de recuperação, ocasionando o fechamento da turma.

A depoente SD2 afirma que a recuperação paralela não funciona de maneira satisfatória, pois é efetuada em período diferente daquele em que o aluno assiste às aulas regularmente e a maioria dos alunos não comparece por diversos motivos: moram longe, cuidam da casa, trabalham, fazem cursos, não têm interesse. Assim, a recuperação acaba sendo apenas uma simulação. Ela entende que os alunos não têm interesse em participar da recuperação paralela, pois serão aprovados para a próxima série de qualquer maneira. Dessa forma, apenas os alunos com uma visão mais ampla, que se interessam pela aprendizagem, que gostariam de fazer um curso superior é que se dedicam aos estudos.

A diretora SD2 acredita que, para que a recuperação paralela funcione, deveria haver uma nova estruturação na carreira do magistério, diminuindo a quantidade de horas que o professor passa em sala de aula e permitindo-lhe que tivesse horários livres em relação às aulas consideradas parte de sua carga horária, em que ele mesmo recuperasse seus alunos.

A depoente SPC2 afirma que os alunos do Ensino Fundamental não se sentem bem quando o ensino é ofertado em tempo integral, pois preferem voltar para a casa após o período matutino. Relata que, quando o curso é em tempo integral, as aulas de recuperação ocorrem no período da tarde, junto com as oficinas, mas os os alunos do Ensino Médio não veem para as aulas de reforço.

Os alunos citam a existência de um período de recuperação no final do ano que funciona assim: quem foi promovido em tempo regular é dispensado e quem foi promovido ainda, tem mais uma semana de recuperação. Eles não citam a existência da recuperação paralela, algumas vezes demonstrando não terem conhecimento de sua existência. Por exemplo, a aluna BF3 pondera que o processo de recuperação deve ser feito o ano todo, pois se o aluno não está entendendo a matéria, deve recuperar desde o começo, e não só no final do ano; a depoente BF1 acha que deveria haver reforço para todas as séries, pois assim os alunos seriam ajudados.

Os depoentes do grupo GA2 contam que no 6º ano usavam livro didático e no início do 7º ano veio um caderno em formato de jornal para um período de recuperação intensiva, referente à Proposta Curricular, e depois vieram os cadernos do aluno. Relatam que o jornal era muito grande e difícil de ser colocado sobre a carteira. Além

disso, os alunos representantes de classe tinham que ir buscar diariamente o material em uma sala, sendo entregue pelo inspetor de alunos, o que tomava muito tempo, aproximadamente metade da aula. Já a depoente AF1 relata que era pouco inteligente no 6º ano, mas recuperou no 7º, com o material em formato de jornal.

#### **7.1.7 Escola de tempo integral**

Em 2011, 313 escolas funcionaram em regime de Tempo Integral no Estado de São Paulo, onde os alunos permaneciam de 7 a 9 horas diárias, divididas em dois turnos, um com disciplinas do currículo básico e outro com oficinas curriculares obrigatórias e optativas.<sup>155</sup>

A depoente SD1 diz que no Japão os alunos gostam de ir à escola de tempo integral, já no Brasil precisa-se fazer um esforço para que eles compareçam. Acha que tem de mudar o funcionamento desse tipo de escola, fazendo-se oficinas optativas e não obrigatórias, com aulas de natação, música, pintura, profissionalizantes e de reforço das disciplinas, em que o aluno escolheria a atividade de que gosta.

O depoente BF4 relata que o objetivo do governo, ao implantar a escola em tempo integral, era que fosse igual a outros países em que os alunos entram às 7h e saem às 16h. Afirma que isso, porém, não foi conseguido, e, portanto, a escola em tempo integral está prevista para acabar em 2011, por opção dos pais e dos alunos.

Destaca-se que o horário de funcionamento das escolas no Brasil é esse mesmo e que, nos documentos e notícias a que tivemos acesso, a escola de tempo integral não está prevista para acabar, inclusive tendo sido implantada, recentemente, a escola de tempo integral no Ensino Médio, em algumas escolas, o que indica falta de fundamento na opinião emitida.

Os depoentes do grupo GA2 relatam que a escola em tempo integral tem aspectos positivos e negativos. Os positivos são: o aluno tem a possibilidade de aprender o que não aprendeu nas disciplinas regulares, já que alguns professores fazem revisões do conteúdo abordado; o almoço servido é de boa qualidade; os professores são bons profissionais; é um bom regime para quem não tem condição financeira de pagar um curso de inglês, espanhol, música, dança, teatro, informática, por exemplo, que são oferecidos à tarde. Os negativos são: é muito cansativo ficar das 7h às 15h30min na escola, principalmente depois do almoço; os alunos não dão valor, não têm interesse,

---

<sup>155</sup> Disponível em <[http://cenp.edunet.sp.gov.br/escola\\_integral/2007/Default.asp](http://cenp.edunet.sp.gov.br/escola_integral/2007/Default.asp)>. Acesso em 28 abr. 2011.

pois acham que não estão pagando por esses cursos, porém esquecem que é dinheiro do imposto que os pais pagam ao governo.

#### **7.1.8 Modos de ensino do professor, auxílios pedagógicos recebidos e material de apoio didático**

A depoente SP2 afirma que o material da proposta curricular não detalha bem os conteúdos abordados, não possui uma sequência que facilite o ensino e a aprendizagem. Portanto, a professora não trabalha somente com esse material, mas também com um livro didático que utiliza o método de resolução de problemas. Afirma, ainda, que os alunos, após realizarem a prova do Saesp, são unânimes em dizer que o conteúdo abordado nas provas se assemelha ao conteúdo do livro didático. Relata que a prova do Saesp privilegia os conteúdos, enquanto o caderninho se preocupa mais com a didática.

O depoente SP3 relata que em 2009 viu uma avaliação do Saesp e notou uma grande diferença entre o conteúdo abordado na prova e o abordado no material relativo à proposta curricular enviado pelo governo. Entende que o Saesp exige mais do que o trazido nesse material e, portanto, serve para avaliar o trabalho do depoente já que ele usa também o livro didático.

A depoente SP4 afirma trabalhar com o material enviado pela Secretaria da Educação e também com livros didáticos de diversos autores para ilustrar melhor o conteúdo que trabalha e, também, para aprofundar, pois o caderno enviado ao aluno vem muitas vezes com bastantes exercícios e precisa-se trabalhar o conteúdo antes. Além disso, busca atividades diferentes e procura trabalhar com material manipulativo, por acreditar que torna o aprendizado mais fácil. Ela guarda em torno de 20 exemplares de cada livro didático para trabalhar com os alunos, após entregar os livros que são deles, pois diz que cada autor trabalha de uma forma e, dependendo do conteúdo trabalhado, usa um livro.

O professor SP5 afirma que não se vale de aulas expositivas como método de ensino, e sim de outro método que aprendeu com professores de seu curso de graduação. Ele consiste em formar grupos compostos de quatro alunos, que ficam juntos até o final do ano, e distribuir folhas com atividades para fazerem, enquanto o professor vai sanando as dúvidas.

A depoente SP6 diz que usa o material do Currículo enviado pelo governo e, na escola em que trabalha, a maioria usa. Conta que a professora de História está inconformada com esse material, pois não pode mais trazer atividades diferentes para a

sala de aula, senão não há tempo para trabalhar com esse material enviado. Afirma que o material é bom, mas em algumas disciplinas coloca limites para se trazerem outras coisas.

A depoente SP7 revela que não se vale apenas do material do Currículo, pois nele não há a parte teórica da Matemática, somente exercícios que são muito complicados, portanto, também trabalha com um livro didático. Relata que não consegue trabalhar com todos os cadernos relativos à 3ª série do Ensino Médio, pois é muito complicado e os alunos desanimam muito.

A depoente SPC1 afirma que o material enviado pelo governo é o Currículo do Estado, portanto a escola tem de trabalhar, concordando ou não, já que são funcionários do governo. Afirma que está tudo amarrado nesse material e às vezes não dá tempo de ministrar os conteúdos do 4º bimestre. Relata que quando é aberto espaço para a escola falar, eles reclamam e falam do que não gostam nesse material. Relata que, alguns professores não querem seguir o material, então há brigas com a coordenação da escola.

A depoente SD1 relata que os coordenadores ajudam os professores a encontrar textos na internet, alugam ou compram filmes para passar aos alunos, a fim de auxiliá-los na preparação das atividades da sala de aula. Conta que fizeram atividades fora da escola com os alunos, foram ao Shopping assistir a filmes e depois os alunos elaboraram relatórios a respeito da atividade efetuada. Foram à livraria Cultura e ao Masp em São Paulo, ao Horto Florestal em Rio Claro, visitaram universidades, visando à efetivação de atividades diferentes das comumente efetuadas em sala de aula.

A depoente SD2 afirma que a escola recebe bastante material, mas falta espaço físico e estrutura para trabalharem com ele, pois as salas estão lotadas com as classes regulares. Assim, o fato de haver material não significa que ele pode ser trabalhado e, além disso, afirma que os professores deveriam ser preparados para usá-lo.

Os alunos do grupo GA1 dizem que o professor está usando o material referente ao Currículo do Estado. O que estava sendo usado no momento é o volume três, relativo ao 3º bimestre. Relatam não utilizar o livro didático.

A depoente BF6 pondera que o material referente ao Currículo atrapalha, pois possui assuntos sem relação com outros e faz com que a bolsa dos alunos fique pesada, já que têm de levar o material para a escola. Entretanto, afirma que do caderno de Matemática ela gostou, pois vem com algumas contas prontas e com as figuras desenhadas, facilitando o trabalho dos alunos. Os alunos do grupo GA2 afirmam que

possuem livros didáticos, mas que não são muito usados por eles, já que ficam nos armários dos professores.

A depoente BF5 considera que o material do Currículo mais ajuda do que atrapalha em algumas matérias. Afirma que em Matemática conseguiu aprender o que não estava conseguindo aprender sem ele, pois há explicações no material. A depoente também afirma que não entende, de imediato, muitas coisas em Matemática, sendo que às vezes todos na classe já entenderam e ela não.

Os alunos do grupo GA3 afirmam que os professores usam o material referente ao Currículo do Estado e havia questões parecidas entre a matéria abordada no material e o Saresp. Acham que trabalhar com o Caderno do Aluno é melhor e menos cansativo do que copiar a lição da lousa e ainda ter que resolver as questões depois.

Os depoentes do grupo GA5 relatam que têm cinco aulas de Matemática por semana, e que a professora trabalhava o caderninho em duas aulas e o livro didático nas outras três. O depoente AF8 afirma que o caderninho tem pouca informação, portanto tem que ser complementado com o livro didático. Ele diz que o professor de Geografia nunca usou o material do Currículo do Estado, pois ele afirma que falta conteúdo nele; portanto os alunos não estariam preparados para prestar vestibulinhos, por exemplo. Relata que os professores comentam que, se compararem as provas de vestibulinho para escolas técnicas e o conteúdo do caderninho, nenhuma matéria do caderninho foi solicitada na prova, sendo o conteúdo cobrado nessas provas de nível superior ao indicado nos programas do Estado.

Os alunos do grupo GA5 dizem que no livro didático é apresentada uma lista de conteúdos do começo até o final. Já no Caderno do Aluno há questões fora de um contexto e que nem os professores sabem do que se trata, pois seria disponibilizado apenas um Caderno do Professor por escola. Dessa forma, o professor acaba tomando o livro didático como base. O depoente AF8 afirma que o Caderno do Aluno não é coeso, não tem sentido e, se um aluno quer aprender bastante, ele tem de procurar recursos fora da escola. Relata que tira notas boas, pois aprende o conteúdo ministrado, mas que para fora da escola não é o suficiente. O depoente AF5 diz que em uma das provas de escola técnica foi cobrado Química, sendo que eles estavam começando a aprender esse conteúdo no final do 9º ano, portanto o Caderno do Aluno não tem valor, não ensina conteúdos relacionados com as provas das escolas técnicas.

Os depoentes do grupo GA7 relatam que uma grande parte do Saresp era concernente às questões relativas ao conteúdo do Caderno do Aluno, porém, sobre

Matemática não têm muito a dizer, pois ficaram sem aula durante muito tempo. Portanto, trabalharam apenas com dois dos cadernos, tendo começado a estudar o caderno do 3º bimestre em novembro.

A aluna AM1 afirma que o professor de Matemática trabalhava com o material referente ao Currículo do Estado apenas no começo do ano, tendo argumentado que o material não é bom, pois foge do conteúdo que eles devem estudar na série. Portanto ele prefere trabalhar com o livro e com exercícios que traz de casa.

Segundo os depoentes do grupo GA10, o professor de Matemática trabalhou pouco o material enviado pelo governo referente ao Currículo, pois ele disse que o material não possui conteúdos explicados em detalhes e que é muito complexo para a atual situação do ensino. Dessa forma, relatou aos alunos que iria efetuar atividades com o conteúdo do material, porém fazendo uso do livro didático ou de aulas expositivas.

Os depoentes do grupo GA11 afirmam que os professores de Química e Inglês trabalham o material referente ao currículo. Já os professores de Física e Português não. Relatam que a professora de Português comentou que o conteúdo do material é fraco.

Nas considerações acerca desse tema traremos mais informações sobre o funcionamento do Currículo do Estado, bem como já apresentamos aspectos desse assunto no item 4.6 *Proposta curricular e matriz de referência para avaliação*.

### **7.1.9 Falta de professores nas escolas**

Alguns depoentes tratam do assunto falta de professores nas escolas como um tema comum e que causa transtornos para o cotidiano escolar.

Em relação às faltas dos sujeitos pesquisados, o sujeito SP1 ficou de licença-saúde por três meses e a depoente SP7 tirou licença-prêmio por dois meses e não tinha professor para substituí-la. A licença-prêmio é um afastamento das funções escolares, gozada por três meses, concedida como prêmio ao profissional da escola que tem no máximo 30 faltas em cinco anos, podendo ser usufruída em partes menores que 90 dias.

A falta de professores é atribuída pelas depoentes SP7 e SD2 ao fato de atualmente não haver mais pessoas interessadas em lecionar, o que entendem ser comprovado por cursos de licenciatura que estão perdendo alunos, já que o salário para profissional egresso de qualquer outro curso é maior<sup>156</sup>. Afirmam que somente quem não tem outra opção faz licenciatura e a carreira docente não tem sido positivamente valorizada, dos pontos de vista social, cultural e econômico, ao longo de muitos anos.

---

<sup>156</sup> Destacamos que as depoentes não apontam dados que confirmem essa perda de alunos dos cursos.

Pondera que, somando-se a essa conjuntura a violência, então se entende por que a carreira docente não atraia as pessoas.

O depoente BF4 acha que se deve melhorar muita coisa para que se tenham bons resultados do Saresp. Por exemplo, cita o fato de professores saírem de licença-prêmio no meio do ano, sendo difícil conseguir contratar um professor substituto. Também relata que metade dos professores é formada por efetivos e a outra metade, por temporários<sup>157</sup>.

Os alunos também apontam a falta de professores como um problema para seu aprendizado e, conseqüentemente, desempenho no Saresp, pois, quando um professor sai de licença no meio do ano, é muito difícil colocar outro no lugar, chegando a classe a perder meses de aulas. Além disso, afirmam que, às vezes, o professor substituto não é da matéria que estava sem professor, ou ainda, que pede apenas para os alunos copiarem determinada página do livro didático. Dessa forma, as dificuldades vão se acumulando, porque os substitutos não conseguem dar continuidade ao que vinha sendo tratado na matéria, pois mudam constantemente.

Como exemplos dessa situação, temos: o depoente GA2 aponta o fato de estarem sem professor de Geografia há dois meses, havendo uma professora que ministra apenas uma das três aulas semanais que eles deveriam ter, portanto os alunos ficam aliviados com o fato de não ter sido cobrado Geografia no Saresp, caso contrário não saberiam responder às questões; os alunos do GA2 relatam que já ficaram sem aula de Português e Matemática; os do GA6 que ficaram um bom tempo sem professor de Matemática em 2010; os alunos do GA7 dizem que a prova de Matemática do Saresp estava mais difícil, pois ficaram sem professor por metade do ano em 2010 e não somente eles, mas em outras escolas também; o depoente BM6 relata que os alunos da escola B foram prejudicados por não terem professores de Matemática e de Geografia durante dois bimestres no ano letivo de 2010, afirmando que em outra escola, onde os alunos tiveram professores durante todo o ano, o Saresp foi realizado sem problemas.

#### **7.1.10 Alunos com necessidades educacionais especiais**

Segundo a depoente SPC3, o 9º ano que fez a prova aberta de Matemática é uma classe que tem uma grande quantidade de alunos com necessidades educacionais especiais. Então, apesar de o professor ter trabalhado tais dificuldades, os alunos não

---

<sup>157</sup> À época, o número de temporários era de 46% dos professores em SP, como mostra a reportagem de Takahashi (2010).

apresentavam o nível de aprendizagem esperado para o 9º ano. Assim, pondera que os alunos não querem colocar no papel o fracasso deles e nem se sujeitar a constrangimentos, já que eles sabem que não aprenderam aquele conteúdo avaliado e o resultado será corrigido fora da escola, portanto exposto em ambiente diverso ao que estão acostumados. Dessa forma, de início se recusaram a fazer a prova aberta e só abrandaram os ânimos quando a coordenadora e a professora de Matemática foram à sala de aula, durante a prova, conversar com os alunos e relembrar que eles já haviam visto alguns conteúdos. Porém, diz que esse tipo de acontecimento contradiz tudo o que ela trabalha com os professores, pois ela os incentiva a trabalhar o que os alunos não sabem, independentemente de estarem na série adequada ou não, porque acha que sem pré-requisito eles não conseguem avançar.

A depoente SPC3 relata que os alunos alfabéticos, ou seja, aqueles que leem, escrevem, mas não compreendem, vão sendo promovidos pela progressão continuada, já que os professores trabalham e avaliam esse tipo de aluno de uma maneira diferente, pois se fosse avaliar nos moldes do Saesp, eles ficariam eternamente na escola e acha isso incoerente. Conta que a escola exerce uma função de integração na sociedade e no mercado de trabalho para esses alunos com necessidades educacionais especiais, mas que eles não concluem o ensino com os conhecimentos considerados adequados.

A diretora SD2 afirma que nos últimos anos tem aumentado o número de alunos com deficiências cognitivas, intelectuais e físicas, ou seja, alunos com necessidades educacionais especiais, o que tem ocorrido após a legislação que garante um sistema educacional público inclusivo ter sido aprovada e implementada<sup>158</sup>. Questiona o trabalho efetuado, considerando que a escola deveria ter uma sala com recursos específicos para atender essas crianças, assim como existe no ciclo I, mas relata que na escola A não existe espaço para isso. Portanto, essas crianças vão carregando dificuldades ao longo do tempo, que não serão sanadas tão cedo, se forem. Relata que enfrentam grandes problemas com crianças que apresentam deficiências cognitivas, muitas vezes diagnosticadas como autistas. Ela acha que tais deficiências podem ser

---

<sup>158</sup> A legislação sobre educação especial é ampla, mas citaremos dois marcos: a Resolução CNE/CEB Nº 2, de 11 de setembro de 2001, que em seu artigo 2º dispõe que “os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos.” E a Resolução SE 32, de 23-5-2007, que dispõe sobre o desenvolvimento das ações do programa de atendimento aos alunos da rede pública com necessidades educacionais especiais na rede pública de São Paulo.



ocasionadas por pré-natais não feitos adequadamente, por uso de drogas pela mãe durante o período da gravidez ou por falta de cuidados na infância. Afirma que há casos em que a escola detecta problemas auditivos, de visão, não percebidos em casa, além de problemas psicológicos, provenientes de ações de violência e de falta de cuidado; problemas esses que recaem sobre a escola.

A depoente SD2 relata que atualmente as crianças são abandonadas ao acaso pelos pais, que trabalham o dia todo para sobreviver, acarretando outros problemas maiores. De acordo com a depoente, quando a escola chama a família, pois detectou que há algum problema com o aluno, muitas vezes já apontado em relatórios de professores do ciclo I, a família não toma as providências indicadas, como encaminhá-lo para fazer testes na Apae ou ter atendimento num centro de apoio para a infância e juventude, onde há psicólogo, fonoaudiólogo, médico, hebiatra. E mesmo quando conseguem esse atendimento, afirma que não resolve os problemas da escola, pois demora de quatro a seis meses para ser efetivado, e depois precisa de um acompanhamento constante, que acaba não acontecendo, pois a criança teria que ir sozinha, já que os pais não têm disponibilidade de levar, além de não verem resultados naquele tratamento. Dessa forma, quando precisam de atendimentos de fonoaudiólogos, assistentes sociais, tratamentos gratuitos, não encontram, e a escola fica com a complicação para resolver. Afirma que essa é a realidade da escola, com diversas variáveis interferindo, em que se percebe que o aluno possui problemas de saúde, como raquitismo, desnutrição, carência de vitaminas, falta de cuidados e não se tem para onde encaminhá-lo para tratamento, e a família não cuida.

#### **7.1.11 Comportamento dos alunos na escola**

A depoente SPC1 acha que os alunos do Ensino Fundamental causam mais preocupação do que os alunos do Ensino Médio, pois os últimos começam a trabalhar e melhoram. Sente pena da coordenadora do Ensino Fundamental, diz que a ajuda, mas que o trabalho é de enlouquecer.

Os alunos do grupo GA2 ponderam sobre a dificuldade de mudar de uma escola com um professor só, de 1º ao 5º ano, para uma escola onde eles têm aulas em período integral e 16 professores diferentes. Relatam que as responsabilidades aumentam, pois nas escolas dos anos iniciais, que em sua maioria são municipais, não se mostra a realidade do mundo fora da escola, já nas séries finais do Ensino Fundamental, os professores começam a chamar a atenção para o mundo real e do trabalho.

Os alunos tratam do comportamento dos outros alunos quanto à reprovação, afirmando que existem alguns que a consideram como uma ocorrência normal ou que podem ver como um prêmio ficar retido no final do ano. Além disso, tratam do tema aprovação automática, dizendo que os alunos só entenderão o que aconteceu no 9º ano, quando começam a ser reprovados várias vezes na mesma série, sendo que alguns alunos chegam a desistir de estudar para poder trabalhar. Dessa forma, consideram que os alunos que não aprenderam, não estudaram, deveriam ser reprovados, pois, sem os pré-requisitos necessários, eles não conseguirão acompanhar as séries seguintes, em que serão abordados novos conteúdos, e a revisão que o professor faz não é suficiente para quem não aprendeu.

A depoente AF5 relata que há um aluno na sala onde ela estuda que parou de vir à escola. Ele chegava à sala de aula, jogava a bolsa no chão e dormia, portanto acha que se esse aluno for promovido para o 1ª série do Ensino Médio será uma humilhação para a classe. AF8 relata que sua prima será aprovada do 5º para o 6º ano mesmo faltando muito e não se esforçando, caso semelhante ao da sua irmã, que passou com diversas notas abaixo de cinco e agora está com dificuldades no 6º ano.

O depoente AF8 afirma que há crianças na escola que não deixam o ensino progredir e outras que são prejudicadas, pois foram colocadas em salas de aula com muitos alunos indisciplinados. Ele concorda com a depoente AF7 que seria interessante haver uma prova com conteúdos básicos para os alunos ingressarem na escola, pois acredita que as pessoas precisam perceber a importância da escolaridade.

Quanto à reprovação de muitos alunos, as alunas AF1 e AF2 consideram que metade da sala será retida, pois apresentou muitos problemas decorrentes de terem causado confusão no ano letivo de 2010 por serem indisciplinados, o que atrapalha o aprendizado da turma. Relatam que a classe inteira foi suspensa das atividades escolares como penalização pela bagunça excessiva, já que a sala se localiza em cima da diretoria e, portanto, escutam o barulho. Relatam, rindo, que, na classe, quebraram uma mesa ao meio, um relógio, dois lixos, rasgaram a cortina e quebraram um vidro da janela do refeitório. BF4 e BF6 corroboram essa afirmação, relatando que os alunos são de criar problemas e que a cada ano eles estão piores, principalmente no que diz respeito à educação, pois eles preferem aproveitar a vida a se preparem para o futuro, já que não têm uma aspiração na vida. Além disso, outro motivo de os alunos causarem problemas seria porque eles são protegidos pela direção, que não toma uma medida enérgica para mudar a situação, já que os alunos só têm direitos, nenhum dever.

Em relação a um comportamento não aceitado pelo aluno, o depoente BF4 acha que o material enviado pelo governo referente ao Currículo é dinheiro desperdiçado, pois os alunos jogam fora no final do ano. Os depoentes relatam que, no último dia de aula, os alunos rasgam, jogam para cima, no ventilador, na rua. Contam, também, que as ruas em frente às escolas ficam lotadas de papel, parecendo dia de eleição, um caos. Afirmam que não pode jogar fora o Caderno do 4º bimestre, pois ele será utilizado no começo do ano seguinte, e que, mesmo a escola avisando para não jogar, os depoentes acham que os alunos jogarão em 2010.

Os depoentes afirmam que os alunos reclamam da qualidade da escola, mas não se esforçam para trazer melhorias para ela, por exemplo, por meio de tentar ter resultados bons no Saresp. Ainda, esses alunos não zelam pelo patrimônio público: tiram a pintura da parede, rabiscam armários e carteiras, jogam livros, desperdiçam merenda, sujam a escola, depredam ônibus.

#### **7.1.12 Considerações sobre a realidade escolar**

Quando da descrição das escolas, podemos observar algumas particularidades. A escola *A* é uma escola de periferia que sempre teve um lugar privilegiado no ranking do Idesp, apesar de não ter atingido a meta proposta nem em 2009 e nem em 2010, quando teve 39,2% de cumprimento. Possui muitos alunos e pouco espaço físico, o que prejudica a possibilidade de aproveitamento do material didático enviado à escola e das atividades extra-classe, como a recuperação paralela.

A escola *B* é uma escola central, que passou a receber alunos de bairros carentes recentemente, o que mostrou interferir no desempenho. Funciona em tempo integral, com os alunos trocando de sala conforme a aula que terão. Foi relatado que as salas de aula possuem em torno de 45 alunos no 6º ano, número que vai diminuindo. Atingiu a meta proposta em 2009, já em 2010 atingiu 55,4%.

Na escola *A* existe a formação de turmas por desempenho escolar em provas aplicadas pelos professores, para que se possam trabalhar melhor as dificuldades, já que há classes inteiras de alunos que não sabem ler nem escrever. Tal fato faz com que classes heterogêneas não funcionem na prática, segundo os depoentes. Já na escola *B* as turmas não são formadas de acordo com o desempenho acadêmico dos alunos e, quando se tentou proceder dessa forma, o resultado não foi positivo.

Nas falas da equipe de gestão de ambas as escolas, há uma exaltação das qualidades de cada uma, o que consideramos uma atitude positiva em relação ao

processo educacional, afinal cada escola tem defeitos e qualidades que lhes são próprios e é necessário que sejam reconhecidos para que se possam planejar intervenções no que não estiver ocorrendo de maneira adequada.

Percebemos que os professores de Matemática e a equipe de gestão entrevistados apresentam uma formação sólida e firmeza ao declararem fatos da realidade escolar e suas facetas. Além disso, a maioria está há muitos anos na carreira do magistério. Alguns alunos também apresentaram falas que mostram serem eles são seguros em relação ao seu próprio conhecimento, sabendo quando serão reprovados ou aprovados e os motivos de suas falhas.

Em relação à carreira docente, os depoentes não concordam com o plano de carreira implantado que só possibilita a ascensão de 20% dos profissionais que estiverem dentro de certos critérios, como presença, por exemplo, e tiverem os melhores desempenhos em provas, conforme estabelecido no momento em que tratamos dos depoimentos acerca desse assunto nesta categoria, incluindo as mudanças que já ocorreram. Reivindicam que se deveria ter aumento salarial para todos, igualmente, ou uma carreira em que todos pudessem progredir. Observamos, que em 2011 e 2012, houve aumento salarial e a carreira foi modificada: agora todos podem progredir.

A carreira docente aparece como não atraente na fala de alguns depoentes que discorrem sobre o problema causado pela falta de professores, pois afirmam que já não se têm muitas pessoas interessadas na profissão de professor, por que não há valorização, inclusive salarial, além da situação de o cotidiano escolar apresentar características, como violência, que afastam os profissionais. Os alunos relatam casos de falta de professor e de dificuldades de se encontrarem substitutos, o que ocasiona um *deficit* na aprendizagem deles, prejudicando, também, seus desempenhos no Saresp<sup>159</sup>.

Os depoentes, quando se referem ao funcionamento do sistema escolar, apontam a falta de interesse de alguns alunos pela educação escolar e pela avaliação como um grande problema do atual sistema de ensino. Um dos motivos entendido como central é a existência da progressão continuada, que se transformou em uma progressão automática entre o 5º e o 9º ano do Ensino Fundamental. Segundo os próprios alunos, alguns só percebem que estão com o conhecimento defasado em relação ao esperado para a série, quando são retidos no 9º ano com um grande acúmulo de dificuldades,

---

<sup>159</sup>O Secretário Adjunto, Dr. João Cardoso Palma Filho, aponta a falta de professores como um problema da SEE, fato, segundo ele, relacionado com a desvalorização dessa profissão.

considerando, portanto, que deveriam ser reprovados quando não apresentassem o conhecimento adequado para progredir.

Tendo o artigo 3º, inciso III, da Deliberação do Conselho Estadual de Educação nº 09/97 em vista:

O projeto educacional de implantação do regime de progressão continuada deverá especificar, entre outros aspectos, mecanismos que assegurem:

III - atividades de reforço e de recuperação paralelas e contínuas ao longo do processo e, se necessárias, ao final de ciclo ou nível.

podemos afirmar que a progressão continuada sofre diversas críticas por não serem proporcionadas certas estruturas necessárias para o seu bom funcionamento. Porém, não é nossa intenção neste item e nem nesta tese, estabelecer um debate teórico acerca dos posicionamentos prós à progressão ou contras. Um histórico sobre sua implantação, que mostra diversas opiniões de especialistas sobre o assunto, pode ser encontrado em Gramari, 2008, e informações sobre o sistema de ciclos e algumas de suas características, em Alavarse, 2009.

Esse sistema de promoção é apontado como causador de uma falta de controle e de instrumentos de cobrança dos professores sobre os alunos, pois estes sabem que serão promovidos de qualquer maneira, não se preocupando, então, em realizar qualquer prova, seja ela em sala de aula ou o Saresp. É sugerido, nas falas dos depoentes, que essa falta de interesse seja devida ao fato de a educação escolar não ser vista como importante pela sociedade e pelas famílias de alguns alunos, que somente frequentam a escola por obrigação, muitas vezes para que os pais recebam a Bolsa Família.

A progressão continuada é caracterizada como um meio de tornar a trajetória das crianças na escola menos difícil. Porém, a falta de estrutura para seu funcionamento, como a inexistência de acompanhamento para alunos com necessidades educacionais especiais ou recursos para sanar dificuldades que necessitariam de especialistas, como psicólogos e fonoaudiólogos, faz com que o trabalho da escola se torne penoso.

Um dos recursos indispensáveis para a progressão continuada, mas que não funciona a contento, é a recuperação paralela, não obrigatória, conforme exposto pelos depoentes, que se apresenta com baixa participação dos alunos. Chama a atenção o fato de os alunos praticamente não falarem sobre a recuperação paralela, apenas referindo-se à recuperação de final de ano e à de início de ano. Há um caso positivo relatado em relação ao material em forma de jornal, enviado pela SEE no início do ano de 2008,

para um período de recuperação intensiva de 42 dias, com a intenção de que “os alunos repusessem estruturas fundamentais de Língua Portuguesa e Matemática com as quais pudessem interagir melhor com a nova proposta curricular” (FINI, 2009, p.63). Por outro lado, há críticas em relação a esse mesmo material, pois não era cômodo para ser usado na carteira e se perdia muito tempo distribuindo-o todos os dias.

Sobre a organização escolar, fala-se em reorganização da escola de tempo integral, que deveria ter aulas optativas no período da tarde. Os alunos apontam aspectos positivos, como o fato de terem oportunidades de realizar cursos que não teriam em outras circunstâncias, e negativos, como ser cansativo passar o dia todo na escola.

Em relação ao material usado pelos professores na sala de aula, os depoentes apontam que nem todos os professores trabalham com o material enviado pelo Estado, apesar de ser obrigatório. Os que trabalham afirmam que o material não contém muitos detalhes, portanto buscam apoio no livro didático para acompanhar as atividades desenvolvidas.

Os alunos afirmam que o Caderno do Aluno torna a aula menos cansativa do que copiar lição da lousa e que a presença de figuras facilita o aprendizado. Elogiam o caderno de Matemática. Porém, há críticas de professores e de alunos a respeito da falta conteúdos importantes nesse material, o que prejudicaria alunos de escolas públicas em processos seletivos.

Além do livro didático e do material enviado pelo Estado, uma depoente afirma que são desenvolvidas atividades fora da escola e podem ser utilizados outros tipos de materiais disponibilizados para a escola.

Segundo os depoentes, os alunos reclamam da qualidade da escola, mas não se esforçam para trazer melhorias a ela, demonstrando comportamentos inadequados em relação ao processo de ensino e aprendizagem, como excesso de indisciplina. Esses alunos não zelam pelo patrimônio público: tiram a tintura da parede, rabiscam armários e carteiras, jogam livros, desperdiçam merenda, sujam a escola, depredam ônibus. Inclusive estragam o Caderno do Aluno no último dia de aula, quando os alunos rasgam, jogam para cima, no ventilador, na rua, mesmo sabendo que podem ter que usar o material no ano seguinte.

Ao focar a realidade escolar, a Progressão Continuada se mostra como um grande problema do atual sistema de ensino, devido à falta de estruturas básicas para a sua organização, como é o caso do não funcionamento a contento das atividades de

recuperação paralela, nucleares para que a progressão continuada não se transforme em progressão automática.

Da reflexão sobre a análise efetuada a respeito do revelado pelos depoentes quanto à realidade vivida no cotidiano das escolas focadas, entendemos que se mostra com força uma situação posta em que tudo é criticado, nada vale a pena ser feito enquanto certos problemas estruturais não forem solucionados. Os professores se revelam preocupados e responsáveis em relação ao seu trabalho e aos alunos. Apresentam formação socialmente apropriada para exercerem a profissão, porém a complexidade da realidade vivida os abarca e os torna quase que impotentes, sem força para superarem muitas das contradições evidenciadas e das facticidades enfrentadas.

Classes lotadas, falta de espaço físico que dê conta para receber e alocar recursos materiais encaminhados pelo governo, impossibilidade de atender às demandas das muitas exigências feitas à escola: trabalhar com deficiências de vários tipos e origens, falta de profissionais para darem conta dos problemas que essas mesmas deficiências suscitam, tendo como consequência o fato de os alunos ali estarem, e são eles mesmos, os professores, que se veem em situação de trabalharem com eles, mesmo sem a formação necessária.

Uma escola que se revela como sustentação de problemas sociais que superam em muito sua competência, ou seja, superam em muito o trabalho dela esperado que é a educação. Problemas esses que dizem de uma sociedade que busca na escola um meio de receber recursos, como os advindos da Bolsa Família, sem que haja programa social, politicamente estabelecido e implementado pelo governo que dispõe desses recursos, de reconhecimento e valorização da escola, do trabalho do professor e da aprendizagem da leitura, da escrita, etc. Essa desvalorização fica evidente quando nada é solicitado do aluno. Ele se sente obrigado a ir à escola, e esta se mostra como um peso.

Com a falta de valorização do conhecimento, do trabalho do professor, da educação, o aluno acaba por agredir a escola, agressão que se mostra na violência física ao prédio, como: quebra de vidros, de cestos, desperdício de comida, que é dada, atos vistos com alegria. Escola com turno integral, tão solicitada e debatida como sendo importante por educadores, é tida como mais uma obrigação, mais um peso imposto aos alunos.

Concomitantemente há, nessa complexidade, alunos que valorizam as atividades desenvolvidas na escola e o trabalho dos docentes. Conseguem, com lucidez, criticar situações, apontando falhas e pontos positivos, mostram-se cientes dos recursos

disponíveis, como o material didático que lhes chega, orgulham-se da competência dos professores, da avaliação externa obtida pela escola que frequentam. Querem avançar. Sentem-se em desvantagem na medida em que outros alunos não se esforçam por avançar também e, mesmo assim, são aprovados.

A escola mostra-se trabalhando com muitas frentes, como: aulas de reforço, recuperação simultânea, alunos com deficiências etc. Há uma busca para atender aos alunos que não acompanham as atividades comuns da turma que frequentam, porém a muitos desses falta força para se dedicarem a esse trabalho, permanecem impotentes. Muitas vezes a própria escola fica impotente diante da falta de professores para trabalharem com turmas diferenciadas e de lugar onde colocar essas turmas.

E há as avaliações internas e externas. Do professor é solicitado que dê conta do ensino e da aprendizagem, das deficiências dos alunos, da preparação educacional, para que alunos provenientes de famílias com deficiências no que concerne à valorização da educação escolar e com problemas de uso de drogas, etc. modifiquem-se; que dê conta da preparação dos alunos para as avaliações.

Essa é a realidade escolar que se revela neste trabalho, conforme nossa interpretação: uma realidade densa, obscura, em que se torna difícil vislumbrar um norte. Porém, entendemos que a presença de profissionais especializados em determinadas áreas, como psicólogos e especialistas em alunos com deficiências específicas, como falta de visão, por exemplo, ajudaria a tornar o trabalho na escola menos árduo, além de mais eficiente<sup>160</sup>. Contudo, o apontado não passa de medidas paliativas se não houver um projeto educacional que: tome a escola como foco; seja assumido por um longo período como relevante e importante dos pontos de vista social e político; dê conta da educação da pessoa e do cidadão; trabalhe de maneira apropriada o ensino e a aprendizagem de conhecimentos específicos e significativos para a comunidade onde a escola age.

---

<sup>160</sup> A Resolução SE nº 07, de 19 de janeiro de 2012, dispõe sobre a contratação de professores mediadores e comunitários, que devem ter a função de, segundo artigo 7º da Resolução SE nº 19, de 12 de fevereiro de 2010: I - adotar práticas de mediação de conflitos no ambiente escolar e apoiar o desenvolvimento de ações e programas de Justiça Restaurativa; II - orientar os pais dos alunos, ou responsáveis, sobre o papel da família no processo educativo; III - analisar os fatores de vulnerabilidade e de risco a que possam estar expostos os alunos; IV - orientar a família, ou responsáveis, quanto à procura de serviços de proteção social; V - identificar e sugerir atividades pedagógicas complementares, a serem realizadas pelos alunos fora do período letivo; VI - orientar e apoiar os alunos na prática de seus estudos. Ressaltamos que não sabemos como está se dando o trabalho e a contratação desses professores na realidade escolar, devido à data da Resolução ser posterior à nossa pesquisa na escola.



Acreditamos que a providência de estruturas básicas para o funcionamento do sistema, com um ambiente agradável para que a escola funcione a contento, de modo que não se transforme em peso para quem a frequenta, pode fazer com que a aprendizagem dos alunos e a situação de trabalho do professor melhore. Quanto à avaliação, entendemos que o professor se encontra em uma situação ambígua, já que está constantemente entre duas lógicas aparentemente opostas: determinação de que avalie seu aluno de maneira contínua e cumulativa, porém deve cumprir exigências burocráticas e entregar notas classificando seus alunos; observar os estudantes individualmente, porém, em geral, trabalha com grande quantidade de alunos em pequeno tempo; deve trabalhar conteúdos de acordo com necessidades individualizadas, porém há uma avaliação externa de seu trabalho em relação a conteúdos comuns a todos.

Dessa maneira, reiteramos aqui que está ocorrendo uma diferença entre a lógica proposta na teoria e a atual configuração do espaço e tempo escolar. Ou seja, as teorias em ensino e avaliação se modificam, no entanto, o modo como se organiza a escola, não. Esse fato dificulta ou até mesmo impossibilita o trabalho. Concordamos, então, com pesquisadores, como Sousa (2011, p. 22), quando afirma que “uma ruptura com o arranjo tradicional que vigora nas escolas brasileiras pode aproximar a avaliação daquilo que a legislação preconiza”.

## ***7.2 Categoria Visão do Saresp***

O tratado nesta categoria abre-nos a horizontes de compreensões e articulações de muitos dos aspectos tratados neste trabalho e irradia-se para a interpretação de outras categorias. Mais do que isso, revela o modo pelo qual o Saresp é visto e tido na realidade escolar em que sua avaliação incide.

Expomos aqui a visão dos depoentes acerca do Saresp, articuladas com os documentos que tratam dos temas tratados, abarcando modos de ver esse sistema de avaliação na maneira em que ele se mostra e se faz presente na realidade escolar. Esta categoria entrelaça sentidos e significados que dizem: da *aplicação do Saresp*; dos *objetivos do Saresp e características dos instrumentos de avaliação do Saresp*; do *conteúdo e nível de dificuldade das provas*; da *relação das avaliações feitas pelo professor com o Saresp*; das *análises críticas ao Saresp*; de *outros modos visualizados de avaliar*.

### 7.2.1 Aplicação do Saresp

Quanto à participação dos professores como aplicadores do Saresp, permitida com a condição de aplicarem em escola diferente daquela em que lecionam, os depoentes SP1 e SP4 dizem ter participado na aplicação do Saresp em 2010; SP2, SP3 afirmam nunca ter participado e SP7 não participou em 2010. Já os depoentes SP5 e SP6 não mencionaram se participaram ou não.

Os depoentes também efetuam colocações acerca do modo como observam a aplicação das provas do Saresp. Por exemplo, SP2 e SP5 acreditam que é uma prova bem aplicada, séria e preparada por pessoas que estudaram para isso. O sujeito SP3 observa que é bem organizada e não sabe se há possibilidade de haver fraude, no sentido de o aplicador falar a resposta aos alunos.

As depoentes SP4 e SP6 afirmam que na escola e região em que trabalham a aplicação foi feita de forma correta, porém relatam que leram no jornal a notícia e ouviram boatos de que em algumas escolas respostas corretas foram informadas aos alunos. Mas, elas mesmas, afirmam que não sabem se é verdade. A depoente SP6 relata que na escola em que trabalha isso não aconteceu, inclusive conta que no ano anterior havia um erro em uma das questões e quem estava fiscalizando a aplicação na sala de aula pediu informações sobre o que fazer, mas não permitiu que funcionários da escola adentrassem a sala, o que demonstra o rigor da aplicação.

A depoente SP7 considera a prova do Saresp bem elaborada e que a aplicação melhorou, pois anteriormente ouvia dizer que o professor ajudava os alunos, porém atualmente os professores são aplicadores em escolas diferentes daquelas em que trabalham, o que minimizaria esse tipo de problema. Alerta que não sabe até que ponto isso funciona.

A depoente SPC2 pondera que a aplicação das provas do Saresp é confiável, de acordo com o que percebe e, com a troca de professores entre escolas para a aplicação, não se têm mais dúvidas. Ela disse que ouve comentários de que há informações sobre as respostas corretas aos alunos, mas onde trabalha sempre levaram o Saresp a sério e nunca ficaram sabendo das respostas corretas antes das provas. A depoente SPC3 concorda e complementa que o professor trabalha com valores morais e não quer ficar malvisto nesse sentido, além de que se têm professores de outras escolas como aplicadores, eles não conhecem os alunos, suas dificuldades, então, provavelmente, não iriam ajudá-los na hora da prova. Considera que é difícil para o professor que trabalhou

com os alunos o ano todo, que valorizou cada avanço, vê-los frustrando-se com uma prova muito difícil, então poderiam até querer ajudar.

Na opinião da diretora SD1 o Saresp é muito sério. Teme fazer algo errado e depois ser repreendida ou ter que responder a um processo judicial. Então, procura fazer as coisas da maneira correta e cobra que as pessoas também façam. Não gosta quando no papel está escrito uma coisa e na prática acontece outra, pois em algum momento a mentira é descoberta, por isso não vê o porquê de seus próprios professores não aplicarem o Saresp. Conta que nas escolas municipais foram os professores da própria escola que aplicaram, mas em salas em que não lecionavam.

A depoente SD2 afirma que a prova do Saresp é bem aplicada e questiona o fato de haver fiscais, pois a escola nunca adulterou os dados da prova, já que é trabalhado para se saber exatamente o resultado sem professor ensinando aluno na hora da prova.

Nos depoimentos dos alunos são evidenciadas características relativas ao momento da aplicação do Saresp, que serão pontuadas na sequência deste texto. Destacamos que todos os grupos de alunos afirmam que não era permitido conversar durante as provas, nem consultar outro material além do entregue ali no momento, podendo portar apenas lápis, caneta e borracha. Além disso, alguns afirmam que conseguiam ver as provas dos colegas, outros observam que não conseguiam, mas todos ponderam que as provas eram diferentes, portanto a cola estava impossibilitada ou muito difícil de ser feita.

Os alunos do grupo GA1 afirmaram não haver fiscal de prova dentro da sala, apenas no corredor da escola. Esses fiscais acompanhavam os alunos até o banheiro. Dessa forma, compreende-se que os alunos não atribuem a palavra “fiscal” para os professores aplicadores que permanecem nas salas com eles.

Os alunos do grupo GA2 relatam que na organização da sala no dia da prova: os alunos foram dispostos em ordem numérica; os fiscais ficavam no corredor e não dentro da sala, onde só ficava o professor observando os alunos realizarem as provas; para irem ao banheiro deviam pedir permissão à professora, que chamava o fiscal para acompanhá-los, não possibilitando, assim, que alunos se encontrassem com outros fora da sala de aula para pedir informações sobre a prova. A depoente BF6 considera importantes essas atitudes para evitar colas e garantir que a prova seja feita sem consulta a nenhum material, na medida em que isso permite que os alunos se autoavaliem e saibam seus pontos fortes e fracos. A depoente BF6 relata que no Saresp de 2010 as provas vieram envoltas em um plástico e dentro de um pacote lacrado, questionando a

quantidade de dinheiro gasto e o prejuízo causado ao meio ambiente, afirmando que deveria vir um lacre só. O depoente BF4 acha que a aplicação e organização das provas do Saresp e do Enem são mal feitas, não explicitando o motivo de ter essa opinião.

Os depoentes do grupo GA3 afirmam que não podia pedir informações sobre a prova para a professora. Relatam que conversaram durante o Saresp, mas não sobre as questões, já que as provas estavam diferentes. Quanto à organização da prova, dizem sobre a existência do fiscal no corredor, que passava nas salas olhando.

Segundo os alunos do grupo GA7, os professores que aplicaram as provas não eram da escola e os alunos não os conheciam. Observam que o Saresp teve as características parecidas com as de um vestibular: não podia conversar, ligar celular, pesquisar nenhum material.

Os depoentes do grupo GA8 relatam que, para ir ao banheiro, era necessário pedir ao fiscal que ficava andando o tempo todo pela sala de aula, sendo que, então, ele chamava alguém para acompanhar o aluno. Nesse grupo atribui-se a palavra fiscal ao professor aplicador.

A depoente AM1 relata que os alunos não respeitavam o que o fiscal de prova falava, pedindo silêncio, pois a prova estava fácil. Dessa forma, o pessoal comentava jocosamente sobre as questões com conteúdos sem inteligência, provocando risos na classe. Além disso, por mais que os cadernos de prova fossem diferentes, pediam cola aos colegas.

No grupo GA10, os alunos AM2, AM3 e AM4 afirmam não poder conversar durante a prova, mas que alguns alunos conversaram uns minutinhos antes de começar. O depoente AM4 afirma que não podia haver nada sobre a carteira e os celulares deviam estar desligados.

Os alunos do grupo GA11 relatam que a maioria da sala não conversou, porém alguns alunos pegaram a prova e marcaram rapidamente quaisquer alternativas na folha de respostas e, então, ficaram falando.

Os alunos do grupo GA12 afirmaram que alguns poucos conversaram durante a prova, mesmo não sendo permitido.

### **7.2.2 Objetivos do Saresp**

Neste subitem, expomos as percepções dos depoentes acerca dos objetivos que eles visualizam para o Saresp, ou seja, as finalidades que o Saresp está apontando no cotidiano da escola. Destacamos que o objetivo anunciado do Saresp 2010, além de seus

resultados serem utilizados no cálculo do Idesp e, conseqüentemente, como critério do acompanhamento das metas, foi de

fornecer informações consistentes, periódicas e comparáveis sobre a situação da escolaridade básica na rede pública de ensino paulista, assim como, de ser capaz de orientar os gestores do ensino no monitoramento das políticas voltadas para a melhoria da qualidade da Educação Básica do ensino. (SÃO PAULO, 2011, p. 3).

Na realidade escolar, compreendida em termos dos depoimentos obtidos dos sujeitos significativos das duas escolas selecionadas, esses objetivos vão sendo percebidos em diferentes nuances e de diferentes perspectivas.

SP1 pondera que o Saresp, atualmente, está sendo utilizado para avaliar os professores, e não os alunos, porém considera que não avalia nem um nem outro corretamente, já que os alunos não levam a prova a sério, ou seja, não a assumem de modo responsável.

A depoente SP2 afirma que o propósito do Saresp é ver como a educação está se transformando no decorrer dos anos. Porém, diz que a proposta não está explícita, pois não é dado retorno de diversos aspectos, pelos organizadores do Saresp, apontando especificamente o não acesso aos erros dos seus alunos. Entendemos, no contexto do depoimento obtido, que a depoente coloca o Saresp sob suspeição pelo fato de não serem transparentes todos os instrumentos utilizados, fazendo com que, na sua visão, os objetivos subjacentes e mais profundos sejam obscurecidos.

O sujeito SP3 entende que o governo precisa de alguma medida em relação ao modo pelo qual o ensino na rede está ocorrendo, para poder trabalhar, e que algum tipo de avaliação deve ser efetuada. Considera que o Saresp é conveniente para controlar o fluxo de alunos entre as séries, uma vez que o número de alunos reprovados entra no cálculo do Idesp como “punição”, já que é calculado multiplicando-se o desempenho no Saresp pelo índice de fluxo, que nada mais é do que a quantidade de alunos aprovados, variando de 0 (nenhuma aprovação) a 1 (todos alunos aprovados)<sup>161</sup>.

A depoente SP4 observa que a avaliação do Saresp é importante para que o Estado verifique a situação do ensino como um todo, mas afirma não concordar com a maneira como está sendo feita, ou seja, não concorda com a culpabilização do professor pelo desempenho dos alunos, devido ao vínculo com o bônus.

---

<sup>161</sup> Explicações mais detalhadas sobre o cálculo do Idesp se encontram no item “Idesp e bonificação por resultados”.

O depoente SP5 entende que o Saresp serve para avaliar a escola no sentido de como está incorporando os métodos e materiais de uso obrigatório, e não para avaliar os alunos. Afirma que esses métodos são opcionais, mas que as consequências são diferentes, se são incorporados ou não.

Ele está se referindo ao material encaminhado pela SEE a partir de 2008 e que, conforme mencionado anteriormente, é composto de Caderno do Aluno, Caderno do Professor e Caderno do Gestor<sup>162</sup>. A depoente SP6 afirma que na escola em que leciona explicam aos alunos que o Saresp é um sistema para avaliar o ensino e pode trazer verbas e melhorias para a escola e não somente bônus aos professores. Essas melhorias não são especificadas pela depoente e, nos documentos oficiais, encontramos propostas nesse sentido quando se trata das escolas prioritárias, tema a ser abordado na categoria “Encaminhamentos pedagógicos e políticos por meio dos resultados do Saresp”.

A depoente SP7 entende que o Saresp está servindo politicamente para que o governo mostre os números do desempenho nessa avaliação, que estão aumentando quantitativamente, mas não qualitativamente. Enquanto pesquisadoras, ponderamos que a depoente poderia estar se referindo ao Idesp, índice sobre o qual incidem as metas propostas pelo Estado. Afirma que o Saresp não tem uma preocupação com a educação, embora considere importante a avaliação para que se tenha ciência de como está a educação. Entretanto, pondera que deveria haver outra política que caminhasse junto ao Saresp, como a de valorização do professor, em termos de salário e de formação. Comenta o resultado do país no Pisa<sup>163</sup>, ou seja, o fato de o Brasil ter ficado em 57º lugar, entre 65 países, em 2009. Quanto às implicações desse fato, menciona que foi exaltado pela mídia que houve melhora, entretanto o que melhorou foi a média, mas as notas no Brasil continuaram baixas.

Na visão do coordenador pedagógico SPC1, o Saresp é utilizado, na prática, para calcular o Idesp, e SPC3 afirma que o Saresp é trabalhado como diagnóstico das dificuldades dos alunos, para nortear o trabalho da escola. Já o depoente SPC4 considera que o Saresp está servindo somente para punir os professores.

A depoente SD1 entende que no cotidiano escolar o Saresp é utilizado para detectar as falhas da escola e redirecionar o planejamento das atividades e modos de se trabalhar em sala de aula. Afirma que a escola é cobrada e então tenta melhorar, sendo

---

<sup>162</sup> Lembramos que essa Proposta Curricular torna-se referência obrigatória para a rede oficial de ensino de São Paulo, segundo a Resolução SE nº 76 de 11 de novembro de 2008.

<sup>163</sup> *Programme for International Student Assessment*. Tratado no item “3.2 Participação do Brasil em Avaliações Internacionais”

necessário que tentem estratégias diferentes das que estavam utilizando, senão não se saberá se vai dar certo. Já a SD2 acha que o resultado do Saresp é usado para premiar a escola com o bônus ou não, dependendo de ter atingido ou não a meta de aumento do Idesp, tendo utilidade para a política estadual quando verifica se a qualidade do ensino está melhorando.

Em relação aos alunos, também observamos diversos objetivos atribuídos ao Saresp. Por exemplo, os depoentes do grupo GA1 afirmam que o Saresp poderia reprovar, caso o aluno não participasse, ou ajudar na promoção dos alunos que estivessem numa situação instável, ou seja, não sabendo se seriam aprovados ou não. Além disso, entendem que o Saresp teria outros objetivos, como prepará-los para as provas de um curso superior, além de submeter a teste o conhecimento produzido e o ensino trabalhado no Estado de São Paulo.

O aluno BF4 entende que o Saresp é uma maneira de avaliar o desempenho do aluno, a escola e o Estado, além de ser utilizado para medir o Idesp, índice por meio do qual os professores teriam aumento salarial, portanto relacionado ao resultado das provas efetuadas pelos alunos.

A depoente BF6 considera que, se o Saresp avaliar bem a escola, serão enviados mais computadores para a sala de informática e os alunos não precisarão mais sentar em dois por computador, economizando tempo em trabalhos individuais que têm de ser feitos. Relata que alguns alunos não se interessam pelo Saresp, fato que prejudica os que se interessam.

Os depoentes do grupo GA3 e GA4 entendem que o Saresp é uma prova para verificar o que eles aprenderam, mas somente o desempenho da escola no geral, já que eles não têm acesso aos resultados individuais. A depoente AF2 afirma que o Saresp seria usado para promoção do aluno para o próximo ano letivo, porém o resultado é divulgado somente no outro ano; a depoente entende que, para os professores, o Saresp se refere à reputação da escola. Já para AF4, o Saresp é um dispositivo para mostrar o que os professores estão ensinando, pois falaram algo para ele que se o resultado for bom, vai aumentar o salário.

Os alunos do grupo GA6 e GA7 percebem o Saresp como uma prova para identificar os conhecimentos alcançados, os progressos e as dúvidas apresentados durante os anos do Ensino Médio e refletir sobre eles. Além disso, o depoente BM1 afirma que é uma espécie de etapa para saber como funciona um vestibular, com lugar certo, regras disciplinares e hora marcada, não podendo conversar com os colegas.

O depoente BM3 acredita que o Saresp não atribui muita importância ao resultado do aluno individualmente, e sim ao resultado geral da série. Dessa forma, esses resultados são considerados para avaliar a escola, o ensino dos professores e o desempenho que os alunos tiveram mediante tal ensino.

Os alunos BM5, BM6 e BM7 acham que o Saresp tem por meta verificar se o que deve ser aprendido na escola é o que de fato está se fazendo nas salas de aula, além de verificar como está o desenvolvimento do aluno em relação às matérias trabalhadas. A depoente AM1 afirma que o Saresp é uma prova que o governo faz para ver se os alunos estão bem. Acha que atualmente o Saresp é uma desculpa para a aplicação do Questionário de Contexto<sup>164</sup> e investigar a vida do brasileiro. Desse modo, sua percepção revela que está colocando sob suspeita os objetivos explícitos do Saresp.

O aluno AM4 pondera que o Saresp é o *feedback* sobre o aspecto do ensino, portanto é um meio de testar conhecimentos e retratar como está o ensino. Dessa forma, deve-se levar o Saresp a sério, pois a educação se torna importante até na hora de se escolher um candidato nas eleições; além de ser uma preparação para prestar um processo seletivo.

Os depoentes do grupo GA11 entendem que o Saresp é um bom meio de obter informações sobre o nível das escolas públicas. Além disso, é importante para que os alunos possam avaliar o que eles aprenderam. A depoente AM6 diz que o Saresp é uma espécie de preparação para outras provas, como o Enem.

Os depoentes do grupo GA12 afirmam que o Saresp serve para ver como está ocorrendo o ensino da escola, como está o rendimento da escola e não dos alunos. Afirmam que o Saresp é bom para que os alunos se autoavaliem em relação aos seus conhecimentos e para efeito de treino para vestibulares, porém AF7 prefere ver o que importa no momento e AF9 não se importa em levar o nome da escola.

### **7.2.3 Características dos instrumentos de avaliação do Saresp**

Neste subitem, explicitaremos as características apontadas pelos depoentes acerca dos instrumentos de avaliação do Saresp, ou seja, sobre o questionário de contexto e as provas. Em relação às últimas, trazemos considerações sobre sua correção, o conteúdo abordado e o nível de dificuldade percebido. Observamos que informações

---

<sup>164</sup> Questionário aplicado aos alunos e pais coletando informações socioeconômicas e de percepção da vida escolar.



obtidas em documentos sobre todos esses instrumentos de avaliação estão no item “Saresp 2010”.

### **7.2.3.1 Questionários de Contexto**

A depoente SD1 afirma que a direção e os professores que aplicam as provas respondem a um questionário. O da direção é composto por perguntas do tipo: quanto tempo trabalha nessa escola, qual o curso em que se formou, quanto tempo está na direção da escola, qual a sua formação, quantos alunos há na escola. Já do questionário dos professores ela não sabe o teor das questões, porém destacamos que esse questionário perguntava sobre diversos fatores com relação às características profissionais, acadêmicas, individuais, culturais e outras (SÃO PAULO, 2011d, p. 101). Por exemplo: “Quanto tempo da aula você gasta para tratar de atividade como organização da turma, chamada, avisos, problemas disciplinares?” Ou “Você corrige e devolve lições de casa?” Ainda: “Há quantos anos você exerce esse cargo?”

A mesma diretora relata que os alunos respondem a um questionário socioeconômico que é entregue a eles, antes do Saresp, sendo respondido em casa junto com os pais e devolvido para a escola em um prazo estipulado. Observa que tem de cobrar os alunos, pois eles perdem, esquecem ou não respondem a esse questionário. Depois que eles o entregam na escola, os questionários respondidos são enviados para a Diretoria de Ensino. Destacamos que os questionários dos alunos foram preparados em três tipos: um para os 3<sup>os</sup> e 5<sup>os</sup> anos do Ensino Fundamental, com 41 questões; um para os 7<sup>os</sup> e 9<sup>os</sup>, com 58; e outro para as 3<sup>as</sup> séries do Ensino Médio, com 62. (SÃO PAULO, 2011d, p. 1 e SÃO PAULO, 2010c, p.8).

A depoente AM1 relata que o questionário de contexto chegou na escola uns dois meses antes do Saresp, pois os alunos tiveram que levar para casa, já que uma parte era para os pais responderem, e depois entregarem na escola. Observa que quando estava no 9º ano, o questionário veio junto com a prova.

### **7.2.3.2 Correção das provas**

A depoente SD1 afirma que a única correção do Saresp feita na escola é a referente às Redações que não são enviadas para a Diretoria de Ensino. Para correção externa é enviada uma amostra de 10% de uma classe de cada série, entre as que participaram do Saresp, ou seja, em torno de três alunos por série avaliada. A correção da Redação na escola é feita de acordo com instruções recebidas, atribuindo-se notas de

1 a 5, e depois digitadas em planilhas, em que se sabe qual é o nível de desempenho do aluno avaliado. Observa que ainda não sabe se essa planilha com os resultados das Redações ficará na escola ou será enviada para Diretoria de Ensino. Os depoentes do grupo GA7 e GA8 afirmam que as outras Redações, das demais 3<sup>as</sup> séries, que não participaram da amostra, serão corrigidas na escola. Observamos que as demais Redações permanecem na escola para serem corrigidas pelos docentes, e, em 2010, não foram enviados os demais resultados para processamento da assessoria externa, somente a amostra de 10%, conforme São Paulo (2011a, p.12 e p.66). Ela informa que na prova de Matemática que tem itens com respostas construídas pelos alunos não foi uma amostra da classe, e sim uma classe toda. Ainda, a correção não foi feita na escola.

### **7.2.3.3 Conteúdos e nível de dificuldade**

A depoente SP2 atualmente trabalha com seus alunos o material referente ao Currículo do Estado e o livro didático, relatando que, após realizarem a prova do Saresp, os estudantes são unânimes em dizer que o conteúdo abordado nas provas se assemelha ao conteúdo do livro didático. Entende que a prova do Saresp privilegia os conteúdos, enquanto o Caderno do Aluno se preocupa mais com a didática.

Entendemos que a preocupação da depoente é causada por pouco conhecimento acerca do que consta no documento que estabelece como o Currículo de Matemática deve ser trabalhado, no qual não fica fechada a opção de se usarem livros didáticos e outros materiais. Somente é destacado que o professor deve optar por apresentar o máximo possível dos conteúdos de cada bimestre, que, conforme informações no mesmo documento, não se distanciam daqueles comumente oferecidos nos livros didáticos e em outros sistemas de ensino. Entendemos, inclusive mediante análise do Caderno de Professor e do Aluno, que o que se diferencia entre os livros didáticos e tal material é apenas o modo como os conteúdos são abordados, destacando que uma maneira não exclui a outra, e sim ambas se complementam. Para corroborar nosso raciocínio, expomos que a ideia norteadora do Currículo é fornecer meios para o professor apresentar “cada tema de uma maneira especialmente significativa do ponto de vista de seu valor formativo e construir uma articulação entre os diversos temas, de modo que se auxiliem mutuamente.” (SÃO PAULO, 2010d, p. 51-52).

Sobre a relação desse material com o Saresp, é explicitado que o tratado no Currículo

são as referências essenciais para o estabelecimento das matrizes de avaliação do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp), dos programas de reforço e recuperação e dos cursos de formação continuada de nossa Escola de Formação de Professores. (SÃO PAULO, 2010d, p. 3)

Dessa forma, o que destacamos é o relato de depoentes. O SP3, por exemplo, afirma que no ano anterior viu uma avaliação do Saresp e notou uma grande diferença entre o conteúdo abordado na prova e o abordado no material do Currículo enviado às escolas. Entende que o Saresp exige mais que esse material, porém serve para avaliar o trabalho do depoente já que ele usa também o livro didático.<sup>165</sup>

No mesmo sentido de SP3, o depoente SP5 não acredita que o Saresp seja uma avaliação que apresenta exatidão, por não corresponder àquilo que o aluno aprende na escola. Ouviu professores de Matemática reclamarem que o conteúdo ministrado aos alunos, relativo ao material do Currículo, não correspondeu ao que foi abordado pela avaliação do Saresp.

Evidenciamos a concepção de avaliação do depoente, segundo nosso entendimento: como uma correspondência biunívoca entre o ensinado e o aprendido ou entre o assunto trabalhado e questões que se refiram diretamente a ele. Portanto, quando o que é cobrado na avaliação não corresponde ao ensinado, segundo o depoente, não há exatidão na avaliação.

A depoente SPC3 também observa que, a partir do momento em que o Saresp cobra conteúdos que não estavam no material enviado pelo governo, os alunos questionam o porquê de aprender tal conteúdo (do material) se não será cobrado no Saresp. Ela viu a prova do Saresp, pois sempre pede autorização ao fiscal para analisá-la rapidamente e observou que foi bastante focada em conteúdos e não em habilidades, que é como se trabalha na escola. Vê uma divergência entre o que foi trabalhado e o que foi pedido, por exemplo, nos 9<sup>os</sup> anos, em que se trabalha com artigo de opinião e no Saresp não foi cobrado esse gênero textual<sup>166</sup>.

Afirma que no Saresp foram cobrados conteúdos referentes ao quarto bimestre do 9º ano, que ainda não haviam sido trabalhados no Caderno do Aluno, do Currículo

<sup>165</sup> Entendemos ser essa observação importante, porém não é possível efetuar-la no bojo desta pesquisa. Nós a apontamos, então, como possível tema de pesquisas futuras, pois demanda análises apropriadas das provas do Saresp e dos conteúdos do Currículo do Estado e dos livros didáticos. Ressaltamos que não há uma opinião unânime entre os depoentes acerca da convergência desses conteúdos, conforme poderá ser observado nas exposições de depoimentos expostos no texto.

<sup>166</sup> Destacamos que essa informação não encontra correspondência com a prova do Saresp, pois, conforme constatamos nos relatórios, foi cobrado um artigo de opinião nas provas dos 9<sup>os</sup> anos.

do Estado, o que pode ocasionar problemas. Observa que há uma discussão porque a Secretaria da Educação exige que se siga o material enviado, porém esse material não subsidia a prova do Saresp, então tem-se que acrescentar conteúdos por meio do livro didático a todo o momento e não só usar o livro como suporte. Conta que trabalha focando na aprendizagem do aluno, nos conteúdos que são importantes na vida escolar e não somente visando ao Saresp, que vê como um indicador de desempenho.

O depoente SPC4 afirma que a elaboração do caderno de questões do Saresp que viu estava boa, mas o que estava sendo cobrado na prova não era o mesmo trabalhado no material enviado pelo governo, e sim o mesmo que o professor trabalha em sala de aula. Pondera que o professor nem sempre trabalha esse material, por não estar de acordo com a situação vivida pelo aluno, não tendo como trabalhá-lo em certas situações. Inclusive, conta que a escola está pedindo a reformulação do material.

Já a depoente SP4 observa que o conteúdo cobrado no Saresp é basicamente o mesmo trabalhado em sala de aula, pois como o Saresp vem se estabelecendo há tempos, procura também trabalhar o que vem sendo pedido. Afirma trabalhar com os alunos os conteúdos que pondera serem importantes em relação ao ano de estudo e afirma que o Saresp cobra esse conteúdo. Sugere que nas provas do Saresp sejam abordados menos os conteúdos do último bimestre da série avaliada, pois em geral não há tempo hábil de ministrar esse conteúdo aos alunos, já que se deve seguir o ritmo de aprendizado da sala. Cita, como exemplo, o fato de que não teve tempo para ensinar aos alunos do 9º ano os conteúdos do quarto bimestre. Então na escola em que trabalha, no ano seguinte, no planejamento das atividades, o professor que lecionar para o 1º ano começará com esse conteúdo, para que os alunos não sejam prejudicados.

A professora SP6 também afirma que a prova de Matemática do Saresp tinha geometria e fração, conteúdos trabalhados no material enviado pelo governo relativo ao Currículo, portanto a prova estava de acordo com a realidade escolar.

Os alunos também expuseram, em seus discursos, opiniões e visões acerca do conteúdo cobrado nas provas do Saresp. Por exemplo, os alunos do grupo GA1 relatam que as questões do Saresp são relacionadas com o conteúdo abordado no Caderno do Aluno referente ao Currículo do Estado. Sugerem que sejam cautelosos quanto ao conteúdo cobrado, pois em 2010 eles não tiveram a matéria do 4º bimestre e ela foi bastante cobrada no Saresp.

O grupo GA2 observa alguma relação entre a prova do Saresp e o conteúdo abordado no material referente ao Currículo, mas muitos conteúdos cobrados no Saresp

são assuntos que aprenderam há muito tempo e do qual não se lembram. Foram cobrados, também, conteúdos que ainda não tinham sido abordados, pois o material que o governo envia não chega no tempo adequado, de acordo com o calendário escolar, fazendo com que o professor adie o começo do trabalho com os novos conteúdos. A depoente BF5 afirma que o que foi cobrado na prova era para ter sido ministrado em sala de aula, mas que às vezes não foram por motivos como: falta de competência de algum professor ou falta de tempo.

Os alunos do grupo GA3 afirmam que os professores usam o material referente ao Currículo do Estado e que havia questões parecidas entre a matéria abordada no material e o Saresp. Os depoentes do grupo GA4 dizem que a maioria das questões do Saresp eram referentes aos conteúdos abordados nos livros didáticos e não no Caderno do Aluno, material referente ao Currículo do Estado. Relatam que o material mais usado na escola é o Caderno do Aluno ou conteúdos ministrados pelos professores na lousa.

O depoente BM3 relata que foi cobrado conteúdo básico em Matemática, para verificar se os alunos sabiam ao menos aquilo, sendo que questões mais complicadas foram poucas.

O depoente AM4 acha que o Saresp de 2010 expressou o ensino que eles têm na escola de modo pleno, uma vez que os alunos tiveram facilidade e conhecimento suficiente para responder às questões da prova. O depoente AM3 relata que foram cobrados conteúdos ministrados até a 2ª série do Ensino Médio. O depoente AM5 afirma que tudo que foi cobrado no Saresp o professor havia ministrado.

Os depoentes do grupo GA11 afirmam que tudo que a professora de Língua Portuguesa ensinou foi cobrado no Saresp. De Matemática também, mesmo o professor não tendo feito revisão, pois continuou a ministrar o conteúdo normalmente, sem levar em conta o Saresp.

Os depoentes afirmam que foi cobrada alguma coisa do Caderno do Aluno de Matemática no Saresp. Porém, dos volumes 3 e 4 eles não sabem, pois não estão usando.

Os depoentes AM7, AM8 e AM9 relatam que muito do conteúdo solicitado no Saresp eles viram em 2010 ou em 2009 com o professor de Matemática. Os depoentes do grupo GA12 afirmam que o professor de Matemática explicava o conteúdo do material referente ao Currículo do Estado de maneira diferente, sendo que disso que ele explicou entrou bastante coisa no Saresp.

Em relação ao nível de dificuldade das provas, os depoentes professores e da equipe de gestão tecem considerações baseadas em comentários dos alunos, já que não têm acesso às provas como um todo. Por exemplo, SP7 ouviu de seus alunos que a prova objetiva não estava difícil, que dava para fazer, porém, a prova com itens de respostas construídas estava difícil.

Já os alunos apontam considerações baseadas nas provas que fizeram. Todos os grupos de alunos do Ensino Fundamental, do GA1 ao GA5, relatam que no primeiro dia do Saresp foi prova de Língua Portuguesa e Matemática e no segundo dia, Ciências e Redação, demonstrando atenção no momento da prova. Já no Ensino Médio, há confusão quanto ao que foi cobrado nas provas, conforme será exposto nos depoimentos desses grupos de alunos.

Sobre as características das provas, os alunos do grupo GA1 afirmam que: no primeiro dia a prova foi composta por 24 questões de Matemática e 24 de Língua Portuguesa; o tema da Redação era um artigo de opinião sobre a internet e uma carta; não havia itens com respostas construídas pelos alunos, apenas questões com alternativas nas provas; somente a outra classe fez parte da amostra que respondeu alguns itens com respostas construídas pelos alunos.

No grupo GA1, o aluno BF1 considerou a prova de Matemática difícil, BF2 achou o nível de dificuldade mediano e BF3 afirma que as provas de Língua Portuguesa e Ciências estavam fáceis, e a de Matemática não estava difícil, porém continha algumas questões que não puderam ser feitas, pois eram referentes a conteúdos do 4º bimestre do Caderno do Aluno que não haviam sido ministrados ainda.

Os alunos do grupo GA2 relatam que a Redação era um artigo de opinião sobre o espaço que a carta pode ter (ou se ainda tem) após a expansão da comunicação via internet. Acham um absurdo a requisitarem que se escreva um texto em, no mínimo, seis linhas. Alegam que em seis linhas não seria possível expressar uma opinião, colocar argumentos, defender ideias. BF5 e BF6 relatam que suas redações tiveram entre 28 e 30 linhas, sendo que o máximo de linhas era em torno de 30. BF5 acha que, se a pessoa pensa em seu futuro, ela vai escrever uma Redação adequada, caso contrário ela fará nas seis linhas mínimas. Relatam que as provas eram compostas de 26 cadernos diferentes, portanto não era possível colar. Os alunos do grupo GA2 afirmam que acharam a prova fácil em geral. Para BF4, a de Matemática estava mais fácil que a de Língua Portuguesa, porém BF5 diz que para ela não.

O grupo GA3 é da classe de 9º ano que fez os itens com respostas construídas pelos alunos de Matemática. BF7 pondera que essa prova estava mais fácil que as outras provas do Saresp e fez todos os itens. Já BF8 achou muito difícil e não fez uma questão. Afirmam que a prova de Matemática estava mais difícil do que fácil e que a de Língua Portuguesa estava mais fácil.

Os alunos do grupo GA4 acharam o nível de dificuldade das provas mediano, ou seja, nem fácil, nem difícil. A aluna AF2 afirma que diversas questões não foram possíveis de serem respondidas, pois, apesar do ensino na escola ser ótimo, a sala de aula em que ela estuda é muito indisciplinada, prejudicando o aprendizado.

Os depoentes do grupo GA4 acharam difícil a prova aberta de Matemática do Saresp. Relatam que era composta por cinco questões, sendo que eles fizeram aquelas cujo conteúdo tinham aprendido e se lembravam. A depoente AF1 fez todas as questões e AF2, quatro. Perceberam a prova de Matemática mais difícil que as outras, pois as outras provas eram de interpretação de textos. Consideraram a Redação fácil, por se tratar de um artigo de opinião, gênero textual que foi bastante trabalhado pelo professor em sala de aula.

Os alunos do grupo GA5 afirmam que o tema para a Redação era uma opinião, se os alunos consideram que na época da internet há espaço para cartas. O depoente AF8 afirma que o tema já foi bastante discutido, pois é falado que atualmente as pessoas adquirem manias de escrita da internet, como abreviações, portanto deveria ter sido abordado um tema mais importante. Os depoentes AF6, AF7 e AF8 acharam a prova de Matemática difícil. Já AF5 achou fácil.

O aluno AF8 fez um vestibulinho para uma escola técnica e afirma que estava muito mais difícil que o Saresp. Diz que teve certa facilidade para responder às questões do Saresp, exceto pelo fato de algumas delas apresentarem um texto muito grande e se ter pouco tempo para ler, o que também ocorreu no vestibulinho.

Os depoentes do grupo GA5 afirmam que os textos das questões do Saresp eram enormes e que as perguntas tinham respostas muito evidentes, sugerindo, então, que fosse mais de uma questão por texto, pois a prova foi muito cansativa.

Os depoentes do grupo GA6 dizem que a prova aberta de Matemática estava com as três primeiras questões fáceis e as outras duas difíceis, tanto que a maioria da classe não conseguiu fazer. As demais provas estavam mais fáceis, desde que as questões fossem lidas atentamente. Porém, sinalizam algum grau de dificuldade em algumas questões. O depoente BM2 relata ter feito o Enem e que esse exame continha

questões mais complicadas que o Saresp, requisitando mais esforço e abrangendo questões mais amplas. Além disso, afirma que as pessoas falam que o Saresp é uma imitação do Enem.

Os depoentes do grupo GA6 relatam que foram cobrados no primeiro dia do Saresp: Língua Portuguesa, Matemática, Física, História, Química e Geografia. No segundo dia: Filosofia, Sociologia, Matemática, Língua Portuguesa, Química e Física. Portanto os alunos demonstram confusão ao responder quais matérias foram efetivamente cobradas no Saresp, já que foram cobradas apenas Matemática, Língua Portuguesa e Ciências da Natureza (Biologia, Física e Química). Falam que as provas do primeiro dia estavam fáceis, porém a de Língua Portuguesa apresentava textos e alternativas grandes.

Os depoentes do grupo GA7 afirmam que as provas do Saresp estavam fáceis, com poucas questões complicadas e a maioria com textos e interpretação, passando a impressão de que a prova pretendia verificar se os alunos haviam trabalhado com aquele conteúdo, com perguntas simples, que não exigiam muitos cálculos, e sim interpretações, porém a prova aberta de Matemática estava difícil. Relatam que cobraram Língua Portuguesa e Matemática no primeiro dia de prova e Química, Física e Biologia, no segundo dia. No primeiro dia também foi aplicada uma prova de Matemática aberta para uma sala apenas, com o objetivo de, segundo eles, verificar se essa sala não tinha “chutado” as alternativas, portanto eles deveriam enviar, junto com a prova, o rascunho com o raciocínio que os levou à resposta. Já, no segundo dia, eles escolheram outra sala para fazer a Redação que seria entregue para correção.

Afirmam que, nas disciplinas que não estudaram regularmente por falta de professor durante o ano, tiveram maior dificuldade em responder a prova, como foi o caso de Matemática, já que ficaram sem professor durante quase dois bimestres, concluindo que foi a prova mais difícil. Os depoentes BM6 e BM7 dizem que a prova aberta de Matemática foi composta por cinco questões que não tinham alternativas, portanto todos os cálculos deviam ser expostos, impedindo o “chute”. Assim, os alunos fizeram algumas e outras deixaram em branco, por não saberem responder.

A depoente AM1 relata que no primeiro dia de prova foi História, Geografia, Biologia e outras matérias do mesmo tipo. Já no segundo dia foi Língua Portuguesa, Matemática e Redação. Observar confusão de disciplinas efetivamente cobradas, que foram Ciências da Natureza e não Ciências Humanas. Afirma que foi tranquilo responder as questões do Saresp, por mais que os textos e as perguntas estivessem



grandes, o que tornou a prova cansativa. Compara o Saresp com o Enem e afirma que a prova do Enem também possuía textos longos, porém as questões não eram bobas como no Saresp e a prova tinha coerência. Relata que algumas questões eram difíceis, mas que em geral estava “legal” de fazer o Enem. Entende que perguntas bobas são aquelas com um nível de dificuldade inferior à 3ª série do Ensino Médio, como questões acerca de planificação de figuras geométricas ou de interpretação de texto com a resposta óbvia; questões que não requerem muita concentração para serem respondidas. O tema da Redação foi sobre as palmadas dos pais nos filhos, e o gênero textual era um artigo de opinião.

Os depoentes do grupo GA10 afirmam que no primeiro dia do Saresp foram feitas as provas de Língua Portuguesa e Matemática. Já no segundo dia foram as demais matérias: Física, Química, Geografia, História, Biologia e Redação, ou seja, houve confusão quanto ao conteúdo que efetivamente foi cobrado. Acreditam que, no geral, a prova do Saresp estava muito fácil, com cobrança da maioria dos conteúdos do Ensino Fundamental até o 2ª série do Ensino Médio principalmente em Matemática. Açam que o nível de complexidade da prova deveria ser maior, pois, para que ingressem em um curso superior, quanto maior a quantidade de conteúdo aprendido, melhor. O depoente AM4 afirma que o Enem estava muito mais difícil que o Saresp.

Para os depoentes do grupo GA11, a prova de Língua Portuguesa e a de Matemática estavam com nível de dificuldade médio, mas no 2º dia de prova estava bem mais fácil, com questões que exigiam apenas interpretação. Os depoentes afirmam que o Saresp apresentou conteúdos desde o 9º ano do Ensino Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio. Relatam que no segundo dia foram as provas de Física, Química, Biologia e Redação. O tema da Redação era: Palmadas são positivas ou negativas na educação da criança? E o gênero era artigo de opinião. Açam que no primeiro dia estava mais difícil que no segundo.

Os depoentes do grupo GA12 relatam que as provas foram compostas por 48 questões de Língua Portuguesa e Matemática e 24 de Biologia, Física e Química. No 1º dia de prova foram cobrados Matemática e Língua Portuguesa e, no segundo, Redação, Química, Física e Biologia. Os depoentes do grupo GA12 afirmam que a prova de Língua Portuguesa estava fácil, conseguiram fazê-la tranquilamente. Na de Matemática, o depoente AM8 relata que algumas coisas não estavam fáceis.

O depoente AM7 achou que o Saresp tentou reproduzir o estilo do Enem, pois as questões do Saresp sempre foram curtas e na prova de 2010 os textos da prova de

Língua Portuguesa estavam enormes, assim como os do Enem. Relata que esse fato fez com que ele se perdesse na leitura das questões.

#### **7.2.4 Relação das avaliações feitas pelo professor com o Saresp**

Os depoentes ponderam, em diversos depoimentos, sobre a relação entre as avaliações feitas em sala de aula e a avaliação do Saresp. Apesar de esse tema já estar permeando outras discussões, neste subitem o olhamos com lente de aumento, já que em nosso movimento de redução, esse aspecto se mostrou nuclear quanto à visão expressada do Saresp.

O sujeito SP1 entende que os alunos fazem mais nas provas aplicadas pelo professor do que nas provas do Saresp, pois ele pede mais em termos de conteúdo e não dá provas-teste, somente provas dissertativas, assim os alunos não têm como apontar alternativas ao acaso. O depoente SP5 pondera que, na avaliação feita em sala ele avalia o conteúdo que está sendo ministrado e sabe quais são os alunos interessados ou não, pois está em contato com eles; já o Saresp é uma prova mais geral, por isso acha que as duas avaliações são diferentes. Por usar o material cujo conteúdo é cobrado no Saresp, o material referente ao Currículo, a depoente SP6 acredita que as avaliações que ela faz acompanham a avaliação do Saresp.

A depoente SP7 acha que a avaliação feita em sala de aula deveria ser como o Saresp, pois considera esta avaliação mais abrangente, mais global; enquanto que a avaliação em sala de aula é mais pontual, dividida em partes. Relata que, depois da implantação do Saresp, procura fazer uma avaliação parecida, mas é difícil na rotina do cotidiano escolar. Corroborando essa afirmação, a depoente SPC1 acha difícil um professor que consiga formular uma prova com questões baseadas nas habilidades e competências que o aluno deve ter. Pondera que o professor não tem tempo e nem essa concepção de elaborar provas, fazendo primeiro as questões e depois vendo quais habilidades estão sendo trabalhadas. Surge, também, a ideia de que o Saresp poderia permitir a comparação entre as avaliações feitas pelo professor e a avaliação externa, caso disponibilizasse as notas individuais dos alunos. Assim poderiam ver se estão trabalhando corretamente, ao implantar simulados e semana de provas bimestrais.

Segundo a depoente SPC3, a avaliação que o professor faz em sala de aula converge para a avaliação do Saresp, pois são tomados como base os mesmos critérios de competências e habilidades na preparação das avaliações.

A diretora SD2 é de opinião que o Saresp deveria ser mais próximo do professor. Entende que esse sistema avalia no nível geral e não no individual, mas que os professores querem saber como seus alunos se desempenharam na prova. Relata que há alunos que são mal avaliados pelos professores, mas que dizem ir bem no Saresp, surpreendendo a equipe escolar, e ter os resultados dele seria importante para olhar esse aluno de outra perspectiva.

Os alunos do grupo GA1 acham a prova que realizam com o professor de Matemática diferente em alguns aspectos em relação à prova do Saresp: podem estudar antes de fazer a prova do professor; a matéria cobrada na prova do professor é aquela ministrada em sala de aula e no Saresp, nem sempre; a prova do Saresp é de alternativas e a do professor é dissertativa, não podendo “chutar” a resposta.

Os depoentes do grupo GA2 relatam que em 2010 a escola implantou um sistema de provas bimestrais, que ocorrem em uma determinada semana, para todas as matérias da manhã e algumas da tarde. Afirmam que o Saresp é diferente dessas provas bimestrais, pois a prova da escola trata apenas da matéria do bimestre e o Saresp é um resumo de tudo que aprenderam desde o 6º ano. A depoente BF6 considera a prova do Saresp mais fácil que as provas bimestrais, ainda mais de Matemática, pois a maioria dos alunos não consegue entender a explicação da professora, apesar de ela explicar mais de uma vez e insistir para que os alunos aprendam.

Os alunos do grupo GA3 afirmam que o Saresp é mais fácil que as provas aplicadas pela professora durante o ano. Relatam que a professora mostrou alguns conteúdos que poderiam ser cobrados na prova do Saresp.

Os depoentes do grupo GA4 observam que, nas provas que a professora aplica em sala de aula, eles devem deixar registrado o raciocínio que tiveram para chegar ao resultado e na prova do Saresp não é necessário. Os depoentes AF1, AF2 e AF4 acham a prova feita na sala de aula mais fácil que o Saresp, e AF3 pensa o contrário, pois há casos em que se sabe a resposta, mas não se sabe expor o raciocínio para chegar a ela, portanto pode-se acertar a resposta da questão e a professora considerar errada. As alunas AF1 e AF2 relatam que escrevem na prova aplicada pela professora qualquer coisa sem sentido, apenas para que ela tome como certa a resposta.

Para os depoentes do grupo GA5, as provas dadas pela professora são parecidas com as do Saresp, já que ela aplica uma prova com algumas questões de alternativas, de Saresps antigos, além de não poder conversar e nem consultar material. Porém, relatam que na prova bimestral são abordados apenas os conteúdos trabalhados no bimestre, e

no Saresp são abordados de outros anos também. Já a depoente AF6 relata que o Saresp não foi parecido com as provas que o professor aplica, pois nesse sistema são abordados também conteúdos de 9º ano e, em sua sala, foram trabalhados apenas conteúdos do 6º ao 8º ano, devido a defasagens de aprendizagem dos alunos da sala.

Os depoentes do grupo GA6 consideram a prova do Saresp mais difícil que a feita em sala de aula, pois no Saresp as contas são muito grandes para resolver uma questão; não tem como tirar dúvidas com o professor; não são cobrados tantos “gráficos”.

Os depoentes do grupo GA6 afirmam que as provas do Saresp não são parecidas com as provas que fazem em sala de aula, pois estas são feitas sobre a matéria que está sendo aprendida e as do Saresp cobram conteúdos que eles devem lembrar.

Os depoentes do grupo GA7 observam que a prova feita na sala de aula é mais fácil que a prova do Saresp, pois na primeira eles aprendem o conteúdo e fazem a prova, já no Saresp são cobrados conteúdos que aprenderam há algum tempo e que podem ter esquecido.

A depoente AM1 afirma que na prova que o professor passa na sala de aula são cobrados conteúdos que ele ministrou durante o bimestre, já no Saresp são abordados outros assuntos, mesmo no âmbito da Matemática.

Segundo os depoentes do grupo GA10, a prova que o professor de Matemática aplica em sala de aula precisa mostrar o raciocínio efetuado para chegar a determinado resultado e a do Saresp, não. Entendem que esta última é mais fácil, pois inclui questões de séries anteriores, não só da 3ª série. Além disso, relatam que a prova aplicada pelo professor em sala de aula aborda aspectos mais técnicos e complexos que a do Saresp.

Os depoentes AM5 e AM6 afirmam que, na prova em sala de aula, o professor explica a matéria que será cobrada, dá dicas, fornece fórmulas. Já no Saresp, não há explicação do professor, as questões são colocadas em forma de resolução de problema, e os alunos podem esquecer algo que já aprenderam, não conseguindo resolver a questão. Porém, o depoente AM5 afirma que tudo que foi cobrado no Saresp o professor havia ministrado.

Os depoentes AM7, AM8 e AM9 observam que muitos conteúdos solicitados no Saresp eles aprenderam em 2010 ou em 2009 com o professor de Matemática. Relatam que a prova aplicada pelo professor em sala de aula é bem parecida com a do Saresp, porém mais difícil, pois na do professor deve-se mostrar o raciocínio que levou para

chegar ao resultado. Porém, dependendo de onde o aluno errou, o professor, ainda assim, pode pontuar a questão com alguma nota e explicar o erro.

### **7.2.5 Análises críticas ao Saresp**

Uma crítica recorrente ao Saresp é o fato de os cadernos com as questões das provas, preenchidos ou não, não ficarem mais na escola. Isso acontece desde 2008, com a justificativa de que, para permitir a comparação de provas ano a ano, necessita-se de itens que se repitam no decorrer dos anos, portanto não podem ficar disponíveis. No relatório final, são disponibilizados exemplos de itens de cada habilidade avaliada.

Os depoentes consideram importante ter acesso às provas, para que se possa resolvê-las junto com os alunos, apontando os acertos e erros, procedimento comum em qualquer prova. A depoente SP2 conta que os alunos ficam ansiosos para saber o que erraram nas provas e os professores não têm como saber. Afirma, também, que, para os professores fazerem o planejamento do trabalho a ser realizado durante o ano baseado nos conteúdos cobrados na avaliação, eles deveriam ter acesso às provas, já que o relatório final só chega em torno da metade do ano seguinte. O depoente SP3 diz que o acesso deveria existir para se conhecerem os conteúdos contemplados na avaliação, não tomando conhecimento deles apenas mediante a matriz de referência.

Destacamos que na matriz de referência para avaliação do Saresp são indicados os conteúdos, competências e habilidades avaliados para cada série e disciplina do currículo.

Outra crítica exposta pelos depoentes é o fato de os alunos não serem responsáveis em relação ao Saresp, portanto a avaliação de professores e alunos fica comprometida, além do que os alunos podem querer punir a escola ou não querer fazer a prova, e a escola é prejudicada. Esse aspecto é abordado mais amplamente na categoria “Comprometimento com o Saresp”.

O depoente SP3 acredita ser importante analisar os resultados do Saresp para se delinearem metas e conhecer um indicador quantitativo de sua escola, mas aponta uma dissonância entre o determinado na Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96, no artigo 24º, inciso V - em que está disposto que a avaliação do desempenho deve ser “avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais” (BRASIL, 1996) - o que faz com que se exija dos professores que avaliem de diferentes formas, e o efetuado pelo poder público mediante o Saresp.

Considera que essa avaliação não deveria, então, ser efetuada apenas com uma prova, e sim de maneira contínua durante o ano.

Outras considerações emitidas pelos depoentes referem-se ao Saresp ser constituído por uma avaliação genérica, igualando a priori todas as escolas, não entendendo como significativa a realidade de onde vêm os alunos e o respectivo contexto de cada escola. Como exemplo, é apontada uma escola na qual, para entrar, os alunos passam por processo seletivo, recebendo, portanto, os melhores alunos da cidade, o que aumenta a probabilidade de obter um bom índice de avaliação, independentemente do trabalho que se faz com os alunos.

Os depoentes apontam não concordar com diversos aspectos da avaliação, apesar de a acharem importante. Por exemplo, para SP3 e SP4, o Saresp deveria ser utilizado como indicador da situação do ensino, para orientar o trabalho e não para culpar o professor pelo fato de o aluno não tirar determinada nota, não pagando o bônus. Acreditam que o professor pode até ter uma parcela de culpa, mas não culpa total. A questão do Idesp e pagamento de bônus será tratada com mais detalhes na categoria “Encaminhamentos pedagógicos e políticos por meio dos resultados do Saresp”.

O depoente SP5 acha que o Saresp é importante enquanto traz melhorias para a escola, porém não acredita ser um processo avaliativo que apresenta exatidão, pois não corresponde àquilo que o aluno aprende na escola, ao que acontece na sala de aula. Acredita que o Saresp pode até trazer recursos para a escola, mas não resolve a situação do ensino, pois só se apresenta a nota do aluno, sem outras ações para melhorar. Afirma que não mostra a situação do ensino, pois não é em uma prova que o aluno vai demonstrar tudo que sabe, já que naquele dia ele pode não conseguir fazer. Acha que é a forma mais fácil de abranger todos os alunos, e não a correta para mostrar a situação do ensino no Estado.

As depoentes SP6 e SPC1 criticam o fato de algumas provas serem amostrais, pois quando se seleciona uma amostra para avaliar, pode-se selecionar apenas os alunos que não acompanham o conteúdo adequado à série em que se encontram. Entendemos que, apesar de a amostra ser escolhida usando métodos estatísticos, a depoente aponta essa crítica pelo fato de a sala escolhida para fazer a prova aberta de Matemática ser composta por alunos com sérios problemas de aprendizagem, o que certamente faria com que o desempenho da escola fosse menor no Saresp. Esclarecemos que os resultados da prova aberta não compõem a nota do Saresp.

A depoente SP7 afirma que, apesar de não concordar com o governo em muitas coisas, entende que a avaliação externa é necessária, porém não sabe se as questões objetivas medem alguma coisa, pois na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas, na primeira fase, alunos com baixo desempenho às vezes têm notas maiores que alunos com bom desempenho. Segundo ela, a responsabilidade da avaliação da escola recai no professor. Diz entender o método do Saresp e não saber se tem como mudar, por exemplo, colocando itens com respostas construídas pelos alunos, afinal quem iria corrigi-las?

A depoente SPC1 critica o fato de serem 26 cadernos de prova diferentes e a escola não ter acesso a eles, nem às respostas, não podendo então trabalhar em sala de aula o que foi cobrado pelo Saresp. Ela acha que a maneira como o Saresp está sendo trabalhado tem como consequência que a escola e os alunos ficam marcados pela nota dessa avaliação. Observa que a turma que saiu em 2009 ficou marcada como boa, pois conseguiu atingir a meta, mas a turma de 2008, como ruim. Relata que eles eram revoltados, tumultuavam a escola, fizeram um Saresp mal feito e trouxeram problemas para a escola, para os professores e para eles mesmos, pois construíram uma má imagem da escola e deles próprios.

A depoente SPC3 pondera que há uma ambiguidade quando não se tem o resultado individual do Saresp, pois na escola se trabalha respeitando o modo de ser de cada aluno, suas dificuldades de aprendizagem, suas fragilidades. Portanto, quando se tem um resultado global, essa individualidade se perde. Observa que no ano considerado, há um 7º ano na escola com muitos alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, deficiências mentais e autismo, que requerem um trabalho específico. A depoente afirma que, apesar de evoluir no aprendizado, os alunos não estão no nível de aprendizagem do 7º ano, mas foram avaliados da mesma maneira que os outros, assim o resultado do Saresp é muito baixo. O mesmo ocorre no 9º ano que fez a prova contendo itens com respostas construídas de Matemática e que é uma classe com uma grande quantidade de alunos com necessidades educacionais especiais. Então, apesar de o professor ter trabalhado tais dificuldades, os alunos não apresentavam o nível de aprendizagem esperado para o 9º ano. Assim, observa que os alunos não querem colocar no papel o fracasso deles, já que eles sabem que não aprenderam aquele conteúdo e o resultado será exposto fora da escola. Por esse motivo, inicialmente, se recusaram a responder a prova, necessitando de conversas com a coordenadora e a

professora de Matemática no momento da prova. A depoente SPC3 questiona, também, o fato de não haver o acompanhamento da evolução do aluno ao longo do ano.

O depoente SPC4 relata que assuntos que deveriam ser informados aos professores, como levantamentos de faltas de alunos e encaminhamentos ao conselho tutelar, são deixados de lado para que se dê suporte ao Saresp. O coordenador não acredita no Saresp, pois ele avalia o global do Estado, falando que isso é a realidade. Porém, como cada ser humano é diferente do outro, quando se igualam todos, prejudica-se a escola que tem menos benefícios em questão de tipos de aluno, de localização, etc. Assim, como nas escolas se trabalha com as diferenças individuais, questiona como se pode avaliar todos da mesma forma. Cita o fato de o relatório apresentar as habilidades que não estão sendo desenvolvidas no Estado todo, sendo simplesmente uma porcentagem. Entende que não é verdade que isso é válido para todas as escolas, pois cada uma tem sua realidade, sendo uma diferente da outra. Portanto, como não tem esse trabalho em relação ao diferente, o Saresp não serve para muita coisa.

O depoente SPC4 pondera que deveria ser disponibilizado o resultado de cada aluno no Saresp, ou pelo menos de cada escola, pois assim se saberia qual item tem que ser mais trabalhado, por estar em defasagem. Porém, só se sabe o que está em defasagem no Estado de São Paulo, o que muitas vezes não corresponde à situação da escola. Assim, quando vem o relatório global, tem que haver um esforço junto com os professores, para verificar onde está em concordância com a escola, e, se não estiver, o relatório não servirá para muita coisa. Nesse ponto, o coordenador aparenta não compreender ou não conhecer o Boletim da Escola com os resultados do Saresp, que traz a distribuição percentual dos alunos, por série de cada escola e nos níveis de desempenho.

Assim como outros depoentes, o coordenador também explicita que gostava do Saresp quando os cadernos de prova ficavam na escola, permitindo a montagem das planilhas com os resultados, quando já era possível saber as habilidades e competências que não estavam sendo desenvolvidas satisfatoriamente. Então, era possível lançar mão dos resultados para o planejamento do ano seguinte, o que não acontece atualmente, pois o relatório chega depois de junho, quando se tem um dia para discussão dos resultados, o dia do Saresp.

A diretora SD1 considera que o Saresp só traz benefícios para a escola, pois é uma avaliação dos alunos em que se pode ver o que está sendo feito de modo correto ou



não na escola, permitindo que seja efetuada a autoavaliação para melhorar. Entretanto, deveriam ser avaliados todos os alunos e ter os resultados individuais.

A diretora SD2 vê como benéfico o fato de a escola parar um tempo para discutir os resultados com os professores e poder fazer parte de uma política de avaliações externas. Porém também considera que o Saresp era melhor quando os professores tinham acesso às questões e aos gabaritos, podendo analisar quais eram as habilidades e competências em que os alunos apresentavam dificuldades, tendo assim um diagnóstico aproximado, sem a análise de especialistas, porém imediato, da situação de aprendizagem dos alunos. Da maneira como é feito atualmente, não tem como refletir e discutir os dados do Saresp por serem muito gerais e, quando chega o relatório final, depois de vários meses, com muitas páginas, o professor não tem tempo para analisar. Tal análise é feita no dia do Saresp, em torno da metade do ano seguinte, quando a escola já está em outro ano, com outro ritmo, outra dinâmica, preparando-se para outro Saresp, perdendo o embalo da prova do ano anterior. Entende que a escola se modifica continuamente, sendo que a cada ano novos alunos entram na escola e outros saem, por necessitar estudar em horários que ela não oferece ou por passar em exame de seleção de escola técnica. Assim, o resultado do Saresp, quando chega, não reflete a atual configuração da escola. Dessa maneira, acaba-se por não fazer uma análise muito detalhada desses resultados.

Reflete que o Saresp deve passar por uma meta-avaliação, sendo repensado o fato de as provas não ficarem na escola após a aplicação, pois não vê sentido em não ficar nem um modelo das provas que foram aplicadas. Conta que alguns diretores de escola fazem cópias das provas, mas que ela não faz isso. Observa que no ano seguinte vem um relatório, com muitas folhas, para ser discutido em um único dia, o que é inviável, porque a escola já está em outro movimento. Portanto o Saresp não está tendo o efeito que deveria. Pondera que avaliação externa não garante a melhoria de qualidade de ensino. Para isso deve-se ter uma estrutura de base, recursos didáticos, pedagógicos, boa formação do professor e professores interessados em lecionar.

Critica o fato de o Saresp avaliar a série de acordo com o conteúdo que deveria ser ministrado, o que explicaria os baixos resultados da escola, já que a escola tem que suprir defasagens dos alunos que vêm do ciclo I e basicamente não são alfabetizados. Relata que esse é um trabalho extraordinário que o professor tem de fazer ao mesmo tempo em que precisa tentar ministrar o conteúdo correspondente àquela faixa etária e série.

Os depoentes do grupo GA1 consideram que o Saresp deveria ser aplicado todo ano. BF1 sugere que sejam cautelosos quanto ao conteúdo cobrado, pois em 2010 eles não tiveram a matéria do 4º bimestre e ela foi cobrada no Saresp. BF3 argumenta que não se deve formar um conceito só pelo Saresp, pois os alunos são aprovados automaticamente entre as séries anteriores, portanto no 9º ano podem não saber o que responder nas provas.

Os depoentes do grupo GA2 e GA5 entendem que o Saresp não deveria ser para todos os alunos, somente para aqueles que estão interessados em submeter-se a essa prova, pois se o aluno não tem interesse, ele vai atrapalhar, inclusive pelo dinheiro gasto com a prova dele. A depoente BF5 afirma que para os alunos que não se interessam não adianta falar, pois eles só se atentarão para o que poderiam ter feito diferente quando não tiverem sucesso na vida fora da escola. O depoente BF4 afirma que o Saresp possui aspectos positivos e negativos, não sendo um bom sistema para avaliar os alunos, mas para verificar a qualidade da escola e destinar verbas para os lugares adequados, sim. Porém, diz que se gasta muito dinheiro com o Saresp e muitos alunos não o consideram importante.

O depoente BF4 observa que o Saresp é uma maneira de avaliar o desempenho do aluno, a escola e o Estado. Porém, pondera ser insuficiente para dar destaque à condição de ensino, já que o ensino público no Estado de São Paulo está defasado e acha insuficiente, também, para avaliar o desempenho do aluno. Afirma que são muitos os culpados dessa situação do ensino.

Os alunos do grupo GA4 não veem importância no Saresp, já que ele não é um critério para que os alunos sejam promovidos e nem mesmo eles têm acesso aos resultados individuais. Portanto, afirmam que é só uma prova, e se eles errarem tudo, nem vão saber e serão promovidos de qualquer maneira. Observam que o interesse dos professores não deveria recair sobre os resultados da escola, porém sobre o aprendizado e resultado individual de cada aluno. Criticam o fato de os professores somente se preocuparem com o Saresp, que não tem importância para os alunos, pedindo empenho, fazendo revisões, e não fazerem o mesmo com as provas de processos seletivos para as escolas técnicas.

O depoente AF8 pondera que o Saresp deveria levar em conta também o resultado das escolas particulares, além de cobrar nas provas um conteúdo semelhante ao ministrado em tais escolas, já que se o conteúdo da prova do Saresp for fácil, pode

trazer prejuízos aos alunos, pois alguns conteúdos farão falta em algumas situações, como para prestar vestibulinhos.

O depoente AF5 afirma que o Saresp, para ele, não tem valor, pois não existe um retorno acerca da prova que os alunos fazem. Portanto, quando o governador afirma que as escolas públicas do Estado foram bem no Saresp, não se pode saber se é verdade ou mentira. Faz uma analogia disso com o resultado da eleição: não se pode saber se o resultado é verdadeiro já que o voto é secreto.

A depoente AF7 observa que o Saresp deveria existir para avaliar a escola, porém entende que é um modo errado de avaliar, pois os alunos ruins puxam para baixo o valor da média de notas da sala, ou seja, os alunos bons são prejudicados, pois acabam tendo uma reputação que não é deles. Além disso, o depoente AF8 afirma que, ao falar sobre o Saresp, deveriam ser demonstradas preocupações com a educação de cada aluno, que representa o futuro do Estado e do país.

Os alunos do grupo GA5 entendem que o Saresp é obrigatório, mas que muita gente não vai fazer a prova e não acontece nada com esses alunos. Como eles não têm retorno dos resultados da prova, muitos dizem que não vão fazer o Saresp, pois vai avaliar a escola e, que se eles não comparecerem, não fará diferença. Além disso, relatam que o governo não força para que façam a prova, já que não acontece nada se não forem: não vale nada e não são reprovados. Afirmam que o Saresp não tem valor, pois é aplicado em um momento que a nota dos alunos já foi elaborada.

Os alunos do grupo GA7 consideram que deveria ser selecionado quem vai fazer a prova e mostrar o que aprendeu para o governo, já que existem alunos que não levam o Saresp a sério. O depoente BM3 relata que existem muitos alunos que têm a chance de aprender, mas não têm vontade, portanto a escola não tem culpa se esse aluno não aprende, já que ele não traz essa vontade de fora da escola. Por esse motivo, deveriam ser selecionadas pessoas dispostas a fazerem uma prova bem feita, para que se tenha o desempenho da escola em relação ao que se tentou ministrar.

O depoente BM3 relata que a prova deveria ser mais destacada, inspirada no vestibular, com o resultado por aluno, e que outras entidades, como empresas, tivessem acesso a esse resultado, senão não vale de nada. Porém, acha que isso não é feito, portanto não considera uma boa prova.

A aluna AM1 relata que atualmente as pessoas não se importam mais com o Saresp, pois foi abandonada a ideia de que, se o aluno não tiver um bom desempenho nessa prova, ele não será aprovado para o próximo ano letivo. Aponta que não teve

acesso às notas de nenhuma prova do Saresp que participou. Afirma que, se a educação fosse boa e as informações do Saresp fossem abertas, ele valeria a pena.

Os depoentes do grupo GA10 observam que o Saresp deveria ser obrigatório, pois muitos alunos não levam a sério a prova ou não a fazem. O depoente AM4 pondera que se o conteúdo que o Saresp cobra se tornar mais complexo, conseqüentemente o ensino também ficará melhor. O depoente entende que não adianta melhorar a questão do Saresp se não melhora a questão do ensino, ou seja, com conteúdos melhores para os alunos estudarem.

Os depoentes do grupo GA11 afirmam que a maioria dos alunos não leva a sério o Saresp, portanto, se divulgar como resultado que o ensino é fraco, pode não estar certo, pois muitos não fizeram a prova corretamente, não devendo recair essa avaliação sobre os professores que, conforme relatam, ensinam bem. O depoente AM7 acha que o Saresp é bom para o aprendizado do aluno, pois no momento em que está lendo e entendendo as questões, ele aprende algo.

Os depoentes do grupo GA12 relatam que o Saresp é sempre um desafio para os alunos da 3ª série do Ensino Médio, dada a importância a ele atribuída na escola e na sociedade.

#### **7.2.6 Outros modos visualizados de avaliar**

Na opinião do sujeito SP1, além das habilidades, também se tem que avaliar o cotidiano, a prática escolares e as atividades realizadas na escola, para que se possa avaliá-la melhor. Entretanto, essas questões não são contempladas pelo Saresp. Por exemplo, deveria haver um ou mais professores capacitados para avaliar, que ficassem dentro da escola, acompanhando seu funcionamento em todos os períodos. Outra sugestão seria dar recompensas aos alunos, para que eles levassem a prova mais a sério, já que contou ser comum ouvir alunos dizendo que não vão fazer o Saresp, pois não vão ganhar nada com isso.

Observamos que no Saresp 2011, a SEE se propôs a premiar o melhor aluno do Ensino Médio de cada escola com um *notebook*, conforme detalhado na categoria “Comprometimento com o Saresp”.

A depoente SP2 entende como errado não serem avaliados os mesmos alunos, ano a ano, no Saresp. Acharia importante que assim fosse, para saber se o aluno se desenvolveu ou não no período, como era feito no início da implantação do Saresp,

podendo assim fazer a comparação dos resultados, se houve acréscimo nos acertos e se foram corrigidas as dificuldades.

O depoente SP3 acredita que se o governo exige que os professores avaliem os alunos de várias formas, deveria fazer o mesmo, avaliando não só com uma prova, mas de maneira contínua durante o ano. Observa que deveria ser levada em conta na avaliação a localização da escola e a inclusão de alunos com deficiência mental, pois esses alunos não devem ser avaliados como os demais. Entende que os professores deveriam ter acesso às avaliações para saber exatamente que conteúdos são contemplados, não tendo acesso aos resultados somente pela matriz de referência para avaliação. Além disso, afirma que se deve olhar a realidade de onde vêm os alunos, citando, como exemplo, uma escola em que os estudantes passam por processo seletivo para entrar, o que faz com que seus alunos já saiam de um patamar mais elevado para a prova.

O depoente SP5 observa que uma maneira melhor de avaliar do que a efetuada mediante a aplicação de uma prova, seria com pessoas fiscalizando, vivenciando o dia a dia e o ambiente de cada escola, e depois esses fiscais se reuniriam e diriam o que ocorre em cada escola.

A depoente SP7 pondera que o Saresp mediria melhor o desempenho se a prova fosse composta de itens com respostas construídas pelos alunos.

Como modo alternativo de avaliar a escola, SPC1 sugere que a Diretoria de Ensino, por meio de seus supervisores, que conhecem cada escola, é capaz de analisar aquela que merece ou e a que não merece o bônus.

A depoente SPC3 entende que tinha que ser levada em conta a voz das escolas, quando da avaliação. Por exemplo, quando chega uma prova aberta, a escola sabe a classe que tem condições de fazê-la e deveria ter o direito de escolher qual classe será avaliada em todo o currículo. Essas são as classes cujos alunos já chegaram à escola alfabetizados e com conhecimentos de Matemática básica, portanto conseguiram cumprir a proposta curricular do Estado de São Paulo adequada para a série. Relata que mesmo no 9º ano que fez a prova aberta, uma classe de alunos com defasagem de aprendizado, havia alguns que estavam preparados, mas eram a minoria. Observa que, para as classes onde se trabalhou de maneira diferenciada com os alunos, deveria haver uma avaliação também diferenciada, pois, se as escolas do Estado recebem vários tipos de alunos, deveria haver vários tipos de avaliações.

O depoente SPC4 entende que deveria ser avaliado o aluno assim que ele chega à escola, no 6º ano, e depois ir acompanhando o Idesp dessa turma, para ver se está melhorando. Observa que, para a escola, os resultados variam como onda. Cita o exemplo das 2<sup>as</sup> séries do Ensino Médio que chegaram à escola com uma defasagem grande. Então foi feito um enorme trabalho visando à compensação da aprendizagem considerada defasada, mas antevê que quando estiverem na 3ª série, o Idesp vai cair, pois o desempenho deles é inferior ao dos alunos que agora estão na 3ª série.

Constatamos, diante dos dados dados de que dispomos no momento em que estamos analisando os depoimentos, que efetivamente o Idesp do Ensino Médio da escola A caiu, em 2011, de 2,40 para 1,85, confirmando a expectativa do coordenador e não atingindo a meta de aumento do índice, portanto não receberam bônus na escola.

Questionamos, com esses depoimentos e observações, o resultado da avaliação efetuada com a metodologia do Saresp e respectivos prêmios ofertados, na medida em que não abrange também a realidade em que o trabalho da equipe educadora é efetuado, destacando as ocorrências sazonais que englobam diferenças de desempenho entre turmas, por exemplo.

A depoente SD1 considera que o Saresp deveria avaliar os mesmos alunos todos os anos, para que se pudesse acompanhar a maneira como eles estão evoluindo no desempenho, num intervalo menor do que o atual. Também acredita que a Bolsa Família<sup>167</sup> deveria estar vinculada à nota do aluno e não à presença, assim se obrigariam os alunos a estudar e poderia ser que melhorasse a situação do ensino. Desse modo, o Saresp poderia ser aplicado em todas as séries e, com base nessas notas, os pais receberiam ou não a Bolsa Família.

#### **7.2.7 Considerações sobre visão do Saresp**

Os depoentes, em geral, veem o Saresp como uma prova bem aplicada na escola e na região, no sentido de tal aplicação apresentar confiabilidade e ser bem organizada. Mesmo aqueles que não participam da aplicação (que pode ser feita por professores da rede oficial, embora em outras escolas) observam que ela é confiável, pelo que sabem

---

<sup>167</sup> O Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza. Uma dessas condições é que todas as crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos da família devem estar devidamente matriculados e com frequência escolar mensal mínima de 85% da carga horária. Já os estudantes entre 16 e 17 anos devem ter frequência de, no mínimo, 75%.

ou pelo que já viram quando aplicaram. Apenas um aluno afirma que a aplicação é mal feita, porém não explica o motivo.

Os depoentes apresentam dúvidas se em todo lugar a aplicação é confiável como na escola em que trabalham, relatando a possibilidade de professores passarem respostas aos alunos, que seria dificultada pelo fato de haverem aplicadores de outras escolas, fiscais e pais de aluno envolvidos, conferindo maior credibilidade ao processo. As diretoras apontam que os professores assumem valores morais e se conduzem por eles e não se submetem a falsificar os resultados, como já não faziam anteriormente, portanto não seria necessária a troca de professores nas escolas.

Destacamos que a troca de professores entre escolas começa a ocorrer a partir de 2007, quando da ocorrência de diversas outras mudanças nesse sistema de avaliação, de acordo com o anunciado no capítulo “O Saresp”. Entre essas mudanças, destaca-se o surgimento do Idesp em 2008, o que poderia aumentar a chance de tentativas de fraudes, já que o impacto de um bom resultado seria também financeiro. Ainda, com a existência do Idesp, as escolas passam a fazer parte de um *ranking*, de acordo com esse índice, o que também poderia justificar as tentativas de fraude para que a escola tivesse uma boa imagem. Nos depoimentos analisados não apareceu nenhuma afirmação de existência de fraude nas escolas onde se deram as entrevistas.

Os alunos relatam, na maioria dos grupos, aspectos organizacionais das salas no dia da aplicação do Saresp: era possível ver as provas dos colegas, mas a cola não acontecia, pois as provas eram diferentes; não podia haver conversa, mas alguns poucos alunos conversaram e riram; não podia usar nenhum material além de lápis, caneta e borracha; havia um professor aplicador dentro da sala e um fiscal que ficava no corredor para levar os alunos ao banheiro. As mesmas características sobre a aplicação da prova apresentadas pelos depoentes estão no Sumário Executivo do Saresp 2010 (SÃO PAULO, 2011a).

Alguns depoentes afirmam que o conteúdo avaliado pelo Saresp é diferente daquele exposto no material referente ao Currículo do Estado, aproximando-se mais do conteúdo do livro didático. Já outros relatam que o Saresp avalia o conteúdo ministrado em sala de aula, sugerindo que não sejam cobrados tantos conteúdos do quarto bimestre, pois muitas vezes não se tem tempo de ensiná-los. Portanto, entendemos que os relatos são ambíguos, revelando diferentes percepções dos sujeitos que habitam a escola.

Essa divergência de opiniões pode mostrar pouco conhecimento do material ou da prova, ou até mesmo de ambos. O que seria uma prova baseada no livro didático?

Afinal, o livro didático pode e deve ser usado como complementação ao Caderno do Aluno, além de ser fornecido pelo Estado gratuitamente. Como já foi mencionado anteriormente, de acordo com análise feita no Caderno de Professor e do Aluno, o que se diferencia entre os livros didáticos e tal material é apenas o modo como os conteúdos são abordados, destacando-se que um modo de proceder não exclui o outro, mas se inter-complementam.

Todos os grupos de alunos do Ensino Fundamental, do GA1 ao GA5, relatam que no primeiro dia do Saresp foi prova de Língua Portuguesa e Matemática e no segundo, Ciências e Redação, demonstrando atenção no momento da prova. Já os alunos do Ensino Médio demonstram confusão em relação às disciplinas cobradas, o que pode evidenciar falta de atenção e de comprometimento durante a efetivação da prova, já que a entrevista foi realizada na semana seguinte à aplicação dela. Ou também pode ser que os conteúdos de disciplinas, como História e Geografia, apesar de não terem sido diretamente cobrados na prova, estivessem, de certa maneira, contemplados na prova de outras disciplinas, como Língua Portuguesa, por exemplo.

Os alunos do Ensino Fundamental tecem comentários a respeito do nível de dificuldade das provas, mostrando divergências, o que pode ser justificado pela intimidade de cada aluno com determinadas matérias. Uma dificuldade apontada por todos, entretanto, é o fato de que o conteúdo avaliado na prova relativo ao 4º bimestre não foi ensinado e, portanto, não foi possível ser aprendido, haja vista não terem conseguido responder essas questões nas provas. Os alunos do Ensino Médio apontam que as provas estavam fáceis com relação às perguntas apresentadas nos anos anteriores.

É apresentada uma crítica em relação ao número mínimo de linhas exigido na Redação para o 9º ano do Ensino Fundamental - um artigo de opinião tratando da questão: “Na era da internet, há lugar para a carta?” (SÃO PAULO, 2011e, p.198) - ser somente seis, pois os alunos afirmam ser impossível construir uma argumentação sobre algum tema em seis linhas, com introdução, desenvolvimento de ideias e conclusão. O tema para o Ensino Médio foi um artigo de opinião sobre: “Palmadas são positivas ou negativas na educação das crianças?” (SÃO, PAULO, 2011e, p. 201).

Tanto os alunos do Médio quanto os do Fundamental relatam que a prova de Língua Portuguesa estava cansativa, com textos muito grandes.

Os depoentes apontam diferenças e semelhanças entre as provas do Saresp e as provas aplicadas em sala de aula, referindo-se à forma e ao conteúdo cobrados. Por exemplo, apontam que as avaliações são diferentes, pois em sala de aula normalmente



são com questões em que os alunos devem expressar seu raciocínio, já no Saresp os itens são compostos por alternativas. Dessa maneira, não seria possível “chutar” uma resposta certa na avaliação de sala de aula. Outro ponto destacado é o conteúdo cobrado em ambas as provas: na avaliação do professor, o conteúdo é aquele ensinado no bimestre, já no Saresp é mais amplo, abrangendo outras séries.

Os depoentes professores e coordenadores sinalizam dificuldade em elaborar uma prova no formato do Saresp, avaliando habilidades e competências, o que reforça nossa sugestão de que o sistema de ensino poderia ser beneficiado com a ampla divulgação de informações técnicas a respeito da elaboração de provas do Saresp, por exemplo. É apontado o fato de o Saresp não disponibilizar o resultado individual dos alunos, portanto não permite a comparação entre os resultados das avaliações. Nesse sentido, o objetivo do resultado do Saresp, tal como ele é apresentado, é mostrar um resultado por série, sendo que o professor deve estabelecer, segundo sua própria avaliação, quais das habilidades em que os alunos apresentam defasagem devem ser mais trabalhadas em determinadas turmas, ou com determinado estudante. Em relação ao nível de dificuldade das duas provas, alguns depoentes acham que a prova do Saresp é mais difícil, outros acham que é mais fácil. Apontam como facilitador o fato de poder tirar dúvidas com os professores na hora das provas em sala de aula.

Além das comparações do Saresp com as provas aplicadas em sala de aula, os alunos tecem comparações do Saresp com provas de vestibulinho e vestibulares, afirmando que o Saresp é mais fácil.

Quando se trata de apontar os objetivos do Saresp, detectamos uma gama deles expostos pelos depoentes: avaliar os professores e não os alunos; o exposto é verificar a transformação da educação, mas o real está obscuro; para melhorias do ensino e trazer verbas para escola; usar apenas politicamente os resultados; para pagar bônus; proporcionar medida em relação ao modo pelo qual o ensino na rede está ocorrendo; controlar o fluxo de alunos por meio do Idesp; verificar como a escola está incorporando os métodos e materiais de uso obrigatório; diagnosticar as dificuldades dos alunos, para nortear o trabalho da escola; punir os professores; descobrir as falhas da escola e redirecionar o planejamento; reprovar ou aprovar alunos; preparação para vestibulares; verificar o que os alunos aprenderam no geral; mostrar o que os professores estão ensinando e a reputação da escola; prova que permite autoavaliação do aluno; desculpa para a aplicação do Questionário de Contexto e investigar a vida do

brasileiro; *feedback* sobre o aspecto do ensino no país; obter informações sobre o nível das escolas públicas.

Além da gama imensa de objetivos atribuídos ao Saresp no cotidiano escolar, constatamos uma discrepância entre o objetivo anunciado pelo Saresp, de diagnóstico e monitoramento do sistema de ensino, com vistas à melhoria da qualidade de ensino e alguns dos objetivos compreendidos pelos depoentes. Essa discrepância pode ser proveniente de distanciamento entre as decisões acerca de como a avaliação se dá no Saresp e o cotidiano escolar, fazendo com que os professores visualizem objetivos para além do que está dito, já que os expostos não fazem sentido no contexto em que trabalham. Também pode ocorrer que os objetivos anunciados pelos depoentes advenham do imaginário educacional, que preenche as lacunas que permanecem, dada a ausência de um trabalho informativo/formativo mais detalhado com relação ao Saresp.

Julgamos de extrema importância tomar conhecimento dos objetivos declarados pelos depoentes de acordo com suas percepções ao entenderem o Saresp, pois é de acordo com essas compreensões que o trabalho na escola está sendo efetuado.

Apesar de ser um consenso a importância da avaliação externa enquanto possível de diagnosticar a situação do ensino e trazer melhorias para as escolas, algumas críticas apontando pontos fortes e fracos merecem ser aqui destacadas. Por exemplo, uma crítica recorrente se refere ao fato de as provas não ficarem mais na escola, aliado à não apresentação do resultado individual do aluno, pois os depoentes afirmam fazer parte do procedimento de uma prova comum o conhecimento de seu desempenho, incluindo o apontamento dos erros e acertos.

Outra questão que aparece com destaque no depoimento dos alunos é a falta de valor do Saresp, pois: não ficam sabendo dos seus resultados; não têm retorno; acham que é um modo errado de avaliar o ensino público; os resultados são postos em dúvida; muitos alunos não se esforçam, o que pode comprometer os resultados; não ajuda a passar em vestibulinhos; a educação é precária, portanto o Saresp não tem valor; somente apresenta o resultado da escola, não o individual; não reprova nem aprova para o próximo ano letivo.

Os professores e a equipe de gestão apontam como um problema o fato de as classes que têm alunos com necessidades educacionais especiais serem avaliadas da mesma maneira que as outras, pois o conteúdo ministrado a esses alunos não é o referente à série em que estão matriculados, porém o Saresp, que se trata de uma avaliação padronizada para que se possam estabelecer comparações, avalia de acordo

com tal série, não captando nem o esforço do professor nem do aluno. Nesse mesmo sentido, há críticas em relação ao fato de o Estado exigir dos professores, por meio da Lei de Diretrizes e Bases de 1996, que avaliem seus alunos de diferentes formas, e o efetuado pelo poder público mediante o Saresp é uma avaliação com somente uma prova. Portanto, a escola trabalha diferenças individuais e o Saresp avalia todos da mesma maneira.

Entendemos que essas críticas dos depoentes está consonante com nossas ponderações a respeito da “realidade escolar”, quando apontamos o universo denso, obscuro e de difícil fluidez no que concerne às atividades efetuadas e nortes apontados. Essa realidade que assim se mostra, segundo os depoentes, não é considerada ou compreendida na avaliação externa.

Alguns depoentes acreditam que o Saresp deveria ser feito em todas as séries, e até mesmo há a sugestão para que seja feito no começo e no final do ano, para que se tenha um melhor acompanhamento dos alunos. De certa maneira, contemplando essa crítica, a SEE começou, em 2012, um programa de avaliação da aprendizagem em processo para o 6º ano do Ensino Fundamental e a 1ª série do Ensino Médio, que realiza duas avaliações por ano com os alunos, e os resultados são analisados na escola pelos próprios professores (SÃO PAULO, 2011g), tendo um caráter essencialmente diagnóstico, não servindo inclusive para nota de aluno. Apesar de não se caracterizar como uma avaliação externa, já que os resultados são discutidos apenas no âmbito da escola, mostra-se como uma prova elaborada por membros externos da escola, o que pode se efetivar em uma nova maneira de se encararem os resultados das avaliações, talvez contribuindo para o papel formativo delas. Salientamos que ainda não se encontram disponíveis documentos para que uma pesquisa mais detalhada pudesse ser feita acerca do funcionamento desse sistema.

É criticado, também, o tempo que demora para chegar o relatório, pois a escola, quando o recebe, já se encontra em outra dinâmica, com outros alunos e é discutido num dia destinado à discussão do Saresp, em que a escola já está se preparando para fazer outra avaliação do próprio Saresp. Além disso, a escola não dispõe de tempo para analisar os resultados, que são muito gerais e já não incidirão no processo de educação que está em andamento.

Outras análises críticas pontuadas referem-se a: coordenadores apontam que deixam de lado questões importantes da escola para tratar do Saresp; avaliação não garante a melhoria da qualidade de ensino, mas é necessária; professores deveriam dar a

mesma importância que dão ao Saresp para outros processos seletivos aos quais os alunos serão submetidos; conteúdo cobrado no Saresp deveria ser mais difícil para que o ensino melhorasse; não acontece nada com quem não fizer a prova; Saresp não deveria ser para todos os alunos; aluno aprende na hora da prova.

Quanto à concepção de alguns depoentes de que, se fosse aumentada a dificuldade das provas, melhoraria a qualidade do ensino, em nossa visão evidencia a prática de preparação para o Saresp que ocorre na realidade escolar, além de mostrar que o que ocorre atualmente é que os respondentes devem se adequar às provas a que são submetidos, e não o contrário.

Sugerimos que o Estado invista esforços em preparar melhor os professores para a recepção dos resultados do Saresp, com esclarecimentos acerca de detalhes técnicos, como, por exemplo, o motivo pelo qual não se liberam as provas nem os resultados individuais dos alunos, já que eles são os principais atores nesse processo de avaliação. Nesse sentido, concordamos com Nevo (1998, p. 94), quando afirma que um diálogo entre os avaliadores e suas plateias pode aumentar a receptividade para os resultados das avaliações.

Os depoentes citaram as seguintes mudanças que entendem que poderiam contribuir para melhoria do Saresp: os cadernos de questões devem ficar na escola, o que seria também uma forma de se ter o resultado individual dos alunos; deveriam ser feitos estudos longitudinais, ou seja, de longo prazo com os mesmos alunos; o Saresp deveria ser usado somente como indicador da situação do ensino, para orientar o trabalho, e não como critério para pagamento de bônus; deveria ser levada em conta a localização da escola, considerando seu contexto sócio-cultural, e a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, pois eles não devem ser avaliados como os demais; além das habilidades e competências dos alunos que são avaliadas, também seria preciso avaliar o cotidiano, a prática escolar e as atividades realizadas na escola; para fazer a avaliação da escola, deveria haver um ou mais professores capacitados para avaliar, que ficassem dentro da escola, acompanhando seu funcionamento em todos os períodos; poder-se-iam dar recompensas aos alunos, para que eles vissem a prova com mais seriedade; as provas deveriam ser compostas por itens com respostas construídas pelos alunos; avaliar a escola por meio dos supervisores de ensino; a escola deveria poder escolher a classe que vai fazer a prova aberta; dever-se-iam ter diferentes tipos de avaliação, pois a escola pública recebe diversos tipos de alunos; não deveria ser efetuada apenas com uma prova, e sim de maneira contínua durante o ano.

Nas análises críticas e nas propostas de mudanças visualizadas, compreendemos que há um descontentamento com alguns pontos do modelo de avaliação externa, principalmente pelo fato de entenderem que os avaliadores não levam em conta o cotidiano escolar na avaliação, devido à generalização dos resultados, mesmo que seja uma generalização por séries de uma escola, o que acontece com o uso da Teoria da Resposta ao Item e de Modelos Lineares Hierárquicos. Percebe-se uma necessidade expressa pelos professores de que se observe esse cotidiano e se tenham retornos efetivos dos resultados obtidos, no sentido de correção das falhas detectadas, alimentando um processo de *feedback* na medida em que o resultado da avaliação fosse devolvido à escola com a finalidade de haver uma retomada nos objetivos particulares da realidade educacional de cada escola em consonância com as atividades trabalhadas com os alunos, alimentando nova avaliação. Entendemos que os depoentes têm ciência de que esse processo não está acontecendo, pois não percebem muitas conexões dos resultados com a realidade vivenciada no cotidiano escolar, apesar de alguns esforços da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo em promover discussões sobre a avaliação e utilização dos resultados para correção das falhas detectadas.

Quanto à exposição dos resultados individuais dos alunos, consideramos que, conforme já exposto no histórico sobre o Saresp, nos anos de 2003 a 2007, eram disponibilizados os resultados individuais dos alunos, com o intuito de que facilitasse a observação dos resultados da avaliação pelos educadores na escola. Entretanto, na atual configuração do Saresp, os resultados individuais não são disponibilizados, com a justificativa de que não é objetivo de uma avaliação de sistema fornecer esses resultados. Destacamos que, conforme São Paulo (2011a, p.16), as informações das provas são processadas “por aluno, turma, ano, escola, rede de ensino, Diretoria de Ensino, Coordenadoria de Ensino, município, e estado, por meio da leitura das folhas de respostas”. Conforme estudos e discussões realizadas no Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (Caed), da Universidade Federal de Juiz de Fora, há possibilidade técnica de esses resultados serem disponibilizados, apesar de carregarem um erro de medida que também é individual, pois depende do teste que o aluno recebeu e de sua proficiência. Ponderamos que uma possibilidade para disponibilizar os resultados individuais seria a de fazê-los com uma classificação em níveis, descrevendo o que significa estar em cada nível. Nesse caso o erro de classificação seria menor do que o erro individual.

Das propostas visualizadas de mudança no processo avaliativo, a que nos pareceu mais viável atualmente é a de haver um especialista em avaliação acompanhando cada escola, dialogando com a equipe escolar. Essa pessoa, ou outro especialista, poderia ministrar oficinas aos professores. Há necessidade latente de que se leve em conta o cotidiano escolar e de maior entendimento da equipe escolar acerca dos processos de avaliação, os quais nem sempre essa equipe tem a oportunidade de aprender.

Este trabalho aponta fortemente a relevância de se realizar, em estudos futuros, uma meta-avaliação do Saresp, como um ponto de inflexão, quando, ao se vislumbrar todo o processo e as respostas recebidas no que concerne à sua realização, mediante um processo de reflexão, pode-se pensar sobre o feito e retomá-lo com compreensões mais abrangentes e com indicação de pontos a serem revistos. Essa prática, além de contribuir com o próprio sistema de avaliação em larga escala e com políticas públicas de educação, também contribui com o avanço em pesquisa sobre avaliação.

### ***7.3 Comprometimento com o Saresp***

As ideias que se entrelaçam constituindo esta categoria aberta dizem do comprometimento com o Saresp. O entrelaçamento dessas ideias forma uma totalidade em que camadas de sentido se superpõem e se interpenetram, de maneira que o leitor atento ao dito nos depoimentos pode compreender o comprometimento da escola com essa avaliação. A análise ideográfica que efetuamos, ficando atentas ao que as Unidades de Significado dizem do tema focado, conduziu-nos para convergências de sentidos que dizem da: *preparação da equipe de gestão para o Saresp; preparação do professor para o Saresp; preparação do aluno para o Saresp; do comprometimento dos alunos e dos pais com os processos de avaliação e de ensino e aprendizagem; comprometimento do professor com os processos de avaliação e de ensino e aprendizagem; modo de participação dos alunos no Saresp.*

Entendemos que o comprometimento dos vários sujeitos envolvidos na avaliação se mostra como um núcleo essencial quando tratamos do assunto Saresp para os atores escolares. A atitude assumida em relação a esse sistema de avaliação concernente ao processo de ensino e aprendizagem e às avaliações feitas na escola é relevante para que certos objetivos da avaliação sejam alcançados ou não.

Visando expor as falas dos depoentes que dão sustentação ao núcleo de ideias apresentado nesta categoria, nós as retomamos nos itens que se seguem, agora, porém, já evidenciando articulações.

### **7.3.1 Preparação da equipe de gestão para o Saresp**

A depoente SPC1 afirma que os coordenadores recebem orientações da Diretoria de Ensino sobre o Saresp, porém é algo rápido e que não tem grandes modificações de um ano para o outro. No começo do ano há uma videoconferência, mas eles não conseguem assistir a ela sincronizadamente, pois a internet é lenta. Eles tomaram conhecimento dela posteriormente, mediante gravação. Nela são explicados, rapidamente, a escala de proficiência das áreas contempladas pelo Saresp e a dinâmica dos cadernos de questões das provas. Relata que o almejado é que os coordenadores estudem, mas no cotidiano escolar não há espaço (temporal) para isso. Observa que há muita coisa sobre o Saresp que os coordenadores não entendem, portanto acha que precisaria alguém especializado para explicar detalhadamente a eles.

A depoente SPC2 diz que há orientações sobre o Saresp, mas são poucas, e é dito que eles precisam estudar por conta própria. Conforme afirma, a dinâmica dessas orientações se dá da seguinte forma: os professores coordenadores das oficinas pedagógicas vão se capacitar na Secretaria da Educação e depois se reúnem com os coordenadores pedagógicos das escolas. Acha que deveria haver um curso intensivo sobre como é calculado o resultado do Saresp, sobre os níveis de proficiência, que têm faixas diferentes para as diferentes disciplinas, o que os torna complicados. Relata que não entende direito a escala de proficiência e percebe que os professores coordenadores das oficinas pedagógicas também não, pois há pouca orientação, dada a grande dimensão do Saresp. Entende que deveria haver explicações mais detalhadas, para que eles pudessem explicar melhor aos professores essas questões.

A depoente SPC3 aponta que houve orientação sobre o Saresp no início do ano de 2010, na Diretoria de Ensino, durante um dia inteiro, para auxiliar no trabalho do coordenador. Trabalhou-se o resultado por escola, identificando as habilidades que não foram aprendidas, para que depois passassem as informações aos professores e ajudassem na preparação de material e atividades para contemplar as dificuldades apontadas pela avaliação. Relata que na Diretoria de Ensino explicaram bem o funcionamento da escala de proficiência do Saresp, mas ela dispõe de pouco tempo para trabalhar com os professores esse tema, já que só se reúne com eles por duas horas

durante a semana, nas Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC<sup>168</sup>) e, além do Saresp, tem que tratar de problemas do dia a dia, de projetos específicos e da formação continuada do professor, portanto não há tempo hábil para um aprofundamento do tema.

De acordo com o depoente SPC4 existem reuniões com membros da Diretoria de Ensino para orientar sobre o Saresp, porém já se tornaram repetitivas. Na Diretoria também não se têm informações no decorrer do ano letivo antes de o Relatório Final com os resultados chegar, o que ocorre, em geral, no segundo semestre. Portanto somente quando as informações chegam, com as habilidades e competências que ficaram em suspenso em relação à aprendizagem, é que começam as discussões. O depoente SPC4 afirma que nas orientações sobre o Saresp é explicado sobre a escala de proficiência, mas que é difícil para os professores que não tenham um pouco de conhecimento em Matemática entenderem. Afirma que a escala foi implantada, mas que vão descobrindo a função de cada coisa aos poucos, citando o exemplo de sua escola, onde estão estudando sobre isso desde 2008 e ainda não entendem muitas coisas.

A depoente SD1 afirma que houve a preparação dos gestores da escola na Diretoria de Ensino, mas, como ela já participa do Saresp há muitos anos, não teve muita novidade. Porém, entende que foram informações necessárias a quem estava participando pela primeira vez, como é o caso das escolas municipais e algumas particulares, cuja participação é voluntária e não gratuita. A orientação consiste em como fazer o Saresp, de informação sobre o cronograma que a escola deve cumprir, com as datas em que as provas devem ser buscadas, os relatórios levados, que deve ser efetuada a digitação on-line da inscrição dos professores que irão aplicar a prova, destacando que não podem ser da escola.

A depoente SD2 relata que está na rede estadual há 35 anos, tendo participado do Saresp desde o primeiro, e que sempre houve orientação sobre a avaliação. Afirma que, para as escolas que não atingiram as metas, são efetuadas capacitações provenientes da Secretaria de Educação para a Diretoria de Ensino, destinadas aos coordenadores, a fim de que a escola trabalhe mais as questões e os conteúdos referentes ao Saresp, preparando alunos e professores para essa avaliação. Afirma que a rotina das atividades da direção em função do Saresp é um pouco alterada, no que diz respeito à administração e organização dos professores que aplicarão as provas e

---

<sup>168</sup> No máximo três horas semanais, dependendo da carga horária em sala de aula do professor.



preenchimento de planilhas, porém, é no dia da aplicação das provas que a mudança é grande.

### **7.3.2 Preparação do professor para o Saresp**

A depoente SP2 afirma que é bem informada pela escola acerca do Saresp. Relata que dois professores da escola foram encaminhados para cursos de capacitação sobre esse sistema de avaliação, que ocorrem todos os anos. É encaminhado para esses cursos um professor de cada série e disciplina que será avaliada, e depois, durante as reuniões na escola, passam essas orientações aos demais. A depoente SP7 conta que os coordenadores são chamados à Diretoria de Ensino, onde são informados sobre o processo a ser desencadeado e, de volta à escola, relatam o que foi falado aos demais professores.

Os depoentes SP1 e SP3 relatam que os coordenadores da escola foram orientados a respeito de como funciona a escala de proficiência do Saresp, para que pudessem interpretar o que significa cada nível de proficiência. Como preparação para a prova, o depoente SP3 conta que foi efetuada uma simulação do Saresp pela escola, com os professores respondendo as questões propostas e analisando as respostas. O depoente SP5, diferentemente dos anteriores, não sabe se ocorreu algum curso na escola sobre o Saresp e afirma que não participou de nenhum e não tem conhecimento sobre o plano de metas do governo.

Em relação a essa escala, a maioria dos professores depoentes afirma explicitamente que a entendem, mas o sujeito SP3 não acha prático, pois, se quiser elaborar uma atividade usando a escala, exige muito tempo. A depoente SP7 diz não entender a escala de proficiência, acha que tem falta de clareza, inclusive afirma que nem os coordenadores a entendem. Relata, também, que sente desânimo em se esforçar para entender o que é, pois acha que deveria haver uma explicação mais transparente.

A depoente SP6 aponta que as coordenadoras pedagógicas informam, na HTPC, sobre como é o Saresp, para que serve, para que o governo o aplica e sobre a escala de desempenho; para quem aplicou as provas também foram passadas outras informações. Ela se sente pressionada pela coordenação e direção da escola, pois há uma preocupação muito grande com o Saresp e, as coordenadoras e a vice-diretora dizem, por exemplo, que o trabalho do ano todo tem como finalidade os dois dias da prova.

Corroborando os depoimentos dos professores, os coordenadores apontam como trabalham as informações relativas ao Saresp. Por exemplo, a depoente SPC1 relata que

o explicado pela Diretoria de Ensino aos coordenadores, às vezes, é apresentado aos professores na escola por meio de projeções.

O depoente SPC4 trabalha com os professores as questões relativas aos procedimentos pedagógicos, que estão implícitas no Saresp, e destaca ser importante que se faça uma revisão dos conteúdos escolares já vistos, além de trabalhar com os alunos a importância da avaliação, apesar de ele mesmo não acreditar muito no Saresp. Afirma, ainda, que desde que terminam as provas até quando chega o Relatório Final, os coordenadores vão traçando, em linhas gerais, as informações que vão surgindo para apresentá-las aos professores.

### **7.3.3 Preparação do aluno para o Saresp**

Sobre este tema exporemos o que os depoentes professores, equipe de gestão e estudantes, destacam acerca da preparação feita junto aos alunos durante o ano letivo, visando ao Saresp.

O sujeito SP1 afirma que trabalham com os alunos, aplicando simulados relacionados ao Saresp. Ele mesmo aplicou um simulado para fazer uma revisão, considerando-o como uma atividade bimestral e valendo nota.

A depoente SP2 usa questões de provas anteriormente aplicadas do Saresp, Enem e vestibulares para preparar os alunos por meio de provas-teste, já que se deu conta de que o desenvolvimento escolar deles melhorou quando começou a avaliá-los, também, com esse tipo de exame.

O depoente SP3 trabalha mais com exercícios que compõem as provas do vestibular do que com os do Saresp, já que na época do Enem os alunos pedem exercícios fora do conteúdo que está sendo trabalhado, mas afirma que às vezes trabalha com exercícios do Saresp pela facilidade de encontrá-los. Não prepara os alunos com exercícios do Saresp em período anterior à sua aplicação por não acreditar que isso funcione, fazendo analogia aos cursinhos pré-vestibulares, em que há treino para o vestibular durante o ano todo e mesmo assim a maioria não é aprovada.

A depoente SP4 relata que, quando chega próximo da data do Saresp, procura fazer uma revisão do conteúdo, mas trabalha normalmente os conteúdos de sua disciplina durante o ano. Informa, também, que são feitos simulados do Saresp durante o ano todo.

Concordando com SP4, o depoente SP5 diz ter havido vários simulados durante o ano, mas que, em suas aulas, não mudou a rotina em função do Saresp. Porém, por

iniciativa própria, trabalhou com atividades envolvendo questões do Enem, quando visualizou que os alunos iriam participar do Saresp.

A depoente SP6 relata que os alunos são bem preparados para o Saresp e que a escola tenta convencê-los a levar a prova a sério, explicitando a importância da avaliação para eles e para a escola, portanto se não têm um bom desempenho, é devido à situação atual dos alunos, não explicitando do que se trata essa situação atual. Na análise que efetuamos, considerando o contexto de seu depoimento, inferimos se tratar de uma situação ruim, mas a depoente não pontua os problemas. No processo de convencimento, relata que fazem até chantagem, pois vários afirmam que irão "chutar" todas as alternativas, o que comprometeria o resultado da avaliação. Além dos simulados que vêm da Diretoria de Ensino para as classes que farão o Saresp, afirma que as coordenadoras pedem para que se apliquem provas em formato de testes aos alunos no decorrer do ano letivo. Para as salas que não fizeram o Saresp, não houve simulados, apenas as provas regulares, com datas organizadas pela direção e coordenação escolar.

A depoente SP7 relata que a coordenação da escola preparou simulados para treinar os alunos para o Saresp e a nota obtida neles interferiu na avaliação anual do aluno. Além disso, falam aos alunos que o Saresp vai valer nota, mas eles sabem que não, pois se lembram de que nos anos anteriores o resultado não chega antes do final do ano. Afirma que os alunos não têm o costume de fazer provas, de serem avaliados, mas desde 2009, a escola insiste para que os professores façam provas, inclusive marcando datas para uma semana em que elas são realizadas, com frequência bimestral, o que antes era livre para cada professor decidir, e com isso o comportamento dos alunos, ao fazerem uma prova, foi melhor. Entende que sua aula no dia a dia não muda em função do Saresp, pois tem a programação curricular para seguir; porém, quando chega mais próximo dessa avaliação, ela faz uma revisão de conteúdos básicos em Matemática.

A depoente SPC1 relata que desde o começo do ano pensam em avaliações nos moldes do Saresp, incluindo questões com o mesmo número de alternativas, avaliando competências e habilidades, a fim de que os alunos sejam preparados para a avaliação. Afirma que tudo o que fazem na coordenação é pensando no Saresp, principalmente no Ensino Médio. Dessa forma, estão incentivando o uso de provas objetivas pelos professores, pois o Saresp, o Enem e os vestibulares são com questões desse tipo. Em relação aos simulados, ela conta que os alunos da 3ª série do Ensino Médio fizeram quatro a partir de agosto de 2010. Um deles foi aplicado por um cursinho pré-vestibular

que traz as provas e a escola aplica, abordando as áreas de Português, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas de maneira mesclada. Outro foi um simulado do Saeb, que ela mesma elaborou, depois veio um da Diretoria de Ensino e, em seguida, foi aplicado o que já havia sido trabalhado no ano anterior, também enviado pela Diretoria. Afirma que, com tantos simulados, os alunos ficaram exaustos, tendo quatro notas relativas a essas provas no último bimestre. Além disso, ela afirma que fazem chantagem com os alunos, dizendo que a resposta sai até o final do ano e que só receberão o diploma de conclusão se forem bem no Saresp, pois quando não faziam essa pressão, os alunos sabiam que o Saresp não mudava nada para eles e não se comprometiam.

A depoente SPC2 afirma que na escola eles preparam os alunos para fazerem a prova, pois, quando se fala em avaliação, os alunos ficam amedrontados, nervosos, ansiosos e, com a preparação, tenta-se acostamá-los para que fiquem mais tranquilos e possam ter melhor desempenho. Na escola B, em 2010, incluíram uma semana de provas organizada pela coordenação, para a qual são preparadas provas com questões de múltipla escolha e abertas. Além disso, fazem simulados do Saresp na escola, no primeiro e no segundo semestre, sendo que a coordenação preparou um e a Diretoria de Ensino enviou outro. Depois dos simulados eles fazem uma investigação para verificar o desempenho dos alunos, refletindo sobre o que precisa ser feito para que melhore a aprendizagem. Porém, às vezes não há tempo disponível para essa atividade, já que a coordenação tem muitas incumbências, mas tentam, pois existe muita cobrança para que isso também seja efetuado.

A depoente SPC3 afirma que, no planejamento elaborado no início do ano letivo, usam o resultado do Saresp para nortear o trabalho e já providenciam as atividades e materiais, juntamente com os professores, de preparação dos alunos para a prova, mostrando grande preocupação com esse trabalho.

O depoente SPC4 diz que quando há uma conversa franca com os alunos sobre o Saresp, eles vêm e participam da prova. Assim, explica para os alunos que o Saresp é uma avaliação que vai mostrar se o rendimento escolar no Estado melhorou ou não. Fala para eles que a escola A, quando se leva em conta o *ranking* dos desempenhos no Saresp, está entre as cinco melhores da cidade e acima da média da Diretoria e do Estado e que ele gostaria de que a escola continuasse assim. Também conversa com os alunos sobre o aspecto de eles levarem o nome da escola com eles, mesmo após deixarem a escola. Por exemplo, para ingressar em um emprego irão perguntar onde

estudaram e, tendo sido em uma escola renomada, bonita, são melhor vistos em relação aos provenientes de uma escola que sempre vai mal no Saresp. Portanto, entende que a escola é um ambiente que os alunos podem construir e atribui grande importância à posição da escola em um *ranking*, para delinear se sua qualidade é boa ou ruim.

Para tentar atingir a meta do Idesp, SD1 relata que trabalham o ano todo com os alunos, principalmente com os dos 9<sup>os</sup> anos do Ensino Fundamental e das 3<sup>as</sup> séries do Ensino Médio, com semana de provas e simulados, incluindo um simulado por semestre aplicado por uma empresa de outra cidade. Afirma que, na escola A, os alunos são informados sobre o Saresp e que os professores trabalham tendo em vista essa avaliação, para que os alunos tenham bom rendimento. Explica aos alunos que o resultado será divulgado para o Estado todo e que, se eles não se saírem bem, todos irão se assombrar, já que a escola é bem vista na região. Além disso, com o intuito de que se comprometam mais com a avaliação, fala aos alunos que o nome deles vai junto com o resultado e que a escola irá mostrar aos pais deles. Nesse sentido, mostram o resultado dos simulados aos pais que os questionam se o filho não fez nada durante as aulas, se não aprendeu nada, se o professor não está ensinando ou se os alunos não estão estudando, se não estão prestando atenção ao ensino do professor.

Finalizando nossa exposição acerca das articulações dos depoimentos de educadores e equipe de gestão, a depoente SD2 afirma que os alunos são preparados para o Saresp realizando pelo menos dois simulados por ano, sendo que às vezes eles vêm da Diretora de Ensino e outras vezes a própria escola financia.

Nos depoimentos dos alunos há diversas falas sobre a preparação para o Saresp, relatando o que os professores e a equipe de gestão lhes informam. Dizem, também, sobre as atividades preparatórias a que foram submetidos. Por exemplo, os depoentes do grupo GA1 afirmam que a equipe de gestão e os professores chamaram a atenção deles para as provas que aconteceriam, dizendo que o Saresp era fácil, portanto eles deveriam estudar para fazê-lo de maneira comprometida, sem "chutar" as alternativas das questões, e quem tivesse essa intenção, era melhor ficar em casa. Além disso, falaram que o Saresp poderia reprovar ou ajudar os alunos que estavam em uma situação instável, não sabendo se seriam aprovados ou não na série que estavam cursando.

Os alunos do grupo GA2 relatam que foram preparados para o Saresp com dois simulados: um da escola e outro da Diretoria de Ensino, chamado de Sarespinho. Esses depoentes afirmam que alguns professores só pensam no bônus ao incentivar os alunos para fazerem o Saresp, e outros pensam no conhecimento dos alunos, mostrando que o

resultado da prova depende deles, portanto os alertam a prestarem atenção nas questões do Saresp, ler mais de uma vez cada uma, deixar para o final da prova aquelas que não conseguem resolver. Mas dizem que muitos alunos não acreditam nisso e acham que os professores só querem sair ganhando. Também relatam que foi falado pela coordenação pedagógica que o resultado do Saresp comporá a nota do último bimestre. BF4 afirma ter perguntado para a professora sobre isso e ela afirmou que a nota do Saresp consta no Histórico Escolar.

Os depoentes do grupo GA3 afirmam que ocorreu um simulado do Saresp durante o ano, mas não se lembram de quando foi.

Os alunos do grupo GA4 afirmam que as aulas em épocas anteriores ao Saresp são cansativas, pois os professores passam mais tarefas. Por exemplo, em Língua Portuguesa o professor trabalha mais informações sobre como elaborar um artigo de opinião, ou seja, informações voltadas para o conteúdo que será cobrado nessa prova. Relatam, ainda, que fazem simulados durante o ano. Em relação aos professores e à equipe de gestão, os alunos entendem que demonstram preocupações com a imagem pública da escola A, com o julgamento que farão de acordo com os resultados do Saresp, não querendo que seja qualificada como a pior escola, onde os alunos não sabem nada. Dessa forma, os coordenadores foram às salas de aula quase todos os dias nas semanas anteriores ao Saresp, requisitando que os alunos se dedicassem ao fazer a prova, pois seria importante para o futuro deles. Os estudantes concluem que a escola depende do resultado dos alunos.

Os alunos do grupo GA5 dizem que nas últimas três semanas estavam resolvendo uma espécie de simulado do Saresp, preparado pela professora de Matemática, com 77 questões. A depoente AF6 não sabe se houve simulado, pois se teve ela faltou. Relatam que os professores afirmam que o Saresp é importante e que a coordenadora vai às salas de aula antes da prova e os alerta para prestarem atenção, e não terem pressa para resolver as provas. Porém, sinalizam que os professores não falam muito da matéria que será cobrada, pois não têm muita informação sobre isso, ministrando o máximo de conteúdo que puderem para que os alunos se saiam bem nas provas.

De acordo com os alunos do grupo GA6, nas semanas anteriores ao Saresp, os professores fazem uma revisão de conteúdos, trabalham com atividades tirando dúvidas, analisando os conhecimentos dos alunos, aplicando simulados, para que eles consigam fazer bem essa prova. Relatam que foi falado para que os alunos prestassem bastante

atenção na prova do Saresp, fizessem a prova com calma, fossem disciplinados, não terminassem a prova rapidamente e se esforçassem ao máximo, pois eles iriam receber o resultado. Tais alunos não sabem se o Saresp era obrigatório, mas foi falado para que não faltassem de forma nenhuma, e estivessem com seus compromissos em ordem.

Os depoentes do grupo GA7 relatam que são aplicados também simulados para o vestibular, que é feito na mesma época do Saresp, mas que as aulas continuam de maneira normal, sem nenhuma revisão específica para essa prova. Falam que os coordenadores e professores solicitaram dedicação dos alunos ao fazerem as provas do Saresp, pois eram exercícios de interpretação e que eles conseguiriam fazer. Além disso, dizem que a vice-diretora foi às salas de aula alertando para lerem direito as questões, tentarem responder, pois a prova ia avaliar a escola. Nessa ocasião a vice-diretora afirmou, ainda, que durante o ano fez o possível para os alunos aprenderem e confiava que eles iriam mostrar o que sabiam naquele momento, pois se a escola se saísse mal no Saresp, no outro ano teriam muito mais trabalho.

Segundo os depoentes do grupo GA7, foi entregue uma ficha para que alunos preenchessem em relação ao Saresp, pois foi falado que quem não fizesse a prova não pegaria o certificado de conclusão do Ensino Médio. Os alunos não se lembram de quem falou isso, mas acham que inventaram esse fato somente para que os alunos participassem do Saresp.

Os alunos do grupo GA8 afirmam que dois dias antes do Saresp eles tiveram somente aulas de reforço de Matemática com a própria professora. Além disso, são aplicados simulados, também em relação ao vestibular, que é feito na mesma época do Saresp. Relatam que na escola B foi falado para os alunos realizarem as provas do Saresp com calma, ler as questões, prestar atenção e tentar fazer a prova toda.

A depoente AM1 relata que os professores eximiram-se da responsabilidade em relação ao Saresp, apenas avisando os alunos que deveriam fazer a prova.

Os depoentes do grupo GA10 dizem que nas aulas anteriores ao Saresp alguns professores falam como é a prova, o que pode ser cobrado e que os aconselham sobre como obter bom aproveitamento; outros aplicam simulados, fazem revisões de conteúdos de anos anteriores. Os alunos também comentam que fazem o Sarespinho, um simulado do Saresp enviado pela Diretoria de Ensino, e esses fatores ajudam na hora da prova.

Os depoentes do grupo GA11 afirmam que fizeram o Sarespinho na semana anterior ao Saresp. Acham isso interessante, pois, no momento da entrevista desta

pesquisa, a professora já havia mostrado o gabarito com a correção das respostas certas. Lembram que o Sarespinho foi sobre Língua Portuguesa e Matemática, mostrando dúvidas em relação a outras matérias que foram cobradas. Relatam que o coordenador foi à sala de aula falar sobre o Saresp e acham que somente a professora de Língua Portuguesa falou sobre a prova, dizendo não ser obrigatório, mas que seria bom fazer.

Os depoentes do grupo GA12 relatam que desde o começo do ano os professores avisam os alunos sobre as provas que terão: do Saresp, Enem, vestibulares. Quando está chegando perto, alguns professores dão *dicas* e fazem revisões. Além disso, fazem simulados de quase todas as matérias, valendo nota.

#### **7.3.4 Comprometimento dos alunos e dos pais com o processo de avaliação e de ensino e aprendizagem**

Neste subitem, exporemos as percepções apontadas pelos sujeitos em relação aos comportamentos no cotidiano escolar que revelam a atitude referente ao compromisso e responsabilidade dos alunos e suas famílias em relação ao processo de ensino e aprendizagem realizado na escola, o que compreende o processo avaliativo, tanto o realizado internamente na escola, quanto o concernente ao Saresp.

Nesse sentido, o professor SP1 tem a visão de que os alunos são orientados para o comportamento de somente frequentar a escola, copiando a matéria, fazendo o mínimo que os pais pedem, para ter uma nota, sendo que a maioria dos pais não tem ideia do que o aluno faz dentro da sala de aula. Observa que os alunos não consideram a prova do Saresp séria, pois permanecem na sala somente o tempo mínimo requerido, "chutam" as alternativas e não leem (ou leem rapidamente) as questões. Considera que a maioria tenta resolver a prova, mas são poucos os que ficam até o final tentando. Propõe serem dadas recompensas aos alunos, para que eles levem a prova mais a sério, já que contou ser frequente ouvir alunos dizendo que não vão fazer o Saresp, pois não vão ganhar nada com isso.

Em relação às atividades e avaliações feitas durante o ano pelos professores, o depoente afirma que o aluno sabe que, se mantiver um comportamento aceitável em sala de aula, ele pode passar de ano, mesmo não tendo notas boas para isso, portanto não leva a sério as provas. Dessa maneira acha que não se deve usar a avaliação do comportamento do aluno para aprová-lo ou não, e sim a nota relativa ao conteúdo trabalhado. Além disso, relata que a maioria dos alunos não comparece à recuperação, justificando que eles não frequentam as aulas referentes a essas atividades porque não



querem, explicando como se deu a recuperação quando ministrada por ele, conforme exposto na categoria “Realidade Escolar”. Aponta a existência de alunos que foram reprovados, pois não fazem nada relativo aos estudos e estragam a escola, destruindo-a fisicamente. Mas questiona se é necessário destruir a escola para que o aluno seja reprovado. Defende que a escola não deveria ser obrigatória, já que há pessoas que não gostam dela ou não veem sentido em frequentá-la. A respeito da obrigatoriedade da frequência à escola, não concorda com o argumento de que alunos de Ensino Fundamental não sabem ainda o que querem da vida, por serem jovens. Contra esse argumento, expõe o desinteresse dos pais, pois mesmo conversando com eles, repetidas vezes, as atitudes desses alunos não mudam. Considera que isso se dá não apenas em decorrência da pouca idade do aluno, mas, conforme entendemos do seu depoimento, pelo fato de os pais e a sociedade não valorizarem a escola e o ensino que ela promove.

O depoente SP3 não acha apropriado, em geral, o comprometimento dos alunos na avaliação do Saresp nem nas avaliações feitas dentro da escola, entendendo que há dois motivos para os alunos apresentarem essa atitude: um referente a defasagens no conhecimento em Matemática, relativo à série em que se encontram; como mecanismo de defesa, para não se exporem a constrangimentos, negam-se a fazer avaliações individuais, já que em geral podem recuperar a nota com um trabalho em grupo; outro é que o aluno sabe que sempre vai ter outra chance para se recuperar, e que ele pode ser promovido de maneira fácil; então não se empenha.

A depoente SP4 entende que os alunos não aprendem por falta de compromisso com a aprendizagem, pois eles são capazes de aprender. Acredita que a falta de cobrança de notas é o maior problema da escola atualmente, o que causa a falta de interesse do aluno, já que qualquer que seja a nota atribuída a ele não fará diferença para aprovação ou reprovação. Assim, o aluno acaba por não apresentar os pré-requisitos necessários em Matemática para compreender o conteúdo trabalhado nas séries em curso. Atribui importância à família, dizendo que existem pais que se preocupam e outros que não sabem o que está sendo feito na escola. Além disso, quando a família não entende o estudo escolar como sendo importante e não possui entre seus membros os que têm muitos anos de escolarização, os alunos acabam por almejar algo semelhante ao que os pais conseguiram.

Dessa forma, acredita que, se os alunos se envolvessem com o aprendizado, o Saresp seria apropriado para medir o conhecimento que o aluno adquiriu, porém não é o que ocorre. Nesse sentido, a depoente SP4 acha que o governo poderia cobrar a meta de

aumentar o Idesp, já que é importante sempre melhorar, se também cobrasse do aluno, pois para o aluno tanto faz se ele lê a prova e tenta resolvê-la, ou não. Portanto, o aumento do Idesp não depende só do professor e da escola, mas também do comprometimento dos alunos e da localização sócio-cultural-geográfica da escola.

A depoente SP6 afirma que seria importante se todos olhassem o Saresp com seriedade, mas alguns alunos não o fazem. Por exemplo, no dia da aplicação, tem aluno que em 30 minutos já leu e marcou todas as alternativas para responder às questões, o que significa que não fez a prova, portanto existem alunos que "chutam" as alternativas, apesar de a escola tê-los preparados. Ela entende que os alunos às vezes se atentam e percebem que não vai acontecer nada para eles em função do Saresp. A professora conta que em algumas salas de aula leciona, de fato, para uns 10 alunos, mas há outras em que ninguém quer aprender, ela fala sozinha, sem interlocutor. Em relação ao cotidiano, entende que os alunos não querem fazer nada, mas ela trabalha para fazer a parte dela.

A depoente SP7 trabalha numa escola particular e afirma que em tal escola há mais cobrança dos alunos, tem mais rotina de provas, portanto eles têm um comportamento melhor do que na escola pública para fazer uma avaliação. Percebe que os alunos não veem razão para fazer a prova do Saresp, questionando o porquê de fazê-la, já que não se usam os resultados dela para nada. Estão tentando mudar isso na escola, conversando com os alunos sobre a importância do Saresp, pois entende que caba à escola fazer isso e valorizar o Saresp. Comenta que está melhorando, este ano os alunos não faltaram e atribuíram importância a essa prova.

A depoente SPC1 relata que começaram a fazer uma semana por bimestre de provas preparadas pelos professores e organizada pela coordenação da escola, chamadas de provas oficiais. Acredita que assim as provas ficaram institucionalizadas e os alunos e pais a valorizaram mais. Portanto acha que mudar a rotina toda da escola em função do Saresp fez com que os alunos passassem a vê-lo, e também as provas da escola, com mais responsabilidade.

A depoente SPC2 relata que os professores se preparam para as aulas, mas quando chegam a algumas salas, tudo se perde, vem abaixo, entendendo que a qualidade do ensino é boa, porém a maioria dos alunos não tem vontade de estudar, o que recai também sobre os resultados do Saresp. Relata que atualmente o governo fornece todos os materiais para os alunos, incluindo os livros e o material relativo ao Currículo, porém eles não valorizam esses materiais, muitas vezes jogando-os fora. Acredita que o pensamento é facilitar o aprendizado, porém os alunos não têm vontade e, enquanto eles

não quiserem ir à escola para aprender, não vai mudar nada. Acha que a escola não é para todos, é para quem quer estudar, mas não sabe se isso prejudicaria ou beneficiaria a atual situação, pois, se o aluno não ficar na escola, ele tanto pode ficar na rua, como também pode ir trabalhar e até depois sentir necessidade de voltar a estudar.

Em relação à família, a depoente entende que atualmente não existe estrutura para ensinar as crianças a respeito da importância da educação escolar, pois os pais estão somente preocupados em trabalhar, e os filhos, que não são a prioridade, acabam ficando sem ter em quem se apoiar. Conta que muitos pais não vão às reuniões de pais nas escolas por não terem tempo, já que estão trabalhando, mesmo que a reunião seja marcada em um sábado. Também diz que existem famílias em que os pais trabalham, mas cobram dos filhos um bom desempenho, vão às reuniões, sendo esses alunos esforçados. Pensa no que poderia ser feito para que os pais obrigassem os filhos a estudarem, propondo uma articulação entre a *Bolsa Família* e a nota do Saresp. Pondera que essa poderia ser uma maneira, já que com a progressão continuada não há como reprovar um aluno, mesmo que ele não tenha nota suficiente para ser promovido. Outro aspecto a ser analisado é o fato de os pais mandarem os filhos até doentes à escola, para receber aquela bolsa que exige a frequência do aluno.

Já em relação ao Saresp, a depoente diz que os alunos não dão importância, não o levam a sério, pois o resultado não está ligado diretamente com eles, como o fato de ser promovido para a próxima série, por exemplo. O aluno sabe que o resultado virá só no próximo ano e que o sistema de ensino funciona com a progressão continuada, portanto eles serão promovidos. Conta que insistem para que os alunos venham fazer a prova, que mudam os horários de ônibus e de refeições, enviam bilhetes aos pais, mas que alguns não se importam mesmo assim. Afirma que se tem uma ideia do resultado do Saresp antes de ele sair, pois na escola se conhecem os alunos comprometidos, que têm famílias comprometidas e os que não o são, que não se importam.

A depoente SPC3 afirma que o comprometimento dos alunos tanto em relação ao Saresp quanto na sala de aula está a cada ano mais complicado, pois os alunos querem o resultado instantâneo das atividades que fazem, querem que as coisas tenham utilidade imediata, além de não verem a aprendizagem como prioridade em suas vidas. Conta que tem que conversar com os alunos sobre a importância do Saresp, fazer a preparação deles, e, assim com todo esse trabalho, diz que teve quase 100% de presença, o que não garante 100% de bom desempenho.

Para a depoente SD1 ninguém é incapaz de aprender, alguns têm mais facilidade e outros, mais dificuldade, mas que os alunos falam que não aprendem, pois os professores não ensinam e não são bons. Porém, eles têm professores que também lecionam em escolas particulares e em faculdades, portanto os alunos não sabem a capacidade dos professores e nem a deles próprios. Acha que talvez não atinja novamente a meta do Idesp 2010, pois o 9º ano estava muito indisciplinado e não se interessavam pelos estudos, tendo sido difícil para que fizessem as provas e estudassem. Destacamos que a escola atingiu o Idesp 2010 para o Ensino Fundamental e não atingiu para o Ensino Médio.

A depoente SD1 afirma que em 2010 e 2009 foram os dois anos em que os alunos se comprometeram mais com o Saresp, só não vieram fazer a prova aqueles alunos que já haviam desistido, portanto tiveram em torno de 97%, 98% de presença. Chegaram a ir buscar alunos em casa para participarem da prova. Relata que um aluno foi fazer a prova com conjuntivite, então foi conversado com um fiscal do Saresp e o colocaram em uma sala, sozinho, dado o tipo contagioso dessa doença.

A depoente SD2 diz que os alunos são comprometidos com o Saresp, pois na escola há um histórico de comprometimento de toda a equipe escolar para mostrar a importância de os alunos fazerem essa avaliação, não devendo recusar-se. Relata que há poucas faltas no dia da prova e existem aqueles alunos que querem ir embora logo, mas a maioria leva a sério.

Além da equipe de educadores, os alunos discorrem acerca do comprometimento deles próprios e das famílias com o processo educacional. Em relação ao Saresp, os alunos, em geral, afirmam que se esforçam para fazer as provas, pois eles mesmos carregarão a imagem da escola, porém há alguns casos em que isso não acontece, conforme será exposto na articulação dos depoimentos, apresentados na sequência.

Os depoentes do grupo GA2 criticam a falta de interesse e de educação de alguns alunos, que não se preparam para as provas bimestrais, inclusive às vezes nem tomando conhecimento do cronograma das provas, que está fixado na entrada da sala. Em relação ao Saresp, a depoente BF5 acha que os estudantes têm de levar essa prova mais a sério e não assinalar qualquer alternativa, pois também representa dinheiro público. Os depoentes desse grupo dizem que diversos alunos reclamam que a escola não é boa, mas que eles mesmos estragam a reputação da escola: tiram a tinta da parede, rabiscam armários e carteiras, jogam livros, desperdiçam merenda, sujam a escola, depredam ônibus. BF6 relata que, quando os professores falam que a escola será

avaliada por meio do Saresp e de acordo com o resultado terão ou não melhorias, esses alunos não se esforçam e depois ficam reclamando. Conta que, em dia da prova do Saresp, tais alunos ficam tentando sair mais cedo que os demais, querem sair das salas para ficarem conversando no corredor, pois não se importam muito com a escola.

Afirmam, ainda, que a educação depende de vários fatores que são interligados: pais, professores, alunos, direção e governo, não podendo culpar apenas um deles pelo fracasso da educação. O aluno BF5 discorre que os pais deveriam saber o que os filhos fazem na escola, se eles são interessados ou não. Os professores deveriam procurar saber os interesses dos alunos e não aprová-los de qualquer maneira, não devendo ter piedade dos estudantes. Já os alunos não deveriam ficar discutindo porque foram reprovados, pois, se eles estudarem e merecerem, serão aprovados. Os depoentes desse grupo afirmam que os pais devem estar atentos ao que os filhos fazem na escola, observando as tarefas feitas para verificarem se estão participando realmente, pois, se não estiverem, não é para ter pena e sim fazer reprovar o ano letivo, para que possam ser bem sucedidos futuramente.

No grupo GA5, o depoente AF8 acha que os alunos devem se esforçar para fazer o Saresp para que se veja como está o ensino na escola pública e que, em geral, os estudantes, e ele mesmo, se esforçam ao máximo para que essa imagem fique boa, mas não são todos. Sobre a participação da família na educação do filho, afirmam que os pais deveriam saber mais sobre o que os filhos fazem na escola, pois o boletim não é suficiente, já que o aluno pode falsificar suas notas e o pai pode assinar sem perceber, além do que alguns pais não comparecem à reunião. Ou ainda, como o boletim pode ser pego na internet, se o pai vir que o filho tem notas boas, ele vai concluir que o filho é um ótimo aluno e está preparado para fazer vestibulinho ou Enem. Mas o depoente afirma que é necessário ouvir o que o professor tem a dizer sobre o estudante. Dessa forma, se os pais soubessem que os filhos não estão indo bem na escola, eles iriam fazê-los estudar e o ensino público iria melhorar.

Para os alunos do grupo GA7, deveria ser selecionado quem vai fazer a prova do Saresp e mostrar o que aprendeu para o governo, já que existem alunos que não o levam a sério. O depoente BM3 relata que existem muitos alunos que possuem a chance de aprender, mas que não têm vontade, portanto a escola não tem culpa se esse aluno não aprende, já que ele não traz essa vontade de fora da escola. Por esse motivo, deveriam ser selecionadas pessoas que querem fazer uma prova bem feita, para que se tenha o desempenho da escola em relação ao que se tentou ministrar de conteúdo.

A aluna AM1 relata que atualmente as pessoas não se importam mais com o Saresp, pois foi abandonada a ideia de que, se o aluno não tiver um bom desempenho nessa prova, ele não será aprovado para o próximo ano letivo. Isso ocorreu, pois de todas as provas do Saresp de que participou não teve acesso a nenhuma nota.

Os depoentes do grupo GA10 acham que o Saresp deveria ser obrigatório, pois muitos alunos não levam a sério a prova ou não a fazem.

Os depoentes do grupo GA11 afirmam que a maioria dos alunos não tem interesse pelo Saresp, apesar de ser uma prova séria. Portanto, se der como resultado que o ensino é fraco, pode não estar certo, pois muitos não fizeram a prova corretamente, e os professores ensinam bem.

### **7.3.5 Comprometimento do professor com o Saresp e com o processo de ensino**

Em relação aos professores, o depoente SP4 diz que na escola existem aqueles que não têm comprometimento nenhum com o Saresp, existem aqueles que se comprometem, mesmo não concordando, e aqueles que tentam fazer com que os alunos boicotem a prova. Já a depoente SPC2 diz que os professores se preocupam com o Saresp, pois se sentem responsáveis pelos resultados, já que fazem o possível para os alunos aprenderem e, quando a escola tem uma nota baixa, ficam desapontados.

A coordenadora SPC1 diz que há professores que não se comprometem com o processo de ensino mesmo que se insista para isso, mesmo que se entre na sala de aula para verificar seu trabalho, pois é o limite deles, porém a maioria são professores bons. Já a depoente SP6 diz que, independentemente do Saresp, ela ministra os conteúdos que têm que ser trabalhados naquela série com responsabilidade.

A depoente SD1 relata que há professores que não se empenham muito, principalmente aqueles que têm poucas aulas ou vêm para substituir outros professores de vez em quando. Considera os professores da escola bons, com alguns também lecionando em escolas particulares e universidades. Entende que o Saresp faz uma cobrança muito maior para os professores, pois com o envio do material relativo à proposta curricular, eles têm que preparar as aulas, pesquisar atividades diferentes e não podem mais seguir o livro didático do começo ao fim.

A diretora SD2 afirma que os professores da escola são comprometidos com o Saresp e mostram para os alunos a importância dele, o que se traduz em um alto índice de presença. Relata que, os alunos chegam com muitas dificuldades à escola A e, portanto, os professores têm que se esforçar bastante com os recursos de que dispõem

para conseguir que os alunos aprendam. Diz, ainda, que os professores de escolas particulares ou estaduais que têm um desempenho melhor no Saresp não são diferentes dos professores da escola A, havendo, inclusive, alguns que trabalham em ambas as escolas.

Os alunos do grupo GA2 afirmam que os professores também têm falta de interesse, pois aprovam os alunos no 6º, 7º e 8º ano sem tomar as providências necessárias para que eles aprendam. A depoente AM1 afirma que, em relação ao Saresp, os professores eximiram-se da responsabilidade, apenas avisando os alunos que deveriam fazer a prova.

### **7.3.6 Modo de participação dos alunos no Saresp**

Neste subitem, trabalharemos os relatos dos alunos sobre o modo como se deu sua participação na prova do Saresp de 2010 e eventualmente na de outros anos. Destacamos que as informações aqui expostas se complementam com aquelas sobre a visão dos alunos quanto à prova de Matemática, apresentadas na categoria “Visão da Matemática Escolar”.

Dos alunos entrevistados, todos fizeram as provas do Saresp em 2010, exceto a depoente AM3, do grupo GA10 e a depoente AM9, do grupo GA12 que não fizeram a prova do 2º dia. AM9 afirma ter chegado tarde do trabalho, relatando que queria ter saído antes, mas não foi possível. O depoente AM3 não expõe seu motivo para ter faltado.

Os alunos do grupo GA1 afirmam que a maioria dos alunos da classe permaneceu na sala resolvendo as provas além do tempo mínimo. Destacamos que o tempo mínimo de permanência na sala para realização da prova do Saresp era de uma hora e trinta minutos e o tempo máximo era de três horas. Afirmam ter demorado cerca de duas horas e meia para realizar as provas do primeiro dia. BF1 demonstra confusão quanto ao tempo que permaneceu na resolução das provas no segundo dia, ora afirma ter permanecido pelo tempo mínimo, ora por duas horas e meia.

No grupo GA2, BF4 e BF5 dizem ter ficado o tempo máximo nos dois dias, sendo que BF5 foi a última aluna a sair da sala no segundo dia. Já a aluna BF6 ficou em torno de duas horas e vinte minutos fazendo as provas durante os dois dias. O depoente BF4 afirma que a escola foi prejudicada, pois em torno de cinco ou seis alunos não participaram da prova e o Saresp divide a nota dos alunos pelo número de alunos da sala, comparando o número obtido com a média do ano passado. Destaca-se aqui um

procedimento citado diversas vezes: a quantidade de alunos presentes em relação à quantidade de alunos da sala, pois da maneira como é calculado o desempenho no Saresp, não se tem essa proporção, o que poderia levar a escola a escolher os alunos que participariam do Saresp, apesar de esse ato desonesto não ter aparecido em nenhum depoimento.<sup>169</sup>

Quatro alunos do grupo GA4 afirmam que demoraram uma hora e trinta minutos para fazer as provas nos dois dias. Relatam que esse era o tempo mínimo de permanência e que alguns alunos continuaram terminando a prova após esse período

Os alunos do grupo GA5 afirmam que a prova começou às 7h30min e eles deveriam permanecer no mínimo por uma hora e trinta minutos. No primeiro dia, AF8 diz que saiu quase no tempo máximo, que era de três horas, AF7 saiu às 9h20min, AF6 em uma hora e trinta minutos, e AF5 demorou um pouco a mais que o tempo mínimo. Já no segundo dia, os alunos afirmam que estava mais fácil a prova, portanto todos saíram no tempo mínimo. A depoente AF6 afirma que fez a prova de Matemática rapidamente, já que não sabia responder as questões, pois a sala em que estuda é composta por alunos que já repetiram o 9º ano, dessa forma o conteúdo ministrado pelo professor foi de séries anteriores ao 9º ano.

Os depoentes do grupo GA6 relatam que fizeram a prova do primeiro dia em uma hora e trinta minutos, pois algumas respostas eram óbvias, além de ser prova-teste, fazendo com que com a prova fosse respondida rapidamente. Já no segundo dia de prova, quando tiveram a Redação e a prova com questões abertas de Matemática, os alunos demoraram perto do tempo máximo para responder, pois deveriam escrever mais. Relatam que os resultados do Saresp são divulgados, mas não sabem se será no final do ano, pois é uma época muito corrida. Afirmam, também, que a escola ligou para aqueles alunos que não vieram no dia da prova, pois não pode faltar.

Os depoentes do grupo GA7 afirmam que permaneceram de duas horas e trinta minutos a três horas realizando a prova, ou seja, aproximadamente o tempo máximo e relatam que a maioria dos alunos da classe terminou a prova no tempo mínimo.

Os depoentes do grupo GA8 dizem que terminaram as provas no primeiro dia em uma hora e trinta minutos e, no segundo dia, demoraram mais tempo, já que havia uma parte da prova que era aberta e a Redação. O depoente BM6 relata que, mesmo tendo terminado a prova antes do tempo mínimo, ficou dentro da sala de aula esperando

---

<sup>169</sup> No Sumário Executivo (SÃO PAULO, 2011a, p. 16), podemos verificar que somente são processadas as folhas de respostas dos alunos que participaram da avaliação.



para entregar a prova, já que os alunos somente seriam liberados para irem embora para casa após o horário de intervalo. Relatam que a maioria dos alunos saiu da sala logo após transcorridos uma hora e trinta minutos de prova, ou seja, permaneceram na sala durante o tempo mínimo requisitado.

A depoente AM1 afirma que demorou mais no primeiro dia de prova, tendo permanecido na sala em torno de duas horas e trinta minutos. Já no segundo dia, ficou duas horas.

Os alunos do grupo GA10 relatam que a maioria das pessoas saiu no tempo mínimo ou próximo dele.

Segundo os depoentes do grupo GA11, no primeiro dia estava mais difícil, portanto foram praticamente os últimos a sair da sala. Já no segundo dia, a prova estava mais fácil, sendo que a depoente AM6 saiu no tempo mínimo e AM5 saiu quando ainda havia metade da sala fazendo a prova. Eles relatam que fizeram o Saresp no 9º e no 7º ano do Ensino Fundamental, mas AM6 diz que nunca teve acesso aos seus resultados, por isso que muitas pessoas não acham "legal", pois quem faz a prova não sabe nem para onde ela vai. AM6 relata que no segundo dia faltou bastante gente, provavelmente porque os alunos, indo a um dos dias, já acham que fizeram o Saresp.

Os alunos do grupo GA12 relatam que demoraram o tempo mínimo de permanência na sala de aula para fazer a prova, ou seja, uma hora e trinta minutos, e que apenas alguns alunos permaneceram na sala além do tempo mínimo, pois as provas não estavam difíceis. O depoente AM8 diz que no primeiro dia de prova quase todos, ou todos, os alunos compareceram. Já no segundo dia, alguns faltaram. Os depoentes do grupo GA12 falam que quando dá o tempo mínimo de permanência na sala de aula durante a prova, a maioria dos alunos já está exaltada querendo sair, portanto, quando veem que os outros terminaram e estão saindo, os demais ficam desesperados. Afirmam que o Saresp não era obrigatório, pois o aluno que faltou não foi prejudicado em nada, como no caso da AM9, mas que foi pedido aos alunos que comparecessem para manter a escola no topo do *ranking* do Idesp. Porém, o depoente AM7 afirma que o zero de quem faltou estará lá para contabilizar nota para a escola, sujando seu nome, demonstrando a mesma concepção de cálculo exposta pelo grupo GA2, que não condiz com a realidade da produção de medidas.

### 7.3.7 Considerações sobre comprometimento com o Saresp

Sobre a preparação da equipe de gestão para o Saresp, os coordenadores afirmam ter orientações vindas da Diretoria de Ensino, mas que deveriam ter mais acesso a detalhes técnicos, pois ainda existem muitas dúvidas e eles não têm tempo para estudarem sozinhos. Além disso, os diretores e coordenadores dizem que as reuniões de capacitação que ocorrem na Diretoria de Ensino já se tornaram repetitivas para quem participa há mais tempo, sendo informações mais úteis aos municípios que vão pela primeira vez. A falta de tempo é apontada como um problema para a preparação dos professores, que só dispõem das HTPCs para se encontrarem com os coordenadores, ou seja, no máximo três horas por semana. Também relatam reunir informações sobre o Saresp para ir passando aos professores no decorrer do ano letivo, ou seja, direcionam diversas atividades durante o ano para o Saresp.

Os professores revelam que são preparados em relação ao Saresp nas reuniões da escola, ou seja, nas HTPCs, inclusive em aspectos técnicos da escala de proficiência, porém observa-se a falta de praticidade para trabalhar esses dados no cotidiano, além de não ser um consenso entre eles o entendimento de tal escala. Expressam sentirem-se pressionados pela coordenação e direção da escola com vistas aos resultados do Saresp, uma vez que esses resultados indicarão a medida do trabalho realizado o ano todo. Nesse sentido, acreditamos ser necessário um investimento do poder público na efetivação de um trabalho com professores, oferecendo mais oficinas de divulgação dos resultados e de conhecimentos técnico e teórico sobre o Saresp. Como está ocorrendo no cotidiano escolar em que esses professores trabalham, os depoimentos revelam haver uma avalanche de informações que acabam sendo subutilizadas. O trabalho que efetuamos indica a necessidade de reformular as atividades de capacitação dos coordenadores, aprofundando o conhecimento que vem construindo sobre o Saresp, talvez com possibilidades de cursos em etapas, para que não se reduzam a informações iniciais, tornando-se repetitivas.

Quanto à preparação do aluno para o Saresp, os sujeitos sinalizam a existência de simulados, aulas de revisões e conversas de incentivos com os alunos. No Ensino Médio, esta investigação aponta para o fato de a preparação para vestibulares, como o Enem, auxiliar no desempenho dos alunos no Saresp, em virtude do modo como as questões são apresentadas e pela estrutura organizacional da sala de aula no momento da prova. O trabalho dos professores se altera uma vez que preparam atividades

diversificadas das comumente trabalhadas, como o caso dos professores SP1 e SP3 da escola A, que afirmam trabalhar com questões contendo alternativas, inclusive elaborando provas nesse formato, e da escola B, onde é organizada uma semana de provas com frequência bimestral, preferencialmente com formato de testes. Eles próprios dão-se conta de os alunos apresentarem uma atitude mais positiva para com o Saresp, em virtude aos estudos desenvolvidos devido a essas provas.

Os depoimentos obtidos são consonantes quanto à ameaça feita aos estudantes de reprovação decorrente da ausência ao Saresp e que, muitas vezes, eles próprios também pensam que isso poderá ocorrer, o que os leva a fazer a prova de maneira mais comprometida.

Alguns alunos afirmam haver aulas de reforço antes do Saresp e outros não tocam nesse ponto, o que pode ser justificado pelo fato de que é uma atividade que fica ao encargo do professor. Entretanto nenhum depoimento da equipe de educadores ou documento a que tivemos acesso apontam para uma “revisão obrigatória” de conteúdos que serão avaliados no Saresp. Os professores afirmam seguir a grade curricular normal durante o ano, apontando mudanças apenas em tempos próximos à realização do Saresp.

A existência dos simulados é destacada por quase todos os grupos de alunos e demais depoentes, que afirmam ser aplicados mais de um ao ano: pela escola, por cursinhos pré-vestibulares; por professores; pela Diretoria de Ensino. Essa aplicação é vista como boa, pois ajuda os alunos no momento da prova, que é um momento diferente do normal e, em geral, gera sentimentos de ansiedade nos alunos. O desempenho nesses simulados, expressos em termos de notas, são utilizados por alguns professores para compor a nota bimestral dos alunos ou, ainda, usados para mostrar aos pais o desenvolvimento do aluno.

É reiterada, por diversos depoentes, a falta de comprometimento de alguns alunos com o Saresp, já que, conforme o relatado, muitos alunos saem rapidamente da prova, pois, para eles, essa prova não tem valor e não apresenta nenhuma consequência. Alguns professores sugerem que, para superar essa dificuldade, o Saresp poderia instituir premiação aos alunos. Destaca-se aqui a tentativa de premiação ocorrida conforme a Resolução da Secretaria de Educação nº 73, de 18 de novembro de 2011, quando o Estado implanta o Prêmio Saresp 2011 e propõe a entrega de até 12000 *notebooks*, conforme disposto no artigo 3º:

Serão contemplados com o Prêmio “Saresp 2011”, os alunos concluintes do Ensino Médio, dos períodos diurno e noturno de cada unidade escolar, que venham a apresentar, relativamente a todas as turmas/classes do período, os maiores valores de média aritmética, calculada entre os resultados obtidos nas provas de Língua Portuguesa e de Matemática, desde que atinjam, no mínimo, a proficiência correspondente ao nível básico.

Esses computadores não foram entregues aos alunos até a finalização dos depoimentos apresentados neste trabalho. Apesar de um dos objetivos com a entrega do prêmio ser maior participação dos alunos na prova, juntamente com o reconhecimento da importância do processo avaliativo e a meritocracia, “em 2011, 84,5% dos alunos fizeram a prova, menos do que os 88,3% que participaram em 2010. A queda na participação foi mais acentuada entre os alunos do Ensino Médio”. (SÃO PAULO, 2012).

Há o apontamento de que, como os alunos não se comprometem com o Saresp, ele não avalia corretamente o ensino, portanto as metas de aumento do Idesp deveriam ser cobradas também dos alunos, não somente dos professores. Nesse sentido, é afirmada a importância de a escola trabalhar o valor do Saresp. Conforme depoimentos dos docentes e equipe gestora, esclarecimentos sobre essa avaliação com os alunos contribuem para que assumam essa prova com maior seriedade, observada pelo fato de maior comparecimento no dia de sua realização. A diretora da escola A afirma que a maioria dos alunos é comprometida com a avaliação devido a essas conversas esclarecedoras acerca da importância do sistema de avaliação. A vice-diretora da escola B também aponta o alto índice de presença dos alunos no Saresp nos últimos anos, inclusive de alunos doentes.

Além disso, para que os alunos se comprometam, é relatado um esforço da escola para que eles façam o Saresp, muitas vezes até com chantagem, como foi apontado no subitem “preparação do aluno”, em que expusemos o fato de professores e equipe de gestão exercerem pressão sobre os alunos, afirmando a ocorrência de consequências inexistentes. Tanto na fala dos alunos, quanto na dos professores e equipe de gestão, aparece uma pressão sobre os alunos, no sentido de que só receberão o diploma se fizerem o Saresp. Afirmando que, quando não fazem esse tipo de pressão, eles não levam a prova a sério. Destacamos que o Saresp não carrega essa consequência, pois esse não é seu objetivo.

Há, também, coordenadores que mantêm uma conversa esclarecedora e franca com os alunos, dizendo da importância da prova, destacando o significado do desempenho dos alunos para a imagem da escola e argumentando também sobre a incidência do significado da imagem da escola em seu currículo.

Há alunos que apontam que a escola tem grande preocupação com a imagem pública e nem tanto com o aprendizado de cada um em relação ao Saresp. Revelam estar atentos a uma relação de dependência dos resultados da escola com os alunos, o que justificaria os pedidos de estudos e de comprometimento da equipe educadora.

Os alunos, em geral, afirmam que se esforçam para fazer as provas, pois sabem que eles mesmos carregarão a imagem da escola, mas apontam que muitos alunos não levam o Saresp a sério, nem mesmo quando se fala que ele pode representar melhorias, como seria o caso de mais investimentos (escolas prioritárias). Devido a essa falta de comprometimento de alguns com a prova, em depoimentos de alunos aparece a proposta de que se selecionem os alunos para fazerem a prova do Saresp, escolhendo aqueles que querem fazer uma prova bem feita, para que se tenha o desempenho da escola em relação ao que se tentou ministrar de conteúdo, o que, segundo a proposta metodológica do Saresp, comprometeria a avaliação do sistema como um todo. Ou ainda, aparece a proposta de que seja obrigatória a realização do Sareps por todos os alunos, ou seja, que apresente alguma consequência para quem não participar da prova.

Alguns professores depoentes teceram considerações acerca do comprometimento dos docentes em relação ao processo de ensino e ao Saresp. Nessas falas é revelado que há professores comprometidos e que apresentam bom desempenho profissional e aqueles que não são, pois são limitados, principalmente os que exercem cargos temporários.

Em depoimentos de alunos, é revelado que os professores não têm interesse no aprendizado do aluno, pois promovem os estudantes para o próximo ano letivo sem que tenham aprendido. Notamos que essa constatação está relacionada à promoção continuada, evidenciando a crítica dos alunos sobre essa prática, crítica essa que incide nos docentes e não no sistema de ensino. Talvez isso não esteja claro para eles.

Sobre o compromisso em relação ao Saresp, entendemos haver uma dissonância no que concerne à atitude dos docentes. Os depoimentos revelam que há professores que se empenham, mesmo não concordando com a avaliação do Saresp, por se sentirem responsáveis e cobrados em relação ao resultado, e isso se traduz em um alto índice de presença dos alunos no dia da prova. Há professores que apenas informam os alunos da

existência das provas e, ainda, há aqueles que, por não concordarem com o sistema, incentivam os alunos a boicotarem a prova.

Compreendemos, mediante a análise das entrevistas obtidas dos professores e da equipe de gestão, no que diz respeito ao comprometimento dos alunos com o processo de educacional, que estes não se comprometem com as aulas e com o processo avaliativo efetuado na prática das atividades de ensino e de aprendizagem, pois sabem que, se mantiverem um comportamento aceitável dentro da escola e frequentarem as aulas, serão promovidos, não sendo necessário empenho para aprender os conteúdos ministrados nas disciplinas e nem dar conta das diferentes atividades aí desenvolvidas. Essa falta de compromisso e de interesse é evidenciada pela ineficácia das recuperações paralelas, que não eram frequentadas por muitos alunos no ano em que a pesquisa foi efetuada, embora a escola oferecesse condições de alimentação e procurasse sanar outras necessidades, para manter os alunos realizando essas atividades após o período normal de suas aulas. Os professores enfatizam que não se exigem compromissos dos alunos, ou seja, o sistema escolar valoriza a inconsequência dos atos dos sujeitos da aprendizagem, levando-os a não se atentarem para o estudo dos conteúdos curriculares, mostrando-se de maneira evidente a falta de responsabilidade com o processo de ensino e aprendizagem e a desvalorização da educação escolar.

Uma depoente afirma que, na escola particular em que leciona, a existência de mais cobranças e mais provas ocasiona um melhor comportamento dos alunos em relação às provas. Indo nessa direção, estão os relatos de que a implantação de um sistema de provas bimestrais na escola *B* melhorou o comprometimento e comportamento dos alunos em relação às avaliações.

Compreendemos, pelas análises dos relatos e reflexões que efetuamos, que a organização das atividades de avaliação explicitamente efetuadas em época previamente anunciada e o empenho em dialogar com os alunos sobre o significado das avaliações conduzem a escola e seus alunos a uma atitude de maior comprometimento, melhorando, também, o desempenho.

Em relação à aprendizagem, os professores entendem que, se os alunos não aprendem, não é porque são incapazes, ou têm maus professores, e sim porque não se empenham, não se esforçam para que o aprendizado ocorra. Portanto, os depoentes não acreditam que é apropriado avaliar os alunos pelo comportamento ou ainda por atividades realizadas fora do âmbito de cada disciplina, já que esses fatores ocasionariam uma falta de responsabilidade com o conteúdo trabalhado em sala de aula.

Um dos depoentes sinaliza que a falta de comprometimento com a avaliação também poderia ser ocasionada pelo fato de os alunos apresentarem defasagens em relação aos conteúdos em Matemática, portanto não querem expô-las nas provas individuais, já que também sabem que lhes serão dadas outras oportunidades de avaliação, como trabalhos em grupo.

Os próprios alunos apontam que muitos estudantes não se empenham nos estudos e não cuidam da escola, pois não a valorizam. Isso é evidenciado pelo comportamento de violência que apresentam em relação à escola, depredando-a e estragando propositalmente o material de estudo que lhes é fornecido de forma inteiramente gratuita pelo Estado. Expressam suas críticas em relação a esse comportamento, evidenciando, inclusive o gasto inadequado do dinheiro público. Consideram que, para haver maior comprometimento, a escola não deveria ser obrigatória para todos, somente para aqueles interessados, pois há os que não estão interessados de maneira nenhuma nos estudos, nem mesmo a família deles, portanto talvez se saíssem melhor trabalhando.

Os alunos mostram-se conscientes e críticos sobre a complexidade do sistema escolar. Apontam que a qualidade depende de diversos fatores, que devem estar interligados, não podendo culpar apenas um deles pelo sucesso ou fracasso educacional. Incluem nessa complexidade pais, professores, alunos, direção e governo. Nesse sentido, argumentam que os professores devem buscar os interesses dos alunos e não aprovarem todos de qualquer maneira; que os pais devem se interessar pelo que os filhos fazem na escola e pela qualidade da educação; e os alunos devem se comprometer com seu aprendizado.

Os depoentes – professores, alunos, coordenação e direção – destacam que muitas famílias estão ausentes às questões da educação de seus filhos. Ponderam que os pais não estão atentos ao que os filhos praticam no ambiente escolar, portanto não cobram o estudo deles. Além disso, dependendo da importância atribuída pela família ao aprendizado escolar, os alunos valorizam ou não a escola. Nesse sentido, propõem que se vincule o desempenho no Saesp ao recebimento da Bolsa Família. Mostram-se contra a exigência de essa Bolsa incidir tão somente na frequência às aulas e não dizer nada sobre a responsabilidade do aluno nem tampouco da família a respeito da aprendizagem do sujeito aprendiz.

A importância da participação dos pais é bastante enfatizada pelos próprios estudantes, sendo inclusive afirmado que não basta pegar o boletim com o desempenho

de cada aluno, mas que devem ouvir o que os professores têm a dizer sobre os estudantes.

Entre os alunos entrevistados, todos fizeram as provas do Saresp em 2010, exceto dois alunos do Ensino Médio que não compareceram no segundo dia. Em um grupo de alunos, há o apontamento que faltou bastante gente no segundo dia pelo fato de os alunos comparecerem um dia e acharem que já participaram do Saresp. Isso indica falta de clareza sobre a prova.

Sobre o tempo de permanência, que acreditamos ser uma informação relevante, já que em diversos depoimentos aparece que a maioria dos alunos não permanece realizando a prova além do tempo mínimo, há diversos tempos apontados, o que é de se esperar, já que cada aluno se relaciona com a prova de uma determinada maneira. Metade dos grupos de alunos afirma que a maioria dos alunos de suas classes permaneceu realizando as provas durante apenas o tempo mínimo requerido, ou seja, uma hora e trinta minutos. Em relação ao tempo que eles mesmos permaneceram, seguem os itens:

- GA1 - cerca de duas horas e trinta minutos nos dois dias.
- GA2 - dois alunos durante o tempo máximo e uma aluna durante duas horas e trinta minutos, nos dois dias.
- GA4 - fizeram no tempo mínimo nos dois dias.
- GA5 - dois alunos no tempo mínimo, um no máximo e um em duas horas e vinte minutos no primeiro dia. No segundo dia, permaneceram o tempo mínimo.
- GA6 - todos no tempo mínimo no primeiro dia e máximo no segundo dia.
- GA7 - tempo máximo os dois dias.
- GA8 - tempo mínimo primeiro dia e mais tempo no segundo dia.
- GA9 - No primeiro dia, duas horas e trinta minutos. Já no segundo dia, ficou duas horas.
- GA11 - demoraram mais no primeiro dia, cerca do tempo máximo. No segundo dia saíram ou no tempo mínimo ou enquanto ainda havia metade da sala fazendo a prova.
- GA12 - tempo mínimo nos dois dias.



Os alunos falam sobre a obrigação de se participar no Saresp, afirmando que a escola ligou na casa de quem não foi, mas ficam em dúvida em relação a ser obrigatório, pois não acontece nada com quem não comparece. Dois grupos de alunos apontam que há prejuízo para o desempenho da escola no Saresp quando há falta de alunos, pois entendem que a nota é dividida entre os valores obtidos pelo número de alunos da sala. Essa afirmação se baseia na comparação do número de alunos presentes com a média do ano passado, e os zeros de quem faltou mostraram-se computados como nota.

Destacamos que a relação entre os alunos presentes e a quantidade de alunos matriculados da sala não é levada em conta no cálculo do desempenho do Saresp, o que poderia proporcionar que a escola escolhesse os alunos que participariam do Saresp. Enfatizamos, entretanto, que esse ato que entendemos como desonesto não ter aparecido em nenhum depoimento.

Acerca dos depoimentos sobre comprometimento com o processo educacional, destacamos a sobriedade com que alguns grupos de alunos tratam o assunto, com conhecimento amplo sobre seus direitos e deveres e o funcionamento do sistema de ensino em que estão inseridos, apontando críticas e tecendo considerações sobre mudanças que poderiam/deveriam ser efetuadas para melhorar a qualidade de ensino. Acreditamos, dessa forma, que a opinião dos alunos pode contribuir muito para esclarecimentos acerca da maneira como o Saresp acontece sob a perspectiva que eles têm da realidade escolar, perspectiva essa pouco apontada nas pesquisas sobre o Saresp, conforme tratado no item “O Saresp a partir de teses e dissertações.”

#### ***7.4 Categoria Encaminhamentos pedagógicos e políticos por meio dos resultados do Saresp***

Nossas análises e interpretações evidenciaram aspectos concernentes às perspectivas políticas e pedagógicas apontadas pelos sujeitos desta pesquisa, que se mostraram em termos: *do acesso à avaliação e aos resultados do Saresp; às metas e prêmio financeiro; à análise e aos encaminhamentos dos resultados; às intervenções da Diretoria de Ensino no trabalho da escola.*

As articulações que efetuamos foram tecidas com exposições dos sujeitos acerca de como percebem os encaminhamentos dados aos resultados do Saresp, tanto pedagógico quanto de políticas vindas da Secretaria de Educação, tendo como base os resultados dessa prova; textos teóricos que tratam da avaliação. À medida que fomos expondo nosso entendimento, também apontamos modificações e atualizações em

algumas das políticas citadas. Entendemos que esta categoria se mostra nuclear por tratar do impacto percebido pelos sujeitos entrevistados, tendo em vista os resultados do Saresp.

#### **7.4.1 Acesso à avaliação e aos resultados do Saresp**

O depoente SP1 considera que o resultado deve se tornar público, mas que a avaliação deve ser feita somente quando o problema da progressão automática, presente no sistema de ensino, for resolvido. Relata que não teve acesso a nenhum dos itens cujas respostas deveriam ser construídas pelos alunos, ou seja, itens da prova aberta de Matemática.

A depoente SP2 relata que anteriormente os professores tinham acesso às provas do Saresp e ela trabalhava essas questões com os alunos, mas nos últimos três anos não têm mais, portanto ignoram o que e como os conteúdos estão sendo cobrados. Afirma que, por esse motivo, não se tem como dar aos alunos uma explicação sobre o desempenho deles na avaliação e discutir cada questão da prova, questionando o fato de se exigir dos professores que deem essa explicação aos alunos, mas que não podem analisar as provas. Afirma, também, que, para refazerem o planejamento do trabalho a ser realizado durante o ano baseado nos conteúdos cobrados na avaliação, os professores deveriam ter acesso às provas. Entende não ser necessário saber o resultado individual dos alunos por meio oficial, porém pondera ser importante que os cadernos de questões fiquem na escola, para que se possa resolver a prova junto com os alunos, apontando os acertos e erros, procedimento comum em qualquer prova. Observa que os alunos ficam ansiosos para saber o que erraram nas provas, mas os professores não têm como informar. Além disso, pelo fato de não ter acesso às questões, não sabe se o resultado é verdadeiro, entendendo que a divulgação para melhorar o ensino é válida, mas tem que ser mais clara.

Destacamos que o fato de a depoente SP2, assim como outros que apresentam a mesma crítica, afirmar de modo crítico que não tem acesso ao que é avaliado, abre a possibilidade de algumas interpretações não excludentes entre si. Por exemplo, que os depoentes não têm conhecimento das Matrizes de Referência para a Avaliação do Saresp, em que são elencadas as habilidades avaliadas, ou desconfiam do que efetivamente foi cobrado na prova. Além disso, no Relatório Pedagógico de cada disciplina avaliada, constam exemplos de itens selecionados como representativos de pontos da escala que corresponde a cada um dos anos avaliados, por apresentarem

algumas propriedades estatísticas. Tais exemplos são acompanhados de interpretações pedagógicas acerca das habilidades mobilizadas pelos alunos para responderem aos itens de determinado nível de proficiência e de considerações sobre aquelas habilidades que merecem mais atenção (SÃO PAULO, 2011d, p.62). É claro que essas interpretações e considerações pedagógicas sobre habilidades não desenvolvidas são feitas baseadas nos resultados gerais do Estado, e não nos específicos por escola, o que ocasiona certa dificuldade para que os educadores da escola se apropriem desses resultados, ainda mais quando levamos em conta que há carências de informações técnicas por parte dos educadores.

O depoente SP3 não viu a prova do Saresp 2010, mas acharia importante vê-la para saber o que o governo está avaliando, quais são os conteúdos. Informa que teve acesso a uma prova no ano passado e percebeu que os conteúdos da prova não estavam no material relativo à nova proposta curricular<sup>170</sup> que o governo envia,.

Esse depoente percebe como importante a disponibilização dos resultados individuais dos alunos no Saresp para incentivá-los a fazer a prova, pois os alunos fazem uma atividade qualquer com mais empenho quando vale nota, quando ele tem um retorno sobre seu desempenho; poderia, por exemplo, vir no histórico escolar do aluno. Acredita que, assim, ter-se-á uma noção mais próxima da realidade, com os dados do Saresp, além de maior comprometimento de todos os envolvidos devido à exposição a que estariam submetidos. Acha boa a divulgação dos resultados, pois as pessoas se expõem mais, assim se comprometendo mais.

A professora SP4 entende que deveria ser disponibilizada a nota de cada estudante para que eles pudessem conhecê-la, além do que poderiam ser trabalhadas as dificuldades ou descompassos do aluno individualmente considerado, apesar de o professor conhecer as dificuldades de seus alunos. Relata que os professores não têm acesso à prova do Saresp, tendo ela visto algumas provas entre as várias diferentes, pois participou da aplicação. Entretanto, como as provas foram levadas da escola após a aplicação, apenas sabe o que foi cobrado pelo que os alunos disseram, mas afirma que é difícil para eles explicarem os conteúdos abordados. Também aponta que, antigamente, as provas ficavam na escola, então os professores e alunos tinham acesso a elas. Ela não viu os itens com respostas construídas de Matemática, pois a escola em que participou

---

<sup>170</sup> O aspecto da obrigatoriedade da proposta curricular foi exposto na categoria “Visão do Saresp”.

da aplicação não foi selecionada como amostra<sup>171</sup>. Acredita que a divulgação pública dos resultados do Saresp pode gerar uma rivalidade entre as escolas, devido à hierarquização dos resultados. Por outro lado, pondera ser bom que se divulgue o que se está sendo feito, no caso de o Saresp ser feito com seriedade, apontando que, *se realmente é feito com seriedade, então aí eu acho que não teria problema, agora até que ponto isso acontece, a gente não sabe.*

Notamos aqui que o professor afirma conhecer as dificuldades do seu aluno, mas considera que também o Saresp deveria indicar as que avaliou, talvez por entender que essa avaliação externa viria fortalecer a sua.

O depoente SP5 não viu nem o material da proposta curricular, por lecionar a Disciplina de Apoio Curricular, que não faz uso desse material, nem as provas do Saresp. Entende que deveria ser disponibilizado o resultado individual do aluno, por exemplo, para os alunos do 3º ano, para quem não tem fundamento o resultado vir no ano seguinte, pois até lá eles já saíram da escola. Pondera ser desagradável a divulgação pública, na mídia, dos resultados do Saresp, pois os pais dos alunos podem chegar a conclusões sem reflexão sobre esses resultados, entendendo que deveria ser divulgado somente para as escolas, para que elas soubessem de sua situação.

A depoente SP6 relata que viu rapidamente, sem muita atenção, a prova de Matemática aplicada no Saresp. Ela gostava quando os cadernos de questões ficavam na escola, pois depois da prova os professores podiam ver o que tinha sido cobrado, além de poder usar esses cadernos para aplicar novamente nos alunos a fim de relembrar conteúdos já ministrados. Afirma que nunca fica sabendo dos resultados individuais dos alunos no Saresp, pois é dito que pegam amostras de alunos para emitir esses resultados, o que, destacamos, não faz parte da metodologia usada para análise dos dados das provas, exceto nas Redações e nas provas abertas de Matemática. Entende que seria bom ter acesso a isso, para ver se o resultado está certo mesmo, já que os professores conhecem os alunos.

A depoente SP7 não viu as provas do Saresp, nem as objetivas, nem as abertas, somente ouviu comentários de professores que aplicaram a prova. Entende como um defeito do Saresp os professores não terem acesso às provas, que só vêm algumas questões no relatório no ano seguinte, afirmando que ficam com muita vontade de ver a

---

<sup>171</sup> A informação que consta no Relatório é que a amostra é “estratificada em 10% e por Diretoria de Ensino, de alunos do 7º e 9º anos do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio” (SÃO PAULO, 2011c, p. 10).

prova. Acredita que seria ótimo se viesse o resultado de cada aluno, pois seria uma maneira de mostrar a ele que a prova é importante, além de ser relevante pedagogicamente apresentar tal resultado à escola.

A depoente SPC1 acredita que deveriam ser publicados os resultados de todos que participaram do Saresp, incluindo as escolas municipais, pois não acha certo elas não saberem o diagnóstico dos alunos. Considera importante que sejam abertos os resultados para que a comunidade saiba como está a escola, porém para quem não consegue a meta é desagradável.

A depoente SPC2, apesar de não entender como um problema o resultado do Saresp ser público, relata que na cidade em que trabalha, alunos e professores ficam comparando uma escola com outra, pois são poucas escolas. Observa que cada escola tem de olhar o que acontece dentro dela, seu cotidiano, sua realidade e o tipo de alunos que a frequentam, porém entende que essa comparação é comum em algumas cidades, especialmente nas pequenas.

A depoente SPC2 relata que se valem dos resultados do Saresp na escola para verificar se correspondem ao que a escola esperava nas séries que participam da prova. Por esse motivo entende que deveria vir o resultado individual dos alunos, assim poderiam ver se estão trabalhando corretamente, fazendo simulados e semana de provas bimestrais, pois há casos de bons alunos que não têm bom desempenho no Saresp.

A depoente SPC3 vê a divulgação dos resultados do Saresp como contraditória, pois acha que seus resultados não reproduzem fielmente a realidade da educação, explicando que as escolas possuem alunos heterogêneos, com níveis diferentes de aprendizagem, com problemas de saúde diferentes, alunos que saem do Ensino Médio sem serem alfabetizados e alunos que ingressam em universidades públicas. Portanto, questiona o fato de se ter um resultado igual para o Estado todo. Relata que viu a prova do Saresp, pois sempre pede autorização ao fiscal para analisar rapidamente as provas.

O depoente SPC4 questiona como podem falar que o está retratando a realidade de sua escola, se ele não tem acesso à nota do seu aluno e nem à divulgação de detalhes da avaliação. Relata que sabe o que está falhando no Estado, mas não sabe se sua escola falha nos mesmos pontos, pelo fato de o resultado ser genérico, portanto entende que deveria vir o resultado de cada aluno no Saresp, ou pelo menos de cada escola, pois assim saberia qual habilidade tem que ser mais trabalhada por estar em defasagem. Assim, quando vem o relatório global, tem que haver um esforço junto com os professores, para verificar o que está em concordância com a escola e, se não estiver, o

relatório não servirá para muita coisa. Destaca-se aqui uma falta de conhecimento do Boletim da Escola com os resultados do Saresp, em que se encontram os resultados por escola do Saresp.

O coordenador afirma que viu a prova do Saresp de modo extraoficial, pois havia uma questão com duas respostas iguais, então foi chamado para ver, e deu uma lida no caderno de questões; porém, oficialmente, não se tem acesso. Entende ser ruim o fato de a escola não ter acesso às questões das provas do Saresp, tendo apenas conhecimento mediante alguns itens apresentados no relatório. Por exemplo, os alunos do 3ª série do Ensino Médio queriam saber se tinham acertado todas as questões das provas de Língua Portuguesa e Matemática, mas ele teve que ser sincero e dizer que somente a fundação que vai corrigir o Saresp é que terá acesso a isso. Quanto à divulgação dos resultados, ele afirma não se importar que sejam publicados, porém se revolta com a maneira depreciativa com que a imprensa fala das escolas que apresentam um desempenho ruim: *eles preferem descer a lenha e dizer que professor não gosta de trabalhar, que as escolas estaduais não prestam. [...] Isso não é verdade. Eu trabalho dentro de uma escola que presta. Eu tenho alunos em Universidades Estaduais, eu tenho alunos em faculdades particulares. Eu tenho aluno que foi prestar lá o Paula Souza, que é a escola técnica, passou, está lá estudando, estão fazendo Ensino Médio lá. Eu tenho alunos que estão fazendo curso técnico lá, tenho alunos que fazem Senai, como que esta escola não presta? Então isso é revoltante.*

A depoente SD1 entende que a divulgação dos resultados do Saresp é ruim numa cidade pequena, onde todos se conhecem e fazem comparações; pensa que em uma cidade grande não deve haver esse tipo de problema. Conta que os pais de alunos acham que a escola que atingiu a meta é melhor que a escola que não atingiu. Porém, ela observa que os professores e a proposta curricular são os mesmos nas escolas estaduais e os alunos também são parecidos, o que implica conclusões sem reflexão acerca do trabalho dos educadores. Em suas palavras, os pais falam: *mas aquela escola conseguiu, então não é melhor que a outra, então os professores de lá são melhores, então lá trabalha diferente? Não é. O trabalho é o mesmo. O professor que dá aula aqui, dá aula nas outras duas escolas também. A proposta curricular é a mesma. O que diferencia são os alunos? Não sei, eu acho que não. As escolas [da cidade em questão] não têm diferenças de alunos, são todas escolas... Aqui, por exemplo, era escola de aluno só do centro, agora não é mais, porque o centro tá velho, né? Agora são os alunos dos bairros. E nós recebemos alunos dos dois bairros mais carentes da cidade.*

*Então a exposição dos nossos resultados para nós aqui no município ficou ruim. Porque todo mundo fez a comparação: olha lá, nesta escola não se trabalhou, os professores não se empenharam, não cobraram dos alunos. [...] Foi uma coisa muito grande.*

A depoente SD2 considera que o Saresp era melhor quando os cadernos de questão ficavam na escola, e os professores tinham acesso às questões e aos gabaritos, podendo analisar quais eram as habilidades e competências em que os alunos apresentavam dificuldades, tendo assim um diagnóstico aproximado, porém imediato, da situação de aprendizagem dos alunos. Questiona o que vai ser feito com os cadernos de prova e o porquê de não deixá-los na escola para que o professor possa ver, corrigir e assim conhecer os resultados do seu aluno e da sua classe. Relata que há alunos que são mal avaliados pelos professores, mas que dizem que vão bem no Saresp, surpreendendo a equipe escolar, e ter os resultados dele seria importante para olhar esse aluno de outra perspectiva.

Relata que não viu a prova do Saresp do ano de 2010, que inclusive se negou a ver, pois já que o Estado não permite isso ao professor, então ela não iria ver. Conta que a orientação é para que, depois de terminadas as provas, o professor guarde no pacote e lacre sob vigilância do fiscal. Porém, afirma que há diretores que pedem ao professor que está cuidando da prova para xerocar, mas que ela não se desgastou para isso, pois não era para ter acesso às provas.

Nos grupos de alunos também surgem apontamentos sobre a divulgação dos resultados do Saresp e muitos deles afirmam que gostariam de ter um *feedback* sobre seu desempenho, como é o caso do grupo GA2.

Os alunos do grupo GA1 gostariam de saber as notas que foram atribuídas às suas provas do Saresp para saber qual o rendimento alcançado, contar para os pais, ver onde estão errando, ver onde podem melhorar. Além disso, BF3 observa que quando não vê a nota, conclui que aquela avaliação não é importante e todos os depoentes desse grupo acreditam ser um direito saber a nota individual que obtiveram na prova do Saresp.

Os alunos do grupo GA3 dizem ter feito o Saresp no 7º ano. BF7 relata que foi falada para ele sua nota, mas que ele não foi bem, tendo tirado quatro de Matemática e cinco de Língua Portuguesa. Já BF8 afirma ter feito o Saresp no 7º ano sem atenção, pois seria promovido para o ano seguinte de qualquer maneira e que não teve acesso aos seus resultados.

Segundo os depoentes do grupo GA4, o Saresp é para verificar somente o desempenho da escola no geral, já que eles não têm acesso aos resultados individuais. Relatam que em nenhum Saresp ficam sabendo os resultados, nem os individuais e nem os da escola. Afirmam que seria bom saber para ver onde têm que melhorar para uma próxima prova e o que já aprenderam, ou seja, acompanhar seu desempenho. As depoentes AF1 e AF2 relatam que deve haver pessoas muito inteligentes na escola, pois a escola A sempre fica em 3º lugar no *ranking* municipal do Idesp, portanto gostariam de saber se essa colocação é devida ao resultado apenas desses alunos, não contando muito o dos outros.

Os alunos do grupo GA5 fizeram o Saresp no 7º ano. Os que fizeram em 2008 afirmam que não receberam seus resultados. Já a depoente que fez em 2007 relata que a professora corrigiu e passou o resultado para os alunos. O depoente AF8 relata que o professor, atualmente, não pode ter acesso às provas aplicadas, nem para verificar se há erros, fato que causa indignação ao depoente, pois afirma que tudo pode estar alterado, já que, se o conteúdo não for condizente com o que eles aprenderam, os professores não saberão. Portanto, afirma que não tem como o Saresp fazer parte da nota bimestral do aluno, pois nenhuma prova fica na escola e nem é enviada depois para que vejam como foi feito. Os depoentes AF8 e AF7 afirmam que, quando se faz uma prova, é necessário se ter o retorno de onde que se errou, onde se acertou, para saber onde precisa melhorar. Relatam que só ficam sabendo que erraram, não sabem onde e nem o porquê.

O depoente BM2 não procurou saber se tem acesso ou não às notas do Saresp, mas quando ele recebe a nota de uma prova, procura melhorar por meio disso. Cita o exemplo do Enem, do qual ele viu a nota que tirou. Nesse caso se a nota for menor que a média, vai fazer a prova novamente para alcançar seu objetivo.

Os depoentes do grupo GA7 afirmam que nunca receberam um retorno do Saresp em relação aos seus resultados e gostariam de saber. Observam que diversas pessoas reclamam disso, pois esse retorno é um incentivo para se fazer a prova e saber seu desempenho, vendo em que precisa melhorar e onde acertou.

Para a aluna AM1 é um direito dos alunos o acesso ao desempenho individual na prova do Saresp, afinal foram eles que fizeram a prova, observando que desde o 7º ano quer saber seu desempenho e não sabe. Entende que o Saresp é uma prova que o governo faz para ver se os alunos estão bem. Porém, relata que conforme observa a educação, acha que escondem os resultados, pois senão iriam ser muito graves. Acredita que os resultados são escondidos, pois nem os professores têm acesso.



A depoente AM6, do grupo GA11, relata que nunca teve acesso aos seus resultados, por isso que muitas pessoas não acham isso "legal", já que quem faz a prova não sabe nem para onde ela vai. Relata que perguntou ao professor de Matemática se ele corrigiu a prova, e ele disse que não teve acesso a nenhuma prova.

Os depoentes do grupo GA12 afirmam que, das provas do Saresp que fizeram até hoje, receberam o caderno de provas com o número de acertos e a Redação, corrigidos pela escola, pois somente o gabarito é enviado para o Estado.

#### **7.4.2 Idesp e prêmio financeiro**

O sujeito SP1 considera uma atitude sem ética o vínculo que o governo estabeleceu: aumento do Idesp e bônus. Em sua opinião, além das habilidades que são avaliadas nos alunos, também se tem que avaliar o cotidiano e as práticas escolares e demais atividades realizadas na escola, para que se possa avaliá-la melhor. Entretanto, afirma que isso não é efetuado. Destacamos que há uma análise de contexto, elaborada segundo modelos hierárquicos lineares dos questionários de contexto, porém tais considerações não compõem a nota do Saresp e nem o cálculo do Idesp. Entende que dar uma remuneração adicional, pagar além do salário, é estimulante, já que a maioria das pessoas só realiza determinada atividade se obtiver algum benefício ao realizá-la. Porém, percebe que esse ato pode causar intrigas dentro das escolas, já que o valor desse prêmio não é uniforme entre os professores.

A professora SP2 é contra dar um prêmio por aprendizagem, entendendo que se um problema foi detectado na avaliação, ele deveria ser corrigido e não relacionado com o bônus. Entende que quem trabalha na educação visa à boa formação dos alunos, não a obter lucro em função disso. Acredita que poderia até existir esse bônus, mas não entrelaçado com a aprendizagem do aluno. Seguem-se as justificativas na fala da depoente: *o bônus, na minha opinião, não vai mudar o aproveitamento do meu aluno ou não. Então eu acho que deveria ser outra proposta, né? O bônus não é o que a gente almeja, mas sim que os alunos tenham melhor aproveitamento. Então eu acho que a proposta não é legal por conta disso. Eu acho que o que a gente tem que construir é mudar o ensino pra que eles sejam pessoas melhores e que tenha aprendizagem e pra eles, e não entrelaçar com dinheiro. Acaba sendo uma coisa meio que... eles querem comprar? Você vai comprar o professor pra ele ensinar? Não é assim. Eu acho assim, a gente trabalha pra ensinar e melhorar o cidadão, a pessoa, e não visando lucro em cima disso. Então eu não acho legal essa relação que tem entre as duas coisas. Eu acho*

*que o bônus, se existisse, poderia ser. Mas não em cima da aprendizagem de aluno, né? Eu acho que a aprendizagem, a prova, deveria servir somente pra gente melhorar o ensino, que isso seria o ideal, né? A prova é o quê? Ahh, vou analisar o que tá sendo, o que não tá sendo legal, o que não tá sendo corrigido, pra melhorar, pra que eles aprendam e sanem essas defasagens aí.*

O depoente SP3 considera bom que se tenham objetivos para alcançar, metas a cumprir. Porém, acredita que, se a meta foi cumprida ou não, deve-se verificar o porquê, já que cada escola tem suas próprias características.

Ressaltamos que no Relatório Pedagógico do Saesp, apesar de não se levarem em conta as características de cada escola, são apontadas as dificuldades dos alunos, em termos de resultados gerais do Estado, com levantamento de hipóteses em relação ao erro dos alunos, além de ser sugerido aos professores que ampliem as análises ou infiram outras possibilidades de desempenho devido ao conhecimento que possuem de suas turmas (SÃO PAULO, 2011c, p. 62).

O depoente relata, ainda, que, por exemplo, na escola A existem alunos com necessidades educacionais especiais ou que trabalham o dia todo, portanto talvez não consigam cumprir a meta estabelecida, apesar dos esforços dos profissionais que atuam nessa escola. Afirma que, a partir do momento em que se vinculam essas metas com o bônus, está-se forçando a aprovação do aluno e dirigindo os fins dos conteúdos trabalhados ao solicitado na prova. Para ele, assumir a avaliação nesses termos não faz sentido, conforme exposto no seu depoimento: *Olha, eu acredito que o governo tem que ter uma métrica pra poder trabalhar, então isso assim é lógico, né?. Então eu acho que tem que ter algum tipo de avaliação e por algum lugar tem que começar, né? Mas eu acho que o governo usa essa avaliação pra forçar a promoção automática. Essa é a minha opinião. [...] Por quê? Porque se o governo utilizasse o Saesp apenas como indicador, eu acho que seria assim, de bom tamanho. Pra educação, pros professores, pra poder orientar, trabalhar, traçar as metas. Mas a partir do momento que vai atrelar isso com o bônus do professor, então eu percebi que alguns colegas pensam que estão trabalhando em função de uma prova. Então eu acho que daí é muito complicado.*

A depoente SP4 acredita que o Saesp é importante e deveria ser utilizado para analisar a situação de cada escola e não para culpar o professor pelo fato de o aluno não tirar determinada nota, não pagando o bônus, pois o professor pode até ter uma parcela de culpa, mas não culpa total. Entende que a meta de aumento do Idesp também deveria ser cobrada dos alunos, pois da maneira como está configurado, tanto faz para o aluno

se ele lê a prova e tenta resolver, ou não. Afirma que há competição entre as escolas baseada nos resultados do Idesp, em cidades pequenas, e são feitos julgamentos sem responsabilidade, sendo qualificada como ruim aquela escola que não recebe o bônus. Aponta que, se uma escola não atingiu a meta, não significa que lá não se trabalhou, pois existem outros fatores, além do desempenho na prova, que interferem, como os alunos que a frequentam, a sua localização e o comprometimento desses estudantes. Ela afirma que o bônus é pago às escolas não somente pelo resultado no Saresp, mas também por algumas atividades feitas na escola que se juntam para ver se ela é melhor ou não. Portanto demonstra desconhecimento dos critérios de bonificação que levam em conta apenas a meta atingida do Idesp e a assiduidade do professor ou funcionário da rede.

O depoente SP5 acha que o vínculo do bônus com o aumento do Idesp por um lado é bom, pois, ganhando o bônus, o professor vai querer melhorar. Por outro, observa que pode desestimular o professor, caso ele não ganhe o bônus. Também afirma que o professor não trabalha para alcançar determinada nota em uma prova, senão a escola pode virar um cursinho preparatório para o Saresp, o que não é seu objetivo, e sim formar cidadãos, aptos também ao mercado de trabalho.

A depoente SP6 relata que os alunos percebem que não vai acontecer nada para eles em função do Saresp e entendem que é só para o professor ganhar bônus, inclusive questionando o porquê de se empenhar na prova só por esse motivo. Tal atitude é reforçada pelo fato de o governo colocar na mídia que vai se ganhar até 12 mil reais pelo bônus. Dessa forma tem que se convencer os alunos de que o Saresp é para a avaliação da escola e melhoria do ensino e não só para a bonificação. Afirma que deveria ser mudada alguma coisa nesse sentido, sendo ela contra o pagamento do bônus, que acha que deveria ser incorporado ao salário.

Considera a avaliação válida, porém não deveria estar vinculada ao bônus, pois os profissionais da educação trabalham da mesma forma com ou sem esse dinheiro. Também não concorda com o fato de depender dos alunos para ganhar o bônus, pois se o aluno não fizer nada, ela não ganha nada. Relata que, na escola em que trabalha, não se limitam a pensar só no bônus (como acontece em outras escolas), se tiverem que reprovar alunos, eles serão reprovados, mas afirma que existe escola que vê o bônus como prioridade. Entende que, devido ao vínculo da bonificação com o aumento do Idesp, a escola tem que promover os alunos, pois entram no cálculo as retenções e evasões.

A depoente SP6 observa que, quando a escola não ganhou o bônus em 2009, a divulgação dos resultados foi desagradável, pois em cidade pequena ocorre muita comparação entre as escolas. Assim, conta que as escolas que conseguiram o bônus fizeram faixas com o valor do Idesp para colocar na frente das escolas e também saíram em desfiles comemorativos pela cidade, e a escola que não conseguiu não pôde fazer nada disso. Relata que seria difícil para a escola B atingir o índice no Saesp de 2008, pois tinha um 9º ano só, com alunos que não acompanhavam o ritmo de aprendizado considerado adequado. Já em 2009 foram avaliados três 9ºs, que também tinham alunos que não acompanhavam, mas havia outros que entusiasmavam a professora a ensinar, portanto em 2010 conseguiram atingir a meta.

A depoente SP7 considera que a avaliação da escola é muito importante, não pelo bônus, e sim para conhecer as consequências de seu trabalho. Conta que no ano passado, em 2009, não receberam o bônus, pois não atingiram a meta em 2008, e observa que o ruim foi a humilhação de ter trabalhado o ano todo e não conseguir nada. Afirma que todos têm culpa, os alunos que não estão interessados, não querem fazer nada e os professores também acabam se culpando. Relata que depois do ano em que não atingiram a meta, tornou-se uma obstinação na escola conseguir atingi-la por parte da coordenação e direção.

Afirma ser uma atitude sem ética a vinculação do bônus com o aumento do Idesp, porém, pensa que com isso a escola vai querer ganhar o bônus, então vai melhorar as aulas e talvez isso reflita em melhor aprendizado. Entende que o governo não vê outra maneira, para que haja essa agitação pelo Saesp, que ela vê claramente na coordenação da escola, inclusive a preocupação com retenção de aluno. Por exemplo, conta que na reunião do Conselho de Classe e Série era dito: "gente, olha o bônus". Considera que o governo amarrou os professores para que os números aumentem, e está conseguindo, mas não sabe se está correto. Entende como um começo o que está ocorrendo em termos de avaliação externa no Brasil, comparado com as que existem em outros países.

A depoente SPC1 afirma que ficaram sem receber o bônus em 2008 e foram tratados mal, foram muito pressionados, a escola foi ridicularizada, inclusive outros diretores fizeram brincadeiras de mau gosto com o diretor. Portanto mudaram toda a estratégia de trabalho, sendo que tudo na escola agora acontece em função do Saesp, inclusive as redações que o professor trabalha em sala de aula. Afirma que em 2009 sentiram um choque por não receber o bônus, mas que uma professora disse que se

tivessem conseguido, continuariam fazendo as coisas da mesma maneira. Porém, quando não dá certo, percebe-se que há alguma coisa errada, e procuram-se meios para melhorar. Ela não considera justo vincular o bônus ao alcance da meta, acreditando que existam outras maneiras de olhar o desempenho da escola, pois na prova do Saesp o aluno pode não dar importância, não querer fazer e "chutar" as respostas das questões, o que prejudica os resultados.

A depoente SPC2 entende como errado vincular o bônus ao aumento do Idesp, pois afirma que o indicador usado para isso não considera o que acontece no cotidiano escolar, porque está somente se preocupando com os índices de escolaridade, e a escola tem que superar as dificuldades. Observa que o Saesp deveria servir para se fazer uma pesquisa do desempenho dos alunos, organizando e tratando os dados estatisticamente, com o fim de comparar as escolas e não de ser atrelado ao bônus do professor. Não considera justo esse atrelamento, pois o professor tem muito trabalho durante o ano todo e, se o aluno não tem interesse pelo aprendizado, o professor não recebe o dinheiro. Argumenta que deveria ter aumento salarial todos os anos.

A depoente SPC3 não concorda com a vinculação do bônus ao aumento do Idesp, achando uma política sem profundidade, pois a Secretaria da Educação tem uma política de trabalhar as diferenças, respeitar as individualidades e, quando vai pagar o professor, não considera nada disso, faz uma única avaliação no Estado inteiro e paga o bônus. Relata que a escola em que trabalha tem um resultado acima da média do município e do Estado, mas isso não é levado em consideração. Destacamos o fato de que desde 2009 é levado em consideração o adicional por qualidade para pagamento de bônus, cálculo que considera a posição da escola em relação à média das escolas estaduais e à meta de longo prazo, portanto acreditamos que a depoente desconhece essa característica.

Argumenta que então os professores se desestimulam, e esse desestímulo passa para o aluno e para a equipe gestora. Relata que a escola é lotada, não há mais sala de vídeo, a sala de informática não funcionou em 2010, não tem todos os funcionários necessários: não há inspetor e trabalha somente um servente por período; além de ser uma escola de periferia e receber o bônus segundo o mesmo critério de uma escola central, que tem menor número de alunos e o quadro de funcionários completo. Acha então que esse vínculo deveria ser revisto, pois o professor deve ser valorizado tanto financeiramente quanto pela formação continuada e ter instrumentos para trabalhar. Ressalta que a realidade da escola pública é muito complexa, com obstáculos ao

desenvolvimento de um bom trabalho, pois existe uma heterogeneidade de conhecimento, de valores, de compromissos, de funções que os profissionais da escola realizam. Relata que o coordenador e o professor abrem o portão da escola, orientam para não sujá-la, atendem na secretaria, e não são valorizados nesse sentido.

O depoente SPC4 concorda em vincular cumprimento de metas de uma escola a merecimento. Porém não a uma avaliação externa, já que a situação de uma avaliação é diferente do normal da escola, pois os alunos ficam ansiosos e às vezes não conseguem fazer a prova. Além disso, aponta que o motivo para não se ter acesso às notas dos alunos é porque se diz que o Saresp avalia o sistema de ensino e não os alunos, nem a escola, e questiona o fato de, quando chega o momento oportuno, ser pago o bônus do professor de acordo com o resultado dessa avaliação.

Ele afirma que é natural que o Idesp varie durante os anos, pois os alunos são diferentes em cada ano. Cita como exemplo os alunos do 2º ano do Ensino Médio, que, segundo ele, não estão tão preparados quanto os alunos do 3º ano que fizeram Saresp em 2010, por já terem chegado à escola com um histórico de defasagem. Portanto, provavelmente o índice do Saresp 2011 será menor que o do Saresp 2010, apesar de terem tentado trabalhar os problemas educacionais desses alunos. Assim, a autoestima do professor diminui pelo fato de ele trabalhar o ano todo com os alunos e depois receber pouco ou nada de bônus, não tendo o reconhecimento de seu trabalho. Considera terrível que se puna o professor, o coordenador, porque os alunos de um determinado ano não têm a mesma capacidade dos do ano anterior, pois o trabalho é feito da mesma forma, às vezes é até maior. Observa que quando a escola atinge a meta, vem somente o bônus, nada além disso.

A depoente SD1 relata que em 2008 trabalharam como nos outros anos, mas no ano de 2009, não receberam o bônus, por não terem atingido o Idesp esperado, referente ao Saresp 2008, entendendo isso como bom, pois perceberam que falharam em alguma coisa, que deveriam ter se empenhado mais. Dessa forma, passaram a fazer mudanças nas atividades da escola para melhorar os resultados, pois ocorreram cobranças. Por exemplo, os alunos começaram a levar os estudos mais a sério quando se implantou semana de provas e simulados, fazendo com que eles sentissem necessidade de estudar, prestar atenção na aula, tirar dúvidas e participar da recuperação paralela.

Acredita que não deveria estar vinculado o bônus com o aumento do Idesp, pois a escola se empenha, trabalha muito e, quando não ganha o bônus, todos ficam desestimulados a trabalhar, com o pensamento de que quem ganhou o bônus é melhor e

trabalha, e quem não ganhou não trabalha. Entende que os alunos podem saber o conteúdo, mas na hora da prova podem ficar nervosos e esquecer tudo, o que influencia para que a escola tenha um resultado ruim.

A depoente SD2 se mostra preocupada com o vínculo entre Idesp e bônus dos professores, pois, segundo ela, uma escola que está num patamar alto pode cair no próximo ano. Afirma que isso ocasiona uma grande decepção entre os professores e coordenadores, pois eles trabalham corretamente. Considera essa vinculação uma violência com os professores, devendo ser repensada. Sugere que o Idesp seja levado em conta para uma proporção do bônus, e não totalmente, pois diz não ser a maneira correta de melhorar a qualidade de ensino<sup>172</sup>. Relata que no ano passado professores e coordenadores da escola não receberam bônus do Ensino Médio, o que aparentemente foi um problema geral no Estado, um pouco atenuado no caso do Ensino Fundamental. O Idesp para o Ensino Médio, além de ser um valor ainda longe da meta 5 para 2030, sofreu pouca alteração do de 2008 (1,95) para 2009 (1,98).

Os alunos do grupo GA2 afirmam que, de acordo com o desempenho dos alunos no Saresp, a escola é avaliada e, se a nota for boa e a meta atingida, a escola recebe uma quantia em dinheiro para limpeza, informática, pintura<sup>173</sup>. Portanto, concluem que devem ter um bom desempenho, para que a escola e seus alunos possam usufruir dos benefícios futuramente. Afirmam que alguns professores só pensam no bônus ao incentivar os alunos para fazerem o Saresp, e outros pensam no conhecimento dos alunos.

O aluno BF4 é de opinião que o Estado deveria olhar a escola de maneira diferente, pois há muitos professores que merecem ganhar o bônus, mas que não ganham porque os alunos não aprenderam. Não considera isso justo, pois afirma que os professores não recebem aumento de salário e, sim bônus, e a maioria dos alunos não aprende porque não quer. Destaca que se deve diferenciar aluno que possui dificuldades de aluno que não fez o que deveria ser feito. A depoente BF6 considera antiético o professor não receber bônus por causa de alunos desinteressados, mas ressalta que os

---

<sup>172</sup> Destacamos que, além do desempenho dos alunos, é levada em conta a assiduidade do professor, conforme pode ser verificado no item “Idesp e Bonificação por Resultados<sup>172</sup>” do capítulo que trata sobre o Saresp.

<sup>173</sup> Nos documentos pesquisados, não encontramos qualquer referência a outro tipo de recompensa para a escola que atingiu as metas do Idesp que não fosse a bonificação dos profissionais.

professores têm responsabilidades sobre isso, pois aprovam alunos sem que tenham aprendido<sup>174</sup>.

O depoente do grupo GA5 considera o modo como o Estado atua sobre a escola pública sem lógica e horrível e critica a implantação do bônus para os professores, afirmando que é desprezível, pois o professor ganha um dinheiro a mais para aprovar todos os alunos. Considera, também, que os professores não aceitaram esse fato e não aprovam todos os alunos, pois não teria lógica o fato de um aluno que não sabe ler ou escrever sair do 3º ano do Ensino Médio para fazer vestibular e Enem.

#### **7.4.3 Análise e encaminhamentos dos resultados do Saresp**

Neste subitem, os depoentes tecem considerações acerca dos encaminhamentos dados pela escola para os resultados do Saresp.

SP1 afirma que não usa os resultados do Saresp para avaliação, mas aplica o simulado como uma atividade bimestral. A depoente SP2 afirma que, quando a escola recebe os resultados, são analisados, em reuniões, os níveis de proficiência dos alunos das diferentes séries e disciplinas avaliadas, elaborando-se um plano de ações e usando-se os resultados do Saresp como guia. Porém, considera que seria mais eficiente se analisassem também as provas que os alunos fizeram, pois limitando-se aos resultados, sabe-se que os alunos estão com dificuldades, mas não se sabe no quê, dificultando o trabalho da equipe escolar. Afirma que se faz um plano para recuperar, com conteúdos que a escola acha que devem ser adequados àquela série, mas não se tem a prova para saber se foi nesse conteúdo que ocorreu maior defasagem.

Ressaltamos que os resultados são descritos no Boletim da Escola em termos de desempenho por séries escolares de cada unidade escolar. E, com o acesso às análises pedagógicas para cada nível de proficiência, expostas nos relatórios, somadas às habilidades descritas nas Matrizes de Referência para Avaliação, é possível inferir em quais habilidades os alunos de uma determinada série, não individualmente, estão em defasagem.

O depoente SP3 afirma que na escola em questão, os resultados do Saresp são trabalhados no sentido de atingir as metas propostas pelo Estado, tendo sido apresentadas as habilidades avaliadas no Saresp e a forma como é calculado o nível de proficiência para os professores nos HTPCs. Também é feita uma comparação com os

---

<sup>174</sup> Essa aprovação é decorrente da progressão continuada, conforme discutida na categoria “Realidade Escolar”, não sendo uma opção do professor a aprovação ou não do aluno.



resultados de outras escolas, pois considera que olhar só para os números não tem significado. Portanto, olha-se também para a parte qualitativa dos resultados, ou seja, as qualidades de cada escola, para tentar melhorar. Observa que, na escola em que leciona, os alunos têm melhor desempenho em Matemática nas séries iniciais do que no Ensino Médio. Acredita que um dos motivos é devido à quantidade de conteúdo que aumenta muito, fazendo com que alunos não consigam aprendê-los. O depoente entende que a avaliação faz parte de um processo, no qual sua importância reside no retorno que se tem após sua realização, mas critica o fato de no Saresp ser aplicada uma avaliação para constatar o que os alunos não sabem e acaba aí, sendo uma avaliação por si só, o que não ajuda na educação.

A depoente SP4 diz que o resultado vem por escola e série, sendo divulgado depois do começo do ano, quando é então analisado, por exemplo, para verificar o conteúdo que as classes mais erraram ou acertaram. Ela acha que deveria sair a nota de cada aluno para que eles pudessem conhecê-la, e trabalhar com o aluno individualmente, apesar de o professor conhecer as dificuldades de seus alunos. A depoente procura valer-se dos resultados do Saresp para verificar onde os alunos possuem mais dificuldade. Porém, acha que, para fazer isso, se deveria acompanhar os alunos todos os anos por meio da avaliação externa.

A depoente SP6 diz que não utilizou os resultados do Saresp 2010 e nem os do ano anterior, pois não lecionou para séries que fizeram o Saresp.

A depoente SP7 afirma que na escola são discutidos os níveis de proficiência dos alunos e que ela tenta lembrar-se disso quando está lecionando. Considera que os professores refletem acerca dos resultados do Saresp, principalmente em Matemática, pois os alunos apresentam dificuldades, saindo-se mal na prova, o que faz os professores se preocuparem. Entretanto, diz também que o Saresp é utilizado pelo governo só para falar na mídia, pois na escola não viu resultados.

A depoente SPC1 é de parecer que falta alguém para mostrar à escola como corrigir os problemas detectados pelo Saresp em sala de aula, pois o professor não consegue trabalhar habilidades diferentes dentro de uma mesma sala de aula com 40 alunos, apesar de saber das dificuldades deles. Resume dizendo que o entendimento do Saresp é falho, que a Diretoria de Ensino tenta explicar, mas não se tem tempo suficiente para discutir sobre ele e estudá-lo.

A depoente SPC2 afirma que usam o resultado do Saresp na escola para verificar se os resultados correspondem ao que a escola esperava nas séries que participam da

prova. Por esse motivo, acha que deveria vir o resultado individual dos alunos, assim poderiam ver se estão trabalhando corretamente, fazendo simulados e semana de provas bimestrais.

A depoente SPC3 relata que, no planejamento feito no início do ano letivo, usam o resultado do Saresp para nortear o plano de trabalho dos professores com as habilidades que não foram aprendidas pelos alunos, principalmente nos 7<sup>os</sup> anos. Além disso, já providenciam as atividades de preparação para o Saresp. Ela observa que eles sabem a tendência do resultado do Saresp, pois fazem simulados durante o ano. Assim, quando chega o resultado oficial, já sabem quais são as principais dificuldades dos alunos e no ano seguinte, ou no mesmo ano, trabalham atividades específicas para corrigir tais dificuldades. Relata que depois que vem o relatório final, tem um dia de estudos do Saresp na escola e que em 2010 foi no dia 30 de setembro<sup>175</sup>. A depoente SPC3 observa que tem de conquistar a confiança do professor para que ele trabalhe as competências e habilidades necessárias aos alunos e se possa subsidiar o trabalho dele. Dessa forma, trabalha o Saresp como uma avaliação diagnóstica e relata que depois, quando vem a prova e contradiz o que ela falou que deveria ser trabalhado, ela tem que ser flexível para resolver esse problema.

A depoente SD1 entende que deveria ser disponibilizado o resultado individual dos alunos para as escolas saberem quais são as dificuldades de cada um. Observa que poderiam valer-se dos resultados para tentar agrupar os alunos com as mesmas dificuldades de aprendizagem numa mesma classe. Relata que há uns quatro anos tentaram fazer isso na escola, porém não tinham espaço físico para separar os alunos em muitas classes, além de ter um número mínimo de alunos para abrir uma classe; tiveram então que misturar alunos com dificuldades diferentes. Mas a experiência não deu certo, pois os pais de alunos reclamavam que os filhos foram separados dos amigos.

A depoente SD2 aponta que existe pouco tempo para se discutir sobre o Saresp do ano anterior, pois nas HTPCs, além de não estarem sempre todos os professores, tem que se discutirem outros assuntos mais do cotidiano, como por exemplo, fazer o levantamento dos alunos que serão encaminhados para a recuperação paralela. Assim, perdem-se discussões, pois se tem basicamente só o dia do Saresp, que acontece por volta de julho<sup>176</sup>, para isso. Relata que, quando chega o Relatório Pedagógico, que é um

---

<sup>175</sup> Destacamos que a partir de 2012, esse dia é deixado a cargo de cada escola decidir.

<sup>176</sup> Em 2010 ocorreu em agosto, em 2011 em setembro e, a partir de 2012, foi deixado a cargo das escolas decidirem.

material volumoso, os coordenadores reúnem os professores nas HTPCs, apresentam o material disponibilizado, preparam apresentações, porém afirma que a dinâmica da escola não permite que a análise seja feita como os técnicos recomendam. Além disso, a escola A elabora um plano de trabalho anual em que anexa os resultados do Saresp, apresentados no Boletim da escola. Nesse Boletim, consta a distribuição percentual dos alunos nos níveis de proficiência nas disciplinas e séries avaliadas no Saresp; bem como as proficiências médias do Estado no Saeb e Prova Brasil. Afirma que a escola planeja, mediante as habilidades e competências que o aluno deve ter, o alcance das metas propostas. Porém, diz que há rotatividade de alunos, então, no ano em que foi feito o planejamento, houve mudanças com estudantes avaliados daquela série, ou seja, alguns saíram e outros entraram. Observa que, por meio dos resultados do Saresp, que são gerais, com dados por escola, não se consegue montar um quadro da situação dos alunos, para agrupá-los em determinadas classes ou encaminhá-los para estudos de recuperação paralela, pois não se tem o resultado individual, tampouco elaborar uma discussão profunda, pois os resultados são muito gerais.

A depoente SD2 observa que quando os cadernos de questões do Saresp ficavam na escola, os professores podiam analisar as habilidades e competências avaliadas naquelas questões e verificar quais questões os alunos tinham acertado. Porém, atualmente, são levados todos os cadernos embora e os professores não têm um critério para avaliar, porque o resultado vem por classe e série. Entende que o Saresp avalia no nível geral e não no individual, mas que os professores querem saber como seus alunos se desempenharam na prova. Portanto acredita que o Saresp deveria ser mais próximo do professor, tendo acesso às questões que compuseram a prova, apesar de haver professores que buscam mais informações no site, mas acha que apenas alguns professores fazem isso. Acredita que nas escolas do Estado todo funcione dessa maneira: a análise é efetuada de maneira geral, sem muitos detalhes.

Os depoentes do grupo GA2 afirmam que foi falado que a nota do Saresp 2010 de cada aluno comporá a nota do 4º bimestre na escola, portanto quem não fez o Saresp ficará com nota zero, além de ter a possibilidade de reprovar o ano. BF6 afirma que vários alunos não fizeram a prova.

O depoente BF8 relata que a equipe de gestão falou que a vida dos alunos estaria na prova do Saresp, portanto eles deveriam se esforçar para não deixar nenhuma questão sem resposta. Questiona o fato de a vida dos alunos estar na prova. O depoente BF7

entende que ela quis dizer que a nota do Saresp vai ficar para sempre no Histórico Escolar, sendo possível de ser verificado determinada pessoa era um bom aluno.

#### **7.4.4 Intervenções da Diretoria de Ensino no trabalho da escola**

A depoente SPC1 relata que, quando não ganharam o bônus, em 2009, toda a Diretoria de Ensino se voltou para a escola *B*, por ser a maior da cidade e ter sempre sido uma escola muito boa. Além disso, não ganhar o bônus fez com que eles perdessem a base em que estavam se assentando e percebeu diferença na política da Diretoria de Ensino em relação à escola. Afirma que começou a ir à escola uma supervisora de ensino diferente, que ensinou a organizar a HTPC, a interpretar gráficos de resultados do Saresp, trazia textos e obrigou os coordenadores a assistirem a aulas dos professores, o que ajudou muito, ampliando os horizontes que tinham antes.

Relata que assistiu às aulas dos professores em 2009, e tinha que preencher duas folhas com observações e para depois fazer um relatório quinzenal e enviá-lo à Diretoria, mas que nunca fez. Já em 2010, não teve tempo, devido às mudanças de estratégias de trabalho, como semana de provas e simulados organizados pela coordenação, além dos trabalhos que já existiam, como atendimento de pais, preocupações com o bem estar dos alunos e assuntos com funcionários que executam serviços auxiliares. Informa que, quando assistia às aulas dos professores, sentava junto com os alunos e observava como o professor lecionava, se ele estava usando o material enviado pelo governo, os métodos didáticos que aplicava, se usava a lousa, anotava tudo e depois tinha que sugerir alguma mudança para o professor.

A depoente SPC3 afirma que a Diretoria de Ensino não focou a escola em que trabalha, pois sempre esteve acima da média do Estado, da COGSP e do município, mesmo não atingindo a meta. Observa que as escolas que estavam abaixo da média de aprendizagem tiveram uma ação direta da Secretaria da Educação, por meio dos professores coordenadores das oficinas pedagógicas. Mesmo assim, diz que o supervisor de ensino conversou com a coordenação da escola no início do ano e juntos traçaram metas para mudar a situação da escola, que havia decaído. Fala que houve acompanhamento durante o ano e sentiu uma preocupação da Diretoria de Ensino, e não uma pressão. Pondera que o acompanhamento não foi diferente nos anos anteriores, em que haviam atingido a meta.

O depoente SPC4 não percebeu nenhuma política diferente da Diretoria de Ensino na escola, pelo fato de não terem atingido a meta do Idesp 2009, pois a escola é

boa e sempre está acima da média do município, da Diretoria e do Estado. Porém, entende que deveriam ser empregadas políticas diferenciadas também nas escolas boas, tais como maior suporte pedagógico e práticas inovadoras. Observa, ainda, que devem se atentar para as escolas que não estão bem, fornecendo o suporte básico, como professor na sala de aula, professor capacitado e reuniões para levantar a autoestima dessas pessoas.

A depoente SD1 informa que houve uma política diferenciada da Diretoria de Ensino na escola, no ano em que não atingiram a meta. Relata que o pessoal da Diretoria de Ensino que ia toda semana à escola em 2009, ou seja, supervisor e profissionais da Oficina Pedagógica, cobrava plano de trabalho, planilhas e gráficos. Além disso, queria ver como estavam trabalhando o material enviado pelo governo e o livro didático; assistia às aulas dos professores com o intuito de ajudar e não de vigiar o trabalho; dava exemplos de como trabalhar de maneiras diferentes, que haviam dado certo em outras escolas, e também levavam exemplo dessa escola em que a depoente trabalha para outras. Observa que foi muita pressão, e na escola acharam que não iriam aguentar. Já em 2010 não tiveram a presença do pessoal da Diretoria de Ensino, somente a de um supervisor a cada 15, 20 dias, mas que não olhavam plano de ensino e nem entravam em sala de aula. Aponta que não é porque eles atingiram o índice relativo ao Saresp 2009 que podem deixar de trabalhar, pelo contrário, devem trabalhar mais, pois o índice tem que aumentar.

SD2 relata que a política para quem não atingiu as metas propostas é a realização de capacitações vindas da Secretaria de Educação para a Diretoria de Ensino, que passa aos coordenadores para prepararem a escola trabalhando mais as questões e os conteúdos para o Saresp, cujo objetivo é um preparo. Afirma que não veio nenhuma orientação da Diretoria de Ensino, específica para a escola A, para tratar do alcance de metas, sendo tais decisões deixadas sob a responsabilidade da escola, cujas metas são traçadas pela coordenação, direção e professores. no início do ano, com vistas ao Saresp.

Os alunos comentam que a presença da Diretoria de Ensino é para vigiar o que está sendo feito na escola. Por exemplo, o depoente BF4 afirma que os professores são obrigados a usar o material enviado para as escolas referente ao Currículo do Estado e que vem um supervisor enviado pela Diretoria de Ensino para conferir se as anotações do professor equivalem ao conteúdo que os alunos têm registrado no caderno.

Além das intervenções citadas, os depoentes relatam que a Diretoria de Ensino envia um simulado do Saresp para aquelas séries que farão a prova, que é denominado Sarespinho.

#### **7.4.5 Considerações sobre encaminhamentos por meio dos resultados do Saresp**

Sobre os aspectos da divulgação dos resultados e instrumentos de avaliação do Saresp, os depoentes apontam de maneira destacada que não têm acesso às provas, portanto não sabem o que foi avaliado, não podendo mostrar aos alunos seus erros e nem mesmo trabalhar as dificuldades deles.

Destaca-se aqui uma discrepância no entendimento acerca da maneira como é elaborada a prova para aferição do desempenho dos estudantes, qual seja, conforme apontada no capítulo que tratamos do Saresp, os itens que compõem a prova são baseados nas habilidades e competências descritas na Matriz de Referência para Avaliação, portanto é possível saber que habilidades foram avaliadas analisando tal documento (SÃO PAULO, 2009a) mesmo sem ter contato com a prova. É evidente que, mesmo com o acesso às habilidades, não se sabe exatamente o nível de dificuldade de cada questão, podendo uma mesma habilidade ser avaliada em diferentes níveis. Por exemplo, a habilidade H07, para a 3ª série do Ensino Médio, “Resolver problemas que envolvam equações do 1º grau”, relacionada com o grupo II de competências, ou seja, “competências para compreender”, pode tanto considerar um problema simples, com uma equação simples, quanto equações e problemas de níveis mais complexos.

Tendo esse fator em vista, no Relatório Pedagógico de cada disciplina avaliada, constam exemplos de itens selecionados como representativos de pontos da escala que corresponde a cada um dos anos avaliados, por apresentarem algumas propriedades estatísticas. Tais exemplos são acompanhados de interpretações pedagógicas acerca das habilidades mobilizadas pelos alunos para responderem os itens de determinado nível de proficiência e de considerações sobre aquelas habilidades que merecem mais atenção (SÃO PAULO, 2011c, p.62).

É claro que essas interpretações e considerações pedagógicas sobre habilidades não desenvolvidas são feitas baseadas nos resultados gerais do Estado, e não nos específicos por escola e aluno, o que ocasiona certa dificuldade para que os educadores de uma unidade escolar se apropriem desses resultados, ainda mais quando levamos em conta que há carências de informações técnicas por parte dos educadores. Portanto, o tratamento das dificuldades individuais, fica impossibilitado de ser realizados somente

com o resultado do Saresp, mesmo considerando aquele apresentado no Boletim da Escola, por série e em termos de percentuais de alunos nos níveis Abaixo do Básico, Básico, Adequado e Avançado<sup>177</sup>. Para que esse tratamento seja efetuado, delineamos como necessária a avaliação que o professor faz do desempenho de seu aluno.

Nesse sentido, outro apontamento efetuado por muitos depoentes foi em relação à falta de acesso aos resultados individuais dos alunos na avaliação de desempenho feita pelo Saresp. Os depoentes acreditam que essa disponibilização proporcionaria: maior aproximação do resultado com a realidade; mais comprometimento de todos os envolvidos devido à exposição a que estariam submetidos, especialmente os alunos; possibilidade de intervenções pedagógicas com esses valores medidos; ao aluno o direito de saber seu desempenho; comparação dos resultados com as avaliações que o professor faz em sala de aula; maior credibilidade nos resultados; resultado menos genérico; a possibilidade aos alunos de contarem aos pais; maior importância por parte dos alunos à avaliação.

A crítica recorrente que os alunos fazem, além de alguns dos aspectos acima citados, é a de que, sem os resultados individuais, a avaliação é da escola e não do aluno, portanto não tem importância para sua vida acadêmica. Aparece, também, a desconfiança de que os resultados são escondidos por serem falsos. A disponibilização de resultados individuais não necessariamente faz parte de uma política de avaliação de sistemas de ensino, mas também não é impossível de ser realizada, já que há o acesso a esses dados no cálculo da proficiência das turmas. Poderia se pensar em uma maneira de expô-los, em faixas, por exemplo, já que carregam um erro de medida maior que o resultado por turma e por escola.

Ademais, o motivo pelo qual os cadernos de questões não são liberados, qual seja, para manter o banco de itens em sigilo, já que alguns itens precisarão ser repetidos em provas de anos seguintes, inclusive alguns cedidos pelo Inep, não aparece em nenhum depoimento, ou seja, acreditamos que os depoentes não possuem essa informação. Assim, enfatizamos nossa sugestão de que se invista na preparação cuidadosa da equipe escolar quanto às possibilidades e limites do Saresp, para que esse sistema de avaliação possa ser explorado em todas as suas potencialidades.

Ainda sobre o acesso às provas, aparece, em alguns depoimentos, o fato de que, quando os cadernos ficavam na escola, proporcionavam ao professor uma análise da

---

<sup>177</sup> Um dos depoentes coordenadores sinaliza o desconhecimento desse boletim, já que afirma apenas ter acesso aos resultados do Estado.

prova junto com seus alunos e a possibilidade de um diagnóstico aproximado das competências e habilidades desenvolvidas ou não pelos alunos. Destacamos que, como os cadernos de questões são compostos com a metodologia Blocos Incompletos Balanceados (BIB) espiral, existem 26 cadernos de provas diferentes para cada disciplina avaliada, e a proficiência do aluno é calculada usando-se procedimentos derivados da Teoria da Resposta ao Item, por meio de *softwares*, portanto seria complicado para os professores conseguirem calcular os desempenhos dos alunos individualmente somente tendo acesso aos cadernos de questões. Ressaltamos, no entanto, que o fato de serem requisitados esses cadernos mostra que os depoentes desconhecem os aspectos técnicos que levam a essa não liberação das provas. Os próprios depoentes percebem-se com falta de informação e conhecimento, pois solicitam a presença de alguém especializado em avaliação para auxiliá-los na escola.

Salientamos que, mesmo não sendo permitido o acesso às provas, que devem ser recolocadas em envelopes, os quais são lacrados e devolvidos à Diretoria de Ensino e posteriormente à empresa que fará a correção, são apontados casos de professores que viram, por serem aplicadores ou por terem requisitado para ver, e há o caso de uma diretora que se recusou a pedir para ver, pois não irá contra as regras postas. Por esse motivo, diversos comentários são emitidos em relação às características das provas, conforme exposto na categoria “Visão do Saresp”.

Pelo fato de não serem divulgados os cadernos de provas, aparece também, nos depoimentos, a dúvida em relação à veracidade dos resultados do Saresp. Aliado a isso, existe o entendimento de que a avaliação e a divulgação de seus resultados devem existir, porém alguns problemas estruturais, como a promoção automática no sistema de ensino, devem ser resolvidos antes.

Dessa forma, observamos que o Saresp não está sendo tomado como um instrumento que pode fornecer subsídios para uma avaliação concebida de maneira formativa, ou seja, que permita fazer interferências no processo enquanto esse está em curso, com vistas à sua melhora. Em relação ao que já foi exposto, cabe a questão: será que o Saresp possibilita essa interferência no processo?

Talvez o sistema tenha sido desenhado para possibilitar essa interferência, mas pelas convergências obtidas nos depoimentos desta pesquisa, há um longo caminho a se percorrer para que ele efetivamente se transforme em um instrumento pedagógico com a perspectiva formativa, já que há diversas dificuldades, sejam elas técnicas, pedagógicas ou políticas, para que os educadores realizem encaminhamentos pedagógicos em sala de



aula com seus resultados. Porém, ressaltamos que a perspectiva formativa da avaliação também pode ser efetuada pelo poder público, buscando interferir no processo educacional, de acordo com os resultados apontados pela avaliação, não se esquecendo de levar em conta os fatores contextuais.

Há também o apontamento de alguns professores que, quando tiveram acesso, de maneira informal, como aplicadores das provas do Saresp, o que viram foi um conteúdo diferente daquele abordado no material da proposta curricular, conforme expusemos na categoria “Visão do Saresp”, assemelhando-se mais ao material do livro didático. Essas falas surgem quando demonstram insatisfação com o fato de não se ter acesso às provas na íntegra, para que se analisem todas as questões. A ocultação sem a devida informação técnica acabou causando uma desconfiança nos resultados.

Nos depoimentos, também se trata do ranqueamento das escolas, que apesar de ter seu lado ruim, pois pode ocasionar uma rivalidade, principalmente quando a cidade é pequena, com poucas escolas, tem seu lado bom. Como aspectos positivos são citados que a divulgação proporciona maior clareza ao processo e o conhecimento da comunidade acerca do desempenho da escola. Já como aspectos negativos: o fato de cada escola ter suas características, o que explicaria o baixo desempenho de algumas; pessoas de fora da escola podem chegar a conclusões sem reflexão acerca desses resultados, aparecendo inclusive a proposta de que os resultados fossem divulgados somente às escolas; para as escolas que não atingem a meta proposta fica uma situação desagradável; maneira depreciativa como a imprensa divulga. Nesse sentido, aparece, nos depoimentos, que algumas escolas que atingem as metas do Idesp colocam faixas para divulgar na comunidade. Ainda sobre a publicação dos resultados, uma depoente entende que deveriam ser disponibilizados os resultados de todos que participam das provas, incluindo os municípios, já que as escolas estaduais recebem no 6º ano alunos de escolas municipais e gostariam de saber seu desempenho no Saresp.

Em relação à existência da política de Bonificação por Resultados, os depoentes apontam grande descontentamento com o vínculo do bônus ao aumento do Idesp, entre outros motivos, por não acharem que esse índice represente o que ocorre na escola. Entendem não ser justo, e nem uma atitude ética, pois não leva em conta a realidade escolar, em que os professores devem trabalhar as dificuldades dos alunos de maneira individualizada, além de ser uma situação de avaliação que deixa os alunos ansiosos e tensos. O resultado pode ser influenciado por todos esses fatores e acaba sendo sintetizado em um único índice.

São da opinião que, após a realização das provas do Saresp e destaque de falhas no desempenho dos alunos, deveriam ser concentrados esforços para trabalhar esses aspectos apontados como deixando a desejar, havendo um estudo intra e interescolas para compreenderem o próprio modo de trabalho com alunos, acarretando, portanto, um processo de avaliação reflexiva. Consideram sem sentido punir, financeiramente, o professor com o não recebimento do bônus, porém positivo terem-se metas que direcionem o processo de ensino e aprendizagem escolar.

É apontada uma divergência entre se dizer que o Saresp é para avaliar o sistema de ensino, e por isso não divulgar desempenhos individuais de alunos, e depois pagar bônus aos professores com base nesse resultado. Além disso, há variação natural no Idesp, pois há variação nos alunos que fazem a prova, portanto o trabalho do professor pode não ser reconhecido no caso, por exemplo, de ter uma turma com desempenho muito bom em um ano, e no outro ano uma turma de rendimento mais baixo, pode ser que se trabalhe mais, porém não atinja a meta proposta.

Sinalizamos que as palavras *culpa* e *cobrança* de professores aparecem em muitos depoimentos, quando se trata de consequências em relação aos resultados do Saresp.

Nesse sentido, é sinalizado que não deveria haver bonificação, e sim aumentos salariais e valorização do profissional da educação, e aparece novamente a relevância de se levarem em conta as características de cada escola na avaliação e pagamento de bônus. Por exemplo, o caso de escolas com muitos alunos com necessidades educacionais especiais, que acaba acarretando um trabalho diferenciado na avaliação do professor, sendo que esse esforço não é levado em conta na atual configuração da política de bonificação. Outro exemplo citado é a localização da escola e a estrutura que ela tem de funcionamento, ou seja, uma escola de periferia e sem biblioteca e laboratórios será avaliada, e seus profissionais receberão bônus segundo os mesmos critérios de uma escola bem localizada e com a estrutura necessária para seu pleno funcionamento.

Os depoentes sinalizam um forte descontentamento com a política de bônus e acabam relacionando o Saresp diretamente ao Idesp, caso em que o entendimento seria o de que o principal valor do Saresp é o cálculo do Idesp para pagamento de bônus. Tendo em vista esses depoimentos e as articulações por nós efetuadas, ficamos nos indagando se o principal encaminhamento para os resultados do Saresp não está sendo o cálculo do Idesp e a bonificação, no sentido de se criar uma política de alto impacto,

esperando que assim se efetivem mudanças nas escolas, partindo dos “atingidos” por essa bonificação.

Apesar de os depoentes serem contra o vínculo do bônus com o aumento do Idesp, destaca-se que, quanto à existência de bonificação em si, veem que dar um prêmio financeiro pode ser estimulante, para que as pessoas se empenhem mais. A existência de metas e bônus também poderia ajudar a melhorar a qualidade das aulas, para que se ganhe o bônus, o que pode convergir para um melhor aprendizado dos estudantes. Na escola *B*, quando não atingiram a meta em 2009, sentiram-se humilhados com a divulgação dos resultados, porém, tiveram que repensar e reorganizar o modo de ensino e as avaliações na escola, ou seja, a existência do bônus provocou uma reflexão no modo de trabalho na escola. No entanto, pode causar intrigas no ambiente de trabalho, do modo como está configurado, já que o valor desse prêmio não é uniforme entre os professores. Além disso, surge a opinião de que o bônus não deve estar atrelado ao desempenho dos alunos, a não ser que se cobrem deles, pois muitos encaram as provas com falta de responsabilidade.

É sinalizado o fato de a bonificação poder fazer com que as escolas trabalhem preparando os alunos para o Saesp, como fazem os cursinhos pré-vestibulares, o que não é visto como uma boa atitude pelos professores, pois os alunos devem ter formação em outras áreas e não só naquelas cobradas pelo Saesp, além de essa preparação não ser o objetivo maior da escola.

Outro fato que aparece, quando das falas sobre bonificação, é que o vínculo do bônus com o Idesp proporciona a correção de fluxo, pois conforme se aumenta a quantidade de alunos aprovados, aumenta-se esse índice. Assim, haveria uma pressão oculta para que todos os alunos fossem aprovados e os profissionais da escola recebessem o bônus.

Ainda em relação à política de bonificação por resultados, são destacados problemas na divulgação dos resultados pela mídia, expostos mediante afirmações de que profissionais ganharão até 12 mil reais de acordo com o desempenho no Saesp, o que faz com que os alunos pensem que o único objetivo do Saesp é esse, muitas vezes não se empenhando propositalmente.

Destacamos que a verificação da qualidade do trabalho do professor e das escolas está vinculada a três variáveis: desempenho dos alunos no Saesp em Língua Portuguesa e Matemática no 5º e 9º ano do Ensino Fundamental e na 3ª série do Ensino

Médio, taxa de alunos aprovados nas séries de cada ciclo e a quantidade de faltas que o professor teve durante o ano.

Com esse cálculo e as articulações dos depoimentos analisados, apontamos que na literatura também há diversas críticas em relação ao uso do Idesp para considerar a qualidade do ensino e também para se bonificar financeiramente o trabalho da equipe escolar. Por exemplo, Oliveira (2011, p. 78), referindo-se ao Ideb, afirma que considerar esses índices como indicadores de qualidade é “uma simplificação grosseira do que se espera da educação escolar”, que não serve nem para sustentar o argumento de que estamos fortalecendo a educação como preparadora para o mercado de trabalho, já que não são apenas essas habilidades educacionais necessárias para que um indivíduo se insira no “complexo mercado de trabalho contemporâneo”.

Podemos também citar Alcantara (2010, p. 85), quando afirma que um dos problemas detectados em sua pesquisa é que medidas que valorizam excessivamente os resultados, em detrimento de outros aspectos relevantes para a análise do processo educacional, escondem as condições que favorecem o bom ou mau desempenho das escolas. Afirma que são ignorados pelo poder público fatores que incidem na qualidade da educação, como: fatores sociais, culturais e econômicos; participação da escola em projetos, muitas vezes da própria SEE; formação acadêmica dos profissionais; melhoria da aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais.

Essas pesquisas concordam com o destacado nos depoimentos, que em um sistema educacional complexo, que envolve sociedade, famílias, alunos, professores, coordenadores, diretores, legislação, material pedagógico, Cadernos do Aluno, do Professor, livros didáticos, problemas disciplinares, formato de funcionamento escolar, obrigações burocráticas e muitas outras variáveis, parece-nos uma redução excessiva vincular a qualidade do **trabalho do professor** a apenas três variáveis. Existem, inclusive, formas de tentar aumentar esse índice, por exemplo, fazendo com que só os alunos que possuem bom desempenho nas disciplinas consideradas participem da avaliação e aprovando a maior quantidade possível de alunos de um ano letivo para outro. Destacamos que *não* estamos discutindo as potencialidades de índices sintéticos, como o Idesp e o Ideb, como uma das possíveis medidas da qualidade da educação e de sistemas de ensino. Nossa preocupação neste parágrafo é a de se utilizarem deles como único critério para medir a qualidade do trabalho do profissional da educação.

No Relatório Final de 2009, é destacado o fato de o cumprimento das metas representarem, para as escolas, incentivos na remuneração para toda a equipe. Também

é afirmado que as escolas “que não cumprirem suas metas têm apoio especial da supervisão e coordenação pedagógica para o desenvolvimento de ações voltadas a melhorar a aprendizagem e o desempenho escolar” (SÃO PAULO, 2010, p. 11). Nesse sentido, observamos o que Junqueira (2009) afirma: em 2009 as escolas que não conseguiram cumprir a meta receberam um depósito na conta da Associação de Pais e mestres de R\$ 4 mil por ciclo para comprar material pedagógico. Além disso, a faixa de 5% das piores escolas do Estado foi acompanhada de maneira especial, com uma série de estudos por uma equipe constituída de seis pessoas da SEE, porém de maneira ainda muito incipiente.

Em 2011 entrou em vigor o Decreto nº 57.571/2011 que instituiu na Secretaria da Educação, o Programa Educação - Compromisso de São Paulo, que, em seu artigo 2º, inciso III, dispõe sobre uma das diretrizes que nortearão o Programa:

atendimento prioritário as unidades escolares cujos alunos apresentem resultados acadêmicos insatisfatórios, demonstrados por meio do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo - SARESP, visando garantir-lhes igualdade de condições de acesso e permanência na escola.

Nesse sentido, atualmente existem as escolas denominadas prioritárias, escolhidas de acordo com o resultado do Saresp 2010, e que possuem pelo menos um dos seguintes percentuais de estudantes no nível abaixo básico no Saresp:

- 40% ou mais dos alunos do Ciclo I da escola em Língua Portuguesa;
  - 50% ou mais dos alunos do Ciclo I da escola em Matemática;
  - 37% ou mais dos alunos do Ciclo II da escola em Língua Portuguesa;
  - 46% ou mais dos alunos do Ciclo II da escola em Matemática;
  - 54% ou mais dos alunos do Ensino Médio da escola em Língua Portuguesa;
  - 74% ou mais dos alunos do Ensino Médio da escola em Matemática.
- (ESPECIAL, 2012, p. 34)

Essas escolas devem receber atenção especial da Diretoria de Ensino, tanto financeira quanto pedagógica, com projetos especiais e com a elaboração de um Plano de Ação Participativa pelas escolas, que subsidiaria o diagnóstico de suas necessidades. Em 2012, segundo (ESPECIAL, 2012, p. 34), havia aproximadamente 1206 escolas prioritárias. Não aprofundaremos a discussão sobre como está sendo conduzida essa política, pois ao pesquisarmos em uma Diretoria de Ensino e na Internet, não

conseguimos documentos acerca do funcionamento desses projetos especiais realizados em tais escolas.

Em entrevista com o Secretário Adjunto de Educação, em março de 2012, obtivemos a informação de que, baseados nas deficiências sérias apontadas pelo Saresp, o Estado está investindo em formação continuada, política salarial e plano de carreira para os profissionais da educação. Como nos depoimentos analisados não tivemos menção a nenhum desses encaminhamentos para os resultados do Saresp, não abordaremos questões de políticas salariais e de formação continuada neste trabalho. Destacamos que alguns dos projetos que estão sendo conduzidos pelo Estado estão expostos no Programa Educação – Compromisso de São Paulo, instituído pelo Decreto nº 57.571/2011.

Em nossa maneira de compreender, a bonificação não está de acordo com o objetivo do Saresp, conforme explicitado nos Relatórios, que é ser uma avaliação essencialmente diagnóstica, tratando de avaliar as “competências e habilidades que os alunos puderam desenvolver no contexto da Rede Estadual de ensino” e, com base em tal diagnóstico, subsidiar “um planejamento eficaz da educação pública estadual, assim como a elaboração de estratégias e programas voltados para o atendimento de demandas específicas detectadas pelo processo de avaliação”; e, além disso, como mencionado na sequência do relatório, “não se trata de promover nem de premiar ninguém; razão pela qual não há, tampouco, por que penalizar, seja quem for. Nesse sentido, os sujeitos avaliados pelo Saresp são, antes de tudo, alunos, que pretendemos conhecer melhor como aprendizes” (SÃO PAULO, 2010, p. 11).

Portanto, acreditamos que com a Bonificação por Resultados estamos premiando (com o bônus para as escolas que atingem a meta) ou penalizando (com julgamentos ingênuos feitos pela sociedade acerca do trabalho nas escolas que não atingem a meta) os sujeitos envolvidos na avaliação por meio dos resultados do Saresp.

Esse é um ponto bastante controverso entre as políticas educacionais recentes. Há trabalhos que sustentam que, mesmo com depoimentos de funcionários da equipe de gestão escolar afirmando que o bônus não é uma motivação positiva,

até mesmo os professores mais resistentes ao currículo único e ao Saresp estão mudando suas estratégias didáticas para cumprir as metas do Idesp. Assim, Saresp, Idesp, metas e bônus são políticas que se reforçam mutuamente (JUNQUEIRA, 2009, p.10).

Temos que nos perguntar, portanto, quais são essas mudanças que estão ocorrendo até mesmo nos professores mais resistentes, já que, nos depoimentos que obtivemos, a única mudança que ocorreu foi no sentido de se buscarem meios para atingir as metas do Idesp, mudando a maneira de trabalhar com os alunos e implantando uma semana de provas, o que ocasionou um melhor comportamento deles perante as provas e os estudos. Além disso, algo de incipiente é sinalizado em termos de planejamento de atividades baseadas nos resultados da avaliação.

Por outro lado, há trabalhos, como o realizado pela *RAND Corporation*<sup>178</sup> sobre a política de bonificação em Nova Iorque, que mostraram não haver melhorias no desempenho dos estudantes das escolas em que os professores recebiam bonificação, principalmente porque o incentivo financeiro não mudou o comportamento do professor e as condições necessárias para a motivação dos funcionários não foram alcançadas (RAND CORPORATION, 2011).

Outro estudo, realizado no Brasil, sobre influências da política de bonificação nas escolas paulistas, no Ensino Fundamental, encontrou indícios de impacto positivo do programa de incentivo de professores apenas nas notas da quarta série. Em Matemática o efeito foi de 6,4 pontos e em Língua Portuguesa ,de 3,7 pontos na escala Saeb. Para a oitava série não houve evidência significativa de efeito (OSHIRO; SCORZAFAVE, 2011, p.13).

Além disso, há levantamentos que mostram que, nas escolas com notas mais altas no Saresp, há um treinamento intensivo para as provas, feito com simulados, incluindo até mesmo premiação às melhores turmas, em alguns casos, conforme Costa (2011). Isso pode se tornar preocupante a partir do momento que sabemos que os conteúdos de tais provas são um recorte do currículo e/ou podem não representar o objetivo educacional da escola, o que acontece em escolas voltadas ao treinamento para certas provas, como cursinhos pré-vestibulares. Nos depoimentos que analisamos, verificamos que há a ocorrência de simulados, inclusive com um deles enviado pela Diretoria de Ensino, e as notas deles sendo usadas para compor notas bimestrais dos alunos. Enfim, sinalizamos que tais atitudes quanto à avaliação não se mostram pautadas nos pressupostos de uma avaliação formativa, preconizada pela LDB de 1996 e por outros tantos documentos expedidos pela Secretaria da Educação.

---

<sup>178</sup> Surgida em 1948, a sigla *RAND* significa “*research and development*”. *RAND Corporation* é uma instituição sem fins lucrativos que ajuda a melhorar a política e as tomadas de decisões por meio de pesquisas e análises em diversas áreas, como educação, saúde, segurança nacional, questões internacionais.

Para que assim fosse, deveria haver uma preocupação de redirecionamento de trabalho pedagógico de acordo com os resultados dessas avaliações, tanto as internas quanto as externas, e não unicamente o simulado para treinamento para o Saresp, o que não foi apontado pelos depoentes. Lembramos que é sinalizado algo incipiente quanto à inclusão de atividades pedagógicas no sentido de atingir as metas propostas para o Idesp nos trabalhos de planejamento das escolas. Nesse sentido, salientamos que não se trata aqui de criticar o trabalho das escolas e dos professores, que mostram estar buscando modos de melhorar a qualidade da educação com os instrumentos e informações de que dispõem, e sim de descrever como a política de avaliação e, no caso específico desta pesquisa, vinculada à de bonificação, está ocorrendo na realidade escolar, mostrando onde não convergem com o proposto e esperado em instruções normativas.

Em relação a esses encaminhamentos, na escola *A*, é exposto que elaboram um plano de ações anuais, no qual anexam o Boletim da Escola com os resultados do Saresp e as médias do Saeb e Prova Brasil. Além disso, analisam as proficiências dos alunos nas diferentes séries, buscando apontar quais habilidades e competências precisam ser melhor trabalhadas. Nesse sentido, os depoentes da escola *B* também destacam que analisam os resultados do Saresp com o intuito de observar as habilidades e competências em que os alunos apresentam dificuldades. Porém, é uma crítica recorrente, conforme já explicitado, a de que os resultados do Saresp são gerais e não individuais, ou seja, por série e não por aluno, o que dificultaria o diagnóstico, por meio do resultado desse sistema, das habilidades não desenvolvidas pelos alunos.

Por exemplo, afirma-se que não é possível fazer uso desses resultados para encaminhar os alunos aos processos de recuperação, nem mesmo conferir se as habilidades apontadas como em defasagem pelos professores (na avaliação que fazem dos alunos) são as mesmas das apontadas pelo Saresp. Outra crítica apontada em relação aos resultados do Saresp é que, apesar de analisarem quais habilidades estão falhas no aprendizado dos alunos, apenas se tem esse resultado no ano seguinte, quando os alunos já são outros, principalmente quando se trata dos 9<sup>os</sup> anos do Ensino Fundamental e das 3<sup>as</sup> séries do Ensino Médio. Além disso, a análise também é feita tardiamente e com pouco tempo para isso, somente alguns momentos da HTPC e no dia destinado à discussão do Saresp, o dia do Saresp.

Tendo isso em vista, acreditamos que um dos objetivos do Saresp, que é de fazer com que os professores o utilizem na sala de aula, não está sendo realizado de acordo com os depoimentos aqui analisados, pois com o acesso aos resultados gerais e ainda,



em um ano seguinte ao da avaliação, não se consegue fazer encaminhamentos pedagógicos na atual configuração escolar.

Visando a melhor esclarecimento dos objetivos referidos, expomos o afirmado no Relatório Pedagógico:

Os destinatários preferenciais dos Relatórios Pedagógicos são professores e gestores das escolas. Aos primeiros cabe a tarefa de neles reconhecer a eficácia e a eficiência de seu trabalho. A eles, os relatórios pedagógicos são oferecidos também como instrumentos que contribuem para a melhoria da prática de ensino. No limite, esses relatórios são materiais de referência para a elaboração de planos de aula, de concepção de aulas práticas e de compreensão de avaliação como processo abrangente, contínuo, justo e, sobretudo, formativo. (SÃO PAULO, 2011c. p.VII)

e,

é muito recomendável que o professor faça uma reflexão com os alunos frente aos resultados do SARESP em Matemática com base nos seus princípios gerais. O professor deve planejar suas aulas levando também em conta os resultados do SARESP, comparando em diversos momentos as expectativas de aprendizagem com o que, de fato, os alunos mostram ter aprendido na prova. (SÃO PAULO, 2011c. p.199)

Há a observação de que o resultado do Saresp poderia ser, mas não é, utilizado para: encaminhar alunos à recuperação, promover ou reter alunos, constar no Histórico Escolar e possibilitar a separação de alunos em turmas de acordo com seu desempenho. Em relação a este último aspecto, é exposto que a escola *B* tentou fazer essa separação há alguns anos, mas sem êxito, devido ao número mínimo de alunos que se deve ter por turmas, o que implicou alunos com dificuldades diversas na mesma sala e reclamações dos pais quanto à separação dos amigos em diferentes turmas.

Com relação às intervenções da Diretoria de Ensino nas escolas, no que tange aos resultados do Saresp, os depoentes explicitaram que houve políticas diferenciadas apenas na escola *B*, inclusive com o sentimento de que foram pressionados para melhorar. Essas intervenções consistiram em enviar um supervisor de ensino para auxiliar a escola em maneiras de organizar suas HTPCs, interpretar os resultados do Saresp, e obrigar os coordenadores pedagógicos a assistirem às aulas dos professores, fazerem anotações e sugerirem mudanças.

Na escola *A*, apontam que o supervisor de ensino dá dicas de como trabalhar com os resultados do Saresp no sentido de atingir as metas do Idesp e há as capacitações

de coordenadores sobre o Saesp, mas dizem que não perceberam uma atenção especial no ano em que não atingiram a meta, pelo fato de, mesmo não tendo atingido, o desempenho da escola estar acima da média do Estado. Mas afirmam que seria importante que todas as escolas tivessem um acompanhamento, inclusive com a preocupação de se orientar com práticas inovadoras que dão certo em outras escolas, fato que ocorreu na escola *B*.

Os alunos comentam que a presença da Diretoria de Ensino é para vigiar o que está sendo feito na escola. Além disso, os depoentes relatam que a Diretoria de Ensino envia um simulado do Saesp para aquelas séries que farão a prova, que é denominado Saespinho.

### ***7.5 Categoria Visão de Matemática Escolar***

Destacamos o tema desta categoria visando lançar luz sobre a visão da Matemática que se mostrou para nós, à medida que fomos efetuando as análises e as interpretações dos relatos obtidos nos depoimentos, acerca das avaliações do Saesp e a da sala de aula, ou seja, aquela avaliação que o professor faz, durante o ano, da aprendizagem do aluno. Apresentamos, também, a visão de Matemática escolar presente nas falas dos depoentes.

O tratado nesta categoria não se mostrou como uma convergência articulada das Unidades de Significado que dizem diretamente desse tema, podendo esse assunto ter sido tratado nas interpretações das outras quatro já apresentadas. Entretanto, sendo este doutorado produto de pesquisa efetuada em Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática como exigência parcial para a obtenção do título de doutor, já nos dirigimos intencionalmente aos professores de Matemática das escolas consideradas significativas para esta investigação, buscando, no diálogo mantido com eles durante as entrevistas, focar também a prova dessa disciplina no Saesp.

Exporemos os desempenhos em Matemática alcançados pelas duas escolas onde se deu a pesquisa e apresentaremos a discussão sobre como a Matemática é vista no Saesp, segundo informações do Relatório Pedagógico de 2010 (SÃO PAULO, 2011c) e do exposto pelos depoentes, além de características específicas da prova aberta de Matemática, pois outras características das provas desse sistema já foram abordadas no item “Saesp 2010”. Finalizaremos com articulações acerca de opiniões emitidas sobre Matemática escolar pelos depoentes.

### 7.5.1 Desempenho das escolas A e B em Matemática no Saresp 2010

Iniciamos mostrando as médias dos alunos de cada escola no Saresp 2010, conforme Quadro 56, para contextualização do solo em que cada escola, onde ocorreram as entrevistas, se locomove. Podemos observar que as médias de desempenho das escolas possuem cerca de quatro pontos de diferença, sendo que no 9º ano do EF a escola A tem desempenho inferior, e na 3ª série do EM a escola B tem desempenho inferior. Observamos, também, que o desempenho das escolas é superior ao da rede estadual e ao da Diretoria de Ensino.

**Quadro 56** - Desempenho das escolas A e B em Matemática no Saresp 2010

	9º EF	3ª EM
Rede Estadual	243,3	269,2
Diretoria de Ensino	253,7	278,5
<b>Escola A</b>	<b>259,7</b>	<b>283,9</b>
<b>Escola B</b>	<b>263,4</b>	<b>279,7</b>

Fonte: Boletins da Escola.

Para a interpretação desses números, sugerimos lembrar o exposto no item “escala de proficiência”. Porém, destacamos novamente aqui, que o nível de desempenho considerado adequado, ou seja, aquele em que os alunos apresentam “domínio dos conteúdos, competências e habilidades desejáveis para a série escolar em que se encontram” (SÃO PAULO, 2011c, p. 213), é: para os 9ºs anos, de 300 a < 350; para as 3ªs séries do Ensino Médio, de 350 a < 400.

Outro aspecto que destacamos é a distribuição percentual dos alunos nos níveis de desempenho, o que nos informa sobre a equidade da proficiência dos alunos no âmbito da escola. Ressaltamos que, segundo os critérios expostos na categoria “Encaminhamentos pedagógicos e políticos por meio dos resultados do Saresp”, nenhuma das duas escolas são escolas prioritárias, de acordo com os resultados do Saresp 2010. Seguem o Quadro 57 e o Quadro 58 com os desempenhos dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e da 3ª série do Ensino Médio em Matemática.

**Quadro 57** - Distribuição percentual dos alunos do 9º ano do EF em Matemática nas escolas A e B.

9º ano do Ensino Fundamental					
Classificação	Nível	Rede Estadual	Diretoria de Ensino	Escola A	Escola B

<b>Insuficiente</b>	Abaixo do Básico	34,9	26,2	27,3	15,6
<b>Suficiente</b>	Básico	56,6	59,4	48,8	65,6
	Adequado	7,7	12,7	22,1	17,2
	<i>Básico</i> + <i>Adequado</i>	64,3	72,0	70,9	82,8
<b>Avançado</b>	Avançado	0,8	1,8	1,7	1,6

Fonte: Boletins da Escola.

**Quadro 58** - Distribuição percentual dos alunos da 3ª série do EM em Matemática nas escolas A e B.

3ª série do Ensino Médio					
Classificação	Nível	Rede Estadual	Diretoria de Ensino	Escola A	Escola B
<b>Insuficiente</b>	Abaixo do Básico	57,7	48,3	42,9	45,5
<b>Suficiente</b>	Básico	38,4	46,5	48,4	52,1
	Adequado	3,6	4,9	7,9	2,5
	<i>Básico</i> + <i>Adequado</i>	42,1	51,4	56,3	54,5
<b>Avançado</b>	Avançado	0,3	0,3	0,8	0,0

Fonte: Boletins da Escola.

Analisando os quadros, vemos que no 9º ano do Ensino Fundamental, a distribuição dos alunos nos níveis de desempenho é melhor na escola B, apesar de a média exposta no Quadro 56 ser parecida, pois ela concentra mais alunos no nível “Suficiente”. Já no Ensino Médio, as distribuições são mais parecidas, com um grande número de alunos no nível “Insuficiente”.

Buscando compreender os índices que se referem ao desempenho dos alunos nas escolas onde a pesquisa se deu, procuramos também compreender como a Matemática é vista na prova do Saesp, efetuando articulações com informações advindas do Relatório Pedagógico e dos depoimentos analisados.

### 7.5.2 A Matemática na prova do Saesp<sup>179</sup>

Em 2010, os alunos dos 5º, 7º e 9º anos do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio foram avaliados, censitariamente, por 104 questões objetivas de

<sup>179</sup> As observações sobre as provas de Matemática do Saesp não emergiram dos depoimentos analisados, mas foram obtidas a partir do Relatório Pedagógico de Matemática (SÃO PAULO, 2011c).

Matemática, e por provas de outras disciplinas. Essas provas foram planejadas utilizando a metodologia de Blocos Incompletos Balanceados, dispostos em 26 cadernos de prova diferentes, com 13 blocos distintos, sendo que cada bloco foi composto por oito itens. Dessa forma, cada caderno continha 24 itens, distribuídos em três blocos.

Na edição de 2010, o Saresp aplicou cinco questões de respostas construídas, ou seja, questões abertas, de Matemática a uma amostra, estratificada em 10% e por Diretoria de Ensino, de alunos do 7º e 9º anos do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio. Segundo São Paulo (2011c, p. 10), “Essa avaliação apresenta resultados que possibilitam refletir e elaborar hipóteses acerca das diferentes estruturas do pensamento matemático dos alunos e pesquisar os mecanismos subjacentes à prática docente e à aprendizagem”.

Os itens foram elaborados com base nas habilidades indicadas nas Matrizes de Referência da Avaliação, além de itens selecionados de edições anteriores do Saresp e itens comuns com o Saeb/Prova Brasil, para assegurarem a comparabilidade entre os resultados do Saresp ao longo dos anos e com os resultados da avaliação nacional.

Posto isso, exporemos brevemente a concepção de Matemática na escolaridade básica, que guia a elaboração do material do Currículo do Estado e dos itens do Saresp, para situarmos os delineamentos dos depoentes acerca do modo como veem a Matemática. Assim, segundo o Relatório Pedagógico, a Matemática é

uma linguagem que nos permite representar o mundo e elaborar uma compreensão e uma representação da natureza [...] é ainda com a Matemática que construímos formas de agir sobre o mundo, resolvendo problemas, prevendo e controlando os resultados de ações sugeridas pelas resoluções (SÃO PAULO, 2011c, p. 45).

Além disso, o documento expressa que a Matemática está presente cada vez mais em diversas áreas do conhecimento, como engenharia, tecnologia, economia, medicina, ciências sociais, etc., e em nossa realidade cotidiana, no pagamento de contas, impostos, nos investimentos e até mesmo na análise de informações expostas pela mídia.

Com essa concepção acerca da importância da Matemática nas atividades humanas, e baseando-se no fato de que ideias e conceitos dessa disciplina são ferramentas essenciais para atuar sobre a realidade que cerca os indivíduos de uma sociedade, estabelece-se que a escola deve desenvolver competências e habilidades matemáticas que possibilitem extrair de contextos e de circunstâncias particulares o

quando e o como podemos delas valer-nos, além de analisar criticamente o modo pelo qual delas nos valemos. Destaca-se que o “conceito de competência permeia todo o processo de ensino-aprendizagem, dando ênfase ao que o aluno é capaz de fazer com os conhecimentos que adquiriu muito mais do que o domínio formal dos conceitos” (SÃO PAULO, 2011c, p. 46).

São, então, elencados aspectos importantes a serem considerados na prática de ensino e aprendizagem, entre eles, o mais destacado é a metodologia de Resolução de Problemas, com relevância atribuída à abordagem de situações-problema das quais irão emergir conceitos e ideias matemáticos, com maiores possibilidades de o aluno aprender uma Matemática que faça sentido. Dessa forma, são expostas as etapas do ciclo da “matematização” na resolução de problemas, que envolve dois mundos, ou domínios, que se relacionam: o mundo real presente no problema como ele é proposto e o domínio matemático que envolve o problema. Destaca-se que “uma formação matemática realista e equilibrada privilegia igualmente o aspecto teórico, a resolução de problemas e o caráter ‘utilitário’ desta ciência” (SÃO PAULO, 2011c, p. 48).

Para finalizar as considerações acerca da abordagem e importância da Matemática nos documentos oficiais da rede de ensino do Estado de São Paulo, mostramos que o ensino da Matemática na Educação Básica, exposto na Proposta Curricular, pretende que o aluno:

- desenvolva formas de pensamento lógico;
- aplique adequadamente os conceitos, algoritmos e ferramentas matemáticos em situações do cotidiano;
- utilize corretamente a linguagem matemática para comunicar-se;
- resolva problemas utilizando diferentes estratégias, procedimentos e recursos, desde a intuição até os algoritmos;
- aplique os conhecimentos geométricos para compreender e analisar o mundo físico ao seu redor;
- utilize os métodos e procedimentos estatísticos e probabilísticos para obter conclusões a partir de dados e informações;
- integre os conhecimentos matemáticos no conjunto dos conhecimentos que adquiriu nas outras áreas da sua educação básica;
- utilize com critério os recursos tecnológicos (calculadora, computador e programas) como auxiliares do seu aprendizado. (SÃO PAULO, 2011c, p. 50).

Para isso, a Proposta Curricular de Matemática estrutura-se em quatro temas: Números e Operações; Espaço e Forma; Grandezas e Medidas; Tratamento da Informação. E é segundo esses temas que são organizadas as habilidades e

competências que serão avaliadas pelo Saresp, expostas na Matriz de Referência para Avaliação.

Tendo isso em vista, articularemos as observações em relação às provas, começamos discorrendo acerca da dificuldade exposta pelos depoentes sobre a prova de Matemática do Saresp.

O depoente SP1 achou que a prova da 3ª série do Ensino Médio estava fácil. Porém, afirmou que para determinadas turmas a prova pode ser fácil e para outras turmas, não. Mas concluiu que, no geral, a avaliação não estava muito difícil.

As próximas considerações apresentadas sobre a dificuldade das provas foram feitas pelos alunos.

Os alunos do grupo GA1 divergem quanto à opinião sobre a dificuldade das provas do Saresp. Para BF1 a prova de Matemática é difícil, BF2 considera o nível de dificuldade mediano e BF3 afirma que a prova de Matemática não estava difícil, porém continha algumas questões que não puderam ser feitas, pois eram referentes a conteúdos do 4º bimestre do caderno do aluno que não haviam sido ministrados ainda. O relatado pelos depoentes, que a prova não estava muito difícil, está consonante às seguintes afirmações: BF1 afirma ter "chutado" a maioria das questões de Matemática, BF2 diz não ter "chutado" muitas e BF3 conta que "chutou" em torno de seis questões.

Os alunos do grupo GA2 consideram a prova fácil em geral. BF4 afirma que a de Matemática estava mais fácil que a de Português, porém para BF5, não. BF6 diz que no Saresp são requisitados conteúdos básicos, não sendo os conteúdos que aprenderam durante aquele ano.

Os depoentes do grupo GA3 afirmam que leram as questões de Matemática, mas apresentam dúvidas quanto a esse fato. BF7 relata que "chutou" em torno de cinco questões, pois não sabia respondê-las. BF8 fala que "chutou" no máximo seis questões. Esse grupo fez a prova aberta e BF7 acha que essa prova estava mais fácil que as outras provas do Saresp, tendo feito todas. Já BF8 achou muito difícil e não fez uma questão.

Para os depoentes do grupo GA3, a prova de Matemática estava mais difícil do que fácil e a de Português estava mais fácil.

Os depoentes do grupo GA4 consideram difícil a prova aberta de Matemática. Relatam que era composta de cinco questões, sendo que eles fizeram aquelas cujo conteúdo tinham aprendido e do qual se lembravam. A depoente AF1 afirma que fez todas as questões da prova aberta e AF2 fez quatro. Esse grupo achou a prova de

Matemática mais difícil que as outras. A depoente AF3 afirma ter "chutado" muitas questões. O depoente AF4 diz ter "chutado" algumas.

No grupo GA5, os depoentes AF6, AF7 e AF8 acharam a prova de Matemática difícil. Já o depoente AF5 achou fácil.

Os depoentes do grupo GA6 afirmam que a prova aberta de Matemática estava com as três primeiras questões fáceis e as outras duas difíceis, tanto que a maioria da classe não conseguiu fazer. Relatam que as provas do primeiro dia estavam fáceis.

Os depoentes do grupo GA7 relatam que a prova de Matemática estava mais difícil que as outras, pois ficaram sem professor por um bom período em 2010. No entanto, o depoente BM3 diz que foi cobrado conteúdo básico, para verificar se os alunos sabiam ao menos aquilo, sendo que questões mais complicadas foram poucas. Esses alunos afirmam que "chutaram" algumas questões de Matemática mais difíceis, pois, mesmo depois de ler todas não conseguiram fazer.

Os depoentes do grupo GA8 relatam que a prova aplicada no 1º dia estava mais fácil que no segundo. Entendem que a prova aberta de Matemática estava difícil. Afirmam que, nas disciplinas que não tiveram professor durante o ano, sentiram maior dificuldade em responder a prova, como foi o caso de Matemática, já que ficaram sem professor durante quase dois bimestres, concluindo que foi a prova mais difícil. Como as questões da prova aberta não possuíam alternativas, todos os cálculos deviam ser expostos, impedindo o "chute". Assim, os alunos fizeram algumas e outras deixaram em branco, por não saberem responder.

A depoente AM1 diz que se esforça para resolver as questões relativas às matérias em que vai bem, porém em Matemática, que ela não vai bem, tenta algumas vezes, e, se não consegue, "chuta". Disse que "chutou" muitas na prova do Saesp, apesar de afirmar que tinham várias perguntas bobas na prova. Ela acha que perguntas bobas são aquelas com um nível de dificuldade inferior à 3ª série do Ensino Médio, como questões acerca de planificação de figuras geométricas ou de interpretação de texto com a resposta óbvia; questões que não requerem muita concentração para serem respondidas.

Os alunos do grupo GA10 afirmam que leram, interpretaram e responderam a maioria das questões, pois estavam fáceis e eles haviam estudado os conteúdos no ano anterior. Em Matemática a maioria das questões estava fácil, com questões sobre, por exemplo, equações do 1º grau e funções, já que a maioria dos conteúdos cobrados se referia ao Ensino Fundamental e até a 2ª série do Ensino Médio. Acham que o nível de



complexidade da prova deveria ser maior, pois, para que ingressem em um curso superior, quanto maior a quantidade de conteúdo aprendido, melhor.

Os depoentes do grupo GA11 falam que o Saresp apresentou conteúdos desde o 9º ano do Ensino Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio. Entendem que a prova de Português e Matemática estava com nível de dificuldade médio, mas no 2º dia de prova estava bem mais fácil, com questões que exigiam apenas interpretação. Relatam que tentaram, mas não conseguiram se lembrar como se resolve e "chutaram" algumas questões, em torno de cinco. Afirmam que de Matemática não entenderam todos os itens, sendo que nessas eles "chutaram" as respostas.

Os depoentes do grupo GA12 dizem ter refletido em todas as questões. Os depoentes AM7 e AM8 afirmam que nas de Matemática pensaram bastante e, nas de Português, nem tanto. Já a depoente AM9 afirma que pensou bastante tanto nas de Matemática quanto nas de Português. De Matemática, para o depoente AM8 algumas coisas não estavam fáceis.

### 7.5.3 Prova aberta de Matemática

A prova aberta era composta de cinco questões e foi respondida por 140.474 alunos, o que representa 80,1% da quantidade prevista. No 9º ano do Ensino Fundamental e na 3ª série do Ensino Médio, os percentuais de resposta correta estão expostos no Quadro 59:

**Quadro 59** - % de acertos e de respostas em branco por questão da prova aberta de Matemática.

Questão	% de acertos		% de respostas em branco	
	9º ano EF	3ª série EM	9º ano EF	3ª série EM
1	5,1	11,5	32,3	50,9
2	3,9	8,3	36,3	59,3
3	1,0	14,7	33,9	31,6
4	8,1	6,9	40,0	42,8
5	2,8	0,7	35,9	48,5

Fonte: São Paulo (2011c)

Podemos observar que, no Ensino Médio, a porcentagem de acertos é maior que no Ensino Fundamental, porém ambos os percentuais de alunos que respondem corretamente essas questões são muito pequenos e nos questionamos se essas questões estão proporcionando uma análise do raciocínio dos alunos.

Quanto à quantidade de alunos que deixam as questões sem resposta, podemos observar que é grande percentualmente, em especial no Ensino Médio. Questionamos, assim como está indagado no Relatório Pedagógico, se esses alunos deixaram em branco porque não sabiam resolver.

Esses dados corroboram a percepção da depoente SP7 que abre a possibilidade de o Saresp medir mais o ensino se a prova fosse composta de questões abertas. Porém observa que o desempenho poderia até piorar, pois a maioria dos alunos não gosta de Matemática, porque não a considera uma disciplina atraente.

As alunas AF1 e AF2 afirmam que no segundo dia do Saresp, dia em que foi efetuada a prova com questões abertas de Matemática, ocorreram problemas na sala de aula, pois os alunos se negaram a fazer essa prova, querendo ir embora da escola e deixar as questões sem resposta. A diretora e a professora de Matemática foram chamadas, a professora conversou com os alunos e eles fizeram a prova.

#### **7.5.4 Opinião sobre Matemática escolar**

Os depoentes consideram a Matemática escolar útil em diversas situações cotidianas e em outras áreas do conhecimento, porém muitos deles consideram-na difícil e complicada, evidenciando, também, que não gostam dessa disciplina escolar.

Em relação aos educadores, aparece a noção da importância da Matemática e a necessidade de estudá-la, concordando com o exposto no Relatório Pedagógico, como é o caso da depoente SD1, que cita seu próprio exemplo, dizendo que não era boa aluna em Matemática, que fez Biologia, mas teve que aprender Matemática, pois se usa em todos os lugares, assim como se faz uso da Língua Portuguesa.

A depoente SP4 expressa a necessidade de conhecimento de pré-requisitos para que se consiga aprender Matemática, afirmando que o aluno tem de buscar o que já aprendeu e que se depara com alunos que não conseguem fazer multiplicação corretamente, sendo esse problema relacionado à falta de cobrança de notas e de interesse dos alunos e dos pais.

A atratividade da Matemática é tratada por SP7, que aponta que, por mais que se tente deixar a Matemática mais atraente, parece que não funciona. Observa que os professores refletem acerca dos resultados do Saresp, principalmente em Matemática, pois os alunos apresentam dificuldades, saindo-se mal na prova, o que preocupa os professores.

Em relação ao desempenho dos alunos, SP3 observa que, na escola em que leciona, os alunos das séries iniciais têm melhor desempenho em Matemática do que os do Ensino Médio. Acredita ser um dos motivos o aumento da quantidade de conteúdo fazendo com que alunos não consigam aprendê-los.

Nesse sentido, BF1, BF2 e BF4 afirmam ter muita dificuldade em aprender Matemática e a consideram a disciplina mais difícil. A depoente BF1 afirma odiar Matemática e que até em outras disciplinas existe Matemática, citando como exemplo a prova de Ciências do Saesp que também abordou Matemática.

O depoente BF8 afirma que estuda Matemática, mas que não consegue entender. A depoente AM1 diz não gostar de Matemática e não ser boa nessa disciplina. Os depoentes do grupo GA11 falam que se confundem nos cálculos em Matemática.

Para a depoente do grupo GA1, em Matemática, o aprendizado depende do professor, que deve ser insistente, explicando a matéria até o aluno entender. Porém, a depoente BF6 relata que a maioria dos alunos não consegue entender a explicação da professora, apesar de ela explicar mais de uma vez e insistir para que os alunos aprendam. A aluna BF3 acredita que em Matemática não pode decorar, deve aprender, senão na hora da prova não consegue fazer as questões.

A depoente BF5 entende que o material do Currículo mais ajuda do que atrapalha em Matemática, porque aprendeu o que não estava conseguindo aprender sem ele, pois há explicações no material. A depoente também afirma que não entende, de imediato, muitas coisas em Matemática, sendo que às vezes todos na classe já entenderam e ela não.

#### **7.5.5 Considerações sobre visão da Matemática escolar**

Entendemos que o desempenho dos alunos em Matemática no Saesp não é bom, pois a faixa considerada adequada para o 9º ano do Ensino Fundamental é de 300 a menor que 350, e a média da escola A foi de 259,7, ou seja, mais de 40 pontos abaixo do mínimo necessário para estar no nível considerado adequado. Entendendo que se trata de uma média aritmética, observamos que há muitos alunos no nível abaixo do básico (27,3%) e básico (48,8%), que juntos somam 76,1% dos alunos. Na escola B, a média foi de 263,4, também muito abaixo do considerado adequado. O percentual de alunos abaixo do básico (15,6%) e básico também é alto, somando 81,2% dos alunos que demonstram ou domínio insuficiente ou mínimo dos conteúdos, habilidades e competências desejáveis para o 9º ano.

No Ensino Médio a situação é mais crítica ainda, já que a faixa considerada adequada é de 350 a menor que 400, e a média da escola A é de 283,9, mostrando maior defasagem que o Ensino Fundamental, além de evidenciar que os três anos de escolarização do nível médio pouco agregam em conhecimento de Matemática em relação ao 9º ano do EF. A distribuição de alunos nos níveis abaixo do básico (42,9%) e básico (48,4%) também é significativa, pois 91,3% dos alunos não evidenciaram domínio pleno dos conteúdos, habilidades e competências desejáveis para o 9º ano. Na escola B, a média também se encontra muito aquém do esperado, sendo 279,7 pontos. A distribuição é de 45,5% no abaixo do básico, 52,1% no básico, totalizando 97,6% dos alunos. Destacamos que um depoente professor afirma que um dos motivos para que o desempenho ser pior no Ensino Médio é o aumento da quantidade de conteúdo, fazendo com que alunos não consigam aprendê-los.

Para tentarmos entender um pouco esse desempenho em Matemática, aquém das médias indicadas como adequadas, observamos que os depoentes da escola B apontam que ficaram sem professor de Matemática, o que, em sua visão, prejudicou o desempenho deles no Saresp, uma vez que não foi ministrada boa parte do conteúdo.

Em relação à dificuldade das provas, há variação quanto ao nível delas, portanto há alunos que consideraram a prova fácil, outros, de dificuldade mediana e alguns difícil. Porém, a maioria afirma ter lido as questões e "chutado" as que não sabia.

Contraditório é o fato de alguns alunos do Ensino Médio apontarem que a prova de Matemática cobrou conteúdos básicos dessa disciplina. Entendemos que o conteúdo cobrado deve ter relação com aquele descrito nas Matrizes de Referência para Avaliação do Saresp, ou seja, só poderia ser considerado básico se o modo de abordagem não fosse muito aprofundado. Como exemplo, citamos a habilidade H02, "Resolver problemas que envolvam Progressões Aritméticas" de Matemática da 3ª série do EM, pertencente ao tema 1 (números, operações e funções) e relacionada com a competência III, ou seja, para compreender (SÃO PAULO, 2009a, p.84). Podemos pensar em diversos "níveis" de dificuldade para um item que avalie tal habilidade. Nesse sentido, seria interessante que todas as 104 questões que compuseram a prova de Matemática fossem analisadas, no sentido de se fazer uma meta-avaliação do solicitado no SARESP.

Outra questão que pode ser explicativa acerca do péssimo desempenho dos alunos é a opinião deles e dos educadores sobre a Matemática escolar, que, conforme entendem, é útil em diversas situações cotidianas e em outras áreas do conhecimento, sendo tida como necessária a ser aprendida, porém é considerada difícil e complicada

por muitos depoentes, que, inclusive, não gostam dessa disciplina escolar. Portanto é vista como uma obrigação por diversos depoentes e não como um conteúdo prazeroso de ser aprendido e passível de ser trabalhado de modo a ser compreendido. Uma possibilidade sobre modos de trabalhar esse conteúdo e de expô-lo pode ser vista por alguns depoentes que afirmam que o Caderno do Aluno de Matemática ajuda na compreensão dos conteúdos, pois traz explicações e figuras que não seriam possíveis de serem desenhadas na lousa.

Além disso, alguns depoentes apontam que a Matemática depende muito do professor, da maneira como ele explica, porém afirmam que, mesmo com professores que insistem para que os alunos aprendam, a maioria dos estudantes não entende Matemática.

Em relação à prova aberta, apontamos que diz muito pouco em termos de desempenho, pois a quantidade de alunos que respondem corretamente é bastante pequena. Além disso, muitos não respondem, conforme enunciado no Quadro 59. Questionamos: qual seria o motivo? Os depoentes apontam que não fizeram somente as que não sabiam e responderam, em sua maioria, pelo menos as três primeiras questões. Porém, há o relato de resistência para responder essas questões na escola A, pois a classe escolhida possuía muitos alunos com aprendizagem defasada, que, segundo os depoentes, não queriam expor suas dificuldades em uma prova cujo resultado iria ser publicado.

Pelas análises que efetuamos, fica evidente que o ensino de Matemática, apesar dos esforços para que se torne mais significativo, continua sendo um *nó* na educação básica, na medida em que se enreda com problemas referentes ao modo como está estruturado o Currículo, à formação inicial e continuada dos professores, à falta de interesse dos alunos e ao modo cultural de a Matemática ser vista por professores e alunos.<sup>180</sup>

Articulando nossas interpretações a respeito dos resultados do Saresp e dos relatos dos depoentes, entendemos que a Matemática escolar tem ficado aquém do que

---

<sup>180</sup> Na entrevista com o Secretário Adjunto, Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho, foi destacada que a comparação no Ensino Médio recai sobre Matemática, e se sabe que o ensino dessa disciplina é ruim, pois os professores têm uma má formação inicial e os programas de formação continuada não dão conta da demanda. É o caso do Programa Rede São Paulo de Formação de Docente, o Redefor, feito através de convênio da SEE com a Usp, a Unesp e a Unicamp, para que forneçam cursos de especialização que já atingiram cerca de 10 mil professores até o início de 2012, em uma rede de 200 mil professores. Além disso, cita o problema da pouca atratividade da carreira docente na rede oficial no Estado, com algumas políticas para tentar melhorar, expostas no Programa Educação - Compromisso de São Paulo.

poderia e deveria fazer no que concerne à formação dos futuros cidadãos de nosso Estado.

Apontamos enfaticamente, entretanto, que uma mudança apenas curricular não resolve. Isso porque os problemas que se mostram evidentes em nossa análise abarcam uma gama de fatores que precisam ser devidamente enfrentados em conjunto: adequação do prédio que abriga a escola em relação às atividades que efetua e que dela são cobradas; carreira dos docentes que dê conta do exigido que façam com qualidade, em que sejam explicitados deveres e recompensas, de maneira que a avaliação do seu desempenho seja contínua e o salário esteja de acordo com sua responsabilidade e competência; essa questão abrange a formação continuada do docente, porém uma formação que ocorra *pari-passu* com a realidade da escola em que trabalha e que possa ser cursada por todos aqueles professores que necessitarem; reorganização da escola e suas metas, tendo em vista a política de inclusão social; reorganização da administração das facticidades do cotidiano das escolas, como afastamentos de docentes por doença, licença-prêmio, etc., de modo que o ensino não fique em segundo plano; uma política sócio-cultural-econômica de valorização da educação em todas suas vertentes, familiar, da mídia, escolar.

É uma complexidade que não pode ser desconsiderada e nem pode ocasionar desânimo e desdém, uma vez que o que está em jogo é o presente e o futuro dos cidadãos deste Estado. O Saresp evidencia essa complexidade. Sendo uma avaliação do sistema escolar do Estado de São Paulo, de modo responsável, o governo há que ouvi-lo e reorientá-lo conforme as necessidades assim demandarem.

## 8 CAPÍTULO SÉTIMO

### SÍNTESE (PROVISÓRIA) DA INVESTIGAÇÃO EFETUADA

O título deste capítulo indica a “conclusão” de uma pesquisa. Traz os “resultados” que visualizamos ao chegarmos com a investigação até o momento em que compreendemos o que a pergunta orientadora nos permitiu responder. Entretanto, é “conclusão” deste movimento de investigação, o que não esgota o tema.

Entendendo este capítulo como momento em que nos damos a nós e aos nossos leitores sobre o efetuado, apresentamos um resumo do caminho trilhado, preparando o texto para indicar nossos achados.

Assim, neste trabalho, que ora estamos a caminho de finalizar, efetuamos um estudo sobre o campo da avaliação educacional, de um ponto de vista de sua historicidade, pois conhecer o desenvolvimento desse tema, as críticas aos modelos trabalhados e respectivos avanços em direção a outros que dessem conta das críticas formuladas, constitui um solo em que nos sentimos mais firmes para nos movimentarmos, efetuando análises e interpretações procedentes sobre as concepções hoje atuantes, seja na área de educação, ou na de avaliação especificamente.

Deparamo-nos neste estudo com uma grande quantidade de definições e modos de ver a avaliação educacional, que se traduzem em diversas práticas e modelos adotados para avaliar os diversos aspectos envolvidos na educação: currículo, aprendizagem, processos de ensino-aprendizagem, sistemas de ensino, professores, escolas, etc.

Destacamos que, a partir da década de 1990, a avaliação educacional foi impulsionada no Brasil, tendo em vista o país estar inserido em um quadro de mudanças globais em relação à política organizacional do Estado, no qual as concepções neoliberais ficaram mais evidentes. É nesse quadro que o significado das reformas educacionais pode ser compreendido, pontuando-se que o país participa, então, de um movimento global de reestruturação econômica e também faz parte de acordos internacionais que estabelecem certas regras e recomendações, inclusive para a área educacional. Em meio a essa conjuntura, entendemos que a avaliação pode ser vista como política pública, em que se encontram presentes as ideias que alimentam as avaliações nacionais e as internacionais de que o Brasil participa. Essas mudanças e

respectivas visões políticas trouxeram alterações estruturais na medida em que incidiram na legislação educacional, cuja carta maior é a LDB, que teve a versão atual assinada em 1996.

Focando nosso tema de pesquisa, construímos um histórico do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo desde a sua implantação em 1996 até os dias atuais, mostrando o cenário político em que está inserido e enunciando as teses e dissertações que tratam do tema. Compreendemos que, desde o início, o processo de avaliação das escolas de educação básica está vinculado à verificação do cumprimento de determinadas políticas públicas e, ao mesmo tempo, para embasar tomadas de decisões acerca de futuras ações.

Observamos que o Saresp, no seu primeiro ciclo, de 1996 a 1998, estabelece-se como um sistema de acompanhamento da progressão dos alunos nas séries cursadas. Em 2001, torna-se uma avaliação para embasar decisões de encaminhamento do aluno para a continuação dos estudos ou para a recuperação, sendo que em 2002, como não são avaliados todos os alunos, não segue mais o caráter de encaminhamento para recuperação. De 2003 a 2005 torna-se uma avaliação censitária para todas as séries e alunos. A partir de 2007, os resultados do Saresp passam a ser disponibilizados na mesma métrica do Saeb, podendo, assim, compararem-se resultados entre essas avaliações. De 2008 em diante, têm sido utilizadas as médias do Saresp para compor o Idesp, e o seu valor é referência para pagamento de bônus aos professores. Além disso, é elaborada uma nova proposta curricular para o Estado de São Paulo, a qual subsidia as matrizes de referência para avaliação do Saresp.

Destaca-se que, desde as primeiras aplicações do Saresp, é enfatizado que

[...] todo o processo sistemático da avaliação somente fará sentido se a escola, a partir da análise de desempenho de seus alunos, for capaz de articular esses resultados com seu projeto pedagógico, de modo a viabilizar mudanças necessárias para o pleno sucesso de sua principal função: a de propor situações de ensino que, partindo das suas condições concretas de funcionamento, possibilitem formas cada vez mais complexas de aprendizagem dos alunos. (SÃO PAULO, 2000, p. 89).

Continuando nas aplicações mais recentes, em Relatório do Saresp 2007, sobre seus resultados é afirmado:



A melhor aplicação desses resultados ocorre quando o professor deles se utiliza para monitorar seu trabalho e subsidiar mudanças necessárias para superar um possível desempenho insuficiente de seus alunos nos pontos detectados pela avaliação. (SÃO PAULO, 2008c, p.8)

Tendo em vista esses preceitos, esperando-se que as informações sejam lidas e compreendidas por aqueles que estão no cotidiano escolar, são disponibilizados nos relatórios finais: informações pedagógicas sobre acertos de itens; interpretação pedagógicas das escalas de habilidades; sugestões de abordagem dos conteúdos aos professores, principalmente nos relatórios das aplicações mais recentes.

Tendo como base esse solo teórico e como norte a interrogação “como o Saresp se presentifica na realidade escolar?”, buscamos conhecer essa realidade e a respectiva presença do Saresp, indo a escolas em que ele foi aplicado desde o início de sua implantação. Por termos decidido efetuar um estudo qualitativo, sem partirmos de suposições prévias ou de hipóteses a serem confirmadas ou não, e que desse conta dos diferentes aspectos da realidade escolar, entendemos, baseadas em estudos a respeito da pesquisa qualitativa,<sup>181</sup> poder trabalhar com duas escolas tidas como significativas. Ou seja, com aquelas que haviam vivido a experiência do Saresp no tempo histórico desse sistema de avaliação.

Tendo isso em vista, as características significativas das duas escolas em que realizamos as entrevistas, denominadas de *A* e *B*, são: localização, ter ou não atingido a meta do Idesp e com mais de um mil alunos. Nessas entrevistamos professores de Matemática, diretores, coordenadores pedagógicos e alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e da 3ª série do Ensino Médio. Os depoimentos foram gravados, mediante autorização dos depoentes, transcritos e analisados de modo fenomenológico/hermenêutico. Por um movimento de reduções sucessivas e mediante diálogo atento norteado pela interrogação que alimentou a pesquisa, estabelecido entre pesquisador, autores estudados, documentos oficiais e depoimentos, articulamos cinco categorias abertas, entendidas como características essenciais do fenômeno investigado, qual seja, a presença do Saresp na realidade escolar, que denominamos: realidade escolar, visão do Saresp, comprometimento com o Saresp, encaminhamentos pedagógicos e políticos por meio dos resultados do Saresp, visão da Matemática escolar.

---

<sup>181</sup> (BICUDO, 2011), (BORBA; ARAÚJO, 2004), (LINCOLN; GUBA, 1985).

Nossa pesquisa evidencia a importância do Saresp, olhado como um instrumento de avaliação de desempenho de alunos em disciplinas da grade curricular. Mostra-se como um sistema que, ao efetuar essa avaliação, abrange uma complexidade de aspectos intra e extraescolares, o que já está enunciado em suas proposições. Esta investigação desvela aspectos dessa complexidade estudados da perspectiva daqueles que vivem a realidade escolar, no seu cotidiano.

O Saresp se mostrou, a nós, por um lado, olhando sua constituição, como um texto consistente, em que são explicitadas as habilidades e competências cognitivas avaliadas de uma maneira clara e fundamentada em teorias apropriadas. Sinaliza as estruturas básicas de conhecimento a serem construídas pelos alunos, expressas em matrizes de referência para avaliação, baseadas em um recorte da proposta curricular. Há uma intenção implícita nesse sistema de avaliação - como está exposto em seus textos de fundamentação, de explanação da prática de aplicação e relatórios - de sinalizar quais são as estruturas básicas de conhecimento que se espera serem construídas pelas atividades de ensino e de aprendizagem trabalhadas pelos professores, descrevendo indicadores ou descritores dessas aprendizagens.

Por outro lado, os depoimentos obtidos junto aos sujeitos significativos revelaram um descompasso entre a proposta como explicitada e implementada em termos de aplicação e de análise de resultados, pela equipe do nível central, e o vivido na realidade das escolas estudadas, ou seja, daquela da equipe regional. Como já era sinalizado por Parlett e Hamilton (1982), no processo de realização da avaliação, os manuais e relatórios assumem diferentes formas numa situação concreta, com objetivos sendo reordenados, excluídos ou esquecidos.

Mesmo constatando, por meio dos depoimentos, que os professores de Matemática e membros da equipe de gestão entrevistados apresentam uma formação sólida e firmeza ao declararem fatos da realidade escolar, além de revelarem que são preparados para o Saresp com capacitações da Diretoria de Ensino, evidenciam-se lacunas no entendimento que expressam sobre o proposto nos documentos oficiais. Uma das lacunas se refere ao fato de afirmarem não ter acesso ao que é avaliado pelo Saresp, dele tendo conhecimento apenas por alguns exemplos de itens expostos no Relatório Final. Em nosso entendimento, isso pode mostrar desconhecimento da Matriz de Referência de Avaliação ou dúvida quanto à correspondência entre a prova e essa Matriz. Voltamos a destacar que os itens apresentados nos Relatórios Finais são acompanhados de interpretações pedagógicas acerca das habilidades mobilizadas pelos

alunos para responder aos itens de determinado nível de proficiência, baseadas nos resultados gerais do Estado. Não há especificação por escola, o que ocasiona certa dificuldade para que os educadores se apropriem desses resultados, dificuldade essa potencializada pela carência de informações técnicas por parte dos educadores.

Há opiniões contrárias no sentido da convergência entre o que é cobrado na avaliação e o exposto no material referente ao Currículo do Estado. Alguns depoentes afirmam que o solicitado pelo Saresp aproxima-se mais do conteúdo do livro didático e não desse material, já outros relatam que o Saresp avalia o conteúdo ministrado em sala de aula. Essa divergência de opiniões pode mostrar pouco conhecimento do material ou da prova, ou até mesmo de ambos. Afinal, o livro didático pode e deve ser usado como complementação do Caderno do Aluno, além de ser fornecido pelo Estado, gratuitamente.

Pelas nossas leituras, o Saresp foi desenhado para possibilitar interferências no processo educativo enquanto este está em curso. Mas, pelas convergências obtidas nos depoimentos desta pesquisa, há um longo caminho a ser percorrido para que ele se transforme em um instrumento pedagógico em que, na dialética estabelecida entre a análise dos dados trazidos pelo Saresp e o trabalho efetuado na unidade escolar, seja compreendido o ponto de inflexão que indique a direção de mudança no processo educacional. Ressaltamos que a avaliação formativa também pode ser efetuada pelo poder público, ao buscar interferir no processo educacional.

Membros da equipe de educadores das escolas estudadas entendem de modo divergente os objetivos do Saresp, conforme expostos nos documentos analisados. Para nós, isso pode significar que os objetivos do Saresp não fazem sentido na realidade vivida por esses depoentes, ou, ainda, que eles o desconhecem. Entre os vários objetivos que apontam, como sendo os desse sistema, indicam o de punir os professores e, afirmam, ainda, que o objetivo real está obscuro.

A realidade das escolas focadas revelou-se, a nós, como complexa e caótica. Os depoimentos indicam que há: muitos alunos por classe; falta de espaço físico adequado para receber e alocar recursos materiais; ausência de possibilidade de atender às demandas das muitas exigências feitas à escola, como, por exemplo, a de trabalhar com deficiências de vários tipos e origens sem profissionais especializados para darem conta das características dessas deficiências, e a de lidar com alunos que apresentam níveis de proficiência muito diferentes em uma mesma classe; falta de professores que permaneçam como responsáveis pela turma durante o ano letivo; classes sem

professores durante um período razoavelmente extenso do ano letivo. Apontam como uma das causas importantes do baixo desempenho de suas escolas nas avaliações externas essa falta de estrutura e de condições de trabalho.

Fortalecendo a explicação dessas causas, apontam também: a falta de valorização do conhecimento como trabalhado na escola e na dimensão do cidadão moralmente educado; a desvalorização do trabalho do professor, da educação e até mesmo do processo avaliativo; a Progressão Continuada; a falta de comprometimento dos alunos e pais com o processo de ensino e aprendizagem.

A escola se mostra sobrecarregada de deveres a ela atribuídos pela sociedade em relação aos quais se vê obrigada a dar conta, por maiores que sejam os problemas que surjam criando obstáculos à função de instruir a respeito do conhecimento concernente às disciplinas do currículo e respectivas ações que abrangem modos de estar consigo e com os outros em dimensões pessoais, interpessoais e sociais. Mostra-se, junto a essa sobrecarga, ausência de responsabilidade da sociedade, evidenciada por ações dos poderes públicos, para dar suporte ao trabalho da escola. Não há um projeto educacional proclamado e assumido de modo responsável, a médio e longo prazo, que carregue uma política mais abrangente de valorização da educação envolvendo a familiar, aquela veiculada pela mídia, a dos valores expressos pelas práticas de políticos, da igreja, enfim por essa mesma sociedade. Vemos, diante dessa desvalorização, uma escola lançada ao seu próprio destino, uma Secretaria da Educação buscando preencher lacunas que entende vitais, professores trazendo para si toda a responsabilidade da educação e culpando-se por não conseguir cumprir essa tarefa.

Os alunos mostram clareza sobre a realidade escolar e a política educacional de que participam, relatando, em diversos grupos entrevistados, a baixa qualidade do ensino que lhes é ofertada, o que dificulta, por exemplo, a competitividade deles em processos seletivos, como vestibulares e vestibulinhos. Atribuem essa baixa qualidade ao fato de muitos alunos não se interessarem pelos estudos e por haver falta de cobrança em relação ao aprendizado. Essa questão está enredada à prática da política da Promoção Continuada e à falta de responsabilidade de muitos alunos em relação às atividades escolares.

Mesmo nessa realidade que assim se mostra, percebemos nas falas dos docentes e equipe de gestão o sentimento de culpa quando a escola em que trabalham não atinge a meta esperada, a do Idesp. Trata-se de uma culpa solitária, pois aparentemente os únicos responsabilizados pelo fracasso no aprendizado dos alunos são esses

profissionais. Essa responsabilidade é expressa na vinculação do bônus ao desempenho dos alunos, conforme depoimentos obtidos e consonantes a trechos de documentos oficiais, que sinalizam que os resultados devem ser utilizados para “monitorar seu trabalho e subsidiar mudanças necessárias para superar um possível desempenho insuficiente de seus alunos nos pontos detectados pela avaliação” (SÃO PAULO, 2008c, p.8).

Surpreendentemente, dado o contexto em que trabalham e a imposição de uma gama variada e extensa de deveres, a avaliação externa efetuada pelo Saresp evidenciou, em nossos estudos, responsabilidade da equipe educadora em busca de melhorias dos resultados, assumindo a *accountability* permitida por esse sistema. Isso se mostra mediante a disponibilidade: para compreenderem-se, autoavaliarem-se e assumirem os resultados da avaliação; para criarem e desenvolverem atividades que se mostram importantes para alavancar o ensino esperando melhorias na aprendizagem, como a implantação de semana de provas bimestrais na escola B, fato que apontam como provocador de melhorias em relação à postura dos alunos mediante os processos de ensino e de avaliação.

A *accountability*, um dos pilares do sistema de avaliação, não deve incidir apenas em uma ponta do fio que interliga o nível central e o regional. Deve, além de gestões pontuais como o bônus, atingir políticas mais amplas de intervenção no sistema de ensino, como *feedback* dos resultados do Saresp, transcendendo o próprio Saresp.

Entendemos que o Saresp é um importante mecanismo para obter informações acerca: da aprendizagem dos alunos nas disciplinas avaliadas; de condições socioeconômicas dos alunos e suas famílias; de fatores que influenciam no modo de ocorrer o processo educativo. Porém, conforme compreendemos, esses dados obtidos e as análises entre eles e o aprendizado ainda não estão sendo trabalhados em suas potencialidades, visando à melhoria da qualidade da educação pública.

Entre as mudanças visualizadas pelos depoentes como importantes para a melhoria do Saresp, encontra-se a necessidade de levar em conta o cotidiano escolar e a realidade de cada escola, com o intuito de avaliar o trabalho que está sendo feito pelos profissionais que nela trabalham. Propõem que haja um avaliador que vá a cada escola analisar suas condições, ou que essa análise seja feita por membros da Diretoria de Ensino, que já conhecem a realidade de cada unidade escolar.

As escolas deveriam contar com uma equipe de profissionais que periodicamente fossem até ela trabalhar junto com os professores e equipe gestora, os

pontos de conflito percebidos e vividos. Esse trabalho já se constituiria em formação continuada.

Um dos encaminhamentos feitos com os resultados do Saresp diz respeito à Bonificação por Resultados, vinculada ao alcance de metas em relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo, conseqüentemente às notas do Saresp e às taxas de aprovação. Conforme compreendemos, mediante os documentos estudados, o Saresp avalia o desempenho dos alunos em determinadas disciplinas curriculares e o vincula ao bônus dos profissionais da educação, acabando por se transformar, também, em um mecanismo de *accountability* do trabalho da equipe educadora.

A criação do Idesp, em 2007, promoveu maior divulgação dos resultados das avaliações, pois esse índice sintético facilita comparações entre escolas. Esse fato se torna notícias na mídia, que tece suposições, muitas vezes ingênuas, acerca da qualidade do ensino em cada instituição avaliada. Como retroalimentação, essas notícias e ponderações recaem sobre as escolas e seus professores, aumentando seu sentimento de culpa dada a impotência, ainda que não consciente, de reverterem o quadro de uma educação que não se mostra de boa qualidade.

Quanto à exposição dos resultados individuais dos alunos, uma reivindicação dos profissionais entrevistados e dos alunos, apontamos que há possibilidade técnica de esses resultados serem disponibilizados, apesar de carregarem um erro de medida que também é individual, pois depende do teste que o aluno recebeu e de sua proficiência. Ponderamos que uma possibilidade para disponibilizar os resultados individuais seria a de fazê-los mediante uma classificação em níveis, descrevendo o que significa pedagogicamente estar em cada nível. Nesse caso, o erro de classificação seria menor do que o erro individual e proporcionaria aos profissionais da escola e aos próprios alunos o conhecimento de seu desempenho nas provas que realizaram com possibilidades de desdobramentos.

Uma questão que destacamos refere-se à autonomia da escola, uma vez que no documento de implantação do Saresp está explícito que um de seus objetivos é fortalecer essa autonomia, para democratizar a gestão. Entretanto, o desenvolvimento do sistema de avaliação a partir de 2007, indica a intenção de tomar os dados obtidos no processo avaliativo para detectar o desempenho de alunos em atividades curriculares presentes na proposta curricular do Estado de São Paulo, deliberados externamente, em níveis centralizados de administração. Isso possibilita um controle do trabalho da escola

pela Secretaria da Educação, criando uma ambiguidade no que concerne ao significado de autonomia que, então deve ser esclarecido. Essa nossa compreensão é alimentada também pela seguinte afirmação de Camba (2011, p. 225):

não se pode dizer que essa democracia proferida nos discursos oficiais tenha conseguido se materializar, levando-nos a apontar que a democracia do discurso presente nos documentos oficiais tinha como finalidade dizer que a escola tem autonomia, mas quando são cobrados os resultados e estes são negativos, a escola, os alunos e seus profissionais são levados a assumir a culpa.

Quanto ao ensino e aprendizagem da Matemática, tomamos conhecimento dos péssimos resultados obtidos pelos alunos na avaliação do Saresp. Nos discursos dos depoentes, aparece diversas vezes que, embora saibam que essa ciência seja importante para a vida do cidadão comum, são de opinião que a Matemática é difícil, que não gostam de estudá-la e não a compreendem. Esses indicadores, aliados à: falta de requisitos básicos dos alunos para cursar determinada série, como saber efetuar uma multiplicação; falta de professores para ministrar aulas dessa disciplina o ano todo, podem ser alguns dos aspectos responsáveis pelo baixo desempenho obtido.

Sendo este trabalho efetuado de modo qualitativo na vertente fenomenológica, não apresentamos generalizações. Explicitamos, porém, generalidades expressas pelas articulações que procedemos, tendo como dados os depoimentos hermeneuticamente interpretados e a efetivação de reduções, apontando núcleos de ideias e a literatura a respeito de avaliação, também tomada como solo em que os significados de avaliação vão se revelando.

Entendemos que os resultados e procedimentos do processo avaliador devam ser cada vez mais amplamente discutidos e trabalhados, tanto na esfera da Unidade Escolar, como nas esferas da Administração Pública, tornando-se a avaliação uma atividade democrática, da qual participem atores do processo educacional em um movimento de estudo e reflexão constante do efetuado e do visualizado como importante a ser efetuado. Tomar conhecimento do processo de avaliação é relevante, para clareza dos profissionais que trabalham no sistema de educação escolar. Importante também é divulgar informações à sociedade sobre esse processo, destacando o que significa e que contribuições positivas pode trazer para esse sistema.

Nossa pesquisa aponta fortemente a relevância de se realizar, em estudos futuros, uma meta-avaliação do Saresp, como um ponto de inflexão, quando, ao se vislumbrar todo o processo e as respostas recebidas no que concerne à sua realização,

possa se pensar sobre o feito e retomá-lo com compreensões mais abrangentes, com indicação de pontos a serem revistos e sinalizações de caminhos a seguir. Essa prática contribui não só com o aperfeiçoamento do próprio sistema de avaliação em larga escala e com políticas públicas de educação, mas também com o avanço em pesquisa sobre avaliação. Desse modo, concordamos com Stufflebeam (2000b) que, ainda em 1974, afirma que a meta-avaliação é de interesse da sociedade, para que aceitem ou não conclusões de avaliações e de profissionais da área, a fim de que as avaliações possam ser melhoradas.

Entretanto, em que pese a importância da avaliação, há um perigo de haver uma avalanche delas de maneira que escola e sociedade fiquem sufocadas e elas passem a se tornar um lugar comum, ou seja, sem significado pedagógico. Concordamos com Gatti (p. 10, 2011) ao alertar para o fato de que os números resultantes das avaliações estão caindo num vazio. Por exemplo, cita os resultados obtidos pela Teoria da Resposta ao Item traduzidos em números numa escala de habilidades, dizendo que são números pouco compreensíveis para os professores, além de afirmar que tais resultados não informam sobre processos de aprendizagem e desempenhos específicos, cujas informações são genéricas. Relata que não se discute a validade dos itens para conteúdos de ensino, perdendo-se, portanto, a discussão de até que ponto essas avaliações são válidas para as escolas compreenderem o desenvolvimento do aluno. Tais aspectos foram evidenciados também em nossa pesquisa, portanto apontamos como emergencial que se invistam esforços em capacitar tecnicamente todos os profissionais escolares, com a presença de um especialista em avaliação trabalhando diretamente na escola.

Entendemos a avaliação de aprendizagem como central no sistema didático e no sistema de ensino, o que implica que qualquer mudança que se efetue na avaliação, envolve diversas outras mudanças que devem ocorrer na organização do sistema de educação como um todo, e vice-versa. Essa compreensão é fortalecida com a afirmação de Perrenoud (1999, p. 144) ao afirmar que a avaliação formativa é apenas “um dos componentes de um dispositivo de individualização dos percursos de formação e de diferenciação das intervenções e dos enquadramentos pedagógicos”. Se tais diferenciações forem impossíveis, a avaliação formativa acontecerá apenas no papel.

Ao focar a realidade escolar, a Progressão Continuada se mostra, nos depoimentos dos sujeitos entrevistados, um grande problema do atual sistema de ensino, devido à falta de estruturas básicas para a sua organização, como é o caso do não



funcionamento a contento das atividades de recuperação paralela, nucleares para que a progressão continuada não se transforme em progressão automática. Nessa realidade, a escola se mostrou como um ambiente carente de estruturas básicas para o funcionamento do sistema, de um ambiente agradável para que funcione plenamente, de modo que não se transforme em peso para quem a frequenta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, J. A Ergonomia Cognitiva e as Inteligências Múltiplas. **VIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**, Resende, RJ, 2011. Disponível em: <<http://www.aedb.br/seget/artigos2011.php?pag=114>>. Acesso em: 03 jan. 2012.

AFONSO, A. J. **Avaliação educacional**: regulação e emancipação: para uma sociologia das políticas avaliativas contemporâneas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ALAVARSE, O. M. A organização do Ensino Fundamental em ciclos: algumas questões. In: **Revista Brasileira de Educação**. v. 14, n. 40, p. 35-50, jan./abr. 2009.

ALCANTARA, M. S. **Políticas de bonificação e indicadores de qualidade**: mecanismos de controle nas escolas estaduais paulistas. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

ALTMANN, H. Influências do Banco Mundial no projeto educacional brasileiro. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 77-89, jan./jun. 2002.

ALVES, C. A. C. **Táticas docentes frente aos efeitos do Saresp**. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, São Paulo, 2011.

ANDRADE, D. F.; TAVARES, H. R.; VALLE, R. C. **Teoria da Resposta ao Item**: conceitos e aplicações. São Paulo: ABE (Associação Brasileira de Estatística), 2000.

ANTUNES, M. F.; MORAIS, R. Q. A mundialização do capital: para a crítica da economia no espaço-tempo transpolítico. **Revista Científica Trajetória Multicursos**. v. 1, n. 1, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.facos.edu.br/publicacoes/revistaTrajetoriaMulticursos>>. Acesso em: 13 out. 2011.

ARAÚJO, C. H.; LUZIO, N. **Avaliação da Educação Básica**: em busca da qualidade e equidade no Brasil. Brasília: Inep/MEC, 2005. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002461.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2009.

ARCAS, P. H. **Implicações da Progressão Continuada e do Saresp na avaliação escolar**: tensões, dilemas e tendências. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

AUGUSTO, F. F. **A produção e a compreensão de um texto dissertativo-argumentativo**: a estrutura problema-solução nas redações do Saresp. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARBOSA, G. C. **A atividade de avaliar no Saresp**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudo de Linguagens) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

- BAUER, A. **Usos dos resultados do Saresp**: o papel da avaliação nas políticas de formação docente. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BAUER, A.; SILVA, V. G. Qualidade e avaliação: algumas questões. **Revista Escola Pública**. Edição Especial: Avaliação Educacional, p. 45-59, São Paulo: Segmento, set. 2011
- BATISTA, P. N. **O Consenso de Washington**: a visão neoliberal dos problemas latino-americanos, 1994. Disponível em:  
<[http://www.usp.br/fau/cursos/graduacao/arq\\_urbanismo/disciplinas/aup0270/4dossie/nogueira94/nog94-cons-washn.pdf](http://www.usp.br/fau/cursos/graduacao/arq_urbanismo/disciplinas/aup0270/4dossie/nogueira94/nog94-cons-washn.pdf)>. Acesso em: 23 dez. 2011.
- BECKER, F. R. Avaliação educacional em larga escala: a experiência brasileira. **Revista Ibero-americana de Educação**, n. 53/1, p. 1-11, jun. 2010.
- BERTUNES, I. E. B. **A coordenação pedagógica e os delineamentos da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, desde sua criação**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2008.
- BICUDO, M. A. V. **Fundamentos éticos da educação**. São Paulo: Cortez, 1982.
- BICUDO, M. A. V. A Hermenêutica e o Trabalho do Professor de Matemática. **Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 63-95, 1993.
- BICUDO, M. A. V. A contribuição da fenomenologia à educação. In: COELHO, I. M.; GARNICA, A. V. M. **Fenomenologia**: uma visão abrangente da educação. São Paulo: Olho d'Água, 1999.
- BICUDO, M. A. V. Formação do educador e avaliação educacional. p.19-30. Conferência proferida no V Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores. In: BICUDO, M. A. V.; SILVA Jr., C. A. (Orgs.) **Formação do educador e avaliação educacional**. v1. Conferências, mesas-redondas. São Paulo: Editora Unesp, 1999a.
- BICUDO, M. A. V. **Fenomenologia**: confrontos e avanços. São Paulo: Cortez, 2000.
- BICUDO, M. A. V (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BITAR, H. A. F. et al. **O Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo**: implantação e continuidade. 1998. Disponível em:  
<[www.crmariocovas.sp.gov.br](http://www.crmariocovas.sp.gov.br)>. Acesso em 10 nov. 2009.
- BLASI, J. **A avaliação como eixo das reformas da educação superior na América Latina**: os casos da Argentina, Brasil, Chile e México. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BONAMINO, A.; FRANCO, C. Avaliação e política educacional: o processo de institucionalização do Saeb. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 108, p. 101-132, nov. 1999.

BORDA, O. F. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, C. R. São Paulo: Brasiliense, 1981.p. 42-62.

BORGES, A. Governança e Política Educacional: a agenda recente do Banco Mundial. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 125-138, jun. 2003.

BOSQUETTI, M. C. B. **Saresp/2000 e a questão da visualização em geometria espacial**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Mestrado em Educação, 2002.

BRASIL. Congresso Nacional. **Decreto nº 19.890 de 18 de abril de 1931**. Dispõe sobre a organização do ensino secundário. Brasil, 1931.

BRASIL. Congresso Nacional. **Decreto - lei nº 4.244 de 9 de abril de 1942**. Lei orgânica do ensino secundário. Brasil, 1942.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasil, 1961.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Parecer nº 102, de 09 de junho de 1962**. Brasil, 1962.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Parecer nº 207, de 14 de abril de 1966**. Brasil, 1966.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus. Brasil, 1971.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Parecer nº 360 de 1974**. Brasil, 1974

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Parecer nº 2164 de 1978**. Brasil, 1978.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasil, 1996.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Agência Brasileira de Cooperação. **Diretrizes para o desenvolvimento da cooperação técnica Internacional multilateral e bilateral**, Brasília: Agência Brasileira de Cooperação, 2004.2ª ed.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004**. Cria o Programa Bolsa Família e dá outras providências. Brasil, 2004.

BRASIL. Congresso Nacional. **Decreto nº 5.209 de 17 de setembro de 2004**. Regulamenta a Lei nº 10.836, de 9 de janeiro de 2004, que cria o Programa Bolsa Família, e dá outras providências. Brasil, 2004.

- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006**. Dispõe sobre a duração de nove anos para o Ensino Fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos seis anos de idade. Brasil, 2006.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Decreto nº 6.094, de 24 de abril de 2007**. Dispõe sobre o Plano de metas compromisso todos pela educação. Brasil, 2007.
- BRASIL. INEP. **Portaria nº 338, de 16 de setembro de 2011**. Brasil, 2011.
- BRASIL. **História da Prova Brasil e do Saeb**, [200?]. Disponível em: <<http://provabrasil.inep.gov.br/historico>>. Acesso em: 26 dez. 2011.
- BRASIL. MEC. **O Plano de Desenvolvimento da Educação: razões, princípios e programas**. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/livro/livro.pdf>>. Acesso em: 26 dez. 2011.
- BRASIL. **Dados de São Paulo sobre as cinco metas do Todos pela Educação**. 2010. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-no-brasil/numeros-do-brasil/dados-por-estado/sao-paulo/>>. Acesso em: 3 jan. 2011.
- BROOKE, N. P. L. A Avaliação externa como instrumento de gestão: novas metodologias, velhas dúvidas. Apresentação de slides como simposista no Simpósio 12 - PNE: diretrizes para avaliação e regulação da educação nacional. In: **III Seminário de Educação Brasileira**. Realização: CEDES - Centro de Estudos Educação e Sociedade. Unicamp, Campinas, 2011. Disponível em: <[www.cedes.unicamp.br/seminario3/nigel\\_pelham.ppt](http://www.cedes.unicamp.br/seminario3/nigel_pelham.ppt)>. Acesso em: 02 jan. 2012.
- CAMBA, M. **As políticas de avaliação do rendimento escolar e as interfaces na esfera nacional e estadual: análise do Saesp como política de avaliação no Estado de São Paulo, Brasil**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.
- CARVALHO, L. R. S. **Saesp 2005: as vicissitudes da avaliação em uma escola da rede estadual**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- CARVALHO, R. Bônus não gera motivação. **Revista Carta Capital**. 21 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/politica/copia-fiel/>>. Acesso em: 30 jul. 2011.
- CASASSUS, J. A Reforma Educacional da América Latina no contexto da globalização. Tradução: Luiz Pontual. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p.7-28, nov. 2001, São Paulo.
- CASTRO, M. H. G. Apresentação e Palestra Inaugural. In: Seminário Internacional de Avaliação Educacional, Brasília, 1997. **Anais...** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, p. 5-11. 1998. Coordenador: Alejandro Tiana.

- CENEVIVE, R. **Democracia, *accountability* e avaliação:** a avaliação de políticas públicas como instrumento de controle democrático. Dissertação (Mestrado em administração pública e governo) - Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2006.
- CHISTE, M. C. **Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo:** repercussão do resultado positivo em duas escolas no ano de 2007. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Matemática) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.
- CORRÊA, L. M. **As concepções de professores de Matemática de 5ª série do Ensino Fundamental sobre sua prática e os resultados do Saesp 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.
- COSTA, M. M. **Melhores escolas fazem treinamento intenso para o Saesp.** In: IG-Educação. 14 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/comunicacao-e-midia/educacao-na-midia/14955/melhores-escolas-fazem-treinamento-intenso-para-o-saesp>>. Acesso em: 17 dez. 2011.
- COSTA, R. M.; TRINTIM, J. G. Tentativa de (Re) construção do Estado de Bem-Estar Social no Brasil. In: XVI Encontro Nacional de Economia Política, Uberlândia, MG, 2011. **Anais...** Disponível em: <[http://www.sep.org.br/artigo/6\\_congresso/2571\\_a9e9da8db3d57d7cd7171c2ce943f6f1.pdf](http://www.sep.org.br/artigo/6_congresso/2571_a9e9da8db3d57d7cd7171c2ce943f6f1.pdf)>. Acesso em: 14 out. 2011.
- CRONBACH, L. J. Course Improvement through Evaluation. In: STUFFLEBEAM, D. L.; MADAUS, G. F.; KELLAGHAN, T. (Eds.) **Evaluation Models:** viewpoints on educational and human services evaluation. 2 ed. Boston, EUA: Kluwer Academic Publishers, 2000. p. 235-247.
- CRUZ, R. E. Banco Mundial e Política Educacional: o Projeto Nordeste para a educação básica e seus desdobramentos no Piauí (1994-1998). In: II Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI, Teresina, 2002. **Anais ...**, Teresina, 2002.
- CUNHA, L. A. Os parâmetros curriculares para o Ensino Fundamental: convívio social e ética. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.99, p. 60-72, nov. 1996.
- DECLARAÇÃO mundial sobre educação para todos.** Conferência Mundial de Educação para Todos, 1990, Jomtien. Brasília: Unicef, 1991.
- DELORS, J. et al. **Educação:** um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Unesco, 1996. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000009.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2011.
- DORTA, R. A. F. **Produção textual de alunos de 4ª E 8ª séries do Ensino Fundamental no Saesp – Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade São Francisco, Itatiba, 2007.
- ECO, U. **Como se faz uma tese?** Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza. 21 ed. São Paulo:Perspectiva, 2008.

- ESPECIAL Educação:** Compromisso de São Paulo. 19 de setembro de 2012. Levantamento produzido pelo Observatório da Educação sobre o Programa do governo estadual, com dados obtidos a partir da Lei de Acesso a Informação. São Paulo, 2012.
- ESPOSITO, Y. L.; DAVIS, C.; NUNES, M. M. R. Sistema de avaliação do rendimento escolar: o modelo adotado pelo estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.13, p. 25-53, 2000.
- ESTEVES, M. E. P. P. **Sistema de avaliação de rendimento escolar do estado de São Paulo - Saresp:** uma ação planejada. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.
- FELIPE, J. P. **Uma análise crítica do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- FERREIRA, R. H. **O Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – Saresp:** uma análise das provas de leitura e escrita da 4ª série do Ensino Fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2007.
- FIGUEIREDO, I. M. Z. Os Projetos Financiados pelo Banco Mundial para o Ensino Fundamental no Brasil. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1123-1138, set./dez. 2009.
- FILOCRE, J. Os sistemas estaduais e municipais de avaliação. In: **VI reunião da Associação Brasileira de Avaliação Educacional (ABAVE)**, Fortaleza, 2011. Disponível em: <[http://www.abave.org.br/adm/pdf\\_upload/10OUTUBRO201112.05.49388.pdf](http://www.abave.org.br/adm/pdf_upload/10OUTUBRO201112.05.49388.pdf)>. Acesso em: 02 jan. 2011.
- FINI, M. I. Videoconferência. **Dia do Saresp na escola 2009.** Disponível em: <<http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Videoteca/tabid/179/language/pt-BR/Default.aspx>>. Acesso em: 13 out. 2011.
- FINI, M. I. Currículo e Avaliação: articulação necessária em favor da aprendizagem dos alunos da rede pública de São Paulo. **São Paulo Perspec**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 57-72, jan./jun. 2009.
- FREITAS, D. N. T. de. A Avaliação Educacional como Objeto de Recomendações Internacionais. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 16, n. 31, p.79-100, jan./jun. 2005.
- FREITAS, L. C. **Ciclos, Seriação e Avaliação: confronto de lógicas.** São Paulo: Editora Moderna, 2003. (Coleção cotidiano escolar).
- FREITAS, L. C. et al. **Avaliação Educacional: caminhando pela contramão.** 2ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009. (Coleção Fronteiras Educacionais).
- GATTI, B. A. Desenvolvimento de Projetos de Avaliação do Sistema Educacional no Estado de São Paulo. In: **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, n. 13, p. 19-26, 1996.

- GATTI, B. A. Avaliação Educacional no Brasil: pontuando uma história de ações. **EccosS Revista Científica**, São Paulo, v.4, n. 1, p. 17-41, jun. 2002.
- GATTI, B. Números Vazios. **Revista Escola Pública**. Edição Especial: Avaliação Educacional, São Paulo, p. 8- 13. São Paulo: Segmento, set. 2011.
- GAUTHIER, C. **Pour une théorie de la pédagogie**: recherches contemporaines sur le savoir des enseignants. Sainte-Foy, Québec: Presses de l'Université Laval, 1997.
- GONÇALVES, L. F. **Programa de avaliação do sistema educacional do estado do Paraná – AVA – 1995/2002: uma avaliação a serviço da formação humana, ou de favorecimento ao mercado econômico?** Dissertação (Mestrado em Educação e Trabalho) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.
- GOUVEIA, A. J. A pesquisa educacional no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.1, jul. 1971.
- GIRELLI, H. **Currículo e Cultura**: Elementos do Fracasso Escolar. Um estudo com base nas provas do Saresp e da FUVEST. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.
- GRAMARI, E. P. S. **A implantação do regime de progressão continuada numa escola da rede oficial de ensino da Capital e as implicações sobre o cotidiano dos professores**: um canal de escuta. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- GUILHERME, C. C. F. O Regime de Progressão Continuada no Estado de São Paulo na Voz dos Professores do Ciclo I: primeiras reflexões. In: **23ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, Caxambu, MG, set. 2000. p. 1 – 7. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/anped/1306P.PDF>>. Acesso em: 15 dez. 2011.
- GUTIERRE, M. M. B **Heterogeneidade nas redações escolares**: a resposta dos alunos ao Saresp. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2003.
- HADJI, C. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- HERNANDES, E. D. K. **Os Propósitos e os impactos causados em uma escola na região de Assis pela implantação e pelas mudanças de rumo do Saresp 2001**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.
- HEYNEMAN, S. P. Avaliação da qualidade da educação: lições para o Brasil. In: MELLO E SOUZA, A. (Org.). **Dimensões da Avaliação Educacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação Mito & Desafio**: uma perspectiva construtivista. 40ª ed. Porto Alegre, RS: Editora Mediação, 2009.
- HORTA NETO, J. L. Um olhar retrospectivo sobre a avaliação externa no Brasil: das primeiras medições em educação até o Saeb de 2005. **Revista Iberoamericana de Educación**. n. 42/5, p. 1-13. 2007. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1533Horta.pdf>>. Acesso em: 26 dez. 2011.



- HOUAISS. **Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa**. Editora Objetiva. Versão 2.0a, abr. 2007.
- IHDE, D. **Hermetic phenomenology: the philosophy of Paul Ricoeur**. Evanston: Northwestern University Press, 1971.
- JUNQUEIRA, M. O. **Relatório de apresentação: Idesp, bônus e acompanhamento das escolas com pior desempenho. Relatório de conclusão do Curso de Formação de Especialista em Políticas Públicas, Fundap**. São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://stoa.usp.br/alex/files/2339/13035/Saresp\\_Murilo.pdf](http://stoa.usp.br/alex/files/2339/13035/Saresp_Murilo.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2011.
- KAWAUCHI, M. **Saresp e ensino de história: algumas questões**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2001.
- KLEIN, R.; FONTANIVE, N. S. Avaliação em larga escala: uma proposta inovadora. **Em Aberto**, Brasília, ano 15, n.66, p. 29-34, abr./jun. 1995. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/995/899>>. Acesso em: 15 dez. 2011.
- KLEIN, R. Produção e utilização de indicadores educacionais: metodologia de cálculo de indicadores de fluxo escolar da educação básica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.84, n.206/208, p.107-157, jan./dez. 2003.
- LEE, V. E.; BRYK, A. S.; SMITH, J. The Organization of effective secondary schools. In: DARLING-HAMMOND, L. (org.) **Review of research in education**. Washington: American Educational Research Association, 1993. p.171-268.
- LEHER, B. Um Novo Senhor da educação? A política educacional do Banco Mundial para a periferia do capitalismo. **Outubro – Revista do Instituto de Estudos Socialistas**, São Paulo, n.03. p. 19-30. [20-?]. Disponível em: <<http://blog.revistaoutubro.com.br/edicoes-antiores/revista-outubro-n-3>>. Acesso em: 19 out. 2011.
- LOPES, V. V. **Cartografia da Avaliação Educacional no Brasil**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- LUKAS, J. F.; SANTIAGO, K. **Evaluación Educativa**. 2ª ed. Madrid: Alianza Editorial, 2009.
- LUGLI, L. C. **A Análise de Dados e a Probabilidade nas Avaliações Externas para o Ensino Médio: Enem e SARESP**. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências e Matemática) - Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, São Paulo, 2011.
- MacDONALD, B. A political classification of evaluation studies. In: HAMILTON, D. et al. (Eds.). **Beyond the numbers game**. London: MacMillan Education Ltd., 1977.
- MACHADO, C. **Avaliar as escolas estaduais de São Paulo para quê? Uma análise do uso dos resultados do Saresp 2000**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2003.
- MACHADO, C. **Avaliar as escolas estaduais de São Paulo para quê? Uma análise do uso dos resultados do Saresp 2000**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2010.

- MADAUS, G. F.; STUFFLEBEAM, D. L. Program Evaluation: a historical overview. In: STUFFLEBEAM, D. L.; MADAUS, G. F.; KELLAGHAN, T. (Eds.) **Evaluation Models: viewpoints on educational and human services evaluation**. 2 ed. Boston, EUA: Kluwer Academic Publishers, 2000. p. 3-18.
- MALDONADO, R. G. **Saresp e diversidade textual: perspectivas na formação do Leitor**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.
- MANDEL, Lúcia M.; MALUF, Mônica M. B. Avaliação do Rendimento de Alunos das escolas padrão: o caso de São Paulo. In: **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, n. 10, p. 103-121, 1994.
- MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Editora Moraes Ltda., 1989.
- MESKO, W.S. **Questões de leitura no Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- MIARKA, R. **EtnoMatemática: do ôntico ao ontológico**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências da Terra, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.
- MORAES, C. A. P. **Avaliação em Matemática na educação básica do estado de São Paulo: pontos de vista dos sujeitos envolvidos**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.
- MOREIRA, E. E. **A Reforma Educacional Paulista entre 1995-2000 e o Trabalho Docente**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, 2007.
- MOCROSKY, L. F. **A presença da Ciência, da Técnica, da Tecnologia e da Produção no curso superior de tecnologia em fabricação mecânica**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.
- NECHYBA, T.; MCEWAN, P.; OLDER-AGUILAR, D. **The Impact of family and community resources on student outcomes: an assessment of the international literature with implications for New Zealand**. 2004.
- NEUBAUER, R. Plano de metas da atual gestão da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo e análise do perfil da secretária. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, n. 13, p. 121-136, 1996.
- NEVO, D. Avaliação por diálogos: uma contribuição possível para o aprimoramento escolar. In: TIANA, Alejandro (Coord.). **Anais do Seminário Internacional de Avaliação Educacional, 1a 3 de dezembro de 1997**. Tradução de John Stephen Morris. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), 1998. 165 p. p. 89-97.

NIERO, G.A.B. **A avaliação como pauta: Questões subjacentes ao Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp)**. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

NOVAES, G. T. F.; TAVARES, M. R.; GIMENES, N. A. S. Testes em larga escala. **Revista Escola Pública**. Edição Especial: Avaliação Educacional, São Paulo, p. 60-75. São Paulo: Segmento, set. 2011.

OLIVEIRA, D. Alfredo Felipe de. **Uma avaliação política do projeto Saresp**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

OLIVEIRA, R. P. Ideb e trabalho pedagógico da escola: uma articulação possível? In: **Revista Escola Pública**. Edição Especial: Avaliação Educacional, p. 76-90. São Paulo: Segmento, set. 2011.

ONUICHIC, L R.; ALLEVATO, N. S. G. Novas reflexões sobre o ensino-aprendizagem de Matemática através da resolução de problemas. In: BICUDO, M. A. V.; BORBA, M. C. (Orgs). **Educação Matemática - pesquisa em movimento**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 213-231.

OSHIRO, C. H.; SCORZAFAVE, L. G. Efeito do pagamento de bônus aos professores sobre a proficiência escolar no Estado de São Paulo. In: **39º Encontro Nacional de Economia da Associação Nacional de Centros de pós Graduação em Economia (ANPEC)**, Foz do Iguaçu, PR, dez. 2011 p.1-18.

OTTONE, E. **Educação e conhecimento: eixo da transformação produtiva com equidade (uma visão sintética)**. Brasília: MEC/Inep, 1993.

PARLETT, M.; HAMILTON, D. Avaliação Iluminativa: uma nova abordagem no estudo de programas inovadores. In: GOLDENBERG, M. A. A.; SOUZA, C. P. (Orgs.). **Avaliação de programas educacionais: vicissitudes, controvérsias e desafios**. São Paulo: Editora EPU, 1982. p. 38 – 45.

PASQUALI, L. PRIMI, R. Fundamentos da teoria da resposta ao item – TRI. **Avaliação psicológica**, Porto Alegre, v.2, n.2, p. 99-110, dez.2003. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v2n2/v2n2a02.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2012.

PAVANELLO, R. M.; NOGUEIRA, C. M. I. Avaliação em Matemática: algumas considerações. **Estudos em Avaliação Educacional**, p. 29-42. v. 17, n. 33, jan./abr. 2006.

PERRENOUD, P. Não mexa na minha avaliação! Uma abordagem sistêmica da mudança. **Avaliação: da excelência à regulação de aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PINTO, M. A. R. **Política Pública e Avaliação: o Saresp e seus impactos na prática profissional docente**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, São Paulo, 2011.

**PLANIFICAÇÃO da educação:** um levantamento mundial de problemas e perspectivas. Conferência Internacional sobre o Planejamento da Educação, Unesco, Paris, 1968. Rio de Janeiro: FGV, 1971.

PRUDENCIO, Erica Relvas. **Desenvolvimento de vocabulário receptivo, consciência fonológica, leitura e escrita de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental público, e relação com o desempenho na prova de Português do Saresp - 2002 (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo)**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

RAHAL, Soraya. **Públicas de Educação:** o Saresp no cotidiano escolar. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Cidade de São Paulo (UNICID) São Paulo, 2010.

RAND CORPORATION. **New York City School-Based Financial Incentives Program Did Not Improve Student Achievement or Affect Reported Teaching Practices**. 18 jul. 2011. Disponível em: <<http://www.rand.org/news/press/2011/07/18.html>>. Acesso em: 15 set. 2011.

RAYMUNDO, V. P. Construção e validação de instrumentos: um desafio para a psicolinguística. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 86-93, jul./set. 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/5768/4188>>. Acesso em: 14 jan. 2012.

RIBEIRO, A. J. **Analisando o desempenho de alunos do Ensino Fundamental em álgebra, com base em dados do Saresp**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

RIBEIRO, D. S. **Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp): a educação a serviço do capitalismo**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RIOS-NETO, E. L. G. O Método probabilidade de progressão por série. In: RIOS-NETO, E. L. G.; RIANI, J. L. R. (orgs.) **Introdução à demografia da educação**. Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais – Abep, 2004. p.143-145.

RISTOFF, D. I. Algumas definições de avaliação. In: DIAS SOBRINHO, J. D.; RISTOFF, D. I. (Orgs.). **Avaliação e compromisso público: a educação superior em debate**. Florianópolis: Insular, 2003. p. 21-33.

RODRIGUES, R. F. **Usos e repercussões de resultados do SARESP na opinião de professores da rede estadual paulista**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

SAZDJIAN, A. B. **As redações do Saresp: o texto argumentativo e a análise das três pontas**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudo de Linguagens) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação. **Comunicado SE s/n., de 22 de março de 1995**. Estabelece as diretrizes educacionais para o Estado de São Paulo. São Paulo, 1995.

SÃO PAULO. (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo: documento de implantação. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, n. 13, p. 121-136, 1996.

SÃO PAULO. (Estado). **Resolução Secretaria da Educação nº 27, de 29 de março de 1996**. Dispõe sobre o SARESP. São Paulo, 1996a.

SÃO PAULO. (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – Saresp. Relatório Final dos Resultados da 1ª aplicação**. São Paulo, 1996b. Volume 1. Imprensa Oficial do Estado.

SÃO PAULO. (Estado). **Saresp 97**. Conhecendo os Resultados da Avaliação. São Paulo, 1998. Volume 5. Imprensa Oficial.

SÃO PAULO. (Estado). **Relatório Saresp/98**. Conhecendo os Resultados da Avaliação. São Paulo, 2000. Volume 1. Imprensa Oficial.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Conhecendo os Resultados da Avaliação: Saresp 2000**. Volume 1, São Paulo: Imprensa Oficial, [2002]

SÃO PAULO. (Estado). **Saresp 2002**. Conhecendo os Resultados da Avaliação. São Paulo, [2003]. Volume 1. Imprensa Oficial do Estado.

SÃO PAULO. (Estado). **Saresp 2003**. Sumário Executivo. São Paulo, [2005]. Imprensa Oficial do Estado.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Relatório Saresp 2004**. São Paulo: Imprensa Oficial, [2006]

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Relatório Saresp 2005**. São Paulo: Imprensa Oficial, [2007]

SÃO PAULO. (Estado). **Deliberação Conselho Estadual de Educação nº 09, de 30 de julho de 1997**. Diretrizes para elaboração de Regimento das escolas no Estado. São Paulo, 2007.

SÃO PAULO. (Estado) Arquivo do Estado. **Conheça o Saresp**. Disponível em: <<http://saresp.edunet.sp.gov.br/2005/>>. Acesso em: 15 nov. 2009.

SÃO PAULO (Estado). **Veja as 10 metas do novo Plano Estadual de Educação**, 20 de agosto de 2007. Portal do Governo do Estado. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=87027>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

SÃO PAULO. (Estado). **Saresp 2007**. Sumário Executivo. São Paulo, 2008. Imprensa Oficial do Estado.

SÃO PAULO. (Estado). **Matrizes de Referência para a Avaliação**, São Paulo, 2008a. Maria Inês Fini e Lino de Macedo. Disponível em: <<http://saresp.edunet.sp.gov.br/2008>>. Acesso em: 25 mar. 2009.

SÃO PAULO. (Estado). **Conheça o Saresp**. 2008b. Disponível em: <http://saresp.fde.sp.gov.br/2008/pdf/conheca%20o%20saresp.pdf> . Acesso em 25 nov. 2008.

SÃO PAULO. (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Relatório Pedagógico do Saresp 2007**. Coordenação Maria Inês Fini. São Paulo: SEE, 2008c.

SÃO PAULO. (Estado). **Resolução Secretaria da Educação nº 86, de 28 de novembro de 2008**. Dispõe sobre diretrizes e procedimentos para atendimento à demanda escolar nas unidades escolares da Rede Estadual de Ensino. São Paulo, 2008d.

SÃO PAULO. (Estado). **Resolução SE nº 76 de 11 de novembro de 2008**. Dispõe sobre a implementação da Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, nas escolas da rede estadual. São Paulo, 2008e.

SÃO PAULO. (Estado). **Lei Complementar nº 1080, de 17 de dezembro de 2008**. São Paulo, 2008f.

SÃO PAULO. (Secretaria da Educação do Estado). **Matrizes de referência para a avaliação Saresp: documento básico**. São Paulo, 2009a. Coordenação geral, Maria Inês Fini.

SÃO PAULO. (Secretaria da Educação do Estado). **Saresp 2008: Relatório Pedagógico - Matemática**. São Paulo, 2009b. Coordenação geral, Maria Inês Fini. Volume 2.

SÃO PAULO. (Secretaria da Educação do Estado). **Saresp 2009**. Apresentação. São Paulo, 2009c. Disponível em: <[http://saresp2009.edunet.sp.gov.br/pdf/02\\_Apresentacao\\_final.pdf](http://saresp2009.edunet.sp.gov.br/pdf/02_Apresentacao_final.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2009.

SÃO PAULO. **Lei Complementar nº 1097, de 27 de outubro de 2009**. São Paulo, 2009d.

SÃO PAULO. (Secretaria da Educação do Estado). **Os itens aplicados no Saresp 2008 com suas classificações nos níveis na escala**. São Paulo, SEE, [2009]. Disponível em: <[http://landauglobal.co.uk/media/Saresp\\_Questoes\\_Ciencias\\_2008.pdf](http://landauglobal.co.uk/media/Saresp_Questoes_Ciencias_2008.pdf)>. Acesso em: 13 jan. 2011.

SÃO PAULO. (Secretaria da Educação do Estado). **Saresp 2009. Sumário Executivo**. São Paulo: SEE, 2010.

SÃO PAULO. (Secretaria de Estado da Educação). **Relatório Pedagógico Saresp 2009 Matemática**. São Paulo: SEE, 2010a.

SÃO PAULO. (Estado). **Governo de SP paga R\$ 655 milhões em bônus por resultado**. São Paulo, mar. 2010b. Disponível em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenoticia.php?id=208646&c=6>>. Acesso em: 17 abr. 2010.

SÃO PAULO. (Estado). **Saresp 2010 - Manual de Orientação**. São Paulo, 2010c.

SÃO PAULO. (Estado). **Currículo do Estado de São Paulo: Matemática e suas tecnologias**. São Paulo: SEE, 2010d.

SÃO PAULO. (Estado) **Programa de Qualidade da Escola**. Nota técnica. São Paulo, 2011.

SÃO PAULO. (Secretaria da Educação do Estado). **Saresp 2010**. Sumário Executivo. São Paulo, 2011a.

SÃO PAULO. (Secretaria da Educação do Estado) **Saresp 2010**. Relatório Pedagógico 3º ano EF. Língua Portuguesa e Matemática. São Paulo, 2011b.

SÃO PAULO. (Secretaria da Educação do Estado) **Saresp 2010**. Relatório Pedagógico Matemática. São Paulo, 2011c.

SÃO PAULO. (Secretaria da Educação do Estado). **Relatório de Estudos do Saresp 2010**. São Paulo, 2011d.

SÃO PAULO. (Secretaria da Educação do Estado). **Saresp 2010**. Relatório Pedagógico Língua Portuguesa. São Paulo, 2011e.

SÃO PAULO. (Estado). **Resolução Secretária da Educação nº 81 de 16 de dezembro 2011**. Estabelece diretrizes para a organização curricular do Ensino Fundamental e do Ensino Médio nas escolas estaduais. São Paulo, 2011f.

SÃO PAULO. Rede do Saber. **Videoconferência 22 de agosto de 2011: "Avaliação da Aprendizagem em Processo"**. São Paulo, 2011g. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=1MJGTJtVhbQ>>. Acesso em: 18 nov. 2012.

SÃO PAULO. (Estado). **Resolução da Secretaria de Educação nº 73, de 18 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a premiação de alunos concluintes do Ensino Médio das escolas estaduais que obtiverem os melhores resultados na prova do Saresp/2011. São Paulo: 2011h.

SÃO PAULO. (Estado). **Decreto nº 57.571 de 2011**. Institui, junto à Secretaria da Educação, o Programa Educação - Compromisso de São Paulo e dá providências correlatas. São Paulo, 2011i.

SÃO PAULO. (Estado). **Lei Complementar nº 1.143, de 11 de julho de 2011**. São Paulo, 2011j.

SÃO PAULO. (Notícia de jornal). **Atrasados, notebooks para os melhores do Saresp não têm previsão de entrega.** Ig São Paulo. 18 jul. 2012. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2012-07-18/atrasados-notebooks-para-os-melhores-do-saresp-nao-tem-previsao-de-entrega.html>> Acesso em: 15 nov. 2012.

SÃO PAULO. (Estado). **Resolução Secretaria da Educação nº 02, de 12 de janeiro de 2012.** Dispõe sobre mecanismos de apoio escolar aos alunos do Ensino Fundamental e médio da rede pública estadual. São Paulo, 2012a.

SÃO PAULO. (Estado). **Resolução Secretaria da Educação 44, de 12 de abril de 2012.** Altera dispositivos da Resolução SE nº 2, de 12/01/12, que dispõe sobre mecanismos de apoio escolar aos alunos do EF e EM da rede pública estadual. São Paulo, 2012b.

SAUL, A. M. A avaliação educacional. In: SOUSA, C. P. et al. (Orgs.) **Avaliação do Rendimento Escolar.** São Paulo: FDE, 1994. p. 61-68. (Série Idéias n. 22)

SAUL, A. M. **Avaliação Emancipatória: desafios à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo.** 7ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

SCHEERENS, J.; BOSKER, R. J. **The Foundations of educational effectiveness.** Oxford: Elsevier Science, 1997.

SCHWARTZMAN, S. As avaliações da nova geração. In: MELLO E SOUZA, A. (Org.). **Dimensões da Avaliação Educacional,** Petrópolis: Vozes, 2005.

SCRIVEN, M. The Methodology of Evaluation. In: TYLER, R. W.; GAGNÉ, R. M.; SCRIVEN, M. **Perspectives of curriculum evaluation.** Chicago: Rand McNally & Company, EUA, 1967. p.39-83, v.1. (AERA Monograph Series on Curriculum Evaluation).

SCRIVEN, M. Goal-Free Evaluation. In: HOUSE, E. R. (Ed.) **School Evaluation – The Politics and Process.** Berkeley, California, McCutchan Publishing Corporation, 1973.

SILVA, H. M. G. **Gestão educacional e sistemas de avaliação: os pressupostos ideológicos do Saresp e a trajetória das avaliações aplicadas entre 1996 e 2005.** Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

SILVA, F. C. Ajustes Estruturais e Reforma do Aparelho do Estado: dois lados da mesma moeda? **AURORA.** Ano V, n. 7, jan. 2011, Marília, SP. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/1247/1114>>. Acesso em: 05 jan. 2012.

SILVA, J. C. **Conhecimentos Estatísticos e os exames oficiais: Saeb, Enem e Saresp.** Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Matemática) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SIMONS, H. Avaliação e Reforma nas escolas. In: ESTRELA, A. NÓVOA, A. (Orgs.) **Avaliações em educação: novas perspectivas.** p.155-170. Porto, Portugal: Porto Editora, 1993.



SOARES, J. F.; ALVES, M. T. G.; MARI, F. A. O. T. Avaliação de escolas de ensino básico. In: FREITAS, L. C. (Org.) **Avaliação de escolas e universidades**. p. 59 – 92. Campinas, SP: Komedi, 2003. (Coleção avaliação construindo o campo e a crítica).

SOARES, J. F. Melhoria do Desempenho Cognitivo dos Alunos do Ensino Fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 130, p. 135-160, jan./abr. 2007.

SOUSA, C. P. Descrição de uma trajetória na/da avaliação educacional. In: **Série Idéias: Sistema de Avaliação Educacional**. n.30, São Paulo: FDE, 1998. p. 161-174. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_30\\_p161-174\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_30_p161-174_c.pdf)>. Acesso em: 12 ago. 2011.

SOUSA, S. Z. L.; ARCAS, P. H. Implicações da Avaliação em Larga Escala no Currículo: revelações de escolas estaduais de São Paulo. **Educação: Teoria e Prática**, v. 20, n.35, jul.-dez. 2010, p. 181-199. Rio Claro, SP.

SOUSA, S. Z. L. Debater é preciso. **Revista Escola Pública**. Edição Especial: Avaliação Educacional. p. 16-29. São Paulo: Segmento, set. 2011.

SOUZA, C. P. **Estudo sobre o significado da avaliação do rendimento escolar**. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990.

SOUZA, I. L. **A competência leitora na perspectiva do Saresp**: a habilidade de inferir informação implícita em texto escrito. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

STAKE, R. Novos métodos para a avaliação de programas educacionais. In: GOLDENBERG, M. A. A.; SOUZA, C. P. (Org.). **Avaliação de programas educacionais**: vicissitudes, controvérsias e desafios. São Paulo: Editora EPU, 1982. p. 30-34.

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

STUFFLEBEAM, D. L. The CIPP Model for Evaluation. In: STUFFLEBEAM, D. L.; MADAUS, G. F.; KELLAGHAN, T. (Eds.) **Evaluation Models**: viewpoints on educational and human services evaluation. 2 ed. Boston, EUA: Kluwer Academic Publishers, 2000. p. 279 - 317.

TAKAHASHI, F. **Temporários chegam a 46% dos professores em SP**. Folha de S. Paulo. 14 de setembro de 2010. São Paulo, 2010.

TEIXEIRA, M. L. S. **A Construção de Sentidos na Avaliação de Múltipla Escolha do Saresp**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

TÚBERO, R. **O sistema de avaliação de rendimento escolar do estado de São Paulo e os alunos negros das escolas estaduais da região de Piracicaba - SP**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

TYLER, R. W. **Princípios Básicos de Currículo e Ensino**. Porto Alegre: Editora Globo, 1974. (Título original: Basic Principles of Curriculum and Instruction, 1949. Tradução de Leonel Vallandro).

Unesco. **Primeiro Estudo Comparativo Internacional. Laboratório Latino Americano de Avaliação de Qualidade de Educação**. Santiago do Chile, 1998.

VALENTE, W. R. Apontamentos para uma História da Avaliação Escolar em Matemática. In: VALENTE, W. R (Org.). **Avaliação em Matemática: História e Perspectivas Atuais**. (Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico). p. 11-38. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

VAZ, R. A. C. **Saresp/2005**: uma análise de questões de Matemática da 7ª série do Ensino Fundamental, sob a ótica dos níveis de mobilização de conhecimentos e dos registros de representação semiótica. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Educação Matemática) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

VIANNA, H. M. Medidas referenciadas a critério: introdução. In: **Série Idéias**, n. 8. São Paulo: FDE, 1998, p. 145-160. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_08\\_p145-160\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_08_p145-160_c.pdf)>. Acesso em: 16 jun. 2010.

VIANNA, H. M. Avaliação Educacional: uma perspectiva histórica. In: **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, n. 12, p. 7-24, 1995.

VIANNA, H. M. **Avaliação educacional**: teoria, planejamento e modelos. São Paulo: Ibrasa, 2000.

VIANNA, H. M. **Fundamentos de um programa de avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

WOLFF, L. **Avaliações educacionais na América Latina**: estágio atual e desafios futuros. Programa de Promoção da Reforma Educativa na América Latina e Caribe, n. 11, 1998. Disponível em: <[http://www.preal.org/BibliotecaN.asp?Pagina=5&Id\\_Carpeta=64&Camino=63|Preal Publicaciones/64|PREAL Documentos](http://www.preal.org/BibliotecaN.asp?Pagina=5&Id_Carpeta=64&Camino=63|Preal Publicaciones/64|PREAL Documentos)>. Acesso em: 15 jun. 2010.

WORLD BANK. **Priorities and strategies for education: a World Bank review**. Washington, D.C., World Bank, 1995.

WORLD BANK. **World development report: the State in a changing world**. Washington, Oxford University Press. 1997.

WORLD BANK. **Education Sector Strategy**, 1999. Disponível em: <[http://siteresources.worldbank.org/EDUCATION/Resources/ESSU/education\\_strategy\\_1999.pdf](http://siteresources.worldbank.org/EDUCATION/Resources/ESSU/education_strategy_1999.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2011.

## **ANEXO A – Depoimento de professora sobre a aplicação da prova do Saresp 2007.**

Saresp 2007. Uma decisão acertada: professores aplicariam a prova em escola diferente da(s) que lecionavam. Claro – o aplicador não conhece os alunos e vice-versa – assim a aplicação da prova aparenta mais retidão.

Com 28 anos de experiência docente, dos quais 18 na mesma escola, fui uma das escolhidas pela direção para aplicar as provas do Saresp.

Primeiro dia: provas de Língua Portuguesa e Redação. Tudo normal – redação demora!

Segundo dia: questionário socioeconômico e prova de Matemática. Os alunos sequer abriram o caderno de questões! Preencheram aleatoriamente a folha de respostas e, cerca de vinte minutos após o início da prova, começaram a pedir para ir embora.

Com duas honrosas exceções: duas moças estavam realmente tentando responder a prova, embora isso fosse impossível, dado o barulho que os colegas estavam fazendo, não importando o quanto eu pedisse silêncio e explicasse que havia a imposição de tempo mínimo de permanência na sala.

Atraída pelo barulho, a vice-diretora da escola, responsável pelo período, veio até a sala para saber o que estava acontecendo.

Ao saber o motivo do tumulto, ela disse:

- Você pode deixá-los ir embora (!)

E respondi:

- Estou aqui para cumprir as instruções que recebi, e uma delas diz respeito à permanência mínima de duas horas na sala de prova.

Ao que ela argumentou:

- Mas eles querem ir embora...

Nesse momento, coloquei-me à frente da porta e disse que ninguém sairia antes das 21 horas.

Nunca fui tão desrespeitada na minha vida!

Os alunos começaram a bater os pés no chão e as mãos nas carteiras, além de atirar borrachas (todas iguais, provavelmente fornecidas pela escola) nas duas colegas que ainda persistiam no propósito de resolver a prova.

E a presença da vice-diretora não fez a menor diferença no comportamento deles.

Assim permanecemos: eu na frente da porta, a vice-diretora na frente da sala pedindo silêncio inutilmente, os alunos fazendo toda aquela algazarra e as duas moças tentando responder a prova. Isso por aproximadamente uma hora, até que se cumprisse o tempo mínimo de prova e eu autorizasse os alunos a sair da sala.

Isso aconteceu como um 'estouro de boiada'. Todos os alunos se levantaram ao mesmo tempo, jogaram as provas sobre a mesa e saíram. Ficamos, então, só eu e as duas moças que então puderam, talvez, resolver a prova.

E a vice-diretora simplesmente me disse 'Desculpe' e voltou para a sua sala como se nada tivesse acontecido.

## ANEXO B – Modelo logístico de três parâmetros

As informações sobre apresentadas nesse anexo foram baseadas em Andrade, Tavares e Valle (2000, p. 9-10-11). Na prática, os modelos logísticos para itens dicotômicos (corrigidos como certo e errado) são os modelos de resposta ao item mais utilizados, sendo que há basicamente três tipos, que se diferenciam pelo número de parâmetros que utilizam para descrever o item.

Eles são conhecidos como os modelos logísticos de 1, 2 e 3 parâmetros. Os três parâmetros são: a dificuldade, a discriminação e a probabilidade de resposta correta dada por indivíduos de baixa habilidade (que pode ser chamado de “chute” ou acerto ao acaso). Mostraremos o modelo de três parâmetros reais, que é o mais completo, além de ser o mais utilizado (como é o caso do Saresp) além do que os outros dois podem ser obtidos a partir dele. O modelo apresentado se refere a um único grupo de respondentes, por exemplo, alunos de uma mesma série.

*Definição (Modelo logístico de três parâmetros):*

$$P(U_{ij} = 1 | \theta_j) = c_i + (1 - c_i) \left( \frac{1}{1 + e^{-D a_i (\theta_j - b_i)}} \right), \text{ sendo } i = 1, 2, \dots, I \text{ e } j = 1, 2, \dots, n.$$

Onde:

$U_{ij}$  é uma variável dicotômica que assume os valores 1, quando o indivíduo  $j$  responde corretamente o item  $i$ , ou 0 quando o indivíduo  $j$  não responde corretamente ao item  $i$ .

$\theta_j$  representa a habilidade (traço latente) do  $j$ -ésimo indivíduo.

$P(U_{ij} = 1 | \theta_j)$  é a probabilidade de um indivíduo  $j$  com habilidade  $\theta_j$  responder corretamente o item  $i$  e é chamada de Função de Resposta do Item – FRI. Pode, ainda, ser vista como a proporção de respostas corretas ao item  $i$ , entre todos os indivíduos com habilidades  $\theta_j$ .

$b_i$  é o parâmetro de dificuldade (ou de posição) do item  $i$ , medido na mesma escala da habilidade.

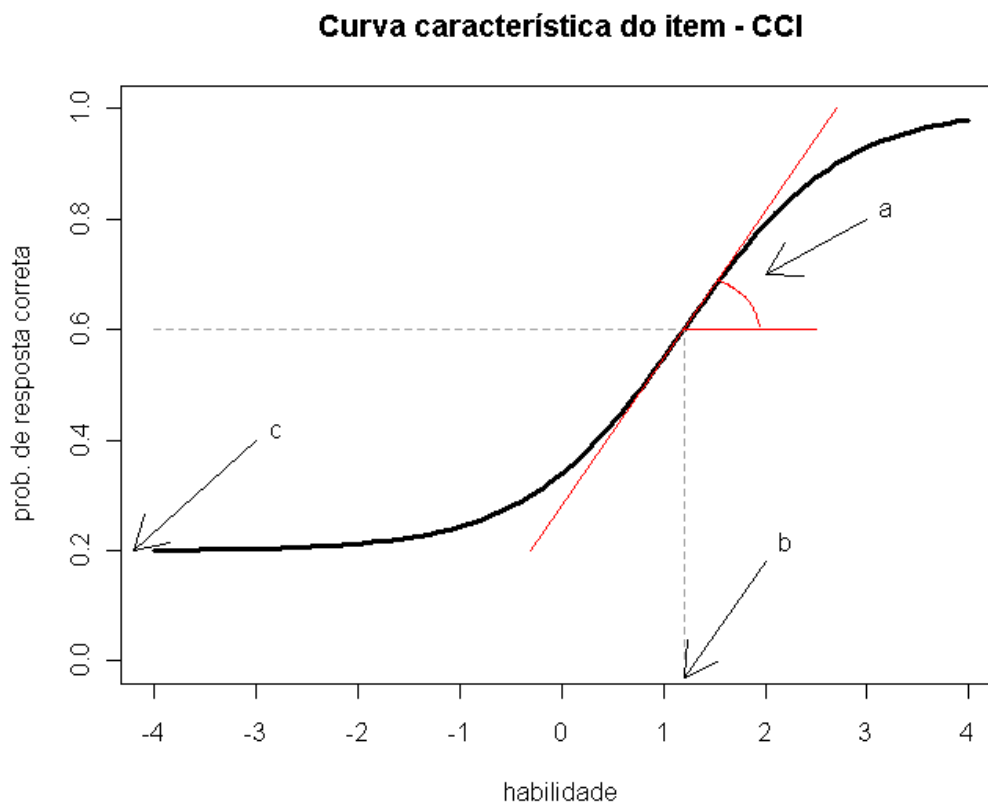
$a_i$  é o parâmetro de discriminação (ou de inclinação) do item  $i$ , com valor proporcional à inclinação da Curva Característica do Item — CCI no ponto  $b_i$ .

$c_i$  é o parâmetro do item que representa a probabilidade de indivíduos com baixa habilidade responderem corretamente o item  $i$  (muitas vezes referido como a probabilidade de acerto casual).

$D$  é um fator de escala, constante e igual a 1. Utiliza-se o valor 1,7 quando se deseja que a função logística forneça resultados semelhantes ao da distribuição normal acumulada.

A relação entre a probabilidade de um indivíduo responder corretamente uma questão, dado que ele possui certa habilidade, e os parâmetros do modelo se apresenta graficamente pela *Curva Característica do Item*, mostrada na Figura 9:

Figura 9. Curva característica do item.



Fonte: Andrade, Tavares e Valle (2000, p. 20)

O parâmetro  $b$  representa a habilidade necessária para uma probabilidade de acerto igual a  $(1 + c)/2$ . Assim, quanto maior o valor de  $b$ , mais difícil é o item, e vice-versa.

O parâmetro  $c$  representa a probabilidade de um aluno com baixa habilidade responder corretamente o item.

O parâmetro  $a$  é a derivada da curva no seu ponto de inflexão<sup>182</sup>. Assim, itens com  $a$  negativo não são esperados para esse modelo, já que indicariam que a probabilidade de responder corretamente o item diminui com o aumento da habilidade. Baixos valores de  $a$  indicam que o item tem pouco poder de discriminação, ou seja, alunos com habilidades bastante diferentes têm aproximadamente a mesma probabilidade de responder corretamente ao item.

---

<sup>182</sup> Ponto sobre a curva onde a derivada de segunda ordem troca de sinal.

## **APÊNDICE A - Análise Ideográfica**

Este apêndice se encontra em CD - ROM, devido à grande quantidade de dados desta pesquisa<sup>183</sup>.

---

<sup>183</sup> Nesta versão digital, segue o apêndice nas próximas páginas.



## APÊNDICE A - Análise Ideográfica

<a href="#">Quadro 1. Análise Ideográfica Sujeito professor 1.</a>	481
<a href="#">Quadro 2. Análise Ideográfica Sujeito professor 2.</a>	502
<a href="#">Quadro 3. Análise Ideográfica Sujeito professor 3.</a>	519
<a href="#">Quadro 4. Análise Ideográfica Sujeito professor 4.</a>	545
<a href="#">Quadro 5. Análise Ideográfica Sujeito professor 5.</a>	563
<a href="#">Quadro 6. Análise Ideográfica Sujeito professor 6.</a>	571
<a href="#">Quadro 7. Análise Ideográfica Sujeito professor 7.</a>	589
<a href="#">Quadro 8. Análise ideográfica do professor coordenador 1.</a>	609
<a href="#">Quadro 9. Análise ideográfica do professor coordenador 2.</a>	638
<a href="#">Quadro 10. Análise ideográfica do professor coordenador 3.</a>	658
<a href="#">Quadro 11. Análise ideográfica do professor coordenador 4.</a>	692
<a href="#">Quadro 12. Análise ideográfica do diretor 1.</a>	718
<a href="#">Quadro 13. Análise ideográfica do diretor 2.</a>	763
<a href="#">Quadro 14. Análise Ideográfica grupo de alunos 1.</a>	810
<a href="#">Quadro 15. Análise Ideográfica grupo de alunos 2.</a>	827
<a href="#">Quadro 16. Análise Ideográfica grupo de alunos 3.</a>	880
<a href="#">Quadro 17. Análise Ideográfica grupo de alunos 4.</a>	890
<a href="#">Quadro 18. Análise Ideográfica grupo de alunos 5.</a>	909
<a href="#">Quadro 19. Análise Ideográfica grupo de alunos 6.</a>	953
<a href="#">Quadro 20. Análise Ideográfica grupo de alunos 7.</a>	965
<a href="#">Quadro 21. Análise Ideográfica grupo de alunos 8.</a>	980
<a href="#">Quadro 22. Análise Ideográfica grupo de alunos 9.</a>	989
<a href="#">Quadro 23. Análise Ideográfica grupo de alunos 10.</a>	1013
<a href="#">Quadro 24. Análise Ideográfica grupo de alunos 11.</a>	1023
<a href="#">Quadro 25. Análise Ideográfica grupo de alunos 12.</a>	1031

## Professores

Quadro 60 - Análise Ideográfica Sujeito professor 1.

Nº US	Unidades de Sentido	Exerto Hermenêutico	Unidades de Significado	Do que falam as US
SP1.1	(Dou aula) aqui, só esse ano.		O sujeito leciona na escola só este ano de 2010.	Época/tempo que leciona na escola.
SP1.2	Não sou <u>efetivo</u> .	<u>Efetivo</u> : Possui cargo concursado e estável de magistério no funcionalismo público estadual.	Não é professor com cargo efetivo.	Situação Funcional.
SP1.3	Eu dou aula há <u>9 anos</u> .	<u>9 anos</u> : Significa que já é um profissional com experiência.	Leciona há 9 anos.	Tempo há que exerce a função de professor.
SP1.4	A <u>rotina</u> (das aulas na época do Saresp), ...ah, elas mudam, porque a gente aplica assim uns <u>simulados</u> relacionados ao Saresp.	<u>Rotina</u> : Caminho já trilhado ou sabido; prática constante, em geral; hábito de fazer uma coisa sempre do mesmo modo. <u>Simulado</u> : <b>No dicionário</b> : Fingido; disfarçado; aparente; suposto. <b>No texto</b> : Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino. <u>Prova</u> : No texto se refere à atividade de avaliação sobre determinado conteúdo.	O sujeito disse que a rotina das aulas na época do Saresp muda, porque são aplicados simulados relacionados a essa prova.	Mudança na rotina na época do Saresp em virtude de trabalharem, durante as aulas, treinando os alunos para a prova do Saresp, ou seja, aplicando simulados.
SP1.5	Eu dei o simulado porque achei interessante estar fazendo uma <u>revisão</u> com eles. Eu considereei como uma <u>atividade bimestral</u> . Valeu ( <u>nota</u> ).	<u>Revisão</u> : Ato ou efeito de rever; novo exame; nova leitura. <b>No texto</b> : Revisar um conteúdo curricular já visto em outras	O sujeito aplicou o simulado para fazer uma revisão com os alunos, considerando-o como uma atividade bimestral e	Simulado. Avaliação bimestral.

			<p>épocas.</p> <p><u>Atividade bimestral:</u> Atividade avaliadora realizada em determinado bimestre.</p> <p><u>Nota:</u> avaliação acadêmica de trabalho, exame ou concurso prestado, atribuindo-se um conceito, a nota.</p>	valendo nota.	
<b>SP1.6</b>	<u>Apliquei</u> (o Saresp este ano).	<u>Aplicar o Saresp:</u> Fazer parte da equipe que trabalha no dia da aplicação da prova.		Aplicou o Saresp este ano de 2010.	Aplicação do Saresp.
<b>SP1.7</b>	Eu achei que a prova (3° ano do ensino médio) tava bem assim, tava bem fácil. É que a gente fica meio confuso de falar isso. Pra determinadas turmas, aquela prova para aquela turma é fácil, e pra outra turma você olha, aquela prova de repente não é tão fácil. Mas eu achei que no geral, a avaliação não estava muito difícil, não.	<u>Fácil:</u> Que se consegue sem grande trabalho; simples, natural; acessível.		Achou que a prova do 3° ano do Ensino Médio estava fácil. Porém, afirmou que para determinadas turmas a prova pode ser fácil e para outras turmas, não. Mas concluiu que, no geral, a avaliação não estava muito difícil.	Nível de dificuldade da prova de Matemática do Saresp 2010.
<b>SP1.8</b>	Não, nem cheguei a ver as <u>questões abertas</u> , nenhuma.	<u>Questões abertas:</u> Questões que não possuem alternativas para serem escolhidas, ou seja, o aluno tem que escrever o raciocínio que o levou a determinadas respostas. Também chamadas de questões dissertativas.		Não chegou a ver nenhuma questão aberta do Saresp.	Questões abertas da prova de Matemática.
<b>SP1.9</b>	Hummm... se ela <u>converge</u> (a avaliação	<u>Convergir:</u> Tender para o mesmo		A avaliação do Saresp com a	Convergência e

	<p>do Saresp com a avaliação que faz em sala de aula)... talvez sim, mas eu não dou as minhas provas usando, por exemplo, <u>prova teste</u>. As minhas provas são todas <u>dissertativas</u>, eu nunca dei prova teste. Nunca. Mas, assim, ela até converge, porque eles fazem até mais do que, né... porque ali mesmo que eles não sabiam alguma coisa, eles tem como <u>chutar</u>, e na prova que eu dou eles não tem como chutar. Se não sabe, não faz. Então por isso que eu acho que assim, converge, mas eu acho que em termos de <u>conteúdo</u> eu peço até mais que o Saresp.</p>	<p>ponto; tender para o mesmo fim. <u>Prova teste</u>: Provas com questões que possuem alternativas como respostas, na qual quem está sendo avaliado deve apontar uma delas. <u>Prova dissertativa</u>: prova com questões abertas. <u>Chutar</u>: No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente. <u>Conteúdo</u>: Assunto que faz parte do currículo.</p>	<p>avaliação que faz em sala de aula até converge, porém os alunos fazem mais nas provas aplicadas pelo sujeito professor, pois ele pede mais em termos de conteúdo e não dá provas testes, somente provas dissertativas, assim os alunos não têm como apontar alternativas ao acaso. Que na linguagem cotidiana da escola é referido como 'chutar'.</p>	<p>discrepância da avaliação do Saresp com a avaliação que o professor faz em sala de aula.</p>
<b>SP1.10</b>	<p>Não chego a <u>usar</u> (os resultados do Saresp) para avaliação assim. Só o simulado que eu aplico que eu uso como uma atividade bimestral, mas o Saresp em si não. Não cheguei a usar.</p>	<p><u>Usar</u>: por em uso; por em prática; empregar; servir-se de.</p>	<p>Não usa os resultados do Saresp para avaliação, somente o simulado que aplica, usa como uma atividade bimestral.</p>	<p>Uso dos resultados do Saresp pelo professor.</p>
<b>SP1.11</b>	<p>Eles deram uma <u>orientação</u>, mas não teve nenhum <u>curso</u> (sobre o significado do Saresp, ou como usar a <u>escala</u> de proficiência). A gente foi assim, orientado, eles deram uma orientação de como era aquela escala, de como funcionava a escala, deram alguns exemplos, mas assim, curso não tivemos. Só se teve em algum dia que eu não estava aqui, mas eu to aqui o</p>	<p><u>Orientação</u>: Ato de se orientar, direção. <u>Orientar</u>: Dirigir, encaminhar; informar, dar direção. <u>Curso</u>: Série de lições sobre uma matéria. <u>Escala</u>: No texto no sentido de graduação, categorias, classes. É a escala de proficiência do Saresp: No caso do Saresp, a</p>	<p>Foi dada uma orientação pelos coordenadores da escola de como é a escala de proficiência do Saresp, de como funciona a escala. Foram dados alguns exemplos, mas curso não tiveram. Ficou de licença saúde por três meses, então nesse período não tem certeza, mas acha que não teve.</p>	<p>Orientação dada aos professores acerca do Saresp.</p>

	<p>ano todo. Se bem que eu saí de <u>licença</u> em maio. Eu fiz cirurgia na vista, aí era pra eu voltar em duas semanas e eu acabei ficando três meses afastado, porque deu infecção na minha vista. Então acabei ficando três meses. Então nesse período eu não tenho certeza, mas eu acho que não teve não.</p>	<p>matriz de referência para a avaliação foi elaborada a partir da Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Configuram-se as referências que possibilitam a posição (segundo níveis de desempenho) dos alunos que realizarem as provas. Os indicadores relativos a esta posição são obtidos por uma Escala de Proficiência, por intermédio da qual se define o quanto e o quê cada aluno ou escola realizaram no contexto desse exame.</p> <p><u>Licença</u>: Concessão de isenção temporária de serviço.</p>		
<p><b>SPI.12</b></p>	<p>Sei, assim, sei entender (a escala), mas eu acho muito difícil elaborar os exercícios usando aquela escala. Porque assim, não é nada <u>prático</u> eu acho. Dá pra entender a escala, dá pra entender o que eles querem, mas pra você montar uma atividade usando aquela escala, você..., acho que o tempo que a gente vai ter que determinar para aquilo é muito alto. Pra você montar uma atividade realmente pensando... pedindo, exigindo tudo que eles pedem ali, eu acho que <u>exige muito tempo</u>. Dá</p>	<p><u>Prático</u>: Que tem motivações relacionadas com a ação ou com a eficácia.</p> <p><u>Exige muito tempo</u>: Requer um longo período de tempo para ser feito.</p>	<p>Sabe entender a escala de proficiência do Saresp, mas não acha prático, pois se quiser elaborar uma atividade usando a escala, vai exigir muito tempo.</p>	<p>Escala de proficiência.</p> <p>Dificuldade em elaborar itens.</p>

	<p>pra fazer, mas eu acho que exige muito tempo.</p>			
<p><b>SPI.13</b></p>	<p>Eu acho uma <u>sacanamagem</u> (esse atrelamento que o governo fez: aumento do <u>IDESP</u> com o bônus). Eu acho uma verdadeira <u>sacanamagem</u>, porque eu acho que não tem que avaliar só pelo <u>IDESP</u>, eu acho que teria que avaliar o <u>dia a dia</u> nosso aqui, pra realmente ter essa avaliação pro bônus. Porque o bônus não é só o <u>IDESP</u>. E o dia a dia da escola? Realmente, o que a gente presencia aqui todo dia, o que a gente faz, o que a gente avalia no dia a dia, as <u>outras atividades</u>, porque não é só isso. É é isso, eu acho que a avaliação, o índice, dar nota, eu acho que avalia alguma coisa, mas não é tudo para o <u>bônus</u>. Bônus, então o que é o bônus? É só aquela prova e mais nada? Só avalia aquilo e mais nada? Tá, eles colocam as <u>habilidades</u> que são avaliadas nos alunos, tudo, mas não é só aquilo, tem a <u>prática</u> aqui na escola, entendeu? E a prática? Acho que deixa a desejar por isso.</p>	<p><u>Sacanamagem</u>: Ato ou dito de sacana.  <u>Sacana</u>: Diz-se da pessoa canalha, imoral, crápula, desprezível, sem caráter. Na linguagem comum, cotidiana, tem mais o sentido de sem ética.  <u>IDESP</u>: Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo, calculado multiplicando nota do Saresp pelo índice de fluxo, ou seja, a quantidade de alunos aprovados.  <u>Dia a dia</u>: Cotidiano.  <u>Outras atividades</u>: Atividades não avaliadas pelo Saresp.  <u>Bônus</u>: Dinheiro extra pago aos professores, além do salário mensal e 13º salário, que no momento obedece alguns critérios, como a assiduidade do professor e o alcance da meta de aumento do IDESP pela escola.  <u>Habilidades</u>: As habilidades possibilitam inferir, pela Escala de Proficiência adotada, o nível em que os alunos dominam</p>	<p>O sujeito acha uma atitude sem ética o atrelamento que o governo fez: aumento do IDESP com o bônus. Em sua opinião, além das habilidades que são avaliadas nos alunos, também se tem que avaliar o cotidiano e a prática escolares, e as atividades realizadas na escola, mas que não são contempladas pelo Saresp, para que se possa avaliar melhor a escola.</p>	<p>Atrelamento IDESP/Bônus sem ética.          Modo alternativo de avaliação exposto pelo sujeito: avaliar também o cotidiano e práticas escolares.</p>

	<p>as competências cognitivas, avaliadas relativamente aos conteúdos das disciplinas e em cada série ou ano escolares. <u>Prática</u>: Aplicação das regras ou dos princípios de uma arte ou ciência; modo ou método usual de fazer qualquer coisa; maneira de proceder; uso, costume. No texto, usada no sentido do que acontece no cotidiano escolar, ou seja, na prática.</p>	<p>as competências cognitivas, avaliadas relativamente aos conteúdos das disciplinas e em cada série ou ano escolares. <u>Prática</u>: Aplicação das regras ou dos princípios de uma arte ou ciência; modo ou método usual de fazer qualquer coisa; maneira de proceder; uso, costume. No texto, usada no sentido do que acontece no cotidiano escolar, ou seja, na prática.</p>	<p>O depoente acha que dar uma remuneração adicional, paga além do salário, é estimulante, já que a maioria das pessoas só realiza determinada atividade se obtiver algum benefício ao realizá-la. Porém, percebe que esse ato pode causar intrigas dentro das escolas, já que o valor desse prêmio não é uniforme entre os professores.</p>	<p>Atrelamento IDESP/Bônus. Considera o bônus estimulante. O modo de pagamento do bônus é injusto.</p>
<p><b>SP1.14</b></p>	<p>Eu acho que assim, até dar um prêmio para alguma coisa que você está fazendo, é legal, porque é estimulante, mas por um outro lado, esse bônus ele não tá meio que vinculando à realidade de todo mundo, porque isso daí tá <u>divergindo</u>. Porque tem um professor, vamos dizer, que tem uma idéia formada em relação a isso, e tem outro professor que tem outra idéia formada. Aí começa a haver assim, vamos dizer assim, as <u>intriquinhas</u>, as briguinhas, as coisinhas, eu acho que tá criando muito isso, entendeu esse ponto? Às vezes até dentro da própria escola, tem gente que recebe tanto, e o outro, que dá aula na mesma escola, às vezes até mais aulas, recebe menos, então, quer dizer, eu</p>	<p><u>Prêmio</u>: Distinção conferida por certos trabalhos ou por certos méritos; recompensa; remuneração adicional, paga além do salário ou outra remuneração fixa, para estimular a aplicação. <u>Estimulante</u>: Que estimula. <u>Estimular</u>: Dar estímulo; despertar, excitar, instigar; animar, encorajar, incitar. <u>Divergir</u>: Mover-se ou estender-se em direções diferentes a partir de um ponto comum; afastar-se progressivamente um do outro a partir de um ponto de partida comum; não se combinar; discordar.</p>	<p>O depoente acha que dar uma remuneração adicional, paga além do salário, é estimulante, já que a maioria das pessoas só realiza determinada atividade se obtiver algum benefício ao realizá-la. Porém, percebe que esse ato pode causar intrigas dentro das escolas, já que o valor desse prêmio não é uniforme entre os professores.</p>	<p>Atrelamento IDESP/Bônus. Considera o bônus estimulante. O modo de pagamento do bônus é injusto.</p>

	<p>acho que está havendo uma injustiça desse lado. Acho que assim, dar um bônus por alguma coisa que você está fazendo, avaliar, eu acho legal, porque afinal eu acho que a maioria <u>só funciona se tiver alguma coisa em troca</u>. A maioria, não to dizendo que é todo mundo assim.</p>	<p><u>Intrigas</u>: Enredo secreto, maquinação para obter qualquer vantagem ou prejudicar alguém; cilada; traição; bisbilhotice, mexerico. <u>Só funciona se tiver alguma coisa em troca</u>: No texto, está no sentido de que alguém só realiza determinada atividade, se obtiver algum benefício com essa realização.</p>		
<b>SP1.15</b>	<p>É difícil (um outro modo de avaliar, a escola por exemplo), é a mesma coisa que falar assim, como que eu avalio o meu aluno? Eu dou a minha avaliação, as atividades, tudo, mesmo que eu avalie <u>disciplina, participação, tudo</u>, eu avalio tudo. Mesmo assim, ainda é difícil, porque a gente sempre comete alguma <u>injustiça</u>.</p>	<p><u>Disciplina</u>: Ensino, instrução e educação; relação de submissão de quem é ensinado, para com aquele que ensina; observância de preceitos ou ordens escolares; obediência à autoridade. No texto usado no sentido de comportamento adequado, de acordo com algumas regras, em sala de aula. <u>Participação</u>: No texto com o sentido de participar das atividades propostas pelo professor. <u>Injustiça</u>: Falta de justiça. Sentido de não haver preocupação ética, ou seja, não é um ato responsável. <u>Justiça</u>: Prática e exercício do</p>	<p>O sujeito acha que é difícil pensar outro modo de avaliar, pois mesmo que se avalie a participação nas atividades e o comportamento dos alunos nas aulas, sempre cometemos alguma injustiça.</p>	<p>Modo alternativo de avaliar exposto pelo sujeito.  O ato de avaliar é sempre injusto.</p>



		<p>que é de direito; conformidade com o direito. Fazer justiça: obrar ou julgar segundo o que é justo, merecido. Também, no sentido comum, tem o sentido de agir com ética.</p>		
<p><b>SP1.16</b></p>	<p>Para fazer esse tipo de avaliação, acho que deveria ter em cada escola alguém avaliando isso. Dentro de cada escola, alguma pessoa fazendo só isso. Aí sim, talvez, não sei se isso seria coerente, ou se daria pra fazer isso, mas eu acho que daria, porque abriram tantas turmas de recuperação e na recuperação muitas vezes os alunos nem frequentam, foram contratados novos professores pra isso ta tá... Eu acho interessante, mas desde que haja uma <u>política</u> diferente em relação a isso, teria que ser trabalhado de uma outra forma. Então, para a avaliação do bônus, se tivesse um professor, um professor contratado pra isso, que tivesse a <u>capacidade</u> de fazer esse tipo de avaliação, né. Não adianta me contratar para fazer isso, eu não sei nem como eu vou fazer isso. Mas se tivesse alguém fazendo esse tipo de avaliação no dia a dia, talvez eu acho que melhorasse, ao invés de ter um supervisor de ensino na diretoria de</p>	<p><u>Política</u>: Arte ou ciência de governar; Arte ou ciência da organização, direção e administração de nações ou Estados; aplicação desta arte nos negócios internos da nação (política interna) ou nos negócios externos (política externa). Em educação diz da filosofia que subjaz aos projetos públicos cujo fim é a educação de todos. <u>Capacidade</u>: Poder, aptidão ou possibilidade de fazer ou produzir qualquer coisa. <u>Esse tipo de avaliação</u>: Se refere à avaliação externa, praticada pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, da escola.</p>	<p>O sujeito acha a avaliação externa de uma escola, deveria feita por meio de um processo de observação de um especialista que permanecesse na escola com essa função específica.</p>	<p>Modo alternativo de avaliação exposto pelo sujeito: profissional acompanhando a rotina.</p>

	ensino, o supervisor fica aqui o dia todo. Trabalhar na escola, ficar na escola, todo dia, de manhã, à tarde e à noite, não um, mas que tenha dois, três, sei lá, mas fazer alguma coisa assim, tem que ter alguma coisa assim, por exemplo, gerente de uma fábrica, não fica o dia todo na fábrica? Deveria ficar pelo menos a maior parte do tempo, pelo menos eu acho que deveria fazer isso aqui também. Tem a diretora, tem a vice, tem o coordenador, tem essas pessoas, mas essas pessoas elas não estão incumbidas disso, elas estão fazendo outras coisas, e já fazem muito até, se for ver. Porque tem muito problema, né.			
<b>SP1.17</b>	Eu acho que o ensino hoje está deixando muito a desejar. Eu acho que a gente tá ficando muito na mão, entendeu? Muito na mão dos alunos. Os alunos tão mandando muito na gente, a gente hoje não pode fazer mais nada. A gente não tem autonomia pra fazer mais nada. A gente não pode fazer mais nada, você não pode punir o aluno com nada, você não pode fazer nada.	<u>Deixar a desejar</u> : Estar aquém do esperado. <u>Na mão dos alunos</u> : No texto, no sentido de controle exercido pelos alunos, sobre a equipe escolar. <u>Autonomia</u> : Liberdade moral ou intelectual; independência administrativa. <u>Punir</u> : Infligir pena a; servir de castigo; dar castigo a.	O depoente afirma que o ensino, atualmente, está muito aquém do esperado, já que os professores não têm autonomia para fazer nada e não podem punir os alunos de nenhuma forma. Atribui essa falta de autonomia ao fato de que os alunos estão exercendo um grande controle sobre a equipe escolar.	Situação do ensino.  Autonomia do professor: o professor está refém do aluno.
<b>SP1.18</b>	Agora, se fosse levado a sério essas outras coisas, primeiro começa por	<u>Metodologia</u> : No texto, aplicação de método no ensino.	O sujeito SPI diz que inicialmente teria que melhorar	Melhoria do sistema de ensino.

	<p>baixo né, vamos melhorar a metodologia, né, melhorar o sistema, depois começa a vir com essas coisas, porque não adianta também colocar uma pessoa aqui trabalhando o dia todo sem melhorar essas outras coisas, não tem como melhorar.</p>	<p><u>Sistema</u>: Modo de organização, por exemplo o sistema capitalista; modo de governo, de administração. No texto com o sentido de sistema de ensino.</p>	<p>o sistema e os métodos de ensino, para que depois se pensasse em mudanças em relação à avaliação.</p>	
<p><b>SP1.19</b></p>	<p>(Melhorar) o sistema. Porque o sistema não permite às vezes a gente avaliar o aluno do jeito que a gente realmente deveria. As vezes a gente não avalia o aluno do jeito que ele deveria ser avaliado, (por causa da) famosa progressão continuada. Infelizmente é isso. Hoje, se o aluno copia uma linha no caderno, você tem que dar uma nota pra ele. Se o aluno vem e fala um “a” na sala de aula, você tem que dar uma nota pra ele. Eu faço tudo isso, eu faço porque o sistema pede. Mas eu sou contra, eu não sou totalmente a favor, só porque o aluno veio, fez a liçãozinha, copiou a lição, porque às vezes ele nem faz, ele copia, eu tenho que dar uma nota pra ele? Eu acho um absurdo isso. A obrigação dele é vir para escola e assistir aula. É obrigação isso, é o mínimo, de qualquer aluno, sempre foi. Agora hoje não, hoje é bonito o aluno vir pra escola, assistir</p>	<p><u>Progressão continuada</u>: Procedimento utilizado pela escola que permite ao aluno avanços sucessivos e sem interrupções, nas séries, ciclos ou fases. <u>Obrigação</u>: Dever; necessidade moral; encargo, compromisso; imposição, preceito. <u>Absurdo</u>: Despropósito, insensatez, disparate; contrário ou repugnante à razão.</p>	<p>O sujeito afirma que devido à progressão continuada, não se avalia o aluno da maneira como ele deveria ser avaliado. Diz que se o aluno apenas frequenta as aulas, mas não participa, o professor tem que dar uma nota. Comenta que é dever do aluno frequentar as aulas, sendo um despropósito atribuir uma nota a um aluno que fez somente isso.</p>	<p>Progressão continuada. Avaliação do aluno.</p>

	<p>uma aula, e eu tenho que dar uma nota pra ele porque ele fez isso. Eu acho um <u>absurdo</u>.</p>			
<p><b>SP1.20</b></p>	<p>Eu acho que tem que <u>divulgar</u> (o resultado do Saresp publicamente). Acho que tem que divulgar mesmo, mas só que eu não sou a favor por enquanto porque tem essa <u>falha</u>, tem essa falha, tem um abismo aqui no meio, entre as duas coisas, eu acho que, eu acho legal, eu acho que tem que divulgar mesmo, eu acho que tem que ser divulgado. (O abismo) seria essa falha no sistema... é correto fazer essa avaliação? Eu acho que é correto, eu acho que até deve ser feito mesmo, só que desde que tire essas falhas do sistema, né, essa falha que eu tava falando agora.</p>	<p><u>Divulgar</u>: Tornar público; dar a saber a muitos; propagar; vulgarizar; espalhar-se; chegar ao conhecimento de muitos. <u>Falha</u>: Falta de perfeição, defeito, erro; defeito físico ou moral; aquilo que falta em alguma coisa; omissão, lacuna; interrupção de funcionamento normal; defeito, falência, falta</p>	<p>O depoente considera que deve se tornar público o resultado do Saresp, porém que a avaliação deve ser feita somente quando alguns defeitos do sistema de ensino forem resolvidos.</p>	<p>Divulgação dos resultados do Saresp.  Falência do sistema educacional.</p>
<p><b>SP1.21</b></p>	<p>Eu acho que a progressão continuada, vamos dizer assim, o <u>projeto</u> é muito bonito, eu conheço o projeto, já li o projeto, só que infelizmente a gente fica amarrado, porque tem coisa que a gente não consegue <u>cumprir</u>, a escola não tem <u>estrutura</u> pra cumprir aquilo. A gente não tem <u>formação</u> pra isso. Eu fiz matemática aqui na UNESP, e a gente não tem a formação pra sair trabalhando</p>	<p><u>Projeto</u>: No texto, no sentido de descrição escrita e detalhada de um empreendimento a ser realizado; plano, delineamento, esquema <u>Cumprir</u>: exercer; satisfazer, levar a efeito, atingir (determinado patamar, nível, posição etc.); preencher, completar</p>	<p>O depoente diz conhecer o projeto da progressão continuada, afirmando que é muito bonito, porém que a escola não possui estrutura para desenvolver o projeto. Afirma que a formação de professores não contempla o trabalho no formato da progressão continuada. Acredita que uma</p>	<p>Progressão continuada.  Falhas na formação de professor.  Professor a favor da reprovação.</p>

	<p>daquela forma. Eu acho que se a gente tivesse uma formação, fosse orientado de uma outra forma, mas a gente, eu acho que uma das falhas muito grandes nesse projeto é a gente não poder punir o aluno, por causa de disciplina, a famosa <u>reprovação</u>. Eu acho que tem que ter reprovação, eu acho que assim, é bonito, mas eu ainda sou a favor do método acadêmico, eu ainda sou a favor. É o famoso método (acadêmico) que a gente tinha o livro, faz os exercícios, vem, faz prova, é avaliado, <u>passou</u> passou, não passou não passou. Não ter essa coisa de ah, o aluno vem pra escola, ele participa dos projetinhos de sei lá, gincana disso daquilo, você tem que considerar tudo, avaliar tudo, então quer dizer, fica muito complexo o negócio.</p>	<p><u>Estrutura</u>: organização, disposição e ordem dos elementos essenciais que compõem um corpo (concreto ou abstrato); aquilo que dá sustentação (concreta ou abstrata) a alguma coisa; armação, arcabouço; constituição emocional, resistência psicológica. <u>Formação</u>: No texto, no sentido de conjunto de conhecimentos e habilidades específicos a um determinado campo de atividade prática ou intelectual <u>Reprovação</u>: No texto, no sentido de reprovar o aluno numa série escolar. <u>Passou</u>: No texto, no sentido de ser aprovado em um período letivo.</p>	<p>falha no projeto é não poder reprovar o aluno ao final do ano letivo, pois o sujeito é a favor da metodologia de ensino baseada em livro didático, exercícios e provas. Se o aluno não atingir o conhecimento para ser aprovado para o próximo período, deve ser reprovado.</p>	
<p><b>SPI.22</b></p>	<p>Eu concordo que se o aluno tem capacidade pra fazer um projeto, por exemplo, vamos supor que ele vai ali na quadra faz um puxa <u>projeto</u> bonito, cuida da quadra, ele quis fazer aquilo por vontade dele, só que o aluno dentro da sala de aula é um zero à esquerda. Mas ele vem pra escola pra ter aula, ali tem matemática, física, química, lá lá</p>	<p><u>Projeto</u>: Aqui, no sentido de projetos extra-classe, realizados pela escola, ou pelo aluno. <u>Primeiro</u>: No texto, usada no sentido de ordem: em primeiro lugar; prioridade. <u>Considerar</u>: encarrar (algo) por determinado ângulo, de um modo particular; julgar; ter ou</p>	<p>O sujeito SPI defende que, prioritariamente, para aprovar ou não um aluno, deve se levar em conta a avaliação feita dentro da sala de aula e não projetos fora desse âmbito, pois os estudantes acabam realizando esses projetos para terem nota.</p>	<p>Avaliação e projetos extra-classe.</p>

	<p>lá, eu acho que a escola é isso. Tudo bem oferecer o projeto, se o aluno quer reformar a quadra, o aluno quer fazer um projeto no grêmio, enfeitar a escola, fazer gincana, eu acho bonito isso, tem que fazer, eu acho que a gente tem que considerar isso, mas acho que assim, para o princípio de aprovação na escola, eu acho que <u>primeiro</u> é a avaliação feita dentro da sala de aula. Eu <u>consideraria</u> mais isso, entendeu? Não que a gente deva desconsiderar esse outro lado, mas eu acho que a pessoa que gosta de fazer essas coisas, ela vai fazer, independente disso ou daquilo, porque hoje a gente vê que a maioria dos alunos, não são todos, tem aluno que faz porque gosta mesmo, mas a maioria faz porque ele quer nota... “eu vou fazer isso, eu vou ganhar um ponto” “eu vou fazer isso eu vou ganhar...”</p>	<p>levar em conta; interessar-se; tomar em consideração; atentar para.</p>		
<p><b>SPI.23</b></p>	<p>Ele já sabe disso, ele é orientado assim. Ele vem da casa dele com essa orientação, ele vem da casa dele já sabendo que se ele vier aqui, sentar e copiar só, a matéria, ele vai ter uma <u>recompensa</u>, que é a nota. Então ele não vem para estudar. Ele vem para fazer o mínimo que o pai dele pede, que é, eu não to falando que são todos os pais</p>	<p><u>Recompensa</u>: No texto, no sentido de favor, presente com que se mostra reconhecimento por um obséquio, por uma boa ação; retribuição, prêmio. <u>Reunião de pais</u>: Reunião feita periodicamente na escola, com os professores e pais de alunos, em geral para tratar sobre a</p>	<p>O depoente afirma que os alunos são orientados para o comportamento de somente frequentar a escola, copiando a matéria, fazendo o mínimo que os pais pedem, para ter uma nota. Diz que a maioria dos pais não tem idéia do que o aluno faz dentro da sala de aula.</p>	<p>Orientação dos pais para que o aluno faça o mínimo possível em sala de aula.</p>

	<p>assim, mas a maioria é assim, a gente vê, a gente conversa em reunião de <u>pais</u>, a gente vê que os pais não sabem nem o que o aluno passa dentro da sala de aula. Mas nem <u>imagina</u>, nem <u>sonha</u> com o que acontece.</p>	<p>aprendizagem dos estudantes. <u>Imaginar</u>: formar (imagem mental) de algo não presente; criar na imaginação; idear; descobrir, criar (algo abstrato); idear, fantasiar, inventar. No texto, conceber idéia (sobre algo, alguém ou sobre si mesmo) de; julgar, supor, presumir. <u>Sonhar</u>: No texto, no sentido de admitir a possibilidade de (algo); prever, supor, imaginar.</p>		
<b>SP1.24</b>	<p>A maioria não (faz a <u>recuperação</u> que está tendo agora). Porque não quiseram. Eles não vêm. Os que vão a gente dá.</p>	<p><u>Recuperação</u>: No texto, no sentido de aulas de recuperação paralela. É oferecida pela escola para alunos com dificuldades de aprendizagem, paralelamente ao ciclo no qual o aluno está matriculado.</p>	<p>O depoente afirma que a maioria dos alunos não comparece à recuperação, justificando que eles não frequentam porque não querem.</p>	<p>Recuperação.</p>
<b>SP1.25</b>	<p>Eu dou atividade diferenciada (na recuperação), não dou o conteúdo da sala de aula.</p>		<p>O sujeito professor oferece atividades diferentes das que está trabalhando em sala de aula regular, para as turmas de recuperação.</p>	<p>Recuperação.</p>
<b>SP1.26</b>	<p>Não (está adiantando). Infelizmente isso é difícil até, porque ficar o ano inteiro...e eu tive um ou outro <u>resultado positivo</u>. Parece que eles vêm para a aula de recuperação, porque assim, a gente tinha um horário específico da</p>	<p><u>Resultado positivo</u>: No texto, está no sentido de recuperar algumas habilidades que ainda não tinham sido desenvolvidas por alunos participantes das aulas de recuperação.</p>	<p>O professor conta que ministrou aulas de recuperação de matemática para o ensino médio durante o ano de 2010. Fala que nenhum aluno do noturno frequentava, quando a</p>	<p>Recuperação.</p>

	<p>aula de recuperação. Como os alunos não estavam frequentando...eu ficava aqui não vinha aluno nenhum, aí a gente mudou, porque não vinha aluno nenhum, eu ficava aqui <u>olhando para as paredes</u>. Aí a gente fez assim...eu nem queria dar aula a noite, tive que começar a vir duas noites pra dar <u>aula em paralelo</u> para as turmas, então aí a gente tava fazendo aula em paralelo, mas aí eu percebia que eles vinham para a minha aula pra sair da aula do outro professor. E a minha aula não significava nada. Então, eles faziam até o que eu pedia, mas <u>naquela</u> <u>velocidadeeeeeee...</u>naquela coisa...se eu te falar que eu dei, em dois bimestres, operações com números inteiros, racionais e alguma coisinha de geometria, muito pouca coisa...Só isso eu dei, em dois bimestres. É muito pouco! Eles vem pra nada...ahh não vamos fazer nada. Sem contar que, por exemplo, num dia vem um aluno, aí no outro dia vem...eles vão revezando. Aí eu tinha que dar o mesmo conteúdo, que eu dei para aquela turma, na outra aula, para aquela turma que veio agora. Eu não ia continuar, não faz nem sentido, aquele aluno não tinha feito.</p>	<p><u>Olhando para as paredes</u>: No texto, no sentido de ficar sem ter o que fazer, sozinho.  <u>Aula em paralelo</u>: Aula ministrada no mesmo horário que outra aula.  <u>Naquela velocidade</u>: <u>Aula individual</u>: Aula ministrada para um aluno só.  <u>Ameaça</u>: ação, gesto ou palavra que intimida; promessa de castigo ou malefício; prenúncio ou indício de acontecimento mais ou menos perigoso ou maléfico; sinal.  <u>Jogo</u>: designação genérica de certas atividades cuja natureza ou finalidade é recreativa; diversão, entretenimento; qualquer atividade empreendida ou vista como uma competição que envolva rivalidade, estratégia ou comparação de desempenho. No texto no sentido de conjunto de condições, regras, convenções estabelecidas para determinada situação; conjunto de procedimentos ou estratégias para atingir determinado fim;</p>	<p>recuperação era em período contrário, dessa maneira, na escola, elaboraram um plano em conjunto com o professor da série regular, e as aulas de recuperação eram no mesmo horário das aulas regulares. Assim, os alunos que estavam de recuperação poderiam sair da aula regular para ir para a recuperação. Diz que suas aulas não significavam nada para os alunos, que nem sempre vinham os mesmos alunos, tendo assim que repetir conteúdos já dados, devido a essa rotatividade dos alunos e percebia, também, que eles saíam da aula do outro professor, só para estar num local diferente naquele dia, sem preocupações com sanar as dificuldades. A situação muda um pouco quando conta que ministrou aulas de recuperação para alunos do período diurno, classe na qual ele também era professor regular. Disse que usava estratégias, táticas para fazer com que esses alunos viessem às aulas da tarde. Conta</p>	
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--



	<p>Então, eu tinha que dar <u>aula individual</u> praticamente. E tinha turma que eu tinha 15 alunos, em paralelo, porque quando eu tinha aula de manhã, nenhum, nem um. Só vinha a turma que eu dava aula de manhã, porque eu dava aula para os primeiros, então eu fazia a recuperação deles na sexta feira à tarde. Então aí eles vinham, porque eu usava a minha aula como uma “<u>ameaça</u>”, vamos dizer assim. É um <u>jogo</u> né?</p> <p>Infelizmente com eles funciona dessa forma, é <u>jogo</u>. Então eu jogava com eles, então eles vinham na minha aula à tarde. Então essa turma foi a única que eu consegui dar aula e fazer a recuperação. Essa rendeu bastante. Agora, as outras turmas não, porque, mesmo porque o professor também às vezes, não que o professor seja o culpado, mas de jeito nenhum, a gente conversava bastante, o professor que eu mais peguei alunos para a recuperação era do V., nossa, o V. não tem o que falar, entendeu? Sempre estimulou, sempre falou para os alunos, é que eles, não sei, parecia que eles usavam a aula de recuperação pra sair da sala mesmo, só para ir para um lugar diferente, pelo menos naquele dia, saia da sala de aula,</p>	<p>tática</p> <p><u>Deficiência</u>: perda de quantidade ou qualidade; falta, carência; perda de valor; falha, fraqueza; insuficiência de uma função psíquica ou intelectual. No texto, usado no sentido de alunos que não compreenderam determinado conteúdo.</p> <p><u>Fugir</u>: escapar-se, soltar-se; furtar-se a (alguém ou algo); evitar, esquivar-se de.</p>	<p>que nessa turma a recuperação funcionou, mas nas do noturno conseguiu poucos resultados positivos.</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------

	daquela coisa, eu enxergava isso, é isso que eu tava entendendo nos alunos. Eles não vinham ali para tirar a <u>deficiência</u> , eles vinham ali para <u>fugir da sala</u> .				
<b>SP1.27</b>	Consegue reprovar (no ensino médio). Pode deixar de <u>dp</u> e pode reprovar mesmo.	<u>Dp</u> : Dependência. Uma disciplina da grade curricular, por exemplo, matemática, na qual o aluno foi reprovado e fará novamente no ano seguinte, juntamente com o próximo ano do ciclo regular. Só ocorre no ensino médio e se o aluno reprovar em menos que quatro disciplinas; caso contrário o aluno é retido.	Diz que pode reprovar alunos no ensino médio.	Reprovação no ensino médio.	
<b>SP1.28</b>	Não, não tem (política de não reprovar na escola). Assim, mas o aluno que fez alguma coisa passa. Então, quer dizer, a maioria passa por causa disso... a maioria, praticamente todo mundo passa. Não tem jeito, infelizmente. É só aquele que não faz nada mesmo que ficou. Teve bastantes alunos, do 1º, do 2º, que ficaram. Pelo menos, nos 3 primeiros, nós tivemos alunos reprovados, direto (4 ou mais disciplinas). Não é dp.		O depoente afirma não ter nenhuma organização da escola para que não se reprovem os alunos, porém só são reprovados os alunos que não fizeram nada durante todo o ano letivo. Disse quem em 2010, nos primeiros anos do ensino médio, tiveram bastantes alunos reprovados.	Reprovação ensino médio.	
<b>SP1.29</b>	Tem aluno aí que não faz nada. Nada de nada, e só atrapalha, quebra, destrói.	<u>Destruir</u> : por no chão (o que está construído); demolir; causar a	O sujeito SPI diz que existem alunos na escola que não fazem	Reprovação ensino médio.	

	<p>Esses ficaram. Mas só nessas condições! O aluno precisa <u>destruir</u> a escola pra reprovar? Não é por aí. Lógico, eu acho que esse aluno nem deveria estar na sala de aula. Eu já tenho essa outra <u>concepção</u>, entendeu? Aluno que não quer assistir aula, não vem pra sala de aula. É outra falha no sistema. O governo, o estado, quer que todo mundo esteja dentro da sala de aula. Isso é errado. É errado. Isso ta acabando com a escola, já <u>acabou</u>, né. Já acabou com a escola. Tem muita gente que não tem <u>nada</u> a ver com escola. Infelizmente, ué, vou fazer o que? Tem gente que não nasceu pra estudar, não gosta e não vai pra frente, não adianta. Quantas e quantas pessoas eu tenho amizade, que estão bem aí, mas nunca foram bem na escola, não gostavam de estudar, não fizeram ensino médio, só que é a vida deles, eles escolheram aquilo. Por isso, eu acho errado segurar um aluno aqui, sendo que... Ahh daí falam assim, mas o aluno de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série ainda não tem noção de que ele quer ou não quer. Também acho. Também acho que ele não tem noção. Mas a partir do momento que a gente orienta um pai,</p>	<p>perda de; arruinar, devastar, estragar; dar cabo de; desfazer, extinguir  <u>Concepção</u>: No texto, modo de ver ou sentir, ponto de vista; entendimento, noção  <u>Nada a ver com a escola</u>: Usado aqui no sentido de não se adaptar à escola, não ver sentido em frequentá-la.  <u>Acabar</u>: levar a cabo, chegar ao fim; terminar; dar cabo de, dar fim a; destruir, matar.  <u>Bater na mesma tecla</u>: No texto, usado no sentido de dizer/fazer repetidamente as mesmas coisas.</p>	<p>nada relativo aos estudos e estragam a escola, destruindo-a fisicamente. Esses alunos foram reprovados. Mas questiona se é necessário destruir a escola para que o aluno seja reprovado. Defende que a escola não deve ser obrigatória, já que há pessoas que não gostam ou não vêem sentido em frequentá-la. Conta que é usado como argumento para a escola obrigatória o fato de que alunos de ensino fundamental não sabem ainda o que quer da vida, por ser jovem. Porém, diz que se mesmo conversando com os pais, repetidas vezes, as atitudes desses alunos não mudam, não é só o motivo de o aluno ser novo, em idade.</p>	<p>Obrigatoriedade do Ensino.</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------

	<p>você conversa com o pai, tal, tal, tal, a <i>coordenadora</i> dá muita atenção para o ensino fundamental, sabe, ela conversa muito, explica, tal, tal, tal. Começou <u>bater na mesma tecla</u>, não funciona, eu acho que tem alguma coisa errada. Eu acho que não é só o aluno também, não é só por causa da idade dele, tem outras coisas ali por trás. Então fica difícil, fica difícil. E uma coisa vai amarrando a outra.</p>			
<p><b>SPI.30</b></p>	<p>Por parte dos alunos, não (é uma <u>prova séria</u>, o Saresp). Tem aluno que vem, não faz, só chuta, fica ali o tempo <u>mínimo</u>...Eu acho que assim, a maioria tenta fazer. Assim, esse é o segundo ano que eu aplico, assim, a maioria tenta fazer sim, mas assim, sempre tem uma porcentagem, vamos dizer assim, acho que uns, das turmas que eu apliquei né, eu apliquei pra dois anos, duas turmas, então quer dizer, muito pouco pra ter essa avaliação, mas assim, nas duas turmas que eu apliquei, vamos por, 20 % não fizeram, a gente via, eu via que não fazia. Eu ficava andando pela sala, circulando, vendo quem realmente tava lendo, pelo menos lendo a prova, acho que pelo menos uns 20 % nem tchum. E vamos por mais</p>	<p><u>Prova séria</u>: Prova feita com seriedade, com atenção e dedicação. Prova importante. <u>Tempo mínimo</u>: Os alunos só podem sair da sala onde ocorreu a prova do Saresp depois de decorrida, no mínimo, uma hora e meia.</p>	<p>O sujeito SPI diz que os alunos não consideram a prova do Saresp séria, pois permanecem na sala somente o tempo mínimo requerido, chutam as alternativas, não lêem (ou lêem rapidamente) as questões. Acha que a maioria tenta fazer, mas são poucos os que realmente fazem, os que ficam até o final tentando fazer.</p>	<p>Seriedade e compromisso com o Saresp.</p>

	<p>uns 30%, 20%, que lê, mas é aquela coisa, lê e lê querendo sair, pensando no tempo. São poucos que fazem realmente, que vão até o final, que fica realmente tentando fazer.</p>			
<p><b>SP1.31</b></p>	<p>Na prática (o Saresp está <u>servindo</u> para que)? Eu acho que a princípio está servindo mais para avaliar a gente, viu? Assim, eles estão usando isso como uma avaliação nossa, não do aluno. Mas só que não está avaliando ninguém. Eu acho falho nesse lado, entendeu? Eles estão tentando avaliar a gente, falam que avalia o ensino, mas não está avaliando o ensino. Porque o aluno não vai lá e faz sério aquilo.</p>	<p><u>Prática</u>: ato ou efeito de fazer (algo); ação, execução, realização, exercício; o que é real, não é criação teórica; realidade. <u>Servir</u>: Ser (pessoa ou coisa) adequada às necessidades de (alguém ou algo); ser útil, conveniente ou apropriado para (determinado fim) ou para produzir (determinado efeito); ser conveniente, adequado ou útil (a alguém ou a algo); lançar mão (de); valer-se, utilizar, recorrer.</p>	<p>O depoente diz que o Saresp, atualmente, está sendo usado para avaliar os professores, e não os alunos, porém acha que não avalia nem um nem outro corretamente, já que os alunos não levam a prova a sério, ou seja, não são responsáveis.</p>	<p>Utilidade do Saresp. Crítica ao Saresp: reduz o Saresp à avaliação do professor.</p>
<p><b>SP1.32</b></p>	<p>Eu não sei se teria que dar uma recompensa pro aluno, pra ele fazer sério aquilo. Por exemplo, um aluno vai lá pleiteando uma vaga. Eu quero uma vaga na universidade. Aí ele faz sério. Agora o Saresp, ele vai ganhar o que com aquilo? Tem aluno que fala que nem vai fazer, pra boicotar mesmo. Eles falam, o quanto que você não ouve aí nas escolas eles falando: não vou</p>	<p><u>Recompensa</u>: No texto, no sentido de favor, presente com que se mostra reconhecimento por um obséquio, por uma boa ação; retribuição, prêmio.</p>	<p>O sujeito SPI diz que talvez devessem ser dadas recompensas aos alunos, para que eles levassem a prova mais a sério, já que contou ser frequente ouvir alunos dizendo que não vão fazer, pois não vão ganhar nada com isso.</p>	<p>Sentido do Saresp para os alunos.</p>

	<p>fazer, porque que eu vou fazer, não vou ganhar nada com isso... Então, quer dizer, não é certo por causa disso. Porque parece que para ser avaliado a pessoa tem que ter alguma coisa em troca.</p>			
<p><b>SP1.33</b></p>	<p>Sempre tem que ter alguma coisa em troca, por exemplo, vou dar uma prova na sala de aula, tem uma nota, se não tiver nota eu não passo, agora ele sabe que se não tiver nota ele às vezes passa mesmo assim, só de ele ter um <u>comportamento razoável</u> dentro da sala, tal, então não tem como. Porque você ficar avaliando <u>disciplina</u>...eu acho que tem que avaliar, tudo tem que ser levado em consideração, mas não usar disso para aprovar o aluno. A nota que tem que aprovar o aluno e acabou.</p>	<p><u>Comportamento</u>: procedimento de alguém face a estímulos sociais ou a sentimentos e necessidades íntimos ou uma combinação de ambos; maneira de proceder de uma pessoa em relação à outra(s), especialmente com referência às regras de boas maneiras.  <u>Razoável</u>: que é bom, mas não excelente; aceitável, suficiente; não excessivo; moderado, módico  <u>Disciplina</u>: No texto, no sentido de ordem, bom comportamento.</p>	<p>O depoente diz que o aluno sabe que se mantiver um comportamento aceitável dentro da sala de aula, ele pode passar de ano, mesmo não tendo notas boas para isso, portanto não leva a sério as provas. Dessa maneira acha que não se deve usar a avaliação do comportamento do aluno para aprová-lo ou não, e sim a nota relativa ao conteúdo trabalhado.</p>	<p>Avaliação do aluno deveria ser somente dos conteúdos.</p>
<p><b>SP1.34</b></p>	<p>(eu) detesto prova, mas eu acho que infelizmente é o jeito mais certo de se avaliar. Não tem outro jeito de <u>cobrar</u> alguma coisa de alguém. Não tem como você cobrar, exigir alguma coisa de alguém, deixando assim...Eu sei que tem pessoas que levam a sério as coisas, ela vai fazer independente de prova ou não, mas quantos são? 1% da</p>	<p><u>Cobrar</u>: pedir, exigir o cumprimento de (promessa ou compromisso); exigir em troca.</p>	<p>O sujeito SPI afirma detestar provas, porém acha que é a única maneira de se exigir algo da maioria dos alunos, e que é a maneira mais correta de se avaliar.</p>	<p>Avaliação do aluno.  Identifica avaliação com cobrança de resultados.</p>

	população? É assim, a maioria só faz em troca de alguma coisa, a maioria é assim.			
<b>SP1.35</b>	Fico <u>nervoso</u> , não liga não. Fico <u>alterado</u> , eu começo falar essas coisas eu (fico nervoso assim, de raiva).	<u>Nervoso</u> : no sentido de ansiedade, nervosismo. <u>Nervosismo</u> : excesso de emotividade, de comoção; excitação, enervamento, nervosidade; estado de excitação psíquica, de agitação, irritabilidade; ansiedade, nervoso. <u>Alterado</u> : No texto, que se encontra ou se mostra desassossegado, inquieto, que se amotinou, que se revoltou.	O depoente, ao finalizar, disse que fica irritado, nervoso, alterado, quando fala sobre esses assuntos que foram tratados.	Estado emocional do depoente.

Fonte: dados organizados pela autora.

### Quadro 61 - Análise Ideográfica Sujeito professor 2.

<b>Nº US</b>	<b>Unidades de Sentido</b>	<b>Enxerto Hermenêutico</b>	<b>Unidades de Significado</b>	<b>Do que falam as US</b>
<b>SP2.1</b>	(Dou aula) nesta escola, há 11 anos.		A depoente leciona na escola em questão há 11 anos.	Época/tempo que leciona na escola.
<b>SP2.2</b>	Eu comecei (dar aula) é, eu terminei a graduação assim, foi um ano só que eu trabalhei sem ser professora efetiva. Daí já teve concurso, eu me efetivei e já vim para essa escola. Então eu to assim, na rede há 13 anos.	<u>Efetivo</u> : Possui cargo concursado e estável de magistério no funcionalismo público estadual.	A depoente leciona há 13 anos, tendo se tornado professora efetiva há 11 anos.	Época/ tempo que leciona. Situação funcional.

<p><b>SP2.3</b></p>	<p>É, já há alguns anos eu já trabalho com a seguinte proposta: Então como a gente já sabe que eles vão ser avaliados na 8ª série, e eu trabalho já acho que há oito anos só com 8ª séries, então eu já trabalho, faço um trabalho durante todo o ano com eles dando dois tipos de avaliações. Então eu dou uma avaliação específica do conteúdo que eu estou trabalhando, uma avaliação escrita, e a outra avaliação do mês é um teste com questões do Saresp. Então às vezes eu pego questões do Saresp, ENEM, vestibular, então sempre eles fazem dois tipos de avaliação, mensal. Então eles já vão sendo preparados para esse tipo de prova desde já do início do ano. Até quando são séries anteriores, até em outras séries eu faço isso, porque eu achei que a partir do momento que eu comecei a trabalhar com questões assim, o aproveitamento deles foi melhorando no decorrer do tempo, até para se fazer uma prova desse jeito, para eles irem já se habituando. Então eu já trabalho há</p>	<p><u>Proposta</u>: ato ou efeito de propor; proposição, propositura aquilo que se propõe; sugestão; projeto proposto para alguma realização e que será estudado, avaliado. No texto, no sentido de modo de trabalho.  <u>Tipo</u>: coisa ou indivíduo que possui em grau elevado os caracteres distintivos de uma classe, um grupo etc.; símbolo; classe, categoria de seres, agrupados segundo alguma(s) característica(s); espécie, gênero.  <u>Conteúdo</u>: Assunto que faz parte do currículo.  <u>Avaliação escrita</u>: prova dissertativa, com questões abertas.  <u>Teste</u>: Prova com alternativas, na qual quem está sendo avaliado deve apontar uma delas como resposta.  <u>Preparado</u>: que se preparou; feito, organizado ou disposto com antecedência; pronto; que estudou, se preparou; instruído, culto; apto, capaz para alguma tarefa em condições de fazer (algo); pronto, disposto  <u>Aproveitamento</u>: No texto, no sentido de progresso físico, mental ou moral; desenvolvimento.</p>	<p>O sujeito SP2 avalia os alunos com duas provas mensais, que possuem características diferentes: uma delas é uma prova dissertativa, sobre o conteúdo trabalhado em sala de aula, e a outra é uma prova teste, contendo questões de provas anteriormente aplicadas do Saresp, ENEM e vestibulares. A depoente usa esses dois tipos de avaliação para preparar os alunos para realizar provas teste, já que percebeu que o desenvolvimento deles melhorou quando começou a avaliá-los com esses dois tipos de provas.</p>	<p>Avaliação em sala de aula.  Avaliação do aluno.  Treinamento para o Saresp.</p>
---------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------



	alguns anos dessa forma.			
<b>SP2.4</b>	<p>Então, a princípio, quando a gente ainda não tinha esse material <u>apostilado</u> que foi mandado, <u>coincidia</u> mais os conteúdos, porque daí a gente tem uma proposta curricular, que é a do Estado, que a gente segue, e a gente <u>contemplava</u> os conteúdos da 8ª série que no final do ano iam ser avaliados.</p>	<p><u>Material apostilado</u>: No texto, se refere a cadernos entregues aos professores a partir de 2008, consonantes com a nova proposta curricular, implantada no mesmo ano. Os alunos também recebem o caderno a partir de 2009. Neles, são apresentadas situações de aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos. Esses conteúdos, habilidades e competências são organizados por série e acompanhados de orientações para a gestão da sala de aula, para a avaliação e a recuperação, bem como de sugestões de métodos e estratégias de trabalho nas aulas, experimentações, projetos coletivos, atividades extraclasse e estudos interdisciplinares.  <u>Proposta curricular</u>: No texto, no sentido de currículo a ser seguido pelas escolas do Estado de São Paulo.  <u>Contemplar</u>: No texto, no sentido de levar em consideração;</p>	<p>A depoente afirma que antes de receber o material do aluno e do professor, referente à nova proposta curricular do Estado de São Paulo, ela trabalhava com os alunos os conteúdos referentes ao currículo do Estado. Conclui que o conteúdo que era cobrado na prova do Saresp coincidia mais com o que ela abordava anteriormente do que depois da vinda desses materiais.</p>	<p>Convergência da avaliação do Saresp com a avaliação que o professor faz em sala de aula.</p>

		<p>considerar; abranger.  <u>Coincidir</u>: ser igual em formas ou dimensões; ser concordante; combinar, afinar-se.</p>	<p>A depoente afirma que o material da proposta curricular não detalha bem os conteúdos abordados, não possui uma sequência que facilite o ensino e a aprendizagem. Portanto, a professora não trabalha somente com esse material, mas também com um livro didático que utiliza o método de resolução de problemas.</p>	<p>Conteúdo abordado em sala de aula e nas provas do Saresp.          Discrepância entre a proposta da apostila e sua cobrança na prova do Saresp.</p>
<p><b>SP2.5</b></p> <p>A partir do momento que chegou essas apostilas que eles têm, daí eu já achei que não deu muito mais certo. Porque o <u>caderninho</u> de matemática, ele é muito, ãnn...<u>simplificado</u>, então é assim, uma aula é um assunto, e na outra é outro, então não tem uma <u>seqüência didática</u>, e o aluno, segundo o meu ver, em matemática, ele só aprende com uma certa <u>exploração maior</u> daquele conteúdo, né? Então eu não trabalho todas as aulas só com o caderninho. Então eu já trabalho, três aulas por semana com o <u>livro didático</u>, que a gente usa o do Dante, que é só <u>resolução de problemas</u>, que eu acredito nessa linha, e depois em duas aulas na semana com o caderninho. Só que assim, há alguns anos já que ta usando, acho que é o terceiro esse, os alunos são unânimes, quando</p>	<p><u>Caderninho</u>: Refere-se ao material apostilado, já explicitado.  <u>Simplificado</u>: tornado mais simples, menos complexo; tornado ou feito fácil ou claro. No texto, no sentido de não detalhado.  <u>Seqüência Didática</u>: Seqüência de passos e conteúdos encadeados que facilitam o ensino e a aprendizagem.  <u>Exploração</u>: No texto, no sentido de análise, exame, pesquisa.  <u>Livro Didático</u>: é um livro de caráter pedagógico, usado para apoiar o professor e o aluno no ensino e aprendizagem de determinados conteúdos.  <u>Resolução de Problemas</u>: Trata-se de um trabalho onde um problema é ponto de partida e orientação para a aprendizagem, e a construção do conhecimento far-se-á através de sua resolução. Professor e alunos, juntos, desenvolvem esse trabalho e</p>	<p>A depoente afirma que o material da proposta curricular não detalha bem os conteúdos abordados, não possui uma sequência que facilite o ensino e a aprendizagem. Portanto, a professora não trabalha somente com esse material, mas também com um livro didático que utiliza o método de resolução de problemas.          Afirma também que os alunos, após realizarem a prova do Saresp, são unânimes em dizer que o conteúdo abordado nas provas se assemelha ao conteúdo do livro didático. Diz que a prova do Saresp privilegia os conteúdos, enquanto o caderninho se preocupa mais com a didática.</p>	<p>Conteúdo abordado em sala de aula e nas provas do Saresp.          Discrepância entre a proposta da apostila e sua cobrança na prova do Saresp.</p>	

	<p>termina a prova, de vir falar que a matéria que cai na prova do Saresp é a que eu trabalhei com o livro didático, e não com o caderninho. Então a prova não contempla as mesmas questões que contempla o caderno. Então, eu penso que eu tivesse seguido só o caderninho eles não teriam sido preparados para fazer essa prova, porque são coisas diferentes que estão sendo avaliadas. Na prova do Saresp é mais <u>conteudista</u>, e a do caderninho já é uma coisa mais <u>didática</u>, mais de <u>construção do pensamento</u>, embora tem algumas coisas que eu nem dou, porque eu não acho que seja interessante. Mas assim, eu acho que antes, quando não tinha esse material, era melhor.</p>	<p>a aprendizagem se realiza de modo colaborativo em sala de aula.<sup>184</sup>  <u>Conteudista</u>: que ou quem encarece mais o conteúdo do que a forma.  <u>Didática</u>: arte de transmitir conhecimentos; técnica de ensinar; parte da pedagogia que trata dos preceitos científicos que orientam a atividade educativa de modo a torná-la mais eficiente.  <u>Construção do Pensamento</u>: No texto, se refere à métodos de ensino que trabalham com a construção do pensamento pelo aluno, sem ensiná-lo teorias já prontas.</p>		
<b>SP2.6</b>	Não, eu não <u>aplico</u> (o Saresp)	<u>Aplicar o Saresp</u> : Fazer parte da equipe que trabalha no dia da aplicação da prova. <u>Acesso</u> : No texto, no sentido de possibilidade de chegar a; aproximação, chegada.	A depoente não aplica o Saresp.	Aplicação do Saresp.
<b>SP2.7</b>	Não, a gente não tem <u>acesso</u> à prova. Porque antes, os <u>cadernos de questões</u> ficavam na escola,		A depoente SP2 diz que os professores atualmente não têm acesso às provas do Saresp. Conta	Acesso à prova do Saresp.

<sup>184</sup> (ONUCHIC; ALLEVATO, 2005)

	<p>então já era até melhor, porque no outro ano, a gente já trabalhava até aquelas questões. Porque o banco de dados que eu tenho são provas anteriores, né? Nos últimos três anos eles não divulgaram, então a gente não tem acesso a essa prova, não tem acesso até pra depois dar um <u>retorno</u> pro aluno, porque quando a gente ficava com os cadernos, a gente voltava pra sala de aula, discutia cada uma das questões que tinha caído e eles viam porque tinham errado, ou porque não tinha conseguido fazer. Agora a gente já não tem mais isso, então não tem como a gente dar o retorno pra eles. Até em 2008 eles publicaram a prova depois de algum tempo, ficou disponível no site, eu imprimi, eu trabalhei todas as questões, inclusive esse ano eu trabalhei essa prova com eles, mas agora a do ano passado não foi divulgada, então daí a gente não tem acesso, então você fica assim: eles <u>cobram</u> mas a gente você não pode ver. Por quê? Por que a gente não pode <u>analisar</u> a prova? Isso é um questionamento que...</p>	<p><u>Caderno de Questões</u>: São os cadernos com as questões das provas do Saresp, entregues aos alunos para serem respondidos no dia da prova.  <u>Retorno</u>: ato ou efeito de retornar; regresso, volta, retornado, retormança; reverde, réplica. No texto, no sentido de dar uma explicação sobre o desempenho de um aluno que realizou uma prova.  <u>Cobrar</u>: pedir, exigir o cumprimento de (promessa ou compromisso); exigir em troca.  <u>Corrigir</u>: dar forma correta, ou melhora; pôr em bom estado, em ordem, em boa condição (o que apresenta alguma incorreção ou está em desarmonia com o todo, ou impede o seu equilíbrio e/ou o seu bom funcionamento ou emprego); consertar, endireitar; verificar ou avaliar a exatidão de respostas em (prova, teste etc.).  <u>Analisar</u>: fazer análise de; separar (um todo) em seus elementos ou partes componentes; investigar, examinar minuciosamente; esquadrinhar, dissecar; submeter à crítica; criticar, comentar.</p>	<p>que anteriormente tinha-se acesso, mas nos últimos três anos não, somente em 2008 foi disponibilizada uma prova na internet. Afirma que por esse motivo não se tem como dar aos alunos uma explicação sobre o desempenho deles na avaliação, e discutir cada questão da prova. Questiona que se exige do professor que dê essa explicação para os alunos, mas que os professores não podem analisar as provas. Afirma, também, que para que os professores refaçam o planejamento do trabalho a ser realizado durante o ano baseado nos conteúdos cobrados na avaliação, eles deveriam ter acesso às provas.</p>	<p>Retorno aos alunos do resultados.</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------

	<p>Ahh, com certeza (deveria ter acesso à prova). Tanto pra gente mudar, né? Então se ele ta pedindo uma certa coisa, e eu não contemplei tanto isso durante o ano, então no próximo ano eu posso <u>corrigir</u> o <u>planejamento</u> daí, dá uma <u>adaptada</u>, mas como a gente não sabe o que que pede, então fica complicado pra você avaliar se ...</p>	<p><u>Planejamento</u>: serviço de preparação de um trabalho, de uma tarefa, com o estabelecimento de métodos convenientes; <u>planificação</u>; determinação de um conjunto de procedimentos, de ações (por uma empresa, um órgão do governo etc.), visando à realização de determinado projeto. <u>Adaptar</u>: ajustar ou acomodar (uma coisa a outra); tornar(-se) adequado a; acomodar(-se), harmonizar(-se)</p>		
<p><b>SP2.8</b></p>	<p>Eu acho que até assim, não faz muita diferença (vir o resultado <u>individual</u> por aluno), eu saber a nota de cada um deles, mas que pelo menos a gente tivesse acesso aos cadernos, pra gente poder dar um retorno pra eles. Porque, o que a gente faz em prova? Qualquer prova que eu aplico, eu aplico a <u>correção</u>. Então, o que é isso? Você vai dar o retorno pro aluno, ele vai... ele não soube aquela questão, você tem a oportunidade de explicar, pra numa outra avaliação, sei lá, conseguir fazer esse tipo de exercício. A prova do Saresp você não pode dar o</p>	<p><u>Resultado individual</u>: No texto, no sentido de resultado de desempenho de cada aluno. <u>Devolver</u>: dar ou entregar de volta (o que é devido ou esperado); restituir. <u>Fazer correção</u>: No texto, no sentido de resolver a prova, apontando os erros e acertos nas questões. <u>Ansiosos</u>: No texto, no sentido de que revela inquietação; aflito, angustiada. <u>Complicado</u>: que se complicou; que é excessivo, extravagante ou confuso.</p>	<p>A depoente acredita não ser necessário saber o resultado individual dos alunos por meio oficial, porém acha importante que os cadernos de questões fiquem na escola, para que se possa resolver a prova junto com os alunos, apontando os acertos e erros, procedimento comum em qualquer prova. Conta que os alunos ficam ansiosos para saber o que erraram nas provas e que os professores não têm como saber.</p>	<p>Resultado individual. Retorno aos alunos dos resultados. Acesso aos itens.</p>

	<p>retorno, então eles ficam <u>ansiosos</u> em saber o que errou e a gente não consegue saber o que foi, o que deu mais problema, né? Então isso fica <u>complicado</u>.</p>			
<p><b>SP2.9</b></p>	<p>A <u>idéia</u> (do Saresp) é avaliar o sistema aí, pra ver se, a educação, como está evoluindo no decorrer dos anos. Eles sempre dão uma <u>meta</u> e a gente tem que atingir essa meta, agora a gente não tem muito assim, <u>aberto</u> qual é a proposta mesmo, <u>real</u> disso. Eu não acho ruim ter avaliações assim, que avaliam eles durante o ano. Eu acho até legal, porque você só sabe o retorno com avaliações. Só que por diversos motivos, que eles não divulgam, que não devolvem pra gente, que não dá o retorno, você acaba ficando assim, mas qual é a <u>intenção</u>? Se eu não posso ver as questões, por que que eu não posso? Então são algumas coisas assim que a gente fica questionando. Os meus alunos foram mal? Em que assunto? Em que conteúdo? Para eu estar <u>revendo</u> isso...Então é uma coisa que você não tem retorno e tudo</p>	<p><u>Idéia</u>: conhecimento, informação, noção; maneira de ver, opinião pensada ou formulada; intenção de realizar (algo); plano, propósito, desígnio. <u>Evoluir</u>: passar por processo gradual de evolução ou transformação; evoluir, evolucionar. <u>Meta</u>: objetivo que se almeja. Nesse caso se refere às metas de aumento do IDESP propostas pelo governo. <u>Aberto</u>: que permite entrar, sair ou ver, por não apresentar obstáculos; desimpedido, descoberto; que se encontra descoberto, exposto; cuja entrada é permitida a todos. <u>Real</u>: relativo ao que é concreto; que existe realmente; verdadeiro; que não é falso, ilusório ou artificial; genuíno <u>Intenção</u>: aquilo que se pretende fazer; propósito, plano, idéia; aquilo que se procura alcançar, conscientemente ou não; propósito,</p>	<p>A depoente acha que o propósito do Saresp é ver como a educação está se transformando no decorrer dos anos. Porém, afirma que a proposta real não está exposta, pois não é dado retorno de diversos aspectos, pelos organizadores do Saresp. Por exemplo, se os alunos da depoente foram mal na prova, ela não tem acesso a qual assunto, não podendo rever esse conteúdo e corrigir esses erros apontados.</p>	<p>Objetivo/utilidade do Saresp.  Crítica ao Saresp.</p>

	<p>que você não tem retorno, você não pode corrigir. Então eu acho que isso é o mais grave.</p>	<p>desejo, intento; em moral, o fim que determina um ato, considerado independentemente de sua efetiva realização.  <u>Rever</u>: voltar a ver(-se); ver(-se) uma nova vez; examinar cuidadosamente, com intenção de melhorar; fazer revisão de; emendar, corrigir; trazer à memória como quem visualiza; recordar, relembrar. No texto, no sentido de rever um conteúdo relativo à períodos anteriores.</p>		
<p><b>SP2.10</b></p>	<p>Então, eu assim, sou muito contra a <u>valorizar</u>, dar um prêmio por <u>aprendizagem</u>. Então eu acho que o prêmio não é o que deveria ser, pelo menos, o que chama mais a atenção. Eu acho assim, essa avaliação deveria servir para <u>melhorar</u> o ensino do Brasil, e não <u>punir</u> com dinheiro ou não. Eu acho que a educação, quem trabalha com a educação, não visa dinheiro. Porque se visasse dinheiro, não estaria na educação. Então é uma coisa assim, eu acho, o objetivo principal deveria ser assim, mudar o ensino na escola. Então vamos...tá dando problema</p>	<p><u>Valorizar</u>: dar valor, importância a (algo, alguém ou a si próprio) ou reconhecer-lhe o valor de que é dotado; revelar, dar destaque positivo a.  <u>Punir</u>: Infligir pena a; servir de castigo; dar castigo a.  <u>Bônus</u>: Dinheiro extra pago aos professores, além do salário mensal e 13º salário, que no momento obedece alguns critérios, como a assiduidade do professor e o alcance da meta de aumento do IDESP pela escola.  <u>Almejar</u>: desejar ardentemente, com ânsia.  <u>Entrelaçar</u>: juntar(-se) [coisa com</p>	<p>A professora é contra dar um prêmio por aprendizagem. Ela acredita que isso não deveria ser o que o Saresp deveria servir para melhorar o ensino no Brasil e não servir de castigo financeiro ou não. Se um problema foi detectado na avaliação, ele deveria ser corrigido e não relacionado com o bônus. Diz que quem trabalha na educação não visa a dinheiro, e sim a boa formação dos alunos, não para obter lucro em função disso. Questiona se estão querendo comprar o professor para ele ensinar. Portanto não acha bom o</p>	<p>Atrrelamento          IDESP/bônus.          Utilidade/Objetivo do Saresp.          Crítica no Saresp.          Concepção de educação.</p>

	<p>nisso? A gente tem que mudar isso. Não deveria estar assim, relacionado com <u>bônus</u>. Então, o <u>bônus</u>, na minha opinião, não vai mudar o aproveitamento do meu aluno ou não. Então eu acho que deveria ser outra proposta, né? O <u>bônus</u> não é o que a gente <u>almeja</u>, mas sim que os alunos tenham melhor aproveitamento. Então eu acho que não é, que a proposta não é legal por conta disso. Eu acho que o que a gente tem que construir é mudar o ensino pra que eles sejam pessoas melhores e que tenha <u>aprendizagem</u> e pra eles, e não <u>entrelaçar</u> com dinheiro. Acaba sendo uma coisa meio que... eles querem <u>comprar</u>? Você vai comprar o professor pra ele ensinar? Não é assim. Eu acho assim, a gente trabalha pra ensinar e melhorar o cidadão, a pessoa, e não visando <u>lucro</u> em cima disso. Então eu não acho legal essa <u>relação</u> que tem entre as duas coisas. Eu acho que o <u>bônus</u>, se existisse, poderia ser. Mas não em cima da <u>aprendizagem</u> de aluno, né? Eu acho que a <u>aprendizagem</u>, a</p>	<p>coisa], embaralhando; mesclar(-se), confundir(-se), misturar(-se). <u>Comprar</u>: obter, mediante pagamento, a propriedade ou o uso de. Dar dinheiro ou outros valores a (alguém), com intenção de suborná-lo. <u>Lucro</u>: qualquer vantagem, benefício (material, intelectual ou moral) que se pode tirar de alguma coisa. ganho auferido durante uma operação comercial ou no exercício de uma atividade econômica; dividendo. No texto no sentido de ganho financeiro. <u>Em cima</u>: No texto, no sentido de por meio de, usar algo para determinado fim. <u>Ideal</u>: que possui, em grau superlativo, as qualidades positivas de sua espécie ou que se ajusta exatamente a um modelo, a uma lei, a um ideal; perfeito. <u>Defasagem</u>: falta de sintonia; atraso, descompasso.</p>	<p>atrelamento do <u>bônus</u> com a <u>aprendizagem</u> do aluno. Porém acredita que poderia até existir tal <u>bônus</u>, mas não entrelaçado com a <u>aprendizagem</u> do aluno.</p>	
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--



	<p>prova, deveria servir somente pra gente melhorar o ensino, que isso seria o <u>ideal</u>, né? A prova é o que? Ahh, vou analisar o que ta sendo, o que não ta sendo legal, o que não ta sendo corrigido, pra melhorar, pra que eles aprendam e sanem essas <u>defasagens</u> aí.</p>			
<b>SP2.11</b>	<p>Então eu acho (que tem que ser mudado), até assim, tem <u>questões</u> muito interessantes naquelas provas que a gente tinha acesso, tanto é que eu uso, <u>questões</u> assim pra trabalhar com eles, mas agora a gente não tem mais acesso, então eu não sei nem mais como está sendo avaliado. Então é uma <u>incôgnita</u> que a gente não tem como... eu não sei o que está sendo pedido, se está usando mais resolução de problemas, ou se ta usando mais <u>aplicação de teoria</u>, não dá pra saber porque a gente não tem acesso à prova. Eu não aplico prova, então eu não vejo.</p>	<p><u>Questões</u>: Questões elaboradas para avaliação de conteúdos, nas provas do Saresp. <u>Incôgnita</u>: aquilo que se desconhece e se busca saber. Dado que não se pode avaliar, que se ignora; enigma, mistério. <u>Aplicação da teoria</u>: No texto, se refere a aplicação direta da teoria matemática que foi ensinada, sem contextualização, por exemplo.</p>	<p>A depoente diz que quando tinha acesso às provas do Saresp usava as questões para trabalhar com os alunos, porém atualmente os professores não têm mais acesso, portanto ignoram o que e como os conteúdos estão sendo cobrados.</p>	<p>Mudança no Saresp. Crítica ao Saresp.</p>
<b>SP2.12</b>	<p>Então, até eu, eu acho legal avaliação, não acho ruim. Eu acho assim, o jeito que ta sendo divulgado que não ta sendo legal. Ahh não pode ver... por que o</p>	<p><u>Caderno do aluno</u>: São os cadernos com as questões das provas do Saresp, entregues aos alunos para serem respondidos no dia da prova. <u>Gabarito</u>: tabela das respostas</p>	<p>A depoente não acha ruim avaliação, porém não concorda em como está ocorrendo atualmente, pois o professor não pode ficar com o caderno de questões do</p>	<p>Opinião sobre o Saresp. Crítica ao Saresp.</p>

	<p>professor não pode ficar com o caderno do aluno aqui se vai o gabarito, e tem que ir a prova também? Então é uma coisa que fica meio assim, meio <u>obscura</u>.</p>	<p>corretas às questões de uma prova. <u>Obscura</u>: que não é clara para o espírito, que é difícil de compreender, de explicar.</p>	<p>aluno na escola. Questiona o porquê isso não ocorre, já que são enviados os gabaritos para correção.</p>	
<b>SP2.13</b>	<p>Ahh, isso (a divulgação dos resultados do Saresp) eu não acho que é ruim. Acho que não vai... Apesar de que sai assim o resultado e a gente não sabe se é <u>verdadeiro</u> ou não, né? Porque a gente não tem acesso a aprendizagem, ao número de questões... a escola atingiu essa meta, mas eu não sei se atingiu mesmo, porque eu não vi, né, os resultados. Então, até melhorar o ensino eu acho excelente, tem que melhorar, do jeito que está não pode ficar mesmo, mas tem que ser uma coisa assim, mais <u>clara</u> né?</p>	<p><u>Verdadeiro</u>: em conformidade com os fatos ou a realidade; que não é fictício, imaginário ou enganoso; que é realmente o que parece, que não é fraudado ou simulado. <u>Clara</u>: bem visível, distinta ou discriminável à vista; evidente, manifesto, patente; certa, averiguada, comprovada; que não apresenta ambiguidade nem oferece dúvidas; explícita, bem expressa ou declarada, inequívoca.</p>	<p>A professora acha que não é ruim a divulgação dos dados do Saresp, porém afirma que não sabe se o resultado é verdadeiro, pois não tem acesso às provas, às questões, aos resultados. Acredita que a divulgação para melhorar o ensino é válida, já que tem que melhorar o ensino, pois do jeito que está não pode ficar, mas tem que ser mais clara.</p>	<p>Divulgação dos resultados do Saresp.  Questiona a fidedignidade do teste.</p>
<b>SP2.14</b>	<p>Ahh, eu acredito que sim (o Saresp é uma prova bem <u>aplicada</u>). Pelo menos em anos anteriores, nessa escola que eu trabalho, que era nós mesmos que aplicávamos a prova, era muito séria. Então a gente aplicava mesmo, corrigia, daí ficava os cadernos, a gente corrigia, dava uma <u>devolução</u> pro</p>	<p><u>Aplicada</u>: Processo de realização da prova, envolvendo entrega dos cadernos aos alunos, fiscalização das salas onde estão ocorrendo as provas, seu recolhimento e correção. <u>Devolução</u>: ato ou efeito de devolver ato ou efeito de devolver. <u>Sério</u>: que merece consideração</p>	<p>A professora acredita que o Saresp é uma prova bem aplicada. Comenta que nos anos anteriores, eram os trabalhadores da escola que aplicavam as provas, corrigiam e devolviam aos alunos, fazendo um trabalho cuidadoso.</p>	<p>Aplicação do Saresp.  Seriedade do Saresp.</p>

	<p>aluno daquilo, então eu acredito que seja. Pelo menos nesta escola a gente sempre levou muito a sério o Saresp.</p>	<p>especial; cujas consequências podem ser grandes e/ou perigosas; importante, grave; que tem grande valor, mérito, importância; em que se aplica ou aplicou cuidado, desvelo, diligência.</p>		
<p><b>SP2.15</b></p>	<p>Então, eu acho assim, eu estudei na época que não era <u>progressão</u>, mas eu já comecei a trabalhar na época que já existia a <u>progressão</u> continuada. Pra mim, a proposta não é ruim, mas <u>na prática</u> não ta funcionando, porque a gente recebe aluno aqui de 5ª série que não é alfabetizado. Então eu penso, é melhor ficar passando, aprovando, aprovando, aprovando... mesmo o aluno sem saber e depois ele ficar retido depois de 4 anos. A gente consegue depois <u>correr atrás</u> de 4 anos de <u>atraso</u> na...É, então na 8ª série, quando eu pego meus alunos na 8ª, eu tenho que voltar <u>conteúdos</u>, operações, que era uma coisa que não era mais pra ser. Eu trabalho numa escola particular também, e lá é muito diferente, porque lá não é a <u>progressão</u> continuada. Então o que acontece?</p>	<p><u>Progressão</u>: refere-se à <u>progressão</u> continuada, procedimento utilizado pela escola que permite ao aluno avanços sucessivos e sem interrupções, nas séries, ciclos ou fases. <u>Na prática</u>: na realidade, no que acontece de fato. <u>Correr atrás</u>: Buscar algo. <u>Conteúdos</u>: refere-se à <u>conteúdos</u> curriculares ministrados na escola. <u>Pré-requisito</u>: um conhecimento prévio, para que se consiga alcançar determinado fim.</p>	<p>A depoente não acha a proposta da <u>progressão</u> continuada ruim, porém diz que no cotidiano escolar não está funcionando. Questiona se é melhor aprovar os alunos sem que eles saibam os <u>conteúdos</u>, se depois esse aluno será retido ao fim do ciclo. Conta que na 8ª série tem que voltar a ensinar <u>conteúdos</u> de séries anteriores, o que não acontece na escola particular que ela leciona, já que lá não existe a <u>progressão</u> continuada. Assim, diz que na escola particular ela ministra toda a proposta de conteúdo da escola, mas na escola estadual nem sempre consegue.</p>	<p><u>Progressão</u> continuada. Professor a favor da reprovação. Comparação com escola particular.</p>

	<p>Os meus alunos quando chegam pra mim, essas coisas que já é o pré-requisito pra ele estar naquela série, eu não preciso voltar mais. Então dá conta de eu trabalhar todo o ano aquela proposta. Aqui, dificilmente a gente consegue cumprir tudo que planejou, porque você tem sempre que ficar voltando, voltando, voltando, e nem sempre a gente consegue.</p>			
<p><b>SP2.16</b></p>	<p>Aqui a coordenadora... Essa escola informa muito a gente. Então teve dois professores que foram para essa capacitação, que foi falado sobre a prova, todo ano tem essas capacitações, então sempre vai cada um de cada série assim, daquela disciplina que vai ser avaliada, onde eles passam orientação e depois aquilo, na hora da nossa reunião eles passam pros demais professores. Então isso teve. E essa escola informa muito a gente, então tudo que acontece, a gente é colocado a par de tudo que...</p>	<p><u>Capacitação</u>: ato ou efeito de capacitar(-se); habilitação, aptidão. Refere-se a encontros realizados pela Secretaria de Estado ou pela Diretoria de Ensino para capacitar e orientar os trabalhadores da escola para trabalhar com determinada situação. <u>Disciplina</u>: ramo do conhecimento; ciência, matéria.</p>	<p>A depoente afirma que é bem informada pela escola. Conta que dois professores foram para cursos de capacitação, onde foi falado sobre o Saresp. Diz que essas capacitações ocorrem todos os anos, para onde vai um professor de cada série e disciplina que será avaliada, e que depois, nas reuniões na escola, passam essas orientações aos demais.</p>	<p>Orientação dada aos professores acerca do Saresp.</p>
<p><b>SP2.17</b></p>	<p>Ahh sim (entendo a escala de proficiência), inclusive quando a gente volta no planejamento no</p>	<p><u>Escala de proficiência</u>: No caso do Saresp, a matriz de referência para a avaliação foi elaborada a partir da</p>	<p>A depoente afirma que entende a escala de proficiência do Saresp e que quando a escola recebe os</p>	<p>Escala de proficiência.</p>

	<p>começo do ano, a gente recebe né, quando sai o resultado né, daí a gente analisa os <u>níveis</u>, qual classe, qual disciplina que ficou abaixo do nível que era pra ter ficado. Então fizemos várias reuniões pra ver isso, e analisar esse ano como foi.</p>	<p>Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Configuram-se as referências que possibilitam a posição (segundo <u>níveis</u> de desempenho) dos alunos que realizarem as provas. Os indicadores relativos a esta posição são obtidos por uma Escala de Proficiência, por intermédio da qual se define o quanto e o quê cada aluno ou escola realizaram no contexto desse exame.</p>	<p>resultados, são analisados, em reuniões, os níveis de proficiência dos alunos das diferentes séries e disciplinas avaliadas.</p>	<p>Análise dos resultados.</p>
<p><b>SP2.18</b></p>	<p>E outra coisa que eu acho errado no Saresp é que eles não avaliam sempre os mesmo alunos, né? Então isso acaba assim, você não sabe, você não tem a noção se o aluno teve <u>crescimento</u> no ano ou não. Então, a 8ª série fizeram, agora eles vão fazer só no terceiro ano. É então, por exemplo, se fosse avaliado que nem era antes, que ia seguindo, então quando começou o Saresp, avaliava as 5ªs séries, no outro ano eles estavam na sexta, então avaliava as 6ªs. Daí dava pra fazer essa <u>comparação</u>, se teve um aumento no acerto, se <u>sarou</u> aquelas coisas que tinham, agora a gente não tem mais isso, porque</p>	<p><u>Crescimento</u>: desenvolvimento ou prosperidade; acréscimo em importância ou significado. <u>Comparação</u>: Ato ou efeito de comparar. <u>Comparar</u>: relacionar (coisas animadas ou inanimadas, concretas ou abstratas, da mesma natureza ou que apresentem similitudes) para procurar as relações de semelhança ou de disparidade que entre elas existem; cotejar; pôr(-se) em paralelo, equiparar(-se) em valor, qualidade ou intensidade. <u>Sarar</u>: No texto, no sentido de eliminar (males, defeitos); corrigir.</p>	<p>A depoente acha errado não serem avaliados os mesmos alunos, ano a ano, no Saresp. Acharia importante que assim o fosse, para saber se o aluno se desenvolveu ou não no período, como era feito no início da implantação do Saresp, podendo, assim, fazer a comparação dos resultados, se houve acréscimo nos acertos e se foram corrigidas as dificuldades.</p>	<p>Crítica ao Saresp. Modo alternativo de avaliação exposto pelo sujeito: avaliação longitudinal.</p>

<p><b>SP2.19</b></p>	<p>sempre avalia a mesma série, né? Então, a gente sempre faz propostas aqui, de um plano de ação em cima desses resultados (do Saresp) pra ver se a gente melhora né? Mas eu acho que seria mais eficiente se a gente tivesse analisado também a avaliação. Então a gente analisa os dados, só que a gente não tem o que eles fizeram pra ser avaliado, então você não consegue fazer essa junção. Então daí dificulta, porque você sabe que eles estão com dificuldade, mas não sabe no que. Então já dificulta nosso trabalho, né? Então você fica assim... você faz um plano de ação pra recuperar, daí você faz algumas coisas que você acha que deve saber pra aquela série, mas você não tem essa prova pra saber se é isso mesmo que teve maior defasagem.</p>	<p><u>Plano de ação</u>: Planejamento de ações a serem executadas. <u>Eficiente</u>: que produz o seu efeito específico (diz-se de algo inanimado, concreto ou abstrato); eficaz; cujas características ou qualidades ou cujo equipamento cria condições apropriadas ou ideais para a consecução de determinada finalidade (uma ação, um trabalho, uma operação etc.).</p>	<p>Na escola, a professora conta que fazem um plano de ações usando os resultados do Saresp como guia. Porém, acha que seria mais eficiente se analisassem, também, as provas que os alunos fizeram, pois analisando só os dados, sabe-se que os alunos estão com dificuldades, mas não se sabe no que, dificultando o trabalho da equipe escolar. Afirma que é feito um plano para recuperar, com conteúdos que a escola acha que deve ser adequado para aquela série, mas não se tem a prova para saber se foi nesse conteúdo que ocorreu maior defasagem.</p>	<p>Uso dos resultados do Saresp pela escola. Crítica ao Saresp. Identifica o Saresp com avaliação de conteúdos.</p>
<p><b>SP2.20</b></p>	<p>Têm (a recuperação) a de Português e Matemática, tem aquela que é em período contrário, que este ano foi contratado um professor, desde o início do ano pra estar trabalhando com essas turmas, mas eles vêm, os alunos</p>	<p><u>Reforço</u>: contribuição para a realização de uma tarefa; auxílio. No texto, refere-se a atividades de recuperação.</p>	<p>A depoente conta que na escola tem aulas de recuperação de Matemática e Português, realizadas em período contrário ao que o aluno tem aulas regulares. Diz que foi contratado um professor no início do ano para</p>	<p>Recuperação.</p>

	que têm mais dificuldade vêm, no período contrário, pra fazer esse reforço de Português e Matemática.		ministrar essas aulas.	
<b>SP2.21</b>	<p>Pra alguns sim (<u>funcionou</u> a recuperação). Que levaram a sério, vieram direitinho. Porque até assim, antes de começar, é chamado os pais, os pais assinam um termo, que o aluno tem que participar, porque ele ta com dificuldade só que nem sempre eles vêm. Mesmo o pai tomando ciência, assinando, concordando que o aluno vai, <u>se responsabilizando</u> em mandá-lo pra escola, tem uns que não vêm. Mesmo aqueles alunos que, embora, a escola oferece um almoço pra eles ficarem pra poder participar. Mesmo assim tem aluno que não vem.</p>	<p><u>Funcionar</u>: no texto, no sentido de dar certo; dar bom resultado.  <u>Termo</u>: Um papel assinado como prova de que os pais tomaram ciência da necessidade de o aluno frequentar as aulas de recuperação.  <u>Responsabilizar</u>: tomar-se responsável pelos seus atos ou pelos de outrem.</p>	<p>A professora afirma que a recuperação deu bom resultado com alguns alunos que levaram a sério e que frequentaram as aulas. Conta que mesmo com os pais se responsabilizando em trazer o aluno à escola para as aulas de recuperação e a escola oferecendo almoço para alunos que não podem ir embora e voltar, tem aqueles que não frequentaram.</p>	Recuperação.
<b>SP2.22</b>	Sou formada em Matemática.		A depoente se graduou em Matemática.	Formação.

Fonte: dados organizados pela autora.

Quadro 62 - Análise Ideográfica Sujeito professor 3.

Nº US	Unidades de Sentido	Excerto Hermenêutico	Unidades de Significado	Do que falam as US
SP3.1	Vai fazer 3 anos que eu dou aula no Estado, nessa escola 2 anos.		O depoente leciona há 3 anos em escola estadual e há dois anos nesta escola.	Tempo que leciona. Tempo que leciona na escola.
SP3.2	Eu me efetivei em Ipeúna, trabalhei um ano em Ipeúna e vim nessa escola pela remoção. Eu to no probatório, termino agora.	<u>Efetivo</u> : Possui cargo concursado e estável de magistério no funcionalismo público estadual.	O depoente é professor efetivo. Iniciou a carreira em outra cidade e veio para esta por remoção. Está terminando o estágio probatório.	Situação funcional.
SP3.3	Isso. Eu fiz matemática na federal de São Carlos, me formei em matemática e atualmente eu faço uma segunda graduação, faço sistemas de informação também (à distância). Minha primeira é matemática.	<u>Universidade Federal de São Carlos</u> : Universidade bem conceituada dentre as universidades existentes.	É graduado em Matemática na Universidade Federal de São Carlos. Faz atualmente uma segunda graduação em Sistemas de Informação à distância.	Formação.
SP3.4	Aqui nessa escola eu tenho todos os terceiros.		O depoente leciona para todos os 3º anos do ensino médio da escola.	Séries para a qual leciona em 2010.
SP3.5	Basicamente não muda (a rotina das aulas em função do Saresp), muda mais quando fica próximo do ENEM, assim, por conta dos alunos, que eles começam a pedir exercícios fora do que a gente ta trabalhando. Do Saresp nem tanto.	<u>Rotina</u> : Caminho já trilhado ou sabido; prática constante, em geral; hábito de fazer uma coisa sempre do mesmo modo. <u>ENEM</u> : Exame Nacional do Ensino Médio. Pode ser usado para o ingresso em algumas universidades, de forma integral ou parcial.	O depoente afirma que a rotina de suas aulas basicamente não muda em função do Saresp, mas sim em função do ENEM, pois os alunos pedem exercícios fora do conteúdo que está sendo trabalhado.	Rotina das aulas na época do Saresp.
SP3.6	Olha, o Saresp, assim, acho que	<u>Com propriedade</u> : No texto, com o	O depoente diz que os	Avaliação em sala de aula



	<p>você deve ter pesquisado, mas os professores não têm acesso às avaliações do Saresp, né? Então eu não posso falar com muita propriedade se converge ou não (avaliação que faz em sala de aula com a avaliação do Saresp). Eu posso falar assim, que eu ouço os colegas comentar, uma vez que eu consegui ver uma avaliação extra-oficialmente, que me mostraram. Mas nós sabemos que existem várias avaliações do Saresp, então daquela que eu olhei e pro material que o governo manda, a gente percebe uma diferença muito grande né? O governo, ele envia o <u>caderninho</u>, é um material, que tem algumas atividades lá naquele material. Mas o Saresp não ta contemplando aquele material. Ele vai exigir algo a mais que aquele material, então se eu disser pra você assim, que o Saresp, essa avaliação, serve pra avaliar o meu trabalho, até serve porque eu não sigo o material do governo completamente, eu trabalho com</p>	<p>sentido de ter conhecimento sobre um assunto.  <u>Convergir</u>: Tender para o mesmo ponto; tender para o mesmo fim.  <u>Oficial</u>: emanado do governo ou de uma autoridade administrativa reconhecida; certificado pela autoridade pública ou por uma autoridade competente.  <u>Extra-oficial</u>: fora do oficial.  <u>Material que o governo manda</u>: No texto, se refere a cadernos entregues aos professores a partir de 2008, consonantes com a nova proposta curricular, implantada no mesmo ano. Os alunos também recebem o caderno a partir de 2009. Neles, são apresentadas situações de aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos. Esses conteúdos, habilidades e competências são organizados por série e acompanhados de orientações para a gestão da sala de aula, para a avaliação e a recuperação, bem como de sugestões de métodos e estratégias de trabalho nas aulas, experimentações, projetos</p>	<p>professores não têm acesso de maneira oficial às provas do Saresp, portanto não têm muito conhecimento para relacioná-las com suas avaliações. Porém, conta que no ano passado viu uma avaliação do Saresp e que notou uma grande diferença entre o conteúdo abordado na prova e o conteúdo abordado no material relativo à proposta curricular enviado pelo governo. Diz que o Saresp exige mais que tal material, e que serve para avaliar o trabalho do depoente já que ele usa também o livro didático.</p>	<p>e avaliação do Saresp.  Proposta curricular.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------

	<p>o livro didático também. Então serve, serviria, é condizente.</p>	<p>coletivos, atividades extraclasse e estudos interdisciplinares. <u>Caderninho</u>: se refere aos cadernos enviados pela Secretaria da Educação referente ao material anteriormente explicado.</p>		
<p><b>SP3.7</b></p>	<p>Então, isso também eu faço uma crítica ao governo, por quê? Por que o governo ele prega o seguinte, o professor tem que fazer <u>múltiplas</u> avaliações. A gente precisa avaliar os alunos de várias formas. Porém, né, o governo faz apenas uma avaliação do aluno. E, em sala de aula, eu dou trabalhos em grupos, então o aluno vai fazer uma parte em grupo, eu peço pesquisa, não muito pros alunos do noturno, porque eles não fazem, alguns porque trabalham e outros porque vê que o colega que trabalha não vai fazer, então eles acabam não fazendo, então eu evito, né? Apesar que, não sei se você ta sabendo, mas a <u>feira de ciências</u> que teve, então eles fizeram bons trabalhos, apresentaram, tem registrado, tem foto aí... Foi na escola. Toda</p>	<p><u>Crítica</u>: atividade de examinar e avaliar minuciosamente tanto uma produção artística ou científica quanto um costume, um comportamento; análise, apreciação, exame, julgamento, juízo; exame racional, indiferente a preconceitos, convenções ou dogmas, tendo em vista algum juízo de valor. <u>Pregar</u>: falar (a um ou mais indivíduos) com intenção de convencê-lo(s) de uma crença; propagar (uma doutrina); alardear, incutir, insinuar. <u>Múltiplas</u>: que se refere a quantidade maior do que três; numeroso; composta por elementos complexos, variados; desenvolvida em muitas etapas. <u>Feira de Ciências</u>: Exposição que ocorre na escola com projetos realizados pelos alunos.</p>	<p>O depoente critica o governo por propagar que o professor deve fazer diversos tipos de avaliação com os alunos, porém os avalia com apenas uma. O professor diz que avalia os alunos com trabalhos em grupos, pesquisas, avaliações do registro e da participação. Conta que para os alunos do noturno não pede muitos trabalhos para serem feitos fora da sala de aula, pois muitos trabalham e não fazem, e os que não trabalham, vêm que os que trabalham não fazem, então também não executam a tarefa. Porém, informa que ocorreu uma feira de ciências e que esses alunos fizeram bons trabalhos, a maior parte sendo feito fora da sala de aula.</p>	<p>Avaliação em sala de aula. Crítica ao Saresp. Trabalhos em grupo no noturno.</p>

	<p>a pesquisa foi feita fora da escola. Algumas aulas, ou pra montar os projetos, ou pra... no sentido de orientar... foi feito aqui dentro da escola, mas o grosso da pesquisa os alunos fizeram fora da escola. Então, eu procuro avaliar em grupo, fazer uma avaliação, assim, do registro do aluno, do caderno, o que ele faz durante as aulas, né, eu procuro variar na avaliação.</p>			
<p><b>SP3.8</b></p>	<p>Olha, eu acredito que o governo tem que ter uma métrica pra poder trabalhar, então isso assim é lógico né. Então eu acho que tem que ter algum <u>tipo</u> de avaliação e por algum lugar tem que começar né? Mas eu acho que o governo usa essa avaliação pra <u>forçar</u> a promoção automática. Essa é a minha opinião. A opinião do SP3. Por que? Porque se o governo utilizasse o Saresp apenas como <u>indicador</u>, eu acho que seria assim, de bom tamanho. Pra educação, pros professores, pra poder orientar, trabalhar, traçar as metas. Mas a partir do</p>	<p><u>Métrica</u>: No texto, no sentido de padrão, de definição de medida.  <u>Tipo</u>: desenvolvido em muitas etapas; classe, categoria de seres, agrupados segundo alguma(s) característica(s); espécie, gênero.  <u>Forçar</u>: obter pela força; conseguir; obrigar(-se) pela força ou por uma pressão moral a (algo); constringer, obrigar(-se), compelir.  <u>Indicador</u>: que ou o que fornece indicações de pesos e medidas diversas. Neste caso, como um indicador de medida educacional.  <u>Bônus</u>: Dinheiro extra pago aos professores, além do salário mensal e 13º salário, que no momento obedece alguns critérios, como a</p>	<p>O depoente acredita que o governo precisa de uma medida de alguma forma para poder trabalhar, e que algum tipo de avaliação tem que ter. Porém, acha que o Saresp é usado pelo governo para forçar a aprovação automática dos alunos. Acha que o Saresp deveria ser usado somente como indicador da situação do ensino, para orientar o trabalho, já que a partir do momento em que se atrelou o Saresp ao bônus existem professores trabalhando em função dessa prova, o que o depoente considera complicado.</p>	<p>Utilidade do Saresp.  Trabalhar em função do Saresp.</p>

	<p>momento que vai atrelar isso com o <u>bônus</u> do professor, então eu percebi que alguns colegas pensam que estão trabalhando em função de uma prova. Então eu acho que daí é muito complicado.</p>	<p>assiduidade do professor e o alcance da meta de aumento do IDESP pela escola. <u>Complicado</u>: composto de elementos que entretêm relações numerosas, diversificadas e difíceis de apreender pelo espírito; que é excessivo, extravagante ou confuso.</p>		
<p><b>SP3.9</b></p>	<p>Eu vejo assim, é bom que se coloque <u>metas</u> pra se <u>cumprir</u>. Então isso assim, eu vejo que é bom. Agora se vai cumprir, se o professor cumpre a meta, ou não vai cumprir, eu acho que isso a gente precisa ver o porquê. Porque cada escola tem uma realidade, que nem aqui, a gente tem muitos alunos que são <u>inclusão</u>, a gente tem aqui problema de aluno que trabalha em tempo integral, então a gente tem esse tipo de problema. Então de repente nossa escola não vá conseguir cumprir toda a meta, mas é bom ter essa meta. Agora, a partir do momento que você coloca isso aí envolvido com o bônus do professor, eu acho que acaba forçando assim, a não reprovar aluno, acaba forçando</p>	<p><u>Metas</u>: objetivo que se almeja. Se refere também às metas propostas pelo governo, dentre elas de aumento do IDESP. <u>Cumprir</u>: observar(-se) a execução de (dito, prometido, proposto, contratado etc.); realizar(-se), executar(-se); atingir (determinado patamar, nível, posição etc.); preencher, completar. <u>Inclusão</u>: No texto, se refere a inclusão nas escolas de alunos com deficiências mentais. <u>Dirigir</u>: fazer (alguma coisa) ir de uma certa maneira, para obter um resultado; traçar planos e coordenar a execução de; conduzir, liderar. <u>Bombardear</u>: assediar ou combater (com argumentos, citações, recriminações etc. contínuos e persistentes); causar prejuízo ou transtorno a; boicotar.</p>	<p>O depoente acha bom que se tenham objetivos para alcançar, metas a cumprir. Porém, acredita que se a meta foi cumprida ou não, deve-se verificar o porquê, já que cada escola é uma escola, com suas próprias características. Por exemplo, na escola em que SP3 leciona, há alunos com deficiência mental ou que trabalham o dia todo, portanto talvez não consigam cumprir a meta estabelecida. Afirma que a partir do momento em que se atrela essas metas com o bônus, está se forçando a aprovação do aluno e dirigindo os conteúdos trabalhados em função da prova. Acha que ver a avaliação nesse sentido não compensa.</p>	<p>Cumprimento de metas. Atrelamento metas ao bônus.</p>

	<p>muitas vezes, o professor a <u>dirigir</u> o conteúdo dele para o Saresp, de repente sabe, ah se lá, esse conteúdo não cai no Saresp, então não vou trabalhar tanto. Ou senão, chega perto do Saresp começa a <u>bombardear</u> o aluno com exercício do Saresp anterior, isso eu acho que é muito ruim pro aluno e pra escola. Eu acho que se <u>enxergar</u> o Saresp nesse sentido, não compensa né? A avaliação não serve pra nada, vai só mascarar.</p>	<p><u>Mascarar</u>: dissimular sob uma aparência enganadora; ocultar da vista; camuflar, tapar.</p>		
<b>SP3.10</b>	<p>Então, como eu disse, eu trabalho muito mais com exercícios de vestibular, do que Saresp propriamente dito. Eu não tive acesso aos últimos Saresps. Algum Saresp, alguns exercícios eu acabo trabalhando. Mas eu digo assim, pela facilidade às vezes de você encontrar um exercício do Saresp no <u>banco de dados</u>, então tiro esse exercício pra trabalhar, não por trabalhar o Saresp em si.</p>	<p><u>Banco de dados</u>: se refere a algumas provas do Saresp disponíveis no site da secretaria da educação.</p>	<p>O depoente trabalha mais com exercícios que caem no vestibular do que com exercícios do Saresp. Diz que às vezes trabalha com exercícios do Saresp pela facilidade de encontrá-los no banco de dados.</p>	<p>Uso de exercícios do Saresp em sala de aula.</p>
<b>SP3.11</b>	<p>Vejo muitos colegas, que, não sei né, quando chega próximo do Saresp, não sei se é por</p>	<p><u>Inocência</u>: estado, caráter daquilo que é inocente; ingenuidade excessiva; ignorância.</p>	<p>O professor não trabalha com exercícios do Saresp em período anterior à sua aplicação por não</p>	<p>Treino para o Saresp.</p>

	<p><u>inocência</u>, ou por acreditar que trabalhando um mês ou dois meses ali, só com exercícios o aluno vá aprender de fato o conteúdo. Não sei. Eu não trabalho, porque eu não acredito que isso funcione, porque se funcionasse, todo mundo que entrasse num <u>cursinho pré-vestibular</u> iria passar. Porque se em um ano trabalhando com eles exercícios a gente vê que 70% não passa. Então o que vai adiantar em um mês você trabalhar só exercício do Saresp? Acho que não muda muito.</p>	<p><u>Cursinho pré-vestibular</u>: Curso realizado antes de prestar vestibular, que consta de revisão de conteúdos do ensino médio e treino para determinadas provas de universidades. Em geral há duas modalidades, extensivo (um ano) e intensivo (seis meses).</p>	<p>acreditar que isso funcione. Faz analogia aos cursinhos pré-vestibular, nos quais há treino para o vestibular durante o ano todo e mesmo assim a maioria não é aprovada.</p>	
<b>SP3.12</b>	Não ( <u>apliquei o Saresp</u> )	<p><u>Aplicar o Saresp</u>: Fazer parte da equipe que trabalha no dia da aplicação da prova.</p>	<p>O depoente não aplicou o Saresp este ano de 2010.</p>	<p>Aplicação do Saresp.</p>
<b>SP3.13</b>	Não (vi a prova). Ouvi comentários que a prova estava difícil, de colegas professores. Agora eu não vi.		<p>O depoente não viu a prova do Saresp deste ano de 2010, mas ouviu comentários de colegas professores que a prova estava difícil.</p>	<p>Dificuldade da prova 2010.</p>

<b>SP3.14</b>	<p>Sim, eu acho importante (ver a prova) porque, é assim, eu gostaria de saber o que ele está avaliando, o governo né. Quais são os conteúdos, o que ele avalia. Eu já tive acesso a uma prova, assim, foi extraoficial né, mas por exemplo, eu não vi a totalidade da prova, e pelo que eu vi, eu percebi que aqueles conteúdos do ano anterior, que eu cheguei a olhar lá, não ta naquele material que o governo manda pra gente. Então isso, eu fiquei até <u>chateado</u>. Eu falei, poxa, a gente vem seguindo esse material que manda né, mas na hora de avaliar ele cobra outra coisa? É complicado.</p>	<p><u>Chateado</u>: que se chateou; enfadado, enfurado; aborrecido.</p>	<p>O depoente acha importante ver a prova do Saresp para saber o que o governo está avaliando, quais são os conteúdos. Conta que teve acesso a uma prova no ano passado e que percebeu que os conteúdos da prova não estavam no material que o governo envia, relativo à nova proposta curricular. Por esse motivo disse que se sente até chateado, pois está seguindo o material e na hora de avaliar o governo cobra outra coisa.</p>	<p>Acesso à prova.</p>
<b>SP3.15</b>	<p>Aqui na escola a gente trabalha muito com os resultados (do Saresp). Assim, a gente tem sim esses resultados, a gente trabalha com os gráficos. Então a gente vê assim, quais são as metas, o que a gente tem que cumprir, então a gente trabalha assim, nesse sentido de atingir as metas. E a gente também fica sabendo do resultado dos colegas, das</p>	<p><u>Comparação</u>: ato ou efeito de comparar. <u>Comparar</u>: relacionar (coisas animadas ou inanimadas, concretas ou abstratas, da mesma natureza ou que apresentem similitudes) para procurar as relações de semelhança ou de disparidade que entre elas existem; cotejar; aproximar dois ou mais itens de espécie ou de natureza diferente, mostrando entre eles um</p>	<p>O depoente afirma que na escola em questão, os resultados do Saresp são trabalhados no sentido de atingir as metas propostas pelo Estado. Diz que também é feita uma comparação com os resultados de outras escolas, pois acha que olhar só para os números não tem significado. Portanto, olha-se também para a parte qualitativa</p>	<p>Análise dos resultados do Saresp. Comparação com outras escolas.</p>

	<p>outras escolas, pra poder se situar também, né? Eu acho que melhor assim, do que a gente ficar só olhando pra números, eu acredito que é essa <u>comparação</u> que a gente pode fazer, porque a gente olha e vê assim o B. tirou uma nota superior à esta escola.. O C. também tirou uma nota melhor do que esta escola. Então eu acho que a gente só ver os números, eu acho que pro professor não adianta nada. Um monte de número não tem significado. A gente começa a misturar né, ver a parte <u>qualitativa</u> dos dados: não, mais aí que ta, o histórico do C., por ser tempo integral, por ter atividades <u>extra-curriculares</u>, por isso, por aquilo, de repente consiga. Não querendo achar <u>desculpa</u>, mas querendo encontrar uma <u>fórmula</u> aí pra poder melhorar.</p>	<p>ponto de analogia ou semelhança; pôr(-se) em paralelo, equiparar(-se) em valor, qualidade ou intensidade. <u>Qualitativa</u>: relativo a qualidade, e não somente a quantidade. <u>Extracurriculares</u>: Além do currículo; fora do currículo; a mais que o currículo. <u>Desculpa</u>: razão ou motivo alegado por alguém para desculpar a si mesmo ou a outrem; justificativa; motivo invocado como subterfúgio; pretexto. <u>Fórmula</u>: forma precisa e convencionalizada que se usa para exprimir uma idéia, enunciar uma regra ou expor um fato; meio de acesso; chave, segredo, caminho.</p>	<p>dos resultados, ou seja, as qualidades de cada escola, para tentar melhorar.</p>	
<p><b>SP3.16</b></p>	<p>Em vários <u>HTPCs</u> foram apresentados as <u>habilidades</u>, a forma como é calculado. Nós percebemos aqui, que na nossa escola em especial, os alunos têm um <u>desempenho</u> melhor em</p>	<p><u>HTPC</u>: Hora de trabalho pedagógico coletivo. Momentos semanais (máximo de 3 horas por semana) em que os professores e coordenadores se reúnem. <u>Habilidades</u>: No Saesp, são</p>	<p>O professor diz que nas reuniões com professores em HTPCs foram apresentadas as habilidades avaliadas no Saesp e a forma como é calculado o nível de proficiência. Conta que</p>	<p>Habilidades e níveis de proficiência. Aumento da dificuldade em matemática no ensino médio.</p>



	<p>matemática nas séries iniciais do que no ensino médio. Em contra partida, a gente vê que o conteúdo, ele aumenta muito, e o aluno acaba não <u>acompanhando</u>. Então a gente tem noção disso aí.</p>	<p>avaliadas algumas competências e habilidades nos alunos, descritas nas matrizes de referência para avaliação. <u>Desempenho</u>: cumprimento de obrigação ou de promessa; execução; maneira como atua ou se comporta alguém ou algo, avaliada em termos de eficiência, de rendimento; atuação. <u>Acompanhar</u>: deslocar-se na mesma velocidade que; realizar a mesma ação ou atividade que (outrem); ter o mesmo comportamento ou agir da mesma maneira que. No texto, no sentido de aprender o conteúdo junto com o professor e outros alunos.</p>	<p>na escola em que leciona, os alunos têm melhor desempenho em matemática nas séries iniciais do que no ensino médio. Acredita que um dos motivos é que a quantidade de conteúdo aumenta muito, fazendo com que alunos não consigam aprendê-los.</p>	
<b>SP3.17</b>	<p>Tem um relatório que vem por disciplina, que é um relatório da escola. É, mas nesse último aqui, eu não lembro se veio por habilidade, eu lembro assim, que veio por disciplina.</p>	<p><u>Disciplina</u>: ramo do conhecimento; ciência, matéria.</p>	<p>O depoente diz que vem um relatório por matéria, por escola. Não sabe se vem por habilidades avaliadas.</p>	<p>Relatório por escola.</p>
<b>SP3.18</b>	<p>Olha, eu não tenho certeza se para todas as disciplinas vieram. Eu lembro que eu cheguei a ver isso, eu tenho certeza que eu vi isso, foi na outra cidade que lecionava, quando eu estava lá,</p>		<p>O depoente não tem certeza se neste ano de 2010 veio relatório para todas as disciplinas. Disse que na outra cidade que lecionava lembra que veio um relatório por habilidade, que os</p>	<p>Relatório do Saresp.</p>

	que veio por habilidade (que os alunos não desenvolveram ou que desenvolveram).		alunos desenvolveram ou não.	
<b>SP3.19</b>	Já mostraram (como funciona aquela escala de proficiência), a escola já pediu que fizesse assim, uma espécie de <u>simulação</u> , como se fosse aluno respondendo as atividades, a gente comparou também os <u>níveis</u> dos alunos ao decorrer do tempo.	<u>Simulação</u> : imitação do funcionamento de um processo por meio do funcionamento de outro. <u>Nível</u> : lugar numa tabela que classifica; categoria, classe, competência. Refere-se aos níveis de proficiência dados pelo Saresp.	O depoente conta que na escola mostraram como funciona a escala de proficiência. Diz que foi feita pela escola uma imitação do Saresp, com os professores respondendo as atividades, e que também comparam os níveis dos alunos no decorrer do tempo.	Níveis de proficiência. Escala de proficiência.
<b>SP3.20</b>	Sim, entendi (a escala).		O depoente entende a escala de proficiência do Saresp.	Escala de proficiência.
<b>SP3.21</b>	Na minha opinião, eu acho que na prática, (o Saresp) <u>serve</u> para que o governo tenha <u>controle</u> do <u>fluxo</u> , que entra no cálculo da nota do Saresp. Por quê? Porque olha só, o ano passado, a nossa escola, ela reprovou, eu acredito que em torno de quase 40 alunos do primeiro ano. To falando só do ensino médio. 40 alunos do primeiro ano, quase uns 20 alunos do segundo ano, e uns 10 alunos do terceiro ano. Então foi assim, uma quantidade muito grande pra nossa escola, de reprovação. Esse total de	<u>Servir</u> : trabalhar em favor de (alguém, uma instituição, uma idéia, uma causa); ser (pessoa ou coisa) adequada às necessidades de (alguém ou algo); ser útil, conveniente ou apropriado para (determinado fim) ou para produzir (determinado efeito). <u>Controlar</u> : ato ou efeito de controlar; monitoração, fiscalização ou exame minucioso, que obedece a determinadas expectativas, normas, convenções etc.; poder, domínio ou autoridade sobre alguém ou algo. <u>Fluxo</u> : No texto no sentido de quantidade de alunos aprovados	O depoente acha que o Saresp é conveniente para controlar o fluxo de alunos entre as séries, porque o número de alunos reprovados entra no cálculo do IDESP como punição. Conta que na escola em que leciona, por terem reprovado muitos alunos, houve influência no IDESP e não receberam o bônus. Vê como lado positivo que o Saresp estabelece metas à escola.	Utilidade do Saresp.

	<p>reprovação, acabou influenciando no cálculo do índice lá do Saresp, e a nossa escola acabou não recebendo o bônus, recebeu assim, coisa mínima porque tava bem colocada no ranking geral, mas não recebeu. Então, o que acontece? A nossa escola acaba sendo punida, porque reprovou. Acaba que os professores não recebem o bônus, então é uma forma de punição. Eu acho que na prática serviu pra punir. Porque vocês reprovaram, vocês vão ser punidos. Mas tem o lado positivo também, que eu vejo, não é tudo mal o Saresp, que é a questão das metas, que impõe à escola. Que isso eu vejo que é um lado positivo.</p>	<p>para a próxima série.  <u>Influenciar</u>: exercer uma ação psicológica, uma ascendência sobre alguém ou algo ou deixar subjugar-se por esta ação; causar ou sofrer uma modificação física ou intelectual.  <u>Ranking</u>: formação ou listagem (de pessoas, órgãos etc.); classificação ordenada de acordo com critérios determinados.  <u>Punir</u>: Infligir pena a; servir de castigo; dar castigo a.  <u>Na prática</u>: na realidade, no que acontece de fato.  <u>Impor</u>: tornar (algo) obrigatório ou indispensável (para alguém ou para si mesmo); forçar(-se), constranger(-se) a cumprir (algo); pôr em vigor; criar, instituir, estabelecer, fixar.</p>		
<p><b>SP3.22</b></p>	<p>Bom, eu acredito o seguinte, é só o governo fazer o que ele prega. Bom, se ele quer que o professor avalie de várias formas, que a todo momento avalie o aluno, então acho que no mínimo ele deveria fazer igual, né? Então, o governo teria que aplicar uma avaliação contínua no aluno, né,</p>	<p><u>Contínua</u>: que se repete a intervalos breves e regulares; seguido, sucessivo; que perdura sem interrupção; constante; não interrompido dentro de um tempo estipulado.  <u>Matriz curricular</u>: Se refere à matriz de referência para avaliação, disponibilizada pela SEE, onde</p>	<p>O depoente acredita que se o governo diz para os professores avaliar os alunos de várias formas, deve fazer o mesmo, avaliando não só com uma prova, e de maneira contínua durante o ano. Acha que deveria ser levada em conta na avaliação a questão da localização da</p>	<p>Mudança no Saresp.  Críticas ao Saresp.</p>

	<p>durante o ano. Não sei como, mas deveria fazer uma avaliação contínua. Acho também que deveria avaliar de outras maneiras, não só com uma avaliação, uma prova, não sei como né? Acredito também que deveria, que essa avaliação deveria ser regional. Olhar a escola, o bairro onde se situa, a questão da inclusão, que parece que agora ta entrando também né, a questão do Saresp né, que ele era avaliado como outro aluno, tal. Acredito que assim, que tem que ter uma avaliação. E outra coisa também, tem que disponibilizar também a prova para os professores, senão a gente fica formulando, pensando alguma coisa e, trabalha em cima do livro em si, mas... a gente tem acesso à <u>matriz curricular</u> que o governo disponibiliza, do Saresp, mas de fato a gente não tem acesso aos conteúdos, que foram cobrados na prova.</p>	<p>constam os conteúdos, habilidades e competência a serem avaliados.</p>	<p>escola e da inclusão de alunos com deficiência mental, pois esses alunos não devem ser avaliados como os demais. Também diz que os professores deveriam ter acesso às avaliações, para saber exatamente os conteúdos contemplados na avaliação, não somente pela matriz de referência para avaliação.</p>	
<p><b>SP3.23</b></p>	<p>Eu acredito que isso (disponibilizar os resultados individuais por aluno) seria</p>	<p><u>Incentivar</u>: dar incentivo a; despertar o ânimo, o interesse, o brio de; encorajar, estimular,</p>	<p>O depoente acha importante que se disponibilize os resultados individuais dos alunos no Saresp</p>	<p>Disponibilizar os resultados do Saresp de maneira individual.</p>

	<p>muito importante para o aluno, porque daí ia <u>incentivar</u> o aluno a fazer a prova. Por que? Porque olha só, quando você pega um aluno e aplica uma prova de matemática, se você aplica uma atividade, você fala, olha, essa atividade é pra <u>nota</u>, ele faz de um jeito. Se você pega uma atividade e aplica, pode ser uma avaliação, de repente venha da diretoria, e se o professor diz assim: essa atividade eu não vou considerar para conceito bimestral, não vai valer pra nota, né, ele faz de outra forma, isso a gente vê na sala de aula. Aluno que de repente não <u>fé</u> a prova e só <u>risca</u>, é coisa típica. Aluno que, de repente vai mal em nossas avaliações e vai fazer um ENEM e vai bem. Então assim, se o aluno tem um <u>retorno</u> para aquilo, ele acaba se <u>esforçando</u>. Então eu acho que sim, tem que mostrar a nota do aluno, você tem que divulgar pro aluno. Isso vai incentivar o aluno a fazer a prova, a gente vai ter uma noção mais próxima da realidade.</p>	<p>incitar; empenhar-se para que (algo) seja criado, realizado ou intensificado; impulsionar, promover; criar ânimo ou vontade de; decidir-se a.</p> <p><u>Nota</u>: avaliação acadêmica de trabalho, exame ou concurso prestado, atribuindo-se um conceito, a nota.</p> <p><u>Retorno</u>: ato ou efeito de retornar; regresso, volta; revide, réplica. No texto, no sentido de dar uma explicação sobre o desempenho de um aluno que realizou uma prova.</p>	<p>para incentivá-los a fazer a prova, pois os alunos fazem uma atividade qualquer com mais empenho quando vale nota, quando ele tem um retorno sobre seu desempenho. Acredita que, assim, ter-se-á uma noção mais próxima da realidade, com os dados do Saresp.</p>	<p>Críticas ao Saresp.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------

<p><b>SP3.24</b></p>	<p>Eu acho que não é <u>adequado</u> (o comprometimento dos alunos) com o Saresp. Não só com o Saresp, inclusive nas avaliações bimestrais. Eles não se comprometem a ser avaliados. Alguns, porque eles têm defasagem na matemática. Então você pega alguns alunos do terceiro ano, que têm dificuldade com conteúdo de 7º e 8º ano, assim, não consegue resolver. Então eles acabam assim, como um mecanismo de autodefesa, até, de não fazer a prova. Então eles não fazem. Eles acabam falando assim, ah não vou fazer. Então você sabe muitas vezes, ah, ele não sabe, mas alguma coisa talvez ele poderia fazer, pra dar um norte pro professor, mas ele se nega a fazer. E de repente ele vai <u>recuperar</u> a nota dele ou com um <u>trabalho</u> em grupo, ou vai recuperar a nota dele numa recuperação, ele vai deixar pra fazer em algum outro momento, mas aquela avaliação individual, os alunos se negam a fazer. Isso é fato. Tanto que você pega</p>	<p><u>Adequado</u>: que está em perfeita conformidade com algo; adaptado, ajustado; apropriado ou conveniente a. <u>Defasagem</u>: falta de sintonia; atraso, descompasso. <u>Mecanismo de autodefesa</u>: conjunto de sentimentos, representações e tendências comportamentais que sobrevêm, automaticamente, quando um indivíduo percebe uma ameaça psíquica, e que o protegem da angústia, de uma tomada de consciência dos conflitos e perigos internos e externos, ou permitem-lhe acomodar-se de forma mais fácil, sem necessariamente conscientizar-se deles nem atingir de fato uma nova adaptação ou um domínio da situação [Conceito introduzido por Anna Freud (1895-1975)]. <u>Norte</u>: direção que se toma; rumo. <u>Recuperar</u>: recobrar (saúde, ânimo etc.), ganhar novas forças; restabelecer(-se); promover a restauração de. <u>Empenhar</u>: dedicar(-se) com afinco; aplicar(-se). <u>Expor</u>: apresentar(-se), pôr(-se) à</p>	<p>O depoente não acha apropriado, em geral, o comprometimento dos alunos na avaliação do Saresp nem nas avaliações feitas dentro da escola. Diz que há dois motivos para os alunos agirem assim: um que por terem defasagens no conhecimento em matemática, relativo à série em que se encontram, como mecanismo de se defender, para não se expor a constrangimentos, negam-se a fazer avaliações individuais, já que em geral podem recuperar a nota com um trabalho em grupo. Outro motivo é que o aluno sabe que sempre vai ter outra chance para se recuperar, e que ele pode ser promovido de maneira fácil, então não se empenha.</p>	<p>Comprometimento dos alunos em avaliações. Motivos para a falta de comprometimento.</p>
----------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>aluno que presta de repente um ENEM no 3º ano e você vê que tem uma nota boa, ou mais ou menos, e você vai olhar uma avaliação em sala de aula, ele não tem nota nenhuma. Isso é fato, eles não se <u>empenham</u>. De maneira geral, claro. Nem na sala de aula e nem no Saresp, de maneira geral eles não se empenham. Apesar que aqui na escola nós temos bons alunos. Alunos que você pode falar que não vale nada aquela avaliação, que ele vai estar se empenhando. A gente tem sempre os dois lados extremos. Mas, de maneira geral, os alunos não se empenham. Ele não vai se empenhar, eu vejo, por dois motivos, um como uma autodefesa dele, porque ele sabe que tem certa defasagem e não quer se <u>expor</u> para os colegas, então ele não vai fazer a prova, ele não faz nada, simplesmente nada, <u>chuta</u> tudo, ou faz de qualquer jeito. Ou mesmo o Saresp, ou mesmo uma prova que o professor leva uma hora, uma hora e meia pra realizar, o</p>	<p>vista ou em exibição; colocar(-se) em evidência; deixar ou ficar a descoberto; sujeitar(-se) a danos, desgostos, constrangimentos.  <u>Chutar</u>: No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente.  <u>Passar a mão na cabeça</u>: Perdoar ou acobertar um erro.</p>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>aluno vai fazer em 20 minutos e vai entregar. Isso a gente vê, né, que ele não faz, talvez porque seja uma auto defesa, e outra porque ele vê que aquilo de repente não vai gerar nota, ou aquilo lá... ele pode fazer uma recuperação depois, ele pode tentar depois, sempre vai ter uma chance, sempre o governo <u>passa a mão na cabeça</u>, que ele vai ser de repente promovido, ele sabe que ele vai ser, ele sabe que vai ser fácil e acaba não fazendo. Então tem os dois lados.</p>			
<p><b>SP3.25</b></p>	<p>Nossa escola, esse ano, a gente teve um problema que o professor de recuperação ele entrou em <u>licença</u>, né. Ele ficou um bom período, licença saúde, ele teve que operar, coisa e tal, então isso quebrou a recuperação. Mas, teve alguns alunos que participaram né? Assim, a participação ainda foi mínima, perto do grau de defasagem que eles têm foi mínima, porque a gente sabe, que tem salas que se fosse levar a <u>rigor</u>, mesmo teria que pegar</p>	<p><u>Licença</u>: Concessão de isenção temporária de serviço.  <u>Rigor</u>: exatidão extrema; retidão, precisão.  <u>Contra turno</u>: Em outro turno, que não aquele em que o aluno estuda.  <u>Contingente</u>: determinação quantitativa; número.</p>	<p>O depoente afirma que teve alguns alunos que participaram da recuperação, porém que essa participação foi mínima. Diz que os alunos deveriam frequentar no período contrário ao que estudam, mas os do noturno em geral não podem, pois trabalham durante o dia. Assim, a escola encontrou uma solução, que foi trabalhar junto o professor regular e o professor da recuperação, em algumas aulas, com conteúdos diferentes. Conta que se fossem rigorosos, o</p>	<p>Recuperação.</p>



	<p>metade dos alunos, colocar em recuperação, e essa metade deveria de participar no <u>contra turno</u>, né, da recuperação. Mas, o que acontece, essa metade, eu to falando assim, de maneira geral, esse grande <u>contingente</u> de aluno, eles não podem frequentar a recuperação no outro turno, porque trabalha. Então já é um problema. Então o coordenador, encontrou uma solução, que junto em algumas aulas, a gente trabalhar os dois professores, conteúdos distintos. Bom, eu acredito que foi muito bom, por que? Porque a gente conseguiu fazer o seguinte, separando o conteúdo, né, enquanto uma turma via lá, regra de sinais, isso no terceiro ano do ensino médio, regra de sinais, teorema de Pitágoras, conceitos fundamentais da matemática, a outra turma podia trabalhar outro tipo de conceito. Então rende mais, porque separar uma turma de trinta e poucos alunos, do terceiro ano, pra trabalhar regra de sinais, vai gerar um problema</p>		<p>número de alunos que deveria participar da recuperação seria de metade dos alunos. Os conteúdos vistos em recuperação para o terceiro ano do ensino médio eram de conceitos fundamentais da matemática, como regras de sinais e teorema de Pitágoras. Disse que o professor de recuperação ficou de licença saúde por um bom tempo. Conclui que o funcionamento da recuperação foi mínimo perto da defasagem dos alunos.</p>	
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>por quê? Aqueles alunos que já conhecem o conteúdo, que já dominam o conteúdo, eles vão se dispersar, vão conversar, né, eles vão... e aqueles alunos que não sabem, de repente eles vão até ficar com vergonha de prestar atenção, né, na matéria. Então você não consegue trabalhar mais no terceiro ano. Então o reforço, acho que funcionou, resgatou alguns alunos, mas foi mínimo perto da nossa defasagem. Foi mínimo.</p>			
<p><b>SP3.26</b></p>	<p>Eu sou contra (a <u>progressão continuada</u>). Eu acredito assim, a escola tem que dar uma <u>oportunidade</u> para todos os alunos. Isso é <u>papel</u> do governo, a gente nem discute né. Oportunidade é uma coisa, agora, acredito que não resolve, não vai resolver o problema da educação, a gente <u>fabricar</u> diploma, entregando na mão do aluno sem que de fato o aluno tenha conhecimento. Isso não vai resolver nosso problema. Sou contra também a <u>progressão continuada</u> porque os alunos não</p>	<p><u>Progressão continuada</u>: Procedimento utilizado pela escola que permite ao aluno avanços sucessivos e sem interrupções, nas séries, ciclos ou fases. <u>Oportunidade</u>: qualidade, caráter do que é oportuno; ocasião azada; circunstância oportuna, favorável para a realização de algo; ensejo; circunstância conveniente, útil, benéfica; conveniência, interesse, utilidade. <u>Papel</u>: dever, obrigação legal, moral, profissional etc. ou atribuição, função que se desempenha ou cumpre.</p>	<p>O depoente é contra a <u>progressão continuada</u> da forma que ela foi imposta, pois diz que a escola hoje entrega diplomas sem que o aluno tenha o conhecimento. Também diz ser contra a <u>progressão</u>, pois os alunos não se sentem instigados a estudar. Afirma que não seria contra a <u>progressão continuada</u> se trabalhasse com turmas pequenas e ficasse mais tempo na escola, para que pudesse fazer um trabalho individualizado com os alunos. Diz que seria igualmente</p>	<p>Progressão continuada.</p>

	<p>se sentem <u>desafiados</u>, então eles acabam deixando tudo pra <u>última hora</u>. E a gente ta perdendo muito com a progressão continuada, mais do que a gente ganha. Olha, eu não vou dizer que eu sou totalmente contra a progressão. Por que? A gente conhece a <u>metodologia</u>, como ela foi formulada, que acredito que se trabalhasse com turmas menores, sei lá, não sei, 10 alunos, 15 alunos, que a gente sabe que alguns países da Europa trabalham com essa quantidade de aluno. Se trabalhasse com uma turma pequena e se se tivesse mais tempo, dentro da escola, o aluno, né, eu acredito que sim, o professor poderia dar um trabalho individualizado para aquele aluno e não haveria necessidade de reprovar o aluno. Poderia passar para o ano seguinte, o professor, né, no caso, to considerando que ele seja ele efetivo, que seja <u>da casa</u>, conhecendo o aluno, possa <u>resgatar</u> aquilo no ano seguinte e ir numa boa. Então eu não sou</p>	<p><u>Discutir</u>: analisar questionando; levantar questões a respeito de (algo); examinar pormenorizadamente; defender pontos de vista contrários sobre (algo); debater; pôr em dúvida (algo); contestar.  <u>Fabricar</u>: executar a construção de; construir, edificar; inventar (algo); forjar, maquinar.  <u>Desafiar</u>: fazer surgir; despertar, instigar, suscitar; usar de meios para seduzir; tentar.  <u>Última hora</u>: Expressão que se refere a coisas realizadas quando o prazo está se esgotando.  <u>Metodologia</u>: corpo de regras e diligências estabelecidas para realizar uma pesquisa; método.  <u>Da casa</u>: No texto se refere ao professor que possui cargo efetivo em determinada escola, ele é “da casa” em relação a tal escola.  <u>Resgatar</u>: conseguir (algo) à custa de muito esforço, de sacrifício; voltar a ter; recuperar.  <u>Processo</u>: ação continuada, realização contínua e prolongada de alguma atividade; seguimento, curso, decurso; seqüência contínua</p>	<p>importante o professor lecionar na mesma escola no ano seguinte, para assim já conhecer o desenvolvimento dos alunos e poder sanar as dificuldades.</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>contra a progressão continuada, mas da forma que é imposta não dá certo. Eu tenho uma turma, hoje, de 36 alunos no 2º ano, eu sei dos problemas que cada um ali tem, do que precisa ser recuperado, tanto que na recuperação a lista de exercícios eu que fazia, e passava pro professor de reforço. Eu sei do <u>processo</u> que aquele aluno ta passando, mas o ano que vem esse aluno vai pro terceiro ano, pode ser que um outro professor assumo. Por que a quantidade de aulas de matemática que a gente tem aqui, é, sobra, então vai ter professor ACT que é de outra escola, que nem conhece a realidade da nossa escola, que vai pegar esses alunos. E como ele vai poder dar continuidade nesse trabalho, se ele nem efetivo é, eu não to dizendo que efetivo é melhor, eu to dizendo que não ta dentro da casa, não conhece o aluno para poder dar continuidade. Então como que vai continuar esse trabalho? É complicado.</p>	<p>de fatos ou operações que apresentam certa unidade ou que se reproduzem com certa regularidade; andamento, desenvolvimento, marcha.</p>		
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

<b>SP3.27</b>	Se ela é <u>confiável</u> (a prova do Saresp)? Olha, pode até parecer assim, acho que o SP3 não quer responder sobre o Saresp, mas não é. É que eu não tenho assim, tanta informação pra poder formular. Da aplicação, assim, eu não tenho tanto conhecimento para falar. De repente eu posso até estar fazendo um <u>juízo de valor</u> .	<u>Confiável</u> : em que se pode confiar; digno de confiança; honesto, leal, sincero; sobre cuja segurança, resistência, firmeza, precisão etc., pode-se estar tranqüilo (diz-se de objeto, aparelho, método etc.); em que se pode acreditar; digno de fé; fidedigno. <u>Juízo de valor</u> : julgamento que expressa uma apreciação, avaliação ou interpretação sobre a realidade, sem compromisso com o ideal da neutralidade científica.	O sujeito SP3 diz não ter informação suficiente sobre a aplicação, para falar sobre a confiabilidade da prova do Saresp.	Confiabilidade do Saresp.
<b>SP3.28</b>	Eu nunca participei da aplicação, mas pelo que eu vejo, parece ser bem <u>organizado</u> . Apesar que eu já vi, em algumas escolas, de abrir o <u>pacote</u> e não ter a prova pra aplicar no dia. Mas eu não sei, pelo menos aqui na nossa escola, os alunos assim todos sentadinhos, recebem a avaliação bonitinho, respondem a avaliação, coisa e tal. Eu ouvi dizer, que essa prova, não sei nem se foi assim ou não, mas que o aluno tinha que marcar se era prova amarela, branca, não sei se chegou acontecer isso assim. Se realmente foi assim, acredito que	<u>Organizado</u> : que se organizou; disposto de forma ordenada, regular; planejado para uma melhor realização de (algo). <u>Pacote</u> : Lugar em que as provas vêm para serem aplicadas na escola. <u>Confusão</u> : ato ou efeito de confundir(-se); estado do que é ou se encontra confundido, misturado; ato ou efeito de tomar uma pessoa ou uma coisa por outra; equívoco, engano. <u>Formato</u> : configuração física, aparência de uma pessoa ou coisa; feito, forma. No texto, no sentido de tipo de prova. <u>Fraude</u> : qualquer ato ardiloso,	O sujeito diz que nunca participou da aplicação do Saresp, mas pelo que vê, é bem organizado e não sabe se há possibilidade de haver fraude, por exemplo, o aplicador falar a resposta para os alunos. Conta que ouviu dizer que o aluno tinha que marcar se a prova era de determinada cor, o que acredita pode ter causado confusão.	Seriedade/confiabilidade do Saresp.

	<p>possa ter tido muita <u>confusão</u> né?  O <u>formato</u> de prova, com aquele formato que a gente trabalha em sala de aula. Mas não sei, se há possibilidade de ter <u>fraude</u>, se há possibilidade de o aplicador falar a resposta pros alunos. Não sei se há a possibilidade de, mesmo o aluno, confundir a marcação das provas. Não sei, porque eu to longe dessa aplicação. Eu nunca participei.</p>	<p>enganoso, de má-fé, com o intuito de lesar ou ludibriar outrem, ou de não cumprir determinado dever; logro.</p>		
<p><b>SP3.29</b></p>	<p>Eu acredito também assim ó, na educação, a gente tem vários problemas, então acho que o professor sabe muito bem disso. E não acho que vai ser uma avaliação que vai mudar tudo, que vá mudar... Acho que a avaliação faz parte de um processo. E eu acho que mais importante que a avaliação, é o que vai se fazer depois dessa avaliação. O que o professor trabalha depois. Na minha sala de aula, eu trabalho muito com a questão da avaliação. Mas nós trabalhamos assim, eu dou uma avaliação pra turma, se eu percebo que tem uma dúvida</p>	<p><u>Brincar</u>: não falar a sério; gracejar.</p>	<p>O depoente acredita que não é uma avaliação que vai resolver os problemas da educação, mas que, sim, faz parte de um processo, no qual a importância da avaliação reside no retorno que se tem após sua realização. Diz que o Saresp aplica uma avaliação, avalia o que os alunos não sabem e acaba aí, sendo uma avaliação por si só, o que não ajuda na educação.</p>	<p>Importância do retorno de uma avaliação.</p>

	<p>geral ainda, né, se tem um conceito que eu falo, os alunos, parece que eles não entenderam isso aqui, ta todo mundo errando. Eu procuro retomar o conteúdo. Não é que a avaliação fecha o conteúdo e acabou, não se fala mais nisso. Eu faço isso na sala de aula, realmente faço isso, eu acabo retomando. Tem até os alunos falando: professor, esse exercício você já deu, você já trabalhou! Ainda eu <u>brinco</u>, digo: eu já trabalhei, mas parece que vocês não entenderam. A gente acaba retomando esses conteúdos. Agora, O Saresp vai aplicar uma avaliação, os alunos vão ver aquilo, e vai avaliar o que, que não sabe, e boa, acabou e termina aí, então, acho que a avaliação por si só não ajuda muito a gente não.</p>			
<p><b>SP3.30</b></p>	<p>Essa parte eu acho que é importante, a parte da <u>análise</u>, isso é importante porque a gente traça metas, mas acredito que não é assim, <u>fundamental</u>. Isso não vai ser assim, fundamental pra mudar. Assim, é bom, é</p>	<p><u>Análise</u>: ato ou efeito de analisar(-se); estudo pormenorizado de cada parte de um todo, para conhecer melhor sua natureza, suas funções, relações, causas etc.; exame, processo ou método com que se descreve, caracteriza e compreende</p>	<p>O depoente acredita ser importante analisar os resultados do Saresp para se delinear metas e conhecer um indicador quantitativo de sua escola. Mas diz que também se deve olhar a realidade de onde vêm os</p>	<p>Índices de escolas com processo seletivo. Mudança no Saresp, olhar para a realidade da escola.</p>

	<p>importante? É, pra gente conhecer, pra gente saber, assim, ter um indicador <u>quantitativo</u> bom, né. Mas agora, pode ser que aquele número pra minha escola, apesar de ser um número baixo, esteja muito bom. Se a gente olhar a realidade de onde vêm esses alunos. Porque, vamos dar nome, né, por exemplo, se eu avaliar um aluno aqui dessa escola, que ta no 3º ano, e avaliar um aluno lá do Bayer, ele ta estudando lá numa escola, que também é pública, lá no B. O aluno do B., é lógico que ele vai ter que se sair melhor que o desta escola. Por que? O aluno daqui que ta na 8ª série, ele vai prestar o <u>vestibulinho</u> do B., e se ele for bom, se ele tiver notas boas, se ele se empenhou no ensino fundamental daqui, ele vai estudar no B.. Então os nossos alunos que iriam puxar a nota para cima, saem da nossa escola, vai pra essa outra escola. E essa outra escola vai receber alunos bons, do B., do B., então essa escola, é lógico que vai ter o</p>	<p>algo (um texto, uma obra de arte etc.), para proporcionar uma avaliação crítica do mesmo.  <u>Traçar</u>: conceber (plano, projeto etc.); delinear, projetar.  <u>Fundamental</u>: que serve de fundamento, de alicerce; que tem caráter essencial e determinante; básico, indispensável.  <u>Quantitativo</u>: que concerne à quantidade; que indica a quantidade; pertencente ao domínio dos valores ou quantidades numéricas; que concerne à medição desses valores ou quantidades.  <u>Vestibulinho</u>: Processo seletivo para ingresso em cursos técnicos, em nível de ensino médio.  <u>Obrigado</u>: que é prescrito, imposto por lei, pelo uso, convenção etc.; obrigatório; forçado pelas circunstâncias; compelido.</p>	<p>alunos. Cita como exemplo uma escola na qual os alunos passam por processo seletivo para entrar. Diz que essa escola recebe os melhores alunos da cidade, portanto deve ter um bom índice de avaliação, independente do trabalho feito na escola. Conta que os índices da escola que leciona podem não ser bons porque os melhores alunos saem da escola e também porque o conteúdo no ensino médio aumenta muito, prejudicando alunos já com defasagem anterior.</p>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--



	<p>índice lá em cima. Isso é, teoricamente, quase que <u>obrigado</u> a ter um bom índice. Independente de qualquer trabalho que se faça. Agora, você olha o índice daqui, ah mas porque esta escola cai no ensino médio? Uma em função disso, que os alunos bons saem pra estudar nessa escola. E outra por conta do conteúdo, que a gente vê que aumenta muito, e os alunos não conseguem acompanhar por conta da defasagem.</p>			
<b>SP3.31</b>	<p>Eu acho bom (a divulgação dos resultados do Saresp). Eu acho que sim, deveria divulgar. Eu acho assim, quanto mais a gente acaba divulgando, eu acho que quebra aquela questão do <u>anônimo</u>. Ahh, ninguém sabe o que eu fiz, né... e as pessoas acabam se expondo mais e se comprometendo mais. Então eu acho bom.</p>	<p><u>Anônimo</u>: condição ou atributo do que é anônimo.  <u>Anônimo</u>: que não tem o nome ou a assinatura do criador; sem autoria; que ou o que é obscuro, desconhecido; que ou o que não tem nome ou renome.</p>	<p>O depoente acha boa a divulgação dos resultados do Saresp, pois as pessoas se expõem mais, assim se comprometendo mais.</p>	<p>Divulgação dos resultados.</p>
<b>SP3.32</b>	<p>Deveria se divulgar a questão da nota individual dele, poderia vir atrelado ao <u>histórico</u> do aluno. Então eu acho que quanto mais</p>	<p><u>Histórico</u>: descrição cronológica de fatos. Neste caso, a descrição das disciplinas estudadas no decorrer dos anos escolares, suas respectivas</p>	<p>O depoente acha que a nota individual do aluno deveria ser divulgada, podendo vir no histórico escolar do aluno.</p>	<p>Divulgação resultados individuais.</p>

	<p>divulgar, melhor. Porque daí gera o comprometimento: da escola, do aluno, do professor, de todo mundo. Porque enquanto, né, o professor ficar fechado na salinha, no <u>mundinho</u> dele, e não mostrar o trabalho dele, ele também acaba se acomodando. E enquanto a escola fica fechada ali, dentro dos portões da escola, também fica fechada naquele mundinho. A partir do momento que você acaba se expondo, você fala: opa! Isso pode melhorar, não é esse, eu quero ser melhor que a outra escola, então acaba se <u>mexendo</u>, todo mundo, eu <u>acredito</u>, pelo menos deveria né?</p>	<p>notas e frequência, por cada aluno. <u>Mundinho</u>: Se refere à um mundo pequeno, espaço íntimo, escolhido para certo modo de viver. <u>Acomodar</u>: costumar-se ou resignar-se com uma situação, ou não fazer esforço para modificá-la para melhor. <u>Se mexer</u>: pôr(-se) em movimento, fazendo sair, ou saindo, da posição original; mover(-se), deslocar(-se)</p>	<p>Acredita que, desse modo, alunos, professores e todos envolvidos se comprometeriam mais, devido à exposição que estariam submetidos.</p>	
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Fonte: dados organizados pela autora.

**Quadro 63** - Análise Ideográfica Sujeito professor 4.

<b>Nº US</b>	<b>Unidades de Sentidos</b>	<b>Enxerto Hermenêutico</b>	<b>Unidades de Significado</b>	<b>O que dizem as US.</b>
SP4.1	<p>Eu acredito que <u>conteúdo</u> a gente trabalha aquilo que a gente acha ser o importante. O Saresp no final é a <u>cobrança</u> desse conteúdo. (O conteúdo) do ano, que a gente tem que trabalhar com eles. É...é uma cobrança o Saresp, na realidade.</p>	<p><u>Conteúdo</u>: Assunto que faz parte do currículo. <u>Cobrar</u>: pedir, exigir o cumprimento de (promessa ou compromisso); exigir em troca.</p>	<p>A depoente diz trabalhar com os alunos os conteúdos que acha importante em relação ao ano de estudo e afirma que o Saresp cobra esse conteúdo.</p>	<p>Conteúdo cobrado pelo Saresp.</p>

	<p>Uma cobrança daquilo que o aluno aprendeu.</p> <p>O que eu acho que não acontece é essa cobrança para que o aluno aprenda, porque nós estamos... que nem eu que trabalho com o ensino fundamental, não importa se eles sabem ou não, então essa <u>progressão continuada</u>, eu acho que atrapalha muito o aprendizado. Isso eu acredito. Agora, em função do Saresp, eu acho que se eles realmente tivessem um envolvimento com o aprendizado, eu acho que é uma coisa <u>válida</u>. Eu acho que é.</p>	<p><u>Progressão continuada</u>: Procedimento utilizado pela escola que permite ao aluno avanços sucessivos e sem interrupções, nas séries, ciclos ou fases.</p> <p><u>Envolver</u>: ter ou conter em sua área, em seus limites; conter em si; abranger, abarcar, encerrar, incluir; conter em si; estar à volta de; cercar, esp. acompanhando o contorno; cingir, contornar, rodear; fazer tomar ou tomar parte em; expor(-se); enredar(-se), implicar(-se), meter(-se), misturar(-se).</p> <p><u>Válido</u>: que tem embasamento bem fundado; correto, certo; que é apropriado ao fim a que se destina.</p>	<p>A depoente acha que os alunos deveriam ser cobrados para que aprendessem, pois acredita que na progressão continuada não importa se os alunos sabem ou não. Acha que se os alunos se envolvessem com o aprendizado, o Saresp seria apropriado para medir o conhecimento que o aluno adquiriu.</p>	<p>Envolvimento dos alunos.</p> <p>Validade do Saresp.</p>
<p>SP4.3</p>	<p>Não (mudei alguma coisa na minha aula perto do Saresp, no nono ano), eu trabalhei conteúdo normal, logicamente quando vai chegando próximo a gente procura assim, tá lembrando as coisas que ficou, que você trabalhou já em anos anteriores, no começo do ano, vai lembrando aquilo que foi trabalhado, mas assim, eu não acredito que com uma revisão, eu</p>	<p><u>Revisão</u>: Ato ou efeito de rever; novo exame; nova leitura. No texto: Revisar um conteúdo curricular já visto em outras épocas.</p>	<p>A depoente diz que quando chega próximo da data do Saresp, procura fazer uma revisão do conteúdo, mas que trabalha conteúdo normal.</p>	<p>Rotina das aulas à época do Saresp.</p>

	acho que é uma lembrança, não é um aprendizado profundo daquilo que você trabalha, certo?				
SP4.4	É feito ( <u>simulado</u> ). Nós fizemos simulados assim, durante o ano todo, a gente vai trabalhando.	<u>Simulado</u> : No dicionário: Fingido; disfarçado; aparente; suposto. No texto: Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino.	A professora diz que são feitos simulados do Saresp durante o ano todo.	Simulados.	
SP4.5	Eu sempre tive <u>hábito</u> de trabalhar assim com prova, com atividades, sempre independente de tá dando <u>nota</u> de bimestre baseado só em avaliação. Você avalia o aluno no todo, mas assim, prova para avaliar o que eles estão aprendendo ou não, eu sempre tive o hábito de fazer, independente de Saresp ou não.	<u>Hábito</u> : maneira usual de ser, fazer, sentir, individual ou coletivamente; costume, regra, modo; maneira permanente ou frequente, regular ou esperada de agir, sentir, comportar-se; mania. <u>Nota</u> : avaliação acadêmica de trabalho, exame ou concurso prestado, atribuindo-se um conceito, a nota.	Conta que sempre teve o costume de trabalhar com provas para avaliar o que os alunos estão aprendendo, independente do Saresp. Afirma que avalia o aluno como um todo, não dá nota baseado só em provas.	Avaliação dos alunos em sala de aula.	
SP4.6	Eu to faz 24 anos (dando aula).		A depoente leciona há 24 anos.	Tempo há que exerce a função de professor.	
SP4.7	Nota junto com a avaliação de bimestre (o simulado).		A nota do simulado fez parte da avaliação bimestral.	Nota do simulado.	
SP4.8	Ah, eu acho que basicamente é aquilo que a gente trabalha (conteúdo cobrado no Saresp), é mais ou menos o estilo de trabalho meu, é mais ou menos, porque a gente, como isso daí já vem sendo <u>implantado</u> faz tempo, a gente	<u>Implantar</u> : iniciar e promover o desenvolvimento de (algo ou de si mesmo); estabelecer(-se), fixar(-se). <u>Em cima</u> : No texto, no sentido de por meio de, usar algo para determinado fim.	A depoente acha que o conteúdo cobrado no Saresp é basicamente o mesmo trabalhado em sala de aula. Afirma que como o Saresp vem se estabelecendo há tempos, procura também trabalhar com o que vem sendo pedido.	Conteúdo cobrado pelo Saresp.	

SP4.9	<p>procura trabalhar, também em cima do que vem sendo pedido no Saresp, também.</p> <p>Uma que os <u>livrinhos</u>, que eu trabalho com os <u>livrinhos</u>, particularmente eu acho que tem algumas coisas que não, sei lá, na minha escola, por exemplo, tem coisas que é difícil para eles estarem entendendo, mas eu gosto do conteúdo, do <u>caderninho</u>. Falar assim, ah mas ele é <u>imposto</u>, a gente, eu não trabalho só com ele, tenho assim, meu armário tem <u>livros</u> de diversos autores, eu procuro manter um pouco, que eu acho que o que é <u>ilustrado</u> é melhor para ser trabalhado, um desenho, uma figura colorida e a gente não tem assim, o aluno não tem <u>acesso</u> a tudo isso, então eu pego assim, uma coisa que eu acho importante de um determinado autor, eu levo pra eles em termos de conteúdo daquilo, junto com o <u>caderninho</u> pra poder aprofundar, porque o <u>caderninho</u> vem assim, muitas vezes com bastante exercício, e você tem que trabalhar antes, pra ele poder entender o que está sendo</p>	<p><u>Livrinhos</u> e <u>caderninho</u>: se refere a cadernos entregues aos professores a partir de 2008, consonantes com a nova proposta curricular, implantada no mesmo ano. Os alunos também recebem o caderno a partir de 2009. Neles, são apresentadas situações de aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos. <u>Impor</u>: tornar (algo) obrigatório ou indispensável (para alguém ou para si mesmo); forçar(-se), constranger(-se) a cumprir (algo). <u>Livros</u>: se refere a livros didáticos de Matemática. <u>Ilustrar</u>: tornar compreensível; esclarecer, elucidar, comentar, explicar; enfeitar (texto) com figura ou estampa; servir como exemplo; demonstrar, exemplificar. <u>Acesso</u>: No texto, no sentido de possibilidade de chegar a; aproximação, chegada. <u>Material concreto</u>: também chamado de material manipulativo,</p>	<p>A depoente afirma trabalhar com o material enviado pela Secretaria da Educação de acordo com a nova proposta curricular e também com livros didáticos de diversos autores para ilustrar melhor o conteúdo que trabalha. Diz que usa os livros didáticos também para aprofundar, pois o caderno enviado para o aluno vem muitas vezes com bastantes exercícios e precisa-se trabalhar o conteúdo antes. Também conta que busca atividades diferentes e trabalhar com material manipulativo, por acreditar que torna o aprendizado mais fácil, porém dizendo que atualmente esse tipo de material é trabalhado na oficina de Experiências Matemáticas, pertencente à Escola de Tempo Integral.</p>	<p>Uso da nova proposta e livro didático.</p>
-------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------

	<p>feito. Então eu procuro buscar atividades diferentes, trabalho assim, muito com <u>material concreto</u>, eu gosto de fazer isso, embora aqui a gente tenha aula de <u>experiência Matemática</u>, por ser <u>escola de tempo integral</u>. Então a parte mais concreta fica sempre para o professor que trabalha à tarde, mas eu sempre gostei de trabalhar, porque eu acho que aquilo que você mostra, que o aluno vê, é muito melhor pra ele aprender, fica muito mais fácil. Então...</p>	<p>utilizados nas aulas de Matemática para auxiliar no aprendizado de determinados conceitos. <u>Experiências Matemáticas: Oficina obrigatória</u> presente nas escolas de tempo integral. <u>Escola de tempo integral</u>: Atualmente 313 escolas funcionam em regime de Tempo Integral no Estado de São Paulo, onde os alunos permanecem de 7 a 9 horas diárias, divididas em 2 turnos, um com disciplinas do currículo básico e outro com oficinas curriculares obrigatórias e optativas.<sup>185</sup></p>		
SP4.10	<p>Têm, então, os livros que eu falo assim pra você, eu não consigo me desfazer de todos, o que eu posso guardar, por exemplo, às vezes 20 exemplares de cada autor que a gente tem aí eu seguro, nem que for pra juntar os alunos em dupla, pra gente poder, porque, um autor trabalha duma forma, o outro de outra, então às vezes um conteúdo é melhor num livro o outro é melhor em outro, então eu costumo fazer isso...Meu armário é cheio de</p>	<p><u>Distribuir</u>: entregar uma parcela (de algo) a diversos receptores; repartir, dividir.</p>	<p>A depoente diz que guarda em torno de 20 exemplares de cada livro didático para trabalhar com os alunos, após entregar os livros que são deles. Faz isso, pois diz que cada autor trabalha de uma forma, e que dependendo do conteúdo usa um livro.</p>	<p>Uso do livro didático.</p>

<sup>185</sup> Disponível em [http://cemp.edunet.sp.gov.br/escola\\_integral/2007/Default.asp](http://cemp.edunet.sp.gov.br/escola_integral/2007/Default.asp). Acesso em 28/04/2011.

	<p>livros, eu não deixo pra ninguém, ah, vamos distribuir...eu distribuo aquilo que é do aluno e sempre fico com um pouco pra poder estar trabalhando, porque eu acho que é mais fácil pra eles aprenderem.</p>			
<p>SP4.11</p>	<p>O que eu sinto falta mesmo é a falta de comprometimento do aluno. Eu acho que <u>capacidade</u> eles têm, independente, assim, de com quem a gente trabalha. Porque a gente sabe, assim, que tem criança que o <u>poder aquisitivo</u> é melhor, o pai fica em casa, ajuda, se preocupa, e tem aquele que o pai não liga, ele simplesmente põe na escola, não sabe nem o que está sendo feito, então essa falta de cobrança de nota eu acho que é o maior problema que a gente tem. Não é o problema do aluno não saber, eu acho que essa fase que a gente ta passando, do aluno não conseguir entender, principalmente a Matemática, a Matemática é <u>raciocínio</u> não é? Ele tem que buscar aquilo que ele já fez, que ele aprendeu lá na primeira série, uma tabuada, uma conta de, então você esbarra muito nisso, ele não</p>	<p><u>Comprometimento</u>: ação ou fato de comprometer (-se).  <u>Comprometer-se</u>: obrigar-se por compromisso; tomar parte ou envolver-se em.  <u>Capacidade</u>: qualidade ou condição de capaz; habilidade física ou mental de um indivíduo; aptidão, perícia.  <u>Poder aquisitivo</u>: capacidade que tem um indivíduo, um grupo social, uma moeda etc. de adquirir bens e serviços; poder de compra.  <u>Raciocínio</u>: exercício da razão através do qual se procura alcançar o entendimento de atos e fatos, se formulam idéias, se elaboram juízos, se deduz algo a partir de uma ou mais premissas, se tiram conclusões.  <u>Significativa</u>: que significa, que denota ou exprime com clareza; cheio de significado; que contém revelação interessante; expressivo.</p>	<p>A depoente diz que falta compromisso do aluno com aprendizagem, pois eles são capazes de aprender. Acredita que a falta de cobrança de notas é o maior problema da escola atualmente, o que causa a falta de interesse do aluno, já que se ele tirar qualquer nota não fará diferença. Diz que o aluno em Matemática tem que buscar o que já aprendeu e que se esbarra em alunos que não conseguem fazer multiplicação corretamente. Atribui importância à família, dizendo que têm pais que se preocupam e têm pais que não sabem o que está sendo feito na escola. Diz também que quando os pais trabalham em lugares que não exigem muitos anos de estudos escolares, os alunos acham que basta conseguir o que os pais conseguiram, não dando</p>	<p>Falta de comprometimento dos alunos.  Cobrança de notas.  Importância da família.  Falta de pré-requisito.</p>

	<p>consegue fazer uma multiplicação de acordo...e a falta de interesse em estar aprendendo, eu acho que ela é muito <u>significativa</u>, porque se ele tirar 2 ou ele tirar 8, pra ele não faz diferença, não é? Principalmente aquele que tem em casa, assim, que o pai trabalha numa cerâmica, assim, num lugar aonde não exija um estudo maior, ele acha que se ele conseguir aquilo que o pai consegue, pra ele é o <u>suficiente</u>. Então ele não precisa, ele acha que ele não precisa daquilo. Sei lá, eu vejo por esse lado.</p>	<p><u>Suficiente</u>: que ou aquilo que satisfaz ou que basta, que é bastante; que está entre o bom e o sofrível.</p>	<p>importância ao estudo escolar.</p>	
<p>SP4.12</p>	<p>(Precisaria) uma maior cobrança em termos de conteúdo. Não apenas assim, é a <u>progressão</u>, o passar apenas pela presença do aluno em sala de aula. Eu acho que isso, é o ponto assim que, já faz muito tempo que eu trabalho, e eu já trabalhei com aluno enquanto... Não é que eu seja favorável ao aluno estar retido, não é isso, mas o que a gente pede pra eles é que eles aprendam ao menos a metade daquilo que a gente ensina, não é isso? E nem isso ele não consegue, mas não é por falta de capacidade,</p>	<p><u>Progressão</u>: Refere-se à progressão continuada.</p>	<p>A depoente acredita que precisaria existir maior cobrança de conteúdos, dos alunos, não se devendo passar o aluno apenas por estar presente em sala de aula, como acontece na progressão continuada. Afirma que os alunos não conseguem o aprendizado por falta de comprometimento e não falta de capacidade.</p>	<p>Falta de comprometimento dos alunos. Progressão continuada.</p>



	eu acho, é por falta de comprometimento. Entendo eu assim, né, não sei.			
SP4.13	Eu acho que ela (a avaliação do Saresp) é importante para que se possa ver a <u>situação</u> do estudo como um todo, mas não ser usado para avaliar a escola e o professor como é. Isso eu acho que não ta certo. Mas importante eu acho que é, porque tudo aquilo que a gente trabalha, você tem que ver se está <u>surtindo resultado</u> , não é? É a mesma coisa o professor, quando você dá avaliação e trabalho pro aluno, você faz isso pra ver o que está acontecendo. Eu acredito que para o Estado, o que eles pensam do Saresp é a mesma coisa. Eles tão atrelando...mas não concordo com a maneira que é feita não.	<u>Situação:</u> combinação ou concorrência de acontecimentos ou circunstâncias num dado momento; conjuntura. <u>Surtir:</u> dar como resultado; dar origem a; provocar. <u>Resultado:</u> o que resulta, o que é a consequência, o efeito de uma ação, de um princípio.	A depoente acha que a avaliação do Saresp é importante para verificar a situação do ensino como um todo, para que o Estado verifique se está tendo resultado no trabalho na escola. Mas acha que não deve ser usado para avaliar a escola e o professor como está sendo feito, e também diz não concordar com a maneira como está sendo feita a avaliação.	Importância do Saresp. Críticas ao Saresp.
SP4.14	Eu acho que o Saresp, eles deveriam usar sim para <u>analisar</u> a situação de cada escola, mas não ser cobrado assim, por exemplo, a escola tem bônus, logicamente que não é só pelo Saresp, mas isso tem <u>peso</u> muito grande, a gente sabe, e aí fica valendo assim, o aluno não tirou nota, o professor que é	<u>Analisar:</u> fazer análise de; separar (um todo) em seus elementos ou partes componentes; investigar, examinar minuciosamente; esquadriñar, dissecar; submeter à crítica; criticar, comentar. <u>Peso:</u> presença impetuosa, forte; parâmetro com o qual se multiplicam certas grandezas, com a	A depoente acredita que o Saresp deveria ser usado para analisar a situação de cada escola e não para culpar o professor pelo fato de o aluno não tirar determinada nota, não pagando o bônus. Acredita que o professor pode até ter uma parcela de culpa, mas não culpa total. Porém acha a avaliação	Uso do Saresp. Culpabilidade do professor.

	<p><u>culpado</u>. Eu acho que não é por aí não. A gente pode até ter uma parcela de culpa, mas essa culpa é atrelada inteiramente ao professor. E não é assim, eu acredito que isso não...não ta correto não, não é meu ponto de vista. Mas eu acho que é importante a avaliação, de qualquer forma eu acho que precisa ter.</p>	<p>finalidade de lhes dar maior ou menor grandeza; ponderação. Culpar: acusar(-se) de culpa, incriminar(-se); declarar(-se) responsável, culpado por (delito, falta etc.).</p>	<p>importante.</p>	
SP4.15	<p>A gente sempre durante o ano, depois que vem o resultado, a gente aqui sempre analisa, o que se passou, como foi a classe, por exemplo, o conteúdo que eles mais acertaram, o que eles mais erraram, a gente faz essa análise, todo ano.</p>		<p>A depoente diz que na escola são analisados os resultados do Saresp, por exemplo, para verificar o conteúdo que as classes mais erraram ou acertaram.</p>	<p>Análise dos resultados do Saresp.</p>
SP4.16	<p>Seria da escola (o resultado), é. Porque depois do começo do ano sai o resultado e a gente analisa. Sai por série (o resultado).</p>		<p>A depoente diz que o resultado vem por escola e por série, sendo divulgado depois do começo do ano, quando é então analisado.</p>	<p>Resultado vem por escola e por série.</p>
SP4.17	<p>Se fosse pra trabalhar assim, <u>individualmente</u>, eu acho que era importante (sair a nota de cada aluno no Saresp) né? Embora a gente como professor, a gente conhece assim, mais ou menos a <u>dificuldade</u> de cada um. A gente sabe qual é o problema que cada um tem, aonde que tem a dificuldade...Eu acho que deveria</p>	<p><u>Individual</u>: relativo a ou próprio do indivíduo; relativo a ou próprio para apenas um ser, objeto ou situação. <u>Dificuldade</u>: qualidade ou caráter do que é difícil; coisa ou elemento complicado, complexo. No texto se refere a dificuldades de aprendizagem dos alunos.</p>	<p>A professora acha que deveria sair a nota de cada aluno para que eles pudessem conhecê-la. Diz que também seria importante sair a nota individual para que se trabalhasse o aluno individualmente, apesar de que também afirma que o professor conhece as dificuldades de seus alunos.</p>	<p>Resultado individual. Professor conhece as dificuldades dos alunos.</p>

	<p>sair sim, a nota de cada aluno, isso eu acho que deveria sair sim, porque até seria importante pra gente ta passando pra eles né?</p>			
SP4.18	<p>Acho que dá pra entender (a <u>escala de proficiência</u>) sim.</p>	<p><u>Escala de proficiência</u>: No caso do Saresp, a matriz de referência para a avaliação foi elaborada a partir da Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Configuram-se as referências que possibilitam a posição (segundo níveis de desempenho) dos alunos que realizarem as provas. Os indicadores relativos a esta posição são obtidos por uma Escala de Proficiência, por intermédio da qual se define o quanto e o quê cada aluno ou escola realizaram no contexto desse exame.</p>	<p>A depoente diz entender a escala de proficiência do Saresp.</p>	<p>Escala de proficiência.</p> <p>de</p>
SP4.19	<p>Ahh, eu procuro sim (usar os resultados do Saresp), ver onde tem mais dificuldade, pra gente poder aprofundar mais, ver o que, onde eles tiveram mais dificuldade... Embora eu acho que para isso, você deveria estar acompanhando o aluno ano a ano. Porque o aluno faz, por exemplo, uma avaliação no sexto ano, que seria o sétimo ano, a sexta série, e depois, você tem que</p>	<p>Procurar: identificar (os melhores, mais adequados etc.); escolher, selecionar; fazer pesquisa para descobrir (algo); investigar, pesquisar, buscar.</p>	<p>A depoente diz que busca usar os resultados do Saresp para verificar onde os alunos possuem mais dificuldade. Porém, acha que para fazer isso, deveria se acompanhar os alunos todos os anos por meio da avaliação externa.</p>	<p>Uso dos resultados.</p> <p>Crítica ao Saresp.</p>

	<p>trabalhar com ele, com a dificuldade do Saresp no ano seguinte, aí que... aí vai caber ao professor que vai estar trabalhando com eles durante a série. Enquanto eu vejo dificuldade, eu procuro estar trabalhando sim.</p>			
SP4.20	<p>Eu entendo assim, eu acho que poderia ser cobrada essa meta (de aumento do IDESP), desde que fosse cobrado também do aluno. Porque, por exemplo, nós temos a meta, de um ano pro outro, estar melhorando, que eu acho que é o <u>ideal</u>, é o objetivo da gente, estar sempre melhorando. O problema é que o aluno não vê desse lado. Pra ele tanto faz, se ele veio aqui, leu a prova do Saresp e tentou resolver, ou se ele colocou “xizinho” e nem observou o que estava sendo pedido, que a gente sabe que acontece muito, mesmo você trabalhando com ele, fazendo com que ele perceba que aquilo é importante pra vida dele, pro futuro. Eles sentem que aquilo não faz diferença pra eles, tanto faz se ele está resolvendo ou se simplesmente ele tá pintando</p>	<p><u>Meta:</u> objetivo que se almeja. Nesse caso se refere às metas de aumento do IDESP propostas pelo governo. <u>Ideal:</u> que possui, em grau superlativo, as qualidades positivas de sua espécie ou que se ajusta exatamente a um modelo, a uma lei, a um ideal; perfeito. <u>Xizinho:</u> Refere-se a marca em forma de x que se faz ao assinalar uma alternativa de uma prova.</p>	<p>A depoente acha que o governo poderia cobrar a meta de aumentar o IDESP, já que é importante sempre melhorar, se também cobrasse do aluno, pois diz que para o aluno tanto faz se ele lê a prova e tenta resolver, ou não. Conta que tem muitos alunos que não se comprometem com a aprendizagem, concluindo que o aumento do IDESP não depende só do professor.</p>	<p>Atrrelamento IDESP Bônus. Falta de comprometimento dos alunos.</p>

SP4.21	<p>quadrinho. Então fica difícil você estar atrelando isso, essas metas a bônus e a tudo mais, onde não existe o comprometimento dele. Porque a gente percebe que tem muito aluno que não liga pra nada, mas o dia que ele ta com vontade de fazer, ele consegue resolver tudo, então, na verdade, não é um problema da falta de capacidade, o problema é de comprometimento mesmo. Eu vejo por esse lado aí, então atrelar ao bônus, talvez se tivesse uma cobrança maior do aluno, eu até acho que poderia ser válido, porque daí também poderia estar cobrando da gente, mas também daquele que está realizando a tarefa que ta sendo dada pra ele. Mas como isso não acontece, fica difícil da gente estar aumentando essa meta. A gente trabalha pra poder conseguir isso, mas não depende só da gente.</p>	<p><u>Atropelar</u>: fazer (algo) mal, sem cuidado, sem ordem ou apressadamente; atamancar; ignorar a necessidade de ordenação de (algo), ou sua sequência natural; não fazer adequada distinção entre</p>	<p>A depoente diz que nas provas do Saresp deveriam ser abordados menos os conteúdos do último bimestre da série avaliada, pois em geral não se tem tempo de ministrar esse conteúdo aos</p>	<p>Mudança no Saresp. Falta de tempo para ministrar o conteúdo do ano.</p>
--------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------

	<p>conteúdo do nono ano. Então teve muita coisa que foi pedido na prova, que eles não viram. Eu acho assim, que não adianta você <u>atropelar</u> conteúdo pra poder passar por tudo, você acaba não aprendendo nem uma coisa nem outra. Você tem que acompanhar de acordo com os alunos que você tem, você não pode atropelar, dois, três fazendo e o restante da classe não conseguindo acompanhar e você ir pra frente sem aprender. Então teve coisa assim que eles assim, que eu não consegui passar, o último livrinho, e é uma pena, porque a gente sabe que não tinha condição de ta fazendo, embora assim, não é uma coisa que possa estar <u>afetando</u>, porque não foram muitas as questões, foram algumas questões que eles não conseguiram fazer mesmo, eu acredito que eles tiveram que <u>chutar</u>, porque não tinha jeito. Caiu função, umas coisas que não deu mesmo pra dar, mesmo porque esse ano nós trabalhamos com o <u>livrinho 4</u> do ano passado, que não foi conseguido atingir, nós não</p>	<p>(coisas, fatos etc.); confundir, embaralhar.  <u>Afetar</u>: dizer respeito a, interessar, concernir; atingir.  <u>Chutar</u>: No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente.  <u>Livrinho 4</u>: Refere-se ao caderno do quarto bimestre, relativo à nova proposta curricular.  <u>Planejamento</u>: ato ou efeito de planejar; serviço de preparação de um trabalho, de uma tarefa, com o estabelecimento de métodos convenientes; planificação. No texto, se refere aos dias anteriores ao início das aulas, quando os professores se reúnem, para planejar as ações do ano escolar.</p>	<p>alunos, já que se deve seguir o ritmo de aprendizado da sala. Cita como exemplo o fato de não tido tempo para ensinar aos alunos do nono ano os conteúdos do Currículo do quarto bimestre, então na escola em que trabalha, no ano seguinte, no planejamento das atividades, o professor que lecionar para o 1º ano, começará com esse conteúdo, para que os alunos não sejam prejudicados.</p>	
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>conseguimos ver tudo, então nós começamos com o livrinho 4, então o que aconteceu? O 4 desse ano eu não consegui passar. Então o conteúdo que tinha lá eles não conseguiram, né, não teve como, não teve como. Então talvez nesse ponto, talvez o finalzinho do conteúdo pudesse ser, sei lá, cobrado menos, né? Não deixado né, porque no futuro ele também vai ter que... agora o que acontece, o que eu deixei de passar agora, a gente no planejamento do próximo ano, a gente já sabe que vai estar trabalhando com ele, então eu, ou o próximo professor que vier, a gente vai ta conversando e ele vai trabalhar assim como a classe que eu posso estar trabalhando, de outro professor, a gente costuma fazer isso no planejamento, né.</p>			
SP4.22	<p>Mas na verdade nós não tivemos acesso ainda às provas, eu pude ver o que foi pedido, porque eu fui aplicar a prova, não consegui ver todas porque foi tudo diferente esse ano, tinha muita prova diferente. Consegui ver algumas enquanto tava sendo aplicada, e não foram</p>	<p><u>Aplicar</u>: No caso, aplicar o Saresp, ou seja, fazer parte da equipe que trabalha no dia da aplicação da prova. <u>Bicho de sete cabeças</u>: Algo complicado, difícil de ser feito ou entendido.</p>	<p>A depoente diz que os professores não têm acesso à prova do Saresp, tendo ela visto algumas provas dentre as várias diferentes, pois participou da aplicação. Ela vê uma Saresp como uma coisa válida e diz que é possível trabalhar os conteúdos cobrados, que não é</p>	<p>Acesso à prova. Validade do Saresp.</p>

	<p>questões pra falar assim: ai, muito difícil pro aluno estar fazendo, não acredito, teve muita coisa assim de raciocínio, que eu acho que se o aluno pensar ele faz, então eu não vejo o Saresp assim, como um “<u>bicho de sete cabeças</u>”, vamos trabalhar sim, umas coisas mais, outras menos, mas vamos falar no todo eu acho que dá sim pra trabalhar . Eu vejo como sendo uma coisa válida, o Saresp, eu não acho assim, mas...</p>		<p>muito complicado.</p>	
SP4.23	<p>Não (vi as <u>questões abertas</u>), porque a escola que eu fui trabalhar, não foi <u>escolhida</u>. A minha escola aqui fez, só que antigamente as provas ficavam na escola, então a gente podia ver, analisar, até trabalhar com o aluno depois, porque na semana em que acontece a prova, no dia seguinte eles vêm contar, aquilo que caiu, como foi, mas não eu não consegui ver nada, porque a escola que eu fiz não teve, então...</p>	<p><u>Questões abertas</u>: Questões que não possuem alternativas, ou seja, o aluno tem que escrever o raciocínio que o levou a determinadas respostas. Também chamadas de questões dissertativas. <u>Escolher</u>: selecionar, separar o bom do ruim; aproveitar (aquilo) que apresenta maior qualidade. No texto, a escolher como parte de uma amostra.</p>	<p>A depoente não viu as questões abertas de Matemática, pois a escola em que participou da aplicação não foi selecionada como amostra. Também diz que antigamente, as provas ficavam na escola, então os professores e alunos tinham acesso a elas.</p>	<p>Acesso às provas. Questões abertas.</p>
SP4.24	<p>Então, <u>foi tudo embora</u>. Não ficou nada, nem...nada pra gente poder estar vendo. Mesmo as outras, o</p>	<p><u>Foi embora</u>: Saiu da escola, não ficou na escola. <u>Caderninho</u>: Aqui, se refere aos</p>	<p>A depoente diz que as provas do Saresp foram levadas da escola, que não foi deixada nenhuma para</p>	<p>Acesso às provas.</p>



	<p><u>caderninho</u>, eu só vi, o que eu falei pra você, enquanto os alunos estavam fazendo a prova, que eu consegui dar uma olhadinha pra ver as perguntas. E muita questão diferente, então teve questão que eu não cheguei nem a ver. Eu sei que caiu depois, porque os alunos vieram falar, mas eu não consegui ver tudo. E a questão aberta eu também não...mais ou menos aquilo que eles falaram, mas você sabe, o aluno pra estar explicando aquilo que caiu é difícil. Então, não sei falar pra você da questão aberta ainda não.</p>	<p>cadernos de prova que os alunos responderam.</p>	<p>os professores verem. Ela só viu algumas provas durante a aplicação, da qual participou e não viu as questões abertas. Diz que sabe o que caiu também pelo que os alunos disseram, mas afirma que é difícil para eles explicarem os conteúdos abordados.</p>	
SP4.25	<p>Olha, aqui onde eu trabalho, eu achei que ela (a prova do Saresp) é aplicada <u>de acordo</u>, aonde a gente foi fazer a aplicação, a gente sabe assim que as coisas acontecem com muita seriedade. Não posso falar pra você que todo lugar é assim, porque a gente ouve umas coisas aí, que a gente não sabe se é verdade ou não.</p>	<p><u>De acordo</u>: No texto, significa de maneira correta.</p>	<p>A depoente diz que na escola em que trabalha e na escola em que aplicou o Saresp, a aplicação foi feita de forma correta. Afirma que não pode dizer se em todo lugar é assim e que ouve falar algumas coisas que não sabe se é verdade ou não.</p>	<p>Seriedade do Saresp.</p>
SP4.26	<p>Tipo, no dia seguinte, a gente leu no jornal que teve professor quetava ensinando o aluno, então, não posso afirmar, porque a gente não</p>	<p><u>Empenhar</u>: dedicar(-se) com afinco; aplicar(-se). <u>Gabarito</u>: tabela das respostas corretas às questões de uma prova.</p>	<p>A depoente diz que no dia seguinte ao Saresp leu no jornal que teve professor que fez as provas e passou as respostas corretas para</p>	<p>Críticas ao Saresp. Seriedade do Saresp.</p>

	<p>ta vendo. Aqui, eu acredito que isso não aconteça, porque a gente trabalha assim com bastante <u>empenho</u>, mas a gente não sabe até que ponto isso acontece. Disse que teve lugar que tinha professor fazendo a prova e passando gabarito pro aluno, então aí fica a pergunta: o que é analisar uma escola através do Saresp? Eu sei que a gente fez as coisas de acordo, mas será que todo lugar é assim? Então aí, a hora que aparece o índice, que a sua escola não atingiu, será que aquela que atingiu, ela foi feita realmente com seriedade? Difícil, não é?</p>		<p>os alunos. Diz que na escola em que trabalha, as pessoas se dedicam a realizar a aplicação de maneira séria. Questiona o que é analisar uma escola através do Saresp, se existem notícias como a que ela leu no jornal. Questiona também se as escolas que atingiram a meta de aumento do IDESP fizeram a prova com seriedade.</p>	<p>Fidedignidade dos dados.</p>
<p>SP4.27</p>	<p>Não sei até que ponto isso é válido (a divulgação dos resultados do Saresp publicamente). Eu acho que aí pode acontecer assim, uma <u>rivalidade</u> entre escolas, né? A <u>competição</u> ela é válida né, é importante, porque você pega aí, um futebol, é público não é? Todo mundo sabe o que ta acontecendo, o que acontece com o resultado e tudo, poderia ser da mesma maneira. Por outro lado, você pode estar <u>taxando</u> a escola como melhor</p>	<p><u>Rivalidade</u>: característica ou condição de rival ou do que rivaliza; oposição, entre dois ou mais indivíduos, grupos, instituições que perseguem um mesmo objetivo e em que cada lado visa suplantar o(s) outro(s); competição, concorrência, disputa, emulação. <u>Taxar</u>: avaliar, estimar; atribuir (uma qualidade ou um defeito) a (alguém, algo ou a si mesmo); fazer (certo julgamento) a respeito de,</p>	<p>A depoente acredita que a divulgação pública dos resultados do Saresp pode gerar uma rivalidade entre as escolas, por outro lado, é bom que se divulgue o que se está sendo feito, porém diz não saber até que ponto o Saresp é feito com seriedade. Afirma que a competição em cidade pequena é complicada, pois são feitos julgamentos a respeito das escolas, baseados no IDESP, chegando a falar mal de algumas</p>	<p>Divulgação dos dados do Saresp. Competição gerada pelo IDESP. IDESP em cidade pequena.</p>

	<p>ou pior. E muitas vezes, é o que eu acabei falando pra você, se realmente é feito com seriedade, então aí eu acho que não teria problema, agora até que ponto isso acontece, a gente não sabe. Então, é difícil, a gente que está numa cidade pequena, essa competição, ela é complicada. E qualquer coisinha: ahh a outra escola é melhor, ahhh, então é difícil, mas eu não vejo nada de porque não ser mostrado. Acho que não tem muito problema não, de ser mostrado, desde que não seja usado pro lado negativo, pra <u>crucificar</u> a escola porque ela não conseguiu.</p>	<p>qualificar(-se), ter(-se) na conta de. <u>Crucificar</u>: atormentar ou torturar em termos emocionais ou morais; criticar duramente, falar mal de, estigmatizar alguém.</p>	<p>por não terem atingido a meta.</p>	
SP4.28	<p>É igual o bônus, e a <u>classificação</u> da escola, porque a escola a gente sabe, igual o bônus também, não é avaliada só pelo Saresp, são algumas atividades que são feitas na escola que junta pra poder falar se a escola é melhor ou não. O significado de não receber o bônus, a escola é taxada como se ela fosse uma escola ruim, e na realidade não é isso que acontece. Eu acho que é difícil, depende muito da <u>cliente</u>, da localização. É bem diferente</p>	<p><u>Classificação</u>: ato ou efeito de classificar(-se); distribuição por classes; num concurso, exame seletivo, competição etc., posição obtida por um candidato. <u>Cliente</u>: conjunto de pessoas que frequentam habitualmente um determinado lugar. No texto, os alunos que frequentam a escola. <u>Periferia</u>: numa cidade, região afastada do centro urbano e que ger. abriga população de baixa renda. <u>Injustiça</u>: Falta de justiça. Sentido</p>	<p>A depoente diz que o bônus é pago às escolas não somente pelo resultado no Saresp, mas são também algumas atividades que são feitas na escola que se junta para ver se a escola é melhor ou não. Afirma que se a escola não recebe o bônus, é qualificada como ruim e que acha isso um ato sem responsabilidade, pois o resultado também depende dos alunos que frequentam a escola, da sua localização e do comprometimento</p>	<p>Qualificação da escola de acordo com o bônus. Influência da localização e do comprometimento do aluno nos resultados do Saresp. Crítica ao IDESP.</p>

	<p>você estar trabalhando aí numa <u>periferia</u> e numa escola onde a situação é, sei lá, de pessoas mais comprometidas? Então significa o que? Às vezes a escola de periferia ela trabalhou, da mesma maneira que a outra. Só que pra você conseguir resultado, nas duas, é diferente. Então não significa que porque não conseguiu, significa que ali não foi trabalhado. Eu acho isso uma <u>injustiça</u>.</p>	<p>de não haver preocupação ética, ou seja, não é um ato responsável. <u>Justiça</u>: Prática e exercício do que é de direito; conformidade com o direito. Fazer justiça: obrar ou julgar segundo o que é justo, merecido. Também, no sentido comum, tem o sentido de agir com ética.</p>	<p>desse alunos. Diz que se uma escola não atingiu a meta, não significa que lá não se trabalhou, pois existem outros fatores além do desempenho na prova que interferem.</p>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Fonte: dados organizados pela autora.

#### Quadro 64 - Análise Ideográfica Sujeito professor 5.

Nº US	Unidades de Sentidos	Excerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US.
SP5.1	Eu <u>peguei</u> (este ano) 3º ano do ensino médio.	<u>Pegar</u> : No texto, no sentido de pegar essas classes para lecionar durante o ano. <u>PD</u> : Parte diversificada do currículo.	O depoente lecionou para os 3 <sup>os</sup> anos do Ensino Médio.	Série em que leciona.
SP5.2	É (dou aula), de <u>PD</u> (Matemática). (Tem de Português, Matemática e) História. No fim junta as notas e dá uma só.		Ele leciona a disciplina de parte diversificada de Matemática.	Disciplina que leciona.
SP5.3	Nas minhas aulas não mudou (a rotina, em função do Saresp). Eu, inclusive, vendo que eles iam fazer, por vontade própria, dei alguma coisa de <u>Enem</u> , sabe, algumas questões (...) uma dessas atividades	<u>Enem</u> : Exame Nacional do Ensino Médio.	O depoente afirma que em suas aulas não mudou a rotina em função do Saresp. Diz que por iniciativa própria aplicou atividades envolvendo questões do Exame Nacional do Ensino	Mudança na rotina das aulas em função do Saresp.

	<p>foi com questões do Enem. Eu coloquei questões do Enem, justamente por vontade própria, foi uma coisa assim, sem intervenção da direção, sem o pedido de ninguém.</p>		<p>Médio – Enem, quando viu que os alunos iam participar do Saresp.</p>	
SP5.4	<p>Até na minha aula assim, não que era diferente, mas eu não adotei a lousa como método. Através de alguns professores lá da UNESP mesmo, (um deles) fazia um sistema diferente. Ele formava grupos na sala, e eu fiz <u>estágio</u> também com um professor também que fazia o mesmo método. E aí eu resolvi adotar. Forma grupos com quatro alunos e esse grupo fica até o fim do ano. É o ano inteiro o mesmo grupo, não pode separar. E aí eu monto as atividades. Monto uma folha com atividades e distribuo pra eles. Eles fazem e as dúvidas que eles tiverem eu vou tirando. Então minhas aulas não eram na lousa.</p>	<p><u>Lousa como método:</u> No texto, no sentido de aula expositiva, onde o professor expõe os conteúdos e explicações na lousa. <u>Estágio:</u> Refere-se à disciplina Prática de Ensino Supervisionado, realizada no curso de graduação em Matemática na UNESP.</p>	<p>O professor afirma que não usa aulas expositivas como método de ensino e sim outro método que aprendeu com professores de seu curso de graduação. O método consiste em formar grupos de quatro alunos, que ficam juntos até o final do ano, e distribuir folhas com atividades para esses alunos fazerem, enquanto o professor vai sanando as dúvidas.</p>	<p>Método de ensino. Graduação do professor.</p>
SP5.5	<p>Teve bastante <u>simulado</u>.</p>	<p><u>Simulado:</u> No dicionário: Fingido; disfarçado; aparente; suposto. No texto: Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino.</p>	<p>O depoente diz ter havido bastante simulados durante o ano.</p>	<p>Simulado.</p>

SP5.6	Não, eu não <u>precisei</u> (usar a nota do simulado).	<u>Precisar</u> : ter necessidade de; carecer, necessitar.	Não foi necessário que o depoente usasse a nota do simulado.	Nota do simulado.
SP5.7	Eu ainda não dei nenhuma aula de <u>Matemática</u> ainda. Comecei esse ano e só dei como PD.	<u>Matemática</u> : Se refere à disciplina curricular regular Matemática, e não à parte diversificada.	O depoente começou a lecionar este ano de 2010 e ainda não lecionou Matemática, na grade curricular regular.	Tempo há que leciona. Disciplina que leciona.
SP5.8	Bom, em determinado ponto sim (o Saresp é importante). Até porque traz melhorias para a escola. Mas não é uma avaliação, vamos assim dizer, <u>correta</u> . Porque não avalia aquilo que o aluno está aprendendo. Sinceramente não avalia. Assim, eu não sei qual é o objetivo do Saresp, mas não ta correspondendo àquilo que o aluno vê em sala de aula, é diferente. Porque o Saresp é baseado nos <u>caderninhos</u> e os professores de Matemática eu ouvi reclamar falam que não tinha muito a ver o que eles deram do <u>caderninho</u> , realmente que seguiram o <u>caderninho</u> , não estava condizendo com o que tava no <u>caderninho</u> . Muitos professores <u>reclamaram</u> , falaram olha, o que tava no Saresp não é o que tava no <u>caderninho</u> , que a gente passou pra	<u>Correto</u> : isento de falha, erro ou defeito; que apresenta exatidão. <u>Caderninhos</u> : No texto, se refere a cadernos entregues aos professores a partir de 2008, consonantes com a nova proposta curricular, implantada no mesmo ano. Os alunos também recebem o caderno a partir de 2009. Neles, são apresentadas situações de aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos. <u>Reclamar</u> : opor-se por meio de palavras; fazer reclamação; queixar-se; fazer reparos a (alguém ou algo); criticar.	O depoente acha que o Saresp é importante enquanto traz melhorias para a escola. Porém acredita que não é uma avaliação que apresenta exatidão, já que não corresponde àquilo que o aluno aprende na escola. Diz que ouviu professores de Matemática reclamarem que o conteúdo que eles ministraram aos alunos, relativo ao material do novo Currículo, não correspondeu ao que foi abordado pela avaliação do Saresp.	Importância do Saresp. Correspondência do conteúdo avaliado pelo Saresp e o trabalhado em sala de aula.

	eles. Tá um pouco diferente.				
SP5.9	Não (vi), nem o caderninho, nem o Saresp.			O depoente não viu nem o material da proposta curricular, nem as provas do Saresp.	Acesso às provas do Saresp. Acesso ao material da proposta curricular.
SP5.10	Não é uma avaliação que avalia. Eu acho que os <u>números do Saresp</u> não correspondem ao que acontece na sala de aula.	<u>Números do Saresp</u> : Refere-se aos resultados divulgados pelo Saresp.		O depoente acha que o Saresp não é uma avaliação que avalia. Afirma que os resultados do Saresp não correspondem ao que acontece na sala de aula.	Crítica ao Saresp.
SP5.11	Bom, eu acho que (o Saresp) serve para avaliar a escola. Não os alunos. A escola eu falo no sentido assim, como que a escola está <u>adotando</u> os métodos que são obrigados a serem adotados, como o caderninho. Tudo bem que é <u>opcional</u> , a escola opta ou não de ter o caderninho. Mas se você optar é uma coisa, se você não optar, é outra. Então eu acho que o Saresp é uma avaliação mais para escola do que para o aluno.	<u>Adotar</u> : aceitar geralmente por um período relativamente extenso ou permanente (idéia, doutrina, opinião etc.) como boa ou necessária; optar por; assumir, seguir; incorporar sistematicamente (prática, costume, hábito etc.) a um modo de agir, atuar. <u>Opcional</u> : sujeito a opção; por que se pode optar.		O depoente acha que o Saresp serve para avaliar a escola no sentido de como está incorporando os métodos obrigados a serem incorporados, e não para avaliar os alunos. Diz que esses métodos são opcionais, mas que as consequências são diferentes se são incorporados ou não.	Objetivo do Saresp.
SP5.12	Eu acho que deveria vir (resultado individual do aluno). E não sei por questão de tempo, talvez, o resultado não vem no mesmo ano. Vem no outro ano seguinte. E isso não, se não for pra, por exemplo,	<u>Lógica</u> : coerência, fundamento.		O depoente acha que deveria vir o resultado individual do aluno no Saresp. Diz que para os alunos do 3º ano não tem fundamento o resultado vir no ano seguinte, pois os alunos já saíram da escola.	Resultado individual. Resultado no ano seguinte.

	<p>para os alunos do terceiro ano, pra eles não tem nenhuma <u>lógica</u>, porque você não pode usar essa nota, até porque não vem uma nota pra cada, e vem no outro ano, quando o aluno do 3º ano já saiu da escola, então não faz sentido.</p>			
SP5.13	<p>Não, não sei (se teve algum curso na escola sobre o SAREP). Não participei de nenhum.</p>		<p>O depoente não sabe se ocorreu algum curso na escola sobre o Saresp. Ele não participou de nenhum.</p>	<p>Curso sobre o Saresp.</p>
SP5.14	<p>Ah, por um lado é bom (o atrelamento do bônus com o IDESP), mas eu não sei se resolve todos os problemas. Ajuda, é claro, um bônus é sempre bem vindo, mas não resolve todos os problemas não. Porque se o professor talvez não conseguiu <u>atingir</u>, talvez uma escola não conseguiu atingir o Saresp e aí não ganha bônus, e isso também desestimula. O professor não vai pensar em melhorar pra atingir uma prova, porque senão a escola pode até virar um <u>curso</u>. Pra preparar só para o Saresp. E eu acho que esse não é o objetivo de uma escola. O objetivo da escola é formar cidadãos. É formar pessoas que estão aptas, também ao mercado de</p>	<p><u>Atingir</u>: chegar até, a (um ponto, objeto, pessoa etc.); alcançar, tocar; alcançar, conseguir (um objetivo). <u>Cursinho</u>: Curso preparatório realizado antes de uma determinada prova, que consta de revisão de conteúdos e treino para essas provas. Existem cursinhos preparatórios para vestibular, para concursos, etc.</p>	<p>O depoente acha que o atrelamento do bônus com o aumento do IDESP por um lado é bom, pois ganhando o bônus o professor vai querer melhorar. Por outro, diz que pode desestimular o professor, caso ele não ganhe o bônus. Também afirma que o professor não trabalha para alcançar determinada nota em uma prova, senão a escola pode virar um cursinho preparatório para o Saresp, o que não é seu objetivo, e sim formar cidadãos, aptos também ao mercado de trabalho.</p>	<p>Atrelamento IDESP/Bônus.</p>



	trabalho, mas o objetivo é formar cidadãos...Então talvez, por um lado pode desanimar, um professor, ou uma escola, e por outro, ele ganhando o bônus ele vai querendo mais. Porque vivemos para ganhar as coisas, senão...			
SP5.15	Não (conhece o plano de metas).			O depoente não conhece o plano de metas do governo.
SP5.16	Eu acho que não, eu acho que não é <u>convergente</u> (a avaliação que faz em sala de aula com a avaliação do Saresp). Porque aquilo que eu dou em sala de aula, eu vou avaliar o que eu to vendo. E quando você tem uma sala de aula, você sabe qual aluno que vai bem, que faz, qual aluno que bagunça, tudo. E o Saresp é uma prova geral que vai avaliar....Então é diferente, e tem que também ter, o professor que tá ali em <u>contato</u> com o aluno. Ele não deve saber, mas pelo menos estar a par do que acontece na sala de aula...E já o Saresp não...Por isso que não bate uma avaliação do professor na sala com o Saresp, é diferente, eu acredito que seja.	<u>Convergir</u> : Tender para o mesmo ponto; tender para o mesmo fim. <u>Em contato</u> : encontrar-se, comunicar-se, ver.		Convergência Saresp e avaliação em sala de aula.
SP5.17	Eu acho que ela é séria sim (a avaliação do Saresp), mas não	<u>Resolver</u> : achar a solução, decidir uma questão; solucionar; trazer		O depoente acha que o Saresp é uma avaliação séria, preparada
				Seriedade do Saresp.

	<p><u>resolve</u>. Eu acho que tem um fator sério em cima. Claro, é aplicada por pessoas que estudaram pra isso. Quem monta o Saresp estudou pra isso, fez, trabalhou em cima. Não é uma coisa que ah, é só um Saresp, mas eu acho que não resolve. Não resolve o ensino em geral.</p>	<p>vantagem, benefício, proveito, lucro.</p>	<p>por pessoas que estudaram para isso. Porém, só o Saresp não soluciona os problemas do ensino.</p>	<p>Crítica ao Saresp.</p>
<p>SP5.18</p>	<p>Pode trazer <u>recursos</u> pra escola, mas não é só isso. Não resolve a situação do ensino no país. Talvez mostre, talvez não...Eu acredito que não mostre a situação. Até porque não é em uma prova que o aluno vai demonstrar tudo que ele sabe. Naquele dia ele pode não estar bem. E tem alunos bons que fazem e não conseguem fazer, depende do dia. Então como essa é a forma mais fácil de abranger todos os alunos, então né...Não é a correta, que vai mostrar a situação do Estado.</p>	<p><u>Recursos</u>: meios pecuniários, bens materiais; posses, riquezas; riquezas, fundos, meios de que se pode dispor.</p>	<p>O depoente diz que o Saresp pode até trazer recursos para a escola, mas não resolve a situação do ensino no país. Afirma que não mostra a situação do ensino, pois não é em uma prova que o aluno vai mostrar tudo que sabe, já que naquele dia ele pode não conseguir fazer. Acha que é a forma mais fácil de abranger todos os alunos, e não a correta para mostrar a situação do ensino no Estado.</p>	<p>Crítica ao Saresp.</p>
<p>SP5.19</p>	<p>A minha opinião é que deveria ter <u>agentes</u> fiscais, que poderiam ir em escolas. Eu acho que seria mais <u>viável</u>, ali, viver junto, viver a situação, viver o ambiente de cada escola, cada escola deveria ter um, depois reunir todo mundo, falar olha ta acontecendo isso, isso, isso,</p>	<p><u>Agente</u>: que ou quem atua, opera, agencia. <u>Viável</u>: que pode ser realizado; exequível, executável.</p>	<p>O depoente acha que uma maneira melhor de avaliar seria com pessoas fiscalizando, vivenciando o dia a dia e o ambiente de cada escola, e depois esses fiscais se reuniram e diriam o que ocorre em cada escola. O depoente acha que esse método seria melhor do</p>	<p>Maneira alternativa de avaliar exposta pelo sujeito.</p>

	<p>eu acho que seria mais viável, seria talvez mais fácil de você avaliar a situação do que simplesmente uma prova.</p>		<p>que somente uma prova.</p>	
SP5.20	<p>Tudo bem, você tem o Saresp, mas não resolve nada. Quer dizer, é só a nota e acabou. Saiu a nota, você não tem mais... Você não tem uma outra, não seria uma outra avaliação. Mas tá lá, a nota do Saresp é baixa, mas o que ta fazendo para melhorar? Pode até estar mostrando alguma coisa, mas eu não vejo nenhum outro método assim, depois que saiu o resultado do Saresp, eu não vejo nenhum <u>esforço</u> das pessoas para melhorar. Não dos professores, mas sim talvez dos <u>políticos</u> e de quem está na <u>secretaria</u>, eu não vejo nenhum <u>esforço</u>. E só mostrar não adianta. Tudo bem, o Saresp ta mostrando alguma coisa, ah, o Saresp mostrou ali, de Português a nota ta baixa, tudo bem, mas e daí? Mas precisa mover mais, mover mais alguma coisa, pra melhorar.</p>	<p><u>Esforço</u>: intensificação das forças físicas, intelectuais ou morais para a realização de algum projeto ou tarefa; aquilo que se faz com dificuldade e empenho; trabalho, empreendimento, obra. <u>Político</u>: que ou aquele que trata ou se ocupa da política; que exerce ou persegue influência administrativa em níveis federal, estadual, municipal etc. <u>Secretaria</u>: Se refere à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.</p>	<p>O depoente acha que o Saresp não resolve os problemas do ensino. Diz que quando se mostra a nota, é só isso, não se têm outras medidas para melhorar. Diz que não vê nenhum esforço dos políticos e da Secretaria da Educação, para melhorar o que se mostrou com dificuldades, no Saresp.</p>	<p>Crítica ao poder público em relação ao Saresp.</p>
SP5.21	<p>Eu acho <u>horrível</u> (a divulgação pública dos resultados do Saresp), porque um pai de um aluno vê</p>	<p><u>Horrrível</u>: muito ruim ou desagradável; horroroso, péssimo. <u>Precipitado</u>: apressado, imprudente,</p>	<p>O depoente acha desagradável a divulgação pública, na mídia, dos resultados do Saresp. Acha que os</p>	<p>Divulgação dos resultados do Saresp.</p>

	<p>aqueles notas, ele vai falar, olha a escola que meu filho ta...olha, o professor é isso, aquilo, vai tirar conclusões precipitadas. Eu acho que não devia, eu acho que deveria ser interno, talvez só para as escolas terem uma base, olha, saiu o resultado, essa escola ta assim. Acho que deveria ser só para as escolas, não deveria sair no jornal não. Até porque é um dado que não faz diferença pra população, faz mais pra escola do que... Então eu acho que deveria ser interna, não deveria ser falado no jornal não, em nenhuma mídia.</p>	<p>irrefletido; levado a efeito sem reflexão, de modo impensado.</p>	<p>pais dos alunos podem chegar a conclusões sem reflexão sobre esses resultados. Diz que deveria ser divulgado somente para as escolas, para que elas soubessem de sua situação.</p>	
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Fonte: dados organizados pela autora.

### Quadro 65 - Análise Ideográfica Sujeito professor 6.

Nº US	Unidades de Sentido	Exerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US
SP6.1	<p>Não (deu aula nas turmas que fizeram o Saresp este ano). O ano passado sim. O ano passado e o atrasado.</p>		<p>A depoente não lecionou nas séries que fizeram o Saresp em 2010.</p>	<p>Série em que leciona.</p>
SP6.2	<p>O ano atrasado a gente nem ganhou o bônus, agora o ano passado a gente ganhou. Porque tinha uma oitava só. E o ano anterior tinha três oitavas, então</p>	<p><u>Bônus</u>: Dinheiro extra pago aos professores, além do salário mensal e 13º salário, que no momento obedece alguns critérios, como a assiduidade do professor e o alcance</p>	<p>A depoente conta que em 2010 ganharam o bônus, mas em 2009 não ganharam. Explica que em 2008 tinha uma 8ª série só, com alunos que não acompanhavam o</p>	<p>Motivos pelos quais a escola ganhou ou não ganhou o bônus.</p>

	<p>já tinha mais alunos bons. Depois tinha uma só. Difícil porque eles pegam disse que por amostragem. E era uma só. E era uma classinha...uma 5ª, uma 6ª, uma 7ª, bem... Agora o ano passado também não eram boas, mas tinha assim, a gente fala assim, tem na sala aqueles alunos que a gente se inspira. Fala, esse tem vontade de aprender, então a gente ensina pra eles e os outros <u>fracos</u> vai na deles junto, mas o ano passado a gente conseguiu aumentar um pouquinho.</p>	<p>da meta de aumento do Idesp pela escola.  <u>Amostragem</u>: ação, processo ou técnica de escolha de amostra(s) adequada(s) para análise de um todo.  <u>Inspirar</u>: exercer ou sofrer influência animadora, vivificadora; entusiasmar(-se), arrebat(-se).  <u>Fracos</u>: No texto diz dos alunos que não acompanham (por diversos motivos) o ritmo de aprendizado considerado adequado à série em que se encontram.</p>	<p>ritmo de aprendizado considerado adequado. Já em 2009 foram avaliadas três 8<sup>as</sup>, que também possuíam alunos que não acompanhavam, mas também havia alunos que entusiasmavam a professora a ensinar.</p>	
SP6.3	<p>Sempre as coordenadoras pedem pra gente <u>aplicar os testes</u> neles, então tudo que elas tinham aí de teste a gente aplica. E a gente procura também sempre pegar testes. Sabe, além do que a gente passa, sempre trazer algum teste, vai que é desse tipo assim, lembrando né? Quem sabe na hora, alguma coisa vem na memória. Então sempre eu peguei assim testes de outros livros, elas aplicavam a gente depois fazia a correção com eles, pra...É tipo esse ano, eles fizeram bastante</p>	<p><u>Aplicar</u>: Aqui no sentido de entregar uma prova para os alunos resolverem, recolhendo e corrigindo depois.  <u>Teste</u>: Se refere ao formato de prova composta por questões com alternativas, na qual quem está sendo avaliado deve apontar uma delas como resposta.  <u>Saresp</u>: Simulado do Saresp.  <u>Simulado</u>: Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino.</p>	<p>A depoente conta que as coordenadoras pedem para que se apliquem provas em formato de testes aos alunos durante o ano, além do conteúdo que é ministrado. Diz que não deu aula para as séries que fizeram o Saresp, mas que eles fizeram vários simulados referentes a essa avaliação.</p>	<p>Simulados.  Treino para o Saresp.</p>

	<p>também. Não dei aula pra eles, mas o que fizeram de <u>Sarespinho</u> por aí. É, o <u>simuladinho</u> que elas fazem.</p>			
SP6.4	<p>Não (teve simulado nas séries que não fizeram Saresp), só nas...Elas focam mais nos que vão fazer...A gente fez <u>prova oficial</u> que ela pediu pra todas, a escola toda. Mas com teste visando o Saresp, só no 7º, 8º e 3º. Daí elas pegam sabe, tudo que tem e vão aplicando. Vem da diretoria de ensino né? Acho que vieram dois em cada semestre. Então eles <u>preparam</u> bem sim. Se eles não vão, é porque você tá sabendo como os alunos estão hoje né? Mas que trabalha bem, trabalha.</p>	<p><u>Prova oficial</u>: Se refere às provas de avaliação regular dos alunos, feitas pelos professores na escola, em uma semana organizada pela direção e coordenação escolar, bimestralmente. <u>Preparar</u>: aparelhar (-se), dispor (-se), arranjar (-se), antecipadamente; pôr em condições adequadas para (alguma coisa posterior); ensinar ou estudar com alguma finalidade; educar (-se), habilitar (-se).</p>	<p>A depoente diz que não houve simulados nas séries que não participaram do Saresp, apenas as provas regulares, com datas organizadas pela direção e coordenação escolar. Conta que vêm simulados da diretora de ensino e que os alunos são bem preparados para o Saresp, e se não vão bem é pela situação atual dos alunos.</p>	<p>Simulados. Preparação para o Saresp.</p>
SP6.5	<p>Ele é uma avaliação importante, porque não deixa de <u>observar</u> a escola. Só que a gente fala que ele é importante se todo mundo levasse a sério. Porque tem aluno que não leva a sério, né? Tem aluno que você vai <u>aplicar</u> na diretoria de ensino, quando não deu meia hora ele já leu tudo, e já <u>assinou</u> tudo. Quer dizer, não leu né? Porque se você pegar uma</p>	<p><u>Observar</u>: fixar os olhos em (alguém, algo ou si mesmo); considerar (-se) com atenção, com aplicação; ver-se mutuamente; estudar (-se); olhar, fitar com atenção e minúcia, buscando chegar a um julgamento, a uma conclusão; constatar, perceber, notar, considerar, verificar. <u>Aplicar na Diretoria de Ensino</u>: Se refere à participação no dia da</p>	<p>A depoente considera o Saresp importante, pois observa a escola. Porém diz que seria importante se todos o olhassem com seriedade, tendo alunos que não o fazem. Conta que no dia da aplicação, tem aluno que em 30 minutos já leu e marcou todas as alternativas para responder às questões, o que significa que não fez a prova. Afirma que tem alunos que chutam</p>	<p>Comprometimento dos alunos. Importância do Saresp.</p>

	<p>prova pra fazer bem feita você vai..dar quase o tempo que tem que ficar na sala. E tem aluno que não leva não. Infelizmente tem uns que eles falam que vai no “a minha mãe mandou eu <u>chutar</u> nessa daqui”. Dá dó, porque não podia ser assim. E a gente prepara bem eles, fala bem.</p>	<p>aplicação do Saresp em outra escola, pertencente a mesma DE. <u>Assinalar</u>: indicar (alguém ou algo) de maneira a distingui-lo de todos os demais; distinguir. No texto, com o sentido de destacar a alternativa escolhida para responder as questões, dentre as possíveis. <u>Chutar</u>: No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente.</p>	<p>as alternativas, apesar da escola os ter preparados.</p>	
<p>SP6.6</p>	<p>Até diz que teve escola, não sei se foi na cidade A, que teve que trabalhar bem a cabeça deles, porque disse que eles falaram assim: porque eles iam bem, só para o professor ganhar bônus? Então tem hora que eles <u>ligam</u> né... Pra eles não vai <u>virar</u> nada né? Vai virar pra quem? E depois o governo ainda põe na televisão que ganha até 12 mil de bônus. Todo mundo escuta né? Então eles acham que pra que eles tem que vir? Só para o professor ganhar bônus? Então tinha que mudar alguma coisa aí mesmo, né? Eu já acho que a <u>teoria</u> desse bônus não existisse. Tinha que ser assim, é 5 mil pra escola. É 5 mil</p>	<p><u>Ligar</u>: prestar atenção; dar importância; levar em consideração; interessar-se. <u>Virar</u>: No sentido de acontecer algo, ocorrer mudanças. <u>Teoria</u>: conjunto de regras ou leis, mais ou menos sistematizadas, aplicadas a uma área específica. <u>Pagamento</u>: salário. <u>Depender</u>: estar sujeito a (fatores objetivos, circunstâncias, situações etc.).</p>	<p>Diz que os alunos às vezes se atentam e percebem que não vai acontecer nada para eles em função do Saresp, e que acham que é só para o professor ganhar bônus, inclusive questionando o porquê de se empenhar na prova só por esse motivo. Diz que reforça essa atitude o fato do governo colocar na mídia que vai se ganhar até 12 mil reais. Afirma que deveria ser mudada alguma coisa nesse sentido, sendo ela contra o pagamento do bônus, que acha que deveria ser incorporado ao salário. Além disso, não concorda com o fato de depender dos alunos para ganhar o bônus, pois se o aluno não fizer nada, ela não ganha nada.</p>	<p>Pagamento do bônus. Divulgação na mídia do valor do bônus. Recusa dos alunos em fazer o Saresp. Dependência dos alunos para receber o bônus.</p>

	<p>repassado no pagamento. Porque ele não dá pagamento, chega no fim do ano também não dá bônus. Se a escola não ganhou nada, eu também não ganho nada. E a gente <u>depende</u> do aluno pra ganhar o bônus. Porque se ele falar: eu não vou fazer nada, você também não ganha nada.</p>			
SP6.7	<p>Ah, eu acho isso. Que é importante os alunos <u>conscientizar</u> que é para melhoria do ensino, que daí eles vão investir mais. Então eu não acho que... Não só pelo bônus, que tem escola que é <u>bitolada</u> no bônus. Aqui nós já não estamos bitolados no bônus. Se tiver que reter, retém. Agora, tem escola que é bitolada né? Só fica pensando no bônus. Aqui não. Aqui a gente pensa que é pra melhoria... A gente fala pra eles, explica bastante também né? Que é um sistema pra avaliar o ensino, que depois o governo vai mandar mais <u>verba</u>, que vai participar mais da vida da escola. Então a gente fala, porque se falar só que é bônus, virar só no bônus não sai</p>	<p><u>Conscientizar</u>: tornar (-se) consciente de; fazer (-se) sabedor; perceber ou fazer (alguém) perceber a verdadeira realidade política, econômica e social em que se está inserido, distinguindo-a das falsas noções que são difundidas por aqueles que têm interesse na manutenção do <i>status quo</i>; politizar (-se).  <u>Bitolar</u>: tornar (-se) rígido, estreito, limitado, na conduta ou no pensamento; amesquinhar (-se).  <u>Verba</u>: quantia que, num orçamento, é destinada a fim específico; qualquer importância em dinheiro; quantia.</p>	<p>A depoente acha importante fazer os alunos perceberem que o Saresp é para melhoria do ensino e não só para o bônus. Conta que na escola que leciona explicam aos alunos que o Saresp é um sistema para avaliar o ensino e que pode trazer verbas enviadas pelo governo para a escola. Diz que na escola em que trabalha, não se limitam a pensar só no bônus (como acontece em outras escolas) se tiverem que reprovar alunos, eles serão reprovados, mas diz que tem escola que se limita a pensar no bônus.</p>	<p>Bônus.  Explicações do Saresp aos alunos.</p>



SP6.8	<p>nada né?</p> <p>Ah, eu não acho certo (atrelar o aumento do Idesp com o bônus). Porque agora na escola o aluno tá ruim, você tem que passar ele, porque agora <u>entra</u> também até a retenção, uma desistência, <u>evasão</u>, entra tudo. Por isso que eu falei, eu sou até contra o bônus, eu acho assim, aumenta o salário lá e pronto. Chegou no fim a escola se deu bem, ótimo, <u>honraria</u> pra escola. Agora não atrelar bônus, e tudo isso aí. Porque não vira só o bônus né? Nós ficamos um ano sem bônus. Todas as escolas ganharam bônus e nós nem R\$ 0,50. E por causa disso no outro ano a gente não ia trabalhar? Trabalhou a mesma coisa. Com bônus ou sem bônus, tem que... Eu acho assim, a gente que é profissional, eu já to com 20 anos de magistério. Eu acho que quando eu venho, eu levanto, saio de casa, eu falo pra eles, eu não venho pra brincar, se for pra vir pra brincar...então não depende de bônus, se eu ganhei, se eu não ganhei, não é porque eu</p>	<p><u>Entrar</u>: No texto no sentido de entrar no o cálculo do Idesp.  <u>Evasão</u>: ato ou processo de evadir; fuga, escapada. No texto diz dos alunos que param de frequentar a escola.  <u>Evadir</u>: furtar(-se), esquivar(-se) a dizer e/ou realizar (algo); desaparecer, sumir-se.  <u>Honraria</u>: grandeza, preeminência de algum cargo, função etc. (mais usado no plural); honra, distinção; manifestação honrosa; graça ou mercê que proporciona honra a alguém.  <u>Consciente</u>: que tem capacidade de pensar, desejar, ter um propósito, perceber; que envolve raciocínio; conhecimento, percepção, decisão; tratado ou executado com conhecimento crítico, cuidado, honestidade; responsável, sério.</p>	<p>A depoente não concorda em atrelar o bônus com o aumento do Idesp. Diz que com isso a escola tem que promover o aluno, pois entram no cálculo as retenções e evasões. Acha a avaliação válida, porém não deveria estar atrelada ao bônus, pois os profissionais da educação trabalham da mesma forma com ou sem esse dinheiro. Afirma ser contra o bônus, pois acha que esse montante financeiro deveria ser incorporado ao salário.</p>	<p>Atrelamento bônus\ldesp.  Professora contrária ao bônus.  Bônus incorporado no salário.</p>
-------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>não ganhei que eu falo: esse ano eu não vou levar a sério. Porque senão também não vai. Então eu acho que a avaliação é válida, mas o professor tem que estar <u>consciente</u> também, com bônus ou sem bônus ele tem que ver se muda alguma coisa né? Se não conseguir, a gente pelo menos tentou.</p>			
SP6.9	<p>Vi (aprova de Matemática quando eu fui aplicar). Era assim, muitos <u>tipos</u> né? Deu pra <u>folhear</u>, mas você não senta assim pra ver assim com muitos detalhes porque passa gente e vai ta falando né? Mas eu dei uma olhada. Não achei difícil, assim também. Dava pra fazer sim.</p>	<p><u>Tipo</u>: coisa ou indivíduo que possui em grau elevado os caracteres distintivos de uma classe, um grupo etc.; símbolo; classe, categoria de seres, agrupados segundo alguma(s) característica(s); espécie, gênero. <u>Folhear</u>: ler rapidamente, sem muita atenção.</p>	<p>A depoente diz que viu rapidamente, sem muita atenção, a prova de Matemática aplicada no Saresp. Diz que eram muitos tipos diferentes e que não achou difícil.</p>	<p>Acesso à prova do Saresp.</p>
SP6.10	<p>Tinha geometria, tinha sim, tinha fração, coisa assim, que eu tava dando no 6º ano, que tava caindo no Saresp, tipo assim: 25/10, escreva como decimal. Que tem no <u>livrinho</u> da 5ª, do 6º ano. Então tem sim. Pelo menos eu achei que tava bem com o <u>pé no chão</u>. Não era coisa assim que o aluno falava: ai, nunca vi.</p>	<p><u>Pé no chão</u>: ter objetividade, ser realista. <u>Livrinho</u>: No texto, se refere a cadernos entregues aos professores a partir de 2008, consonantes com a nova proposta curricular, implantada no mesmo ano. Os alunos também recebem o caderno a partir de 2009. Neles, são apresentadas situações de aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos</p>	<p>A professora diz que na prova de Matemática do Saresp tinha geometria e fração, conteúdos que são trabalhados no material enviado pelo governo relativo à nova proposta curricular, portanto a prova estava de acordo com a realidade escolar.</p>	<p>Conteúdo abordado na prova do Saresp.</p>

SP6.11	A gente escuta falar que não é tão sério (a aplicação do Saresp). Pelo menos na nossa região aqui... Aqui nesta escola sempre foi super sério. Eu acho que é certo, pelo menos aqui na nossa região... Agora, pra fora a gente escuta falar né? Agora não sei se é verdade né?	conteúdos disciplinares específicos. <u>Escutar falar</u> : Ouvir boatos.	A depoente diz que a aplicação do Saresp na escola e região que ela está é séria, mas que ouviu boatos de que em alguns lugares não é, mas não sabe se é verdade.	Seriedade do Saresp.
SP6.12	Já escutei falar de lugar que passa o gabarito, que o professor ajuda, que... Aqui o ano passado teve uma questão errada, sabe, puseram duas alternativas na mesma lá...A moça, nós chegamos na porta, não deixava nem entrar dentro da sala pra falar alguma coisa, sabe? Deu a prova pra nós ver, entregar na mão dela, pra ela entrar. Então a gente trabalha sério. Tanto é que na escola aqui, os que foram aplicar, a vice-diretora mesma que escolheu. Então ela não ia por um professor lá que depois falasse, ah, o professor do Jamil saiu falando, saiu ensinando.	<u>Gabarito</u> : tabela das respostas corretas às questões de uma prova. <u>Moça</u> : Pessoa que estava como fiscal na sala de aula no dia da aplicação do Saresp.	A depoente diz que já ouviu boato de lugar em que passam as respostas corretas para os alunos. Diz que na escola em que trabalha essas coisas não acontecem, inclusive contou que no ano passado havia um erro em uma das questões e quem estava fiscalizando a aplicação na sala de aula pediu informações sobre o que fazer, mas não permitiu que funcionários da escola adentrassem à sala, mostrando a seriedade da aplicação. Diz também que a vice-diretora que escolheu os professores que foram aplicar em outra escola.	Seriedade do Saresp.
SP6.13	É, tipo aqui, o ano que nós perdemos ficou bem chato (a	<u>Perder</u> : ficar sem a posse de; ter mau êxito, malograr; sofrer derrota;	A depoente diz que quando a escola não ganhou o bônus, a divulgação	Divulgação resultados do Idesp.

	<p>divulgação dos resultados). Porque as outras conseguiram, a nossa não. As outras escolas ganharam faixas do Idesp, e a nossa, nós ficamos ali, quietinha no canto, porque, nós não podíamos por. Então pra quem não consegue é desagradável. Que nem, nesta cidade pequena, até no <u>desfile</u> saiu com a faixa do Idesp, escola conseguiu, e nossa, nós tava aqui, todo mundo com o bônus grande, com o Idesp grande e nós... Então fica meio <u>constrangedor</u>. Pra gente, a gente fala, eu esperava isso, porque a 8ª era muito fraquinha. E a anterior tinha conseguido um índice, quando você consegue um índice alto, no outro ano, difícil pra superar a meta, né? Mas fica, pra escola, na cidade pequena fica né? Cidade pequena você conhece. Você sabe que é muita <u>comparação</u>. Até aluno daqui fala, na outra escola pode usar celular aqui não pode. Eles sabe, um sabe muito do outro. Um quer saber de lá de cá.</p>	<p>deixar de usufruir (vantagens, privilégios etc.); deixar cair o padrão, o nível em que antes se apresentava.  <u>Desagradável</u>: que não agrada; que causa desprazer; que impressiona mal; que aborrece, que desgosta; que se conduz de maneira a irritar os outros; difícil de aturar; irritante.  <u>Desfile</u>: Refere-se a desfiles de rua realizados na cidade em datas comemorativas.  <u>Constrangedor</u>: que ou o que constrange; que ou o que é incômodo, embaraçoso, inconveniente.  <u>Comparar</u>: relacionar (coisas animadas ou inanimadas, concretas ou abstratas, da mesma natureza ou que apresentem similitudes) para procurar as relações de semelhança ou de disparidade que entre elas existem; cotejar; aproximar dois ou mais itens de espécie ou de natureza diferente, mostrando entre eles um ponto de analogia ou semelhança.</p>	<p>dos resultados foi desagradável, pois em cidade pequena ocorre muita comparação entre as escolas. Assim, conta que as escolas que conseguiram o bônus fizeram faixas com o valor do Idesp e também saíram em desfiles comemorativos na cidade, e a escola que não conseguiu não pôde fazer nada disso. Disse que foi difícil para a escola em que trabalha atingir o índice no Saresp de 2008, pois a 8ª série era mais fraca que a do ano anterior.</p>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

<p>SP6.14</p>	<p>Mas a nossa <u>clientela</u> a gente sabe que é difícil agora. Nossa, pegamos dois bairros assim bem... Era melhor, agora não tá fácil não. Pra gente conseguir.... e agora com essa <u>progressão continuada</u>, que virou <u>caos</u>, é difícil. Eles chegaram no 6º ano e falam assim: dona, a gente sabe que reprova só por falta. Então é difícil viu. Teve aluno do 8º ano que veio falar pra mim. E eles sabem que o ano que vem, ele teve só <u>vermelha</u>, o que aconteceu com ele? Vai pro nono ano. Então pro professor tá ficando difícil. Porque antes você falava, você vai ficar retido, você tem que estudar, e eles acreditavam, porque reprova lá na frente. Agora não. Acho que ontem, de uma classe acho que 12 passaram assim, sem <u>progressão continuada</u>. <u>Progressão continuada</u>, passaram. Então a gente vê por aí que a gente quer fazer uma prova pra ver o ensino, mas eles não levam a sério. Que eles sabem que eles vão passar. E daí a gente fica ali, tentando,</p>	<p><u>Clientela</u>: o conjunto ou a totalidade de clientes de um estabelecimento comercial, de um banco, de um advogado, médico, dentista etc.. No texto conjunto de pessoas que frequentam habitualmente um determinado lugar. <u>Progressão continuada</u>: Procedimento utilizado pela escola que permite ao aluno avanços sucessivos e sem interrupções, nas séries, ciclos ou fases. <u>Caos</u>: mistura de coisas em total desequilíbrio; desarrumação, confusão; mistura de idéias e sentimentos; confusão mental; balbúrdia. <u>Vermelha</u>: Refere-se à nota vermelha, ou seja, abaixo do desempenho esperado, que em escolas estaduais é 5, numa escala de 0 a 10. <u>Cair</u>: incorrer em erro, falta; incidir; mudar (uma atitude, um procedimento etc.) para pior; descambar.</p>	<p>A depoente diz que os alunos que frequentam a escola vêm de dois bairros carentes economicamente da cidade e que não está fácil de trabalhar com eles. Diz também que com a <u>progressão continuada</u> a escola ficou uma confusão, pois os alunos sabem que mesmo que tenham só notas abaixo da média serão promovidos, bastando frequentar as aulas, dessa forma quando se quer fazer uma prova, eles não levam a sério. Afirma que os professores tentam, mas para os alunos que já agem sabendo que serão promovidos, eles não conseguem resultados positivos. Conta que em 2010, foram promovidos em torno de 12 alunos de uma classe, sem a <u>progressão continuada</u>, o restante só passou pela <u>progressão continuada</u>.</p>	<p>Tipo de alunos que frequentam a escola. Progressão continuada. Professora a favor da reprovação.</p>
---------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>tentando, consegue um pouquinho, o restante que já caíram nessa, não consegue. Agora vamos ver o ano que vem né. Porque o ano que vem eles reprovam. No nono. E Matemática é assim: depende da 5ª, depende da 6ª, depende da 7ª, e eles não percebem, né. Que não aprender nada vai prejudicar eles na frente, mas.</p>			
SP6.15	<p>Teve (curso sobre o Saresp). Já pros aplicadores lá da diretoria de ensino eles mandam. E passou nos HTPC pra todo mundo. O que é Saresp, pra que serve, pra que o governo usa.</p>	<p><u>HTPC</u>: Hora de trabalho pedagógico coletivo. Momentos semanais (máximo de 3 horas por semana) em que os professores e coordenadores se reúnem.</p>	<p>A depoente diz que teve curso sobre o Saresp para quem aplicou as provas e que na escola passaram informações com o que é o Saresp, pra que serve, pra que o governo usa, na HTPC.</p>	<p>Orientações sobre o Saresp.</p>
SP6.16	<p><u>Elas</u> sempre passam no HTPC (sobre a escala de desempenho). Eu só escuto o que elas falam, já colocam lá como é. Mas eu nunca fui fazer também. Porque já vem pronto pra gente. Quando elas passam, elas passam no gráfico, já, tudo certinho.</p>	<p><u>Elas</u>: Se refere às coordenadoras pedagógicas. <u>Escala de desempenho</u>: No caso do Saresp, a matriz de referência para a avaliação foi elaborada a partir da Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Configuram-se as referências que possibilitam a posição (segundo níveis de desempenho) dos alunos que realizarem as provas. Os indicadores relativos a esta posição são obtidos por uma Escala de Proficiência, por</p>	<p>A depoente diz que as coordenadoras pedagógicas passam informações sobre a escala de desempenho na HTPC.</p>	<p>Escala de proficiência.</p>

		intermédio da qual se define o quanto e o quê cada aluno ou escola realizaram no contexto desse exame.			
SP6.17	Esse ano eu não peguei nada (dos resultados do Saresp), porque nem to no Saresp. Mas do ano passado, eu também não peguei os alunos que foram meus. Então a gente não ta seguindo com os mesmo. Esse ano, o 1º, eles estão com outro professor. Então nem comentei de Saresp com eles nada né? Porque não são meus.			A depoente diz que não usou os resultados do Saresp esse ano e nem o ano passado, pois não lecionou para séries que fizeram o Saresp.	Uso dos resultados do Saresp.
SP6.18	Eu acho que ta junto sim (a avaliação do Saresp com a avaliação feita em sala de aula). Porque se eles falam assim, a gente ta usando o <u>caderninho</u> , a gente também está. Então se ele está aplicando o Saresp em cima do caderninho, então tem que <u>bater</u> . Porque esse mesmo que eu vi, tinha bastante decimal, bastante fração. Tem tudo no caderninho do 6º ano.	<u>Caderninho</u> : Se refere ao material enviado pelo governo, já explicado como “livrinho”. <u>Bater</u> : atingir propositadamente; acertar; estar em concordância; condizer, conferir		A depoente acha que a avaliação que faz em sala de aula acompanha a avaliação que é feita no Saresp, pois no Saresp usam o material do Currículo e na sala de aula também.	Convergência avaliação do Saresp com avaliação em sala de aula.
SP6.19	Apesar de que esse ano, a gente sempre gostava quando eles deixavam o <u>caderninho</u> com a gente. Porque no caderninho	<u>Caderninho</u> : São os cadernos com as questões das provas do Saresp, entregues aos alunos para serem respondidos no dia da prova.		A depoente diz que gostava quando os cadernos de questões do Saresp ficavam na escola, pois depois da prova os professores podiam ver o	Acesso à prova.

	<p>depois você ia ver né? Falava isso a gente ta passando certo, isso também tem, isso também. Agora não deixa mais né? Eles pegam, já colocam <u>tudo dentro</u>, manda embora. Porque era bom né? Porque fica pra gente, no ano que vem se você tem você aplica aqueles testes, vai <u>recordando</u> o que tinha lá, né? Porque cai coisa de 5ª série, de 6º ano. Agora eles levam né ? eu falei, já devia deixar. Não vai usar o mesmo, vai?</p>	<p><u>Tudo dentro</u>: Se refere a colocar os cadernos de questões e os gabaritos dentro de envelopes. <u>Recordar</u>: fazer voltar à memória ou vir de novo à memória; lembrar (-se); rever, repassar matéria lecionada.</p>	<p>que tinha sido cobrado, além de poder usar esses cadernos para aplicar novamente nos alunos a fim de relembrar conteúdos já ministrados.</p>	
SP6.20	<p>A gente nunca fica sabendo (dos resultados individuais dos alunos) né? Porque eles falam que pega amostra. Não sei se era bom né? Porque pelo menos falava assim, isso aqui era certo mesmo. Porque a gente já conhece o aluno, né? Mas nunca vem né? Já vem por <u>amostra</u>. Eles falam que pegam uma quantidade de aluno.</p>	<p><u>Amostra</u>: pequena porção de alguma coisa dada para ver, provar ou analisar, a fim de que a qualidade do todo possa ser avaliada ou julgada; qualquer conjunto cujas características ou propriedades são estudadas com o objetivo de estendê-las a outro conjunto do qual é considerado parte.</p>	<p>A depoente diz que nunca fica sabendo dos resultados individuais dos alunos no Saresp, pois é dito que pegam amostras de alunos para emitir esses resultados. Diz que seria bom para ver se o resultado está certo mesmo, já que os professores conhecem os alunos.</p>	Resultado individual do Saresp.
SP6.21	<p>Porque por amostra pode pegar só os que são fraquinhos. Porque a gente vai falar assim: eu gosto de Matemática, ele gosta de Português, ele gosta de Ciências.</p>	<p><u>Conselho</u>: Se refere ao Conselho de Classe e Série realizado ao fim de cada bimestre e ao final do ano letivo, com coordenadores, professores e direção da escola, onde</p>	<p>A depoente diz que quando se pega uma amostra para avaliar, pode pegar só os alunos que não acompanham o conteúdo adequado à série em que se encontram. Já</p>	Professora contra a amostragem.



	<p>Pode ser que ele vai bem em Ciências e em Matemática... Então se for amostra como você vai saber, né? Pelo menos se pega todos. Pelo menos ali no meio tem alguém que sabe. Isso que eu falei ontem no <u>conselho</u>. A gente ta dando aula, tem classe que é para uns 10 alunos. Que esses ainda a gente fala, eu vou pesquisar, vou dar aula, porque querem aprender, então tem classe que você fala aqui não tem ninguém. Aí você fica que nem boba, <u>falando para as paredes</u>. E eles copiando. Então a gente fala, sempre tem uns bons no meio, e esses que incentivam.</p>	<p>se discute a situação de cada aluno e de cada classe. <u>Falar para as paredes</u>: falar sozinho, sem interlocutor.</p>	<p>quando se avaliam todos, dentre eles estão os que acompanham. A professora conta que na reunião do Conselho de Classe e Série falou que tem sala de aula que leciona para uns 10 alunos, mas tem salas que ninguém quer aprender, que ela fala sozinha, sem interlocutor.</p>	
SP6.22	<p>Então, isso que eu falei, a gente <u>faz a cabeça</u> deles, porque teve escola que eles falaram que não ia levar (a sério) não. Porque eles não iam ganhar nada, quem ia ganhar é o professor, por causa do bônus. Então tem que falar bem, explicar bem que é pra escola, porque a gente faz entender. <u>Chantagem</u> também, coisa, porque senão eles não levam não. Ainda mais quando fala que vai</p>	<p><u>Fazer a cabeça</u>: convencer, levar (alguém) a modificar um ponto de vista; ser convencido de, ser levado a pensar como outro. <u>Chantagem</u>: pressão exercida sobre alguém para obter dinheiro ou favores mediante ameaças de revelação de fatos criminosos ou escandalosos (verídicos ou não). <u>Greve</u>: cessação voluntária e coletiva do trabalho, decidida por assalariados para obtenção de</p>	<p>A depoente diz que na escola tentam convencer os alunos a levar a sério o Saresp, usando inclusive chantagem, pois tem os que falam que não vão levar a sério, que vão chutar as respostas das questões, já que o benefício da prova é somente o bônus do professor. Critica o fato de o governo colocar na mídia que os professores irão ganhar 12 mil reais de bônus, sendo que os alunos acham que o professor tem um</p>	<p>Convencimento dos alunos para fazer a prova do Saresp com seriedade.  Crítica ao governo.</p>

	<p>ganhar 12 mil. Eles falam assim, o professor já ganha demais. Que quando entra em <u>greve</u> eles falam, fala o <u>ordenado</u> para eles. É pouco, mas eles falam que é muito, né? Então o governo fica lá lançando que ganha aquele bônus, tem uns que vão só pra fazer no chute mesmo. A gente tem que incentivar, falar bastante, pra levar a sério, que é a escola que ta, é o nome da escola. Porque se for assim pensando só do lado nosso, eles falam que só a gente vai ganhar, não são eles. Mas que não é fácil não é. Fazer a cabeça dos alunos. Ver que tudo é importante, que eles vão usar.</p>	<p>benefícios materiais e/ou sociais, como melhoria das condições de trabalho, direitos trabalhistas etc., ou ainda para se garantirem as conquistas adquiridas que, porventura, estejam ameaçadas de supressão; cessação temporária e coletiva de quaisquer atividades, remuneradas ou não, em protesto contra determinado ato ou situação (específica ou relativa à sociedade como um todo). <u>Ordenado</u>: Salário.</p>	<p>salário bom e não precisa entrar em greve e nem do bônus.</p>	
SP6.23	<p>Ah, pra gente, pra mim, com Saresp ou sem Saresp, eu sou a mesma. Se eu tenho que <u>passar</u> uma coisa, eu to passando. Não é porque vai ter o Saresp que a gente tem que estar mais preparada. Todo ano você tem que passar o que tem que passar. Porque não adianta também você falar, na sexta não fiz nada, chega na sétima, você vai querer fazer tudo. Então a gente, independente</p>	<p><u>Passar</u>: transmitir (informação, notícia etc.); comunicar. No sentido de ministrar determinado conteúdo.</p>	<p>A depoente diz que independente do Saresp, ela ministra os conteúdos que têm que ser trabalhados naquela série com responsabilidade.</p>	<p>Trabalho independente do Saresp.</p>

	do Saresp, tem que fazer a sua parte.			
SP6.24	<p>Isso que eu falo, eu falo pra aluno, ah <u>dona</u> eu não vou fazer nada, porque se for ver eles não querem nada, eu falo, se for ver, eu me levanto pra fazer minha parte, se for pra não fazer nada... Só que eu falei assim, do ano que eu comecei dar aula pra hoje, a gente já vê que perde bastante né? Porque quando eu comecei, nossa, tinha caderno com exercícios diferentes. Agora você consegue, mas não tanto não. Porque só o caderninho, não dá tempo de você usar tudo aquilo.</p>	<p><u>Dona</u>: Modo como os alunos se referem à professora.</p>	<p>A depoente conta que os alunos não querem fazer nada, mas que ela vai trabalhar para fazer a parte dela. Diz que no ano em que começou a dar aula se podia aplicar exercícios diferentes e atualmente se perde bastante, pois não consegue tanto quanto antes, já que nem de trabalhar o material da proposta curricular dá tempo.</p>	<p>Falta de comprometimento dos alunos.  Situação do ensino era melhor em tempos anteriores.</p>
SP6.25	<p>Uso (o caderninho). Aqui acho que a maioria usa. Mas só o caderninho... A professora de História é <u>revoltada</u>. Porque ela fala que antes você trazia muita coisa diferente pra classe, agora eles querem que você trabalhe o caderninho. O caderninho também tem hora que é aquela coisa, sabe, só o <u>tradicional</u>. E ela não, ela gosta de trazer coisa diferente, e ela fala, se eu for trazer coisa diferente, não sai o</p>	<p><u>Revoltada</u>: que ou aquela que se revoltou; rebelde, insubmissa, insurreta, amotinada, revoltosa; que ou aquela que está ou se sente indignada, enfurecida, colérica; que ou aquela que é ou se mostra amarga, inconformada com alguma situação. <u>Tradicional</u>: relativo a tradição; conservado ou fundado na tradição. Refere-se a conteúdos abordados de forma comum, normal, já sendo considerada tradicional.</p>	<p>A depoente diz que usa o material do Currículo enviado pelo governo e que na escola em que trabalha a maioria usa. Conta que a professora de História é inconformada com esse material, pois não pode mais trazer atividades diferentes para a sala de aula, senão não sobra tempo para trabalhar esse material enviado. Afirma que o material é bom, mas em algumas disciplinas coloca limites para se trazer outras coisas.</p>	<p>Uso do material do Currículo.</p>

	<p>caderninho. E daí vem do 1º, do 2º, do 3º, se você começar trazer muita coisa diferente, você para no primeiro e não sai. Porque História é pouquíssima aula. Então tem hora que é assim, é bom, mas tem disciplina que elas falam que fecha. Se você for trazer muita coisa que você tá acostumada, diferente, não dá pra dar o conteúdo que tá lá. Que nem o 4º não dá tempo de dar, fica na metade. Que nem esse ano a gente começou os 15 primeiros dias com o caderninho do 4º do ano passado. Do final, porque não... Então a gente faz assim né?</p>	<p><u>Fechar</u>: tapar a abertura de; fazer cerca a ou colocar limites em; encerrar.</p>		
SP6.26	<p>Quer dizer que a gente que faz tempo que dá aula, a gente estranha. Porque a gente vê que agora passa muito fácil. Assim, e os alunos não vê assim, futuro, não tem sonho, porque eles não vêem o estudo assim, como falar, vai ser, eu vou <u>firmar</u> nisso porque eu vou ter. Pra eles, sabe, tem hora que você fala pra eles, eles viram assim: ih, dona, eu vou ser <u>traficante</u>. Então sabe, eles não vêem. Eu falo não gente,</p>	<p><u>Estranhar</u>: admirar-se (alguém) por não achar natural, por perceber (alguém ou algo) diferente do que se conhece ou do que seria de se esperar; não se adaptar, sentir-se incomodado; ter sensação desagradável diante de (uma nova realidade); não se conformar com (alguma coisa), não se acomodar; rejeitar. <u>Sonho</u>: desejo vivo, intenso, veemente e constante; aspiração, anseio; idéia ou ideal dominante que</p>	<p>A depoente diz que quem leciona há muito tempo se incomoda com a situação atual, em que os alunos são promovidos facilmente e não possuem aspirações para o futuro relacionadas com o estudo escolar. Diz que fala para os alunos estudarem para trabalhar num banco ou concorrer num concurso público, mas que alguns falam que serão traficantes. Conta que assim os professores vão perdendo o entusiasmo em lecionar, mas que</p>	<p>Crítica a situação atual do ensino. Falta de interesse dos alunos.</p>

	<p>você vão querer trabalhar num banco, numa prefeitura, vocês têm que prestar um <u>concurso</u>. O que, dona, que concurso o que? Eles fazem. Então a gente não vê sonho né? Eu quero fazer isso, eu quero aprender, porque eu quero ser alguém. Você pega essa meia dúzia, dez na classe, o restante: pra que, dona, eles fazem. Então vai perdendo aquele <u>entusiasmo</u>. Apesar que a gente não. Eu já dei aula pra gente que tá tão bem por aí, que eu falou: não, eu já fiz minha parte. Porque vale a pena, você encontra por aí, fala aí dona...eu falo parabéns, tem aluno nosso aqui que tá bem melhor que nós. Porque nós paramos nisso e ficou. Tem aluno que já tá bem. Então não pode falar que eu não vou conseguir, a gente consegue, eu falo pra eles. É esforço. Porque se eles pensarem que não vai servir pra nada, para naquilo e não sai daquilo. Mas a gente tá na luta.</p>	<p>alguém ou um grupo busca com interesse ou paixão.  <u>Firmar</u>: dar ou adquirir firmeza, estabilidade; fixar (-se); tornar (-se) mais seguro, mais forte; consolidar (-se), fortalecer (-se); dar ou ter como fundamento; basear (-se), fundamentar (-se).  <u>Traficante</u>: diz-se de ou pessoa dada à prática de negócio clandestino, ilegal, ilícito.  <u>Concurso</u>: ato ou efeito de concorrer; espécie de competição por meio de prova, exame etc., em que se enfrentam candidatos concorrentes na pretensão de conseguir um emprego, um título, uma admissão, um prêmio etc., ou de obter uma recompensa, uma concessão, atribuídos ou outorgados, em função da sua classificação, a um limitado número deles; certame.  <u>Entusiasmo</u>: ato ou efeito de entusiasmar (-se); excitação, exaltação criadora; inspiração, estro; ardor, veemência manifestada na realização de algo.</p>	<p>acha que já fez a parte dela, pois encontra ex-alunos que estão vivendo bem.</p>	
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------	--

Fonte: dados organizados pela autora.

Quadro 66 - Análise Ideográfica Sujeito professor 7.

Nº US	Unidades de Sentidos	Enxerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US.
SP7.1	(Dou aula) no 1º, 2º e 3º do ensino médio. De manhã, nos 1º anos e a noite nos 2º e 3º.		A depoente leciona nas 1 <sup>as</sup> , 2 <sup>as</sup> e 3 <sup>as</sup> séries do Ensino Médio no período da manhã nas 1 <sup>as</sup> e durante a noite nas 2 <sup>as</sup> e 3 <sup>as</sup> .	Séries em que leciona.
SP7.2	Não (de manhã não tem 2º e 3º ano).		Não tem 2ª e 3ª séries do Ensino Médio de manhã.	Séries no período matutino.
SP7.3	Tem (outro professor de Matemática), ele dá aula nos 1º e alguns 2º. Do médio. O fundamental tem mais professores.		A depoente diz ter mais um professor que leciona Matemática nas 1 <sup>as</sup> e 2 <sup>as</sup> séries do Ensino Médio, e que no Ensino Fundamental tem mais.	Professores de Matemática da escola.
SP7.4	Não (fiquei aqui o ano inteiro), eu fiquei de licença prêmio. No segundo bimestre, eu sai dia 10 de maio e voltei em setembro. Fiquei dois meses fora. Estava (a maior parte do ano aqui).	Licença prêmio: Licença por três meses concedida como prêmio ao profissional da escola que possui no máximo 30 faltas em cinco anos.	A depoente ficou de licença prêmio durante dois meses em 2010.	Licença prêmio.
SP7.5	Muda (a rotina das aulas) bem próximo do Saresp. Durante o ano a gente vai normal. Mas a gente sente que há uma pressão, sabe? Bem grande. Da direção, da coordenação, porque é uma preocupação imensa com o Saresp. E nós, também, não acho que está errado essa preocupação, acho que ta certa. Só	Normal: conforme a norma, a regra; regular; que é usual, comum; natural. Pressão: ato ou efeito de pressionar, comprimir, apertar; influência coativa, constrangimento moral; coação. Imensa: grandeza ou extensão incomensurável; vastidão; grande	A depoente diz que a rotina das aulas muda quando está bem próximo ao Saresp. Porém, afirma se sentir pressionada pela coordenação e direção da escola, pois se tem uma preocupação muito grande com o Saresp. Conta que as coordenadoras e a vice diretora dizem que o trabalho do ano todo é para os dois	Mudança da rotina das aulas em função do Saresp. Pressão em função do Saresp.

	<p>que agora ta mudando. Desde o começo do ano já está havendo essa preocupação da coordenação, principalmente da coordenação visando o Saresp. Inclusive <u>elas</u> falam, o trabalho do ano todo para esses dois dias.</p>	<p>número; infimidade. <u>Elas</u>: Coordenadoras e vice-diretora da escola.</p>	<p>dias do Saresp.</p>	
SP7.6	<p>Porque a avaliação da escola é muito importante. Tem o bônus né? Mas eu acho que a preocupação maior é o seu trabalho. Ver o que você conseguiu e o que você não conseguiu. Porque nós passamos por uma <u>experiência</u>, o ano passado foi boa, porque nós conseguimos a meta, mas o ano retrasado, a gente não conseguiu <u>atingir</u>. Nós recebemos zero de bônus. Mas o que mais doeu não foi não ter recebido o dinheiro. Foi aquela <u>humilhação</u> de você trabalhar o ano todo e, você não conseguiu nada. A gente sabe que tem <u>culpa</u> todo mundo, né? Os alunos que não estão interessados, não querem fazer, não se preocupam em nada. E a gente acha também acaba se culpando, claro.</p>	<p><u>Experiência</u>: forma de conhecimento abrangente, não organizado, ou de sabedoria, adquirida de maneira espontânea durante a vida; prática. <u>Atingir</u>: chegar até, a (um ponto, objeto, pessoa etc.); alcançar, tocar; alcançar, conseguir (um objetivo). <u>Humilhação</u>: ação ou efeito de humilhar (-se); submissão, abatimento; rebaixamento moral. <u>Culpa</u>: responsabilidade por dano, mal, desastre causado a outrem; atitude ou ausência de atitude de que resulta, por ignorância ou descuido, dano, problema ou desastre para outrem.</p>	<p>A depoente acha que a avaliação da escola é muito importante, não pelo bônus e sim para conhecer as consequências de seu trabalho. Conta que no ano passado, em 2009, não receberam o bônus, pois não atingiram a meta em 2008, e diz que o ruim foi a humilhação de ter trabalhado o ano todo e não conseguir nada. Afirma que todos têm culpa, os alunos que não estão interessados, não querem fazer nada e os professores também acabam se culpando.</p>	<p>Atingir a meta. Humilhação por não atingir a meta.</p>
SP7.7	<p>Então depois desse ano que nós não conseguimos, aí virou uma coisa assim, sabe? Aquele <u>obstinação</u> de</p>	<p><u>Obstinação</u>: apego forte e excessivo às próprias idéias, resoluções e empreendimentos; pertinácia,</p>	<p>A depoente conta que depois do ano em que não atingiram a meta, se tornou uma obstinação na escola</p>	<p>Obstinação em conseguir atingir a meta.</p>

	<p>você querer... Então foi preparado simulados o ano inteiro. Por parte assim, da coordenação e da direção. Na aula da gente, no dia a dia, não muda muito. Porque você tem aquele <u>programa</u>, você sabe o que tem que fazer, eu faz 25 anos que dou aula. Agora, quando vai chegando mais próximo, então você tem que fazer <u>revisão</u>, você tem que lembrar coisas <u>básicas</u>, e isso aconteceu esse ano nas minhas aulas. Quando chega perto, eu acho que a gente muda um pouquinho. Sabe aquelas coisas básicas? Fórmulas, geometria básica, trigonometria, que a gente sabe que cai né?</p>	<p>persistência, tenacidade; comportamento que denota esse apego; teima, birra. <u>Programa</u>: Refere-se ao conteúdo curricular, programado para ser ministrado durante o ano. <u>Revisão</u>: Ato ou efeito de rever; novo exame; nova leitura. No texto: Revisar um conteúdo curricular já visto em outras épocas. <u>Básico</u>: mais importante; fundamental, primordial, essencial.</p>	<p>conseguir atingi-la, por parte da coordenação e direção. Diz que em sua aula no dia a dia não muda muito em função do Saresp, pois tem a programação curricular para seguir. Porém, quando chega mais próximo do Saresp ela faz uma revisão de conteúdos básicos em Matemática.</p>	<p>Rotina da sala de aula em função do Saresp.</p>
SP7.8	<p>Então foram preparados simulados, isso pela coordenação, simulados de anos anteriores, foram aplicados... Chegamos a usar a <u>nota</u>. Ele interferiu mesmo na avaliação do ano.</p>	<p><u>Simulado</u>: Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino. <u>Nota</u>: avaliação acadêmica de trabalho, exame ou concurso prestado, atribuindo-se um conceito, a nota.</p>	<p>A depoente diz que foram preparados simulados para treinar os alunos para o Saresp, pela coordenação da escola, e a nota interferiu na avaliação anual do aluno.</p>	<p>Simulados.</p>
SP7.9	<p>(Os alunos) não (se interessam pelo Saresp). A gente tem que fazer uma pressão. Porque eles ainda não, é, não sei se é <u>culturalmente</u>, a gente foi perdendo, assim, a importância</p>	<p><u>Cultural</u>: referente a ou característico de cultura; respeitante ao conjunto de conhecimentos, informações, saberes adquiridos e que ilustram (indivíduo, grupo</p>	<p>A depoente diz que os alunos não se interessam pelo Saresp, pois com a progressão continuada foi se perdendo a importância da avaliação. Diz que a progressão</p>	<p>Progressão continuada. Perda da importância da</p>



	<p>da avaliação. Com a <u>progressão</u> continuada, não sei se fomos nós, os professores, que fomos passando, né, alguns professores abandonaram a avaliação. A <u>progressão</u> continuada colaborou muito para que vários professores, ou a gente mesmo, pra que? Fazer avaliação pra que? Se vai passar? Passa, passa. Então, a gente entende a <u>progressão</u> continuada como uma coisa boa, uma coisa <u>moderna</u>, mas por outro lado a gente não soube talvez trabalhar bem, e as <u>avaliações</u> deixaram de ser rotina numa escola. Isso é verdade. A gente vê muitas disciplinas que não davam mais. Sabe aquele trabalhinho em dupla, dá uma notinha de caderno. Porque tinha que aparecer uma <u>nota azul</u>. Então foi se perdendo. Eu acho que isso foi muito ruim para a educação. Aí no ensino médio, aí reprova. Aí volta a prova. E os alunos desacostumaram a estudar. Não sabem estudar. Chega no ensino médio, acham que como no fundamental ele levou, ah, não precisa estudar. Hoje uma coisa da escola pública é isso, eles não sabem</p>	<p>social, sociedade), segundo uma perspectiva evolutiva. <u>Progressão</u> continuada: procedimento utilizado pela escola que permite ao aluno avanços sucessivos e sem interrupções, nas séries, ciclos ou fases. <u>Moderno</u>: relativo ou pertencente à época histórica em que se vive (a década ou o século atual); cujas características refletem tendências, metodologia etc. contemporâneas; que representa o gosto dominante da época; cujos valores, opiniões, comportamento etc. ainda não são aceitos pela maioria das pessoas numa sociedade. <u>Avaliação</u>: Aqui no sentido de prova, para avaliar o conteúdo apreendido pelo aluno. <u>Nota azul</u>: Refere-se à nota igual ou acima da média esperada, que em escolas estaduais é cinco, numa escala de 0 a 10.</p>	<p>colaborou para que muitos professores não fizessem mais prova, por não ter mais sentido, já que os alunos seriam promovidos. Vê esse sistema como atual, bom, mas diz que não soube se trabalhar bem e as provas deixaram de ser rotina numa escola, o que vê como ruim para a educação. Conta que no Ensino Médio volta-se a ter prova, pois se pode reprovar os alunos, porém daí os alunos não estão acostumados a estudar, acham que não precisa. Afirma que então, quando chega uma avaliação externa, o aluno não se preocupa, e questiona se vai ser reprovado ou vai interferir na sua vida escolar.</p>	<p>avaliação. Alunos não são acostumados a estudar. Avaliação externa sem importância.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>estudar. Talvez porque não teve aquela rotina de avaliação. Então quando chega uma avaliação externa, ele não se preocupa. A primeira coisa: eu vou ser reprovado nessa avaliação? O que vai interferir na minha vida escolar isso?</p>			
SP7.10	<p>A gente fala que vai, que vai valer nota, é claro. Mas eles não são... eles sabem. Porque sabe dos outros anos que a nota do Saresp não chega antes do final do ano. Eles não têm interesse. Eles não têm uma cultura de prova, não têm uma cultura de avaliação, de ser avaliado. Tanto é que do ano passado pra cá, do ano passado, o ano retrasado, eu acho que a gente melhorou porque a coordenação começou a <u>pegar no pé</u> de todos os professores, pra marcar prova. Tanto é que era livre, as avaliações. Cada um dava o seu. A partir do ano passado começou marcar <u>semana de provas</u>. Porque aí obriga todo professor fazer prova, e eu acho que esse ano eles foram assim, eles se comportaram melhor, tiveram mais <u>postura</u> de fazer uma prova. Que os outros anos a gente sofria mais. Então eu acho que é</p>	<p><u>Cultura</u>: o cabedal de conhecimentos, a ilustração, o saber de uma pessoa ou grupo social; conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social. <u>Pegar no pé</u>: importunar com insistência. <u>Semana de provas</u>: Se refere às provas de avaliação regular dos alunos, feitas pelos professores na escola, em dias organizados pela direção e coordenação escolar, bimestralmente. <u>Postura</u>: posição espacial do corpo ou de uma de suas partes; maneira, elegância no andar e se comportar; porte; maneira de manter o corpo, ou compor os traços fisionômicos; atitude; modo de pensar, de proceder; ponto de vista, opinião, posicionamento.</p>	<p>A depoente diz que falam para os alunos que o Saresp vai valer nota, mas que eles sabem que não, lembrando que em anos anteriores a nota não chega antes do final do ano. Afirma que os alunos não têm o costume de fazerem provas, de serem avaliados. Conta que desde 2009, a escola insiste para que os professores façam provas, inclusive marcando datas para uma semana de provas bimestralmente, o que antes era livre para cada professor decidir. Diz que com isso o comportamento dos alunos ao fazerem uma prova foi melhor.</p>	Chantagem em relação ao Saresp.

SP7.11	<p>falta de rotina mesmo de avaliação.</p> <p>Eu trabalho também na escola particular. E a gente vê lá que tem mais cobrança, que tem mais rotina, então eles têm uma postura melhor para fazer uma avaliação.</p>	<p><u>Cobrar</u>: pedir, exigir o cumprimento de (promessa ou compromisso); exigir em troca.</p>	<p>A depoente trabalha numa escola particular, e diz que em tal escola há mais cobrança dos alunos, tem mais rotina de provas, portanto eles têm um comportamento melhor para fazer uma avaliação.</p>	Comportamento para fazer prova na escola particular.
SP7.12	<p>Não, não fizeram (Saresp na escola particular que trabalha). Eles fazem assim, simulados que vêm do sistema de ensino. Então eles têm simulados, como se fosse uma avaliação externa, depois compara com toda a rede do sistema. Então fazem também, mas não entrou no Saresp.</p>	<p><u>Sistema de ensino</u>: refere-se ao sistema da escola particular em que trabalha.</p> <p><u>Comparar</u>: relacionar (coisas animadas ou inanimadas, concretas ou abstratas, da mesma natureza ou que apresentem similitudes) para procurar as relações de semelhança ou de disparidade que entre elas existem; cotejar; pôr(-se) em paralelo, equiparar(-se) em valor, qualidade ou intensidade.</p>	<p>A escola particular em que a depoente trabalha, não participou da aplicação do Saresp. Ela diz que eles fazem simulados do próprio sistema de ensino dessa escola, que depois é comparado com toda essa rede, o que funciona como uma avaliação externa.</p>	Não participação da escola particular no Saresp.
SP7.13	<p>Acho que a avaliação que a gente faz é mais... hum... Eu acho que deveria ser como o Saresp. O Saresp é mais abrangente, é muito bem feita, eu acho, sabe, eu gosto da avaliação do Saresp, eu acho bem feita. Só que no dia a dia, a avaliação nossa é mais pontual naqueles assuntos, não, sabe, a abrangência, a importância, acho que a gente faz a avaliação muito</p>	<p><u>Abrangente</u>: que abrange; abrangedor.</p> <p><u>Abraçar</u>: conter em si, cingir, envolver, contornar; ter ou conter em sua área, em seus limites; compreender (-se), encerrar (-se); chegar a, alcançar, atingir; estender-se por, ocupar.</p> <p><u>Pontual</u>: que se reduz a um ponto ou a um detalhe do todo; tópico.</p> <p><u>Picar</u>: reduzir (algo) a pequenos</p>	<p>A depoente acha que a avaliação que é feita em sala de aula deveria ser como o Saresp, pois considera essa avaliação mais abrangente, mais global; enquanto que a avaliação em sala de aula, ela considera ser mais pontual, dividida em partes. Diz que depois que começou a ter o Saresp, procura fazer uma avaliação parecida, mas que é difícil na rotina do cotidiano escolar.</p>	Avaliação do Saresp e avaliação em sala de aula.

	<p>picada, muito estagnada. Sabe, em partes né? Enquanto a do Saresp ela é mais global. A gente procura fazer isso, eu procuro fazer, mas a gente não consegue na rotina do dia a dia. Mas têm procurado, depois que começou o Saresp, a gente tem procurado fazer da mesma maneira. Tenho procurado, não sei se a gente conseguiu fazer.</p>	<p>pedaços; cortar em pedacinhos. <u>Estagnar</u>: fazer parar ou parar de fluir; estancar (-se).</p>		
<p>SP7.14</p>	<p>Uso (o <u>caderninho</u>). Uso assim: do 1º ano, do 2º ano eu gosto, eu acho que é um sustento, é uma base. Só que você não pode usar só o caderninho. Você tem que dar, porque o caderninho não tem <u>teoria</u>. O caderninho ele tem o que: exercícios e dos mais complicados. Então a gente costuma fazer uma introdução teórica, às vezes já começa direto. 2º ano eu trabalhei, gostei muito do caderninho, já, desde o outro ano, faz dois anos. Agora, uma ressalva é o 3º ano. 3º ano é impossível trabalhar o caderninho. Não sei se você já viu. 3ª ano a gente já reclamou. 1º e 2º vai bem. 4º bimestre do 1º ano também eu não gosto muito. Mas a gente vai bem, tem uns exercícios</p>	<p><u>Caderninho</u>: se refere a cadernos entregues aos professores a partir de 2008, consonantes com a nova proposta curricular, implantada no mesmo ano. Os alunos também recebem o caderno a partir de 2009. Neles, são apresentadas situações de aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos. <u>Teoria</u>: conjunto de regras ou leis, mais ou menos sistematizadas, aplicadas a uma área específica. <u>Livro didático</u>: livro de caráter pedagógico, usado para apoiar o professor e o aluno no ensino e aprendizagem de determinados conteúdos.</p>	<p>A depoente usa o material enviado pelo governo, referente à proposta curricular implantada em 2008. Diz que não usa somente esse material, pois nele não tem a parte teórica da Matemática, somente exercícios e muito complicados. Usando então, também, um livro didático. Diz que não consegue usar todos os cadernos relativos à 3ª série do Ensino Médio, pois é muito complicado e os alunos desanimam muito.</p>	<p>Uso do material enviado pelo governo.</p>

	<p>bons, não dá tempo de fazer tudo, mas eu acho que se não der tempo, acho que não tem problema, mas eu acho que tem que fazer. 2º ano eu acho ótimo, eu gosto muito. Mas no 3º ano eu não consegui usar ele inteiro. Uso partes. O 1º caderninho vai bem, geometria analítica vai bem, depois ele vai complicando muito, ele fica muito difícil. Os alunos, sabe, equação do 3º grau, aquela coisa. Eles desanimam num tal ponto, sabe, eles acham muito fora da realidade, e eu também acho. Então no 3º ano eu acabo usando o <u>livro didático</u>. Alguma coisa do primeiro caderninho vai, do segundo já emperra, o terceiro pouca coisa e o quarto não dá tempo. Então eu gosto de trabalhar, eu acho bom, mas o 3º eu acho muito difícil.</p>			
SP7.15	<p>Não (aplicou o Saresp este ano).</p>		<p>A depoente não participou da aplicação do Saresp em 2010.</p>	<p>Não participou da aplicação do Saresp.</p>
SP7.16	<p>Eu consegui ver (a prova do Saresp) porque eu tava na escola. Vi, mas assim... Ah, não, tenho uma amiga, que aplicou na outra escola e contou alguma coisa da <u>questão objetiva</u>, eu não vi. E da <u>dissertativa</u>, também</p>	<p><u>Questão objetiva</u>: questão que possui alternativas como respostas, na qual quem está sendo avaliado deve apontar uma delas. <u>Dissertativa</u>: questão que não possui alternativas para serem escolhidas,</p>	<p>A depoente diz que não viu as provas do Saresp, nem as objetivas, nem as dissertativas, somente ouviu comentários de professores que aplicaram a prova.</p>	<p>Acesso à prova.</p>

	<p>por comentários do professor que tava na sala, comentou o tipo de exercício.</p>	<p>ou seja, o aluno tem que escrever o raciocínio que o levou a determinadas respostas. Também chamada de questão aberta.</p>		
SP7.17	<p>Eles comentaram que tava difícil a parte dissertativa. Que a parte objetiva, nem tanto. A própria professora que aplicou em outra escola e comentou, que dava pra fazer, que dava, sabe, pensar, que tava legal. Mas da parte dissertativa, sabe, aquelas questões abertas, tava complicado, tava difícil.</p>		<p>A depoente diz que comentaram que a prova objetiva não estava difícil, que dava pra fazer. Porém, a prova dissertativa estava difícil.</p>	<p>Dificuldade das provas.</p>
SP7.18	<p>Quer dizer, a gente não tem acesso. Uma falha que eu acho, o Saresp tinha que, a gente não pode ver, não tem acesso depois. Depois no outro ano... Acho que no ano que vem, acho que vem umas coisinhas... O relatório. E aí tem umas questões, que a gente trabalha, dos anos anteriores. Mas a gente fica morrendo de vontade de ver, sabe.</p>	<p>Acesso: No texto, no sentido de possibilidade de chegar a; aproximação, chegada. Falha: falta de perfeição; defeito, erro; aquilo que falta em alguma coisa; omissão, lacuna.</p>	<p>A depoente diz que é um defeito do Saresp os professores não terem acesso às provas, que só vem algumas questões no relatório no ano seguinte. Conta que ficam com muita vontade de ver a prova.</p>	<p>Acesso às provas.</p>
SP7.19	<p>Seria ótimo (vir o resultado de cada aluno), né? Se eles fazem, se já tá pronto, porque não vir? Porque eu acho que era uma maneira de a gente depois mostrar e ter como falar pro aluno que aquilo é importante, que eles fazem alguma coisa com aquilo.</p>	<p>À toa: a esmo, ao acaso; sem reflexão; sem razão ou fundamento, por motivo frívolo.</p>	<p>A depoente diz que seria ótimo se viesse o resultado de cada aluno, individualmente, pois seria uma maneira de mostrar para o aluno que a prova é importante, que eles não a estão fazendo sem razão nenhuma. Afirma também que no 7º e 9º ano o</p>	<p>Resultado individual dos alunos.</p>

	<p>A gente até pode usar. Eu to pensando no 3º ano só, que eles saem da escola. Mas e o 7º ano e o 9º ano? Acho que seria importantíssimo, voltar pra escola e a sua avaliação. Seria uma maneira de mostrar pro aluno que ele não ta fazendo à toa.</p>		<p>resultado poderia ser usado. Acha importante voltar o resultado para a escola.</p>	
<p>SP7.20</p>	<p>Eles acham (que fazem a prova à toa), apesar de que a gente ta tentando mudar isso. Eles pensavam muito. Há uns anos atrás, eles falavam: pra que fazer isso? É que eu trabalho mais com o 3º ano, né? To saindo da escola, que vocês vão fazer? Não vão fazer nada com isso. Eles não entendem. Aí a gente começou a conversar mais com eles. Então agora, esse ano eles estavam todos aí, direitinho, eles não faltaram, eles deram importância. Eu acho que depende da gente, da escola, da gente conversar com eles sobre a importância. Então eu acho que a gente aprendeu um pouquinho, a valorizar. Eu acho que vai melhorando assim, sabe. Que o professor vai, a escola vai assim aprendendo, que se a gente não der importância, eles não dão. É a gente</p>	<p><u>Valorizar</u>: dar valor, importância a (algo, alguém ou a si próprio) ou reconhecer-lhe o valor de que é dotado; revelar, dar destaque positivo a.</p>	<p>A depoente diz que os alunos não vêem razão para fazer a prova do Saresp, mas que estão tentando mudar isso na escola. Conta que há alguns anos atrás eles questionavam o porquê de fazer a prova, diziam que não ia se fazer nada com ela. Então, começaram a conversar com os alunos sobre a importância do Saresp, que depende da escola fazer isso e valorizar o Saresp. Comenta que está melhorando, que este ano os alunos não faltaram, deram importância.</p>	<p>Valorização do Saresp pela escola e pelos alunos.  Importância do Saresp para os alunos.</p>

<p>que tem que valorizar.</p> <p>SP7.21</p>	<p>As questões objetivas não sei se medem muita coisa. Inclusive quando a gente faz as <u>olimpiadas de Matemática da escola pública</u>, que é teste, são questões objetivas, aconteceu várias coisas assim: o pior aluno da classe que fez mais pontos. E aquele que é bom, que você sabe que tem uma base em Matemática, não vai tão bem quanto aquele. Então eu não sei até quando mede a capacidade. E dar uma nota assim, pra escola, pro professor. Porque o Saresp acaba <u>caindo em cima do professor</u>. A avaliação é, a culpa é sempre do professor. A culpa é do professor. Agora, eu sei, eu entendo, a <u>metodologia</u> não sei se tem como mudar. Porque você vê, as questões abertas têm em algumas escolas. E para <u>corrigir</u> tudo isso também?</p>	<p><u>Medir</u>: determinar, avaliar, por meio de instrumento ou utensílio de medida, ou algo usado como padrão; ter como medida, mensurar.</p> <p><u>Olimpiadas de Matemática da Escola Pública</u>: refere-se à Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas, realizadas anualmente, sem custo para as escolas públicas, em duas fases: a primeira com questões objetivas e a segunda com questões dissertativas.</p> <p><u>Cair em cima do professor</u>: é responsabilidade do professor.</p> <p><u>Metodologia</u>: parte de uma ciência que estuda os métodos aos quais ela própria recorre; corpo de regras e diligências estabelecidas para realizar uma pesquisa; método.</p> <p><u>Corrigir</u>: verificar ou avaliar a exatidão de respostas em (prova, teste etc.).</p>	<p>A depoente não sabe se as questões objetivas medem alguma coisa, pois na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas, na primeira fase, alunos ruins às vezes têm notas maiores que alunos bons. Diz que a responsabilidade da avaliação da escola recai no professor. Afirma entender o método usado no Saresp e diz não saber se tem como mudar, por exemplo, colocando questões abertas, afinal quem iria corrigi-las?</p>	<p>Questões objetivas não medem muita coisa.</p> <p>Não sabe apontar outra maneira.</p>
<p>SP7.22</p>	<p>Eu acharia (melhor que fossem questões abertas). Eu acho que mediria mais. Não sei se ia ficar pior até né? A nota né? Porque em Matemática, né? É complicado. Uma que eles não... não sei... eles acham</p>	<p><u>Atrativa</u>: que chama a atenção, desperta interesse, inspira simpatia, confiança etc.; atraente.</p> <p><u>Jogos</u>: se refere ao uso de jogos como atividade lúdica no ensino da Matemática.</p>	<p>A depoente acha que o Saresp mediria mais o ensino se a prova fosse composta de questões abertas. Acha que a nota poderia até piorar, pois a maioria dos alunos não gosta de Matemática, que ela considera</p>	<p>Prova com questões abertas.</p> <p>Matemática não é atrativa.</p>



	<p>difícil, não gostam, são poucos os alunos que gostam de Matemática. Eu percebo isso. Aqueles que gostam, gostam mesmo, amam. Mas aqueles... ela não é uma matéria muito <u>atrativa</u>. E por mais que tenha curso, que tenha isso, e deixar a Matemática atraente, mais gostosa, eu não sei, eu não acredito muito sabe? Em coisas que tentam deixar... essas coisas que surgem aí, <u>jogos</u>, parece pra mim que não funciona muito.</p>		<p>não ser uma disciplina atrativa. Diz também que por mais que se tente deixar a Matemática mais atraente, parece que não funciona.</p>	
SP7.23	<p>Tem (reforço do ensino médio). Não funciona. Não funciona porque eles não vêm. Eles, quando aparece a primeira nota, eles querem, não eles querem, eles acham que eles querem, mas quando forma a turma de reforço e <u>convoca</u>, eles não vêm. Aí é mil desculpas. Eles não vêm. Na teoria é tudo ótimo, tudo bonito, mas na prática é difícil acontecer.</p>	<p><u>Reforço</u>: No texto, no sentido de aulas de recuperação paralela. É oferecida pela escola para alunos com dificuldades de aprendizagem, paralelamente ao ciclo no qual o aluno está matriculado. <u>Convocar</u>: chamar para determinada reunião ou ato coletivo; mandar comparecer; fazer reunir; constituir.</p>	<p>A depoente diz que têm aulas de recuperação paralela para o Ensino Médio, mas que não funciona, pois os alunos não comparecem. Fala que no começo do ano, quando eles tiram uma nota baixa, eles querem, mas quando são chamados para vir nas turmas de recuperação, eles não vêm. Afirma que na teoria é tudo bonito, mas que na prática é difícil de acontecer.</p>	<p>Recuperação paralela. Na prática a recuperação não funciona.</p>
SP7.24	<p><u>Politicamente</u> (o Saresp está servindo). Pra falar que está melhorando, os <u>números</u> estavam muito baixos, estão ainda, né? Mas eles sempre acham que tá né, que tá melhorando. Eu acho que é questão</p>	<p><u>Politicamente</u>: arte ou ciência de governar; arte ou ciência da organização, direção e administração de nações ou Estados; aplicação desta arte aos negócios internos da nação (política interna)</p>	<p>A depoente acredita que o Saresp está servindo politicamente, para que o governo mostre os números do Saresp, que estão aumentando quantitativamente, mas não qualitativamente. Acredita que o</p>	<p>Uso do Saresp politicamente.</p>

	<p>política só, não é uma preocupação com a educação. São números, é preocupação de falar que está melhor, mas é só quantitativamente, qualitativamente eu acho que não está acontecendo. Você viu o <u>PISA</u>, a avaliação lá. Nós estamos <u>lá embaixo</u>, e eles acharam que não, nós melhoramos. Nós temos que melhorar mais, mas a gente tá subindo. Então o que interessa pra eles eu acho que é, são números. E eu acredito que, não é que eles estejam errados. Tem que ser por aí. Como é que eles vão, não tem outra maneira. A gente sabe que está ruim, como é que nós vamos melhorar? Teria que ter outra política, de valorização do professor, de salário, de formação.</p>	<p>ou aos negócios externos (política externa); ciência política; orientação ou método político; série de medidas para a obtenção de um fim. <u>Números</u>: refere-se às notas do Saresp e ao Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo. <u>PISA: Programme for International Student Assessment</u>. Avalia adolescentes de 15 anos em diversos países. São avaliados os domínios em leitura, letramento em ciências e em Matemática, não somente no domínio do currículo escolar, mas também em termos de conhecimentos e habilidades necessárias à vida adulta.<sup>186</sup> <u>Lá embaixo</u>: O Brasil ficou na 57ª posição, em Matemática, no Pisa 2009, dentre 65 países.</p>	<p>Saresp não é uma preocupação com a educação, pois, apesar de achar importante a avaliação para verificar como está a educação, acha que deveria ter outra política de valorização do professor, de salário e de formação. Comenta o resultado do país no Pisa, que ficamos em 57º lugar, dentre 65 países, porém melhoramos as médias, assim o que se divulga é a melhora, apesar de os números do Brasil serem baixos.</p>	
<p>SP7.25</p>	<p>Porque hoje, quem vai ser professor? Quem vai fazer uma <u>faculdade integral</u>, uma <u>faculdade pública</u>, <u>integral</u>, em licenciatura? Não tem mais. Na minha época a gente fazia. Prestava vestibular pra licenciatura. Hoje não, se você não conseguir</p>	<p><u>Faculdade integral</u>: se refere a cursos universitários em período integral, ou seja, de manhã e à tarde. <u>Pecado</u>: desobediência a qualquer norma ou preceito; falta, erro; ação má; crueldade, perversidade; o que merece ser lastimado; pena, tristeza.</p>	<p>A depoente afirma que atualmente não tem quem preste vestibular para fazer um curso de licenciatura em período integral, numa faculdade pública, já que o salário para qualquer outro curso é maior. Diz que quem não consegue mais nada,</p>	<p>Valorização do professor. Falta de professores. Política salarial.</p>

<sup>186</sup> Disponível em [www.pisa.oecd.org](http://www.pisa.oecd.org). Acessado em 22/05/2011.

	<p>nada, você faz licenciatura, à noite. Não tem mais professor, tem? Eu fiquei de licença prêmio dois meses, não teve um professor. Eles ficaram sem aulas. Então, não tem professor. Mas isso é <u>pecado</u> do que? De muitos anos de desvalorização. Compara com o salário de quem faz faculdade integral, qualquer outra. É muito, professor é muito, foi muito desvalorizado. Então não é que, é próprio, o que aconteceu? Surgiu muitas faculdades a noite, a distância, e aí quem não consegue... Quem vai fazer faculdade integral, de dia, não vai escolher licenciatura. Ele vai fazer qualquer outro tipo. Por quê? Não é que, não sei se ele não gosta, mas, o salário não compensa. Não é valorizado. E a situação que a escola ta, né? É só violência, é só...Então todo mundo ta fugindo, e eu acho que ficou esse <u>grande vazio</u>, e aí é uma <u>bola de neve</u>. Agora, pra retomar, o Saresp parece que ta querendo avaliar, tem que ter avaliação, mas acho que não é só isso. Tem que ter outras políticas, de valorização do professor, e é salarial mesmo.</p>	<p>Situação: combinação ou concorrência de acontecimentos ou circunstâncias num dado momento; conjuntura. <u>Bola de neve</u>: algo que vai aumentando com o tempo, crescendo.</p>	<p>faz licenciatura a noite. Conta que ficou de licença prêmio por dois meses e não tinha professor para substituí-la. Acha que não tem mais professor pelo falta de valorização durante muitos anos, além da conjuntura atual da escola, inclusive com violência, então estão todos fugindo. Diz que o Saresp está querendo avaliar, mas que só avaliação não basta, tem que ter outras políticas de valorização do professor, passando pelo salarial.</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>SP7.26</p>	<p>Não fiz (a prova para aumento salarial). Não fiz porque eu não concordo. Eu acho que não é justo. Não é possível, né? E a gente <u>comungar</u> de idéias que, não sei, a gente conversou muito sobre isso, e a gente não achou <u>justo</u>. Não é certo isso. A gente já fez concurso, você é <u>efetivo</u>, e eu não sei, eu não concordo com essa meritocracia aí. Eu não fui fazer, fiquei até o último sai sabe, aqueles 25% de aumento, falei nossa! Mas depois, eu achei que tava indo contra os princípios. Eu acho que não é por aí. Você fazer uma prova pra ganhar mais? Não concordo com isso. O professor que ta na sala de aula, que ta sofrendo tudo, sabe, eu não sei se ele... Pode ter professor excelente na sala de aula que vai prestar uma prova, não concordo com isso, mas é minha opinião. Agora, não sei se com o passar do tempo, eu ia aceitar isso. Até...mas eu acho que foi minha única e última chance. Que agora eu vou aposentar. Perdi a chance. Mas eu não concordo. E a gente tem um grupo, a gente conversou muito, e</p>	<p><u>Prova para aumento salarial</u>: parte do plano de carreira vertical que o governo do Estado de São Paulo instituiu em 2009, com a primeira prova em 2010. Se o professor estivesse dentro de determinados critérios estabelecidos, poderia prestar uma prova e os 20% melhores, dentre os que tivessem média maior que seis, mudariam para o próximo nível, tendo 25% de aumento. <u>Comungar</u>: concordar com (idéias, tendências, movimentos etc.); associar-se a; tomar parte, ter participação; partilhar. <u>Justo</u>: que é conforme a justiça, à equidade, à razão; que julga e procede segundo a equidade; probo, reto, íntegro. <u>Efetivo</u>: Possui cargo concursado e estável de magistério no funcionalismo público estadual. <u>Meritocracia</u>: predomínio numa sociedade, organização, grupo, ocupação etc. daqueles que têm mais méritos (os mais trabalhadores, mais dedicados, mais bem dotados intelectualmente etc.); sistema de recompensa e/ou promoção (p.ex.,</p>	<p>A depoente afirma não ter feito a prova para aumento salarial realizada em 2010, por não concordar com a meritocracia, não achar justo, correto, ter que fazer uma prova para ganhar mais. Diz que pode ser que um professor excelente em sala de aula não seja aprovado na prova. Diz que foi sua primeira e última chance, pois vai se aposentar. Conta que tem um grupo na escola em que trabalha, que conversaram bastante e decidiram não fazer. Também acharam que a prova seria boicotada pelos professores do Estado, para mostrar para o governo que ele está errado, mas não foi o que aconteceu, já que 100 mil professores foram fazer a prova.</p>	<p>Prova para aumento salarial. Contra a meritocracia. Professora vai se aposentar.</p>
---------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>nós achamos que a gente ia ter uma força, que a gente ia conseguir, mas quando aí saiu, mais de 100 mil professores que foram prestar, a gente achou, sabe. Então, a gente pensava que os professores não iam fazer, que eles iam <u>boicotar</u>, pra falar pro governo que não é isso, que eles estão errados, mas não deu certo. Porque foram fazer, eles ganharam o aumento, tudo bem. Mas nós não conseguimos a união.</p>	<p>num emprego) fundamentado no mérito pessoal.  <u>Princípio</u>: ditame moral; regra, lei, preceito; instrução, educação; opiniões, convicções.  <u>Boicotar</u>: recusar-se (um grupo) a participar de certo ato ou manifestação pública, para fazê-la gorar.</p>		
SP7.27	<p>É só pra falar na <u>mídia</u> (o Saresp, por parte do governo). Mas o resultado pra escola eu não vi nada. É isso que eu falei, é a gente que vai, faz o Saresp, tentando valorizar. Então eu acho que a escola por si, ela ta, através do Saresp que é feito pelo governo, que é uma política, mas é a gente que ta valorizando e tentando levar os alunos a melhorarem. Muitos pensam no bônus mesmo. É claro que todo mundo pensa, a gente pensa também... E ele ta conseguindo.</p>	<p><u>Mídia</u>: todo suporte de difusão da informação que constitui um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens; meios de comunicação social de massas não diretamente interpessoais (como, por exemplo, as conversas, diálogos públicos e privados). Abrangem esses meios o rádio, o cinema, a televisão, a escrita impressa (ou manuscrita, no passado) em livros, revistas, boletins, jornais, o computador, o videocassete, os satélites de comunicações e, de um modo geral, os meios eletrônicos e telemáticos de comunicação em que se incluem também as diversas telefonias.</p>	<p>A depoente diz que o Saresp é usado pelo governo só para falar na mídia, pois na escola não viu resultados. Conta que é a escola está tentando valorizar o Saresp, tentando fazer os alunos melhorarem. Diz que muitos professores pensam no bônus, que todo mundo pensa e que o governo está conseguindo.</p>	<p>Uso do Saresp na mídia.          Escola valorizando o Saresp.</p>

<p>SP7.28</p>	<p>Ah, é <u>sacanagem</u> (o atrelamento do bônus com o aumento do IDESP) né? Eu acho ruim. Não sei se ta certo. Mas eles não vêem outra... pra haver essa <u>comoção</u> da escola querer, a gente vê claramente, na coordenação, a preocupação com, ai, mesmo com retenção. De vez em quando lá no <u>conselho</u>, o bônus gente, o bônus. Então é uma coisa que ele amarrou, eu não sei se é justo. Então ele conseguiu amarrar os professores, conseguiu de uma tal maneira que ta fazendo o que eles querem. E é em quantidade, números, que é o que eles querem, o que eles estão interessados. Não sei se ta muito certo, mas eles estão conseguindo. É complicado. A gente lê muito que em outros países estão melhores e têm essas avaliações, né? Que são comuns essas avaliações, que no Brasil não tinha né? E eu até concordo, você tem que ter algum modelo, eu não sei muito né, mas os outros países que são melhores têm essas avaliações. Agora, eu não sei como são <u>conduzidas</u> né? Agora, o Brasil não sei, né? Eu acho que é um passo, um começo. Não sei se tem</p>	<p><u>Sacanagem</u>: Ato ou dito de sacana.  <u>Sacana</u>: Diz-se da pessoa canalha, imoral, crápula, desprezível, sem caráter. Na linguagem comum, cotidiana, tem mais o sentido de sem ética.  <u>Comoção</u>: emoção forte e repentina; agitação, alvoroço; revolta popular, levantamento, agitação social.  <u>Conselho</u>: se refere ao Conselho de Classe e Série realizado ao fim de cada bimestre e ao final do ano letivo, com coordenadores, professores e direção da escola, onde se discute a situação de cada aluno e de cada classe.  <u>Essas avaliações</u>: avaliações externas, para avaliar sistemas de ensino.  <u>Conduzir</u>: tomar conta, ser responsável por; dirigir, governar, administrar.</p>	<p>A depoente afirma ser uma atitude sem ética o atrelamento do bônus com o aumento do IDESP. Diz que o governo não vê outra maneira, para que haja essa agitação pelo Saresp, que ela vê claramente na coordenação da escola, inclusive a preocupação com retenção de aluno. Conta que na reunião do Conselho de Classe e Série era dito: gente, olha o bônus. Acha que o governo amarrou os professores para que os números aumentem, e disse que estão conseguindo, mas não sabe se está correto. Diz que as avaliações externas de sistemas de ensino existem em outros países há mais tempo, mas que não sabe como são dirigidas. Acha que é um começo o que está ocorrendo no Brasil.</p>	<p>Atrelamento bônus/IDESP.  Avaliações externas em outros países.</p>
---------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------

	outro jeito.				Não consegue pensar em outra maneira de avaliar.
SP7.29	Eu não consigo (pensar em outro jeito de avaliar).			A depoente não consegue pensar em outra maneira de avaliar o sistema.	
SP7.30	Aí vem, todo, a gente tem aquela discussão, de todas as questões que tão <u>abaixo do básico</u> , do <u>básico</u> , a gente vê os problemas, a gente tenta quando você ta dando aula, lembrar disso, né? Eu acho que a gente tenta né? Eu acho que faz o professor <u>refletir</u> também. Principalmente Matemática. Porque <u>pega</u> bastante Matemática, né? Matemática pega, eles vão mal, e a gente fica mal. A gente se preocupa, né? Eu me preocupo. Eu acho que a gente tenta. Eu acho que a gente reflete muito sobre isso.	<u>Abaixo do básico, básico</u> : Níveis de proficiência segundo os quais os alunos são distribuídos de acordo com o resultado da prova: abaixo do básico, básico, adequado e avançado. <u>Refletir</u> : meditar, pensar demoradamente. <u>Pegar</u> : no sentido de apresentar dificuldade, atrapalhar, emperrar, empacar.		A depoente diz que são discutidos os níveis de proficiência dos alunos e que ela tenta lembrar-se disso quando está lecionando. Acha que os professores refletem acerca dos resultados do Saresp, principalmente em Matemática, pois os alunos apresentam dificuldades, se saindo mal na prova, o que faz os professores se preocuparem.	Uso dos resultados. Reflexão acerca dos resultados. Dificuldade da Matemática.
SP7.31	O que a gente ta fazendo, o que a gente ta conseguindo, eu acho que a gente tenta. Mas com tudo aquilo que vem vindo, eu acho que a gente consegue pouco. Ah, (que vem vindo) da progressão continuada. Que ficou esse, esse não entendimento da progressão continuada, a gente acabou deixando de cobrar algumas coisas. Porque eu	<u>À vontade</u> : sem constrangimento; livremente, a bel-prazer.		A professora diz que na escola estão tentando melhorar, mas que com os alunos que estão no sistema de progressão continuada, se consegue pouco. Acha que tem que se cobrar mais dos alunos, e não deixá-los à vontade, para que se tenha os resultados que se espera.	Crítica à progressão continuada. Cobrança dos alunos.

	acredito que só tem, não sei se eu sou antiga né? Que vai ter resultado com cobrança. Se a gente deixar muito à vontade, você não consegue ter os resultados que você espera. Então eu sou bem antiga, sabe?			
SP7.32	Curso (sobre o Saresp) aqui não. Os coordenadores são chamados na diretoria de ensino, passam pra eles, e aí depois eles repassam pra gente. Então é a nível de escola mesmo, mas eles vão....			A depoente diz que não teve curso sobre o Saresp na escola em que trabalha. Conta que os coordenadores são chamados na Diretoria de Ensino e depois repassam o que foi falado para os professores, na própria escola.
SP7.33	Ah, a gente não entende (a escala de proficiência). Isso ninguém nunca explicou, nem os coordenadores sabem, esse negócio de escala, de, não. É uma <u>confusão</u> . E dá até <u>preguiça</u> de ver o que é aquilo, porque a gente não entende. Não, não foi explicado direitinho isso. Isso é uma boa coisa que você observou. Tem que ser mais transparente, claro, verdade, muito bom. Isso aí é interessante.	<u>Confusão</u> : ato ou efeito de tomar uma pessoa ou uma coisa por outra; equívoco, engano; mistura confusa, desordenada, de seres ou coisas; mixórdia, misturada; deficiência de método; falta de clareza, de exatidão. <u>Preguiça</u> : estado de prostração e moleza, de causa orgânica ou psíquica, que leva o indivíduo à inatividade; desânimo, esmorecimento, indolência.	A depoente diz não entender a escala de proficiência, acha que tem falta de clareza, inclusive diz que nem os coordenadores entendem. Fala também que sente desânimo em entender o que é, pois não entende. Acha que deveria ser mais transparente.	Escala de proficiência.
SP7.34	Eu acho ela (a prova do Saresp) bem elaborada. Eu acho que melhorou (a aplicação). Assim, que antigamente não (era séria). Há uns tempos atrás, a gente sabia de coisas que	<u>Elaborar</u> : preparar laboriosa e paulatinamente; realizar, organizar, geralmente com grande cuidado.	A depoente acha a prova do Saresp bem elaborada. Diz que a aplicação melhorou, pois anteriormente ouvia dizer que o professor ajudava os alunos, porém atualmente os	Elaboração/ Aplicação do Saresp.



	aconteciam erradas. Que o próprio professor ajudava, a gente ouvia falar. Mas só que hoje, eu acho que eles, não sei se ainda pode, mas eles trocam né, o professor vai em outra escola. Eu acho que isso foi uma medida boa. Porque a gente sabia que não era. Agora, até que ponto isso funciona, a gente não sabe.		professores aplicam em outras escolas, não a que trabalham. Alerta que não sabe até que ponto isso funciona.	
SP7.35	Eu acho que é importante (o Saresp). Como eu falei, eu sou antiga, eu acho que tem que ter avaliação. Eu acho sim, apesar de a gente não concordar com o governo em muitas coisas, mas eu acredito que é importante o Saresp.		A depoente, apesar de não concordar com o governo em muitas coisas, acha que o Saresp é importante, pois entende que tem que ter avaliação.	Importância do Saresp. Não concorda com o governo em muitas coisas.
SP7.36	Ser atrelado o bônus (é ruim), porque aí vira uma, quando você envolve dinheiro, aí fica uma, o ser humano não pode...E o dinheiro eu acho que pode atrapalhar um pouquinho. Não sei se foi uma maneira muito real, mas acho que foi uma maneira deles... Se não tivesse isso, será que teria? No fim, pra você ir melhor, a escola quer ganhar o bônus, ta melhorando as aulas, quem sabe no fim não reflete no melhor aprendizado? Não sei né?	<u>Refletir</u> : recair sobre; incidir.	A depoente diz que o Saresp ser atrelado ao bônus é ruim, pois quando envolve dinheiro pode atrapalhar. Porém, pensa que com esse atrelamento a escola vai querer ganhar o bônus, então melhora as aulas e talvez reflita num melhor aprendizado.	Atrelamento bônus/Saresp.

Fonte: dados organizados pela autora.

### Professores Coordenadores

**Quadro 67** - Análise ideográfica do professor coordenador 1.

Nº US	Unidades de Sentido	Exerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US
SPC1.1	<p>Muda, completamente (a rotina da coordenação em função do Saresp). A gente desde o começo do ano, a gente já vem pensando em avaliações diferentes, maneiras de avaliar diferente, exatamente nas medidas do Saresp. Então, por exemplo, o Saresp ele usa quatro alternativas. Então, as provas que a gente faz, a gente trabalha sempre com quatro alternativas. Então ele tem a ver com <u>habilidades</u> e <u>competências</u>, então as nossas provas são dentro das habilidades e competências. Então tudo que a gente faz, a gente faz pensando no Saresp. A maneira de produzir prova, como aplicar a prova. A gente ta fazendo muito por gabarito agora. Por que gabarito? Ué, o Saresp não é gabarito? O</p>	<p>Nas medidas do Saresp: nos mesmos moldes do Saresp, feito de maneira semelhante. <u>Alternativas:</u> Em uma prova com questões em que se têm a pergunta e como resposta têm-se algumas alternativas, sendo que o sujeito avaliado deve apontar uma como resposta. <u>Habilidades:</u> Funcionam como indicadores ou descritores das aprendizagens que se espera que os alunos tenham realizado no período avaliado<sup>187</sup>. <u>Competências:</u> refere-se às competências cognitivas, que são o conjunto de ações e operações mentais que o sujeito utilize para estabelecer relações com e entre os objetos, situações, fenômenos e pessoas que deseja conhecer<sup>188</sup>.</p>	<p>A depoente afirma que muda completamente a rotina das atividades da coordenação em função do Saresp. Diz que desde o começo do ano pensam em avaliações nos moldes do Saresp, incluindo questões com o mesmo número de alternativas, avaliando competências e habilidades. Fala que tudo o que fazem é pensando no Saresp, principalmente no Ensino Médio. Estão usando provas objetivas, pois o Saresp, o Enem e os vestibulares são com questões objetivas.</p>	<p>Mudança da rotina em função do Saresp. Provas no mesmo formato do Saresp. Uso de provas objetivas.</p>

<sup>187</sup> Em SÃO PAULO. *Matrizes de referência para a avaliação Saresp: documento básico/Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini.* – São Paulo: SEE, 2009.

<sup>188</sup> Idem nota anterior.

	<p>Enem não é gabarito? O vestibular não é gabarito? Então tudo a gente faz pensando no Saresp. Principalmente no médio né? O fundamental eu acho que é um pouco mais... Mas no médio a gente faz muita coisa.</p>	<p><u>Gabarito</u>: tabela das respostas corretas às questões de uma prova. No texto se refere às provas feitas com questões objetivas, ou seja, que possuem alternativas como possíveis respostas.</p>		
SPC1.2	<p>No 3º ano esse ano, eles fizeram quatro simulados, de agosto... a partir do meio de agosto, foram quatro simulados. Todos voltados pro Saresp. (O 9º ano) fez, não tantos, acho que foram dois só. O ensino médio tem um <u>curso pré-vestibular</u> de outra cidade que vem todo ano. Então eles aplicam se a escola <u>concede</u>, eles trazem o simulado pra aplicar. Então nós aplicamos, da nossa maneira. Então marcam, olha, terça feira que vem tem simulado do curso, os alunos já sabem. Então eles vêm com lápis, borracha, caneta a <u>carteirinha</u>, senta tudo <u>em número</u> direitinho. O ano passado foram 80 questões, esse ano foram 40. Mas tá tudo mesclado, as <u>quatro áreas</u>, mescladinho. Esse é o primeiro, depois... Pro 3º ano, é. Depois nós</p>	<p><u>Simulado</u>: Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino. <u>Curso pré-vestibular</u>: Curso realizado antes de prestar vestibular, que consta de revisão de conteúdos do ensino médio e treino para determinadas provas de universidades. Em geral há duas modalidades, extensivo (um ano) e intensivo (seis meses). <u>Conceder</u>: tornar disponível; pôr à disposição (de); dispor para que (alguém) faça uso de (um direito seu); dar permissão para que algo se processe ou ocorra; permitir, facultar. <u>Carteirinha</u>: documento de identificação do aluno. <u>Em número</u>: Em ordem da numeração da chamada. <u>Quatro áreas</u>: Português, Matemática, Ciências Humanas e</p>	<p>A depoente conta que os alunos da 3ª série do Ensino Médio fizeram quatro simulados a partir de agosto de 2010. Um deles foi aplicado por um curso pré-vestibular que traz as provas e a escola aplica, abordando as áreas de Português, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas, de maneira mesclada. Outro foi um simulado do Saeb do 3º ano, que ela mesma montou, depois veio um simulado da Diretoria de Ensino e em seguida, foi aplicado o simulado que já havia sido aplicado no ano anterior, também enviado pela Diretoria. Diz que os alunos não aguentavam mais fazer simulado, tendo quatro notas relativas a essas provas no último bimestre. Afirma que fazem mesmo a preparação dos alunos.</p>	Preparação dos alunos para o Saresp. Simulados no Ensino Médio.

SPC1.3	<p>fizemos a <u>Prova Brasil</u> do 3º ano, eu montei inteirinha com recorte e colagem. Então fizemos a Prova Brasil. O simulado. Depois a Diretoria mandou mais um simulado. Aplicamos esse também. Depois eu peguei o simulado do ano passado da Diretoria e apliquei neles também. <u>Dona</u>, a gente não aguenta mais ver simulado. Então, se você pegar... Eu acabei de guardar. Eles tinham quatro <u>notas</u> nesse último bimestre só de simulado. Então a gente faz mesmo a preparação deles.</p>	<p>da Natureza.</p> <p><u>Prova Brasil</u>: A Prova Brasil avalia alunos de 4ª e 8ª séries do ensino fundamental, da rede pública e urbana de ensino. Considerando este universo de referência, a avaliação é censitária, e assim oferece resultados de cada escola participante, das redes no âmbito dos municípios, dos estados, das regiões e do Brasil.<sup>189</sup> Visto que a Prova Brasil não aborda a 3ª série, ela está se referindo ao SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, que avalia as 4ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e a 3ª do Ensino Médio, por amostragem.</p> <p><u>Dona</u>: Modo como os alunos se referem à professora coordenadora.</p> <p><u>Nota</u>: avaliação acadêmica de trabalho, exame ou curso prestado, atribuindo-se um conceito, a nota.</p>	<p>A depoente diz que tudo acontece em função do Saresp, inclusive as</p>	<p>Tudo gira em função do Saresp na escola.</p>
--------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------

<sup>189</sup> Disponível em [www.provabrasil.inep.gov.br](http://www.provabrasil.inep.gov.br). Acessado em 22/05/2011.

	<p>redação da outra vez? O que pediu? Então o professor trabalha exatamente... É tudo em função. Gera o nosso bônus. Nós já ficamos sem o bônus em 2008. Foi uma <u>judiação</u>, nós tivemos uma pressão muito grande. Então a gente mudou toda a estratégia de trabalho.</p>	<p>método; exercício escolar, dever de composição escrita. <u>Judiação</u>: ato de judiar, de fazer de alguém alvo de escárnio ou de maus-tratos. <u>Judiar</u>: tratar mal, física ou moralmente; atormentar, maltratar.</p>	<p>redações que o professor trabalha em sala de aula. Diz que o Saresp gera o bônus da escola e que ficaram sem receber em 2008 e foram tratados mal, tiveram uma pressão muito grande, portanto mudaram toda a estratégia de trabalho.</p>	<p>Pressão quando não receberam bônus.</p>
SPC1.4	<p>Olha, mudar a rotina toda em função? Eu não sei. Pra mim, melhorou. Eu acho que eles passaram a ver um pouco mais de seriedade, não só o Saresp, mas as provas em si. Porque esse ano nós colocamos aqui na escola também a prova <u>oficial</u>. Que até então o professor dava a prova quando ele queria. Então, olha, tal dia eu vou fazer prova de Inglês, de Física. Agora não. Durante uma semana que a coordenação determina, bimestralmente, aquela semana é fechada só pra prova. E nós que colocamos: hoje é química, física e biologia, por exemplo. Então isso pra gente, pro aluno, que ficou <u>institucionalizado</u>, e ele dá <u>mais valor</u>. Eu acho que mesmo pensando no Saresp, a gente</p>	<p><u>Oficial</u>: emanado do governo ou de uma autoridade administrativa reconhecida; certificado pela autoridade pública ou por uma autoridade competente. <u>Institucionalizar</u>: dar ou adquirir caráter de instituição; tornar (-se) institucional; oficializar (-se); arraigar (-se), estabelecer (-se). <u>Dar mais valor</u>: valorizar. <u>Ofício</u>: comunicação adotada no serviço público entre autoridades da mesma categoria, ou de autoridades a particulares, ou de inferiores a superiores hierárquicos, caracterizada por obedecer a certa fórmula epistolar e pelo formato do papel (formato ofício).</p>	<p>A depoente acha que mudar a rotina toda da escola em função do Saresp fez com que os alunos passassem a ver o Saresp e as provas da escola com mais seriedade. Conta que começaram a fazer uma semana por bimestre de provas preparadas pelos professores e organizada pela coordenação da escola, chamadas de provas oficiais. Acredita que assim as provas ficaram institucionalizadas e que os alunos e pais a valorizaram mais.</p>	<p>Semana de provas oficiais. Melhorou o compromisso dos alunos em relação à provas.</p>

	<p>acabou colocando algumas coisas que fizessem com que os alunos levassem mais a sério. E os pais também, Não, essa semana tem prova. Essa semana não pode fazer isso, porque não pode faltar. Então o aluno tem um jogo de bola ali no ginásio de esportes, que a secretaria municipal de esportes manda um <u>ofício</u> pedindo se ele pode fazer um pouquinho antes, um pouquinho depois. Então tudo ficou mais sério. Do que antigamente que era feito. Então a gente estipula, uma semana antes, as provas têm que estar aqui. Uma correria, nossa vida mudou muito como coordenador.</p>			
SPC1.5	<p>Aliás, pra ser bem sincera, nem tinha prova mais. Não tinha. A gente sabe de disciplinas aqui que não...O professor não... Você sabe que dá trabalho (dar prova). Você como professora sabe. Porque você tem que preparar a prova, você tem que corrigir a prova, depois você tem que devolver pro aluno, você tem que corrigir com o aluno, isso dá trabalho! Não é mais fácil você dar nota no caderno? Não é mais</p>		<p>A depoente diz que antes dessa semana de provas, havia disciplinas que não mais aplicavam provas, pois preparar, corrigir, devolver e corrigir com o aluno uma prova é trabalhoso; é mais fácil o professor atribuir uma nota no caderno ou se o aluno fez ou não uma atividade.</p>	<p>Elaborar e aplicar provas é trabalhoso para o professor.</p>

	fácil você dar nota numa atividade, se ele fez, se ele não fez. É muito mais fácil. Naquele momento que você faz... dá a prova, corrigir, preparar a prova.			
SPC1.6	No Ensino Médio não (tem a ver o fato de não ter prova com a <u>progressão continuada</u> ), porque no ensino médio não tem <u>progressão continuada</u> . No fundamental, tudo bem, que a gente, eu concordo que a <u>progressão continuada</u> é uma <u>promoção automática</u> . Mas eu como coordenadora é um pecado falar isso, né? Nossa... É um horror isso como coordenadora.	<p><u>Progressão Continuada</u>: Procedimento utilizado pela escola que permite ao aluno avanços sucessivos e sem interrupções, nas séries, ciclos ou fases.</p> <p><u>Automática</u>: que necessariamente se realiza, sem intervenção de novas causas.</p> <p><u>Pecado</u>: desobediência a qualquer norma ou preceito; falta, erro; ação má; crueldade, perversidade; o que merece ser lastimado; pena, tristeza.</p>	A depoente afirma que no Ensino Médio não tem a ver o fato da existência da <u>progressão continuada</u> com a inexistência de provas, pois no Ensino Médio não existe a <u>progressão</u> . Porém diz que concorda que no Ensino Fundamental, a <u>progressão continuada</u> é uma <u>progressão automática</u> , ou seja, uma <u>promoção</u> que necessariamente se realiza. Complementa dizendo que como coordenadora ela não poderia falar isso.	Progressão continuada é promoção automática.
SPC1.7	Tanto que se você pegar as nossas atas, 5ª, vou falar em série, 5ª, 6ª e 7ª série, até um certo tempo atrás você pegava era promovido, promovido, promovido. Agora não, eu andei dando uma conversa com a nossa antiga supervisora, e uma das coisas, que quando chegou no final do ano passado, eu falei pra ela, esse aluno do ensino fundamental eu	<p><u>Ata</u>: registro ou resenha de fatos ou ocorrências verificadas e resoluções tomadas numa assembléia ou numa reunião de corpo deliberativo ou consultivo de uma agremiação, associação, diretoria, congregação etc. Se refere às atas do Conselho de Classe e Série realizado no final do ano, onde se discute a situação de cada aluno e de cada classe</p>	A depoente diz que na ata das reuniões do Conselho de Classe e Série realizadas no final do ano letivo, até um tempo atrás, todos os alunos da 5ª, 6ª e 7ª série, com frequência, eram promovidos. Agora, por indicação de uma supervisora de ensino, para aqueles alunos que não têm notas suficientes para serem aprovados, é escrito "promovido pela <u>progressão</u>	Promover o aluno pela <u>progressão continuada</u> . Registro em ata de Conselho.

	<p>não tenho condições de passar, ele não sabe nada! Olha as notas de Português, Matemática. Mas não são vocês que estão passando ele, é a progressão continuada. Falei, bom, então na ata eu vou colocar Promovido pela progressão continuada. Ela falou, pode por. E até então era Promovido, promovido, promovido. Então o menino vê aquilo, ele fala Promovido mesmo, então não faço nada. Agora não, a escola não tá promovendo. Quem tá promovendo é o sistema. Por nós ele ficaria retido. Então eu acho que já deu uma...Deu uma modificada, eu acho que... É, porque fica assim: nós, enquanto escola, não concordamos, né. Mas eu não posso fazer nada contra. Tem mãe que vem aí e fala, eu não quero que passe. O que eu vou fazer? Não tem como.</p>	<p>entre professores, coordenadores e direção da escola.</p>	<p>continuada”. Acha que assim quem está promovendo não é a escola, e sim o sistema e que isso modificou algo, pois o aluno vê que foi promovido pela progressão continuada e não com a concordância da escola. Conta que tem mãe de aluno que vai à escola e pede para o filho não passar de ano, mas não tem como a escola reter um aluno.</p>	
SPC1.8	<p>Porque quando nós perdemos o bônus, toda a diretoria se voltou pra esta escola. Porque a nossa escola é grande, é a maior da cidade, sempre foi uma escola muito boa. E quando nós perdemos</p>	<p><u>Tirou o tapete</u>: No sentido de tirar o solo, a base onde se estava assentado. <u>Horizonte</u>: a dimensão do futuro de alguém ou de algo (mais usado no plural); perspectiva;</p>	<p>A depoente diz que quando não ganharam o bônus, toda a Diretoria de Ensino se voltou para a escola em que trabalha, por ser a maior da cidade e ter sempre sido uma escola muito boa, portanto não</p>	<p>Supervisora na escola quando perderam o bônus. Importância do bônus na abertura de</p>



	<p>o bônus foi assim, <u>tirou o tapete</u>. Foi uma coisa. Então a diretoria, eu não sei se foi voluntário da supervisão, ou se alguém indicou. Mas mandaram pra nós uma supervisora que eu pessoalmente, eu adoro. Ela me ajudou muito, me ensinou muito. Sabe, deu uma boa... abriu bem os nossos <u>horizontes</u>, ajudou bastante. Eu acho que nesse sentido valeu a pena.</p>	<p>representação dos limites do campo do pensamento, da consciência, da memória (mais usado no plural).</p>	<p>ganhar o bônus fez com que eles perdessem a base onde estavam se assentando. Assim, enviaram uma supervisora de ensino que ajudou muito, ampliando os horizontes que tinham antes.</p>	<p>horizontes.</p>
SPC1.9	<p>Tanto que quando nós, o ano passado, a gente levou todo esse <u>susto</u>. Uma das professoras falou: gente, se nós tivéssemos conseguido o bônus, a gente não faria nada do que a gente ta fazendo esse ano. E é verdade mesmo. Que quando você consegue, você continua fazendo do mesmo jeito, porque ta bom. A partir do momento que você leva um <u>tombo</u> desse, você fala opa! Aí tem coisa errada, eu preciso melhorar. Daí a gente passa a pesquisar muito mais na internet, a ler textos, a ver uma coisa, a ficar pensando em casa o que mais que eu posso fazer, o que ta faltando</p>	<p><u>Susto</u>: choque, abalo causado por notícias alarmantes e repentinas; falta de tranquilidade, sensação de ameaça; medo, receio, inquietação. <u>Tombo</u>: ato ou efeito de tombar; queda.</p>	<p>A depoente diz que em 2009 tiveram um choque por não receber o bônus, mas que uma professora disse que se tivessem conseguido, continuariam fazendo as coisas da mesma maneira. Porém, quando não dá certo, percebe-se que tem alguma coisa errada e procuram-se meios para mudar pra melhor.</p>	<p>Choque por não receber o bônus trouxe mudanças.</p>

SPC1.10	<p>fazer, o que eu posso mudar.</p> <p>Olha, professores a gente tem alguns que a gente pode sim, como coordenadora, eu posso dar nome, que eu sei que não adianta (não se comprometem), é <u>limite</u> deles. Eles não conseguem. A gente tentou até <u>pegar no pé</u>, entrar na sala de aula, mas o professor não consegue. Então a gente sabe que tem uns que (não)... Mas a grande maioria são professores muito bons.</p>	<p><u>Limite</u>: o que determina, marca os contornos de um domínio abstrato ou separa dois desses domínios; o que não pode ou não deve ser ultrapassado; falta de perfeição; insuficiência, defeito (frequentemente usado no plural). <u>Pegar no pé</u>: importunar com insistência.</p>	<p>A coordenadora diz que têm professores que não se comprometem mesmo que se insista para isso, entre na sala de aula, pois é o limite deles. Mas a maioria são professores bons.</p>	<p>Comprometimento dos professores.</p>
SPC1.11	<p>Agora, os nossos alunos vêm de um bairro muito <u>carente</u>, social, economicamente, culturalmente. Esse bairro é triste. Ali é uma <u>judiação</u>. A nossa <u>clientela</u> antigamente era do melhor bairro, da melhor escola. Então a escola A., os alunos se formavam na quarta série e vinham todos pra cá. Então nós tínhamos a <u>elite</u>. Que beleza! Agora não, o pior bairro da cidade são os alunos daqui. Então a <u>clientela</u> mudou da água pro vinho. Então em comportamento, em nota. Alguns a gente até consegue. Porque no meio disso tudo, tem muitos que se <u>salvam</u>. Então esses é que a gente acaba se</p>	<p><u>Carente</u>: que nada possui; despossuído; que tem necessidade, que precisa; necessitado. <u>Clientela</u>: o conjunto ou a totalidade de clientes de um estabelecimento comercial, de um banco, de um advogado, médico, dentista etc.. No texto conjunto de pessoas que frequentam habitualmente um determinado lugar. <u>Elite</u>: o que há de mais valorizado e de melhor qualidade, especialmente em um grupo social. <u>Salvar</u>: tirar ou livrar (alguém, algo ou a si mesmo) de perigo, dificuldades, ruína ou morte;</p>	<p>A depoente diz que os alunos que frequentam a escola vêm de um bairro carente social, econômica e culturalmente. Conta que antes a escola recebia a elite da cidade, e agora não, portanto o alunado mudou muito em comportamento e em notas. Porém, diz que dentre esses alunos, alguns são resgatados e esses alunos são comprometidos com o Saresp.</p>	<p>Escola atende bairro carente. Compromisso dos alunos com o Saresp.</p>

SPC1.12	<p>apoiando. Esses têm compromisso (com o Saresp), têm... mas a grande maioria dá muito trabalho.</p> <p>Ainda no fundamental dá mais (trabalho, os alunos). Eu acho que no médio, eles dão uma melhoradinha, sabe? Porque eles começam a trabalhar, sabe? Então eles dão uma melhorada, mas o fundamental. Tenho <u>dó</u> da coordenadora do Ensino Fundamental. Porque a gente dá uma ajuda aí, mas não é fácil. É de enlouquecer.</p>	<p>libertar, remir, resgatar.</p> <p><u>Dar trabalho</u>: causar preocupação, aborrecimento.</p> <p><u>Dó</u>: sentimento de pena com relação a alguém, a si mesmo ou a alguma coisa; compaixão.</p> <p><u>Enlouquecer</u>: fazer perder ou perder o uso da razão; aloucar(-se), endoidecer.</p>	<p>A depoente acha que os alunos do Ensino Fundamental causam mais preocupação do que os alunos do Ensino Médio, pois os últimos começam a trabalhar e melhoram. Sente pena da coordenadora do Ensino Fundamental, diz que ajuda, mas que o trabalho é de enlouquecer.</p>	<p>Preocupação causada pelos alunos do Ensino Fundamental.</p>
SPC1.13	<p>Mas eu acho que o Saresp, por um lado, ele <u>judia</u> da gente. Porque a gente acha que a maneira com que ele é feito não é legal, mas por outro... A maneira como ele avalia (não é legal). Ele avalia por <u>amostragem</u>, uma classe, por amostragem. Então o mesmo grupo que está fazendo uma prova aqui, não é o mesmo...São 26 cadernos diferentes, a gente não tem acesso a isso. Nem à resposta, nem aos caderninhos, então eu não posso trabalhar em sala de aula aquilo que foi visto no Saresp. Eu não tenho. O ano passado ainda, eu</p>	<p><u>Judiar</u>: tratar mal, física ou moralmente; atormentar, maltratar.</p> <p><u>Amostragem</u>: ação, processo ou técnica de escolha de amostra(s) adequada(s) para análise de um todo.</p> <p><u>Cadernos</u>: são os cadernos de questões das provas do Saresp aplicadas.</p> <p><u>Caderno pedagógico</u>: Se refere ao relatório do Saresp, enviado pela Secretaria da Educação.</p>	<p>A depoente não acha legal o Saresp avaliar por amostragem e também o fato de serem 26 cadernos de prova diferentes e a escola não ter acesso a eles, nem às respostas, não podendo então trabalhar em sala de aula o que foi cobrado pelo Saresp. Conta que no ano passado pediu para ver a prova para quem estava cuidando de uma sala e xerocou sem a pessoa saber, mas que esse ano não fez isso, pois depois eles mandam o relatório, mas que dá trabalho pra montar uma prova, já que tem que recortar e colar tudo.</p>	<p>Crítica ao Saresp. Acesso às provas. Avaliação por amostragem.</p>

	<p>entrava na sala e deixa eu ver o cademinho? Então, se tinha sobrando eles me emprestavam e eu xerocava, sem eles saberem. Esse ano eu falei: ah, não vou fazer isso. Depois eles mandam né, o <u>caderno pedagógico</u>, dá trabalho a gente recorta e cola tudo.</p>			
SPC1.14	<p>Mas eu acho que a maneira como eles trabalham não é... Não dá pra atrelar tudo que eles atrelam ao Saresp. É tudo né? Não só do Bônus. Eu acho que a escola fica <u>marcada</u>, as crianças ficam, que a turma que saiu o ano passado, 2009, saiu como uma turma <u>bendita</u>, maravilhosa. A turma que saiu em 2008, foi uma turma <u>maldita</u>, que eram turmas terríveis. Então eles não gostavam, sabe, eles eram revoltados, <u>encrenqueiros</u>, e o que aconteceu? Eles fizeram um Saresp de nada, quase não fizeram nada e acabaram <u>ferrando</u> a escola, ferrando os professores, ferrando eles próprios. Porque eles acabaram <u>sujuando</u> o nome da escola e ficou uma turma horrível. Agora, o ano passado não, o ano</p>	<p><u>Marcar</u>: pôr marca, etiqueta, número etc. em (algo), para identificação; deixar sinal visível em; indicar (alguma coisa) com sinal distintivo para chamar atenção sobre esta ou para lembrar-se dela; assinalar. <u>Bendito</u>: que se bendisse ou se abençoou; abençoado; que faz o bem; generoso, bom, benfazejo. <u>Maldito</u>: que ou aquele que foi objeto de maldição; amaldiçoado, condenado; que ou aquele que, sem ser perverso ou malvado, mas por ser motivo de tormento, tem, para quem assim o qualifica ou denomina, o significado de maldição, de desgraça; que traz infelicidade, incomoda, aborrece; funesto, detestável, infeliz, enfadonho. <u>Encrenqueiro</u>: que ou aquele que</p>	<p>Acha que a maneira como o Saresp é trabalhada não dá para atrelar tudo o que é atrelado, não só o bônus, mas a escola e os alunos ficam marcados pela nota do Saresp. Diz que a turma que saiu em 2009 ficou marcada como boa, pois conseguiu atingir a meta, mas a turma de 2008 ficou marcada como ruim. Conta que eles eram revoltados, tumultuavam a escola, fizeram um Saresp mal feito e trouxeram problemas para a escola, para os professores e para eles mesmos, pois construíram uma má imagem da escola e deles próprios.</p>	<p>Alunos ficam marcados pela nota do Saresp.  Crítica a atrelar várias coisas ao Saresp.</p>

	<p>passado... Quer dizer, eu acho que acaba marcando muito. Ah, aquele aluno, aquele aluno é da turma de 2008: oh, turminha ruim. Agora, a turma de 2009 não: oh, turma maravilhosa. Nossa, tem o 3º I, que turma boa!</p>	<p>arma encrencas. <u>Encrenca</u>: situação confusa, complicada, perigosa; situação conflituosa, envolvendo briga, tumulto, desordem. <u>Ferrar</u>: deixar ou ficar sem saída, trazer problemas. <u>Sujar</u>: construir uma má imagem para (outrem ou para si próprio); manchar (-se), mudar para pior; corromper, perverter.</p>	<p>A depoente acha que tanto os alunos quanto o governo não percebem que estão contribuindo para a construção de uma má imagem da escola. Diz que os alunos muitas vezes querem trazer problemas para a escola, como punição aos professores, que chatearam os alunos o ano todo. Então, ela afirma que fazem chantagem com os alunos, dizendo que a resposta sai até o final do ano e que só receberão o diploma de conclusão se forem bem no Saresp, pois quando não faziam essa pressão, os alunos sabiam que o Saresp não mudava nada para eles. Diz que tudo isso foi mudança de estratégia por não terem alcançado</p>	<p>Saresp como punição dos alunos aos professores. Escola faz chantagem com alunos. Mudanças de estratégias por não ter alcançado o bônus no Saresp 2008.</p>
SPC1.15	<p>Então eu acho que eles não percebem isso. Tanto o governo não vê que ele acaba sujando o nome da escola, sujando os alunos e prejudicando os professores, tanto os alunos também não têm <u>consciência</u> disso. Eles querem muitas vezes é ferrar a escola, ferrar o professor, então faz por <u>vingança</u>, sabe? Você me <u>encheu o saco</u> o ano inteiro, agora vou te ferrar. Muitos já falaram isso. Mas a gente acaba fazendo uma <u>chantagemzinha</u> com eles. Não tem o que fazer, você entende? Olha, o negócio é o seguinte: se não for bem no Saresp não recebe o <u>diploma</u>. Então eles ficam com medo. Nos outros anos não. Eles</p>	<p><u>Ter consciência</u>: perceber com clareza (a importância, a gravidade, o perigo etc.); compreender, conscientizar-se. <u>Encher o saco</u>: enfadar (-se), chatear (-se), amolar (-se). <u>Vingança</u>: ato lesivo, praticado em nome próprio ou alheio, por alguém que foi real ou presumidamente ofendido ou lesado, em represália contra aquele que é ou seria o causador desse dano; qualquer coisa que castiga; castigo, pena, punição. <u>Chantagem</u>: pressão exercida sobre alguém para obter dinheiro ou favores mediante ameaças de revelação de fatos criminosos ou escandalosos (verídicos ou não).</p>	<p>A depoente acha que tanto os alunos quanto o governo não percebem que estão contribuindo para a construção de uma má imagem da escola. Diz que os alunos muitas vezes querem trazer problemas para a escola, como punição aos professores, que chatearam os alunos o ano todo. Então, ela afirma que fazem chantagem com os alunos, dizendo que a resposta sai até o final do ano e que só receberão o diploma de conclusão se forem bem no Saresp, pois quando não faziam essa pressão, os alunos sabiam que o Saresp não mudava nada para eles. Diz que tudo isso foi mudança de estratégia por não terem alcançado</p>	<p>Saresp como punição dos alunos aos professores. Escola faz chantagem com alunos. Mudanças de estratégias por não ter alcançado o bônus no Saresp 2008.</p>

SPC1.16	<p>sabiam que não mudava nada, então eles... Agora não, a gente faz uma pressãozinha diferente: quando sai resposta? Até o final do ano sai. Mentira. Se for sair em março e olha lá, alguma coisa. Então a gente acabou fazendo uma chantagemzinha. E a gente enrola eles. Então a gente aprende isso na dificuldade que a gente passou. Tudo isso foi mudança de estratégia devido ao não alcance da meta de 2008.</p>	<p><u>Diploma</u>: documento concedido por uma instituição de ensino, que equivale à declaração de que o portador do mesmo possui as habilitações e cumpriu as exigências necessárias à obtenção de um grau ou título.</p>	<p>as metas em relação ao ano de 2008.</p>	
	<p>Eu acho assim, se for mesmo publicar, então que publique de todos. Por exemplo, a gente sabe que o <u>município</u> aqui fez. Os alunos da 4ª série municipal que vem pra nós na 5ª, fizeram. Nós não ficamos sabendo. Porque é municipal. Agora, o do Estado é aberto a todos. Porque essa diferença? Então todo mundo que faz, se é pra abrir, tem que abrir pra todo mundo. É nós, enquanto Estado, tempos que saber como foi a 4ª série. Porque é o que está vindo pra gente. O que a gente recebeu esse ano de 4ª série, de 5ª né, não sabe nem escrever! Então,</p>	<p><u>Município</u>: se refere às escolas municipais, e não estaduais. <u>Maracutaia</u>: negócio escuso, manobra ilícita, esp. em política ou administração; traficância, fraude, falcatura. <u>Achincalhar</u>: escarnecer de (alguém ou si mesmo), considerar (-se) ou fazer (-se) parecer risível, sem valor; ridicularizar (-se); tratar (-se) com desdém; humilhar (-se), rebaixar (-se), aviltar (-se). <u>Tirar sarro</u>: brincadeira de mau gosto. <u>Comunidade</u>: população que vive num dado lugar ou região, geralmente ligada por interesses</p>	<p>A depoente acha que se forem publicar os resultados do Saresp, então deveriam ser publicados os resultados de todos que participaram da prova, incluindo as escolas municipais. Acha importante saber o resultado das escolas municipais de 4ª série, pois a escola em que trabalha irá receber esses alunos na 5ª série. Diz que em 2010 receberam alunos que não sabiam escrever. Considera importante que sejam abertos os resultados para que a comunidade saiba como está a escola, porém para quem não consegue a meta é desagradável.</p>	<p>Divulgação dos resultados do Saresp. Ridicularização da escola quando não atinge a meta. Importante divulgar para se saber a situação da escola. Deve-se divulgar as notas de todos que participaram.</p>

	<p>acho, se é pra abrir tem que abrir pra todo mundo. É bom, porque todo mundo fica sabendo como é que está a escola. Mas tem muita <u>maracutaia</u> atrás disso. A gente sabe que é usado, aquilo lá do, nós fomos <u>achincalhados</u>, é assim que fala? Acabaram com a gente, porque foi publicado. Na reunião de diretores, os próprio diretores <u>tiravam sarro</u> do seu Vanderlei. Porque nós não conseguimos o bônus. Então é desagradável, pra quem não consegue, é muito ruim, Agora é importante? É. Eu tenho que saber onde estou colocando meu filho. Você acha que eu ia querer colocar meu filho aqui, se eu soubesse que o esta escola...? Lógico que não. Eu acho que a gente procura sempre o melhor. Então para os pais é importante, pra <u>comunidade</u> é importante. Agora, <u>adianta</u> publicar só pra minha escola?</p>	<p>comuns; qualquer agrupamento populacional; grupo de indivíduos que partilha um interesse comum.</p>	<p>Conta que no ano em que não conseguiram o bônus, a escola foi ridicularizada, inclusive outros diretores fizeram brincadeiras de mau gosto com o diretor da escola.</p>	
SPC1.17	<p>A gente sempre tem orientações sobre o Saresp. Tem, já teve sim. Já vieram até aqui ajudar, ensinar. Sabe, a supervisora mesmo que veio da outra vez. Ela chegava,</p>	<p><u>Vídeo Conferência</u>: É uma conferência que ocorre entre pessoas que estão em locais diferentes, mas sincronamente. <u>Escala de Proficiência</u>: No caso</p>	<p>A depoente diz que eles têm orientações da Diretoria de Ensino sobre o Saresp, mas que é rápido. No começo do ano tem uma vídeo-conferência, mas eles não</p>	<p>Orientação sobre o Saresp aos coordenadores.</p>

	<p>vamos pegar isso aqui, vamos ver como é que é. Então, sabe, eles dão uma orientação sim. Não que seja uma coisa... É muito rápido, mas eles dão uma... Porque mudou bastante né? Esse negócio de habilidade, de competência, nas áreas que mudaram. Então eles deram orientação sim no começo. Todo Saresp tem a <u>vídeo conferência</u>, embora a gente nunca conseguiu ver na hora, porque a nossa internet é muito lenta. Mas depois eles gravam, eles mandam pra gente. De toda a explicação, da <u>escala de proficiência</u>, é bem explicadinho. Ela vai mudando de disciplina pra disciplina. Então tem toda uma... Olha, não é uma coisa bem... Eles dão assim, uma passada. Na verdade eles querem que a gente sente e estude. Só que no dia a dia a gente não tem tempo pra isso. É uma verdadeira loucura. Os alunos param agora no começo de dezembro e a gente trabalha em triplo né? Tudo que a gente tem que fazer agora no final. Então a gente teria que ter uma semana pra sentar só eu com a outra</p>	<p>do Saresp, a matriz de referência para a avaliação foi elaborada a partir da Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Configuram-se as referências que possibilitam a posição (segundo níveis de desempenho) dos alunos que realizarem as provas. Os indicadores relativos a esta posição são obtidos por uma Escala de Proficiência, por intermédio da qual se define o quanto e o quê cada aluno ou escola realizaram no contexto desse exame.</p> <p><u>Caderninho:</u> refere-se aos cadernos de questões das provas do Saresp.</p>	<p>conseguem assistir-la sincronamente, pois a internet é lenta, assim é gravada e enviada para a escola depois. Nela são explicados rapidamente a escala de proficiência das áreas contempladas pelo Saresp e os cadernos de questões. Diz que querem que os coordenadores estudem, mas que, no cotidiano escolar, não há espaço (temporal) para isso.</p>	
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--



	<p>coordenadora, estudar direitinho ou mesmo reunir só os coordenadores. Mas não é assim, eles dão uma passadinha por cima: olha, a escala de proficiência é isso. Habilidade e competência assim. O <u>caderninho</u> foi montado desse jeito. E é isso que eles explicam.</p>			
SPC1.18	<p>É, o que eles (a diretoria de ensino) passam, às vezes colocam em <u>data show</u> pra gente. A gente pega, eles mandam pela internet, a gente passa e juntos aqui a gente passa tudo pra eles (os professores) e a gente vai. Não que tenha grandes modificações, porque desde que ele mudou, é uma repetição, vem da mesma maneira, mas é diferente.</p>	<p><u>Data show</u>: é um projetor, que projeta imagem de um computador.</p>	<p>A depoente diz que o que a Diretoria de Ensino passa para os coordenadores, às vezes é colocado num projetor e passado para os professores na escola. Porém, diz que não tem grandes modificações de um ano para o outro.</p>	<p>Orientações sobre o Saresp aos professores.</p>
SPC1.19	<p>É muito difícil professor hoje que consiga fazer uma prova. Então eu quero que meu aluno tenha essa habilidade, essa competência, então agora eu vou fazer a pergunta. Não. Não é assim que funciona, a gente não consegue. Professor não tem tempo e não tem ainda essa <u>visão</u>. Ele tem aquele conteúdo, ele faz a prova e aí ele</p>	<p><u>Visão</u>: algo visto, percebido; concepção ou representação, em espírito, de situações, questões etc.; interpretação, ponto de vista. <u>Caderninho</u>: se refere a cadernos entregues aos professores a partir de 2008, consonantes com a nova proposta curricular, implantada no mesmo ano. Os alunos também recebem o caderno a partir de</p>	<p>A depoente diz que é difícil um professor que consiga formular uma prova com questões baseadas nas habilidades e competências que o aluno deve ter. Conta que o professor não tem tempo e que não tem essa concepção de montar provas, fazendo primeiro as questões e depois vendo quais habilidades estão sendo</p>	<p>Dificuldade de o professor elaborar provas pensando nas habilidades.</p>

SPC1.20	<p>vai ver qual habilidade que ta trabalhando, qual competência. É que o <u>caderninho</u> do professor já vem assim agora, então ficou mais fácil. Bem mais fácil. Mas...</p>	<p>2009. Neles, são apresentadas situações de aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos.</p>	<p>trabalhadas.</p>	
	<p>Olha, que a escala tem os <u>níveis de proficiência</u>. Tem coisa ali que a gente ainda fica perdido. Fica. Precisava assim, sabe quem, ela é de Matemática da nossa diretoria, que entende legal. Precisava sentar um dia com a gente aqui, sabe, vir, explicar, acho que não é só comigo, os coordenadores, não é fácil entender tudo aquilo, tem muita coisa ainda que a gente... Porque pra cada disciplina, a escala, ela começa em pontos diferentes. Então dentro da própria escala tem um nível. Nível 1 vai até aqui, depois tem outro nível, tem outro nível. Quando vai pra outra disciplina, ela não começa no mesmo número, ela começa um pouco mais pra cá. Então o nível 1 aumenta um pouquinho, é diferente da outra disciplina. Então isso acaba dando um <u>nó</u> na cabeça da gente. É difícil, não é fácil não. Precisaria uma boa preparação,</p>	<p><u>Níveis de proficiência</u>: mesmo que níveis de desempenho, explicado em escala de proficiência. <u>Nó</u>: aquilo que causa dificuldades; embaraço, estorvo, empecilho.</p>	<p>A depoente diz que tem muita coisa sobre o Saresp que eles não entendem. Acha que precisaria alguém que entenda explicar bem para os coordenadores. Conta que, para cada disciplina, a escala começa em pontos diferentes, o que causa dificuldade no entendimento.</p>	<p>Não entendimento da escala de proficiência.</p>

SPC1.21	<p>nem se fosse para gente, coordenador, para que a gente pudesse.</p> <p>Porque agora eles pedem, ah, <u>separem</u> os alunos que têm dificuldade. Que a gente faz isso no simulado que a diretoria manda. É o que a gente ta digitando agora, a <u>planilha</u> e sai o gráfico. Então ali a gente sabe quantos alunos acertaram quais questões. As questões que menos tiveram acerto, então aquela habilidade o aluno tem dificuldade. Então quem são esses alunos? Não dá pra fazer uma classe ainda, porque são várias, é muita coisa. A gente faz análise disso daí com eles (os professores). Porque tem simulado da diretoria no primeiro semestre e um no segundo semestre. Que nem agora, nós estamos digitando todos os erros e acertos. Quem acertou ganha 1 ponto, errou 0. Então tem todas as habilidades, as 10 questões. Cada questão trabalha uma habilidade, o nome do aluno, acertou ele ganha 1 ponto e assim vai nas 10 questões e lá no final tem o total de pontos dele. Então</p>		<p><u>Separar</u>: pôr (-se) à parte, fazer a disjunção de (o que estava junto ou ligado); desunir (-se), apartar (-se), isolar (-se), desagregar (-se); fazer seleção ou escolha; discriminar.</p> <p><u>Planilha</u>: folha em que se faz qualquer cálculo; formulário padronizado em que se registram informações</p>	<p>A depoente conta que pedem para que a escola seleccione os alunos que têm dificuldades em cada habilidade, e que eles fizeram isso na escola em que trabalha através do simulado do Saresp enviado pela Diretoria de Ensino no primeiro semestre. Diz que fazem análises desses resultados com os professores, mas que não dá para montar uma classe com os alunos que têm dificuldades em determinada habilidade, pois são várias habilidades.</p>	<p>Simulado do Saresp.</p> <p>Detectar alunos que têm dificuldades de acordo com o resultado dos simulados.</p>
---------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------

SPC1.22	<p>eu sei na classe quem acertou a questão 1, quantos acertaram a questão 1. Então aquela classe tem dificuldade nesta habilidade. Então nós conseguimos fazer no 1º semestre, até selecionar os alunos.</p> <p>Mas você acha que o professor consegue trabalhar habilidades diferentes dentro de uma mesma sala de aula, com 40 alunos? Não consegue, entendeu? Você até tem a visão do aluno, da dificuldade. Mas como você vai se dedicar para aquele coitadinho sozinho? Se você tem 40 por sala de aula? Tem muito aluno por sala. No Estado é assim mesmo. Eu acho que falta mesmo alguém que nos ajude a entender e, eu acho que até entender a gente entende, agora como corrigir isso em sala de aula? O que mais eu posso fazer? A gente tenta, mas não consegue. E o professor sabe. Agora, outra, a gente ta <u>engessado</u> pelo caderninho. Querendo ou não trabalhar, ah, mas tem que trabalhar o livro didático. O professor mal dá conta do caderninho. Então quer que</p>	<p><u>Engessar</u>: colocar gesso sobre (perna, braço etc.), esp. para imobilizar região fraturada; encanar, gessar. Usado no texto no sentido de imobilizar.</p>	<p>A depoente diz que o professor não consegue trabalhar habilidades diferentes dentro de uma mesma sala de aula com 40 alunos, apesar de se saber das dificuldades deles. Acha que falta alguém para mostrar para a escola como corrigir os problemas detectados pelo Saresp em sala de aula. Diz que a escola está imobilizada pelo uso do material enviado pelo governo. Resume dizendo que o entendimento do Saresp é falho, que a Diretoria de Ensino tenta explicar, mas não se tem tempo suficiente.</p>	<p>Não consegue trabalhar habilidades diferentes na mesma sala de aula.</p> <p>Como corrigir problemas detectados pelo Saresp em sala de aula?</p> <p>Entendimento do Saresp é falho.</p>
---------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>coloque texto do livro didático? Então tem disciplina que não dá conta mesmo, a gente sabe. Então o Estado nesse ponto... A Diretoria tenta, mas é muito falho. A gente sabe. E eles (a diretoria) sabem disso. Porque às vezes a gente fala: mas eu não entendo. Olha gente, pra explicar pra vocês eu precisaria de muito mais tempo. Mas é mais ou menos isso, de todo o processo do Saresp. Do entendimento mesmo do Saresp.</p>			
SPC1.23	<p>Da Diretoria sim (política diferente quando não conseguiram o bônus). Que nem eu falei pra você. Veio aqui um supervisor diferente. Ela vinha aqui semanalmente, e ela nos ensinou a organizar o <u>HTPC</u>. Ela nos trazia textos para discutir no <u>HTPC</u>. Ela ensinava a interpretar gráfico. Ela falava vamos ver isso, como é que você trabalhou isso? Ela nos <u>obrigou</u> a entrar na sala de aula pra assistir a aula. Ela vinha semanalmente: eu quero ver o registro que você fez da sala. Eu tinha que assistir aula do professor.</p>	<p><u>HTPC</u>: Hora de trabalho pedagógico coletivo. Momentos semanais (máximo de 3 horas por semana) em que os professores e coordenadores se reúnem. <u>Obrigar</u>: submeter (-se) a uma imposição legal ou moral; mover (-se) pela força, por pressão moral ou por necessidade a; forçar (-se).</p>	<p>A depoente diz que quando não atingiram a meta de aumento do Idesp, percebeu diferença na política da Diretoria de Ensino em relação à escola. Diz que começou a ir à escola uma supervisora de ensino diferente, que ensinou a organizar a <u>HTPC</u>, a interpretar gráficos, trazia textos e obrigou os coordenadores a assistirem aulas dos professores.</p>	<p>Mudanças na política quando não atingiram a meta.</p>
SPC1.24	<p>Eu sentava no canto, sempre no canto da parede, assim com aluno,</p>	<p><u>Sequência didática</u>: uma sequência de etapas de ensino,</p>	<p>A depoente conta que quando assistia às aulas dos professores,</p>	<p>Obrigação de assistir aulas de professores</p>

	<p>olhava o livrinho que tava estudando, prestava atenção na aula, pra ver se a maneira como o professor tava dando aula, será que o aluno entendeu. Porque que nem química, química eu não entendo nada. Então a maneira do professor explicar, dava pra entender? Tava conseguindo chegar no aluno? Ele tava usando o livrinho? Como? Todas as questões do livrinho ou ele tava pulando? Porque o livrinho é uma <u>sequência didática</u>, o professor tem que usar naquela sequência. A partir do momento que ele pula um exercício, ele pulou um determinado desenvolvimento do aluno. Então vai fazer falta pro próximo exercício que é um pouco mais complicado. Eu tinha que ir anotando. Depois de anotar o que ele tava trabalhando, como ele trabalhou. Se ele usou figura, se ele desenhou na lousa, se ele explicou, se ele deu exercício, se ele usou o livro didático. Eu tinha que anotar tudo. Depois, toda aula eu tinha que <u>sugerir</u> alguma coisa. Ela queria que eu sugerisse alguma</p>	<p>ligadas entre si, com o intuito de promover o aprendizado de determinado conteúdo.  <u>Sugerir</u>: fazer (alguém) pensar (algo) sem formulá-lo inteira ou claramente; dar a entender, insinuar, insuflar; apresentar (uma idéia) a (alguém), que pode aceitá-la ou não; aconselhar, propor, aventar.  <u>Rodeio</u>: ação ou efeito de rodear; rodeamento; volta, giro em redor de algo; discurso longo para emitir um enunciado que não chega a ser claramente expresso; circunlóquio.  <u>Social</u>: concernente à sociedade; relativo à comunidade, ao conjunto dos cidadãos de um país; coletivo; o que diz respeito ao bem-estar das massas, especialmente as menos favorecidas.  <u>Fono</u>: Fonoaudiólogo.  <u>Servente</u>: empregado que executa serviços auxiliares, notadamente de limpeza ou de conservação das coisas, em repartição ou escritório; zelador do asseio e da higiene de um estabelecimento.</p>	<p>sentava junto com os alunos e observava como o professor lecionava, se ele estava usando o material enviado pelo governo, os métodos didáticos que usava, se usa a lousa, anotava tudo e depois tinha que sugerir alguma mudança para o professor. Diz que assistiu às aulas em 2009, pois a Diretoria de Ensino exigiu, e que tinha que preencher duas folhas com informações sobre as aulas e depois fazer um relatório quinzenal para enviar à Diretoria, mas que nunca fez. Já em 2010, não teve tempo, devido às mudanças de estratégias de trabalho, como semana de provas e simulados organizados pela coordenação, além dos trabalhos que já existiam, como atendimento de pais, preocupações com o bem estar dos alunos e assuntos com funcionários que executam serviços auxiliares.</p>	<p>em 2009.  Como assistia às aulas.  Em 2010 não assistiu.</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------

	<p>coisa. Daí eu terminava a aula, os alunos saíam, eu ia até a mesa do professor: olha, eu anotei as aulas, tal, como sugestão, tenta chamar um aluno na lousa. Pergunta: Marco, você entendeu? Felipe, o que eu tava falando mesmo? Tenta fazer tal. Ah, legal, então você assina aqui pra mim, por favor? E ela vinha semanalmente e eu tinha que assistir de três a quatro aulas por semana. Nesse ano eu fiz isso. Em 2009. Este ano de 2010 não fiz. Entrei uma vez na sala de aula. Não deu tempo. A gente mudou aí, começou com essas provas, que deu muito trabalho, esses simulados deram mais ainda. Então a gente mudou a estratégia, mas a gente tinha...E eles da diretoria fizeram um rodeio da entrada do coordenador na sala de aula. Todas as questões, nossa, eram duas folhas de papel para preencher. Depois quizenalmente eu tinha que fazer um resumo e mandar pra diretoria. Não, nunca fizemos. Não fomos só nós, graças a deus. Nós conversamos com outros coordenadores, não dá.</p>		
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

SPC1.25	<p>Você não dá conta, você não tem só isso dentro da escola. Você atente pai, você atende aluno. Que nem aqui, o <u>social</u> daqui é muito grande. Você tem que mandar aluno pro médico, você tem que agendar psicólogo, psiquiatra, <u>fono</u>, você tem que agendar oculista, tudo! Eles vêm aqui: olha, eu não consigo, dá pra você agendar pra mim? Pela escola é mais rápido. Então você tem que cuidar de muita coisa. É problema com servente, tudo fica pra nós.</p>	<p><u>Pé</u>: condição de um negócio, entendimento ou situação; ponto ou fase de um desenvolvimento.  <u>Faixa</u>: qualquer estrutura que apresenta largura e espessura muito reduzida em relação ao comprimento.  <u>Justo</u>: que é conforme à justiça, à equidade, à razão; que julga e procede segundo a equidade; probo, reto, íntegro.</p>	<p>A depoente acha que a divulgação dos resultados do Saresp é boa para que todos fiquem sabendo a situação que a escola se encontra. Porém, acha que deveria ser divulgado o resultado de todas as escolas que participam do Saresp, não só das estaduais, pois não acha certo ela não saber o diagnóstico dos alunos que recebe, mas todos saberem o que a escola fez. Conta que as escolas que conseguiram bônus colocaram faixa na frente, mas não se lembra de ter saído no jornal local.</p>	Divulgação dos resultados.
---------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------



	<p>Agora não sai no jornal assim, sai na internet, tem isso, sai na internet. Não, as escolas colocaram <u>faixa</u> na frente, tal. Mas a gente, não me lembro não (de sair no jornal de Cordeirópolis).</p>			
SPC1.26	<p>Olha, eu acho que existem outras maneiras de olhar o desempenho da escola não apenas pelo bônus. É que nem eu falei, o aluno pode <u>não</u> estar <u>nem</u> <u>aí</u>, eu não quero nem saber, não to a fim de fazer, não vou fazer, acabou. <u>Chuta</u> tudo lá, e aí, como é que fica? Ele não é sincero e a escola acaba sendo prejudicada, né? Então eu não acho que é justo, eu acho que tem outras maneiras...</p>	<p><u>Não</u> <u>estar</u> <u>nem</u> <u>aí</u>: não dar importância.  <u>Chutar</u>: No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente.</p>	<p>A depoente acha que existem outras maneiras de olhar o desempenho da escola, que não seja pelo bônus, pois na prova do Saresp o aluno pode não dar importância para a prova, não querer fazer e chutar as respostas das questões, o que prejudica a escola. Portanto, acha que não é justo atrelar o bônus ao alcance da meta.</p>	<p>Atrelamento alcance metas/bônus.</p>
SPC1.27	<p>Eu acho que mesmo o índice de aprovação e retenção da escola, ele é legal, mas muitas vezes também <u> mascarado</u>. Porque do fundamental, por exemplo, você não pode levar em consideração, não tem..., porque a Diretoria sabe a escola que <u>merece</u>, a escola que não merece, a escola que tem um bom trabalho. Eu acho que antigamente, nossa, isso tem lá seus 20 e poucos anos, o Estado</p>	<p><u>Mascarar</u>: disfarçar-se, apresentar-se sob falsa aparência; dissimular sob uma aparência enganadora; ocultar da vista; camuflar, tapar.  <u>Merecer</u>: ser digno de; estar, por suas qualidades ou conduta, no direito de obter (bens, algo bom, vantajoso) ou sujeito a passar por (algo que lhe seja desfavorável, doloroso, desabonador); apresentar as condições desejadas ou</p>	<p>A depoente acha que é importante ver o índice de aprovação e retenção das escolas, mas ele pode ser disfarçado, por exemplo, no ensino fundamental não pode ser levado em consideração, pois não tem reprovação. Como modo alternativo de avaliar a escola sugere que a Diretoria de Ensino sabe a escola que apresenta as condições desejadas ou não para receber o bônus. Conta que teve</p>	<p>Modo alternativo de avaliação proposto pelo sujeito.  Confusão bônus com avaliação.</p>

	<p>mandava pra escola uma cota de bom e muito bom. Eu trabalha na secretaria de outra escola. O Estado mandava pra cada escola uma <u>cota</u> de bom, muito bom, regular e péssimo. E o diretor tinha que distribuir essas cotas entre os professores. Isso era <u>terrível</u>. Isso tinha a ver com tudo, aumento, tudo. Porque vinha uma cota. Nem sempre a escola tem um professor ruim, péssimo. E outra, quando você faz isso, você <u>marginaliza</u> a pessoa. Porque você não pode... Então daí depois foi trocado por essa maneira aí. Então eu acho que a diretoria sabe quem trabalha bem e quem não trabalha. As escolas que têm problema.</p>	<p>necessárias para; estar em condições de obter ou receber (algo); ter direito, por relevantes serviços prestados, à gratidão, ao reconhecimento de; ter direito, méritos, merecimento. <u>Cota</u>: quantia, parcela determinada de um todo. No texto usou no sentido de quantidade, quantia. <u>Terrível</u>: que infunde ou causa terror; assustador, temível; muito ruim, de má qualidade; péssimo. <u>Marginalizar</u>: impedir a integração ou participação de (alguém) em um grupo, no meio social, na vida pública etc.; deixar às margens de, fora de.</p>	<p>uma época em que o governo enviava certa quantidade de “muito bom, bom, regular e péssimo” para o diretor e ele tinha que distribuir entre os professores. Diz que foi terrível, pois havia escolas onde não se tinham professores ruins, e também quando se distribuía essas “avaliações” corria-se o risco de deixar alguns professores às margens da escola.</p>	
SPC1.28	<p>Eu acho que o Saresp é <u>injusto</u>. Eu acho que quem tem condições de analisar se a escola merece ou não é a própria Diretoria, (...) os supervisores conhecem cada escola. A Diretoria de Ensino conhece cada escola. Porque cada supervisor cuida de 4 ou 5 escolas. Então ele sabe qual escola merece, qual não merece e o porquê, né? Então eu não acho que o Saresp...</p>	<p><u>Injusto</u>: que ou aquele que não procede com justiça; que não está em conformidade com a justiça; que não tem fundamento; injustificado.</p>	<p>A depoente acha que o Saresp é injusto, pois é uma amostragem e os alunos podem querer punir a escola ou não querer fazer a prova e a escola é prejudicada. Acha que a Diretoria de Ensino, através dos supervisores, que conhecem cada escola, é capaz de analisar se a escola merece ou não o bônus.</p>	<p>Confusão bônus com avaliação. Saresp injusto.</p>

	<p>mesmo porque ele é uma amostragem, e os alunos podem se vingar da escola, podem resolver não fazer nada, e a gente é prejudicado como fomos no ano retrasado.</p>		<p>A depoente diz que o Saresp é usado na prática, pelo governo, para calcular o Idesp. Conta que na escola tem que ser trabalhado o material enviado pelo governo, relativo ao Currículo do Estado e o Saresp é baseado nesse material.</p>	<p>Uso do Saresp para calcular o Idesp. Saresp baseado no material do Currículo.</p>
<p>SPC1.29</p>	<p>Na prática, pra eles é só pro índice do Idesp. Porque eles engessaram o caderninho pro Saresp. Então você trabalha o caderninho, porque o caderninho é o currículo do Estado e o Saresp fica em cima do caderninho. Pra ele só interessa isso. Tem que trabalhar o currículo dele. O governo quer que a gente trabalhe o currículo que ele colocou. E o currículo que ele colocou ta engessado no Saresp. Se pra eles o currículo mínimo é o que ta no caderninho, é o que a gente tem que trabalhar.</p>	<p><u>Eles</u>: Refere-se à Secretária da Educação. <u>Em cima de</u>: com base em; apoiado em. <u>Currículo</u>: refere-se ao Currículo, baseado na proposta curricular do Estado de São Paulo<sup>190</sup>, pautada nos Parâmetros Curriculares Nacionais.</p>		
<p>SPC1.30</p>	<p>Tanto que os alunos quando terminam o Saresp, falam: não venho mais. O Saresp foi no finalzinho. Dona, depois do Saresp</p>		<p>Fala que os alunos das séries que fazem o Saresp, quando terminam a prova dizem que não virão mais à escola. Atribui isso ao fato de que</p>	<p>Alunos dizem que não vêm mais para a escola depois do Saresp.</p>

<sup>190</sup> Essa Proposta Curricular torna-se referência obrigatória para a rede oficial de ensino de São Paulo, segundo a Resolução SE nº 76 de 11 de novembro de 2008.

	<p>não venho mais. Porque tudo que a gente faz o ano inteiro, é esperando o Saresp de novembro. Trabalha o caderninho, faz simulado, trabalha prova, tudo é em relação ao Saresp. Então o Saresp pra 6ª série, a 8ª e o 3º parece o vestibular. Tudo é voltado pra isso. Não sei o que vai...</p>		<p>para essas séries tudo que se faz durante o ano é voltado para o Saresp.</p>	
SPC1.31	<p>Eu lembro que quando a Maria Helena entrou na secretária, ela chegou a colocar que na 6ª série ela ia colocar reprovação. Porque é só na 4ª, na 8ª e no ensino médio. Ela ia colocar na 2ª e na 6ª também. Depois não deixaram, porque se ela colocasse não ia ter (?). Porque se você pegar a nossa planilha você vai assustar.</p>		<p>Conta que quando entrou a secretária da educação Maria Helena Guimarães de Castro, queria colocar reprovação na 2ª e 6ª série, mas não colocou. Diz que se olharmos a planilha com as notas dos alunos iremos nos assustar.</p>	<p>Não há reprovação de alunos. Alunos com notas muito ruins.</p>
SPC1.32	<p>Mas muita gente aqui não consegue terminar o <u>quarto caderno</u>. O ano passado até nós começamos este ano de 2010 trabalhando o caderninho do 4º bimestre do ano passado. Porque não deu tempo de trabalhar. Porque o ano passado teve problema de muito atraso. Esse ano não atrasou, mas na nossa escola nós tivemos <u>greve</u>. Ficou</p>	<p><u>Quarto caderno</u>: se refere ao caderno enviado pelo governo, do 4º bimestre. <u>Greve</u>: cessação voluntária e coletiva do trabalho, decidida por assalariados para obtenção de benefícios materiais e/ou sociais, como melhoria das condições de trabalho, direitos trabalhistas etc., ou ainda para se garantirem as conquistas adquiridas que,</p>	<p>A depoente diz que o material que o governo envia é o currículo do Estado, portanto a escola tem que trabalhar, concordando ou não, já que são funcionários do governo. Afirma que está tudo amarrado nesse material e que às vezes não dá tempo de ministrar os conteúdos do 4º bimestre. Porém, conta que quando é aberto espaço para a escola falar, eles reclamam e falam</p>	<p>Uso do material enviado pelo governo. Seguir o material independente de concordar ou não.</p>

	<p>uns 30 dias em greve. Então atrasou o caderninho, então muita gente não conseguiu dar conta. Então se a gente fosse ver, o ano que vem a gente também tem que começar todo o ensino a partir do quarto caderno. Então fica tudo amarrado. Tudo ta amarrado nisso. Mas se isso é o currículo do Estado e a gente trabalha pra eles. A gente tem que obedecer as regras. Essa é minha função? Então eu vou ter que... Concordando ou não. Mas a gente sempre discute com eles quando a gente vai. Quando abre alguma coisa na internet para os professores falarem alguma coisa do caderno, eles falam, então tem sempre alguém reclamando. Tanto é que já modificaram de 2008 pra 2009, o caderninho já foi modificado. Mas agora tem muito mais né? Vamos ver se o próximo governo vai continuar. A gente como coordenadora entrou numa função que tem que se adaptar. Não tem jeito né? Ah, fazem uma <u>lavagem cerebral</u>. Não é isso, se eu trabalho pra isso. A gente sabe que tem coisa que a gente não</p>	<p>porventura, estejam ameaçadas de supressão; cessação temporária e coletiva de quaisquer atividades, remuneradas ou não, em protesto contra determinado ato ou situação (específica ou relativa à sociedade como um todo). <u>Lavagem cerebral</u>: processo de demolição de personalidade ou identidade, levado a efeito por dominadores sobre dominados, por meio do qual estes renunciam a convicções (políticas, sociais ou religiosas), atitudes, padrões de comportamento anteriores, a fim de adotar as que lhes são impostas por aqueles. <u>ACT</u>: Professores com Admissão em Caráter Temporário. Atualmente chamados OFA: Ocupante de Função Atividade. São professores que não possuem cargo efetivo.</p>	<p>do que não gostam nesse material. Diz que tem professores que não querem seguir o material, então há brigas com a coordenação da escola.</p>	
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>concorda, mas tem coisa que você tem que fazer. Seguir o caderninho é religioso, nós tivemos até um arranca-rabo com um professor que veio de outra escola pra cá, de inglês, que lá ele não trabalhava. Quando a outra escola soube, que é a escola aqui embaixo, soube que ele veio pra cá. Ele é <u>ACT</u>, né? Ih, você tá pegando um professor que não trabalha o caderninho de jeito nenhum. Primeiro dia que ele veio aqui se apresentar, mandaram ele pra nós, oh, só que aqui a gente trabalha o caderninho.</p> <p>-Mas eu não trabalho. -Mas aqui a gente trabalha. Ele odiava essa escola. Tanto que ele quis sair daqui, saiu antes de terminar o ano. Porque aqui ele foi obrigado a seguir o caderninho. É difícil, tem muita gente que reluta, mas... Nós temos um professor aqui de Matemática, do 2º ano, que não trabalhou o caderninho. Eu falei, eu cansei, a Lucia falou, seu Vanderlei falou. Ele não trabalhou. Aí ele chegou a convencer os alunos que o caderninho é ruim, que o caderninho não dá pra ser</p>		
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>trabalhado, que o caderninho na realidade não valia pra nada, que o livro que ele usava de mil novecentos e bolinha é melhor. Se tirasse o livro da mão dele acho que ele não sabia dar aula. Ele usou aquele livro o ano todo. Aí, quando os alunos vieram questionar no final do ano, eu falei quero ver como ficar o ano que vem, quando vocês forem fazer o Saresp, o conteúdo do 2º ano do caderninho vocês não tiveram. Ele até deu alguma coisa, mas não como deveria ser dado. Então isso prejudica bem o desenvolvimento da...</p>			
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--

Fonte: dados organizados pela autora.

#### Quadro 68 - Análise ideográfica do professor coordenador 2.

Nº US	Unidades de Sentido	Exerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US
SPC2.1	(Sou coordenadora) do ensino fundamental		A depoente é coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental.	Coordenadora do Ensino Fundamental.
SPC2.2	(Fico na escola) de manhã direto, das 7 às 16 hrs.		A depoente trabalha na escola, direto das 7 às 16 horas.	Horário de trabalho.
SPC2.3	(Trabalho há) três anos. Nessa escola. Dez (de <u>magistério</u> ).	<u>Magistério</u> : cargo ou ofício de professor; professorado; exercício	A depoente trabalha há dez anos no magistério e nesta escola há	Tempo no magistério.

SPC2.4	<p>Ah, muda (a rotina das atividades da coordenação, por causa do Saresp). Durante o ano muda, a gente se preocupa em <u>preparar</u> os alunos pro Saresp. O que a gente faz aqui: Este ano nós incluímos as provas bimestrais, que antes não tinham, só tinha a avaliação que o professor fazia. Além das que eles fazem normalmente tem a <u>semana de provas</u>, então já ta treinando pro Saresp. Faz em formato Saresp, não é só questões de <u>múltipla escolha</u>, tem as <u>questões escritas</u> também. E fora isso, temos os <u>simulados</u>, que a gente faz no primeiro semestre, a gente faz um e a diretoria manda outro, ta? No primeiro semestre e no segundo semestre. Aí a gente faz um comparativo, faz um <u>levantamento</u> pra ver como é que eles foram: eles têm melhorado? Eles não melhoraram? O que precisa fazer? Às vezes não dá tempo nem de muito, é muito corrido. Mas a gente tenta fazer o que dá, porque a cobrança lá é muito grande, e a gente tem outras coisas pra fazer também. A gente é chamado em sala</p>	<p>desse <u>ofício</u>; ensino, professorado. Preparar: <u>aparelhar</u> (-se), dispor (-se), <u>arranjar</u> (-se), <u>antecipadamente</u>; pôr em condições adequadas para (alguma coisa posterior); ensinar ou estudar com alguma finalidade; educar (-se), <u>habilitar</u> (-se); munir (-se) do necessário para enfrentar (alguma coisa); <u>armar</u> (-se), <u>aparelhar</u> (-se), <u>aprontar</u> (-se). <u>Semana de provas</u>: Se refere às provas de avaliação regular dos alunos, preparadas pelos professores na escola, em uma semana organizada pela direção e coordenação escolar, bimestralmente. <u>Questões de múltipla escolha</u>: questões que possuem alternativas como respostas, na qual quem está sendo avaliado deve apontar uma delas. <u>Questões escritas</u>: Questões que não possuem alternativas para serem escolhidas, ou seja, o aluno tem que escrever o raciocínio que o levou a determinadas respostas. Também chamadas de questões dissertativas ou abertas. <u>Simulado</u>: Prova feita nos mesmos</p>	<p>três anos. A depoente diz que a rotina das atividades da coordenação muda em função do Saresp, pois eles preparam os alunos para fazer a prova. Este ano incluíram uma semana de provas organizada pela coordenação, além das avaliações que os professores fazem normalmente, eles preparam provas com questões de múltipla escolha e dissertativas para essa semana. Além disso, têm simulados do Saresp na escola, no primeiro e no segundo semestre a coordenação preparou um e a Diretoria de Ensino enviou outro. Depois dos simulados eles fazem uma investigação para verificar o desempenho dos alunos, depois refletindo sobre o que precisa ser feito. Diz que às vezes não dá tempo, pois a coordenação tem muitas atividades, mas que eles tentam, pois existe muita cobrança. Conta que quando se fala em avaliação os alunos ficam amedrontados, nervosos, ansiosos, e com a preparação, tenta-se acostumá-los para que fiquem</p>	<p>Mudança na rotina da coordenação em função do Saresp. Preparação dos alunos. Alunos nervosos com avaliações.</p>
--------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



	<p>de aula, o dia inteiro a gente corre. Mas a gente tenta preparar os alunos, porque falou em avaliação, eles ficam assim, não sei, meio <u>assustados</u>, não sei, ficam meio nervosos já. Então a gente tenta fazer isso pra acostumar, pro dia que chegar a avaliação, eles não estarem tão assim, ansiosos, eles fazemem mais tranquilos a avaliação. E procurar ir melhor né?</p>	<p>moldes de determinada prova, para efeito de treino. <u>Levantamento</u>: pesquisa, estatística de (algo); arrolamento; a lista, a relação de pessoas ou coisas (concretas ou abstratas) levantadas; rol, listagem; sondagem, investigação, geralmente breve, feita para atender uma eventual necessidade. <u>Assustar</u>: causar ou sofrer susto ou medo; atemorizar (-se), amedrontar (-se), intimidar (-se).</p>	<p>mais tranquilos e possam ter melhor desempenho.</p>	
SPC2.5	<p>Porque tem uns que a gente sabe que são bons, mas eles não vão bem na avaliação. Apesar que agora a gente não sabe, porque não vem mais aquele, a <u>nota</u> de aluno por aluno como vinha antigamente, logo no começo. Não vem mais. Vem a nota da escola, isso é ruim pra gente.</p>	<p><u>Nota</u>: avaliação acadêmica de trabalho, exame ou concurso prestado, atribuindo-se um conceito, a nota.</p>	<p>A depoente diz que tem bons alunos que não tem bom desempenho na avaliação, apesar de atualmente não saber, pois não vem a nota individual do aluno, o que é ruim para a escola.</p>	<p>Nota individual do aluno. Vem a nota da escola A nota da escola é ruim para o professor.</p>
SPC2.6	<p>Eu acho que não tem assim, problema (o resultado do Saresp ser público). Pra gente aqui pode ser que tenha, eu não sei, aqui na cidade, são poucas escolas, então fica uma <u>comparando</u> com a outra. Eu acho que cada um tem que olhar</p>	<p><u>Comparar</u>: relacionar (coisas animadas ou inanimadas, concretas ou abstratas, da mesma natureza ou que apresentem similitudes) para procurar as relações de semelhança ou de disparidade que entre elas existem; aproximar dois ou mais</p>	<p>A depoente acha que não tem problema o resultado do Saresp ser público, porém na cidade em que trabalha diz que alunos e professores ficam comparando uma escola com outra, pois são poucas escolas. Acha que cada</p>	<p>Divulgação dos resultados. Professores e alunos comparam as escolas.</p>

	<p>a sua realidade, é totalmente diferente a realidade de cada escola. É a mesma cidade, mas as <u>clientelas</u> são diferentes, né? Então, uma outra cidade tem mais escola, mas sempre ficam falando: olha, aquela foi, aquela não foi. Não sei se, eu to já fora 6 anos das escolas de lá. Eu fiquei 3 anos em Limeira e 3 anos aqui. Então a gente vê muito, em Limeira é maior, você não vê tanto. Na cidade B. você vê e aqui você vê muito mais, que são poucas. Eu acho que depende da cidade. Sei lá se é bom, se não é. Pra mim, pessoalmente, eu não acho problema. Mas a gente sabe que tem isso aí na cidade. Tem comentário entre os professores, ficam comparando. Aluno compara e professor compara também. Infelizmente.</p>	<p>itens de espécie ou de natureza diferente, mostrando entre eles um ponto de analogia ou semelhança; pôr (-se) em paralelo, equiparar (-se) em valor, qualidade ou intensidade. <u>Realidade:</u> qualidade ou característica do que é real; o que realmente existe; fato real; verdade. <u>Clientela:</u> o conjunto ou a totalidade de clientes de um estabelecimento comercial, de um banco, de um advogado, médico, dentista etc.. No texto conjunto de pessoas que frequentam habitualmente um determinado lugar.</p>	<p>escola tem que olhar o que acontece dentro dela, seu cotidiano, sua realidade e o tipo de alunos que a frequentam. Diz que essa comparação é comum em algumas cidades, especialmente as pequenas.</p>	<p>Cada escola apresenta diferente realidade.</p>
SPC2.7	<p>Eu acho que (as provas do Saresp) são (bem aplicadas e <u>confiáveis</u>). Eu acho que não deve ter problema. Eu, pelo que eu sempre senti não tem problema não. Eu acho que são bem <u>confiáveis</u>. Agora, com essa troca de <u>professores</u>, troca de aplicadores, se alguém duvidava de alguém, de</p>	<p><u>Confiável:</u> em que se pode confiar; digno de confiança; honesto, leal, sincero; sobre cuja segurança, resistência, firmeza, precisão etc., pode-se estar tranquilo (diz-se de objeto, aparelho, método etc.); em que se pode acreditar; digno de fé; fidedigno.</p>	<p>A depoente acha que a aplicação das provas do Saresp é confiável, pelo que sempre percebeu. Diz que com a troca de professores entre escolas para aplicar o Saresp não se tem mais dúvidas. Ela disse que escuta comentários de que não é, mas onde trabalha</p>	<p>Confiabilidade da prova do Saresp.</p>

	<p>alguma coisa, pelo menos isso não tem mais. Mas a gente sempre levou a sério. Mesmo quando eram professores daqui, a gente sempre levava a sério. Porque a gente escuta falar, comentários, mas aqui, a gente sempre levou a sério. Essa questão, avaliação que vem sempre de fora, mesmo que deu problema ano passado, de chuva, que molhou, que não sei o que, foi feito, mas sempre foi, nunca fiquei sabendo que o resultado, o <u>gabarito</u> saiu antes da gente, de a escola estar sabendo. Nunca teve esse problema. Então eu acho confiável.</p>	<p><u>Troca de professores</u>: Professores não aplicam a prova do Saresp na escola em que trabalham, há uma troca de professores entre as escolas. <u>Gabarito</u>: tabela das respostas corretas às questões de uma prova.</p>	<p>sempre levaram a sério, nunca ficaram sabendo das respostas corretas antes das provas.</p>	
SPC2.8	<p>Tem (orientação sobre o Saresp), mas não muito. Eu acho que é uma coisa complicada. Eu já fui em <u>capacitação</u>, mas até eles falam, olha a gente tem que estar estudando, os <u>PCOPs</u>, que passam a capacitação, eles vão pra <u>São Paulo</u>, aí eles vêm de São Paulo e chama os coordenadores. Então é complicado entender. Agora eles estão fazendo relatório, tão fazendo cada vez... Eles estão começando a entender melhor também. Não é fácil entender. Quando você acha que</p>	<p><u>Capacitação</u>: ato ou efeito de capacitar (-se); habilitação, aptidão. Refere-se aos encontros que ocorrem com os coordenadores e PCOPs, para capacitá-los sobre algum tema. <u>São Paulo</u>: se refere à Secretaria da Educação. <u>PCOP</u>: Professor Coordenador da Oficina Pedagógica. <u>Intensivo</u>: refere-se a um curso intensivo, ou seja, que visa alcançar alto grau de eficácia através de um esforço intenso, contínuo e de curta</p>	<p>A depoente diz que há orientações sobre o Saresp, mas são poucas, e que é dito que eles precisam estudar. Conta que os professores coordenadores das oficinas pedagógicas vão se capacitar na Secretaria da Educação e depois se reúnem com os coordenadores pedagógicos das escolas. Acha que deveria ter um curso intensivo sobre como é calculado o resultado do Saresp, sobre os níveis de proficiência, que têm faixas diferentes para as diferentes</p>	<p>Orientação sobre o Saresp. Níveis de proficiência complicados. Deveria ter um curso intensivo para entender o resultado do Saresp.</p>

	<p>         você ta entendendo, você não entendeu de novo. Que sempre tem alguma coisa a acrescentar. Eles sempre estão fazendo relatórios, estão separando. Pra gente passar pros professores, essas reuniões são poucas. Eu acho que tinha que fazer um curso, <u>intensivão</u>. Pra gente poder entender bem, não como é o Saresp, o Saresp a gente sabe o que é, o resultado. Mas como é calculado esse resultado, essa amostragem, como é jogado, os níveis de proficiência, é complicado. Porque cada disciplina tem umas faixas, né? Não são todos iguais. Bem complicado. Você vai, vai... Você entende um pouco.       </p>	<p>         duração.       </p>	<p>         disciplinas, o que os torna complicados.       </p>	
<p>         SPC2.9       </p>	<p>         Não, ainda não (dá pra entender direito). Você percebe que até eles pra passar pra gente ainda ta um pouquinho, sabe? São Paulo não chama tanto assim. Não tem assim, 100% não é. Precisaria ter mais curso, mais capacitação par isso, pra gente poder entender mais, pra poder estar passando para o professor. Porque a gente tem que passar pro professor. Elas que vão pra São Paulo passam pra gente. E lá em São       </p>		<p>         A depoente diz que não entende direito a escala de proficiência e que percebe que os professores coordenadores das oficinas pedagógicas também não entendem direito, pois há pouca orientação pela dimensão do Saresp. Acha que deveria ter mais explicações detalhadas, para que elas pudessem explicar melhor para os professores.       </p>	<p>         Orientação sobre o Saresp.          Necessidade de explicações mais detalhadas.       </p>

	<p>Paulo deve ter alguém que passa pra elas. Então vai capacitando um pouco. Deveria ter mais reuniões, mais detalhamento, maiores explicações. Tem, mas é pouco. Pelo que é, é pouco. Deveria ter mais.</p>			
SPC2.10	<p>Olha, pra gente aqui, a gente compara resultados (do Saresp). Compara assim, a gente vê os nossos alunos como estão. Pra nós, <u>vale à pena</u>, porque a gente vê, ah, nosso aluno, vamos dizer: olha, eu acho que eles não vão tão bem, você já conhece a clientela, você trabalhou o ano inteiro. Até os professores, ah, essas 6ª séries estão mais fracas que a 6ª passada. A 6ª passada tava mais forte. Então, quando vem o resultado, a gente vê se o que a gente trabalhou o ano inteiro, se foi isso que a gente pensou ou se não foi, o que a gente errou. Por isso que eu falo, se tivesse o resultado <u>pontual</u> dos alunos, a gente teria um resultado melhor. Mas é bom pra gente, pra escola, pra gente ver o nosso resultado. Se a gente ta trabalhando direito, o que a gente pode melhorar, que esse ano nós mudamos, fizemos as provas</p>	<p><u>Vale à pena</u>: merecer o esforço, a preocupação; ser vantajoso, útil; compensar. <u>Pontual</u>: que se reduz a um ponto ou a um detalhe do todo; tópico. No texto, no sentido de individual.</p>	<p>A depoente diz que usam o resultado do Saresp na escola para verificar se os resultados correspondem ao que a escola esperava nas séries que participam da prova. Por esse motivo, acha que deveria vir o resultado individual dos alunos, assim poderiam ver se estão trabalhando corretamente, fazendo simulados e semana de provas bimestrais.</p>	<p>Resultado individual do aluno. Avaliação comparativa entre os resultados do Saresp e o que a escola avalia.</p>

SPC2.11	<p>bimestrais, mais simulados. É muito trabalhoso, mas eu acho que vale a pena.</p> <p>Porque a <u>qualidade</u> de ensino a gente tem. Eu acho que a <u>qualidade</u> a gente tem, o que falta é a <u>vontade</u> do aluno. O problema ta na <u>vontade</u> do aluno, ele não tem vontade. Então <u>reflete</u> muito no resultado a vontade dele. Não é a qualidade. Eu acho que não é a qualidade de ensino não. Porque os professores, a gente percebe, vêm com muita vontade de ensinar, prepara e depois chega na sala, tem sala que <u>desaba</u>, que leva tudo <u>por água abaixo</u> o que ele preparou. Sabe, o professor vem, vem preparado, esperando que vá dar resultado, chega na hora, aí a metade não quer saber de nada. São poucos os alunos interessados em aprender. Sabe, eu acho que a qualidade de ensino não é ruim.</p>	<p><u>Qualidade</u>: propriedade que determina a essência ou a natureza de um ser ou coisa; característica superior ou atributo distintivo positivo que faz alguém ou algo sobressair em relação a outros; virtude.</p> <p><u>Vontade</u>: faculdade que tem o ser humano de querer, de escolher, de livremente praticar ou deixar de praticar certos atos; força interior que impulsiona o indivíduo a realizar aquilo a que se propôs, a atingir seus fins ou desejos; ânimo, determinação, firmeza.</p> <p><u>Refletir</u>: recair sobre; incidir.</p> <p><u>Desabar</u>: vir abaixo; despençar, cair; gerar ou entrar em colapso; arrasar (-se), arruinar (-se).</p> <p><u>Ir por água abaixo</u>: perder-se, dar mau resultado.</p>	<p>A depoente acha que a qualidade do ensino é boa, porém a maioria dos alunos não tem vontade de estudar, o que recai sobre os resultados do Saresp. Diz que os professores se prepararam para as aulas, mas quando chegam em algumas salas, tudo vem abaixo, se perde.</p>	<p>Qualidade de ensino é boa.</p> <p>Aluno sem vontade de estudar.</p>
SPC2.12	<p>Eles falam: a gente vem porque é obrigado, a gente vem porque é obrigada. Sabe, eu não sei se a educação da família, hoje a mãe e o pai ta muito fora de casa, eu não sei. Na minha época, a gente estudou, a</p>	<p><u>Globalização</u>: processo pelo qual a vida social e cultural nos diversos países do mundo é cada vez mais afetada por influências internacionais em razão de injunções políticas e econômicas;</p>	<p>A depoente diz que os alunos falam que frequentam a escola porque são obrigados. Ela não sabe o motivo da falta de interesse, mas acha que pode ser a educação familiar, pois os pais</p>	<p>Falta de interesse dos alunos.</p> <p>Educação familiar.</p> <p>Excesso de</p>

	<p>mãe ficava em casa, ajudava. Eu estudei em escola pública, fiz faculdade pública, entendeu? Então, eu sempre tive vontade de aprender. Hoje, eles têm menos interesse. Eu não sei se é a <u>globalização</u>, é muita coisa, informação pra eles, eles ficam meio perdidos. Você vê que eles estão perdidos. Eles não sabem bem o que eles querem. Eles já...Tem aluno que está no 3º ano e que não sabe o que vai fazer. Eles não sabem o que vão fazer. Que <u>faculdade</u>? Ah, eu não sei o que eu vou fazer. Tem aluno que fica 1 ano, 2, parado pra ver o que vai fazer. Ou faz, começa uma faculdade, não era aquilo que ele queria, vai fazer outra, aí às vezes o pai já começou até a pagar, pagou, entende? Eu não sei o que acontece também na cabeça de aluno. Tem hora que a gente quer entender, se é...</p>	<p>intercâmbio econômico e cultural entre diversos países, devido à informatização, ao desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte, à ação neocolonialista de empresas transnacionais e à pressão política no sentido da abdicação de medidas protecionistas. Perdido: que se encontra em estado de aflição, de desorientação. <u>Faculdade</u>: instituição de ensino superior (isolada ou integrante de uma universidade).</p>	<p>ficam fora de casa o tempo todo trabalhando ou talvez seja o excesso de informações atualmente disponíveis, o que faz com que os alunos fiquem desorientados, inclusive com relação a fazer um curso superior.</p>	<p>informações para os alunos.  Alunos perdidos, sem orientação.</p>
SPC2.13	<p>Eu acho que muito é a família. A gente percebe que a família não tem estrutura, a família não dá aquela educação, desde pequeno achar que é importante a educação. Eles não dão importância parece... Estão preocupados em trabalhar e ganhar</p>	<p><u>Reunião</u>: reunião de pais. <u>Esforcado</u>: diz-se de ou indivíduo que demonstra grande aplicação e vigor na realização de suas tarefas. <u>Estar em segundo plano</u>: não ser prioridade.</p>	<p>A depoente acha que a família atualmente não tem estrutura para ensinar as crianças que a educação escolar é importante. Diz que os pais estão preocupados em trabalhar, sendo que os filhos não são a prioridade, ficando sem ter</p>	<p>Família e comportamento do aluno.  Educação escolar não é prioridade.</p>

	<p>dinheiro, hoje em dia a preocupação é trabalhar, trabalhar, trabalhar, porque a gente liga, olha tem <u>reunião</u>. Eu não posso, porque eu tenho que trabalhar. A gente liga, você pensa, eu tenho mais, eu tenho que trabalhar, eu não posso faltar no meu serviço. Eu falo, mas é seu filho, a reunião é do seu filho, é uma vez por bimestre, você não vem pra saber do seu filho? Você não pode fazer lá um acerto no serviço: olha, eu tenho que ir na reunião do meu filho, a gente faz reunião de sábado, eles trabalham. Se você fizer reunião de domingo, eles trabalham. A desculpa é o trabalho: eu não tenho tempo. Então o pai e a mãe não têm tempo para o filho. Eu acho que isso reflete muito. Eu acho não, né? Quase 90% de...que isso acaba refletindo na criança, no adolescente. Principalmente no adolescente. Então eles estão muito assim, sem ninguém. E chega, e não tem ninguém em casa, cobrança também, porque a mãe vem cansada, tem que fazer comida, não olha caderno, não pergunta, não conversa com o filho. Então, tem mãe e pai</p>	<p>em quem se apoiar. Conta que muitos pais não vão às reuniões de pais nas escolas por não terem tempo, já que estão trabalhando, mesmo que a reunião seja marcada em um sábado. Também diz que existem famílias nas quais os pais trabalham, mas cobram dos filhos um bom desempenho, vão às reuniões, sendo esses alunos esforçados.</p>	<p>Filhos em segundo plano.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------



	<p>que trabalha e você vê, o filho tá lá, é esforçado, mas tem cobrança, você percebe que tem cobrança, a mãe não falta na reunião. Tá lá, cobrando. É sempre, você pode falar, quem vem na reunião? É dos alunos bons, que não têm problema. As mães que não podem vir na reunião são daqueles alunos que precisavam o pai e mãe vir na reunião. E não vem, porque tá ocupada. Eu falo, então você não é importante pra sua mãe. O filho não é importante pra ela. Ela acha que o emprego é importante. Mas e o filho? Fica em segundo plano. Então a família tá deixando o filho de lado. E acaba refletindo na escola, porque eles passam a maior parte do tempo aqui, se não passar aqui, passa na rua.</p>			
SPC2.14	<p>Olha, (o comprometimento) dos professores, eles se preocupam. Eles se preocupam porque eles se sentem <u>responsáveis</u> pelo resultado. Se é um bom resultado, ou se não é um bom resultado. Eles sabem que eles fizeram de tudo e quando tem um resultado baixo, como já teve nessa escola, eles ficaram <u>decepcionados</u>.</p>	<p><u>Responsável</u>: que ou aquele que responde pelos seus atos ou pelos de outrem; que têm condições morais e/ou materiais de assumir compromisso, que ou aquele que deve prestar contas perante certas autoridades; que ou aquele que tem culpa, que foi causador (de algo). <u>Decepcionado</u>: que se decepcionou;</p>	<p>A depoente diz que os professores se preocupam com o Saresp, pois se sentem responsáveis pelos resultados, já que fazem o possível para os alunos aprenderem e quando a escola tem uma nota baixa, ficam desapontados.</p>	<p>Professores se sentem responsáveis pelo resultado do Saresp.</p>

SPC2.15	<p>Teve uns professores que ficaram arrasados. Os professores ficam preocupados sim.</p> <p>Sabe, agora o aluno não ta nem aí. Aquele resultado pra ele, se tivesse, viesse logo o resultado e tivesse alguma coisa ligada ao resultado com ele, o passar de ano, sem ter a <u>progressão continuada</u>, alguma coisa, ta atrelado, aí sim ele ficaria preocupado. Ele sabe que o resultado não vem, só vem no ano que vem. E tem a progressão continuada. Até nos 9º anos que a gente pode reter, eles não acreditam. Eles têm colega dentro da sala retido e eles acham que eles vão passar, e eles não acreditam que eles vão ficar retido. Então eles não têm o comprometimento. Eles não têm esse... O Saresp, o resultado do Saresp pra eles não vale nada. São poucos os que levam a sério. São aqueles que você sabe que estão preocupados, que vão bem. Você já sabe, e é aquilo mesmo.</p>	desiludido, desapontado.	<p>Não estar nem aí: não dar importância.</p> <p><u>Progressão Continuada</u>: Procedimento utilizado pela escola que permite ao aluno avanços sucessivos e sem interrupções, nas séries, ciclos ou fases.</p> <p><u>Valer</u>: fazer jus a, ser digno de, merecer; ser digno de apreço, de valorização; ter valor, crédito, validade ou eficácia. ter utilidade para; aproveitar, servir.</p>	<p>A depoente diz que os alunos não dão importância para o Saresp, não levam a sério, pois o resultado não está ligado diretamente com ele, como o fato de ser promovido para a próxima série, por exemplo. Fala que o aluno sabe que o resultado virá só no próximo ano e que tem a progressão continuada, portanto eles serão promovidos. Conta que inclusive nos 9<sup>os</sup> anos, quando se pode reter os alunos, eles não acreditam que seja possível.</p>	<p>Alunos não se comprometem com o Saresp.</p> <p>Progressão continuada.</p>
SPC2.16	<p>Você já faz uma previsão e é aquilo que você prevê mesmo. Sabe, não tem assim, aquela coisa, eu previ uma coisa, e não foi aquilo, porque</p>	<p><u>Previsão</u>: antecipação, na base de suposições, do que ainda não aconteceu; conjectura.</p>	<p>A depoente diz que se tem uma idéia do resultado do Saresp antes dele sair, pois na escola se sabe os alunos que são comprometidos, Escola tem uma</p>	<p>Alunos não comprometidos.</p> <p>Escola tem uma</p>	

	<p>será? O que eu errei? O que aconteceu? Não, a gente já sabe mais ou menos. O aluno comprometido, que a família é comprometida, o aluno que fica preocupado com o resultado é da família comprometida, então o aluno é comprometido. Os que não são comprometidos, eles não estão nem aí com a prova. A gente fica, olha, não pode faltar, não pode faltar. Avisa, manda bilhete, porque tem que vir, porque a gente já faz um horário diferente, pra eles só fazerem a prova. Aquele dia é só a prova. Vem com o estojinho, faz a prova e vai embora. Muda o horário de ônibus, muda o horário de refeição, muda tudo, é totalmente diferente. Só pra ele se preocupar com aquilo. Mas eles não tem compromisso não.</p>		<p>que possuem famílias comprometidas e os que não o são, que não se importam. Conta que insistem para que os alunos venham fazer a prova, que mudam os horários de ônibus e de refeições, enviam bilhetes aos pais, mas que alguns não se importam mesmo assim.</p>	<p>idéia do resultado antes dele sair.</p>
SPC2.17	<p>Eu acho que ta errado (atrelar o bônus ao aumento do Idesp). Eu acho que ta fora da realidade. Eles não estão dentro da escola pra saber. Não é a realidade. Eu acho que não deveria estar atrelado a isso. Eu acho que isso deve ser feito pra ser feito um levantamento, pra ser <u>tabulado</u>,</p>	<p><u>Tabular</u>: organizar (informações) em tabela; tabelar. <u>Estatística</u>: ramo da Matemática que trata da coleta, da análise, da interpretação e da apresentação de massas de dados numéricos; qualquer coleta de dados quantitativos.</p>	<p>A depoente acha errado atrelar o bônus ao aumento do Idesp, pois diz que está fora do que acontece no cotidiano escolar. Acha que o Saresp deveria servir para fazer uma pesquisa do desempenho dos alunos, organizando e tratando os dados estatisticamente, para poder</p>	<p>Atrelamento Idesp/bônus.  Crítica ao Saresp.  Professores dependendo dos alunos para ganhar</p>

	<p>pra ser feito uma <u>estatística</u>, pra ser comparado lá fora. Mas atrelado à questão de dinheiro pro professor, eu acho que não é <u>justo</u>. Nós já tivemos um ano que não recebemos, tivemos um ano que recebemos, o ano passado, mas eu não acho certo isso. Eu acho que professor deveria ter um aumento, do que tem que ter todo ano. E esse resultado eu acho que nada mais é que um trabalho que o professor faz, e o aluno levar a sério isso aí, e ser um resultado que pra ser comparado, usado pra outra coisa, menos pro bônus. Porque a gente usa, a gente faz, que nem pra gente é bom o resultado, que a gente pega pra comparar. Agora que o professor fica, fica coisa, porque vamos dizer você vai receber uma coisa que você trabalhou, você suou o ano inteiro e o aluno não ta nem aí? Você ta dependendo de ganhar o dinheiro daqueles alunos que não estão nem ai. Não é justo, o trabalho que ele teve o ano inteiro. Porque é feita uma cobrança, é cobrado da gente e a gente cobra deles. Como é cobrado do supervisor pelo <u>dirigente</u> e o dirigente é cobrado lá em São</p>	<p><u>Justo</u>: que é conforme à justiça, à equidade, à razão; que julga e procede segundo a equidade; probo, reto, íntegro.  <u>Suar</u>: obter (algo) à custa de grande esforço, de muito trabalho; empregar grandes esforços na consecução de (algum objetivo); afadigar-se, cansar-se.  <u>Dirigente</u>: Dirigente de ensino. Dirige uma Diretoria de Ensino.  <u>Efeito cascata</u>: efeito de dependência entre duas ou mais coisas, em que uma afeta a outra, com proporções crescentes.</p>	<p>ser comparado com outras escolas, mas não ser atrelado ao bônus do professor. Não acha justo esse atrelamento, pois o professor tem muito trabalho durante o ano todo e se o aluno não tem interesse pelo aprendizado, o professor não recebe o dinheiro. Acha que deveria ter aumento salarial todos os anos.</p>	<p>bônus.  Alunos sem interesse.</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------

	<p>Paulo também. É efeito cascata né? Uma cobrança em cima do outro, que vai sendo feita. E acaba no professor, e o professor vai no aluno. Então o professor se sente responsável, mas estar atrelado o resultado com o bônus eu acho que ta errado, eu acho que não deveria ser assim, deveria mudar, deveria ser repensado.</p>			
SPC2.18	<p>Olha, eu até pensei (algo que deveria mudar). O que a gente poderia fazer pros pais, pro pai obrigar o filho a estudar. O que poderia dar? O pai está preocupado em que? Ganhar dinheiro. A maioria tem o que? <u>Bolsa família</u>. O que pode mexer com a bolsa família? A bolsa família ta atrelado ao que? A presença do aluno. Então a mãe manda a criança até doente, com dor de cabeça, com febre. A gente fica apavorado, depois tem que ligar pra vir buscar, porque não pode mais dar remédio por causa da <u>gripe suína</u>. Antes dava até, mas não pode, se o aluno tem alguma alergia, alguma coisa, a escola é responsável, não se pode</p>	<p><u>Bolsa família</u>: O Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza. Uma dessas condições é que todas as crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos da família devem estar devidamente matriculados e com frequência escolar mensal mínima de 85% da carga horária. Já os estudantes entre 16 e 17 anos devem ter frequência de, no mínimo, 75%.<sup>191</sup></p> <p><u>Gripe suína</u>: Gripe causada pelo vírus H1N1 e que causa complicações que podem levar à morte.</p>	<p>A depoente diz que pensou no que poderia ser feito para que os pais obrigassem os filhos a estudar. Pensa que o atrelamento da bolsa família à nota do Saresp, poderia ser uma maneira, já que com a progressão continuada não tem como reprovar um aluno, mesmo que ele não tenha nota suficiente para ser promovido, e os pais mandam os filhos até doentes para a escola, para receber a bolsa família, que está atrelada à frequência do aluno na escola.</p>	<p>Vincular a bolsa família com nota do Saresp.</p> <p>Pais obrigarem os filhos a estudar.</p>

<sup>191</sup> Disponível em: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>. Acessado em 24/05/2011.

	<p>dar. A gente vai ligar, mas a mãe tá trabalhando, às vezes fica aí, o aluno com dor de cabeça, febre, o dia inteiro. Então, ela tá preocupada com o dinheiro da bolsa família, fica apavorada de ter uma ocorrência, uma <u>suspensão</u>, porque tem as regras da escola. Então, se tivesse um resultado rápido, que cobrasse da mãe esse resultado. Falasse: seu filho não vai ganhar bolsa família porque ele não atingiu a média. Porque já que existe a progressão continuada, a gente não tem o que fazer, a gente faz conselho, aprova aluno da 5ª série, 6ª série, 7ª série pela progressão continuada. Então a gente coloca lá: aprovado pela progressão continuada. Ou promovido só, porque o aluno mereceu, ou promovido pela progressão continuada, porque ele não mereceu, teve baixo rendimento. Mas mesmo assim, ele é jogado pra frente, só pode nas séries finais né? Que são as 8ª séries e os 3º anos. Pode reter. E no fundamental na 4ª série, agora 5º ano, que era a antiga 4ª série. Tá, então se fosse atrelado alguma coisa que mexesse com o</p>	<p><u>Suspensão</u>: pena disciplinar imposta a funcionário público, empregado, desportista, estudante etc., com corte ou não de salários e/ou outros direitos, e que o priva temporária ou definitivamente de suas atividades, funções ou cargo.</p>	
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

SPC2.19	<p>bolso, com o dinheiro da família, com a bolsa família. Porque tem bastante aluno aqui com bolsa família. Com alguma coisa assim.</p> <p>Que nem, não sei se vai passar, que falou, que vai dar um dinheiro pro aluno pra vir na <u>recuperação</u>? Onde já se viu isso? Quer dizer, a <u>recuperação</u>, a gente como <u>escola integral</u>, é nas <u>oficinas</u>. Então eles estão aqui na escola, eles fazem a <u>recuperação</u>, mas não com vontade. Tanto que o resultado da <u>recuperação</u> não é tão bom. Porque ele é obrigado a fazer aquela <u>recuperação</u>. Então ele mais bagunça do que quer aprender mesmo. O professor vai lá, desde tabuada, continha mesmo de mais, to supondo de Matemática, como a disciplina de português também. Do ensino médio o resultado foi péssimo. O aluno não veio na <u>recuperação</u>. E ele sabe que o ensino médio, três disciplinas fica <u>DP</u>, mais de três reprova. Nem assim, chamava pai, a direção, a gente conversa, falava: olha, pode ficar</p>	<p><u>Recuperação</u>: No texto, no sentido de aulas de <u>recuperação</u> paralela. É oferecida pela escola para alunos com dificuldades de aprendizagem, paralelamente ao ciclo no qual o aluno está matriculado.</p> <p><u>Escola de Tempo Integral</u>: Atualmente 313 escolas funcionam em regime de Tempo Integral no Estado de São Paulo, onde os alunos permanecem de 7 a 9 horas diárias, divididas em 2 turnos, um com disciplinas do currículo básico e outro com oficinas curriculares obrigatórias e optativas.<sup>192</sup></p> <p><u>Oficinas</u>: fazem parte da escola de tempo integral.</p> <p><u>DP</u>: Dependência. Uma disciplina da grade curricular, por exemplo, Matemática, na qual o aluno foi reprovado e fará novamente no ano seguinte, juntamente com o próximo ano do ciclo regular. Só ocorre no ensino médio e se o aluno reprovar</p>	<p>A depoente comenta que o governo disse que vai dar dinheiro para os alunos que participarem das atividades de <u>recuperação</u> paralela na escola. Diz que não concorda, pois os alunos não fazem a <u>recuperação</u> com vontade na escola de tempo integral, e no ensino médio eles não comparecem a essas aulas, portanto o resultado da <u>recuperação</u> não é bom.</p>	<p>Contra dar dinheiro para aluno ir à <u>recuperação</u>.</p>
---------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------

<sup>192</sup> Disponível em [http://cemp.edunet.sp.gov.br/escola\\_integral/2007/Default.asp](http://cemp.edunet.sp.gov.br/escola_integral/2007/Default.asp). Acesso em 28/04/2011.

	retido, não veio aluno pra recuperação. E ainda o governo quer dar dinheiro pro aluno vir na recuperação. Ele vai vir, mas ele vai ...Eu não sei, não é isso que tem que ser feito. Tem que pensar em alguma coisa diferente.	em menos que quatro disciplinas; caso contrário o aluno é retido.		
SPC2.20	Eu sou professora de Matemática. Eu fiz pela UNESP em São Paulo, tecnologia em obras hidráulicas, olha só! Aí depois eu vim pra cá, comecei a dar aula de <u>eventual</u> , e fiz a <u>resolução 2</u> , pra Matemática, mas eu sou bacharel em física também. Fiz duas faculdades, fora outros cursos que eu fiz, também, pra dar aulas em Fatecs, em cursos técnicos. Mas eu nunca tive oportunidade, porque aqui, cidade pequena.	<u>Eventual</u> : professor que ministra aulas somente quando outro professor não comparece na escola, geralmente avisado em cima da hora. Sem vínculo estável. <u>Fatec</u> : Faculdade de Tecnologia. <u>Resolução CNE/CEB N° 02/97</u> : Dispõe sobre os programas especiais de formação pedagógica de docentes para as disciplinas do currículo do ensino fundamental, do ensino médio e da educação profissional em nível médio.	A depoente é graduada em Tecnologia em Obras Hidráulicas pela Unesp de São Paulo, depois foi para o interior do Estado e começou a lecionar como temporária no Estado então fez um curso de curta duração de licenciatura em Matemática. Também é bacharel em Física e fez cursos para lecionar em Fatecs, mas nunca teve oportunidade.	Formação do professor.
SPC2.21	Eu não sei, depois eu gostaria de saber o que os alunos falam, porque a gente as vezes pergunta: o que você quer? Ah, sabe, eles não tem, eles não pensam, eu falo mãe e pai não vai viver pra sempre. Você não vai ter mãe e pai pra sempre. Você não pensa no dia que você vai trabalhar? Eles não têm essa <u>preocupação</u> . A gente já tinha né?	<u>Preocupação</u> : perda da tranquilidade de espírito, devida ao interesse ou sentimento de responsabilidade que se tem por certas pessoas ou coisas; cuidado; atenção dirigida exclusivamente a alguma pessoa ou coisa; pensamento dominante, que se sobrepõe a qualquer outro. <u>Amadurecer</u> : dar ou adquirir experiência; tornar (-se) consciente,	A depoente acha que os alunos não têm preocupação com o emprego que terão. Acha que deveriam começar a trabalhar antes dos 16 anos para amadurecer mais cedo.	Alunos sem preocupação com trabalho.



	<p>Eu não sei, eu acho que essa idade. Que tem idade também pra trabalhar, 16 anos, eu acho que tinha que começar mais cedo, pra dar mais responsabilidade, <u>amadurecia</u> mais cedo. A gente amadurecia mais cedo. Eu não vou falar você, porque você é outra geração, eu sou outra geração, então amadurecia mais cedo. Mesmo sem precisar trabalhar, eu senti a necessidade de ir trabalhar. Trabalhar e estudar. Então é diferente, eles não têm essa preocupação. Porque falam que não pode trabalhar, né?</p>	<p>maduro; tornar mais elaborado, desenvolvendo, acabado; tornar equilibrado, ponderado, sensato.</p>		
SPC2.22	<p>E a escola dá tudo. Dá material, dá comida. Na minha época não dava nada disso. Minha mãe tinha que trabalhar em casa pra poder comprar material, porque não tinha dinheiro pra comprar material. Eram 5 filhos, então tinha que dividir. Comprar material pros 5. E livro, que tinha que comprar também? E hoje o livro que dão, o <u>caderninho</u>, eles jogam tudo fora. Eles não dão valor. É um dinheiro gasto, né? A educação, ele tem um pensamento, vamos dar o livro, vamos facilitar. Mas eles não têm vontade, enquanto o aluno não</p>	<p><u>Caderninho</u>: se refere a cadernos entregues aos professores a partir de 2008, consonantes com a nova proposta curricular, implantada no mesmo ano. Os alunos também recebem o caderno a partir de 2009. Neles, são apresentadas situações de aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos. <u>Conscientizar</u>: tornar (-se) consciente de; fazer (-se) saber; perceber ou fazer (alguém) perceber a verdadeira realidade política, econômica e social em que se está</p>	<p>A depoente diz que atualmente o governo fornece todos os materiais para os alunos, incluindo os livros e o material relativo à nova proposta curricular. Afirma que os alunos não valorizam esses materiais, muitas vezes os jogando fora. Acredita que o pensamento é facilitar o aprendizado, porém os alunos não têm vontade e que enquanto eles não quiserem ir para a escola para aprender não vai mudar nada. Acha que a escola não é para todos, é para</p>	<p>Escola não é para todos, é para quem quer estudar.  Governo dá material para facilitar, mas aluno não valoriza.</p>

	<p><u>conscientizar</u> e não quiser vir na escola pra aprender. Eu acho que o aluno tinha que vir para aprender, a escola eu acho que não é pra todos. Isso na minha cabeça. Não é pra todos. É pra quem quer estudar. Eu sei que isso vai aumentar, o que? Pode gerar muito mais complicação pra <u>criminalidade</u>. Porque hoje em dia... Será? Precisava testar. Ele vai ficar na rua... ou será que a mãe e o pai vai por pra trabalhar. Será que ? Então é uma <u>faça de dois gumes</u>. Você não sabe o que vai fazer? O que é melhor? Porque eu acho que obrigar, e ele falar que é obrigado. Eu acho que a escola não é pra todos, é pra quem quer estudar. Deveria ser, pra quem quer estudar. Aí ia ser uma maravilha. Eu imagino. Agora, fico pensando pelo outro lado: e esses que não querem? Que é a maioria hoje em dia. Eles vão ficar na rua? Será que eles vão trabalhar? Que a maioria fala: eu não quero estudar, eu quero trabalhar. Então quem sabe ele trabalhando, porque a maioria que vai trabalhar, volta pra estudar. Aí ele vai sentir a necessidade de estudar.</p>	<p>inserido, distinguindo-a das falsas noções que são difundidas por aqueles que têm interesse na manutenção do <i>status quo</i>; politizar (-se).  <u>Criminalidade</u>: o conjunto dos crimes cometidos em um dado meio histórico e geográfico durante um determinado período; o fenômeno social da prática criminosa, expressa em aspectos qualitativos e quantitativos.  <u>Faça de dois gumes</u>: ação ou coisa que merece ponderação, pois tanto pode beneficiar quanto prejudicar.</p>	<p>quem quer estudar. Porém diz que não sabe se isso prejudicaria ou beneficiaria, pois se o aluno não ficar na escola ele tanto pode ficar na rua, como também pode ir trabalhar e até depois sentir necessidade de voltar a estudar.</p>	
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

SPC2.23	<p>Por isso que eu acho que escola não deve ser pra todos. Mas eles estão preocupados, o governo, com <u>índice</u>, comparação, com quem ta fora da escola. Eles querem por todo mundo pra dentro da escola, não importa o que está acontecendo lá dentro. Porque eles não estão vivendo a realidade né? O que acontece lá dentro, eles querem resultados. Ruins ou não, eles querem resultados. E a gente tem que <u>se virar nos 30</u>. A gente se vira nos 30.</p>	<p><u>Índice</u>: número obtido por meio de uma média, ou outro procedimento similar, capaz de representar um conjunto de valores; número-índice. <u>Se virar nos 30</u>: empenhar-se para superar dificuldades, conseguir alcançar objetivos etc.; esforçar-se. Em pouco tempo.</p>	<p>A depoente afirma que o governo quer colocar todas as crianças e adolescentes na escola, pois está preocupado com os índices de escolaridade, não importando o que está acontecendo na realidade escolar, e a escola tem que superar as dificuldades.</p>	<p>Governo preocupado com índices e não com a realidade escolar.  Realidade do trabalho da equipe escolar</p>
---------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: dados organizados pela autora.

### Quadro 69 - Análise ideográfica do professor coordenador 3.

Nº US	Unidades de Sentido	Excerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US
SPC3.1	14 anos como coordenadora e nessa escola.		A depoente trabalha há 14 anos como coordenadora na escola em questão.	Há quanto tempo atua como coordenadora.
SPC3.2	Sou formada em Biologia e em Pedagogia, então antes da coordenação eu dava aula de Ciências, e quando eu vim pra coordenação, depois eu fui fazer o curso de Pedagogia. Hoje só trabalho como coordenadora.		A depoente é graduada em Biologia e Pedagogia. Antes de atuar como coordenadora lecionava a disciplina de Ciências. Depois que começou a atuar como coordenadora, fez o curso de Pedagogia.	Formação.
SPC3.3	Mudam (as atividades da coordenação em função do Saresp)	<u>Planejamento</u> : serviço de preparação de um trabalho, de uma	A depoente diz que as atividades dos professores e	Mudança nas atividades da

	<p>sim. Nós preparamos já no planejamento, a gente já prevê as atividades de preparação para o Saresp, então o meu trabalho consiste em auxiliar o professor, em preparar materiais para que os professores, às vezes nem preparar, mas reproduzir o material que os professores produzem, né, para trabalhar as questões do Saresp durante todo o ano letivo. Então envolve, modifica né, o trabalho do professor e diretamente o do coordenador, porque a gente tem uma preocupação muito grande em já trabalhar durante o ano com questões do Saresp pra já ta preparando o aluno e principalmente a gente utiliza já, o resultado do Saresp, já no planejamento para nortear o nosso trabalho.</p>	<p>tarifa, com o estabelecimento de métodos convenientes; planificação; determinação de um conjunto de procedimentos, de ações (por uma empresa, um órgão do governo etc.), visando à realização de determinado projeto. Refere-se aos dias em que se planejam as atividades do ano letivo, antes de ele começar.  <u>Prever</u>: ter idéia antecipada de (algo que vai acontecer); antever; estudar com antecedência; examinar, analisar, avaliar; ver, providenciar com antecedência.  <u>Preocupação</u>: prevenção, opinião antecipada, ou a primeira impressão que uma coisa fez no ânimo de alguém; atenção dirigida exclusivamente a alguma pessoa ou coisa; pensamento dominante, que se sobrepõe a qualquer outro.  <u>Nortear</u>: guiar(-se) numa dada direção moral, intelectual etc.; orientar(-se), regular(-se).</p>	<p>consequentemente da coordenação mudam em função do Saresp. Conta que no planejamento feito no início do ano letivo usam o resultado do Saresp para nortear o trabalho e já providenciam as atividades de preparação para o Saresp. Diz que o trabalho da coordenação é auxiliar o professor na preparação de materiais que envolvam questões do Saresp para ir preparando os alunos, já que há uma grande preocupação com essa preparação.</p>	<p>coordenação em função do Saresp.  Preocupação em preparar os alunos.</p>
SPC3.4	<p>Os resultados (do Saresp) do que deixou de ser aprendido, normalmente a gente faz um plano de trabalho, né, pra inserir no projeto pedagógico do professor já,</p>	<p><u>Plano</u>: projeto elaborado que comporta uma série de operações ou meios e que se destina a uma determinada finalidade; programa; conjunto de medidas, de ordem</p>	<p>A depoente diz que usam os resultados do Saresp para inserir no plano de trabalho dos professores, do ano seguinte, as habilidades que não foram aprendidas pelos alunos,</p>	<p>Inserção no plano de trabalho do professor das habilidades não aprendidas pelos</p>

	<p>no plano de trabalho do professor já. Essas questões que não foram aprendidas, as <u>habilidades</u> que não foram aprendidas. A hora que a gente, que vira o ano, então a gente já tem essa preocupação. Diretamente com os alunos, os alunos das séries iniciais né, 6ª série principalmente, são alunos que a gente consegue detectar o que eles não aprenderam, então no próximo ano seguinte a gente faz um trabalho baseado nisso, com as habilidades que eles não aprenderam são trabalhadas no ano imediato.</p>	<p>política, social, econômica etc., que visam a determinado objetivo. <u>Projeto pedagógico</u>: se refere ao planejamento que o professor faz dos conteúdos e do modo como trabalhará durante o ano. <u>Habilidades</u>: Funcionam como indicadores ou descritores das aprendizagens que se espera que os alunos tenham realizado no período avaliado<sup>193</sup>.</p>	<p>principalmente nas 6<sup>as</sup> séries.</p>	<p>alunos.</p>
SPC3.5	<p>Chega a tempo (o resultado do Saresp). Às vezes... é que normalmente a gente tem uma <u>prévia</u>, por que? Porque nós fazemos <u>simulados</u> do Saresp durante o ano. Então, quando chega o Saresp <u>oficial</u>, a gente já sabe quais são as principais dificuldades do aluno. Então, no ano seguinte a gente vai... às vezes no próprio ano</p>	<p><u>Prévia</u>: pesquisa junto aos eleitores, anterior às eleições, para conhecer as suas tendências. No texto no sentido de um resultado antecipado. <u>Simulado</u>: Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino. <u>Oficial</u>: emanado do governo ou de uma autoridade administrativa reconhecida.</p>	<p>A depoente diz que eles sabem a tendência do resultado do Saresp, pois fazem simulados durante o ano. Assim, quando chega o resultado oficial já sabem quais são as principais dificuldades dos alunos e no ano seguinte, ou no mesmo ano trabalham atividades específicas para corrigir tais dificuldades. Diz que depois que</p>	<p>Resultados dos simulados e do Saresp para corrigir as dificuldades dos alunos. Dia do Saresp.</p>

<sup>193</sup> Em SÃO PAULO. *Matrizes de referência para a avaliação Saresp: documento básico/Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini.* – São Paulo: SEE, 2009.

	<p>já vai tentando corrigir essas dificuldades, trabalhando com atividades específicas pra corrigir essas dificuldades, e no ano seguinte, assim que a gente recebe o resultado final, esse ano por exemplo, nós tivemos um dia de estudos do Saresp, com o resultado. Então a escola trabalhou em cima disso, então a gente sabe exatamente quais as dificuldades que mais, os tipos, os gêneros textuais, que mais... Vem no relatório.</p>		<p>vem o relatório final, tem um dia de estudos do Saresp na escola.</p>	
SPC3.6	<p>Não (é individual), é um resultado da escola, por séries, por 6<sup>as</sup>, 8<sup>as</sup> e 3<sup>os</sup> anos do Ensino Médio. Então a gente sabe exatamente onde estão as dificuldades dali, né, pra poder trabalhar. Vem especificado. Principalmente as 6<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup>. Bom, todas as três que fazem vem por série, por habilidade, onde está o problema. Então fica mais fácil pra gente norrear o nosso trabalho, e trabalhar, né, em cima dessas dificuldades.</p>		<p>A depoente diz que o resultado do Saresp não é individual por aluno e sim por série. Assim, sabem onde estão as dificuldades e as habilidades que não foram alcançadas, o que norteia o trabalho da escola.</p>	<p>Resultado por série e por habilidade não desenvolvida.</p>
SPC3.7	<p>Eu acho que é aí que a gente se perde um pouco (não ter o resultado individual do aluno). Por quê?</p>	<p><u>Perder</u>: tornar-se desorientado; confundir-se, atrapalhar-se; deixar cair o padrão, o nível em que antes</p>	<p>A depoente diz que há uma confusão quando não se tem o resultado individual do Saresp, pois</p>	<p>Deveria se ter o resultado individual dos</p>

	<p>Porque a gente trabalha hoje com as <u>individualidades</u>. Respeitando as diferenças dos alunos, respeitando os problemas de <u>aprendizagem</u>, respeitando as <u>fragilidades</u>, e aí a gente tem o resultado global. Então, um aluno que tem necessidades educacionais especiais, ele é avaliado igual um aluno que não tem essas dificuldades. Sendo que no dia a dia da sala de aula a gente trabalha, a gente privilegia isso. Ele tem dificuldade? Então nós vamos trabalhar, nós vamos preparar um material específico pra ele, pra suprir essa dificuldade dele. Só que chega lá no final, lá no Saresp, é uma avaliação só pra todo mundo. Então aí se perde o resultado, né? Eu tenho, por exemplo, esse ano, uma sexta série com um número muito grande de alunos com necessidades educacionais especiais, e foram avaliados igual. Então a hora que você pega lá, o resultado da produção de texto, você vê um resultado muito baixo. E pra nós, enquanto professor, enquanto coordenador, que ta acompanhando a evolução desse</p>	<p>se apresentava.  <u>Individualidade</u>: conjunto de atributos que distingue um indivíduo ou uma coisa; conjunto de atributos que constitui a originalidade, a unicidade de alguém ou de algo.  <u>Fragilidade</u>: qualidade de frágil.  <u>Significativo</u>: que significa, que denota ou exprime com clareza; cheio de significado; que contém revelação interessante; expressivo.  <u>Banho de água fria</u>: decepção; quando se espera uma coisa e acontece ao contrário.  <u>Autista</u>: que ou quem sofre de autismo.  <u>Autismo</u>: polarização privilegiada do mundo dos pensamentos, das representações e sentimentos pessoais, com perda, em maior ou menor grau, da relação com os dados e exigências do mundo circundante.</p>	<p>na escola se trabalha respeitando o modo de ser de cada aluno, suas dificuldades de aprendizagem, suas fragilidades. Portanto, quando se tem um resultado global, essa individualidade se perde. Conta que este ano tem uma 6ª série na escola com muitos alunos com necessidades educacionais especiais, deficiências mentais e autismo, onde há um trabalho específico. A depoente afirma que apesar de evoluir no aprendizado, os alunos não estão no nível de aprendizagem da 6ª série, mas foram avaliados da mesma maneira que os outros, assim o resultado do Saresp é muito baixo.</p>	<p>alunos.          Contradição entre trabalho individualizado e resultado global.          Alunos com necessidades educacionais especiais são da mesma maneira.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>aluno desde a quinta série, é um resultado importante e <u>significativo</u>. Só que a hora que você pega o resultado do Saresp, aquilo é um <u>banho de água fria</u>. Porque a maioria das vezes ele não ta naquela série, no nível de aprendizagem daquela série, e ele é avaliado naquela série. Alunos com deficiência mental, alunos <u>autistas</u>, são todos avaliados igual.</p>			
SPC3.8	<p>Não, nenhum (<u>suporte</u> de especialistas). O suporte que a gente tem é nosso. A gente, eu, enquanto coordenador, eu trabalho muito a formação continuada do professor, então eu me preocupo muito em preparar textos, em trazer informações, em trazer, em <u>repertoriar</u> o professor pra poder trabalhar com essas dificuldades. Mas sem nenhum apoio externo, só da escola mesmo.</p>	<p><u>Suporte</u>: qualquer coisa cuja finalidade é sustentar (algo); escora, arrimo, sustentáculo; aquilo que dá suporte, que auxilia ou reforça; reforço, apoio. <u>Repertoriar</u>: fazer repertório de; reunir, compilar.</p>	<p>A depoente afirma que não há apoio de especialistas para trabalhar com alunos que possuem necessidades educacionais especiais. Quem faz esse trabalho é a própria escola. A depoente, enquanto coordenadora, trabalha a formação contínua do professor reunindo materiais e informações sobre como trabalhar essas dificuldades dos alunos.</p>	<p>Apoio externo para trabalhar com alunos que possuem necessidades educacionais especiais.</p>
SPC3.9	<p>Sim (sou coordenadora do fundamental). Sim, manhã e tarde. Trabalho 8 horas atendendo todas as classes do ensino fundamental</p>		<p>A depoente é coordenadora do Ensino Fundamental. Trabalha 8 horas por dia, durante a manhã e a tarde.</p>	<p>Coordenadora do Ensino Fundamental.</p>
SPC3.10	<p>Não, não é (tempo integral). . São sete 5<sup>as</sup> esse ano, cinco 6<sup>as</sup>, quatro 7<sup>as</sup>, e cinco 8<sup>as</sup>. Então são bastantes</p>	<p><u>Escola de tempo integral</u>: escola onde os alunos passam o dia todo (manhã e tarde).</p>	<p>A escola possui sete 5<sup>as</sup>, cinco 6<sup>as</sup>, quatro 7<sup>as</sup>, e cinco 8<sup>as</sup> séries. O Ensino Fundamental não funciona</p>	<p>Quantidade de classes.</p>



	problemas.	Merenda: refeição substanciosa servida às crianças nas escolas públicas.	em tempo integral.	Tempo integral.
SPC3.11	Serve, tem a refeição, a merenda, no período da manhã, às 9:30 e no período da tarde às 15 horas. O Estado que manda.		A depoente diz que servem merenda, enviada pelo Estado, de manhã e a tarde.	Serve merenda na escola.
SPC3.12	Tem (orientações sobre o Saresp na Diretoria de Ensino), a gente recebe né, todo ano, no início do ano já nós somos chamados lá, trabalhamos em cima do resultado do ano anterior, por escola, então a gente recebe o resultado da escola, identifica onde estão os pontos, os gêneros textuais que não foram aprendidos, e as habilidades das outras disciplinas. E a gente trabalha um dia inteiro na diretoria, né, a intenção da diretoria é subsidiar o trabalho do professor coordenador. Porque aí a gente chega pra escola e passa pro professor sugestões de atividades, prepara junto com o professor, reproduz o material.	<u>Subsidiar:</u> dar subsídio a; subvencionar, financiar; contribuir com subsídio para; auxiliar, ajudar.	A depoente diz que houve orientação sobre o Saresp no início do ano, na Diretoria de Ensino, durante um dia inteiro, para auxiliar no trabalho do coordenador. Trabalhou-se o resultado por escola, identificando as habilidades que não foram aprendidas para depois passar as informações para os professores e ajudar na preparação de materiais e atividades para contemplar as dificuldades.	Orientação sobre o Saresp na Diretoria de Ensino.
SPC3.13	Sim, explicaram tudo direitinho (a escala de proficiência). E a gente passa essa informação para o professor. Não, não é que não foi o suficiente (as explicações dobre o Saresp). É que é assim, olha, o	<u>Escala de proficiência:</u> No caso do Saresp, a matriz de referência para a avaliação foi elaborada a partir da Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Configuram-se as referências que possibilitam a	A depoente diz que na Diretoria de Ensino explicaram bem o funcionamento da escala de proficiência do Saresp. Fala que tem pouco tempo para trabalhar com os professores esse tema, já	Tempo para trabalhar profundamente sobre o Saresp.

SPC3.14	<p>coordenador, nós ficamos lá por 8 horas pra trabalhar aquelas escalas. Quando eu chego pra escola, eu tenho só duas horas de <u>HTPC</u> por semana pra passar toda essa informação pro professor, junto com os projetos específicos da escola, junto com as atividades do dia a dia e mais outros problemas, não dá tempo. É, acaba se perdendo aí. Houve um tempo em que o professor, ele era preparado. Ele saía da sala de aula, ele recebia informação, agora não. Agora a função do professor coordenador é formar esse professor. Só que a gente não tem tempo <u>hábil</u>. São duas horas por semana, pra atender os problemas de uma escola desse tamanho. 40 horas trabalhadas, vamos dizer assim, com os alunos, 2 horas só que o professor tem junto com o coordenador e junto com os seus pares pra discutir isso. Então é pouquíssimo tempo. Acaba se perdendo muita coisa, a gente acaba <u>passando por cima</u> de muita coisa.</p>	<p>posição (segundo níveis de desempenho) dos alunos que realizarem as provas. Os indicadores relativos a esta posição são obtidos por uma Escala de Proficiência, por intermédio da qual se define o quanto e o quê cada aluno ou escola realizaram no contexto desse exame. <u>HTPC</u>: Hora de trabalho pedagógico coletivo. Momentos semanais (máximo de 3 horas por semana) em que os professores e coordenadores se reúnem. <u>Hábil</u>: que atende ao estabelecido por lei, regulamento etc. <u>Passar por cima</u>: sem aprofundamento; superficialmente</p>	<p>que só se reúne com eles por duas horas durante a semana, nas HTPCs e, além do Saresp, tem que tratar de problemas do dia a dia, projetos específicos e da formação continuada do professor, portanto não há tempo hábil para um aprofundamento do tema.</p>	<p>Escala de proficiência.</p>
	Vi (a prova). Eu sempre tenho esse cuidado de entrar numa sala, pedir	<u>Autorização</u> : determinação pela qual se autoriza ou se concede	A depoente diz que viu a prova do Saresp, pois sempre pede	Analisa rapidamente as

SPC3.15	<p><u>autorização pro fiscal</u>, e dar uma analisada, mesmo que muito rapidamente, nas provas. E esse ano, por exemplo, já aconteceu nos anos anteriores, mas esse ano a prova foi toda focada no <u>conteúdo</u>. Conteúdo, conteúdo. E não é assim que a gente trabalha. A gente trabalha com as habilidades. Então teve uma <u>divergência</u> aí, uma discrepância, dentro do que foi trabalhado e do que foi pedido. Principalmente nos gêneros textuais que são pedidos na 8ª série. Na 8ª série a gente trabalha com artigo de opinião. E não tinha nenhum único artigo de opinião na prova de Português das 8ªs séries. Então fica um pouco contraditório aí. A gente faz um trabalho durante o ano, pensando na proposta de 8ª série e aí vem o Saresp divergindo dessa proposta de trabalho aí pra 8ª série. Então a gente precisa o ano que vem tentar diversificar mais os gêneros textuais pra que não aconteça isso.</p>	<p>algum poder ou licença.  <u>Fiscal</u>: aquele que verifica o cumprimento de qualquer ordem, regulamento ou determinação; inspetor, fiscalizador.  <u>Conteúdo</u>: Assunto que faz parte do currículo.  <u>Divergência</u>: diferença de opinião; desentendimento, discordância.</p>	<p>autorização ao fiscal para analisar rapidamente as provas. Conta a prova foi bastante focada nos conteúdos e não em habilidades, que é como se trabalha na escola. Vê uma divergência entre o que foi trabalhado e o que foi pedido, por exemplo, nas 8ªs séries, em que se trabalha com artigo de opinião e no Saresp não foi cobrado esse gênero textual.</p>	<p>provas.  Divergência entre o que se trabalha durante o ano e o que é cobrado no Saresp.  Prova focada em conteúdos.</p>
		<p><u>Delicado</u>: que encerra dificuldade, exigindo prudência e cautela.  <u>Competências</u>: refere-se às</p>	<p>A depoente diz que tem que conquistar a confiança do professor para que ele trabalhe as</p>	<p>Conquistar a confiança do professor.</p>

	<p>trabalha com o professor o ano inteiro, que você vem trabalhando, olha você tem que trabalhar artigo de opinião, você tem que trabalhar as habilidades, você tem que trabalhar as <u>competências</u>, então, o professor, você tem que fazer com que ele acredite em você. Então, você tem que conquistar a <u>confiança</u> do professor, então você vem durante o ano, você vem subsidiando o trabalho dele, a gente sempre ta retomando a discussão do Saresp. Então a gente trabalha o Saresp como uma <u>avaliação diagnóstica</u>, então você vem durante todo o ano, aí quando chega no dia da prova, o Saresp vem contradizendo tudo aquilo que você falou. Então você tem que ter aí um <u>jogo de cintura</u>, de usar essa contradição a seu favor também.</p>	<p>competências cognitivas, que são o conjunto de ações e operações mentais que o sujeito utilize para estabelecer relações com e entre os objetos, situações, fenômenos e pessoas que deseja conhecer<sup>194</sup>. <u>Confiança</u>: crença na probidade moral, na sinceridade afetiva, nas qualidades profissionais etc., de outrem, que torna incompatível imaginar um deslize, uma traição, uma demonstração de incompetência de sua parte; crédito, fé; sentimento de respeito, concórdia, segurança mútua. <u>avaliação diagnóstica</u>: avaliação para diagnosticar os conhecimentos que os alunos possuem. <u>Jogo de cintura</u>: flexibilidade na solução de problemas ou situações difíceis; capacidade de não se ater a modelos ou padrões rígidos de pensamento ou de comportamento</p>	<p>competências e habilidades necessárias aos alunos e para que se possa subsidiar o trabalho dele. Conta que trabalha o Saresp como uma avaliação diagnóstica e depois vem a prova e contradiz o que ela falou que deveria ser trabalhado, daí ela tem que se flexibilizar para resolver esse problema.</p>	<p>Saresp como avaliação diagnóstica. Saresp contradisse o que a coordenadora disse.</p>
SPC3.16	<p>A hora que você trabalha, por exemplo, como eu já dei o exemplo, vamos trabalhar Matemática na 8ª série. O conteúdo que foi trabalhado, seria do quarto</p>	<p><u>Experiência</u>: forma de conhecimento específico, ou de perícia, que, adquirida por meio de aprendizado sistemático, se aprimora com o correr do tempo;</p>	<p>A depoente diz que no Saresp foram cobrados conteúdos referentes ao quarto bimestre da 8ª série, que ainda não haviam sido trabalhados no caderno do aluno, do</p>	<p>Conteúdo trabalhado no material enviado pelo governo não é suficiente para a</p>

<sup>194</sup> Idem nota de rodapé 1.

	<p>bimestre, que não deu tempo de trabalhar ainda, não chegou, o professor não trabalhou esse, do <u>caderninho</u> do aluno. Então o que ta proposto, o Saresp aconteceu no início do quarto bimestre, então o professor ainda não tinha trabalhado o caderninho. E, tinha conteúdos ali, que ainda não tinham sido trabalhados. Então, no início do ano, se a gente não tivesse introduzido, além do caderno do aluno, o professor não tivesse <u>experiência</u> suficiente pra saber que determinados conteúdos, ele vai utilizar, independente dele não estar no caderno do aluno, chegaria no final do ano o aluno não ia ter esse conhecimento. Então existe uma briga ali, uma exigência da secretaria, pra que se cumpra a proposta, sendo que a proposta não subsidia o aluno pra fazer o Saresp, porque o Saresp ele vem pegando, abrangendo todo o conteúdo que ele deveria saber ao término do ensino fundamental, nas 8<sup>as</sup> séries. Só que o caderninho do aluno não supre essa necessidade. Então a gente tem que estar a todo</p>	<p>prática.  <u>Caderninho</u>: se refere a cadernos entregues aos professores a partir de 2008, consonantes com a nova proposta curricular, implantada no mesmo ano. Os alunos também recebem o caderno a partir de 2009. Neles, são apresentadas situações de aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos.  <u>Enxertar</u>: fazer juntar ou juntar-se, acrescentar (-se) a; introduzir (-se), inserir (-se).  <u>Indicador</u>: que ou o que indica; indicativo; que ou o que fornece indicações de pesos e medidas diversas (diz-se de instrumento, dispositivo etc.).</p>	<p>Currículo do Estado. Afirma que se o professor não tivesse experiência suficiente para ministrar conteúdos importantes, mesmo que eles não estivessem no material enviado, os alunos não teriam esse conhecimento. Diz que há uma discussão, pois a Secretaria da Educação exige que se siga o material enviado, porém esse material não subsidia a prova do Saresp, então se tem que acrescentar conteúdos por meio do livro didático a todo o momento e não só usar o livro como suporte. Conta que trabalha focando na aprendizagem do aluno, nos conteúdos que são importantes na vida escolar e não somente visando ao Saresp, que vê como um indicador de desempenho.</p>	<p>prova do Saresp.  Utilização do livro didático.  Trabalho na escola nos conteúdos importantes, independente do Saresp.  Saresp como indicador de desempenho.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>momento, ta enxertando, ta enxertando...Então aí fica uma situação delicada, porque o coordenador cobra que o professor utilize a proposta do Estado, o livro didático como suporte pedagógico. Só que se a gente não utilizar bastante o livro, o aluno não consegue fazer o Saresp. Então eu tenho que usar isso a meu favor, né. Eu tenho que trabalhar também a cabeça do professor, né, a gente tem que ter muito claro a aprendizagem do aluno, o que o aluno tem que aprender? O aluno tem que aprender isso. O Saresp ele vai fazer o que? Ele não vai poder contemplar tudo que o aluno precisa aprender. Então a gente tem de focar, o que? Na aprendizagem do aluno, e ter o Saresp como um instrumento de avaliação, ou mais um instrumento de avaliação. Eu não posso trabalhar só em cima do Saresp, porque aí fica uma defasagem muito grande. Então eu tenho isso muito claro na minha cabeça, e é isso que eu trabalho com os professores: nosso foco é a aprendizagem do aluno. E o Saresp</p>		
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

SPC3.17	<p>é um <u>indicador</u> de desempenho.</p> <p>Olha, o comprometimento do aluno ta cada ano mais complicado. Porque o aluno, ele quer resultado <u>imediat</u>o. Ele não quer saber que ele vai aprender determinada coisa hoje e não vai usar hoje, não vai usar amanhã, que ele vai usar ao longo da vida dele. E o Saresp ajuda nesse sentido. A hora que o Saresp vem e coloca determinadas atividades que o professor, não tinha no caderninho do aluno, ele questiona, ele fala: mas pra que eu tenho que aprender isso, se o Saresp não me cobra. Por quê? Porque hoje quando a gente trabalha, a gente tem poucos, o aluno não consegue enxergar a aprendizagem como <u>prioridade</u> na vida dele. Ele não enxerga isso. Ele vem pra escola, ele frequenta a escola, ele gosta muito do ambiente escolar, mas a aprendizagem é um <u>detalhe</u>. E aí ele fica muito preocupado com o Saresp, como resultado do Saresp. Então pra que meu professor me ensinou isso, se o Saresp não pediu? E eles <u>questionam</u>, falam comigo, olha, o</p>	<p><u>Imediato</u>: que age, se apresenta ou se faz sem intermediário; direto; precedente ou subsequente numa série, sem outro de perneio; seguinte, contíguo (no espaço e no tempo); que acontece sem intervalo ou delonga; que não admite perda de tempo; instantâneo.</p> <p><u>Prioridade</u>: condição do que é o primeiro em tempo, ordem, dignidade; condição do que está em primeiro lugar em importância, urgência, necessidade, premência etc..</p> <p><u>Detalhe</u>: narração ou exposição circunstanciada ou minuciosa; pormenor, minudência, particularidade; coisa, pessoa ou fato sem importância.</p> <p><u>Questionar</u>: pôr em questão; fazer objeção a; controverter, rebater; entrar em discussão ou disputa (com alguém) sobre ou por; discutir, disputar, alterar; fazer perguntas (a alguém ou a si mesmo); indagar (-se), interrogar (-se).</p> <p><u>Atestado</u>: documento no qual há atestação; documento passado por</p>	<p>A depoente diz que o comprometimento dos alunos está a cada ano mais complicado, pois os alunos querem o resultado instantâneo das atividades que faz, quer que as coisas tenham uso imediato. Assim, quando o Saresp cobra conteúdos que não estavam no material enviado pelo governo, os alunos questionam o porquê de aprender tal conteúdo (do material) se não será cobrado no Saresp. Diz que os alunos não vêm a aprendizagem como prioridade em suas vidas. Conta que tem que conversar com os alunos sobre a importância do Saresp, fazer a preparação deles, e assim com todo esse trabalho diz que teve quase 100% de presença, o que não garante 100% de comprometimento.</p>	<p>Comprometimento dos alunos.</p> <p>Alunos são imediatistas.</p> <p>Conteúdo cobrado pelo Saresp não estava no material enviado pelo governo, que foi trabalhado.</p> <p>O Saresp como balizador da avaliação do ensino efetuada pelo aluno.</p>
---------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

SPC3.18	<p>professor ensinou e não caiu no Saresp, o ano inteiro nós ficamos aprendendo determinadas coisas e não caiu no Saresp. Então ele vincula isso. O adolescente ele é imediatista, ele quer aprender, ele quer usar e acabou. Ele não entende que o conhecimento, a aprendizagem dele é pra toda a vida dele. Então é aí que a gente tem que trabalhar. Essa questão de trabalhar a importância do aluno. Eu tive 100% de presença no Saresp. Eu fiquei muito feliz esse ano. Eu acho que isso é fruto de um trabalho. De concentração, de preparação, da importância dessa avaliação, principalmente como norte do nosso trabalho. E aí, o aluno, ele tem que saber disso. Aí eu tenho 100% de frequência, que não garante 100% de compromisso. Mas eu já consegui, em anos anteriores eu tinha um número grande de faltas. Eu tive faltas por doença, os alunos apresentaram atestado, quer dizer, os alunos que não vieram, era porque estavam realmente doentes.</p>	<p>prova aberta: prova com questões</p>	<p>A depoente diz que a 8ª série que</p>	<p>Classe que fez as</p>
---------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------	------------------------------------------	--------------------------



	<p>uma 8ª série que fez a prova aberta de Matemática. E é justamente uma oitava que tem uma grande quantidade de alunos com necessidades educacionais especiais, que o professor trabalhou essas dificuldades, que a classe também apresenta muita dificuldade de aprendizagem, num nível inferior ao de 8ª série. Quer dizer, o processo de construção do conhecimento dessa classe não estava na 8ª série. E aí chega pra fazer uma prova aberta. Então o aluno tem que colocar ali no papel...</p> <p>Então ele tinha que colocar ali no papel o <u>fracasso</u> dele. E ele não quer isso. Ele sabe que ele não sabe aquilo. Mas isso é entre ele e ele mesmo. Nesse momento, a <u> vaidade</u> fala mais alto. Pra que eu vou colocar no papel o que eu não sei? Vai sair daqui da escola o que eu não sei.</p>	<p>que não possuem alternativas para serem escolhidas, ou seja, o aluno tem que escrever o raciocínio que o levou a determinadas respostas. Também chamadas de provas dissertativas.</p> <p><u>Fracasso</u>: falta de êxito; malogro; derrota.</p> <p><u>Vaidade</u>: valorização que se atribui à própria aparência, ou quaisquer outras qualidades físicas ou intelectuais, fundamentada no desejo de que tais qualidades sejam reconhecidas ou admiradas pelos outros; avaliação muito lisonjeira que alguém tem de si mesmo; fatuidade, imodéstia, presunção.</p>	<p>fez a prova que continha questões abertas de Matemática, é uma classe que tem uma grande quantidade de alunos com necessidades educacionais especiais. Então, apesar de o professor ter trabalhado tais dificuldades, os alunos não apresentavam o nível de aprendizagem esperado para a 8ª série. Assim, diz que os alunos não querem colocar no papel o fracasso deles, já que eles sabem que não aprenderam aquele conteúdo e que o resultado será exposto fora da escola.</p>	<p>questões abertas de Matemática era de alunos com necessidades educacionais especiais.</p>
SPC3.19	<p>Essas duas oitavas, elas têm características muito diferentes. Uma delas são alunos, alguns alunos, com dificuldade de aprendizagem, mas o problema</p>	<p><u>Social</u>: concernente à sociedade.</p> <p><u>Atrasado</u>: que não chegou ao ponto desejável; distante da conclusão; que vem ou acontece depois do momento próprio, conveniente ou</p>	<p>A depoente fala de duas 8ªs séries que têm características diferentes. Uma delas é formada por alunos que tem problemas de comportamento em sociedade, que</p>	<p>Diferença entre duas 8ªs.</p> <p>Uma é formada por alunos com</p>

	<p>maior aí é social. É de comportamento, comportamento na sociedade, são alunos que não têm nenhuma preocupação com o amanhã, eles não querem saber de nada. Eles estão frequentando a escola porque são obrigados por lei. A família obriga, a escola chama, então eles frequentam. Frequentam, simplesmente. Eu acho que a gente conseguiu bastante resultados positivos, mas ainda são alunos que precisam mudar muito o pensamento. Agora na outra não, são alunos com dificuldades de aprendizagem, que chegam, que chegaram já, muito <u>atrasados</u>, e aí a gente vai trabalhando, vai trabalhando, só que eles não chegam na 8ª série, no <u>nível</u> de 8ª série.</p>	<p>marcado.  <u>Nível</u>: altura relativa de um ser numa escala hierárquica de valores; grau; lugar numa tabela que classifica (pessoas ou coisas); categoria, classe, competência; cada uma das subdivisões do ensino escolar brasileiro.</p>	<p>não querem aprender, não têm nenhuma preocupação com o futuro, apenas frequentam a escola por serem obrigados. A outra 8ª, que fez a prova aberta, é formada por alunos com dificuldades de aprendizagem, que chegam à escola atrasados em relação aos conteúdos, portanto estão na 8ª série, mas não no seu nível de aprendizagem.</p>	<p>problema de comportamento.          Outra é formada por alunos com dificuldade de aprendizagem.</p>
SPC3.20	<p>E aí, a hora que vem uma prova aberta pra esses alunos fazerem, o que você faz? Então eu tive que ir pra sala, conversar com esses alunos, porque eles <u>cruzaram os braços</u> e disseram que não iam fazer a prova. Porque eles não sabiam, porque eles não tinham aprendido aquilo e eles não iam</p>	<p><u>Cruzar os braços</u>: ficar voluntariamente inativo, para demonstrar descontentamento; fazer greve.  <u>Ativar</u>: tornar (-se) ativo ou aumentar a atividade; impulsionar, acelerar, intensificar.  <u>Desarmar</u>: livrar (-se) de armadura, de armas; deixar sem ação; fazer</p>	<p>A depoente afirma que a classe com alunos que possuem dificuldades de aprendizagem se recusou a fazer a prova aberta de Matemática, pois eles não haviam aprendido aqueles conteúdos e não queriam sujeitar-se a constrangimentos. Conta que teve que ir, junto com a professora de Matemática, conversar com os</p>	<p>8ª com dificuldade de aprendizagem se recusou a fazer a prova aberta.          Aluno com dificuldade de aprendizagem não quer se expor.</p>

	<p>fazer. Então eu fui pra lá, conversei com eles, fui <u>ativando</u> o conhecimento: olha, isso aqui vocês aprenderam em tal série, isso aqui já passou, a professora falou em tal momento, então fui eu e a professora de Matemática pra conversar com os alunos, aí eles se <u>desarmaram</u>, se acomodaram, e tentaram fazer a prova. Então foi uma situação muito difícil, que <u>contradiz</u> tudo que eu trabalho com os professores. Eu sempre falo pra eles assim: você tem que trabalhar o que o aluno não sabe. Se o aluno não sabe ainda as 4 operações, vamos trabalhar as 4 operações, independente se é isso que ta prevendo o caderno do aluno. Ele não vai aprender equação, se ele não souber as operações, então a gente fica ali, trabalhando, frações, porcentagem, é a grande dificuldade deles. Aí chega na 8ª, chega lá o material de equação, geometria, funções, fica difícil né? E o aluno ele não quer se <u>expor</u>. Você acha que ele vai pôr no papel tudo que ele não sabe? Não. É muito difícil.</p>	<p>perder a agressividade, a prevenção etc.; enternecer; tornar (atitude, reação, sentimento) menos rígido, severo; abrandar, aplacar; suprimir. <u>Contradizer</u>: dizer o contrário de (aquilo que foi afirmado por outrem ou por si mesmo); desmentir (-se); não condizer (com), discrepar (de); estar em desacordo. <u>Expor</u>: apresentar (-se), pôr (-se) à vista ou em exibição; colocar (-se) em evidência; pôr em exposição; tornar visível a todos; sujeitar (-se) a danos, desgostos, constrangimentos.</p>	<p>alunos na hora da prova e relembra-los que eles já haviam visto alguns conteúdos, para que então eles abrandassem a atitude e fizessem a prova. Porém, diz que esse tipo de acontecimento contradiz tudo que ela trabalha com os professores, pois ela os incentiva a trabalhar o que o aluno não sabe, independente de estar na série adequada ou não, porque acha que sem pré-requisito os alunos não conseguem avançar.</p>	<p>Cobrança de conteúdos que não tinham aprendido. Coordenadora indica aos professores o trabalho com conteúdos que os alunos não sabem, como pré-requisitos.</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

SPC3.21	<p>Diferente (modo de avaliar), eu acho. Eu acho assim, eu acho que as escolas, elas tinham que ser <u>ouvidas</u>. A hora que eu chego aqui, com uma prova aberta, eu tenho uma classe né, eu tenho alunos que têm <u>condições</u> de fazer essa prova aberta. São alunos que chegaram na quinta já alfabetizados, com a Matemática aprendida, então o que a gente fez? A gente conseguiu <u>cumprir</u> a proposta curricular do Estado de São Paulo com esses alunos. Aí o que acontece? Esses alunos, não foram todos que puderam fazer a prova né? Essa 8ª mesmo que eu to dizendo pra você, tem ótimos alunos ali, alunos preparados, alunos interessados, alunos comprometidos com a escola, mas quantos só puderam fazer essa prova? Sendo que o número muito maior é de alunos que não conseguem. Então e aí, como é que fica. Então, a escola poderia ter o direito de escolher quais são os alunos que serão avaliados em todo o currículo previsto? E quais os alunos que não dá pra gente trabalhar com o</p>	<p><u>Ouvir</u>: dar atenção a; atender, escutar; levar em conta; considerar.  <u>Condição</u>: estado de uma pessoa ou coisa (mais usado no plural); situação, estado ou circunstância de coisa(s) ou pessoa(s) em determinado momento; conjuntura (mais usado no plural).  <u>Cumprir</u>: observar (-se) a execução de (dito, prometido, proposto, contratado etc.); realizar (-se), executar (-se); desenvolver-se de algum modo; suceder, desenvolver-se; atingir (determinado patamar, nível, posição etc.); preencher, completar.</p>	<p>A depoente acha que tinha que ser levado em conta o que as escolas falam, quando da avaliação. Diz que quando chega uma prova aberta, a escola sabe a classe que tem condições de fazê-la e deveria ter o direito de escolher qual classe será avaliada em todo o currículo. Essas são as classes em que os alunos que já chegaram à escola alfabetizados e com conhecimentos de Matemática básica, portanto conseguiu-se cumprir a proposta curricular do Estado de São Paulo adequada para a série. Diz que mesmo na 8ª que fez a prova aberta, tinham alguns alunos que estavam preparados, mas era minoria. Acha que para classes onde se trabalhou de maneira diferenciada com os alunos, deveria haver uma avaliação também diferenciada, pois se as escolas do Estado recebem vários tipos de alunos, deveriam se ter vários tipos de avaliações.</p>	<p>Outro modo de avaliar proposto pelo sujeito.          Escolher a classe que será avaliada em todo o currículo.          Estado recebe vários tipos de alunos, deveria se ter vários tipos de avaliações.</p>
---------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>currículo da série, então preparar uma avaliação específica pra esses alunos. Porque eles são trabalhados de uma maneira diferenciada, eles também têm que ser avaliados de uma maneira diferenciada. Então, não são vários tipos de alunos que o Estado atende? Então o aluno tem que ser, tem que receber vários tipos de materiais e várias avaliações.</p>			
SPC3.22	<p>Sim (a avaliação do Saresp converge com a avaliação que o professor faz em sala de aula), por quê? Porque hoje a gente trabalha habilidades e competências, então as atividades do professor em sala de aula, são todas embasadas nesse critério. Então os professores já preparam durante o ano, questões avaliando competências e habilidades. Então eu acho assim, que não tem essa divergência. Tem assim, o livro didático hoje, ele já traz essas questões, então assim, não vejo que existe uma convergência (quis dizer divergência) do que o professor trabalha durante o ano e da avaliação... eu acho que não, o que,</p>	<p><u>Critério</u>: fundamento, base para uma opção e/ou decisão; racionalidade, prudência intelectual; maneira, particular ou convencional, de avaliar pessoas, coisas, situações.</p>	<p>A depoente acha que a avaliação que o professor faz em sala de aula converge com a avaliação que o Saresp faz, pois são usados como base os mesmos critérios de competências e habilidades na preparação das avaliações. Acha que o grande problema do ensino público é que são diferentes alunos para um mesmo material.</p>	<p>Convergência entre a avaliação do professor em sala de aula e a avaliação do Saresp.  Crítica sobre mesmo tipo de avaliação para diferentes tipos de alunos.</p>

	<p>o grande problema é esse: diferentes alunos, diferentes realidades, pra um mesmo caderninho e pra uma mesma avaliação. Aí que tem que ser repensado.</p>		<p>A depoente diz que o Saresp é usado como diagnóstico das dificuldades dos alunos, para nortear o trabalho da escola.</p>	<p>Visão do Saresp como uma avaliação diagnóstica.</p>
SPC3.23	<p>É, eu acho que (o Saresp0 é pra, como diagnóstico das dificuldades mesmo. Eu vejo o Saresp como uma avaliação diagnóstica. Não aprendeu, então vamos trabalhar isso. É pra isso que a gente usa, como um diagnóstico para nortear nosso trabalho.</p>			
SPC3.24	<p>Eu vejo <u>incoerente</u> (a divulgação dos resultados), porque a hora que eu tenho uma escola pública, na periferia da cidade, atendendo alunos com diferentes níveis de aprendizagem, com diferentes problemas de aprendizagem, com diferentes problemas de saúde, e eu tenho um resultado igual no Estado inteiro? Então é convergente (quis dizer divergente), não <u>retrata</u> a realidade da educação do país. Eu vejo assim, aqui a escola é muito <u>heterogênea</u>, muito heterogênea. Eu tenho alunos que concluem o ensino médio e são aprovados em</p>	<p><u>Incoerente</u>: que não é coerente; a que falta coesão; cujas partes não têm conexão, não estão bem ordenadas, bem organizadas; incongruente, desarmônico; que não é lógico, não forma um todo racional, lógico, consequente; ilógico, irracional, contraditório. <u>Retratar</u>: refletir a imagem de; espelhar (-se); deixar transparecer; expressar (-se), mostrar (-se); descrever com exatidão, reproduzir (algo) fielmente. <u>Heterogêneo</u>: que possui natureza desigual e/ou apresenta diferença de estrutura, função, distribuição</p>	<p>A depoente vê a divulgação dos resultados do Saresp como contraditória, pois acha que não reproduz fielmente a realidade da educação no país. Diz que as escolas possuem alunos heterogêneos, com níveis diferentes de aprendizagem, com problemas de saúde diferentes, alunos que saem do Ensino Médio sem serem alfabetizados e alunos que ingressam em universidades públicas. Portanto, questiona o fato de se ter um resultado igual para o Estado todo.</p>	<p>Divulgação contraditória dos resultados do Saresp. Escolas heterogêneas e resultado igual no Estado todo. Alguns alunos saem do Ensino Médio sem ser alfabetizados.</p>

	<p>universidades públicas, UNESP, Federal de São Carlos, USP, e tenho alunos que terminam o 3º ano que ainda são <u>alfabéticos</u>. Só que eles saem, o resultado é igual pra todo mundo.</p>	<p>etc. (diz-se de qualquer coisa em comparação com outra); composto de partes ou elementos de diferente natureza; que não tem unidade, não é uniforme.  <u>Alfabético</u>: não é alfabetizado.</p>		
SPC3.25	<p>(Alfabético) Ele não é alfabetizado. Ele lê, ele escreve, mas ele não compreende o que ele lê. Ele não compreende. Ele não é <u>letrado</u>. Ele terminou, ele passou pela escola, a escola desenvolveu uma função social ali, de inserção desse aluno na comunidade, no mercado de trabalho, mas ele não é um aluno letrado. Ele não vai fazer um curso superior. Ele não tem condições. Ele foi promovido pela <u>progressão continuada</u>. Por que? Porque o professor trabalha de uma maneira diferente, o professor avalia ele de uma maneira diferente, porque se o professor for avaliar nos moldes do Saresp, ele vai ficar eternamente na escola. E não é assim que a gente trabalha. A gente tem uma visão humanista, né, de um aluno que é portador de necessidades educacionais especiais e que ele não vai, ele não vai conseguir</p>	<p><u>Letrado</u>: que ou aquele que possui cultura, erudição; que ou quem é erudito, instruído; que ou aquele que possui profundo conhecimento literário; literato.  <u>Progressão continuada</u>: Procedimento utilizado pela escola que permite ao aluno avanços sucessivos e sem interrupções, nas séries, ciclos ou fases.</p>	<p>A depoente diz que os alunos alfabéticos são aqueles que lêem, escrevem, mas não compreende o que lê. Afirma que eles vão sendo promovidos pela progressão continuada, já que os professores trabalham e avaliam esse tipo de aluno de uma maneira diferente, pois se fosse avaliar nos moldes do Saresp, eles ficariam eternamente na escola e acha isso incoerente. Conta que a escola exerce uma função de integração na sociedade e no mercado de trabalho para esses alunos com necessidades educacionais especiais, mas que eles não concluem o ensino letrados.</p>	<p>Alunos com necessidades educacionais especiais são avaliados de modo diferente.          Escola exerce um papel de integradora social para esses alunos.</p>

	<p>alcançar tudo isso. Ao longo da vida ele vai? Pode ser que ele consiga. Mas aqui na escola não. Então ele passa pela escola pública, a escola desenvolve uma função social de acolher esse aluno, de apresentar uma sociedade cultural pra ele, mas ele não termina, ele não conclui letrado. Tem uma discrepância aí.</p>				
SPC3.26	<p>O ano passado (Saresp 2009) não. Só 40% da meta (do fundamental). Do ensino médio não. Nos anos anteriores, sempre acima da <u>média</u>.</p>	<p><u>Média</u>: nível geral médio; valor definido como uma grandeza equidistante dos extremos de outras grandezas. Se refere à média de todas escolas estaduais no Saresp.</p>	<p>A depoente diz que no Saresp 2009 atingiram 40% da meta do Ensino Fundamental e não atingiram a do Ensino Médio. Fala que nos anos anteriores a escola esteve sempre acima da média do Estado.</p>	<p>Porcentagem da meta atingida no Saresp 2009.</p>	
SPC3.27	<p>Então, é assim é, a escola, ela vem de um processo de melhoria da aprendizagem, então a escola sempre esteve acima da média da diretoria, acima da média do Estado, acima da média da <u>COGSP</u>, acima da média do município, então a escola teve sempre essa posição privilegiada. A diretoria, o que ela fez? Ela centrou foco nas escolas que, e o Estado também, que estavam abaixo da média de aprendizagem do Estado. Então eu sei que essas escolas tiveram uma</p>	<p><u>COGSP</u>: Coordenadoria de Ensino da Região Metropolitana da Grande São Paulo.  <u>PCOP</u>: Professor Coordenador da Oficina Pedagógica.  <u>Conquistar</u>: alcançar (algo); conseguir (determinada coisa); dominar, sobrepujando obstáculos ou oposição; receber (algo), geralmente por merecimento.  <u>Quadro</u>: disposição ordenada de fatos; resenha, relação; descrição, exposição.</p>	<p>A depoente diz que a Diretoria de Ensino não focou na escola em que trabalha, pois sempre esteve acima da média do Estado, da COGSP, do município, mesmo não atingindo a meta. Conta que as escolas que estavam abaixo da média de ação direta da Secretaria da Educação, através dos professores coordenadores das oficinas pedagógicas. Mesmo assim, diz que o supervisor de ensino conversou com a coordenação da escola no</p>	<p>Supervisão de ensino junto com a coordenação traçou metas para melhoria do Idesp.  Diretoria focou escolas que estavam abaixo da média de aprendizagem do Estado.  Escola em que a</p>	



	<p>ação direta da secretaria da educação, através dos PCOPs da diretoria, trabalhando diretamente com essas escolas. Então, por exemplo, nós, que apesar de não cumprimos a meta, a gente ainda está acima da média das outras escolas. Porque a gente já tinha conquistado isso anteriormente. Então, o meu supervisor, no início do ano conversou sobre isso. E junto com a supervisora a gente definiu metas pra reverter essa situação. Então, foi feito um trabalho da supervisão junto com a escola, junto com a coordenação, nós sentamos e definimos metas para o ano. Então, a ação da diretoria foi nesse sentido: o que é que a escola vai fazer para mudar esse quadro? Foi cobrado um plano de ação pra reverter essa situação. No início do ano já. Teve um acompanhamento durante o ano. Durante todo o ano. Muito, muito importante. Eu senti um tipo de preocupação. Uma escola que vem trabalhando num nível crescente, né, de aprendizagem, nós tivemos um decréscimo, então o que</p>		<p>início do ano e juntos traçaram metas para mudar a situação da escola, que havia decaído. Fala que houve acompanhamento durante o ano e que sentiu uma preocupação da Diretoria de Ensino e não uma pressão.</p>	<p>depoente trabalha está acima da média.</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------

	aconteceu? Vamos ver o que aconteceu, como é que nós podemos mudar essa situação. Mas assim, de pressão não.			A depoente diz que o acompanhamento não foi diferente dos anos anteriores, em que haviam atingido a meta.	Acompanhamento não foi diferente dos anos anteriores.
SPC3.28	Não (foi diferente do ano passado, que vocês atingiram). Sempre tem esse acompanhamento.			A depoente não concorda com o atrelamento do bônus com o aumento do Idesp, pois a Secretaria da Educação tem uma política de trabalhar as diferenças, respeitar as individualidades e quando vai pagar o professor não considera nada disso, faz uma única avaliação no Estado inteiro e paga o bônus. Conta que a escola em que trabalha tem um resultado acima da média do município e do Estado, mas que isso não é levado em consideração. Acha que então os professores se desestimulam, e esses desestimulo passa para o aluno e para a equipe gestora. Diz que a escola é super lotada, com 1300 alunos, não tem mais sala de vídeo, a sala de informática não funcionou em 2010, pois estava sendo adaptada para o Programa Acesso Escola.	Estado tem uma política de respeitar as individualidades, mas para pagar o bônus não considera isso. Problemas da escola. Quantidade de alunos.
SPC3.29	É como a gente falou pra você, a gente, a secretaria da educação, a gente tem uma política de <u>valorização</u> do profissional, de melhoria da qualidade da aprendizagem, de trabalhar as diferenças, de respeitar as individualidades, e a hora que eu tenho que pagar o professor eu não considero nada disso. Eu faço uma única avaliação no estado de São Paulo inteiro, <u>enquadro</u> ali, e pago o bônus do professor. Então por exemplo, esta escola aqui, como eu disse pra você, nós temos um resultado muito acima da média do município, da diretoria, do Estado. Mesmo cumprindo só 40%, eu ainda fico em cima da média, mas eu não recebo por isso. Eu não sou pago por isso. Não é levado em consideração pra pagar esse bônus.	<p><u>Valorização</u>: aumento da estima, da importância que se atribui a algo ou alguém.</p> <p><u>Enquadrar</u>: ter como parte integrante; compreender, incluir.</p> <p><u>Desestimular</u>: tirar ou perder o estímulo; desanimar (-se), desencorajar (-se).</p> <p><u>Acesso Escola</u>: um programa do Governo do Estado de São Paulo, desenvolvido pelas Secretarias de Estado da Educação e de Gestão Pública, sob a coordenação da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), tem por objetivo promover a inclusão digital e social dos alunos, professores e funcionários das escolas da rede pública estadual. Por meio da Internet, ele possibilita aos usuários o acesso às tecnologias da informação e comunicação para</p>			

	<p>Então isso acaba <u>desestimulando</u>, o professor né, que indiretamente passa pro aluno; e a coordenação, a equipe gestora também, porque nós trabalhamos com uma escola de 1300 alunos. Uma escola super lotada. Eu não tenho mais nem sala de vídeo, mais nem, a sala de informática não funcionou esse ano, porque estava sendo adaptada pro <u>acessa escola</u>. São 1300 alunos, nos três períodos. E aí o que acontece? A gente tem escolas aí com 400 alunos que têm o mesmo critério de pagamento de bônus. Uma escola de 400 alunos, com quadro de funcionários completo. A gente ta trabalhando sem inspetor de aluno, porque não supre a demanda, a gente não tem o elemento de limpeza, porque só tem um servente pra cada período, então a gente acaba sofrendo as consequências, né? Você tem que desenvolver um trabalho com a preocupação da manutenção do prédio, de adaptação dos ambientes pedagógicos, então, querendo ou</p>	<p>a construção do conhecimento e o fortalecimento social da equipe escolar<sup>195</sup>.</p>	<p>Fala que também não tem todos os funcionários necessários, não tem inspetor e somente um servente por período, além de ser uma escola de periferia, e recebe o bônus segundo o mesmo critério de uma escola central, com menos alunos e o quadro de funcionários completos. Acha então que esse atrelamento deveria ser revisto, pois o professor deve ser valorizado tanto financeiramente quanto com formação continuada e instrumentos para trabalhar.</p>	
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

<sup>195</sup> Disponível em <<http://acessaescola.fde.sp.gov.br>>. Acesso em: 27 mai. 2011.

	<p>não, acaba se perdendo, e aí, eu tenho o mesmo critério de pagamento de uma escola central, com o quadro de funcionários completo, com 400, 500 alunos. Então, é diferente. Muito diferente, então eu acho que o grande desestímulo tá aí. É essa divergência, na hora que eu falo na valorização do professor, como que eu valorizo? Um dos pontos seria financeiramente, outro seria, o da formação continuada, oferecer cursos, oferecer instrumentos pro professor trabalhar, e cadê? Então eu acho que aí é um ponto que tem que ser trabalhado essa questão, né?</p>			
SPC3.30	<p>Pelo que eu vi, a escola sempre levou muito a sério (o Saresp). E os professores que aplicaram a prova aqui, levaram com muita seriedade. Eu não acredito que tenha fraude, mesmo porque o professor, ele representa um profissional ali, que tem que ter muita seriedade, que tem que trabalhar com valores, então o professor ele não vai se queimar nesse sentido. Principalmente porque não é o professor da escola que ta</p>	<p><u>Fraude</u>: qualquer ato ardiloso, enganoso, de má-fé, com o intuito de lesar ou ludibriar outrem, ou de não cumprir determinado dever; logro; falsificação de marcas ou produtos industriais, de documentos etc.. <u>Valor</u>: conjunto de traços culturais, ideológicos ou institucionais, definidos de maneira sistemática ou em sua coerência interna; conjunto de princípios ou normas que, por corporificar um ideal de perfeição</p>	<p>A depoente acredita que a avaliação do Saresp é séria e que não ocorrem fraudes. Diz que o professor trabalha com valores morais e não quer ficar malvisto nesse sentido. Pensa que quando se têm professores de outras escolas como aplicadores, eles não conhecem os alunos, suas dificuldades, então não vão ajudá-los na hora da prova. Acha que é difícil para o professor que trabalhou com os alunos o ano todo, que valorizou cada avanço,</p>	<p>Seriedade do Saresp. Prova muito difícil os alunos se frustram. Professores aplicadores de outra escola não tendem a ajudar os alunos a resolver a prova.</p>

	<p>trabalhando ali. Então ele já conhece os alunos, ele já conhece as dificuldades, ele pode até agir na intenção de ajudar esse aluno, porque é muito duro para uma criança, a hora que ele se depara com uma prova num nível muito difícil, daquilo da realidade dele. Então o professor trabalhou o ano inteiro, o professor valorizou cada avanço desse aluno, parabenizou cada sucesso, aí chega num único dia, que ele vem com uma prova, que ele não entende aquilo que tá ali. Então o professor não quer ter essa... não quer deixar o aluno passar por essa <u>frustração</u>, né, o professor da classe. Tanto que quando a gente trabalha o simulado do Saresp, a gente tem muito essa preocupação, né, de orientar, de ensinar a resolver, pra que ele não se frustre no dia da prova. Mas o professor aplicador que vem ali, que não conhece o aluno, ele não sabe, quem é que tem dificuldade, quem não tem. Então ele vai aplicar a prova, ele vai responder as dúvidas, mas eu acho que nunca respondendo pro aluno essa questão</p>	<p>ou plenitude moral, deve ser buscado pelos seres humanos.  <u>Queimar</u>: perder o prestígio; ficar malvisto.  <u>Frustração</u>: estado de um indivíduo quando impedido por outrem ou por si mesmo de atingir a satisfação de uma exigência pulsional.  <u>Projeto Pedagógico</u>: é onde se definem as políticas e os objetivos na formação de seus alunos.</p>	<p>vê-los se frustrando com uma prova muito difícil, então poderiam até querer ajudar. Diz que quando trabalham os simulados, têm a preocupação de orientar, de ensinar a resolver, para que eles não se frustrem no dia da prova.</p>	
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

SPC3.31	<p>né. Eu penso que é assim e quero acreditar nisso, porque senão... Eu acho que o dia que eu não acreditar mais na seriedade do meu trabalho, na seriedade que é desenvolvido o <u>projeto pedagógico</u> da escola, aí eu vou ta saindo fora.</p>	<p><u>Raso</u>: que tem pouca profundidade.</p>	<p>A depoente acha que a realidade da escola pública está muito difícil, pois existe uma heterogeneidade de conhecimento, de valores, de funções que os profissionais da escola realizam. Diz que o coordenador e o professor abrem o portão da escola, orientam para não sujá-la, atendem na secretaria, e não são valorizados nesse sentido. Além disso, os alunos que a escola recebe também são heterogêneos, em valores, compromissos. Então acha sem profundidade pegar um único indicador de desempenho, o Saresp e atrelar ao bônus. Questiona o fato de não haver a comparação do aluno do início para o final do ano, e nem o acompanhamento da evolução do aluno.</p>	<p>Escola pública muito heterogênea. Profissionais da escola realizam muitas funções e não são valorizados por isso. Crítica ao fato de só usar o Saresp como indicador de desempenho. Questiona o fato de não ter o acompanhamento da evolução do aluno.</p>
---------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

SPC3.32	acompanhamento de evolução do aluno?	<p>Reforço: No texto, no sentido de aulas de recuperação paralela. É oferecida pela escola para alunos com dificuldades de aprendizagem, paralelamente ao ciclo no qual o aluno está matriculado.</p> <p><u>Defasagem</u>: falta de sintonia; atraso, descompasso.</p> <p><u>Apto</u>: que possui capacidade natural ou adquirida para realizar (algo); idôneo, habilitado, capaz; próprio, adequado, conveniente.</p>	<p>A depoente acha que a progressão continuada é um mal necessário, pois no mundo contemporâneo as transformações são muito rápidas e um ano revendo as mesmas coisas implicaria em muita perda para os alunos. Além disso, é necessária quando se pensa nas diferenças de aprendizagem e nas necessidades educacionais especiais, pois senão teria alunos que ainda estariam na 5ª série. Então, se o aluno não aprendeu em um ano, faz-se um plano de ação para recuperar esse aluno. Porém, diz que a escola precisaria contar com apoio de profissionais especializados para auxiliar o cotidiano do professor em sala de aula. Com mais profissionais do que se tem hoje, que é só a recuperação de Matemática e português e com maior carga horária, senão os alunos chegam na 8ª série sem o aprendizado adequado, como está acontecendo.</p>	Progressão continuada é necessária.  A escola precisaria de apoio de profissionais especializados.
---------	--------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>apoio de profissionais especializados para auxiliar o dia a dia do professor na sala de aula. Porque aí sim o professor ia conseguir trabalhar as dificuldades que não foram aprendidas. Nós tivemos um avanço esse ano com o professor do projeto de reforço, já trabalhando na escola desde o primeiro dia do ano letivo. Então esse professor foi pra dentro da sala de aula, esse professor saiu da sala de aula com os alunos, voltou... Então nós pudemos contar, e fez muita diferença, né, em Português e Matemática. Mas é muito pouco. A gente precisava, pra trabalhar com a progressão continuada, pra atender esses alunos ao longo da vida escolar, a gente precisava ter mais profissionais, com mais carga horária, diretamente dentro da escola pra suprir essa <u>defasagem</u> que ficou por fora. Então eu não consigo mais pensar em escola sem progressão continuada, nessa sociedade contemporânea, porque não daria certo, porque a gente estaria prejudicando seriamente esse aluno a hora que você... nós</p>		
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--



SPC3.33	<p>tivemos aí em outubro e novembro a eleição do presidente do Brasil né, e nem duas horas depois do término das votações a gente já tinha o resultado da eleição. É muito rápido! Como é que uma criança vai ficar fazendo outra vez uma 6ª, uma 5ª, uma 7ª série? Não dá, não dá pra pensar nisso. Então eu vejo assim, a progressão continuada, porém com apoio de profissionais dentro da escola, porque senão vai se perdendo e a gente tem esse resultado aí que a gente viu esse ano. Chega na 8ª série o aluno não está <u>apto</u> para fazer, não está preparado para fazer aquela prova.</p>			
	<p>Olha, tem alguns alunos que independente de qualquer coisa, eles apresentam dificuldades e são capazes de aprender, dentro do <u>limite</u> deles. Então, mesmo que tivesse todo esse acompanhamento, e o aluno não tivesse conseguido aprender, eu estaria com a consciência tranquila. Porque olha, eu fiz a minha parte, eu fiz o possível e pude oferecer pra esses alunos algo a mais do que a gente</p>	<p><u>Limite</u>: o que determina, marca os contornos de um domínio abstrato ou separa dois desses domínios; o que não pode ou não deve ser ultrapassado.  <u>Psicopedagogia</u>: ciência aplicada que consiste em aliar a psicologia, especialmente a experimental, à pedagogia; psicologia da educação  <u>Fono</u>: Fonoaudiólogo.  <u>Buraco</u>: sentimento de falta ou de perda de alguma coisa ou pessoa;</p>	<p>A depoente acha que se tivesse apoio de profissionais especializados como fonoaudiólogos, psicopedagogos, psicólogos e mesmo assim os alunos não conseguissem aprender, ela ficaria tranquila, pois teria certeza de que fez o possível. Ela conta que a prefeitura oferece apoio psicopedagógico, porém a fila é de dois anos e só atende até os 16 anos, assim os alunos ficam numa</p>	<p>A escola deveria contar com apoio especializado para alunos com necessidades educacionais especiais.</p>

	<p>pode oferecer hoje, entende? Mas eu teria certeza de que foi feito. A gente, por exemplo, você precisa de um apoio <u>psico-pedagógico</u>, a prefeitura oferece, mas com uma fila de dois anos. Então as crianças chegam pra mim na 5ª série e elas vão conseguir ser atendidas na 7ª série. Aí na 8ª, no ano seguinte, ele já faz o Saresp, e aí ele vai... Então a hora que ele começa a aprender, que ele tem esse apoio, já passa da idade, porque a prefeitura atende só até os 16 anos, aí não tem mais nada. Ensino médio, acaba. Então ele chega pra mim sem essa ajuda, a hora que eu diagnóstico, que eu tenho levantado esses problemas, aí eles têm uma fila de dois anos de espera. Psico-pedagogo, <u>fono</u>, psicólogo, percebe? Então tem um <u>buraco</u> aí. Tem um espaço em que eles ficam, num <u>buraco negro</u>, né? Sem apoio nenhum. A gente conseguiu ao longo desses anos, melhorar muito nesse sentido. Porque a gente estuda muito né? Então eu sempre trago muito texto, muito material, vou me virando aqui na escola. A gente já consegue</p>	<p>vazio, falta, vácuo.  <u>Buraco negro</u>: no texto, no sentido de situação difícil ou incômoda.</p>	<p>situação difícil, sem apoio durante muito tempo. Além disso, diz que quem tem que diagnosticar se o aluno tem necessidades educacionais especiais é a própria escola, embora não sejam profissionais. Então, conta que se demorava para diagnosticar, mas atualmente, com muito estudo, já se consegue fazer isso mais rapidamente.</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>detectar esses problemas, embora a gente não seja profissional apto para fazer esse diagnóstico, né? Mas agora a gente já detecta, já sabe. Agora no final do 1º bimestre da 5ª série a gente já sabe quais são os alunos que têm essas necessidades educacionais. E antes não. Eles chegam pra gente sem você saber nada.</p>			
SPC3.34	<p>Então eu vejo a progressão continuada, pra tornar a trajetória escolar dessas crianças menos dura. São os abandonados sociais aí. E o único <u>alento</u> que eles têm é saber que no final do ano eles vão passar de ano. Porque a única preocupação deles é assim: eu vou passar de ano? Eles não querem saber, eu aprendi, eu melhorei, eu consegui? Não. Eu vou passar de ano? A única coisa que importa na vida deles, é passar de ano. E os pais também. A maioria das vezes quando eu chamo os pais pra colocar essas dificuldades, mas isso não vai fazer ele repetir, né professora? A preocupação deles é essa. Eles não querem saber se o filho aprendeu, se o filho ta</p>	<p><u>Alento</u>: inspiração, entusiasmo.</p>	<p>A depoente diz que vê a progressão continuada como um meio de tornar a trajetória das crianças na escola menos difícil. Afirma que essas crianças são os abandonados socialmente. Conta que a única preocupação dos alunos e dos pais é passar de ano, não importando se aprendeu ou não.</p>	<p>Progressão continuada como um meio de tornar a trajetória das crianças na escola menos difícil.</p>

SPC3.35	consequindo, não, ele quer que o filho passe de ano. É isso. Duro né?	Então, quando a gente fala de escola pública, de progressão continuada, a gente tem que ter muito <u>cuidado</u> né, muito cuidado. Porque a hora que eu tenho lá uma avaliação, um resultado, que vem contrariar tudo aquilo que foi feito, é perigoso. Que tipo de frustração eu vou produzir nesses alunos? Eu to falando, quando eu falo isso, que eu to falando de alunos com necessidades educacionais especiais, alunos com dificuldades de aprendizagem, eu não falo naquele aluno sem interesse pela escola. O aluno que falta, o aluno <u>malandro</u> , então eu não to colocando a questão desse aluno. Mesmo porque pro aluno chegar com esse perfil, o que aconteceu na vida dele até ali? Que <u>estímulo</u> ele teve? Que estímulo positivo ele teve? Quem são os pais dele? Como é que o pai trabalha a importância da escola na vida dele, né? Porque eu vejo que a gente tem que fazer esse trabalho aqui. A escola só é importante pro aluno a partir do	<p><u>Cuidado</u>: submetido a rigorosa análise; meditado, pensado; em que houve aprimoramento, aplicação na execução (diz-se de qualquer atividade, trabalho etc. realizado); bem-feito.</p> <p><u>Malandro</u>: que ou aquele que não trabalha, que emprega recursos engenhosos para sobreviver; vadio; que ou aquele que leva a vida em diversões, prazeres; que ou aquele que tem preguiça; mandrião, indolente; que ou aquele que furta, que vive fora da lei; ladrão, gatuno, marginal.</p> <p><u>Estímulo</u>: aquilo que estimula, que anima, que incita à atividade, à realização de algo.</p>	A depoente diz que quando se fala de escola pública e progressão continuada deve-se ser cuidadoso. Fala que quando se tem um resultado de uma avaliação que contraria o que foi feito na escola é perigoso, pois pode se produzir algum tipo de frustração nesses alunos que têm dificuldade de aprendizagem ou necessidades educacionais especiais e não para os que não têm interesse, são malandros. Mesmo os malandros, ela questiona o histórico desse aluno para que ele tenha esse perfil, e também o papel da família em dar importância para a escola.	Ser cuidadoso ao falar de progressão continuada e escola pública. Resultado de avaliação pode contrariar tudo que foi feito na escola.
---------	-----------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	momento que ele ta na escola e que a escola coloca isso pra ele. Agora, a política da secretaria da educação preocupa-se com isso? Atende essa expectativa? Não. Não atende. É isso, eu acho que era isso aí.			
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--

Fonte: dados organizados pela autora.

#### Quadro 70 - Análise ideográfica do professor coordenador 4.

Nº US	Unidades de Sentido	Exerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US.
SPC4.1	Muda (a rotina das atividades da coordenação em função do Saresp). Você já começa a pensar mais em relação a essa avaliação, dar mais ênfase a essa avaliação. E muitas outras coisas você acaba deixando de lado pra poder dar um suporte pra essa avaliação. Às vezes é <u>conselho tutelar</u> de aluno, uma coisa que você teria que passar pros professores, a questão do levantamento de faltas, essas coisas, acaba ficando isso pra <u>escanteio</u> e você cuidando dessa parte de Saresp.	<u>Ênfase</u> : maneira afetada, por vezes solene ou empolada, de realçar a importância de algo durante expressão oral ou escrita; destaque, realce marcante ou ostensivo; relevo. <u>Conselho tutelar</u> : é um órgão público municipal permanente e autônomo, que tem como missão institucional zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente e contribuir para mudanças na forma de atendimento a esses direitos no município. Sua criação tem respaldo legal no Estatuto da	O depoente diz que a rotinas das atividades da coordenação muda em função do Saresp, pois se dá muito destaque a essa avaliação e outras questões que deveriam ser passadas aos professores, fazer levantamento de faltas de alunos, encaminhamento ao conselho tutelar, são deixadas de lado para que se dê suporte ao Saresp.	Mudança na rotina em função do Saresp.  Coisas são deixadas de lado para que se dê suporte ao Saresp.

		Criança e do Adolescente e na Lei Municipal <sup>196</sup> . <u>Escanteio</u> : deixar de lado; dar o fora em.		
SPC4.2	É trabalhar com eles (os professores) a questão do <u>pedagógico</u> , o que eles vão utilizar no Saresp, o que vai ser utilizado, uma boa <u>revisão</u> que eles vão ter que fazer com os alunos. Pra eles também trabalharemos com os alunos a questão da avaliação, apesar do coordenador não acreditar muito na avaliação (Saresp), ele tem que...	<u>Pedagógico</u> : relativo a ou próprio da pedagogia; de acordo com a pedagogia. <u>Pedagogia</u> : ciência que trata da educação dos jovens, que estuda os problemas relacionados com o seu desenvolvimento como um todo; conjunto de métodos que asseguram a adaptação recíproca do conteúdo informativo aos indivíduos que se deseja formar. <u>Revisão</u> : Ato ou efeito de rever; novo exame; nova leitura. No texto: Revisar um conteúdo curricular já visto em outras épocas.	O depoente diz que trabalha com os professores as questões relativas à pedagogia que será utilizada no Saresp. Também é destacada a importância de ser feita uma revisão dos conteúdos escolares já vistos e trabalhar com os alunos a importância da avaliação, apesar do depoente não acreditar muito no Saresp.	Trabalho feito com os professores em relação ao Saresp.  Depoente não acredita no Saresp.
SPC4.3	(não acredito no Saresp) porque eu não vejo você avaliar o global de um Estado, e falar que isso é a <u>realidade</u> , porque pra mim não é, certo? Cada ser humano, eles falam, cada ser humano é um diferente do outro, aí você iguala	<u>Realidade</u> : qualidade ou característica do que é real; o que realmente existe; fato real; verdade; o conjunto das coisas e fatos reais. <u>Favorecido</u> : que obteve alguma vantagem em relação a outro ou	O depoente não acredita no Saresp, pois ele avalia o global do Estado, falando que isso é a realidade. Porém, como cada ser humano é diferente do outro, quando se iguala todos, se prejudica a escola que tem menos	A escola trabalha com as diferenças individuais e o Saresp avalia todos de modo igual.

<sup>196</sup> Ampliando a Defesa dos Direitos Infante-Juvenis: Compromisso do Pará. Guia de Orientações para Conselheiros, Gestores e Técnicos / Coordenado por Arlena Sarmento de Freitas e Zoraide Leitão de Oliveira. - Belém / Gráfica Salesiana, 2002. Página 27.

	<p>tudo, e é prejudicada a escola que é <u>menos favorecida</u>, na questão de <u>clientela</u>, na questão de lugar, às vezes de prédio, de tudo, ela acaba sendo prejudicada pela questão simplesmente que é todo mundo igual. Então se você trabalha com o diferente, como que você pode avaliar igual? Então a partir daí eu já não concordo.</p>	<p>outros; diz-se de ou aquele que usufrui favorecimento ou benefício; beneficiário. <u>Clientela</u>: o conjunto ou a totalidade de clientes de um estabelecimento comercial, de um banco, de um advogado, médico, dentista etc.. No texto conjunto de pessoas que frequentam habitualmente um determinado lugar.</p>	<p>benefícios em questão de tipos de alunos, de localização, etc. Assim, como nas escolas é trabalhado com as diferenças individuais, questiona como que se pode avaliar todos da mesma forma.</p>	
SPC4.4	<p>Sinceramente (o Saresp está servindo): pra <u>punir</u> professores. Só para isso.</p>	<p><u>Punir</u>: infligir (-se) pena ou castigo; corrigir (-se), castigar (-se); servir de castigo a.</p>	<p>O depoente acha que o Saresp está servindo somente para punir os professores.</p>	<p>Saresp serve para punir os professores.</p>
SPC4.5	<p>Não (<u>retrata</u> a realidade). Não, porque uma coisa que retrata uma realidade, ela tem que ser muito bem divulgada, ela tem que ser mostrada todos os pontos, coisa e tal. Como é que eu não recebo, eu não sei nem a nota do meu aluno, e eu posso falar que ta retratando a realidade da minha escola? Eu não sei nota de aluno, eu não sei o que está <u>falho</u> nessa escola, o que não está. Eu sei o que ta falho no Estado. Mas será que a minha escola está falhando no mesmo ponto que o Estado está falhando?</p>	<p><u>Retratar</u>: refletir a imagem de; espelhar (-se); deixar transparecer; expressar (-se), mostrar (-se); descrever com exatidão, reproduzir (algo) fielmente. <u>Falho</u>: que tem falha; falhado; a que falta; carente, desprovido, falto.</p>	<p>O depoente acha que o Saresp não divulga os detalhes. Questiona como pode falar que está retratando a realidade de sua escola se ele não tem acesso a nota do seu aluno. Diz também que sabe o que está falhando no Estado, mas não sabe se sua escola falha nos mesmos pontos.</p>	<p>Saresp não descreve a realidade. Faltam detalhes, como nota individual do aluno.</p>

SPC4.6	<p>(o relatório que recebem vem com as <u>habilidades</u> que não estão sendo desenvolvidas) no Estado inteiro. É pela média, então quer dizer, é uma simples <u>aritmética</u>. Você acha a porcentagem ali, então aquela questão que desenvolvia tal habilidade foi a que os alunos atingiram menos, então aquilo lá é válido pra todos. E isso não é verdade. Isso não é a realidade. A realidade desta escola é uma, a realidade da outra escola é completamente diferente. Então há essa diferença, então não existe esse trabalho. Então eu acho que é isso daí que não serve pra muita coisa.</p>	<p><u>Habilidades</u>: Funcionam como indicadores ou descritores das aprendizagens que se espera que os alunos tenham realizado no período avaliado<sup>197</sup>. <u>Aritmética</u>: parte da Matemática que estuda as operações numéricas: soma, subtração, multiplicação, divisão etc.; tudo que pressupõe um cálculo qualquer.</p>	<p>O depoente diz que o relatório do Saresp vem com as habilidades que não estão sendo desenvolvidas do Estado todo, sendo simplesmente uma porcentagem. Acha que não é verdade que isso é válido para todas as escolas, pois cada uma tem sua realidade, sendo uma diferente da outra. Portanto, como não tem esse trabalho em relação ao diferente, o Saresp não serve para muita coisa.</p>	<p>Relatório do Saresp descreve habilidades que não são desenvolvidas no Estado todo e não leva em conta as diferenças das escolas.</p>
SPC4.7	<p>Ou pelo menos, o resultado de cada escola. O correto seria ser de cada aluno, porque daí você vai verificar onde cada ser humano está precisando de ajuda. Ou se fosse pelo menos da escola, você sabe onde, já teria que pegar no ponto x dessa escola pra fazer o</p>	<p><u>Defasagem</u>: falta de sintonia; atraso, descompasso. <u>Condizer</u>: estar em harmonia ou ficar bem com (algo); assentar, combinar, estar na proporção correta em relação a (algo); estar de acordo com (algo); concordar, conferir.</p>	<p>O depoente acha que deveria vir o resultado de cada aluno no Saresp, ou pelo menos de cada escola, pois assim se saberia qual item tem que ser mais trabalhado, por estar em defasagem. Porém, o se sabe o que está em defasagem no Estado de São Paulo, o que</p>	<p>Resultado individual do aluno. Relatório global não serve para muita coisa.</p>

<sup>197</sup> Em SÃO PAULO. *Matrizes de referência para a avaliação Saresp: documento básico/Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini.* – São Paulo: SEE, 2009.



	<p>trabalho. A partir dali, cada aluno, a gente pode dizer que a gente até sabe, mas daí você poderia pegar aquele ponto, a partir da escola e falar nós temos que trabalhar isso, que isso está em <u>defasagem</u> na nossa escola. Aí eu posso falar, isso tá em defasagem no Ensino Médio. E eu não tenho como falar isso. Eu tenho que falar o que? Os alunos do Estado de SP estão com defasagem nessa situação. Aí o professor fala: não, mas essa situação foi a que eu mais trabalhei durante o ano, e aí? Tá <u>condizendo</u> uma coisa com a outra? Não. Então se pelo menos é da escola, para a escola, é mais fácil de você identificar. Agora, nem pra escola vem, só vem o relatório global, o que eu faço com um relatório global? Eu vou ter que dentro desse relatório, <u>cavar</u> o que os alunos não sabem, através do que os professores trabalham, e ver se tá batendo ali. Se não está, aquele relatório não me serviu de muita coisa. Então isso que eu acho que não tá</p>	<p><u>Cavar</u>: esforçar-se ou concorrer para adquirir ou alcançar (algo); buscar com afincos; investigar. <u>Bater</u>: estar em concordância; condizer, conferir.</p>	<p>muitas vezes não concorda com a situação da escola. Assim, quando vem o relatório global, tem que haver um esforço junto com os professores, para verificar onde está em concordância com a escola, e se não estiver, o relatório não servirá para muita coisa.</p>	
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

SPC4.8	servindo pra nada de uns tempos pra cá. Já fui a favor do Saresp. Logo no começo. Não do estilo de prova, que era uma provinha muito fraca, era aquela coisa assim, resolve tal coisa, fulano fez isso a resposta é qual? Também não é esse tipo de prova. A avaliação melhorou, assim, a questão do modelo de prova. Só que aí depois a gente começou a não ter mais nada. Por quê? Porque quando a gente terminava a prova do Saresp, a gente pegava o caderno do aluno, a gente mesmo fazia a correção, já tinha a planilha que vinha com as habilidades e competências, na época, então você já sabia tudo o que você ia trabalhar o ano seguinte. Então nesta época, a gente tava na época do se planejar o que ia se fazer no ano que vem. E agora eu vou esperar até agosto, ou junho, julho, sei lá quando vem o dia do Saresp, pra gente sentar e fazer a análise, pro	A favor: para o benefício de; em proveito de <u>Caderno do aluno</u> : Caderno de questões que os alunos resolvem no dia da aplicação do Saresp. <u>Competências</u> : refere-se às competências cognitivas, entendidas como o conjunto de ações e operações mentais que o sujeito utilize para estabelecer relações com e entre os objetos, situações, fenômenos e pessoas que deseja conhecer <sup>198</sup> . <u>Dia do Saresp</u> : dia destinado a discussão dos resultados do Saresp, pelos professores e equipe gestora. Em 2010 aconteceu dia 16 de agosto, conforme Comunicado da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas de 29 de julho de 2010.	O depoente afirma que era a favor do Saresp logo no início da aplicação das provas, quando o caderno de questões do aluno ficava na escola, e era corrigido ali também. Então já se montavam as planilhas com os resultados e já se sabia as habilidades e competências que não estavam sendo desenvolvidas satisfatoriamente. Assim, se podiam usar os resultados para o planejamento do ano seguinte, o que não acontece atualmente, pois o relatório chega depois de junho, quando se tem um dia para discussão dos resultados.	Era a favor do Saresp quando os cadernos de questões ficavam na escola.  Resultado atualmente vem muito tarde em relação ao ano escolar.
--------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

---

<sup>198</sup> Idem nota de rodapé 2.

SPC4.9	<p>ano que vem...É um pouquinho tarde também.</p> <p>Tem <u>capacitações</u> (sobre o Saresp), certo, mas que são coisas que já se tornaram repetitivas. Por quê? Porque eles também não têm a informação antes da hora. Aí depois que a informação chega, começa a correria. O relatório final, que é a hora que sai o relatório, com os indicativos, quais são as questões, as habilidades, quais são as competências que ficaram <u>no ar</u>, aí você sai correndo atrás do prejuízo, porque isso só vai chegar pra nós ou em julho ou em agosto.</p>	<p><u>Capacitação</u>: ato ou efeito de capacitar (-se); habilitação, aptidão. Refere-se a reuniões com membros Diretoria de Ensino para orientações em algum assunto. <u>No ar</u>: em suspenso.</p>	<p>O depoente afirma que existem reuniões com membros da Diretoria de Ensino para orientar sobre o Saresp, porém já se tornaram repetitivas. Conta que na Diretoria também não se tem informações antes de o relatório com os resultados chegar. Assim, quando essas informações chegam, com as habilidades e competências que ficaram em suspenso é que começam as discussões.</p>	<p>Orientações sobre o Saresp. Discussões ocorrem somente depois que o resultado chega.</p>
SPC4.10	<p>Olha, explicar até explicam (a escala de <u>proficiência</u>). Agora, que um professor que não seja de Matemática, ele vá entender, é meio difícil. O professor tem que ter um pouquinho de conhecimento em Matemática pra que ele entenda. O professor de outra área... Eu acho, e olha que eu sou professor de Matemática. Eu acho pelo seguinte: é uma coisa que foi implantada e a gente</p>	<p><u>Escala de proficiência</u>: No caso do Saresp, a matriz de referência para a avaliação foi elaborada a partir da Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Configuram-se as referências que possibilitam a posição (segundo níveis de desempenho) dos alunos que realizarem as provas. Os indicadores relativos a esta posição são obtidos por uma Escala de Proficiência, por</p>	<p>O depoente diz que nas orientações sobre o Saresp é explicado sobre a escala de proficiência, mas que é difícil para os professores que não tenham um pouco de conhecimento em Matemática entenderem. Afirma que a escala foi implantada, mas que vão descobrindo a função de cada coisa aos poucos. Diz que estão estudando sobre isso desde 2008</p>	<p>Orientações sobre o Saresp. Escala difícil de entender.</p>

	<p>não teve muita noção de como que aquilo foi implantado. Então quer dizer, vão contando pra gente aos poucos a função de cada coisa que tem ali. Até entender a parte gráfica não foi difícil, mas entender o que significa aquilo ali, a gente ta em estudo desde 2008 e até agora metade das coisas a gente não consegue entender.</p>	<p>intermédio da qual se define o quanto e o quê cada aluno ou escola realizaram no contexto desse exame.</p>	<p>e ainda não entendem metade das coisas.</p>	
SPC4.11	<p>Nós temos que passar para os professores. A gente cria tempo. Então a gente já vai <u>esquemmatizando</u> agora, todas as informações que vão surgindo, do final da prova até o dia do relatório, a gente vai montando todas as informações pra poder passar pro professor.</p>	<p><u>Esquemmatizar</u>: traçar um esquema de (algo); representar por meio de esquema ou de forma esquemática; fazer um esboço de; traçar as linhas gerais de; delinear.</p>	<p>O depoente afirma que desde que terminam as provas do Saresp até quando chega o relatório final, os coordenadores vão traçando, em linhas gerais, as informações que vão surgindo para passar para os professores.</p>	<p>Coordenadores passam informações aos professores.</p>
SPC4.12	<p>Olha, oficialmente eu posso dizer que não (vi a prova). Extra oficialmente eu vi um dos cadernos. Porque tava com duas respostas idênticas em uma das questões, então o professor me chamou, aí eu fui dar uma olhada, analisar, pra ver se não... E acabei dando uma olhada no caderno.</p>	<p><u>Oficial</u>: emanado do governo ou de uma autoridade administrativa reconhecida; certificado pela autoridade pública ou por uma autoridade competente.</p>	<p>O depoente afirma que viu a prova do Saresp de modo extra-oficial, pois havia uma questão com duas respostas iguais, então foi chamado para ver, e deu uma olhada no caderno de questões. Porém, oficialmente, não tem acesso.</p>	<p>Viu a prova extra-oficialmente.</p>
SPC4.13	<p>A <u>elaboração</u> da prova estava</p>	<p><u>Elaborar</u>: preparar laboriosa e</p>	<p>O depoente afirma que a</p>	<p>Elaboração da prova</p>

	<p>boa. Não posso questionar a elaboração do caderno em si, pelo menos daquele que eu vi. Já teve anos piores, muito piores que isso. Então a questão da elaboração da prova tava boa. Se eu falar pra você que aquilo que tava na prova é o que o <u>caderninho</u>, que o governo mesmo manda, não é verdade, não estava. É aquilo que o professor trabalha na sala de aula? É. Porque nem sempre o professor, principalmente Matemática, segue o <u>caderninho</u>, porque ele não está dentro da realidade, não adianta. A gente já ta pedindo a <u>reformulação</u> desse caderninho desde quando ele foi lançado, porque não está... porque não tem como em certas situações você trabalhar. Então o que o professor trabalhou, realmente caiu, agora, parcialmente é o que tem no <u>caderninho</u>.</p>	<p>paulatinamente; realizar, organizar, geralmente com grande cuidado.</p> <p><u>Caderninho</u>: se refere a cadernos entregues aos professores a partir de 2008, consonantes com a nova proposta curricular, implantada no mesmo ano. Os alunos também recebem o caderno a partir de 2009. Neles, são apresentadas situações de aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos.</p> <p><u>Reformular</u>: formular de novo; dar nova formulação a.</p>	<p>elaboração daquele caderno de questões que viu estava boa. Porém, afirma que o que estava sendo cobrado na prova não era o mesmo que é trabalhado no material enviado pelo governo, e sim o mesmo que o professor trabalha em sala de aula. Fala que o professor nem sempre trabalha esse material, por não estar de acordo com a realidade, não tendo como trabalhá-lo em certas situações. Inclusive, conta que a escola está pedindo a reformulação do material.</p>	<p>estava boa.</p> <p>O que estava sendo cobrado na prova não era o mesmo que é trabalhado no material enviado pelo governo.</p> <p>Pedido de reformulação do material.</p>
SPC4.14	<p>Sim (o tipo da avaliação do Saresp converge com o tipo da avaliação que o professor faz em sala de aula), até que sim. Ultimamente até que sim. Ta</p>	<p><u>Convergir</u>: dirigir-se, afluir, concorrer (a um mesmo ponto); tender (para o mesmo objetivo); encaminhar-se; concentrar-se.</p> <p><u>Prova de múltipla escolha</u>: prova</p>	<p>O depoente diz que de certo modo a avaliação do Saresp converge com a avaliação que o professor faz em sala de aula, pois a escola também fez</p>	<p>Convergências e divergências da avaliação do professor em sala de aula e da avaliação do Saresp.</p>

	<p>pegando mais ou menos o mesmo estilo de avaliação. Porque a gente também fez essa adaptação, com as avaliações dos professores, ainda tem professor que dá aquela avaliação tradicional, certo? Só que, por exemplo, o critério de avaliação do professor é completamente diferente de uma prova dessa. Porque na hora o professor vai analisar todos os pontos que o aluno fez, não é só o resultado final. Porque numa prova de <u>múltipla escolha</u>, você só vê o resultado final, se aquele <u>xizinho</u> que o cara colocou ta certo ou não. E dentro de uma sala de aula, você pede pro aluno desenvolver tudo. Aí você vai analisar os pontos positivos e os pontos negativos dele. Então quer dizer, na maioria das vezes, uma questão, ela nunca está totalmente errada, é considerado algo que o aluno fez. E numa prova dessa não considera nada, ou você acertou, ou não acertou, acabou. Então é esse tipo de coisa que ou o Estado tem que mudar e todo</p>	<p>com questões em que se têm a pergunta e como resposta têm-se algumas alternativas, sendo que o sujeito avaliado deve apontar uma como resposta.  <u>Xizinho</u>: se refere ao sinal de “x” que se faz na alternativa escolhida como resposta numa prova de múltipla escolha.  <u>Raciocínio</u>: exercício da razão através do qual se procura alcançar o entendimento de atos e fatos, se formulam idéias, se elaboram juízos, se deduz algo a partir de uma ou mais premissas, se tiram conclusões.</p>	<p>alterações no tipo de avaliação. Porém, diz que o critério de avaliação do professor é diferente do Saresp, já que o professor analisa o raciocínio do aluno para determinada resposta, que pode ou não estar certa, e o Saresp, por ser uma prova de múltipla escolha, não. Assim, diz que se deve pensar em uma maneira única de avaliar pelo Estado e pela escola: ou ambos levam em conta o raciocínio do aluno, ou verifica-se simplesmente se a resposta está certa ou errada.</p>	<p>Os alunos deveriam ser avaliados da mesma maneira pelo Estado e pela escola.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------

	<p>mundo fazer isso: acertou, acertou, errou, errou e encerrou o assunto. Ou começar a pensar em situações do que eles fazem, mas, eles deixam lá a questão como errada, como o aluno pensou pra chegar até ali? Então, dentro daquele <u>raciocínio</u> do aluno, ele acertou algo?</p>		<p>O depoente diz que teve aplicação de prova com questões abertas na escola, para o Ensino Fundamental, mas que ele não teve acesso.</p>	<p>Prova aberta no EF. Depoente não teve acesso.</p>
SPC4.15	<p>Teve <u>(prova aberta</u> de Matemática), pro Ensino Fundamental, pro Ensino Médio não. Não cheguei (a ver).</p>	<p><u>Prova aberta:</u> prova com questões em que o aluno tem que escrever o raciocínio que o levou a determinadas respostas. Também chamada de prova dissertativa.</p>	<p>O depoente diz que teve aplicação de prova com questões abertas na escola, para o Ensino Fundamental, mas que ele não teve acesso.</p>	<p>Prova aberta no EF. Depoente não teve acesso.</p>
SPC4.16	<p>Nada fica na escola. Essa é a parte ruim dessa nova avaliação do Saresp. Nada fica na escola, você não tem acesso a nada. Depois eles mandam só o <u>modelo</u> das questões pra você no relatório. Só isso. Então você não fica... aquela coisa de você ver, analisar, olhar, saber se aquele aluno que você achava que era realmente um bom aluno em sala de aula, ele foi realmente bem na prova. Nada disso. O pessoal do terceiro da manhã e os alunos dos terceiros da noite, eles ficaram curiosos pra saber se eles não</p>	<p><u>Modelo:</u> representante típico de uma categoria. <u>Gabaritar:</u> acertar todas as questões de (prova, geralmente de múltipla escolha), conforme o gabarito. <u>Fundação:</u> refere-se à fundação responsável por elaborar, aplicar e corrigir as provas, em 2010, a VUNESP.</p>	<p>O depoente diz que é ruim o fato de a escola não ter acesso às questões das provas do Saresp e aos resultados de cada aluno. Conta que no relatório é enviado um modelo das questões. Diz que os alunos do 3º ano do Ensino Médio queriam saber se tinham acertado todas as questões das provas de Português e Matemática, mas que ele teve que ser sincero e dizer que somente a fundação que vai corrigir o Saresp é que terá acesso a isso.</p>	<p>Crítica à falta de acesso às provas e as notas.</p>

	<p>tinham gabaritado a prova de Português e Matemática. Só que...o que eu tenho que falar pra eles? Eu não tenho como mentir. Eu falei, olha, infelizmente nem vocês, nem eu, nem ninguém, fora a <u>fundação</u> que fez, vai ficar sabendo da nota de vocês.</p>			
SPC4.17	<p>Porque a gente não tem acesso a essa informação e eles não querem mais passar, porque eles dizem que estão avaliando o sistema, e não vocês, nem a escola. Só que chega na hora <u>H</u>, eles colocam o valor de um bônus pra pagar pro professor, em cima disso. Como você não está avaliando a escola?</p>	<p><u>Sistema</u>: refere-se ao sistema de ensino público de São Paulo. <u>Hora H</u>: o momento oportuno, o momento exato em que um fato acontece.</p>	<p>Diz que o motivo para não se ter acesso às notas dos alunos é porque é dito que o Saresp avalia o sistema de ensino e não os alunos, nem a escola. Porém, questiona que quando chega o momento oportuno é pago o bônus do professor usando o resultado dessa avaliação.</p>	<p>Crítica ao Saresp: este avalia sistema de ensino, mas usa o resultado para pagar bônus ao professor.</p>
SPC4.18	<p>Cumprimento de metas pra mim é uma coisa. Saresp seria outra. Bônus, uma outra. Você atrelar o trabalho da escola a metas, e essas metas a um <u>merecimento</u>, concordo plenamente. Você atrelar uma avaliação externa em cima disso eu já não concordo. Porque a situação da avaliação, ela é <u>especial</u>. Mesmo a pessoa que é acostumada a fazer uma avaliação, se você tem que fazer</p>	<p><u>Merecimento</u>: aquilo que torna alguém ou algo digno ou passível de receber prêmio ou castigo. <u>Especial</u>: que diz respeito a uma coisa ou pessoa, em particular; não geral; individual, particular; que tem função, propósito ou aplicação particular. <u>Ansiedade</u>: grande mal-estar físico e psíquico; aflição, agonia; falta de tranquilidade; receio. <u>Consciência</u>: conhecimento,</p>	<p>O depoente concorda em vincular cumprimento de metas de uma escola a merecimento. Porém vincular avaliação externa a isso, ele não concorda, já que a situação de uma avaliação é diferente do normal da escola e os alunos ficam ansiosos e às vezes não conseguem fazer a prova.</p>	<p>Não concorda em vincular avaliação externa a merecimento de uma escola ganhar o bônus.  Concorda em vincular cumprimento de metas de uma escola a merecimento.</p>



	<p>uma avaliação, você vai chegar com uma <u>ansiedade</u> completamente diferente. Você começa a ver, e começa a ver que aquilo ali não tem fim, você entrar em outra ansiedade pior. E quando a pessoa te avisa que tá terminando a prova e você não tem tempo mais pra fazer, aí então você entra em desespero. Isso eu já sou formado, eu já fiz o concurso, eu já fiz outras provas, eu já... quer dizer, se eu que já tenho essa consciência, ainda fico assim, imagine você pegar um adolescente, uma criança, fazer uma prova com ele, uma pessoa que vem de fora, sentar ali e fazer uma prova. Então isso é uma outra situação, certo? Que muita gente não consegue fazer. Ela tá acostumada com um ambiente ali <u>normal</u>. Às vezes até a prova do professor, a pessoa não faz, porque quando fala que é prova eles se assustam.</p>	<p>convicção, discernimento, compreensão.  <u>Normal:</u> que é usual, comum; natural.</p>		
SPC4.19	<p>Nessa escola, (trabalho) desde 2003.</p>		<p>O depoente trabalha na escola em questão desde 2003.</p>	<p>Tempo de trabalho na escola.</p>
SPC4.20	<p>Eu voltei pra cá dando aula. No caso, quando eu pedi remoção de</p>		<p>O depoente diz que foi coordenador em Hortolândia</p>	<p>Tempo como coordenador.</p>

	<p>Hortolândia pra cá, eu saí da coordenação lá e voltei pra sala de aula aqui. Daí em 2008, eu voltei pra coordenação. Certo, 2008, 2009, 2010. como coordenador são 3 anos nessa, e 2 anos em outra.</p>		<p>durante dois anos, mas quando pediu remoção para a escola em que está atualmente voltou a lecionar durante alguns anos, retornando à coordenação há três anos.</p>	
SPC4.21	<p>Olha, eu tenho professores que não têm comprometimento nenhum, tenho professores que têm um compromisso, apesar de ter a opinião muitas vezes contrária, mas fazem o trabalho todo, tenta fazer o aluno se comprometer, o máximo possível. Tem aquele um que vai tentar fazer o aluno nem vir no dia, pra dizer que é um <u>boicote</u>, então tem tudo isso daí aqui.</p>	<p><u>Boicote</u>: veto a quaisquer relações com indivíduo ou grupo a que(m) se queira punir ou constrianger a algo; <u>esquiva</u> coletiva ou individual a qualquer atividade a que se tenha sido convidado.</p>	<p>O depoente diz que na escola existem professores que não têm comprometimento nenhum com o Saresp, existem aqueles que se comprometem, mesmo não concordando e aqueles que tentam fazer com que os alunos boicotem a prova.</p>	<p>Comprometimento dos professores com o Saresp.</p>
SPC4.22	<p>Eles (alunos) entendem... (a importância do Saresp) se você conversar <u>sinceramente</u> com eles, eles entendem, eles vêm, eles participam, fazem, isso daí acho que é uma questão assim, do como você vai chegar e conversar. No caso, eu explico que é a avaliação que vai mostrar se o Estado de SP melhorou ou não melhorou na questão do</p>	<p><u>Sincero</u>: que se exprime sem artifício nem intenção de enganar ou de disfarçar o seu pensamento ou sentimento; que é dito ou feito de modo franco, isento de dissimulação. <u>Ranking</u>: formação ou listagem (de pessoas, órgãos etc.); classificação ordenada de acordo com critérios determinados. <u>Serviço</u>: Emprego.</p>	<p>O depoente diz que quando há uma conversa franca com os alunos sobre o Saresp, eles vêm e participam da prova. Conta que explica para os alunos que o Saresp é uma avaliação que vai mostrar se o rendimento escolar no Estado melhorou ou não. Fala para eles que a escola em questão, quando se leva em conta o ranking do Saresp, está entre as</p>	<p>Conversa franca com os alunos sobre o Saresp. Importância do nome da escola na vida deles.</p>

	<p>rendimento, inclusive a nossa escola, pelo <u>ranking</u> que a gente acaba construindo... ela sempre fica entre as 5 melhores do município, sempre acima da média da diretoria, sempre acima da média do Estado e que eu gostaria que ela continuasse assim. Por quê? Porque é o nome da escola que ta indo, é o nome que eles estão carregando. Então assim, eles vão pra um <u>serviço</u>, chega lá, você estuda onde? Ahh, essa escola é <u>famosa</u>, boa, bonita, o pessoal fala muito bem da escola. Então ótimo. Agora você quer chegar lá e falar: a escola tal. Ahh, essa escola, pelo amor de Deus, essa escola nos últimos Saresp, essa escola não sei o que, essa escola é tudo quebrada, certo? Então eu falo: tem diferença. É a vida de vocês que ta correndo junto dessa escola. Então é vocês que têm que manter a escola, não somos nós. Então é isso que eu jogo pra eles, e peço pra eles, se eles quiserem que a vida deles seja de boa pra melhor, que isso daqui é o</p>	<p><u>Famoso</u>: que tem fama; renomado, célebre.</p>	<p>cinco melhores da cidade e acima da média da Diretoria e do Estado e que ele gostaria que a escola continuasse assim. Também conversa com os alunos que eles levam o nome da escola com eles, por exemplo, para ingressar em um emprego irão perguntar onde estudaram e sendo numa escola renomada, bonita, é melhor que uma escola que vai mal no Saresp. Diz aos alunos que a escola é um ambiente que eles podem construir.</p>	
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

SPC4.23	<p>ambiente que ele pode construir.</p> <p>Ah, eu não me importo com isso (a divulgação dos resultados do Saresp). Eu só acho revoltante a maneira como (a imprensa) divulga. A maneira <u>depreciativa</u>, a maneira de falar, que as escolas estão indo mal, que não sei o que...</p>	<p><u>Depreciativo</u>: em que há depreciação.</p> <p><u>Depreciação</u>: desvalorização da qualidade, da importância; desprezo, menosprezo, desqualificação.</p>	<p>O depoente diz não se importar com a divulgação dos resultados do Saresp, porém afirma se revoltar com a maneira depreciativa que a imprensa fala das escolas que estão indo mal.</p>	Divulgação dos resultados do Saresp.
SPC4.24	<p>Isso, pelo seguinte: todo mundo <u>compara</u> com a educação do mundo, não sei o que, não sei o que, salvo a exceção dos EUA, que foi colonizado já com a idéia dessas pessoas morarem ali, construir o mundo deles ali, nós saímos de uma idéia de que tudo que tinha aqui, tinha que se levar embora. Então ninguém valoriza aqui. E essa idéia de valor ela tá até hoje, então o brasileiro praticamente não valoriza nada que é feito no Brasil. E principalmente a alta sociedade, que acaba indo lá fora, comprar o produto brasileiro lá fora, mas porque botaram uma etiqueta que é de outro país. E traz de volta o mesmo produto. Mas ah, comprei em tal lugar. Quer dizer,</p>	<p><u>Comparar</u>: relacionar (coisas animadas ou inanimadas, concretas ou abstratas, da mesma natureza ou que apresentem similitudes) para procurar as relações de semelhança ou de disparidade que entre elas existem; pôr (-se) em paralelo, equiparar (-se) em valor, qualidade ou intensidade.</p> <p><u>Valorizar</u>: dar valor, importância a (algo, alguém ou a si próprio) ou reconhecer-lhe o valor de que é dotado.</p> <p><u>Verba</u>: quantia que, num orçamento, é destinada a fim específico.</p> <p><u>Manipular</u>: influenciar (indivíduo, coletividade), conseguindo que se comporte de uma dada maneira, para servir a interesses outros que</p>	<p>O depoente diz que no Brasil não se valoriza o que é feito no país, pois viemos de uma colonização de exploração e que sua História ainda é recente. Então, diz que tem muitas coisas que estão falhas no país, como problemas na política, de desvios de verbas, de manipular a população para não serem críticos, mas mesmo assim a educação dá pequenos passos.</p>	<p>Problemas de valorização do nacional no Brasil.</p> <p>Educação dá pequenos passos apesar de estar ocorrendo em ambiente hostil.</p>

	<p>aí a educação no mundo tá, ah, tudo bem, a China evoluiu, mas puta que lá merda, desculpa a expressão, a China tem não sei quantos mil anos, ta evoluindo agora. Nós não temos 500 direito. Se nós formos contar quando isso daqui começou a ser Brasil, nós não fizemos nem 500 anos ainda. Então quer dizer, nós somos nenenzinho ainda no mundo. Então, ta falho, lógico que ta falho. Por quê? A gente tem n fatores, desde a política, da questão de desviar <u>verba</u>, da questão de você <u>manipular</u> para a população não ser um <u>ser</u> pensante, tem tudo isso. Então eles não vêem que tem todos esses empecilhos e mesmo assim a educação consegue dar seus pequenos passos.</p>	<p>não os seus próprios.  <u>Ser</u>: o que existe realmente; aquilo que é; homem, pessoa, indivíduo; a natureza íntima de uma pessoa; essência; o sentimento, a consciência de si mesmo; o fato de ser, a existência.</p>		
SPC4.25	<p>Eles preferem <u>descer a lenha</u> e dizer que professor não gosta de trabalhar, que as escolas estaduais não <u>prestam</u>, que não sei o que. Eu falei, isso não é verdade. Eu trabalho dentro de uma escola que presta. Eu tenho alunos em Universidades Estaduais, eu</p>	<p><u>Descer a lenha</u>: falar mal, criticar duramente.  <u>Prestar</u>: ter bom caráter, ser sério, ser honesto; ser bom ou conveniente para (alguma finalidade); adequar-se, servir.  <u>Senai</u>: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.</p>	<p>O depoente se revolta quando a imprensa critica as escolas estaduais, diz que elas não servem, mas que isso não é verdade, pois na escola que trabalha tem alunos que vão para Universidades estaduais e particulares, que estudam em</p>	<p>Imprensa critica as escolas estaduais, porém sem base.</p>

	<p>tenho alunos em faculdades particulares. Eu tenho aluno que foi prestar lá o Paula Souza, que é a escola técnica, passou, tá lá estudando, estão fazendo ensino médio lá. Eu tenho alunos que estão fazendo curso técnico lá, tenho alunos que fazem Senai, como que esta escola não presta? Então isso é revoltante.</p>		<p>escolas técnicas e no Senai.</p>	
SPC4.26	<p>Logicamente que <u>índice</u> é uma coisa que vai subir e descer, porque o ser humano não é <u>retilíneo</u>, não é igual. O que eu tenho hoje de 3<sup>os</sup> anos, o ano que vem eu não vou ter igual. Eu já sei disso. Por quê? Porque eu já fiz toda a avaliação pedagógica e esses alunos que estão no 2<sup>o</sup> ano, que vão pro 3<sup>o</sup>, já não estão tão preparados quanto os meus alunos que saíram dos 3<sup>os</sup> anos. Por que? Porque o <u>histórico</u> deles vem lá, de antes da 5<sup>a</sup> série nesta escola. Já vêm com histórico de defasagem. Então a gente foi tentando fazer a correção, mas quando você tenta corrigir, não é a mesma coisa de quando você pega pronto e seguir. Você não</p>	<p><u>Índice</u>: número obtido por meio de uma média, ou outro procedimento similar, capaz de representar um conjunto de valores; número-índice. Refere-se ao Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo, o Idesp. <u>Retilíneo</u>: que segue trajetória em linha(s) reta(s). No texto, no sentido de constante; linear. Histórico:</p>	<p>O depoente afirma que o Idesp vai variar durante os anos, pois os alunos são diferentes em cada ano. Cita como exemplo o 2<sup>o</sup> ano do Ensino Médio, que diz não estarem tão preparados quanto os alunos do 3<sup>o</sup> ano que fizeram Saresp em 2010, devido a já terem vindo com um histórico de defasagem quando chegaram à escola. Portanto, provavelmente o índice do Saresp 2011 será menor que o do Saresp 2010, apesar de terem tentado corrigir os problemas educacionais desses alunos.</p>	<p>Idesp varia de acordo com os alunos do ano avaliado.</p>

SPC4.27	<p>vai, jamais, não vai conseguir igualar. Então se você pegar o índice de 2011, provavelmente do Ensino Médio ele tenha uma queda.</p> <p>O que eu posso fazer? O melhor possível. É o que a gente faz. Agora, dentro desse melhor possível, eu tenho que ver como que eu <u>peguei</u>. Isso também ninguém viu. Que é uma briga que a gente faz, que deveria ter um Saresp pra 4ª série, o dia que ele entrasse na escola na 5ª série, já ter uma avaliação Saresp para <u>medir</u> como esse aluno chegou na escola na 5ª série. E no final do ano fazer um outro na 5ª série, para saber como esse aluno está na 5ª série. Pra ir, a partir daí, ir medindo o índice dessa turma, para ver se eles estão melhorando ou não. Por que para nós aqui é que <u>nem onda</u>. Então tem ano que a onda tá lá em cima, tem ano que a onda já tá voltando. Eu falo, por exemplo, eu tenho os 2<sup>os</sup> anos que vão pro 3º, que é quando minha onda vai estar voltando. São salas em que o trabalho foi feito, do</p>	<p><u>Pegar</u>: adquirir, assumir, passar a ter.</p> <p><u>Medir</u>: determinar, avaliar, por meio de instrumento ou utensílio de medida, ou algo usado como padrão; ter como medida, mensura.</p> <p><u>Onda</u>: movimento sinuoso, ondulatório; ondulação, sinuosidade; sensação que, após atingir um ponto alto, se dissipa; vaga. Refere-se a um movimento, que varia como uma onda, subindo e descendo.</p>	<p>O depoente diz que a escola faz o melhor possível com os alunos que ela tem. Porém, diz que deveria ser avaliado o aluno assim que ele chega à escola, na 5ª série e depois ir acompanhando o Idesp dessa turma, para ver se está melhorando. Conta que para a escola, os resultados variam como onda. Cita o exemplo dos 2<sup>os</sup> anos do Ensino Médio que chegaram à escola com uma defasagem grande, então foi feito um grande trabalho, mas vê que quando estiverem no 3º ano, o Idesp vai cair.</p>	<p>Deveria ter um Saresp no início da 5ª série e um acompanhamento da turma para ver se o Idesp melhora.</p>
---------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	mesmo jeito? Eu acho que até mais. Só que a defasagem que eles já tinham era maior.				Não atingiram a meta do Saresp 2009.
SPC4.28	A meta não (atingimos esse ano). Um ano atingiu total, o outro foi parcial também.			Diz que a escola não atingiu a meta do Saresp 2009, mas um ano atingiu totalmente, em outro foi parcial.	
SPC4.29	Não (percebeu política diferente da DE em relação à escola, por não ter atingido a meta), porque a escola ela se manteve acima da média de tudo ainda. Mesmo ela tendo... Porque na verdade o que aconteceu? Aconteceu dela com ela mesmo, da escola com ela mesmo, ter esse pequeno <u>desnível</u> , certo? Mas em relação ao município, à Diretoria, ao Estado, ela continua ainda acima da média. Então quer dizer, ela é uma escola boa. Então o que você vai <u>aplicar</u> nessa escola? Eu acho errado. Deveria ser aplicado mais ainda na escola boa. Logicamente que também na escola que tá lá embaixo pedindo socorro né? Mas é um outro tipo de aplicação. Aqui a gente precisa de suporte muito mais pedagógico, umas coisas muito mais <u>inovadoras</u> ,	Desnível: diferença de nível em uma superfície; diferença, desigualdade com relação a uma escala de valores. <u>Aplicar</u> : pôr em prática; empregar (doutrina, teoria, princípio etc.). <u>Inovar</u> : que ou o que inova. <u>Inovar</u> : introduzir novidade; fazer algo como não era feito antes. <u>Auto-estima</u> : qualidade de quem se valoriza, se contenta com seu modo de ser e demonstra, consequentemente, confiança em seus atos e julgamentos.	O depoente diz que não percebeu nenhuma política diferente da Diretoria de Ensino na escola, pelo fato de não terem atingido a meta do Idesp 2009, pois a escola é boa e sempre está acima da média do município, da Diretoria e do Estado. O que aconteceu foi apenas uma diferença em relação ao índice do ano anterior. Porém, acha que deveriam ser empregadas políticas diferenciadas também nas escolas boas.		



SPC4.30	<p>coisas que podem despertar muito mais o aluno, que ele pode caminhar mais. Em outra escolas, de repente, está precisando do suporte básico. É professor dentro de sala de aula, é professor capacitado, é ter reuniões com essas pessoas para levantar a <u>auto-estima</u> deles.</p>			
	<p>Porque eles acham que auto-estima é só do aluno, não existe a auto-estima do professor. Você trabalhar o ano inteiro, por exemplo, aí sai o bônus que vai sair até 10 mil reais, aí você recebe 700, como que você fica? Então quer dizer, até você <u>superar</u> isso daí, você já gastou uns 3, 4 meses. Já foi a metade do seu ano. Isso sai em março. Foi o que aconteceu comigo. Então eu recebi uma <u>mixaria</u> e um trabalho <u>ferrenho</u>. Esse ano eu já não trabalhei igual ao ano passado. Apesar de você ver que não para, eu não consigo me desligar. Porque eu vou fechando tudo, ajudando to mundo, fechando tudo, fechando tudo. Então eu vou <u>protelando</u> as coisas e</p>	<p><u>Superar</u>: fazer desaparecer, livrar-se de; remover, afastar, solucionar.  <u>Mixaria</u>: algo de pouco ou nenhum valor; ninharia, bagatela; quantia muito pequena de dinheiro; ninharia.  <u>Ferrenho</u>: que se caracteriza pela severidade; implacável, duro, férreo; que não cede; obstinado, pertinaz, férreo.  <u>Protelar</u>: deixar para depois a realização de (algo); adiar, retardar, postergar.  <u>Terrível</u>: que infunde ou causa terror; assustador, temível; contra o qual não se pode lutar; invencível; que importuna; fastidioso, maçador.</p>	<p>O depoente diz que diminui a auto-estima do professor o fato de ele trabalhar o ano todo com os alunos e depois receber pouco ou nada de bônus, não tendo o reconhecimento de seu trabalho. Acha terrível que se puna o professor, o coordenador, porque os alunos de um determinado ano não têm a mesma capacidade do ano anterior, pois o trabalho é feito da mesma forma, às vezes é até maior.</p>	<p>Diminui a auto-estima do professor receber pouco ou nada de bônus.  Punição pela capacidade dos alunos não serem as mesmas no decorrer do ano.</p>

	<p>jogando pro final. Só a hora que fala assim, tem que ser, aí eu vou lá e faço, porque senão não dá tempo. Então, é assim. Então a vida ta sendo isso. Então quer dizer, na hora da punição é que vem o terrível, porque você fez o trabalho o ano inteiro. Às vezes até mais porque aqueles alunos precisavam de mais ajuda, você tem que auxiliar mais o professor, você tem que dar mais suporte. E depois, nada daquilo foi reconhecido, por quê? Porque aqueles alunos não tinham a mesma capacidade desenvolvida que do aluno do ano anterior. Então o que acontece? Você é punido por isso.</p>			
SPC4.31	<p>Para a escola em si não (vem nada além do bônus). É só mesmo mediante pagamento.</p>			<p>O depoente diz que quando a escola atinge a meta vem somente o bônus, nada além disso.</p>
SPC4.32	<p>Então, pelo que eu ouvi por aí, a <u>melhor escola do Estado de São Paulo</u> não fez Saresp. Por quê? Porque eles não receberam nada. É (eles boicotaram). Eles não receberam nada por isso. Vou falar, a gente recebeu aquele bônus. Só. Não veio nada no</p>	<p><u>Melhor escola do Estado de São Paulo</u>: Com o maior Idesp. <u>Batalhar</u>: empreender esforços; empenhar-se intensamente; agir com o objetivo de obter (algo).</p>	<p>O depoente conta que a escola com o maior Idesp boicotou o Saresp, pois só receberam bônus, nada no salário, nem para a escola. Questiona então para que serve o Saresp, se não mudou nada para a melhor escola do Estado. Acha que a escola que</p>	<p>Quando a escola atinge a meta vem só o bônus.</p> <p>Questionamento sobre a validade do Saresp.</p> <p>Escola que tem comprometimento não precisa do Saresp para medir se ela é boa ou não.</p>

	<p>salário, não veio nada pra escola, não veio nada de nada. Continuou a vida do mesmo jeito. Então pra que serve? Se nós somos a melhor escola do Estado e não mudou nada? E não é isso que vai medir se a gente é bom ou não. É o nosso compromisso, é o compromisso da equipe. A escola que tem esse compromisso não precisa de Saresp. Ela vai ta <u>batalhando sempre</u>.</p>		<p>tem comprometimento não precisa do Saresp para medir se ela é boa ou não, pois estará sempre se empenhando.</p>	
SPC4.33	<p>Nossa senhora. É um assunto (<u>progressão continuada</u>) que eu não gosto nem de comentar. O projeto é maravilhoso, lindo, <u>divino</u>. Falta consciência, só isso. Então o dia que o país tiver a consciência do que é uma <u>progressão</u>, eu gostaria que ela fosse até o 3º ano do Ensino Médio. Mas infelizmente nós somos um país que ainda nós não temos essa consciência e nem sabemos como trabalhar pra ter essa consciência. (essa consciência) Ah, imaginar a gente pode até imaginar, de você trabalhar uma grande divulgação em mídia, em tudo. A <u>sociedade</u></p>	<p><u>Progressão</u> continuada: Procedimento utilizado pela escola que permite ao aluno avanços sucessivos e sem interrupções, nas séries, ciclos ou fases. <u>Divino</u>: superior ao padrão mais encontrado; perfeito, maravilhoso, sublime. <u>Sociedade</u>: conjunto de pessoas que vivem em certa faixa de tempo e de espaço, seguindo normas comuns, e que são unidas pelo sentimento de grupo; corpo social, coletividade. <u>Mobilizar</u>: pôr (-se) em ação (conjunto de pessoas) para uma tarefa, uma campanha etc. <u>Providência</u>: medida, ação</p>	<p>O depoente diz que o projeto da <u>progressão continuada</u> é perfeito, mas que no Brasil as pessoas não compreendem que o aluno deve ir para a escola para estudar. Acha que deve haver uma divulgação na mídia e uma mobilização da sociedade com um todo, para que perceba a importância da criança ir para a escola para estudar, pois acha que todos devem participar da educação de um país.</p>	<p>Progressão continuada. Mobilizar a sociedade para a importância da educação.</p>

	<p>no geral se <u>mobilizar</u> pra que realmente o aluno vá para a escola para estudar. Então valorizar isso. O aluno está indo pra escola pra estudar. O pai cobrar em casa, o tio, seja lá com que ele vive. E ter realmente uma cobrança em cima disso. Então ter uma cobrança em cima da sociedade também. A própria sociedade cobrar. Por exemplo, ah, o filho do fulano não ta indo pra escola, não foi um dia não foi dois, o vizinho liga e denuncia. Já vai imediatamente tomar as devidas providências. Porque essa criança não ta indo pra escola? Então quer dizer, todo mundo tinha que participar, tem que participar, da educação de um país.</p>	<p>concreta para a consecução de (algo); decisão, encaminhamento.</p>		
SPC4.34	<p>Então não adianta você pegar <u>desenhos</u> de outros países, outros tipos de educação, se você não tem a <u>estrutura</u> em cima disso. Porque a gente sabe que isso aqui (progressão continuada) é um projeto praticamente <u>americano</u>. Só que a escola norte americana, ela tem tanto essa parte como a</p>	<p><u>Desenho</u>: Refere-se a um modelo. <u>Estrutura</u>: organização, disposição e ordem dos elementos essenciais que compõem um corpo (concreto ou abstrato); aquilo que dá sustentação (concreta ou abstrata) a alguma coisa; armação, arcabouço. <u>Americano</u>: relativo aos E.U.A. ou</p>	<p>O depoente afirma que não adianta se pegar modelos de outros países, como a progressão continuada, se não se tem a estrutura para que ele funcione. Ele fala que é um projeto praticamente dos Estados Unidos da América, porém lá eles têm essa estrutura, com funcionário</p>	<p>Modelos de educação importados dos EUA.  No Brasil não se tem estrutura.  Nos EUA a recuperação é obrigatória.</p>

	<p>parte de pessoal, quer dizer, tem funcionário para tudo. Inclusive as pessoas para ligar na casa se o filho não veio. Então eu, enquanto coordenador, não vou estar preocupado com isso. Porque essa criança não ta vindo. Eu tenho alguém que já vai passar de manhã pegando a chamada de todos os professores, já ta ligando pra casa e saber porque o filho não veio. Não veio num dia? Não trouxe <u>atestado</u>, não trouxe justificativa? No segundo dia a polícia ta batendo lá. Porque seu filho não ta indo pra escola? Funciona lá assim. E aqui funciona assim? Não. Então quer dizer, não adianta você implantar metade. E outra, lá as pessoas tem a consciência disso. Eles são conscientes que o filho tem que ir para a escola para estudar. Porque se a pessoa não estudou, obrigatoriamente ela fica na <u>recuperação</u> no período contrário. É obrigatório. Não é lançar esses projetinhos de recuperação e não ter a obrigação da criança vir para a escola. Você não ter aonde se</p>	<p>o que é seu natural ou habitante; estadunidense, norte-americano. <u>Chamada</u>: ato de chamar as pessoas por nome, número, função, para verificar suas presenças. <u>Atestado</u>: documento passado por pessoa qualificada afirmando a veracidade de um fato ou de uma situação; certificado, certidão, declaração. <u>Recuperação</u>: No texto, no sentido de aulas de recuperação paralela. É oferecida pela escola para alunos com dificuldades de aprendizagem, paralelamente ao ciclo no qual o aluno está matriculado.</p>	<p>inclusive para verificar o aluno que não compareceu à escola e telefonar para a casa dele para saber o motivo, o que no Brasil é feito pelo coordenador pedagógico. Além disso, diz que as pessoas dos EUA percebem a importância de estudar, e se não estudarem são obrigados a frequentar a recuperação em período contrário ao que se tem aulas. No Brasil não é obrigatória essa recuperação, e também não se tem meios para cobrar a presença do aluno.</p>	
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

SPC4.35	<p>apegar pra forçar essa criança vir para escola.</p> <p>Teve (recuperação), um processo do ano inteiro. Olha, funcionou? A gente faz ela funcionar. Mas é do jeito que deveria ser? Não. Então a gente cria esse jeito. Por exemplo, Ensino Médio, como eu vou falar pro aluno vir aqui depois do horário? Eu até tinha uma turma que vinha depois do horário. Uma. As outras, o que eu fiz? Joguei o professor dentro da sala, junto com o professor da aula. E uma vez por semana, ele me tira o aluno da aula do professor mesmo, com autorização do professor. O dia que ele ta passando essa atividade, e vai em outra sala conversar com esses alunos e reexplicar aquelas atividades, tirar dúvida. Então funciona. Entre aspas, funciona. É do jeito que manda a lei? Não. Porque a gente sabe que do jeito que manda a lei, não vai funcionar. Aí complica a situação e fica. Então você finge que faz uma coisa, escreve no papel que você ta</p>	<p>Processo: ação continuada, realização contínua e prolongada de alguma atividade; seguimento, curso, decurso; sequência contínua de fatos ou operações que apresentam certa unidade ou que se reproduzem com certa regularidade; andamento, desenvolvimento, marcha.</p>	<p>O depoente conta que teve recuperação paralela na escola, durante o ano todo, mas que não funcionou do jeito que a lei determina. Fala que fingem que fazem uma coisa no papel, mas na verdade estão fazendo outra. Diz que do Ensino Médio só teve uma turma que vinha depois do horários, nas outras o professor da recuperação ficava junto com o professor da sala, e uma vez por semana tirava alguns alunos para tirar dúvidas.</p>	Recuperação paralela.
---------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------

	fazendo uma coisa, e ta fazendo uma outra completamente diferente. Então tem tudo isso daí.		
--	---------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

Fonte: dados organizados pela autora.

### Diretores

**Quadro 71** - Análise ideográfica do diretor 1.

Nº US	Unidades de Sentido	Excerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US
SD1.1	A partir do momento que nós começamos a participar do Saresp, os alunos eles não tinham o hábito de estudar, então a partir desse momento, eles viram que a coisa é séria, os professores também, perceberam que a coisa é séria, e começaram a estudar. E quando a gente tem, a gente vai analisar os resultados, e não é aquilo que a gente esperava, daí a gente fala: mas puxa vida, eu expliquei, eu ensinei, e agora eu to vendo que não tem o resultado aqui. Então aí que nós passamos a, principalmente o ano passado, nós passamos a não... nós temos que mudar tudo aqui na escola. Então nós	<u>Semana de provas</u> : Se refere às provas de avaliação regular dos alunos, preparadas pelos professores na escola, em uma semana organizada pela direção e coordenação escolar, bimestralmente. <u>Simulado</u> : Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino. <u>Obrigar</u> : submeter (-se) a uma imposição legal ou moral; mover (-se) pela força, por pressão moral ou por necessidade a; forçar (-se). <u>Recuperação</u> : No texto, no sentido de aulas de recuperação paralela. É oferecida pela escola para alunos com dificuldades de aprendizagem,	A depoente afirma que quando analisaram os resultados e viram que a avaliação não era boa, como, por exemplo, quando a escola não atingiu a meta de aumento do Idesp, passaram a fazer mudanças nas atividades da escola na direção de melhoria dos resultados, pois ocorreram cobranças. Conta que os alunos não tinham o hábito de estudar, e começaram a levar a sério quando se implantou semana de provas e simulados, fazendo com que eles sentissem necessidade de estudar, prestar atenção na aula, tirar dúvidas e participar da recuperação paralela.	Alteração de atividades em função do Saresp. Semana de provas. Simulados.

	<p>começamos a fazer <u>semana de provas, simulados</u> com os alunos, aí eles são <u>obrigados</u> a prestar atenção na aula, fazer os exercícios, tirar suas dúvidas, vir nas <u>recuperações</u>, que nós temos o projeto de <u>recuperação</u>, principalmente para os alunos que não conseguem acompanhar. Então houve uma mudança aqui na escola. Nós precisamos mudar, foi necessária essa mudança. Porque a avaliação nossa não tava legal. Nós não conseguimos o <u>índice</u> que o governo quis. Como nós não tivemos esse índice e houve muita <u>cobrança</u> e pra gente foi, quando saiu o resultado, foi um <u>banho de água fria</u>.</p>	<p>paralelamente ao ciclo no qual o aluno está matriculado.  <u>Índice</u>: Se refere ao Idesp, o Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo.  <u>Cobrar</u>: pedir, exigir o cumprimento de (promessa ou compromisso).  <u>Banho de água fria</u>: decepção; quando se espera uma coisa e acontece ao contrário.</p>		
SD1.2	<p>No Saresp de 2008, os alunos não atingiram o índice que era esperado. Então em 2009, foi assim, nós sofremos muita <u>pressão</u>. Porque assim, tudo o que tem de novidade, nós participamos, então é uma escola, que vamos dizer assim, é uma <u>referência</u> na diretoria de ensino. Mesmo na hora da <u>atribuição de aula</u>: ah, pega nessa escola porque lá é ótimo trabalhar,</p>	<p><u>Pressão</u>: influência coativa, constrangimento moral; coação.  <u>Referência</u>: declarações destinadas a abonar a capacidade ou a integridade de uma pessoa, uma empresa etc.; exemplo.  <u>Atribuição de aula</u>: refere-se ao processo de atribuir aulas aos professores. Primeiro atribui-se aos efetivos, na própria escola e depois aos temporários na escola e também</p>	<p>A depoente diz que em 2008 trabalharam como nos outros anos, mas que no ano de 2009 não receberam o bônus, por não ter atingido o Idesp esperado, referente ao Saresp 2008. Acha que isso foi bom, pois perceberam que falharam em alguma coisa, que deveriam ter se empenhado mais. Conta que a escola em que trabalha é vista como referência de escola boa na</p>	<p>Análise do resultado do Idesp em 2009.  Escola vista como referência e resultado do Saresp.</p>



	<p>o pessoal gosta de trabalhar, o pessoal participa, é cobrado. Então a gente já tinha esse conceito, esse reconhecimento. Aí quando nós fizemos, trabalhamos o ano... não foi que nós não trabalhamos o ano de 2008. Nós trabalhamos, nós fizemos provas, mas acho que não foi tão... nós não nos empenhamos como deveríamos ter nos empenhado. Falhou em alguma coisa. E aí quando nós vimos... foi bom não ter conseguido o índice que eles esperavam, lá, os 3,48 que era pra gente atingir e nós não atingimos? Foi bom? Foi. Foi muito bom. Porque aí nós paramos e vimos que estávamos fazendo alguma coisa errada, que não tava dando certo.</p>	<p>na Diretoria de Ensino, dependendo do caso.</p>	<p>Diretoria de Ensino, pois participam das atividades e gostam de trabalhar.</p>	
SD1.3	<p>Então o que nós fizemos o ano passado inteiro: simulado, semana de prova, todo bimestre tinha simulado, tem uma empresa de Limeira que vem aqui e aplica o simulado pra gente. Eles se prontificaram em vir. Foi o ano passado e este ano, eles já disseram pra gente esse ano, que eles gostam de vir aqui aplicar, porque a gente</p>	<p><u>Empenhar</u>: dedicar (-se) com afincos; aplicar (-se). <u>Final do ciclo</u>: são dois ciclos no Ensino Fundamental, 1ª a 4ª e 5ª a 8ª. No Ensino Médio é seriado, por ano.</p>	<p>Para tentar atingir o índice relativo a 2009, fazem um trabalho o ano todo com os alunos, principalmente com as 8<sup>as</sup> e 3<sup>as</sup> anos, com semana de provas e simulados. Inclusive tem uma empresa de Limeira que vai à escola e aplica um simulado por semestre.</p>	<p>Simulado. Semana de provas.</p>

	<p>faz as coisas certinhas. Não que as outras escolas não façam, mas eles perceberam que a gente se <u>empenha</u> mesmo. Porque os alunos fazem, eles não faltam, a gente faz um trabalho durante o ano todo, principalmente com os 9º anos e os 3º anos, que estão no <u>final de ciclo</u>, né?</p>			
SD1.4	<p>A gente <u>avisa</u>, a gente fala, os professores trabalham em cima, pra que tenha um reconhecimento e tenha o rendimento que a gente espera, porque todo professor trabalha, todo mundo faz, então quando nós vimos o resultado que não alcançamos, nossa, nós, eu fiquei muito <u>revoltada</u>. Eu falei, gente, nós trabalhamos o ano passado inteiro, nós não deixamos... tudo que era pra fazer a gente fez...mas não fez tudo. Faltou essa semana de prova, faltou esse simulado, a gente fez, mas não foi o suficiente pra <u>colocar na cabeça</u> do aluno que eles tinham que estudar. E também porque nós tínhamos professores que não faziam provas. Isso é <u>realidade</u>, a gente sabe. O Saresp, realmente mudou a nossa</p>	<p><u>Avisar</u>: fazer (-se) ciente; informar (-se), inteirar (-se), comunicar (-se); fazer saber com antecedência; prevenir; chamar a atenção (de), fazer atentar para; advertir; fazer ver a conveniência de; aconselhar, recomendar. <u>Revoltar (-se)</u>: causar ou sentir indignação, repulsa, asco; indignar (-se), repulsar. <u>Colocar na cabeça</u>: convencer, levar (alguém) a modificar um ponto de vista; ser convencido de, ser levado a pensar como outro. <u>Realidade</u>: qualidade ou característica do que é real; o que realmente existe; fato real; verdade; o conjunto das coisas e fatos reais.</p>	<p>A depoente diz que na escola, os alunos são informados, e os professores trabalham em cima do Saresp, para que os alunos tenham o rendimento que se espera. Portanto diz que se indignou quando não alcançaram a meta, mas diz que, então, não fizeram o suficiente para convencer os alunos que tinham que estudar, que faltou a semana de provas que agora fazem, enfim, que o Saresp mudou a maneira como eles trabalham, nos últimos três anos.</p>	<p>Mudanças de estratégias por não ter alcançado a meta em 2008.</p>

	maneira de trabalhar nesses 3 últimos anos.			
SD1.5	(Professores não faziam prova) porque é muito mais <u>cômodo</u> , fazer um trabalho em <u>equipe</u> . Fazer uma lista de exercício. Mandar o aluno levar os exercícios pra casa, fazer um trabalho em equipe na sala de aula. E os alunos deixaram de estudar. Porque assim: vou estudar pra que? Eu não estou dizendo que são todos os professores, alguns professores.	Cômodo: que não oferece obstáculo ou dificuldade; fácil; demasiado fácil (diz-se de atitude moral, de comportamento); que é agradável, confortável. Equipe: conjunto de pessoas que se dedicam à realização de um mesmo trabalho	A depoente diz que alguns professores não aplicavam provas porque é mais fácil fazer um trabalho com um grupo de alunos ou uma lista de exercícios como avaliação. Assim, os alunos deixaram de estudar.	Professores não aplicavam prova.
SD1.6	Quando a gente vai comentar sobre o Saresp, eu falo pra eles, gente, quando o resultado é aqui dentro da nossa escola, só nós ficamos sabendo do resultado, então se vocês forem bem ou ruim nas avaliações, nós vamos ficar sabendo, ninguém vai ficar sabendo, mas quando é Saresp é diferente. O Saresp é estadual, as outras escolas, as outras diretorias de ensino vão ter acesso ao nosso resultado. Então o resultado que vocês vão fazer nessa prova, vai ficar disponível pras outras escolas verem. E eles vão falar: <u>puxa vida</u> , a escola é tão falada na diretoria, é	Puxa: traduz alegria, assombro, deslumbramento, admiração, mas também pasmado, estupefação por consternação, aborrecimento, desalento, impaciência; puxa vida.	A depoente diz que quando fala do Saresp para os alunos, conta que o resultado será divulgado para o Estado todo, e se eles não se saírem bem, todos irão se assombrar, já que a escola é bem vista.	Divulgação dos resultados para o Estado todo leva o nome da escola.

	<p>tão falado, mas olha o resultado deles... e vocês não podem falar que o professor não ta ensinando.</p>			
SD1.7	<p>Porque pode ser, nós temos professores que não se empenham muito. Principalmente aquele professor que tem 4, 5 aulinhas aqui. Que não participa de <u>HTPC</u>. Esse, ele fica fora da realidade do que acontece aqui na escola. Professores que são <u>eventuais</u>, porque nós temos professores que faltam, tem professor que não veste a camisa, isso a gente sabe, é verdadeiro,</p>	<p><u>HTPC</u>: Hora de trabalho pedagógico coletivo. Momentos semanais (máximo de 3 horas por semana) em que os professores e coordenadores se reúnem. Professor <u>eventual</u>: professor que ministra aulas somente quando outro professor não comparece na escola, geralmente avisado em cima da hora. Sem vínculo estável. <u>Vestir a camisa</u>: adotar uma causa e lutar por ela; empenhar-se num trabalho ou tarefa por motivos que não dependem de compensações materiais</p>	<p>A depoente diz que tem professores que não se empenham muito, principalmente aqueles que têm poucas aulas ou vêm para substituir outros professores de vez em quando.</p>	<p>Alguns professores não se empenham.</p>
SD1.8	<p>Então quando a gente fala com os alunos, a gente fala, é um resultado que não é só da gente, é de vocês, são vocês que estão vestindo a camisa da escola, agora vai lá seu noninho, com o seu resultado, nós vamos mostrar para os seus pais...Na hora que a gente faz o simulado, é a mesma coisa, pega o resultado do simulado e mostra pro pai, ou a mãe, e fala, puxa, mas</p>	<p><u>Potencial</u>: conjunto de qualidades inatas de um indivíduo; potencialidade; capacidade de realização, de produção, de execução; potencialidade.</p>	<p>A depoente diz que quando fala do Saresp para os alunos, conta que o nome deles vai junto com o resultado e que a escola irá mostrar para os pais deles. Quando fazem os simulados mostram o resultado para os pais e questionam se o filho não fez nada, se não aprendeu nada, se o professor não está ensinando ou se os alunos não estão estudando, se não estão prestando atenção ao</p>	<p>Nota do Saresp carrega o nome do aluno. Aluno não sabe a capacidade do professor. Aluno não sabe sua própria capacidade.</p>

	<p>olha aqui...não fez nada? Não aprendeu nada? Professor não ta ensinando? Será que é só o professor que não está ensinando? E os alunos, eles estão estudando também? Eles estão dando a importância pra quem ta ali na frente? Uma outra coisa que eu falo pra eles, eu falo, gente, vocês falam assim: ah, o professor não ensina, os professores não são bons...Não são bons? Nós temos professor que dá aula aqui e dá aula em escola particular, que dá aula em faculdade, então vocês não sabem o <u>potencial dos professores</u> que vocês têm aqui e o quanto vocês podem tirar do professor. E vocês também não sabem o potencial que vocês têm. Porque todo mundo sabe, tem uns que têm uma facilidade maior de aprender, mas tem outros que tem uma dificuldade. Então um conteúdo que para um aluno é fácil, uma tabuada do 5, que pra um aluno é fácil, pro outro é muito difícil. Mas ninguém é incapaz de aprender, não é? Então todo mundo tem a sua dificuldade, todo mundo tem...E eu cito muito o meu</p>		<p>professor. Diz que os alunos falam que os professores não ensinam e não são bons, mas que eles têm professores que também lecionam em escolas particulares e em faculdades, que os alunos não sabem a capacidade dos professores e nem a deles próprios. Diz que ninguém é incapaz de aprender, alguns têm mais facilidade e outros mais dificuldade. Cita seu próprio exemplo, dizendo que não era boa aluna de Matemática, que fez Biologia, mas teve que aprender Matemática, pois se usa em todos lugares, Matemática e Português, então têm que aprender.</p>	<p>Depoente não era boa aluna em Matemática.</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------

	<p>exemplo, eu falo assim: gente, eu nunca fui uma boa aluna de Matemática, nunca fui, eu não fiz Matemática, eu fiz biologia, só que na biologia, eu quis escapar da Matemática, mas na biologia também tem Matemática. Então eu tive que aprender a gostar da Matemática. E hoje eu dou aula de Matemática. Eu tive que aprender... Vocês vão no supermercado vocês usam Matemática, você vai numa padaria você ta usando Matemática, você olha no relógio... aonde você olhar, você ta vendo Matemática, você ta vendo o Português, você tem que aprender.</p>			
SD1.9	<p>A gente teve assim, supervisor aqui praticamente toda semana. O pessoal das <u>oficinas pedagógicas</u> toda semana aqui olhando, cobrando, eles queriam planilha, eles queriam plano de trabalho, gráfico, tudo, tudo, eles queriam ali, então foi assim, foi uma cobrança, foi um ano de muita pressão. Teve uma hora que a gente falou assim, nós não vamos aguentar.</p>	<p><u>Oficina Pedagógica</u>: núcleo de apoio técnico e pedagógico das disciplinas curriculares, pertencente às Diretorias de Ensino.</p>	<p>A depoente diz que teve uma política diferenciada da Diretoria de Ensino na escola, no ano em que não atingiram a meta. Conta que o supervisor de ensino e os profissionais da Oficina Pedagógica iam toda semana à escola cobrar plano de trabalho, planilhas e gráficos. Diz que foi muita pressão, que na escola acharam que não iriam aguentar.</p>	<p>Política diferenciada da Diretoria de Ensino por não atingirem a meta.</p>

SDI.10	<p>Assim, olhavam o plano de trabalho deles, porque tem o <u>livrinho</u>, que o governo manda, que é a proposta do Estado de São Paulo e eles queriam saber, como que vocês estão trabalhando esse livro aqui. Vocês usam só o livrinho ou vocês complementam com o <u>livro didático</u>. Ou vocês estão só usando o livro didático? Porque não é para usar só o livro didático. Tem que usar isso daqui. Isso daqui é um caminho, mas vocês têm que usar o livro didático pra complementar, porque vocês podem usar coisa a mais. Uma forma diferente de se trabalhar, davam exemplos. Cítavam exemplos de outra escola: olha, a escola tal fez nesse item aqui um trabalho diferente. Mandavam alguma coisa pra gente diferente, coisas que pra nós também, embora nós não tivemos o rendimento esperado, coisas que pra nós também deram certo, também eram levadas pra outras escolas. Então traziam algumas <u>experiências</u> de outras escolas pra nós. Então a diretoria trazia alguma coisa assim,</p>	<p><u>Livrinho</u>: se refere a cadernos entregues aos professores a partir de 2008, consonantes com a nova proposta curricular, implantada no mesmo ano. Os alunos também recebem o caderno a partir de 2009. Neles, são apresentadas situações de aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos. <u>Livro didático</u>: livro de caráter pedagógico, usado para apoiar o professor e o aluno no ensino e aprendizagem de determinados conteúdos. <u>Experiência</u>: forma de conhecimento específico, ou de perícia, que, adquirida por meio de aprendizado sistemático, se aprimora com o correr do tempo; prática.</p>	<p>A depoente conta que o pessoal da Diretoria de Ensino que ia à escola em 2009, queria ver como estavam trabalhando o material enviado pelo governo e o livro didático, assistia às aulas dos professores, dava exemplos de como trabalhar de maneiras diferentes, que haviam dado certo em outras escolas e também levavam exemplo da escola em que a depoente trabalha para outras. Conta que em 2010 não tiveram a presença do pessoal da Oficina Pedagógica, somente uma ou duas vezes para ver o que estavam fazendo.</p>	<p>Presença da oficina pedagógica em 2009.</p>
--------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------

	<p>tudo, não. Esse ano, por exemplo, nós não tivemos aqui presença do pessoal da oficina pedagógica. Se veio, veio uma ou duas vezes só. Mas assim, pra saber o que a gente estava fazendo, não. Pedir plano de ensino, não. Entrar em sala de aula, o ano passado, a supervisora entrava em sala de aula pra assistir aula de professor. Mas foi assim muita pressão, até sair o resultado esse ano.</p>			
SD1.11	<p>Agora, pro ano que vem, nós não sabemos, nós estamos assim com o pé atrás. Nós estamos assim achando que talvez a gente não atinja de novo o índice. Porque esse ano nós percebemos que a turma de 8ª série, tava, nossa, muito além de <u>indisciplinada</u>, não tinham empenho nenhum, de 9º ano né, sabe, eles não estavam a fim. Então foi uma luta muito grande para fazer as provas, para falar, olha, tem que ter rendimento, porque final de ciclo vocês podem ficar reprovados. Não é que agora é <u>progressão continuada</u>, na 8ª série tem a reprova. Esse ano é que conta tudo. Vocês vão jogar nesse ano</p>	<p><u>Com o pé atrás</u>: com reservas, desconfiadamente.  <u>Indisciplinada</u>: que ou aquele que não se submete a disciplina, regulamento, regra; rebelde; que ou aquele que é falta de organização.  <u>Não estar a fim</u>: não querer, não se interessar.  <u>Progressão continuada</u>: Procedimento utilizado pela escola que permite ao aluno avanços sucessivos e sem interrupções, nas séries, ciclos ou fases.</p>	<p>A depoente diz que para 2011 a escola não sabe, mas acha que talvez não atinja novamente, pois a 8ª série estava muito indisciplinada e não se interessavam pelos estudos. Diz que foi difícil para que fizessem as provas e para estudar, mas esse ano poderiam ser reprovados, já que estavam no final do ciclo e pela progressão continuada, é onde pode haver reprovação.</p>	<p>Não tem confiança em um bom resultado para 2011. 8ª série é indisciplinada e desinteressada.</p>



	<p>tudo que vocês aprenderam nesses quatro anos aqui.</p>			
SD1.12	<p>Esse ano (2010) nós não tivemos (a presença da Diretoria de Ensino). Porque nós atingimos o índice? Mas se nós não continuarmos com o mesmo trabalho do ano passado, nós não vamos conseguir esse ano. Então esse ano nós temos que trabalhar muito mais, porque o índice pro ano que vem, vai ser maior que o desse ano. E não é que nós atingimos e agora acabou. Não, eu entro na sala de aula, quando a gente vai comentar, por exemplo, o time de vôlei do Brasil, que é campeão do mundo, se ele falar assim, eu já sou o campeão do mundo, tá bom, ele vai cair. Então pra manter lá em cima, o trabalho é muito maior. Tem que ser muito maior. Porque vai ter sempre alguém aqui atrás, que vai querer derrubar o Brasil. Vai querer passar o Brasil. É lógico, quem não quer vencer? Quem não quer ficar no 1º lugar? E é a mesma coisa nossa escola. Nós atingimos o índice do ano passado? Nós atingimos. Agora nós precisamos atingir um</p>	<p><u>Relaxar</u>: tornar menos severo, deixar de exigir; abrandar, suavizar; tornar-se desmazelado, negligente; desleixar-se.</p>	<p>A depoente diz que em 2010 não teve a presença da Diretoria de Ensino como em 2009. Conta que teve a presença da supervisão cada 15, 20 dias, mas que não olhavam em plano de ensino e nem entravam em sala de aula. Acha que não é porque eles atingiram o índice relativo ao Saresp 2009 que podem deixar de trabalhar, pelo contrário, devem trabalhar mais, pois o índice tem que aumentar.</p>	<p>Não teve a presença da Diretoria de Ensino em 2010 tanto quanto em 2009.</p>

	<p>pouquinho mais esse ano. Então nós podemos <u>relaxar</u>? Não, a gente tem que trabalhar muito mais. Esse ano nós tivemos supervisor aqui? Sim. Cada 15 dias, 20 dias, a supervisora vinha... Mas assim, não viu a parte de plano de ensino, não viu, não entrou em sala de aula pra assistir as aulas... O ano passado não, porque a gente não atingiu né? Só que esse ano a gente se empenhou muito mais também. Porque a gente não quer cair. Ainda mais numa cidade pequeninha que nós temos poucas escolas estaduais. O pessoal compara.</p>			
SD1.13	<p>Olha, tem hora que eu acho que é bom (a divulgação dos resultados), mas tem hora que eu acho que fica ruim. Porque nós <u>sentimos</u> isso <u>na pele</u>, né? Se é uma cidade grande eu acho que não tem tanta importância, porque é uma cidade grande, quase ninguém se conhece, tipo assim São Paulo, Campinas, quase ninguém se conhece. Mas aqui, por serem poucas escolas, a gente se conhece. Não são os professores, são os pais que fazem a comparação. Fala assim ó, mas</p>	<p><u>Sentir na pele</u>: sofrer uma penosa experiência pessoal.  <u>Proposta curricular</u>: currículo a ser seguido na escola, relativo às disciplinas ministradas.  <u>Carente</u>: que nada possui; carecente, despossuído, que tem necessidade, que precisa; carecente, necessitado.</p>	<p>A depoente diz que a divulgação dos resultados do Saresp é ruim numa cidade pequena, onde todos se conhecem e fazem comparações, numa cidade grande acha que não deve ter problemas. Conta que os pais de alunos acham que a escola que atingiu a meta é melhor que a escola que não atingiu. Porém, ela diz que os professores e a proposta curricular são os mesmos nas escolas estaduais e os alunos também são parecidos. Fala que a escola em questão recebia alunos do</p>	<p>Divulgação dos resultados do Saresp.  Alunos de bairros que frequentam a escola.</p>

	<p>aquela escola conseguiu, então não é melhor que a outra, então os professores de lá são melhores, então lá trabalha diferente? Não é. O trabalho é o mesmo. O professor que dá aula aqui, dá aula nas outras duas escolas também. A <u>proposta curricular</u> é a mesma. O que diferencia são os alunos? Não sei, eu acho que não. As três escolas não têm diferenças de alunos, são todas escolas...Aqui por exemplo, era escola de aluno só do centro, agora não é mais, porque o centro ta velho, né? Agora são os alunos dos bairros. E nós recebemos alunos dos dois bairros mais <u>carentes</u> da cidade. Então a exposição dos nossos resultados para nós aqui no município ficou ruim. Porque todo mundo fez a comparação: olha lá, nesta escola não se trabalhou, os professores não se empenharam, não cobraram dos alunos. Agora, quando é assim, maior, eu acho que não tem tanta cobrança, não fica tão exposto. Pra nós foi ruim essa comparação aqui no município. Pra nós ficou muito ruim, a gente sentiu muito isso na</p>		<p>centro, mas agora recebe alunos de dois bairros carentes economicamente da cidade.</p>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	-------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>pele. Foi uma coisa muito grande.</p> <p>Eu acho que só traz benefício (o Saresp). Porque a gente consegue ver onde nós erramos. <u>Prejuízo</u> não, só benefício. Porque a gente consegue enxergar: olha, nós erramos aqui, aqui nós acertamos, então ele só traz benefícios pra que a gente possa melhorar. Assim, é o que eu vejo, eu acho que prejuízo não. Porque é uma avaliação dos nossos alunos, pra gente saber o que nós estamos fazendo certo, o que estamos fazendo errado, onde a gente pode melhorar, o que não dá pra melhorar, eu acho que aí que...</p>	<p><u>Benefício</u>: ato ou efeito de fazer o bem, de prestar um serviço a outrem; auxílio, favor; resultado de benfeitoria, melhoramento; ampliação, restauro etc.; resultado proveitoso; vantagem.</p> <p><u>Prejuízo</u>: perda ou dano de qualquer natureza.</p>	<p>A depoente acha que o Saresp só traz benefícios para a escola, pois é uma avaliação dos alunos em que se pode ver o que se está fazendo corretamente na escola ou o que se está fazendo de errado para melhorar.</p>	<p>Benefícios do Saresp.</p> <p>Poder usar os resultados para melhorar.</p>
SD1.15	<p>Pra nós aqui eu acho que deveria, individualmente (o resultado dos alunos) para as escolas, para as escolas terem <u>acesso</u>, porque a gente não tem acesso, a gente não sabe. A gente tem só o índice geral lá: atingiu ou não atingiu. Mas individualmente do aluno a gente não tem. Eu acho que seria bom, porque aí a gente teria, poderia até fazer, não sei... uma tentativa que nós fizemos aqui, há 4 anos atrás...nós tentamos <u>agrupar</u> os alunos por dificuldade de</p>	<p><u>Acesso</u>: possibilidade de chegar a; aproximação, chegada.</p> <p><u>Agrupar</u>: reunir (-se) em grupo(s); juntar (-se); ordenar, organizar, dispor em grupo a partir de algum critério.</p> <p><u>Diluir</u>: desaparecer ou fazer desaparecer incorporando a um conjunto; atenuar a força; enfraquecer. No texto, usado no sentido de misturar.</p> <p><u>Mesclar</u>: fazer ou sofrer mistura, combinação, fusão (de); amalgamar (-se), misturar (-se); integrar (um ou</p>	<p>A depoente acha que deveria ser disponibilizado o resultado individual dos alunos para as escolas saberem quais são as dificuldades de cada um. Diz que poderiam usar os resultados para tentar agrupar os alunos com as mesmas dificuldades de aprendizagem numa mesma classe. Conta que há uns quatro anos atrás tentaram fazer isso na escola, porém não tinham espaço físico para separar em muitas classes, além de ter um número mínimo de alunos</p>	<p>Resultado individual deveria ser disponibilizado.</p> <p>Separar alunos com mesmas dificuldades nas mesmas classes.</p>

	<p>aprendizagem. Então tal classe tinha alunos assim... mas aí a gente acabou vendo que acabava espaço, porque aí você tem que <u>diluir</u> muito né? E nós não podemos ter classes muito pequenas, nós temos um mínimo de alunos pra abrir a classe. Então nós tivemos que <u>mesclar</u>. Mas, na maioria, nós tentamos agrupar, assim, por dificuldade... porque a gente tinha, da nossa avaliação aqui dentro deu para fazer isso daí. Mas aí houve, os pais criticaram muito. Porque separou? Eles não pensavam assim, no desempenho dos alunos. Que nós estávamos separando os alunos por dificuldades. Eles queriam saber, e eles achavam ruim porque a gente separou o filho do coleguinha, a filha do grupinho...ah, mas elas moram no mesmo bairro, moram próximas, pra fazer trabalho é mais fácil, e nós não estávamos enxergando dessa maneira. Pra nós era importante a dificuldade do aluno. Porque é muito mais fácil você trabalhar com alunos que têm as mesmas dificuldades, principalmente pra gente que está</p>	<p>mais elementos) a (outro); incorporar, acrescentar; entremear, intercalar; passar a fazer parte de um grupo; misturar-se, unir-se.</p>	<p>para abrir uma classe, tiveram então que misturar alunos com dificuldades diferentes. Mas a experiência não deu certo, pois os pais de alunos reclamavam que haviam separados os filhos dos amigos.</p>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	com classes grandes. Tem 35, 40 alunos na sala de aula.				
SD1.16	De ensino fundamental, esse ano nós temos 11 (classes). Tem 3 salas (de ensino médio de manhã), três primeiros anos.	Quadra: área retangular demarcada de forma a permitir a prática de determinados desportos.	A escola possui onze salas de Ensino Fundamental em período integral e três primeiros anos do Ensino Médio durante a manhã.	A escola possui dois prédios, um com nove salas e outro com seis. Uma dessas salas possui computadores para aulas de informática.	Quantidade de classes na escola durante o dia.
SD1.17	Esse prédio aqui, nós temos dois prédios, esse aqui tem 9 salas, o outro tem 6. O outro é atrás, aqui perto da quadra. Não, não fica sala sobrando. É que eu conto a sala de informática.				Espaço físico na escola.
SD1.18	A noite, esse ano de ensino médio nós temos 10 de regular, e dois supletivos: um 1º termo e um 2º termo. E uma turminha de 12 alunos de <u>telesala</u> , que estão terminando agora, porque a telesala deixou de existir. Voltou o supletivo como era antigamente. Então tem uma turminha de 10 alunos que só precisava terminar química, faltava só essa disciplina, então eles cursaram esse semestre par poder encerrar a telesala. Porque a telesala é totalmente diferente dos outros, funciona por módulo e tem aula das 19 as 21 apenas. Fazem três disciplinas por semestre. A presença não é	<u>Regular</u> : refere-se ao ensino médio normal, para alunos que estão na idade adequada, ou seja, com menos de 18 anos. Faz-se uma série por ano. <u>Supletivo</u> : ensino que se destina a suprir a escolarização regular de adolescentes e adultos que não a concluíram na idade própria. Também chamado de EJA – Educação de Jovens e Adultos. Cada série é feita em seis meses. <u>Telesala</u> : conforme a depoente explica, funciona em módulos, as aulas são das 19 as 21 horas, a presença é flexível, fazem quatro avaliações por bimestre e tem que ter média cinco para fazer a	A escola possui, no período noturno, dez salas de Ensino Médio regular, duas de Educação de Jovens e Adultos e uma telesala de Química.		Quantidade de classes na escola durante a noite.

	obrigatória, é flexível. As provas sim eles são obrigados a vir. Mas é bem diferente, não tem plano de ensino, não tem, as avaliações não são assim tão frequentes...Eles fazem quatro avaliações durante o bimestre. Tem que ter média 5 pra poder fazer a avaliação final.	avaliação final.		
SD1.19	Acho que 1100 (alunos na escola)... A escola já foi muito maior...essa aqui tinha contabilidade, tinha magistério, tinha de 1ª a 4ª série, tinha o prézinho. Então aqui já chegou a ter quase 3 mil alunos. Porque depois de 1ª a 4ª série ficou tudo com o município né? Então nós ficamos com o fundamental das séries finais.		A depoente diz que a escola possui em torno de 1100 alunos, porém já foi bem maior, com cursos de contabilidade e magistério, Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série e pré escola. Nessa época tinha quase 3000 alunos.	Quantidade de alunos.
SD1.20	Eu participei de reuniões em Limeira, pra saber como funciona (o Saresp). Mas é uma coisa assim, que pra nós, que já fazemos o Saresp há muitos anos, não teve muita novidade. Então essa orientação que nós recebemos agora, foi mais para o pessoal das escolas que estavam participando agora. Por exemplo, o <u>município</u> participou agora. Escolas particulares, nem todas participam,	<u>Gestores</u> : que ou aqueles que gerenciam bens ou negócios de outrem; administrador. Na escola, compostos pela direção, vice-direção e coordenação pedagógica. <u>Novidade</u> : caráter, condição, atributo do que é novo; condição do que aparece, do que se apresenta pela primeira vez. <u>Município</u> : se refere às escolas de responsabilidade municipal, e não estadual.	A depoente diz que houve a preparação dos gestores da escola na Diretoria de Ensino, mas que como fazem parte do Saresp há muitos anos, não teve muita novidade. Porém, foram informações necessárias a quem estava participando pela primeira vez, como é o caso das escolas municipais e algumas particulares, que tem a participação voluntária. A orientação consiste em como fazer o	Orientações sobre o Saresp para os gestores na Diretoria de Ensino.

	<p>são convidadas, são voluntárias, participa quem quer. Então tinha escolas que nunca participaram, então teve necessidade dessa orientação. Mas todo ano, independente das escolas estarem ou não participando, a gente tem uma orientação de como fazer, um cronograma que a gente tem que cumprir, quando a gente vai buscar a prova, quando vai levar os relatórios, quais são as... sabe tem todo um cronograma que a gente tem que seguir. A digitação pela internet, a inscrição dos professores para aplicação de provas, que não podem ser os nossos professores aqui da escola, tem que ser professores de outras escolas.</p>		<p>Saresp, de informações sobre o cronograma que a escola deve cumprir, com as datas de ir buscar as provas, de ir levar os relatórios, de digitar pela internet a inscrição dos professores que irão aplicar a prova, que não podem ser da escola.</p>	
SD1.21	<p>Nós temos um <u>questionário</u>. Quando os professores se inscrevem, eles têm um questionário pra responder. E o diretor também. Esse questionário pergunta assim, quanto tempo trabalha nessa escola, qual o curso que tem, quanto tempo você está na direção da escola, qual a sua formação, quantos alunos tem na escola, é um questionário assim</p>	<p><u>Questionário</u>: compilação ou série de questões; sequência de perguntas feitas para servir de guia a uma investigação, uma entrevista</p>	<p>A depoente diz que a direção e os professores que aplicam as provas respondem a um questionário. O da direção é composto por perguntas do tipo: quanto tempo trabalha nessa escola, qual o curso que tem, quanto tempo está na direção da escola, qual a sua formação, quantos alunos tem na escola. Já o questionário dos professores ela não sabe o teor das questões.</p>	<p>Questionário e direção professores.</p>



SD1.22	<p>mais geral. Agora dos professores eu não sei quais são as questões...</p> <p>A única correção que é feita na escola são as <u>redações</u>. Antes tinha, agora nós temos uma planilha que nós temos que preencher, até nós estamos aí com as redações para preencher e ali a redação é avaliada de 1 a 5, então o professor, por exemplo, se ele atendeu ao tema da redação ele já tem o 1, se ele não atendeu ao tema, tem o 0. Se ele começou com o tema, mas depois mudou o tema, então é uma outra avaliação. Se tem erro de português, concordância... Então tem toda uma <u>escala</u> pra ser feita. E isso a gente tem que digitar numa planilha. Até hoje eu tava conversando com a coordenadora, falei assim, a gente tem que digitar a planilha da correção das provas do Saresp, da redação do Saresp. Só que nós não sabemos ainda se é pra mandar pra diretoria ou se vai ficar só aqui pra gente, esse resultado. Porque nós já mandamos uma <u>amostra</u> da redação. Então nós tivemos uma amostra da 6ª série, e uma amostra da 8ª série e uma do</p>	<p><u>Correção</u>: verificação ou avaliação da exatidão de respostas em prova, teste, arguição etc.. Correção do Saresp.</p> <p><u>Redação</u>: ação ou efeito de redigir, de escrever com ordem e método; exercício escolar, dever de composição escrita.</p> <p><u>Escala</u>: série de graus ou níveis, dispostos segundo a importância de cada um, em ordem ascendente ou decedente.</p> <p><u>Amostra</u>: pequena porção de alguma coisa dada para ver, provar ou analisar, a fim de que a qualidade do todo possa ser avaliada ou julgada; qualquer conjunto cujas características ou propriedades são estudadas com o objetivo de estendê-las a outro conjunto do qual é considerado parte.</p> <p><u>Nível</u>: lugar numa tabela que classifica; categoria, classe, competência. Refere-se aos níveis de proficiência dados pelo Saresp, segundo os quais os alunos são distribuídos de acordo com o</p>	<p>A depoente diz que a única correção do Saresp que é feita na escola é a das redações que não são enviadas para a Diretoria de Ensino. Para correção externa é enviada uma amostra de 10% de uma classe de cada série, dentre as que participaram do Saresp, ou seja, em torno de três alunos por série avaliada. A correção da redação na escola é feita de acordo com instruções recebidas, atribuindo-se notas de 1 a 5, e depois digitadas em planilhas, onde se sabe qual o nível de desempenho do aluno avaliado. Diz que ainda não sabe se essa planilha com os resultados das redações ficará na escola ou será enviada para Diretoria de Ensino.</p>	<p>Correção na escola das redações.</p> <p>Amostra de redações enviadas à Diretoria de Ensino.</p>
--------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>3º colegial. Só que não era assim, uma amostra de todas as... por exemplo, nós temos quatro sextas séries que foram avaliadas esse ano, que participaram. Então são 30% de alunos que levam. Então, a gente tinha entendido que eram 30% das quatro sextas séries, mas não é. Veio determinado uma sexta série que seria escolhida. Dessa sexta série, tiraram 30%. Isso a gente ficou sabendo no dia da... Não foram todos os alunos. Por exemplo, os 30% nossos, da 6ª 3, se não me engano, foram 3 alunos só. Da oitava série, também 3 alunos. É, porque é 30% da classe...Ah, não, desculpa, 10% da classe. Então nós tínhamos 27, 28 alunos, então 3 provas. essa amostra vai para a diretoria de ensino. É corrigido as outras que ficam. Então essas nós vamos digitar o resultado e depois já sai, qual é o nível daquele aluno, se ele ta no básico, se ele ta no avançado.</p>	<p>resultado da prova em: abaixo do básico, básico, adequado e avançado.</p>	
SD1.23	<p>De Matemática (o que tinha amostra) foi tudo pra lá. Não, a de Matemática foi a classe toda. Não foi 10% não. Só a redação que foi</p>		<p>A depoente diz que na prova de Matemática com questões abertas não foi uma amostra da classe, e sim uma classe toda. Ainda, a</p> <p>Correção da prova de Matemática com questões abertas não é feita na</p>

SD1.24	<p>uma amostra.</p> <p><u>Utilidade (do Saresp na prática)?</u> Ah, eu acho que é o que eu já falei. É para melhorar o nosso desempenho. Pra gente descobrir as nossas falhas e mudar planejamento, mudar a forma de trabalhar em sala de aula. Mas eu acho que o Saresp é isso daí. Nós somos cobrados, e é aí que a gente tenta melhorar, a gente muda, descobre os erros, os acertos, chora, fica triste, fica alegre, briga, mas...tem que fazer...Não adianta falar assim: não vai dar certo...como é que a gente vai falar gente nem tentou direito ainda...Tem que tentar, tem que fazer...A gente erra, mas a gente também acerta em outras coisas.</p>	<p><u>Utilidade:</u> qualidade ou caráter do que é útil; a utilização proveitosa de algo, o serviço prestado por alguém ou algo; serventia; o benefício resultante de uma ação ou situação ou que se pode tirar de algo; lucro; proveito, vantagem.</p> <p><u>Prática:</u> Aplicação das regras ou dos princípios de uma arte ou ciência; modo ou método usual de fazer qualquer coisa; maneira de proceder; uso, costume. No texto, usada no sentido do que acontece no cotidiano escolar, ou seja, na prática.</p>	<p>correção não foi feita na escola.</p> <p>A depoente diz que no cotidiano escolar o Saresp é usado para descobrir as falhas da escola, mudar o planejamento das atividades, mudar a forma como se trabalha em sala de aula. Fala que a escola é cobrada e então tenta melhorar. Diz que tem que tentar estratégias diferentes senão não tem como saber se vai dar certo.</p>	<p>escola.</p> <p>Utilidade do Saresp. Tentativa de melhorar, quando há cobrança.</p>
SD1.25	<p>É uma cobrança muito maior para os professores né? Porque com essa <u>proposta nova</u>, os professores não tem como pegar o livro didático: olha, tá prontinho aqui. A proposta eles têm que trabalhar em cima, eles têm que preparar aula. E tem muito professor que não gostava disso, de preparar aula. Era muito</p>	<p><u>Proposta nova:</u> Proposta curricular implantada em 2008, com o envio de material para a escola. Tornada obrigatória no final de 2008.</p> <p><u>De cabo a rabo:</u> de um extremo ao outro, do início ao fim; em toda extensão ou duração; inteiramente, por completo.</p> <p><u>Pesquisar:</u> procurar com aplicação,</p>	<p>A depoente diz que o Saresp faz uma cobrança muito maior para os professores, pois com o envio do material relativo à nova proposta curricular, eles têm que preparar as aulas, pesquisar atividades diferentes, e não podem mais seguir o livro didático do começo ao fim.</p>	<p>Saresp exerce cobrança sobre os professores.</p> <p>Professores têm que preparar aulas por causa do material da nova proposta curricular.</p>

	<p>mais fácil você pegar o livro didático, com toda a matéria ali já pronta, seguir o livro de <u>cabo a rabo</u>, sabe, do começo ao final. Ele segue o livro e ponto. Aí você não tem a preocupação de procurar mais nada. Tá tudo ali. Eram poucos os professores que faziam alguma coisa a mais do livro didático. Agora com a proposta não. O professor é obrigado a <u>pesquisar</u>, a preparar aula, a procurar coisa diferente. Então há uma mudança mesmo, querendo ou não, tem uma mudança.</p>	<p>com diligência; tomar informações a respeito de.</p>		
SD1.26	<p>E essa questão do supervisor vir assistir a aula. Além disso, nossos coordenadores tinham que entrar nas aulas, assistir e fazer um relatório daquela aula que ele assistiu. E depois chamar o professor: olha, aqui você...eu acho que você pode melhorar aqui...eu acho que aqui tá bom..Olha, você tá precisando de alguma coisa? Porque o professor, eles estavam entendendo assim, que o coordenador entrar na sala de aula, ele tava vigiando o professor, não era isso. Foi difícil para o professor</p>	<p><u>Vigiar</u>: fazer fiscalização de; controlar, verificar.</p>	<p>A depoente diz que o Saresp também provocou uma mudança no fato do supervisor e coordenadores assistirem às aulas do professor. Conta que os coordenadores assistiam às aulas para ajudar os professores a melhorarem e não para vigiar seu trabalho.</p>	<p>Entrada do coordenador na sala de aula. Mudança provocada pelo Saresp.</p>

	<p>entender que a entrada do coordenador na sala de aula não é pra vigiar o trabalho do professor, é pra poder ajudar, pra poder melhorar.</p>			
SD1.27	<p>(o coordenador ajuda o professor a) procurar um texto na internet, por exemplo, eu não tenho tempo pra fazer isso, porque eu tenho que corrigir prova, eu tenho que preparar uma aula... Olha, eu to precisando desse texto, tem como você procurar? Com esse caderno do professor, essa proposta nova, tem muitos filmes de português, ou de outras disciplinas que os professores falavam assim: olha vice diretora, eu quero esse filme aqui. A gente ia na locadora aqui da cidade, se não tinha, a gente comprava. Chegamos a compra filmes, pra que eles assistissem. O filme (?)... Nós levamos muitos alunos pra fora pra excursão, visitar universidade, fazer aquele passeio, um projeto que tem, você vai no shopping, passa umas horas no shopping e assiste um filme, que é próprio para as idades dos alunos, depois eles voltam pra escola e faz</p>	<p><u>Reciclagem</u>: recuperação da parte reutilizável dos dejetos do sistema de produção ou de consumo, para reintroduzi-los no ciclo de produção de que provêm.</p>	<p>A depoente diz que os coordenadores ajudam os professores a encontrar textos na internet, alugam ou compram filmes para passar para os alunos, para auxiliá-los na preparação das atividades da sala de aula. Conta que fizeram atividades fora da escola com os alunos, foram ao Shopping assistir filmes, que depois os alunos faziam relatórios, foram à São Paulo, na livraria Cultura, no Masp, no Horto Florestal em Rio Claro, visitaram universidades, tudo para que fizessem atividades diferentes do que só ficar em sala de aula.</p>	<p>Coordenadores ajudam os professores na preparação de material. Alunos foram levados a atividades fora da sala de aula. Mudança provocada pelo Saresp.</p>

	<p>um relatório em cima daquele filme. Então nós tivemos isso também. Esse ano, os alunos foram na livraria Cultura em São Paulo, ficaram lá o dia todo, participaram de um projeto de uma oficina de <u>reciclagem</u>, coisa que eles aqui, não tinham a oportunidade de sair pra ver isso daí. Então nós fizemos isso. São coisas que só vêm pra melhorar, olha nós podemos fazer... Porque até então, não pode levar ninguém pra fora, não pode fazer excursão, não pode sair, porque vocês têm que estudar, tem que estudar... só sala de aula, sala de aula... não dava. Então vamos sair um pouco, vamos relaxar um pouco, vamos levar esse pessoalzinho. Então eu acho que esse ano, foi assim, nós fizemos... deu pra cumprir todo o? Não deu, falar pra você que dá pra cumprir, não dá pra cumprir, tudo. Mas, vamos dizer, 80%, 90%, foi cumprido, e deu pra gente fazer esses trabalhos, sabe, foram pra fora... Foram no Horto Florestal em Rio Claro, foram visitar faculdades, a Universidade Aberta, foram pra</p>			
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--

	<p>São Paulo, foram no Masp, então a gente tenta fazer coisas diferentes, pra que eles vejam assim, não é só sala de aula, não é só ficar ali, copiando, copiando, copiando.</p>			
SD1.28	<p>Esse ano, o ano passado e este foram os dois melhores anos (de comprometimento dos alunos). Que nós tivemos assim, poucas faltas, poucos alunos faltaram. Os terceiros anos da noite, por exemplo, faltaram aqueles que já haviam desistido, que eram dados como abandono, que já não estavam mais frequentando, então teve classe que nós tivemos 100% de presença, da noite. Durante o dia também, a 6ª série e a 8ª também. Não teve 100%, mas nós tivemos 98%, 97%. E faltou aquele aluno que abandonou, teve aluno que a gente ligou pra vir fazer a prova, teve aluno que precisou ir buscar pra fazer a prova... Mãe, você não trouxe seu filho, pelo amor de Deus, é prova. Então, às vezes, teve aluno que chegou vir aqui, com conjuntivite fazer a prova, nós tivemos que deixar ele numa sala separada, mas ele fez a prova.</p>	<p><u>Fiscal</u>: aquele que verifica o cumprimento de qualquer ordem, regulamento ou determinação; inspetor, fiscalizador.</p>	<p>A depoente diz que em 2010 e 2009 foram os dois anos em que os alunos se comprometeram mais com o Saresp. Conta que só não vieram fazer a prova aqueles alunos que já haviam desistido, portanto tiveram em torno de 97%, 98% de presença, inclusive foram buscar alunos para ir à prova. Diz que teve um aluno que foi fazer a prova com conjuntivite, então foi conversado com um fiscal do Saresp e colocaram o aluno numa sala sozinho para fazer a prova. Fala que no dia da aplicação do Saresp, além dos professores aplicadores que vêm de outras escolas, também se tem os fiscais e pais presentes na escola.</p>	<p>Presença de quase todos os alunos do dia do Saresp.</p> <p>Presença de aplicadores, fiscais e pais de alunos na aplicação.</p>

	<p>Conversamos com o <u>fiscal</u>, porque no dia do Saresp, tem o <u>fiscal</u>, tem pais de alunos aqui. Não somos só nós. Além de ter os professores de fora, tem pais de alunos, tem os fiscais que vêm aqui pra ajudar, pra ver se ta tudo em ordem, por exemplo, nós conversamos com o <u>fiscal</u>, não tem condições de deixar esse aluno com conjuntivite na sala, porque conjuntivite é uma doença contagiosa, então não dá pra deixar lá, então não podemos deixar numa sala separada? Então ele ficou sozinho, só com seu material, com o seu lápis e borracha, e fez a prova separado. Então nem doente o aluno faltou esse ano. Então esses dois últimos anos, realmente foram os melhores anos do Saresp em questão de frequência e presença de aluno. Vieram mesmo.</p>			
SD1.29	<p>Todo mundo se empenha, a escola trabalha. Foi o que aconteceu com a gente, nós trabalhamos demais, nós fizemos tudo. Então não deveria estar <u>vinculado</u> isso daí (o bônus e o Idesp). Porque por exemplo, tem professor que vai fazer uma prova, e na prova ele não vai bem. Por</p>	<p><u>Vincular</u>: prender (-se), ligar (-se) por algum tipo de vínculo; estabelecer ligação permanente de (uma coisa) com (outra coisa) ou permanecer relacionado com (algo). <u>Nervoso</u>: que ou aquele cujo sistema nervoso está em desequilíbrio; que ou aquele que é</p>	<p>A depoente acha que não deveria estar vinculado o bônus com o aumento do Idesp, pois a escola se empenha, trabalha muito e quando não ganha o bônus, todos ficam desestimulados a trabalhar, com o pensamento de que quem ganhou o bônus é melhor, então eles</p>	<p>Vinculação bônus/Idesp. Alunos podem ficar nervosos no dia da prova.</p>



	<p>exemplo, numa prova pra concurso público, ele não consegue fazer prova, ele fica <u>nervoso</u>. Sabe, aqui a gente tem professor assim. Tem uma professora que quando ela vai fazer prova de um concurso, ela fica muito nervosa, <u>dá branco</u>. E eu acho que isso também acontece com aluno, porque é uma questão, enquanto você ta fazendo a prova aqui dentro da sala de aula, com você, é uma coisa, você ta mais tranquilo. Agora, quando é uma coisa que vai pra fora, que tem, um outro resultado, um resultado maior, então eu acho que eles ficam nervosos. Então tem aluno que em sala de aula tem um desempenho durante o bimestre, durante o ano, mas quando chega uma avaliação desse tipo, o rendimento dele é totalmente diferente. Que a gente fala assim, meu Deus do céu, esse aluno durante o ano como ele foi, e olha o resultado do Saresp dele, porque não é possível... porque a gente tem uma <u>noção</u>, daquela classe, essa classe aqui é uma classe boa, a gente sabe que tem um ou outro, 4 ou 5, 7 que não é</p>	<p>agastadiço, emotivo, agitado.  <u>Dar branco</u>: esquecer algo que sabia.  <u>Noção</u>: conhecimento elementar ou superficial de ou acerca de algo; conhecimento imediato, intuitivo, de algo; idéia, consciência.  <u>Desestimular</u>: tirar ou perder o estímulo; desanimar (-se), desencorajar (-se).  <u>Engrenar</u>: dar início a (conversação, disputa, relacionamento etc.); encetar, entabular.  <u>Trabalhar como um camelo</u>: trabalhar arduamente, trabalhar muito.</p>	<p>trabalham e quem não ganhou, não trabalha. Diz que os alunos podem saber o conteúdo, mas na hora da prova podem ficar nervosos e esquecer de tudo, o que influencia para que a escola tenha um resultado ruim.</p>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

legal, mas no geral, mas no geral é uma classe boa. Como é que essa classe tem um desempenho assim? Como é que pode? A maioria dos alunos ficaram nervosos? Não é a maioria dos alunos. Mas como ela gera um resultado geral, eu acho que tem influência. Então eu acho que não deveria estar atrelado ao bônus. Sabe, é uma coisa que desestimula demais. Porque nós ficamos desestimulados. O primeiro bimestre... sabe, depois a gente começou a engrenar de novo, mas o primeiro bimestre, nossa, falava assim: pra que? Pra que nós vamos trabalhar. Nós trabalhamos que nem um camelo o ano passado, fizemos um monte de coisas? Trabalhamos, não fizemos nada diferente, trabalhamos o livro, nos empenhamos, falamos com os alunos e nada? Teve um dia que eu até discuti com supervisor aqui, nossa, foi um monte de coisa. Eu fiquei muito brava, eu não me conformava de não ter atingido. Não era a questão do dinheiro, entendeu? Mas era a questão de não ter atingido. Porque a gente fez, a

	<p>gente lutou, a gente trabalhou. E agora aí fica aquela história, nós estamos numa cidade pequena. Ah, nós vamos receber bônus, sua escola não vai. Então vocês trabalham e a gente não vai trabalhar. Vocês são melhores do que a gente. É isso que pega.</p>			
SD1.30	<p>É a mesma coisa dessa promoção agora, por <u>merecimento</u>. Só recebe aumento o professor que passa na prova? O que ele é diferente do outro que não passou na prova? Qual a diferença de um professor <u>efetivo</u> e de um professor <u>ACT</u>? Eu não vejo, porque eu não sou efetiva. Eu to fazendo 29 anos de magistério, 29 anos que eu trabalho em escola. Primeiro como professora, e agora como vice-diretora. 29 anos. Ah, desde 98, 12 anos como vice. Então, e não sou ah, uma excelente professora, uma excelente profissional, não é. Eu tenho minhas falhas, tem hora que eu fico muito brava, que eu fico muito nervosa, eu brigo, eu chamo a atenção, depois eu acabo pedindo desculpa. Eu falo assim, desculpa, eu tava nervosa, foi uma <u>explosão</u></p>	<p><u>Promoção</u>: ascensão a cargo, posto ou categoria superior. <u>Merecimento</u>: aquilo que torna alguém ou algo digno ou passível de receber prêmio ou castigo; caráter, qualidade de quem, pelo valor, dotes morais e/ou intelectuais, é digno de apreço, de reconhecimento; capacidade, engenho, talento. <u>Efetivo</u>: Possui cargo concursado e estável de magistério no funcionalismo público estadual. <u>ACT</u>: Professores com Admissão em Caráter Temporário. Atualmente chamados OFA: Ocupante de Função Atividade. São professores que não possuem cargo efetivo. <u>Explosão</u>: manifestação súbita e viva, ger. ruidosa, de emoções contidas, de sentimentos, de um estado de espírito; momento de</p>	<p>A depoente se diz contra a promoção na carreira docente por meio de uma prova, questionando se o professor que passou na prova é diferente do que não passou. Também diz que não vê diferença entre um professor efetivo e um temporário, sendo que ela não é efetiva, mas trabalha há 29 anos no Estado, 12 como vice-diretora e nunca teve problemas com a administração pública. Acha que deveria se ter aumento salarial para todos, igualmente, diz que com o aumento por prova, pode acontecer de o professor que não foi beneficiado não querer se empenhar no trabalho, pois o outro é melhor que ele, ganha mais que ele. Também é contra ao professor temporário ter que fazer prova para participar do processo de atribuição</p>	<p>Contra promoção por prova. Contra prova para atribuição de aula. Tempo de carreira no magistério. Situação funcional.</p>

	<p>na hora ali, porque a gente quer as coisa certas, a gente quer a coisa <u>perfeita</u>, e a perfeição não existe. Todo ser humano tem suas falhas. Então eu não... Porque eu, você, vai ganhar mais do que eu por causa de uma prova? O nosso trabalho ser avaliado numa prova? Depois de 29 anos eu tenho que provar mais ou que pro Estado que eu mereço um aumento. Eu tenho que provar mais alguma coisa depois de 29 anos e nunca ter tido um <u>processo administrativo</u>, de nunca ter tido uma queixa... Nunca na minha vida eu fui chamada numa diretoria de escola por uma coisa errada que eu tenha feito, ou não ter entregue <u>diário</u> na data certa, as notas na data certa, ou o plano de ensino na data certa. Então porque eu não posso ter o aumento? Eu tenho que fazer a prova pra ter aumento. Eu não acho certo. Porque aí aquele que não passa na prova, pode chegar assim e dizer, bom, você passou na prova, você não ta ganhando 25% a mais do que eu? Então faça. Eu não sou bom. Eu acho que não pode, que não deve ter esse tipo de coisa, ou</p>	<p>grande intensidade, de grande força. <u>Perfeito</u>: em que não há defeito; que apresenta as melhores qualidades; que se caracteriza por ser completo; cabal, rematado, total. <u>Processo administrativo</u>: processo para resolver conflitos entre a administração pública e outro interessado. <u>Diário</u>: diário de classe, onde o professor registra as ausências dos alunos, o conteúdo ministrado e as notas das avaliações realizadas.</p>	<p>de aulas.</p>	
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------	--

	<p>todo mundo tem o aumento salarial igual, ou então não se faça isso. Porque eu tenho que ser avaliada, em tudo a gente é avaliado, é a mesma coisa agora. Pra pegar aula o ano que vem, pra participar do processo de atribuição, eu tenho que fazer uma outra prova? Pra que? Eu to há 29 anos... eu fiz o ano passado.</p>			
SD1.31	<p>Vamos dizer assim, eu sou meio <u>privilegiada</u>. Porque a lei, eu sou <u>estável</u>. ACT, mas <u>estável</u>. a minha estabilidade é de 98. 98 saiu que quem tivesse já 5 anos, uma certa quantidade de pontos, adquiria a estabilidade. Então a minha é aquela antiga, não é essa que saiu agora. Eu sou ainda dos antigos. Até na diretoria de ensino eles falam assim: graças a Deus que estão acabando esses estáveis aí, e eu sou uma delas. Como eu fiz a prova o ano passado, e eu passei, eu já era a primeira na diretoria de ensino com estável. Então pra mim a prova não fez a menor diferença, porque eu continuo em 1°. E não tem ninguém depois de mim, e nem antes, pra fazer ah, comigo. Não</p>	<p><u>Privilegiado</u>: que goza de privilégio, de vantagem, de preferência, de prerrogativa etc.  <u>Estável</u>: tipo de estabilidade funcional adquirida em 1998.  <u>Sustentar</u>: dar ou obter os recursos necessários para a manutenção; manter (-se), conservar (-se); dar ou receber o necessário à vida (alimentação, vestuário, habitação, cuidados com a saúde etc.); prover (-se), manter (-se), amparar (-se).</p>	<p>A depoente se diz privilegiada, pois possui estabilidade do cargo, adquirida em 1998, então só precisou fazer a prova para atribuição de aulas uma vez, já que foi aprovada. Conta que não fez a prova para aumento salarial, pois não acha justo. Também não acha certo os professores que não têm estabilidade trabalharem um ano e ficarem dois anos sem trabalhar. Questiona como eles irão se sustentar nesse período e como irá se suprir a falta de professores.</p>	<p>Situação funcional da depoente.          Contra prova para aumento salarial.          Contra não estáveis ficarem dois anos sem poder participar da atribuição.</p>

	<p>tem outro estável de biologia e de ciências. Só eu. E esse ano eu optei por não fazer, porque não era obrigado a fazer, quem já passou na prova o ano passado, não precisaria fazer esse ano. Então eu não fiz. E também não fiz a prova pra promoção esse ano, pra receber o aumento. Eu falei: não é justo. Como também não acho certo, agora, por exemplo, eu trabalho um ano, e vou ficar dois sem trabalhar? Como é que eu me <u>sustento</u>? Porque durante esse ano, eu assumi alguns compromissos. Como é que eu vou fazer o ano que vem, que eu não vou ter salário, não vai poder dar aula. Vou ficar dois anos sem dar aula? Com falta de professor? Porque nós temos falta de professor.</p>			
SD1.32	<p>O que veio agora, foi assim, que eles seriam parece que <u>desligados</u> agora em dezembro. Mas agora eles aumentaram mais dois meses, então vai completar os 12 meses... tem gente que vai parar em março, tem gente que vai parar em abril, mas vai ficar dois anos sem trabalhar. Eles aumentaram dois meses, mas</p>	<p><u>Desligar</u>: desfazer a ligação de, interromper (uma conexão entre duas ou mais coisas); desjuntar, separar; destituir (-se) [de um emprego, cargo ou função]; exonerar (-se). <u>Licença médica</u>: Concessão de isenção temporária de serviço por problemas de saúde.</p>	<p>A depoente diz que os professores desligados do serviço público por dois anos não participarão do processo de atribuição de aulas de 2011, mas que foi ampliado em dois meses o prazo para permanecerem trabalhando. Questiona como ficará a situação da escola sem esses</p>	<p>Situação da escola quando alguns professores forem desligados do serviço público.</p>

	<p>continua com a mesma história de ficar dois anos afastado. Não, não vão entrar (na atribuição de 2011). E aí como nós vamos fazer o ano que vem, se não tiver professor. A hora que um professor falta? Ou tira uma <u>licença médica</u>. Ou tira uma <u>licença prêmio</u>, porque tem direito. Quem é efetivo tem direito à licença prêmio. De 30, de 60, de 90 dias. Aí o professor tira quanto ele quer. Se o professor quiser 30 dias, quem vem substituir esse professor?</p>	<p><u>Licença prêmio</u>: Licença por três meses concedida como prêmio ao profissional da escola que possui no máximo 30 faltas em cinco anos.</p>	<p>professores, pois não terá quem substitua professores que faltem ou que tirem licença médica ou licença prêmio.</p>	
SD1.33	<p>Sabe, então é muito difícil. Eu acho assim a educação não vai <u>valorizar</u>. Não tem valor nenhum. Nenhum mesmo. A educação não está em primeiro lugar. E nem para pais de aluno, a educação não está em primeiro lugar. O importante é o filho ir pra escola. E ter presença pra <u>bolsa família</u>. Eu acho que a <u>bolsa família</u> deveria estar atrelada à nota, e não à presença do aluno, porque se o aluno não tem nota, ele não tem <u>bolsa família</u>... é uma outra maneira de você obrigar um aluno a prestar atenção, a fazer atividade. Não só o Saresp, porque o Saresp</p>	<p><u>Valorizar</u>: dar valor, importância a (algo, alguém ou a si próprio) ou reconhecer-lhe o valor de que é dotado; revelar, dar destaque positivo a (algo ou alguém). <u>Bolsa família</u>: O Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza. Uma dessas condições é que todas as crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos da família devem estar devidamente matriculados e com frequência escolar mensal mínima de 85% da carga horária. Já os</p>	<p>A depoente acha que do modo como as coisas estão sendo feitas a educação não irá valorizar. Diz que a educação não está em primeiro lugar nem para os pais dos alunos, que acham importante somente o filho frequentar a escola, para que recebam o Bolsa Família. Acha que o Bolsa Família deveria estar atrelado à nota do aluno e não à presença, assim se obrigaria os alunos a estudar e poderia ser que melhorasse a situação do ensino. Diz que o Saresp poderia ser aplicado em todas as séries e com base nessas notas, os pais</p>	<p>Bolsa Família deveria estar vinculado à nota do aluno. Mudanças no Saresp. Aluno é aprovado apenas por frequentar a escola.</p>

	<p>não são todas as salas avaliadas, é a 6ª e a 8ª série. E o 3º ano. Mas se fosse todas, e em cima disso daí você tem a bolsa família, é diferente. Por que atrelar a bolsa família à presença do aluno? Então eu vou mandar meu filho pra escola, não interessa a nota, porque eu preciso da bolsa família. Faz isso em cima do rendimento do aluno. Aí você melhora um pouco a educação. Aí ele se empenha um pouco. Porque aí o pai em casa vai cobrar, não vai? Porque quando bate no bolso, a coisa fica mais séria. Aí eles sentem mais. Agora, enquanto a bolsa família estiver atrelada à frequência do aluno, eu vou lá, tem aluno que não traz material, tem aluno que não ta nem aí, não quer fazer, ele deita na carteira e fala eu não vou fazer. Você vai fazer o que com essa criatura? Você pode se vestir de palhaço lá na frente, você pode fazer um monte de coisa, mas se ele falar que não vai fazer, você faz o que com essa criatura? Sabe é... o</p>	<p>estudantes entre 16 e 17 anos devem ter frequência de, no mínimo, 75%.<sup>199</sup>  <u>Em cima</u>: com base em; apoiado em.  <u>Bater no bolso</u>: algo que afete a quantidade de dinheiro de alguém.  <u>Recusar</u>: não aceitar (o que é oferecido); declinar de, repelir; não conceder (o que se pediu); não atender a, não prestar; negar; opor-se a; negar-se.  <u>Processo</u>: conjunto de papéis e documentos referentes a um litígio; autos; conjunto das peças apresentadas por uma outra parte para servir à instrução e ao julgamento de uma questão.  <u>Brava</u>: em estado de fúria; braba, danada, irada.</p>	<p>receberiam ou não o Bolsa Família. Conta que os alunos sabem que serão aprovados de uma série para outra apenas se frequentarem a escola, portanto tem aluno que não leva material, que não quer participar de nenhuma atividade e a escola não tem o que fazer. Diz que já aconteceu de pais de alunos irem à escola pedir para tirar algumas faltas de aluno, para que recebessem a Bolsa, mas que a escola não pode fazer isso.</p>	
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

<sup>199</sup> Disponível em: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>. Acesso em: 24 mai. 2011.



	<p>melhor professor, você pode ter o melhor professor, mas se o aluno falar eu não vou fazer, ele não vai fazer. Você pode mostrar livro diferente, você pode trazer uma atividade diferente, ele não vai fazer. Se ele se recusa a fazer. E eles tem essa consciência, de que independente do rendimento deles, eles vão passar de uma série pra outra. Porque eles só ficam retidos por causa de frequência. E como a frequência é atrelada à bolsa família, eles só vêm, e a maioria dos pais, manda por causa disso, por causa da bolsa família. Nós já tivemos casos, de os pais virem aqui e pedir pra gente: pelo amor de Deus, dá pra tirar algumas faltas do meu filho, porque eu vou perder a bolsa família. Eu falo assim, como que eu vou tirar falta do seu filho, se nesse dia que eu tiro a falta acontece alguma coisa com essa criança, ou sofre um acidente, ou alguma coisa, e aí num processo eles pedem o diário de classe do professor, e ali ele ta com presença, mas ele sofreu, na mesma hora ele sofreu um acidente lá fora. Como é</p>		
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--

	<p>que eu justifico isso? Não posso fazer isso. Não posso colocar presença para um aluno, se ele não está presente aqui. Então, a bolsa família, eu fico assim muito <u>brava</u> nesse sentido. Eu acho que deve-se ajudar, lógico. Mas atrela então ao rendimento do aluno, porque aí você melhora um pouquinho. Vai consertar tudo, não, não vai consertar. Mas aí pelo menos a gente tenta, é uma tentativa, de melhorar no rendimento do aluno, porque na frequência, não vai melhorar.</p>			
SDI.34	<p>E a educação, nós vimos agora, há pouco tempo, a nossa classificação. Nós estamos... A nível de planeta, de mundo (<u>Pisa</u>). Que nós estamos lá embaixo. Na frente de quem? De Bangcoc, sei lá de que país que nós estamos. Então nós estamos muito aquém dos outros países. Nossa, não tem importância. Eu acho que tem que se criar um <u>modelo</u> de escola pra nossa realidade, não se copiar de outros países. Porque aqui, o brasileiro não tem a <u>cultura</u></p>	<p><u>PISA: Programme for International Student Assessment.</u> Avalia adolescentes de 15 anos em diversos países. São avaliados os domínios em leitura, letramento em ciências e em Matemática, não somente no domínio do currículo escolar, mas também em termos de conhecimentos e habilidades necessárias à vida adulta.<sup>200</sup> <u>Modelo</u>: coisa ou pessoa que serve de imagem, forma ou padrão a ser imitado, ou como fonte de</p>	<p>A depoente diz que no ranking da avaliação internacional do Pisa estamos nas últimas classificações, muito aquém dos outros países, pois no Brasil não se tem a cultura da educação ser importante.</p>	<p>Últimas classificações no Pisa. Brasil não tem de cultura educação.</p>

<sup>200</sup> Disponível em [www.pisa.oecd.org](http://www.pisa.oecd.org). Acessado em 22/05/2011.

	<p>da educação. Querendo ou não, não tem a cultura da educação. É diferente de outros países, que dão a importância.</p>	<p>inspiração; exemplo dado por uma pessoa, uma coisa, que possui determinadas características em mais alto grau.  <u>Cultura:</u> o cabedal de conhecimentos, a ilustração, o saber de uma pessoa ou grupo social; conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social.</p>		
SD1.35	<p>No Japão não tem <u>tempo integral</u>? Não sei se na China tem, mas no Japão tem escola de tempo integral. E olha lá como os alunos gostam de ir pra escola de tempo integral. Aqui é uma <u>luta</u>. Eu acho que se tem que reformular essa questão da escola de tempo integral. Eu acho que funcionaria da seguinte maneira. Olha, a tarde nós vamos ter essa, essa <u>oficina</u>. Nós vamos ter oficina de natação, embora é impossível uma escola ter piscina né? Aula de natação, aula de piano, aula de violão, nós vamos ter aula de corte de cabelo, fazer unha, uma profissão. Quem quer fazer oficina</p>	<p><u>Escola de tempo integral:</u> escola onde os alunos passam o dia todo (manhã e tarde).  <u>Luta:</u> esforço para superar, para vencer obstáculos ou dificuldades.  <u>Oficinas:</u> fazem parte da escola em tempo integral no Estado de São Paulo. Atualmente 313 escolas funcionam em regime de Tempo Integral no Estado de São Paulo, onde os alunos permanecem de 7 a 9 horas diárias, divididas em 2 turnos, um com disciplinas do currículo básico e outro com oficinas curriculares obrigatórias e optativas.<sup>201</sup></p>	<p>A depoente diz que no Japão os alunos gostam de ir para a escola de tempo integral, já no Brasil tem que se fazer um esforço. Acha que tem que mudar o funcionamento desse tipo de escola, fazendo-se oficinas optativas e não obrigatórias, com aulas de natação, música, pintura, profissionalizantes e de reforço das disciplinas, onde o aluno escolheria a que gosta.</p>	Mudança nas escolas de tempo integral.

<sup>201</sup> Disponível em [http://cemp.edunet.sp.gov.br/escola\\_integral/2007/Default.asp](http://cemp.edunet.sp.gov.br/escola_integral/2007/Default.asp). Acesso em 28/04/2011.

	<p>disso, disso... Pintura... Quem quer fazer, aí se inscreve. Aí vem fazer o que gosta. Olha, nós vamos ter uma oficina pra reforço de Matemática, nós vamos ter uma oficina pra reforço de português, quem quer fazer. Vai, fica quem quer. Agora você obrigar o aluno a ficar, a fazer coisas que não quer...É difícil.</p>			
SD1.36	<p>O <u>reforço</u>, por exemplo, de 5ª série a 8ª série, nós não temos reforço. Porque eles já são alunos de escola em tempo integral. Não dá pra segurar mais essas crianças, mais duas horas depois das 4 horas da tarde. Não dá. Então nós não temos. Funciona onde esse reforço? Na oficina de experiências de Matemática e na oficina de hora da leitura. Só que a diferença é o seguinte, com o reforço você fica com aqueles alunos que realmente têm dificuldade, e na oficina de experiências de Matemática, você fica com a classe toda. Então o trabalho é diferente, você ficar com a classe toda e ficar só com os alunos que precisam do reforço. É muito diferente. Pro ensino médio, os alunos que tem ensino médio de</p>	<p><u>Reforço</u>: mesmo que recuperação paralela. <u>Merenda</u>: refeição servida às crianças nas escolas públicas.</p>	<p>A depoente explica que de 5ª a 8ª série não se tem turmas de recuperação, pois os alunos já ficam na escola das 7 da manhã até as 16 horas, então o reforço de Matemática e Português é feito nas oficinas de Experiências de Matemática e de Hora da Leitura, respectivamente, no período da tarde. Porém, diz que o trabalho é diferente de uma recuperação, pois nessas oficinas a classe toda está presente, não só os alunos com dificuldades. No Ensino Médio, os alunos da manhã ficam para ter aulas de reforço no período da tarde. Saem às 12:20 horas, almoçam a merenda escolar, financiada pelo Estado e prefeitura, e têm aulas das 13 às 15 horas. Para o Ensino Médio noturno, o reforço é</p>	<p>Recuperação paralela. Características da escola.</p>

	<p>manhã, eles ficam aqui a tarde, das 13 as 15. Eles saem 12:20, eles almoçam aqui na escola, porque tem almoço por ser escola de tempo integral. E por sinal um almoço muito bom, porque é a prefeitura que mantém a merenda aqui da escola. Recebemos coisas do Estado, que complementa. Pra nós funciona como um complemento, porque aqui tem um cardápio, tem um nutricionista. Então os alunos do ensino médio que ficam pro reforço, que ficam pra tarde, eles almoçam às 9:30, depois eles almoçam de novo junto com o fundamental. Porque o fundamental vai almoçar 12:20. E os alunos da noite, ele trabalham durante o dia. Então o reforço é feito na pré aula, das 17 Às 19. Só que nós tivemos que fechar turma esse ano. Porque não veio, eles não vieram, eles trabalham... Os da manhã vieram. Porque os da manhã eles não trabalham. Como eles não trabalham, deu pra ficar. Mas o pessoal da noite, como trabalham... Só Matemática e português. E com o fundamental não tem como fazer</p>		<p>feito na pré-aula, das 17 as 19 horas, porém os alunos do noturno trabalham e não frequentam a recuperação, portanto a turma teve que ser fechada.</p>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

SD1.37	<p>reforço.</p> <p>Olha, eu acho que esse ano, primeiro teve a dificuldade de achar um professor pra fazer. Quando nós achamos, o pouco tempo que foi trabalhado pro fundamental, deu resultado. Não foi uma maravilha... Pro médio só. Pro médio da manhã, porque o médio da noite ninguém veio. O professor vinha, cumpria o seu horário, ficava aí a disposição e não vinha ninguém. Então teve uma hora que comunicamos a diretoria de ensino: não tem aluno, aluno não vem, porque trabalha até as 17. Sai de lá vai chegar aqui umas 17:10, 17:15, 17:30. Dependendo do horário. E aí até as 19 horas da noite? Essa criança, esse adolescente vai tomar banho e comer que horas? Não dá, então é difícil.</p>		<p>A depoente diz que teve dificuldade para encontrar um professor para as turmas de recuperação do Ensino Médio. Depois que a turma começou a funcionar, tiveram pouco tempo, mas deu resultado, não muito bom, para o Ensino Médio da manhã. Para o Ensino Médio noturno, a turma foi fechada, pois o professor ia à escola, porém os alunos não iam, já que trabalham o dia todo e não tinham tempo.</p>	Resultado da recuperação paralela.
SD1.38	<p>Uma das questões que eu respondi do Saresp, foi da aplicação de provas por pessoas que não são da escola, dá uma confiabilidade maior. A resposta que eu coloquei é que é indiferente. Porque assim, a gente leva muito a sério o que a gente faz, com muita</p>	<p><u>Responsabilidade:</u> obrigação de responder pelas ações próprias ou dos outros; caráter ou estado do que é responsável.</p> <p><u>Lisura:</u> integridade de caráter; honestidade nas ações; retidão.</p> <p><u>Chefe:</u> pessoa que se destaca pelas qualidades de autoridade,</p>	<p>A depoente acha que não seria necessário que viessem professores de outras escolas para aplicar o Saresp, pois leva muito a sério o processo de avaliação e não inventaria um resultado. Diz que como chefe tem que arcar com a responsabilidade do que acontece</p>	Aplicação do Saresp.

	<p><u>responsabilidade</u>. Então nós não temos o porquê inventar um resultado. Se fossem os nossos professores que aplicassem as provas, a <u>lisura</u> seria a mesma. Porque no município funcionou dessa forma, os próprios professores da escola aplicaram as suas provas. Só que não aplicaram pra classe que davam aula, aplicou pra outra classe. Então a questão de ter pessoas de fora aplicando prova aqui dentro, pra mim é indiferente. Porque eu como <u>chefe</u>, como responsável pela escola, eu não vou deixar e não vou querer fazer uma coisa errada, porque eu sei que quem está respondendo sou eu. E se isso <u>vazar</u>, se eu fizer uma coisa errada que chegar a vazar, quem vai responder por isso, o nome de quem vai sair? O nome de quem fez. E eu não vou querer isso, depois de tantos anos, na minha vida profissional. Então pra mim, isso é o que eu penso. Eu não sei se a maioria pensa assim, eu acho que a maioria pensa assim, porque se você trabalha num lugar que há tanta gente entrando e saindo, com</p>	<p>competência, poder de decisão etc.; indivíduo que, por essas qualidades, é investido de poder para ocupar um lugar de mando, de direção; aquele que ocupa a mais alta posição hierárquica nos organismos oficiais, civis ou militares. <u>Vazar</u>: ir para fora de, sair, escapar (-se). <u>Segredo</u>: aquilo que a ninguém deve ser revelado, que é secreto, sigiloso; o que há de mais escondido; o que se oculta à vista e ao conhecimento; aquilo que não foi divulgado.</p>	<p>na escola, e não permitiria que algo de errado acontecesse, pois sabe que a notícia sairia do âmbito da escola. Conta que nas escolas municipais foram os professores da própria escola que aplicaram, mas em salas que não lecionavam.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>muitos alunos, você não consegue guardar segredo. O segredo é só com uma pessoa. Não existe segredo em duas pessoas. Então como é que eu vou falar assim, vamos fazer tal coisa? Mas isso que eu vou fazer, alguém, uma hora vai descobrir. Alguém uma hora vai deixar escapar, vai descobrir, vai sair. Então quem mandou fazer? Foi a vice diretora que mandou fazer. Então pra mim é indiferente se tem uma pessoa de fora ou se é professor nosso. Porque eu gosto da coisa muito certinha. Eu fui criada assim. E sofro por isso.</p>			
SD1.39	<p>Então pra mim o Saresp é muito sério. Então, eu não sei, é uma coisa minha, eu não vou fazer errado. Sabe, eu tenho muito medo de fazer alguma coisa errada, e depois ser chamada minha atenção, de ter que responder um processo. Eu tenho muito medo, muita vergonha se isso acontecer. Então eu já não faço, pra isso não acontecer. Então eu procuro fazer as coisas certas pra que não me chamem a atenção. Não gosto. Não é que eu não gosto que me chamem</p>	<p><u>Medo</u>: estado afetivo suscitado pela consciência do perigo ou que, ao contrário, suscita essa consciência; temor, ansiedade irracional ou fundamentada; receio; desejo de evitar, ou apreensão, preocupação em relação a (algo desagradável). <u>Chamar a atenção</u>: fazer advertência; repreender, advertir, admoestar. <u>Enganar</u>: acreditar ou fazer acreditar em algo que não é verdadeiro; agir dissimuladamente; burlar, lograr, mentir.</p>	<p>A depoente diz que em sua opinião o Saresp é muito sério. Fala que teme fazer algo errado e depois ser repreendida ou ter que responder a um processo judicial. Então procura fazer as coisas da maneira correta e cobra que as pessoas façam também. Diz que não gosta quando no papel está escrito uma coisa e na prática acontece outra, pois em algum momento a mentira é descoberta. Por isso não vê o porquê de seus próprios professores aplicarem o Saresp.</p>	<p>Depoente diz fazer as coisas da maneira correta.</p>



	<p>a atenção, eu não gosto de fazer a coisa errada, entendeu? Fui criada assim, eu acho que é por isso que eu sofro, que eu cobro das pessoas, que a as pessoas entreguem no prazo, que as pessoas façam certinho. Porque eu não gosto de fazer uma coisa... Faz uma coisa no papel e na prática você faz outra. Porque chega uma hora que vai descobrir. Você não consegue <u>enganar</u> todo mundo por muito tempo. Pode enganar por um tempo. Mas o tempo todo, todo mundo, a mentira tem que ser muito boa, muito perfeita. E não existe, uma hora você vai <u>escorregar</u>. Então eu prefiro fazer o certo, independente se são pessoas diferentes que vêm aqui, ou se são os meus professores, do que fazer uma coisa errada. Prefiro, tenho menos dor de <u>cabeça</u>.</p>	<p><u>Escorregar</u>: incorrer ou cair em; proferir inconveniências ou impropriedades. <u>Dor de cabeça</u>: preocupação incessante com alguém ou alguma coisa.</p>		
SDI.40	<p>Eu acho que é uma forma de eles mostrarem pro mundo que a educação no Brasil ta dando certo. Eu acho que não chega ser em relação ao mundo, eu acho que chega a ser em relação ao Estado, ao país. Porque os outros estados</p>		<p>A depoente acha que o governo usa o Saresp para mostrar para o país e para o Estado que a educação está bem. Mas acha que só o Saresp não é suficiente, pois não são avaliados todos os alunos e não se tem os resultados individuais.</p>	<p>Uso do Saresp para mostrar que a educação está bem. Só o Saresp não é suficiente.</p>

	<p>não têm esse tipo de avaliação. Então é pra mostrar que a educação no Estrado de São Paulo ta bem. Mas eu acho que só o Saresp não é suficiente. Porque você não avalia todos os alunos. Você não tem o resultado do aluno individualmente.</p>			
SD1.41	<p>Eu acho que, por exemplo, o Saresp, deveria ser avaliado, por exemplo, eu vou avaliar a 5ª série esse ano, então o ano que vem, eu tenho que avaliar a 6ª, depois a 7ª e depois a 8ª. Então eu avaleiei esses alunos durante os quatro anos. E não acontece isso. Os alunos são avaliados a cada dois anos. Os mesmos alunos são avaliados a cada dois anos. E a gente faz avaliação desses alunos todos os dias, todos os meses, todos os anos. Aqui, internamente. Agora, pro Saresp não. Essa turma, por exemplo, que fez o Saresp no 6º ano, eles vão fazer a avaliação só no 8º ano. O 8º ano, esses alunos vão fazer a avaliação no 3º ano. Aqueles que chegarem até o 3º ano. Porque tem aquele que reprova o 1º colegial, que reprova o 2º colegial. Então ele vai ser avaliado daqui a</p>	<p><u>E</u>voluir: passar por processo gradual de evolução ou transformação; evolver, evolucionar; executar evoluções, movimentos, deslocamentos graduais e harmônicos.</p>	<p>A depoente acha que o Saresp deveria avaliar os mesmos alunos todos os anos, para que se pudesse acompanhar a maneira como eles estão evoluindo no desempenho, num intervalo menor do que o atual. Diz que na escola, internamente, os alunos são avaliados todos os dias, meses e anos.</p>	<p>Mudança no Saresp sugerida pela depoente.  Avaliação todos os anos dos mesmos alunos.</p>

	<p>quantos anos? Então pra saber se o aluno realmente <u>evolui</u> no que ele ta aprendendo, então o Saresp todo ano. Eu penso assim. Eu acho que não deveria ser avaliado a cada dois anos, todo ano. Pra ver a evolução do aluno. Se ele ta melhorando. Dois anos eu tenho esse resultado? Tenho, mas eu acho que fica um intervalo muito grande. Deveria ser um intervalo menor, pra você ver a evolução de um ano pro outro. Se tivesse que mudar, talvez mudar nesse sentido.</p>			
SD1.42	<p>Eles (os alunos) respondem um questionário sim, um questionário que eles levam pra casa. Questionário socioeconômico que eles respondem. Tem um questionário antes do Saresp. eles trazem antes da prova. Então tem um tempo, nós pegamos os questionários, entregamos pra eles, eles levam pra casa, respondem juntos com os pais, depois eles devolvem e a gente encaminha para a diretoria de ensino, esse questionário. Aí é outra cobrança né. Porque tem aquele que esquece, aquele que não respondeu, aquele</p>	<p><u>Socioeconômico</u>: que envolve condições, elementos, circunstâncias, fatores sociais e econômicos.</p>	<p>A depoente diz que os alunos respondem a um questionário socioeconômico que é entregue para eles, antes do Saresp, sendo respondido em casa junto com os pais e devolvido para a escola em um prazo estipulado. Conta que têm que cobrar os alunos, pois eles perdem, esquecem, não respondem. Depois que eles entregam na escola, os questionários respondidos são enviados para a Diretoria de Ensino.</p>	<p>Questionário socioeconômico para os alunos.</p>

	<p>que perde, a gente fica desesperado, porque não pode perder. Pelo amor de Deus, vira a casa de ponta cabeça, mas acha esse questionário. E nós temos prazo pra entregar, então nós costumamos fazer assim com os alunos. Se a diretoria fala pra gente, manda um comunicado, vocês têm que entregar o questionário dia 10. Aí nós avisamos os alunos, vocês têm que entregar o questionário no dia 5. Porque aí a gente tem uma margem maior para aqueles que vão chegando depois. Porque a gente sabe que eles não trazem mesmo.</p>			
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--

Fonte: dados organizados pela autora.

### Quadro 72 -Análise ideográfica do diretor 2.

Nº US	Unidades de Sentido	Enxerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US
SD2.1	<p>Você sabe que a gente fica pensando o que de fato a gente pensa mesmo a respeito, porque tem hora que parece que a gente não tem tempo nem de parar pra pensar e discutir realmente que benefícios o Saresp tem trazido pra rede. Não sei, de fato. O benefício talvez seja que você para um tempo</p>	<p><u>B</u>enefício: ato ou efeito de fazer o bem, de prestar um serviço a outrem; auxílio, favor; resultado de benfeitoria, melhoramento, ampliação, restauro etc.. <u>R</u>ede: rede de educação pública do Estado de São Paulo.</p>	<p>A depoente conta que pensa sobre os benefícios que o Saresp traz para rede de educação pública do Estado de São Paulo. Acha que talvez seja o fato de a escola parar um tempo para discutir os resultados com os professores.</p>	<p>Benefício do Saresp. Discutir os resultados com os professores.</p>

SD2.2	<p>ou pega os dados e discute com os professores os resultados da escola.</p> <p>Só que eu acho que como era antes era melhor, por quê? Porque hoje eles dizem que os resultados são para melhorar o ensino, como um todo, na escola, no Estado, mas não há como você <u>refletir</u>, e discutir em cima de dados muito <u>vagos</u> ou gerais do Saresp. Porque antes era assim, o Saresp vinha, era aplicada a prova e aí os <u>cadernos</u> ficavam na escola com as questões, os professores tinham acesso, daí fazia aquela correção, saía o <u>gabarito</u>, os professores pegavam os caderninhos dos alunos que fizeram a prova, estudavam as questões que eles mais erravam e mais acertavam e por ali realmente você já tinha um <u>diagnóstico</u>, meio, vamos dizer pode ser até a <u>grossa modo</u>, mas um diagnóstico real ali, imediato, então o professor da quinta, da sexta 1, por exemplo, pegava a prova de português, o outro a de</p>	<p><u>Refletir</u>: meditar, pensar demoradamente</p> <p><u>Vago</u>: que se apresenta sem traços ou características bem definidas, nítidas; ambíguo, incerto, impreciso; falta de clareza; imprecisão.</p> <p><u>Cadernos</u>: refere-se aos cadernos de questões da prova do Saresp.</p> <p><u>Gabarito</u>: tabela das respostas corretas às questões de uma prova, esp. do tipo de múltipla escolha.</p> <p><u>Diagnóstico</u>: ter o conhecimento da situação de algo quando examinada, avaliada.</p> <p><u>Grosso modo</u>: aproximadamente.</p> <p><u>Habilidades</u>: Funcionam como indicadores ou descritores das aprendizagens que se espera que os alunos tenham realizado no período avaliado<sup>202</sup>.</p> <p><u>Competências</u>: refere-se às competências cognitivas, que são o conjunto de ações e operações</p>	<p>A depoente acha que o Saresp era melhor quando os cadernos de questão ficavam na escola. Então, os professores tinham acesso às questões e aos gabaritos, podendo analisar quais eram as habilidades e competências em que os alunos apresentavam dificuldades, tendo assim um diagnóstico aproximado, porém imediato, da situação de aprendizagem dos alunos. Diz que como é feito atualmente, não tem como refletir e discutir os dados do Saresp por serem muito gerais.</p>	<p>Saresp era melhor quando os cadernos de questões ficavam na escola.</p> <p>Resultado aproximado, porém imediato.</p> <p>Atualmente, resultados muito gerais.</p>
-------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<sup>202</sup> Em SÃO PAULO. *Matrizes de referência para a avaliação Saresp: documento básico/Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini.* – São Paulo: SEE, 2009.

	<p>Matemática, de ciências, via as questões, seja a prova única ou agora que tem 10, 8, 20 e poucos tipos de prova e já analisava. Olha, esse conteúdo, essa <u>habilidade</u>, essa <u>competência</u>, eles não adquiriram, então precisa ser melhor trabalhado.</p>	<p>mentais que o sujeito utilize para estabelecer relações com e entre os objetos, situações, fenômenos e pessoas que deseja conhecer<sup>203</sup>.</p>		
SD2.3	<p>O que acontece hoje? Nós não ficamos com os caderninhos na escola, as questões só passam dali a não sei quantos meses, quando a coisa já <u>esfriou</u>, quando nós já estamos em um outro ano, que nós já estamos num outro <u>ritmo</u>, numa outra <u>dinâmica</u> na escola e parar tudo de novo pra analisar, é meio difícil. Então aí sai naquele site, que o professor precisa ficar horas... então eu acho assim, uma coisa, meio que, perde um pouco o <u>embalo</u>, dos professores em relação ao resultado do Saresp. E aí o que vira no <u>final das contas</u>? Não adianta vir um relatório que a Secretaria manda, <u>dessa grossura</u>, com as questões, tal, porque o professor não vai ter tempo, nós</p>	<p><u>Esfriar</u>: tornar (-se) fraco, frouxo; entibiar (-se).  <u>Ritmo</u>: sucessão de situações ou atividades que constituem um conjunto fluente e homogêneo no tempo, ainda que não se processem com regularidade.  <u>Dinâmica</u>: movimento interno responsável pelo estímulo e pela evolução de algo.  <u>Embalo</u>: movimento oscilatório de um corpo; balouço, balanço; movimento súbito; impulso, ímpeto.  <u>No final das contas</u>: em conclusão; afinal.  <u>Dessa grossura</u>: muito grosso, com muitas páginas.</p>	<p>A depoente diz que atualmente os cadernos de questões do Saresp não ficam na escola e quando chega o relatório final, depois de vários meses, com muitas páginas, o professor não tem tempo para analisar. Tal análise é feita no dia do Saresp, em torno da metade do ano seguinte. Dessa forma, a escola já está em outro ano, com outro ritmo, outra dinâmica, se preparando para outro Saresp, perdendo o embalo da prova do ano anterior.</p>	<p>Funcionamento do Saresp era melhor.  Crítica ao Saresp.  Época em que o relatório do Saresp chega.</p>

<sup>203</sup> Idem nota anterior.

	<p>não vamos mais ter tempo pra discutir aquilo ali, e vai ser discutido de novo, quando tem um dia dedicado a isso, não é questão por questão, depois de já passado, que nós já estamos no meio do ano, com outro Saresp em cima.</p>			
SD2.4	<p>Então aquilo que até funcionava melhor, para o professor até tomar pé da situação: olha, aplicamos a prova, essa classe tá com dificuldade nisso, nisso, nisso, até para o professor se situar já no trabalho dele, aquilo dá uma esfriada. E quando chega o resultado, apenas para fins de bônus, certo? Ahh atingiu a meta? Tá bom então. Não atingiu a meta? Ai que pena, não atingiu a meta. Mas vamos <u>pôr o pé no chão</u>, não tem maiores consequências, por mais que você tente. Por quê? Porque a dinâmica da escola, o ritmo da escola no novo ano já nos engole. Você não vai ter tempo de parar com o professor pra ficar analisando questão por questão, habilidade por habilidade.</p>	<p><u>Pé</u>: condição de um negócio, entendimento ou situação; ponto ou fase de um desenvolvimento. <u>Ter os pés no chão</u>: ter objetividade, ser realista; ter os pés fincados na terra.</p>	<p>A depoente acha que o Saresp funcionava melhor quando os cadernos de questões ficavam na escola, pois os professores podiam verificar a fase de desenvolvimento dos alunos. Atualmente, quando as questões chegam, já mudou a dinâmica e o ritmo da escola, não havendo tempo para analisar todas as questões e habilidades. Portanto, diz que, na realidade, o resultado do Saresp é usado apenas para premiar com o bônus ou não, dependendo de ter atingido ou não a meta de aumento do Idesp.</p>	<p>Funcionamento do Saresp era melhor. Crítica ao Saresp. Época em que chega o relatório. Objetivo do Saresp: pagamento de bônus.</p>
SD2.5	<p>Ah, tudo bem, Ciências alcançou isso, ai que bom, a 6ª série</p>	<p><u>HTPC</u>: Hora de trabalho pedagógico coletivo. Momentos</p>	<p>A depoente diz que existe pouco tempo para se discutir sobre o</p>	<p>Pouco tempo para discutir sobre o</p>

	<p>alcançou. A 8ª não alcançou, o 3º ano não alcançou, foi ruim. E o 3º que saiu, já saiu, certo? Agora, é pouco tempo pra se discutir isso, se perde, num dia de discussão do Saresp. E os HTPCs tem tanta coisa pra se discutir que aí demandaria assim <u>1</u> HTPCs, pra ficar discutindo isso. E o professor já não tem mais paciência pra isso. Ele não tem mais, ele quer ver o de hoje, vamos fazendo, aí tá, faz o levantamento do aluno que está abaixo da média, que está abaixo do que a gente esperava, para encaixar nos estudos de <u>recuperação</u>.</p>	<p>semanais (máximo de 3 horas por semana) em que os professores e coordenadores se reúnem.  <u>N</u>: um número indefinido, geralmente grande.  <u>Recuperação</u>: No texto, no sentido de aulas de recuperação paralela. É oferecida pela escola para alunos com dificuldades de aprendizagem, paralelamente ao ciclo no qual o aluno está matriculado.</p>	<p>Saresp do ano anterior, pois nos HTPCs tem que se discutir outros assuntos mais atuais, como por exemplo, fazer o levantamento dos alunos que serão encaminhados para a recuperação paralela. Assim, se perdem discussões, pois se tem basicamente só o dia do Saresp para isso.</p>	<p>Saresp.  HTPCs para assuntos atuais.</p>
SD2.6	<p>Mas (a recuperação) que também vamos por o pé no chão, não funciona a <u>conta</u>, porque é no período diverso que ele tem que vir. Alguns não vêm, os de 5ª, 6ª até vem, mas os de 7ª, 8ª, ensino médio não... Principalmente os de ensino médio, porque eles trabalham, eles fazem curso durante o dia, os que estudam a noite não podem vir a tarde, os da manhã... é assim, então fica um meio que <u>faz de conta</u></p>	<p><u>A conteúdo</u>: de modo satisfatório (para alguém).  <u>Faz de conta</u>: fingir, simular; fazer conta que.</p>	<p>A depoente diz que a recuperação paralela não funciona de maneira satisfatória, pois é feita em período diferente daquele no qual o aluno tem as aulas regularmente, assim os alunos de 7ª, 8ª e Ensino Médio não frequentam, já que fazem cursos ou trabalham. Assim, a recuperação acaba sendo simulada.</p>	<p>Recuperação não funciona de maneira satisfatória.</p>
SD2.7	<p>Não (<u>encaixamos</u> os alunos na</p>	<p><u>Encaixar</u>: inserir (-se) entre outras</p>	<p>A depoente diz que não agrupam</p>	<p>Não agrupam os</p>



	<p>recuperação pelos resultados do Saresp), não é apenas pelo resultado do Saresp. Porque a gente nem tem. Quando a gente tinha, lá, há alguns anos atrás, que a maneira de se aplicar e a <u>condução</u> dos resultados era diferente, a, como que eu poderia chamar, os estudos sobre a avaliação do Saresp pela SEE mudo ou foco, então você não sabe que o Joãozinho, foi, de 30 questões de língua portuguesa ele acertou 10, que hoje ele tá na 7<sup>a</sup> 1, por exemplo, e que poderia ser trabalhado melhor, porque o professor tinha ali o <u>retrato</u> daqueles alunos e o coordenador também. Hoje não mais, hoje vem um pacote pronto da escola, não, e vem um pacote pronto do Estado, e depois, alguma coisa, o resultado da escola, mas não é do aluno x, y, z, não, não é. Agora, você descobrir de novo quanto que aquele aluno, o que ele errou, o que ele acertou? Porque daí fica tudo num bolo só. As 6<sup>a</sup> séries prestaram as provas, as 8<sup>a</sup> e os 3<sup>o</sup> ano, tudo bem. Mas aí o resultado, não vem o resultado individual, certo? Que isso era bom</p>	<p>coisas ou pessoas; estar em consonância, ajustar (-se).  <u>Conduzir</u>: ir junto com ou dentro de (algo), de um lugar para outro, dando-lhe direção e/ou comando; guiar, dirigir; tomar conta, ser responsável por; dirigir, governar, administrar; chefiar, dando um rumo ou uma feição a.  <u>Retrato</u>: descrição mais ou menos exata de uma coisa qualquer; conjunto das características genéricas capazes de representar uma categoria de indivíduos ou coisas.  <u>Pacote</u>: refere-se aos pacotes onde vêm as provas do Saresp.</p>	<p>os alunos para a recuperação paralela pelos resultados do Saresp, já que a escola não recebe os resultados individuais dos alunos, nem as questões que foram aplicadas na prova. Acha que era melhor o funcionamento do Saresp há tempos atrás, quando se tinha, por meio dessa avaliação, uma descrição dos alunos da escola.</p>	<p>alunos para a recuperação paralela pelos resultados do Saresp  Crítica ao Saresp.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>pra escola. O professor não pega as questões que foram aplicadas logo em seguida.</p>			
SD2.8	<p>(Resultado) por aluno. Porque aí se ele (o professor) pegava aquela classe que fez o Saresp, 6ª 1 ou 8ª 1, sei lá, as classes que fazem o Saresp. Então ele vai pegar os caderninhos das provas e vai analisar as questões, quais habilidades e competências que aquelas questões estão querendo que o aluno saiba, o que o aluno vai saber naquilo ali, se ele acertou ou não acertou. Ele não tem parâmetro para avaliar. Porque é muito, tem que ser muito próximo, e isso eles tiraram da gente. Eles levam os cadernos embora, agora, você não tem acesso às questões, eles levam tudo. Não vem o resultado por classe, por aluno, é só da escola.</p>	<p><u>Parâmetro</u>: variável para a qual se fixa ou à qual se atribui um valor e por seu intermédio se definem outros valores ou funções num dado sistema ou caso (por exemplo, a definição de um evento pelos três parâmetros do espaço e o parâmetro do tempo); característica diferencial que é passível de mensuramento ou direta ou indiretamente; elemento de apreciação necessário para julgar determinados fatos cujas variações são acompanhadas de alterações correspondentes na série de fatos estudados e de que depende em particular a solução de um problema; fator, critério; conjunto de características, especificações.</p>	<p>A depoente diz que quando os cadernos de questões do Saresp ficavam na escola, os professores podiam analisar quais habilidades e competências que aquelas questões estavam avaliando, e verificar quais questões os alunos tinham acertado. Porém, atualmente, são levados todos os cadernos embora e os professores não têm um critério para avaliar, mesmo porque o resultado vem por classe e por série e não individualmente para cada aluno.</p>	<p>Funcionamento do Saresp era melhor. Crítica ao Saresp. Cadernos de questões deveriam ficar na escola.</p>
SD2.9	<p>É do Estado (o resultado), do Estado. Tem o da escola, que vem um pacotinho, uma pastinha a parte. Mas vem assim, 6ª série, aqueles, gráficos lá... os gráficos de barra e aqueles níveis de proficiência, escalas de proficiência. Mas vem das 6ª.</p>	<p><u>Níveis de proficiência</u>: Níveis segundo os quais os alunos são distribuídos de acordo com o resultado da prova: abaixo do básico, básico, adequado e avançado. <u>Escala de proficiência</u>: No caso do Saresp, a matriz de referência para</p>	<p>A depoente conta que vem em uma pasta a parte do relatório final com os níveis de proficiência da escola, por série. Porém, ela acha que seria melhor se o caderno de questões ficasse na escola para que o professor pudesse avaliar imediatamente, mesmo que sem a</p>	<p>Relatórios do Saresp. Crítica ao Saresp. Cadernos de questões deveriam ficar na escola.</p>

	<p>Agora, eu acho assim, essa de você já pegar o caderno, do professor já corrigir, já ver assim, daquele aluninho ali não foi bem, que aquela classe ali não foi bem, sabe, um resultado pode ser não na análise dos técnicos em avaliação, mas na análise do professor que tá ali na ponta e que viu, trabalhou com o aluno o ano todo, e agora ele pode avaliar imediatamente, a grosso modo, vamos dizer assim, o trabalho dele, o resultado que o aluno teve, e isso se perde, porque vai tudo embora. Aí quando chega lá no meio do ano, vem o relatório. Antes tem o resultado, que são as estatísticas, que vem a pastinha, níveis de proficiência, aquele atingiu a meta pro ano seguinte, que não atingiu a meta...</p>	<p>a avaliação foi elaborada a partir da Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Configuram-se as referências que possibilitam a posição (segundo níveis de desempenho) dos alunos que realizarem as provas. Os indicadores relativos a esta posição são obtidos por uma Escala de Proficiência, por intermédio da qual se define o quanto e o quê cada aluno ou escola realizaram no contexto desse exame. <u>Técnico</u>: aquele que é versado numa arte ou ciência; especialista, perito, experto.</p>	<p>análise dos especialistas em avaliação, os resultados de seus alunos.</p>	
SD2.10	<p>Só que a escola cada ano é um ano, a escola muda de <u>cara</u> todo ano, impressionante. É muito <u>dinâmico</u>! Entra aluno, sai aluno, sabe... Hoje, por exemplo, eu tenho uma escola que o que eu tenho de aluno de outras escolas que estão chegando aqui, é um índice considerável, porque muitos mudaram de bairro,</p>	<p><u>Cara</u>: configuração exterior (de alguém ou de algo); aparência, aspecto. <u>Dinâmico</u>: que se modifica continuamente, que evolui; que pressupõe movimento, mudança. <u>Vestibulinho</u>: Processo seletivo para ingresso em cursos técnicos, em nível de ensino médio.</p>	<p>A depoente diz que a escola se modifica continuamente, sendo que a cada ano alunos entram e saem da escola, por necessitar estudar em horários que a escola não oferece ou por passar em exame de seleção de escola técnica. Assim, quando chega o resultado do Saresp, ele não reflete</p>	<p>Escola se modifica a cada ano.  Resultado do Saresp não reflete a situação atual da escola.</p>

	<p>então também eles saem, muitos não tinham a vaga no horário que eles queriam, bons alunos, eles saem eles vão procurar escola que tenha vaga pra oferecer, muitos. Outros vão para uma escola técnica boa, porque passaram no vestibulinho. Então aqueles bons alunos de 8<sup>a</sup>, eles já não estão mais no 1º ano. Porque eles foram pra essa escola, eles foram pro período da manhã, porque eu não oferecia o 2º ano no período da manhã, só tinha o período da noite. Grande parte, sabe, então, você perde a cara da escola. Aí você tem que dar vagas para alunos de fora, pra você suprir aquelas vagas que ficaram ali em aberto. Então vem aluno de tudo que é lugar, de outras escolas da cidade, de outras cidades. A cara da escola já não é a mais a mesma. Então quando chega esse resultado do Saresp pra nós, e eu tenho certeza que isso, salvo se for uma escolinha muito pequena, as demais escolas, todas as escolas, não fazem a análise técnica, vamos chamar assim, que deveria ser feita, não faz. A gente estuda, olha, o índice</p>	<p><u>Refletir:</u> deixar ver ou transparecer; exprimir, revelar.</p>	<p>a atual configuração da escola. Dessa maneira, acaba-se por não fazer uma análise muito detalhada desses resultados.</p>	
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	foi esse, não atingimos a meta na 6ª, que tá na 7ª; não atingimos a meta da 8ª, que hoje está no 1º, mas que hoje o 1º já não <u>reflete</u> a cara daquelas 8ª, porque já mudou muito, entrou aluno, saiu aluno.				
SD2.11	Agora, aquilo que a gente poderia ter um <u>mapa</u> , dos alunos que fizeram e dos que ficaram, aluno por aluno, pra dizer olha, eles estão mais agrupados nessa classe agora, sabe, nessa... não dá nem pra você <u>pinçar</u> pra fazer uma recuperação, baseado no Saresp, não dá.. Porque você não sabe nome de aluno.	<u>Mapa</u> : representação de algo descrito e/ou figurado com a clareza de um mapa (cartográfico); <u>Pinçar</u> : pegar, retirar ou extrair (algo) dentre várias coisas.	A depoente diz que por meio dos resultados do Saresp não se consegue montar um quadro da situação dos alunos, para agrupá-los em determinadas classes ou encaminhá-los para estudos de recuperação paralela, pois não se tem o resultado individual.	Uso dos resultados do Saresp. Não se consegue usar para agrupar os alunos segundo as dificuldades.	
SD2.12	Agora, o que a gente monta as classes de recuperação, as turmas de recuperação? Baseado no resultado da escola, das provas, as avaliações feitas pelos nossos professores mesmo. Na avaliação interna, não na avaliação externa, que geralmente, a grosso modo, <u>bate</u> né?	<u>Bater</u> : estar em concordância; condizer, conferir.	A depoente diz que na escola são usados os resultados das avaliações realizadas pelos professores da escola, que de maneira aproximada confere com o resultado da avaliação externa, para formar as classes de recuperação paralela.	Classes de recuperação formadas de acordo com os resultados das avaliações internas.	
SD2.13	Agora, o Saresp, eu acho que eles tinham que rever essa questão. Não, porque eles deram mil explicações, lindas né, tecnicamente perfeitas, só que o resultado ali pra nós, que era aquilo, olha, terminou o Saresp,	<u>Modelo</u> : representante típico de uma categoria. <u>Absurdo</u> : aquilo que é contrário à sensatez e ao bom senso; coisa absurda, disparatada; absurdez, absurdeza, absurdidade; qualidade	A depoente pensa que deve ser repensado o fato de as provas não ficarem na escola após a aplicação do Saresp, não vendo sentido em não ficar na escola nem um modelo das provas que foram	Crítica ao Saresp. Provas deveriam ficar na escola. Relatório final com	

	<p>vou pegar. A gente não pode ficar nem com o modelo de prova, você acredita nisso? Eu acho um absurdo. Tem diretor que xeroca. Agora, tem uma classe com vinte e tantas provas, tipos de prova. Você acha que você vai ficar perdendo tempo de mandar xerocar prova? Eu não faço isso. Eu acho que não é por aí. Pra depois num relatório, num <u>calhamaço</u> desse tamanho (grande), pra você discutir num dia, mas não vai discutir. Você vai discutir os índices, atingiu ou não atingiu, mas já tá partindo pra outra, porque a escola já tem outra <u>dinâmica</u>. Então não está surtindo o devido efeito que deveria surtir.</p>	<p>ou condição de existência num mundo sem sentido e irracional. <u>Calhamaço</u>: livro ou caderno volumoso, muito grosso, com grande número de páginas. <u>Dinâmica</u>: movimento interno responsável pelo estímulo e pela evolução de algo.</p>	<p>aplicadas. Conta que alguns diretores de escola fazem cópias das provas, mas que ela não faz isso. Diz que no ano seguinte vem um relatório, com muitas folhas, para ser discutido em um único dia, o que é inviável, mesmo porque a escola já está em outro movimento. Portanto o Saresp não está tendo o efeito que deveria.</p>	<p>muitas folhas para ser discutido em um dia.</p>
SD2.14	<p>E vou dizer mais, não é garantia de melhoria da qualidade de ensino. Porque a melhoria da qualidade de ensino não passa por avaliações externas apenas. Ela passa por uma <u>infra estrutura</u> geral da escola, nos recursos didáticos, pedagógicos e na formação do professor e na capacidade do professor de dar sua aula e de ter uma boa aula. Agora, pra ter isso, nós temos que ter pessoal interessado em dar aula,</p>	<p><u>Infra-estrutura</u>: Conjunto dos trabalhos relativos a tudo o que compreende as fundações de um empreendimento; base.</p>	<p>A depoente diz que avaliação externa não é garantia de melhoria de qualidade de ensino. Acha que para essa melhoria, deve-se ter uma estrutura de base, recursos didáticos, pedagógicos e boa formação do professor. Além disso, diz que para isso, precisa-se de professores interessados em lecionar.</p>	<p>Avaliação externa não é garantia de melhoria de qualidade de ensino. Para melhorar a qualidade de ensino precisa de estrutura básica.</p>

	né? Porque de repente não temos mais professores.			
SD2.15	Sumiram os professores. Ninguém mais quer dar aula. Haja vista as licenciaturas aí estão perdendo aluno, vi n reportagens na <u>mídia</u> que estão dizendo, constatando tudo isso. Então se o Estado, se o Brasil, não atentar que o professor precisa ser realmente <u>valorizado</u> no seu trabalho e isso passa pelo <u>financeiro</u> , sem sombra de dúvida, não há material também, didático, pedagógico que dê conta.	<p><u>Mídia</u>: todo suporte de difusão da informação que constitui um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens; meios de comunicação social de massas não diretamente interpersonais</p> <p>Abrangem esses meios o rádio, o cinema, a televisão, a escrita impressa em livros, revistas, boletins, jornais, o computador, o videocassete, os satélites de comunicações e, de um modo geral, os meios eletrônicos e telemáticos de comunicação em que se incluem também as diversas telefonias.</p> <p><u>Valorizar</u>: dar valor, importância a (algo, alguém ou a si próprio) ou reconhecer-lhe o valor de que é dotado.</p> <p><u>Financeiro</u>: que envolve, da natureza das, pertencente às ou referente às finanças; financeiro. No texto se refere à questão salarial do profissional da educação.</p>	A depoente diz que não há mais pessoas interessadas em lecionar. Conta que os cursos de licenciatura estão perdendo alunos, e que isso já foi constatado pelos meios de comunicação. Pensa que o Estado deve valorizar o trabalho do professor, inclusive com bons salários, para reverter esse quadro.	Falta de professores. Valorização do professor.
SD2.16	Porque material está vindo de monte, na rede. Chega <u>livro didático</u> pra todos, até de inglês tem	<p><u>Livro didático</u>: livro de caráter pedagógico, usado para apoiar o professor e o aluno no ensino e</p>	A depoente diz que o Estado envia bastante material para os alunos e professores: livros didáticos,	Estado envia bastante material.

	<p>esse ano, que nunca teve. Chega livro didático, chegam as apostilas, os <u>caderninhos</u> do aluno, baseados no novo currículo, na proposta curricular do Estado, um pra cada aluno, muito material assim, didático pedagógico, tá chegando bússola, material pra física, multímetro, voltímetro, calculadora, um monte de coisa que tá chegando na rede. Agora chegou mais alguma coisa pra arte, pra química, <u>kits</u>, Primeiro, nós não temos laboratório, então onde montar esse material? Nós não temos espaço físico nem pra dar as aulas de recuperação. Não tem espaço físico nas escolas.</p>	<p>aprendizagem de determinados conteúdos. <u>Caderninhos</u>: se refere a cadernos entregues aos professores a partir de 2008, consonantes com a nova proposta curricular, implantada no mesmo ano. Os alunos também recebem o caderno a partir de 2009. Neles, são apresentadas situações de aprendizagem para orientar o trabalho do professor no ensino dos conteúdos disciplinares específicos. <u>Kit</u>: jogo de elementos que atendem juntos a um mesmo propósito ou utilidade.</p>	<p>cadernos baseados na nova proposta curricular, equipamentos para arte, física, química. Porém, conta que não há espaço físico, nem laboratórios na escola para usar esses materiais.</p>	<p>Não há espaço físico suficiente na escola.</p>
SD2.17	<p>Porque por exemplo, eu estou <u>lotada</u> com as classes regulares. Eu não tenho uma sala pra passar um vídeo, a biblioteca nem serve de biblioteca, de sala de leitura, porque não dá porque é repartida no meio. Pra por um data show lá, leva os alunos ficam todos amontoados. Eu não tenho uma sala de reunião pra professores. Eu não tenho laboratório de Ciências, nem um espaço pro professor por uma</p>	<p><u>Lotado</u>: cuja lotação está completa; cheio. <u>Bancada</u>: espécie de balcão de trabalho ou de apoio. <u>Experiência</u>: experimentação, experimento (método científico). <u>Refeitório</u>: lugar em que se fazem refeições em comum. <u>Merenda</u>: refeição servida às crianças nas escolas públicas. <u>A rodo</u>: em grande quantidade; à beça.</p>	<p>A depoente diz que a escola recebe bastante material, mas falta espaço físico e estrutura na escola para usá-los, pois as salas estão lotadas com as classes regulares. Conta que não tem sala de reuniões para os professores, sala de leitura, sala de vídeo, laboratório, bancada para realizar experiências. Assim, o fato de ter material não significa que ele pode ser usado, Além disso, diz que os professores devem ser</p>	<p>Escola recebe bastante material. Falta espaço físico e estrutura na escola.</p>



	<p>bancada, os materiais ali pra uma <u>experiência</u>, sabe, então a infra estrutura das escolas está péssima em relação ao que eles querem. Chega o material, mas não tem como usar, muitas vezes, o professor não tem espaço físico pra fazer isso, vai pro refeitório, dali a pouco já é hora da <u>merenda</u>. Você tá entendendo? Então não adianta você dar o material todo se não tiver as condições físicas da escola, o espaço pra poder ser usado. Isso é uma coisa. O professor preparado pra usar. Ah, falta material. Não falta nada. Cartolina, papel, claro que você dá uma segurada, porque senão o professor solta né, <u>a rodo</u> né. Então não é pra ficar desperdiçando papel, lápis, borracha, lápis de cor essas coisas. O material didático pedagógico que chega é pra ser usado de uma maneira consciente, com <u>parcimônia</u>, é um termo meio antigo, mas é isso né? Agora que tem, tem. Não falta material. O problema nosso é espaço físico, professor preparado pra trabalhar, por exemplo, no laboratório com as</p>	<p><u>Parcimônia</u>: ação ou hábito de fazer economia, de poupar; economia.  <u>No peito e na raça</u>: de qualquer maneira, a qualquer preço; energeticamente.</p>	<p>preparados para usar esses materiais.</p>	
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------	--

	<p>experiências. Então a gente vai fazendo tudo na <u>raça</u>, <u>no peito</u> e na <u>raça</u>.</p>			
SD2.18	<p>Agora, tem outro problema, que a gente vem recebendo alunos com sérias dificuldades de aprendizagem, com deficiências seriíssimas, que vem de 1ª a 4ª. E daí chega aqui na 5ª, você não tem mais como fazer <u>milagre</u>.</p>	<p><u>Milagre</u>: ato ou acontecimento fora do comum, inexplicável pelas leis naturais; acontecimento formidável, estupendo; evento que provoca surpresa e admiração; qualquer indicação da participação divina na vida humana.</p>	<p>A depoente traz à tona a questão de alunos que chegam à escola com sérias deficiências de aprendizagem, vindas do ciclo de ensino anterior, ou seja, do 1º ao 5º ano. Aponta que, em tais casos, a escola não consegue realizar algo fora das leis naturais, fora do comum.</p>	<p>Alunos com deficiência de aprendizagem, vindas do ciclo I.</p>
SD2.19	<p>E ultimamente o <u>índice</u> de alunos com problemas de deficiência cognitiva, deficiência intelectual, dificuldades sérias. Físicas pouco, sabe? Até que nós não temos assim tanta. Tem Às vezes assim criança que tem problema na perna, no braço. Mas eu acho que a deficiência física, se ela não for alguma coisa assim muito, muito séria, não é grande problema. O problema nosso, são os problemas psicológicos, que as crianças estão trazendo, e as deficiências <u>cognitivas</u> advindas eu acho, que de um pré-natal que não foi feito, de mães que acho que bebem muito, fumam, usam drogas, e essas</p>	<p><u>Índice</u>: enumeração de coisas, pessoas, dados; lista, rol, tabela; relação entre valores de qualquer medida ou gradação; padrão indicador, guia de capacidade, tamanho ou função; paradigma; o que fornece indícios de; sintoma, indicador, sinal <u>Cognitivo</u>: relativo ao conhecimento, à cognição. Em linguística: relativo ao processo mental de percepção, memória, juízo e/ou raciocínio. Em psicologia: diz-se de estados e processos relativos à identificação de um saber dedutível e à resolução de tarefas e problemas determinados.</p>	<p>A diretora SD2 afirma que nos últimos anos tem aumentado o número de alunos com deficiências cognitivas, intelectuais e físicas, ou seja, alunos com necessidades educacionais especiais. Relata que quando a deficiência física não é algo muito grave, não trazendo grandes problemas. Porém, conta que enfrentam grandes problemas com crianças que apresentam deficiências cognitivas, muitas vezes diagnosticadas como autistas, mas que ela acha que tais deficiências podem ser ocasionadas por pré-natais não feitos adequadamente, por uso de drogas pela mãe na gravidez, por</p>	<p>Alunos com deficiência cognitiva. Alunos com deficiência mental. Alunos com deficiência física. Falta de pré-natal, drogas na gravidez podem ocasionar diversos problemas.</p>

	<p>crianças estão chegando pra nós agora. Eles chamam de <u>autismo</u>, não é autismo, sabe, são crianças que trazem problemas, eu acho que consequências, de um pré-natal não feito adequadamente, de um não cuidado na infância desde recém nascido, crianças com problemas de surdez que não são detectados, que às vezes nem a gente detecta, problemas de visão, problemas psicológicos de violência seriíssimos, de descuido, não trato, de não cuidar em casa. E onde cai? Aqui.</p>	<p><u>Autismo</u>: polarização privilegiada do mundo dos pensamentos, das representações e sentimentos pessoais, com perda, em maior ou menor grau, da relação com os dados e exigências do mundo circundante. Um tipo de alteração mental, fora da normalidade.</p>	<p>falta de cuidados na infância. Relata que há casos em que a escola detecta problemas auditivos, de visão, não detectados em casa, além de problemas psicológicos, de violência, de falta de cuidado; problemas esses que recaem sobre a escola.</p>	
SD2.20	<p>Porque hoje, o que acontece? A mãe deixa a criança, e vai trabalhar, às vezes não tem o pai, a família tem que sobreviver, então eles ficam “ao Deus - dará”, na rua, nas calçadas por aí e outros problemas maiores que daí vai acarretando. Aí você chama a família, você detecta que ele tem problema disso, que nem nós recebemos alguns alunos de 5ª, que os <u>relatórios</u> lá desde a 4ª série, das professoras, a gente fica muito preocupada, porque elas já chamaram a mãe n vezes, pra fazer o teste na <u>Apae</u>, ela não levou, pra</p>	<p><u>Deus – dará</u>: acaso, <u>ventura</u>. <u>Ventura</u>: sorte (boa ou má); fortuna, destino, acaso. <u>Relatórios</u>: conclusões às quais chegaram os membros de uma comissão (ou uma pessoa) encarregada de efetuar uma pesquisa, ou de estudar um problema particular ou um projeto qualquer; exposição pela qual uma pessoa apresenta o essencial de sua própria atividade ou de um grupo ao qual pertence. <u>Apae</u>: Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. Prestar</p>	<p>A depoente afirma que atualmente as crianças são abandonadas ao acaso pelos pais, que trabalham o dia todo para sobreviver, o que acarreta outros problemas maiores. Relata que muitas vezes quando a escola chama a família, pois detectou que há algum problema com o aluno, muitas vezes já apontado em relatórios de professores do ciclo I, a família não toma as providências indicadas, como encaminhar para fazer testes na Apae ou ter atendimento no Criare.</p>	<p>Crianças não cuidadas pelos pais. Pais trabalham o dia todo. Escola não consegue resolver os problemas dos alunos. Criare não funciona. Alunos desnutridos, falta de cuidado.</p>

	<p>ir pro <u>Criare</u>, ela não levou, falta demais na escola, chama a mãe, ela não toma providência. A criança tem visivelmente deficiência cognitiva, ela não consegue aprender, ela não <u>retém</u>, sabe? E a mãe já não é.... aí vamos supor que a mãe venha e atenda o pedido da escola. Daí o que acontece? Nós não temos pra onde encaminhar, certo? O <u>Criare</u>... Centro de Referência da Infância e da Juventude, que tem psicólogos, que tem <u>fono</u>, que tem médico, hebiatra que é da adolescência, mas cá entre nós, não resolve o nosso problema. Porque vai lá e marca pra daqui a 6 meses, ou daqui a 4 meses. Você acha que a mãe vai levar? E você sabe que acompanhamento psicológico é um negócio constante, tem que estar ali o tempo todo, ele, ela, a criança e a família. Ela vai hoje, aí tem que voltar, ela tem que trabalhar, ou ele tem que ir sozinho de ônibus, ele não quer ir, porque aquilo ali também não muda, <u>não vira</u>, como diz o povo,</p>	<p>serviços de educação, saúde e assistência social a pessoas com deficiência intelectual e múltipla.<sup>204</sup>  <u>Criare</u>: Centro de Referência da Infância e da Adolescência.  <u>Reter</u>: No texto, no sentido de reter o conhecimento.  <u>Fono</u>: Fonoaudiólogo.  <u>Especialidade médica</u> que compreende o estudo da fonação e da audição, de seus distúrbios e das suas formas de tratamento.  <u>Não virar</u>: <u>Gíria</u>: não funcionar, não acontecer.  <u>Batata quente</u>: questão problemática; dificuldade, complicação.  <u>Empurrar com a barriga</u>: não tomar as providências necessárias; adiar soluções.  <u>Raquítico</u>: que sofre de raquitismo; que não se desenvolveu ou cresceu devidamente.  <u>Raquitismo</u>: doença da infância e adolescência devida à carência de vitamina D, que se caracteriza por uma mineralização insuficiente dos</p>	<p>Afirma que o <u>Criare</u> é o Centro de Referência da Infância e da Juventude, onde tem psicólogo, fonoaudiólogo, médico, hebiatra. Porém, afirma que não resolve os problemas da escola, pois o atendimento demora de quatro a seis meses para ser efetivado, e depois precisa de um acompanhamento constante, que acaba não acontecendo, pois a criança teria que ir sozinha, já que os pais não têm disponibilidade de levar, além de não verem resultados naquele tratamento.</p> <p>Relata que quando precisa de atendimentos de fonoaudiólogos, assistentes sociais, tratamentos gratuitos não encontram, e a escola fica com a complicação para resolver.</p> <p>Afirma que essa é a realidade da escola, com diversas variáveis interferindo, em que percebe-se que o aluno possui problemas de</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<sup>204</sup> Informações no site: <http://www.apaebrasil.org.br/>. Acesso em: 27 set. 2012.

	<p>não vira né? Não vê resultados. Aí precisa de uma fono, aonde que nós vamos mandar pra fono de graça? Não tem. Precisa de uma assistente social, não tem. Nós ficamos com a <u>batata quente</u> na mão. Nós vamos literalmente fazendo o que a escola pode fazer e o resto <u>empurra-se com a barriga</u>. É esta a nossa realidade em termos de saúde mental, vamos dizer assim, porque nós não temos pra onde mandar os alunos. . Você vê, tem aluno que você vê na cara que ele é <u>raquítico</u>, que ele tem sérios problemas de saúde, por desnutrição, aquele cabelo seco, amarelo, não que nem o meu assim tingido (risos). Sabe, quando você percebe que ele tem carências de vitaminas, que ele não é cuidado. Adianta chamar a mãe? Quando chama a mãe, você vê que... Já viajei um pouco aí... são todas as variáveis que interferem no nosso trabalho, certo?</p>	<p>ossos.</p>	<p>saúde, como raquitismo, desnutrição, carência de vitaminas, falta de cuidados e não se tem para onde encaminhar o aluno para tratamento e a família não cuida.</p>	
SD2.21	<p>Então agora essa questão de receber os alunos que está acontecendo mais agora por conta da tal da <u>inclusão</u>. Porque ele teria que frequentar um período regular e</p>	<p><u>Inclusão</u>: Refere-se à lei que garante um sistema educacional público inclusivo. Atualmente é o Decreto nº 7.611, de 17 de Novembro de 2011.</p>	<p>A depoente afirma que aumentou a quantidade de alunos com necessidades educacionais especiais na escola depois do decreto que garante um sistema</p>	<p>Sala de recursos não existente na escola A. Aumento de crianças com necessidades</p>

	<p>outro período de sala de recurso. Então, lá de 1ª a 4ª tem uma sala de recurso, chega aqui não tem. Nós não temos nem espaço pra por. Não dá pra montar sala se não tem nem espaço. <u>Desvestir um santo pra vestir outro.</u> Então essas crianças estão carregando falhas na aprendizagem, sérias dificuldades que eles vão continuar, e que não vão ser sanadas tão cedo.</p>	<p><u>Sala de recurso:</u> Local na escola com recursos específicos para atender crianças com necessidades educacionais especiais. <u>Desvestir um santo pra vestir outro:</u> favorecer alguém ou algo em detrimento de outrem ou de si próprio.</p>	<p>educacional público inclusivo. Porém, questiona que a escola deveria ter uma sala com recursos específicos para atender essas crianças, assim como tem no Ciclo I, mas relata que na escola A não existe espaço para isso. Portanto, essas crianças vão carregando dificuldades ao longo do tempo, que não serão sanadas tão cedo.</p>	<p>educacionais especiais após lei da inclusão.</p>
SD2.22	<p>Agora aqueles que são ditos ainda um pouco mais normais, que precisariam de um reforço um pouco mais de perto, muitos não vêm em período contrário porque moram longe, porque tem que cuidar do irmãozinho, porque a mãe não quer mandar porque cuida da casa a tarde, ou de manhã, ou vice-versa. Ou outros que são do Ensino Médio que não vem, porque trabalha porque faz curso, ou porque não tem interesse. É oferecido, mas eles não aproveitam. Salvo raras exceções.</p>	<p><u>Normal:</u> conforme a norma, a regra; regular; que é usual, comum; natural; sem necessidades educacionais especiais. <u>Reforço:</u> contribuição para a realização de uma tarefa; auxílio. No caso de reforço escolar, é o acompanhamento de um professor.</p>	<p>A diretora SD2 relata que há alunos que não possuem necessidades educacionais especiais, mas precisam de um reforço para auxiliar na aprendizagem. Afirma que esse reforço é oferecido, mas não funciona, pois é realizado em período oposto ao das aulas regulares e a maioria dos alunos não comparece por diversos motivos: moram longe, cuidam da casa, trabalham, fazem cursos, não têm interesse.</p>	<p>Recuperação paralela não funciona.</p>
SD2.23	<p>Porque (não têm interesse) eu não sei, sabe? Eu acho que o aluno que tem um pouco mais de <u>visão</u>, vamos dizer assim, ou que a</p>	<p><u>Visão:</u> concepção ou representação, em espírito, de situações, questões etc.; interpretação, ponto de vista.</p>	<p>A depoente acha que os alunos não têm interesse em participar da recuperação paralela, pois serão aprovados para a próxima série de</p>	<p>Alunos não se interessam pela recuperação paralela, pois serão aprovados.</p>

	<p>família, <u>visão de mundo</u>, de um espaço maior, que eu preciso estudar e aprender pra poder fazer uma <u>faculdade</u> ou um outro curso, pra eu me preparar. Porque eles acham assim, tanto faz, a gente vem, <u>passa</u> do mesmo jeito, tanto faz vir na recuperação como não vir, a gente vai acabar passando do mesmo jeito. Essa é a fala. Então o interesse pelo estudo, pela aprendizagem em si, são pouquíssimos que nós temos.</p>	<p><u>Visão de mundo</u>: maneira subjetiva de ver e entender o mundo, especialmente as relações humanas e os papéis das pessoas e o seu próprio na sociedade, e também as respostas a questões filosóficas básicas, como a finalidade da existência humana, a existência de vida (e castigo ou recompensa) após a morte etc. <u>Faculdade</u>: o conjunto das matérias que compõem cada uma das áreas do ensino superior. No texto, o aluno se refere a um curso de nível superior. <u>Passar</u>: Ser aprovado para a próxima série.</p>	<p>qualquer maneira. Dessa forma, apenas os alunos com um ponto de vista mais amplo, que se interessam pela aprendizagem, que gostariam de fazer um curso superior é que se dedicam aos estudos.</p>	
SD2.24	<p>Então é tudo meio na raça, é suprir, por exemplo, 5ª ou 6ª a dificuldade de alfabetização, alunos que vem sem saber <u>codificar</u> e <u>decodificar</u>, basicamente <u>alfabéticos</u>, sabe, ali naquela parte, trocando letra, você não sabe o que ele escreve, chega aqui na 5ª ou no 6º ano pra nós. Eu tô recebendo 6 quintas, o ano passado foram 7 quintas. Então é um trabalho <u>fantástico</u> que o professor tem que fazer pra suprir tudo aquilo que ele já traz de</p>	<p><u>Codificar</u>: formular um enunciado linguístico de acordo com as regras de uma língua, considerada como código. <u>Decodificar</u>: interpretar o significado de palavra ou sentença de uma dada língua natural, considerada como código. <u>Alfabético</u>: não é alfabetizado. <u>Fantástico</u>: que é fora do comum; extraordinário, prodigioso. <u>Píffio</u>: de pouco valor; ordinário, reles</p>	<p>A depoente afirma que a escola tem que suprir defasagens dos alunos quem vêm do Ciclo I e basicamente não são alfabetizados, não conseguem formular um enunciado nem interpretar o significado de palavras ou sentenças. Relata que esse é um trabalho extraordinário que o professor tem que fazer para suprir a defasagem e tentar ministrar o conteúdo correspondente àquela faixa etária e série. Conclui que o</p>	<p>Professor deve suprir defasagens de alunos que vêm do Ciclo I. Saresp avalia de acordo com a série, por isso resultados baixos. Séries com alunos com defasagem.</p>

	<p>defasagem e aí tentar entrar na matéria, no conteúdo, naquilo que é condizente com a faixa etária, com a idade deles. Aí chega um Saresp e que avalia sexta série, de sexta mesmo. Então nós temos às vezes uns resultados <u>pífios</u> aí, né?</p>		<p>Saresp avalia a série de acordo com o conteúdo que deveria ser ministrado, o que explicaria os baixos resultados da escola.</p>	
SD2.25	<p>Então é uma bola assim, uma coisa depende da outra pra caminhar. E olha que aqui ainda a gente tira <u>leite de pedra</u>, por ser uma escola periférica, grande, e não sei, não quero falar, mas eu sei que tem escolas aí que os resultados do Saresp são melhores, mas a <u>clientela</u> que eles recebem, os alunos que eles estão recebendo tem um melhor preparo de 1ª a 4ª. Agora, os nossos, salvo exceções, porque tem também, tem ótimos alunos. Mas, a grosso modo, se eu recebo 6 quintas, eu tiro uma boa. Muito boa. Uma boa, uma média. O resto, são <u>sofríveis</u>. Então veja bem o trabalho que a gente tem pra fazer com que esses alunos avancem.</p>	<p><u>Tirar leite de pedra</u>: conseguir algo tido como impossível; buscar onde não existe. <u>Clientela</u>: o conjunto ou a totalidade de clientes de um estabelecimento comercial, de um banco, de um advogado, médico, dentista etc.. No texto, conjunto de pessoas que frequentam habitualmente um determinado lugar. <u>Sufrível</u>: que se pode sofrer; suportável, tolerável; o que não é bom, mas também não é inteiramente mau; passável, tolerável. No texto, no sentido de sofrimento.</p>	<p>A depoente relata que, pelo fato dos alunos que a escola recebe, em sua maioria, não terem os pré-requisitos necessários, a escola deve realizar um trabalho praticamente impossível, além de ser uma escola grande e de periferia. Relata que há escolas que têm melhores resultados no Saresp, mas são escolas que recebem alunos mais bem preparados no Ciclo I.</p>	<p>Recebe a maioria dos alunos com defasagens no Ciclo I.</p>
SD2.26	<p>Olha, em princípio (separamos as classes) por idade. Mas quase todos têm a mesma idade. Mas pra gente</p>	<p><u>Heterogêneo</u>: que possui natureza desigual e/ou apresenta diferença de estrutura, função, distribuição</p>	<p>A depoente afirma que em primeiro lugar separa os alunos da escola, de uma mesma série, por</p>	<p>Separação de alunos por nível de conhecimento.</p>



	<p>tentar não deixar, porque a gente pensa, <u>heterogeneidade</u> é básico, porque o aluno mais <u>fraco</u> estando ali com o mais <u>forte</u>, ele avança, blá, blá, blá, então tudo bem. Só que às vezes, no dia a dia não bem assim. Aqueles bons que estão ali acabam ficando prejudicados porque o professor quer avançar e ele não consegue. Então a gente tentou, não fazer homogêneo, porque isso não existe, mas assim, aproximar mais ou menos, pelo nível de aprendizado em que ele se encontra. Até pra facilitar um pouco trabalho do professor em sala de aula, pra ver se ele consegue trabalhar de maneira mais coesa, mais pedagogicamente falando, pra conseguir ir alavancando. Mas a heterogeneidade vai haver. Por mais que eu consiga aproximar, sempre vai ter as diferenças ali né?</p>	<p>etc. (diz-se de qualquer coisa em comparação com outra). <u>Fraco</u>: pouco exímio em determinada atividade; que deixa a desejar; insuficiente, inferior; incompetente. <u>Forte</u>: que tem bons conhecimentos em determinado campo do saber ou da vida prática; versado, entendido.</p>	<p>idade. Porém, como a maioria tem a mesma idade, a escola tentou aproximar os alunos pelo nível de aprendizado. Acredita que essa separação, apesar de não ser homogênea, facilita o trabalho do professor em sala de aula e evita que os alunos que têm bons conhecimentos fiquem prejudicados pelo fato de o professor não poder avançar devido aos alunos com desempenho insuficiente.</p>	
SD2.27	<p>E esse ano nós temos algumas salas que são alunos que não sabem ler, que não sabem escrever. Como é que eu vou por numa sala com os que já estão avançando? Pedagogicamente, ótimo, lindo e</p>	<p><u>No frigar dos ovos</u>: no final das contas, para rematar. Na prática.</p>	<p>A depoente afirma que apesar de pedagogicamente a heterogeneidade ser importante, pois os alunos que possuem bom desempenho ajudam os que não possuem, na prática não é assim</p>	Classes heterogêneas.

	<p>maravilhoso. Tudo bem. Só que <u>no</u> <u>frigor</u> dos ovos mesmo, no chão ali da sala, não é assim que funciona. E eu não posso permitir também que o bom aluno fique prejudicado por aqueles coitadinhos lá que não sabem ler, não sabem escrever e tudo mais. Porque se ainda estiver numa sala mais ou menos com o mesmo nível dos colegas, o professor ainda pode trabalhar pra ir melhorando como um todo. Agora se ele ficar sozinho lá com 20 que vão, e tem 10 que não vão, o que você acha que vai acontecer? O professor vai trabalhar com os que vão, com 35, 37 alunos na sala, é bastante.</p>		<p>que funciona. Na escola A há salas inteiras de alunos que não sabem ler nem escrever, portanto se o professor se deparasse com uma sala de aula na qual tivesse 10 alunos nessa situação e outros 27 que acompanham, ele acabaria trabalhando com os 27 e não conseguiria trabalhar com os 10 com dificuldades. Assim, acha importante que os alunos de uma mesma classe possuam níveis de desempenho aproximados, para que os professores consigam trabalhar para ir melhorando como um todo.</p>	
SD2.28	<p>Agora, voltando à questão do Saresp, eu acho, é bom que se tenha? É bom que se tenha, porque é uma avaliação externa e tudo o mais. Só que eu acho que a gente tinha que ter um <u>feedback</u> mais próximo, mais rápido, e com... ou pelo menos que eles deixassem as provas nas escolas pro professor ver, corrigir e já ver que aquele</p>	<p><u>Feedback</u>: reação a um estímulo; efeito retroativo; informação que o emissor obtém da reação do receptor à sua mensagem, e que serve para avaliar os resultados da transmissão; retroalimentação, realimentação. <u>Habilidades</u>: Funcionam como indicadores ou descritores das aprendizagens que se espera que os</p>	<p>A depoente acredita ser boa a existência do Saresp, por ser uma avaliação externa, porém gostaria de um retorno dos resultados mais próximo e mais rápido à avaliação efetuada. Gostaria também que as provas fossem deixadas na escola, para que o professor pudesse corrigir e observar os alunos que não foram bem. Ela afirma que</p>	<p>Saresp deveria ter feedback mais rápido e próximo. Provas deveriam ficar na escola.</p>

	<p>aluninho dele não foi bem, e que no ano seguinte, eu sei, a coordenadora sabe, que ele foi pra sala tal, o outro foi pra sala tal e eu tento até agrupar as dificuldades pra eu poder trabalhar a questão de habilidade e competência, e tudo aquilo que você ouve por aí.</p>	<p>alunos tenham realizado no período avaliado<sup>205</sup>. <u>Competências:</u> refere-se às competências cognitivas, que são o conjunto de ações e operações mentais que o sujeito utilize para estabelecer relações com e entre os objetos, situações, fenômenos e pessoas que deseja conhecer<sup>206</sup>.</p>	<p>tenta agrupar os alunos pelas habilidades e competências nas salas de aula.</p>	
SD2.29	<p>Eles passam, sempre passaram (orientação sobre o Saresp). Agora, por exemplo, eu estou na rede há 35 anos. E Saresp eu já peguei desde o primeiro. Só que eu acho que eles já tinham quer fazer uma avaliação e dar uma reformulada nisso aí. Porque eles não perguntam para as bases, eles fazem... Agora com esse novo secretário é que parece que as coisas estão começando a mudar e a gente fica até esperançosa de poder ter um pouco de... um canal pra você poder falar...Agora, orientação do Saresp a gente tem sempre.</p>	<p><u>Rede:</u> rede estadual de ensino do Estado de São Paulo. <u>Base:</u> tudo que serve de sustentáculo ou de apoio; a parte inferior de alguma coisa, considerada como seu suporte; aquilo sobre o qual alguma coisa repousa ou se apóia. No texto, os trabalhadores das unidades escolares, que sustentam o sistema escolar. <u>Novo secretário:</u> Herman Jacobus Cornelis Voorwald, Secretário da Educação que ingressou em dezembro de 2010.</p>	<p>SD2.29a: A depoente afirma estar na rede estadual há 35 anos, tendo participado do Saresp desde o primeiro, e que sempre foi dada uma orientação sobre a avaliação.  SD2.29b: Relata que já está na hora de fazer uma avaliação e reformular o Saresp, pois não se ouve a base de trabalhadores da escola. Espera que com o novo Secretário da Educação, Herman Voorwald, possam ocorrer mudanças, principalmente por agora existir um canal de comunicação.</p>	<p>Tempo que trabalha na rede.  Orientações sobre o Saresp.  Meta avaliação do Saresp.  Esperança no novo Secretário da Educação.</p>

<sup>205</sup> Em São Paulo (2009a). *Matrizes de referência para a avaliação Saresp: documento básico/Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini.* – São Paulo: SEE, 2009.

<sup>206</sup> Idem nota de rodapé anterior.

SD2.30	<p>Agora esse lado, quando vem aquele calhamaço, daquele relatório, o coordenador faz, dentro do possível. Reúne no HTPC, passa pros professores, dá o caderninho que vem, faz uns slides, algumas coisas, discute, mas a dinâmica da escola não permite que se analise como os técnicos querem que seja feito ou que eles pensam que a gente faz aqui, porque não acontece. E vou dizer bem, nós fazemos sim, de uma maneira séria, os resultados, mas pelos índices. Não dá pra você ficar analisando coisinhas. Coisa que a gente não tem tempo pra isso. Então você analisa de uma maneira mais global, mais geral, mais ampla assim, em linhas gerais. Aí se perde, porque eu não sei se o Joãozinho... Eu sei que a escola não teve um bom índice em Matemática, por exemplo, tudo bem. Agora, o professor, se ele soubesse quais são as questões, o conteúdo que caiu, o tipo da questão, embora ainda nós tenhamos professores que eles já vão buscar no site, todas as</p>	<p><u>Relatório</u>: Relatório Pedagógico.  <u>Slides</u>: apresentação.  <u>Índices</u>: refere-se aos resumos dos resultados do Saresp e ao Idesp.</p>	<p>A diretora SD2 relata que quando chega o Relatório Pedagógico, que é um material volumoso, os coordenadores reúnem os professores nos HTPCs, apresentam o material disponibilizado, preparam apresentações, porém afirma que a dinâmica da escola não permite que a análise seja feita como os técnicos recomendam. Conta que a análise que é feita na escola é geral, por dados da escola, sem maiores detalhes, já que não há tempo hábil para isso, apenas HTPCs (onde nem sempre se reúnem todos os professores) e o dia do Saresp, que é um dia apenas. Acredita que seria importante o professor ter acesso às questões que caíram na prova, apesar de que há professores que buscam mais informações no site, mas acha isso uma questão que apenas alguns professores fazem. Acredita que no Estado todo funcione dessa maneira, a análise feita de maneira geral, sem muitos detalhes.</p>	<p>Análise dos resultados do Saresp.  Pouco tempo hábil para a análise dos dados do Saresp.</p>
--------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>questões que interessam, eles vão retomando, mas isso é uma coisa do professor né? Não é uma coisa que todos fazem. E eu acho que no Estado inteiro funciona da mesma maneira. Eu ainda, pode ser, que tenha escola que faça essa análise muito criteriosa dos resultados do Saresp da sua própria escola, da sua escola, mas eu acho que em linhas gerais é feito, não é detalhado. Você não tem tempo pra isso. HTPC tem professor que faz duas, tem professor que faz três, tem professor que divide, vai um aqui e um em outra escola. Então pra você amarrar tudo, não é fácil não. Tem um dia destinado à discussão do Saresp. A gente faz, nesse dia é feito, mas basta? Não basta.</p>			
SD2.31	<p>Em julho (o dia do Saresp). Passou meio ano, certo. Agora o que sai logo agora? Sai o <u>índice</u>. A escola atingiu a meta, a escola não atingiu a meta... era de 27%, 37%, sei lá quanto, mas ficou aquém, ou atingiu em Português, e não atingiu em Matemática, certo. As oitavas atingiram, as 6ª não, o ensino médio não atingiu, então é assim</p>	<p><u>Índice</u>: Refere-se ao Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo, o Idesp.</p>	<p>A depoente relata que o dia do Saresp aconteceu em julho. Afirma que o resultado do Saresp vem em termos de porcentagem de metas atingidas do Idesp, em relação às disciplinas avaliadas.</p>	<p>Dia do Saresp aconteceu em julho. Como vem os resultados do Saresp.</p>

SD2.32	<p>que vem.</p> <p>Eu queria pegar pra você o plano onde eu tenho, mas não tá aqui comigo, deixa eu ver. É o <u>plano de trabalho</u> onde a gente anexa os resultados do Saresp pra discutir. Pra colocar como... Aqui, então é assim que vem, o <u>pacotinho</u> que vem pra nós, que sai logo. É aquele que tem no site. Então por exemplo, programa de qualidade, então tem lá abaixo básico, básico, adequado e avançado, só que, por exemplo, os da 6ª série que foram pra sétima, muitos já saíram e muitos já entraram, então as metas que a gente programa, tudo bem. Agora, mediante o que, mediante as habilidades que aqueles alunos tem que ter, as competências, etc, isso é feito também. Isso aqui tudo são números, índices. Aí vem esse aqui, que é o boletim da escola, os participantes do Saresp, a média, do Estado, da Diretoria... médias do ano anterior, de 2009, que são os índices de proficiência lá né. Aí tem prova Brasil tem aqui também, o Saeb. Eu acho que esse aqui vem antes até. Olha aqui os níveis de</p>	<p>Plano de Trabalho: Material que a escola elabora com o planejamento do trabalho anual.</p> <p><u>Pacotinho</u>: Refere-se ao Boletim da Escola, com os resultados da escola no Saresp.</p>	<p>A depoente relata que a escola elabora um plano de trabalho anual onde anexa os resultados do Saresp, apresentados no Boletim da escola. Nesse Boletim, é apresentada a distribuição percentual dos alunos nos níveis de proficiência nas disciplinas e séries avaliadas no Saresp; também são apresentadas as proficiências médias do Estado no Saeb e Prova Brasil. Afirma que a escola planeja mediante as habilidades e competências que o aluno deve ter, o alcance das metas propostas. Porém, afirma que há rotatividade de alunos, então no ano em que é feito o planejamento, houve mudanças nos alunos avaliados daquela série, ou seja, alguns saíram e outros entraram.</p>	<p>Planejamento anual da escola com os resultados do Boletim da Escola.</p> <p>Rotatividade de alunos.</p>
--------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>proficiência, insuficiente, suficiente, tem aqueles mapinhas... por escola...geografia, história que foi avaliado o ano passado, a redação, aqui, dessa escola a, olha, então a Prova Brasil e Saeb. Então mediante esses índices aqui é que a gente discute nos HTPCs, mesmo nesse dia dedicado só ao Saresp.</p>			
SD2.33	<p>Agora, o que eu acho que tinha que ser mais de perto é assim, deixar a prova, não, porque (dizem) não é no nível da escola, é no geral, não é no individual, eu concordo. Só que o professor, ele quer ver, logo em seguida, o seu aluninho. O que eles vão fazer, o que você vai fazer com o <u>caderninho</u>, fala pra mim? Qual o problema de deixar o caderninho na escola. Eu não vejo, sempre foi assim. O professor vai olhar, vai corrigir, vai saber que aquela classe ali foi bem, que aquele aluno ali foi bem... E tem alunos que a gente até se surpreendia, porque eles eram tão mal avaliados pelos professores e no dia do Saresp eles iam muito bem. Como é que foram? Então é uma criança que precisa de um outro olhar sobre ela, concorda?</p>	<p><u>Caderninho</u>: Refere-se ao caderno que contém as questões de prova para os alunos responderem.</p>	<p>A diretora SD2 acredita que o Saresp deveria ser mais próximo do professor. Entende que o Saresp avalia no nível geral e não no individual, mas que os professores querem saber como seus alunos se desempenharam na prova. Questiona o que vai ser feito com os cadernos de prova e o porquê de não deixá-los na escola para que o professor possa ver, corrigir e assim conhecer os resultados do seu aluno e da sua classe. Relata que há alunos que são mal avaliados pelos professores, mas que dizem ir bem no Saresp, surpreendendo a equipe escolar, e ter os resultados dele seria importante para dar um outro olhar sobre esse aluno.</p>	<p>Acesso às provas do Saresp.</p> <p>Alunos que são mal avaliados pelo professor afirmam ir bem no Saresp.</p>

SD2.34	<p>Como não tem mais... São <u>comprometidos</u>, os nossos são. Eles, é sério. Eles prepararam os alunos, os alunos são <u>conscientizados</u>, tanto que nosso índice de presença é alto, é bom. Eles são comprometidos, os professores.</p>	<p><u>Comprometido</u>: que se comprometeu; obrigado por compromisso; que se envolveu; enredado. <u>Conscientizar</u>: tornar (-se) consciente de; fazer (-se) sabedor; perceber com clareza (a importância, a gravidade, o perigo etc.); compreender.</p>	<p>A diretora SD2 afirma que os professores da escola são comprometidos com o Saresp e mostram para os alunos a importância dele, o que se traduz em um alto índice de presença dos alunos.</p>	<p>Professores comprometidos com o Saresp. Alto índice de presença dos alunos.</p>
SD2.35	<p>Também (são comprometidos, os alunos). Nessa parte, eu não vejo problemas assim. Porque criou-se um <u>histórico</u> de comprometimento com os alunos, os professores, mais a coordenação, a direção, de conscientizar: é importante que vocês façam. A gente não <u>boicota</u> não. A prova é feita, tem faltas, mas é algum problema de saúde, ou outro aí que eles não podem comparecer. Mas de uma maneira geral, há um bom comparecimento e um comprometimento. Sempre tem né? Aqueles que vêm e querem ir embora rapidinho. Não deu nem 1 hora e meia e eles já querem ir embora. Sempre tem e sempre vai ter. Mas, é sempre ali né (<u>rédea curta</u>)?</p>	<p><u>Histórico</u>: descrição cronológica de fatos. <u>Boicotar</u>: recusar-se (indivíduo ou coletividade) a participar de (festa, recepção a alguém, evento desportivo etc.). <u>Rédea curta</u>: Manter o controle.</p>	<p>A depoente afirma que os alunos são comprometidos com o Saresp, pois na escola há um histórico de comprometimento de toda a equipe escolar para mostrar a importância de os alunos fazerem o Saresp, não devendo recusar-se a fazer. Diz que há poucas faltas no dia do Saresp, e tem aqueles alunos que querem ir embora logo, mas a maioria é comprometida.</p>	<p>Alunos comprometidos com o Saresp.</p>



SD2.36	<p>Eu vejo assim com um pouco de preocupação (o atrelamento do bônus com o Idesp). Porque gera, por exemplo, ensino médio e fundamental, se não atingiu, por exemplo, ou se a escola já estava num patamar mais alto, já estava bem próximo, ou até tinha atingido, às vezes no ano seguinte a escola é outra. Aí ela cai. E aí os professores ficam muito <u>decepcionados</u>. O ano passado aqui a gente não atingiu. E ninguém recebeu o bônus. Eu acho isso de um balde de água gelada na cabeça dos professores muito sério. Porque eles trabalham, agora atrelar o bônus a isso tudo... tinha que ter talvez até uma proporção, não sei, mas que é um <u>chute no estômago</u> dos professores, é. O ano passado, o professor do Ensino Médio não recebeu bônus. Coordenador do Ensino Médio não recebeu bônus. Eu acho que isso tinha que ser repensado. Não é por aí que melhora a qualidade de ensino. Não é por aí. Já está comprovado.</p>	<p><u>Decepcionados:</u> que se decepcionou; desiludido, desapontado.  <u>Balde de água gelada:</u> Decepção.  <u>Chute no estômago:</u> diz-se de algo feito de forma violenta.</p>	<p>A depoente se diz preocupada com o atrelamento do Idesp com o bônus dos professores, pois uma escola que está num patamar alto pode cair no próximo ano, ou ainda a escola pode mudar e gerar essa queda. Afirma que isso ocasiona uma grande decepção entre os professores e coordenadores, pois eles trabalham corretamente. Acha esse atrelamento uma violência com os professores, devendo ser repensado. Sugere que o Idesp seja levado em conta para uma proporção do bônus, e não totalmente, pois diz não ser a maneira correta de melhorar a qualidade de ensino. Relata que no ano passado professores e coordenadores da escola não receberam bônus do Ensino Médio.</p>	<p>Idesp e bônus.          Escola não recebeu bônus em 2010.</p>
SD2.37	<p>Como não é por aí a melhoria da qualidade de ensino da <u>prova pelo mérito</u>. Não é porque o professor ta</p>	<p><u>Prova pelo mérito:</u> Refere-se a uma prova realizada para promoção na carreira do magistério da rede</p>	<p>A depoente se diz contra a prova de promoção na carreira por mérito, pois não seriam todos os</p>	<p>Prova de mérito para evolução na carreira docente.</p>

	<p>ganhando 25 a mais, dentro duma escola lá, tem meia dúzia, 10 que recebem e o resto não recebe. Gera, na verdade, uma insatisfação, porque eu sou melhor que você, ou eu sou pior que você? Porque você tirou 8,5 e eu tirei 8,51? Que nem, tem diretor também que não recebeu os 25%, porque a nota de corte foi 8,5, sei lá, não lembro agora, mas foi 8,5. Aí a outra que tirou 8,51 levou e a outra que tirou 8,50 não levou? Ela é pior do que a outra? Então isso é uma coisa que tem que dar uma mudada. É muito complicado, em termos até de relacionamento, Porque eu vou fazer, se ele ganha 25% a mais no salário e eu não ganho? Eu sou pior do que ele? E esse professor faz muito mais às vezes ta? Então não é por aí também, melhoria de qualidade de ensino é valorizar o professor desde o início da carreira, dar chance dele evoluir na carreira, pagando decentemente e exigindo. Eu acho que a prova, pode até haver, mas passou: todos tem que levar, os 25%. Não é assim, só um percentual que vai receber. Não</p>	<p>oficial no Estado, segundo a qual os que atingissem uma nota mínima teriam aumento de 25%, restringindo-se a um número de 20% dos profissionais que estivessem no nível anterior da carreira. <u>Decente:</u> que está em conformidade com os padrões morais e éticos da sociedade; digno, correto, decoroso.</p>	<p>professores que atingissem a nota de corte que seriam contemplados com um aumento de 25%. Argumenta dizendo que um profissional que teve nota 8,50 pode não receber o aumento, enquanto que outro que teve nota 8,51 recebe. Acha que essa nota não diferencia a qualidade desses dois profissionais, podendo inclusive causar problemas de relacionamento entre colegas de trabalho, portanto essa prova para promoção na carreira deve ser modificada.</p> <p>Acredita que para melhorar a qualidade de ensino deve-se valorizar o professor desde o início da carreira, pagando um salário digno e exigindo algo em troca. Poderia até existir a prova de mérito, mas todos que atingissem uma nota mínima deveriam ter aumento.</p>	<p>Valorização do professor.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------

	<p>tem nota de corte. Então a nota de corte é 5, então você passou na prova de mérito, você tem direito aos 25%. Não é só 20% do pessoal, sabe essa história? Eu acho que incentivar o professor a estudar pra ter um salário melhor, tudo bem. Agora esse tipo está gerando uma exclusão, não é por aí, não é. Eles tem que achar outro caminho, que é valorizar o professor de uma outra maneira.</p>			
SD2.38	<p>Agora, as condições de trabalho, na nossa escola, se você vir, <u>não são as piores</u>, é uma escola até bem <u>arrumada</u>, bem estruturadinha, bem <u>arrumadinha</u>. Mas falta muito, não tem onde por um aluno para um vídeo. A gente ta tentando desafogar um lado, mas você desveste um santo pra vestir outro. É assim que a gente faz aqui. Porque eu não tenho construção, e nem quero, porque senão eles vão construir <u>sala</u> e daí vai aumentar minha escola, e eu não quero. Ela ta lotada já. Porque todo mundo da imediação quer vaga aqui, não quer a outra escola lá que atende também. E eu não tenho mais onde</p>	<p><u>Não são as piores</u>: São razoáveis.  <u>Arrumar</u>: por (algo) em certa ordem ou numa inter-relação ou sequência correta, conveniente ou apropriada; arranjar, compor, dispor; fazer a preparação, a organização de; aprontar, resolver.  <u>Sala</u>: sala de aula.</p>	<p>A depoente afirma que a escola A é organizada e estruturada, portanto as condições de trabalho são razoáveis. Porém, relata que falta espaço físico para, por exemplo, biblioteca, sala de vídeo, sala de recurso. Conta que não quer reformas na escola, pois senão farão salas de aula e a escola ficará maior ainda, já que constata que as crianças da redondeza preferem estudar na escola A a estudar na outra escola que atende o bairro, estando a escola lotada.</p>	<p>Condições de trabalho razoáveis na escola.          Falta de espaço físico para biblioteca, sala de recurso e sala de vídeo.          Escola lotada.</p>

	<p>por aluno, aí fica prejudicado, porque eu não tenho uma sala de vídeo, uma biblioteca que funcione decentemente, eu não tenho uma sala de recursos,...</p>			
SD2.39	<p>1300 e pouco (alunos na escola). É (tem de 5ª ao 3º ano). Em 36 classes. Era pra ter 37, mas daí dei uma <u>enxugadinha</u> aí.</p>	<p><u>Enxugar</u>: cortar, eliminar ou reduzir o que é excessivo ou supérfluo. Reduzir a quantidade.</p>	<p>A escola A possui 1300 alunos, distribuídos em 36 classes do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. A depoente afirma que era para ter 37 salas, mas ela reduziu para 36.</p>	<p>Quantidade de alunos e classes na escola.</p>
SD2.40	<p>Eu queria, por exemplo, assim, eu tenho 13 salas, espaço físico. Eu queria 12 classes, pra deixar uma de manhã, tarde e noite 12, 12... a noite tem 10 né? Uma sala pra eu poder levar um aluno para um vídeo, para uma palestra, pra uma apresentação, coisa que eu não tenho. E não tem há muito tempo. Muito pelo contrário. Eu desativei biblioteca e laboratório pra poder atender demanda. O que ta errado. Enquanto escolas do pedaço têm salas ociosas, ou período ocioso. Então fica difícil. E eu já briguei: Ahh mas não tem onde por as 5ª. Não tem onde por, porque no N., eles inventaram de por o ensino médio, que não atende nem os</p>	<p><u>Ocioso</u>: que está sendo utilizado em pequeno grau ou em grau nenhum. <u>Rodar</u>: andar em volta; contornar, rodear; andar sem destino; vaguear.</p>	<p>A diretora SD2 diz que na escola A existem 13 salas de aulas, portanto ela gostaria de ter 12 salas com alunos e uma livre onde ela pudesse levar os alunos para assistir um vídeo, uma palestra, uma apresentação. Porém, no período da manhã e da tarde funcionam as 13 salas, sendo que no período da noite funcionam 10. Relata que, apesar de achar errado, teve que desativar a biblioteca e o laboratório para atender a demanda de alunos, enquanto que em outras escolas da região há salas ou períodos sem uso. Afirma que já reclamou sobre isso, mas que não adianta. Relata que não possui nem sala para recuperação paralela,</p>	<p>Falta de espaço físico. Alunos da região preferem a escola A.</p>

	<p>alunos deles, porque não tem noturno. Aí eles vem tudo pra mim, porque eles querem noite, porque lá não atende, porque eles vão trabalhar, porque eles vão para a guarda, etc, etc. Então pra que por o ensino médio lá se eles não atendem? Então que atenda. Assim, pelo menos, atende os dele lá. E atende o fundamental, que aí abre espaço físico pra eu ter esses espaços pedagógicos que eu não tenho mais condição de ter. Nem sala de reforço, pra recuperação, eu fico <u>rodando</u>, cada dia num lugar. Porque não tem espaço físico, e tem que dar a recuperação. É complicado.</p>		<p>portanto as professoras ficam rodando a escola, cada dia em um lugar para ministrar essas aulas.</p>	
SD2.41	<p>Eu acho que a recuperação tem que passar por uma <u>reestruturação</u> da carreira, com um número menor de aulas pro professor, com <u>carga horária</u> menor, pra que ele fique na própria escola, o próprio professor tem umas aulas que faça parte da carga horária, pra recuperar seus próprios alunos. Aí acho que funcionaria melhor. Enquanto não mudar...</p>	<p><u>Reestruturação</u>: ato ou efeito de reestruturar; nova estruturação. <u>Carga horária</u>: Refere-se à quantidade de horas que o professor passa em sala de aula.</p>	<p>A diretora SD2 acredita que para que a recuperação paralela funcione deve haver uma nova estruturação na carreira do magistério, diminuindo a quantidade de horas que o professor passa em sala de aula e permitindo que o professor tenha horários, que façam parte de sua carga horária, em que ele mesmo recupere seus alunos.</p>	<p>Recuperação paralela. Reestruturação da carreira do magistério.</p>

SD2.42	<p>Não muda (a rotina das atividades da direção em função do Saresp) a não ser nos dias do Saresp mesmo, propriamente dito. A rotina, assim, porque quando chega a época do Saresp você tem que começar preparar, é professor daqui que vai pra lá, é professor de lá que vem pra cá. A parte burocrática, <u>escrituração, digitação de professor, preenchimento de planilhas, então é aí que muda um pouquinho a rotina. Mas o Saresp em si não. Naquele dia é aplicado e...</u></p>	<p><u>Digitação de professor:</u> Refere-se ao trabalho de digitar em uma plataforma própria os professores que aplicarão as provas.</p>	<p>A depoente afirma que muda um pouquinho a rotina das atividades da direção em função do Saresp, no que diz respeito à parte burocrática, organização dos professores que aplicarão as provas e preenchimento de planilhas. Porém, afirma que o que muda mesmo é no dia da aplicação das provas.</p>	<p>Rotina da direção na época do Saresp muda um pouquinho nas atividades burocráticas.</p>
SD2.43	<p>Tem (preparação dos alunos). Simulados, <u>mil</u> aí que eles fazem.</p>	<p><u>Mil:</u> Muitos.</p>	<p>A depoente afirma que os alunos são preparados para o Saresp realizando muitos simulados.</p>	<p>Preparação dos alunos.</p>
SD2.44	<p>O <u>Fundamental</u> chegou uma parte só (da meta). (no ano anterior tinha atingido)</p>	<p><u>Fundamental:</u> Ensino Fundamental.</p>	<p>A depoente afirma que o Ensino Fundamental atingiu uma parte da meta proposta pelo Estado. No ano anterior o EF tinha atingido.</p>	<p>Alcance da meta do Ensino Fundamental.</p>

SD2.45	Olha, parece que o <u>problema</u> foi no Estado com um todo, né? O problema do Ensino Médio foi geral. Do Ensino Fundamental também, mas um pouco menos o ano passado.	<u>O problema:</u> Refere-se ao não alcance das metas.	A diretora SD2 afirma que aparentemente o não alcance das metas do Ensino Médio foi um problema geral no Estado, um pouco atenuado no caso do Ensino Fundamental.	Problema de não alcance de metas.
SD2.46	Bom, a política (para quem não atingiu as metas) é assim: a <u>SEE</u> passa pra <u>DE</u> , que chama os coordenadores e fazem as <u>capacitações</u> , pra gente trabalhar mais, abordar mais questões e conteúdo que geralmente caem no Saresp, é meio que um preparo, né?	<u>SEE:</u> Secretaria de Estado de Educação. <u>DE:</u> Diretoria de Ensino. <u>Capacitação:</u> ato ou efeito de capacitar (-se); habilitação, aptidão. Refere-se a encontros realizados pela Secretaria de Estado ou pela Diretoria de Ensino para capacitar e orientar os trabalhadores da escola para trabalhar com determinada situação.	Relata que a política para quem não atingiu as metas propostas é a realização de capacitações vindas da Secretaria de Educação para a Diretoria de Ensino, que passa para os coordenadores da escola, para que a escola trabalhe mais as questões e os conteúdos para o Saresp, no sentido de um preparo.	Capacitações de coordenadores. Política para quem não atingiu a meta.
SD2.47	Não (veio nada específico para a escola A), isso eles <u>deixam a cargo</u> da própria escola. É a própria escola que tem que trabalhar. Tem que traçar as metas, já no início de	<u>Deixar a cargo:</u> Permitir autonomia, transmitir responsabilidades.	A depoente afirma que não veio nenhuma orientação da Diretoria de Ensino, específica para a escola A, no sentido de alcance de metas, sendo tais decisões deixadas sob	Orientação da DE para a escola. Metas traçadas pela escola com vistas ao

	ano, com vistas ao Saresp. Mas é feito, isso é feito. Só que nem sempre a gente atinge o que se propôs a fazer. Sim, por conta da escola. Com seus coordenadores, direção, e professores, é claro.		responsabilidade da escola, que traça suas metas no início do ano, com vistas ao Saresp. Essas metas são traçadas pela coordenação, direção e professores.	Saresp.
SD2.48	Mas é feito simulado no primeiro semestre. A escola às vezes banca, às vezes vem da diretoria e a gente imprime, dois por ano. Isso é feito.	<u>Bancar</u> : sustentar financeiramente (algo ou alguém) ou levantar capitais necessários para o financiamento de (uma empresa ou empreendimento); financiar. <u>Pegar</u> : apresentar dificuldade, atrapalhar, emperrar; empacar. <u>Chatear</u> : causar aborrecimento (a) ou aborrecer-se; apouquentar (-se), amolar (-se), irritar (-se). <u>Esforçar</u> : dar forças ou vigor a (alguém ou algo) ou a si mesmo; avigorar (-se), robustecer (-se); fazer esforço(s), aplicar o máximo de sua capacidade para conseguir (algo); dar o máximo de si. <u>Tocar o barco</u> : Seguir em frente. <u>Tapar os buracos</u> : remediar uma situação ou uma falta com o que se tem à mão.	A depoente afirma que são feitos pelo menos dois simulados por ano, sendo que às vezes ele vem da Diretora de Ensino e outras vezes a escola financia.	Simulados.
SD2.49	Eu acho que já <u>pegou</u> mais um pouco (a divulgação dos resultados do Saresp). O pessoal já ficou mais <u>chateado</u> . Hoje parece que o pessoal já não se incomoda tanto mais, porque cada escola tem uma característica própria. Então, por exemplo, a escola A, o resultado que a gente conseguiu atingir eu tenho certeza que foi com muito <u>esforço</u> . O professor trabalhou muito, foi assim, tipo tirando leite de pedra mesmo. Porque a clientela que a gente recebe, os alunos que a gente recebe, eles têm de uma maneira geral, grande parte, com muitas dificuldade. Sendo que o B. tem resultados bons. Eu vejo assim, a leitura que eu faço é essa. O		A diretora SD2 relata que atualmente o pessoal da escola não se incomoda tanto quanto antes com a divulgação dos resultados do Saresp, pois se acostumaram que cada escola possui suas próprias características. Afirma que o diferencial é a base do aluno de 1º ao 5º ano, existindo escolas que recebem alunos bons, portanto essa escola sempre apresenta resultados bons no Saresp. Porém, na escola A, os alunos chegam com muitas dificuldades, portanto os professores têm que se esforçar bastante com os recursos de que dispõem para conseguir que os alunos aprendam. Afirma, ainda, que os professores de escolas	Divulgação dos resultados do Saresp. Características de cada escola. Diferencial é a base do aluno de 1º ao 5º ano. Professores da escola A se esforçam muito e não são diferentes de professores de outras escolas.



	<p>que vale é o preparo do aluno de 1ª a 4ª, que dá o embasamento pra gente <u>tocar o barco</u>. Não que a gente não tenha bons alunos. Tanto que os resultados que a gente tem, é... lógico que temos ótimos alunos. Os professores trabalham muito, mas, por exemplo, eu vejo o B. sempre tem um bom resultado. O professor de lá é melhor que o de cá? Não é. Eu tenho professores que trabalham aqui, no B., no K., no P. (escolas particulares). Não são diferentes. Eu sei que eles trabalham bem aqui. Qual é o diferencial, ou o indicador? Pra mim é o preparo de 1ª a 4ª série que vai embasando esse aluno até chegar no ensino médio. A nossa clientela precisa ser muito melhor trabalhada de 1ª a 4ª, pra gente não pegar tudo aquilo que a gente pega aqui, tendo que <u>tapar os buracos</u> que vem vindo, aí não atingir o que de fato ta previsto praquela série. O que deveria ser. Por exemplo, o B., ele recebe de 5ª do D., eu recebo alunos do D. aqui um ou outro que são ótimos. Mas o grosso meu, isso é anti-ético eu</p>		<p>particulares ou estaduais que têm um desempenho melhor no Saresp não são diferentes que os professores da escola A, tendo, inclusive, alguns que trabalham em ambas as escolas.</p>	
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>estar falando, é de uma outra escola. Não é do D., não é do M.</p> <p>Bom, se for falar assim (o Saresp serve) pra política do Estado, dizer que ta fazendo alguma coisa e ver que eles tão avaliando, e ver se a qualidade de ensino está melhorando. Eu acho <u>questionável</u> um pouco ainda. Eu acho que ele precisaria ser um pouco mais <u>pensado</u>. Não sei se... Porque são quantos anos de Saresp? E muito pelo contrário, a qualidade de ensino não está melhorando. Embora a gente trabalhe pra isso. Então alguma coisa está pegando. Como não está melhorando no Brasil todo né? Saeb, Pisa, tem que repensar.</p>	<p><u>Questionável</u>: sobre que se tem dúvida ou incerteza; incerto, inexacto, problemático; de que se tem razões para suspeitar; amoral, falso, dúbio.</p> <p><u>Pensar</u>: submeter (algo) ao processo de raciocínio lógico; ter atividade psíquica consciente e organizada; exercer a capacidade de julgamento, dedução ou concepção; refletir sobre, ponderar, pesar; determinar pela reflexão.</p>	<p>A depoente acha que o Saresp tem utilidade para a política estadual, para mostrar que está avaliando e verificar se a qualidade do ensino está melhorando. Porém, acha que deveria se refletir sobre esse sistema de avaliação, pois ele já existe há vários anos e a qualidade de ensino não melhora, embora a escola trabalhe pra isso. Comenta que o ensino não está melhorando no Brasil todo, como mostram os resultados do Saeb e Pisa.</p>	<p>Utilidade do Saresp Saresp deve ser repensado.</p>
SD2.51	<p>Nesse último (Saresp) eu nem vi, porque até me <u>recusei</u> a ver. Porque era tão corrido né, e eram vários tipos de prova. E tem o fiscal que fica olhando, porque se o professor pegar a prova pra olhar, já sabe, não pode. O professor não pode olhar a prova, nós não podemos ter acesso à prova, depois de terminado, porque já tem que empacotar, guardar dentro do</p>	<p><u>Recusar</u>: não aceitar (o que é oferecido); declinar de, repelir; não atender a, não prestar; negar; opor-se a; negar-se.</p>	<p>A diretora SD2 relata que não viu a prova do Saresp do ano de 2010, que inclusive se negou a ver, pois já que o Estado afirma que professor não pode ver, então ela não iria ver. Conta que a orientação é para que, depois de terminadas as provas, o professor guarde no pacote e lacre sob os olhares do fiscal. Porém, afirma que há diretores que pedem para o</p>	<p>Falta de acesso às provas. Diretora não viu as provas. Dinâmica de empacotar as provas. Diretores que xerocam as provas.</p>

	pacote, lacrar sob os olhares do fiscal. Você sabia disso? Agora, tem diretor que xeroca. Pode pro professor pra ver. Eu falei assim, não é assim pra ser? Então vai ser assim. É pra pegar, recolher, enfiar dentro do pacote, conferir se tá tudo ali, lacrar, fechar e entregar. Pois então será assim. Porque eu vou me cansar, me desgastar, ficar tentando xerocar prova. Não vou. O Estado quis assim, não é assim que está sendo feito? Não é assim que é pra ser feito?		professor que está cuidando da prova para xerocar, mas que ela não se desgastou para isso, pois não era para ter acesso às provas.	
SD2.52	Não sei porque precisa de fiscal, tudo isso né? Porque a escola <u>manipula</u> , vai ensinar o aluno? Eu acho que isso nunca aconteceu aqui nessa escola. Porque sempre é muito bem trabalhada essa questão, e os professores, mesmo os nossos, nunca ensinaram aluno, pra gente saber realmente o que vinha depois, o resultado.	<u>Manipular</u> : influenciar (indivíduo, coletividade), conseguindo que se comporte de uma dada maneira, para servir a interesses outros que não os seus próprios; provocar alteração em; tornar falso; adulterar, falsear.	A depoente questiona o fato de haver fiscais, pois a escola nunca adulterou os dados da prova, já que é trabalhado no sentido de saber exatamente o resultado que viria, sem professor ensinando aluno.	Questionamento sobre a necessidade de fiscais na aplicação da prova.  Nunca ocorreu adulteração na escola.
SD2.53	É, é bem aplicada. Agora, eu não posso comentar a prova em si. Primeiro porque eu não sou especialista em Matemática, Português, eu acho que...		A depoente afirma que a prova do Saresp é bem aplicada, porém não pode comentar sobre a prova em si por não ser especialista em nenhuma área do conhecimento.	Saresp é bem aplicado.
SD2.54	Eu sou Pedagoga. Eu era professora	<u>Didática</u> : arte de transmitir	SD2.54a: A diretora é formada	Formação do

	<p>de 1ª a 4ª. Formada pela antiga escola normal, que tinha todos os fundamentos didático-pedagógicos, que hoje é <u>pincelado</u>, até na pedagogia. Se preocupam muito em filósofos e etc, e a parte mesmo didática, fica muito a desejar. Tanto que o professor quando chega em sala de aula, sai da licenciatura, você vai olhar o histórico escolar dele, ele tem 60 horas de didática, quando tem. Só. Praticamente só. Que ele aprendeu? Então ele chega aqui com conteúdo, mas ele não sabe dar aula. Ele não sabe dar aula. Ele não sabe <u>manejo</u> de classe, ele não sabe preparar o aluno pra receber a matéria, ele já chega... Sabe, ele se perde completamente. Não é que ele não tenha conteúdo, formação específica ele tem. O que ele não tem é preparo pra dar aula, ele não sabe dar aula. Falta a parte didática, que é muito mal dada na Universidade, é ligeiro assim, sabe, é aligeirado. Então não adianta ele chegar aqui sabendo os filósofos da educação, as teorias mais modernas de isso, daquilo se ele não tem</p>	<p>conhecimentos; técnica de ensinar; parte da pedagogia que trata dos preceitos científicos que orientam a atividade educativa de modo a torná-la mais eficiente. <u>Pincelar</u>: Passar rapidamente por. <u>Manejar</u>: dominar, ter conhecimento de; praticar com facilidade; exercer, desempenhar.</p>	<p>pela antiga escola Normal, portanto é Pedagoga e ministrava aulas de 1º ao 5º ano. SD2.54b: Afirma que no curso em que realizou tinha todos os fundamentos didático-pedagógicos necessários para lecionar, mas que atualmente, mesmo nos cursos de Pedagogia esse assunto é tratado de maneira rápida. Relata que professores formados em licenciatura têm em torno de 60 horas de didática no curso, quando têm, ocasionando uma falta de conhecimento em como ministrar aulas e em ter domínio sobre a classe. Porém, afirma que conhecimentos de conteúdo eles possuem.</p>	<p>professor. Crítica à falta de didática nas Universidades. Professores chegam para lecionar com conhecimentos em conteúdos mas não sabem ministrar aulas e controlar a classe.</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>manejo de classe, se ele não tem didática, se ele não sabe como conduzir uma aula, se ele não sabe se tem começo, meio e fim. Sabe, esse lado da prática mesmo, do ensino que a gente tinha, não tem mais. Aí os professores ficam perdidos.</p>				
SD2.55	<p>Eu acho que é isso. O Saresp vem, é uma política da Secretaria da Educação, do Brasil como um todo hoje, né? Das avaliações externas. Nós fazemos parte do sistema, eu acho que é bom, mas da maneira que está sendo feita nesses últimos anos, eu acho que fica um pouco a <u>desejar</u> pro resultado nosso aqui, pra nós que temos um <i>feedback</i> mais imediato, isso é um ponto <u>chave</u> que eu acho que deveria mudar. Tinha que ser como era antes.</p>	<p><u>Sistema</u>: Sistema de ensino do Estado. <u>A desejar</u>: aquém do esperado. <u>Chave</u>: elemento essencial para o equilíbrio, a firmeza, a eficiência de um sistema, uma organização, uma teoria.</p>	<p>A depoente acha que o Saresp faz parte de uma política de avaliações externas tanto do Brasil como do Estado de São Paulo. Como a escola faz parte do sistema de ensino ela acredita ser boa a participação, porém afirma que o modo como está sendo conduzido é aquém do esperado. Acredita ser um ponto essencial um <i>feedback</i> imediato, como era antes, com os cadernos de questões ficando na escola.</p>	<p>Saresp faz parte de política de avaliações externas. <i>Feedback</i> imediato. Crítica ao modo como o Saresp está sendo conduzido.</p>	
SD2.56	<p>Eu acho muito importante (o Saresp). Pelo menos pra minha escola.</p>		<p>A depoente afirma que o Saresp é importante para escola em que trabalha.</p>	<p>Saresp é importante para sua escola.</p>	
SD2.57	<p>A progressão continuada, ela foi <u>imposta</u>, naquela época, e os professores nunca <u>engoliram</u>. Então tudo aquilo que poderia dar certo,</p>	<p><u>Impor</u>: tornar (algo) obrigatório ou indispensável (para alguém ou para si mesmo); forçar (-se), constringer (-se) a cumprir (algo).</p>	<p>A depoente afirma que o sistema de progressão continuada foi imposto como obrigatório pelos órgãos centrais da Secretaria de</p>	<p>Progressão Continuada. Aceitação da</p>	

	<p>que deveria ser discutido antes, para os professores tomarem conhecimento da proposta, da <u>filosofia</u> do trabalho, pra eles entenderem o que significa uma progressão continuada, veio <u>de cima pra baixo</u>, e foi entendido como uma promoção automática. Que não deixa de ser ainda. E isso melou todo o trabalho do Estado, da escola, e a rejeição que sofreu por parte dos professores. Então foi muito mal introduzida na rede. E aí, depois de feito, é meio difícil, você tirar essa..., os pais não entenderam, os professores não entenderam. E precisa ter uma <u>infra estrutura</u> diferente na escola, pra ser trabalhado uma progressão continuada. Agora eles estão querendo dividir os ciclos. Já deveria ter sido feito. A antiga 1ª e 2ª, depois 3ª e 4ª, 5ª e 6ª, 7ª e 8ª. Pelo menos quebrar um pouco mais. Mas o que aconteceu? O que eles queriam mesmo é que seguisse. Corrigisse o <u>fluxo</u>. Agora o que aconteceu? (...) e a progressão continuada chegou de uma maneira errada, não foi</p>	<p><u>Engolir</u>: sofrer em silêncio; ocultar, suportar; ser forçado a aturar; tolerar.  <u>Filosofia</u>: conjunto de princípios para orientação na vida prática; razão, sabedoria.  <u>De cima pra baixo</u>: Verticalmente, de um órgão hierarquicamente superior para um inferior.  <u>Melar</u>: fazer gorar ou gorar; falhar; tornar nulo; anular, invalidar, interromper.  <u>Infra-estrutura</u>: suporte, ger. escondido ou invisível, que é base indispensável à edificação, à manutenção ou ao funcionamento de uma estrutura concreta ou abstrata, visível ou percebida racionalmente. Estrutura básica.  <u>Fluxo</u>: Quantidade de alunos promovidos de um ano escolar para outro.  <u>Largaram de mão</u>: desviar de si, pôr de lado; dispensar, renunciar, abandonar.  <u>Fala</u>: Discurso.</p>	<p>Educação da maneira errada e os professores nunca aceitaram. Afirma que não houve uma preparação dos professores com esclarecimentos acerca do funcionamento desse novo sistema e que os pais e professores não entenderam. Além disso, afirma que para que esse sistema funcione é preciso de uma estrutura diferente da atual na escola para que funcione corretamente. Conclui que o que ocorreu na prática foi o que a Secretaria desejava, ou seja, a correção do fluxo de aluno entre as séries, tendo sido entendida como uma promoção automática. Relata que os professores abandonaram o discurso de que o aluno tem que aprender por aprender, que ele tem que sair da escola sabendo os conteúdos, pois isso não funciona.</p>	<p>progressão continuada na prática.</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------

	<p>entendida, até hoje os professores não aceitam, tem rejeição a isso. E assim, num primeiro momento eles largaram mesmo de mão, que toda aquela história que a gente fala, vamos entender que o aluno tem que aprender por aprender, ele tem que sair da escola aprendendo, não é pra passar de ano, sabe, toda aquela, não adianta.</p>			
SD2.58	<p>Juntamente a isso, a alfabetização dos alunos está muito mal feita. Não foram preparados os professores de 1ª a 4ª pra dar aula pra alunos de alfabetização. Que tem que ser alfabetizados na classe que nós pegamos, que é a classe popular, da população de baixa renda. Porque o que tem acesso em casa à revista, jornais, porque o pai... ele já traz com ele o antigo currículo oculto que a gente chama, que facilita, o aluno já pega lá, ele já tem contato com a leitura, com a parte escrita em casa. E grande parte dos nossos alunos, que é hoje, ta todo mundo na escola, não tem. Aí o que eles vão, pra escola. E lá, o professor não pode ter mais cartilha, não pode ter mais o livro</p>	<p><u>Cartilha</u>: livro que ensina os primeiros rudimentos de leitura; carta do abc.  <u>Construtivismo</u>: uma teoria que se baseia na “idéia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do Indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e,</p>	<p>A depoente afirma que, juntamente com a Progressão Continuada ter sido implantada de forma inadequada, os professores de 1º ao 5º ano não são preparados para alfabetizar alunos das classes sociais de baixa renda, que não têm acesso a material escrito em suas residências, portanto não trazem de casa o contato com leitura e parte escrita. Além disso, os professores não podem usar mais cartilhas, devendo usar métodos baseados no construtivismo, sendo que o profissional não foi preparado para isso. Na prática, entendeu-se que era para deixar o aluno escrever da maneira que ele quisesse, o que acarretou alunos que escrevem</p>	<p>Crítica ao método de alfabetização sem material de apoio.</p>

	<p>pra alfabetizar, é tudo lá pelo método do <u>construtivismo</u>, que não é método, e o professor não ta preparado pra isso. O que aconteceu? Do jeito que o aluno escrevia, é para aceitar. Não era isso, mas entendeu-se assim durante muitos anos. E hoje nós temos alunos escrevendo errado até hoje. Que continuam escrevendo. Agora, diga pra mim, alguém da minha época, ou outros formados aí, alguém morreu e ficou menos <u>letrado</u> porque usou uma cartilha pra ser alfabetizado? Não. Ninguém. Eu fiquei traumatizada porque eu aprendi a ler e escrever na Caminho Suave? Muito pelo contrário. Hoje eu não tenho erros de ortografia de jeito nenhum. Porque uma coisa você, é você ser alfabetizado ali, ou codificar, decodificar, aí você vai dali, você vai crescer. Você vai entrar no letramento, como dizem. Quem que foi alfabetizado na cartilha, que parou na cartilha? Alguém? Ninguém que eu conheço. Mas foi</p>	<p>207 muito menos, pensamento.” (BECKER, 1994) <u>L</u>etrado: que ou aquele que é capaz de usar diferentes tipos de material escrito. <u>O</u>ito ao oitenta: De um extremo a outro. <u>C</u>obrar: pedir, exigir o cumprimento de (promessa ou compromisso).</p>	<p>errado mesmo em séries adiantadas. Argumenta que o fato de se usarem cartilhas ou outro tipo de material não prejudica ninguém e sim ajuda a não cometer erros de ortografia. Afirma que o professor deve ter um material para se apoiar ao alfabetizar os alunos. Relata que se passou de um extremo a outro: antes se reprovava o aluno por não saber pontuação correta, hoje se aceita tudo e não se exige nada em troca.</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



alfabetizado muito bem. Não que eu esteja fazendo apologia da cartilha, poderia ser uma outra revistinha, qualquer coisa, mas aí o que aconteceu? O professor ficou sem material pra trabalhar, porque não podia. Nossa, é execrável. Hoje, se você falar isso para um professor da Unicamp, não sei das quantas, nossa eles comem a gente viva ainda... E eu sempre falei, o aluno primeiro ele tem que tem um...e o professor que está alfabetizando, ele tem que ter um instrumento pra ele se apoiar, nem que seja de início, pro aluno decodificar mesmo. Porque a nossa língua é assim. Aí o aluno aprendeu a ler DIRETORIA DE ENSINO, daí o que é diretoria de ensino? Aí você agregando, acrescentando, aí vem o letramento, entender o que leu, mas pra você entender o que leu, você precisa primeiro ler, decodificar. E o que está acontecendo? Ele chega sem saber ler, escrever, não se corrige ortografia, não se corrige pontuação. Então assim, do oito ao oitenta. Tudo aquilo que também

	<p>não precisava: ele vai repetir porque não sabe pontuar; ele vai repetir porque não sabe escrever a gramática, ele é muito ruim de gramática. Foi pro 80: nada se corrige, tudo se aceita. E já que tudo se aceita, nada se cobra, vai né,</p>			
SD2.59	<p>E os alunos estão chegando também, aí soma-se problema familiar, falta de interesse pela escola, uma série de outras coisas que vem junto né? Porque a família que considera a escola uma coisa muito importante, o aluno também, o filho aqui na escola também considera, a família que a escola que acha que é só mais um lugar pra ela poder deixar o filho pra ela poder ir trabalhar, e pra ela ter um lugar pra depositar a criança aqui, não importa se ele ta aprendendo, se ele não ta aprendendo...a escola também não é importante pra criança. Isso é um dado muito sério. A família pode ser um pai analfabeto, mas se a escola tiver importância pra ele e ele cobrar do filho que o filho tem que estudar, por isso, por isso e por isso, a</p>	<p><u>Deposit</u>ar: transmitir, entregar em confiança; confiar; pôr (um objeto) [em algum lugar]; colocar, depor. <u>Dado</u>: informação.</p>	<p>A diretora SD2 relata que quando a família considera a escola importante, o aluno também considera. Porém, a família que considera a escola apenas como um lugar onde os pais colocam os filhos para poderem trabalhar, não importando se a criança está ou não aprendendo, em geral a escola também não será importante para esse aluno. Argumenta que essa informação é muito relevante, pois mesmo que o pai seja analfabeto, se ele considera a educação do filho importante, ele vai exigir que tenha seriedade na escola.</p>	<p>Importância da família na educação escolar.</p>

	<p>criança vai levar a escola a sério. Mas a partir do momento que o pai e a mãe acham que a escola é mais um lugar, que vem brigar com a escola quando a gente chama pra dizer que a criança não tá indo bem, porque daí eles vem brigar com a gente. Daí não vai ter importância nenhuma, a não ser que aquilo seja dele, aquilo ali, mas passa pela família. Tem pais assim, super humildes, mas que os filhos são ótimos, são esforçados, inteligentes, e mesmo que não sejam inteligentíssimos, são esforçadíssimos, e eles vão muito bem, não faltam. O pai é responsável, vem aqui, justifica se o filho está faltando, mas tem uns...</p>			
SD2.60	<p>Trabalhar na escola, é um conjunto de coisas pra você ter um resultado razoável. E eu acho assim, o Saresp, os nossos resultados, nós estamos aqui, sempre entre a <u>4ª e 5ª</u>.</p>	<p>4ª e 5ª: 4ª e 5ª posição do <i>ranking</i> do Idesp da cidade.</p>	<p>A depoente afirma que para que se tenha um resultado razoável no Saresp tem que se levar em conta diversos fatores. Conta que a escola A sempre fica entre a 4ª e 5ª posição do <i>ranking</i> do Idesp da cidade.</p>	

Fonte: dados organizados pela autora.

### Grupos de Alunos

#### Quadro 73 - Análise Ideográfica grupo de alunos 1.

Nº US	Unidades de Sentido	Exerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US.
GA1.1	Os três alunos fizeram o Saresp na semana passada.		Os três alunos fizeram as provas do Saresp em 2010.	Participação no Saresp.
GA1.2	BF3: Eu demorei bastante. Acho que umas 2 horas e meia. BF2: Eu também demorei por aí, umas 2 horas e meia. BF1: No primeiro (dia) demorei acho que no máximo 2 horas e meia, e no outro eu demorei menos, no caso acho que era uma hora e meia. BF1: No segundo, duas horas e meia.	<u>Primeiro dia:</u> 17 de novembro de 2010, com provas de Português e Matemática. <u>Segundo dia:</u> 18 de novembro de 2010, com provas de Ciências, Redação e cinco questões abertas de Matemática para uma amostra de alunos.	Os alunos BF1, BF2 e BF3 afirmam ter demorado cerca de 2 horas e meia para realizar as provas do primeiro dia. BF1 demonstra confusão quanto ao tempo permaneceu na resolução das provas nos segundo dia. Ora afirma ter permanecido pelo tempo mínimo de 1h30min, ora afirma ter permanecido por 2h30min.	Tempo que o aluno permaneceu realizando a prova.
GA1.3	BF1: Foi também <u>minor</u> ia (que saiu da sala no <u>tempo mínimo</u> de realização das provas). Saíram uns três e uns dois. BF2 que está na mesma sala concorda. BF3: Na minha sala saiu no máximo uns dois, assim, que não ta nem aí com a vida. Aí o resto logicamente que tentou.	<u>Tempo mínimo:</u> O tempo mínimo que os alunos deveriam permanecer resolvendo a prova era de 1h30min. O tempo máximo que a escola deveria dispor para a realização das provas era de 3 horas.	Os alunos afirmam que a maioria dos alunos da classe permaneceu na sala resolvendo as provas além do tempo mínimo.	Tempo que a classe como um todo permaneceu resolvendo a prova.
GA1.4	BF1: Tinha umas perguntas também que eram <u>absurdas</u> , que não dava nem pra entender. Mas assim, eu não consegui ler primeiro, aí eu li de novo, eu tentei	<u>Absurda:</u> que se opõe à razão e ao bom senso; que é destituído de sentido, de racionalidade; que não se enquadra em regras e condições estabelecidas; carente	Os alunos divergem em relação à opinião sobre a dificuldade das provas do Saresp. BF1 acha a prova de Matemática difícil, BF2 acha o nível de dificuldade mediano e BF3	Dificuldade das provas. Caderno do aluno do 4º bimestre não

	<p>fazer, mas, na minha opinião, matemática estava difícil.</p> <p>BF2: Tava mais ou menos.</p> <p>BF3: Assim, a de Português tava muito fácil, a de Ciências também. Agora a de matemática tava fácil, mas tinha umas questão que não deu pra gente estudar ainda, que era do <u>volume 4</u>, e a gente não acabou o volume 4 ainda. Aí algumas né? Mas matemática não tava difícil. Era só... tinha umas perguntas que era óbvia.</p>	<p>de argúcia, agudez; tolo, ingênuo. Na fala, no sentido de muito difícil.</p> <p><u>Volume 4</u>: Caderno do aluno referente ao 4º bimestre, parte do material do Currículo do Estado de São Paulo.</p>	<p>afirma que as provas de Português e Ciências estavam fáceis, mas a de Matemática não estava difícil, porém continha algumas questões que não puderam ser feitas, pois eram referentes a conteúdos do 4º bimestre do caderno do aluno que não haviam sido ministrados ainda.</p>	<p>utilizado.</p>
GA1.5	<p>BF1: Tinha 24 de matemática, 24 de Português. Isso no primeiro dia. (A redação era sobre) um <u>artigo de opinião</u>, (sobre) a internet e uma carta</p>	<p><u>Artigo de opinião</u>: Texto argumentativo onde o autor emite sua opinião.</p>	<p>BF1 afirma que a prova foi composta por 24 questões de Matemática e 24 de Português, no primeiro dia de prova. Afirma, também, que o tema da redação era um artigo de opinião sobre a internet e uma carta.</p>	<p>Quantidade de questões.</p> <p>Tema da redação.</p>
GA1.6	<p>BF1: Eu vou falar a verdade, na de matemática eu <u>chutei</u> assim, porque eu achei bem difícil, porque eu não consegui, aí fui pelo chute. No caso da Matemática foi a maioria. De Português eu não chutei nenhuma. Tava bem mais fácil.</p> <p>BF2: Português também estava fácil pra mim. Eu li tudo os textos e fiz. Matemática tava um pouco</p>	<p><u>Chutar</u>: No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente.</p>	<p>BF1 afirma ter chutado a maioria das questões de Matemática. BF2 diz não ter chutado muitas e BF3 conta que chutou em torno de seis questões. Em relação à Português, os alunos afirmam que a prova estava fácil.</p>	<p>Chute nas provas.</p>

	<p>difícil. Fiz as contas. Não chutei bastante não.</p> <p>BF3: De Português, eu achei que ia ser mais difícil, mas tava bem mais fácil que matemática. Aí matemática eu acho que eu chutei umas 6.</p>			
GA1.7	<p>Os alunos afirmam que a prova era composta de questões teste e não dissertativas.</p> <p>BF1: Só <u>teste</u>. Só o 1 que pegou. Só no 1 que pegou <u>sorteio</u>.</p>	<p><u>Questões</u> <u>dissertativas</u>: Questões que não possuem alternativas para serem escolhidas, ou seja, o aluno tem que escrever o raciocínio que o levou a determinadas respostas. Também chamadas de questões abertas.</p> <p><u>Teste</u>: Prova com alternativas, na qual quem está sendo avaliado deve apontar uma delas como resposta.</p> <p><u>Sorteio</u>: Escolha da classe que faria parte da amostra de 10% dos alunos avaliados na rede estadual que fariam uma prova de Matemática com questões abertas a serem corrigidas externamente. Essa escolha foi feita externamente à escola.</p>	<p>Os alunos afirmam que não havia questões abertas, apenas questões com alternativas nas provas. Apenas a outra classe fez parte da amostra que respondeu algumas questões abertas.</p>	<p>Questões abertas.</p>
GA1.8	<p>Os alunos disseram não ter errado muitas questões na hora de passar as respostas no <u>gabarito</u>.</p>	<p><u>Gabarito</u>: tabela das respostas corretas às questões de uma prova. Neste caso, os alunos se</p>	<p>Os alunos disseram não ter errado muitas questões na hora de passar as respostas na folha de respostas.</p>	<p>Passar as questões na folha de respostas.</p>

	BF1: Mas teve gente da minha sala que errou.	referem à folha de respostas onde deveriam assinalar as alternativas escolhidas como correta para cada questão.		
GA1.9	Os alunos afirmaram não poder conversar durante a prova. BF1: As únicas vezes que a gente ouviu falar era quando a coordenadora da escola ia, na maioria das vezes pra falar com a <u>outra professora</u> , pra falar sobre alguma pergunta que a professora fazia da prova, aí ela ia. Dos alunos, na minha vista eu não vi ninguém conversando. Na minha sala não.	<u>Outra professora</u> : Pessoa responsável pela aplicação das provas naquela sala.	Os alunos afirmaram não poder conversar durante a prova e que os alunos da sala não conversaram. Relatam que somente ouviam conversas quando a coordenadora pedagógica da escola ia tirar dúvidas da pessoa responsável pela aplicação das provas naquela sala	Conversa durante a prova.
GA1.10	BF1: Não (tinha <u>fiscal</u> dentro da sala). Só no corredor. BF3: Ia com fiscal (ao banheiro).	<u>Fiscal</u> : aquele que verifica o cumprimento de qualquer ordem, regulamento ou determinação; inspetor, fiscalizador.	Os alunos disseram não haver fiscal de prova dentro da sala, apenas no corredor da escola. Esses fiscais acompanhavam os alunos até o banheiro.	Fiscalização para ir ao banheiro.
GA1.11	Os alunos afirmam que não podia consultar nenhum material. BF1: A gente veio só de <u>estojo</u> .	<u>Estojo</u> : pequena caixa com formato e divisão de espaço interno planejados para acomodar determinado objeto. No caso de um estojo escolar, lugar onde se acomodam lápis, caneta, borracha e materiais de	Os alunos afirmam que não podia consultar nenhum material durante a prova e que trouxeram apenas o estojo para a realização da prova.	Consulta de material durante a prova.

GA1.12	<p>BF1: Não (dava pra ver as outras provas), porque era diferente.          BF2: Da minha (carteira) dava. Mas era tudo diferente.          BF3: Da minha também dava.</p>	<p>características semelhantes.</p>	<p>A aluna BF1 afirma que não era possível ver as outras provas, e elas eram diferentes. BF2 e BF3 afirmam que conseguiram ver as provas, mas elas eram diferentes.</p>	<p>Visualização de outras provas durante a realização.</p>
GA1.13	<p>BF1: Não (é parecida a prova do Saresp com a prova que fazem com o professor de matemática).  <u>Em partes</u>. Na sala de aula às vezes não (é um problema), porque a gente pode até estudar antes de fazer a prova.          BF2: Não. E no Saresp dá só de assinalar, só.          BF3: Eu acho em partes. Porque algumas coisas que a professora passou caiu. Outras, que não deu tempo da gente estudar, caiu também, então não tem como as duas provas ta igual, uma coisa que a gente não estudou ainda, a professora não vai passar pra gente. As questão assim que a professora passa pra gente não é dessas de assinalar, é tudo... de conta mesmo. Então não tem como você ir no chute, ou você sabe ou você não sabe.</p>	<p><u>Em partes</u>: Em algumas partes, em alguns aspectos.</p>	<p>Os alunos acham a prova que realizam com o professor de Matemática diferente em alguns aspectos em relação à prova do Saresp: podem estudar antes de fazer a prova do professor; a matéria cobrada na prova do professor é aquela ministrada em sala de aula e no Saresp nem sempre; a prova do Saresp é de alternativas e a do professor é dissertativa, não podendo chutar a resposta.</p>	<p>Diferenças das provas do professor e da prova do Saresp.</p>
GA1.14	<p>BF1 – Da sala de aula (é mais</p>		<p>BF1 e BF2 acham a prova da sala de</p>	<p>Diferenças de</p>



	difícil). BF2 – Da sala de aula (é mais difícil). BF3 – Eu acho mais fácil a da sala de aula.		aula mais difícil. BF3 acha mais difícil a do Saresp.	dificuldades das provas do professor e da prova do Saresp.
GA1.15	Os alunos afirmam que o professor está usando o <u>caderninho</u> de Matemática. BF1: o <u>3</u> .	<u>Caderninho</u> : Material enviado pelo Estado às escolas, referentes ao currículo obrigatório. <u>3</u> : volume 3, relativo ao 3º bimestre.	Os alunos afirmam que o professor está usando o material referente ao Currículo do Estado. O que está sendo usado no momento é o volume três, relativo ao 3º bimestre.	Uso do caderno do aluno.
GA1.16	Os alunos afirmam não utilizar o livro didático.		Os alunos afirmam não utilizar o livro didático.	Uso do livro didático.
GA1.17	Os alunos afirmam que as questões do Saresp são parecidas com a matéria do caderninho. BF1: É, que nem nós falamos, que a minoria foi passada sobre o volume 4, do quarto bimestre, só que nós nem pegamos. Aí só que as que estavam até o quarto bimestre tinha sim. BF2: É, nós nem pegamos. BF1: (Caiu bastante coisa) do quarto bimestre. BF2: Sim.		Os alunos afirmam que as questões do Saresp são relacionadas com o conteúdo abordado no caderno do aluno referente ao currículo do Estado. Contam que não foi ministrado o conteúdo do 4º bimestre relativo a tal Currículo, mas foi cobrado bastante sobre isso na prova.	Relação do conteúdo abordado no caderno do aluno e do Saresp.
GA1.18	Os alunos afirmam que fizeram o Saresp na <u>6ª série</u> .	<u>6ª série</u> : 7º ano, no ensino de nove anos.	Os alunos afirmam que fizeram o Saresp no 7º ano.	Saresp no 7º ano.
GA1.19	BF1: A gente deveria saber as nossas notas, porque muitas das	<u>Notas</u> : Notas atribuídas ao rendimento do aluno na prova	Os alunos gostariam de saber as notas que foram atribuídas às suas provas	Acesso aos resultados individuais.

	<p>vezes a gente, dentro da sala de aula, os professores usam muito a nota da gente pra... entendeu? Só que como a gente vai saber, se a gente não sabe nossa notas? Então acho que a gente deveria ter acesso a isso aí.</p> <p>BF2: Porque é melhor a gente saber a nota que tira. Pra chegar em casa, poder falar pra mãe da gente. Pra poder saber se foi bem ou mal.</p> <p>BF3: Acho que a gente deveria saber a nota da gente, porque quando a gente vê a nota, aí a gente vê qual é o grau do problema.</p> <p>BF1: Onde a gente deve melhorar.</p> <p>BF3: E quando você nem vê a nota, você acha que aquilo nem é importante.</p>	<p>do Saresp. Tal nota não é divulgada.</p>	<p>do Saresp para: saber qual o rendimento alcançado, contar para os pais, ver onde está errando, ver onde pode melhorar. Além disso, BF3 observa que quando não vê a nota, conclui que aquela avaliação não é importante.</p>	
GAI.20	<p>BF1: Bom, um dia antes, a coordenadora chegou na sala de aula e disse para os alunos: se for pra vocês virem pra chutarem, fica em casa. O Saresp é fácil, ela falou, e estudem muito, bastante. Foi só isso que eu escutei.</p> <p>BF2: É isso mesmo.</p> <p>BF3: Falaram também que pelo</p>	<p><u>Reprovar</u>: Ter que fazer novamente aquela série, no ano seguinte.</p> <p><u> Corda bamba</u>: situação instável, difícil de controlar.</p>	<p>Os depoentes relatam que a equipe de gestão e os professores falaram para os alunos que o Saresp era fácil, portanto eles deveriam estudar para fazer a prova de maneira comprometida, sem chutar as alternativas das questões, e quem tivesse essa intenção, era melhor ficar em casa. Além disso, falaram que o</p>	<p>Comentários sobre o Saresp.</p> <p>Alunos não deveriam chutar.</p> <p>Saresp pode reprovar ou ajudar alunos em situação instável.</p>

	<p>Saresp pode <u>reprovar</u>.</p> <p>BF1: É. Falaram pra gente tomar cuidado, que pelo Saresp também pode reprovar. E que pode nos ajudar, pra quem está na <u>corda bamba</u>. Porque tem uns alunos na minha sala que pode até repetir. Aí ela foi e falou que era bom pra nós, quem estava na corda bamba poderia nos ajudar.</p>		<p>Saresp poderia reprovar ou ajudar os alunos que estavam numa situação instável, não sabendo se seriam aprovados ou não.</p>	
GA1.21	<p>BF3: Não é <u>obrigado</u> (fazer o Saresp), depende de você. Se você não quer fazer, aí você não vem e você não faz.</p> <p>BF1: Agora quem acha realmente que precisa, é o dever né?</p> <p>BF2: Não é obrigado, mas é preciso, tem que fazer. Pra ajudar passar de ano. Se não fazer, <u>repete</u>.</p>	<p><u>Obrigado</u>: que é prescrito, imposto por lei, pelo uso, convenção etc.; obrigatório; forçado pelas circunstâncias; compelido, que não se pode dispensar; imprescindível, necessário.</p> <p><u>Repetir</u>: Ter que fazer novamente aquela série, no ano seguinte.</p>	<p>Os depoentes afirmam que o Saresp não é obrigatório para os alunos, porém acham que é um dever, pois pode ajudar a promoção para o próximo ano letivo, ou ainda, quem não fizer, será reprovado.</p>	<p>Obrigatoriedade do Saresp.</p>
GA1.22	<p>BF1: Eu estou na corda bamba. Sou uma das alunas que está na corda bamba da minha sala. Não sei (se vou <u>passar</u>).</p> <p>BF2: Também não sei (se vou passar).</p> <p>BF3: Eu vou passar.</p>	<p><u>Passar</u>: Ser aprovado para o próximo ano letivo. Ser promovido.</p>	<p>BF1 e BF2 não sabem se serão aprovados para o próximo ano letivo. Já BF3 afirma que será promovida.</p>	<p>Opinião sobre a própria reprovação ou promoção de ano letivo.</p>
GA1.23	<p>BF2: Eu já reprovei. Na 4ª e na 8ª. (Está fazendo a 8ª pela segunda vez).</p>	<p><u>Vermelhas</u>: Refere-se à nota vermelha, ou seja, abaixo do desempenho esperado, que em</p>	<p>Os alunos afirmam que para reprovar em anos que não o 5º e o 9º é muito difícil. BF1 afirma que no 8º ano teve</p>	<p>Reprovação/ Aprovação entre as séries.</p>

	<p>BF3: Pode (reprovar nas outras séries, de 5ª a 8ª), mas é bem difícil.</p> <p>BF1: Bem difícil. Só reprova muito assim na 8ª série. Porque na 7ª, 6ª série... Que nem na 7ª eu tirei 16 vermelhas, e passei normal.</p>	<p>escolas estaduais é 5, numa escala de 0 a 10.</p>	<p>16 notas abaixo daquelas consideradas adequadas e foi aprovada normalmente. BF2 conta que reprovou o 5º e o 9º, portanto está cursando o 9º pela segunda vez.</p>	
<p>GAI.24</p>	<p>BF1: Eu acho (isso, do GA1.23) errado.</p> <p>BF3: É, porque o <u>governo</u> ele vai passando, vai passando, aí chega na 8ª série ele fala, ele pode aprender tudo, dá uma chance, ele pode aprender. Mas como que vai aprender na 8ª série o que você nem, o que você não aprendeu atrás? Então eu acho que é errado, tem que ir reprovar por série. Porque senão chega na 8ª série fica. Fica, fica, depois...</p> <p>BF2: Eu acho que se tirar bastante nota vermelha tem que repetir mesmo. Na 7ª assim, eu tirei bastante nota vermelha também, e passei. Era pra ter deixado eu estudar mais. Ah, fiquei de <u>recuperação</u> e depois passou eu. Ficou mais difícil, cheguei na 8ª sem saber nada.</p> <p>BF1: Porque na sala mesmo as</p>	<p><u>Governo</u>: Se refere ao responsável pelas políticas de promoção de estudantes.</p> <p><u>Recuperação</u>: ato ou efeito de recuperar (-se); recobrimento; período de estudo (de um reprovado) em que se prepara para passar para o grau acadêmico seguinte.</p> <p><u>Deixar</u>: Reprovar, permitir que se curse o ano/série novamente.</p>	<p>Os alunos não concordam com a política do Estado de ser muito difícil a reprovação de um aluno. Achem que os alunos deveriam ser reprovados por série, quando tivessem um grande número de notas inadequadas, pois senão vão carregando dificuldades que não conseguem ser sanadas no 9º ano, onde então pode ocorrer a reprovação. O aluno BF2 afirma que deveria ter sido retido no 8º ano, pois teve muitas notas inadequadas, porém foi deixado em um período de recuperação e depois foi aprovado. A depoente BF1 afirma que os professores cobram pré-requisitos dos alunos, mas que ela não tem esse pré-requisito, pois quando ele foi ministrado ela não atingiu o rendimento adequado e não foi reprovada. Afirma que está tendo muita dificuldade de aprendizado no</p>	<p>Reprovação/Aprovação entre as séries.</p> <p>Alunos contra a Progressão automática.</p> <p>Relatos de experiências próprias com aprovação automática e falta de pré-requisitos para prosseguir nos estudos.</p>

	<p>professoras falam: ah, essa matéria é de 7<sup>a</sup>, de 6<sup>a</sup>, mas se a gente tirou nota vermelha na 7<sup>a</sup> é porque a gente não sabia, a gente não estava entendendo, então acho que deveria <u>deixar</u> a gente pra aprender melhor, pra daí quando chegar na 8<sup>a</sup> série, a gente saber, então...Falar realmente isso tava na matéria da 7<sup>a</sup> e da 6<sup>a</sup>. Eu tive mais dificuldade mesmo na 7<sup>a</sup> e na 8<sup>a</sup>. Mas na 8<sup>a</sup> eu to tendo muita dificuldade mesmo.</p>		9 <sup>o</sup> ano.	
GA1.25	<p>BF1: (Eu) estudo. Ah, no começo do ano assim, até que não, né? Mas agora.. É, foi um erro meu também (deixar pro fim do ano). Mas às vezes por também. Que nem eu, às vezes chego na professora, se eu não estou entendendo, aí eu falo me explica né? Porque sempre tem um ou dois que (não explicam) fora da <u>hora que está explicando</u>... E tem um ou dois que explica sempre que eles vão dar outra matéria, outras lição. Aí eu já fiquei meio assim né, sem entender quase nada.</p>	<p><u>Hora que está explicando</u>: Se refere ao momento da aula expositiva, em que o professor explica para todos os alunos da classe ao mesmo tempo.</p>	<p>A depoente BF1 afirma que estuda as matérias ministradas, porém relata que deixou acumular as dúvidas para o fim do ano, o que reconhece ser um erro seu. Conta que pede para os professores sanarem suas dúvidas, mas tem alguns que só explicam durante a aula expositiva e outros que explicam novamente apenas quando fazem uma revisão antes de começar um novo conteúdo.</p>	<p>Depoente afirma que não estudou, porém deixou acumular dúvidas. Professores que não tiram dúvidas sempre.</p>
GA1.26	<p>BF1: Tenho mais <u>dificuldade</u> em matemática. BF2: Eu sempre fui muito ruim de</p>	<p><u>Dificuldade</u>: qualidade ou caráter do que é difícil; aquilo que é difícil ou torna uma coisa</p>	<p>BF1 e BF2 afirmam ter muita dificuldade em aprender Matemática e a consideram a disciplina mais</p>	<p>Matemática e são consideradas as</p>

	matemática. Tenho bastante dificuldade pra aprender. Matemática (é a matéria mais difícil). BF3: Português (é a matéria mais difícil).	difícil, custosa, penosa, árdua; o que é difícil de entender.	difícil. BF3 considera Português a disciplina mais difícil.	disciplinas mais difíceis.
GAI.27	BF2: Pra mim é importante o Saresp, porque vai ajudar eu passar de ano. Pra mim é bastante importante. BF1: Pra mim é também. Porque, que nem falam, não ajuda só os professores, ajuda nós também. Os professores em relação a que, se a gente tirar nota boa, vai dizer que eles que ensinaram a gente, tudo que estava ali. E se a gente tirar nota ruim, pra eles vai ficar ruim e pra gente também. Por causa da nota. Que prejudica bastante. BF3: Eu acho que o Saresp é importante, porque já ajuda a gente pensar que tem que tirar nota boa e que nem, se você tiver fazendo uma <u>faculdade</u> , você também vai ter que fazer uma prova, basicamente igual a do Saresp. Aí você vai querer tirar a melhor nota possível.	<u>Ajudar</u> : prestar socorro, assistência (a alguém ou a si mesmo); dar ajuda; auxiliar; auxiliar-se mutuamente; valer-se, aproveitar-se, servir-se; tornar mais fácil; facilitar, propiciar. <u>Faculdade</u> : o conjunto das matérias que compõem cada uma das áreas do ensino superior. No texto, o aluno se refere a um curso de nível superior.	Os alunos consideram o Saresp importante, pois vai auxiliá-los a serem aprovados para a próxima série e já os prepara para as provas de um curso superior, que, segundo eles, é parecida. Afirmam, também, que o Saresp auxilia os professores, pois se os alunos têm notas boas, conclui-se que ensinaram o que foi cobrado na prova.	Importância do Saresp. Saresp ajuda os professores e alunos. Saresp é parecido com provas de um curso superior.
GAI.28	BF3: Sinceramente eu acho que	<u>Nota</u> : Nota atribuída ao	Os alunos acham que a nota	Divulgação da nota

	<p>não vão falar a <u>nota</u> pra gente.</p> <p>BF2: Eu acho que não vai falar a nota não. A professora não falou nada.</p> <p>BF1: As únicas coisas que falaram é que semana que vem nós passa a nota. Mas...</p>	<p>rendimento do aluno na prova do Saresp. Tal nota não é divulgada.</p>	<p>individual deles não será divulgada. A depoente BF3 diz que foi falado na escola que a nota seria informada na semana seguinte ao Saresp.</p>	<p>individual do aluno.</p>
GA1.29	<p>BF1: Certeza (deveria saber a nota), porque na faculdade só passa se a gente saber da nossa nota. Se tirou uma nota máxima ou não. Eu acho que a gente também tem que saber.</p> <p>BF2: Acho que sim, se a gente fez, deveria ter o <u>direito</u> de saber.</p>	<p><u>Direito</u>: o que é justo, correto, bom; aquilo que é facultado a um indivíduo ou a um grupo de indivíduos por força de leis ou dos costumes.</p>	<p>Os depoentes acreditam ser um direito saber a nota individual que obtiveram na prova do Saresp.</p>	<p>Direito de saber a nota individual no Saresp.</p>
GA1.30	<p>BF1: Ah, não mudou nada (as aulas na época do Saresp), na minha sala não mudou, as professoras... só ficavam avisando, presta <u>atenção</u> porque tem Saresp.</p> <p>BF2: Teve umas avaliações também, alguns, de matemática...</p> <p>BF1: É, teve uma semana antes teve as provas, as <u>provas semanais</u>, aí teve uma semana, aí veio o Saresp.</p>	<p><u>Prestar atenção</u>: olhar, ouvir, sentir (algo) com atenção aumentada, concentrada.</p> <p><u>Provas semanais</u>: Se refere às provas de avaliação regular dos alunos, feitas pelos professores na escola, em dias organizados pela direção e coordenação escolar, bimestralmente, durante uma semana.</p>	<p>Os alunos afirmam que as aulas não mudaram na época do Saresp, mas que os professores chamavam a atenção para a prova que aconteceria. Afirmam que duas semanas antes do Saresp ocorreram as provas bimestrais regulares.</p>	<p>Aulas não mudam na época do Saresp.</p>
GA1.31	<p>BF3: (Fizemos) <u>Simulado</u>.</p> <p>BF1: Teve o Sarespinho... Acho que foi o simulado, o sarespinho,</p>	<p><u>Simulado</u>: Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino.</p>	<p>Os alunos relatam que fizeram simulados nos moldes do Saresp e as provas regulares. Dizem que a ordem</p>	<p>Realização de simulados.</p>

	<p>as provas semanais e o Saresp. O simulado acho que foi mês passado (outubro) que nós fez o simulado. BF3: Foi, mês passado. BF1: É, a dona (de Matemática) falou que o Sarespinho, era uma revisão do Saresp.</p>	<p><u>Sarespinho</u>: Simulado do Saresp.</p>	<p>foi a seguinte: simulado, Sarespinho, provas bimestrais e o Saresp.</p>	
GA1.32	<p>BF3: Eu acho que o Saresp é pra <u>testar</u> o conhecimento do <u>Estado</u>. Aí pra ver se o aluno ta bom, ta ruim, pra ver como que anda o ensino da professora que ensina, como ele aprende... Mas, muitas vezes as pessoas não tiram muito nota boa, então não pode <u>julgar</u> muito pelo Saresp, porque vai passando, vai passando, vai passando, chega na oitava série, aí vai colocar o que lá se não aprendeu nada? BF1: Ah é uma prova que, que nem a BF3 disse, era pra reavaliar as coisas que a gente aprendeu o ano todo. BF2: O Saresp é uma prova pra ajudar bastante a gente. A passar de ano, tirar nota boa, também. BF1: Ah, o Saresp ajuda bastante, bastante mesmo, nas notas, pra passar de ano também.</p>	<p><u>Testar</u>: submeter a teste; aplicar teste(s) a; pôr à prova, experimentar, ensaiar, provar. <u>Estado</u>: Estado de São Paulo. <u>Julgar</u>: emitir parecer, opinião sobre (alguém ou alguma coisa); formar conceito, opinião; decidir, após reflexão; considerar.</p>	<p>As depoentes BF1 e BF3 acreditam que o Saresp é uma prova que submete a teste o conhecimento e o ensino do Estado de São Paulo. Porém, BF3 argumenta que não se deve formar um conceito só pelo Saresp, pois os alunos são aprovados automaticamente entre as séries anteriores, portanto no 9º ano podem não saber o que responder nas provas. BF2 e BF1 acham que o Saresp é uma prova que ajuda a ser promovido para o ano seguinte e a ter notas boas.</p>	<p>Finalidades do Saresp. Avaliar o conhecimento e ensino do Estado. Ajudar o aluno.</p>



GA1.33	<p>BF3: O certo é (seria) todo ano ter, pra ver realmente o ensino da 8ª, da 7ª, da 6ª.</p> <p>BF1: É, porque no caso o Saresp é só para as 6ª e 8ª séries, e o 3º ano. Eu acho também, que, na minha opinião, muitas das vezes como o governo, eles estão em <u>jogo</u>, só que eles pensam só neles, porque muitas das vezes o Saresp, sai coisas que a gente não... na minha opinião, nós nunca...que nem aconteceu esse ano de matemática. O Saresp do 4º bimestre, nós não estudamos o livrinho do 4º bimestre, mas saiu coisa do 4º bimestre. Mas também isso não acontece só no Saresp, acontece em provas assim, em relação às escolas, às aulas...</p>	<p><u>Estar em jogo</u>: estar em causa; ser matéria de decisão; correr risco.</p>	<p>Os depoentes acham que o Saresp deveria ser aplicado todo ano. BF1 acha que o governo não tem um pensamento amplo, já que está correndo riscos em relação aos resultados do Saresp. Dessa forma, sugere que sejam cautelosos quanto ao conteúdo cobrado, pois em 2010 eles não tiveram a matéria do 4º bimestre e ela foi cobrada no Saresp. Afirma que isso também acontece em relação às aulas e provas na escola.</p>	<p>Saresp deveria ser aplicado todo ano.</p> <p>Cautela quanto aos conteúdos cobrados tanto no Saresp quanto na sala de aula.</p>
GA1.34	<p>Ah, eu odeio matemática. Mas matemática, em até outras matérias tem matemática, que nem na prova de Ciências do Saresp caiu conta de matemática, e eu tive que fazer...</p>	<p><u>Odiar</u>: sentir aversão por (algo, alguém, a si próprio ou um ao outro); detestar (-se), abominar (-se); achar muito desprazeroso.</p>	<p>BF1: A depoente afirma odiar Matemática e que até em outras disciplinas tem Matemática. Cita como exemplo a prova de Ciências do Saresp que caiu Matemática.</p>	<p>Ódio de Matemática.</p>
GA1.35	<p>BF3: Eu acho, sabe, que durante o ano tinha que ter recuperação, não só no final do ano. Porque se a pessoa não ta <u>pegando</u>, tem que</p>	<p><u>Pegar</u>: No texto, no sentido de entender o conteúdo, a matéria. <u>Decorar</u>: guardar na memória; memorizar, gravar.</p>	<p>A aluna BF3 acredita que o processo de recuperação deve ser feito o ano todo, pois se o aluno não está entendendo a matéria, deve recuperar</p>	<p>Recuperação deve ser o ano todo e não só no final.</p>

	<p>recuperar desde o começo. Que nem matemática, você não pode decorar. Chega na hora da prova, você vai ver tudo, você não vai conseguir fazer a prova, porque se você não entendeu, mas se você entende, chega na hora da prova, você consegue fazer. Porque matemática é uma continuação. BF3: E é meio ruim também ter a recuperação só no final do ano, porque se o aluno o ano inteiro não fez nada, e chegar no final do ano, será que ele tem uma chance? Lógico que ele não vai conseguir, e, por exemplo, que nem agora, todo mundo que levou na brincadeira o 1º, 2º, 3º bimestre chega no último bimestre, todo mundo corre atrás do tempo perdido. Aí vai, vai achando que vai passar. Que nem, as professoras disse assim, que o aluno se ele tava ruim, ele começa a dar uma melhorada, ele pode passar, porque viu que ele se esforçou, e tem alunos também que não é porque ele não quer aprender, ele tenta aprender, mas ele não consegue.</p>		<p>desde o começo, e não só no final do ano. Afirma que em Matemática não pode decorar, deve aprender, senão na hora da prova não consegue fazer as questões.</p>	<p>Matemática não pode ser decorada.</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------

GA1.36	<p>BF1: Tem dificuldade.</p> <p>BF1: Não, no nono ano não tem (recuperação).</p> <p>BF2: Antes tinha, mas no nono ano não tem mais. Tinha <u>reforço</u> (durante o ano) também.</p> <p>BF3: Não (tem, no 9º ano).</p> <p>BF1: O primeiro ano tem (do ensino médio).</p> <p>BF1: Eu acho isso errado, porque como a BF3 mesmo disse, todo ano deveria ter o Saresp, não só pra essas séries, como também deveria ter o reforço, pra todas as séries, porque daí as professoras mesmo chegam na gente e falam, porque tem umas que já joga na nossa cara logo, você fez um trabalho que ela não gostou: Ah, esse trabalho aqui é uma bosta, não sei que, vai repetir...Tem uns professores também, que deixam os alunos lá no <u>chão</u>, lá embaixo. Eu acho que deveria ajudar. Porque professor hoje em dia, ta aqui pra ajudar, o seu trabalho é ajudar. E o reforço, acho, que é pra isso também. Aí chega um, você não vai passar, porque vai repetir direto, mas eu tenho certeza que se</p>	<p><u>Reforço</u>: contribuição para a realização de uma tarefa; auxílio. No caso de reforço escolar, é o acompanhamento de um professor.</p> <p><u>Bosta</u>: coisa malfeita, de mau aspecto, reles ou de qualidade inferior.</p> <p><u>Deixar no chão</u>: Humilhar; tratar com desprezo.</p>	<p>Os alunos dizem que no 9º ano não tem recuperação no final do ano. A depoente BF1 não concorda com esse fato e afirma que assim como o Saresp, deveria haver reforço para todas as séries, pois assim os alunos seriam ajudados. A depoente relata que há professores que humilham os alunos, dizem que seus trabalhos são de qualidade inferior e que eles vão ser retidos ao final do ano.</p>	<p>Recuperação de final de ano.</p> <p>Reforço deveria ser para todas as séries.</p> <p>Professores que humilham alunos.</p>
--------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

GA1.37	tivesse reforço... BF3: E matemática também, depende bastante da professora. Se a professora <u>pega no pé</u> pra aprender, se você não entendeu ela explica de novo, então depende bastante. BF1: No nono ano não (tem reforço no final do ano). Pra outras tem. BF2: Não tem, eu acho que não tem. BF1: Tem, porque na 6ª série eu fiz. Na 6ª série nós fez Saresp e eu fiz reforço. BF2: Mas esse ano de 2010 não... BF3: Esse ano não, mas na 6ª série tinha também... BF1: É, acabava as aulas pra quem passou <u>direto</u> e quem não passou tinha uma chance de recuperar durante essa semana. Era uma semana.	Pegar no <u>pé</u> : importunar com insistência.	A depoente afirma que em Matemática o aprendizado depende do professor, que deve ser insistente, explicando a matéria até o aluno entender.	Em Matemática o aprendizado depende do professor.
GA1.38	BF1: No nono ano não (tem reforço no final do ano). Pra outras tem. BF2: Não tem, eu acho que não tem. BF1: Tem, porque na 6ª série eu fiz. Na 6ª série nós fez Saresp e eu fiz reforço. BF2: Mas esse ano de 2010 não... BF3: Esse ano não, mas na 6ª série tinha também... BF1: É, acabava as aulas pra quem passou <u>direto</u> e quem não passou tinha uma chance de recuperar durante essa semana. Era uma semana.	<u>Passou direto</u> : Foi promovido no tempo regular de aulas. <u>Correr atrás</u> : Buscar recuperar os prejuízos.	Os alunos ficam em dúvida quanto à existência de reforço no final do ano para o 9º ano, porém concordam que em 2010 não teve. Afirmam que no 7º ano fizeram Saresp e tiveram reforço, que funcionava assim: quem foi promovido em tempo regular era dispensado e quem não tinha sido promovido ainda, tinha mais uma semana de recuperação.	Reforço no final do ano para o 9º ano. Reforço no 7º ano. Como funcionava no final do ano.
GA1.39	Os alunos estudam na escola B desde a 5ª série.		Os alunos estudam na escola B desde o 6º ano.	Local de estudo desde o 6º ano.

Fonte: dados organizados pela autora.

#### Quadro 74 - Análise Ideográfica grupo de alunos 2.

Nº US	Unidade de Sentido	Enxerto Hermenêutico	Unidade de Significado	O que dizem as US
GA2.1	Os três alunos fizeram as provas do		Os alunos fizeram as provas do	Participação no Saresp.

GA2.2	<p>Saresp nos dois dias.</p> <p>BF4: Foram dois (dias). No primeiro Português e Matemática e no segundo dia Ciências e Redação. Só que Redação este ano era um <u>artigo de opinião</u> para os oitavos anos.</p> <p>BF6: Sobre a carta e a internet.</p> <p>BF4: Sobre a carta e a internet.</p> <p>Sobre que muitas pessoas deixam a carta para falar pela internet, para se comunicar via internet.</p> <p>BF5: Aí o título era bem assim: “A carta ficou no passado?” Alguma coisa assim... “A carta ainda tem...”</p> <p>BF4: “Espaço?”</p> <p>BF6: Porque várias pessoas deixou de escrever cartas para usar a internet. Lá estava dizendo que teve uma pesquisa que decidiram fazer com um casal, de um mandar carta para o outro. A menina gostou só que o garoto prefere a internet, o MSN, o email que é mais rápido. Isso (eram os textos que estavam lá para nós lermos)! Era como uma...</p> <p>BF5: Uma base...</p> <p>BF6: Como um texto pra gente poder fazer melhor um artigo de</p>	<p><u>Artigo de opinião</u>: Texto argumentativo onde o autor emite sua opinião.</p>	<p>Saresp nos dois dias.</p> <p>Os alunos contam que foram dois dias de prova, sendo o primeiro Português e Matemática e o segundo Ciências e Redação. A Redação era um artigo de opinião sobre o espaço que a carta pode ter (ou se ainda tem) após a expansão da comunicação via internet.</p>	<p>Disciplinas abordadas na prova.</p> <p>Tema da Redação.</p>
-------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------

GA2.3	<p>opinião.</p> <p>BF6: O máximo (de permanência na prova) era três horas, não era?</p> <p>BF4: A permanência... era o seguinte: a prova começava sete e meia, não, sete horas, desculpa, e o mínimo de permanência na sala era de uma hora e meia. Só que o tempo se estendia até 3 horas de prova.</p> <p>BF5: Eu fiquei as três horas fazendo a prova.</p> <p>BF5: Nos dois dias. Tanto que no segundo dia eu fui a última a sair da sala.</p> <p>BF6: Eu fiquei mais ou menos umas 2h e 20min, no primeiro e no segundo dia.</p> <p>BF4: Fiquei três horas também. Nos dois dias.</p>		<p>Os alunos informam que o tempo mínimo de permanência na sala para realização da prova do Saresp era de 1h:30min e o tempo máximo era de 3 h. BF4 e BF5 afirmam ter ficado o tempo máximo nos dois dias. BF5 relata que foi a última aluna a sair da sala no segundo dia. BF6 ficou em torno de 2h 20min fazendo as provas, durante os dois dias.</p>	<p>Tempo que o aluno permaneceu realizando a prova.</p>
GA2.4	<p>BF4: O pessoal da minha classe, eles são assim, <u>desligados</u> do mundo...</p> <p>BF5: <u>Alienados</u>.</p> <p>BF4: Então eles pensam que não tem importância essa prova, teve gente que antes das 8 h queria sair, 7:50 queria sair.</p> <p>BF6: Porque assim, já que é de alternativa, vai <u>chutando</u>...</p>	<p><u>Desligado</u>: que se encontra distante; afastado, isolado; que ou quem é distraído, aéreo.</p> <p><u>Alienado</u>: que ou aquele que sofre de alienação, que vive sem conhecer ou compreender os fatores sociais, políticos e culturais que o condicionam e os impulsos íntimos que o levam a agir da maneira que age; que ou</p>	<p>Os alunos BF4 e BF5 afirmam que os colegas da sala de aula são alheios à realidade que os cerca, portanto pensam que o Saresp não tem importância. Dessa forma, tais alunos queriam sair da sala antes de transcorrido o tempo mínimo de permanência, pois havíamos chutado todas as questões, perdendo tempo apenas</p>	<p>Colegas de sala alienados.</p> <p>Chutam as alternativas.</p> <p>Querem sair da sala antes de transcorrido o tempo mínimo.</p> <p>Prova fácil.</p>

	<p>BF4: Chutam.</p> <p>BF6: ... colocando qualquer uma.</p> <p>Só que aí eles perdem mais tempo com o <u>gabarito</u>, eu acho. Porque com a prova, já que é chutando vai rapidinho, né? Só com a redação que não tem como chutar.</p> <p>BF6: Alguns (alunos da classe) falaram que chutaram bastante, e outros falaram que a prova estava super fácil.</p>	<p>aquele que, voluntariamente ou não, se mantém distanciado das realidades que o cercam; alheado.</p> <p><u>Chutar</u>: No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente.</p> <p><u>Gabarito</u>: tabela das respostas corretas às questões de uma prova. Neste caso, os alunos se referem à folha de respostas onde deveriam assinalar as alternativas escolhidas como correta para cada questão.</p>	<p>para transcrever as respostas na folha de respostas. Comentam que apenas na Redação não tem como chutar.</p> <p>Afirmam que alguns colegas falaram que chutaram bastante e outros falaram que a prova estava fácil.</p>	
GA2.5	<p>BF6: De Matemática eu chutei duas.</p> <p>BF4: De Ciências eu chutei uma só. Mas a prova em si estava muito fácil.</p> <p>BF6: Todas estavam fáceis.</p> <p>BF5: Eu gastei bastante tempo fazendo... é... Era Matemática e Português no primeiro dia né?</p> <p>BF4: É.</p> <p>BF5: Eu gastei bastante tempo com Português, porque tinha bastante texto. Aí sobrou pouco tempo para Matemática! Nossa, não dava para <u>raciocinar</u> direito, o tempo ali... algumas eu chutei.</p>	<p><u>Raciocinar</u>: fazer uso da razão para estabelecer relações entre (coisas e fatos), para entender, calcular, deduzir, julgar (algo); refletir; apresentar razões; ponderar.</p> <p><u>Livrinho</u>: Refere-se ao material do Currículo do Estado de São Paulo.</p> <p><u>Dona</u>: Professora.</p>	<p>A aluna BF6 relata que chutou duas de Matemática; BF4 chutou uma de Ciências, porém ambos acharam as provas muito fáceis. A depoente BF5 relata que levou muito tempo respondendo as questões de Língua Portuguesa e não teve tempo de refletir nas questões de Matemática, tendo que chutar algumas.</p> <p>BF4 afirma que as questões que chutou deveriam ser de um conteúdo que ela faltou na aula ou que a professora não ministrou.</p>	<p>Alunos chutaram escolhas.</p> <p>Provas fáceis.</p>

	<p>BF6: Eu só chutei duas, mas foram duas assim, que ou eu devo ter faltado, mas assim, quando eu falto eu tento colocar a matéria em ordem, mas essas duas perguntas eu acho que não passou muito bem ou não explicou, ou se deve ter passado né? Porque vem no <u>livrinho</u> né? Acho que a <u>dona</u> deve ter pulado.</p>			
GA2.6	<p>BF4: O que eu acho <u>absurdo</u> na prova do Saresp é que na própria folha do Saresp, vinha escrito que a Redação tinha que ter no mínimo seis linhas. O que se faz em seis linhas?</p> <p>BF6: Porque não tem como a gente colocar nossa opinião em seis linhas.</p> <p>BF4: Porque seis linhas pra mim é uma <u>introdução</u>, um (?)</p> <p>BF6: Não tem como, porque temos que colocar nossa opinião, argumentos, defender ideias. Colocar, é, negócios positivos, negativos, sabe? Só que não tem como fazer em seis linhas.</p> <p>BF5: O meu foi mais ou menos 28 linhas.</p> <p>BF6: O meu foi todas. Quantas</p>	<p><u>Absurdo</u>: aquilo que é contrário à sensatez e ao bom senso; coisa absurda, dispartada; absurdez, absurdez, absurdidade.</p> <p><u>Introdução</u>: o que serve de abertura para uma tese, um livro etc.; prefácio</p> <p><u>Garantir o futuro</u>: ter chances de desenvolver-se futuramente.</p>	<p>Os alunos acham um absurdo a Redação do Saresp requisitar que se escreva um texto em, no mínimo, seis linhas. Alegam que em seis linhas não seria possível de expressar uma opinião, colocar argumentos, defender ideias. BF5 e BF6 relatam que suas redações tiveram entre 28 e 30 linhas, sendo que o máximo de linhas era em torno de 30. BF5 acha que se a pessoa pensa em seu futuro ela vai escrever uma Redação adequada, caso contrário ela fará nas seis linhas mínimas.</p>	<p>Absurdo a quantidade mínima de linhas na Redação ser seis.</p> <p>Alunos que pensam no futuro farão a Redação adequadamente.</p>



	linhas tinha lá? BF4: Ah, não sei...Umas 30. BF5: É porque depende do interesse da pessoa. Se ela quer <u>garantir o futuro</u> , ter alguma coisa boa, ser alguém melhor no futuro, ela vai pensar naquilo, e vai fazer o melhor, senão ela vai fazer as seis linhas que def...				
GA2.7	BF4: E, além disso, o Saresp serve também pra medir o <u>índice de aproveitamento dos estudos da escola</u> . E através desse índice que os professores têm aumento da <u>escola</u> . Então dependem dos alunos. Tanto que, não só do 9º ano, mas também do 7º e do 3º, que fizeram Saresp este ano.	<u>Índice de aproveitamento dos estudos da escola</u> : Refere-se ao Idesp. <u>Aumento</u> : Refere-se a aumento salarial.	O depoente BF4 afirma que o Saresp é usado para medir o Idesp, sendo que através desse índice os professores teriam aumento salarial, portanto dependem dos alunos. Afirma que, por esse motivo, também participaram do Saresp o 7º ano do Ensino Fundamental e a 3ª série do Ensino Médio.	Saresp é usado para medir o Idesp. Idesp vinculado a aumento salarial. Séries que participaram do Saresp.	
GA2.8	Os alunos acharam a prova fácil em geral. BF4: A de Matemática estava muito mais fácil que a de Português pra mim. BF5: Pra mim não. Porque são diferentes.		Os alunos afirmam que acharam a prova fácil em geral. BF4 afirma que a de Matemática estava mais fácil que a de Português, porém BF5 afirma que para ela não.	Dificuldade das provas.	
GA2.9	BF6: É porque antes do Saresp teve uma prova aqui da escola, uma preparação. BF4: Teve dois <u>simulados</u> , o Saresp	<u>Preparar</u> : aparelhar (-se), dispor (-se), arranjar (-se), antecipadamente; ensinar ou estudar com alguma finalidade;	Os alunos relatam que foram preparados para o Saresp com dois simulados: um da escola e outro da Diretoria de Ensino,	Preparação para o Saresp com dois simulados.	

	<p>e o Sarespinho.  BF4 e BF6: Dois simulados.  BF5: Que é tipo uma preparação, né?  BF6: Daí o simulado daqui da escola de Matemática eu achei um pouquinho mais difícil, porque eu tirei três, parece, nessa prova simulado da escola. Mas já o Saresp foi bem mais fácil, sabe, porque é uma coisinha <u>básica</u>, sabe? Que nós passamos o ano inteiro...  BF4: Muito básico.  BF6: E não é aquele negócio assim daquelas contas que nós aprendemos o ano inteiro, que é difícil. Então, eu achei mais difícil aquele que a professora passou, teve alguns que eu não consegui fazer de Matemática, foi tudo no chute que eu fiz.  BF5: Comigo já foi diferente.  BF6: O Saresp foi bem mais fácil que o simulado da escola.  BF4: Porque teve um simulado da escola e um simulado da Diretoria de Ensino.  BF4: O Saresp da escola foi antes das férias, né (dúvida)? E o Sarespinho foi há um mês quase já.</p>	<p>educar (-se), habilitar (-se); munir (-se) do necessário para enfrentar (alguma coisa); armar (-se), aparelhar (-se), aprontar (-se).  <u>Simulado</u>: Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino.  <u>Básico</u>: que faz parte da base; <u>basilar</u>: que ou o que é comum a diversos cursos de áreas afins e é ministrado nos anos iniciais (diz-se de disciplina, curso etc.).  <u>Sarespinho</u>: Simulado do Saresp.</p>	<p>chamado de Sarespinho.  BF6 achou o simulado da escola mais difícil que o Saresp, tendo, inclusive, chutado diversas questões na prova de Matemática já que afirma que no Saresp são requisitados conteúdos básicos, não sendo os conteúdos que aprenderam durante o ano.  BF4 concorda que são requisitados conteúdos básicos no Saresp.  BF5 achou a prova do Saresp mais difícil que a dos simulados.</p>	<p>Comparação da dificuldade dos simulados com o Saresp.  Saresp cobra conteúdos básicos.</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p><b>BF5:</b> Comigo já foi diferente, eu achei a minha prova mais difícil que a que a escola passou. Na da escola eu tirei uma nota acho que boa, pelo menos no Saresp, né, que a gente fala. Já no Saresp do governo eu fui bem ruim. Caiu coisas assim, tipo, pra mim foi difícil. Poderia até ter tido a aula, mas não me lembrava.</p> <p><b>BF5:</b> No Saresp. Foi difícil pra mim, né? As provas foram diferentes.</p>			
GA2.10	<p><b>BF4:</b> Quem aproveitou desde a 5ª série, o estudo, assim, que aqui tem ótimos professores, não é falando não, mas tem ótimos professores mesmo.</p> <p><b>BF6 e BF5:</b> Concordam.</p> <p><b>BF4:</b> Quem aproveitou, aprendeu, e acho que conseguiu uma nota boa no Saresp.</p>	<p><u>Aproveitar:</u> tornar (algo) proveitoso, útil, eficaz; ter aproveitamento, fazer progresso, especialmente intelectual (em).</p>	<p>Os alunos afirmam que quem estudou e aproveitou os ótimos professores que a escola oferece desde o 6º ano, conseguiu um bom rendimento no Saresp.</p>	<p>Alunos avaliam positivamente o ensino da escola.</p>
GA2.11	<p><b>BF4:</b> Agora, fica difícil para um professor, pensar na cabeça do professor, ter 40 alunos dentro da sala, passar lição, dominar, em 50 minutos, não dá. É super lotada a sala. Até que esse ano, no 9º ano não é, mas pega uma sala de 5ª série, de 6º ano, é 45 alunos. São</p>	<p><u>Peste:</u> pessoa criadora de problemas. <u>Dominar:</u> ter grande ascendência sobre (uma pessoa ou grupo de pessoas), a ponto de influenciá-la(s); ter controle.</p>	<p>O depoente BF4 relata que as salas de aula são super lotadas no 6º ano, com cerca de 45 alunos por classe, mas no 9º ano nem tanto. Acha isso difícil para o professor, pois ele tem que controlar os alunos e passar a lição em 50 minutos.</p>	<p>Alunos analisam situação da escola.</p> <p>Salas com muitos alunos dificulta o trabalho do professor.</p> <p>Alunos causadores de</p>

	<p>umas pestes.</p> <p>BF6: Pior que é mesmo.</p> <p>BF6: Não, mas o engraçado que parece que cada ano que passa os alunos estão piores.</p> <p>BF4: Aqui é pior.</p> <p>BF6: Estão piores mesmo.</p>			<p>BF4 e BF6 afirmam que os alunos são de criar problemas e que a cada ano que passa eles estão piores.</p>	<p>problemas.</p>
GA2.12	<p>BF4: Mas eu penso isso porque não tomam <u>atitudes</u>. A <u>direção</u>, para começar.</p> <p>BF4: Eu acho que o aluno aqui ele é muito <u>defendido</u>. Ele só tem direito, ele não tem dever aqui.</p> <p>BF6: Mas eu também acho assim que esses alunos que chegam pra estudar aqui na 5ª série, na maioria das vezes vêm de escola municipal. E nessas escolas municipal, não é que assim, mas não botam muita ordem, sabe? Quando um aluno briga com outro aluno, eles deixam de castigo, não dão <u>sermão</u>, não falam que é errado, essas coisas. Se forem falar, falam assim, só pra falar um tempinho.</p>	<p>Tomar <u>atitude</u>: tomar uma decisão enérgica para mudar uma situação insatisfatória que já perdura há algum tempo.</p> <p><u>Direção</u>: Refere-se à direção da escola.</p> <p><u>Defender</u>: proteger (-se) de ou contra (alguém ou algo); agir na defesa de (alguém, algo ou de si mesmo); patrocinar a causa de; advogar no interesse de; lutar em favor de.</p> <p><u>Sermão</u>: discurso moralizador, geralmente longo e enfadonho; qualquer fala com o objetivo de convencer alguém de algo; admoestação em tom severo; repreensão, descompostura.</p>	<p>BF4 acha que os alunos causam problemas porque eles são protegidos pela direção, que não tomam uma decisão enérgica para mudar a situação. Além disso, afirma que eles só têm direitos, nenhum dever. A depoente BF6 acha que os alunos que chegam no 6º ano veem de escolas municipais onde não há sermões explicando onde os alunos estão errando.</p>	<p>Alunos só têm direitos.</p> <p>Até o 6º ano não há sermões.</p>	
GA2.13	<p>BF4: E a <u>metodologia da escola pública</u> e da municipal é muito diferente. Porque na escola pública, 16 professores eu tenho. São 16</p>	<p><u>Metodologia</u>: Refere-se à organização da escola para o ensino.</p> <p><u>Escola pública</u>: Refere-se à</p>	<p>Os alunos falam sobre a dificuldade de se mudar de uma escola com um professor só, de 1º ao 5º ano, para uma escola onde</p>	<p>Dificuldade em mudar do 5º para o 6º ano.</p> <p>Responsabilidades do 6º</p>	

	<p>matérias diferentes que a gente fica aqui período integral. Agora, o município é quatro professores, é bem diferente. E outra coisa, quando eu entrei aqui, o tratamento é muito esquisito, é muito diferente. Você entra aqui no primeiro dia parece que, sabe, que as pessoas, que o peso da escola cai sobre você. Tudo é a 5ª série. Então a 5ª série sofre muito.</p> <p>BF6: É, toda culpa é da 5ª série (risos). Lembra da 5ª série?</p> <p>BF5: Quando eu entrei aqui, eu lembro, nossa foi muito estranho também, começou a vir muitas responsabilidades, eu não sabia que ia ser isso. Então agora, eu estou na 8ª série, no 9º ano, eu me acostumei, toda aquela carga de responsabilidades, saber fazer as coisas. Mas quando eu estava na 5ª série, não era assim, foi difícil, foi pesado, mas digamos que eu aprendi. Aqui é diferente de lá, que nem eles falaram, da escola municipal. Eu não tinha uma irmã mais velha pra me falar, agora eu falo pra minha irmã mais nova, que as coisas aqui não é fácil, como ela</p>	<p>escola estadual.</p> <p><u>Peso</u>: sensação de ser oprimido por um peso; incômodo, opressão; tudo aquilo que incomoda, preocupa, abate.</p> <p><u>Culpa</u>: responsabilidade por dano, mal, desastre causado a outrem; atitude ou ausência de atitude de que resulta, por ignorância ou descuido, dano, problema ou desastre para outrem.</p> <p><u>Mundo lá fora</u>: mundo fora dos muros da escola.</p> <p><u>Fantasiado</u>: em que ocorre fantasia ou algo imaginado; que fantasia; que tem pouca ou nenhuma relação com a realidade; imaginoso.</p> <p><u>Pegar no pé</u>: importunar com insistência.</p>	<p>eles têm aulas em período integral e 16 professores diferentes. Relatam que as responsabilidades aumentam, pois nas escolas municipais não se mostra a realidade do mundo fora da escola, já nas séries finais do ensino fundamental os professores começam a chamar a atenção para o mundo real e do trabalho.</p>	<p>ao 9º ano.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------

GA2.14	<p>pensa. Porque ela ainda pensa que as coisas é fácil, não sei o que lá. BF6: É por causa mais assim da escola, né? Porque na escola municipal, eles não passam isso, para eles verem o que está acontecendo no <u>mundo lá fora</u>, sabe? Já é um mundo mais <u>fantasioso</u>. Sabe, eu mesmo quando vim pra essa escola eu me senti como uma estranha, todo mundo se sente né, no primeiro dia de aula. Só que depois no mesmo dia parecia que conhecia a escola inteira, já. Só que quando eu passei pra estudar na 7ª série, até agora no 9º ano, eles começam a colocar, não muita pressão... eles começam a <u>pegar no nosso pé</u> pra gente ser alguém na área de trabalho lá fora. Começar a falar da realidade, sabe? Tem vários professores que dão conselhos pra nós, que incentivam nós a trabalhar.</p>			
	<p>BF4: Uma coisa que eu acho estranho quando você entra aqui tem todo aquele discurso do <u>doutor</u>... Então ele faz aquele <u>auê</u> todo.... É legal fazer, sabe? Mas só que é tanta <u>bobagem</u>, porque vá lá,</p>	<p><u>Doutor</u>: Refere-se ao diretor da escola.  <u>Auê</u>: situação dominada por grande alvoroço; confusão, tumulto, rebelião.  <u>Bobagem</u>: dito ou ação tola,</p>	<p>Os alunos afirmam que o diretor da escola faz um discurso quando os alunos ingressam, mas que quase não aparece na escola, que é dirigida pelas coordenadoras e pela vice-diretora.</p>	<p>Diretor não é presente na escola.</p>

	<p>ele vem uma vez no ano quase. Quem coordena a escola mesmo é a coordenação e a vice diretora, porque ele não aparece aqui, não dá as caras aqui.</p> <p>BF5: Não aparece.</p> <p>BF4: Quando ele vem, ou ta chovendo muito ou se não ela ta de férias...</p>	<p>impensada; asneira, tolice; coisa supérflua ou sem importância.</p>		
GA2.15	<p>BF6: Só que a prova era diferente uma da outra.</p> <p>BF4: É, eram 26 cadernos diferentes de prova. E como a classe tem 24, não deu pra colar (risos). Dava pra colar na redação, que era o mesmo tema pra todo mundo, mas...</p> <p>BF6: As professoras ainda tentavam enganar nós, falando que era tema diferente...</p>	<p><u>Colar</u>: copiar, ouvir de outrem ou ter consigo indevidamente (o examinando) as soluções dos problemas propostos em exame escrito, para, por esses meios, ter o desempenho de um bom aluno.</p>	<p>Alunos relatam que as provas eram compostas de 26 cadernos diferentes, portanto não era possível colar. Afirmam que só seria possível colar na Redação, mas que as professoras tentaram enganar, dizendo que o tema era diferente.</p>	<p>Não dava para colar.</p> <p>Provas diferentes.</p>
GA2.16	<p>Os alunos afirmam que dava para enxergar de uma prova pra outra.</p> <p>BF6: Porque era assim, era uma fileira, né?</p> <p>BF4: Era assim, dividiu a classe em cinco fileiras, de 6 (?)</p> <p>BF5: Mas mesmo assim, as questões não eram iguais. Tipo assim, a minha tava na primeira, a dele poderia estar na última.</p>	<p><u>Ordem numérica</u>: De acordo com a lista de chamada.</p> <p><u>Mapeamento</u>: Organização da sala de aula que define os lugares que cada aluno deve sentar, no dia a dia.</p>	<p>Os alunos afirmam que era possível enxergar de uma prova pra outra, mas que as questões não eram iguais. Relatam que na organização da sala no dia da prova os alunos foram dispostos em ordem numérica.</p>	<p>Conseguiam ver provas de outros alunos.</p> <p>Alunos dispostos em ordem numérica no dia da prova.</p>

	<p>BF6: Eu acho até bom ter feito isso, sabe? Porque os alunos foram colocados em <u>ordem numérica</u>, mas se fosse colocado no <u>mapeamento</u>, atrás de nós duas sentam dois meninos bagunceiros... Aí se caso a gente sentasse assim do lado, mesmo com a carteira separada, eles iam ficar em cima de nós, pra olhar, sempre olham. Seja pra curiosidade ou seja pra colar.</p>			
GA2.17	<p>Os alunos afirmam que não podia conversar durante a prova e que eles não conversaram. BF4: Alguns conversaram. Alguns desrespeitam os colegas que estão fazendo a prova. BF4: Assuntos <u>da lua</u>, de fora daqui... (risos) BF6: É, assuntos banais. Só que não foi assim pra conversar... porque não era nem um minuto direito... BF5: Porque a professora... BF6: Porque a professora <u>chamava atenção</u> e eles ficaram quietos.</p>	<p><u>Da lua</u>: fora da realidade; longe do mundo. <u>Chamar atenção</u>: fazer advertência; repreender, advertir, admoestar.</p>	<p>Os alunos afirmam que não era permitido conversar durante as provas e que eles não conversaram, mas alguns alunos da sala conversaram sobre assuntos banais, desrespeitando os colegas da classe. Porém, relatam que a professora os advertia e eles paravam de conversar.</p>	<p>Conversa durante a prova.</p>
GA2.18	<p>BF6: Os fiscais ficaram no corredor. BF4: A fiscal era meia doida né? (risos) Mas tinha fiscal, você queria ir no banheiro, levantava a mão,</p>	<p>Fiscal: aquele que verifica o cumprimento de qualquer ordem, regulamento ou determinação; inspetor, fiscalizador.</p>	<p>Os alunos afirmam que os fiscais do Saresp ficavam no corredor e não dentro da sala, onde só ficava o professor observando os alunos realizarem as provas. Relatam</p>	<p>Existência de fiscais no corredor, que acompanhavam para ir ao banheiro.</p>



	<p>chamava a professora, ela recolhia a prova, e o fiscal vinha e levava no banheiro.</p> <p>Alunos: Não (dentro da sala). De vez em quando ela olhava.</p> <p>BF6: Só a professora. Os fiscais ficavam no corredor. Se a professora precisasse, daí chamava. E assim, eles colocaram esses fiscais porque os alunos pedem pra sair pra ir no banheiro, aí se encontra com outros e começa a pedir informações sobre a prova. É por isso que achei legal também ter colocado a prova diferente uma da outra. Pra não poder colar nesse período de escapar e se encontrar aí fora.</p>		<p>que para irem ao banheiro deviam pedir permissão para a professora, que chamava o fiscal para acompanhá-los, não possibilitando assim, que alunos se encontrassem com outros fora da sala de aula para pedir informações sobre a prova. A depoente BF6 acha importante, para evitar colas, essa atitude e o fato de serem provas diferentes</p>	<p>Atitude para evitar colas.</p>
GA2.19	<p>BF4: O único material que podia consultar era o cérebro, só. (risos)</p> <p>BF6: Era só lápis, borracha e caneta.</p> <p>BF5: Não (podia), tanto é que a gente nem trouxe, né?</p> <p>BF5: Porque a gente não podia ter estojo, era lápis, caneta e borracha né?</p> <p>BF6: Não podia ter régua... É porque assim, ia ser <u>injusto</u> né? Porque se a gente tem alguma coisa</p>	<p><u>Injusto</u>: que ou aquele que não procede com justiça; que não está em conformidade com a justiça.</p> <p><u>Google</u>: Site de busca na internet.</p>	<p>Os alunos afirmam que não era permitido o uso de nenhum material além de lápis, caneta e borracha. A depoente BF6 acredita que é importante que a prova seja feita sem consulta a nenhum material para que os alunos se auto avaliem e saibam seus pontos fortes e fracos. BF6 afirma, também, que nem todos os alunos pensam assim, mas que futuramente eles perceberão o</p>	<p>Não podia consultar nenhum material.</p> <p>Fato importante para que haja uma auto avaliação.</p>

	<p>pra consultar, daí não tem como a gente ver no que a gente está bom e no que a gente está ruim né? Então eu acho melhor assim, sem nada pra consultar.</p> <p>BF5: Mas nem todos pensam assim, né?</p> <p>BF4: Eu queria o <u>Google</u> na hora da prova (risos).</p> <p>BF6: Mas nem muitos pensam assim, que querem avaliar a si mesmos. Pensam que é só um tempo que vai passar. Só que ainda mais pra frente eles vão perceber o que eles perderam, na verdade.</p>		que perderam.	
GA2.20	<p>BF4: Esse ano, eu penso o seguinte, que a escola foi prejudicada pelo seguinte, teve um alto índice de <u>desistência</u>. Teve salas que teve 5, 6. Na minha sala teve, agora fim do ano, 4. Mas tem sala que eles pegam, o Saresp pega o número de alunos da sala, a nota, e divide pelo número de alunos. Aí esse número, vamos ver a média. Esse número eles compararam com a média do ano passado. Eles têm uma meta, no Educar para Crescer, aquele site, quem quiser pode ir lá consultar a meta da escola, de todas as escolas</p>	<p><u>Desistência</u>: abdicção de algo que se desejava; abstinência, renúncia.</p>	<p>O depoente BF4 afirma que a escola foi prejudicada, pois em torno de cinco ou seis alunos não participaram da prova, pois o Saresp divide a nota dos alunos pelo número de alunos da sala, comparando o número obtido com a média do ano passado. Relata que existem metas para as escolas cumprirem, que podem ser verificadas no site Educar para Crescer.</p>	<p>Prejuízo à escola, pois vários alunos faltaram.</p> <p>Explica como é calculada a nota da escola.</p> <p>Fala sobre a existência de metas que podem ser consultadas em um site.</p>

GA2.21	<p>tem lá.</p> <p>BF6: Teve um tempo que a escola fez, não sei se foi na sexta série ou na sétima, mas fez uma prova pra todos os alunos, assim, de todas as séries, sabe? Por exemplo, aqui são três 9<sup>os</sup>, faz de conta que foi esse ano. Aí eles fizeram a prova e se caso um aluno de cada sala tirasse a mesma nota, colocava esses alunos numa sala, e os outros vai separando assim, sabe? Os melhores, os médios, e os pouquinho mais ruim, que faltam mais explicação... Eles separaram só que ficou mais ou menos quantos meses?</p> <p>BF4: Ficou três meses e piorou. Piorou o rendimento da escola.</p>		<p>Os depoentes afirmam que há algum tempo a escola fez uma prova para todos os alunos da escola e, os resultados foram usados para agrupar os alunos em classes de acordo com o desempenho. Segundo os depoentes, esse agrupamento perdurou por poucos meses, já que o desempenho da escola piorou.</p>	<p>Escola fez separação de turmas de acordo com o desempenho, mas não deu certo.</p>
GA2.22	<p>BF6: Eu acho que atrapalhou, sabe? Eu achei ruim porque eu já era acostumada numa sala, aí depois eu passei pra outra, aí eu acostumei naquela, aí depois voltou de novo praquela outra. Foi meio ruim, sabe, pra gente depois acompanhar a lição, foi meio ruim, passou assim, umas duas semanas pra gente tentar acompanhar certinho os professores, assim.</p>	<p><u>Assuntos</u>: Refere-se aos conteúdos abordados na sala de aula.</p> <p><u>Metodologia</u>: corpo de regras e diligências estabelecidas para realizar uma pesquisa; método.</p> <p>No texto, refere-se à maneira de ensino.</p> <p><u>Aberta</u>: acessível à compreensão; receptivo, generoso, liberal; desprovido de preconceitos, que</p>	<p>Os alunos afirmam que tal mudança ocorreu no meio do ano e que foi difícil para aqueles que mudaram de sala se adaptarem aos novos professores e às diferenças de andamento dos conteúdos abordados na sala de aula.</p>	<p>Difícil adaptação na mudança de sala.</p>

GA2.23	<p>Alunos: Mudou (no meio do ano).  BF5: Eu fiquei na mesma.  BF4: Depois das férias.  BF6: Com isso teve professor diferente também. Tinha um professor de Português, na nossa sala, a E., e na outra sala que nós mudou foi a S. Aí passavam assuntos mais ou menos diferentes, só que acho que...</p> <p>BF4: A E.... A. (concordando com BF6). É, a <u>metodologia</u> de cada professor tem assim... A E. ela é mais aberta com os assuntos. Ela explica de maneira diferente. Agora a S., não, é mais “<u>nhaca</u>” pra explicar, eu não entendia nada do que ela explicava. Mas ela é uma boa professora assim, mas é difícil fazer a prova...</p> <p>BF5: Eu fiquei na mesma (sala). Na minha sala um ou outro aluno foi modificado, mas parece que foi só duas da minha sala, porque eu continuei na mesma... Não foi todo mundo...</p>	<p>aceita e/ou debate novas idéias, disposto a novas experiências; liberal, tolerante.  <u>Nhaca</u>: quis dizer que a explicação de uma professora não era tão boa quanto a da outra.</p>		
	<p>BF4: Este ano aqui a escola implantou um sistema que é o seguinte: prova bimestral. Então é assim: uma semana do bimestre</p>	<p><u>Pegar</u>: Entender.  <u>Revisão</u>: nova leitura, mais minuciosa, de um texto; novo exame. O aluno fala no sentido</p>	<p>Os depoentes relatam que em 2010 a escola implantou um sistema de provas bimestrais, que ocorrem em uma determinada</p>	<p>Existência de semana de provas bimestralmente na escola.</p>

	<p>eles pegam e dão as provas. Então assim: primeiro dia Português e Matemática, segundo dia: História e Geografia, terceiro dia: Artes, Inglêss...</p> <p>BF5 e BF6: Todas as matérias.</p> <p>BF4: Todas as matérias da manhã e algumas da tarde. Então é diferente de você comparar a prova bimestral com o Saresp. Porque o Saresp deste ano que eu falo, do 9º ano. Porque o Saresp é um resumo de tudo que aprendemos desde a 5ª série. Agora a prova bimestral não, é o que aprendeu no bimestre.</p> <p>BF6: O Saresp é bem mais fácil do que as provas. Ainda mais Matemática né? Porque Matemática a prova assim (?). Porque assim, a maioria dos alunos da minha sala não consegue pegar a matéria que a professora explica. A professora explica mais ou menos três...</p> <p>BF4: Ela está com nós desde a 5ª série.</p> <p>BF6: E ela é daquela que pega no nosso pé pra aprender, sabe?</p> <p>Assim, eu não vou dizer que ela é ruim de explicar, eu acho ela boa, porque comigo, porque cada um</p>	<p>de um resumo das disciplinas estudadas.</p>	<p>semana, para todas as matérias da manhã e algumas da tarde.</p> <p>Afirmam que o Saresp é diferente dessas provas bimestrais, pois a prova da escola trata apenas da matéria do bimestre e o Saresp é um resumo de tudo que aprenderam desde o 6º ano. A deponente BF6 acha a prova do Saresp mais fácil que as provas bimestrais, ainda mais de Matemática, pois a maioria dos alunos não consegue entender o que a professora explica, apesar de ela explicar mais de uma vez e insistir para que os alunos aprendam. O deponente BF4 afirma que a Matemática é difícil.</p>	<p>Provas do Saresp são diferentes da prova bimestral, pois uma é uma revisão do conteúdo e outra é referente à matéria do bimestre.</p> <p>Matemática é difícil.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>tem um jeito né, de explicar. Comigo quando ela explica uma vez só eu já entendo, se caso eu não compreendi ela vai lá e explica de novo.</p> <p>BF4: A Matemática é difícil.</p> <p>BF6: Se caso ela não explicar na lousa, ela vem na nossa mesa e explica. Porque tem alguns que não querem, né? Eu acho ela boa, só que é muito diferente a prova que ela passa da prova do Saresp. Porque o Saresp é uma <u>revisão</u> do ano inteiro. E a prova que passa é uma vez por mês ou uma vez por bimestre, né?</p> <p>BF5: As questões não são parecidas, são diferentes. Porque que nem eles falaram, a prova bimestral, é aplicada no bimestre.</p>			
GA2.24	<p>BF5: E na prova do Saresp que a gente fez caiu umas coisas que eu aprendi lá atrás que eu nem lembrava, que eu nem lembro, né, como fazia. Então fica difícil né? Coisas que a gente ainda ia revisar este ano e que a gente não conseguiu terminar. Porque esse livrinho que o governo passou, às vezes não chega em tempo certo, aí</p>	<p><u>Enrolar</u>: usar de artifícios para adiar a resolução de um negócio ou a realização de uma incumbência; embromar, remanchar.</p>	<p>A depoente BF5 afirma que muitos conteúdos cobrados no Saresp são assuntos que ela aprendeu há muito tempo e não se lembra. Caíram, também, conteúdos que ainda não tinham sido abordados, pois o material que o governo envia não chega no tempo certo, fazendo que o professor adie o começo de novos</p>	<p>Saresp cobra conteúdos que a depoente não se lembra ou que não foram abordados por atraso no envio do caderninho.</p>

	<p>você tem que ficar <u>enrolando</u> com outra matéria. Às vezes chega e você está iniciando e já era para estar acabando aquele caderno.</p>		conteúdos.	
GA2.25	<p>BF4: Eles são obrigados a usar (o <u>caderninho</u>). Porque assim, eles fazem, eles têm o diário de cada classe. Então no bimestre quando tem o <u>conselho</u>, vem um fiscal e um supervisor da Diretoria de Ensino em cada escola quando tem. Então eles olham as atividades dadas pelo professor e as anotações do professor. Então se o professor fizer a anotação e no outro dia o supervisor chegar na sala e perguntar, o aluno tem que estar com aquela matéria. Então eles são <u>cobrados</u>.</p>	<p><u>Caderninho</u>: Refere-se ao material do Currículo do Estado de São Paulo. <u>Conselho</u>: Refere-se ao Conselho de Classe e Série feito bimestralmente na escola, no qual se discute as notas dos alunos de cada série. <u>Cobrar</u>: pedir, exigir o cumprimento de (promessa ou compromisso).</p>	<p>O depoente BF4 afirma que os professores são obrigados a usar o material enviado para as escolas referente ao Currículo do Estado. Relata que vem um Supervisor de enviado pela Diretoria de Ensino para conferir se as anotações do professor equivalem ao conteúdo que os alunos têm registrado no caderno.</p>	<p>Obrigação de os professores usarem o caderninho.  Verificação da DE se estão usando.</p>
GA2.26	<p>BF6: Eu acho assim, que não deveria ter esses caderninhos, porque só <u>atrapalha</u>, só atrapalha mesmo. Porque assim, atrapalha porque tem que seguir o que está no caderninho, às vezes é um assunto <u>nada a ver</u> e assim, além de dar peso na bolsa também, porque pesa pra trazer os caderninhos. Tem vários alunos aí que têm a bolsa pesada, né? (risos). Eu acho assim,</p>	<p><u>Atrapalhar</u>: ser um obstáculo a; perturbar, estorvar, impedir; agir de maneira importuna, impedindo as ações de (outrem). <u>Nada a ver</u>: sem relação com outro (algo), fora do contexto de.</p>	<p>A depoente BF6 acha que o material referente ao Currículo atrapalha, pois possui assuntos sem relação com outros e faz com que a bolsa dos alunos fique pesada, já que tem que levar o material para a escola. Entretanto, afirma que do caderno de Matemática ela gostou, pois vem com algumas contas prontas e com as figuras desenhadas,</p>	<p>Caderninho só atrapalha.  De Matemática ela gosta porque as figuras vêm prontas.</p>

	<p>que a professora de Matemática segue direitinho assim, acho que Matemática até que vai sabe? Vem já a continha pronta pra nós. (risos). Só que de outras matérias eu preferia que continuasse em livros didáticos assim.</p> <p>BF6: Do caderno assim, de Matemática eu também gostei, sabe? É bom assim, porque do 9º pra frente, Matemática é mais com figuras né? E é difícil, porque na 5ª série a gente tinha que escrever, o que a dona pedia, a questão, só que não era com figuras, e quando era com figura, era uma figura básica, assim, não essas complicadas, triângulo com ângulo, nossa é muito complicado...(corte) Vídeo 2: Aí é bom nesse lado, né? Porque já vem tudo prontinho pra gente responder.</p>		facilitando o trabalho dos alunos.	
GA2.27	<p>BF4 e BF6: Livro didático tem. Só que fica com os professores no armário.</p> <p>BF5: Então a gente mal usa, né? Porque mais o livro, né?</p>		Os alunos afirmam que possuem livros didáticos, mas que não são muito usados por eles, já que ficam nos armários dos professores.	Possuem livros didáticos, mas quase não usam.
GA2.28	<p>BF5: Eu já acho ao contrário dela. (GA2.26). Eu acho que o livrinho, por um lado ele ajuda, por outro ele</p>	<p>Lógica: maneira rigorosa de raciocinar; encadeamento coerente de alguma coisa que</p>	A depoente BF5 acha que o material do Currículo mais ajuda do que atrapalha, em algumas	Material do Currículo mais ajuda do que atrapalha.



	<p>meio que atrapalha. Mas ajuda mais do que atrapalha, pra mim, em algumas matérias. Porque com o livrinho de Matemática, particularmente eu consegui aprender mais do que eu estava aprendendo sem ele, entendeu? Porque, assim, às vezes vem explicado, tinha coisa que ali você já conseguia entender, tem coisas que não. Eu sou meia, digamos, ruim mesmo de Matemática, pra ser sincera. É difícil pra mim ficar guardando as coisas na cabeça sobre Matemática, porque, mas é <u>lógica mesmo</u> a Matemática, mas tem coisas que eu não consigo enxergar assim <u>de cara</u>. Teve uma vez que a professora estava explicando um negócio lá que vinha, todo mundo tava entendendo pouco a pouco e eu passei o bimestre inteiro e não consegui aprender.</p> <p>BF4: É difícil.</p> <p>BF5: Que é um negócio de sequência e tal. Não consegui, por mais que a professora tentasse enfiar aquilo na minha cabeça, eu não conseguia. Foi muito difícil pra</p>	<p>obedece a certas convenções ou regras.</p> <p><u>De cara</u>: de imediato.</p>	<p>matérias. Afirma que em Matemática conseguiu aprender o que não estava conseguindo aprender sem ele, pois há explicações no material. A depoente também afirma que não entende, de imediato, muitas coisas em Matemática, sendo que às vezes todos na classe já entenderam e ela não. O depoente BF4 afirma que Matemática é difícil.</p>	<p>Em Matemática conseguiu aprender o que não estava conseguindo aprender sem ele.</p> <p>Depoente não entende Matemática.</p> <p>Matemática é difícil.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>mim. Consegui aprender um pouco, mas não foi o mesmo dos outros, porque somos diferentes, né? Então, o que eu aprender, pode ser que ela não aprenda, o que ela aprender eu não consigo, então... Por um lado ajuda, por outro atrapalha...</p>			
GA2.29	<p>BF4: Mas eu acho que é dinheiro jogado fora, o caderno do aluno. Porque eles pegam, eles gastam um dinheiro, o ano passado teve erros... É normal ter erros, né? Mas aqueles erros... um absurdo. Outra coisa, no final do ano, não sei se vocês conhecem, ou têm conhecimento, no final do ano os alunos pegam os caderninhos, rasgam (BF6 concordando e fazendo gesto de jogando pra cima), e jogam fora, e jogam, e tacam no ventilador. Se você vir, BF6: Essa rua aqui da frente fica toda suja de papel. BF5 concorda. BF4: Não sei se sexta feira agora já vai começar o auê, mas se você vir o último dia de aula, não contando com a recuperação, se você vir a situação que é, é um <u>caos</u>. BF6: A situação... A rua fica</p>	<p>Jogado fora: Desperdiçado. Caos: mistura de coisas em total desequilíbrio; desarrumação, confusão.</p>	<p>O depoente BF4 acha que o material enviado pelo governo referente ao Currículo é dinheiro desperdiçado, pois, além de conter erros absurdos, os alunos jogam fora no final do ano. Os depoentes relatam que no último dia de aula os alunos rasgam, jogam pra cima, no ventilador, na rua. Contam, também, que as ruas em frente às escolas ficam lotadas de papel, parecendo dia de eleição, um caos. Afirmam que não pode jogar o Caderno do 4º bimestre, pois ele será utilizado no começo do ano seguinte, e que mesmo a escola avisando para não jogar, os depoentes acham que os alunos jogarão.</p>	<p>Caderninho é dinheiro desperdiçado. Alunos jogam o material referente ao Currículo fora. Rasgam e jogam na rua.</p>

	<p>todinha cheia de papel, papel, papel...</p> <p>BF5: Só vê a turma jogando caderno (pra cima).</p> <p>BF4: É um caos público. Parece dia de eleição, a rua.</p> <p>BF5: Cheia de papel. Você vai na frente das escolas é lotado de papel, assim. Uma vez, você anda só matéria, você só vê, pelo menos do quarto bimestre. Agora eles estão avisando, né?</p> <p>BF6: O do quarto bimestre, não pode jogar.</p> <p>BF5: Mas do ano passado... a pessoa rasgou e ia usar, e o ano que vem a gente vai usar o mesmo.</p> <p>BF4: Mas vão rasgar. Eu tenho certeza que vão rasgar este ano.</p>				
GA2.30	<p>BF6: É, de Matemática tem um pouco a ver (a prova do Saresp com a matéria do caderninho).</p>			<p>A depoente afirma que tem um pouco de relação entre a prova do Saresp e o conteúdo abordado no material referente ao Currículo.</p>	<p>Há relação entre o Saresp e o caderninho.</p>
GA2.31	<p>BF4: Não vou falar que é recente, né? Mas a saída da escola municipal para a escola pública na 6ª série é muito diferente, porque ainda não dá pra você ter um controle da matéria. Então é diferente, porque a matéria quando</p>	<p><u>Jornal</u>: Refere-se ao material enviado pela SEE no início do ano de 2008, para um período de recuperação intensiva de 42 dias, com a intenção que “os alunos repusessem estruturas fundamentais de Língua</p>	<p>Os depoentes contam que no 6º ano usavam livro didático e que no início do 7º ano veio um caderno em formato de jornal para um período de recuperação intensiva, referente à Proposta Curricular, e depois vieram os</p>	<p>Jornal de recuperação em 2008.</p> <p>Material de difícil manipulação.</p> <p>Perdia metade da aula</p>	

	<p>você entra aqui é diferente. Na 5ª série era livro didático, na 6ª série começou a usar um <u>jornal</u> que parecia mais é... era um jornal desse tamanho assim (grande)...</p> <p>BF5 e BF6: Nossa, é mesmo.</p> <p>BF4: Era a proposta curricular.</p> <p>BF6: Nossa, era muito horrível.</p> <p>BF4: Foi no primeiro (bimestre)...</p> <p>BF5: E para colocar aquilo na carteira e abrir aquilo! Gente!</p> <p>BF4: Daí na 7ª série vieram os caderninhos.</p> <p>BF6: O ruim é que, ficava muito ruim que o <u>representante</u> que tinha que buscar na salinha aqui fora, no pátio. Aí tinha, assim, além de... perdia tempo mesmo. Os coordenadores aqui, sabe? Os, a ... é o que?</p> <p>BF4: Inspetor.</p> <p>BF6: Os inspetores tinha que ficar lá na sala, pra não deixar os alunos rasgar, jogar nos outros... era muito complicado, gastava muito tempo deles e nosso também né? Porque nós, assim, eu era representante, então nós tinha que ir buscar as</p>	<p>Portuguesa e Matemática com as quais pudessem interagir melhor com a nova proposta curricular” (FINI, 2009, p.63<sup>208</sup>).</p> <p><u>Representante</u>: Aluno representante de classe.</p> <p><u>Inspetor</u>: inspetor de alunos.</p> <p>Funcionário responsável por cuidar e fiscalizar a movimentação dos alunos pela escola.</p> <p><u>Carteirinhas</u>: Desconhecimento de que tipo de carteirinha se trata.</p>	<p>cadernos do aluno. Relatam que o jornal era muito grande e difícil de colocar sobre a carteira. Além disso, os alunos representantes de classe tinham que ir buscar diariamente o material em uma sala, sendo entregue pelo inspetor de alunos, o que tomava muito tempo, aproximadamente metade da aula.</p>	<p>para pegar o material.</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------

<sup>208</sup> FINI, M. I. Currículo e Avaliação: articulação necessária em favor da aprendizagem dos alunos da rede pública de São Paulo. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 23, n. 1, p. 57-72, jan./jun. 2009.

GA2.32	<p><u>carteirinhas</u> e ainda tinha que buscar o jornal. Perdia muito tempo da aula. Perdia mais ou menos metade da aula.</p> <p>BF4: 7º ano... 6ª série... Sim, fizemos (o Saresp).          Alunos: Sim, fizemos, só que eu acho que é o seguinte.          BF4: Fizemos, só que          BF5: Agora está melhor do que antes.          BF5: Mas cheguei, alguns textos assim, de fazer o Saresp, porque além do tal do rendimento, o modo como foi feito este ano foi bem melhor que o que ocorreu na 6ª série, né?          BF5: Mas a gente nem fica sabendo (os resultados).          BF4: Mas eu perguntei pra professora, nosso <u>histórico escolar</u> tem a nota do Saresp.          BF6: Eu mesma nunca fiquei sabendo.          BF5: Eu também, nunca. Nem uma prova do Saresp assim que eu fiz, nunca fiquei sabendo nota. Então não dá pra gente saber...          BF4: Eles fazem só um levantamento de dados em geral, da</p>	<p><u>Histórico escolar</u>: Documento com diversas informações sobre os alunos ao longo das séries, como notas, disciplinas e séries cursadas.</p>	<p>Os alunos afirmam que fizeram o Saresp no 7º ano, e que agora está melhor do que antes. Porém, afirmam que não ficam sabendo dos seus resultados, e que gostariam de saber. Contam que foi informado pela coordenação pedagógica que em 2010 o resultado do Saresp fará parte da nota do 4º bimestre, mas eles mostram dúvidas em relação a isso. BF4 relata que perguntou para a professora e que a nota do Saresp consta no Histórico Escolar.</p>	<p>Fizeram o Saresp no 7º ano.          Gostariam de saber seus resultados individuais.          Foi falado que a nota do Saresp fará parte da nota do 4º bimestre.          Professora falou que nota do Saresp consta no Histórico Escolar.</p>
--------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>escola.          BF6: Às vezes dá vontade de saber, ainda mais de Matemática.          BF5: Eu gostaria.          BF6: Sim (gostaria de saber).          BF4: Mas este ano a gente vai ficar sabendo porque eles vão colocar a nota do Saresp pra fechar o quarto bimestre.          BF5: Ah, tem professor que fala, tem outros que não né?          BF4: Eu acredito que sim, a coordenação falou que vai.</p>			
GA2.33	<p>BF4: O Saresp e o sarespinho já contou pro 4º bimestre.          BF5: Não, pro 3º, não foi?          BF6 e BF4: Pro 4º.</p>	<p><u>Contar</u>: No texto, o mesmo que valer nota.</p>	<p>Os depoentes afirmam que os simulados valeram nota, mas ficam em dúvida se para o 3º ou 4º bimestre.</p>	<p>Simulados valem nota.</p>
GA2.34	<p>BF5: Eu acho que o Saresp é como se fosse fazer uma prova de faculdade. Não sei se na faculdade tem prova né? E assim, foi uma coisa boa, eu acho. <u>Caiu</u> coisas difíceis, caiu. Mas coisas que foram dadas, era ter passado. Mas às vezes por competência de algumas outras pessoas, às vezes do governo, depende do tempo, né? Eu gostei de ter feito, e eu acho que é bom sim, ter, continuar tendo, porque vai avaliar como está a escola e os</p>	<p><u>Faculdade</u>: o conjunto das matérias que compõem cada uma das áreas do ensino superior. No texto, o aluno se refere a um curso de nível superior.  <u>Cair</u>: no sentido de cair na prova, ser cobrado na prova.  <u>Competência</u>: soma de conhecimentos ou de habilidades; poder detido por um indivíduo, em razão do seu cargo ou função, de praticar atos próprios deste ou desta</p>	<p>A depoente BF5 acha que o Saresp é como se fosse uma prova de um curso superior, mesmo não sabendo se há provas em tais cursos. Afirma que o que foi cobrado na prova era para ter sido ministrado em sala de aula, mas que às vezes não foram por motivos como: falta de competência de alguém ou falta de tempo. A aluna gostou de ter feito o Saresp e acha que as pessoas têm que levar essa prova</p>	<p>Saresp é como se fosse uma prova de um curso superior.          O que foi cobrado na prova era para ter sido ministrado.          Gostou de ter feito o Saresp.          Pessoas têm que levar essa prova mais a sério.</p>

	<p>alunos. Porque se ainda existir pessoas que pensam como eu, que para garantir seu futuro, pra saber que a vida não é um <u>mar de rosas</u>, mas também tem seus <u>espinhos</u>, vai melhorar, as pessoas também vai <u>cair a ficha</u>. Eu acho que as pessoas devem ser um pouco mais rígidas. Não tão rígidas assim, mas acordar e ver que aquilo não é papel, que você vai ali assinar qualquer coisa. Aquilo ali é dinheiro, que além disso é nosso, né? Então é uma coisa boa né? Eu acho, que deve continuar com mais <u>nitidez</u>, eu acho.</p>	<p><u>Mar de rosas</u>: época feliz, tranquila.  <u>Espinho</u>: situação difícil; encrenca, aperto.  <u>Cair a ficha</u>: entender subitamente o que estava obscuro.  <u>Nítido</u>: em que há clareza, limpidez, transparência; que é fácil de entender; compreensível, inteligível.</p>	<p>mais a sério e não assinalar qualquer alternativa, pois o Saresp também representa dinheiro público, acha que deve ter mais clareza.</p>	<p>Saresp também representa dinheiro público.</p>
<p>GA2.35</p>	<p>BF5: Porque assim, tem pessoas, os alunos até, se eles melhorassem a <u>educação</u>, não precisaria do aluno chegar na sala e: ai que matéria vai ser hoje? Ah, isso, vou chutar tudo. Porque é horrível você ouvir isso, né?  BF4: Porque na prova bimestral eles fixaram em cada sala as provas bimestrais. Então segunda feira... tudo assim né?  BF5 aponta para a entrada da sala, onde está fixado a tabela com as provas bimestrais.</p>	<p><u>Educação</u>: conhecimento e observação dos costumes da vida social; civilidade, delicadeza, polidez, cortesia.</p>	<p>Os depoentes criticam a falta de interesse e de educação de alguns alunos, que não se preparam para as provas bimestrais, inclusive às vezes nem tomando conhecimento do cronograma das provas, que fica fixado na entrada da sala.</p>	<p>Falta de interesse dos alunos que não se preparam para as provas.</p>

	<p>BF4: Então tinha aluno que chegava no dia prova e falava: hoje que prova que é? Absurdo isso!</p> <p>BF5: Absurdo!</p> <p>Alunos: Falta de interesse!</p> <p>BF4: Por parte dos alunos...</p>			
GA2.36	<p>BF5: Os professores também, eu acho (falta de interesse).</p> <p>BF4: É, porque é o seguinte, desde a 5ª série, vai <u>passando</u>, a 5ª, a 6ª, a 7ª.</p> <p>BF5: É, vai <u>empurrando</u>.</p> <p>BF4: 8ª série repete.</p> <p>BF5: (vai passando) de barriga...</p> <p>BF6: Vai bem empurrando... Vai passando por baixo da porta.</p> <p>BF4: Então quem ta na 8ª série na <u>corda bamba</u>, pode ter certeza que está empurrado desde a 5ª série.</p> <p>BF5: Aí enforca, aí não aprende...</p>	<p>Passar: Ser aprovado para o próximo ano letivo. Ser promovido.</p> <p><u>Empurrar</u>: impulsionar com força, impelir com vigor, empuxar; introduzir pelo uso da força. No texto, no sentido ser aprovado sem aprender o conteúdo.</p> <p><u>Passar de barriga</u>: mesmo que empurrar com a barriga, ou seja, não tomar as providências necessárias; adiar soluções.</p> <p><u>Repetir</u>: ser reprovado no ano letivo.</p> <p><u>Corda bamba</u>: situação instável, difícil de controlar.</p>	<p>Os alunos afirmam que os professores também têm falta de interesse, pois aprovam os alunos no 6º, 7º e 8º ano sem tomar as providências necessárias para que eles aprendam. Porém, no 9º ano reprova. Relatam, ainda, que o aluno que está numa situação instável no 9º ano passou sem aprender desde o 6º e que provavelmente será reprovado.</p>	<p>Professores passam alunos sem aprender no 6º, 7º e 9º ano.</p>
GA2.37	<p>BF4: E outra coisa, o Saresp, muito, eu acho que é insuficiente ele ver o cotidiano da escola, não, o aprendizado da escola. Porque é realmente difícil aprender no meio de 40 alunos, o povo falando assim...</p>	<p><u>De qualquer jeito</u>: de qualquer maneira, com certeza.</p>	<p>O depoente BF4 afirma que o Saresp é insuficiente para ver o aprendizado escolar. Os depoentes afirmam que é difícil de aprender com 40 alunos conversando e desinteressados (pois serão promovidos com</p>	<p>Saresp insuficiente para ver o aprendizado escolar.</p> <p>Muitos alunos por sala.</p> <p>Alunos desinteressados,</p>



	<p>BF5: Ainda mais os desinteressados. BF4: E os alunos eles são desmotivados por causa disso, por causa de <u>passar de qualquer jeito</u>.</p>		certeza).	pois serão aprovados.
GA2.38	<p>BF4: Não o Saresp em si, mas o Estado deveria olhar com um olhar diferente a escola, sabe? Porque tem professor, claro, não vou defender todos os professores, mas tem professor aqui que não merecem não ganharem o bônus, merecem ganhar o bônus. Mas às vezes não ganham por causa dos alunos. Então às vezes não é justo não ganhar, porque eles não ganham aumento, eles ganham bônus. Não é justo um professor deixar de ganhar o bônus porque um, o aluno não aprendeu. Não aprendeu porque não quis, a maioria. Agora, tudo bem, tem aluno com dificuldades, tem que diferenciar dificuldades de <u>vagabundice</u>.</p>	<p><u>Vagabundice</u>: característica do que é vagabundo ('de má qualidade'). <u>Vagabundo</u>: que ou quem leva vida errante, perambula, vagueia, vagabundeia; que ou quem leva a vida no ócio; indolente, vadio; que ou o que age sem seriedade ou com desonestidade; malandro, canalha, biltre.</p>	<p>O depoente BF4 acha que o Estado deveria olhar a escola de maneira diferente, pois há muitos professores que merecem ganhar o bônus, mas que não ganham porque os alunos não aprenderam. Não acha isso justo, pois afirma que os professores não recebem aumento de salário e sim bônus, e a maioria dos alunos não aprende porque não quer. Destaca que se deve diferenciar aluno que possui dificuldades de aluno que não fez o que deveria ser feito.</p>	<p>Estado deveria olhar a escola de maneira diferente. Injusto professores que não ganham bônus por conta de alunos desinteressados. Diferenciar aluno com dificuldade de desinteresse.</p>
GA2.39	<p>BF6: Ah, eu acho isso daí (referindo-se a GA2.38) a maior <u>falta de sacanagem</u> (risos), porque assim, não é culpa dos professores, né? Eu acho né, porque assim, se...</p>	<p><u>Falta de sacanagem</u>: refere-se a uma brincadeira que se tornou pública, onde uma pessoa ao invés de dizer "sacanagem" disse "falta de sacanagem".</p>	<p>A depoente BF6 acha antiético o professor não receber bônus por conta de alunos desinteressados. Mas, ressalta que os professores têm responsabilidades sobre isso,</p>	<p>Bônus/Idesp</p>

	Também acho que tem um pouquinho a ver com os professores sim, porque se fosse eu mesmo, empurrava todos os alunos pra não ver mais né? (risos).	<u>Sacanagem</u> : Ato ou dito de sacana. <u>Sacana</u> : Diz-se da pessoa canalha, imoral, crápula, desprezível, sem caráter. Na linguagem comum, cotidiana, tem mais o sentido de sem ética.	pois aprovam alunos sem que tenham aprendido.	
GA2.40	BF6: Mas assim, eu acho que cada vez que um ta passando, a adolescência ta ficando pior. Ainda mais quando assim, em questão de educação, porque hoje os adolescentes pensam mais em <u>curtir</u> a vida, não pensam mais no futuro, não pensa no que vai ser... Na verdade, eu acho que os adolescentes nem têm mais <u>sonhos</u> do que ser na vida, né? Porque um sonho eu acho muito importante pra nós, né?	<u>Curtir</u> : gostar (de alguém ou algo) com enlevo; desfrutar, fruir. <u>Sonho</u> : desejo vivo, intenso, veemente e constante; aspiração, anseio.	A depoente BF6 afirma que os adolescentes de atualmente estão ficando piores, principalmente no que diz respeito à educação, pois eles preferem aproveitar a vida a se prepararem para o futuro, já que não têm uma aspiração na vida.	Adolescente ficando piores. Falta de sonhos.
GA2.41	BF6: Só que assim, essa questão assim, de passar, de empurrar, eu acho ruim, porque além de não aprender... Porque se não aprende, faz de conta, na 5ª série não aprende nada, aí passa de ano pra sexta, porque cada série vai puxando matéria do ano anterior né? Aí se não sabe, esse aluno que passou empurrado, sabe? Aí não vai	<u>Passar direto</u> : aprovar automaticamente.	A depoente BF5 critica a questão de os alunos serem aprovados sem que tenham aprendido, pois observa que as matérias são cumulativas ao longo dos anos, portanto se um aluno chegar no 9º ano sem ter aprendido o conteúdo das outras séries não terá como reaproveitar o que passou. Fornece um exemplo de	Crítica à aprovação automática. Pais que pedem a reprovação dos filhos.

	<p>saber no da 6ª né? Faz de conta. Aí só que quando chega no 9º não tem como né, reaproveitar as séries que passaram, que empurraram nós, tem pessoa assim, eu já conheço, é um amigo da minha mãe, tem um filho, estuda lá na escola M., estudava né, na verdade, aí ele tava na quarta série. No final do ano, os pais dele falaram pra repetir o aluno, o filho deles, repetir mesmo. Se caso os pais não vier pedir pra repetir, eles não repetem. Eles <u>passam direto</u>. Aí o menino foi, repetiu e fez a quarta série de novo e aprendeu um pouco. Os pais deveriam ter mais paciência e fazer isso, né?</p>		<p>pais que foram à escola pedir para que o aluno fosse retido no 5º ano, pois se eles não fossem, o aluno seria aprovado automaticamente. Dessa forma, o aluno cursou o 5º ano novamente e aprendeu um pouco. Acha que todos os pais deveriam ser pacientes e fazer o mesmo.</p>	
GA2.42	<p>BF6: Os pais devem estar assim, sabendo, do que os filhos praticam na escola, o que eles fazem, pra, sabe, ver todo dia o caderno do filho, pra ver se ele tá participando mesmo. Se caso ele não estiver, eu não tenho <u>dó</u>, se fosse meu filho eu fazia repetir mesmo. Eu quero que meu filho <u>seja alguém na vida</u>, né?</p>	<p><u>Dó</u>: sentimento de pena com relação a alguém, a si mesmo ou a alguma coisa; compaixão; expressão de grande tristeza e mágoa por alguém, por si ou por alguma coisa; pesar. <u>Ser alguém na vida</u>: ser capaz de viver de acordo com os padrões de determinada sociedade, se esforçar para alcançar objetivos, ter uma vida digna.</p>	<p>A depoente afirma que os pais devem estar atentos ao que os filhos fazem na escola, observando as tarefas feitas para verificar se estão participando realmente, pois se não estiverem, não é para ter pena e sim fazer repetir, para que possa ser alguém na vida.</p>	<p>Pais deveriam estar atentos ao que os filhos fazem na escola. Se os filhos não estão participando, devem ser reprovados.</p>
GA2.43	<p>BF5: Eu acho que a educação depende de uma <u>corrente</u>, né? Os</p>	<p><u>Corrente</u>: série continuada de pessoas ou coisas (concretas ou</p>	<p>Os depoentes afirmam que a educação depende de vários</p>	<p>Educação depende de vários fatores: pais,</p>

	<p>pais deveriam se conscientizar pra saber o que o filho está fazendo na escola, se ele está interessado, e os professores deveriam também, além da educação, procurar saber também os interesses e passar o que sabe, ensinar, e não passar de barriga, como a gente costuma falar, vai empurrando. Porque se, vai ficar com dó, ah, ele é um bom aluno, <u>no fundo</u> no fundo ele aprendeu alguma coisa. Não, não tem que ter <u>piedade</u>, digamos assim. Não foi bem, não ta indo bem, é pro bem da pessoa. Ela tem que reprovar. Ah, porque você me reprovou? e tal, ninguém tem que ficar discutindo, se eu aprendi, vou saber fazer as provas, vou tirar uma nota boa e vou ser merecedor de passar, e não simplesmente passar, ah, o que você aprendeu? Ah, eu não me lembro porque eu tava bagunçando. Aí vai passando. E depende do governo também, da atitude dos professores e dos pais e da gente mesmo.</p> <p>BF4: Como ela disse, é uma corrente, então não vamos culpar só o sistema. Todos são culpados.</p>	<p>abstratas) interligadas de alguma maneira.</p> <p><u>Conscientizar</u>: tornar (-se) consciente de; fazer (-se) sabedor; perceber ou fazer (alguém) perceber a verdadeira realidade política, econômica e social em que se está inserido, distinguindo-a das falsas noções que são difundidas por aqueles que têm interesse na manutenção do <i>status quo</i>; politizar (-se).</p> <p><u>No fundo</u>: na realidade.</p> <p><u>Piedade</u>: compaixão pelo sofrimento alheio; comiseração, dó, misericórdia.</p>	<p>fatores que são interligados: pais, professores, alunos, direção e governo, não podendo culpar apenas um deles pelo fracasso da educação. BF5 discorre que os pais deveriam saber o que os filhos fazem na escola, se o filho é interessado ou não. Os professores deveriam procurar saber os interesses dos alunos e não aprovar os alunos de qualquer maneira, não devendo ter piedade dos estudantes. Já os alunos não deveriam ficar discutindo porque foram reprovados, pois se eles estudarem e merecerem, serem aprovados.</p>	<p>professores, alunos, direção e governo.</p> <p>Pais devem ser interessados.</p> <p>Professores não devem aprovar o aluno automaticamente.</p> <p>Aluno não deve reclamar de ser reprovado.</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>Desde os pais, os alunos, os professores, a direção, o governo, tudo. BF6: Um depende do outro, na verdade.</p>			
GA2.44	<p>As pessoas, só cai a ficha delas quando chegam na 8ª série e que reprovam um, dois anos, ficam na 8ª série. Aí elas tão ficando velhas e ficam no mesmo lugar, com pessoas mais jovens que ela, e ela vai ficando pra trás. Aí ela vai acordar e vai ser tarde, porque ela não vai conseguir revisar tudo que ela aprendeu antes, naquele ano, pode ser que seja, porque ela vai precisar disso pra poder passar. E tem outras que desistem na 8ª série mesmo. Ah, eu só vou fazer esse ano, o ano que vem eu vou parar de estudar e vou trabalhar. Acho que hoje em dia a pessoa sem <u>estudo</u> não é nada, né? Então, eu acho que devemos estudar sim.</p>	<p><u>Estudo</u>: refere-se à educação escolar.</p>	<p>BF5 relata que os alunos vão sendo aprovados e só entenderão o que aconteceu no 9º ano, quando começam a reprovar várias vezes a mesma série, sendo que alguns alunos chegam a desistir de estudar para poder trabalhar. A depoente acha que a pessoa sem formação escolar atualmente não é nada.</p>	<p>Alunos aprovados automaticamente só entendem o que aconteceu no 9º ano quando reprovam várias vezes ou desistem.</p>
GA2.45	<p>BF4: Mas que nem ela disse assim, é, tem alunos que acham lindo ficarem retidos no fim do ano, daí eles carregam isso como um <u>prêmio</u>. Pra eles é a coisa mais <u>tradicional</u>, é a mesma coisa que</p>	<p><u>Prêmio</u>: retribuição em dinheiro por um serviço prestado; recompensa, remuneração; quantia em dinheiro ou objeto de valor real dados a quem fez jus; distinção conferida a quem se</p>	<p>O depoente BF4 afirma que existem alunos que acham ser normal ou ainda veem como um prêmio ficar retido no final do ano.</p>	<p>Para alguns é normal e bonito ficar retido.</p>

	comer macarrão todo domingo (risos). Para eles é...	destaca por méritos, feitos ou trabalhos; galardão, condecoração. <u>Tradicional</u> : no sentido de comum, normal.		
GA2.46	BF4: O Saresp, pra mim, é um modo de avaliar a escola, o aluno e o Estado. Avaliar o (?) aprendizado. Mas é insuficiente pra focar o modo de ensino. Porque o ensino no Estado de São Paulo está muito <u>defasado</u> , o ensino público. Eu acho que é muito difícil, todos são culpados, não vamos culpar só um, mas o Saresp em si não é suficiente para mim, pra avaliar o aluno. BF4: Não é suficiente.	<u>Focar</u> : focalizar; dar destaque a; concentrar-se em. <u>Modo</u> : forma ou variedade particular de algo; jeito possível, usual ou preferido de fazer algo; possibilidade, condição, jeito. <u>Defasado</u> : que se defasou; atrasado, descompassado.	O depoente BF4 acha que o Saresp é uma maneira de avaliar o aluno, a escola e o Estado. Porém, acha insuficiente para dar destaque à condição de ensino, já que o ensino público no Estado de São Paulo está defasado e, acha insuficiente, também, para avaliar o aluno. Afirma que todos são culpados dessa situação do ensino.	Saresp é uma maneira de avaliar. Saresp não é suficiente para avaliar o aluno e focar a condição de ensino. Culpa de todos pela situação.
GA2.47	BF4: Eu acho que deveria ter a mais, não assim, sabe, professor ele deveria... porque é o seguinte: tem professores que eles, <u>licença prêmio</u> , aquele professor que pega no meio do ano ele sai. Então é, e demora, e hoje em dia o professor, é muito difícil pegar aula no Estado. De 200 mil professores, 100 mil são efetivos. A outra metade é professor, pega o buraco, <u>tapa o buraco</u> . Então é difícil, fica difícil pra isso, pra ter o Saresp.	<u>Licença prêmio</u> : Período de três meses sem trabalhar, remunerado, concedido como prêmio ao professor que tiver no máximo 30 faltas em cinco anos de serviço. <u>Tapar o buraco</u> : remediar uma situação ou uma falta com o que se tem à mão.	O depoente BF4 acha que se deve melhorar muita coisa para que se tenha bons resultados do Saresp. Por exemplo, cita o fato de professores saírem de licença prêmio no meio do ano, sendo difícil arrumar um professor substituto. Também relata que metade dos professores é de efetivos, a outra metade é de substitutos.	Melhorar muita coisa para ter bons resultados no Saresp. Professores tiram licença prêmio no meio do ano. Muitos professores substitutos.

	<p>Então acho que pra eles conseguirem bons resultados, resultados suficientes para conciliar essa meta, precisa melhorar muita coisa pra ter um bom resultado do Saresp.</p>			
GA2.48	<p>BF6: Nessa parte que o BF4 falou, sabe, que os professores pegam licença, pegam férias na metade do ano, aí a gente fica sem ter uma determinada matéria. Aí pra vir um professor substituto demora muito tempo. A gente chega a perder quase um mês inteiro sem um professor naquela matéria. Aí nesse mês, ao invés de estar aprendendo, a gente fica aí fora. BF4: <u>De janela</u>. BF6: E às vezes quando aparece substituto nem é daquela matéria. Tipo é de Geografia, vem um de Matemática. Aí às vezes eles passam só... pega, a gente pega um livro didático e faz a gente copiar um texto e não explica nada... BF5: Ou fala assim, abre em tal página...</p>	<p><u>De janela</u>: Aula vaga. <u>Licença</u>: autorização mediante a qual um empregado, um funcionário, um militar pode ausentar-se do serviço por determinado prazo.</p>	<p>A depoente BF6 afirma que quando um professor sai de licença no meio do ano é muito difícil colocar outro no lugar, com a classe chegando a perder um mês de aula. Os depoentes afirmam que, às vezes, o professor substituto não é da matéria que estava sem professor, ou ainda, que pede apenas para os alunos copiarem determinada página do livro didático.</p>	<p>Dificuldade em arrumar professor substituto. Substituto às vezes não é da matéria correta.</p>
GA2.49	<p>BF4: Por exemplo, aqui posso citar, estamos sem aula de Geografia faz dois meses, sem um professor.</p>	<p><u>Fechar nota</u>: Avaliar as atividades e produções dos alunos com o objetivo de atribuir um valor,</p>	<p>Os alunos citam o fato de estarem sem professor de Geografia há dois meses, apenas com uma</p>	<p>Estão sem professor de Geografia há dois meses.</p>

	<p>BF5: Tem uma professora aí, que ela vem dar aula, assim: num dia a gente tem duas aulas de geografia, ela dá aula em uma, na outra a gente fica com aula vaga. E no outro dia, a gente tem mais um dia de Geografia, fica aula vaga. Só que quando ela vem, ela passa a matéria, tal página, aí ela pede pra entregar porque ela tem que <u>fechar nota</u>.</p> <p>BF5: Aí pede pra entregar a matéria no dia que ele vem, aí não explica, fala assim: faz em casa, ou faz na aula vaga, às vezes. Mas assim, você não entende, uma assim, que ela não tem tanto conhecimento, ou eu não entendo às vezes, pergunto pra ela, ela não sabe, não tem pra quem perguntar, não sei o que fazer, chega aqui você esquece a pergunta, a dúvida, e vai acumulando...</p>	<p>uma nota, um conceito.</p>	<p>professora que ministra uma das três aulas semanais que eles deveriam ter. Além disso, BF5 afirma que nessa aula que a professora vem, ela pede para que os alunos entreguem atividades, muitas vezes requisitadas para serem feitas em casa, para que uma nota possa ser atribuída. BF5 diz que as dificuldades vão se acumulando.</p>	<p>Há uma substituta apenas para uma das três aulas semanais.</p> <p>Dificuldades vão acumulando.</p>
GA2.50	<p>BF5: Ah, o Saresp? Eu acho que depende assim, que nem a prova, você estuda tudo aquilo, às vezes você não sabe... Não cai Geografia né?</p> <p>BF4: Não.</p> <p>BF5: Ainda bem, nossa se tivesse</p>		<p>Os alunos ficam aliviados com o fato de não ter caído Geografia no Saresp, pois senão eles não saberiam responder às questões. Afirmam que ficar sem aula pode atrapalhar o resultado do Saresp, pois eles acabam não aprendendo.</p>	<p>Ficar sem aula pode atrapalhar o resultado do Saresp, pois eles acabam não aprendendo.</p> <p>Já ficaram sem aulas de</p>



	<p>caído Geografia eu teria tirado nota baixa, porque eu não ia saber. (interrupção)</p> <p>BF6: (paramos) Em o que tem a ver a aula que a gente ficou sem, com o Saresp.</p> <p>BF5: Eu acho que também atrapalha, não só nessa aula, mas em várias, se você fica sem aula, fica sem a matéria, acaba não aprendendo.</p> <p>BF6: Nessa de geografia que a gente ficou, (?) teve Matemática, português...</p> <p>BF4: E o Ensino Médio, é assim, a professora está pra aposentar, O ensino médio está há 6 meses sem ter aula de Geografia, tem um mês, para, tem dois, para.</p>		<p>Relatam que já ficaram sem aula de Português e Matemática. BF4 conta que o ensino Médio está há seis meses tendo aulas de Geografia esporadicamente, pois a professora está para se aposentar.</p>	<p>Português e Matemática.</p> <p>Ensino Médio está há 6 meses com aulas eventuais de Geografia.</p>
GA2.51	<p>Alunos: Sim (são os alunos que mudam de sala de aula).</p> <p>BF5: Ai, ficar sentada o dia inteiro...</p> <p>BF6: É bem diferente, imagine só ficar <u>trancado</u> o dia inteiro na mesma sala? É muito ruim, eu não sei como minha irmã aguenta. Tem que esticar as pernas, conversar com os outros (risos).</p>	<p><u>Trancado</u>: que se trancou; fechado ou preso com tranca.</p>	<p>Os alunos dizem que na escola quem muda de sala são os alunos e não os professores. Eles relatam gostar, pois assim não ficam presos e sentados em uma mesma sala o dia todo.</p>	<p>Organização da escola: alunos mudam de salas.</p>
GA2.52	BF4: Alguns professores não	<u>Vantajoso</u> : que dá vantagem, de	Os depoentes afirmam que alguns	Alguns professores só

	<p>pensam só no bônus, eles pensam no nosso conhecimento. Mas outros professores só querem saber do bônus.</p> <p>BF6: Só querem saber do bônus.  BF4: Os professores, alguns, eles incentivam os alunos, não pelo bônus, mas pelo conhecimento que o aluno adquire. Agora outros não, pensam só no bônus. E pro belezinha do diretor eu creio que é muito mais <u>vantajoso</u> o bônus, pra ele, já ganha muito pouco sabe? Então é bem vantajoso pra ele.</p> <p>BF6: Ah, os professores incentivam mesmo sabe? Alguns, igual o BF4 falou, é como quase todos os anos que tem Saresp. Eles falam assim pra gente prestar atenção, ler de novo, se não entender, ler mais uma vez, e se caso nós não conseguirmos, eles falam assim, a maioria né, a dona (?) mesmo, fala assim pra nós deixar um ponto de interrogação e passar pra outra questão. Aí quando nós terminarmos, aí nós volta para aquela pergunta de novo. Pra ver se a gente lembra de alguma coisa.</p>	<p>que se obtém proveito, ganho; em que há perspectiva de proveito ou ganho; proveitoso; que proporciona lucro, que é financeiramente interessante; lucrativo; que favorece, dá perspectiva de sucesso.</p>	<p>professores só pensam no bônus ao incentivar os alunos para fazer o Saresp, e outros pensam no conhecimento dos alunos. O depoente BF4 Acha que o bônus é muito bom financeiramente para o diretor da escola. A depoente BF6 afirma que os professores incentivam os alunos a prestar atenção nas questões do Saresp, ler mais de uma vez cada uma, deixar para o final da prova aquelas que não conseguem resolver.</p>	<p>pensam no bônus.</p> <p>Bônus do diretor deve ser bom.</p> <p>Professores incentivam os alunos a fazer o Saresp com atenção.</p>
GA2.53	<p>BF4: Deixa eu colocar um <u>ponto</u> aqui. Não só o bônus do professor,</p>	<p><u>Ponto</u>: tópico.  <u>Verba</u>: quantia que, num</p>	<p>Os depoentes afirmam que, de acordo com o desempenho dos</p>	<p>Verba de acordo com o desempenho dos alunos.</p>

	<p>mas a <u>verba</u> que a escola recebe no outro ano depende da gente. Então a verba pra limpeza, depende da gente, a verba pra computador depende da gente, a verba pra pintura da escola depende da gente. Então tudo <u>está nas nossas mãos</u>. Então a gente tem que fazer um bom desempenho pra que? Pra no outro ano a gente usufruir dele. E deixar para os nossos futuros filhos e netos talvez uma escola de qualidade. Eu ainda acredito na educação, que a educação vai mudar.</p> <p>BF6: É que assim, o Saresp, como o BF4 falou, é através do Saresp da escola que, acho que é governo, não sei, acho que eles fazem uma avaliação geral da escola.</p> <p>BF4: São metas que eles estipulam.</p> <p>BF6: Aí dependendo lá do que for avaliado, dependendo da nota, eles, assim, se for bom, que nem algumas pessoas falaram, que nem o BF4 falou, eles trazem pra nós computadores, uma alimentação melhor...</p>	<p>orçamento, é destinada a fim específico; qualquer importância em dinheiro; quantia.</p> <p><u>Está nas nossas mãos</u>: Dependendo.</p>	<p>alunos no Saresp, a escola é avaliada e, se a nota for boa e a meta atingida, a escola recebe uma quantia em dinheiro para limpeza, informática, pintura. Portanto, concluem que devem ter um bom desempenho, para que a escola e seus alunos possam usufruir dos benefícios futuramente.</p>	<p>Escola depende dos alunos.</p>
GA2.54	<p>BF5: Realmente, há professores, não são muitos, mas ainda bem que</p>	<p>Dar ouvidos: acreditar, crer em.</p> <p><u>Afinidade</u>: tendência a combinar-</p>	<p>BF5 afirma que há alguns professores que incentivam os</p>	<p>Alguns professores incentivam os alunos a</p>

	<p>existem, né? Incentivam muito, que confiam na gente e passa essa confiança pra gente e que fazem a gente se sentir assim, que realmente está nas nossas mãos. Mas muitas pessoas não <u>dão ouvidos</u> a isso, e falam que o professor só quer sair ganhando, e que todos são iguais, e não são assim, bem... E tudo depende da gente, pra tudo, que nem a escola (?)... Diretor eu não posso falar muito dele, porque eu não conheço muito ele, não tenho muita afinidade, então não vou ficar falando, não vou falar porque não conheço, então... Agora, os professores eu convivo com eles, então eu posso dizer, que assim, existem muitos que ajudam, mas existem muitos que não estão nem aí...</p>	<p>se; coincidência ou semelhança de gostos, interesses, sentimentos etc.</p>	<p>alunos para fazerem o Saresp e mostram que o resultado depende deles. Porém, relata que muitos alunos não acreditam nisso e dizem que os professores só querem sair ganhando. A depoente afirma que não pode falar sobre o diretor da escola, pois não o conhece bem.</p>	<p>fazer o Saresp. Alunos dizem que só os professores saem ganhando com o Saresp. Não conhece bem o diretor.</p>
<p>GA2.55</p>	<p>BF6: (?) Se você perceber, tem vários alunos que reclamam da escola, vive reclamando que a escola <u>não presta</u>, que... Eles mesmos, os alunos são os primeiros a estragar a escola, na verdade. BF4: A <u>fama</u> da escola. BF6: Tiram a tintura da parede, rabisca armário, carteira.</p>	<p><u>Não prestar</u>: não ser boa, não ter utilidade, serventia. <u>Fama</u>: conceito (bom ou mau) que um grupo humano tem de alguém ou de algo; reputação. <u>Agitar</u>: fazer surgir; suscitar, ventilar; incitar à revolta; sublevar.</p>	<p>Os depoentes relatam que diversos alunos reclamam que a escola não é boa, mas que eles mesmos estragam a reputação da escola: tiram a tintura da parede, rabiscam armários e carteiras, jogam livros, desperdiçam merenda, sujam a escola, depredam ônibus.</p>	<p>Alunos reclamam da escola, mas não se esforçam para melhorias. Alunos depredam escola. Alunos não se esforçam</p>

GA2.56	<p>BF4: Joga livro, desperdiçam a merenda...</p> <p>BF6: Sujam a escola, porque além de ter funcionário para limpar, só que não deve fazer um estrago né?</p> <p>BF4: Depredam ônibus, básico né?</p> <p>BF6: Aí eles ficam reclamando, só que assim, quando os professores falam pra eles, eles não pensam. Eu acho que não pensam, né? Porque se os professores falam que através do Saresp vai ser avaliado a escola, vai fazer melhoria na escola, e se caso eles não se esforçarem pra ser melhor, vai continuar na mesma coisa que está. Aí depois eles ficam reclamando, que isso depende deles na verdade, né, pra ter melhoria na escola. Aí eles ficam querendo <u>agitar</u>, sair mais cedo da escola... Porque dia de Saresp a gente sai mais cedo da escola, quem não gosta de sair mais cedo da escola? Só que eles soltaram quando os alunos terminaram né? Todos ao mesmo tempo. Mas eles procuram sair mais assim, da sala, pra conversar, não se importa muito com a escola.</p>		<p>BF6 relata que quando os professores falam que a escola será avaliada por meio do Saresp e de acordo com o resultado terão ou não melhorias para a escola, esses alunos não se esforçam e depois ficam reclamando. Conta, ainda, que tais alunos ficam tentando sair mais cedo que os demais, no dia da prova do Saresp, querem sair das salas para ficarem conversando no corredor, pois não se importam muito com a escola.</p>	para fazer o Saresp.
	BF4: Então, como eles vão, eles	<u>Risco</u> : probabilidade de	Os depoentes afirmam que foi	Nota do Saresp será

	<p>dizem que vão avaliar o 4º bimestre pela nota do Saresp, quem não fez vai ficar com zero. Eu acredito nisso.</p> <p>BF6: Ah, os professores falaram assim que através do Saresp, se a gente não fizer, porque tem vários alunos que não fizeram né? Se caso a gente não fizer, a gente corre o risco de repetir de ano, de reprovar. BF5 concorda.</p>	<p>insucesso, de malogro de determinada coisa, em função de acontecimento eventual, incerto, cuja ocorrência não depende exclusivamente da vontade dos interessados.</p>	<p>falado que a nota do Saresp 2010 de cada aluno comporá a nota do 4º bimestre na escola, portanto que não fez o Saresp ficará com nota zero além de ter a possibilidade de reprovar o ano. BF6 afirma que vários alunos não fizeram a prova.</p>	<p>usada na nota bimestral.</p> <p>Quem não fizer Saresp pode repetir o ano.</p> <p>Vários alunos não fizeram a prova.</p>
GA2.57	<p>BF4: Este ano eu não acredito (que vou ver a minha nota no Saresp). Os professores podem até ver, mas os alunos não, porque até eles corrigirem tudo, porque são 26 cadernos. Até eles corrigirem tudo, demora. Porque não é daqui só, são de 645 municípios do Estado de São Paulo.</p> <p>BF6: Eu estou com <u>esperança</u> que sim, mas não to com <u>fé</u> não que eu vou poder ver (em 2011). Porque até agora nunca vi, de nenhum Saresp que eu já fiz. Eu não sei porque agora que eles vão mostrar. Eu não sei.</p>	<p><u>Esperança</u>: sentimento de quem vê como possível a realização daquilo que deseja; confiança em coisa boa; fé; expectativa, espera; aquilo ou aquele de que se espera algo, em que se deposita a expectativa; promessa.</p> <p><u>Fé</u>: confiança absoluta (em alguém ou em algo); crédito.</p>	<p>O aluno BF4 não acredita que verá sua nota no Saresp em 2010, os professores talvez, pois são muitas provas para serem corrigidas do Estado todo, não tendo tempo suficiente para isso. A aluna BF6 tem a expectativa de ver em 2011, porém não tem confiança absoluta nisso, já que nunca viu sua nota, portanto não vê motivos para que mostrem agora.</p>	<p>Não acredita que verá sua nota no Saresp em 2010.</p> <p>Tem expectativa, mas não confiança absoluta que verá ano que vem.</p>
GA2.58	<p>BF6: Eu acho. O Saresp eu acho assim que muito importante pra vida do aluno. Como falou né, é</p>	<p><u>Dupla</u>: Dois alunos por computador.</p>	<p>A depoente BF6 acha que o Saresp é muito importante para a vida do aluno, pois, por exemplo,</p>	<p>Saresp é importante para a vida do aluno.</p>

	<p>bom pra escola e pra nós mesmos. Porque se, na sala de informática, por exemplo, tem quantos computadores? Uns 15? BF4: 15! Novos. BF6: A gente faz <u>dupla</u>. Se caso, assim, tiver, através do Saresp avaliar, né, vão mandar mais computadores né? Um exemplo. Vai ser melhor pro nosso ensino. Porque assim, é de dupla, aí quando é um trabalho individual, digitar texto, trabalho seu, demora, perde muito tempo e muita aula. E, se tiver mais computadores, a gente aproveita cada um o seu, uma aula só, e na outra aula que a gente ia desperdiçar, a gente aproveita pra outro assunto, outra matéria. Aí eu acho muito importante nesse sentido. E assim, ruim neh, tem alunos que não se interessam. E é por isso que os outros que se interessam acabam sendo prejudicados.</p>		<p>se o Saresp avaliar bem a escola, serão enviados mais computadores para a sala de informática e os alunos não precisarão mais sentar em dois por computador, economizando tempo em trabalhos individuais que têm que ser feitos. Os depoentes afirmam que atualmente a sala de informática possui 15 computadores novos. Relata que alguns alunos não se interessam pelo Saresp, fato que prejudica os que se interessam.</p>	<p>Se resultado for bom, pode haver melhorias na escola. Alguns alunos não se interessam. Sala de informática possui 15 computadores novos.</p>
GA2.59	<p>BF5: Eu acho assim, que o Saresp é importante, eu acho que o Saresp não deveria ser pra todos os alunos, eu acho que deveria ser para aqueles que se interessam, que</p>	<p>Acordar: mostrar-se prudente, sensato, atento; alertar-se. Ferrar: deixar ou ficar sem saída; não ter sucesso.</p>	<p>Os depoentes acham o Saresp importante, porém não deveria ser para todos os alunos, somente para aqueles que estão interessados em fazer, pois se o</p>	<p>Saresp não deveria ser para todos os alunos, somente para os interessados.</p>

	<p>querem, porque aquele que não se interessa, ele vai atrapalhar, vai estar gastando dinheiro com aquilo. Se ele não tem interesse ali, não adianta falar, ele vai ter interesse depois... não vai. A pessoa só vai <u>acordar</u> quando tiver se ferrando no mundo lá fora. Aí ele vai voltar lá atrás, ah eu poderia ter feito aquilo, poderia ter feito aquilo... e não fez, entendeu? E muitas vezes isso atrapalha. Então eu acho que deveria ser para aquele aluno assinar e falar: eu quero fazer a prova. Essa prova pode me ajudar. Não porque a prova é bimestral e eu posso reprovar de ano, eu acho que é importante.</p> <p>BF6: Como a BF5 falou, né, o Saresp deveria ser só para os interessados.</p> <p>BF4: Igual a escola, eu acho que não deveria ser pra todos, deveria ser pra quem quer aprender.</p>		<p>aluno não tem interesse, ele vai atrapalhar, inclusive pelo dinheiro gasto com a prova dele. A depoente BF5 afirma que para os alunos que não se interessam não adianta falar, pois eles só se atentarão para o que poderiam ter feito diferente quando não tiverem sucesso na vida fora da escola. O depoente BF4 acha que a escola também não deveria ser para todos, somente para aqueles que quisessem aprender.</p>	<p>Não adianta falar para alunos sem interesse.</p> <p>Escola também não deveria ser para todos.</p>
GA2.60	<p>BF4: O Saresp, como tudo na vida, tem dois lados, positivos e negativos. Como eu disse, não é um bom sistema pra avaliar o aluno, mas pra ver a <u>capacidade</u> que a escola tem, sim. E outra coisa, pra</p>	<p><u>Capacidade</u>: qualidade ou condição de capaz; habilidade física ou mental de um indivíduo; aptidão, perícia.  <u>Valor</u>: qualidade do que apresenta validade, do que é</p>	<p>O depoente BF4 afirma que o Saresp possui aspectos positivos e negativos. Acha que não é um bom sistema para avaliar os alunos, mas para verificar a qualidade da escola e destinar</p>	<p>Saresp tem aspectos positivos e negativos.</p> <p>Positivos: avaliar a qualidade da escola, destinar verbas.</p>



	colocar a verba onde tem que ser aplicada. Então é bom, só que gasta muito dinheiro fazer o Saresp. E tem muitos alunos que não dão <u>valor</u> nisso.	legítimo, válido, veraz; reconhecimento, de um ponto de vista afetivo, da importância ou da necessidade (de algo ou alguém). <u>Lacrar</u> : aplicar lacre em; selar ou fechar com lacre.	verbas para os lugares adequados, sim. Porém, afirma que se gasta muito dinheiro com o Saresp e muitos alunos não acham ele importante.	Negativos: não é bom para avaliar alunos, gasta-se muito dinheiro.
GA2.61	BF6: Igual o BF4 também falou, que eles gastam muito dinheiro, gastam mesmo. Porque nesse Saresp desse ano que teve, veio um pacote, um embrulho... BF5: <u>Lacrado</u> . BF6: Isso, lacrado. Aí, nos caderninhos veio outro plástico, e quando a dona abriu veio outro plástico embrulhando o caderno também. Imagine quando de dinheiro, pro município inteiro, que gastaram? Além do mais, o plástico prejudica muito o meio ambiente, né? Eles deveriam pensar um pouco né? Deveria vir um lacre só, né? Um plástico só, né? Só que eles pensam que a gente vai olhar... Pra que?	<u>Lacrar</u> : aplicar lacre em; selar ou fechar com lacre.	A depoente BF6 relata que no Saresp de 2010 as provas vieram envoltas em um plástico, que por sua vez estava num pacote lacrado. Questiona a quantidade de dinheiro gasto e o prejuízo causado ao meio ambiente, afirmando que deveria vir um lacre só.	Provas lacradas com muito plástico. Deveria ser revisto, prejuízo financeiro e ao meio ambiente.
GA2.62	BF4: Outra coisa, como o Saresp mais o Enem também, eu acho que é muito mal feito. Não a prova em si, mas a aplicação da prova, a organização da prova. É muito mal feita.		O depoente BF4 acha que a aplicação e organização das provas do Saresp e do Enem são mal feitas.	Aplicação das provas do Saresp e Enem é mal feita.

GA2.63	<p>BF4: E outra coisa, a escola de tempo integral, o objetivo deles é, era fazer como no Japão ou em outros países que têm, que os alunos entram, por exemplo, na escola às 7 da manhã até às 4 da tarde. Mas, infelizmente não conseguiram. E o ano que vem está previsto que aqui acabe o período integral, por opção dos pais e dos alunos.</p>		<p>O depoente BF4 relata que o objetivo do governo ao implantar a escola em tempo integral era que fosse igual outros países em que os alunos entram às 7:00 h e saem às 16:00 h, porém afirma que não conseguiram, portanto a escola em tempo integral está prevista para acabar em 2011, por opção dos pais e dos alunos.</p>	<p>Organização da escola em tempo integral. Escola em tempo integral prevista para acabar.</p>
GA2.64	<p>BF4: Eu acho que a escola em tempo integral tem dois lados. O lado positivo é que o aluno tem a capacidade de aprender o que ele não aprende de <u>manhã</u>. E ele tem uma base também no que, na Informática, no Espanhol. Experiências Matemáticas... Então é bem legal. Só que é lado positivo porque? É cansativo. Você fica das 7 às 15:30 aqui. Então é bem cansativo, mas tem a <u>merenda</u> de qualidade, os professores são de qualidade. Eu mesmo posso falar, que aqui, tenho muita amizade até com certos professores. BF6: Às vezes, quando nós fica assim em período integral, né? No período da tarde, alguns professores</p>	<p><u>Merenda</u>: Merenda escolar, ou seja, refeição substancial servida às crianças nas escolas públicas. <u>De manhã</u>: durante o período da manhã são ministradas as aulas das disciplinas regulares e no período da tarde são as diversificadas. <u>Trabalhar duro</u>: trabalhar exaustivamente, trabalhar bastante. <u>Pesar no bolso</u>: Custar dinheiro; custar caro.</p>	<p>Os depoentes relatam que a escola em tempo integral tem aspectos positivos e negativos.  Os positivos são que: o aluno tem a possibilidade de aprender o que não aprendeu nas disciplinas regulares, já que alguns professores fazem revisões do conteúdo abordado; almoço servido é de boa qualidade; professores são de boa qualidade; bom para quem não tem condição financeira de pagar um curso de inglês, espanhol, música, dança, teatro, informática, por exemplo, que são oferecidos à tarde.</p> <p>Os negativos são que: é muito</p>	<p>Alunos avaliam a escola em tempo integral.</p>

	<p>como Experiências Matemáticas, passa sempre uma revisão do que passou em Matemática, e isso ajuda muito no Saresp também. E eu acho assim, como o BF4 falou, tem o lado positivo e o negativo. Então o negativo, como ele falou, que pra mim, das 7 ao meio dia já cansa, aí como fala, o almoço deixa a gente com sono, o almoço pesa muito, né? Aí a gente almoça, aí a gente vai pras aulas da tarde, cansa muito. BF5: Acaba não prestando atenção. BF6: E também, assim, é bom, porque tem alguns alunos que não têm condição de pagar curso, como de inglês, de dança, de música, que aqui tem.</p> <p>BF4: Teatro.</p> <p>BF6: Teatro... Tem várias coisas legais aqui, só que não sabe aproveitar o que tem, porque é tudo dado assim... Eles não falam que, o melhor presente que tem é aquele <u>trabalhado duro</u>, que dura mais. Quando é recebido...</p> <p>BF5: Quando pesa no bolso né?</p> <p>BF6: Quando pesa no bolso, sabe aproveitar...</p> <p>BF4: Sabe dar valor. Mas, que nem</p>	<p>cansativo ficar das 7h às 15h:30min na escola, principalmente depois do almoço, alunos não dão valor, não têm interesse, pois acham que não estão pagando por esses cursos, porém esquecem que é dinheiro do imposto que os pais pagam para o governo.</p>	
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>ela falou, não dá valor porque não é do bolso. Mas é do bolso, do bolso dos pais.</p> <p>BF6: É, só que eles não pensam assim.</p> <p>BF4: Porque é através dos impostos nossos que o governo investe.</p>			
GA2.65	<p>BF4: Então é bem legal a escola de tempo integral, mas não deveria ser pra todos, deveria ser pra quem quer aprender, igual a base curricular normal.</p>		<p>O depoente BF4 afirma que, assim como as aulas das disciplinas regulares, a escola em tempo integral deveria ser apenas para os alunos que se interessam.</p>	<p>Escola em tempo integral deveria ser só para quem quer.</p>
GA2.66	<p>BF4: E eu penso que o governo do Estado de São Paulo, ele é o Estado mais rico do Brasil, ele investe muito mal na educação. Não que ele deveria investir mais, mas ele deveria investir em áreas específicas, porque sabe, é muito dinheiro jogado fora.</p> <p>BF4: Tipo: alimentação. Os alunos jogam fora. Caderno do aluno, os alunos jogam fora. <u>Material</u> de qualidade: jogam fora. Dão tudo, tudo, tudo, tudo.</p> <p>BF5: Algumas pessoas, não são todos também.</p>	<p><u>Investir</u>: empregar (recursos, tempo, esforço etc.) em (algo), na expectativa de torná-lo um sucesso.</p> <p><u>Material</u>: refere-se ao material escolar dado aos alunos no início do ano.</p>	<p>O depoente BF4 afirma que o governo do Estado de São Paulo desperdiça dinheiro, pois investe muito mal em educação. Por exemplo, cita a alimentação, o Caderno do Aluno, os materiais escolares de boa qualidade que são dados aos alunos e alguns jogam foram.</p>	<p>Governo do Estado investe mal em Educação.</p> <p>Material e alimentação jogados fora.</p>
GA2.67	<p>BF4: Quem falar que precisa comprar material, é mentira. A não ser que compra um lápis de cor, um</p>		<p>Os alunos afirmam que a escola fornece aos alunos todo o material escolar que eles</p>	<p>Escola fornece todo o material escolar que os alunos necessitam.</p>

	<p>lápiz normal...          BF5: Porque acaba né?          BF4: Mas dão tudo. E quando tem, eles dão também lá. Eles dão a mais quando precisa.          BF6: Se falar assim, que a escola não dá material é mentira.</p>		<p>precisam, apenas esporadicamente quando precisar comprar algo que acabou e a escola não tem a mais.</p>	
GA2.68	<p>BF5: Na minha opinião, deveria investir um pouco mais na <u>cultura</u>.          Uma cultura mais diferente, mostrar um outro lado. Porque às vezes eu acho que a escola não é só Português, Matemática, Geografia e Ciências. Eu acho que deveria investir em coisas novas, pra pessoa, porque, eu outro dia tava fazendo um trabalho sobre o que a gente poderia ser, que faculdade eu poderia fazer, do que. Eu não sei. Porque eu não sei direito o que, quais são, no total assim. A gente sabe mais o básico assim, que você ouve: advocacia, estudo de médico, teatro.          BF6: Administração de empresas.          BF5: São mais essas básicas que a gente ouve. Agora, você não tem todo um conhecimento de tudo aquilo. Acho que deveria investir um pouco mais na cultura.</p>	<p><u>Cultura</u>: o cabedal de conhecimentos, a ilustração, o saber de uma pessoa ou grupo social; conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social; complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-artes, ciências humanas e afins.</p>	<p>Os alunos sugerem que o governo invista mais em apresentar aos alunos uma cultura diferenciada, além daquela pertencente às disciplinas curriculares clássicas, como Português, Matemática, Geografia e Ciências, pois em cidades do interior não se tem muita oportunidade para participar de programas culturais. Por exemplo, poderiam esclarecer sobre os cursos superiores existentes; levar para passeios em cidades diferentes, para assistir teatros, a Zoológicos. Relatam que atividades desse tipo além de facilitar o aprendizado possibilitariam que os alunos se divertissem um pouco.</p>	<p>Governo deve investir mais em apresentar aos alunos uma cultura diferenciada.</p>

	<p>BF4: Eu também, eu concordo com ela plenamente. Porque, é o seguinte: você estar numa cidade do interior é diferente de você estar numa cidade de São Paulo, ou outra metrópole como Campinas e na Baixada Santista. Eles têm um pouco mais, um pouco mais de cultura, como se diz. Tem um cinema pra ir, tem um teatro pra ir, tem uma apresentação de dança. Assim, tudo na mão quase. Só que em cidades pequenas, o município não consegue administrar isso. Aqui, por ser cidade pequena, até que tem um pouco de, assim, é cultura, a parte cultural. Só que é muito defasada, que nem eu digo, é muito mal aplicado o dinheiro público.</p> <p>BF6: Ao invés deles ficarem, o governo, gastando dinheiro com pouca coisa, que nem esses caderninhos não deveriam nem vir. Eles deveriam aproveitar esse dinheiro, pra ter mais cultura né? Levaram a gente pra cidade diferente, pra conhecer um pouco mais. Assim, teatro, faz de conta que tem um teatro novo aí na cidade pra</p>			
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--

	<p>apresentar. Deveria levar nós no teatro, a gente paga mesmo pode ser, né? E a professora fazer tipo de uma prova, uma avaliação na base da peça que apareceu. Porque é mais fácil, além da gente estar se divertindo, que é bom a gente aprender se divertir. Porque a gente aprende melhor que a gente ficar dentro de casa, né? É melhor a gente assistir uma peça de teatro, do que a professora ficar falando, passando texto, essas coisas, sabe? Que nem em Ciências a gente deveria visitar Zoológico, essas coisas. Que nem se a gente gostar mais de leão, aí a gente pesquisa, várias coisas. Melhor que ficar o dia inteiro na sala de aula só escrevendo.</p>			
GA2.69	<p>BF4: Como é cultura, o Estado de São Paulo é muito rico em cultura né? Algumas áreas, não são em todas. Mas assim, pra maioria da população é muito cara a cultura. Porque muita gente não vai ao cinema por falta de dinheiro. Porque é muito caro. Mas eu acho que deveriam investir assim, numa cultura não popular, assim, no</p>	<p>Caro: que tem preço alto, elevado; que envolve grandes despesas.</p>	<p>Os depoentes afirmam que ter acesso à cultura tem um preço elevado para a maioria da população, por exemplo, ida a cinemas, exposições em outras cidades. O depoente BF4 cita um projeto no Estado do Rio de Janeiro que dá 50 reais por ano para uma pessoa gastar com cultura. Os depoentes também</p>	<p>Cultura é cara para a maioria da população.</p>

	<p>bairro, assim. Mas o popular que eu digo é pra pessoa mais carente ter acesso. Sabe, tem, no Rio de Janeiro tem um projeto do Estado, que eles investem, que a pessoa tem 50 reais por ano pra gastar com cultura e também é legal.</p> <p>BF5: Legal! Eu também gosto bastante dessas coisas, que nem, teve, não lembro em que ano, acho que era em São Paulo, a exposição do corpo humano, não sei aonde também. É interessante, eu gostei, de ver pela televisão, porque eu só vi um pedaço. Legal mesmo seria você ir. Aí teve uma excursão, parece que era pra ir. Não foram muitos, só que tinha que pagar. Então, o custo era alto, você tem que pagar ônibus, tem que pagar a entrada lá. Então às vezes não dá pra, toda vez que tiver um passeio legal da matéria, pra você, pra poder ajudar, você ter que pagar um custo alto... Nem sempre dá pra você ficar pagando né? Então, depende, eu acho que deveria investir em coisas melhores também.</p> <p>BF6: Eu não sei se se adiantou, mas</p>	<p>citam como boa a iniciativa da carteirinha do estudante que permite que paguem meia entrada em alguns lugares ou até mesmo entrem gratuitamente.</p>	
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--



	<p>tem aquela carteirinha de estudante, é o RA né? Eu acho que ficou até um pouquinho mais fácil, porque a gente paga metade do preço. Aí é melhor.</p> <p>BF4: Em alguns lugares é até grátis. Alunos: É (risos). BF6: É, que num dia de cinema, como num shopping... BF4: Quarta: feira.</p>			
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--

Fonte: dados organizados pela autora.

**Quadro 75** - Análise Ideográfica grupo de alunos 3.

Nº US	Unidades de Sentido	Excerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US.
GA3.1	Os dois alunos fizeram o Saresp na semana passada.		Os dois alunos fizeram as provas do Saresp em 2010.	Participação no Saresp.
GA3.2	Os alunos dizem que no <u>primeiro dia</u> foi Português e Matemática. BF7: E no <u>segundo dia</u> foi Ciências e Redação.	<u>Primeiro dia</u> : 17 de novembro de 2010, com provas de Português e Matemática. <u>Segundo dia</u> : 18 de novembro de 2010, com provas de Ciências, Redação e Questões abertas de matemática para uma amostra.	Os alunos dizem que no primeiro dia do Saresp foi prova de Português e Matemática e no segundo dia foi Ciências e Redação.	Disciplinas cobradas no Saresp.
GA3.3	Os alunos contam que fizeram as questões abertas de Matemática em uma das classes de 9º ano. BF7: Mais ou menos (difícil). BF8: Muito (difícil).	<u>Questões abertas</u> : Questões que não possuem alternativas para serem escolhidas, ou seja, o aluno tem que escrever o raciocínio que o levou a	Os alunos contam que fizeram as questões abertas de Matemática em uma das classes de 9º ano, e BF7 acha que essa prova estava mais fácil que as outras provas do Saresp, e fez	Questões abertas de Matemática. Dificuldade dessas questões.

	<p>BF7: Tava mais fácil que o Saresp. BF7: Eu fiz (todas). BF8: Deixei uma.</p>	<p>determinadas respostas. Saresp: referem-se às demais questões que compõe as provas do Saresp, que não as questões abertas.</p>	<p>todas. Já BF8 achou muito difícil e não fez uma.</p>	
GA3.4	<p>BF7: A de Português tava fácil. A de Português nem precisa ler, porque a pergunta já colocava um pedaço do texto, daí nem precisava ler o texto inteiro... BF8: Ah, eu vou falar, esse negócio de Português, eu não li quase nenhum texto. Ah, sei lá, muito grande assim... BF8: Ah, não que eu chutei, eu tentei fazer, eu vi lá a pergunta... mas o texto inteiro eu não li não. BF7: Eu leio a pergunta, daí depois que eu leio o texto. BF8: Eu também. BF7: Eu só li um texto de Português. BF8: Eu li uns 3.</p>	<p>Texto: Referem-se aos textos suporte da questão Chutar: No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente.</p>	<p>Os depoentes afirmam que na prova de Português, os textos eram grandes e eles não leram quase nenhum, pois liam as perguntas, onde já havia um pedaço do texto e se necessário liam o texto todo.  BF7 afirma que a prova de Português estava fácil.</p>	<p>Depoentes não leram a maioria dos textos da prova de Português.  Prova de Português fácil.</p>
GA3.5	<p>BF8: De Matemática sim (leu todas). BF8: Acho que li. BF7: Eu li algumas (de Matemática), outras eu chutei porque eu não tava sabendo. BF8: Eu também. BF7: Eu não chutei nem cinco, acho? BF8: No máximo umas seis...</p>		<p>Os depoentes afirmam que leram as questões de Matemática, mas apresentam dúvidas quanto a esse fato. BF7 relata que chutou em torno de cinco questões, pois não sabia respondê-las. BF8 afirma que chutou no máximo seis questões.</p>	<p>Quantidade de questões que chutaram.  Afirmam que leram todas as questões, mas apresentaram tom de dúvida.</p>

GA3.6	<p>BF8: Não tava muito fácil  BF7: Não tava muito fácil... Era só pensar. Porque não era fazer aquela conta grandona. Era você simplificar a conta e já saía o resultado. Não tava tão, tão difícil, mas também não tava tão fácil.  BF8: Bem difícil.  BF7: Um pouco mais que médio.  BF7: É, mais pra difícil. A de Português tava mais fácil.  BF8: Mas o <u>foda</u> é que eu não li...</p>	<p><u>Foda</u>: aquilo que se suporta com dificuldade; dureza.</p>	<p>Os depoentes afirmam que a prova de Matemática estava mais difícil do que fácil e que a de Português estava mais fácil. Porém, BF8 relata que não leu as questões de Português.</p>	<p>Prova de Matemática relativamente difícil.  Português fácil.</p>
GA3.7	<p>BF8: Eu tento, (eu estudo), Matemática, mas eu não consigo, não vai...</p>		<p>O depoente BF8 afirma que estuda Matemática, mas que não consegue entender.</p>	<p>Matemática é difícil.</p>
GA3.8	<p>BF7: O ano passado eu <u>nem ligava</u> para isso daí, o ano passado só dava a prova eu fazia tudo (faz sinal com a mão de rapidez), chutava tudo... aí eu <u>repeti</u> (9º ano).</p>	<p><u>Nem ligar</u>: não se importar  <u>Repetir</u>: Ter que fazer novamente aquela série, no ano seguinte.</p>	<p>O depoente BF7 afirma que no ano anterior não se importava com o Saresp, que pegava a prova e fazia rapidamente, chutando as alternativas, por isso foi reprovado.</p>	<p>Depoente repetiu o 9º ano em 2009.  Não dava importância ao Saresp.</p>
GA3.9	<p>BF7: Acho que sim (vai <u>passar de ano</u>).  BF8: Não sei se eu e ela vamos passar...  BF8: Eu to o 2º pior da sala, em nota.  Alunos: É, dificuldade...  BF7: Eu não acho que é dificuldade. É que eles não... Eu também sou ruim... Eu tenho o que? Sete</p>	<p><u>Passar de ano</u>: Ser promovido para o próximo ano letivo.  <u>Ficar</u>: Ser retido, reprovado.  <u>Vermelha</u>: Refere-se à nota vermelha, ou seja, abaixo do desempenho esperado, que em escolas estaduais é 5, numa escala de 0 a 10.</p>	<p>O aluno BF7 acha que será aprovado para o próximo ano letivo e o aluno BF8 afirma ser o 2º pior em notas de sua classe, portanto acha que vai ser reprovado. Afirmam que o problema são as dificuldades. O aluno BF7 diz ter sete notas abaixo de 5 e o aluno BF8 contesta, dizendo que são 13.</p>	<p>BF7 acha que será aprovado.  BF8 acha que será retido.  Afirmam que o problema são as dificuldades.</p>

	<p>vermelhas. BF8: 13. BF7: Sete. BF8: 13. BF8: Ah, sei lá... Eu acho que eu vou <u>ficar</u></p>				
GA3.10	<p>BF7: Bastante (matérias, a gente tem). Pra contar, nove. BF7: Mas a tarde não conta. BF7: Contar conta, pra ajudar. Pra ajudar nas matérias <u>de manhã</u>, nas aulas de manhã.</p>	<p><u>A tarde</u>: Por ser escola em tempo integral, no período da tarde os alunos têm as aulas da parte diversificada do currículo e <u>de manhã</u> as disciplinas regulares.</p>	<p>O depoente BF7 afirma que eles têm nove matérias na escola no período da manhã, e que as matérias da parte diversificadas são importantes para ajudar nas disciplinas regulares.</p>	<p>Nove matérias no currículo escolar. Disciplinas da parte da tarde ajudam nas da parte da manhã.</p>	
GA3.11	<p>BF7: É porque, antes eu pensava assim. Agora eu parei de pensar assim. No começo do ano, não vou levar a <u>sério</u>. Depois no 2º, no 3º, no 4º eu levo. BF8: É. É, mas... BF7: Daí chega no 3º, no 4º, você desanima. BF8: É. A mesma coisa. Vai, aí tem hora que desanima. Eu não (me esforço) muito. BF7: Eu não me esforço muito não. BF8: Muita (<u>preguiça</u>).</p>	<p><u>Levar a sério</u>: dar importância a; considerar como coisa grave, de responsabilidade, ponderosa; tomar a sério. <u>Preguiça</u>: estado de prostração e moleza, de causa orgânica ou psíquica, que leva o indivíduo à inatividade; desânimo, esmorecimento, indolência; aversão ao trabalho; ócio, vadiagem.</p>	<p>Os depoentes afirmam que pensavam da seguinte forma: não dariam importância no começo do ano e depois do 2º bimestre, sim. Porém, quando chega no 3º e 4º bimestre eles desanimam e não se esforçam.</p>	<p>Não levam a sério no começo do ano e depois desanimam.</p>	
GA3.12	<p>BF8: Eu tenho 15, e o BF7 16 (anos). BF8: Eu nunca reprovei. BF7: Eu reprovei (o 9º) uma vez e minha mãe me colocou um ano atrasado na escola.</p>		<p>O depoente BF8 nunca reprovou e tem 15 anos. Já o depoente BF7 reprovou o 9º ano e entrou um ano atrasado na escola, tendo 16 anos de idade.</p>	<p>Idade dos alunos. BF7 já reprovou e BF8 não.</p>	

GA3.13	<p>BF7: Nos outros anos podia deixar tudo vermelho... Só não podia ter muita falta. Isso que não podia ter acontecido.</p> <p>BF8: O que?</p> <p>BF7: Isso de ter muita vermelha e passar. Tinha que <u>ficar</u>, aí você ia levar mais a sério.</p> <p>BF8: Eu também (acho). Todos os anos, eu nunca fiquei de <u>recuperação</u>. Desde a 5ª até a 7ª.</p> <p>BF7: Um exemplo, na 5ª série, se não ficasse, se já repetisse, daí você ia forçar mais, você não ia querer ficar de recuperação, daí você já ia passar com nota melhor. Não ia ficar com tudo vermelho. E daí todo mundo repete na 8ª série por quê? Porque não aprende quase nada na 5ª, 6ª e 7ª.</p> <p>BF8: É.</p>	<p><u>Falta</u>: Ausência das aulas. O máximo permitido é de 25% do total de aulas.</p> <p><u>Ficar</u>: Ser retido naquele ano letivo.</p> <p><u>Recuperação</u>: período de estudo (de um reprovado) em que se prepara para prestar uma segunda prova que o capacite a passar para o grau acadêmico seguinte.</p>	<p>Os depoentes criticam o fato de terem sido promovidos desde o 6º ano mesmo com muitas notas vermelhas (abaixo da média indicada para ser promovido), apenas frequentando as aulas. Afirmam que deveriam ser retidos e terem períodos de recuperação para que levassem a sério a escola. Relatam que os alunos reprovam no 9º ano, pois não aprenderam quase nada nos 6º, 7º e 8º.</p>	<p>Crítica à progressão automática.</p> <p>Alunos reprovam no 9º ano, pois não aprenderam quase nada nos 6º, 7º e 8º.</p>
GA3.14	<p>BF8: Eu não errei (na hora de passar no gabarito).</p> <p>BF7: Eu errei, três questão, eu acho. Que eu tinha certeza que tava certo. Eu fui lá e errei (na hora de passar no gabarito).</p>	<p><u>Gabarito</u>: tabela das respostas corretas às questões de uma prova. Neste caso, os alunos se referem à folha de respostas onde deveriam assinalar as alternativas escolhidas como correta para cada questão.</p> <p><u>Dica</u>: informação ou indicação boa.</p>	<p>O aluno BF8 diz que não errou na hora de passar as alternativas escolhidas na folha de respostas. Já o depoente BF7 afirma ter passado errado na folha três questões que tinha certeza estarem certas.</p>	<p>Erro no momento de passar as respostas na folha de respostas.</p>
GA3.15	<p>BF7: Não podia pedir dica pra professora, não podia falar nada.</p> <p>BF8: Conversamos, mas não assim,</p>	<p><u>Dica</u>: informação ou indicação boa.</p>	<p>Os depoentes afirmam que não podia pedir informações sobre a prova para a professora. Relatam que</p>	<p>Não podia pedir dica para a professora.</p>

	sobre a prova. BF7: Era tudo a mesma pergunta, mas tava tudo mudado. Faz de conta, a 1 dela, é a 20 minha, a 2 dela é a 19 minha. Tavam diferentes.		conversaram durante a prova, mas não sobre as questões, já que as provas estavam diferentes.	Provas diferentes. Conversaram sobre outros assuntos.
GA3.16	BF7: Tinha (fiscal) no corredor. Que passava na sala olhando. BF8: Passava... Olhando...	<u>Fiscal</u> : aquele que verifica o cumprimento de qualquer ordem, regulamento ou determinação; inspetor, fiscalizador. <u>Colar</u> : copiar, ouvir de outrem ou ter consigo indevidamente (o examinando) as soluções dos problemas propostos em exame escrito, para, por esses meios, ter o desempenho de um bom aluno.	Os alunos afirmam que no dia da prova do Saresp tinha fiscal no corredor, que passava nas salas olhando.	Existência de fiscal.
GA3.17	Os alunos afirmam que não dava para <u>colar</u> , pois as provas eram diferentes, mas que era possível enxergar algumas provas de carteiras vizinhas.		Os alunos afirmam que não dava para colar, pois as provas eram diferentes, mas que era possível enxergar algumas provas de carteiras vizinhas.	Não dava para colar. Dava para enxergar.
GA3.18	BF7: Só papel... Papel não. Só lápis, caneta e borracha. Mais nada (no dia da prova).		O depoente BF7 afirma que só levaram lápis, caneta e borracha no dia da prova do Saresp.	Material no dia da prova.
GA3.19	Os alunos afirmam que se esforçaram para fazer as provas do Saresp.		Os alunos afirmam que se esforçaram para fazer as provas do Saresp.	Alunos se esforçaram.
GA3.20	BF7: Não, algumas coisas são, outras não (parecidas entre a prova que a professora dá e o Saresp). BF8: É. As provas que ela dá durante o ano eu tirei um, dois, zero. Muito difícil. BF8: Nossa, (o Saresp) bem mais fácil.	<u>Cair</u> : Ser cobrado.	Os alunos afirmam que o Saresp é mais fácil que as provas que a professora aplica durante o ano. Relatam que a professora mostrou alguns conteúdos que poderiam ser cobrados na prova do Saresp.	Saresp é mais fácil que as provas que a professora aplica durante o ano. Professora mostrou alguns conteúdos que poderiam cair

	<p>BF7: Só algumas contas, sabe, que ela ensinou pra nós antes, que ela falou que talvez ia cair no Saresp. Daí ela passou pra nós e falou: vai cair conta desse tipo lá.</p> <p>BF8: Como forma o quadrado, sei lá. Não sei fazer isso não.</p>			no Saresp.
GA3.21	<p>Alunos: Teve o Sarespinho. BF8: Nem lembro (quando). Alunos: Só um (simulado). BF7: Mas não tinha nada parecido com o simulado. BF8: Nossa, nada. BF7: Tinha contas que você tentava, tentava e nunca achava o resultado. Eu, pelo menos. BF7: O Sarespinho (mais difícil) do que o Saresp normal. Não sei se é porque eu não tava prestando atenção direito...</p>	<p>Sarespinho: simulado do Saresp.</p>	<p>Os depoentes afirmam que ocorreu um simulado do Saresp durante o ano, mas não se lembram de quando foi. Acharam esse simulado mais difícil que o Saresp, porém BF7 afirma que não estava prestando muita atenção quando fez o simulado.</p>	<p>Teve um simulado na escola. Pode ter sido mais difícil que o Saresp.</p>
GA3.22	<p>Alunos: Valia (nota o Sarespinho) BF7: O Saresp vale. BF8 concorda com a cabeça. BF7: Só que eu acho que a prova que nós ganhou lá, as questões abertas, eu acho que não valia nota. Eu acho que é pra saber se nós sabia mesmo, as questões do Saresp, não precisava só de alternativa. BF8: Eu acho que é isso mesmo.</p>	<p>Ganhar: refere-se a aleatoriedade com que se escolheu a sala que faria as questões abertas de Matemática.</p>	<p>Os depoentes afirmam que o simulado do Saresp valia nota e que o Saresp também vale. Porém, acham que a prova que a sala fez contendo as questões abertas de Matemática não valerá nota, tendo sido feita apenas para verificar se os alunos sabiam o que estavam fazendo ou somente chutando.</p>	<p>Afirmam que simulado e Saresp valem nota. Prova com questões abertas não vale.</p>

	BF7: Eu acho que deu aquela prova só pra ver se nós sabia mesmo fazer a questão ou se nós tava chutando. Eu acho que ela não vai valer nota.			Os alunos afirmam que os professores usam o <u>caderninho</u> e que havia questões parecidas entre a matéria abordada no material e o Saresp.	Uso do Caderno do Aluno. Questões do Saresp parecidas com a matéria do Caderno.
GA3.23	Os alunos afirmam que os professores usam o <u>caderninho</u> e que havia questões parecidas entre a matéria abordada no material e o Saresp.	<u>Caderninho</u> : Material enviado pelo Estado às escolas, referentes ao currículo obrigatório.		Os alunos afirmam que os professores usam o material referente ao Currículo do Estado o e que havia questões parecidas entre a matéria abordada no material e o Saresp.	Trabalhar com o caderninho é melhor que copiar da lousa.
GA3.24	BF7: (O caderninho) Melhor que passar lição na lousa e ficar copiando. É menos cansativo. Porque ela vai passar lição na lousa, passa um monte de lição na lousa, depois nós tem quem copiar as questões e ainda fazer as respostas. BF8: É. BF7: É mais fácil. BF8: Concorde com a cabeça.			Os alunos afirmam que trabalhar com o Caderno do Aluno é melhor e menos cansativo do que copiar a lição da lousa e ainda ter que resolver as questões depois.	
GA3.25	Os alunos afirmam ter feito o Saresp no 7º ano. BF7: Falaram pra nós (a nota). Mas não fui bom não, tirei 4. 4 e 5 eu tirei. 4 de Matemática e 5 de Português. BF8: Na 6ª série pra falar a verdade, eu nem li nada. Por causa que eu sabia que eu não ia passar (a nota), por causa que a nota lá parece que nem dava, você ia <u>passar</u> do mesmo	Passar: passar de ano. <u>De qualquer jeito</u> : muito ruim; mal, sem atenção.		Os alunos afirmam ter feito o Saresp no 7º ano. BF7 diz que foi falada para ele sua nota, mas que ele não foi bem, tendo tirado 4 de Matemática e 5 de Português. Já BF8 afirma ter feito o Saresp no 7º ano sem atenção, pois seria promovido para o ano seguinte de qualquer maneira e que não teve acesso aos seus resultados.	BF7 soube da nota do Saresp no 7º ano. BF8 não soube da nota e diz ter feito o Saresp sem atenção, pois seria promovido de qualquer maneira.



	jeito. Eu só peguei e fiz de qualquer jeito.				
GA3.26	BF8: (O Saresp é) uma prova... pra ver se nós aprendemos alguma coisa... BF7: Pra mim (o Saresp) é tipo uma prova mesmo.			Os depoentes acham que o Saresp é uma espécie de prova para verificar o que eles aprenderam.	Saresp é uma prova para verificar o que eles aprenderam.
GA3.27	Acho errado dos professor que quando nós faz o Saresp, no dia seguinte ela fala assim, falam que aquela questão é de 1ª série, de 5ª série, mas nós vê que não é de 1ª série, de 5ª série. Nós ta fazendo errado e ela fala assim: isso aqui é de 5ª série, passei pra vocês. Daí nós fala que não é pra ela... daí... Ah, sei lá.			O depoente BF7 não concorda com o fato de os professores falarem para os alunos no dia seguinte ao Saresp que foram cobradas questões de 1ª ano, de 6º ano e que o conteúdo havia ministrado, pois os alunos veem que as questões não são de tal série.	Crítica ao fato de os professores falarem que são cobradas questões muito básicas no Saresp.
GA3.28	BF7: Só sei que é uma prova que todo mundo deveria fazer, da 5ª até a 8ª. BF7: Ah, seria melhor, daí você ia aprender acho que mais. Faz de conta, o que eu aprendi até aqui, se eu tivesse feito da 5ª, 6ª, 7ª, 8ª, eu acho que eu ia saber mais de fazer o Saresp, coisa assim...			O aluno BF7 acredita que o Saresp deveria ser feito por todas as séries, de 6º ao 9º ano, pois se ele tivesse feito o Saresp em todas as séries ele saberia mais sobre fazer a prova.	Saresp deveria ser feito por todas as séries, de 6º ao 9º ano.
GA3.29	BF8: A dona (coordenadora) falou assim, que a nossa vida ia ta lá (no Saresp)! BF7: A vice-diretora. BF8: Falou que a nossa vida ia ta aí, que tinha que se esforçar pra fazer... Pra não deixar nenhuma em branco.		<u>Em branco</u> : sem resposta. <u>Negócio escolar</u> : Refere-se ao Histórico Escolar.	O depoente BF8 relata que a equipe de gestão falou que a vida dos alunos estaria na prova do Saresp, portanto eles deveriam se esforçar para não deixar nenhuma questão sem resposta. Questiona o fato de a vida dos alunos estar na prova. O depoente BF7 acha	Vida dos alunos estaria na prova do Saresp. Quis dizer que a nota do Saresp vai ficar para sempre no

	<p>A nossa vida ta lá, como assim?  <b>BF7:</b> Eu acho que ela quis dizer assim, porque se você tirou uma nota boa, essa nota vai ficar pra sempre. O dia que você for arrumar um emprego, o cara vai ver esses <u>negócios escolar</u> e vai ver se você era um bom aluno...</p>		<p>que ela quis dizer que a nota do Saresp vai ficar para sempre no Histórico Escolar, sendo possível de ser verificar se determinada pessoa era um bom aluno.</p>	<p>Histórico Escolar.</p>
<p>GA3.30</p>	<p><b>BF7:</b> Eu acho que não era não (obrigatório). Porque eles sabiam que ia ter Saresp... Faz de conta, é dois dias do Saresp. Um dia antes, um moleque trouxe o celular aqui. A dona viu o celular dele, aí falou assim: ou você dá o celular e <u>toma três dias</u>, ou você não dá e toma seis. Mesmo se ele entregasse ou não entregasse ele ia perder o Saresp do mesmo jeito. Ele foi e não entregou. E perdeu o Saresp. E a dona sabia que ia ter o Saresp. Se ela soubesse, ela falava, me dá o celular que eu não dou suspensão, ele ia pegar o Saresp. E não, ela foi lá e deu seis dias de suspensão.</p> <p><b>BF7:</b> Não, porque quando a dona veio falar, ela falou que se tirasse nota vermelha no Saresp ia repetir, daí ninguém faltou. Daí foi lá e deu suspensão pra ele. Daí ele falou:</p>	<p><u>Dona:</u> Professora.  <u>Toma três dias:</u> Ficar três dias de suspensão.</p>	<p>O depoente <b>BF7</b> acha que o Saresp não é obrigatório, pois ocorreu um fato na escola de um aluno ter sido pego com celular um dia antes do Saresp e terem sido dadas a ele duas opções: ou ele entregava o celular e ficava três dias suspenso ou não entregava e ficava seis. Portanto, se o Saresp fosse obrigatório, a professora ia oferecer a opção de ele entregar o celular e não perder o Saresp. Relata, ainda, que por ter sido falado aos alunos que quem tirasse nota vermelha no Saresp ia ser retido, e tal aluno ter perdido a prova, ele começou a faltar, pois era certo que seria reprovado.</p>	<p><b>BF7</b> considera que Saresp não é obrigatório.</p> <p>Caso do aluno pego com celular e suspenso no dia da prova do Saresp.</p> <p>Aluno começou a faltar depois disso.</p>

	agora que eu vou repetir... começou a faltar.			
GA3.31	BF7: Ah, eu acho que é (importante). Pra você ter mais conhecimento, essas coisas assim. BF8: Mais ou menos. BF8: Mais pra mais. BF7: É, pra ver se eu adquiri mais conhecimento, se eu aprendi mais. Porque o ano passado, eu não fui bom. Este ano eu acho que eu fui bem melhor que o ano passado. BF8: Ah, pra mim não tem como explicar não. Eu não entendo muito do Saresp.		O depoente BF7 acha o Saresp importante para verificar se os alunos aprenderam mais, adquiriram mais conhecimentos. Cita o fato de não ter se saído bem ano passado, mas em 2010 ter sido bem melhor. O depoente BF8 acha o Saresp mais ou menos importante, mas não sabe explicar, pois diz não entender muito do Saresp.	Saresp importante para verificar aprendizagem.  Aluno se saiu melhor em 2010.  BF8 afirma não saber muito do Saresp.

Fonte: dados organizados pela autora.

#### Quadro 76 - Análise Ideográfica grupo de alunos 4.

Nº US	Unidades de Sentido	Excerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US.
GA4.1	Os quatro alunos fizeram o Saresp na semana passada.		Os quatro alunos fizeram as provas do Saresp em 2010.	Participação no Saresp.
GA4.2	AF4: 1h e 30 min (demorou para fazer a prova). AF3: Era o <u>mínimo</u> né? Os quatro alunos afirmam que demoraram 1h:30min para fazer as provas nos dois dias. AF3: Porque o mínimo era 1h e 30, só que tinha o máximo.	<u>Mínimo</u> : O tempo mínimo que os alunos deveriam permanecer resolvendo a prova era de 1h30min. O tempo máximo que a escola deveria dispor para a realização das provas era de 3 horas.	Os quatro alunos afirmam que demoraram 1h:30min para fazer as provas nos dois dias. Relatam que esse era o tempo mínimo de permanência realizando a prova e que alguns alunos continuaram terminando a prova após esse tempo.	Tempo que o aluno permaneceu realizando a prova.  Tempo que a classe como um todo permaneceu resolvendo a prova.

	<p>AF2: Ia até às 9:30.  AF2: Não (todos ficaram somente o tempo mínimo).  AF3: Alguns não.  AF1: Alguns ficou terminando a prova.</p>			
GA4.3	<p>AF3: Pra mim foi média (a dificuldade da prova), nem fácil, nem difícil.  AF2: Mais ou menos.  AF4 e AF1: Médio também.  AF2: Teve bastante questão assim que não dava tanto assim pra responder, tava um pouco complicado.  AF2: Assim, o ensino é ótimo. Só que a nossa sala..., não teve bom aprendizado este ano. Muita <u>bagunça</u>, muita <u>falação</u>, a gente não aprendeu quase nada.</p>	<p><u>Bagunça</u>: falta de ordem; confusão, desorganização; farra ruidosa; baderna, bagunçada.  <u>Falação</u>: ruído produzido por muitas vozes; falatório.</p>	<p>Os alunos acharam o nível de dificuldade das provas mediano, ou seja, nem fácil, nem difícil. A aluna AF2 afirma que diversas questões não foram possíveis de serem respondidas, pois, apesar de o ensino na escola ser ótimo, a sala de aula em que ela está é muito indisciplinada, prejudicando o aprendizado.</p>	<p>Nível de dificuldade das provas mediano.  Sala de aula da AF1 e AF2 muito indisciplinada, prejudicando o aprendizado.</p>

GA4.4	<p>AF1: É, porque não foi as coisas do <u>caderninho</u> que caiu, foi as coisas do <u>livro</u>.</p> <p>AF3: O livro nós não estudamos, foi mais o caderninho.</p> <p>AF3: Ah, (referente às) das matérias que <u>caiu</u>.</p> <p>AF2: Quase todas.</p> <p>AF3: É, porque a gente não usa muito o livro. Usa mais o caderninho ou usa só a lousa mesmo. Daí o que caiu no Saresp foi mais o livro, que a gente não usou muito.</p> <p>AF4: Teve assim, algumas coisas (parecidas com o caderninho), mas não assim de equação, mas não muito, só algumas mesmo.</p>	<p><u>Caderninho</u>: Material enviado pelo Estado às escolas, referentes ao currículo obrigatório.</p> <p><u>Livro</u>: Livro didático.</p> <p><u>Cair</u>: Ser cobrado na prova.</p>	<p>Os depoentes afirmam que a maioria das questões do Saresp eram referentes aos conteúdos abordados nos livros didáticos e não no Caderno do Aluno, material referente ao Currículo do Estado. Relatam que o material mais usado na escola é o Caderno do Aluno ou conteúdos ministrados pelos professores na lousa.</p>	<p>Saresp cobrou conteúdos de livros didáticos e não do caderno do aluno.</p> <p>Na escola usa-se mais o caderno do aluno.</p>
GA4.5	<p>AF2: A nossa sala foi escolhida pra fazer uma <u>prova</u> a parte, <u>aberta</u>.</p> <p>AF1: Cinco (questões).</p> <p>AF2: A prova de Matemática tava bem difícil, essa aberta aí.</p> <p>AF2: Algumas coisas que tinha pra responder lá eu não aprendi, e no fim deixei sem fazer...</p> <p>AF2: Fiz quatro.</p> <p>AF1: Eu fiz todas.</p> <p>AF1: Eu fiz o que <u>vejo</u> na minha</p>	<p><u>Prova aberta</u>: Provas com questões que não possuem alternativas para serem escolhidas, ou seja, o aluno tem que escrever o raciocínio que o levou a determinadas respostas.</p> <p><u>Vir na cabeça</u>: Lembrar.</p>	<p>Os depoentes acharam difícil a prova aberta de Matemática do Saresp. Relatam que era composta por cinco questões, sendo que eles fizeram aquelas que tinham aprendido o conteúdo e que se lembravam. As depoentes AF1 e AF2 afirmam que fizeram todas e quatro, respectivamente.</p>	<p>Prova aberta difícil.</p> <p>Composta por cinco questões.</p> <p>Quantidade de questões que AF1 e AF2 fizeram.</p>

	<p><u>cabeça</u>, que eu aprendi, também, né? Aí eu fui lá, escrevendo, montando as contas, mas não sei se acertei. AF2: Acho que sim (acertei), umas três pelo menos, umas duas.</p>			
GA4.6	<p>AF1: Tinha uma lá que era <u>pegadinha</u>... AF2: É. AF1: Era de umas fitas coloridas. Aí tinha 8 azul, não, eram 20 azul, 7 rosa, 2 vermelha, aí tinha que ver, a professora ia tapar o olho e tinha que ver qual ela ia catar. Tinha as quatro alternativas lá: azul,... aí tinha que responder... AF2: Qual era a maior possibilidade, de qual cor que tinha que pegar. Todo mundo ia colocar que é a azul, porque tinha mais... Era uma pegadinha, a gente ficou meio assim... AF1: Eu achei que era uma pegadinha sim. AF2: Não (tinha alternativa). AF1: Tinha entre qual cor... AF2: É, tinha. AF1: Era do segundo (dia).</p>	<p><u>Pegadinha</u>: Questão elaborada de maneira a confundir o respondente, induzindo ao erro. <u>Colocar x</u>: Escolher uma alternativa como correta, dentre aquelas apresentadas como possíveis.</p>	<p>As depoentes AF1 e AF2 relatam que uma das questões da prova aberta, que não tinha alternativas como resposta, era pegadinha, ou seja, confundia quanto à resposta correta, induzindo ao erro. A questão era: Tinha 8 fitas azuis, 7 rosas, 2 vermelhas em um recipiente. Se alguém pegasse uma das fitas, qual a cor que tinha maior probabilidade de ser pega? Achar que é uma pegadinha, pois é óbvio que todos iriam responder azul. Alunos acharam a resposta muito óbvia.</p>	<p>Uma questão com pegadinha.  Resposta muito óbvia.</p>

	AF2: Mas não tinha que <u>colocar</u> x, sabe? Era só pra escrever qual a gente achava.			
GA4.7	AF2: Acho que a mais difícil foi a Matemática mesmo. AF3: Eu achei meio difícil. AF3: Eu chutei! Bastante. AF4: Algumas (chutou).	<u>Chutar</u> : No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente.	Os alunos acharam a prova de Matemática mais difícil que as outras. A depoente AF3 afirma ter chutado muitas questões. O depoente AF4 diz ter chutado algumas.	Prova de Matemática mais difícil. Chutaram questões.
GA4.8	AF4: Porque as outras (provas) eram todas interpretação de texto, assim. Mais fácil. AF3: Das outras achei meio fácil. AF4: De Ciências tava facinho. Alunos: Tava fácil (de Português).		As outras provas, além de Matemática, os alunos acharam mais fáceis. O depoente AF4 afirma que as outras provas eram de interpretação de textos.	Outras provas mais fáceis. Provas de interpretação de texto.
GA4.9	AF3: Português, Matemática, Redação e Ciências. (Matérias que caíram). AF3 e AF1: Português e Matemática (no primeiro dia).	<u>Caíram</u> : Foram cobradas na prova. <u>Primeiro dia</u> : 17 de novembro de 2010, com provas de Português e Matemática.	A depoente AF3 relata que no primeiro dia de prova foi cobrado Português e Matemática e no segundo dia Redação e Ciências.	Matérias que caíram nas provas.
GA4.10	AF3: Eu achei fácil até (a Redação). AF4: Era <u>artigo de opinião</u> . Alunos – É. AF1: E o professor passou bastante artigo de opinião pra gente fazer.	<u>Artigo de opinião</u> : Texto argumentativo onde o autor emite sua opinião.	Os alunos acharam a Redação fácil, por se tratar de um artigo de opinião, gênero textual que foi bastante trabalhado pelo professor em sala de aula.	Redação fácil. Artigo de opinião.
GA4.11	AF4: Não (conseguiram ler todas as questões). AF3: Ah, a maioria.	<u>Na lata</u> : no ato. <u>Ter jeito</u> : ser possível.	Os alunos afirmam que não conseguiram ler todas as questões, mas a maioria delas sim, tendo	Não conseguiram ler todas as questões.

	<p>AF2: Não.  AF1: Não, algumas foi no chute.  AF2: <u>Na lata mesmo</u>. Risos.  AF3: Eu deixei pro final, pra depois tentar raciocinar, mas não <u>teve jeito</u>.</p>		<p>chutado algumas. AF4 relata ter deixado para o final da prova algumas questões, mas não conseguiu.</p>	<p>Chutaram algumas.</p>
GA4.12	<p>AF3: Nem um pouco (podia conversar). Nem olhar pro lado pra pegar borracha.  AF4: Porque também sempre passava uma...  AF3: A <u>fiscal</u>.  AF1 e AF2: <u>É</u>.</p>	<p><u>Fiscal</u>: aquele que verifica o cumprimento de qualquer ordem, regulamento ou determinação; inspetor, fiscalizador.</p>	<p>Os depoentes afirmam que não podia conversar durante a prova e que sempre passava uma fiscal para olhar.</p>	<p>Não podia conversar durante a prova.  Existência de fiscal.</p>
GA4.13	<p>AF1: Só no segundo dia que deu um problema lá da prova aberta, que todo mundo queria ir embora. Não queria fazer a prova.  AF2: Algumas pessoas se <u>recusou</u> a fazer a prova aberta, da nossa sala. Porque tava complicado né?  AF2: De Matemática. Aí deu problema, teve que chamar a diretora... Começou a falar...  AF1: Um monte de gente começou a falar.  AF1: O pessoal começou a falar que ia embora, que não sabia fazer, que ia deixar tudo <u>em</u></p>	<p><u>Recusar</u>: não atender a, não prestar; negar; opor-se a; negar-se.  <u>Em branco</u>: Sem resposta nenhuma.  <u>Subir</u>: Subir na sala de aula, que fica no primeiro andar da escola.  <u>Prestar atenção</u>: olhar, ouvir, sentir (algo) com atenção aumentada, concentrada.</p>	<p>As alunas AF1 e AF2 afirmam que no segundo dia do Saesp, dia em que foi efetuada a prova com questões abertas de Matemática, ocorreram problemas na sala de aula, pois os alunos se negaram a fazer essa prova, querendo ir embora da escola e deixar as questões sem resposta. A diretora e a professora de Matemática foram chamadas, a professora conversou com os alunos e eles fizeram a prova.</p>	<p>Alunos se recusaram a fazer a prova aberta de Matemática.</p>



	<p>branco.</p> <p>AF2: Que não sabia fazer.</p> <p>AF1: Aí a professora de Matemática também <u>subiu né?</u> Aí ela começou a conversar, falou que tinha gente que não <u>prestava atenção</u>. Aí ela começou a falar, aí tinha só duas ou três pessoas fazendo.</p> <p>Andressa e AF1: (Depois os outros) Fizeram.</p>			
GA4.14	<p>AF3: Dava pra ver, mas as provas eram diferentes. Mesmo se quisesse não ia dar pra <u>colar</u>.</p>	<p><u>Colar</u>: copiar, ouvir de outrem ou ter consigo indevidamente (o examinando) as soluções dos problemas propostos em exame escrito, para, por esses meios, ter o desempenho de um bom aluno.</p>	<p>A depoente AF3 afirma que era possível ver as provas dos outros alunos, mas as provas eram diferentes, não sendo possível copiar as respostas.</p>	<p>Dava pra ver as provas de outros alunos.</p> <p>Provas diferentes, não dava para colar.</p>
GA4.15	<p>AF3: Não podia nem estojo em cima da mesa.</p> <p>AF1: Só caneta, lápis e borracha.</p> <p>AF2: ... lápis e borracha</p>		<p>Depoentes afirmam que não podia nem usar estojo na hora da prova, somente lápis, caneta e borracha.</p>	<p>Material usado na hora na prova: lápis, caneta e borracha.</p>
GA4.16	<p>AF4: Que chutaram bastante. (o pessoal da classe falou).</p> <p>AF4: Porque acharam muito difícil.</p> <p>AF1: Na nossa também... O B. falou que chutou...</p> <p>AF2: Até na Redação, o menino que estava atrás de mim não conseguiu fazer. Deixou sem</p>		<p>Os depoentes afirmam que o pessoal das classes disse que chutaram diversas questões, inclusive um aluno deixou a Redação sem fazer.</p>	<p>Pessoal da classe chutou várias questões.</p> <p>Redação sem fazer.</p>

GA4.17	<p>fazer a Redação.</p> <p>AF4: A professora assim, é porque ela dá aquele tipo de questão, sabe? De a, b, c assim. Só que ela fala pra gente <u>fazer a conta</u> e no Saresp a gente não precisou fazer.</p> <p>AF1: É, e também dentro da sala as provas são mais fáceis que o Saresp.</p> <p>AF4 – É.</p> <p>AF2: Eu também acho.</p> <p>AF3: Eu não, eu acho o Saresp mais fácil que a prova que eu faço na sala.</p> <p>AF3: Ah, também tem o caso da conta. Talvez você saiba a resposta sem fazer conta e a professora quer que você faça a conta. Daí você acerta, mas ela dá errado.</p> <p>AF1: Tem vezes até que eu faço umas contas meio <u>idiotas lá</u>. Risos.</p> <p>AF3: Só pra ela dar um certo. Mas a resposta ta sempre certa. Risos.</p> <p>AF2: Só pra mostrar o resultado.</p> <p>AF4: A da sala de aula (é mais fácil).</p>	<p>Fazer a conta: Registrar o raciocínio no papel.</p> <p>Idiota: que denota falta de inteligência, de discernimento; parado, estúpido, imbecilizado; que não tem valor, sem interesse, sem sentido.</p>	<p>Os depoentes falam que nas provas que a professora dá em sala de aula eles devem deixar registrado o raciocínio que tiveram para chegar ao resultado e na prova do Saresp não é necessário. Os depoentes AF1, AF2 e AF4 acham a prova feita na sala de aula mais fácil que o Saresp e AF3 acha ao contrário, pois há casos em que você sabe a resposta, mas não sabe expor o raciocínio para chegar nela, portanto você acerta a resposta da questão e a professora dá errado. As alunas AF1 e AF2 dizem colocar na prova que a professora aplica qualquer conta sem sentido, apenas para que ela tome como certa a resposta.</p>	<p>Opiniões sobre a prova que a professora dá em sala de aula e a prova do Saresp.</p> <p>Saresp não precisa colocar as contas.</p>
--------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

GA4.18	AF1: Eles passam umas provas bem, tipo <u>simulado</u> do Saresp. AF4: É.	Simulado: Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino.	Os depoentes afirmam que fazem simulados do Saresp.	Fazem simulados do Saresp.
GA4.19	AF1, AF2 e AF4: Vale (nota). AF3: Vale? AF1: Todos. AF3: Fiz, mas não sabia que valia nota não.		Os alunos afirmam que todos os simulados valem nota. A depoente AF3 relata que não sabia que valia nota, apesar de ter participado dos simulados.	Simulados valem nota. AF3 não sabia.
GA4.20	AF4: Ela dá bem mais lição assim sabe (antes do Saresp)... Que nem de Português, o professor dá bem mais artigo de opinião. Bem mais coisa explicando o que é artigo de opinião. AF2: Bem <u>puxado</u> . Bem. AF3: Pra aprender... Mesmo assim tem coisa que não <u>entra na cabeça</u> .	<u>Puxado</u> : cansativo, exaustivo. <u>Entrar na cabeça</u> : compreender, entender, aprender.	Os alunos afirmam que as aulas em épocas anteriores ao Saresp são cansativas, pois os professores passam mais tarefas, por exemplo, em Português o professor passa muito mais informações sobre artigo de opinião, ou seja, informações voltadas para o conteúdo que será cobrado na prova.	Aulas cansativas na época do Saresp.  Foco em conteúdos que serão cobrados na prova.
GA4.21	AF4 – Ah, os professores falou que só vale (nota) pra escola né? AF1: No <u>total</u> né. Tipo assim a nota minha, dela... AF3: A gente nunca fica sabendo o resultado que dá. Se acertou, se errou. AF4: Só vale pela escola mesmo. AF4: Eu acho que é pra ver o desempenho da escola, uma coisa	<u>Total</u> : Geral.	Os depoentes afirmam que o Saresp é para verificar somente o desempenho da escola no geral, já que eles não têm acesso aos resultados individuais.	Saresp é somente para verificar o desempenho da escola.  Alunos não têm acesso aos resultados individuais.

	assim. AF2 e AF1: Sim, é.				
GA4.22	AF2: Eu achava que o Saresp era pra <u>passar de ano</u> . Mas a resposta só vem no começo do outro ano, né? Do ano que vem.	Passar de ano: ser promovido para o próximo ano letivo.	A depoente AF2 achava que o Saresp seria usado para promoção do aluno para o próximo ano letivo, porém o resultado é divulgado somente no outro ano. Os alunos apresentam dúvidas sobre ter feito o Saresp no 7º ano, mas afirmam que fizeram.	AF2 achava que o Saresp seria usado para promoção.	
GA4.23	Os alunos apresentam dúvidas sobre ter feito o Saresp no 7º ano, mas afirmam que fizeram.			Saresp no 7º ano.	
GA4.24	AF3: Saresp nenhum (ficamos sabendo o resultado). Nem do comecinho... AF1: Nem da escola a gente fica sabendo. AF3: (Seria bom) Pra ver o que está certo, o que ta errado. Pra ver o que você aprendeu também! AF4: Também pra ver o que eu não sei, pra assim, sei lá, pra mim estudar, pra ver se numa próxima acerta, ou numa outra prova assim.		Os depoentes relatam que em nenhum Saresp ficam sabendo os resultados, nem os individuais e nem os da escola. Afirmam que seria bom saber para ver onde tem que melhorar para uma próxima prova e o que já aprendeu.	Não ficam sabendo dos resultados. Seria com saber para uma auto-avaliação.	
GA4.25	AF2: O que eles estavam mais preocupados era em sair a <u>imagem</u> da escola, sabe? Que os alunos não aprenderam, sabe? Eles tavam mais preocupadas na imagem da escola.	Imagem: opinião (contra ou a favor) que o público pode ter de uma instituição, organização, personalidade de renome, marca, produto etc.; conceito que uma pessoa goza junto a outrem.	Os depoentes relatam que os professores e a equipe de gestão mostraram preocupações com a imagem pública da escola A, de acordo com os resultados do Saresp. Dessa forma, pediram aos alunos,	Preocupações com imagem pública da escola. Pediram aos alunos que aprendessem.	

	<p>AF4 – É. AF2: Eles ficaram bastante semanas antes do Saresp falando: vocês têm que aprender porque sair o resultado lá, que a escola A não ensinou nada, não sei o que.</p>		<p>nas semanas anteriores ao Saresp, que eles deveriam aprender, pois senão ia sair o resultado da escola e mostrar que eles não aprenderam nada.</p>	
GA4.26	<p>AF2: Eu acho que eles têm que se preocupar com a gente e não com a escola. A gente tem que saber, não a escola. AF1: É, porque sai o resultado da escola e não sai o resultado da gente, individual. AF3 e AF2: É.</p>	<p><u>Preocupar</u>: prender ou ter presa a atenção; interessar-se; fazer questão de, dar importância a; importar-se, empenhar-se.</p>	<p>Os depoentes acham que o interesse dos professores não deveria recair sobre a escola, porém, sobre o aprendizado e resultado individual de cada aluno.</p>	<p>Interesse deveria ser no resultado individual.</p>
GA4.27	<p>AF2: Como toda prova sai um resultado, né? Aí eu queria que saísse o resultado pra ver como a gente foi... Porque deve ter bastante <u>CDF</u> aqui na escola. Vai saber se o resultado... Por exemplo se ela vai 3º lugar, a escola. Vai saber se for o resultado dos CDF, não contando assim tanto o que eu acertei... AF3: É porque sempre falam que a escola A está em 3º lugar das coisas nas escolas. Por exemplo, vem em 1º as escolas particulares, depois vem as estaduais. E a A é a 1ª ... Sempre</p>	<p><u>CDF</u>: Cabeça de ferro. Aluno que estuda muito, além da normalidade, pertencendo, muitas vezes a um estereótipo físico. Alunos muito inteligentes. <u>Coisas</u>: Refere-se ao <i>ranking</i> municipal de resultados do Idesp.</p>	<p>A depoente AF2 acha que deveriam sair os resultados individuais dos alunos para que eles pudessem saber como foram na prova. As depoentes AF1 e AF2 relatam que deve haver pessoas muito inteligentes na escola, pois a escola A sempre fica em 3º lugar no <i>ranking</i> municipal do Idesp, portanto gostariam de saber se essa colocação é devida ao resultado apenas desses alunos, não contando muito o dos outros.</p>	<p>Deveria ser divulgado o resultado individual dos alunos. Escola fica sempre em 3º lugar no Idesp. Deve haver CDFs na escola.</p>

	assim... Porque deve ter CDF aqui...				
GA4.28	AF2 e AF1: (Somos) Bons alunos, mas CDF não! AF3: Não! AF2: Eu tiro 8, 9, mas 10 já é mas difícil... AF3: Bimestre passado eu fiquei com três notas vermelhas no <u>boletim</u> . Mas foi mais por falta, tive que faltar bastante por causa da minha mãe. Mas eu não sou também <u>burra</u> assim... To ali mais ou menos... AF4: Não tenho vermelha, 6, 5, 7.	Boletim: documento escolar no qual são periodicamente lançadas as notas obtidas pelo estudante nas diferentes matérias para conhecimento dos pais ou responsáveis. <u>Burra</u> : que ou aquele que é falto de inteligência; estúpido, tolo; que ou o que é ignorante, falto de informação, de cultura. <u>Vermelha</u> : Refere-se à nota vermelha, ou seja, abaixo do desempenho esperado, que em escolas estaduais é 5, numa escala de 0 a 10.	As alunas AF1 e AF2 afirmam ser boas alunas, mas não excelentes.  A depoente AF3 diz ter três notas vermelhas no boletim do bimestre passado, mas que não foi falta de inteligência e sim por ter faltado muito.  O aluno AF4 afirma não ter notas abaixo de cinco.	Notas dos alunos.	
GA4.29	Os alunos afirmam que serão promovidos.		Os alunos afirmam que serão promovidos.	Promoção dos depoentes.	
GA4.30	AF2: Eu acho que metade da minha sala (será retida)! AF1: Nossa! AF3: Eu acho que na minha sala não! Pelo menos a maioria acho que não! AF2: A minha sala teve tanto problema este ano. Duas vezes que a gente tomou <u>suspensão</u> a sala inteira. AF1: A sala inteira.	<u>Suspensão</u> : Ser suspensão das atividades escolares por um determinado período, como penalização por ter cometido alguma infração às regras da escola. <u>Bagunça</u> : falta de ordem; confusão, desorganização. <u>Vitrô</u> : Refere-se ao vidro da janela.	A depoente AF3 afirma que a maioria da sua sala não será reprovada. Já as alunas AF1 e AF2 acham que metade da sala será retida, pois apresentaram muitos problemas decorrentes de terem causado confusão no ano letivo de 2010. Relatam que a sala inteira foi suspensa das atividades escolares como penalização pela bagunça excessiva, já que a sala se localiza	Promoção dos alunos da classe.  Depredação da escola.	

	<p>AF1 e AF2: (por causa da <u>Bagunça</u>. AF1: Porque a gente fica aqui em cima da diretoria. AF2: E eles escutam tudo! Olha, esse ano quebraram uma mesa no meio, na minha sala (risos). AF1: Quebraram um relógio! AF2: Um relógio! Dois lixos teve que ser trocado! Rasgaram a cortina. <u>Vitrô</u> aqui no refeitório foi nossa sala que quebrou. Alunos – Risos.</p>		<p>em cima da diretoria e, portanto, escutam o barulho. Relatam, rindo, que, na classe, quebraram uma mesa no meio, um relógio, dois lixos, rasgaram a cortina e quebraram um vidro da janela do refeitório.</p>	
GA4.31	<p>AF2: Não, (podia reprovar), né? Até na 7ª não... AF3: Era por <u>falta</u> só... AF4 – É. AF3: Falaram que este ano também era por nota! AF2: Este ano é nota e falta. AF2: Ah, um <u>absurdo</u> né? A pessoa vai passar de ano sem saber? Sem ter aprendido? AF3: Ah, mas num lado é bom. Alunos – Risos. AF1: É que nem eu na 5ª série eu era maior <u>jumenta</u>, aí depois eu passei sem saber nada pra 6ª série. Aí teve aquele <u>jornal</u> lá... AF2: É verdade (?)...</p>	<p><u>Falta</u>: Ausência nas aulas. Não pode exceder 25% das aulas ministradas. <u>Absurdo</u>: que se opõe à razão e ao bom senso; que é destituído de sentido, de racionalidade; aquilo que é contrário à sensatez e ao bom senso; coisa absurda, dispartada; absurdez, absurdeza, absurdidade. <u>Jumenta</u>: indivíduo pouco inteligente; burro. <u>Jornal</u>: Refere-se ao material enviado pela SEE no início do ano de 2008, para um período de recuperação intensiva de 42 dias, com a intenção que “os alunos repusessem estruturas fundamentais de Língua Portuguesa e Matemática</p>	<p>Os alunos afirmam que até o 8º ano somente eram reprovados por excesso de ausências na escola, porém no 9º ano foi falado que poderiam ser retidos por nota e por falta.  O depoente AF4 acha o fato de se aprovar um aluno sem que ele tenha aprendido o esperado um absurdo.  As demais depoentes acham que a aprovação automática tem um lado bom, pois você pode ser aprovado e aprender no ano seguinte, conforme exemplo da AF1, que relata que era pouco inteligente no 6º ano, mas</p>	<p>Até o 8º ano só repete por falta. No 9º falta e nota.  Opiniões sobre a promoção automática.  AF4 acha um absurdo.  Aspecto bom: alunos passam e podem se recuperar no outro ano. AF1 cita exemplo próprio.</p>

	<p>AF1: Aí eu aprendi um pouquinho mais.  AF1: Recuperei bastante.  AF1: Ah, acho que não (deveria ter reprovado). Porque eu cheguei na 6ª série e aprendi tudo de novo, né?  AF2: Mas assim, na minha sala, na nossa sala, tem gente que lê muito mal. Quase não sabe ler.  Então como que passa um aluno assim? Vai chegar na 8ª série sem saber ler nem escrever?  AF3: O lado bom é que passa, vai passando assim. O lado ruim é que dependendo você passa sem saber. Sem saber umas coisas assim... Aí chega no outro ano é mais complicado... Até você aprender de novo...</p>	<p>com as quais pudessem interagir melhor com a nova proposta curricular” (FINI, 2009, p.63<sup>209</sup>).</p>	<p>recuperou no 7º, com o jornal para um período de recuperação intensiva, referente à Proposta Curricular. Porém, relata que há alunos na sala dela que não sabem ler direito, e esses alunos não deveriam ser promovidos. A depoente AF3 afirma que um aspecto negativo da promoção automática é que vão se acumulando dificuldades.</p>	<p>Aspectos ruins: acúmulo de dificuldades, alunos que não sabem ler no 9º ano.</p>
GA4.32	<p>AF4: Não tem nada de bom nisso (GA4.31) aí. Que nem eu, não estudava tanto, <u>aprontava</u> muito na escola, sabe? Até ano passado, assim. Eu não sabia nada. Sabia ler, escrever, assim normal, fazer as contas, mas prova assim eu não fazia com muita...</p>	<p>Apontar: proceder de modo indevido, quase sempre fazendo o que não deve ou provocando confusão.  <u>Dedicação</u>: qualidade ou condição de quem se dedica a alguém ou algo; devotamento, entrega, sacrifício.</p>	<p>O depoente AF4 não vê nada de bom na aprovação automática. Cita seu próprio exemplo, que não se dedicava aos estudos e nem às provas até o 8º ano, além de proceder de modo indevido, mas que agora no 9º ano, levando-se em conta que pode reprovar por nota e</p>	<p>AF4 não vê nada de bom na aprovação automática.  Acha que deveria aprender para ser promovido.</p>

<sup>209</sup> FINI, M. I. Currículo e Avaliação: articulação necessária em favor da aprendizagem dos alunos da rede pública de São Paulo. São Paulo Perspec., São Paulo, v. 23, n. 1, p. 57-72, jan./jun. 2009.



	<p>AF2: <u>Dedicação</u>.  AF4 – É. Daí <u>nem ligava</u> mesmo, sabe? Daí eu fui começar este ano mesmo. Que é mais importante né? Comecei aprender mais as coisas, assim.  AF4 – Porque repete por nota, né? Eu me dediquei mais, né? Porque também tinha as provas de <u>cursos</u>, essas coisas...  AF3: É, na nossa sala, depois que começou aquela férias de julho... Antes, no começo do ano era maior bagunça...  AF2 e AF1: É na nossa continua ainda...  AF3: Depois, todo mundo se dedicou mais, ficou mais quieto no canto, lá... Porque era uma zona também...  AF4: (Deveria) Repetir...  AF4: Porque assim o aluno tinha que aprender pra passar de ano, né? Porque senão, assim por falta...</p>	<p><u>Nem ligava</u>: não se importava.  <u>Cursos</u>: Cursos técnicos.  <u>Zona</u>: falta de ordem; bagunça, confusão, desordem.</p>	<p>que tem que prestar provas para cursos técnicos, ele se dedica mais. Portanto, acha que deveria aprender para ser promovido.  A depoente AF3 diz que na sala de aula era muita bagunça, mas depois das férias de julho o pessoal está mais quieto. Já as depoentes AF1 e AF2 afirmam que a sala em que elas estudam continua uma bagunça.</p>	<p>Cita seu próprio exemplo de não se dedicar muito até o 8º ano.  Salas de aula com muita bagunça.</p>
GA4.33	<p>AF1: (O Saresp) É o <u>rendimento</u> da escola.  AF2: O <u>andamento</u> da escola.  AF1: O <u>rendimento</u> da escola, dos alunos também. Saber um</p>	<p><u>Rendimento</u>: eficiência relativa no desempenho de uma tarefa. Refere-se ao rendimento escolar, ou seja, ao nível de aprendizagem alcançado.</p>	<p>Os alunos discorrem sobre o que acham que o Saresp trata. AF1 e AF2 afirmam se tratar de saber do rendimento, do curso de aprendizagem da escola e dos</p>	<p>Saresp trata do rendimento escolar.  Não sabem notas individuais.</p>

	<p>pouquinho mais se o aluno aprendeu ou não...</p> <p>AF4: Pra mim, assim, que nem os professor pede, é pra falar o, pra <u>sair</u> o que os professores estão ensinando ou não. Que eu não lembro o que tinha falado, mas alguma coisa de salário dos professores... Se o professor foi bom, aumenta o salário do professor... Acho que é mais isso.</p> <p>AF3: Eu não sei falar o que é o Saresp.</p> <p>AF2: Eu acho que é o andamento dos alunos mesmo. Só que pelos professores acho que é a <u>reputação</u> da escola...</p> <p>AF3: Ah, eu não sei se é bem o andamento, porque a gente não sabe nossa nota!</p> <p>AF2: É...</p>	<p><u>Andamento</u>: curso de um processo, um negócio etc.</p> <p><u>Sair</u>: No sentido de sair o resultado.</p> <p><u>Reputação</u>: conceito de que alguém ou algo goza num grupo humano; renome, estima, fama.</p>	<p>alunos. Essa definição é contestada por AF3 que, apesar de não saber falar do que se trata o Saresp, argumenta que não sabe se é o andamento do aprendizado, já que os alunos não sabem suas notas individuais.</p> <p>AF4 acha que o Saresp é um dispositivo para mostrar o que os professores estão ensinando, pois falaram algo para ele que se o resultado for bom, vai aumentar o salário.</p> <p>AF2 acha que, para os professores, o Saresp se refere à reputação da escola.</p>	<p>Saresp mostra o que os professores estão ensinando.</p> <p>Saresp é relacionado com salário de professor.</p> <p>Saresp trata da reputação da escola.</p>
GA4.34	<p>AF2: Que nem eu achava, eu sempre fiz o Saresp, até esse último Saresp eu sempre achei que eu ia passar de ano! Nossa! Então eu me esforçava ao máximo! Aí depois que eu fiquei sabendo...</p> <p>AF3: Se fosse uma prova pra passar de ano, aí sim (seria</p>		<p>Os alunos não veem importância no Saresp, já que ele não é um critério para que os alunos sejam promovidos e nem mesmo eles têm acesso aos resultados individuais. Portanto, afirmam que é só uma prova, que se eles errarem tudo nem vão saber e que serão promovidos de qualquer maneira.</p>	<p>Não veem importância no Saresp.</p> <p>Não têm acesso aos resultados individuais.</p> <p>Serão promovidos</p>

	<p>importante).</p> <p>AF3: Porque é só uma prova.</p> <p>Uma prova que não dá pra fazer em casa...</p> <p>AF2: A gente nem sabe o resultado...</p> <p>AF1: É, se a gente errar tudo a gente nem vai saber!</p> <p>AF3: É, vai passar de todo jeito, então...</p>		<p>A depoente AF2 afirma que se esforçava para fazer o Saresp enquanto achava que ele seria critério para sua promoção para o próximo ano letivo.</p>	<p>de qualquer maneira.</p> <p>Justificativa para se esforçar na prova do Saresp,</p>
GA4.35	<p>AF4: É que o Saresp importa mais assim, pra diretora, né? Pra imagem da escola. Ela não quer que a escola seja taxada como pior escola de ensinamento, né?</p> <p>AF2: É, que os alunos da escola A não sabem nada...</p>	<p><u>Taxar</u>: atribuir (uma qualidade ou um defeito) a (alguém, algo ou a si mesmo); fazer (certo julgamento) a respeito de, qualificar(-se), ter(-se) na conta de.</p>	<p>Os depoentes afirmam que o Saresp importa para a imagem pública da escola, portanto a diretora se preocupa com o julgamento que farão da escola A, não querendo que seja qualificada como a pior escola, onde os alunos não sabem nada.</p>	<p>Diretora se preocupa com o julgamento que farão da escola.</p>
GA4.36	<p>AF4: Que a coordenadora ia na sala...</p> <p>AF4: Como chama o grandão lá... o coordenador, ele também ia na sala pra (?)...</p> <p>AF4: Pra gente se <u>empenhar</u>, que é importante pra escola.</p> <p>AF2: É, foi só isso. Mas eles repetia todo dia! Que era pra gente se empenhar.</p> <p>AF3: Sei lá, parece que tem <u>medo</u>...</p> <p>AF2: Muito preocupados.</p>	<p><u>Empenhar</u>: dedicar (-se) com afincio; aplicar (-se).</p> <p><u>Medo</u>: temor, ansiedade irracional ou fundamentada; receio; desejo de evitar, ou apreensão, preocupação em relação a (algo desagradável).</p>	<p>Os depoentes relatam que os coordenadores foram nas salas de aula quase todos os dias requisitando que os alunos se dedicassem, se esforçassem, ao fazer a prova do Saresp, pois seria importante para o futuro deles.</p> <p>Os depoentes notaram uma grande preocupação por parte da coordenação, um receio que os alunos não se dedicassem.</p>	<p>Coordenadores requisitaram que os alunos se dedicassem.</p> <p>Grande preocupação por parte da coordenação</p>

GA4.37	<p>AF3: Também, pra se esforçar ao máximo... Queé...</p> <p>AF4: É importante pro futuro...</p> <p>AF3: É...Essas coisas assim...</p> <p>AF2: É, eles tão preocupados de sair no jornal, né? Risos. Eles sempre falavam isso, que ia sair no jornal que os alunos...</p> <p>AF3: Sei lá, parece que se preocupam mais com a imagem deles do que a nossa!Ah, tira nota boa aí pra nós. Porque assim, faz a prova, tira nota boa, pra nós melhorar...</p> <p>AF1: Mas quem faz a prova é a gente né?</p> <p>AF2: Então eles estão nas nossas custas, né? Se a gente errasse tudo...</p> <p>Alunos – Risos.</p> <p>AF1: É, também. Se preocupar com a imagem da escola, pra gente se empenhar bastante. Pra gente estudar. É, estudar eles falam o ano inteiro, né?</p> <p>AF2: Porque eles ficaram assim falando que era pra gente fazer uma boa prova, porque senão ia parecer que os professores da escola A não ensinam.</p>	<p>Sair no jornal: Publicação dos resultados na imprensa.</p> <p>Nas nossas custas: dependendo de.</p>	<p>Os alunos acham que a equipe escolar está mais preocupada com a imagem pública da escola, com a divulgação dos resultados da escola pela imprensa, do que com a imagem dos alunos. Falam para os alunos se dedicarem no Saresp, pois se não fizerem uma boa prova, vai parecer que os professores da escola não ensinam. Concluem que a escola depende do resultado dos alunos.</p> <p>A depoente AF1 relata que o ano inteiro é falado para os alunos estudarem.</p>	<p>Equipe escolar está mais preocupada com a imagem pública da escola.</p> <p>A escola depende do resultado dos alunos.</p> <p>Ano inteiro é falado para os alunos estudarem.</p>
--------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

GA4.38	<p>AF1 e AF3: É...</p> <p>AF4: Eu acho que é um pouco errado isso assim, porque que nem, a gente foi fazer essas <u>provas de escolas técnicas</u>, pra ninguém falou nada disso, pra gente estudar, sabe?</p> <p>AF2: É verdade.</p> <p>AF4: Aí quando foi o Saresp, que não importa nada pra gente, aí eles fizeram a gente fazer bem mais lição, sabe?</p> <p>AF1: É, mais o A. deu aula aqui né...</p> <p>AF4: É, foi o único que ajudou, né? O resto...</p> <p>Alunos – (A. é professor de) Português.</p> <p>AF4: Só o A. mesmo.</p> <p>AF1: Só ele ajudou pras provas de escolas técnicas.</p>	<p><u>Provas de escolas técnicas</u>: processos seletivos para algumas escolas técnicas com procura de interessados maior que a oferta de vagas. Também conhecidas por vestibulinho.</p>	<p>Os depoentes criticam o fato de os professores somente se preocuparem com o Saresp, que não tem importância para os alunos, pedindo empenho, fazendo revisões, e não fazerem o mesmo com as provas de processos seletivos para as escolas técnicas. Citam apenas um professor, o de Português, que ajudou na preparação para as provas de escolas técnicas.</p>	<p>Professores deveriam ajudar também nas provas para as escolas técnicas.</p> <p>Saresp não importa nada para os alunos.</p> <p>Somente um professor ajudou nos vestibulinhos.</p>
GA4.39	<p>AF1: Em uma das provas para escola técnica caiu Física e Química, um monte de coisa...</p> <p>AF2: Química e Física a gente não...</p> <p>AF2: Gente, que prova difícil! Caiu Física e Química, a gente não aprendeu isso!</p> <p>AF1: Muito difícil! Coisas que a</p>	<p><u>Concorrido</u>: que foi alvo de competição; a que concorrem ('acorrem') pessoas ou muitas pessoas; (muito) frequentado.</p>	<p>Os depoentes relatam que as provas para ingresso em escolas técnicas estavam muito difíceis e concorridas.</p>	<p>Provas de vestibulinhos difíceis e concorridas.</p>

	<p>gente não sabia! Alunos : Sim, tinha muita gente (concorrido).</p> <p>AF2: Ah, eu não gosto de fazer Saresp. AF4: Eu também acho que não deveria ser obrigado, não! AF1: Teve gente que faltou (no Saresp). AF2: Eu acho que é (obrigatório)... AF3: Na nossa sala foi todos. Até o... AF1: Eu não acho que é (obrigatório), porque teve gente que faltou... AF2 - E não aconteceu nada com eles né? AF3: Eu acho que é. AF4: Não (é obrigatório).</p>		<p>As depoentes AF3 e AF2 acham que o Saresp é obrigatório e AF2 relata não gostar de fazer a prova. Os depoentes AF4 e AF1 não acham que é obrigatório, já que teve alunos que faltaram e não aconteceu nada com eles.</p>	Obrigatoriedade do Saresp.
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------

Fonte: dados organizados pela autora.

#### Quadro 77 - Análise Ideográfica grupo de alunos 5.

Nº US	Unidades de Sentido	Exerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US.
GA5.1	Os quatro alunos fizeram o Saresp na semana passada.		Os quatro alunos fizeram as provas do Saresp em 2010.	Participação no Saresp.
GA5.2	AF8: Acho que a gente saiu quase no tempo <u>máximo</u> , no primeiro dia.	<u>Tempo máximo</u> : O tempo máximo que a escola deveria dispor para a	GA5.2a: Os alunos afirmam que a prova começou às 7h:30min e eles	Tempo em que permaneceram

	<p>AF7: Eu saí era 09h:20min. AF7: (Começou) 07h30min, 07h:25min. E a gente tinha que sair, no mínimo, uma hora e meia depois. Eu saí era 09h:20min. AF8: No outro dia, a prova foi bem fácil, daí o pessoal foi saindo. A gente saiu no tempo mínimo. Já que dava para sair, a gente ia saindo. AF7: A gente saiu no tempo mínimo. AF6: Eu fiz em uma hora e meia. AF6: De Matemática eu fiz rapidinho. Eu não sabia nada. Não, acho que é porque, aqui (os outros alunos) eles têm aula com a professora de Matemática C. e eu tenho aula com o S., então como a minha sala a maioria é de repetentes, ele passou matéria de sexta e sétima série, que não caiu no Saresp, então a gente foi prejudicado um pouco, né. AF6: É (terminei no tempo mínimo os dois dias). AF5: Eu, no primeiro dia, demorei mais um pouco. Português tem muito texto, só que no segundo dia foi rápido. Ciências, fácil.</p>	<p>realização das provas era de 3 horas. O tempo mínimo que os alunos deveriam permanecer resolvendo a prova era de 1h30min. <u>Repetentes:</u> Alunos que repetiram o 9º ano.</p>	<p>deveriam permanecer no mínimo por 1h:30min. No primeiro dia, AF8 afirma que saiu quase no tempo máximo, que era de 3h, AF7 afirma que saiu às 9h:20min, AF6 em 1h:30min, e AF5 afirma que demorou um pouco a mais que o tempo mínimo. Já no segundo dia, os alunos afirmam que estava mais fácil a prova, portanto todos saíram no tempo mínimo.  GA5.2b: A depoente AF6 afirma que fez a prova de Matemática rapidamente, já que não sabia responder as questões. Relata que a sala em que estuda é composta por alunos que já repetiram o 9º ano, dessa forma o conteúdo ministrado pelo professor foi de séries anteriores ao 9º ano.</p>	<p>fazendo a prova.  Depoente AF6 está numa sala só com alunos que já repetiram o 9º ano.</p>
GA5.3	AF7: No primeiro dia foi Português	Primeiro dia: 17 de novembro de	Os alunos relatam que no primeiro	Matéria das provas

	<p>e Matemática e no <u>segundo dia</u> foi Ciências e Redação.</p>	<p>2010, com provas de Português e Matemática.  <u>Segundo dia</u>: 18 de novembro de 2010, com provas de Ciências, Redação e Questões abertas de Matemática para uma amostra.</p>	<p>dia a prova foi de Português e Matemática e no segundo foi Ciências e Redação.</p>	<p>aplicadas.</p>
<p>GA5.4</p>	<p>AF8: O tema (da Redação) foi, tipo assim, bastante criticado. Bastante <u>dialogado</u> por causa da internet.  AF7: É sobre internet.  AF8: O pessoal fala que prejudica na escrita, tal. Porque, hoje em dia, quando você escreve lá, você tenta abreviar ao máximo. Fazendo umas brincadeiras, como risada: “KKKK”. E daí, na hora de você escrever, você pega essa <u>mania</u>, e acaba escrevendo o que você escreve no <u>MSN</u>. Só que devia. É importante, é importante, mas para a série que a gente está, deveria ser...  AF8: Um tema mais importante. Poderia ter um melhor diálogo. Porque, sei lá, tal.  AF7: Lá tava escrito assim, escreva o que você acha sobre... Se você acha que hoje há espaço para cartas na <u>era da internet</u>. Esse era o tema para escrever.</p>	<p><u>Dialogado</u>: conversado, debatido.  <u>Mania</u>: hábito extravagante; prática repetitiva; costume esquisito, peculiar; excentricidade; costume nocivo, prejudicial; vício.  <u>MSN</u>: Messenger. Dispositivo para troca de mensagens instantâneas pela internet.  <u>Era</u>: período de tempo, ger. longo, que começa com um fato histórico novo, notável ou marcante, ou que origina uma ordem diferente no curso dos acontecimentos; época histórica com características próprias e intransferíveis; qualquer período de tempo.</p>	<p>Os depoentes afirmam que o tema para a Redação era uma opinião se os alunos acham que na época da internet há espaço para cartas. O depoente AF8 afirma que o tempo já foi bastante discutido, pois é falado que atualmente as pessoas adquirem manias de escrita da internet, como abreviaturas, portanto deveria ter sido abordado um tema mais importante.</p>	<p>Tema da redação.  Deveria ter sido abordado um tema mais importante.</p>



GA5.5	Sobre a prova de Matemática, os alunos acharam: AF5: Fácil AF6: Difícil AF7: Difícil AF8: Difícil		Os depoentes AF6, AF7 e AF8 acharam a prova de Matemática difícil. Já o depoente AF5 achou fácil.	Dificuldade da prova de Matemática.
GA5.6	AF6: Eu chutei quase todas. AF8: Eu chutei umas cinco. AF7: Eu chutei umas assim que você lê, lê, lê e não entende, então vai no chute mesmo. AF8: Você não sabe qual conta é a certa para fazer e na hora <u>da um branco</u> . AF7: É muita coisa. AF8: Aí você vai lá e “chuta” né? Você tenta um monte de conta nenhuma dá o resultado, nenhuma da um dos quatro resultados que tinha lá. A gente “chuta”. Vê qual se aproxima das contas que a gente fez lá. Aí a gente “chuta”. É o único jeito, né? AF5: Matemática caiu o que a gente aprendeu em aula. Então eu nem estudei para o Saresp e caiu tudo o que eu sabia.	<u>Chutar</u> : No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente. <u>Dar branco</u> : Esquecer.	Os depoentes AF7 e AF8 afirmam que chutaram algumas questões que tentaram fazer, mas não conseguiram. O depoente AF5 afirma ter sido cobrado conteúdos aprendidos em aula, portanto ele sabia responder todas as questões. Já a depoente AF6 relata ter chutado quase todas as questões.	Questões que chutaram nas provas.  Questões que sabiam.
GA5.7	AF8: Teve uma questão lá que eu achei muito, assim. É o certo em alguns países, mas, tipo assim, aqui	<u>Manifesto</u> : Refere-se a uma manifestação pública, um protesto. <u>Protesto</u> : ato ou efeito de protestar;	O depoente afirma que uma das questões perguntava o que precisava para que um protesto funcionasse.	Questão que induzia a achar que o governo está

	<p>no Brasil não funciona desse jeito e parecia do jeito que a prova perguntava para gente, a questão perguntava para gente, falava que para um <u>manifesto</u> dar certo, pra um <u>profesto</u> da certo, o que precisava. Precisava de <u>massa</u>, precisava fazer pressão no governo e tal. Aí tinha, a resposta correta era essa, mas eu coloquei a errada de propósito. Porque os professores aqui da escola e mais 60% dos professores do Estado de São Paulo fizeram bastante pressão contra o governo num manifesto bem grande. Imagine, todos os alunos que puderam e que quiseram, foram manifestar junto, que já tinham uma certa idade e que receberam autorização e tinham como ir. 60% dos professores foram a manifestar na acho, Av. Paulista de São Paulo. Aí o que aconteceu, o nosso governador se negou até o último momento e tinha uma alternativa que tinha lá que falava: boa vontade do governo. E foi a que eu assinei. Tá tipo assim, tá querendo <u>induzir</u> as pessoas acharem que o governo é sempre o responsável pelas coisas</p>	<p>ato ou efeito de reclamar; queixa, reclamação; grito, brado de repulsa ou de não-concordância com relação a (algo). <u>Massa</u>: o conjunto das camadas mais numerosas da população; o povo; quantidade, volume; a totalidade ou a grande maioria; multidão ou conjunto numeroso de pessoas. <u>Induzir</u>: ser causa ou motivo de (sensação, impressão) em (alguém); inspirar, provocar; encorajar ou aconselhar (alguém) a (fazer algo); incitar, instigar; fazer (alguém) cair ou incorrer em; compelir, impulsionar. <u>Ditadura</u>: governo autoritário exercido por uma pessoa ou um grupo de pessoas, que tomam o poder desrespeitando as leis em vigor, com supremacia quase absoluta do poder executivo, apoiado pelas forças armadas, e com o poder legislativo inexistente ou enfraquecido e subordinado ao poder do(s) ditador(es), o mesmo acontecendo com o judiciário, e onde ger. não há estado de direito, imprensa livre, liberdade de</p>	<p>Ele afirma que a resposta correta é que precisa de muita gente pressionando o governo. Porém, afirma que ocorreu um grande protesto dos professores em São Paulo, inclusive com alguns alunos autorizados participando, e que o governo se negou a fazer acordos até o último momento. Portanto, ele assinalou uma alternativa que dizia: boa vontade do governo, mesmo sabendo ser a errada, pois acredita que a questão estava querendo induzir as pessoas a acharem que o governo é sempre responsável por coisas boas, e quem está contra nunca está certo. Questiona se estamos vivendo numa ditadura novamente.</p>	<p>certo e quem está contra está errado. Protesto dos professores em São Paulo. Assinalou a alternativa errada evidenciando crítica. Questiona se estamos numa ditadura.</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	boas, e quem tá contra o governo nunca tá fazendo a coisa certa, sempre tá fazendo a coisa errada. Então, quer dizer o que? A gente tá passando por uma <u>ditadura</u> de novo? Não tá certo? Não é verdade?	associação, de expressão, nem eleições livres e regras claras de sucessão; qualquer sistema de governo em que não sejam respeitadas as liberdades individuais; excesso de autoritarismo; tirania, despotismo.		
GA5.8	AF7: Muitas (questões), eu, sabe... AF6: Não entendi muito não. Porque muitas coisas, assim, eu não aprendi. Então eu chutei. Comecei a ler, já vi que eu não sabia, eu já chutei. AF5: Eu consegui ler e interpretar quase todas. Só algumas que estava meio difícil de entender, mas dava para responder. AF7: Assim, eu tive mais dificuldade na prova de Português. Porque é muito texto, chega uma hora que você não consegue mais ler. É um texto para uma questão, entendeu? Então chega uma hora que eu tava muito cansada, daí eu comecei chutar. Não entendia mais nada, não tinha mais nada no meu cérebro. Estava muito cansada.		As depoentes AF6 e AF7 afirmam que chutaram diversas questões ou por estarem cansados de resolver a prova ou por não saberem. Já o depoente AF5 relata que leu e interpretou todas as questões.	Dificuldade da prova.  Questões que chutaram.
GA5.9	Os alunos afirmam que não podia conversar durante a prova. AF6: Na minha sala <u>não tem</u> muito			Os alunos afirmam que não podia conversar durante a prova do Saresp. Porém, a depoente AF6 afirma que a
				Conversa durante a prova era proibida.

	<p><u>essa</u> não, de não poder conversar, entendeu? Acho que é a sala mais conhecida da escola A, então...</p> <p>AF6: Tem muito <u>bagunceiro</u>.</p> <p>AF6: Eu repeti (o 9º). AF6: (Estou fazendo) pela segunda vez. Então não tem muito essa de não poder.</p> <p>AF6: Na minha sala, quase a maioria (vai repetir). De novo.</p> <p>AF6: Eu não. Melhorei (o rendimento).</p> <p>AF5: Na minha sala, tipo assim, quase todos os professores falam que é uma das melhores da escola. Daí...</p> <p>AF6: E a oitava cinco é a pior.</p> <p>AF6: Ah, mas eu reprovei não por nota, eu reprovei por <u>falta</u>, ano passado eu nem vinha para a escola.</p>	<p><u>Bagunça</u>: falta de ordem; confusão, desorganização; farrá ruidosa; baderna, bagunçada.</p> <p><u>Falta</u>: Ausência das aulas. O máximo permitido é de 25% do total de aulas.</p>	<p>sala em que estuda possui muitos alunos que gostam de fazer bagunça, portanto eles conversam sempre, até mesmo durante a prova. Relata que esse 9º ano é o pior da escola, e que a maioria dos alunos ficará retida novamente. A depoente conta que é a 2ª vez que cursa o 9º ano, e que melhorou seu rendimento, portanto será aprovada. Já a depoente AF5 relata que a sala em que estuda é uma das melhores da escola.</p>	<p>AF6 relata que a sala dela é a pior e mais bagunceira da escola e conversa durante a prova.</p> <p>AF5 afirma que estuda em uma das melhores salas da escola.</p>
GA5.10	<p>AF8: Não podia (reprovar antes do 9º ano). Mas, tipo assim, tem aluno que <u>não dá</u>.</p> <p>AF7: Não.</p> <p>AF7: Só se for muito, muito <u>ruim</u>. Tipo falta...</p> <p>AF6: Falta. Pra mim a única coisa que repete é falta.</p> <p>AF7: Na quinta à sétima série se você não faltar você passa.</p> <p>AF8: Mas é como um, tinha um que</p>	<p><u>Não dá</u>: não é possível.</p> <p><u>Ruim</u>: Mau aluno.</p> <p><u>Lidar</u>: ter trato, conviver, tratar com, ocupar-se de; operar costumeiramente com; manipular, manobrar.</p> <p><u>Gênio</u>: conjunto dos traços psíquicos e fisiológicos que moldam o temperamento e o humor de cada pessoa.</p> <p><u>Peso nas costas</u>: responsabilidade</p>	<p>Os alunos afirmam que antes do 9º ano não podiam ser reprovados, apenas por excesso de ausências ou se fosse muito mau aluno. O depoente AF8 relata o caso de um aluno que estudou com ele no 7º ano e que apenas um professor conseguiu tratar com ele, pois brigava e o colocava para fora da sala de aula, já na aula dos demais era impossível. Dessa forma, havia</p>	<p>Do 6º ao 8º ano só reprova por excesso de ausências.</p> <p>Caso de um aluno indisciplinado demais que foi retido.</p>

	<p>chamava, não sei se era B., não lembro. Eu estudei com ele na sexta, aí o professor F. era nosso professor de História. Ele bagunçava demais na sala de aula, não deixava a gente aprender nada. O professor F. conseguia <u>lidar</u> com ele, porque tinha o mesmo <u>gênio</u>, assim, sabe? Colocava para fora, brigava. Só que tinha professor que era impossível. Aí tinha um professor que queria passar logo para tirar o <u>peso das costas</u>, tinha outros que queria reprovar. E ele acabou reprovando.</p>	<p>excessiva.</p>	<p>professores que queriam que ele fosse promovido para não ficarem com essa responsabilidade, mas ele acabou sendo retido.</p>	
GA5.11	<p>AF8: Acho que foi a sexta (que eu fiz o Saresp). É, foi a sexta. Eu entrei na escola A na sexta. Foi no ano que eu entrei.</p>		<p>O depoente AF8 afirma que fez o Saresp no 7º ano.</p>	<p>Saresp no 7º ano.</p>
GA5.12	<p>AF7: Eu acho que deveria reprovar, porque, como ele disse, se você não aprendeu alguma coisa na quinta, como que você vai... muitas coisas que você aprende na quinta você precisa dela para fazer outra coisa na sexta, por exemplo. AF8: E só a <u>revisão</u> que o professor da para gente não é o suficiente. AF7: Porque a gente já aprendemos praticamente na outra série. Então</p>	<p><u>Revisão</u>: ato ou efeito de rever ou revisar. <u>Revisar</u>: visar de novo; ter novamente sob os olhos (alguma coisa). <u>Vergonha</u>: desonra que ultraja, humilha; opróbrio, o sentimento desse ultraje, dessa desonra ou humilhação; coisa ou situação vergonhosa. <u>Na moleza</u>: falta de empenho, de</p>	<p>Os alunos afirmam que os alunos que não aprenderam, não estudaram, deveriam ser reprovados, pois sem os pré-requisitos necessários, eles não conseguirão acompanhar as séries seguintes, em que serão abordados novos conteúdos e a revisão que o professor faz não é suficiente para quem não aprendeu. A depoente AF5 relata que tem um aluno na sala que ela estuda que</p>	<p>Alunos que não aprenderam deveriam ser reprovados. Falta de pré-requisitos. Casos de alunos que não estudam, faltam muito e são</p>

	<p>ele não vai voltar tudo de novo.  AF5: Eu acho (que deveria reprovar). Porque na minha sala tinha um aluno, que parou de vir, ele chegava na sala, jogava a bolsa no chão e dormia. Tipo, acho que um cara desse não devia passar para o primeiro ano, por exemplo. Uma vergonha para sala.  AF8: Eu acho que, tipo assim, é igual na quarta série, o pessoal fala que antes de passar para o ciclo II, ensino fundamental, eles não repetem muito na quarta série, porque o pessoal ainda tá andando pra aprender. Só que tipo assim, igual quando os professores paralisaram e teve muita coisa na quinta e na sexta. É por isso que é separado cada ano, um é a complementação do outro. Aí, tipo assim, se você perde, deixa um espaço vazio, aí quando você passa para o outro, o professor, ele fala assim eu vou passar uma matéria, mas tipo, essa matéria, a conta que precisa, por exemplo, se for de Matemática, você já aprendeu na quinta série. Na quinta série você deu o passo inicial para poder</p>	<p>atividade; indolência, morosidade, preguiça.</p>	<p>parou de vir, que chegava na sala de aula, jogava a bolsa no chão e dormia, portanto acha que se esse aluno for promovido para o 1º ano será uma humilhação para a classe.  AF8 relata que sua prima será aprovada do 5º para o 6º ano mesmo faltando muito e não se esforçando, caso semelhante ao da sua irmã, que passou com diversas notas abaixo de cinco e agora está com dificuldades no 6º ano.</p>	<p>aprovados.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------

	colocar os dois pés na sexta. E na quarta, mesma coisa para quinta. Só que tem muita gente da quarta, não aprende muito, e falta muito. Igual a minha prima, ela falta muito, e ela não aprende o que deveria aprender, aí eu tenho que ajudar ela na lição de casa, às vezes sou eu que faço. E aí, tipo assim, ela vai passar de ano, na moleza. A minha irmã tinha dificuldade na quarta série, faltava, também, bastante e não aprendia direito, gostava de conversar, e as notas dela eram abaixo de cinco. E ela passou, na maciota, na moleza. E agora que ela tá na quinta, ela tem muita dificuldade, porque o que precisava complementar, não vai complementar.				
GA5.13	Os alunos afirmam que não podia consultar nenhum material durante a prova do Saresp.			Os alunos afirmam que não podia consultar nenhum material durante a prova do Saresp.	Não podia consultar nenhum material.
GA5.14	AF5: Eu acho que é igual (a prova do Saresp com as provas das aulas), porque o que caiu no Saresp foi exatamente igual o que a gente aprendeu. Eu não estudo para prova de Matemática e consigo tirar nota boa, e também não estudei no Saresp. Também não pode		Teste: prova teste. Prova com alternativas, na qual quem está sendo avaliado deve apontar uma delas como resposta.	Os depoentes afirmam que as provas dadas pela professora são parecidas com o Saresp, já que ela aplica uma prova com algumas questões de alternativas, de Saresps antigos, além de não poder conversar e nem consultar material. Porém, relatam que na prova bimestral são abordado	Relação da prova do Saresp com a prova abordada pela professora.

	<p>conversar, não pode consultar nada, então para mim foi a mesma coisa.  AF7: Ah, não sei. Acho que assim, tem coisa que é bem diferente, mas tem vez que cai... Por exemplo: na quinta série eu fiz o Saresp que era idêntica a última prova que a gente tinha feito. Então tem questão que é a mesma coisa. Só lembra da resposta que a gente fez e assinalar.  AF8: Tipo assim, a nossa professora, ela dá uma prova e um teste, para a gente já ir se adaptando, escolhas técnicas, vestibular e tal... E o teste ela usa algumas questões do Saresp de antigamente, e aí fica meio que parecido, só que a prova dela, totalmente só da matéria, que a gente tá aprendendo no bimestre, aí não tem nada a ver.  AF7: É que assim, o teste ela da, da matéria do ano todo que a gente aprendemos, e às vezes até da outra série, né? Algumas coisas até da outra série. E a prova é o que a gente tá aprendendo naquele mês, naquele bimestre.  AF6: Para mim não, porque ele deu matéria de sétima, sexta, então... O</p>		<p>apenas os conteúdos trabalhados no bimestre, e no Saresp são abordados de outros anos também. Já a depoente AF6 relata que o Saresp não foi parecido com as provas que o professor aplica, pois no Saresp são abordados também conteúdos de 9º ano, e, em sua sala, foi passado apenas conteúdos de 6º ao 8º ano.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



GA5.15	<p>Saresp tem matéria de oitava.</p> <p>AF7: De Matemática a gente tava usando (o caderninho), tinha um dia que a gente fazia só caderninho, na aula de quinta-feira. Só que a gente tinha parado, porque ela deu uma prova que era Saresp do outro ano, a gente tava fazendo, então não fazia livro, nem caderninho, só tava fazendo aquela prova.</p> <p>AF8: Um pouco antes do Saresp.</p> <p>AF7: É, a gente tava fazendo antes do Saresp.</p> <p>AF8: É como se fosse um para a gente ir bem na prova, sabe? Um “Saresp” só que feito por ela.</p> <p>Não sei se foi o governo ou os próprios professores daqui que criou o “Saresp”, tava dez questões de cada matéria. Aí a professora deu um que realmente valia a pena fazer.</p> <p>AF7: 77 questões.</p> <p>AF7: Acho que (durante) um mês...</p> <p>AF5: Um mês e umas três semanas só no mês passado.</p>	<p><u>Caderninho</u>: Material enviado pelo Estado às escolas, referentes ao currículo obrigatório.</p> <p><u>Saresp</u>: simulado do Saresp.</p>	<p>GA5.15a: Os alunos afirmam que a professora de Matemática usava o material enviado pelo governo referente ao currículo do Estado, porém que nas últimas três semanas estavam resolvendo uma espécie de simulado do Saresp, preparado pela professora, com 77 questões.</p> <p>GA5.15b: O depoente AF8 relata que o Saresp tinha em torno de dez questões de cada matéria e que ele não sabe se foi criado pelo governo ou pelos professores da escola.</p>	<p>Professora de Matemática usava o caderninho.</p> <p>Preparou um simulado do Saresp com 77 questões.</p> <p>Informações sobre o Saresp.</p>
GA5.16	<p>AF5: Não porque antes ela separava um dia, com <u>aula dupla</u> só para fazer o caderninho, e agora ela tá voltando, ela parou um pouco só</p>	<p><u>Aula dupla</u>: Duas aulas seguidas.</p> <p><u>Pobre</u>: Pouco favorecido; pouco produtivo, estéril; digno de lástima; que inspira compaixão.</p>	<p>Os depoentes relatam que têm cinco aulas de Matemática por semana, e que a professora trabalhava o caderninho em duas aulas e o livro</p>	<p>Caderninho de Matemática usado em duas das cinco aulas.</p>

	<p>para nos ajudar no Saresp.  AF8: Depois foi, todas. Só que antes ela fazia assim, igual ele falou: antes dela dar esse simulado, ela dividia... A gente tem quatro dias na semana aula com ela?  AF7: Só não tem de sexta e de quarta.  AF8: Então é três. Aí ela usava o caderninho um dia...  AF8: São cinco aulas. Aí de segunda e quinta.  AF7: Segunda e terça a gente fazia caderno.  AF8: Daí de quinta-feira a gente fazia o caderninho. Porque aquele caderninho lá é muito <u>pobre</u> em informação, ele não tem nem um terço da matéria que realmente precisa, que tem no livro didático.  AF7: É isso.</p>		<p>didático nas outras três. O depoente AF8 afirma que o caderninho tem pouca informação, portanto tem que ser complementado com o livro didático.</p>	<p>Caderninho pobre em informações.</p>
GA5.17	<p>AF5: Foi exatamente o que eu falei, o que caiu (no simulado) foi o que a gente aprendeu em aula. Então tava fácil, até que no simulado de Ciências eu <u>gabaritei</u>, porque tava muito fácil.</p>	<p><u>Gabari</u>tei: Acertou todas as questões.</p>	<p>O depoente AF5 afirma ter acertado todas as questões do simulado de Ciências, pois em geral estava muito fácil, com a cobrança de conteúdos ministrados em sala de aula.</p>	<p>Simulado muito fácil.</p>
GA5.18	<p>AF6: Não sei (se valia nota o simulado), eu nem fiz, acho que ele nem passou. E se ele passou, eu</p>		<p>A depoente AF6 não sabe se teve simulado, pois se teve ela faltou.</p>	<p>Não sabe se teve simulado.</p>

GA5.19	<p>faltei. AF7 e AF8: Valia nota (o simulado). AF8: A professora de Matemática deu com nota. AF7: De Matemática, o de Ciências. AF8: De Português... AF7: Acho que só o que não deu nota foi o de Geografia.</p>		<p>Os depoentes afirmam que o simulado do Saresp que eles fizeram valia nota em todas as matérias, exceto em Geografia.</p>	<p>Simulado valia nota.</p>
GA5.20	<p>AF8: Porque o professor O. nunca usou o caderninho, dos quatro bimestres... a gente nunca fez uma questão. Porque ele acha que falta muita coisa. Não é aquilo que a gente precisa aprender. Aí na hora da gente fazer, igual que eu tinha comentado antes... na hora da gente prestar o vestibulinho, e tal... a gente não consegue, porque o caderninho não tem nem.... Os próprios professores estavam dizendo que se realmente a gente fosse analisar, a gente fosse comparar, nenhuma matéria de nenhum caderninho caiu na prova. Tava mais superior a isso do que a gente tava aprendendo no caderninho.</p>	<p><u>Vestibulinho</u>: processos seletivos para algumas escolas técnicas com procura de interessados maior que a oferta de vagas.</p>	<p>O depoente AF8 afirma que o professor de Geografia nunca usou o material do currículo do Estado, pois ele afirma que falta conteúdo em tal material; portanto os alunos não estariam preparados para prestar vestibulinhos, por exemplo. Relata que os professores comentam que se analisarem as provas de vestibulinho para escolas técnicas e o conteúdo do caderninho, nenhuma matéria do caderninho caiu na prova, sendo o conteúdo cobrado nessas provas superior ao do Estado.</p>	<p>Professor de Geografia não usou o caderninho.  Conteúdo do caderninho inferior ao cobrado em vestibulinhos.</p>
GA5.21	<p>AF8: Aqui na escola ninguém</p>	<p><u>Concorrer</u>: encontrar-se em</p>	<p>O depoente relata que os alunos que</p>	<p>Alunos aprovados</p>

	<p>conseguiu acertar mais que 40, mais que 35 por aí ...</p> <p>AF8: E quem passou? Os alunos que estudam em escola particular.</p> <p>A gente perguntou: Por que um aluno que estuda em escola particular, ia querer estudar na técnica que é público? Quando é público e você tem um ensino adequado como se fosse de particular, quem que não vai querer? Todo mundo <u>concorre</u>. E aí sempre quem passa é quem tem o conhecimento suficiente para passar, que não é quem estuda em escola pública. Até tem quem procura se informar em biblioteca, mas se for só se fechar no conteúdo da escola não é suficiente pra passar não.</p>	<p>oposição, o mais das vezes de interesse, a outrem, na pretensão de um mesmo objetivo, cada qual visando suplantar o(s) outro(s); participar de um concurso (intelectual, desportivo, artístico etc.); competir.</p>	<p>são aprovados nos vestibulinhos são alunos de escolas particulares, pois quando o ensino de uma escola pública é bom, há grande concorrência para ingresso na escola. Porém, os alunos de escolas públicas não são aprovados por não terem conhecimento suficiente fornecido pela escola.</p>	<p>em vestibulinho são de escolas particulares.</p> <p>Alunos de escolas públicas não têm conhecimento suficiente.</p>
GA5.22	<p>AF5: Eu concordo com ele. Porque tipo assim, o livro didático vem, ele mostra o começo do que você quer aprender até o final, só que no caderninho não, porque ele já chega perguntando uma coisa que você não sabe, você não aprendeu aquilo. Então fica meio difícil você responder as questões do caderninho.</p>	<p>Aplicar: pôr em prática; empregar (doutrina, teoria, princípio etc.).</p> <p>Passé inicial: Início.</p>	<p>Os alunos relatam que no livro didático é apresentada uma lista de conteúdos, do começo até o final. Já no Caderno do Aluno há questões fora de um contexto e que nem os professores sabem do que se trata, pois na escola é disponibilizado apenas um Caderno do Professor por escola. Dessa forma, o professor acaba usando o livro didático como</p>	<p>Caderno do Aluno apresenta informações “jogadas”.</p> <p>Livro didático é usado como base.</p>

	<p>AF7: Tipo, eles começam assim: Como o professor explicou... faça isso, isso e isso. E nem o professor sabe.</p> <p>AF8: Eu achava que cada professor tinha o seu caderno do professor, só que é um para cada escola que vem da matéria. E o professor não vai falar é meu, não é seu.... Então eles usam o do aluno, responde e depois <u>aplica</u> para gente explicando a matéria. Então quer dizer que nem o professor tem a informação que ele precisa para aplicar pro aluno. Então o que ele usa para dar o <u>passo inicial</u>, para ter uma base: o livro. O governo mandou vários livros para gente, mas nenhum se encaixava.</p>		base.	
GA5.23	<p>AF8: Tá. Aí como diz o ditado: <u>não tem pé nem cabeça</u> (o caderninho). Para aprender alguma coisa tem que se dedicar bastante e também procurar fora. A gente aprende lógico, muita coisa... O porquê que a gente consegue tirar boa nota? Porque a prova nossa é do conteúdo que a gente aprendeu, mas para fora não é o suficiente. Dentro da escola a gente consegue, mas para fora...</p>	<p><u>Não tem pé nem cabeça</u>: não tem sentido, sem coesão.</p>	<p>O depoente AF8 afirma que o Caderno do Aluno não é coeso, não tem sentido. Afirma, também, que se um aluno quer aprender bastante ele tem que procurar fora da escola. Relata que tira notas boas, pois aprende o conteúdo ministrado, mas que para fora da escola não é o suficiente.</p>	<p>Caderninho não é coeso.</p> <p>O que se aprende na escola não é suficiente.</p>
GA5.24	<p>O aluno AF8 diz ter feito a prova</p>		O aluno AF8 fez um vestibulinho	Comparação

	<p>para uma escola técnica e que estava muito difícil. AF8: Foi bem mais (difícil que o Saresp). Saresp eu tive meio que facilidade para responder. Algumas eu fiquei com dificuldade, igual ele falou, por causa que era muito texto e pouco tempo. E aí dificultou um pouco, no vestibulinho também os textos eram grandes.</p>		<p>para uma escola técnica e afirma que estava muito mais difícil que o Saresp. Afirma que teve certa facilidade para responder às questões do Saresp, exceto pelo fato de algumas questões apresentarem um texto muito grande e ter pouco tempo para ler, o que também ocorreu no vestibulinho.</p>	<p>vestibulinho e Saresp.</p>
GA5.25	<p>AF7: No Saresp, nossa, o texto era enorme. AF8: Só que eu acho que tipo assim, pelas questões deles que foram relativamente fracas... Por exemplo: dava um texto gigante e perguntava qual é o tema que esse texto ta abordando? É lógico que a gente vai saber falar. A gente leu tudo, a gente sabe o que o texto tá querendo dizer para gente. Agora, eles poderiam dar mais uma questão por texto. Se a pergunta foi simplesmente <u>óbvia</u>. AF7: Muito cansativo.</p>	<p><u>Óbvio</u>: fácil de descobrir, de ver, de entender; que salta à vista; manifesto, claro, patente; que não se pode por em dúvida; axiomático, evidente, incontestável; aquilo que é evidente.</p>	<p>Os depoentes afirmam que os textos das questões do Saresp eram enormes e que as perguntas possuíam respostas muito evidentes, sugerindo, então, que fosse mais de uma questão por texto, pois a prova foi muito cansativa.</p>	<p>Textos muito grandes no Saresp. Prova cansativa. Respostas óbvias.</p>
GA5.26	<p>AF5: Então, na escola S. caiu muita coisa que no caderninho não tinha. Tipo, na prova do S., na parte de Ciências caiu Química, e a gente começou a estudar Química agora</p>		<p>O depoente AF5 afirma que em uma das provas de escola técnica caiu Química, sendo que eles estavam começando a aprender esse conteúdo no final do 9º ano,</p>	<p>Caderno do Aluno não tem valor.</p>

	<p>no final do ano. Então foi bem difícil, para fora o caderninho não vale nada. Porque não ensina coisa nenhuma. Então foi bem difícil a prova do S.</p> <p>AF7: O professor de Ciências ele só usa o caderninho, só quando a gente termina o caderninho um, e ainda não chegou o dois, a gente começa a usar o livro, mas só usa o caderninho...</p> <p>AF8: Ele usa o caderninho, e às vezes ele da uns exercícios que... a gente formula aproximadamente, assim por bimestre, 27 questões, ou 28... pra mais de 30. Daí com a resposta a gente tem que criar uma questão, e com a resposta a gente tem que criar uma cruzadinha com essa palavra. Ele dá nota por isso. E a prova, quando ele dá a prova, ele dá com o conteúdo do caderno, daí é fácil. Aí ele faz a nota, aí tipo assim, quando ele faz a nota, quando o governo manda, tipo “Sarespinho”, e semestre passado teve uma prova que foi mandada da Diretoria de Ensino, daí ele também dá a nota, usa para tirar a média. E assim vai... Mas o conteúdo</p>		<p>portanto o Caderno do Aluno não tem valor, não ensina conteúdos relacionados com as provas das escolas técnicas.</p>	
GA5.27		<p><u>Média</u>: Refere-se à nota bimestral que atribuída pelo professor aos alunos.</p>	<p>Os depoentes afirmam que o professor de Ciências usa o Caderno do Aluno e também o livro didático, quando já acabou um caderno e ainda não chegou o próximo. Relatam que ele avalia os alunos com exercícios, provas e também com a nota dos simulados. Relatam que no semestre passado teve um simulado enviado pela Diretoria de Ensino.</p>	<p>Professor de Ciências usa a nota dos simulados na média.</p> <p>Simulado vindo da DE.</p>

GA5.28	<p>necessário assim....</p> <p>AF5: Eu acho que o Saresp é para avaliar não os alunos, mas o ensino público em geral, todas as escolas. Então acho que não vai contar como nota da gente, mas para avaliar o ensino do Estado.</p>		<p>O depoente AF5 afirma que o Saresp avalia o ensino público em geral e não os alunos.</p>	<p>Saresp avalia ensino público em geral.</p>
GA5.29	<p>AF8: Então, tipo assim, o Saresp, os professores não podem nem chegar perto da prova, não pode ler, a prova não fica na escola, sempre a prova volta. Daí tipo, um aluno foi transferido e a lista para mandar a prova foi feita quando o aluno ainda tava na escola, aí eles mandam a prova do aluno. E aí eles percebem que o aluno não fez, eles retiraram até a prova do aluno que não fez. Entendeu? Então se existe algum erro, o conteúdo não tá batendo com o que a gente aprendeu, os professores não ficam sabendo disso. Eles ficam sabendo que a gente conta. Então não tem nem como fazer parte da nossa média. Não pode ficar uma sequer prova, não manda nenhuma prova para ver como foi feito.</p> <p>AF7: Se agente pergunta, o que tá escrito aqui, quer dizer, isso eles</p>	<p><u>Bater</u>: no texto, o sentido é o de ir de encontro a; esbarrar (-se); estar em concordância; condizer, conferir</p> <p><u>Funcionário público</u>: sujeito legalmente investido em cargo público (criado por lei, com denominação própria, em número certo e remunerado pelos cofres públicos) e que age em nome da administração a que serve; serventuário.</p>	<p>O depoente AF8 relata que os professores não têm acesso às provas do Saresp. Cita o exemplo de um aluno que foi transferido depois de ser enviada a lista de alunos que fariam a prova, portanto o caderno desse aluno veio para a escola e foi retirado também. Conclui que deve ter algum erro nessa prova, que se o conteúdo não for condizente com o que eles aprenderam, os professores não saberão. Portanto, afirma que não tem como o Saresp fazer parte da nota bimestral do aluno, pois nenhuma prova fica na escola e nem é enviada depois para que vejam como foi feito.</p>	<p>Professores não têm acesso às provas do Saresp.</p> <p>Saresp não faz parte da média dos alunos.</p>



	<p>não sabem. Não tem como explicar, a gente tem que chutar mesmo. AF8: E teve também casos, não sei se foi ano passado, ou o ano retrasado, eles começaram a mandar para aplicar a prova pessoas que não tinha nada a ver com a escola, entendeu? Tinha outras profissões que trabalhavam com o Estado, que era <u>funcionário público</u> e veio para aplicar a prova. Só que não era professor...</p>			
GA5.30	<p>AF5: É claro, se tipo assim, a gente não for bem, daí, por exemplo, o pessoal da escola particular vai falar: o aluno da escola pública não sabe ler nem escrever. Mas não é assim, a gente dá o <u>melhor</u> para que a <u>imagem</u> do Estado, a imagem da escola pública fique boa. Porque se não a gente vai ser <u>taxado</u> como <u>burro</u> e não o ensino do Estado. Mas eu me esforcei. AF6: Eu me esforço, mas, não são todos então... a escola pública sempre passa como burro.</p>	<p><u>Dar o melhor</u>: Se esforçar ao máximo de sua capacidade. <u>Imagem</u>: opinião (contra ou a favor) que o público pode ter de uma instituição, organização, personalidade de renome, marca, produto etc.; conceito que uma pessoa goza junto a outrem. <u>Taxar</u>: atribuir (uma qualidade ou um defeito) a (alguém, algo ou a si mesmo); fazer (certo julgamento) a respeito de, qualificar (-se), ter (-se) na conta de. <u>Burro</u>: que ou aquele que é falto de inteligência; estúpido, tolo; que ou o que é ignorante, falto de informação, de cultura.</p>	<p>O depoente AF5 afirma que a imagem que vai se atribuir à escola pública é a de que é formada por pessoas ignorantes, sem cultura, e não que o ensino do Estado é ruim, caso o resultado do Saresp seja ruim. Relata que os alunos, e ele mesmo, se esforçam ao máximo para que essa imagem fique boa. Porém, AF6 afirma que se esforça, mas que não são todos.</p>	<p>Imagem da escola pública formada por pessoas burras. Não são todos os alunos que se esforçam.</p>
GA5.31	AF5: É foi exatamente o que	<u>Valer a pena</u> : merecer o esforço, a	O depoente AF5 relata que na sala	Alunos iriam

	<p>aconteceu na minha sala, tipo, o pessoal é inteligente, mas a prova é muito cansativa. E a gente tinha marcado de assistir filme depois da prova, aí começou a sair pessoas que tinham marcado para assistir filme, aí as outras começaram a chutar para sai logo para a gente assistir o filme. Eu, por exemplo, chutei dois textos de Matemática, não, de Português, que eram grandes, e ia ser um dos últimos a sair da sala. Então eu pensei assim, não vale a pena eu ficar aqui me matando para fazer uma questão que vai perguntar coisa tonta, que o texto era gigante e a pergunta era muito tonta. Aí eu peguei chutei duas e fui fazer o resto. Porque não valia exatamente, também não tava com vontade de fazer aquilo, então eu “chutei” duas.</p>	preocupação; ser vantajoso, útil; compensar.	<p>de aula em que estuda, além de o Saresp estar cansativo, os alunos combinaram de assistir um filme após a prova, portanto, quando algumas pessoas que iriam assistir o filme começaram a sair da classe, os demais que iriam também, chutaram algumas questões para sair rapidamente. O próprio depoente afirma ter chutado duas questões as quais os textos eram grandes, pois senão seria um dos últimos a sair da sala, além de achar que seu esforço não compensaria e de não estar com vontade de fazer.</p>	<p>assistir a um filme depois do Saresp então chutaram algumas questões para sair mais rápido da prova.</p> <p>Esforço não valeria a pena.</p>
GA5.32	<p>AF7: Tem uns que falam ah não vale nota então eu vou chutar tudo, para sair logo, para chegar mais cedo em casa.</p>		<p>O depoente AF7 afirma que alguns alunos dizem que, como não vale nota, eles irão chutar todas as questões para chegar mais cedo em casa.</p>	<p>Alunos que chutam tudo para chegar mais cedo em casa.</p>
GA5.33	<p>AF8: Eu acho que a gente tem que se esforçar sim para fazer. Eles têm que avaliar como está o ensino na</p>		<p>O depoente AF8 acha que os alunos devem se esforçar para fazer o Saresp para que se veja como está o</p>	<p>Alunos devem ser esforçar para fazer o Saresp</p>

GA5.34	<p>escola pública.</p> <p>AF8: Mas eu acho que o ensino na escola pública, os pais acham que está certo, porque nunca fica sabendo de nada, um <u>mero</u> boletim não adianta de nada.</p> <p>AF7: Eles ficam sabendo se faz alguma coisa ruim, né?</p> <p>AF8: Aí os professores não vêm a hora da reunião.</p> <p>AF7: Ah, ele faz isso, isso e isso...</p>	<p><u>Mero</u>: sem complexidade, sem importância; banal, trivial; é ordinário por não ter qualidade especial, graduação, título, nem exercer função de responsabilidade; comum, simples, vulgar.</p> <p><u>Reunião</u>: reunião entre pais e professores. Feita, em geral, uma por bimestre.</p>	<p>ensino na escola pública.</p> <p>Os depoentes AF7 e AF8 afirmam que os pais ficam sabendo o que os filhos fazem de ruim na escola, pois os professores contam nas reuniões de pais. Porém, AF8 chama a atenção para o fato de os pais não ficarem sabendo o que acontece na escola, pois um boletim não é suficiente.</p>	<p>Pais não sabem o que acontece na escola.</p> <p>Pais só sabem se aconteceu algo ruim.</p>
GA5.35	<p>AF8: Eu não acho que o Saresp é uma prova adequada para medir o ensino da escola pública, como tá em relação à escola particular.</p> <p>Porque? Porque vamos supor, eu dou um conteúdo para você que não vale muita coisa, e na prova eu dou uma pergunta, uma questão, semelhante, tendo alguma ligação com o conteúdo que eu te dei. É lógico que você vai acertar, mas esse conteúdo que eu te dei era o conteúdo necessário para você aprender? Não. O pessoal vai acertando a maioria, o governo, principalmente em época de eleição todo mundo sabe, né? Eu acho, na minha opinião, que o Saresp não vale de nada. A gente tem que se</p>	<p><u>Entrevista</u>: entrevista para concorrer a um emprego.</p>	<p>O depoente AF8 não acha que o Saresp é uma prova adequada para medir como está o ensino da escola pública em comparação à escola particular, pois o conteúdo cobrado no Saresp é focado no conteúdo ensinado nas escolas públicas, que é um conteúdo insuficiente para um vestibulinho ou uma entrevista de emprego. Portanto, acha que as pessoas têm que aprender que quando veem algo errado devem reclamar e não aceitar, por exemplo, alguns dizem que a prova do Saresp é fácil, portanto vai fazer rapidamente, mas não se atenta que alguns conteúdos farão falta em algumas situações.</p>	<p>Saresp não é uma prova adequada para medir o ensino público em comparação com o particular.</p> <p>Conteúdo ensinado em escolas públicas é insuficiente para vestibulinhos e entrevistas de emprego.</p> <p>Pessoas deveriam reclamar quando veem coisas erradas, e não se</p>

	<p>esforçar sim, porque é obrigação do aluno dar o melhor de si. Só que não o necessário que a gente precisa aprender. O pessoal precisa aprender que quando tá vendo alguma coisa errada tem que falar. Não pode assim: melhor para mim, a prova tá fácil vou passar rapidinho, mas e na hora de fazer o vestibulinho, e na hora de a gente fazer uma <u>entrevista</u> para passar... eu não acho certo. Então para mim o Saresp não vale de nada.</p>			conformar.
GA5.36	<p>Agora o pessoal completa correndo o terceiro ano, consegue passar, por causa que o nosso governador criou essa excelente ideia de aprovação automática. Que eu acho uma coisa muito bela (risos). Aí o professor fala assim: ou você melhora ou você não vai passar. Como que eu não vou passar? O nosso governador criou a aprovação automática, porque que eu não vou passar? Eu não sou diferente de ninguém se todo mundo passa eu passo também. Aí não é mais o conceito que vale. Aí o pessoal consegue passar até o terceiro ano. Tá chegando <u>analfabetos funcionais</u></p>	<p>Analfabeto funcional: pessoa alfabetizada apenas para entender, na área na qual trabalha, a sua função, sendo completamente despreparada para entender textos ou problemas de outras áreas do saber, o que configura uma espécie de tecnicização do conhecimento. No texto, termo usado no sentido de alunos que escrevem, leem, mas não entendem, não interpretam.</p>	<p>O depoente afirma que, graças à aprovação automática criada pelo governo do Estado, os alunos completam rapidamente o 3º ano do Ensino Médio, chegando, inclusive, alunos analfabetos funcionais para fazer vestibular e Enem. Relata que os professores não podem falar para os alunos que se eles não melhorarem serão reprovados, pois é sabido que todos serão promovidos para o próximo ano letivo.</p>	Aprovação automática.

GA5.37	<p>para fazer vestibular e Enem.</p> <p>AF8: E aí quem estuda a vida inteira para tentar fazer um doutorado, tal, ou tenta, faz um faculdade com a esperança de fazer um doutorado ou mestrado e não consegue, fica só com o ensino que aprendeu (a graduação), daí vai dar aula na escola pública, porque na escola particular precisa ter um ensino a mais ou um mestrado na universidade também. E aí fica recebendo esse salário “mexereco”.</p> <p>Igual eu, no meu futuro, quero ser historiador, a área é pequena porque ninguém investe e o salário de quem não consegue completar e tenta dar aula em escola pública é ridículo. O salário é ridículo. Tem que fazer um manifesto que ninguém te dá bola. Às vezes até fala que vai mandar alguém para conversar, para tentar negociar alguma coisa, e não manda. E se tenta negociar vai de mal a pior. De um salário e meio, vai para um salário e um pouco mais de meio, vamos supor no máximo dois salários. De que isso adianta?</p>	<p>Dar bola: ter interesse e atenção (para com alguém ou algo); ligar.</p>	<p>O depoente AF8 afirma que quem possui somente a graduação e vai lecionar na escola pública recebe um salário péssimo. Acha que deve ser feito um manifesto, pois ninguém dá atenção às necessidades salariais dos professores.</p>	<p>Condição de trabalho do professor: salário muito baixo.</p>
GA5.38	<p>AF5: Os pais deveriam saber mais</p>	<p><i>Photoshop</i>: Software de edição de</p>	<p>Os depoentes afirmam que os pais</p>	<p>Pais deveriam</p>

	<p>sobre a situação do aluno na escola. Como ele falou: o boletim não vale de nada. Porque qualquer um que sabe mexer no <i>photoshop</i>, pode ir lá e fazer um boletim falso. E, tipo assim, se o pai sabe que o aluno está indo mal na escola, ele vai <u>pegar no pé</u> sim, porque pai sempre quer o melhor para o seu filho, então se os pais ficassem sabendo mais sobre o estado do filho na escola ia melhorar muito o ensino público. Eu acho que é isso.</p> <p>AF5: Na maioria das vezes o pai não vem na reunião. Daí chega, quando você vai trazer o boletim para eu assinar? Você pode fazer qualquer boletim, catar o do seu colega e dar para o seu pai assinar que ele não vai perceber.</p> <p>AF8: Ainda mais se você pegar seu pai com sono. Vamos supor, a gente foi no Hopi Hari este ano. Aí se você pegar seu pai, de manhã com sono, coloca só a parte da assinatura em baixo e o papel do Hopi Hari em cima. Aí pai, você assina para mim ir para o Hopi Hari? Opa! Aí vai mostrar para o professor.... seu pai assinou? Sim,</p>	<p>imagens.  <u>Pegar no pé</u>: importunar com insistência.  <u>Coordenador</u>: Refere-se ao professor responsável pela sala de aula.</p>	<p>deveriam saber mais sobre o que os filhos fazem na escola, pois o boletim não é suficiente, já que o aluno pode falsificar suas notas e o pai pode assinar sem perceber e os pais não comparecem na reunião. Dessa forma, se os pais soubessem que os filhos não estão indo bem na escola, eles iriam fazê-los estudar e o ensino público iria melhorar. Além disso, AF8 acha que são muitos alunos por sala, portanto o professor responsável não consegue falar as dificuldades de cada aluno para os pais.</p>	<p>saber mais sobre o filho na escola.</p> <p>Alunos podem falsificar os boletins.</p> <p>Muitos alunos por sala.</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>está aqui! Para você pegar um pai e falar para ele... o professor tem 41 alunos pra... como que chama? O responsável pela sala?  AF7: O <u>coordenador</u>.  AF8: O <u>coordenador</u>. Para você dar atenção para todo mundo, e saber responder para todo mundo, tem quer ter menos gente na sala. Quantidade não é qualidade.</p>			
GA5.39	<p>AF8: Igual ao nosso governador, que colocou uma <u>professora para ajudar a outra professora</u>. Uma professora que está fazendo <u>estágio</u>. O que uma professora vai saber responder... a dúvida de um aluno... vai saber tira a dúvida de um aluno? Ela só apoia, só auxilia a outra professora, é a mão direita da outra professora, mas não é o que precisa. Precisa de um ensino de qualidade e não ter quantidade grande de professor dentro da sala de aula. Precisa reduzir a quantidade de alunos, aí sim melhora. Igual com a professora de Matemática, ela está lá corrigindo a prova, 41 alunos perguntando para ela, ela vai ter</p>	<p><u>Professora para ajudar a outra professora</u>: Refere-se ao Programa Bolsa Alfabetização, criado pelo Decreto 51.627 de 1º de março de 2007, introduzindo, em caráter de colaboração, a participação de alunos das Instituições de Ensino Superior na prática pedagógica de sala de aula, junto aos professores da rede pública estadual<sup>210</sup>.  <u>Estágio</u>: permanência em algum posto, serviço, empresa etc. durante um tempo, para efeito de aprendizagem e aprimoramento profissional; qualquer período preparatório.</p>	<p>O depoente critica Programa Bolsa Alfabetização, que coloca um professor na sala de aula, em uma espécie de período de estágio, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois afirma que o necessário é um ensino de qualidade boa, a redução do número de alunos por classe e não o aumento do número de professores por classe. Relata que a professora de Matemática quando corrige a prova, tem 41 alunos fazendo perguntas para ela, portanto não será possível responder a todos, o mesmo aconteceu com pais que procuram o professor fora do horário de aula.</p>	<p>Situação do ensino.  Seria preciso menos aluno por sala de aula.</p>

	<p>tempo para responder para todo mundo? É lógico que não. Quarenta e um pais perguntando dos seus filhos. Vai dar tempo? Não vai dar tempo. O professor vai querer falar com um pai por dia, fora da reunião? Para dar uma informação a mais do que... Necessário não é... porque o governo não exige isso de nenhum professor.</p>			
GA5.40	<p>AF8: E ainda pro professor não, mas os professores não <u>se deixaram levar</u>, e eu acho isso muito bom, ele colocou esse tal de bônus aí, pra mim, desculpe falar na linguagem popular, mas é uma “merda”. O que acontece? O professor ele ganha uma graninha a mais por ir passando o aluno. Para ganhar essa graninha a mais ele tem que ter 100% de aprovação... AF8: São 100% de alunos aprovados. O professor ele vai passar todo mundo? Ele não pode fazer isso, não tem lógica. O cara não pode sair do terceiro ano sem saber ler e sem escrever para fazer Enem ou um vestibular. Isso não tem <u>nexo</u>. Então eu acho horrível o modo que o governo atua sobre a</p>	<p><u>Se deixar levar</u>: Aceitar. <u>Nexo</u>: junção entre duas ou mais coisas; ligação, vínculo, união; ligação entre situações, acontecimentos ou idéias; coerência. <u>Merda</u>: coisa considerada como desprezível, sem valor; porcaria. <u>Ridículo</u>: digno de riso, merecedor de escárnio ou zombaria, por desviar-se de modo sensível do que se considera socialmente; destituído de bom senso, de ponderação.</p>	<p>O depoente critica a implantação do bônus para os professores, afirmando que é desprezível, pois o professor ganha um dinheiro a mais para aprovar todos os alunos. Acha que os professores não aceitaram esse fato e não aprovam todos os alunos, pois não teria lógica um aluno que não sabe ler ou escrever sair do 3º ano do ensino Médio para fazer vestibular e Enem. O depoente acha o modo como o Estado atua sobre a escola pública sem lógica e horrível.</p>	<p>Crítica ao bônus. Crítica ao modo como o Estado atua sobre a escola pública.</p>



	<p>escola pública. <u>Ridículo</u>: não tem pé nem cabeça.</p> <p>Também acho horrível quando um candidato na presidência citou para o nosso governador, que todos os candidatos à presidência, eu sei que o assunto não é política, mas é importante falar... Todos candidatos falaram que o ensino de São Paulo está ficando pior que o de Piauí, está pior. Ainda o pessoal elegeram um cara que está dando propagação a isso, então quer dizer: está afundando mais ainda. E o que quer dizer isso? Não vai para frente, só vai para baixo, só anda para trás.</p>	<p><u>Afundar</u>: por em situação difícil ou constrangedora; levar a sair ou sair-se mal.</p>	<p>O depoente AF8 afirma que todos os candidatos à presidência disseram ao governador que o ensino no Estado de São Paulo está pior que no Piauí e que a população do Estado elegeu um candidato que está continuando com isso, portanto o ensino está indo mal.</p>	<p>Ensino no Estado de São Paulo está pior que no Piauí.</p> <p>Crítica política.</p>
GA5.42	<p>E ainda ele falou assim: os pais ficam sabendo da nota do aluno, se ele não puder ir à escola para pegar a nota do aluno, pegar o boletim, ele vê pela internet. O que acontece? Se o pai não vem na escola para pegar o boletim escutar se o aluno está bom ou ruim. A professora fala: seu filho conversa bastante, seu filho precisa melhorar nisso e nisso, tá bom. É o máximo que ela pode falar, porque o tempo não da para falar para todos os pais, são 41 pais, em uma sala de aula só.</p>	<p><u>A</u>: A melhor nota, equivalente a 10, numa escala de 0 a 10.</p>	<p>O depoente afirma que se o pai não pode ir à escola para pegar o boletim do aluno, ele pode pegar pela internet. Dessa forma, se o pai vir que o filho possui notas boas ele vai concluir que o filho é um ótimo aluno e que está preparado para fazer vestibulinho ou Enem. Mas o depoente afirma que é necessário ouvir o que o professor tem a dizer sobre o aluno.</p>	<p>Pegar boletim pela internet.</p> <p>Pais devem ouvir o que o professor tem a dizer sobre o aluno.</p>

	<p>Aí o que aconteceu? O pai vem na escola pega o boletim ou vai na internet e pega o boletim e fica sabendo... ah meu filho tirou “A” em tudo, nossa meu filho é um excelente aluno! Na hora de fazer o vestibulinho, na hora de fazer o Enem então, ele vai conseguir né, porque se ele está excelente na escola. Eu acho errado isso, essa é minha opinião.</p>			
GA5.43	<p>AF8: Não só obrigação como vai te ajudar (fazer o Saresp). Tudo que você aprende não é por acaso. O pessoal para de vim na escola porque <u>fechou a nota</u>. Só que a professora não para de dar conteúdo. Daí ele fala assim, minha nota já fechou, não vai valer de nada, mas vale. Aí o Saresp, sinceramente ele não vale de nada. A gente tem que fazer porque ajuda um pouco, mas não é assim que se mede o conhecimento.</p>	<p><u>Fechar a nota</u>: Elaborar os conceitos ou notas finais dos alunos.</p>	<p>O depoente afirma que tudo que se aprende é importante, mas que o pessoal para de ir para a escola depois que as notas finais são elaboradas. Portanto, o Saresp não tem valor, pois a nota já foi elaborada. O depoente acha que tem que fazer o Saresp, pois ajuda um pouco, mas que não é assim que se mede conhecimento.</p>	<p>Alunos não vão mais para escola depois que entregam as notas.</p> <p>Saresp não tem valor.</p> <p>Ajuda um pouco, mas não é assim que se mede conhecimento.</p>
GA5.44	<p>Os alunos afirmam que fizeram o Saresp no 7º ano.</p> <p>AF7: O meu eu não recebi nenhuma nota. Nem na quarta nem na sexta.</p> <p>AF6: Eu tinha aula com a professora C., ela passou.</p>	<p><u>Professor corrigia</u>: Em 2007 a prova do Saresp ficou na escola e os professores podiam corrigir as respostas dos alunos.</p>	<p>Os alunos afirmam que fizeram o Saresp no 7º ano. Os que fizeram o Saresp em 2008 afirmam que não receberam seus resultados, já a depoente que fez em 2007 relata que a professora corrigiu e passou o</p>	<p>Alunos fizeram o Saresp no 7º ano.</p> <p>AF6 teve acesso aos seus resultados.</p>

	<p>AF8: Nunca tive nenhum, o pessoal aqui pelo menos.  AF7: Da nossa sala na verdade ninguém teve.  AF5: Não tive.  AF6: É (fez o Saresp um ano antes no 7º ano). Aí o professor corrigia, aí a professora passava o resultado.  AF8: Depois desses quatro anos para frente, a gente não ficou sabendo de nota nenhuma porque os professores não podiam nem chegar perto da prova. O aplicador que vinha não deixava nem a coordenadora visitar a prova para ver se tem erro. Então a prova vinha e retornava do jeito que veio, só que com a nossa assinatura e o gabarito preenchido.</p>		<p>resultado para os alunos. O depoente AF8 relata que o professor, atualmente, não pode ter acesso às provas aplicadas, nem para verificar se há erros.</p>	<p>Professor não tem acesso às provas.</p>
GA5.45	<p>AF6: Para mim o Saresp é para avaliar a escola, mas para mim, como ele falou, não vale de nada porque se a gente não tem o <u>retorno</u>, como que é que faz? Para eles saberem o que tá acontecendo aqui? Para mim eu acho que não vale. E é para avaliar a escola.</p>	<p><u>Retorno</u>: Refere-se a uma resposta do Estado acerca dos resultados da avaliação.</p>	<p>A depoente AF6 acha que o Saresp é para avaliar a escola, mas, como ela não tem retorno dos seus resultados, acredita que não tem valor nenhum.</p>	<p>Saresp serve para avaliar a escola.  Saresp não tem valor.  Não tem retorno dos resultados.</p>
GA5.46	<p>AF5: Para mim não vale. A prova vai pra lá e a gente não teve retorno, como que a gente sabe,</p>	<p><u>Alegar</u>: citar, mencionar (fatos, argumentos, motivos) em defesa de alguma causa; apresentar (motivos,</p>	<p>O depoente AF5 afirma que o Saresp, para ele, não tem valor, pois não existe um retorno acerca da</p>	<p>Saresp não tem valor.</p>

	<p>verdadeiramente, o que está acontecendo? Então o governador fala: o <u>Estado público</u> foi ótimo no Saresp. Mas como a gente sabe? A gente não teve o retorno da prova. Então a gente não pode saber se o que ele está <u>alegando</u> é verdade ou mentira. Que nem o resultado das eleições, quem pode me garantir se a Dilma realmente ganhou se o voto é secreto? Então eu acho isso.</p>	<p>fatos etc.) para justificar determinado ato, expressão de pensamento etc..  <u>Estado público</u>: Refere-se às escolas públicas do Estado.</p>	<p>prova que os alunos fazem. Portanto, quando o governador afirma que as escolas públicas do Estado foram bem no Saresp, não se pode saber se é verdade ou mentira. Faz uma analogia disso com o resultado da eleição: não se pode saber se o resultado é verdadeiro já que o voto é secreto.</p>	<p>Não tem retorno dos resultados.          Não se sabe se o resultado é verdadeiro ou não.</p>
GA5.47	<p>AF7: Eu acho que o Saresp deveria ser para avaliar a escola porque na escola tem muitos alunos bons e tem muitos ruins também... e se tipo, igual a outra vez que os professores estavam comentando sobre a <u>média</u> da sala. Tem 50 alunos, 20 tiraram 10, só que os outros 20 tiraram seis, cinco... se a gente for fazer a média da sala esses outros que tiraram seis ou cinco vão estar abaixando a nossa média. Então os alunos mais inteligentes acabam sendo prejudicados por aqueles que não fazem nada. E eu acho que é um modo errado de avaliar a escola por causa desses alunos ruins a gente acaba se prejudicando, tendo uma</p>	<p><u>Média</u>: Média aritmética.  <u>Fama</u>: conceito (bom ou mau) que um grupo humano tem de alguém ou de algo; reputação.</p>	<p>A depoente AF7 acha que o Saresp deveria existir para avaliar a escola, porém acha que é um modo errado de avaliar, pois os alunos ruins puxam para baixo o valor da média de notas da sala, ou seja, os alunos bons são prejudicados, pois acabam tendo uma reputação que não é deles.</p>	<p>Saresp deveria avaliar a escola.          Modo errado de avaliar.          Alunos ruins puxam para baixo o valor da média.          Reputação ruim é carregada por alunos bons.</p>

GA5.48	<p><u>fama</u> que não é nossa.</p> <p>AF7: Eu só acho isso errado, mas não sei o que a gente poderia fazer. Uma vez os professores falaram, estavam falando para mim, que na época deles tinha que fazer prova para entrar na escola. Porque hoje qualquer um entra, eu acho que seria um bom negócio fazer uma prova para conseguir uma <u>vaga</u>. Porque tem muita gente que precisa de verdade, que tá está fora e não consegue e outras aqui que não estão nem aí. Às vezes só vem na escola para ganhar bolsa, <u>bolsa família</u>, não sei... só vem por obrigação porque a mãe manda ou por causa da <u>merenda</u> e os que realmente precisam não estão na escola.</p>	<p><u>Vaga</u>: lugar, espaço que não se encontra ocupado e pode vir a sê-lo.</p> <p><u>Bolsa Família</u>: O Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza. Uma dessas condições é que todas as crianças e adolescentes entre 6 e 15 anos da família devem estar devidamente matriculados e com frequência escolar mensal mínima de 85% da carga horária. Já os estudantes entre 16 e 17 anos devem ter frequência de, no mínimo, 75%.<sup>211</sup></p> <p><u>Merenda</u>: refeição servida às crianças nas escolas públicas.</p>	<p>A depoente AF7 acha que talvez fosse interessante os alunos passarem por uma prova para conseguir uma vaga na escola, pois existem muitas pessoas que estão dentro da escola e não se interessam e outras que estão fora e gostariam de entrar. Relata que alguns alunos frequentam a escola apenas porque os pais mandam, por obrigação, pela Bolsa Família ou pela merenda.</p>	<p>Deveria existir uma prova para entrar na escola.</p> <p>Alunos vão à escola por obrigação, bolsa família, merenda.</p>
GA5.49	<p>AF7: Ah, (o Saresp) é uma prova de avaliação da média da nossa escola, do ensino nosso.</p>		<p>A depoente AF7 acha que o Saresp é uma prova para avaliação da média da escola, do ensino.</p>	<p>Saresp é para avaliação da média da escola, do ensino.</p>
GA5.50	<p>AF8: Eu concordo com eles dois, porque... a nossa constituição... é como lei que toda a criança e adolescente até o <u>fim do ciclo</u></p>	<p><u>Fim do ciclo fundamental II</u>: 9º ano.</p> <p><u>Ir para frente</u>: Progredir, evoluir.</p>	<p>O depoente AF8 afirma que há crianças na escola que não deixam o ensino progredir e outras que são prejudicadas, pois foram colocadas</p>	<p>Crianças indisciplinadas que não deixam o ensino progredir.</p>

<sup>211</sup> Disponível em: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>. Acessado em 24/05/2011.

	<p><u>fundamental II</u> tem o direito e obrigação de vir para a escola e estudar. Só que, algumas escolas que foram criadas algumas salas para separar os bagunceiros, lá têm pessoas que, não desmerecendo, que valem a pena estar na escola, só que tem algumas que não deixam o ensino ir para frente, entendeu? Eu acho que é uma boa idéia o que ela falou de colocar uma prova. Só que não uma prova que uma pessoa que precisa passar não consiga, vamos supor uma prova muito difícil. Só o básico. Porque a pessoa precisa ver que na escola está o futuro e sem escola não tem futuro, a não ser que ela consiga, ela invente alguma coisa que seja extremamente útil para a humanidade e consiga ganhar dinheiro em cima disso. Igual aconteceu com várias pessoas. Ou ela tenha dinheiro suficiente para criar um comércio grande porque pequeno já não dá. Mas para se sustentar porque agora as grandes empresas estão engolindo as pequenas. Então um único jeito de fazer isso é se ingressar em alguma coisa já criada que seja de</p>		<p>em salas de aula com muitos alunos indisciplinados. Ele concorda com a depoente AF7 que seria interessante haver uma prova com conteúdos básicos para os alunos ingressarem na escola, pois acredita que as pessoas precisam perceber a importância da escolaridade. Relata que sem estudo, uma pessoa só progrediria no futuro se inventasse algo muito útil para a humanidade ou tendo dinheiro suficiente para abrir um grande negócio.</p>	<p>Prova para ingressar na escola. Sociedade precisa perceber a importância da escolaridade.</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>utilidade. Só que hoje em dia tudo precisa de escolaridade e daqui para frente a maioria vai precisar ter até o ensino superior é... a pesquisa. Então eu acho que é fundamental a pessoal sabre que é fundamental a gente estar estudando.</p>			
GA5.51	<p>AF8: E quanto ao Saresp, eu acho que o Saresp devia ser de outro modo. Vamos supor, fazer a média do ensino do Estado inteiro junto com as escolas particulares. Porque se eles podem porque nós não podemos? Mas aplicando no ensino público matéria semelhante, ou melhor. Matérias que a gente realmente precise aprender, assim como as escolas particulares fazem. E aí fazer o Saresp em relação à matéria que foi aplicada que é realmente a matéria que a gente precisa aprender. Porque... as universidades particulares não são tão boas quanto as públicas e as escolas públicas não são tão boas quanto as particulares. Então o que o pai que tem mais dinheiro faz para o filho? Eu sempre vou colocar você em um lugar onde você tenha mais chance de ter um ensino</p>	<p><u>Democrático</u>: que está relacionado com ou é próprio da democracia; que possui igualitarismo, liberdade de expressão, antiautoritarismo.</p>	<p>O depoente AF8 acha que o Saresp deveria levar em conta também o resultado das escolas particulares, além de ser cobrado nas provas um conteúdo semelhante ao ministrado em tais escolas. O aluno relata que o que está acontecendo no Brasil é que as escolas públicas não são tão boas quanto as particulares, portanto os pais que têm mais dinheiro colocam os filhos em escolas particulares para que depois tenham chance de ingressar em uma universidade pública e os alunos que têm que estudar na escola pública não possuem as mesmas chances de ingressar numa universidade pública. Desse modo, afirma que o país não está agindo de maneira democrática.</p>	<p>Saresp deveria levar em conta resultado das particulares.</p> <p>Saresp deveria cobrar conteúdos ministrados em escolas particulares.</p> <p>Aluno que estuda em escola particular tem mais chance de ingressar numa universidade pública.</p>

GA5.52	<p>melhor, uma profissão melhor, ou seja, escola particular, universidade pública. Então qual é o aluno que tem mais chance de passar numa faculdade pública? O próprio aluno da escola pública ou o da escola particular? É lógico que o da escola particular. Então o pai coloca o aluno para estudar na escola particular, o que tem um dinheiro, uma renda maior do que o pai que colocou o seu filho na escola pública, a não ser que seja da vontade do pai ou do jovem. O pai o coloca lá daí depois quando ele já assume a idade para fazer o vestibular, põe para fazer na escola pública. Ele consegue pegar a vaga do pobre e o pobre tem que se virar para conseguir entrar na particular. Então está invertido. Lógico, todo mundo tem o direito, porque é público desde que tenha chances iguais. Porque a gente vive em um país <u>democrático</u>, que de democrático só tem o nome.</p> <p>AF7: Eu acho que não é importante (o Saresp)  AF7: Porque é isso que eu falei: é praticamente a mesma coisa se vale</p>	<p><u>Precário</u>: que está em más condições e não cumpre a contento seus propósitos; deficiente.</p>	<p>Os depoentes acham que o Saresp não é importante, pois: não ficam sabendo dos seus resultados; não tem retorno; modo errado de avaliar</p>	<p>Alunos não acham o Saresp importante por diversos motivos.</p>
--------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------



	<p>nota ou não. Não é importante por quê? Primeiro que a gente não fica sabendo. Quando ele fala ah, todos foi bem, o ensino médio foi bem, o fundamental foi mal, mas a gente não fica sabendo. Igual ao professor tava falando. Um ano o ensino médio ia bem e o ensino fundamental ia mal o outro ano o ensino fundamental ia bem e o ensino médio ia mal. Ou é muita coincidência ou é mentira, né? Eu não acho importante porque a gente não fica sabendo e também é um jeito errado de avaliar o ensino público.</p> <p>AF6: Ah, eu acho que não tem muita importância não. Se a gente não tem retorno, então... Se no outro ano a gente fizer o Saresp, a gente não vai ter o retorno, muitos deles nem se esforçam.</p> <p>AF5: Eu também acho que não. Tanto por essa parte do retorno, da nota.... A gente não aprende nada com o Saresp, a gente só aplica algo que a gente sabe. Isso a gente faz em prova na escola. Então eu não acho importante. Por quê? O Saresp não vai me ajudar a passar nos</p>		<p>o ensino público; resultados postos em dúvida; muitos alunos não se esforçam; não ajuda a passar em vestibulinhos; educação é precária, portanto o Saresp não tem valor.</p>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>vestibulinhos. Então eu acho que isso não é importante não.</p> <p>AF8: Eu também concordo, não é importante. Seria importante se fosse aplicado da maneira certa, só que para ser aplicado da maneira certa tem que ter uma educação baseada no ensino certo, correto. E como não tem, a nossa educação é <u>precária</u>. Então o Saresp não vale de nada.</p>			
GA5.53	<p>AF5: Bom, eles (os professores) não têm muita informação sobre o que vai cair na prova porque eles não têm contato com a prova. Então o que eles fazem: eles passam o máximo que eles podem passar para que a gente vá bem. Mas sobre o Saresp os professores não sabem quase nada.</p>		<p>O depoente AF5 afirma que os professores não possuem muita informação sobre o que será cobrado no Saresp, pois eles não têm contato com as provas, portanto eles ministram o máximo que eles conseguem de conteúdos para que os alunos se saiam bem nas provas.</p>	<p>Professores não possuem informação sobre o que será cobrado na prova.</p>
GA5.54	<p>AF5: Passaram a matéria, falaram que era <u>essencial</u> que a gente viesse, mas... só isso.</p> <p>AF6: Ah, eles falam que é essencial. A coordenadora vai lá antes da prova. Pelo menos na minha sala ela foi. Aí ela fala para prestar atenção.</p> <p>AF7: Pra não ter pressa... o meu professor não falou tanto da</p>	<p><u>Essencial</u>: que constitui o mais básico ou o mais importante em algo; fundamental.</p>	<p>Os depoentes relatam que os professores falam que o Saresp é essencial, a coordenadora vai às salas de aula antes da prova e fala para os alunos prestarem atenção, não terem pressa para resolver as provas. Porém, relatam que os professores não falam muito da matéria que será cobrada, pois não têm muita informação sobre isso.</p>	<p>Professores falam que Saresp é importante.</p> <p>Alunos devem prestar atenção para resolver a prova.</p> <p>Professores não</p>

	<p>matéria, justamente por causa disso. Ele falou que não tem resultado e que não sabe o que vai acontecer. Eles falam que não vão poder ver, tipo se a gente quiser tirar uma dúvida, eles não vão poder esclarecer porque eles não estão sabendo de nada.</p>			<p>possuem informação sobre o que será cobrado na prova.</p>
GA5.55	<p>AF8: Também acho. Porque funciona dessa maneira mesmo. Como é que o governo aplica um prova que o professor não pode ter contato? Isso daí está parecendo que está sendo manipulado? Que negócio é esse? Não tem como. O professor tem que ter contato, os alunos têm que ter contato, tem que ter retorno, como ela disse. Porque a gente tem que ver onde a gente errou. Porque se vai tirar uma média do que tá de errado, do que tá acontecendo, do que está correto, qual é a média em relação ao ensino público e o ensino privado, qual é a média em relação a outros Estados, a outro país? Como que a gente vai ficar sabendo? Por exemplo: eu preciso melhorar em certa matéria, que eu não sei o resultado, eu não posso fazer essa avaliação...</p>	<p><u>Manipulado</u>: provocar alteração em; tornar falso; adulterar, falsear.</p>	<p>O depoente AF8 fica indignado pelo fato de a prova do Saresp ser aplicada sem que os professores possam ter acesso a elas e sem que haja retorno dos resultados, pois tudo pode estar sendo alterado. Os depoentes AF8 e AF7 afirmam que quando se faz uma prova é necessário ter o retorno de onde que se errou, onde se acertou, para saber onde precisa melhorar. Relatam que só ficam sabendo que erraram, não sabem onde e nem o porquê.</p>	<p>Professores não têm acesso às provas. Resultados podem ser alterados. Não se tem retorno dos resultados.</p>

	<p>AF7: Se a gente tá fazendo uma prova e a gente errou em determinada questão, a gente tem que saber por que a gente errou depois, né? E a gente não fica sabendo. A gente tem que saber onde a gente errou, porque a gente errou. A gente errou... só sabe que a gente errou... não sabe porque, não sabe onde...</p>			
GA5.56	<p>AF8: É obrigatório (fazer o Saresp).  AF6: É, mas bastante gente da minha sala faltou.  AF7: É, mas se não fizer não dá nada.  AF5: Como a gente não tem o retorno da prova muita gente fala: não vou fazer porque vai avaliar a escola menos eu. Se eu não for não faz diferença.  AF7: Não vai fazer diferença.  AF5: O governo não força tanto nessa parte de que todos os alunos têm que fazer o Saresp, porque se alguém não fizer não vai dar nada. Não vai reprovar, não vai acontecer nada. Porque o Saresp para gente não está valendo nada. Exatamente por isso que não dá nada.</p>	<p><u>Dar nada</u>: Acontecer nada.</p>	<p>Os alunos dizem que o Saresp é obrigatório, mas que muita gente não vai fazer a prova e não acontece nada com esses alunos. Como eles não têm retorno dos resultados da prova, muitos alunos dizem que não vão fazer o Saresp, pois vai avaliar a escola e que se ele não for, não vai fazer diferença. Além disso, relatam que o governo não força para que façam a prova, já que não acontece nada se não forem: não vale nada e não são reprovados.</p>	<p>Saresp não vale nada.  Não têm retorno dos resultados.  Se eles não fizerem a prova não acontece nada.</p>
GA5.57	<p>AF7: A gente não tem muito</p>	<p><u>Sair pau</u>: Algo acontece de errado.</p>	<p>Os depoentes afirmam não ter muito</p>	<p>Alunos não têm</p>

	<p>contato com a diretora, só quando é alguma coisa importante mesmo.  AF6: Só se sai “pau”.  AF7: A gente tem falado mais com a coordenadora.  AF8: É, a coordenadora do ensino fundamental. Só que como ela estava ocupada, quem veio dar o recado para gente para fazer o Saresp foi o coordenador do ensino médio. Aí eles inverteram para poder dar certo o horário. Aí o que aconteceu, ele disse para gente se empenhar no Saresp porque era o nome da escola que estava em <u>jogo</u>.  O nome da escola não faz bem para mim. O nome da escola não tem importância nenhuma... é lógico, tem. Em relação a que? Ele tava comentando, tem escolas, até particulares, que o pessoal dizem que o ensino é melhor, eles falam que a educação particular é melhor, mas às vezes não é muito. Porque eles acham que por eles estarem superiores, alguns, não todos, às vezes a maioria em algumas escola, às vezes não, eles podem <u>extravasas</u> em passeios, por estarem pagando. Eles podem não estar respeitando o</p>	<p><u>Em jogo</u>: estar em causa; ser matéria de decisão; correr risco.  <u>Extravasas</u>: derramar, sair ou fazer sair dos limites, do espaço ou dos canais naturais.</p>	<p>contato com a diretora, apenas quando algo de errado acontece. Têm mais contato com a coordenadora do Ensino Fundamental, mas quem deu os recados sobre o Saresp foi o coordenador do Ensino Médio. O coordenador disse para os alunos se empenharem para fazer o Saresp, pois o nome da escola estava em <u>jogo</u>. Relatam que o nome da escola tem relação individual com cada um, citando um exemplo de escolas particulares em que os alunos por estarem pagando acham que têm o direito de passar dos limites, sendo até proibidos de entrarem em alguns lugares, prejudicando todos que estavam juntos.</p>	<p>muito contato com a diretora.  Nome da escola está em jogo no Saresp.  Alunos são punidos quando escolas particulares bagunçam nos lugares.</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>superior deles. E aí o que acontece?          Algumas escolas particulares e públicas principalmente, aqui na cidade foram proibidas de voltar a visitar alguns lugares que eles foram, por causa de bagunça, mal comportamento e desrespeito.          AF7: E por causa de um ou dois a escola inteira foi proibida.          AF8: O Hopi Hari foi (proibida a entrada).          AF7: Uma escola particular foi proibida de ir ao Hopi Hari.          AF8: Só pode ir agora se for por conta de cada um.          AF7: E assim, todos nós aqui que estamos nessa sala vamos em um lugar, daí vamos supor que eles dois aprontem alguma coisa, sei lá quebre alguma coisa. E nós que não fizemos nada? E estávamos super interessados. A gente não teve culpa de nada.          AF8: Não é só a classe, é a escola inteira que foi proibida. É como eu estava dizendo, ele pode voltar lá, ele tem condições para isso. E a gente? E o nosso ensino? O coordenador estava comentando sobre o nome da escola, em relação</p>			
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--

GA5.58	<p>a isso.</p> <p>AF8: E também, o nome da escola não influência no meu aprendizado. Eu quero uma educação relativamente boa, se fosse ótima estava bom também, mas infelizmente nunca vai ser assim. Enquanto tiver algumas pessoas governando corretamente do jeito que está. (tom de ironia).</p>		<p>O depoente AF8 afirma que o nome da escola não influencia no seu aprendizado e que ele deseja uma educação de boa qualidade, mas que isso não vai ocorrer enquanto o modo de governar não for diferente.</p>	<p>Crítica ao governo.</p> <p>Depoente quer educação de qualidade.</p>
GA5.59	<p>AF8: Ele disse para a gente ir bem em relação ao nome da escola, porque algumas escola tem câmara digital, e a gente sempre teve, que nem quando a gente vai visitar um lugar, eles já tem um conhecimento que a gente vai se comportar. Que eles não precisam ficar tão preocupados em relação a nós, e também eles sabem que aqui na escola A, em relação ao Saresp, as pessoas vão bem. Isso que está em jogo.</p>		<p>O coordenador disse para os alunos que a imagem da escola ser boa significa que quando os alunos da escola A vão visitar algum lugar, já é sabido que eles irão se comportar. Em relação ao Saresp, já se sabe que a escola A vai bem.</p>	<p>O que significa ter uma imagem boa da escola.</p>
GA5.60	<p>Mas e a nossa educação? Ninguém citou. E é o que importa. E o meu futuro, e o futuro dela, e da minha amiga que está lá na sala agora, fazendo lição no caderninho porque hoje é quinta-feira? O que a gente vai aprender? Porque a gente</p>		<p>O depoente AF8 afirma que, ao falar sobre o Saresp, ninguém demonstrou preocupação com a educação de cada aluno, que representam o futuro do Estado e do país.</p>	<p>Falta de preocupação com a educação de cada aluno.</p>

GA5.61	<p>adolescente mais para frente vai ser o futuro do Estado e do País, também.</p> <p>AF8: Uma vez a professora, a gente tinha comentado, a gente brinca porque ela é mineira e nós somos paulistas, aí eu falei “professora no seu Estado só sabem comer queijo e viver da agricultura”, e eu falei que a gente á uma <u>locomotiva</u> que move o Brasil, aí ela falou, com razão, mas brincando “e vocês que são uma locomotiva quebrada, o ensino péssimo, nunca ganharam nenhum <u>conflito</u>”. Porque realmente a gente nunca ganhou nenhum conflito, se você for analisar na história. A gente perdeu até a... quando São Paulo estava no centro do poder, a gente perdeu esse poder, na <u>política café-com-leite</u>. Em relação ao ensino, a gente está pior, antes era o Piauí, o Acre, mais acima da gente, nordeste, no centro-oeste. Agora a gente dá vergonha de falar que a gente está pior que um lugar onde a escola é feita dentro de um vagão de trem e a professora não tem</p>	<p><u>Locomotiva</u>: veículo automotor que corre sobre trilhos, utiliza formas diversas de energia para produzir movimento e serve para rebocar vagões de passageiros ou de carga nas estradas de ferro; pessoa que lidera, anima ou promove qualquer atividade com regularidade.</p> <p><u>Conflito</u>: profunda falta de entendimento entre duas ou mais partes; choque, enfrentamento.</p> <p><u>Política do café com leite</u>: Acordo feito na República Velha (1889 – 1930), entre as oligarquias estaduais e o governo federal para que os presidentes da República fossem escolhidos entre os políticos de São Paulo e Minas Gerais<sup>212</sup>.</p> <p><u>Matar aula</u>: Faltar a uma aula que deveria estar participando.</p> <p><u>Prisão</u>: casa de detenção; cadeia, presídio; recinto fechado; cela, gaiola, clausura.</p>	<p>O depoente conta de uma professora que é mineira e os alunos brincam dizendo que em Minas só se come queijo e vive da agricultura, já São Paulo é a locomotiva do Brasil; sendo que a professora responde, na brincadeira, que São Paulo é uma locomotiva quebrada, pois o ensino é péssimo e nunca venceu um conflito histórico. Afirma que, atualmente, ele tem vergonha de falar, que o ensino em São Paulo está pior que em outros Estados da região Norte, Nordeste e Centro-Oeste, e pior que em lugares onde a estrutura é precária e o professor não possui formação em nível superior. Acha que, além do ensino ser ruim, a educação das pessoas está horrível, pois existem escolas que são depredadas e fechadas como uma prisão para que os alunos permaneçam nas aulas. Relata, ainda, que na escola A não acontece isso, pois a diretora é brava.</p>	<p>São Paulo é uma locomotiva quebrada: ensino é péssimo.</p> <p>Aluno tem vergonha de falar que o ensino é pior que de outros Estados.</p> <p>Educação das pessoas é péssima.</p> <p>Alunos que depredam escola.</p> <p>Escola é uma prisão.</p> <p>Escola A diretora é brava.</p>
--------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<sup>212</sup> Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/historia-brasil/politica-do-cafe-com-leite.html>>. Acesso em: 15 out. 2012.



	<p>ensino superior para aplicar para os alunos. E por que é pior? Não é só porque o ensino tá pior, o caderno que a gente recebe não é suficiente. É porque a educação mesmo está horrível. Tem gente que, aqui na escola A não acontece isso porque a diretora nossa é meio bravinha, sabe? E ela não tolera quase nenhuma infração. Só que tem escola aí que não tem mais vidro na janela, é grade, aqui nesta cidade tem. Tem escola que precisa fechar as duas portas do corredor, não pode deixar aberto porque se não o aluno pula o muro para ir <u>matar aula</u>.</p> <p>AF7: É uma <u>prisão</u>, não é? AF8: É uma prisão.</p>			
GA5.62	<p>AF8: Aí o que acontece? Ele se sente à <u>vontade</u> ali? O que está acontecendo em todas as escolas do Estado de São Paulo, não só em algumas? O super enchimento de aluno na sala de aula. Isso não pode acontecer. Além de ser prejudicial à saúde porque o ar que um respira todo mundo respira junto, não tem ar-condicionado em nenhuma sala. Não é que a gente quer ter um lugar</p>	<p>À vontade: sem constrangimento; livremente, a bel-prazer.</p>	<p>O depoente AF8 afirma que em todas as escolas do Estado de São Paulo há super lotação de alunos nas salas de aula, prejudicando a qualidade do ar dentro das salas de aula, além de não permitir que os alunos tirem todas as suas dúvidas e que os professores consigam falar para os pais sobre tudo que os alunos fazem na escola. Relata o caso de um pai que foi alertado</p>	<p>Quantidade excessiva de alunos por sala.</p>

	<p>             muito melhor, mas precisa tem um ar melhor para gente respirar. A nossa professora de Português nunca entra na sala de aula antes de se certificar que todos os vitrôs estejam abertos. Uma questão de higiene e da saúde. As vezes a gente achava que ela era meio.... só que não, realmente precisa se certificar disso porque as salas estão super lotadas. Além de prejudicar a saúde a gente não tem como esclarecer todas as dúvidas que são necessárias, é impossível. Os pais também não têm como ficar sabendo de tudo que o aluno faz dentro da sala de aula. Já aconteceu aqui na escola, de o aluno se comportar muito mal e o pai não acreditar no professor e sempre dar razão pro filho, não sei se ama muito o filho ou odeia muito o professor, aí foi convocado para vir assistir aula junto. Aí o pai não conseguiu suportar o calor, o ar tava difícil de respirar.           </p>		<p>             sobre o mau comportamento do filho, não acreditou no professor e foi convidado a assistir uma aula e não aguentou o calor.           </p>	
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Fonte: dados organizados pela autora.

**Quadro 78** - Análise Ideográfica grupo de alunos 6.

Nº US	Unidades de Sentido	Excerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US.
GA6.1	Os dois alunos fizeram o Saresp na semana passada.		Os dois alunos fizeram as provas do Saresp em 2010.	Participação no Saresp.
GA6.2	<p>BM2: Eu demorei 1 hora e meia (para fazer a prova no <u>primeiro dia</u>) porque algumas coisas eu sabia né? Algumas coisas <u>tava na cara</u>. Através da leitura, você já vê a resposta. Aí você responde rapidamente. É, uma hora e meia, 1h 40.</p> <p>BM1: (Demorei) 1 hora e meia.</p> <p>BM2: No <u>segundo dia</u> eu demorei mais, porque teve a Redação, e tinha que falar sobre o tema que era a palmada nas crianças... A de Matemática eu demorei também, porque era pra fazer a lição toda de Matemática <u>escrita</u>. A sala inteira demorou, fomos os últimos a sair.</p> <p>BM2: No segundo dia saímos daqui era nove e meia. O tempo mínimo era oito e meia, ficamos mais de duas horas, duas horas e meia fazendo prova.</p> <p>BM1: Por causa que, tinha de Matemática escrita. Na quarta feira a gente fez mais de <u>assinalar</u>. E na quarta (quinta), foi mais de escrita, porque teve Matemática e teve</p>	<p><u>Primeiro dia</u>: 17 de novembro de 2010. Língua Portuguesa e Matemática.</p> <p><u>Segundo dia</u>: 18 de novembro de 2010, com provas de Ciências da Natureza e Redação.</p> <p><u>Estar na cara</u>: ser óbvio; estar patente.</p> <p><u>Escrita</u>: Refere-se à prova com questões abertas, ou seja, questões que não possuem alternativas para serem escolhidas, ou seja, o aluno tem que escrever o raciocínio que o levou a determinadas respostas.</p> <p><u>De assinalar</u>: Prova com alternativas, na qual quem está sendo avaliado deve apontar uma delas como resposta.</p>	<p>Os depoentes afirmam que fizeram a prova do primeiro dia em 1h:30min, pois algumas respostas eram óbvias, além de ser prova teste, fazendo que com a prova fosse respondida rapidamente. Já no segundo dia de prova, quando teve a Redação, com o tema sobre palmadas em crianças, e a prova com questões abertas de Matemática, os alunos demoraram perto do tempo máximo para responder, pois deveriam escrever mais.</p>	<p>Tempo que os alunos demoraram para fazer a prova.</p> <p>Prova com questões abertas de Matemática.</p> <p>Tema da Redação.</p> <p>1º dia: tempo mínimo.</p> <p>2º dia: tempo máximo.</p>

GA6.3	<p>redação também.</p> <p>BM1: De Matemática (aberta) não tava fácil não.</p> <p>BM2: Achei umas três só (fáceis), as outras duas tava meio complicado.</p> <p>BM1: É, todo mundo conseguiu fazer as três primeiras questões, e empacou nas outras duas.</p>	<p><u>Empacar</u>: estacar, ficar parado; não dar prosseguimento.</p>	<p>Os depoentes afirmam que a prova aberta de matemática estava com as três primeiras questões fáceis e as outras duas difíceis, tanto que a maioria da classe não conseguiu fazer.</p>	<p>Dificuldade da prova aberta de Matemática.</p>
GA6.4	<p>BM2: Ah, as outras (provas) tava bem fácil assim.</p> <p>BM1: É, as outras era só ler que você conseguia fazer a resposta, assim. Se <u>prestasse atenção</u>, conseguia.</p> <p>BM1: Tinha umas palavras que era difícil, né?</p> <p>BM2: É.</p> <p>BM1: Tava complicado.</p>	<p><u>Prestar atenção</u>: olhar, ouvir, sentir (algo) com atenção aumentada, concentrada.</p>	<p>Os depoentes afirmam que as demais provas, além da prova aberta de Matemática estavam mais fáceis, se as questões fossem lidas atentamente. Porém, sinalizam algum grau de dificuldade em algumas questões.</p>	<p>Demais provas estavam mais fáceis.</p>
GA6.5	<p>BM2: Mas como eu já tive esse (?) de fazer o Enem, o Enem era umas coisas bem complicadas. Então pra mim, o Saresp nem tanto, eu sabia algumas coisas, o Saresp é tipo uma <u>cópia</u> do Enem, a turma fala.</p> <p>BM2: Ah o Enem é muito mais complicado. É mais <u>puxado</u>. Pega mais sobre o mundo inteiro. Agora o Saresp não, só algumas coisas.</p> <p>BM2: Caiu Geografia, Filosofia</p>	<p><u>Cópia</u>: reprodução fiel, por imitação, de obra de arte ou de outro trabalho original; imitação livre inspirada em autor ou em obra original.</p> <p><u>Puxado</u>: que demanda muito trabalho e tempo; árduo, difícil, trabalhoso; cansativo, exaustivo.</p>	<p>O depoente BM2 relata ter feito o Enem e que esse exame continha questões mais complicadas que o Saresp, requisitando mais esforço e abrangendo questões mais amplas. Além disso, afirma que as pessoas falam que o Saresp é uma imitação do Enem.</p>	<p>Comparação Saresp e Enem.</p>
GA6.6			<p>Os depoentes relatam que foi</p>	<p>Depoentes</p>

	<p>BM1: Química, Português.          BM2: Português, História.          BM1: Sociologia, Filosofia.          BM2: (No primeiro dia) Português, Matemática, Física,          BM1: História...          BM2: História, Química e Geografia. Aí no outro dia foi Filosofia, Sociologia, Matemática e Português.          BM1: Química, Física...</p>		<p>cobrado no primeiro dia do Saresp: Português, Matemática, Física, História, Química e Geografia. No segundo dia: Filosofia, Sociologia, Matemática e Português. A depoente BM1 acrescenta ao segundo dia Química e Física. Os alunos demonstram confusão ao responder quais matérias foram cobradas no Saresp.</p>	<p>demonstram confusão sobre matérias cobradas no Saresp.</p>
GA6.7	<p>BM2: No primeiro dia foi fácil, era de alternativa.          BM1: É, só que tinha um <u>textão</u> com várias alternativas.          BM1: De Português.</p>	<p><u>Textão</u>: texto grande.</p>	<p>Os depoentes relatam que as provas do primeiro dia estavam fáceis, porém a de Português apresentava textos grandes com várias alternativas.</p>	<p>Provas do 1º dia fáceis.          Textos grandes na prova de Português.          Provas diferentes.</p>
GA6.8	<p>BM1: Que era tudo misturado, as provas não estavam iguais. Para gente não <u>colar</u>.          BM2: Pra não colar.          BM2: Não dava, porque eram diferentes as páginas.          BM1: Não dava, porque era tudo diferente.</p>	<p><u>Colar</u>: copiar, ouvir de outrem ou ter consigo indevidamente (o examinando) as soluções dos problemas propostos em exame escrito, para, por esses meios, ter o desempenho de um bom aluno.</p>	<p>Os depoentes afirmam que as provas eram diferentes, não sendo possível a cópia de respostas entre uma prova e outra.</p>	<p>Cola impossibilitada.</p>
GA6.9	<p>BM2: Não dava (pra ver), porque, tipo assim, algumas pessoas conseguiram ver, outras não, porque é bem distante, como daqui ali (mostra um espaço entre duas carteiras). Não dava pra ver porque</p>		<p>Os depoentes afirmam que em algumas carteiras era possível de enxergar as provas próximas, mas em outras não, pois havia um espaço grande entre as carteiras.</p>	<p>De algumas carteiras era possível enxergar outras.</p>

	<p>tinha um corredorção assim do lado.</p> <p>BM2: Tinha <u>fiscal</u> também.</p> <p>BM1: E as provas eram totalmente diferentes uma da outra. Não tinha como mesmo.</p> <p>BM2: Teve uns que começou com Matemática e terminou com Português. Outros começaram com Português e terminou com Matemática.</p> <p>BM1: Às vezes tinha coisa na minha prova que não tinha na dele. Aí depois tinha outra prova que você pegava, e tava.</p>	<p><u>Fiscal</u>: aquele que verifica o cumprimento de qualquer ordem, regulamento ou determinação; inspetor, fiscalizador.</p>	<p>Relatam que não tinha como colar, pois as provas eram diferentes e tinha a presença de um fiscal.</p>	<p>Provas diferentes.</p> <p>Presença de fiscal.</p> <p>Impossibilidade de cola.</p>
GA6.10	<p>BM1: Não podia <u>nem</u> abrir a boca.</p> <p>BM2: Só pediram pra ir no banheiro.</p> <p>BM1: Aí a <u>assistente</u> levava. Tinha que levantar a mão e pedir pra ir no banheiro. Não era toda hora que podia.</p>	<p><u>Nem</u> abrir a boca: não falar nada.</p> <p><u>Assistente</u>: que ou aquele que assiste a (pessoa ou animal), que exerce assistência; que ou aquele que coadjuva alguém nas suas funções; auxiliar, ajudante.</p> <p>Refere-se a um assistente do fiscal da prova.</p>	<p>Os depoentes relatam que não podia falar durante a prova do Saresp. Somente falaram quando pediram para ir ao banheiro, o que era feito com o acompanhamento de um assistente.</p>	<p>Não podia conversar durante a prova.</p> <p>Acompanhamento de fiscal para ir ao banheiro.</p>
GA6.11	<p>BM1: Só lápis, caneta e borracha.</p> <p>BM1: Nem calculadora.</p> <p>BM2: Era lápis, caneta e borracha. Só.</p>		<p>Os alunos afirmam que somente puderam usar lápis, caneta e borracha durante a prova.</p>	<p>Permitido apenas lápis, caneta e borracha na prova.</p>
GA6.12	<p>BM1: Um bom tempo, nós ficamos (sem professor de Matemática).</p>		<p>Os depoentes ficaram um bom tempo sem professor de Matemática</p>	<p>Falta de professor de Matemática.</p>

GA6.14	<p>BM1: A do Saresp é mais difícil. Precisa fazer uma conta enorme pra resolver um probleminha! A prova da sala de aula não... Por melhor que tem a professora pra tirar dúvida, essas coisas. Mas o Saresp não tem nem como tirar dúvida.</p> <p>BM2: A prova do Saresp não cai tanto gráfico, que nem nas matérias do dia a dia. E na sala de aula a gente pode discutir, debater com outros alunos, com o professor. No Saresp é só você e a folha. A do Saresp (é mais difícil).</p>	<p><u>Gráfico</u>: representação plana de dados físicos, econômicos, sociais ou outros por meio de grandezas geométricas ou figuras; diagrama, curva.  <u>Discutir</u>: analisar questionando; levantar questões a respeito de (algo); examinar pormenorizadamente.</p>	<p>em 2010.  Os depoentes consideram a prova do Saresp mais difícil que a prova que fazem em sala de aula, pois no Saresp: as contas são muito grandes para resolver uma questão; não tem como tirar dúvidas com o professor; não são cobrados tantos gráficos.</p>	<p>Comparações entre a prova feita em sala de aula e a prova do Saresp.  Prova do Saresp é mais difícil.</p>
GA6.15	<p>BM1: Não (são parecidas as provas).  BM2: Algumas coisas não.  Algumas coisas você consegue...  BM1: Passa sobre a matéria que você ta aprendendo, mas não o que está aprendendo. Passa coisas do começo do ano, coisas pra você relembrar.  BM2: Tem coisa que você não lembra, essas coisas assim... Muita coisa que você nem lembra.</p>		<p>Os depoentes afirmam que as provas do Saresp não são parecidas com as provas que fazem em sala de aula, pois as provas em classe são feitas sobre a matéria que está sendo aprendida e a do Saresp cobra coisas que eles devem relembrar.</p>	<p>Prova em sala de aula cobra matéria do momento.  Saresp cobra conteúdos anteriores.</p>
GA6.16	<p>BM1: (Na época do Saresp) o professor passa matéria, faz a</p>	<p><u>Revisão</u>: nova leitura, mais minuciosa, de um texto; novo</p>	<p>Os alunos afirmam que nas semanas anteriores ao Saresp os professores</p>	<p>Preparação dos alunos pelos professores.</p>

	<p>revisão, tira as dúvidas, passa atividade pra gente fazer ver se a gente ta entendendo, e depois passar o Saresp.          BM2: Bem puxado.          BM2: Tipo assim, vamos supor, uma semana antes do Saresp, eles vão analisando, passando...          BM2: Analisando como está o nosso dia a dia, o nosso conhecimento. Vão passando algumas coisas pra gente fazer, tipo <u>simulado</u> do Saresp, vão passando pra gente aprender.          Depois passa uma outra atividade que é pra nota, que é pra ver se a gente aprendeu aquilo que eles passaram.          BM1: Uma matéria, uma atividade. Pega o conteúdo da atividade pra gente fazer pra gente entender, pra conseguir fazer o Saresp.          BM1: Isso, revisão.</p>	<p>exame. O aluno fala no sentido de um resumo das disciplinas estudadas.  <u>Simulado</u>: Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino.</p>	<p>fazem uma revisão de conteúdos, passando atividades, tirando dúvidas, analisando os conhecimentos dos alunos, aplicando simulados, para que eles consigam fazer o Saresp.</p>	<p>Revisão e simulados.</p>
GA6.17	<p>BM2: uma semana antes (o simulado), a semana inteira assim.          BM1: concorda com a cabeça.          BM2: Ajudou bastante.          BM1: Só que assim, nós acha que eles passam muita prova num dia só. Cinco provas numa noite só,</p>		<p>Os depoentes relatam que os simulados foram feitos uma semana antes do Saresp, durante a semana toda, e criticam o fato de terem muitas provas num mesmo dia. Afirnam, ainda, que tais provas são dissertativas e valiam nota. Observar</p>	<p>Simulados feitos uma semana antes do Saresp.          Questões dissertativas.</p>



	<p>não tem como.          BM2: O simulado foi a semana inteira.          BM1: É. Só que passava cada dia...          BM2: É, cada... Foi de segunda, terça, quarta e quinta, porque tinha três matérias cada simulado. É bem puxado.          BM1: E cada dia tinha 5 provas, 4. E prova (?) que a gente escreveu tudo, então era mais difícil.          Complica muito a cabeça da gente.          Alunos: Vale, vale nota.</p>		<p>se não houve confusão com a semana de provas da escola.</p>	<p>Verificar se não houve confusão.</p>
GA6.18	<p>BM1: A gente fez... Eu fiz na 8ª (o Saresp)          BM2: Eu não lembro se eu fiz o Saresp... Faz muito tempo...          BM2: Mas acho que na maioria das vezes a gente recebeu a resposta. Não lembro.          BM1: Eu acho que sim, né? Porque eles passam na sala falando qual é a nota né? Ah, eu não sei...          BM1: Mas pelo que eu sei, assim, eles falam. Se der tempo, né? Porque o final do ano é muito corrido. Se der tempo eles falam.</p>	<p><u>Corrido</u>: Rápido; diversas coisas acontecendo ao mesmo tempo.</p>	<p>Os depoentes se mostram em dúvida se fizeram o Saresp no 9º ano e acham que receberam as respostas com seus resultados. Relatam que os resultados são divulgados, mas não sabem se no final do ano, pois é uma época muito corrida.</p>	<p>Saresp no 9º ano.          Divulgação de resultados individuais.</p>
GA6.19	<p>BM2: O Saresp eu acho que é um conteúdo para que você possa, tipo assim, refletir o que você aprendeu</p>	<p><u>Avançado</u>: que atingiu um nível alto de desenvolvimento.</p>	<p>Os alunos percebem o Saresp com uma prova para identificar e refletir sobre os conhecimentos alcançados,</p>	<p>Saresp prova para identificar conhecimentos.</p>

	<p>no ano. Nos anos todos assim. Sobre o conhecimento seu, quais suas dúvidas maiores. Porque? Porque o Saresp é um caminho já <u>avancado</u> pra você poder fazer um pré-vestibular. Pra saber como é que funciona essas provas. Eu acho que é através disso.</p> <p>BMI: Eu também acho que o Saresp é um conhecimento que você tem. Porque o Saresp ele não é bem uma prova, ele é mais sobre o que você aprendeu o ano inteiro, né? O conhecimento que você tem. A maioria das coisas de Português é assim, é conhecimento que você aprende.</p> <p>BMI: Ah, é uma prova o Saresp. Mas é uma prova pra testar seus conhecimentos, se ta valendo tudo aquilo que você estudou, se aprendeu no curso...</p>		<p>os progressos e as dúvidas durante os anos do Ensino Médio. Além disso, o depoente BMI afirma que é uma espécie de etapa para saber como funciona um vestibular.</p>	<p>Refletir sobre dúvidas e progressos.</p> <p>Espécie de pré-vestibular.</p>
GA6.20	<p>BMI: Bem diferente (da prova da sala de aula), porque é bem mais difícil que uma prova. Eles preparam a gente pro vestibular, o lugar, <u>disciplina</u>, não pode falar, nem virar pro lado, tem que ter hora. A outra prova não, é numa aula, você pode tirar dúvida...</p>	<p><u>Disciplina</u>: obediência às regras e aos superiores.</p>	<p>A depoente BMI acha a prova do Saresp bem mais difícil que uma prova de sala de aula, pois o Saresp é uma preparação para o vestibular, com lugar certo, regras disciplinares e hora marcada, não podendo conversar. Por outro lado, o Saresp é para que o aluno tenha conhecimento</p>	<p>Prova do Saresp preparação para o vestibular.</p> <p>Saresp é para o aluno conhecer seu desempenho e prova em sala de aula é para</p>

	<p>BM1: O Saresp é uma prova, mas é que é uma prova mais pro conhecimento da gente.</p> <p>BM1: A prova da sala de aula, tipo, é mais uma atividade. Pra você fazer mais pra tirar nota. O Saresp é mais pra conhecimento.</p>		de seu desempenho, já a prova de sala de aula é uma atividade para nota.	nota.
GA6.21	<p>BM1: Eu acho o Saresp importante.</p> <p>BM1: Por causa que através do Saresp você pode desenvolver um conhecimento maior sobre o que está aprendendo na sala de aula. Porque o Saresp vai puxando todos esses conhecimentos: 1º, segundo, vai lembrando o que você fez. Pra ver se você está mesmo <u>atualizado</u>, né? Porque, de Matemática mesmo, o professor faltou durante bastante tempo, daí atrapalha a gente né, pra fazer as coisas. Daí vem o Saresp e vê se a escola está <u>adaptada</u>, se os alunos está adaptados com o Saresp.</p> <p>BM1: Por causa que o Saresp é que nem uma prova. E através do Saresp você poder ser preparado pra fazer outras provas mais pra frente.</p>	<p><u>Puxar</u>: fazer mover para perto de si; fazer aparecer; avivar.</p> <p><u>Atualizar</u>: tornar (-se) atual, adequar (-se) aos dias de hoje; modernizar (-se); promover a atualização cultural, pedagógica etc. (de alguém ou de si próprio).</p> <p><u>Adaptar</u>: ajustar ou acomodar (uma coisa a outra); tornar (-se) adequado a; acomodar (-se), harmonizar (-se); tornar (-se) apto a.</p>	<p>A depoente BM1 afirma que o Saresp é importante para que se possa ter mais conhecimento sobre o aula, pois o Saresp traz os conteúdos dos outros anos, portanto o aluno deve se lembrar do que fez. Por meio do Saresp, também se verifica se o aluno está no nível adequado de conhecimento. Por exemplo, o fato de ficarem sem professor de Matemática atrapalhou os alunos de fazerem o Saresp. Além disso, o Saresp prepara os alunos para fazerem outras provas futuramente.</p>	<p>Saresp é importante.</p> <p>Verifica se o aluno está no nível adequado.</p> <p>Prepara para outras provas.</p>
GA6.22	<p>BM2: O Saresp não é tão</p>	<p><u>Noção</u>: conhecimento elementar</p>	<p>O depoente BM2 acha o Saresp</p>	<p>Importância do</p>

	<p>importante... É importante, mas quando ele ajuda a você ter uma <u>noção</u> do que pode ser profundamente. Que nem, várias empresas procuram saber o que você tem, a nota nas escolas, e praticamente, vamos ver o <u>boletim</u> do seu Saresp. Pode ser se você tirou, se você foi bem, se...</p>	<p>ou superficial de ou acerca de algo. <u>Boletim</u>: breve texto informativo, destinado a circulação interna ou a divulgação pública.</p>	<p>importante no sentido de ajudar a ter um conhecimento superficial do que pode ser em profundidade. Ainda, afirma que empresas procuram saber o desempenho escolar dos candidatos a vagas de emprego, portanto poderiam ver o boletim do Saresp do aluno.</p>	<p>Saresp. Empresas poderiam ver boletim do Saresp do candidato à vaga.</p>
GA6.23	<p>BM2: Eu não cheguei a procurar assim, se eu tenho acesso ou não, mas se eu tiver, eu realmente vou lá, procuro, procuro saber quanto eu tirei, se eu fui bem, procuro também melhorar mais através disso. Assim, se eu tirei, por exemplo, resumindo, no Enem tirei 90, foi 190 a questão, se eu fui menos da <u>metade</u>, eu procuro fazer o ano que vem de novo e ultrapassar essa <u>meta</u>. Que nem o Saresp tinha uma meta, a gente vai fazer pra ter um conhecimento das outras provas, que nem o vestibular, uma faculdade, tudo isso ajuda através do Saresp. Que já é o início da caminhada.</p>	<p><u>Metade</u>: Refere-se à média. <u>Meta</u>: objetivo que se almeja.</p>	<p>O depoente BM2 não procurou saber se tem acesso ou não às notas do Saresp, mas quando ele tem acesso à nota de uma prova, procura melhorar por meio disso. Cita o exemplo do Enem, que ele viu a nota que tirou e se foi menor que a média, vai fazer a prova novamente para alcançar seu objetivo. Afirma que por meio do Saresp os alunos podem ter conhecimento de outras provas de vestibular.</p>	<p>Não procurou saber se tem acesso às notas do Saresp. Procura melhorar por meio do resultado de uma prova. Por meio do Saresp os alunos conhecem outras provas de vestibular.</p>
GA6.24	<p>BM2: Eles falaram que é pra gente prestar bastante atenção, ver o conhecimento, não querer ficar</p>	<p><u>Dar o melhor de si</u>: se esforçar ao máximo.</p>	<p>Os depoentes relatam que foi falado para que os alunos prestassem bastante atenção na prova do Saresp,</p>	<p>Alunos deveriam se esforçar ao fazer Saresp.</p>

	<p>conversando...</p> <p>BM1: Não querer terminar a prova antes de 1h 30 min, sair correndo. Todo mundo ta terminando, vou sair correndo, porque senão vou ficar pra trás. Ele falou que tem chegar lá, tem que ter disciplina, não pode ficar conversando, tem que prestar atenção na prova. Se empenha tipo, <u>dar o melhor de si</u> na prova.</p> <p>BM2: Dar o melhor.</p> <p>BM1: Tipo, não é porque todo mundo ta saindo que nós também tem que ir. Por causa que é melhor pra nós mesmo, nós que vamos tirar aquela nota.</p>		<p>fizessem a prova com calma, fossem disciplinados, não terminassem a prova rapidamente, se esforçassem ao máximo, pois eles que iriam receber a nota.</p>	<p>Eles iriam receber a nota.</p>
GA6.25	<p>BM2: Ah, todo terceiro ano faz. O 3º e a 8ª série também.</p> <p>BM1: Quem faltou a <u>dona</u> ligou em casa, pra vir, porque não pode faltar. Porque é muito importante pro Saresp, é muito importante.</p>	<p><u>Dona</u>: refere-se à professora ou à coordenadora.</p>	<p>Os depoentes afirmam que toda 3ª série do Ensino Médio e todo 9º ano do Ensino Fundamental fazem o Saresp. Afirnam, também, que a escola ligou para aqueles alunos que não vieram no dia da prova, pois não pode faltar.</p>	<p>Não pode faltar do Saresp.</p> <p>Todos os 3º e 9º fazem.</p>
GA6.26	<p>BM2: Porque ela fala que o Saresp vem do Estado, o Estado que analisa o conhecimento das escolas, se as escolas estão disciplinadas, os alunos...</p> <p>BM1: O conhecimento dos alunos,</p>		<p>Foi falado para os alunos que o Saresp vem do Estado para analisar o conhecimento das escolas e se conhecimento dos alunos está de acordo com o que o governo está querendo que o aluno faça.</p>	<p>Saresp verifica o conhecimento das escolas.</p> <p>Saresp verifica se o conhecimento dos</p>

	se está de acordo com aquilo que eles estão querendo que o aluno faça.			alunos está de acordo com o que eles querem.
GA6.27	BM2: Ah, eu acho que não sei se era obrigado... BM1: Na minha opinião era. BM1: Falaram pra gente não faltar, pra gente fazer de tudo pra não faltar. Ter tudo em <u>dia</u> , né? Porque quando chegar no final do ano, ficar devendo isso, devendo aquilo, aí fica complicado, né? Pra gente não faltar.	Em <u>dia</u> : no prazo; em ordem; adequado.	Os alunos não sabem se o Saresp era obrigatório, mas foi falado para que os alunos não faltassem de forma nenhuma, para que estivessem com seus compromissos em ordem.	Compromissos em ordem. Não deveriam faltar de maneira nenhuma.

Fonte: dados organizados pela autora.

**Quadro 79** - Análise Ideográfica grupo de alunos 7.

Nº US	Unidades de Sentido	Enxerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US.
GA7.1	Os três alunos fizeram o Saresp na semana passada.		Os três alunos fizeram as provas do Saresp em 2010.	Participação no Saresp.
GA7.2	BM5: Eu demorei umas 2h 30min nas duas provas, mais ou menos, em cada uma. BM4: O <u>máximo</u> era 3 né? Eu fiquei mais ou menos faltando uns 15 minutos pra acabar o tempo. Bem no finalzinho. BM3: Eu também, fiquei 2 h e 30 min, 3 horas.	<u>Máximo</u> : Tempo máximo que podia permanecer realizando a prova: 3 horas.	Os depoentes afirmam que permaneceram de 2h30min a 3h realizando a prova, ou seja, aproximadamente o tempo máximo.	Tempo que permaneceram realizando a prova.

GA7.3	<p>BM4: A maioria saiu duas horas...          BM5: A maioria terminou antes...          BM4: É o <u>mínimo</u>, uma hora e meia, né?          BM3: A hora que podia sair tinha bastante gente que já tinha <u>rabiscado</u> e saía da sala.          BM4: Isso!          BM5: Concorda com a cabeça.</p>	<p><b>Tempo mínimo:</b> O tempo mínimo que os alunos deveriam permanecer resolvendo a prova era de 1h30min.  <u>Rabiscar</u>: escrever (algo) de forma pouco ou nada legível; garatujar; escrever rapidamente.</p>	<p>Os alunos afirmam que a maioria dos alunos da classe terminou a prova no tempo mínimo, ou seja, em 1h30min.</p>	<p>Maioria da sala terminou a prova no tempo mínimo.</p>
GA7.4	<p>BM3: As <u>questões</u>, de <u>alternativa</u>,tava médio. Um pouco pode ser fácil, porque? Porque não era nada que você tinha que ficar calculando, pensando muito. Era algo assim, você via e você falava: eu lembro dessa matéria.          BM3: Tanto de Matemática quanto de outras matérias. Eu lembro que, um exemplo, Química, a gente trabalhou muito com <u>destilação</u>. Caía uma pergunta simples, que você não precisava fazer uma conta, e tava lá, destilação, e as outras nada a ver (se referindo às alternativas). Aí você já lembrava que você trabalhou com aquilo.          BM3: Era tipo uma lembrança, mas também dá uma impressão que eles querem ter uma ideia se você trabalhou com aquilo. Você saber se</p>	<p><b>Questões com alternativa:</b> quem está sendo avaliado deve apontar uma delas como resposta.  <u>Destilação:</u> processo de separação de líquidos por evaporação com condensação posterior.</p>	<p>O depoente BM3 afirma que as questões de alternativa nas provas estavam com nível de dificuldade médio. Relata que teve a impressão de que a prova pretendia verificar se os alunos haviam trabalhado com aquele conteúdo, com perguntas simples, que não exigiam muitos cálculos e sim interpretações.</p>	<p>Nível de dificuldade da prova médio.          Questões de alternativas que não exigiam muitos cálculos.</p>

	<p>aquilo tem a ver com destilação fracionada, e não fazer o cálculo sobre aquilo.          BM3: De interpretar e ver se você lembra dos assuntos e tudo...</p>			
GA7.5	<p>BM5: Eu esperava mais da prova. Não foi tudo que eu achei que ia ser. Eu achei que ia ser mais difícil, mais complicado, ia ser uma coisa que você ia ter que parar pra fazer, pra pensar. Mas não foi, era mais texto, interpretação de pergunta...          BM3: Fácil.          BM4: Também achei isso. Sim, fácil.</p>		<p>Os depoentes afirmam que as provas do Saresp estavam fáceis, com poucas questões complicadas e a maioria com textos e interpretação.</p>	<p>Provas fáceis do Saresp.</p>
GA7.6	<p>BM3: A de Matemática...          BM4: Algumas porque a gente não teve professor este ano... durante muito tempo a gente não teve professor, então foi mais complicado...          BM5: É, este ano foi mais complicado...          BM3: É, as questões de Matemática complicou a gente por isso, por um bom período que a gente ficou sem professor de Matemática.          BM3: Não só a gente, como outras escolas também. Só que tinha muita matéria <u>básica</u>. Que era coisa que você tinha que ter em mente ali. Eles</p>	<p><u>Básico</u>: que faz parte da base; basilar; que ou o que é comum a diversos cursos de áreas afins e é ministrado nos anos iniciais (diz-se de disciplina, curso etc.).</p>	<p>Os depoentes relatam que a prova de Matemática estava mais difícil, pois ficaram sem professor por um bom período em 2010. Afirmam, que não somente eles, mas em outras escolas também. No entanto, o depoente BM3 relata que foi cobrado conteúdo básico em Matemática, para verificar se os alunos sabiam ao menos aquilo, sendo que questões mais complicadas foram poucas.</p>	<p>Ficaram sem professor de Matemática por um bom período em 2010.           Conteúdo básico cobrado na prova.</p>



	<p>queriam saber se pelo menos o básico você tinha em mente, você sabia pelo menos aquilo. Aí eles colocavam alguma coisa mais difícil, que tinha pensar, somar mesmo, só que muita pouca coisa.</p> <p>BM4: Então, a maioria <u>chutou</u> ali bastante, então...</p> <p>BM5: Pra poder conversar...</p>	<p><u>Chutar</u>: No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente.</p> <p><u>Não tenho ideia</u>: não sabe como fazer.</p> <p><u>Estar na cara</u>: ser evidente; óbvio.</p>	<p>Os depoentes afirmam que a maioria dos alunos da sala chutou muitas questões para poder conversar.</p> <p>Os depoentes afirmam que chutaram algumas questões de Matemática, aquelas que estavam mais difíceis e que não conseguiram fazer, mesmo depois de ler todas. Porém, afirmam que muitos alunos chutaram muitas questões, respondendo somente aquelas que estavam com a resposta óbvia, para poder sair da classe.</p>	<p>Maioria chutou para poder conversar.</p> <p>Chutaram algumas questões de Matemática, mas depois de tentar fazer.</p> <p>Muitos alunos chutaram várias questões.</p>
GA7.7	<p>BM4: As de matemática, (chutei) algumas. As que estavam mais difíceis, eu...</p> <p>BM5: Concorda com a cabeça.</p> <p>BM3: Eu faço assim, eu leio todas, porém tem umas que não entram na minha cabeça, <u>não tenho ideia</u> delas. Falo, essa daqui eu não sei. Sou obrigado a chutar, mas mesmo assim, eu leio todas elas. Mas bastante aluno assim, eles pegaram, sei lá, por ser adolescente, sei lá, vamos sair, pra ficar lá fora. Pra que eu vou fazer essa prova, se essa prova é pra escola, não é pra mim?</p> <p>BM4: Tinha algumas perguntas que <u>tavam na cara</u>, assim, aí eles respondiam, agora, o resto...</p>	<p>Primeiro dia: 17 de novembro de 2010. Língua Portuguesa e</p>	<p>Os alunos relatam que em 2010 caiu Português e Matemática no primeiro</p>	<p>Conteúdos cobrados no</p>
GA7.8	<p>BM4: (Este ano caiu) Português, Matemática, Biologia, Química e</p>	<p>Primeiro dia: 17 de novembro de 2010. Língua Portuguesa e</p>	<p>Os alunos relatam que em 2010 caiu Português e Matemática no primeiro</p>	<p>Conteúdos cobrados no</p>
GA7.9				

	<p>Física.          BM3 e BM5 concordam.          BM3: Misturado com o tema Português chegou a cair né (História e Geografia)? Português e Redação.          BM4: É.          BM3: Tinha redação, e aconteceu uma coisa assim: o governo escolheu a sala que ia ter que fazer as questões de Matemática.          BM5: É verdade.          BM3: No 1º dia, foi a prova de Português e Matemática. O governo...          BM5: Não, no primeiro dia foi Química, Física e Biologia e no 2º dia, que foi na quinta feira, que foi de Matemática...          BM4: Não! No primeiro dia foi Português e Matemática!          BM5: Mas não foi...          BM3: No 1º dia a gente teve a prova de Português e Matemática junto com as outras, e a Secretaria da Educação, eu acredito, selecionou uma sala pra escola, não foi a escolha que escolheu, selecionou uma sala pra, e pediu assim que essa sala, <u>fizesse as contas de Matemática</u>, não só respondesse, pra não ter perigo dessa</p>	<p>Matemática.          Segundo dia: 18 de novembro de 2010, com provas de Ciências da Natureza e Redação.  <u>Fazer as contas</u>: o aluno tem que escrever o raciocínio que o levou a determinadas respostas.  <u>Rascunho</u>: esboço de qualquer escrito; minuta.</p>	<p>dia de prova e Química, Física e Biologia no segundo dia. No primeiro dia também foi aplicada uma prova de Matemática com questões abertas para uma sala apenas, com o objetivo de, segundo eles, verificar se essa sala não chutou as alternativas, portanto eles deveriam enviar junto com a prova, o rascunho com o raciocínio que os levou para a resposta. Já no segundo dia, eles escolheram outra sala para fazer a Redação que seria entregue para correção.</p>	<p>Saresp.          Provas abertas de Matemática.          Amostra de alunos cuja Redação é enviada para correção.</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>sala ter chutado. Então fizesse as contas também.</p> <p>BM3: Tinha as alternativas, mas tinha que ter o <u>rascunho</u> pra entregar junto.</p> <p>BM4: Concorda.</p> <p>BM3: Só uma sala. No outro dia, teve Redação, eles escolheram outra sala, pra ler a redação só nessa sala. Eu acho que é um outro grupo, claro, que lê essa redação. Foi a minha sala, no caso.</p>			
GA7.10	<p>BM3: A da Redação. Nesse dia, a turma se dedicou bastante à redação na minha sala. Porque a professora foi lá e falou o seguinte: eu preciso de vocês agora, porque isso aqui vai da escola, se vocês não fizerem isso certo vai dar muito trabalho pra mim o ano que vem, tudo né? E eu sei que vocês têm capacidade. Aí falou pra sala, e a sala se dedicou a fazer uma Redação melhor.</p>	<p><u>Dedicar</u>: fazer sacrifício por; pôr-se ao serviço de; dar-se; empenhar-se por; entregar-se.</p>	<p>O depoente BF3, cuja sala participou da amostra para envio da Redação, afirma que a classe se dedicou a fazer a Redação, pois a professora falou para os alunos que se eles não fizessem certo iria dar muito trabalho para ela no outro ano e que ela sabia que eles tinham capacidade.</p>	<p>Redação foi enviada de uma amostra.</p>
GA7.11	<p>BM4: (As demais) Vão, mas vão ser corrigidas aqui, né?</p> <p>BM5: Vão, mas não vão <u>pra fora</u>, vão ficar aqui. Ali na sala dele vai pra fora, vai tipo pra São Paulo. A nossa não, são três terceiros que ficam aqui.</p>	<p><u>Pra fora</u>: para fora da escola.</p>	<p>Os depoentes afirmam que as outras Redações, dos demais 3<sup>os</sup>, serão corrigidas na escola, não vão para serem corrigidas em outro lugar.</p>	<p>Demais Redações são corrigidas na escola.</p>
GA7.12	<p>BM4 - Eu acho que as provas da sala</p>	<p><u>Lá pra trás</u>: Há tempos.</p>	<p>Os depoentes afirmam que a prova</p>	<p>Prova da sala de</p>

	<p>de aula são mais fáceis. São mais fáceis que a do Saresp.          BM5: Concordo com ela.          BM3: Eu penso assim: a da sala de aula, a gente acabou de aprender aquela matéria, e já vem uma prova sobre só aquilo que a gente ta aprendendo. Aí que essa prova tem muita coisa que a gente não ta nessa matéria, que a gente estudou essa matéria lá pra trás, ou até pra outro ano. Então por isso é complicado pra gente... Uma coisa que nem voltava na cabeça, também...</p>		<p>feita na sala de aula é mais fácil que a prova do Saresp, pois na primeira eles aprendem o conteúdo e já fazem a prova, já no Saresp são cobrados conteúdos que aprenderam já há algum tempo e que podem ter esquecido.</p>	<p>aula é mais fácil que o Saresp.          Saresp cobra conteúdos vistos há tempos.</p>
GA7.13	<p>BM3: Bastante simulado (na época do Saresp). Tem a ver com a época do vestibular. Só que ta misturado com a época do Saresp. A gente faz bastante vestibular pra treinar, e a gente não teve nenhuma revisão assim, para estudar pro Saresp.          BM5: A aula continua normal.          BM4: Nenhuma revisão específica.</p>	<p><u>Simulado</u>: Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino.  <u>Revisão</u>: nova leitura, mais minuciosa, de um texto; novo exame. O aluno fala no sentido de um resumo das disciplinas estudadas.</p>	<p>Os depoentes afirmam que na época do Saresp as aulas continuam de maneira normal, sem nenhuma revisão específica para essa prova. Porém, são aplicados simulados, também em relação ao vestibular, que é feito na mesma época do Saresp.</p>	<p>Aulas normais na época do Saresp.          Simulados também em relação ao vestibular.</p>
GA7.14	<p>BM5: Na minha sala em particular conversaram.          BM4: Não (podia), mas conversaram. Davam um jeito de conversar, né.          BM4: Sim, com certeza.          BM5: Muito.          BM4: Durante a prova. Tava uma</p>	<p><u>Bagunça</u>: falta de ordem; confusão, desorganização; farra ruidosa; baderna, bagunçada.  <u>Estressar</u>: fazer sentir ou sentir estresse; esgotar (-se). Irritar (-se).</p>	<p>Os depoentes BM5 e BM4 afirmam que os demais alunos da sala conversaram durante a prova, sobre assuntos sem relação com a prova, fizeram bagunça e não respeitaram os pedidos de silêncio da professora. A depoente BM4 afirma que se irritou,</p>	<p>Muita bagunça e conversa na hora da prova.          Depoente estressada com esse fato.</p>

	<p><u>bagunça</u>, até que eu fiquei meio estressada também, porque não paravam de conversar. A professora lá na frente falando, pedindo pra parar de conversar e não adiantava. BM4 e BM5: Não (era sobre a prova), brincadeira mesmo.</p>		pois os alunos não paravam de conversar.	<p>Não respeito à professora que pedia silêncio.</p>
GA7.15	<p>BM4: Dava. A carteira estava bem próxima. BM3: Mas o Saresp foi 26 provas diferentes. BM5: É, mas dava pra ver. BM3: Tentar <u>colar</u> foi difícil pelas 26 provas diferentes.</p>	<p><u>Colar</u>: copiar, ouvir de outrem ou ter consigo indevidamente (o examinando) as soluções dos problemas propostos em exame escrito, para, por esses meios, ter o desempenho de um bom aluno.</p>	<p>Os depoentes afirmam que era possível enxergar as provas dos colegas, pois as carteiras estavam bem próximas, porém foi difícil colar, já que as provas eram diferentes.</p>	<p>Era possível enxergar provas de colegas. Provas diferentes, não dava para colar.</p>
GA7.16	<p>BM5: Era só a prova, lápis, caneta e borracha em cima da mesa, mais nada. BM4: Isso.</p>		<p>Os depoentes afirmam que só podiam usar lápis, caneta e borracha durante a prova.</p>	<p>Material que podia usar durante a prova.</p>
GA7.17	<p>BM3: Foi <u>estilo</u> vestibular, porém faltou a diretoria e os professores <u>regular</u> a sala para eles pararem de conversar, né? BM5: Isso é verdade. BM3: Mais foi um vestibular. A gente não podia conversar, não podia ligar celular, não podia ter assim, um método de pesquisa, e alguns não respeitavam, quando o professor não dava atenção eles aproveitavam. BM4: Sim. Da minha sala foi, muito</p>	<p><u>Estilo</u>: conjunto de tendências, gostos, modos de comportamento característicos de um indivíduo ou grupo; características. <u>Regular</u>: estabelecer regras para; sujeitar a regras; dirigir, reger; estabelecer ordem, moderação; conter, moderar, reprimir. <u>Pulso</u>: capacidade de mando; autoridade, energia, firmeza.</p>	<p>Os depoentes relatam que o Saresp teve as características parecidas com a de um vestibular: não podia conversar, ligar celular, pesquisar nenhum material. Porém, relatam que alguns desrespeitavam, principalmente na classe dos depoentes BM4 e BM5, onde afirmam que o professor não estabeleceu ordem e nem teve autoridade para controlar o barulho.</p>	<p>Saresp com características parecidas com as de um vestibular. Uma das classes com muito barulho. Professor sem autoridade.</p>

	<p>barulho.</p> <p>BM5 concorda.</p> <p>BM3: É. O meu foi falta do professor organizar a sala. Pegar e falar, se impor na sala e não deixar os alunos conversarem. É uma coisa séria, do governo, tal, deixar as pessoas conversarem é ruim. Então foi falta, como fala,...</p> <p>BM3: É, de pulso. Mas minha sala respeitou...</p>				
GA7.18	Os alunos afirmam que os professores que aplicaram as provas não eram da escola e os alunos não os conheciam.		Os alunos afirmam que os professores que aplicaram as provas não eram da escola e os alunos não os conheciam.	Aplicadores do Saresp não eram professores da escola.	
GA7.19	BM4: Eu acho que metade do ano a gente não teve (aula de Matemática). BM5: Muito pouco.		Os depoentes afirmam que não tiveram aula de Matemática durante metade do ano.	Falta de aulas de Matemática.	
GA7.20	Alunos: Sim (temos livro didático), mas não usamos. Só o <u>caderninho</u> . BM4: Ah, e a professora passou também do livro dela, pra fazer de fora do caderninho.	Caderninho: Refere-se ao material do Currículo do Estado de São Paulo.	Os alunos afirmam que têm livros didáticos, mas que só usam o material referente ao currículo do Estado, em Matemática, e o livro didático da professora.	Usam somente o caderninho, não o livro didático.	
GA7.21	BM3: Uma boa parte (do Saresp) tinha coisa do caderninho. BM4: Que eu me lembre, tinha. BM5: Tinha. BM3: Teve matéria que ficou difícil a gente saber se teve no caderninho, porque a gente não chegou a estudar	Boa parte: grande parte. Quarto: relativo ao material do quarto bimestre.	Os depoentes afirmam que uma grande parte do Saresp era de questões relativas ao conteúdo do Caderno do Aluno. Porém, relatam que de Matemática não sabem dizer muito bem, pois ficaram sem aula durante muito tempo, portanto,	Há relação do Saresp com o conteúdo do caderninho.  Muito tempo sem aula de	

	<p>isso, né?          BM4: É, de Matemática como ficamos muito tempo sem aula, acho que usamos um caderninho.          BM3: E o <u>quarto</u> também, a gente não chegou a ver, né?          Alunos: É.          BM3: Porque não deu tempo, porque pulou pro dois no terceiro bimestre, e agora no três. O quatro também não vai dar tempo de fazer.</p>		<p>usaram apenas dois dos cadernos, tendo entrado no do 3º bimestre em novembro.</p>	<p>Matemática.          Não usaram todos os cadernos de Matemática.</p>
GA7.22	<p>BM3: Não. Nunca foi passado pra gente o que a gente fez no Saresp da 8ª série. É sempre o que acontece com o Saresp. A gente fica <u>curioso</u> em saber o que acontece. Toda prova a gente tem vontade de saber, qual foi o nosso resultado. Só que nunca tivemos <u>retorno</u> disso. Não é uma reclamação só nossa, mas de outras pessoas também. O Saresp não dá retorno das notas pra gente. Ou entrega pra escola e a escola não passa pra gente.          BM5 e BM4 concordam com a cabeça.          BM5: Ah, é ruim né? Porque poxa, você quer saber como você foi, pra saber onde você pode melhorar. Eu acho ruim.</p>	<p><u>Curioso</u>: que ou quem manifesta desejo de ver, ouvir, experimentar, ficar conhecendo; que ou quem mostra vontade de aprender, pesquisar, saber.  <u>Retorno</u>: Refere-se a uma resposta acerca dos resultados da avaliação.</p>	<p>Os depoentes afirmam que nunca receberam um retorno do Saresp em relação aos seus resultados. Relatam que gostariam de saber, e que diversas pessoas reclamam disso, pois é um incentivo para se fazer uma prova quando você sabe seu desempenho, para ver onde precisa melhorar e onde acertou.</p>	<p>Nunca receberam os resultados do Saresp.          Gostariam de saber seus desempenhos.          É um incentivo para se fazer uma prova, saber seu resultado.</p>

	<p>BM3: Um dos incentivos de você fazer uma prova é você querer ver qual foi seu desempenho, sentir se você foi bem ou mostrar que você foi bem, ver se você foi bem. E eles não deixam você ver isso, né? Então, digamos que não se torna um incentivo mais, né?</p> <p>BM4: Sim.</p>			
GA7.23	<p>BM4: Pra mim o Saresp é uma forma de avaliar o aluno durante o ano né, o que ele fez durante o ano, ou a gente assim, o que a gente fez durante os últimos três anos. Pra mim é isso, uma forma de avaliar os alunos.</p>		<p>A depoente BM4 acha que o Saresp é uma forma de avaliar o que o aluno fez durante o ano, ou, no caso do Ensino Médio, o que o aluno fez nos últimos três anos.</p>	<p>O que aluno fez durante o ano.</p>
GA7.24	<p>BM5: Também acho que o Saresp é uma prova que o governo manda para avaliar como os professores estão dando as matérias para os alunos. Como os alunos estão recebendo essa matéria, se estão aprendendo realmente, se estão se interessando por essa matéria. Pra mim é isso o Saresp.</p>	<p><u>Dando</u>: Ministrando, ensinando.</p>	<p>O depoente BM5 acha que o Saresp é uma prova, enviada pelo governo, para avaliar como os professores estão ministrando os conteúdos aos alunos e como esses alunos estão aprendendo.</p>	<p>Saresp avalia como os professores estão ensinando e como os alunos estão aprendendo.</p>
GA7.25	<p>BM3: Eu penso que no Saresp eles não dão muita importância para aluno por aluno e sim pro geral, em grupo, claro que por série. E usam essas provas para avaliar a escola, o ensino dos professores, como ele disse, e</p>		<p>O depoente BM3 acredita que o Saresp não atribui muita importância ao resultado do aluno individualmente, e sim ao resultado geral da série. Dessa forma, usam esses resultados para avaliar a escola,</p>	<p>Saresp não dá importância ao individual do aluno e sim ao geral da série.</p>



	<p>isso o desempenho que a gente teve perante os professores, com o passar do ano. Pra depois poder estar avaliando a escola, não a gente mesmo.</p> <p>BM3: Não individualmente.</p> <p>BM5: Pra falar a verdade, o diretor ele só vem de quarta feira.</p> <p>BM5: Não, os coordenadores tão aí, mas o diretor só vem de quarta feira.</p>		<p>o ensino dos professores e o desempenho que os alunos tiveram mediante tal ensino.</p>	<p>Avalia a escola, o ensino do professor e o aprendizado do aluno.</p>
GA7.26	<p>BM5: Não, mas eles falaram pra gente que vai ter o Saresp tal, pra gente se dedicar, pra gente fazer o Saresp mesmo. Porque é uma prova importante pra gente.</p> <p>BM4: Porque antes, a vice passou em todas as salas, pedindo pra gente ler direitinho as perguntas, tentar fazer o máximo possível pra tentar responder, porque ia avaliar a escola, que a gente se empenhasse bastante nisso.</p> <p>BM3: Ela falou que o que ela pode ela fez pra gente no decorrer do ano. Então pra gente mostrar isso pra ela e mostrar que a gente sabia aquilo. E explicou que a escola <u>confia</u> nos alunos, sabe que eles podem fazer, porém que ela queria que a eles mostrassem aquilo naquele momento,</p>		<p>O depoente BM5 afirma que o diretor só vai à escola nas quartas-feiras.</p>	<p>Diretor só vai uma vez por semana na escola.</p>
GA7.27	<p><u>Confiar</u>: entregar (a alguém ou a algo) a responsabilidade de um trabalho, missão etc.; incumbir.</p> <p><u>Interpretar</u>: dar certo sentido a; entender; julgar; determinar o significado preciso de (texto, lei etc.).</p> <p><u>Raciocínio</u>: exercício da razão através do qual se procura alcançar o entendimento de atos e fatos, se formulam idéias, se elaboram juízos, se deduz algo a partir de uma ou mais premissas, se tiram conclusões.</p>	<p>Os depoentes relatam que os coordenadores e professores pediram para que os alunos se dedicassem ao fazer o Saresp, pois eram exercícios de interpretação que eles conseguiriam fazer. Além disso, relatam que a vice diretora passou nas salas pedindo para que os alunos lessem direito as questões, tentassem responder, pois a prova ia avaliar a escola. Ela disse, ainda, que fez o possível para os alunos durante o ano e que confiava que os alunos iriam mostrar o que eles sabiam naquele momento, pois se a escola sáisse mal no Saresp, no outro ano teriam muito mais trabalho na escola.</p>	<p>Pedidos para que os alunos se dedicassem ao fazer o Saresp.</p> <p>Vice diretora fez o possível para os alunos e agora eles deveriam mostrar o que sabiam.</p> <p>Se a escola sáisse mal no Saresp traria muito trabalho para a escola.</p> <p>Confiança nos alunos.</p>	

	<p>no Saresp. Então, se o Saresp sair mal, como eles explicaram, então no outro ano vai dar um bom trabalho pra eles, né?</p> <p>BM3: Então vários professores vieram pedir pra gente. É Saresp, vocês conseguem. Tanto porque é mais interpretação, vocês não precisa tanto do <u>raciocínio</u>. Dê o melhor de vocês lá. Vieram pedir pra gente fazer do melhor jeito que a gente pudesse.</p>			
GA7.28	<p>BM4: Porque em 2008 a escola ficou abaixo da média, então queriam que este ano a gente se esforçasse bastante.</p>	<p><u>Abaixo da média</u>: Refere-se ao fato de a escola não ter atingido a meta de aumento do Idesp em 2008.</p>	<p>A depoente BM4 afirma que, pelo fato de a escola não ter atingido a meta de aumento do Idesp em 2008, queriam que os alunos se esforçassem bastante para atingir em 2010.</p>	<p>Escola não atingiu a meta em 2008.</p>
GA7.29	<p>BM5: Eles deram uma fichinha pra você preencher, do Saresp.</p> <p>BM4: Quem não preenchesse não ia pegar o <u>certificado de conclusão</u>.</p> <p>BM5: Falaram que quem não fizesse o Saresp não ia pegar o certificado de conclusão.</p> <p>BM5: Eu não lembro quem falou.</p> <p>BM4: Eu acho que foi a coordenadora ou a vice diretora.</p> <p>BM5: Foi uma das duas.</p> <p>BM3: Acho que foi um (?). Eles inventaram isso só pra gente fazer o</p>	<p><u>Certificado de conclusão</u>: Refere-se ao certificado de conclusão do Ensino Médio.</p>	<p>Os depoentes afirmam que foi dada uma ficha para que alunos preenchessem em relação ao Saresp, pois foi falado que quem não fizesse a prova, não pegaria o certificado de conclusão do Ensino Médio. Os alunos não se lembram quem falou isso, mas acham que inventaram esse fato somente para que os alunos fizessem o Saresp.</p>	<p>Foi falado que quem não fizesse o Saresp não pegaria o certificado de conclusão.</p> <p>Alunos acham isso invenção.</p>

GA7.30	<p>Saresp mesmo. E não ter nenhuma falta e, no desempenho lá... Alunos: Risos (concordando).</p> <p>BM4: Tem gente que <u>não</u> ta nem aí pra prova. Acho que deveria fazer quem ta interessado.</p> <p>BM3: Eu também acho que deveria selecionar quem ta a fim de fazer a prova e mostrar o que você aprender na escola para o governo. Pra, já explicaram, isso aqui não é realmente pra vocês, isso é pra escola, melhoraria pra escola, então quem ta a fim de explicar o que aprendeu pra escola. Tem muita gente que ta aqui, chance tem de aprender, mas sem vontade. E a escola não tem <u>culpa</u>, porque é da cabeça do aluno e ele traz da rua que ele não ta com vontade de aprender aqui. Tanto que outros conseguem aprender... No cursinho que a gente teve aqui... Então selecionar quem quer, quem ta a fim, chamar as pessoas que fazem a prova legal e daí sim, tirar um grupo legal e falar na minha escola o desempenho que eu pelo menos tentei passar pra eles é esse daqui, quem não fez, ou não estavam a fim de aprender ou não estavam a fim de fazer essa prova</p>	<p>Não ta nem aí: não se importa, não leva a sério, não se interessa.</p> <p>Culpa: responsabilidade por dano, mal, desastre causado a outrem; atitude ou ausência de atitude de que resulta, por ignorância ou descuido, dano, problema ou desastre para outrem.</p>	<p>Os alunos acham que deveria ser selecionado quem vai fazer a prova e mostrar o que aprendeu para o governo, já que existem alunos que não levam a sério o Saresp. O depoente BM3 relata que existem muitos alunos que possuem a chance de aprender, mas que não têm vontade, portanto a escola não tem culpa se esse aluno não aprende, já que ele não traz essa vontade de fora da escola. Por esse motivo, deveria se selecionar pessoas que querem fazer uma prova bem feita, para que se tenha o desempenho da escola em relação ao que se tentou ministrar de conteúdo.</p>	<p>Alunos não levam a sério o Saresp.</p> <p>Quem vai fazer a prova deveria ser selecionado.</p> <p>Escola não tem culpa se o aluno sem vontade não aprende.</p> <p>Selecionando se teria o desempenho em relação ao que se tentou ministrar de conteúdos.</p>
--------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

GA7.31	<p>mesmo.</p> <p>BM5: Pra mim é (importante) porque ele avalia o meu conhecimento perante os três anos que eu passei estudando aqui na escola.</p>		<p>O depoente BM5 acha o Saresp importante, pois avalia o conhecimento dele em relação aos três anos do Ensino Médio que passou estudando na escola.</p>	<p>Importância do Saresp em avaliar o desempenho do aluno no EM.</p>
GA7.32	<p>BM3: Eu penso assim, o Saresp é importante pra mim porque? Uma hora ou outra, no meu currículo, vai estar lá, eu estudei na escola tal, se essa escola tal, na época tiver com um grau tipo, ah, essa escola é boa, o índice deles no governo lá ta alto, tudo, então ele estudou na escola tal, é uma escola boa, então ele é um aluno esperto, se dedicou, se ele estudou lá, e lá é uma escola boa, ensina bem. Tem muita gente que pensa só assim. Então eu acredito que sim, que é importante. Porém, se essa prova fosse destacada mesmo, por aluno, e outras entidades tivessem acesso a isso: a escola B é uma escola boa por causa do Saresp. Senão pra mim não vale nada.</p>	<p>Currículo: documento em que se reúnem dados relativos às características pessoais, formação, experiência profissional e/ou trabalhos realizados por um candidato a emprego, atividade de autônomo, cargo específico etc.;</p> <p><i>curriculum vitae</i>.</p> <p>Grau: cada uma das posições, estágios que escalonam um processo ou uma ordem classificatória; situação, estado, considerado em relação a uma série de outros progressivamente superiores ou inferiores; classe, categoria; nível; ponto.</p> <p>Índice: Refere-se ao Idesp.</p>	<p>O depoente BM3 afirma que o Saresp é importante para ele, pois em seu currículo constará a escola em que estudou e se essa escola tiver um nível bom no Idesp, na época em que ele estudou nela, ele deve ser um aluno bom, esperto, que se dedicou. Porém, relata que a prova deveria ser mais destacada, com o resultado por aluno, e que outras entidades tivessem acesso a esse resultado, senão não vale de nada.</p>	<p>Saresp é importante por revelar o nível da escola.</p> <p>Se a escola tiver nível bom, vão saber que ele é um aluno bom.</p> <p>Se o Saresp não for destacado e mais entidades tiverem acesso a isso, Saresp não vale de nada.</p>
GA7.33	<p>BM4 : Eu concordo com o BM3 (GA7.32). Não tinha nem pensado nessa hipótese sobre a escola, tal, mas pensando bem é importante por causa da avaliação da escola, do</p>		<p>A depoente BM4 concorda com o depoente BM3 que o Saresp é importante por ser uma avaliação da escola e que no currículo constará o nome da escola. Porém, afirma que se</p>	<p>Concorda que o Saresp é importante pelo nome da escola.</p>

	nosso currículo, tá lá o nome da escola. Eu concordo com ele. Mas assim, se ele não tivesse falado, eu ia falar que não é importante, porque só tá avaliando a escola, pra mim... não seria importante, porque só tá avaliando a escola. BM4: Não está me avaliando.		ele não tivesse falado, ela diria que o Saresp não é importante para ela, pois só avalia a escola e não avalia a ela.	Se ele não tivesse falado, acharia que o Saresp não é importante pra ela, pois só avalia a escola.
GA7.34	BM3: O resultado por aluno. Aí sim ia valer alguma coisa. E o Saresp também deveria ser <u>modelo</u> vestibular: ah, esse aluno tirou uma boa nota no Saresp desse ano, nessa escola, mas eu acho que não é isso que eles faz, aí não é uma prova boa pra mim.	<u>Modelo</u> : tipo particular de determinado produto (p.ex., carro, televisão etc.); coisa ou pessoa que serve de imagem, forma ou padrão a ser imitado, ou como fonte de inspiração.	O depoente BM3 afirma que deveria sair o resultado por aluno para que o Saresp tivesse valor. Acha, também, que deveria ser inspirado no vestibular, ou seja, divulgando a nota do aluno naquele ano e naquela escola. Porém, acha que não é isso que é feito, portanto não acha que é uma boa prova.	Deveria vir resultado por aluno.  Saresp ser tipo vestibular: resultado por aluno e por escola.  Não acha que é uma boa prova.

Fonte: dados organizados pela autora.

### Quadro 80 - Análise Ideográfica grupo de alunos 8.

Nº US	Unidades de Sentido	Exerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US.
GA8.1	Os três alunos fizeram o Saresp na semana passada.		Os três alunos fizeram as provas do Saresp em 2010.	Participação no Saresp.
GA8.2	BM6: (Demorei) 2h30min, mais ou menos no primeiro dia, agora, no 2º dia eu demorei um pouco menos, umas 2 h, por aí. Ah, o 2º dia tava bem mais difícil a prova. Era tudo	Primeiro dia: 17 de novembro de 2010. Língua Portuguesa e Matemática. Segundo dia: 18 de novembro de 2010, com provas de	Os depoentes afirmam que terminaram as provas no primeiro dia em 1h30min, e no segundo dia demoraram mais tempo, já que tinha uma parte da prova que era aberta e a	Tempo que demoraram para fazer a prova.  Aluno esperando dentro da sala de aula.

	<p><u>escrito né?</u>          BM7: 1º dia foi 1h30min, mas no segundo dia tinha que prestar mais atenção aí foi 2h30min por aí.          BM6: Que nem no 1º dia eu terminei mais cedo a prova, eu só fiquei na sala porque não tinha nada para fazer lá fora então eu fiquei lá. Terminei antes do <u>tempo mínimo</u>. Aí fiquei lá dentro da sala <u>moscando</u> mesmo. Eles falaram que ia liberar antes, daí quando eles falaram que ia liberar só depois do intervalo, aí eu fiquei dentro da sala mesmo.</p>	<p>Ciências da Natureza e Redação.  <u>Escrito</u>: Refere-se a uma prova aberta, ou seja, na qual o aluno tem que escrever o raciocínio que o levou a determinadas respostas.  <u>Tempo mínimo</u>: O tempo mínimo que os alunos deveriam permanecer resolvendo a prova era de 1h30min.  <u>Moscar</u>: ficar pairando sem prestar atenção em nada.</p>	<p>Redação. O depoente BM6 relata que mesmo tendo terminado a prova antes do tempo mínimo ficou dentro da sala de aula esperando para entregar a prova, já que os alunos somente seriam liberados para irem embora para casa após o horário de intervalo.</p>	
GA8.3	<p>BM6: (No segundo dia) Redação... A <u>Matemática escrita</u>, tinha que fazer as contas, tudo, formular as contas.          BM6: 1º dia foi Matemática e Português.          BM7: 1º dia Matemática e Português, aí no 2º dia foi Sociologia, Filosofia, Física, Biologia e Redação.          BM6: No primeiro dia foi Português e Matemática e no segundo dia teve quase todas as matérias.</p>	<p><u>Matemática escrita</u>: prova aberta de Matemática.</p>	<p>Os depoentes BM6 e BM7 afirmam que no primeiro dia de prova foi cobrado Português e Matemática. Já no segundo dia, tinha Redação, prova aberta de Matemática e quase todas as outras matérias. Observar confusão em relação às matérias efetivamente cobradas no Saresp.</p>	<p>Matérias cobradas no Saresp.          Confusão de conteúdo.</p>
GA8.4	<p>BM7: A classe dele (tinha que fazer as contas na prova).          BM6: A minha.          BM6: Só. Os dois dias antes da</p>	<p><u>Reforço</u>: contribuição para a realização de uma tarefa; auxílio; aumento de força.</p>	<p>Os depoentes afirmam que apenas uma das salas da escola fez a prova aberta de Matemática e que dois dias antes do Saresp eles tiveram somente</p>	<p>Alunos tendo aulas de reforço de Matemática por conta da prova aberta.</p>

	<p>prova a gente teve tipo uma aula de reforço que veio do governo, só de Matemática, tivemos cinco aulas durante o dia só de matemática.</p> <p>BM6: (Com) a professora de Matemática mesmo.</p>		aulas de reforço de Matemática, com a própria professora.	
GA8.5	<p>BM7: Só o 3º X que vai (a Redação)...</p> <p>BM6: É, o 3º X vai pro Estado de São Paulo, pra Secretaria, alguma coisa assim.</p>		Os depoentes BM6 e BM7 afirmam que somente as Redações feitas em um dos 3 <sup>os</sup> será corrigida pela Secretaria do Estado, ou algo assim.	Somente as Redações de uma das classes.
GA8.6	<p>BM6: A maioria saiu no tempo mínimo. A hora limite era de 1h30min, deu 1h30min já estava todo mundo querendo sair já.</p> <p>BM7: É!</p>		Os depoentes relatam que a maioria dos alunos saiu da sala logo após transcorridos 1h30min de prova, ou seja, permaneceram na sala durante o tempo mínimo requisitado para a realização das provas.	Tempo que os alunos permaneceram realizando a prova.
GA8.7	<p>BM6: O 1º dia até dava pra entender, mas no 2º dia de Matemática foi bem mais difícil. 2º dia não dava pra fazer as contas porque algumas contas nós não chegou a aprender, algumas fórmulas.</p> <p>BM7 concorda com a cabeça.</p> <p>BM6: Agora, de Português deu pra fazer, tipo, como é que fala, o texto.</p> <p>A prova em si tinha umas coisas fora do que a gente aprendeu aqui.</p> <p>BM7: É, tinha umas que a gente lia e falava: o que é isso? Tinha umas que</p>	2º: segundo bimestre.	Os depoentes BM6 e BM7 relatam que a prova aplicada no 1º dia estava mais fácil que no segundo. Afirmam que a prova aberta de Matemática estava difícil. Afirmam que nas disciplinas que não tiveram professor durante o ano, tiveram maior dificuldade em responder a prova, como foi o caso de Matemática, já que ficaram sem professor durante quase dois bimestres, concluindo que foi a prova mais difícil.	Prova de Matemática difícil. 1º dia mais fácil que no 2º.

	<p>a gente nem sabia o que era aquilo e caiu na prova.</p> <p>BM6: De Física tinha umas perguntas difíceis, né?</p> <p>BM7: É. Não de todas tipo Física, Matemática, que a gente ficou sem professor, aí ficou meio... de Matemática.</p> <p>BM6: É, ficamos o 2º e mais da metade do 3º sem professor.</p> <p>BM7: Foi, sem professor.</p> <p>BM6 e BM7: A de Matemática foi a mais difícil!</p>			
GA8.8	<p>BM6: A escrita não dava pra chutar, você tinha que formular a conta mesmo. Daí foi cada um na sorte mesmo. Tentando fazer... Algumas a gente conseguia fazer, as outras deixava tudo em branco. Eu consegui fazer metade. Não tinha nenhuma alternativa, tinha um espaço para colocar as contas e o resultado. Tinha cinco perguntas.</p> <p>BM7: Tentar nós tentou! Mas tinha umas que não dava pra entender, tinha coisa que a gente não estudou, por falta de professor, né? Mas tinha umas que dava pra entender e a gente tentou fazer.</p>	<p><u>Escrita</u>: Refere-se à prova aberta de Matemática.</p> <p><u>Chutar</u>: No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente.</p>	<p>Os depoentes BM6 e BM7 afirmam que a prova aberta de Matemática foi composta por cinco questões que não possuíam alternativas, portanto todos os cálculos deviam ser expostos, impedindo o chute. Portanto, os alunos fizeram algumas e outras deixaram em branco, por não saber responder.</p>	<p>Prova aberta de Matemática.</p> <p>Responderam apenas as que sabiam, deixando algumas em branco.</p>
GA8.9	<p>BM6: O que mais prejudicou, foi que</p>	<p><u>De boa</u>: de modo fácil,</p>	<p>O depoente BM6 relata que os</p>	<p>Alunos prejudicados</p>



	nem ela falou, foi a falta de professor né? Porque assim, o pessoal de outra escola, eles fizeram o mesmo tipo de prova, o Saresp, e eles conseguiram fazer de boa. Eles tiveram professor, eles aprenderam. Agora, aqui na nossa escola. Ficamos dois bimestre sem professor de Matemática e de Geografia só chegou no começo do 3º bimestre.	prazeroso etc.; sem problemas, dificuldades ou descontentamento.	alunos da escola B foram prejudicados por não terem professores de Matemática e de Geografia durante dois bimestres no ano letivo de 2010. Afirma que em outra escola, onde os alunos tiveram professores durante todo o ano, o Saresp foi realizado sem problemas.	por falta de professores de Matemática e Geografia.
GA8.10	BM6: Não podia virar, nem conversar, nem nada. Tinha <u>fiscal</u> que ficava andando pelo meio da sala. Só pediam pra sair pra ir no banheiro, coisa assim. Aí chamava alguém pra ir junto, ia junto. O fiscal ficava sempre andando entre as carteiras olhando pra ninguém conversar, virar pra trás e conversar. BM7: É.	<u>Virar</u> : Refere-se a virar na carteira. <u>Fiscal</u> : aquele que verifica o cumprimento de qualquer ordem, regulamento ou determinação; inspetor, fiscalizador.	Os depoentes afirmam que não era permitido conversar durante a prova. Relatam que para ir ao banheiro era necessário pedir ao fiscal que ficava andando o tempo todo pela sala de aula, sendo que, então, chamava-se alguém para acompanhar o aluno até o banheiro.	Não podia conversar na prova. Acompanhamento para ir ao banheiro.
GA8.11	BM6: O governo, as perguntas estavam todas <u>embaralhadas</u> . E cada <u>caderno</u> tinha uma numeração e já vinha com o nome já. Por exemplo, a minha pergunta 1, na prova dela poderia ser a pergunta 3. Daí vai embaralhando as perguntas, de um caderno para o outro. BM7: É. Dava pra ver, mas ela era diferente. Quem tentou <u>colar</u> , se deu	<u>Embaralhar</u> : pôr fora de ordem; desarrumar; confundir (-se), misturar (-se). <u>Caderno</u> : Caderno de provas. <u>Colar</u> : copiar, ouvir de outrem ou ter consigo indevidamente (o examinando) as soluções dos problemas propostos em exame escrito, para, por esses	Os depoentes afirmam que as provas eram diferentes, com as questões colocadas em ordem distinta nos cadernos. Dessa maneira, não era possível a cola, mesmo sendo possível enxergar as provas de quem estava sentado perto.	Provas diferentes. Não dava para colar.

	mal. (As carteiras) não são tão perto assim, mas dá pra ver a do outro, do lado.	meios, ter o desempenho de um bom aluno.		
GA8.12	Os alunos afirmam que não podia consultar nenhum material.		Os alunos afirmam que não podia consultar nenhum material.	Não podia consultar material.
GA8.13	BM6: As perguntas são formuladas de forma diferente (entre as provas do professor e do Saresp). O problema é esse, né? Quando não tem professor, aí você não consegue entender algumas fórmulas, você não aprende, aí vem Saresp, essas coisas, daí você fala que não sabe. Mas se tivesse professor, eles explicam tudo direitinho, mas às vezes mesmo assim, não dá pra fazer. É difícil. Que nem, vamos supor, você perdeu uma aula assim, eles explicam alguma coisa, aí não dá pra repor, na aula depois quando eu vim, eles não vão explicar isso aí de novo. Aí quando tem prova, alguma coisa assim, aí fica difícil de fazer. BM7: São diferentes, né? Porque na sala a gente estuda uma coisa, aí chega na hora do Saresp e é diferente, você fica sem saber o que fazer, sabe? É diferente, vem mais difícil do que a gente estuda.	Fórmula: expressão concisa e rigorosa, constituída em geral de símbolos, que resume certo número de dados.	Os depoentes relatam que a falta de professores faz com que os alunos não saibam determinados conteúdos que são cobrados no Saresp. Afirgam que o modo como as perguntas são formuladas na prova que o professor aplica são diferentes da formulação do professor em sala de aula, sendo que o Saresp é mais difícil, já que o professor explica tudo em relação à prova anteriormente.	Falta de professor prejudica na hora do Saresp. Saresp é mais difícil. Professor explica tudo antes da prova.

	<p>BM6: Bem mais difícil.          BM7: Sim.          BM7: É, dá pra entender mais (a do professor), porque o professor ta ali falando, explicando...          BM6: É, ele explica tudo antes, né?          BM6: O ano passado eu não cheguei a fazer o Saresp.          BM6: Eu tava no 3°.          BM6: (Reprovei) por falta mesmo.          BM6: Agora eu vou (passar).          BM6: Dúvida não, eu vou passar este ano. O ano passado é porque eu tava trabalhando e muitas vezes eu não conseguia me trocar pra poder vir pra escola, né? Eu tava fazendo um horário pesado.          BM6: Não, atualmente eu to desempregado. To só fazendo curso, essas coisas assim. Teve um mês que eu fiz vestibular. É difícil.</p>	<p>Reprovar por falta: O aluno é reprovado quando excede 25% de ausências nas aulas dadas e não faz a compensação das mesmas.</p>	<p>O depoente BM6 relata que repetiu a 3ª série do Ensino Médio em 2009 por excesso de ausências, já que trabalhava e não conseguia chegar no horário correto à escola. Já em 2010, afirma que será promovido e que está desempregado.</p>	<p>BM6 repetiu 3ª série EM em 2009 por excesso de ausências. Será promovido em 2010.</p>
GA8.14			<p>O depoente BM6 relata que não teve retorno de seus resultados em nenhum Saresp que fez.</p>	<p>Falta de retorno dos resultados;</p>
GA8.15	<p>BM6: Nenhum Saresp que eu fiz eu tive retorno para saber o resultado.</p>	<p>Focar: por em foco; enfocar, focar; dar destaque a; concentrar-se em.</p>	<p>A depoente BM7 acha que o Saresp serve para se verificar se o que deve ser aprendido na escola é o que de fato está se fazendo nas salas de aula, além de verificar como está o desenvolvimento do aluno em</p>	<p>Saresp verifica se o que deve ser aprendido na escola é o que de fato está se fazendo nas salas de aula.</p>
GA8.16	<p>BM7: O Saresp é pra ver se a gente ta <u>focado</u> naquilo que a gente estudou, ver o que a gente aprende na escola ta sendo a mesma coisa que a gente faz em sala de aula, pra ver o desenvolvimento da gente,</p>			

	como a gente ta se desenvolvendo na matéria, como a gente ta indo, o que a gente aprendeu no ano todo...		relação às matérias trabalhadas na escola.	
GA8.17	BM6: Eu acho que é um teste pra avaliar os alunos, pra ver o que eles aprenderam, é isso.	Teste: lista de perguntas orais e/ou escritas para avaliar os conhecimentos de um estudante, de um candidato a um concurso etc.	O depoente BM6 acha que o Saresp é um teste para avaliar o que os alunos aprenderam.	Saresp é um teste para avaliar conhecimento dos alunos.
GA8.18	BM6: A única coisa que eles falaram é que era assim, pra gente sentar lá com calma e fazer o que você sabe e o que você não sabe tenta fazer do mesmo jeito. BM7: É, falaram que era pra gente se concentrar, que não precisava se afobar, fazer direito, ler, prestar atenção... BM6: Que não precisava fazer correndo...		Os depoentes relatam que na escola B foi falado para os alunos realizarem as provas do Saresp com calma, ler as questões, prestar atenção e tentar fazer a prova toda.	Foi falado para que os alunos fizessem a prova com calma e atenção.
GA8.19	BM6: Ah, uma vez, um colega meu na 8ª série, ele perdeu o Saresp, ele não chegou a fazer, quando ele foi pegar, como fala... a <u>declaração escolar</u> , uma coisa assim, coisa de serviço lá, aí tinha por série o que nós fez, e aí tava tudo <u>zerado</u> porque ele não tinha feito o Saresp. BM6: Ele teve que fazer a prova, acho, sei lá o que ele fez lá, daí depois ele conseguiu pegar a	<u>Declaração escolar</u> : Refere-se ao histórico escolar. <u>Zerado</u> : Com notas zero nas matérias.	O depoente BM6 relata que um colega dele não fez o Saresp e quando foi pegar o Histórico Escolar estava com notas zero em todas as matérias, pelo fato de não ter feito a prova. Acha que ele teve que fazer a prova para conseguir pegar o Histórico.	Caso de aluno que ficou com o histórico com zeros pois não fez o Saresp.

GA8.20	<p>declaração.</p> <p>BM7: Pra ver se os alunos estão focados, se eles estão sabendo mesmo, se... Por quê? Pra mim o Saresp serve pra... quando você sair da escola o que você vai fazer sem saber nada? Você não vai ter um emprego que você quer ou um emprego que você queira fazer... Mesmo que seja assim, que nem falam: pedreiro, que não precisa de estudo. Mas claro que precisa. Tudo que a gente vai fazer, vai entrar Matemática, vai entrar Ciências, vai entrar tudo! Física, Matemática, em tudo que você faz tem alguma matéria que você precisa saber.</p>		<p>A depoente BM7 acha que o Saresp serve para verificar o que os alunos estão aprendendo, já que depois que deixarem a escola, precisarão de todos os conhecimentos adquiridos nela.</p>	<p>Saresp verifica o conhecimento dos alunos.</p> <p>Importância do saber escolar.</p>
GA8.21	<p>BM6: Deve ser obrigatório, mas que nem, pra avaliar os alunos é bom, serve pra ajudar o governo a avaliar os alunos. Mas por outro lado, assim, nós ficou sem professor, aí fica difícil pra nós fazer e aprender alguma coisa. Por exemplo, nós fizemos a prova sem saber. Com certeza a maioria foi mal no Saresp. Seria o caso de ter pelo menos um reforço, uma base...</p> <p>BM6: Eu acho que deveria ter as aulas que a gente não teve pra poder</p>		<p>Os depoentes acham que o Saresp ajuda o governo a avaliar os alunos, porém no caso de eles terem ficado sem professor, fizeram a prova sem saber, portanto acham que a maioria não se saiu bem no Saresp. Dessa forma, acreditam que seriam importantes aulas de reforço para que recuperassem o tempo perdido.</p>	<p>Saresp ajuda o governo a avaliar os alunos.</p> <p>No caso de falta de professor deveria ter aulas de reforço.</p>

GA8.22	recuperar o tempo perdido, a matéria, que no caso nós fez sem saber fazer. BM6: Na minha opinião ele é importante porque serve até pra mim olhar meu próprio conhecimento. Por outro lado, no caso da professora que faltou, daí fica difícil aprender e a matéria perdida, tudo, fica mais difícil também. De vez em quando vinha substituto e ia dar continuidade na matéria e daí ele passava uma coisa que não tinha nada a ver com o que o outro tava passando antes. Daí às vezes confundia a cabeça também.		O depoente BM6 acha o Saresp importante para que ele olhe para seu próprio conhecimento. Por outro lado, quando há falta de professor relata que fica difícil aprender, pois os substitutos não conseguem dar continuidade na matéria, pois mudam constantemente.	Saresp é importante para auto avaliação. Falta de professor é um problema.
GA8.23	BM7: Pra mim o Saresp é importante porque é com ele que a gente desenvolve nosso conhecimento. Porque a gente vai aprender, o que a gente aprendeu a gente vai passar pro Saresp. A gente vai <u>passar</u> o nosso conhecimento, o que a gente sabe, o que a gente aprendeu.	<u>Passar</u> : Colocar na prova.	A depoente BM7 acha que o Saresp é importante, pois, por meio dele os alunos mostram o conhecimento que aprenderam.	Alunos mostram no Saresp o conhecimento que aprenderam.

Fonte: dados organizados pela autora.

### Quadro 81 - Análise Ideográfica grupo de alunos 9.

Nº US	Unidades de Sentido	Enxerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US.
GA9.1	A depoente fez o Saresp semana passada.		A depoente AM1 participou das provas do Saresp em 2010.	Participação no Saresp.
GA9.2	<p>AM1: Eu demorei um pouquinho mais que o <u>segundo</u>. Eu comecei a prova umas 7h:20min e terminei umas 9h:40min, umas 10 horas, por aí.</p> <p>AM1: No <u>outro dia</u> (primeiro) demorei bem menos. Acho que fui embora umas 9h:20min, por aí.</p> <p>AM1: Tinha passado uma hora e meia assim, daí eu tinha terminado, terminei a Redação, daí eu fui embora. Porque eram menos questões também, né?</p>	<p><u>Primeiro dia</u>: 17 de novembro de 2010. Língua Portuguesa e Matemática.</p> <p><u>Segundo dia</u>: 18 de novembro de 2010, com provas de Ciências da Natureza e Redação.</p>	A depoente AM1 afirma que demorou mais no primeiro dia de prova, tendo permanecido na sala em torno de 2h30min. Já no segundo dia, ficou 2h.	Tempo que permaneceu fazendo a prova.
GA9.3	<p>AM1: No primeiro (dia), foi História, Geografia, Biologia, essas matérias...</p> <p>AM1: (No segundo dia) Foi Português, Matemática e Redação.</p>		A depoente AM1 relata que no primeiro dia de prova foi História, Geografia, Biologia e outras matérias do mesmo tipo. Já no segundo dia foi Português, Matemática e Redação. Observar confusão.	<p>Conteúdos cobrados nas provas.</p> <p>Observar confusão com as provas de fato aplicadas.</p>
GA9.4	<p>AM1: Deu pra responder, assim, <u>numa</u> boa. Tava normal.</p> <p>AM1: Por mais que estivesse cansativo, os textos eram grandes, as perguntas também, mas deu pra entender bastante.</p>	<p><u>Numa</u> boa: tranquilamente, com facilidade.</p>	A depoente AM1 afirma que foi tranquilo responder as questões do Saresp, por mais que os textos e as perguntas estivessem grandes, o que tornou a prova cansativa.	<p>Prova tranquila de responder.</p> <p>Textos grandes, prova cansativa.</p>
GA9.5	AM1: Ai, eu não gosto de Matemática e também não sou muito boa. Então	<p><u>Chutar</u>: No texto, usado no sentido de escolher uma</p>	A depoente AM1 afirma não gostar de Matemática, e não ser boa nessa	Chutou muitas de Matemática.

	<p>daquele jeito, sabe, algumas eu chutei, muitas eu chutei          AM1: Tentei, mas as contas nunca davam resultado, então...</p>	<p>alternativa ao acaso, aleatoriamente.</p>	<p>disciplina, portanto chutou aquelas questões que tentou, mas não obteve resultados. Afirma que foram muitas.</p>	<p>Não gosta e não é boa em Matemática.</p>
GA9.6	<p>AM1: Não (podia conversar). Nem emprestar material, nada.          AM1: Por mais que o <u>fiscal</u> falasse que não podia, que pedisse atenção, pra ficar quieto... é difícil o pessoal respeitar.          AM1: Ah, porque a prova estava meio fácil. Então o povo falava assim: nossa, mas que pergunta <u>idiota</u>, que pergunta <u>besta</u>. Aí você começa a dar risada, aí tinha gente que pedia <u>cola</u>, por mais que os cadernos diferentes, com os números diferentes, mas eles perguntavam alguma coisa assim, sabe, desse jeito.</p>	<p><u>Fiscal</u>: aquele que verifica o cumprimento de qualquer ordem, regulamento ou determinação; inspetor, fiscalizador.  <u>Idiota</u>: que denota falta de inteligência, de discernimento; parado, estúpido, imbecilizado; que não tem valor, sem interesse, sem sentido.  <u>Besta</u>: Mesmo que idiota, no contexto.  <u>Cola</u>: ato de um estudante copiar respostas num lembrete fraudulento para usar num exame escrito; ato de copiar respostas de algum colega, de maneira fraudulenta.</p>	<p>A depoente AM1 afirma que não podia conversar durante a prova e nem emprestar material de ninguém. Porém, relata que os alunos não respeitavam o que o fiscal de prova falava, pedindo silêncio, pois a prova estava fácil. Dessa forma, o pessoal comentava jocosamente sobre as questões com conteúdos sem inteligência, provocando risos na classe. Além disso, por mais que os cadernos de prova fossem diferentes, pediam cola para os colegas.</p>	<p>Não podia conversar nem pedir material durante a prova.          Pessoal não respeitou.          Comentários jocosos, prova fácil.          Pedidos de cola.          Provas diferentes.</p>
GA9.7	<p>AM1: Ah, (atrapalhou) um pouco né? Porque você perde a <u>concentração</u>, por mais que estivesse fácil, você tem que começar ler de novo e acaba perdendo tempo também, né?</p>	<p><u>Concentração</u>: ato ou efeito de orientar a atenção ou as energias para um tema ou objetivo determinado.</p>	<p>A depoente AM1 afirma que devido a conversas durante a prova, ela perdia a concentração nas questões e tinha que começar a ler novamente, perdendo tempo.</p>	<p>Conversas atrapalham a concentração durante a prova.</p>
GA9.8	<p>AM1: Porque no Saresp cai várias outras</p>		<p>A depoente AM1 afirma que na prova</p>	<p>Prova do</p>



	matérias dentro da Matemática, vários outros assuntos. Na prova que o professor dá, só cai o que ele ensinou no bimestre, coisas mais difíceis que no Saresp. Bem diferente.		que o professor passa na sala de aula são cobrados conteúdos que ele ministrou durante o bimestre, já no Saresp são abordados outros assuntos, mesmo dentro da Matemática.	professor são abordados assuntos do bimestre.  Saresp cai mais coisas.
GA9.9	AM1: Ele usava (o <u>caderninho</u> ) no começo do ano passado, este ano bem no <u>comecinho</u> , sabe? Mas ele falou que não é muito bom aquele caderno, sabe? Eles fogem muito da série, do que é pra gente estudar mesmo. Aí ele prefere usar as coisas que ele acha mais conveniente. AM1: Usa livro... Alguns exercícios que ele traz...	<u>Caderninho</u> : Material enviado pelo Estado às escolas, referentes ao currículo obrigatório.	A aluna AM1 afirma que o professor de Matemática usava o material referente ao Currículo do Estado apenas no começo do ano, porém ele falou que o material não é bom, pois foge do conteúdo que eles devem estudar na série. Portanto ele prefere usar livro e exercícios que traz de casa.	Uso do caderninho apenas no começo do ano.
GA9.10	AM1: O pessoal hoje em dia <u>não tá</u> mais <u>nem aí</u> com o Saresp, porque... AM1: Ah, eu acho que não tá tão mais... Eles tiraram essa <u>fantasia</u> de que se você não passar no Saresp, não tirar uma boa nota, você não vai passar de ano, vai repetir. Até porque as notas que a gente tira no Saresp a gente não sabe até hoje. Desde, de todos os Saresp que a gente fez, a gente nunca sabe pra onde vai, o que aconteceu, a nossa nota... Não sabe de nada. AM1: Eu não lembro de ter acesso às notas, à Redação, nada!	<u>Não estar nem aí</u> : não se importar. <u>Fantasia</u> : faculdade de imaginar, de criar pela imaginação; obra criada pela imaginação.	A aluna AM1 relata que atualmente as pessoas não se importam mais com o Saresp, pois foi abandonada a ideia de que se o aluno não tirar uma boa nota nessa prova ele não será aprovado para o próximo ano letivo. Isso ocorreu, pois de todos os Saresp que a depoente participou, afirma que não teve acesso às notas de nenhum.	Ninguém se importa com o Saresp.  Alunos esqueceram a ideia de que Saresp reprova.  Alunos não têm acesso às notas do Saresp.

GA9.11	<p>AM1: Eu acho um <u>direito</u> nosso. Entendeu? Porque se eles vão aplicar a prova, a gente tem todo direito de saber como a gente foi, porque sempre fica a dúvida. Nossa, na sexta série, eu era uma... Mas eu tinha vontade de saber como eu fui, na oitava, na sexta, agora no terceiro, e eu não tenho acesso. É complicado.</p>	<p><u>Direito</u>: o que é justo, correto, bom; prerrogativa legal (para impor a outrem alguma medida, procedimento etc.).</p>	<p>A aluna AM1 afirma ser direito dos alunos terem acesso ao desempenho individual na prova do Saresp, afinal foram eles que fizeram a prova. Ela afirma que desde o 7º ano quer saber seu desempenho e não sabe.</p>	<p>É direito dos alunos terem acesso aos resultados individuais.</p>
GA9.12	<p>AM1: Teve um <u>Sarespinho</u> uma semana antes. AM1: Acho que valia um ponto. Ou assim, teve professores que falaram: se a maioria da sala for bem, a gente considera essa nota do 4º bimestre, mas se não for, a gente coloca um ponto na média. Até no Saresp, eles colocaram um ponto a mais, sabe?</p>	<p><u>Sarespinho</u>: <u>Simulado</u> do Saresp. <u>Simulado</u>: Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino.</p>	<p>A depoente AM1 afirma que uma semana antes do Saresp teve um simulado, o Sarespinho, que valeu ponto na média final. Inclusive para quem fez o Saresp teve ponto na nota final.</p>	<p>Simulado valendo ponto. Saresp valendo ponto.</p>
GA9.13	<p>AM1: Pra mim (o Saresp) é uma prova que o governo faz pra ver se a gente ta bem, eu acho que a educação no andamento que ta, eu acho que eles escondem porque o resultado ia ser muito <u>feito</u>. Muito feito mesmo.</p>	<p><u>Feito</u>: difícil de suportar; desventuroso, triste, grave, sério.</p>	<p>A depoente AM1 afirma que o Saresp é uma prova que o governo faz para ver se os alunos estão bem. Porém, relata que conforme observa a educação, acha que escondem os resultados, pois senão iriam ser muito graves.</p>	<p>Saresp é prova para ver se os alunos estão bem. Acha que o resultado é omitido.</p>
GA9.14	<p>AM1: (Escondem) As notas, <u>como a gente foi</u>, porque eu acho que nem os professores têm acesso a isso. Então eu acho que é para eles verem como está o</p>	<p>Como a gente foi: O desempenho alcançado. <u>Especular</u>: estudar com atenção, detalhadamente</p>	<p>A aluna AM1 afirma que eles escondem os resultados, pois nem os professores têm acesso. Ela acha que o Saresp é feito para verificar o</p>	<p>Nem professores têm acesso aos resultados.</p>

	andamento das coisas, e também pra ficar especulando um pouco nossa vida, né? Porque aquele <u>questionário</u> que eles mandam antes, pergunta até a cor da nossa calcinha, quase.	(algo), do ponto de vista teórico; pesquisar, investigar. <u>Questionário</u> : Questionários de Contexto aplicados aos alunos e pais.	andamento da educação e investigar a vida dos alunos, já que o questionário de contexto pergunta detalhes da vida pessoal.	Questionário de contexto investiga vida do aluno.
GA9.15	AMI: O (questionário) da 8ª série foi junto com a prova. Mas desse ano veio bem antes. Daí eles pediram pra gente entregar, tudo. Acho que veio uns 2 meses antes do Saresp. A gente teve que levar pra casa, uma parte era para os pais, uma parte era do aluno. Eles tiveram que responder e entregar.		A depoente AMI relata que o questionário de contexto veio uns dois meses antes do Saresp, pois os alunos tiveram que levar para casa, já que uma parte era para os pais responderem, e depois entregar na escola. No 9º ano o questionário veio junto com a prova.	Questionário de contexto veio antes do Saresp.
GA9.16	AMI: Se tiver muita falta assim, se repetir em mais de três matérias, você ainda vai pro <u>conselho</u> . Mas eu acho que é só quando a situação está bem feia mesmo, que não dá pra <u>correr atrás</u> , aí você reprova. Mas é muito difícil de reprovar alguém. O cara tem que ser muito bom pra conseguir reprovar.	<u>Conselho</u> : Conselho de Classe e Série feito no final do ano delibera, segundo critérios, sobre a aprovação ou reprovação do aluno. <u>Correr atrás</u> : Se esforçar para.	A depoente AMI afirma que é muito difícil reprovar alguém no Ensino Médio, os alunos são reprovados apenas em situações muito graves, pois mesmo reprovando em mais de três matérias e possuindo muitas faltas o aluno ainda vai para o Conselho e pode ser aprovado.	Muito difícil reprovar aluno no EM.
GA9.17	AMI: Eu acho muito errado. Mas desde o começo, desde a 5ª série, eu acho que eles deveriam dar um pouquinho mais de atenção para a educação. Porque hoje é assim, se você é bom, você vai estudar, mas não é assim também que funciona, né? Eu acho que se um aluno daqui for tentar uma universidade bem difícil, sabe,	<u>Cursinho</u> : Cursinho preparatório para prestar vestibulares.	A depoente AMI acha errado quase não reprovarem alunos, ela acha que se um aluno da escola A for prestar um vestibular em uma Universidade concorrida dificilmente ele passará, mesmo que estude e faça cursinho. Acha que deveria ser dada mais atenção para a educação desde o 6º ano.	Acha errado não reprovar. Aluno da escola A não passará em vestibular. Mais atenção

	vão ser poucas as chances dele passar. Por mais que ele estude e faça cursinho.				para educação.
GA9.18	AMI: Nossa, nem se compara ao Saresp (o Enem). É muito... assim, dava pra responder também, textos grandes, perguntas... Mas era uma prova assim, que tinha <u>nexo</u> , não eram aquelas perguntas idiotas, tava até legal de fazer a prova. Tinha aquelas muito difíceis, mas tava legal.	<u>Nexo</u> : junção entre duas ou mais coisas; ligação, vínculo, união; ligação entre situações, acontecimentos ou idéias; coerência.	A depoente AMI afirma que a prova do Enem também possuía textos longos, porém as questões não eram bobas como no Saresp e a prova tinha coerência. Relata que algumas questões eram difíceis, mas que em geral estava legal de fazer o Enem.	A depoente AMI afirma que se a educação fosse boa e as informações do Saresp fossem abertas, ele valeria à pena. Porém, acha que atualmente o Saresp é uma desculpa para a aplicação do Questionário de Contexto e investigar a vida do brasileiro.	Comparação Enem e Saresp.
GA9.19	AMI: É o que eu disse, se a educação fosse boa hoje em dia eu acho que valeria a pena (o Saresp). O Saresp também, se ele fosse aberto, as informações, as provas. Mas hoje em dia eu acho que é mais uma desculpa pra dar aquele questionário pra ficar especulando nossa vida, sabe? Saber quantas TVs a gente tem em casa, saber como está a vida do brasileiro. AMI: Pra mim não fez diferença nenhuma (o Saresp).	<u>Valer a pena</u> : merecer o esforço, a preocupação; ser vantajoso, útil; compensar. <u>Aberto</u> : que se encontra descoberto, exposto; que permite entrar, sair ou ver, por não apresentar obstáculos; desimpedido, desobstruído; cuja entrada é permitida a todos.	A depoente AMI afirma que se a educação fosse boa e as informações do Saresp fossem abertas, ele valeria à pena. Porém, acha que atualmente o Saresp é uma desculpa para a aplicação do Questionário de Contexto e investigar a vida do brasileiro.	Se a educação fosse boa e informações abertas o Saresp valeria a pena. Saresp é desculpa para aplicar o Questionário.	
GA9.20	AMI: Ah, eu tento, assim, que nem de Inglês, de Português, as matérias que eu vou melhor, eu até me esforço, mas Matemática, eu tento algumas vezes, mas se eu vi que <u>não vai</u> , eu chuto.	<u>Não vai</u> : Não consegue.	A depoente AMI afirma que se esforça para resolver as questões relativas às matérias que vai bem, porém em Matemática ela tenta algumas vezes, e se não consegue, chuta.	Em Matemática tenta e se não consegue, chuta.	
GA9.21	AMI: Ah, eu acho que eles também não acham importante, porque, sabe, perguntas bestas, eles ficaram		A aluna AMI acredita que os demais alunos da classe também não acham o Saresp importante, pois as perguntas	Demais alunos também não acham o Saresp	

	conversando durante, dando risada das questões, então...		são bobas e eles ficam conversando e rindo durante a prova.	importante. Risos durante a prova.
GA9.22	AM1: Ah, tipo, o que é <u>planificação</u> , em Matemática? É tipo um desenho pra montar uma figura geométrica, você tem que recortar e colar. No terceiro ano, uma pergunta dessa? Poxa, isso é uma pergunta de 5ª, 6ª série. Seria um grau de dificuldade maior pra eles, mas pra gente não. Entendeu? Perguntas assim, sabe? Algumas perguntas de interpretar texto, também, que estão ali na cara, sabe? É muito chato de responder essas coisas. Você não <u>quebra a cabeça</u> . Sabe, então a gente vai passando empurrada, assim....	<u>Planificação</u> : representação em plano de um sólido geométrico. <u>Estar na cara</u> : ser óbvio. <u>Quebrar a cabeça</u> : concentrar-se demoradamente na resolução de um caso ou de um problema.	A depoente AM1 relata que perguntas bobas são aquelas com um nível de dificuldade inferior à 3ª série do Ensino Médio, como questões acerca de planificação de figuras geométricas ou de interpretação de texto com a resposta óbvia; questões que não requerem muita concentração para serem respondidas.	Perguntas bobas são as que possuem um nível de dificuldade baixo.
GA9.23	AM1: A Redação o tema foi da... Ah, não lembro o tema da Redação... Ah, foi de... bater, isso, as <u>palmas</u> ... Ah, é um tema atual né? AM1: Era um artigo de opinião. E depois tinha que dar a <u>solução no final</u> .	<u>Palmas</u> : Refere-se ao fato do dilema se os pais têm ou não o direito de dar palmas nos filhos.	A depoente AM1 relata que o tema da Redação foi sobre as palmadas dos pais nos filhos, e o gênero textual era um artigo de opinião.	Tema da Redação.
GA9.24	AM1: A diretora meio difícil ela passar nas salas aqui... Os professores meio que <u>lavaram as mãos</u> sabe? Então assim: olha, vai ter Saresp dia 16, vocês vêm, fazem, só isso, não falaram mais nada.	<u>Lavar as mãos</u> : eximir-se de qualquer responsabilidade, furtar-se às consequências.	A depoente AM1 relata que dificilmente a diretora passa nas salas de aula. Afirma que, em relação ao Saresp, os professores eximiram-se da responsabilidade, apenas avisando os alunos que deveriam fazer a prova.	Diretora não passa nas salas de aula. Professores somente avisaram que ia

GA9.25	AM1: Olha, teve uma menina da minha sala que faltou no primeiro dia. Aí no segundo dia ela foi, não aconteceu nada, ela assinou no <u>gabarito</u> normal, acho que pra ela não aconteceu nada.	Gabarito: tabela das respostas corretas às questões de uma prova. Neste caso, os alunos se referem à folha de respostas onde deveriam assinalar as alternativas escolhidas como correta para cada questão. <u>Sub</u> : no sentido de inferior, abaixo. <u>Deixar a desejar</u> : Ficar aquém do esperado; aquém do que poderia estar.	A depoente AM1 relata que uma aluna da sala faltou no primeiro dia e no segundo dia de prova ela foi e não aconteceu nada: assinou a folha de respostas normalmente.	ter Saresp. Aluna que faltou e não aconteceu nada.
GA9.26	AM1: Ah, acho que é como eu falei, se eles não derem um pouco mais de atenção para a educação, o Brasil nunca mais vai sair desse <u>sub</u> que ele está há tanto tempo. Eu acho que se quisesse ser uma potência mundial um dia, eu acho que a primeira coisa que eles têm que fazer é prestar atenção na educação. Porque está <u>deixando</u> muito <u>a desejar</u> , muito mesmo	<u>Sub</u> : no sentido de inferior, abaixo. <u>Deixar a desejar</u> : Ficar aquém do esperado; aquém do que poderia estar.	A depoente AM1 acha que deve ser dada mais atenção à educação, senão o Brasil nunca será uma potência mundial. Afirma que a educação está muito aquém do esperado.	Mais atenção para a educação para o Brasil ser potência mundial.  Educação está aquém do esperado.

Nº US	Unidades de Sentido	Exerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US.
GA9.1	A depoente fez o Saresp semana passada.		A depoente AM1 participou das provas do Saresp em 2010.	Participação no Saresp.
GA9.2	AM1: Eu demorei um pouquinho mais que o <u>segundo</u> . Eu comecei a prova umas 7h:20min e terminei umas 9h:40min, umas 10 horas, por aí. AM1: No <u>outro dia</u> (primeiro) demorei	<u>Primeiro dia</u> : 17 de novembro de 2010. Língua Portuguesa e Matemática. <u>Segundo dia</u> : 18 de novembro de 2010, com	A depoente AM1 afirma que demorou mais no primeiro dia de prova, tendo permanecido na sala em torno de 2h30min. Já no segundo dia, ficou 2h.	Tempo que permaneceu fazendo a prova.

	<p>bem menos. Acho que fui embora umas 9h:20min, por aí.</p> <p>AM1: Tinha passado uma hora e meia assim, daí eu tinha terminado, terminei a Redação, daí eu fui embora. Porque eram menos questões também, né?</p>	<p>provas de Ciências da Natureza e Redação.</p>		
GA9.3	<p>AM1: No primeiro (dia), foi História, Geografia, Biologia, essas matérias...</p> <p>AM1: (No segundo dia) Foi Português, Matemática e Redação.</p>		<p>A depoente AM1 relata que no primeiro dia de prova foi História, Geografia, Biologia e outras matérias do mesmo tipo. Já no segundo dia foi Português, Matemática e Redação.</p> <p>Observar confusão.</p>	<p>Conteúdos cobrados nas provas.</p> <p>Observar confusão com as provas de fato aplicadas.</p>
GA9.4	<p>AM1: Deu pra responder, assim, numa boa. Tava normal.</p> <p>AM1: Por mais que estivesse cansativo, os textos eram grandes, as perguntas também, mas deu pra entender bastante.</p>	<p>Numa boa: tranquilamente, com facilidade.</p>	<p>A depoente AM1 afirma que foi tranquilo responder as questões do Saresp, por mais que os textos e as perguntas estivessem grandes, o que tornou a prova cansativa.</p>	<p>Prova tranquila de responder.</p> <p>Textos grandes, prova cansativa.</p>
GA9.5	<p>AM1: Ai, eu não gosto de Matemática e também não sou muito boa. Então daquele jeito, sabe, algumas eu chutei, muitas eu chutei</p> <p>AM1: Tentei, mas as contas nunca davam resultado, então...</p>	<p>Chutar: No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente.</p>	<p>A depoente AM1 afirma não gostar de Matemática, e não ser boa nessa disciplina, portanto chutou aquelas questões que tentou, mas não obteve resultados. Afirma que foram muitas.</p>	<p>Chutou muitas de Matemática.</p> <p>Não gosta e não é boa em Matemática.</p>
GA9.6	<p>AM1: Não (podia conversar). Nem emprestar material, nada.</p> <p>AM1: Por mais que o fiscal falasse que não podia, que pedisse atenção, pra ficar quieto... é difícil o pessoal respeitar.</p>	<p>Fiscal: aquele que verifica o cumprimento de qualquer ordem, regulamentação ou determinação; inspetor, fiscalizador.</p>	<p>A depoente AM1 afirma que não podia conversar durante a prova e nem emprestar material de ninguém. Porém, relata que os alunos não respeitavam o que o fiscal de prova falava, pedindo</p>	<p>Não podia conversar nem pedir material durante a prova.</p>

	<p>AM1: Ah, porque a prova estava meio fácil. Então o povo falava assim: nossa, mas que pergunta <u>idiota</u>, que pergunta <u>besta</u>. Aí você começa a dar risada, aí tinha gente que pedia <u>cola</u>, por mais que os cadernos diferentes, com os números diferentes, mas eles perguntavam alguma coisa assim, sabe, desse jeito.</p>	<p><u>Idiota</u>: que denota falta de inteligência, de discernimento; parado, estúpido, imbecilizado; que não tem valor, sem interesse, sem sentido. <u>Besta</u>: Mesmo que idiota, no contexto. <u>Cola</u>: ato de um estudante copiar respostas num lembrete fraudulento para usar num exame escrito; ato de copiar respostas de algum colega, de maneira fraudulenta.</p>	<p>silêncio, pois a prova estava fácil. Dessa forma, o pessoal comentava jocosamente sobre as questões com conteúdos sem inteligência, provocando risos na classe. Além disso, por mais que os cadernos de prova fossem diferentes, pediam cola para os colegas.</p>	<p>Pessoal não respeitou. Comentários jocosos, prova fácil. Pedidos de cola. Provas diferentes.</p>
GA9.7	<p>AM1: Ah, (atrapalhou) um pouco né? Porque você perde a <u>concentração</u>, por mais que estivesse fácil, você tem que começar ler de novo e acaba perdendo tempo também, né?</p>	<p><u>Concentração</u>: ato ou efeito de orientar a atenção ou as energias para um tema ou objetivo determinado.</p>	<p>A depoente AM1 afirma que devido a conversas durante a prova, ela perdia a concentração nas questões e tinha que começar a ler novamente, perdendo tempo.</p>	<p>Conversas atrapalham a concentração durante a prova.</p>
GA9.8	<p>AM1: Porque no Saresp cai várias outras matérias dentro da Matemática, vários outros assuntos. Na prova que o professor dá, só cai o que ele ensinou no bimestre, coisas mais difíceis que no Saresp. Bem diferente.</p>		<p>A depoente AM1 afirma que na prova que o professor passa na sala de aula são cobrados conteúdos que ele ministrou durante o bimestre, já no Saresp são abordados outros assuntos, mesmo dentro da Matemática.</p>	<p>Prova do professor são abordados assuntos do bimestre. Saresp cai mais coisas.</p>
GA9.9	<p>AM1: Ele usava (o <u>caderninho</u>) no começo do ano passado, este ano bem no</p>	<p><u>Caderninho</u>: Material enviado pelo Estado às</p>	<p>A aluna AM1 afirma que o professor de Matemática usava o material referente</p>	<p>Uso do caderninho</p>



	<p>comecinho, sabe? Mas ele falou que não é muito bom aquele caderno, sabe? Eles fogem muito da série, do que é pra gente estudar mesmo. Aí ele prefere usar as coisas que ele acha mais conveniente. AM1: Usa livro... Alguns exercícios que ele traz...</p>	<p>escolas, referentes ao currículo obrigatório.</p>	<p>ao Currículo do Estado apenas no começo do ano, porém ele falou que o material não é bom, pois foge do conteúdo que eles devem estudar na série. Portanto ele prefere usar livro e exercícios que traz de casa.</p>	<p>apenas no começo do ano.</p>
GA9.10	<p>AM1: O pessoal hoje em dia <u>não tá</u> mais nem aí com o Saresp, porque... AM1: Ah, eu acho que não tá tão mais... Eles tiraram essa <u>fantasia</u> de que se você não passar no Saresp, não tirar uma boa nota, você não vai passar de ano, vai repetir. Até porque as notas que a gente tira no Saresp a gente não sabe até hoje. Desde, de todos os Saresp que a gente fez, a gente nunca sabe pra onde vai, o que aconteceu, a nossa nota... Não sabe de nada. AM1: Eu não lembro de ter acesso às notas, à Redação, nada!</p>	<p><u>Não estar nem aí</u>: não se importar. <u>Fantasia</u>: faculdade de imaginar, de criar pela imaginação; obra criada pela imaginação.</p>	<p>A aluna AM1 relata que atualmente as pessoas não se importam mais com o Saresp, pois foi abandonada a ideia de que se o aluno não tirar uma boa nota nessa prova ele não será aprovado para o próximo ano letivo. Isso ocorreu, pois de todos os Saresp que a depoente participou, afirma que não teve acesso às notas de nenhum.</p>	<p>Ninguém se importa com o Saresp. Alunos esqueceram a ideia de que Saresp reprova. Alunos não têm acesso às notas do Saresp.</p>
GA9.11	<p>AM1: Eu acho um <u>direito</u> nosso. Entendeu? Porque se eles vão aplicar a prova, a gente tem todo direito de saber como a gente foi, porque sempre fica a dúvida. Nossa, na sexta série, eu era uma... Mas eu tinha vontade de saber como eu fui, na oitava, na sexta, agora no terceiro, e eu não tenho acesso. É complicado.</p>	<p><u>Direito</u>: o que é justo, correto, bom; prerrogativa legal (para impor a outrem alguma medida, procedimento etc.).</p>	<p>A aluna AM1 afirma ser direito dos alunos terem acesso ao desempenho individual na prova do Saresp, afinal foram eles que fizeram a prova. Ela afirma que desde o 7º ano quer saber seu desempenho e não sabe.</p>	<p>É direito dos alunos terem acesso aos resultados individuais.</p>

GA9.12	<p>AM1: Teve um <u>Sarespinho</u> uma semana antes.</p> <p>AM1: Acho que valia um ponto. Ou assim, teve professores que falaram: se a maioria da sala for bem, a gente considera essa nota do 4º bimestre, mas se não for, a gente coloca um ponto na média. Até no Saresp, eles colocaram um ponto a mais, sabe?</p>	<p><u>Sarespinho</u>: <u>Simulado</u> do Saresp.</p> <p><u>Simulado</u>: Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino.</p>	<p>A depoente AM1 afirma que uma semana antes do Saresp teve um simulado, o Sarespinho, que valeu ponto na média final. Inclusive para quem fez o Saresp teve ponto na nota final.</p>	<p>Simulado valendo ponto.</p> <p>Saresp valendo ponto.</p>
GA9.13	<p>AM1: Pra mim (o Saresp) é uma prova que o governo faz pra ver se a gente ta bem, eu acho que a educação no andamento que ta, eu acho que eles escondem porque o resultado ia ser muito <u>feito</u>. Muito feito mesmo.</p>	<p><u>Feito</u>: difícil de suportar; desventuroso, triste, grave, sério.</p>	<p>A depoente AM1 afirma que o Saresp é uma prova que o governo faz para ver se os alunos estão bem. Porém, relata que conforme observa a educação, acha que escondem os resultados, pois senão iriam ser muito graves.</p>	<p>Saresp é prova para ver se os alunos estão bem.</p> <p>Acha que o resultado é omitido.</p>
GA9.14	<p>AM1: (Escondem) As notas, <u>como a gente foi</u>, porque eu acho que nem os professores têm acesso a isso. Então eu acho que é para eles verem como está o andamento das coisas, e também pra ficar <u>especulando</u> um pouco nossa vida, né? Porque aquele <u>questionário</u> que eles mandam antes, pergunta até a cor da nossa calcinha, quase.</p>	<p><u>Como a gente foi</u>: O desempenho alcançado.</p> <p><u>Especular</u>: estudar com atenção, detalhadamente (algo), do ponto de vista teórico; pesquisar, investigar.</p> <p><u>Questionário</u>: Questionários de Contexto aplicados aos alunos e pais.</p>	<p>A aluna AM1 afirma que eles escondem os resultados, pois nem os professores têm acesso. Ela acha que o Saresp é feito para verificar o andamento da educação e investigar a vida dos alunos, já que o questionário de contexto pergunta detalhes da vida pessoal.</p>	<p>Nem professores têm acesso aos resultados.</p> <p>Questionário de contexto investiga vida do aluno.</p>
GA9.15	<p>AM1: O (questionário) da 8ª série foi junto com a prova. Mas desse ano veio bem antes. Daí eles pediram pra gente</p>		<p>A depoente AM1 relata que o questionário de contexto veio uns dois meses antes do Saresp, pois os alunos</p>	<p>Questionário de contexto veio antes do Saresp.</p>

	entregar, tudo. Acho que veio uns 2 meses antes do Saresp. A gente teve que levar pra casa, uma parte era para os pais, uma parte era do aluno. Eles tiveram que responder e entregar.		tiveram que levar para casa, já que uma parte era para os pais responderem, e depois entregar na escola. No 9º ano o questionário veio junto com a prova.	
GA9.16	AMI: Se tiver muita falta assim, se repetir em mais de três matérias, você ainda vai pro conselho. Mas eu acho que é só quando a situação está bem feia mesmo, que não dá pra correr atrás, aí você reprova. Mas é muito difícil de reprovar alguém. O cara tem que ser muito bom pra conseguir reprovar.	<u>Conselho</u> : Conselho de Classe e Série feito no final do ano delibera, segundo critérios, sobre a aprovação ou reprovação do aluno. <u>Correr atrás</u> : Se esforçar para.	A depoente AMI afirma que é muito difícil reprovar alguém no Ensino Médio, os alunos são reprovados apenas em situações muito graves, pois mesmo reprovando em mais de três matérias e possuindo muitas faltas o aluno ainda vai para o Conselho e pode ser aprovado.	Muito difícil reprovar aluno no EM.
GA9.17	AMI: Eu acho muito errado. Mas desde o começo, desde a 5ª série, eu acho que eles deveriam dar um pouquinho mais de atenção para a educação. Porque hoje é assim, se você é bom, você vai estudar, mas não é assim também que funciona, né? Eu acho que se um aluno daqui for tentar uma universidade bem difícil, sabe, vão ser poucas as chances dele passar. Por mais que ele estude e faça <u>cursinho</u> .	<u>Cursinho</u> : Cursinho preparatório para prestar vestibulares.	A depoente AMI acha errado quase não reprovarem alunos, ela acha que se um aluno da escola A for prestar um vestibular em uma Universidade concorrida dificilmente ele passará, mesmo que estude e faça cursinho. Acha que deveria ser dada mais atenção para a educação desde o 6º ano.	Acha errado não reprovar. Aluno da escola A não passará em vestibular. Mais atenção para educação.
GA9.18	AMI: Nossa, nem se compara ao Saresp (o Enem). É muito... assim, dava pra responder também, textos grandes, perguntas... Mas era uma prova assim, que tinha <u>nexo</u> , não eram aquelas perguntas idiotas, tava até legal de fazer a prova. Tinha aquelas muito difíceis, mas	<u>Nexo</u> : junção entre duas ou mais coisas; ligação, vínculo, união; ligação entre situações, acontecimentos ou idéias; coerência.	A depoente AMI afirma que a prova do Enem também possuía textos longos, porém as questões não eram bobas como no Saresp e a prova tinha coerência. Relata que algumas questões eram difíceis, mas que em geral estava legal de fazer o Enem.	Comparação Enem e Saresp.

GA9.19	<p>tava legal.</p> <p>AMI: É o que eu disse, se a educação fosse boa hoje em dia eu acho que valeria a pena (o Saresp). O Saresp também, se ele fosse aberto, as informações, as provas. Mas hoje em dia eu acho que é mais uma desculpa pra dar aquele questionário pra ficar especulando nossa vida, sabe? Saber quantas TVs a gente tem em casa, saber como está a vida do brasileiro.</p> <p>AMI: Pra mim não fez diferença nenhuma (o Saresp).</p>	<p>Valer a pena: merecer o esforço, a preocupação; ser vantajoso, útil; compensar.</p> <p>Aberto: que se encontra descoberto, exposto; que permite entrar, sair ou ver, por não apresentar obstáculos; desimpedido, desobstruído; cuja entrada é permitida a todos.</p>	<p>A depoente AM1 afirma que se a educação fosse boa e as informações do Saresp fossem abertas, ele valeria à pena. Porém, acha que atualmente o Saresp é uma desculpa para a aplicação do Questionário de Contexto e investigar a vida do brasileiro.</p>	<p>Se a educação fosse boa e informações abertas o Saresp valeria a pena.</p> <p>Saresp é desculpa para aplicar o Questionário.</p>
GA9.20	<p>AMI: Ah, eu tento, assim, que nem de Inglês, de Português, as matérias que eu vou melhor, eu até me esforço, mas Matemática, eu tento algumas vezes, mas se eu vi que não vai, eu chuto.</p>	<p>Não vai: Não consegue.</p>	<p>A depoente AM1 afirma que se esforça para resolver as questões relativas às matérias que vai bem, porém em Matemática ela tenta algumas vezes, e se não consegue, chuta.</p>	<p>Em Matemática tenta e se não consegue, chuta.</p>
GA9.21	<p>AMI: Ah, eu acho que eles também não acham importante, porque, sabe, perguntas bestas, eles ficaram conversando durante, dando risada das questões, então...</p>		<p>A aluna AM1 acredita que os demais alunos da classe também não acham o Saresp importante, pois as perguntas são bobas e eles ficam conversando e rindo durante a prova.</p>	<p>Demais alunos também não acham o Saresp importante.</p> <p>Risos durante a prova.</p>
GA9.22	<p>AMI: Ah, tipo, o que é planificação, em Matemática? É tipo um desenho pra montar uma figura geométrica, você tem que recortar e colar. No terceiro ano, uma pergunta dessa? Poxa, isso é uma</p>	<p>Planificação: representação em plano de um sólido geométrico.</p> <p>Estar na cara: ser óbvio.</p> <p>Quebrar a cabeça:</p>	<p>A depoente AM1 relata que perguntas bobas são aquelas com um nível de dificuldade inferior à 3ª série do Ensino Médio, como questões acerca de planificação de figuras geométricas ou</p>	<p>Perguntas bobas são as que possuem um nível de dificuldade</p>

	<p>pergunta de 5ª, 6ª série. Seria um grau de dificuldade maior pra eles, mas pra gente não. Entendeu? Perguntas assim, sabe? Algumas perguntas de interpretar texto, também, que estão ali na <u>cara</u>, sabe? É muito chato de responder essas coisas. Você não <u>quebra a cabeça</u>. Sabe, então a gente vai passando empurrada, assim...</p>	<p>concentrar-se demoradamente na resolução de um caso ou de um problema.</p>	<p>de interpretação de texto com a resposta óbvia; questões que não requerem muita concentração para serem respondidas.</p>	<p>baixo.</p>
GA9.23	<p>AMI: A Redação o tema foi da... Ah, não lembro o tema da Redação... Ah, foi de... bater, isso, as <u>palmas</u>... Ah, é um tema atual né? AMI: Era um artigo de opinião. E depois tinha que dar a solução no final.</p>	<p><u>Palmas</u>: Refere-se ao fato do dilema se os pais têm ou não o direito de dar palmadas nos filhos.</p>	<p>A depoente AMI relata que o tema da Redação foi sobre as palmadas dos pais nos filhos, e o gênero textual era um artigo de opinião.</p>	<p>Tema da Redação.</p>
GA9.24	<p>AMI: A diretora meio difícil ela passar nas salas aqui... Os professores meio que <u>lavaram as mãos</u> sabe? Então assim: olha, vai ter Saresp dia 16, vocês vêm, fazem, só isso, não falaram mais nada.</p>	<p><u>Lavar as mãos</u>: eximir-se de qualquer responsabilidade, furtar-se às consequências.</p>	<p>A depoente AMI relata que dificilmente a diretora passa nas salas de aula. Afirma que, em relação ao Saresp, os professores eximiram-se da responsabilidade, apenas avisando os alunos que deveriam fazer a prova.</p>	<p>Diretora não passa nas salas de aula.  Professores somente avisaram que ia ter Saresp.</p>
GA9.25	<p>AMI: Olha, teve uma menina da minha sala que faltou no primeiro dia. Aí no segundo dia ela foi, não aconteceu nada, ela assinou no <u>gabarito</u> normal, acho que pra ela não aconteceu nada.</p>	<p><u>Gabarito</u>: tabela das respostas corretas às questões de uma prova. Neste caso, os alunos se referem à folha de respostas onde deveriam assinalar as alternativas escolhidas como correta para cada questão.</p>	<p>A depoente AMI relata que uma aluna da sala faltou no primeiro dia e no segundo dia de prova ela foi e não aconteceu nada: assinou a folha de respostas normalmente.</p>	<p>Aluna que faltou e não aconteceu nada.</p>

GA9.26	<p>AM1: Ah, acho que é como eu falei, se eles não derem um pouco mais de atenção para a educação, o Brasil nunca mais vai sair desse <u>sub</u> que ele está há tanto tempo. Eu acho que se quisesse ser uma potência mundial um dia, eu acho que a primeira coisa que eles têm que fazer é prestar atenção na educação. Porque está <u>deixando</u> muito a <u>desejar</u>, muito mesmo</p>	<p><u>Sub</u>: no sentido de inferior, abaixo. <u>Deixar a desejar</u>: Ficar aquém do esperado; aquém do que poderia estar.</p>	<p>A depoente AM1 acha que deve ser dada mais atenção à educação, senão o Brasil nunca será uma potência mundial. Afirma que a educação está muito aquém do esperado.</p>	<p>Mais atenção para a educação para o Brasil ser potência mundial.  Educação está aquém do esperado.</p>
<b>Nº US</b>	<b>Unidades de Sentido</b>	<b>Exerto Hermenêutico</b>	<b>Unidades de Significado</b>	<b>O que dizem as US.</b>
GA9.1	A depoente fez o Saresp semana passada.		A depoente AM1 participou das provas do Saresp em 2010.	Participação no Saresp.
GA9.2	<p>AM1: Eu demorei um pouquinho mais que o <u>segundo</u>. Eu comecei a prova umas 7h:20min e terminei umas 9h:40min, umas 10 horas, por aí. AM1: No <u>outro dia</u> (primeiro) demorei bem menos. Acho que fui embora umas 9h:20min, por aí. AM1: Tinha passado uma hora e meia assim, daí eu tinha terminado, terminei a Redação, daí eu fui embora. Porque eram menos questões também, né?</p>	<p><u>Primeiro dia</u>: 17 de novembro de 2010. Língua Portuguesa e Matemática. <u>Segundo dia</u>: 18 de novembro de 2010, com provas de Ciências da Natureza e Redação.</p>	<p>A depoente AM1 afirma que demorou mais no primeiro dia de prova, tendo permanecido na sala em torno de 2h30min. Já no segundo dia, ficou 2h.</p>	<p>Tempo que permaneceu fazendo a prova.</p>
GA9.3	<p>AM1: No primeiro (dia), foi História, Geografia, Biologia, essas matérias... AM1: (No segundo dia) Foi Português, Matemática e Redação.</p>		A depoente AM1 relata que no primeiro dia de prova foi História, Geografia, Biologia e outras matérias do mesmo tipo. Já no segundo dia foi	<p>Conteúdos cobrados nas provas.</p>

			Português, Matemática e Redação. Observar confusão.	Observar confusão com as provas de fato aplicadas.
GA9.4	AM1: Deu pra responder, assim, numa <u>boa</u> . Tava normal. AM1: Por mais que estivesse cansativo, os textos eram grandes, as perguntas também, mas deu pra entender bastante.	Numa <u>boa</u> : tranquilamente, com facilidade.	A depoente AM1 afirma que foi tranquilo responder as questões do Saresp, por mais que os textos e as perguntas estivessem grandes, o que tornou a prova cansativa.	Prova tranquila de responder. Textos grandes, prova cansativa.
GA9.5	AM1: Ai, eu não gosto de Matemática e também não sou muito boa. Então daquele jeito, sabe, algumas eu <u>chutei</u> , muitas eu chutei AM1: Tentei, mas as contas nunca davam resultado, então...	<u>Chutar</u> : No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente.	A depoente AM1 afirma não gostar de Matemática, e não ser boa nessa disciplina, portanto chutou aquelas questões que tentou, mas não obteve resultados. Afirma que foram muitas.	Chutou muitas de Matemática. Não gosta e não é boa em Matemática.
GA9.6	AM1: Não (podia conversar). Nem emprestar material, nada. AM1: Por mais que o <u>fiscal</u> falasse que não podia, que pedisse atenção, pra ficar quieto... é difícil o pessoal respeitar. AM1: Ah, porque a prova estava meio fácil. Então o povo falava assim: nossa, mas que pergunta <u>idiot</u> a, que pergunta <u>besta</u> . Aí você começa a dar risada, aí tinha gente que pedia <u>cola</u> , por mais que os cadernos diferentes, com os números diferentes, mas eles perguntavam alguma coisa assim, sabe, desse jeito.	<u>Fiscal</u> : aquele que verifica o cumprimento de qualquer ordem, regulamento ou determinação; inspetor, fiscalizador. <u>Idiota</u> : que denota falta de inteligência, de discernimento; parado, estúpido, imbecilizado; que não tem valor, sem interesse, sem sentido. <u>Besta</u> : Mesmo que idiota, no contexto. <u>Cola</u> : ato de um estudante copiar respostas num	A depoente AM1 afirma que não podia conversar durante a prova e nem emprestar material de ninguém. Porém, relata que os alunos não respeitavam o que o fiscal de prova falava, pedindo silêncio, pois a prova estava fácil. Dessa forma, o pessoal comentava jocosamente sobre as questões com conteúdos sem inteligência, provocando risos na classe. Além disso, por mais que os cadernos de prova fossem diferentes, pediam cola para os colegas.	Não podia conversar nem pedir material durante a prova. Pessoal não respeitou. Comentários jocosos, prova fácil. Pedidos de cola. Provas

			lembrete fraudulento para usar num exame escrito; ato de copiar respostas de algum colega, de maneira fraudulenta.		diferentes.
GA9.7	<p>AM1: Ah, (atrapalhou) um pouco né? Porque você perde a <u>concentração</u>, por mais que estivesse fácil, você tem que começar ler de novo e acaba perdendo tempo também, né?</p> <p>AM1: Porque no Saresp cai várias outras matérias dentro da Matemática, vários outros assuntos. Na prova que o professor dá, só cai o que ele ensinou no bimestre, coisas mais difíceis que no Saresp. Bem diferente.</p>	<p><u>Concentração</u>: ato ou efeito de orientar a atenção ou as energias para um tema ou objetivo determinado.</p>	<p>A depoente AM1 afirma que devido a conversas durante a prova, ela perdia a concentração nas questões e tinha que começar a ler novamente, perdendo tempo.</p> <p>A depoente AM1 afirma que na prova que o professor passa na sala de aula são cobrados conteúdos que ele ministrou durante o bimestre, já no Saresp são abordados outros assuntos, mesmo dentro da Matemática.</p>	<p>Conversas atrapalham a concentração durante a prova.</p> <p>Prova do professor são abordados assuntos do bimestre.</p> <p>Saresp cai mais coisas.</p> <p>Uso do caderninho apenas no começo do ano.</p>	
GA9.9	<p>AM1: Ele usava (o <u>caderninho</u>) no começo do ano passado, este ano bem no comecinho, sabe? Mas ele falou que não é muito bom aquele caderno, sabe? Eles fogem muito da série, do que é pra gente estudar mesmo. Aí ele prefere usar as coisas que ele acha mais conveniente.</p> <p>AM1: Usa livro... Alguns exercícios que ele traz...</p>	<p><u>Caderninho</u>: Material enviado pelo Estado às escolas, referentes ao currículo obrigatório.</p>	<p>A aluna AM1 afirma que o professor de Matemática usava o material referente ao Currículo do Estado apenas no começo do ano, porém ele falou que o material não é bom, pois foge do conteúdo que eles devem estudar na série. Portanto ele prefere usar livro e exercícios que traz de casa.</p>	<p>Saresp cai mais coisas.</p> <p>Uso do caderninho apenas no começo do ano.</p>	
GA9.10	<p>AM1: O pessoal hoje em dia <u>não tá mais nem aí</u> com o Saresp, porque...</p> <p>AM1: Ah, eu acho que não tá mais...</p>	<p><u>Não estar nem aí</u>: não se importar.</p> <p><u>Fantasia</u>: faculdade de</p>	<p>A aluna AM1 relata que atualmente as pessoas não se importam mais com o Saresp, pois foi abandonada a ideia de</p>	<p>Ninguém se importa com o Saresp.</p>	



	<p>Eles tiraram essa <u>fantasia</u> de que se você não passar no Saresp, não tirar uma boa nota, você não vai passar de ano, vai repetir. Até porque as notas que a gente tira no Saresp a gente não sabe até hoje. Desde, de todos os Saresp que a gente fez, a gente nunca sabe pra onde vai, o que aconteceu, a nossa nota... Não sabe de nada.</p> <p>AM1: Eu não lembro de ter acesso às notas, à Redação, nada!</p>	<p>imaginar, de criar pela imaginação; obra criada pela imaginação.</p>	<p>que se o aluno não tirar uma boa nota nessa prova ele não será aprovado para o próximo ano letivo. Isso ocorreu, pois de todos os Saresp que a depoente participou, afirma que não teve acesso às notas de nenhum.</p>	<p>Alunos esqueceram a ideia de que Saresp reprova.</p> <p>Alunos não têm acesso às notas do Saresp.</p>
GA9.11	<p>AM1: Eu acho um <u>direito</u> nosso. Entendeu? Porque se eles vão aplicar a prova, a gente tem todo direito de saber como a gente foi, porque sempre fica a dúvida. Nossa, na sexta série, eu era uma... Mas eu tinha vontade de saber como eu fui, na oitava, na sexta, agora no terceiro, e eu não tenho acesso. É complicado.</p> <p>AM1: Teve um <u>Sarespinho</u> uma semana antes.</p> <p>AM1: Acho que valia um ponto. Ou assim, teve professores que falaram: se a maioria da sala for bem, a gente considera essa nota do 4º bimestre, mas se não for, a gente coloca um ponto na média. Até no Saresp, eles colocaram um ponto a mais, sabe?</p>	<p><u>Direito</u>: o que é justo, correto, bom; prerrogativa legal (para impor a outrem alguma medida, procedimento etc.).</p>	<p>A aluna AM1 afirma ser direito dos alunos terem acesso ao desempenho individual na prova do Saresp, afinal foram eles que fizeram a prova. Ela afirma que desde o 7º ano quer saber seu desempenho e não sabe.</p>	<p>É direito dos alunos terem acesso aos resultados individuais.</p>
GA9.12	<p>AM1: Teve um <u>Sarespinho</u> uma semana antes.</p> <p>AM1: Acho que valia um ponto. Ou assim, teve professores que falaram: se a maioria da sala for bem, a gente considera essa nota do 4º bimestre, mas se não for, a gente coloca um ponto na média. Até no Saresp, eles colocaram um ponto a mais, sabe?</p>	<p><u>Sarespinho</u>: <u>Simulado</u> do Saresp.</p> <p><u>Simulado</u>: Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino.</p>	<p>A depoente AM1 afirma que uma semana antes do Saresp teve um simulado, o Sarespinho, que valeu ponto na média final. Inclusive para quem fez o Saresp teve ponto na nota final.</p>	<p>Simulado valendo ponto.</p> <p>Saresp valendo ponto.</p>
GA9.13	<p>AM1: Pra mim (o Saresp) é uma prova</p>	<p><u>Feio</u>: difícil de suportar;</p>	<p>A depoente AM1 afirma que o Saresp é</p>	<p>Saresp é prova</p>

	que o governo faz pra ver se a gente ta bem, eu acho que a educação no andamento que ta, eu acho que eles escondem porque o resultado ia ser muito <u>feito</u> . Muito feito mesmo.	desventuroso, triste, grave, sério.	uma prova que o governo faz para ver se os alunos estão bem. Porém, relata que conforme observa a educação, acha que escondem os resultados, pois senão iriam ser muito graves.	para ver se os alunos estão bem. Acha que o resultado é omitido.
GA9.14	AM1: (Escondem) As notas, como a gente foi, porque eu acho que nem os professores têm acesso a isso. Então eu acho que é para eles verem como está o andamento das coisas, e também pra ficar <u>especulando</u> um pouco nossa vida, né? Porque aquele questionário que eles mandam antes, pergunta até a cor da nossa calcinha, quase.	Como a gente foi: O desempenho alcançado. <u>Especular</u> : estudar com atenção, detalhadamente (algo), do ponto de vista teórico; pesquisar, investigar. <u>Questionário</u> : Questionários de Contexto aplicados aos alunos e pais.	A aluna AM1 afirma que eles escondem os resultados, pois nem os professores têm acesso. Ela acha que o Saresp é feito para verificar o andamento da educação e investigar a vida dos alunos, já que o questionário de contexto pergunta detalhes da vida pessoal.	Nem professores têm acesso aos resultados. Questionário de contexto investiga vida do aluno.
GA9.15	AM1: O (questionário) da 8ª série foi junto com a prova. Mas desse ano veio bem antes. Daí eles pediram pra gente entregar, tudo. Acho que veio uns 2 meses antes do Saresp. A gente teve que levar pra casa, uma parte era para os pais, uma parte era do aluno. Eles tiveram que responder e entregar.		A depoente AM1 relata que o questionário de contexto veio uns dois meses antes do Saresp, pois os alunos tiveram que levar para casa, já que uma parte era para os pais responderem, e depois entregar na escola. No 9º ano o questionário veio junto com a prova.	Questionário de contexto veio antes do Saresp.
GA9.16	AM1: Se tiver muita falta assim, se repetir em mais de três matérias, você ainda vai pro <u>conselho</u> . Mas eu acho que é só quando a situação está bem feia mesmo, que não dá pra <u>correr atrás</u> , aí	<u>Conselho</u> : Conselho de Classe e Série feito no final do ano delibera, segundo critérios, sobre a aprovação ou reprovação do aluno.	A depoente AM1 afirma que é muito difícil reprovar alguém no Ensino Médio, os alunos são reprovados apenas em situações muito graves, pois mesmo reprovando em mais de três	Muito difícil reprovar aluno no EM.

	<p>você reprova. Mas é muito difícil de reprovar alguém. O cara tem que ser muito bom pra conseguir reprovar.</p> <p>AMI: Eu acho muito errado. Mas desde o começo, desde a 5ª série, eu acho que eles deveriam dar um pouquinho mais de atenção para a educação. Porque hoje é assim, se você é bom, você vai estudar, mas não é assim também que funciona, né? Eu acho que se um aluno daqui for tentar uma universidade bem difícil, sabe, vão ser poucas as chances dele passar. Por mais que ele estude e faça cursinho.</p>	<p><u>Correr atrás</u>: Se esforçar para.</p> <p><u>Cursinho</u>: Cursinho preparatório para prestar vestibulares.</p>	<p>matérias e possuindo muitas faltas o aluno ainda vai para o Conselho e pode ser aprovado.</p> <p>A depoente AMI acha errado quase não reprovar alunos, ela acha que se um aluno da escola A for prestar um vestibular em uma Universidade concorrida dificilmente ele passará, mesmo que estude e faça cursinho. Acha que deveria ser dada mais atenção para a educação desde o 6º ano.</p>	<p>Acha errado não reprovar.</p> <p>Aluno da escola A não passará em vestibular.</p> <p>Mais atenção para educação.</p>
GA9.17	<p>AMI: Nossa, nem se compara ao Saresp (o Enem). É muito... assim, dava pra responder também, textos grandes, perguntas... Mas era uma prova assim, que tinha <u>nexo</u>, não eram aquelas perguntas idiotas, tava até legal de fazer a prova. Tinha aquelas muito difíceis, mas tava legal.</p>	<p><u>Nexo</u>: junção entre duas ou mais coisas; ligação, vínculo, união; ligação entre situações, acontecimentos ou idéias; coerência.</p>	<p>A depoente AMI afirma que a prova do Enem também possuía textos longos, porém as questões não eram bobas como no Saresp e a prova tinha coerência. Relata que algumas questões eram difíceis, mas que em geral estava legal de fazer o Enem.</p>	<p>Comparação Enem e Saresp.</p>
GA9.19	<p>AMI: É o que eu disse, se a educação fosse boa hoje em dia eu acho que valeria a pena (o Saresp). O Saresp também, se ele fosse aberto, as informações, as provas. Mas hoje em dia eu acho que é mais uma desculpa pra dar aquele questionário pra ficar especulando nossa vida, sabe? Saber quantas TVs a gente tem em casa, saber como está a vida do</p>	<p><u>Valer a pena</u>: merecer o esforço, a preocupação; ser vantajoso, útil; compensar.</p> <p><u>Aberto</u>: que se encontra descoberto, exposto; que permite entrar, sair ou ver, por não apresentar obstáculos; desimpedido, desobstruído; cuja entrada é</p>	<p>A depoente AMI afirma que se a educação fosse boa e as informações do Saresp fossem abertas, ele valeria a pena. Porém, acha que atualmente o Saresp é uma desculpa para a aplicação do Questionário de Contexto e investigar a vida do brasileiro.</p>	<p>Se a educação fosse boa e informações abertas o Saresp valeria a pena.</p> <p>Saresp é desculpa para aplicar o</p>

	brasileiro. AM1: Pra mim não fez diferença nenhuma (o Saresp).	permitida a todos.	Questionário.
GA9.20	AM1: Ah, eu tento, assim, que nem de Inglês, de Português, as matérias que eu vou melhor, eu até me esforço, mas Matemática, eu tento algumas vezes, mas se eu vi que <u>não vai</u> , eu chuto.	<u>Não vai</u> : Não consegue.	Em Matemática tenta e se não consegue, chuta.
GA9.21	AM1: Ah, eu acho que eles também não acham importante, porque, sabe, perguntas bestas, eles ficaram conversando durante, dando risada das questões, então...		Demais alunos também não acham o Saresp importante. Risos durante a prova.
GA9.22	AM1: Ah, tipo, o que é <u>planificação</u> , em Matemática? É tipo um desenho pra montar uma figura geométrica, você tem que recortar e colar. No terceiro ano, uma pergunta dessa? Poxa, isso é uma pergunta de 5ª, 6ª série. Seria um grau de dificuldade maior pra eles, mas pra gente não. Entendeu? Perguntas assim, sabe? Algumas perguntas de interpretar texto, também, que estão ali <u>na cara</u> , sabe? É muito chato de responder essas coisas. Você não <u>quebra a cabeça</u> . Sabe, então a gente vai passando empurrada, assim...	<u>Planificação</u> : representação em plano de um sólido geométrico. <u>Estar na cara</u> : ser óbvio. <u>Quebrar a cabeça</u> : concentrar-se demoradamente na resolução de um caso ou de um problema.	Perguntas bobas são as que possuem um nível de dificuldade baixo.
GA9.23	AM1: A Redação o tema foi da... Ah, não lembro o tema da Redação... Ah, foi de...	<u>Palmas</u> : Refere-se ao fato do dilema se os pais têm ou	Tema da Redação.

	bater, isso, as <u>palmas</u> ...Ah, é um tema atual né? AM1: Era um artigo de opinião. E depois tinha que dar a solução no final.	não o direito de dar palmadas nos filhos.	nos filhos, e o gênero textual era um artigo de opinião.	
GA9.24	AM1: A diretora meio difícil ela passar nas salas aqui... Os professores meio que lavaram as <u>mãos</u> sabe? Então assim: olha, vai ter Saresp dia 16, vocês vêm, fazem, só isso, não falaram mais nada.	<u>Lavar as mãos</u> : eximir-se de qualquer responsabilidade, furtar-se às consequências.	A depoente AM1 relata que dificilmente a diretora passa nas salas de aula. Afirma que, em relação ao Saresp, os professores eximiram-se da responsabilidade, apenas avisando os alunos que deveriam fazer a prova.	Diretora não passa nas salas de aula.  Professores somente avisaram que ia ter Saresp.
GA9.25	AM1: Olha, teve uma menina da minha sala que faltou no primeiro dia. Aí no segundo dia ela foi, não aconteceu nada, ela assinou no <u>gabarito</u> normal, acho que pra ela não aconteceu nada.	<u>Gabarito</u> : tabela das respostas corretas às questões de uma prova. Neste caso, os alunos se referem à folha de respostas onde deveriam assinalar as alternativas escolhidas como correta para cada questão.	A depoente AM1 relata que uma aluna da sala faltou no primeiro dia e no segundo dia de prova ela foi e não aconteceu nada: assinou a folha de respostas normalmente.	Aluna que faltou e não aconteceu nada.
GA9.26	AM1: Ah, acho que é como eu falei, se eles não derem um pouco mais de atenção para a educação, o Brasil nunca mais vai sair desse <u>sub</u> que ele está há tanto tempo. Eu acho que se quisesse ser uma potência mundial um dia, eu acho que a primeira coisa que eles têm que fazer é prestar atenção na educação. Porque está <u>deixando</u> muito a <u>desejar</u> , muito mesmo	<u>Sub</u> : no sentido de inferior, abaixo. <u>Deixar a desejar</u> : Ficar aquém do esperado; aquém do que poderia estar.	A depoente AM1 acha que deve ser dada mais atenção à educação, senão o Brasil nunca será uma potência mundial. Afirma que a educação está muito aquém do esperado.	Mais atenção para a educação para o Brasil ser potência mundial.  Educação está aquém do esperado.

Fonte: dados organizados pela autora.

**Quadro 82** - Análise Ideográfica grupo de alunos 10.

<b>Nº US</b>	<b>Unidades de Sentido</b>	<b>Excerto Hermenêutico</b>	<b>Unidades de Significado</b>	<b>O que dizem as US.</b>
GA10.1	Os três alunos fizeram o Saresp na semana passada. AM2 e AM4 fizeram a prova nos dois dias. AM3: Eu fiz um dia. AM3: Fiz o de <u>quarta feira</u> .	<u>Quarta feira</u> : Primeiro dia de prova. 17 de novembro de 2010, com provas de Português e Matemática.	Os três alunos fizeram as provas do Saresp em 2010. Os depoentes AM2 e AM4 fizeram as provas nos dois dias e AM3 fez somente no primeiro dia.	Participação no Saresp. Participação no Saresp.
GA10.3	AM3: De Português e Matemática. AM4: No <u>outro dia</u> eram as demais matérias, né? Física, Química, Geografia, essas coisas... AM4: É, Geografia, História... AM4: Acho que não todas. Inglês não, né? AM2: Não. AM4 e AM2: Todas (as outras). AM4: Biologia e Química. AM4: Redação não. AM3: Redação teve. AM2: No segundo dia. AM4: Ah, é teve <u>Redação</u> .	<u>Outro dia</u> : Segundo dia de prova. 18 de novembro de 2010, com provas de Ciências da Natureza e Redação.	Os depoentes afirmam que no primeiro dia do Saresp foram feitas as provas de Português e Matemática. Já no segundo dia foram as demais matérias: Física, Química, Geografia, História, Biologia e Redação. Verificar que houve confusão quanto ao conteúdo que efetivamente foi cobrado.	Conteúdo cobrado na prova.
GA10.4	AM4: A duração da prova assim, de início, começou às 19h:30min, tinha		O depoente AM4 explica que a prova começou 19h30min e que tinha o	Tempo em que permaneceram

	1h:30min pra liberar o pessoal. No caso, daria às 21h. A maioria terminou exatamente assim, às 21h. Alguns ficaram até 21h:30min, 21h:15min, por aí. Mas a gente assim, no período, a gente terminou entre 20h:40min, 20h:50min. Alunos: (A maioria) saiu no tempo mínimo. Alunos: Saímos também.		prazo de 1h:30min para liberar as pessoas da sala, o que, no caso, seria às 21h. Os alunos relatam que a maioria das pessoas saiu nesse tempo mínimo ou próximo dele.	fazendo a prova.
GA10.5	AM3: De Matemática não foi fácil não. De Português eu não achei difícil. AM2: Português e Matemática tava mais fácil. AM4: Português foi muito fácil, Matemática mais ou menos. Das demais matérias caiu questão assim do 1º e 2º ano e um pouco do 3º. Mas não foi assim difícil. A gente foi tranquilo.		Os depoentes disseram que a prova de Português estava muito fácil e que a de Matemática estava mais ou menos. Das outras matérias, o depoente AM4 afirma que foram cobradas questões da 1ª e 2ª série do Ensino Médio e que não estava difícil.	Nível de dificuldade das provas.
GA10.6	AM4: Eu acho que a questão do Saresp, que teve esse ano, caiu assim, <u>plenamente</u> como eles ensinam a gente. O ensino que a gente tem, <u>demonstrou</u> o Saresp este ano. AM4: No sentido em que a gente teve uma facilidade maior, um conhecimento maior. Toda questão	<u>Plenamente:</u> de modo pleno, completo. <u>Demonstrar:</u> tornar evidente através de provas; comprovar; expressar (sentimentos, intenções etc.) por intermédio de sinais exteriores; manifestar; expor, apresentar (qualidades, conhecimentos, habilidades etc.).	O depoente AM4 acha que o Saresp de 2010 expressou o ensino que eles têm na escola de modo pleno, no sentido em que os alunos tiveram facilidade e conhecimento suficiente para responder às questões da prova.	Saresp expressou o ensino de modo pleno em 2010.

	<p>que caiu no Saresp a gente teve facilidade em responder.</p> <p>AM4 - Conseguiu ler, entender, interpretar e responder. Já sabia, né, coisa assim.</p> <p>AM3: Sim. Porque a gente já tinha estudado essas matérias que ele falou, um tempo pra trás antes da prova.</p> <p>AM2: Tava bem fácil de ler e interpretar as perguntas de Português. Era só interpretação de texto, texto, texto.</p> <p>AM2- A de Matemática tava fácil a maioria. Caiu equação do 1º grau... AM4- Função...</p>		<p>Os alunos afirmam que leram, interpretaram e responderam a maioria das questões, pois estavam fáceis e eles haviam estudado os conteúdos no passado. Afirmam que de Matemática a maioria das questões estava fácil, com questões sobre, por exemplo, equações do 1º grau e funções.</p>	<p>Leram e interpretaram a maioria das questões.</p> <p>Matemática estava fácil.</p>
GA10.7				
GA10.8	<p>AM4: A (prova) do professor é mais <u>técnica</u> né? É mais assim, <u>complexa</u>. E a do Saresp foi razoavelmente de acordo com o ensino de 8ª ao 3º. Não foram todas só do 3º. Então caiu muita coisa fácil: fração, equação, probabilidades...</p> <p>AM2: A prova do Saresp tava mais fácil porque não precisava fazer, não precisava montar a... (esqueceu)</p> <p>AM3: A do professor tem que montar a conta.</p> <p>AM2: É, é <u>teste</u>. A do professor, além de fazer a conta tem que</p>	<p><u>Técnica</u>: conjunto de procedimentos ligados a uma arte ou ciência.</p> <p><u>Complexo</u>: diz-se do conjunto, tomado como um todo mais ou menos coerente, cujos componentes funcionam entre si em numerosas relações de interdependência ou de subordinação, de apreensão muitas vezes difícil pelo intelecto e que geralmente apresentam diversos aspectos.</p>	<p>Os depoentes afirmam que a prova que o professor de Matemática aplica em sala de aula precisa mostrar o raciocínio usado para chegar em determinado resultado e a do Saresp não. Afirmam que a prova do Saresp é mais fácil, pois inclui questões de séries anteriores, não só do 3º ano. Além disso, relatam que a prova que o professor aplica em sala de aula aborda aspectos mais técnicos e complexos que a do Saresp.</p>	<p>Saresp mais fácil que prova que professor aplica em sala de aula.</p> <p>Prova do professor mais técnica e complexa.</p>



GA10.9	<p>montar o... (raciocínio todo). AM3: Nosso professor (de Matemática) dá um teste antes de fazer o Saresp.</p>	<p><u>Teste</u>: Prova com alternativas, na qual quem está sendo avaliado deve apontar uma delas como resposta.</p>	<p>O depoente AM3 relata que o professor de Matemática aplica uma prova teste antes dos alunos fazerem o Saresp.</p>	<p>Prova teste antes dos alunos fazerem o Saresp.</p>
GA10.10	<p>AM2: (As aulas na época do Saresp) Bem voltado pro Saresp... AM4: É um pouco voltado, né? Tem alguns professores que falam, né? Sobre a matéria, como é o Enem, o Enem não, como é o Saresp. Assim, alguns professores falam o que vai cair, dá alguns conselhos. Só que tem outros não, outros continuam a matéria... AM3: Tem uns que passam consulta AM4: Tem uns que passam consulta, tem uns que passam testes. No dia do Enem isso... AM3: Consulta. Faz uma consulta antes da prova. Tipo assim, o que vai cair na prova, eles dão uma provinha. AM2: O <u>Sarespinho</u>. AM4: Algumas aulas ele voltou pra falar daquelas matérias anteriores, dos anos anteriores, que são de 8ª série, assim, que são do começo do ano... até o 3º ...</p>	<p><u>Revisãozinha</u>: nova leitura, mais minuciosa, de um texto; novo exame. O aluno fala no sentido de um resumo das disciplinas estudadas. <u>Sarespinho</u>: Simulado do Saresp.</p>	<p>Os depoentes afirmam que nas aulas anteriores ao Saresp alguns professores falam como é o Saresp, dão conselhos, o que pode ser cobrado; outros aplicam simulados, fazem revisões de conteúdos de anos anteriores. Os alunos também comentam que fazem o Sarespinho, um simulado do Saresp. Os depoentes relatam que esses fatores ajudam na hora da prova.</p>	<p>Na época do Saresp alguns professores fazem: revisões, dão conselhos, simulados. Sarespinho. Fatores que ajudam na hora da prova.</p>

	AM4: É, uma <u>revisãozinha</u> . AM3: Isso. AM3: Ajudou. Bastante ainda. Alunos: Sim.				
GA10.11	Os alunos afirmaram não poder conversar durante a prova. AM4: Alguns alunos sim (conversaram). AM3: Uns minutinhos antes da prova... risos. Começava 19h:30min, então... AM4: Alguns minutos antes e depois, né? Só que...			Os alunos AM2, AM3 e AM4 afirmaram não poder conversar durante a prova, mas que alguns alunos conversaram uns minutinhos antes de começar a prova.	Não podia conversar.  Alguns alunos conversaram minutos antes de começar a prova.
GA10.12	AM4: Celular pediram pra desligar. Nada sobre a <u>mesa</u> .	<u>Mesa</u> : local onde o aluno estava fazendo a prova; carteira.		O depoente AM4 afirma que não podia ter nada sobre a carteira e os celulares deviam estar desligados.	Não podia usar nenhum material e celular durante a prova.  Chutaram poucas questões.
GA10.13	AM3: Eu cheguei a <u>chutar</u> cinco de Português. AM4: Eu chutei algumas só. Mas a maioria eu sabia. AM2: Não (chutei).	<u>Chutar</u> : No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente.		Os alunos afirmam que chutaram algumas questões apenas.	
GA10.14	AM4: Eu li (a prova) inteirinha. Alunos: Sim. AM4: Só alguns só eu acho que chutaram. A maioria leu. AM2: Sim.			Os alunos afirmam que leram a prova inteira e que acreditam que a maioria da classe também leu, apenas alguns alunos chutaram as questões.	Leram todas as questões.  Acreditam que maioria também.
GA10.15	AM4: O Saresp pra mim eu acho que é o <u>feedback</u> de como que ta o ensino. Acho que é como se fosse	<u>Feedback</u> : reação a um estímulo; efeito retroativo; informação que o emissor obtém da reação do		O depoente AM4 acha que o Saresp é o <u>feedback</u> sobre o aspecto do ensino no país. Afirma que se foi aplicada	Saresp é o <u>feedback</u> do ensino no país.

	<p>um <u>semblante</u> de como é o ensino no país. Se eles aplicaram um prova que a gente conhece mais ou menos o conhecimento fundamental, público né, e a gente foi bem, na minha opinião eu acho que deveria melhorar mais ainda. Deveria ter um complexo maior. Porque a gente achou um pouco fácil, né? Facilitou pra gente o Saresp. Então eu acho...</p>	<p>receptor à sua mensagem, e que serve para avaliar os resultados da transmissão; retroalimentação, realimentação. <u>Semblante</u>: aspecto de alguma coisa; ponto de vista sob o qual se considera algo.</p>	<p>uma prova que os alunos foram bem, em relação ao ensino fundamental público, ele acha que deveria aumentar a complexidade da prova, pois acredita que o Saresp foi facilitado para os alunos.</p>	<p>Deveria se aumentar a complexidade do Saresp. Prova foi facilitada.</p>
<p>GA10.16</p>	<p>AM4: Facilitou um pouco sim... Em relação aos outros anos... Porque assim, pra gente ir pra <u>faculdade</u>, quanto maior conteúdo, melhor. E tinha a maioria das coisas que a gente aprendeu, ta no conteúdo <u>fundamental</u>. Eu acho que deveria trabalhar mais... AM4: O Saresp acho que <u>bateu</u> muito <u>nessa tecla</u>, né, do ensino fundamental. Na minha opinião acho que deveria trabalhar mais essa parte do Ensino Médio, né? Que é essas coisas mais complexas. AM4: Algumas questões sim (do EM), mas não a maioria. De Matemática não foram muitas. AM4: A maioria das questões foi até o 2º ano. AM3: Até o segundo ano.</p>	<p><u>Faculdade</u>: o conjunto das matérias que compõem cada uma das áreas do ensino superior. No texto, o aluno se refere a um curso de nível superior. <u>Fundamental</u>: que tem caráter essencial e determinante; básico, indispensável; que serve de fundamento, de alicerce. <u>Bater muito na tecla</u>: repetir algo diversas vezes.</p>	<p>Os depoentes acreditam que a prova do Saresp estava muito fácil, com cobrança da maioria dos conteúdos do Ensino Fundamental e até o 2º ano do Ensino Médio principalmente em Matemática. Aham que o nível de complexidade da prova deveria ser maior, pois, para que ingressem em um curso superior, quanto maior a quantidade de conteúdo aprendido, melhor.</p>	<p>Prova do Saresp em Matemática muito fácil. Nível de complexidade deveria ser maior.</p>

	<p>AM2: Eu achei que o Saresp foi uma prova pra revisar o que eu aprendi no 1° e no 2°. Porque não caiu nada que eu aprendi no 3°... Logaritmo, essas coisas. E tava muito fácil algumas questões. Tinha uma minoria de questões que exigia um conhecimento um pouquinho maior.</p> <p>AM3: Eu acho que o Saresp é uma prova que... o que ele falou... não tem o que falar, o que ia falar eles falaram já... eu ponho minhas palavras em cima da deles.</p>			
GA10.17	<p>AM2: Foi importante, foi mais uma prova que eu tive que fazer, usei meu raciocínio, pra ver quantas questões acertava, foi um <u>treinamento</u>, como se fosse pra fazer um vestibular, um (?) de um <u>vestibulinho</u>... alguma coisa assim.</p>	<p><u>Treinar</u>: preparar-se para competições desportivas, ou para outros fins.</p> <p><u>Vestibulinho</u>: processos seletivos para algumas escolas técnicas com procura de interessados maior que a oferta de vagas.</p>	<p>O depoente AM2 afirma que o Saresp é importante, pois é uma prova em que ele pode ver quantas questões acerta, além de ser uma preparação para prestar um processo seletivo.</p>	<p>Importância do Saresp para preparação de vestibular.</p> <p>Prova para ver desempenho.</p>
GA10.18	<p>AM4: Pra mim foi importante. É um meio de <u>testar</u> meus conhecimentos e testar também como ta o ensino no país. Pra na hora de a gente votar, escolher um candidato, pensar bem, né. Porque o Saresp na verdade é um sistema de avaliação do Estado de São Paulo, do ensino médio do Estado de São Paulo, então o Saresp é um meio de eles comprovarem</p>	<p><u>Testar</u>: submeter a teste; aplicar teste(s) a.</p>	<p>O depoente AM4 acha que o Saresp é um meio dele testar seus conhecimentos e como está o ensino do país. Afirma que o Saresp é um Sistema de Avaliação do Ensino Médio do Estado de São Paulo, portanto é um meio de verificar como está o ensino. Dessa forma, deve-se levar o Saresp a sério, pois a educação se torna importante até na</p>	<p>Saresp é um meio de verificar o próprio conhecimento e o ensino do país.</p> <p>Importância como Sistema de Avaliação.</p>

	como ta o ensino. Então se o Saresp pra gente for importante, com certeza lá na frente vai resultar o que a gente ta falando...		hora de se escolher um candidato nas eleições.	
GA10.19	AM3: Pra mim eu acho que não (é importante). AM3: Porque assim, tudo que caiu na prova foi tudo praticamente que eu aprendi no 2º ano. AM3: Pra mim não. Já finalizei, assim, o que teve na prova, já tive o conhecimento sobre isso daí que caiu na prova.		O depoente AM3 não acha o Saresp importante, pois tudo que foi cobrado na prova, ele já tinha conhecimento, pois foram conteúdos ministrados até a 2ª série do Ensino Médio.	Saresp não é importante, pois cobrou conteúdos já estudados até a 2ª série do EM.
GA10.20	AM4: (o Saresp) Retrata no aspecto da escola como está o ensino. Então pra mim é importante, é um conhecimento a mais, é um meio de saber como ta meu ensino. Pelo fato de eu estudar em escola pública, saber como ta o ensino na rede pública, e o que precisa melhorar, né?		O depoente AM4 afirma que o Saresp é importante por retratar como está o ensino público e o que precisa melhorar.	Saresp retrata o ensino público e o que precisa melhorar.
GA10.21	AM2: Falavam que ia melhorar a <u>média</u> da sala, pra não faltar. AM3: Professor falou que não tinha necessidade de fazer a prova, que não era obrigatório fazer a prova. AM3: Não falava nada, só <u>pegava no pé</u> , só. AM4: Falavam que não era	<u>Média</u> : Nota final, bimestral e anual, atribuída para o aluno. Pode ou não ser a média aritmética das outras notas. <u>Pegar no pé</u> : Importunar com insistência.	Os depoentes afirmam que os professores falaram que não era obrigatório fazer a prova do Saresp, mas que a nota de cada um iria contribuir para a nota da sala toda. Além disso, falaram que era importante a presença dos alunos e incentivaram a fazerem a prova,	Saresp não era obrigatório. Professores incentivaram com um ponto a mais na média.

	obrigatório, mas que quem, a nota do Saresp ia contribuir pra sala toda. E eles também incentivaram, quem fizesse o Saresp ia ter um ponto a mais, então eu acho que foi um incentivo pra gente fazer.		dando um ponto a mais na média.	
GA10.22	AM4: Vai contar no final da média (o simulado).		O depoente AM4 afirma que a nota do simulado vai contar na média final.	Simulado vale nota.
GA10.23	AM4: Ele não usa (o <u>caderninho</u> ) porque ele falou que o caderno não ta muito explicado, não ta muito <u>mastigado</u> . Então, como o ensino não ta muito bom, o pessoal desenvolveu um caderno muito complexo pra alunos que não tem o ensino adequado pra ele. Então ele não usou o caderninho, mas que ele o conteúdo que ele passou o ano inteiro, trata-se do caderno. Mas... algumas coisas ele não passou... AM3: Algumas coisas ele fez sim, do caderninho. AM4: É. AM4: Outras coisas ele passou na lousa um conteúdo melhor. AM4: O livro direto.	<u>Caderninho</u> : Material enviado pelo Estado às escolas, referentes ao currículo obrigatório. <u>Mastigado</u> : tornado fácil; de fácil acesso ou compreensão; de mão beijada; pronto e acabado.	Os depoentes afirmam que o professor de Matemática usou pouco o material enviado pelo governo referente ao Currículo, pois ele disse que o material não possui conteúdos explicados em detalhes e que o material é muito complexo para a atual situação do ensino. Dessa forma, ele relatou aos alunos que iria passar o conteúdo do material, porém usando livro didático ou aulas expositivas.	Professor de Matemática usou pouco o caderninho.  Material muito complexo para atual situação de ensino.
GA10.24	AM4: Ah, eu acho que, na minha opinião, que melhora mais, né? Não só o Saresp como o conteúdo da		O depoente AM4 acha que se o conteúdo que o Saresp cobra se tornar mais complexo,	Saresp deve se tornar mais complexo para

	<p>escola, o ensino. Porque não adianta nada o governo melhorar a questão do Saresp, sendo que os alunos não têm um conteúdo melhor pra eles estudarem. Então eu acho assim, do jeito que ta, ta bom, porque a gente fez o Saresp e já sabia o conteúdo do caderno, mas assim, que melhore o ensino, pra cada vez mais elevar...</p> <p>AM4: Melhorar o Saresp pra mim seria melhorar o conteúdo de ensino pra todos, né? Se melhora o Saresp, com certeza...</p> <p>AM4: Não (melhorar a nota), se melhora assim, se o Saresp fica mais complexo, o ensino automaticamente ficará também. Pra acompanhar o Saresp. O Saresp é como se fosse uma avaliação pra ver como ta o ensino todo.</p>		<p>consequentemente o ensino também ficará melhor. O depoente acha que não adianta melhorar a questão do Saresp se não melhora a questão do ensino, ou seja, com conteúdo melhores para os alunos estudarem.</p>	<p>eleva nível de ensino.</p>
GA10.25	<p>AM3: Eu acho que deve ser obrigatoriamente o Saresp, porque tem muitos alunos que tão <u>levando</u> muito na brincadeira, estão vindo só pra brincar. Tem um monte de gente que não veio fazer a prova, acho que deveria fazer obrigatoriamente.</p> <p>AM4: Tinha que ser obrigatório.</p> <p>AM2: Sim.</p>	<p><u>Levar na brincadeira</u>: Sem levar a sério.</p>	<p>Os depoentes AM2, AM3 e AM4 acham que o Saresp deveria ser obrigatório, pois muitos alunos não levam a sério a prova ou não fazem.</p>	<p>Saresp deveria ser obrigatório.</p> <p>Muitos alunos não levam a sério.</p>
GA10.26	<p>AM4: (o Enem) Tava muito difícil.</p>		<p>O depoente AM4 afirma que o Enem</p>	<p>Enem muito mais</p>

	AM4: O conteúdo, muito mais complexo do que a gente teve no Saresp. Não tinha nem comparação.		estava muito mais difícil que o Saresp.	difícil que Saresp.
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------	--	-----------------------------------------	---------------------

Fonte: dados organizados pela autora.

### Quadro 83 - Análise Ideográfica grupo de alunos 11.

Nº US	Unidades de Sentido	Excerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US.
GA11.1	Os dois alunos fizeram o Saresp na semana passada.		Os dois alunos fizeram as provas do Saresp em 2010.	Participação no Saresp.
GA11.2	AM5: Na minha opinião, tudo que a gente estudou desde o começo do ano, caiu tudo. AM5: Também caiu (dos outros anos). AM6: Foi uma <u>revisão</u> geral né? Desde a 8ª série, eu achei.	<u>Revisão</u> : ato ou efeito de rever ou revisar; nova leitura, mais minuciosa, de um texto; novo exame. No texto, no sentido de apresentar novamente.	Os depoentes afirmam que o Saresp apresentou conteúdos desde o 9º ano do Ensino Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio.	Saresp apresentou conteúdos desde o 9º ano.
GA11.3	AM6: A de <u>Português</u> e <u>Matemática</u> tava média. Assim, depois no <u>2º dia</u> tava bem mais fácil... AM5: Era mais interpretação no 2º dia.	<u>2º dia</u> : 18 de novembro de 2010, com provas de Ciências da Natureza e Redação. <u>Português</u> e <u>Matemática</u> : 1º dia de prova. 17 de novembro de 2010.	Os depoentes afirmam que a prova de Português e Matemática estava com nível de dificuldade médio, mas no 2º dia de prova estava bem mais fácil, com questões que exigiam apenas interpretação.	Nível de dificuldade das provas.
GA11.4	AM5: Era Física, Química, Biologia e Redação. AM6: (A Redação) era um tema bem fácil. AM5: Metáfora... AM6: Não, a pergunta era assim: <u>Palmas</u> são positivas ou negativas	<u>Artigo de opinião</u> : Texto argumentativo onde o autor emite sua opinião.	Os depoentes afirmam que no segundo dia foi prova de Física, Química, Biologia e Redação. O tema da Redação era: Palmas são positivas ou negativas na educação da criança? E o gênero era artigo de opinião.	Matérias cobradas no Saresp. Tema da Redação.



GA11.5	<p>na educação da criança? Aí tinha assim, um <u>artigo de opinião</u>, foi fácil até...</p> <p>AM5: Eu confundo tudo Matemática! Nos cálculos, ah eu confundo.</p> <p>AM6: Ah, eu <u>chutei</u> umas 4, umas 5. Não sei quantas tinha, mas eu chutei umas <u>par dela</u>.</p> <p>AM5: Tinha vinte e...</p> <p>AM6: Ah, então eu chutei mais.</p> <p>AM5: Tem que ficar lembrando, mas...</p> <p>AM6: Não lembra...</p> <p>AM6: Ai, foi umas <u>par dela</u>... (que eu chutei) Não lembro...</p> <p>AM5: <u>Eu</u> chutei umas 4.</p>	<p><u>Chutar</u>: No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente.</p> <p><u>Um</u>s <u>par</u> <u>dela</u>: Várias.</p>	<p>Os depoentes afirmam que se confundem nos cálculos, em Matemática. Relatam que tentam lembrar como se resolve, mas não lembram. Contam que chutaram algumas questões, em torno de cinco.</p>	<p>Se confundem em Matemática.</p> <p>Chutaram algumas.</p>
GA11.6	<p>AM6: No primeiro dia eu fui a última a sair da prova!</p> <p>AM5: Eu fui acho que o antepenúltimo a sair da sala.</p> <p>AM5: Não, começou na segunda aula. 19h:30min começou na <u>quarta</u> <u>feira</u>, quinta.</p> <p>AM6: A segunda prova tava mais fácil. Segundo dia eu sai acho que tinha bastante gente quando eu saí da sala. <u>Tempo mínimo</u> também eu saí. Agora no <u>primeiro</u> eu fui a última.</p> <p>AM5: No primeiro dia eu fui um dos</p>	<p><u>Quarta</u> <u>feira</u>: 1º dia de prova.</p> <p><u>Quinta</u>: 2º dia.</p> <p><u>Tempo mínimo</u>: O tempo mínimo que os alunos deveriam permanecer resolvendo a prova era de 1h30min. O tempo máximo que a escola deveria dispor para a realização das provas era de 3 horas.</p>	<p>Os depoentes afirmam que no primeiro dia estava mais difícil, portanto foram praticamente os últimos a sair da sala. Já no segundo dia, a prova estava mais fácil, sendo que a depoente AM6 saiu no tempo mínimo e o depoente AM5 saiu quando ainda tinha metade da sala fazendo a prova.</p>	<p>Primeiro dia estava mais fácil.</p> <p>Tempo que permaneceram fazendo a prova.</p>

	últimos a sair, e no segundo dia eu saí na metade da sala, mais ou menos. AM6: É, tava mais fácil, tinha menos questões.				Leram e entenderam todas de Português.  De Matemática algumas não.
GA11.7	AM5: De Português sim (leram e entenderam todas). AM6: Interpretação de texto... AM5: Algumas não (de Matemática). AM6: É que foi as que chutou né?			Os depoentes afirmam que de Língua Portuguesa leram e entenderam todas as questões, pois era interpretação de texto. Já de Matemática não todas, sendo que essas eles chutaram as respostas.	
GA11.8	Os alunos afirmaram não poder conversar durante a prova. AM6: É, tinha um aluno atrás de mim (que conversou)... AM5: Tinha aqueles que pegavam a prova, pegava o <u>gabarito</u> e x, x, x, e já virava e esperava bater o sinal pra ir embora. Aí ficava falando. Mas do resto... AM6: Não foi muito, foi a maioria da sala (fez).	<u>Gabarito</u> : tabela das respostas corretas às questões de uma prova. Neste caso, os alunos se referem à folha de respostas onde deveriam assinalar as alternativas escolhidas como correta para cada questão.		Os alunos afirmaram não poder conversar durante a prova. Relatam que a maioria da sala não conversou, porém alguns alunos pegaram a prova e marcaram rapidamente quaisquer alternativas na folha de respostas e, então, ficaram falando.	Não podia conversar durante a prova.  Alguns alunos ficaram falando.
GA11.9	AM6: Não dava (pra ver as respostas dos colegas). Tanto que também quando ela começou a <u>dar as provas</u> era tudo diferente uma da outra, então não tinha nem como. AM5: Eu não (via). AM6: Era diferente as provas.	<u>Dar as provas</u> : Distribuir as provas.		Os alunos relatam que não conseguiram ver as provas dos colegas e que as provas eram diferentes.	Não conseguiram ver outras provas.  Provas diferentes.

	AM6: Tinha acho que uns seis tipos de provas.				
GA11.10	Os alunos afirmam que não podia consultar nenhum material. AM6: A gente só fez só com o estojo.			Os alunos afirmam que não podia consultar nenhum material. Fizeram a prova só com o estojo.	Não podia consultar material.
GA11.11	AM6: Ah, eu penso que o Saresp é para avaliar como está a escola pública. Como ta o <u>ensinamento</u> , assim, em geral.		<u>Ensino</u> : Ensino.	A depoente AM6 afirma que o Saresp serve para avaliar como está o ensino da escola pública.	Saresp para avaliar o ensino.
GA11.12	AM5: (A maioria do pessoal) Não leva a sério, né? AM5: Foi que nem ela falou que tinha aquele que ficava falando atrás, lembra que ela falou? Esse daí não levou a sério. AM6: Não leva a sério, daí sai o resultado. Ah, o resultado de São Paulo, o negócio do ensino é fraco. Mas, na verdade, pode ser que não é fraco. Porque muitos não levam a sério a prova corretamente. AM5: Os professores ensinam bem.			Os depoentes afirmam que a maioria dos alunos não leva a sério o Saresp, portanto se der como resultado que o ensino é fraco, pode não estar certo, pois muitos não fizeram a prova corretamente. Afirmam que os professores ensinam bem.	A maioria dos alunos não leva o Saresp a sério. Resultado pode não estar correto por esse motivo.
GA11.13	AM5: Tipo um bônus assim, se a escola for bem. AM6: A professora falou que nunca recebeu.			Os depoentes AM5 e AM6 afirmam que os professores podem receber uma espécie de bônus, mas que uma professora falou que nunca recebeu.	Professora nunca recebeu bônus.
GA11.14	AM5: Eu acho que é (importante), porque avalia o que a gente aprendeu, né. Porque a gente ta		<u>Utilidade</u> : a utilização proveitosa de algo, o serviço prestado por alguém ou algo;	Os depoentes acham que o Saresp é um bom meio de obter informações sobre o nível das escolas públicas.	Saresp é um meio de obter informações sobre escolas

	<p>estudando, não é por estudar, é pra aprender e usar como <u>utilidade</u> pra alguma coisa.</p> <p>AM6: É importante sim.</p> <p>AM6: É... É... assim, a gente estuda, estuda, ta certo, a prova serve pra avaliar como está a escola pública e é uma informação, é um meio de eles tirarem informação de como ta o nível e aí, sei lá, é um bom jeito. É muito importante. É importante.</p>	<p>serventia; capacidade de um bem ou serviço de satisfazer às necessidades humanas; qualidade do que tem valor, do que resulta em proveito.</p>	<p>Além disso, é importante para que os alunos possam avaliar o que eles aprenderam, já que o conhecimento deve ser útil para algo.</p>	<p>públicas.</p> <p>Alunos avaliaram o que aprenderam.</p>
GA11.15	<p>AM6: Eu acho que é até um tipo de preparatório, entendeu? Porque é tipo de um Enemzinho <u>facinho</u>. Aí é tipo de uma preparação, porque vai ter muitas outras provas sérias por aí. Se lá.</p> <p>AM6: Querendo, assim... Ele é sério, apesar de muitas pessoas não levarem a sério, ele é sério.</p>	<p><u>Facinho</u>: Fácil.</p>	<p>A depoente AM6 afirma que o Saresp é uma espécie de preparação para outras provas sérias, como o Enem. Porém, afirma que o Saresp é sério, apesar de muitas pessoas não levarem a sério.</p>	<p>Saresp preparação para outras provas.</p> <p>Saresp é sério, mas não é levado a sério.</p>
GA11.16	<p>AM5: Eu acho que é (parecida a prova do professor com o Saresp), porque tudo que caiu do Saresp os professor passou. Só que na hora de fazer eu não lembro.</p> <p>AM6: Passou, mas de uma maneira diferente, entendeu?</p> <p>AM5: Tem a explicação, o professor explica você consegue fazer, só que dá um <u>branco</u>, muitos cálculos que...</p>	<p><u>Dar branco</u>: Esquecer, não lembrar algo que sabe. <u>Enigma</u>: definição de algo por suas qualidades ou particularidades, mas difícil de entender; texto ou parte dele, frase ou discurso cujo sentido seja incompreensível ou ambíguo.</p>	<p>Os depoentes AM5 e AM6 afirmam que na prova em sala de aula, o professor dá uma explicação da matéria que será cobrada, dá dicas, fornece fórmulas. Já no Saresp, não há explicação do professor, as questões são colocadas em forma de resolução de problema e os alunos podem esquecer algo que já aprenderam, não conseguindo</p>	<p>Prova em sala de aula possui dicas do professor.</p> <p>No Saresp não há esclarecimentos sobre a prova e pode dar branco.</p> <p>Tudo que caiu no</p>

	<p>AM6: Não, eu acho que não, porque assim, diariamente na sala, o professor ensina aquilo e dá aquilo, um exemplo: uma prova de Matemática. Mas no Saresp tinha mais problemas, mais tipos de problemas que você tinha que pensar, achar aquele... o... ele não dava a fórmula, o jeito de fazer. E na prova geral, dentro de uma sala, o professor passa a fórmula, dá algumas dicas assim, sei lá. E às vezes, o professor dá uma prova de próprias contas, sei lá, um monte de... por exemplo, dá mais facilitado... Por exemplo, por ser da 8ª, 3º, tinha algumas coisas muito fácil, mas tudo em forma de probleminha, essas coisas assim, <u>enigminha</u> assim.</p>		<p>resolver a questão. Porém, o depoente AM5 afirma que tudo que foi cobrado no Saresp, o professor havia ministrado.</p>	<p>Saresp havia sido ensinado.</p>
GA11.17	<p>AM5: (Fiz o Saresp) Na 8ª e na 6ª. AM6: Eu acho que eu não fiquei sabendo quantas eu acertei, não. É por isso também que muitas... não acha legal. Porque você faz, faz, e não sabe quanto... porque a prova vai não sei pra onde. Nem sabe mais onde ta essa prova. Eu até tive perguntando pro professor se a prova de Matemática, se ele corrigiu, se</p>		<p>Os depoentes afirmam que fizeram o Saresp no 9º e no 7º ano do Ensino Fundamental. A depoente AM6 relata que nunca teve acesso aos seus resultados, por isso que muitas pessoas não acham isso legal, já que quem faz a prova não sabe nem para onde ela vai. Relata que perguntou ao professor de Matemática se ele corrigiu a prova e ele disse que não</p>	<p>Fizeram Saresp no 9º e no 7º ano.  Não tem acesso aos resultados.  Professor não tem acesso aos resultados.</p>

	<p>olhou tal pra ver como é que tava. Ele falou que não, que não teve nenhum acesso a prova e que nenhum professor teve acesso a prova nenhuma. Não sabe se a Redação, mas é quase certeza que a Redação ficou aqui na escola. Não sei.</p>		<p>teve nenhum acesso a nenhuma prova. A depoente acha que a Redação ficou na escola, mas não tem certeza.</p>	<p>Redação fica na escola.</p>
GA11.18	<p>AM5: Tudo que ela (a professora de Português) passou, caiu. AM5: (De Matemática) Também só que... AM6: Menos... AM6: Ele não passou (pensando no Saresp). Ele continuou o conteúdo. AM5: Ele continuou a matéria, mas caiu o que ele passou. AM6: Porque se fosse revisar pro Saresp ele tinha que voltar um pouquinho mais, falar...</p>		<p>Os depoentes afirmam que tudo que a professora de Português passou, foi cobrado no Saresp. De Matemática também, porém ele não fez revisão, apenas continuou ministrando o conteúdo normalmente.</p>	<p>Saresp cobrou o que os professores de Português e Matemática trataram em sala de aula.</p>
GA11.19	<p>AM5: (Simulado) Do Saresp fez sim. AM5: <u>Semana atrasada?</u> Acho que foi semana atrasada. AM6: Um pouquinho antes do Saresp. AM6: Esse é da escola, né? Eles que montaram... Ah, é da Diretoria de Ensino. AM5 e AM6: Tava escrito na prova (que veio da DE).</p>	<p><u>Simulado</u>: Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino. <u>Semana atrasada</u>: semana anterior ao Saresp.</p>	<p>Os depoentes afirmam que fizeram um simulado do Saresp que veio da Diretoria de Ensino na semana anterior ao Saresp. Afirmam ser legal que a professora já havia mostrado o gabarito com a correção das respostas certas.</p>	<p>Simulado vindo da DE. Professor mostra gabarito com as respostas certas.</p>

	AM6: Mas o gabaritinho a professora já deu um hoje com a correção das respostas certas. É legal que a gente fica sabendo.			Os depoentes afirmam que o Sarespinho, o simulado vindo da Diretoria de Ensino, foi de Português e Matemática. Ficam em dúvida em relação a outras matérias que foram cobradas.	Matérias cobradas no Sarespinho.
GA11.20	AM5: Sarespinho foi Português e Matemática só. AM6: Não. Teve Química... AM5: É mesmo, fez todas... AM6: Biologia acho que não teve...	<u>Sarespinho</u> : Simulado do Saresp.		Os depoentes afirmam que a diretora não falou nada sobre o Saresp e que faz tempo que eles não a veem.	
GA11.21	AM5: A diretora, não falou nada (sobre o Saresp). AM6: Nem vi ela faz muito tempo.			Diretora não falou sobre o Saresp.	
GA11.22	AM6: O coordenador um dia antes foi lá, né? AM5: Ela (de Português) falou que não era obrigado a fazer, mas era bom fazer. AM5: Se eu não me engano foi só ela. Ela sempre falou que ia ter Sarespinho, ela avisa, dá o que vai cair.			Afirmam que o coordenador foi na sala de aula falar sobre o Saresp e acham que somente a professora de Português falou sobre a prova, dizendo não ser obrigatório, mas que seria bom fazer.	Coordenador e professora de Português falaram sobre o Saresp.
GA11.23	AM6: Tanto que no segundo dia não. Alunos: Sim, faltou (bastante gente). AM6: Ah, eu acho que só pra dizer: eu fiz o Saresp, fiz um. Não terminei, mas eu fiz pelo menos um.			O depoente AM6 relata que no segundo dia faltou bastante gente. Afirma que o motivo deve ser que os alunos indo a um dos dias, já acham que fizeram o Saresp.	Faltas no 2º dia de prova.
GA11.24	AM5: Bem pouco (usou o caderninho). AM6: O que ele usou muito foi o	<u>Caderninho</u> : Material enviado pelo Estado às escolas, referentes ao currículo		Os depoentes afirmam que o professor de Matemática usou o volume 1 e o 2 até a metade do	Uso do caderninho e livro didático pelo professor de

	<p>volume 1, o volume 2 até a metade. AM5: Do terceiro e do 4º nem pegou. AM6: Não. AM5: Do 1º e do 2º ele usou bastante, do 3º e do 4º quase não usou. Tá passando agora do <u>livro</u>. AM6: Concorda com a cabeça.</p>	<p>obrigatório. <u>Volume 1</u>: Referente ao 1º bimestre. <u>Livro</u>: livro didático.</p>	<p>Caderno do Aluno, e que agora está usando o livro didático.</p>	<p>Matemática.</p>
GA11.25	<p>AM6: Professor de Física não usa. AM5 e AM6: De Química usa bastante. AM5 e AM6: Português não. AM5: É. E a professora de Português falou que o caderninho ta meio fraco sobre o conteúdo, aí... (Tem umas coisas) que não tem nada a ver. AM6: O de Inglês a gente usa também, mas é difícil ter aula dela.</p>		<p>Os depoentes afirmam que os professores de Química e Inglês usam o material referente ao currículo. Já os professores de Física e Português não usam. Relatam que a professora de Português disse que o conteúdo do material é fraco.</p>	<p>Uso do caderninho em outras disciplinas.</p>
GA11.26	<p>AM6: Do volume 1 tinha alguma coisa (do caderninho no Saresp), tinha uns negócios de <math>\pi</math>, radianos... tinha algumas coisinhas... mas agora, do volume 3, 4 ultimamente agora, recente, nós nem sabe. AM5: Nem traz pra escola. Só traz quando pede. Só que o de Química, o de Geografia...</p>		<p>Os depoentes afirmam que foi cobrada alguma coisa do Caderno do Aluno de Matemática no Saresp. Porém, os volumes 3 e 4 eles não sabem, pois não estão usando.</p>	<p>Conteúdo do Caderno do Aluno no Saresp.</p>

Fonte: dados organizados pela autora.

#### Quadro 84 - Análise Ideográfica grupo de alunos 12.



Nº US	Unidades de Sentido	Excerto Hermenêutico	Unidades de Significado	O que dizem as US.
GA12.1	Os três alunos fizeram o Saresp na semana passada.		Os três alunos fizeram as provas do Saresp em 2010.	Participação no Saresp.
GA12.2	<p>AM9: Eu fiz um dia.</p> <p>AM9: Não deu pra vir no outro.</p> <p>AM9: Eu não vim no dia da Redação. No 2º dia.</p> <p>AM9: Cheguei muito tarde do trabalho. Cheguei 19h, a hora que era pra entrar.</p> <p>AM9: Eu queria até ter saído antes, mas é porque não dava mesmo. Daí eu cheguei atrasada, eles não iam deixar eu entrar. Tanto que eu vim no 1ª dia, tava cansada, tava com sono. Eu falei: ah, nem vou ler, mas chegou aqui eu não consegui. Li, reli, reli, reli. Mas é que não deu mesmo.</p>	<p>2º dia: 18 de novembro de 2010, com provas de Ciências da Natureza e Redação.</p> <p>1º dia: 17 de novembro de 2010, com provas de Português e Matemática.</p>	<p>A depoente AM9 não fez a prova do 2º dia, pois afirma ter chegado tarde do trabalho. Relata que queria ter saído antes do trabalho, mas não foi possível. Afirma que no 1º dia estava cansada, mas mesmo assim leu e releu todas as questões.</p>	<p>AM9 não fez a prova no 2º dia.</p> <p>Querida ter ido, mas não conseguiu por causa do trabalho.</p> <p>No primeiro dia foi fazer a prova cansada.</p>
GA12.3	<p>AM7: Saresp é, assim, não pra ver o rendimento escolar do aluno, da escola, pra ver o posicionamento de como o ensino ta fluindo.</p> <p>AM8: O ensino da escola.</p> <p>AM8: Quer saber o rendimento que os alunos ta tendo, com o aprendizado da escola. Como ta o nível...</p>	<p>Fluir: ter origem; provir, derivar, emanar; correr com certa abundância; manar.</p>	<p>Os depoentes afirmam que o Saresp serve para ver como está ocorrendo o ensino da escola, como está o rendimento da escola e não dos alunos.</p>	<p>Saresp para ver o rendimento da escola e não dos alunos.</p>
GA12.4	<p>AM7: E é bom também pro aprendizado do aluno, porque falam que o aluno não aprende nada. A gente sempre aprende alguma coisinha, a gente lendo, assim,</p>		<p>O depoente AM7 acha que o Saresp é bom para o aprendizado do aluno, pois no momento que ele está lendo e entendendo as questões ele aprende</p>	<p>Saresp bom para o aprendizado do aluno.</p>

	entendendo, a gente aprende alguma coisa.		algo.	
GA12.5	AM9: E é bom pra gente também pra gente avaliar os nossos conhecimentos, o que ta faltando, o que a gente sabe, o que falta saber. Que nem, a gente ta acabando agora, tem vestibular, tem várias coisas que é bom pra <u>treinar</u> um pouco.	<u>Treinar</u> : tornar hábil, destro, capaz, por meio de instrução, disciplina ou exercício; habilitar, adestrar; preparar-se para competições desportivas, ou para outros fins.	A depoente AM9 afirma que o Saresp é bom para que os alunos se auto avaliem em relação aos seus conhecimentos e para efeito de treino para vestibulares.	Saresp é bom para auto avaliação. Bom para treinar.
GA12.6	AM7: Eu comecei a fazer no 1º, porque eu estudava no <u>Sesi</u> , nunca tinha assim, Saresp era prova <u>simulado</u> . AM7: Fiz do 1º até... o 2º e o 3º eu fiz o Saresp. AM9: Eu fiz na 8ª. AM8: Eu fiz na 8ª e no 3º. AM7: Eu fiz no 1º. AM8: Ixi, e agora hein? AM7: Porque eu nunca conheci o Saresp, aí falaram pra mim ou se foi algum simulado que a professora deu e eu entendi que foi Saresp...	<u>Sesi</u> : Escolas mantidas pelo Serviço Social da Indústria. <u>Simulado</u> : Prova feita nos mesmos moldes de determinada prova, para efeito de treino.	Os depoentes AM8 e AM9 afirmam ter feito o Saresp no 9º ano e na 3ª série do Ensino Médio. O depoente AM7 se confunde se fez o Saresp ou alguma espécie de simulado na 1ª e 2ª série do Ensino Médio. O depoente afirma que estudou no Sesi e que lá não fazia Saresp.	Depoentes fizeram Saresp no 9º ano. Sesi não tem Saresp. Confusão se fez Saresp na 1ª série do EM.
GA12.7	AM8: Recebe o número de acertos (do Saresp), né? Você recebe um <u>caderno</u> com o número de acertos e a nota da redação. Pelo menos até hoje foi isso né? AM9: Eu acho que a escola que corrige. AM8: Eu acho que é a escola, porque o caderno fica na escola, só o <u>gabarito</u> que	<u>Caderno</u> : Caderno de provas. <u>Gabarito</u> : tabela das respostas corretas às questões de uma prova. Neste caso, os alunos se referem à folha de respostas onde deveriam assinalar as alternativas escolhidas como	Os depoentes afirmam que, nos Saresp que fizeram até hoje, receberam o caderno de provas com o número de acertos e a Redação, corrigidos pela escola, pois somente o gabarito é enviado para o Estado.	Nos Saresp até hoje, receberam a correção, feita pela escola.

GA12.8	vai pro Estado. AM7: Pra falar a verdade, o Saresp, no decorrer da prova assim, eu fui lendo, deu pra entender que ela queria <u>imitar</u> o Enem por causa das questões de Português. Certo que o Enem tem aquelas questões enormes explicando o texto. E o Saresp sempre foi assim, normal, curta. Quando eu fui ver era tudo assim enorme a pergunta. Uma página era uma pergunta, outra página era outra. E embaralhava tudo, sabe? Você vai ler, você se perde inteiro.	correta para cada questão. <u>Imitar</u> : reproduzir ou tentar reproduzir fielmente (o que foi feito por outrem ou as características de alguém ou algo); arremedar; procurar reproduzir o estilo de; inspirar-se em; ter como exemplo; copiar.	O depoente AM7 achou que o Saresp tentou reproduzir o estilo do Enem, pois as questões do Saresp sempre foram curtas e na prova de 2010 os textos da prova de Português estavam enormes, assim como os do Enem. Relata que esse fato fez com o depoente se perdesse na leitura das questões.	Comparação Saresp e Enem. Questões do Saresp com textos muito grandes.
GA12.9	AM8: Foi 48 de Português e Matemática e 24 de Biologia, Ciências, Física e Química. AM7 concorda. AM8 e AM9: Ciências não. Química e Física e Biologia.		Os depoentes relatam que as provas foram compostas por 48 questões de Português e Matemática e 24 de Biologia, Física e Química.	Quantidade de questões nas provas.
GA12.10	AM9: Eu demorei 1h30 min. AM8: No primeiro dia 1h30 min. AM7: Eu também. Alunos: Era o <u>tempo mínimo</u> .	<u>Tempo mínimo</u> : O tempo mínimo que os alunos deveriam permanecer resolvendo a prova era de 1h30min. O tempo máximo que a escola deveria dispor para a realização das provas era de 3 horas.	Os alunos relatam que demoraram o tempo mínimo de permanência na sala de aula para fazer a prova, ou seja, 1h30min.	Tempo que demoraram para fazer a prova.
GA12.11	AM8: É, teve alguns alunos só que ficou mais tempo. AM7: Que ficou depois do tempo.		Os depoentes afirmam que apenas alguns alunos permaneceram na sala além do tempo mínimo, pois as provas	Alguns alunos permaneceram após o tempo

	AM8: Mas foi pouca coisa também. É que assim, não tava difícil.		não estavam difíceis.	mínimo.
GA12.12	Alunos: No 1º dia foi Matemática e Português e no segundo Redação, Química, Física e Biologia.		Os alunos relatam que no 1º dia de prova foi cobrado Matemática e Português e no segundo Redação, Química, Física e Biologia.	Conteúdos cobrados nas provas.
GA12.13	AM9: Eu achei que tava fácil. A de Português pra mim foi a mais fácil. AM8: A de Português tava tranquilo. De Matemática algumas coisas que não... AM9: Eu achei que tava fácil. AM8: Tava tranquilo. AM7: Tranquilo. AM8: Tanto que os dois dias eu terminei dentro do tempo mínimo, sabe? 1h30mim. AM7: Eu também. AM8: Deu pra fazer tranquilo a Redação... AM9: Eu li e reli.	Tranquilo: de ânimo calmo, sem agitação; sem perturbações de ordem psicológica, emocional etc.; sem receio; confiante.	Os depoentes afirmam que a prova de Português estava fácil, conseguiram fazê-la tranquilamente. De Matemática, o depoente AM8 relata que algumas coisas não estavam fáceis.	Prova de Português fácil. De Matemática algumas coisas não estavam fáceis.
GA12.14	AM7: Pra falar a verdade, as questões de Português, eu lia a pergunta primeiro, depois eu lia, tipo perguntava o que tava acontecendo, aí eu procurava no texto, lia um parágrafo inteiro, entendia e respondia. Minha estratégia foi essa. AM8: Fiz isso em todas, pra falar a verdade. Eu lia a pergunta, e começava a ler o texto, até achar a resposta. Se achasse antes de terminar, aí...	Estratégia: arte de aplicar com eficácia os recursos de que se dispõe ou de explorar as condições favoráveis de que porventura se desfruta, visando ao alcance de determinados objetivos.	Os depoentes relatam que usaram a seguinte estratégia para fazer a prova de Português: liam primeiro a pergunta, depois liam o texto até encontrar a resposta. Caso lessem e não entendessem a pergunta, liam o texto todo.	Estratégia para responder a prova de Português: liam primeiro a pergunta.

	<p>AM7: Agora se eu lesse e não entendesse, já ia lá no início e lia tudo...</p> <p>AM8: No primeiro dia veio quase todos, acho que veio todos até. Agora no segundo dia aí faltou... Faltou um pessoalzinho aí (risos).</p>		<p>O depoente AM8 relata que no primeiro dia de prova quase todos, ou todos, os alunos compareceram. Já no segundo dia, alguns faltaram.</p>	<p>1º dia todos vieram, 2º dia não.</p>
GA12.15	<p>AM9: (Chutei) Algumas.</p> <p>AM8: Não muitas. Poucas.</p> <p>AM7: Não muitas. As que eu ficava numa <u>parede sem saída</u>... Química... AM8: Química acho que foi umas 5 ou 6. Matemática chutei poucas. Não tava difícil... tranquilo.</p> <p>AM8: Mas tem umas que você deixa pra trás pra ler depois, né? Muitas vezes essa que você deixa pra ler depois... risos</p> <p>AM8: Daí vai no chute.</p> <p>AM9: Daí chute.</p> <p>AM7: Chute.</p>	<p><u>Chutar</u>: No texto, usado no sentido de escolher uma alternativa ao acaso, aleatoriamente.</p> <p><u>Parede sem saída</u>: situação desesperada; problema irremovível; circunstância embaraçosa; dificuldade, aperto.</p>	<p>Os depoentes afirmam que chutaram algumas questões, mas poucas, apenas aquelas nas quais estavam com dificuldades ou algumas que deixaram para resolver no final da prova.</p>	<p>Chutaram poucas questões.</p>
GA12.17	<p>AM8: De Matemática sim (pensei bastante).</p> <p>AM9: Eu pensei. Tanto de Matemática quanto de Português.</p> <p>AM7: De Matemática já parava, já ia lá longe...</p> <p>AM8: Português nem tanto que é interpretação.</p> <p>AM9: Mas tinha algumas que eu ficava em dúvida, aí lia até conseguir.</p>		<p>Os depoentes afirmam ter refletido em todas as questões. Os depoentes AM7 e AM8 afirmam que nas de Matemática pensaram bastante em, nas de Português nem tanto. Já a depoente AM9 afirma que pensou bastante tanto nas de Matemática quanto nas de Português.</p>	<p>Depoentes afirmam ter pensado bastante na prova de Matemática.</p>

GA12.18	<p>AM7: Deu o tempo mínimo a maioria ta eufórica já.  AM8: Não, você vê que todo mundo terminou você fica meio...  AM9: Desesperado...  AM7: Eu fiquei meio assim no 1º dia, né? Porque a gente terminou, aí pode levantar quem terminou. A hora que eu olhei pra trás, todo mundo saindo assim...  AM8: Eu fui o antepenúltimo pra sair da sala.  AM7: A maioria da sala saindo. Eu falei: Nossa Senhora!</p>	<p><u>Eufórico</u>: próprio de ou relativo a euforia.  <u>Euforia</u>: entusiasmo, alegria exagerada e geralmente repentina; exaltação.  <u>Nossa Senhora</u>: expressão espanto ou admiração; minha Nossa Senhora.</p>	<p>Os depoentes relatam que quando dá o tempo mínimo de permanência na sala de aula durante a prova, a maioria dos alunos já está exaltada querendo sair, portanto quando veem que os outros terminaram e estão saindo, os demais ficam desesperados.</p>	<p>Dá o tempo mínimo maioria está eufórica.  Os demais ficam desesperados.</p>
GA12.19	<p>Os alunos afirmaram não poder conversar durante a prova.  AM8: Não (podia), mas a gente conversava.  AM9: Eu não conversei.  AM7: Antes de começar...  AM7: Durante a prova não.  AM8: Ihh, saía umas risadas assim, pouca coisa, bem difícil.  AM7: Pro lado de lá... Eu sento no outro canto.</p>		<p>Os alunos afirmaram não poder conversar durante a prova, mas que alguns poucos conversaram.</p>	<p>Conversas durante a prova.</p>
GA12.20	<p>AM7: Material só no 2º dia que eu pedi uma borracha emprestado, por causa da Redação que eu fiz a lápis e depois passei a limpo. Só.  AM9: Não podia nem trazer (livros).</p>		<p>Os depoentes afirmam que não podia trazer nenhum material além de lápis, caneta e borracha para a realização da prova.</p>	<p>Material para fazer a prova.</p>

GA12.21	<p>AM8: Vim só com um lápis e uma caneta.</p> <p>AM8: Bastante coisa (que caiu no Saresp) eu já, pelo menos eu vi esse ano, fiz exercício, bastante coisa, o ano passado...</p> <p>AM7: E a maioria que eu já vi caiu o ano passado.</p> <p>AM7: Não no Saresp, a matéria que o professor explicou o ano passado.</p> <p>AM8: É, que o que caiu assim, na minha opinião, no Saresp esse ano, a gente viu bastante o ano passado, esse ano. Acho que dava pra ter uma base sim.</p> <p>AM7: Ficou bem parecida (a prova do professor com o Saresp).</p> <p>AM8: Ficou.</p> <p>AM9: Eu acho que é mais difícil que a do Saresp.</p> <p>AM7: É ainda mais difícil.</p> <p>AM8: Mas é parecida.</p> <p>AM8: Mesmo estilo né?</p> <p>AM7: Mesmo estilo. Mas não é nem pelo lado de alternativas. Alternativas isso não fala nada. Fez, fez. A dele era com conta, faz a conta, quero ver a conta. Pra você conseguir chegar no resultado eu quero ver a conta.</p> <p>AM8: Porque muitas vezes você errando o resultado, dependendo da conta que</p>		<p>Os depoentes AM7, AM8 e AM9 afirmam que bastante conteúdo que caiu no Saresp eles viram este ano ou o ano passado com o professor de Matemática. Relatam que a prova que o professor aplica em sala de aula é bem parecida com a do Saresp, porém mais difícil, pois na do professor deve-se mostrar o raciocínio que levou para chegar ao resultado. Então, dependendo de onde o aluno errou, o professor ainda assim, pode pontuar a questão com alguma nota e explicar o erro.</p>	<p>Conteúdo cobrado no Saresp foi visto em sala de aula.</p> <p>Prova do professor mais difícil que o Saresp, porém provas parecidas.</p>
---------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>youê fez, ele vendo onde youê errou ele ainda ajuda, dá um meio ponto.  AM7: Fala onde youê se atrapalhou. Por isso que a dele é mais complicada de fazer.  AM9: Concorde com a cabeça.  AM8: Ah, eles tentam preparar a gente (para o Saresp), né? Ah, acho que eles...  AM9: Eles fazem tipo uma <u>revisão</u> assim...  AM8: É, uma revisão.  AM9: Por exemplo, a professora de Português deu várias dicas de como a gente fazer a Redação, o professor de Matemática lembrou algumas coisas que ele sabia que podia cair...  AM8: Eles pegou bastante no pé na parte de Redação, né?  AM9: Muito.  AM7: Só quando é a época mesmo.  Quando ta chegando perto eles já começam a dar os avisos, começam a dar explicação...  AM8: Na verdade no começo do ano eles já começaram, né, falar assim, é o ano do Saresp, tudo, esse ano ia <u>pegar</u> bastante por causa do Enem, né, Já preparando pro Enem, Saresp, vestibular.</p>		<p>Revisão: nova leitura, mais minuciosa, de um texto;  novo exame. O aluno fala no sentido de um resumo das disciplinas estudadas.  <u>Pegar</u>: apresentar dificuldade, atrapalhar, emperrar; empacar.</p>	<p>Os depoentes relatam que desde o começo do ano os professores avisam aos alunos sobre as provas que terão: do Saresp, Enem, vestibulares.  Quando está chegando perto, alguns professores dão dicas e fazem revisões.</p>	<p>Preparação para o Saresp.  Professores dão dicas, avisos e fazem revisões.</p>
GA12.23	Alunos: Fez sim (simulado).		Os alunos afirmam que fizeram	Fizeram	



	<p>AM9: Faz, de quase todas as matérias. AM8: Assim, as mais... que foram as que caiu, né? Física, Biologia, AM9: Português, Matemática, AM7: História, Geografia</p> <p>Alunos: Sim, (valeu) nota e ponto.</p>		<p>simulados de quase todas as matérias, valendo nota.</p>	<p>simulados.</p> <p>Valeu nota.</p>
GA12.24	<p>AM7: Pra gente se empenhar ao máximo, que tudo que a gente fizer, se for chutando, se for fazer a prova chutando assim, lá fora quem vai ver são eles, e se <u>sujar o nome</u> da escola, certo? Vai ser a gente próprio, que a gente causou isso, entendeu?</p> <p>AM8: Porque quem vai carregar o nome da escola vai ser a gente...</p> <p>AM9: A gente vai nos prejudicar, porque se sujar... vai ta sempre no nosso currículo. Nunca vai mudar, a gente se formou aqui, então, se a gente prejudicar a escola...</p> <p>AM7: Uma imagem minha...</p>	<p>Sujar o nome: construir uma má imagem para (outrem ou para si próprio); manchar (-se), macular (-se), conspurcar (-se).</p>	<p>Os depoentes afirmam que devem se empenhar ao máximo para fazer o Saresp, pois se fizerem chutando as alternativas construirão uma má imagem da escola, e eles mesmos carregarão no currículo o nome da instituição, portanto se prejudicando.</p>	<p>Se empenhar para fazer o Saresp.</p> <p>Carregarão o nome da escola.</p>
GA12.25	<p>AM9: Por exemplo, que nem, ele falou que a escola ta em <u>5º lugar</u>...</p> <p>AM7: Isso, entre as 5</p> <p>AM9: Entre as 5 melhores da cidade. Se todo mundo chutar, fizer de qualquer jeito, e errar demais, daí vai cair né? Daí lá na frente quem vai ser prejudicado vai ser a gente mesmo. Vai falar: ah, você se formou naquela escola, ruim, aquelas</p>	<p><u>5º lugar</u>: ranking feito com os valores do Idesp.</p>	<p>Os depoentes afirmam que a escola A está entre as cinco melhores da cidade no Idesp. Dessa forma, se eles fizerem a prova de qualquer jeito, e errarem demais, prejudicarão a eles mesmos, pois futuramente falarão que eles estudaram numa escola de baixo rendimento.</p>	<p>Escola A entre as cinco melhores da cidade.</p> <p>Se chutarem muito, prejudicarão a si mesmos, por meio da imagem ruim</p>

	coisas... AM7: Baixa o rendimento... AM8: Decaiu...			da escola.
GA12.26	AM8: Pra mim é (importante) no final quando vem a prova, pra saber quantas eu acertei, porque eu me auto-avalio, vejo como está o meu nível de aprendizado e me preparo, né?		O depoente AM8 afirma que o Saresp é importante para ele quando chegam os resultados e ele se auto-avalia, verificando como está seu nível de aprendizado e se preparando.	Importância do Saresp para auto-avaliação do aluno.
GA12.27	AM7: Pra mim não é importante. Porque eu fui criado oito anos no Sesi, nunca teve esse tipo de coisa, e lá o ensino é mais rígido que aqui, porque depois que eu vim pra cá eu... Ficou assim, não vou falar que ficou fácil, uma baderna. Ficou uma coisa assim, <u>desleixada</u> . E daí, acho que não faz tanta importância... AM7: Ta certo que ele serve também pra preparar pro vestibular, ver lá na frente faculdade, mas eu prefiro ver isso de momento.	<u>Baderna</u> : situação em que reina a desordem; confusão, bagunça. <u>Desleixado</u> : que ou o que revela falta de cuidado, de apuro; desmazelado, negligente.	O depoente AM7 não acha o Saresp importante, pois estudou o Ensino Fundamental no Sesi, onde não tinha o Saresp e o ensino era mais rígido. Relata que depois que foi estudar na escola A, o ensino ficou uma bagunça, algo desleixado. Porém, afirma que o Saresp serve pra preparar para o vestibular futuramente, mas ele prefere ver o que importa no momento.	Sesi era mais rígido. Ensino na escola A é desleixado. Serve para preparar para o vestibular.
GA12.28	AM9: Porque é e não é né? Que nem eu falei, ajuda porque a gente ta meio que treinando. E não é porque assim, vai levar o nome da escola. Pra mim (desdenhando)...É e não é...		A depoente AM9 afirma que o Saresp ajuda a treinar para o vestibular, pois para ela não importa levar o nome da escola.	Saresp para treinar para vestibular. Levar o nome da escola não importa.
GA12.29	AM8: É, porque ele pegava a matéria do <u>caderninho</u> e explicava de modo diferente pra gente, de modo mais fácil.	<u>Caderninho</u> : Material enviado pelo Estado às escolas, referentes ao	Os depoentes afirmam que o professor de Matemática explicava o conteúdo do material referente ao Currículo do	Caiu bastante coisa que o professor professor

	Bastante coisa que ele explicou caiu. AM7: Do que ele explicou assim. Acho que do caderninho caiu poucas.	currículo obrigatório.	Estado de maneira diferente, sendo que disso que ele explicou caiu bastante coisa no Saresp.	explicou no Saresp.
GA12.30	AM8: É, você falta não é prejudicado em nada, não tira nota... AM7: É... (aponta para AM9)... Se quiser falar, falta. Seu zerinho vai ta lá. O zero vai ta lá. AM7: No papel lá pra eles verem lá, pra sujar o nome da escola. AM8: Ele falou que queria que todo mundo fizesse, que todo mundo se empenhasse, mas não é obrigado. AM7: Pra gente manter a escola no topo. Esse era o objetivo dele. E é ainda, né?	Topo: Em relação ao <i>ranking</i> do Idesp.	Os depoentes afirmam que o Saresp não era obrigatório, que o aluno que faltou não foi prejudicado em nada, como no caso da AM9, mas que foi pedido para que os alunos comparecessem para manter a escola no topo do <i>ranking</i> do Idesp. Porém, o depoente AM7 afirma que o zero de quem faltou estará lá para contabilizar nota para escola, sujando seu nome.	Saresp não era obrigatório. Aluno que faltou não foi punido. Nota zero contabilizou.
GA12.31	AM7: Só que o Saresp é sempre um desafio né? Para aqueles que estão indo pro 3°. AM8: É o famoso Provão né? AM9: É.		Os depoentes relatam que o Saresp é sempre um desafio para os alunos da 3ª série do Ensino Médio.	Saresp é um desafio para a 3ª EM.

Fonte: dados organizados pela autora.

